Marília de N. De O. Ferreira
Maria de Fátima Nascimento
Márcia Cristina Greco Ohuschi
Gabriel Chagas Fernandes
Paula Miranda Monteiro
Priscila Correa Pacheco
Tânia Hachem
(organizadores)

Caderno de Resumos

V Encontro do GELLNORTE 2025

TEMA DO V ENCONTRO NACIONAL DO GELLNORTE 2025

Realização

Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Norte

Diretoria (2023-2024)

Presidente: Profa. Dra. Marília de Nazaré de O. Ferreira

Vice-Presidente: Prof. Dr. Sidney da S. Facundes

1º Secretária: Profa. Dra. Fátima Cristina Pessoa

2º Secretário: Prof. Dr. Carlos Augusto Sarmento-Pantoja

1ª Tesoureira: Profa. Dra. Maria de Fátima do Nascimento

2ª Tesoureira: Profa. Dra. Márcia Cristina Greco Ohuschi

Belém-Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca do Instituto de Medicina Veterinária / UFPA-Castanha-PA

E56c Encontro Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos e
Literários do Norte, (5. : 2025 : Belém-PA).
Caderno de Resumos do V Encontro Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Norte [recurso eletrônico]: 2025 / Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira… [et al.] (organizadores) – 1. ed. – Castanhal-PA: Faculdade de Letras da UFPA, 2025.
592 p. : il.; 30 cm

Evento realizado em
Vários colaboradores
Edição digital
ISBN: 978-65-9977724-6-7

1. Linguística - Pesquisa. 2. Literatura - Pesquisa. Linguística - Congresso. Literatura - Congresso. I. Ferreira, Marília de Nazaré de Oliveira, org. II. Título.

CDD: 23. ed.
410.7

Elaborado por Ellen Solange Costa de Souza – CRB-2/1699

Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação
Faculdade de Letras & Programa de Pós-graduação em Letras

Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva
REITOR

Profa. Dra. Tânia Maria Pereira Sarmento-Pantoja
DIRETORA DO ILC

Profa. Dra. Ivânia Neves
COORDENADORA DO PPGL

Profa. Dra. Marília Fernanda Pereira de Freitas
DIRETORA DA FACULDADE DE LETRAS

Primeiras Palavras

O Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Norte, que completou 10 anos em 2025, é resultado de uma política da CAPES cujo objetivo central já tinha como meta a redução das assimetrias no Sistema Nacional de Pós-Graduação.

A Área de Linguística & Literatura, àquela altura, sob o comando do Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira (UFPB), já observava distinções específicas da Região Norte do Brasil. Por essa razão, o Professor Dermeval estimulou a criação do GELLNORTE, visando uma organização mais sistemática do estado de coisas que envolvia o desenvolvimento da Ciência na Área de Linguística & Literatura nesta parte do Brasil.

O GELLNORTE, portanto, como um grupo que se reúne bianualmente, tem como meta precípua conectar pesquisadores(as), professores(as), estudantes de todos os níveis das universidades do Norte, fomentando a interlocução profissional entre estes, dando visibilidade aos Programas de Pós-graduação e suas ações, aos projetos de pesquisa comuns, ao desenvolvimento de linhas de pesquisa que objetivem o estudos de temas amazônicos, entre outros tantos objetivos.

Em sua primeira década de existência, o GELLNORTE considera o avanço e progresso dos PPGs da Área de Linguística & Literatura, com o incremento da nota de diferentes programas, com a aprovação de APCNs de mestrado e de doutorado, em diferentes estados amazônicos, com a aprovação projetos em editais como o PROCAD e em bolsas de produtividade, além do estabelecimento de cooperações nacionais e internacionais.

Neste V Encontro do GELLNORTE, apraz-nos ter engajado um número relevante de docentes e discentes que se associaram a essa iniciativa e enviaram trabalhos para serem apresentados e discutidos. O presente Caderno de Resumos traz XXX comunicações submetidas aos 37 Simpósios Temáticos (eram 40, mas 3 foram cancelados por diferentes razões). Com uma diversidade espetacular de estudos e temáticas, cada trabalho é uma amostra do se pode encontrar como pesquisa, ensino e extensão na Região Norte na Área Linguística & Literatura. Esses trabalhos contribuem para a renovação da Área na Região Norte, onde os Programas de Pós-graduação salvaguardar a cultura, as línguas, as artes, as literaturas e as histórias dos diferentes povos amazônidas, bem como também todas as pessoas que se interessarem por essas questões.

Desejo uma existência longa e profícua ao GELLNORTE e às pessoas que o fazem!

Marília de Nazaré de O. Ferreira
Presidenta do GELLNORTE

(2024-2025)

ESTUDOS LINGUÍSTICOS

SUMÁRIO

SIMPÓSIO TEMÁTICO 3

A ORALIDADE COMO ESPAÇO PARA CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS RESPONSIVOS E INTERVENTIVOS NAS DIFERENTES PRÁTICAS SOCIAIS

Heliud Luis Maia Moura

Auxiliador Jairo de Sousa

COMUNICAÇÕES

A construção identitária do adolescente na escola do campo: um estudo na EMEF Prof. Orvácio Gomes de Carvalho – Cametá/PA.

A percepção de estudantes de graduação sobre a experiência de produção de vídeos de divulgação científica: contribuições para o letramento acadêmico

Ensino decolonial de língua inglesa na Amazônia: Contribuições do PIBID sob a perspectiva dos alunos

Variação Lexical para o Item "Prostituta" no Tocantins: estudo a partir do corpus do Projeto Aspectos Sociodialetais da língua falada do Tocantins

Ensino de mediação em leitura em classes multisseriadas na região ribeirinha do município de Aveiro

Entre o Sagrado e a Libras: Terminologia em um Terreiro de Umbanda na Região Amazônica

Representação de mulheres indígenas em O amante das amazonas, de Rogel Samuel: uma análise sociocognitiva baseada em esquemas mentais

A oralidade como espaço de construção da cidadania

Oralidade no ensino: o pensar alto em grupo como prática didático-metodológica e a construção de saberes coletivos

Atividades envolvendo oralidade no ensino de língua no ensino fundamental

Vozes em Movimento: a oralidade como prática de intervenção e responsividade no espaço escolar

Atividades Didáticas Integradas: potencializando o ensino de língua portuguesa no 9º ano por meio do dialogismo de Bakhtin

Práticas de oralidade na alfabetização de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental

Oralidade: sua importante função no domínio discursivo do aluno

A construção identitária do adolescente na escola do campo: um estudo na EMEF Prof. Orvácio Gomes de Carvalho – Cametá/PA.

Joelma Tenório Rodrigues
Mestranda PPGEL UFPA Cametá-Pa
joelmatero38@gmail.com

Lucas Rodrigues Lopes
Doutor em Linguística Aplicada PPGEL UFPA Cametá-Pa
lucaslopes@ufpa.br

Resumo: Este estudo investiga a construção identitária de adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Orvácio Gomes de Carvalho, localizada no distrito de Juaba, Cametá/PA, a partir das vozes historicamente silenciadas dos alunos do campo. A pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como a escola, enquanto espaço de socialização e produção de saberes, contribui para o desenvolvimento integral dos educandos e para a afirmação de suas identidades, considerando o papel central da linguagem, da cultura e do meio social nesse processo. Parte-se do entendimento de que a Educação do Campo, quando pautada no reconhecimento das especificidades culturais e linguísticas de seus sujeitos, pode potencializar práticas pedagógicas transformadoras. O objetivo geral consiste em analisar discursivamente a construção das identidades desses alunos diante das diversas socializações a que foram submetidos, compreendendo como se reconhecem e são reconhecidos no contexto em que vivem. Os objetivos específicos são: identificar, a partir dos discursos dos estudantes, os elementos culturais e linguísticos que compõem suas identidades; relacionar essas características às práticas sociais e culturais do campo; discutir de que forma a instituição escolar contribui ou limita a afirmação identitária desses sujeitos. A pesquisa fundamenta-se em referenciais teóricos que abordam a identidade em sua interface com linguagem e cultura, assim como em estudos voltados para a Educação do Campo. A análise do discurso é orientada por perspectivas que consideram as condições de produção e as relações de poder presentes nas falas dos participantes. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-interpretativo, desenvolvido por meio de entrevistas semiestruturadas e conversas informais com dez alunos, um professor de língua portuguesa e o orientador da escola. Os dados foram gravados, transcritos e analisados com base em procedimentos discursivos, observando marcas de resistência, conformidade e transformação nos enunciados. Observa-se que os estudantes atribuem à escola um papel relevante como espaço de convivência e produção de saberes. Entretanto, as falas revelam que os conteúdos e métodos adotados nem sempre dialogam com as experiências e conhecimentos adquiridos no cotidiano do campo, ocasionando um distanciamento entre o que é aprendido na escola e o que é vivenciado em suas comunidades. A análise evidencia que o fortalecimento identitário desses sujeitos depende do reconhecimento dos saberes e práticas culturais do campo como parte do processo educativo. Conclui-se que práticas pedagógicas que articulem o conhecimento escolar aos saberes e vivências comunitárias podem promover um espaço educacional mais inclusivo e emancipador.

Palavras-chave: Educação do campo; Discurso; Práticas pedagógicas; Resistência.

Referências:

CALDART, Roseli Salete, et al. Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
CORACINI, Maria José. A celebração do outro arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado das
Letras, 2007.
FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo:
Loyola, 2010. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da

Silva & Guaciara Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006. LESSA, Luisa Galvão. A importância da língua no mundo social e cultural. Linguagem e cultura. Maio, 2010. Disponível em: <http://luisalessa.blogspot.com.br>. Acesso em 12/02/2025. MEY, J. L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (Org.). Língua(gem) e identidade. 4. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

A percepção de estudantes de graduação sobre a experiência de produção de vídeos de divulgação científica: contribuições para o letramento acadêmico

Mauro Jorge Queiroz Costa
Doutorando Programa de Pós-graduação em Letras – Linguística (PUC Minas)
Bolsista CAPES II
jorgequeiroz@ufpa.br

Juliana Alves Assis
(PUC Minas/CNPq)
juassis@pucminas.br

Resumo: Nos últimos anos, vimos acompanhando o fortalecimento de medidas em prol da divulgação científica a público leigo, oriundas de iniciativas de instituições de ensino superior, de agências de fomento à pesquisa, bem como de outros setores da sociedade, todos eles comprometidos com o progresso e a própria permanência da ciência (ABC, 2024). Essas iniciativas se mostram também alinhadas a ações de combate à desinformação, tal como testemunhamos no período da pandemia de covid-19, considerados os efeitos nocivos da circulação indiscriminada de informações falsas, mas muitas vezes construídas para simular um ancoramento científico (Assis; Komesu; Pollet, 2021; Komesu; Alexandre; Silva, 2020; Bentes; Morato, 2022). Dado esse cenário, assumimos que a formação inicial do pesquisador, em nível de graduação, precisa incluir a construção de conhecimentos para a divulgação científica a público leigo, expediente fundamental para enfrentar a desinformação em torno de temas essenciais para a sociedade. Isso implica um trabalho voltado à reflexão sobre o funcionamento da linguagem no contexto das mídias digitais, bem como sobre o processo de produção, circulação e recepção de textos orais, escritos ou verbovisuais nessas mídias, em face dos objetivos da divulgação científica. Na comunicação ora proposta, temos como objetivo central identificar e analisar, em grupos de estudantes universitários com experiência em iniciação científica de uma universidade mineira, de diferentes áreas de conhecimento, percepções sobre o trabalho com a oralidade e a escrita na produção de vídeos de divulgação científica. Os dados que integram o "corpus" da pesquisa – respostas de estudantes universitários a um formulário eletrônico aplicado no segundo semestre de 2025 – serão analisados a partir de premissas da Análise Dialógica de Discurso (ADD), a partir especificamente das noções de axiologia e dialogismo, com base em Volóchinov (2017, 2019), e em contribuições dos estudos dos letramentos (Lea; Street, 2024). Com relação à orientação metodológica, trata-se de estudo qualitativo-interpretativista, com objetivo exploratório e descritivo. Os resultados apontam para a importância de investimento em ações formativas que assegurem aos estudantes universitários o (re)conhecimento de estratégias linguístico-discursivas essenciais à produção de vídeos de divulgação científica, comprometendo-se com os aspectos dialógico e interacional da linguagem e movimentando-se entre práticas de escrita e de oralidade.

Palavras-chave: divulgação científica; oralidade; escrita; letramento acadêmico.

Referências:

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (ABC). Desafios e estratégias na luta contra a desinformação científica. Rio de Janeiro: [s. n.], 2024. 63 p.
ALEXANDRE, Gabriel Guimarães. Desinformação sobre covid-19: concepções de texto em práticas letradas de agências de fact-checking da Argentina, do Brasil e dos Estados Unidos. (Doutorado em

Estudos Linguísticos). 2024. 189 f. - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto, 2024.
ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; POLLET, Marie-Christine. A formação do leitor no contexto da desinformação e das fake news: desafios para os estudos de letramentos na pandemia da covid-19 e além. Scripta, v. 25, n. 54, p. 9-38, 2021.
Disponível em: https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2021v25n54p9-38. Acesso em: 29 ago. 2025.
BENTES, Anna Christina: MORATO, Edwiges. Cyberhate, verbal violence, and reflexivity in the covid-19 pandemic's scenario in Brazil. In: SIGNORINI, Inês (ed.). Language practices of Cyberhate in Unfolding Global and Local Realities. New Castle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2022. p. 68-85.
KOMESU, Fabiana; ALEXANDRE, Gabriel Guimarães; SILVA, Larissa Souza da. A cura da infodemia? O tratamento da desinformação em práticas sociais letradas de checagem de fatos em tempos de Covid-19. In: RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; SILVA, Jane Quintiliano Guimarães (org.). Estudos aplicados à prática de escrita acadêmica: colocando a mão na massa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. v. 3, p. 185-229.
LEA, M. R.; STREET, B. V. O modelo de "letramentos acadêmicos": teoria e aplicações. Trad.: Fabiana Komesu; Adriana Fischer. Filologia e Linguística Portuguesa, v.16, n.2, p.477-496, jul./dez. 2014. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/79407/95916. Acesso em: 29 ago. 2025.
VOLÓCHINOV, Valentin N. A palavra na vida e a palavra na poesia. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora. 34, 2019.
VOLÓCHINOV, Valentin N. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora. 34, 2017.

Ensino decolonial de língua inglesa na Amazônia: Contribuições do PIBID sob a perspectiva dos alunos

Tamara Yasmin Sousa Pereira
Mestranda do PPGL-UFOPA
tamarayasmin16@gmail.com

Silvia Cristina Barros de Souza Hall
Doutora em Linguística – PPGL-UFOPA
silvia.crisbarros@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar as representações de alunos concluintes do 3º ano do Ensino Médio sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa em uma escola pública da cidade de Santarém-PA, a partir das vivências no subprojeto do PIBID Letras-Inglês da UFOPA, no ano de 2023. Em um território onde existem diversas culturas e histórias de resistência, como a Amazônia, repensar o ensino da língua inglesa a partir de uma lente decolonial torna-se um diferencial necessário. Esta pesquisa fundamenta-se em autores como Anjos (2019), Celani (2016) e Freire (1967), por compreender a importância de (re)construir práticas pedagógicas que valorizem o saber local e questionem os modelos coloniais ainda predominantes no cotidiano escolar dos alunos amazônidas. A pesquisa foi conduzida com abordagem qualitativa, tendo como instrumento de geração de dados um questionário semiestruturado, aplicado via Google Forms e respondido por oito estudantes participantes do projeto. A análise dos dados foi realizada a partir do paradigma interpretativista, com foco na compreensão dos sentidos construídos pelos sujeitos a partir de suas vivências escolares, sociais e culturais com a língua inglesa. Os alunos participantes da pesquisa estiveram contato, ao longo de todo o ano letivo, com práticas pedagógicas pautadas por uma abordagem decolonial, implementadas por meio do subprojeto "Desestrangeirizar a língua inglesa nas escolas públicas", desenvolvido pelo PIBID de letras inglês da UFOPA. Essa experiência incluiu atividades que descentralizaram o inglês euro-norte-americano e promoveram o contato com

produções culturais de países anglófonos não hegemônicos, além de promoverem a integração da cultura amazônica às práticas linguísticas e pedagógicas em sala de aula. As ações buscaram tornar a língua inglesa mais próxima e significativa, rompendo com a ideia de que se trata de um idioma distante ou inacessível aos estudantes da região. Os resultados indicam que os alunos reconhecem a relevância da língua inglesa como ferramenta de ascensão social e profissional, especialmente no cenário regional, marcado pelo turismo e pelo crescente contato com visitantes internacionais. Por outro lado, os estudantes também identificam uma desconexão entre o ensino tradicional da língua, ainda atrelado a modelos hegemônicos e eurocêntricos, e suas realidades culturais, sociais e linguísticas. Nessa perspectiva, apontam a necessidade de incorporar elementos da cultura amazônica nas práticas de ensino, por entenderem que essa integração torna o aprendizado mais acessível e representativo. A pesquisa conclui que desestrangeirizar a língua inglesa constitui um ato pedagógico e político que rompe com a colonialidade do saber, promovendo a construção de um ensino de línguas mais democrático, plural e conectado às realidades dos sujeitos amazônidas. Assim, propor práticas educativas que dialoguem com as vivências e os saberes locais não é apenas uma escolha metodológica, mas um compromisso ético com uma educação que respeite e fortaleça os territórios, culturas e identidades que nela habitam.

Palavras-chave: Língua inglesa, Amazônia, Ensino decolonial, Alunos, PIBID.

Referências:
ANJOS, F. A. Desestrangeirizar a língua inglesa: um esboço da política linguística. Cruz das Almas: Ed. UFRB, 2019.
CELANI, M. A. A. Um desafio na Linguística Aplicada contemporânea: a construção de saberes locais. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 32, n. 2, 2016.
FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Variação Lexical para o Item "Prostituta" no Tocantins: estudo a partir do corpus do Projeto Aspectos Sociodialetais da língua falada do Tocantins

Ana Clara Vidal Batista Pires
Graduanda em Letras/Português
IFTO – Campus Palmas
ana.batista4@estudanar.ifto.edu.br

Resumo: Historicamente, tópicos relacionados ao comportamento, aos gestos ou à linguagem, quando associados à sexualidade humana, costumam ser estigmatizados socialmente, resultando na interdição ou restrição de seu uso. Os fatores que contribuem para essa estigmatização envolvem normas culturais e religiosas de determinados grupos, desigualdade de gênero, ausência de educação sexual e até mesmo sentimentos de aversão ou medo do desconhecido — aspectos diretamente ligados à moralidade. Um exemplo disso é o item lexical “prostituta”. No estado do Tocantins, a variação lexical para o termo “prostituta” apresenta uma diversidade de formas, que vão desde expressões mais formais até opções coloquiais ou tabuístas. Entre os termos registrados, destacam-se: “prostituta”, “garota de programa”, “mulher da vida”, “meretriz”, entre outras formas informais e de uso regional. Os dados utilizados neste estudo integram o corpus do projeto “Aspectos Sociodialetais do Tocantins”, vinculado ao Instituto Federal do Tocantins (IFTO). Durante as transcrições dos dados, observou-se um polimorfismo dialetal na nomeação dessa figura social, sendo o termo “prostituta” o mais recorrente entre os falantes. Diante disso, o presente estudo propõe analisar a variação lexical do item “prostituta” no Tocantins, buscando compreender como diferentes formas linguísticas são utilizadas para atenuar ou intensificar o conteúdo semântico da palavra. O uso de cada termo pode variar conforme o contexto social, o nível de formalidade e a intenção comunicativa do falante. A metodologia adotada é da sociolinguística variacionista, de natureza bibliográfica e exploratória,

fundamentada em autores que abordam a variação lexical e o tabu linguístico. Os dados indicam que as escolhas lexicais estão fortemente associadas à intenção de suavizar (via eufemismo) ou acentuar (via disfemismo) a carga semântica do termo. A pesquisa reforça a importância de compreender como formas lexicais semanticamente equivalentes carregam distintas conotações sociais e culturais. Assim, contribui para o aprofundamento dos estudos sobre variação, uso social da linguagem e construção discursiva da realidade.

Palavras-chave: Variação lexical; tabus linguísticos; eufemismo; disfemismo; sociolinguística; Tocantins.

Referências:
BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 56. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2021.
CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
CAMACHO, Roberto Gomes. Semântica e pragmática do português. Campinas: Pontes, 2013.
LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
LIMA, A. F. de. A metodologia geossociolinguística. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de; LIMA, A. F. de (Orgs.). Estudos geossociolinguísticos do Português Brasileiro. v. 2. Campinas: Pontes, 2020
MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Identidades fragmentadas: a construção discursiva de sexualidades. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

Ensino de mediação em leitura em classes multisseriadas na região ribeirinha do município de Aveiro

José Odiley Azevedo dos Reis
joseodileydo@mx2.unisc.br

Resumo: Este trabalho constitui uma proposta de ensino que consiste na utilização das narrativas do imaginário amazônico como conteúdo pedagógico para o trabalho nas salas de aulas multisseriadas do Ensino Fundamental II, no Município de Aveiro - Pá, em atividades de mediação em leitura e produção de textos orais e/ou escritos. Possuímos como principal objetivo analisar a relação entre o processo de identidade cultural dos povos ribeirinhos e originários, inseridos no contexto educacional das classes multisseriadas, em suas práticas sociais, observando a importância dos conhecimentos oriundos das suas ancestralidades como conteúdo pedagógico, em uma perspectiva de resistência e de luta pela valorização da diversidade cultural. O referido artigo também aborda questões relacionadas com o hibridismo cultural sobre a luz dos postulados de Nestor Garcia Canclini e Edgar Morin. Aqui, entendemos a língua como um fenômeno dialógico, ideológico e heterogêneo, resultante da interação social entre os indivíduos. Utilizamos a metodologia qualitativa, no âmbito de uma pesquisa-ação, que nos proporcionou observar, refletir e agir sobre a questão de estudo proposta. Os resultados obtidos mostraram que a utilização de saberes locais tornou as aulas mais interessantes para os alunos e o sentimento de pertencimento ficou mais evidente. O referencial teórico que norteia essa pesquisa, possui autores que discutem a linguagem dentro de suas questões de uso e práticas, de forma dialógica e interacional, como: Antunes (2012), Vygotsky (1999); Dolz; Schneuwly (2004) e Marcuschi (2010) e outros autores que versam sobre a identidade cultural e práticas de letramento.

Palavras-chaves: Imaginário Amazônico; Mediação em Leitura, Classes Multisseriadas.

Entre o Sagrado e a Libras: Terminologia em um Terreiro de Umbanda na Região Amazônica

Jéssica Natália Rocha Paixão
Mestranda do PPGL- UFOPA
jncpaixao21@gmail.com

Hector Renan da Silveira Calixto
Doutor em Educação- PPGL- UFOPA
hectorscalixto@gmail.com

Resumo: A religião Umbanda surgiu no início do século XX, como resultado de diversas manifestações religiosas afro-brasileiras, entre elas o Calundu, a Cabula e a Macumba. Trata-se de uma religião de matrizes africanas, constituindo um importante patrimônio imaterial da cultura brasileira. No entanto, observa-se que a riqueza nos rituais da Umbanda encontra barreiras em termos de acessibilidade, especialmente no que se refere à comunicação com a comunidade surda. Diante dessa lacuna comunicacional, esta pesquisa tem como objetivo propor a criação de uma terminologia em Língua Brasileira de Sinais (Libras) relacionada às entidades e termos correlatos próprios da Umbanda amazônica, a partir de um terreiro localizado na cidade de Santarém, no estado do Pará. A pesquisa consiste em desenvolver sinais-termo específicos que representem entidades amazônicas, e termos correlatos da Umbanda, respeitando os aspectos linguísticos e culturais da Libras. A construção dos sinais será realizada por meio de profissionais surdos linguistas, intérpretes de Libras, o sacerdote e membros da comunidade local, priorizando as vivências, conhecimentos específicos e competências para colaborar na elaboração e validação dos sinais dos participantes, assegurando que os sinais representem fielmente as características das entidades. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, centrada em observações de campo, visto que a Libras é uma língua visual, e, posteriormente, desenvolver os sinais-termo. Esses sinais serão validados em conjunto com a comunidade surda, garantindo sua adequação e aceitabilidade no cotidiano, respeitando a identidade cultural e linguística. A análise fundamenta-se nos estudos da linguística, em especial da terminologia e da Libras, além de autores como Faro (2021) e Sousa (2022), que refletem sobre a presença e vivência do sujeito surdo no contexto religioso e estudos terminológico, também se apoia na Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação. E autores como Hulda Costa que destacam sobre a umbanda como uma religião de resistência, especialmente na região. A pesquisa está em andamento e como resultado preliminar, já se realizou a catalogação de sinais existentes dos termos correlatos, disponíveis em mídias digitais. Espera-se, ao final do projeto, criar e validar novos sinais referentes às entidades amazônicas da Umbanda e demais termos correlatos, culminando na construção de um glossário em Libras da Umbanda amazônica. A iniciativa visa promover a inclusão, combater o preconceito religioso e valorizar a diversidade cultural e linguística brasileira.

Palavras-chave: Libras; Surdo; Religião; Umbanda; Terminologia.

Referências:

Brasil. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

COSTA, Hulda da Silva Câmara. Umbanda: uma religião sincrética brasileira. 2013. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

Faro, R.A.O. Saberes culturais da umbanda e língua brasileira de sinais: estudos terminológicos para proposta de um glossário. Castanhal, 2021.

SOUZA, Flávio Pereira de. O sujeito surdo e as práticas inclusivas na Umbanda e no Candomblé. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022.

Representação de mulheres indígenas em O amante das amazonas, de Rogel Samuel: uma análise sociocognitiva baseada em esquemas mentais

Sissy Cardoso Sampaio
Mestranda do Ppgl – Ufopa
sissy.sampaio@gmail.com

Heliud Luis Maia Moura
Doutor em Linguística – Ppgl -Ufopa
heliudlmm@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo analisa os esquemas mentais e as estratégias discursivas que atuam na construção da representação das mulheres indígenas na obra O Amante das Amazonas, de Rogel Samuel, investigando como a obra ativa e subverte esquemas mentais coloniais através de estratégias linguísticas. Fundamentada numa abordagem qualitativa interpretativa (MINAYO, 2014), a pesquisa articula teoria dos esquemas mentais (MARCUSCHI, 2007) e cognição social (VAN DIJK, 2016) para examinar estereótipos, análise dialógica (BAKHTIN, 2016) e metáforas conceituais (LAKOFF & JOHNSON, 2002) para explorar resistências, dimensão política da identidade, conforme Hall (2006), que decorre da capacidade desses discursos de reforçar ou questionar relações de poder, para contextualizar o impacto social dessas construções. O trabalho desenvolve-se em três etapas: 1) seleção de trechos-chave envolvendo diálogos, monólogos e descrições das personagens indígenas; 2) identificação de esquemas coloniais através de análise de conteúdo temática; e 3) exame de estratégias de subversão por análise dialógica e de metáforas. Como resultados, espera-se: 1) um fichamento comparativo das estratégias de resistência; 2) produção de artigo científico conecte as descobertas da pesquisa a debates contemporâneos sobre decolonialidade e representação midiática indígena, 3) materiais educacionais (roteiro didático e minicurso) que conecte as descobertas da pesquisa a debates contemporâneos sobre práticas pedagógicas antirracistas, promovendo uma leitura crítica das representações indígenas, decolonialidade e representação midiática indígena e que proponha um modelo de análise aplicável a outras obras pós-coloniais.

Palavras-chave: Sociocognição. Análise dialógica. Identidade. Metáforas conceituais. Esquemas mentais.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. São Paulo: 34, 2016.
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.
BRASIL. Lei no 11.645, de 10 de março de 2008. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 05 jun. 2025.
HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Metáforas da vida cotidiana. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
SAMUEL, Rogel. O amante das amazonas. Belo Horizonte, MG: Editora Itatiaia, 2005.
VAN DIJK, Teun A. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem

sociocognitiva do discurso. Letrônica, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 1-16, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1984-4301.2016.s.23189. Acesso em: 18 mai. 2025.

A oralidade como espaço de construção da cidadania

Heliud Luis Maia Moura
Doutor em Linguística
heliudlmm@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem por objetivo estudar a produção de textos orais nas atividades de ensino da Educação Básica, considerando o pressuposto de que essas atividades estão na dependência das concepções metodológicas dos professores sobre o que constitui tais atividades. Tomo como base teórica as postulações de Bakhtin (2006, 2010a, 2010b, 2016) Jakubinskij (2015); Marcuschi (2008); e Moura (2019), que constituem a base epistêmica para o estudo do fenômeno sob investigação. De acordo com Moura (2017), tendo por base as postulações de Bakhtin (2006, 2010a, 2010b, 2016) e Jakubinskij (2015), as atividades de oralidade pressupõem a presença de um sujeito-agente interventivo e politicamente engajado. Os sentidos de político e engajado têm, no contexto dessas atividades, a acepção de atitude de responsabilização frente a veiculação de significados construídos ou em construção nos contextos em que estamos imersos, sejam aqueles em mobilização nas mídias hegemônicas ou sejam aqueles que se apresentam comodificados / naturalizados pela ideologia, em suas mais dispares formas de domesticação e/ou dominação. Mas se algumas mídias trabalham a hegemonia, especificamente a hegemonia construída por grupos totalitários, conservadores ou burgueses e outras mídias trabalham a reflexão crítico-avaliativa em relação às mídias neoliberal-conservadoras, já a literatura, a filosofia e arte trabalham na confluência/entremeio dessas mídias. Dada essa conjuntura, é necessário que se construa um leitor avaliativo-responsivo (Cf. Bakhtin, 2006, 2010a), capaz de levantar questões sobre as estruturas de significação a partir das quais as diferentes obras são constituídas e sobre os processos de circulação e apropriação de tais obras, o que requer uma capacidade heurística, uma espécie de maiêutica do leitor interventivo, a partir do que poderá compreender todo um conjunto de contra forças simbólicas em ação nessas variadas produções. Tendo em conta os pressupostos teóricos, acima colocados, postulo que a oralidade, constituída pelos vários gêneros orais é uma prática discursiva necessária à construção da cidadania. Desse modo, apresenta-se como um instrumento para inserção dos indivíduos nas diferentes práticas socias, visto que instrumentaliza tais indivíduos também para uma escrita agentiva, argumentativa e avaliadora.

Palavras-chave: Oralidade, Ensino de Língua Portuguesa, Formação cidadã.

Referências:

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.
_____. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.
_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.
_____. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, 2016.
LEV JAKUBINSKIJ. Sobre a fala dialogal. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
MARCUSCHI, L. A. Produção textual: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
MOURA, H. L. M. (2019). A integração entre as atividades de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), 48(3), 1495–1516

Ações Didáticas Integradas no ensino de língua: dialogismo e responsividade

Euberg de Souza Nogueira
Mestrando Profletras-UFOPA
bergnogueirasteam@gmail.com

Heliud Luis Maia Moura
Doutor em Linguística Textual-Unicamp
heliudlmm@yahoo.com.br

Resumo: Este projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional Profletras visa comprovar que as ADIs, atividades didáticas integradas, podem contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento da capacidade linguístico-discursiva-responsiva dos alunos do primeiro ano do ensino médio, ao ministrar ao professor um caminho metodológico que lhe permite trabalhar os gêneros discursivos/textuais de forma integrada ao mundo vivido deles. Tendo como base a concepção de atividades integradas, leitura, oralidade, escrita e análise linguística, elaborada pelo professor Dr. Heliud Luis Maia Moura, o projeto guiou-se por duas questões que lhe serviram de norte: como ensinar gêneros discursivos/textuais a alunos do primeiro ano do ensino médio, sem cair no artificialismo pedagógico de os tratar como algo estanque, fossilizado e livre das condições de produção, isto é, sem a situação comunicativa que os tornam necessários e de que modo as ADIs, como um caminho metodológico de ensino de língua em que se trabalham em integração as habilidades de leitura, oralidade, escrita e análise linguística, podem contribuir para a expansão da capacidade do aluno no uso da língua materna. Por meio de pesquisa qualitativa, em que o professor é pesquisador e sua prática de sala de aula de objeto da pesquisa, o projeto objetivou contribuir com uma metodologia que vem recebendo boa acolhida nos meios acadêmicos como alternativa diferenciada e produtiva ao ensino tradicional de Língua Portuguesa. A proposta trabalhou com gêneros do campo de atuação pública e do campo das práticas de estudo e pesquisa, bem como com gêneros do campo jornalístico-midiático, entre outros, a carta argumentativa de reclamação, apresentação oral, artigo de opinião, lei e folder, com alunos do primeiro ano do ensino médio da escola Benedito Corrêa de Souza, localizada em Itaituba-Pá, a fim de demonstrar que as AIDs podem ser postas em prática com os mais diversos gêneros textuais e comprovar que elas lhes ampliam a capacidade linguístico-discursiva.

Palavras-chaves: Ensino de Língua, ADIS, Gênero Textual-Discursivo, dialogismo.

Referências:

MOURA, H. L. M. Atividades didáticas integradas no ensino de língua (ADIs): uma concepção dialógica e sociodiscursiva. Mimeo, 2017.

_____. A integração entre as atividades de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio. São Paulo, 2019. Disponível em: revistadogel.emnuvens.com.br. Acesso em: 12 mar. 2019.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Contexto, 2020.

Oralidade no ensino: o pensar alto em grupo como prática didático-metodológica e a construção de saberes coletivos

Dalve Oliveira Batista-Santos (PPGLetras-UFT)
Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem-PUC-SP
dalve@uft.edu.br

Ruy Martins dos Santos Batista (SEMED-Palmas)
Doutor em Linguística-UnB
ruymartinsbastista1981@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa analisa o Pensar Alto em Grupo (PAG) como uma prática didático-metodológica que potencializa o desenvolvimento da oralidade no ensino e fomenta a construção de saberes coletivos, aspectos basilares para a formação docente. A oralidade, compreendida como interação social, conforme Marcuschi (2001), é aqui abordada como prática educativa sistematizada e humanizada, capaz de promover o protagonismo discente, a mediação pedagógica e a ampliação das capacidades comunicativas. O estudo parte da perspectiva de que a oralidade não é inferior à escrita, mas uma forma legítima e complexa de organização da linguagem, regida por normas próprias e vinculada aos contextos socioculturais. A pesquisa, de natureza qualitativa e abordagem interpretativista, foi realizada com professores em formação no curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), por meio de encontros virtuais na plataforma Google Meet. Os dados foram coletados por meio de gravações das interações realizadas durante os encontros, transcritas integralmente para análise. A professora formadora atuou como mediadora, com vistas a incentivar reflexões e trocas entre os participantes. As falas foram organizadas em categorias temáticas, emergentes dos próprios discursos, permitindo uma análise que articulasse percepções individuais e aspectos coletivos do diálogo. Os resultados evidenciaram que o Pensar Alto em Grupo contribui para a superação de barreiras como a timidez, amplia as possibilidades de interação e aprendizado coletivo e fortalece o papel do professor como mediador. Os participantes relataram que a prática promoveu maior engajamento, escuta sensível e ativa, além de estimular a autonomia dos estudantes e a construção compartilhada de sentidos. Observou-se que o PAG transforma a sala de aula em um espaço de trocas significativas, em que o diálogo e o respeito às múltiplas vozes são centrais para o aprendizado. Essa abordagem reforça a importância de práticas pedagógicas dialógicas e humanizadas, que valorizem os gêneros orais e integrem a oralidade ao ensino de Língua Portuguesa como recurso legítimo e estruturado. Assim, o estudo conclui que o Pensar Alto em Grupo é uma estratégia didático-metodológica para desenvolver a oralidade no ensino, promover práticas pedagógicas centradas no diálogo, na escuta ativa e na construção de saberes coletivos. Por meio dessa metodologia, é possível integrar a oralidade como prática sistemática e planejada, contribuindo para a formação docente e para o fortalecimento das capacidades comunicativas dos estudantes.

Palavras-chave: Oralidade, Pensar Alto em Grupo, Formação Docente, Mediação Pedagógica, Práticas Dialógicas, Gêneros Orais.

Referências:

Marcuschi, L. A. (2001). Oralidade e escrita: questões para reflexão. São Paulo: Cortez.
Schneuwly, B.; Dolz, J. (2004). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras.
Travaglia, L. C. (2007). Gramática e interação: uma proposta para o ensino de língua. São Paulo: Contexto.
Bakhtin, M. (2006). Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes.

Atividades envolvendo oralidade no ensino de língua no ensino fundamental

Jonas de Sousa Neres
Mestre em Letras – UFOPA
jonasphn@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar práticas de sala de aula envolvendo a oralidade no ensino de língua portuguesa. Trata-se de atividades desenvolvidas com alunos do oitavo e nono ano do ensino fundamental, a partir de leitura literária do acervo da sala de leitura de uma escola pública da rede municipal de Altamira, no estado do Pará, tendo em vista a formação de leitores críticos (Britto, 2015), considerando o letramento literário do qual fala Cosson (2011) e sem perder de vista o aspecto humanizador da literatura (Candido, 2011), no bojo da formação integral dos sujeitos. A linha mestra deste trabalho é a perspectiva dialógica do discurso (Círculo de Bakhtin) como princípio fundante da linguagem, pois a língua se dá de forma concreta na comunicação verbal, conforme os postulados bakhtinianos. Além disso, parte-se do pressuposto de que o ensino de língua se dá através de textos; de que a oralidade deve ser entendida como prática social (Marcuschi, 2008). Neste sentido, explora-se a oralidade nas aulas de língua portuguesa de modo que estudantes desenvolvam habilidades que possibilitem se posicionar de forma eficaz e autônoma ante a realidade que os cerca. Para tanto, a prática de sala de aula desenvolvida consiste em, bimestralmente, levar os alunos a fazer leitura de livros literários dentro de prazos estabelecidos previamente, a organizar exposição oral para sua classe e a posicionar-se criticamente em relação à obra lida. Ao mesmo tempo as turmas são estimuladas a ouvir e a levantar questionamentos a respeito da exposição apresentada. As exposições permitem a descoberta de obras que muitas vezes chamam a atenção e suscitam interessantes discussões a respeito de temas com os quais os estudantes adolescentes se identificam. É possível afirmar que estas atividades em sala de aula permitem que a oralidade ocupe lugar privilegiado no ensino de língua portuguesa e contribua significativamente para a formação de cidadãos autônomos e críticos. Considerando que a atividade se desenvolve bimestralmente, ao longo de todo o ano letivo, sem perder de vista a mediação do professor, avanços são perceptíveis no decorrer do processo, posto que os alunos conseguem posicionar-se, fazer questionamentos, levantar críticas, enfim, usar a língua de modo significativo.

Palavras-chave: oralidade, ensino de língua portuguesa, formação de leitor, ensino fundamental.

Referências:
COSSON, Rildo. Letramento literário – teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2011.
BRITTO, Luiz Percival Leme. Ao revés do avesso: leitura e formação. São Paulo: Pulo do gato, 2015.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
CANDICO, Antonio. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

Vozes em Movimento: a oralidade como prática de intervenção e responsividade no espaço escolar

Auxiliador Jairo de Sousa
(SEMED)

Resumo: Este trabalho apresenta uma experiência desenvolvida no ambiente escolar com o objetivo de promover a oralidade como prática discursiva formativa e interventiva. A proposta teve como foco a escuta ativa, a enunciação autoral e a problematização do cotidiano por meio de atividades orais

mediadas pelo professor, em contextos de interação que valorizavam a multiplicidade de vozes e experiências dos sujeitos envolvidos. Com base na Análise Dialógica do Discurso (ADD), especialmente nas formulações de Bakhtin e do Círculo (Bakhtin, 1990, 2008, 2011; Volochínov, 2014), compreendemos a linguagem como um ato social responsivo, atravessado por valores, ideologias e posicionamentos. Nesse sentido, a oralidade é concebida não apenas como prática comunicativa, mas como espaço de construção da identidade, do pensamento crítico e da agência discursiva dos estudantes. A experiência consistiu na criação de rodas de conversa, debates temáticos e apresentações orais de gêneros discursivos diversos, como relato de experiência, entrevista e narrativa oral, possibilitando o exercício da responsividade ativa e do engajamento social. O projeto mostrou-se potente ao estimular nos estudantes o desejo de tomar a palavra, assumir posicionamentos, dialogar com a alteridade e reconfigurar compreensões sobre si e sobre o mundo. Os aportes de Marcuschi (2008), Faraco (2009), Kleiman (1995), Brait (2006) e Sobral (2010) fundamentam a compreensão de que a oralidade, enquanto prática cultural e linguagem viva, deve ser valorizada como instrumento de letramento crítico e participação cidadã. Os resultados indicam que, ao serem provocados a intervir discursivamente sobre as realidades que os atravessam, os alunos se tornaram sujeitos mais responsivos, críticos e participativos. Conclui-se que a oralidade, entendida como ato ético, estético e político, constitui uma via potente para a formação de sujeitos que não apenas dizem algo ao mundo, mas dialogam com ele de forma ativa e transformadora.

Palavras-chave: Oralidade; Análise Dialógica do Discurso; Responsividade; Intervenção; Escola.

Atividades Didáticas Integradas: potencializando o ensino de língua portuguesa no 9º ano por meio do dialogismo de Bakhtin

Sônia Maria Ramos da Silva
Mestranda do PROFLETRAS-UFOPA
sonyamaryramos@gmail.com

Heliud Luís Maia Moura
Doutor em Linguística PROFLETRAS- UFOPA
heliudlmm@yahoo.com.br

Resumo: O presente estudo tem como objetivo investigar de que forma a implementação de Atividades Didáticas Integradas (ADIs), que articulam leitura, escrita, oralidade e reflexão linguística, pode contribuir para o desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A proposta pedagógica baseia-se na concepção de língua como prática social, histórica e interativa, sendo orientada pelos pressupostos teóricos do dialogismo e dos gêneros discursivos de Mikhail Bakhtin, os quais compreendem a linguagem como atividade dialógica, permeada por vozes sociais e contextos de uso. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza participante, e será conduzida na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Santa Benedita, situada em Altamira, no estado do Pará. A proposta de intervenção didática consiste na aplicação de uma sequência de ADIs, com base no tema do descarte inadequado dos resíduos sólidos no Bairro Santa Benedita e proximidades. Essas atividades partem de situações reais de uso da língua, no intuito de promover o engajamento ativo dos estudantes em práticas comunicativas relevantes. Busca-se compreender como a integração das quatro habilidades linguísticas, trabalhadas de forma articulada e mediada por gêneros discursivos, pode impactar positivamente a aprendizagem, promovendo uma formação mais crítica, responsiva e participativa dos alunos. O referencial teórico que sustenta esta investigação inclui, além de Bakhtin, autores como Moura (2016, 2017, 2019, 2020), Antunes (2010), Marcuschi (2008), Koch (2005) e Kleiman (2002), os quais discutem a linguagem sob a ótica da interação, da cognição e da historicidade. Esses autores enfatizam a importância de práticas pedagógicas que valorizem o contexto, o interlocutor e a intencionalidade no uso da língua. Espera-se,

com esta pesquisa, oferecer subsídios teóricos e metodológicos para a melhoria do ensino de Língua Portuguesa, propondo alternativas didáticas que favoreçam a efetiva construção de sentidos e a ampliação das capacidades discursivas e responsivas dos alunos.

Palavras-chave: Dialogismo. Gêneros Discursivos. Ensino de Língua Portuguesa. Atividades Didáticas Integradas.

Referências:
ANTUNES, Irandé. Análise de textos: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
BAKHTIN, M. M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006. _____. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
KLEIMAN, Angela B. Preciso "ensinar?" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? São Paulo: Unicamp, 2005.
KOCH, I. V. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco "falada". In: DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (orgs.). O livro didático de Português: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
MOURA, Heliud Luís Maia. Atividades Didáticas Integradas no Ensino de Língua (ADIs): uma concepção dialógica e socio discursiva. Mimeo, 2017.

Práticas de oralidade na alfabetização de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental

Lorena Bischoff Trescastro
Doutora em Educação – UFPA
lbtrescastro@ufpa.br

Rodrigo Milhomem de Moura
Doutor em Letras e Linguística – UFG
rodrigomilhomem@ufpa.br

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apontar aspectos norteadores e atividades das práticas de oralidade na alfabetização de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa de cunho bibliográfico está orientada por duas questões norteadoras: (1) que gêneros orais são citados, no contexto da alfabetização, na Base Nacional Comum Curricular - BNCC?; (2) como as práticas de oralidade podem ser inseridas na alfabetização de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental?. Com a primeira questão, buscou-se identificar, nas orientações curriculares da BNCC (2017), os gêneros orais citados no componente curricular Língua Portuguesa do 1º ao 5 ano do ensino fundamental. Orientado pela segunda questão norteadora, foram apontadas possibilidades pedagógicas para o trabalho com esses gêneros orais na alfabetização de crianças de 6 a 10 anos de idade. O estudo está fundamentado em Bakhtin (2003), Belitane (2013), Marcuschi (2010), Street (2014), Schneuwly e Dolz (2013). Para esta discussão, de base qualitativa e propositiva, foram examinados os fundamentos das práticas de oralidade no contexto da alfabetização, destacando aspectos essenciais para o trabalho com a oralidade nos anos iniciais do ensino fundamental, a partir das orientações da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). A oralidade se constitui em uma das quatro práticas de linguagem do componente curricular Língua Portuguesa na BNCC (2017). Dentre os gêneros orais citados como práticas de oralidade a serem trabalhados nos anos iniciais do ensino fundamental, estão: contos, lendas, parlendas, adivinhas, piadas, trava-línguas, relatos, entrevistas, podcasts, palestras e cantigas. Parte desses gêneros, mais simples, advém da fala cotidiana e já pertence ao repertório linguístico das crianças, outros, mais complexos e ritualísticos, são aprendidos na escola. Com essa pesquisa, pretende-se apontar possibilidades pedagógicas para o trabalho docente com a oralidade na

alfabetização em aulas do componente curricular Língua Portuguesa destinadas a crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, construindo, assim, uma relação coerente entre alfabetização, práticas de oralidade e usos da linguagem que as crianças vivenciam cotidianamente na/fora da escola.

Palavras-chave: Alfabetização, Práticas de oralidade, Língua Portuguesa, Ensino fundamental.

Referências:
BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
BELITANE, Claudemir. Oralidade e alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e letramento. São Paulo: Cortez, 2013.
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 10 set. 2024.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. 3. ed. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
STREET, Brian V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Oralidade: sua importante função no domínio discursivo do aluno

Ana Diane Vinhote de Almeida
Mestre em Letras do Profletras – UFOPA/Santarém
diane_curua@hotmail.com

Resumo: Este trabalho propõe uma análise da oralidade na construção do sujeito responsivo quando bem desenvolvida em sala de aula, o que geralmente não acontece: as atividades com a oralidade são pouco valorizadas ou feitas para "aprender a ler direito" com voz audível, entonações e prosódia corretas. Com base em autores como Moura (2017), Bakhtin (2011), Bakhtin (2013) e Antunes (2003), busca-se refletir e compreender o processo de desenvolvimento da oralidade e sua função social. Por meio de uma abordagem qualitativa, pesquisa-ação, o estudo examina, por meio das ações desenvolvidas com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, como esses indivíduos desenvolvem sua competência comunicativa na oralidade, fazendo alguns apontamentos dessas análises e apresentando sugestões didáticas para isso. Para isso, usa-se as obras selecionadas para embasamento, além de complementar as perspectivas teóricas delas no desenvolvimento das ações realizadas com os alunos.
Considerando-se os dados colhidos, foi possível concluir que é necessário compreender o caráter interacional da oralidade e sua importante função no domínio discursivo do aluno para poder se colocar como sujeito ativo, capaz de argumentar, perguntar, refletir, opinar e ouvir, tornando-se assim capaz de discernir em sociedade criticamente. É por isso que as ações desenvolvidas devem ocorrer em um ambiente organizado, para que a oralidade ocorra de maneira ética e respeitosa, para que os alunos aprendam, principalmente, a ouvir o que o outro diz sem discriminar, podendo não concordar, e não ter preconceito sobre a fala do colega. Este trabalho enfatiza que a atitude responsiva se dá, quando todos os sujeitos envolvidos compreendem sua importância na realização das práticas discursivas, principalmente na oralidade, que, muitas vezes, não é dada a devida importância a ela no ensino e aprendizagem desenvolvidos em sala de aula.

Palavras-chave: oralidade, sujeito responsivo, ensino, competência discursiva.

Referências:
Antunes, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Bakhtin, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Trad. Bezerra, P. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2011.
_____. Questões de estilística no ensino da língua. Trad. Grillo, S.; Américo, E.V. São Paulo: Editora 34, 2013.
Moura, Heliud Luís Maia. Concepções de língua e ensino: desdobramentos e práticas. In: Revista Philologus, ano 23, n. 67, Supl.: Anais do IXI SINEFIL, Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan./abr. 2017b.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 04

AQUISIÇÃO E PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM À LUZ DA PSICOLINGUÍSTICA

Ana Paula Martins Alves Salgado
Michele Calil dos Santos Alves

COMUNICAÇÕES

Hipoperfusão cerebral na dislexia: uma revisão sistemática da literatura neurocientífica

Aprendizagem da leitura de crianças do 2º ano do ensino fundamental da região norte

O Desempenho de Crianças Falantes De Português Brasileiro em Orações Interrogativas QUEM Em Posição de Sujeito e de Objeto

O desenvolvimento da leitura de crianças do 2° ano do ensino fundamental em escolas de Belém-PA e Santa Cruz do Arari-PA

A Compreensão de Interrogativas QU+N de Sujeito e de Objeto por Crianças Falantes de Português Brasileiro

Análise da consciência fonológica de alunos do 6° ano do ensino fundamental

Hipoperfusão cerebral na dislexia: uma revisão sistemática da literatura neurocientífica

Karen Rie Ichijo
Graduada em Letras – Língua Portuguesa UFRA
karenrie.kri23@gmail.com

Ana Paula Martins Alves Salgado
Professora – UFRA
anamarinsalves@ufra.edu.br

Resumo: Segundo Ciasca (2003), os Transtornos de Aprendizagem (TA) são definidos por alterações no sistema nervoso central que comprometem a produção adequada das informações. Esses transtornos se distinguem das dificuldades de aprendizagem, que geralmente são causadas por fatores externos, como métodos pedagógicos inadequados, ambiente escolar desfavorável ou falta de estímulo familiar. Atualmente, avanços nas técnicas de neuroimagem funcional e estrutural nos permitem a observação de padrões neurais anormais relacionados à dislexia, revelando alterações em regiões cerebrais responsáveis pelo processamento fonológico, visual e atencional. Muitos dos achados envolvem a **hipoperfusão cerebral**, caracterizada pela redução do fluxo sanguíneo em áreas

específicas do cérebro, como as áreas relacionadas com a leitura. Embora o volume de publicações internacionais e nacionais sobre dislexia e neuroimagem seja crescente, ainda são limitadas as revisões sistemáticas que consolidem os achados relacionados à hipoperfusão cerebral, e no Brasil, o número de pesquisas é ainda menor. Diante desse cenário, esta revisão sistemática tem como objetivo identificar, analisar e sintetizar as evidências científicas disponíveis sobre a hipoperfusão cerebral em indivíduos com dislexia, considerando estudos nacionais e internacionais publicados nas bases SciELO, PubMed e BDTD. A partir do protocolo PRISMA 2020, selecionamos artigos que apresentem o uso de técnicas de neuroimagem funcional que relacionem fluxo sanguíneo cerebral com o desempenho de leitura em indivíduos diagnosticadas com dislexia. A análise dos estudos incluídos na presente revisão sistemática resultou na seleção de cinco pesquisas que atenderam aos critérios de elegibilidade, sendo duas extraídas da base SciELO, duas da BDTD e uma da PubMed. Dentre os estudos analisados, pudemos observar a utilização da técnica de neuroimagem SPECT (Tomografia Computadorizada por Emissão de Fóton Único), mostrando sua prevalência como método acessível e eficaz para avaliar a perfusão cerebral em populações com dislexia. Um dos principais achados foi a **hipoperfusão no lobo temporal**, especialmente em áreas posteriores associadas ao processamento fonológico e à integração auditivo-verbal, como o giro temporal superior. Esses achados reforçam o papel central do lobo temporal esquerdo nas dificuldades de leitura características da dislexia, corroborando evidências internacionais sobre a disfunção funcional dessa região. A recorrência da hipoperfusão temporal entre os estudos selecionados sugere a existência de um possível marcador neurofuncional para o transtorno mesmo diante das variações metodológicas entre as pesquisas. Vale destacar também, a necessidade de ampliar o número de estudos nacionais com uso de técnicas neurofuncionais, com o intuito de aprofundar a compreensão dos correlatos neurais da dislexia no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Dislexia, Hipoperfusão cerebral, Lobo temporal, Neuroimagem funcional.

Referências:
CIASCA, S. M. Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
PAGE, Matthew J et al. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. Revista Panamericana de Salud Pública, [S.L.], v. 46, p. 1, 30 dez. 2022. Pan American Health Organization. http://dx.doi.org/10.26633/rpsp.2022.112.

Aprendizagem da leitura de crianças do 2º ano do ensino fundamental da região norte

Ana Paula Martins Alves Salgado
Docente do curso de Letras - Português (UFRA)
anamarinsalves@ufra.edu.br

Michele Calil dos Santos Alves
Docente do curso de Letras (UFRJ)
michele.alves@ufrrj.br

Resumo: Este estudo investigou a leitura de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental da Região Norte, residentes das cidades de Belém, Pará (N=16) e Cruzeiro do Sul, Acre (N=16). O instrumento metodológico utilizado foi o Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras - TCLPP (Seabra; Capovilla, 2010). Trata-se de um teste individual de leitura silenciosa feito com lápis e papel composto por 70 itens, em que cada item é formado por uma imagem em preto e branco e uma sequência de letras maiúsculas posicionada logo abaixo da imagem. O teste possui 7 condições, com 10 itens em cada condição. As condições do TCLPP são essas: i) Corretas Regulares (CR); ii) Corretas

Irregulares (CI); iii) Vizinhas Semânticas (VS); iv) Vizinhas Visuais (VV); v) Vizinhas Fonológicas (VF); vi) Pseudopalavras Homófonas (PH); vii) Pseudopalavras Estranhas (PE). O TCLPP é capaz de detectar quais estratégias de leitura os participantes dominam e quais ainda apresentam dificuldades, indicando em qual estágio de aprendizagem da leitura a criança se encontra. As estratégias de leitura testadas são a logográfica, a alfabética e a ortográfica (Frith, 1990). A primeira é utilizada quando se faz um mero reconhecimento visual de palavras com as quais o leitor tem familiriaridade, sem haver correspondência grafema-fonema. A segunda, também chamada de fonológica, é quando o leitor é capaz de decodificar, realizar de forma consciente a correspondência grafema-fonema, e a palavra deixa de ser uma imagem. Já a terceira, também chamada de lexical, é quando o reconhecimento da palavra é feito de forma automática, por inteiro no léxico, sem necessitar da decodificação. É importante mencionar que o estágio ortográfico é a junção dos dois outros estágios que o precedem. Frith (1990) explica que os leitores fluentes realizam os três tipos de leitura a depender da situação, mas que uma vez que a estratégia ortográfica é consolidada, as demais tornam-se obsoletas. Os resultados da pesquisa mostraram que a maioria das crianças testadas não fez uso da estratégia de leitura ortográfica, evidenciando o alto índice de erros na condição Pseudopalavras Homófonas; mas utilizaram-se de duas estratégias: a logográfica e alfabética. Os dados evidenciaram que os participantes não estabeleceram a relação grafofonêmica em todas as letras (Ehri, 2005), demonstrando mais facilidade para identificar os fonemas iniciais e finais das palavras. Além disso, foi possível destacar que grande parte das crianças apresentaram dificuldades para reconhecer os traços que compõem as letras, o que pode ser visto pelo alto índice de erros na condição Vizinhas Visuais. Os resultados apontaram que as crianças mais velhas tiveram um desempenho melhor no teste do que as crianças mais novas e que as crianças de Belém tiveram um desempenho acima das crianças de Cruzeiro do Sul. Estratégias pedagógicas voltadas para suprir as dificuldades apresentadas pelos participantes são apresentadas e discutidas.

Palavras-chave: Alfabetização; Estratégias de leitura; TCLPP.

Referências:

EHRI, L. C. Learning to read words: theory, findings, and issues. Scientific Studies of Reading, v.9, n.2, p.167-188, 2005. FRITH, U.. Dyslexia as a developmental disorder of language. London: MRC, Cognitive development unit, 1990.

SEABRA, A. G.; CAPOVILLA, F. C. Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. 6. ed. São Paulo: Memnom, 2011.

O Desempenho de Crianças Falantes De Português Brasileiro em Orações Interrogativas QUEM Em Posição de Sujeito e de Objeto

Izabella Souza Dutra
Graduanda em Letras Língua Portuguesa – UFRA
Izabelladutra.2002@gmail.com

Adrielle Alves Costa
Graduanda em Letras Língua Portuguesa – UFRA
adriellecosta183@gmail.com

Amanda Cruz Cavalcante
Graduanda em Letras Língua Portuguesa – UFRA
amandaacruz13@gmail.com

Ana Paula Martins Alves Salgado
Doutora em Linguística – UFC

anamarinsalves@ufra.edu.br

Resumo: O domínio das interrogativas do tipo QU-, especialmente com o pronome “quem”, é um marco importante no desenvolvimento sintático infantil. Com base nos pressupostos da sintaxe gerativa, sabe-se que as interrogativas com “quem” de objeto demandam operações de movimento sintático mais complexas do que aquelas com “quem” de sujeito (Chomsky, 1995; Duarte, 1992; Mioto; Kato, 2005; Negrão, 2000). Diante disso, este trabalho, caracterizado como uma pesquisa experimental (Gil, 2002), tem como escopo analisar o desempenho de crianças do 2º ano e 3º ano do ensino fundamental em tarefas de compreensão auditiva de interrogativas com QUEM nas posições de sujeito e de objeto, utilizando dados obtidos por meio do Módulo de Avaliação de Habilidades Linguísticas (MABILIN) (Corrêa, 2000). Nesta pesquisa, compreendemos que as interrogativas QUEM são aquelas que apresentam o pronome interrogativo deslocado de sua posição canônica (sujeito ou objeto) para a posição mais à esquerda da sentença (Corrêa, 2000). Dessa forma, ao controlarmos a variável independente — tipo de oração (com “quem” no sujeito ou no objeto) — e analisarmos a variável dependente — índice de acertos e erros —, é possível entender o desempenho infantil nessas estruturas. Para isso, foram selecionadas 22 crianças, sendo 11 crianças estudantes do 2º ano (G1) e 11 crianças estudantes do 3º ano (G2) do Ensino Fundamental com idades entre 7 e 8 anos de idade, estudantes de uma escola pública da rede municipal de ensino do estado do Pará, na cidade de Belém. A tarefa experimental consistiu na audição de sentenças e identificação de imagens, de modo que cada participante analisou 16 sentenças experimentais, divididas em duas condições: interrogativas QUEM de sujeito e de objeto. Quanto aos resultados, a ANOVA de medidas repetidas não indicou efeito significativo do tipo de estrutura (interrogativas com “QUEM” de sujeito vs. de objeto) no desempenho dos participantes. Também não houve interação significativa entre estrutura e grupo, nem efeito significativo do fator grupo isoladamente. Esses resultados indicam que os acertos não variaram de forma estatisticamente relevante em função do tipo de interrogativa ou do grupo ao qual os participantes pertenciam.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem; Oração QU-; Sintaxe.

Referências:

CORRÊA, L. M. S. MABILIN - Módulos de Avaliação de Habilidades Linguísticas. FAPERJ, 2000.
CHOMSKY, N. The minimalist program. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
DUARTE, M. E. L. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas Qu- no português do Brasil. D.E.L.T.A.: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 37-52, 1992.
GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
MIOTO, C.; KATO, M. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. Revista da ABRALIN, v. 4, p. 171-196, 2005.
NEGRÃO, E. V. WH-extractions and relative clauses in Brazilian Portuguese. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 16, n. spe, p. 141–163, 2000.

O desenvolvimento da leitura de crianças do 2° ano do ensino fundamental em escolas de Belém-PA e Santa Cruz do Arari-PA

Thamires Rodrigues Araujo dos Santos
Graduanda em Letras - Português (UFRA)
thamiresvalcacio@gmail.com

Giovanna da Gama Amorim
Graduanda em Letras - Português (UFRA)
giovannadagamaamorim2@gmail.com

Leonardo de Sousa Macedo
Graduando em Letras - Português (UFRA)
macedo.leonardo806@gmail.com

Ana Paula Martins Alves Salgado
Docente do curso de Letras - Português (UFRA)
anamarinsalves@ufra.edu.br

Resumo: As atividades de processamento linguístico envolvem habilidades cognitivas complexas, cuja aquisição vai além da simples memorização de verbetes. Assim, o desenvolvimento da capacidade linguística leitora exige a integração sistêmica de desempenho responsáveis por operar interfaces fonológicas e semânticas, bem como desenvolve-se, principalmente, através da interação social, com destaque para o ambiente escolar como espaço fundamental nesse processo. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar o desempenho de estudantes do 2° ano do ensino fundamental em testes de leitura e nomeação automática rápida, habilidades linguísticas que permitem avaliar o desenvolvimento da leitura em crianças paraenses matriculadas no 2° ano do ensino fundamental nos contextos da capital e do interior da Ilha do Marajó. Nosso estudo contou com a participação de 45 estudantes, sendo 30 crianças matriculadas em duas escolas públicas na cidade de Belém e 15 crianças matriculadas em uma escola pública no município de Santa Cruz do Arari, no arquipélago do Marajó. As coletas de dados aconteceram em Belém no ano de 2023 e em Santa Cruz do Arari no primeiro semestre de 2024. Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: o Teste de Desempenho Escolar em Leitura – TDE II (Stein, Giacomoni e Fonseca, 2019), que contém 36 palavras, classificadas em simples e complexas, organizadas para avaliar a habilidade de leitura; e também o Teste de Nomeação Automática Rápida – NAR (Denckla e Rudel, 1974), que avalia a velocidade de acesso às representações fonológicas por meio da nomeação de cores, objetos, números e letras, habilidade relacionada ao processo de aprendizagem da leitura. Os resultados dos testes demonstram que, em Belém, metade das crianças participantes não conseguiram realizar a leitura solicitada, ao passo que, em Santa Cruz do Arari, esse dado sobe para mais da metade. Entre os estudantes que conseguiram realizar a tarefa, o tempo médio de leitura ficou abaixo dos valores esperados para a faixa etária observada. Em relação à tarefa de nomeação, os resultados indicam que os participantes de Belém levaram mais tempo no processamento das categorias de números e objetos, enquanto os estudantes do Marajó tiveram maior custo de processamento nas categorias de letras minúsculas e maiúsculas. Tais dados sugerem que as crianças de Santa Cruz do Arari estão em estágio inicial do desenvolvimento da leitura, ao passo que os estudantes de Belém parecem ter um desempenho mais próximo do esperado. No entanto, vale destacar que, nas duas cidades, os dados revelam uma situação preocupante em relação ao processo de aquisição da leitura de crianças do 2º ano do ensino fundamental, além de revelarem disparidades significativas no desenvolvimento da leitura entre os contextos avaliados, refletindo desigualdades no acesso e na qualidade da estimulação linguística oferecida às crianças.

Palavras-chave: Desenvolvimento da leitura; Alfabetização; Processamento linguístico.

Referências:
DENCKLA, M.; RUDEL, R. Rapid “automatized” naming of pictured objects, colors, letters and numbers by normal children. Cortex, v. 10, n. 2, p. 186-202, 1974.
STEIN, L. M.; GIACOMONI, C. H.; FONSECA, R.P. TDE II: livro de instruções. 1ª ed. São Paulo: Vetor; 2019.

A Compreensão de Interrogativas QU+N de Sujeito e de Objeto por Crianças Falantes de Português Brasileiro

Camille Souza Dutra
Graduanda em Letras Língua Portuguesa – UFRA
camillesouzadutra@gmail.com

Eduardo Enrique Alves Monteiro
Graduando em Letras Língua Portuguesa - UFRA
eduardo.e.a.monteiro@gmail.com

Luiz Fernando Ribeiro Marques
Graduando em Letras Língua Portuguesa - UFRA
luizluiz081@gmail.com

Ana Paula Martins Alves Salgado
Doutora em Linguística – UFC
anamarinsalves@ufra.edu.br

Resumo: A aquisição da linguagem é um processo complexo que envolve o desenvolvimento gradual de conhecimentos gramaticais e habilidades de compreensão. Entender como falantes adquirem e manipulam estruturas linguísticas elaboradas é essencial para o estudo dos mecanismos subjacentes ao conhecimento linguístico. Nesse contexto, orações interrogativas introduzidas pelo elemento "que" se destacam por sua complexidade sintática e têm despertado interesse em estudos sobre aquisição e desempenho linguístico (Corrêa, 2007; Quadros, 2007; Quadros & Finger, 2007). Diante desse panorama, este estudo teve como objetivo investigar o desempenho na compreensão de orações interrogativas QU+N de sujeito e de objeto por crianças do 6º ano do ensino fundamental. Sendo assim, entendemos que se controlarmos a variável independente tipo de oração, de sujeito ou de objeto, e verificarmos a variável dependente índice de acerto e erro, podemos contribuir para o entendimento do papel do movimento sintático no desenvolvimento da competência linguística (Chomsky, 1995; Kenedy, 2019). Para tanto, realizamos um estudo experimental utilizando o instrumento Módulo de Avaliação de Habilidades Linguísticas (MABILIN I), contando com a participação de 26 crianças do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino de Belém. A tarefa experimental consistiu na audição de sentenças e identificação de imagens, de modo que cada participante analisou 16 frases experimentais, divididas em 2 condições: oração interrogativa QUE de sujeito (QS) e oração interrogativa QUE de objeto (QO). Os dados revelaram desempenho superior nas orações de sujeito (QS), com média de acertos de 99,5%, em comparação às orações de objeto (QO), com 90,8%. Erros foram mais frequentes na condição QO, especialmente os do tipo 1 (escolha de personagens do mesmo tipo do paciente-alvo), enquanto as QS apresentaram poucos erros. A ANOVA de medidas repetidas confirmou diferença estatisticamente significativa entre as condições. Esses resultados indicam que orações interrogativas de objeto impõem maior demanda cognitiva, possivelmente devido à maior complexidade do movimento sintático envolvido, refletindo assimetrias no desenvolvimento da competência gramatical.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem; Módulo de Avaliação de Habilidades Linguísticas; Movimento sintático.

Referências:

CHOMSKY, N. The minimalist program. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
CORRÊA, Letícia Maria Sicuro. MABILIN - Módulos de Avaliação de Habilidades Linguísticas. FAPERJ, 2000.

KENEDY, Eduardo. Curso Básico de Linguística Gerativa. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
QUADROS, Ronice Müller de; FINGER, Ingrid (Orgs.). Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. p. 83-114.
QUADROS, Ronice Müller de. O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. In: QUADROS, Ronice Müller de; FINGER, Ingrid. Teorias de Aquisição da Linguagem. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007, p. 25-48.

Análise da consciência fonológica de alunos do 6° ano do ensino fundamental

Flávia Yasmin da Silva Coelho
Graduanda em Letras - Português (UFRA)
flaviacoelho919@gmail.com

Laryssa do Nascimento Aguiar
Graduanda em Letras - Português (UFRA)
laryssaaguiar04@gmail.com

Gilvana Leite da Silva
Graduada em Letras - Português (UFRA)
leitegilvana@gmail.com

Ana Paula Martins Alves Salgado
Docente do curso de Letras - Português (UFRA)
anamarinsalves@ufra.edu.br

Resumo: Entre 2020 e 2022, o Brasil, assim como o restante do mundo, passou por grandes transformações advindas da pandemia de covid-19. Tal mudança impactou completamente as interações sociais da população afetando diretamente a vivência escolar. Nesse viés, entende-se que a ausência do modelo presencial de ensino pode ter impactado negativamente na alfabetização de crianças, principalmente levando em consideração o caráter social da aquisição da linguagem. Ao direcionar nosso olhar para a consciência fonológica, como um dos aspectos relevantes desenvolvidos durante o processo de aquisição da linguagem, observa-se que esta surge como grande aliada no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, visto que se relaciona com a capacidade de manipulação dos sons da língua, isto é, a habilidade de operar rimas, aliterações, sílabas e fonemas, importante para a compreensão de correspondências grafofonêmicas presentes no português. Sendo assim, o objetivo do trabalho pautou-se na análise da consciência fonológica de estudantes do 6º ano do ensino fundamental em contexto pós-pandêmico. Para conquistar esse objetivo, em um paradigma da pesquisa experimental, fez-se uso do teste Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial (Confias) para avaliar a consciência fonológica de 30 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas de Belém, no Pará. O teste é dividido em dois níveis: silábico, com nove itens, e fonêmico, com sete itens. Para a fundamentação da pesquisa, foram selecionados: Grolla e Silva (2014) acerca da aquisição da linguagem e Seabra e Capovilla (2011) e Capovilla, Dias e Montiel (2007) em relação à consciência fonológica. Os resultados dos dados coletados apontam para uma dificuldade na articulação do nível fonêmico em comparação ao nível silábico. Nesse nível de menor desempenho, as principais lacunas estão presentes nas atividades de segmentação e transposição. No nível silábico, as maiores adversidades foram encontradas nas tarefas de produção de rima e de transposição, mas é válido pontuar que as médias foram acima de 50% de acerto nas tarefas em geral. Portanto, por meio da análise dos dados, percebeu-se um desempenho inferior nas atividades fonêmicas, configuração esperada, tendo em vista a predominância do ensino das sílabas em detrimentos dos fonemas na alfabetização, o que pode ter sido intensificado pela pandemia.

Palavras-chave: Consciência Fonológica, Alfabetização, Pandemia, Ensino Fundamental.

Referências:
CAPOVILLA, A. G. S.; DIAS, N. M.; MONTIEL, J. M. Desenvolvimento de componentes da consciência fonológica no ensino fundamental e correlação escolar. Psico-USF, Campinas, v. 12, n. 1, p. 55-64, jan./jun. 2007.
GROLLA, E.; SILVA, M. C. F. Para conhecer aquisição da linguagem. São Paulo: Contexto, 2014.
SEABRA, A. G.; CAPOVILLA, F. C. Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. 6. ed. São Paulo: Memnom, 2011.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 08
DIALOGISMO E ENSINO NO CONTEXTO DA AMAZÔNIA

Márcia Cristina Greco Ohuschi
Ângela Francine Fuza

COMUNICAÇÕES

Práticas de linguagem, a partir da obra "Gitos" de Paulo Nunes: dialogismo e identidade amazônida no Ensino Médio

Saberes Tenetehar na Escola Indígena: Fortalecimento Identitário por meio da Leitura em Perspectiva Dialógica do Gênero Fábula

A constituição da réplica argumentativa do sujeito-leitor à luz da elaboração de perguntas de leitura em perspectiva dialógica

Ressignificação do papel da professora-formadora por meio da mediação: reflexões a partir do dialogismo e do ato-responsável de Bakhtin

Sequência de atividades de Leitura e Escrita sob o viés dialógico: a fábula "A Formiga e a Pomba" em contexto Bilíngue para alunos Surdos

Entre escuta ativa e valoração: uma proposta de atividades sobre o gênero discursivo *canção* para alunos da 1ª série do Ensino Médio

Princípios da ordenação e sequenciação de perguntas de leitura na formação continuada de professores

Conceitos axiológicos em uma leitura analítico-comparativa no gênero discursivo fábula

As máscaras no cordão de mascarados *última hora* da ilha tentém: uma análise dialógica à luz do círculo de Bakhtin

Atividades de leitura em viés dialógico a partir do gênero cordão de boi: Ressonâncias valorativas na formação docente interdisciplinar

A construção de espaços dialógicos na formação de professores/as na Amazônia Paraense

A arena de lutas no gênero notícia: contribuições da leitura dialógica à refutação de estereótipos que criminalizam

Estudo bibliográfico sobre a verbivocovisualidade da linguagem em gêneros multimodais

Aspectos axiológicos mobilizados em atividades de leitura e de análise linguística por professoras nortistas em formação continuada

Práticas de linguagem, a partir da obra "Gitos" de Paulo Nunes: dialogismo e identidade amazônida no Ensino Médio

Katiucia Leão de Oliveira
Mestranda em Letras – Profletras/UFPA
katyletras@gmail.com

Márcia Cristina Greco Ohuschi
Doutora em Estudos da Linguagem –UFPA
marciaohuschi@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho centra-se nas práticas de linguagem, em aulas de Língua Portuguesa, e objetiva compreender o desenvolvimento das consciências discursiva e socioideológica, na construção da identidade amazônida de alunos da 1ª série do Ensino Médio, a partir do trabalho com minicontos da obra "Gitos", do escritor paraense Paulo Nunes. Pauta-se na concepção dialógica de linguagem e língua, a partir dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2019 [1926]; Volóchinov, 2017 [1929]; Bakhtin, 2016 [1979]) e em pesquisadores que seguem esta vertente (Sobral; Giacomelli, 2016; Santos; Ohuschi, 2021; Polato; Menegassi, 2023). Justifica-se pela necessidade de ampliar e ressignificar as práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística no contexto escolar, bem como de promover a interação e o (re) conhecimento identitário dos estudantes como sujeitos amazônidas. Para tanto, situa-se no campo da Linguística Aplicada e alinha-se à pesquisa qualitativo-interpretativa, de cunho etnográfico a partir dos princípios da pesquisa-ação. As etapas da investigação constituem-se de diagnóstico inicial, elaboração e implementação de uma sequência de atividades, em perspectiva dialógica, e análise dos dados gerados, respeitando as diretrizes éticas da pesquisa. O corpus intenciona a composição por minicontos e outros textos-enunciados orais e escritos produzidos pelos alunos durante as atividades, que serão analisados à luz dos estudos dialógicos. Embora os resultados ainda estejam em construção, espera-se que a integração das práticas de linguagem, sob o viés do dialogismo, favoreça a formação crítico-reflexiva dos estudantes, para que produzam textos-enunciados autorais os quais potencializem suas identidades regionais, bem como reconheçam o papel social da linguagem no cotidiano escolar e na vida em sociedade.

Palavras-chave: Práticas de linguagem. Consciências discursiva e socioideológica. Gênero discursivo miniconto. Identidade amazônida. Dialogismo.

Referências:

ACOSTA PEREIRA, R..; COSTA-HÜBES, T. da C. Práticas de linguagem na escola sob uma perspectiva dialógica. In: BELOTI, A.; POLATO, A. D. M.; BRITO, P. A. P. (Org.).
Dialogismo e ensino de línguas: reflexos e refrações na práxis.1 ed. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2021, v.1, p. 8-27.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].
POLATO, A. D. M., & MENEGASSI, R. J. (2023). A expansão das consciências socioideólogica e linguística em prática de análise linguística de perspectiva dialógica. Letras, 1(64), 59–79. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/69762
VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico. Trad. e notas Sheila Grillo e Ekaterina Américo. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

Saberes Tenetehar na Escola Indígena: Fortalecimento Identitário por meio da Leitura em Perspectiva Dialógica do Gênero Fábula

Paula Miranda Monteiro
Doutoranda do PPGL-UFPA
paulamm10@gmail.com

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira
Doutora em Linguística
marilia@ufpa.br

Resumo: O ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa em comunidades indígenas constituem um desafio, sobretudo pela ausência de metodologias que promovam um ensino específico e diferenciado, bem como pela escassez de materiais didáticos que atendam às necessidades de cada povo. Nesse sentido, esta proposta de leitura fundamenta-se teoricamente na perspectiva dialógica dos estudos do Círculo de Bakhtin e visa contribuir para o ensino de Língua Portuguesa como língua adicional a alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola indígena do povo Tembé Tenetehar. Este estudo tem como base o enunciado *O cururu e a onça*, que é uma fábula integrante da coletânea de narrativas colhidas pela indígena Valsanta Tembé (2020) em seu TCC de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará - UEPA, e que foi gentilmente cedida por ela para esta proposta de leitura. O enunciado analisado insere-se no gênero do discurso fábula, mas adquire uma dimensão particular quando observado à luz da cosmologia Tenetehar, para a qual em tempos imemoriais, os animais falavam e interagiam de forma semelhante aos seres humanos, o que atribui novo sentido ao conceito de fábula no contexto aqui apresentado. Na tessitura metodológica deste trabalho foram elaboradas sugestões de atividades no sentido de mobilizar os seguintes conceitos dialógicos: a relação com os enunciados já-ditos, a dimensão social do enunciado, e a dimensão verbo-visual do enunciado. Para tanto, utilizou-se como fundamentação teórica, além do enunciado O cururu e a onça, os estudos de Volóchinov (2019), Bakhtin (2016), Gomes, Ohuschi e Menegassi (2022), Costa-Hübes; Menegassi, (2021) e Menegassi, Fuza e Angelo (2022). A partir desta proposta de leitura foi possível verificar a eficácia do dialogismo como ferramenta para educação escolar indígena, oferecendo subsídios ao professor para a integração dos valores e saberes do povo Tembé aos processos de leitura, promovendo uma prática pedagógica intercultural que respeita a pluralidade de vozes presentes no contexto em questão. Assim, a leitura em perspectiva dialógica se configura como uma importante ferramenta metodológica, e pode ser convertida, de forma prática e efetiva, em propostas de material didático específico e diferenciado para a educação escolar indígena, desde que professores(as) sejam preparados(as) para empregá-la.

Palavras- chave: Dialogismo, Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, Leitura, Povo Tembé; Educação Escolar Indígena.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução do russo Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição; MENEGASSI, Renilson José. Oralidade e entonação

valorativa na formação docente inicial. In: MAGALHÃES, Tânia; BUENO, Luzia; COSTA-MACIEL, Débora. (org.). Oralidade e gêneros orais: experiências na formação docente. Campinas, SP: Pontes Editora, 2021.
GOMES, Silvio Nazareno; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; MENEGASSI, Renilson José. Construções valorativas em recursos linguístico-enunciativos na fábula: uma sequência de atividades ao 9º ano. In: RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte (org.). Linguística na Amazônia: descrição, diversidade e ensino, v. 2, Rio Branco: Nepan Editora, 2022, p. 185-208.
MENEGASSI, Renilson José; FUZA, Ângela Francine; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. A leitura em perspectiva dialógica: atividades com o poema. In: ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro; Renilson José; FUZA, Ângela Francine (org). Leitura e Ensino de língua. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 371-417
VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo:Editora 34, 2017 [1929].

A constituição da réplica argumentativa do sujeito-leitor à luz da elaboração de perguntas de leitura em perspectiva dialógica

Francinete C. S. BARROSO (IFTO)
francinete.barroso@ifto.edu.br

Ângela Francine FUZA (UFT//CNPq)
angelafuza@mail.uft.edu.br

Resumo: No âmbito das discussões linguísticas, há muito já se diz sobre o ato de ler como a metáfora do horizonte ampliado, desbravado pelo poder intrínseco do leitor, que vê o mundo codificado na palavra. À luz dessa compreensão, a leitura efetiva-se como atividade de produção de sentidos, ao proporcionar um encontro dialógico, permeado por axiologias, na vivência real dos sujeitos interagentes, com o horizonte da informação verbal e dos acontecimentos oriundos do horizonte extraverbal. A fim de consubstanciar tal feito, as perguntas de leitura assumem um papel relevante no desenvolvimento de um leitor crítico, capaz de realizar incursões inferenciais e apreciativas sobre as situações de leitura. Com base no viés dialógico da linguagem, Fuza e Menegassi (2022) sustentam que a atividade de perguntar e de construir perguntas pelo docente é possibilidade de ampliação socioideológica. Por meio dessa ação, o professor envolve-se no diálogo com o enunciado-texto e com o outro, que se encontra, imediatamente próximo, o aluno-leitor, e o convida à interação. Este estudo objetiva evidenciar como a elaboração de perguntas, sob a abordagem teórico-metodológica de ordenação e sequenciação (Menegassi, 2010) contribui para a produção de sentidos à leitura de poemas e para construção da resposta argumentativa do sujeito-leitor, estudante do Ensino Médio. Os dados para análise advêm de um recorte da tese de Barroso (2024), na qual, no âmbito da leitura e produção de sentidos em perspectiva dialógica, o estudante-leitor, mediado por perguntas de leitura, produz seu enunciado, representativo de uma leitura valorada sobre o gênero poema. O estudo, situado no campo da Linguística Aplicada, é, tipologicamente conceituado, como uma pesquisa interventiva de natureza qualitativo-interpretativista, e evidencia práticas de ensino de leitura, no âmbito da sala de aula. Para tanto, fundamenta-se, sobremaneira, na proposição teórico-metodológica de leitura como processo e na perspectiva de escrita como trabalho, alicerçados nas bases do dialogismo (Volochínov, 2017 [1929]; Bakhtin, 2003 [1979]). Com base no corpus, enunciado produzido pelo estudante, evidenciamos a construção enunciativa de uma responsividade ativa-crítica-autoral do sujeito-leitor, por meio de seu enunciado, resposta argumentativa, consolidado a partir da elaboração de perguntas de leitura, sob a mediação docente.

Palavras-chave: leitura dialógica, mediação docente, perguntas de leitura, resposta argumentativa,

leitor crítico.

Referências:
BARROSO, F. C. S. A constituição dialógica do dizer inferencial em poemas: o desenvolvimento do leitor protagonista no ensino médio. 2024. Xf. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação Linguística e Literatura – PPGLIT, Araguaína, 2024.
BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979]. 421p.
FUZA, A. F.; MENEGASSI, R. J. Perguntas de leitura em ordenação e sequenciação no Ensino Fundamental. In: Angelo, C. M. P.; MENEGASSI, R. J. FUZA, Â. F (orgs.). Leitura e Ensino de Língua. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p.153-194.
MENEGASSI, R. J. Perguntas de leitura. In: MENEGASSI, R. J. (org.). Leitura e ensino. 2. ed. Maringá: Eduem, 2010b, p.167-189.
VOLÓCHINOV, Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. Ensaio introdutório de Grillo, Sheila. São Paulo: Editora 34, 2017. 373p.

Ressignificação do papel da professora-formadora por meio da mediação: reflexões a partir do dialogismo e do ato-responsável de Bakhtin

Glauce Correa Antunes
Doutora em Ensino e Aprendizagem – PPGL/UFPA
glauce.gca@gmail.com

Márcia Cristina Greco Ohuschi
Doutora em Estudos da Linguagem –UFPA
marciaohuschi@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte de uma Tese de doutoramento que versou sobre a ressignificação dos saberes docentes, em contexto de Formação Continuada, com professores do Ensino Fundamental Anos Finais, com enfoque na elaboração de atividades de leitura em perspectiva dialógica para o ensino de Língua Portuguesa. Um dos aspectos analisados consiste na atuação da professora-formadora em processos formativos de docentes da educação básica, a partir da perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2010 [1920]; Volóchinov, 2018 [1926]; 2019[1929]). Desse modo, para este recorte, foca-se no movimento de ressignificação que ocorre quando se é atravessada pelas noções de mediação, responsabilidade e ser-evento, compreendidas à luz do dialogismo. O objetivo é apontar como se dá essa ressignificação no contexto da mediação, concebida como um movimento que envolve postura ético-estética frente ao outro, fundamentada na teoria do ato-responsável (Bakhtin, 2010 [1920]). Mobilizam-se, para esta análise, os conceitos de ser-evento, responsabilidade especial e responsabilidade moral, que permitem refletir sobre o lugar do formador nos encontros formativos e o impacto ético de sua atuação. Também, a partir do conceito de ato-responsável, discute-se o papel do formador convocado a responder pelo outro, diante do outro e com o outro, uma vez que o ato-responsável envolve uma dimensão ética singular: é nessas interações que o sujeito se torna efetivamente responsável por sua palavra e por sua atuação, a tornar o ato formativo não neutro ou impessoal, mas permeado irrevogavelmente de valor, de posicionamento e de autoria. A pesquisa tem abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, à luz dos pressupostos do Círculo de Bakhtin. Trata-se de uma investigação de cunho teórico-prático, inserida no campo da formação docente, com base na análise de práticas formativas vivenciadas pela pesquisadora em sua função como professora-formadora. Como procedimentos metodológicos, foram utilizados registros escritos e gravados em áudios de momentos formativos (como análise de materiais produzidos por professores e registros reflexivos da própria formadora e gravações de conversas ao longo dos encontros), além da

construção de diários de campo que permitiram captar movimentos de deslocamento ético, epistemológico e ideológico na trajetória desenvolvida. O *corpus* foi analisado a partir de princípios orientadores dialógicos e filosóficos do pensamento do Círculo, em especial o conceito de ato-responsável e suas implicações ético-formativas. Os resultados apontam que a professora-formadora, ao ser atravessada pela teoria do ato-responsável e pela compreensão de que cada situação formativa é um ser-evento, passa a vivenciar deslocamentos significativos em sua atuação, por meio dos quais deixa de ocupar um lugar centralizado e passa a assumir uma postura ampla, responsiva e comprometida com a singularidade dos sujeitos em formação. Esse processo de ressignificação se expressou na adoção de práticas mais dialógicas, na valorização da escuta como fundamento da mediação e na consciência de que sua ação formativa carrega implicações morais intransferíveis. O reconhecimento da responsabilidade especial e da responsabilidade moral convoca a estar eticamente presente no ato formativo, o que amplia a compreensão sobre o próprio papel como educadora de educadores. Assim, esta comunicação pretende contribuir para os debates sobre a formação docente, evidenciando a importância de um olhar que integre teoria e ética, alteridade e responsabilidade no exercício da mediação como prática formadora.

Palavras-chave: Formação continuada. Professora-formadora. Mediação. Ressignificação docente. Ato-responsável.

Referências:
BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do Ato Responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920].
VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentai do método sociológico. Trad. e notas Sheila Grillo e Ekaterina Américo. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].
VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. (org., trad., ensaio introd., e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].

Sequência de atividades de Leitura e Escrita sob o viés dialógico: a fábula "A Formiga e a Pomba" em contexto Bilíngue para alunos Surdos

Floriete Assunção Ribeiro,
Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGL/UFPA)
E-mail: florietear@hotmail.com

Giovana Cristina de Campos Bezerra
Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGL/UFPA)
E-mail: arlgini.campos4@gmail.com

Márcia Monteiro Carvalho
Dr.ª em Estudos da Tradução; (PPGL/UFPA; PPGET-UFSC)
E-mail: mmcarvalho@ufpa.br

Márcia Cristina Greco Ohuschi
Dr.ª em Estudos da Linguagem – UFPA
E-mail: marciagreco@ufpa.br

Resumo: Este trabalho apresenta uma sequência de atividades para discentes Surdos do 6º ano do Ensino Fundamental, com foco no desenvolvimento de competências de leitura e escrita por meio do trabalho com o gênero discursivo fábula, a partir da narrativa "A formiga e a pomba". Fundamentada na abordagem dialógica da linguagem (Bakhtin, 2016 [1979]; Volóchinov, 2019 [1926]), e nos

princípios da Educação Bilíngue (Skliar, 1998; Quadros; Karnopp, 2004), a sequência foi construída respeitando as especificidades linguísticas de estudantes surdos, considerando a Libras como primeira língua (L1) e o português escrito como segunda (L2). O trabalho ancora-se também nos pressupostos da BNCC (Brasil, 2018) e da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008). A proposta se desenvolveu por meio de atividades interativas: rodas de conversa bilíngues para ativação de conhecimentos prévios, leitura dialógica da fábula em Libras (vídeo) e em português (com imagens ilustrativas), análise expressiva dos enunciados e dos sentidos verbo-visuais, produção de painéis temáticos e criação coletiva de uma história em quadrinhos bilíngue com QR Code em Libras. A metodologia adotada é qualitativa, com base em uma abordagem descritiva e analítico-interpretativa. Os instrumentos utilizados foram: mediações didáticas em sala de aula, registros iconográficos das atividades e produções textuais dos estudantes. Os resultados obtidos evidenciam que o trabalho com o gênero fábula favoreceu não apenas o acesso ao conteúdo linguístico e à compreensão leitora, mas também promoveu reflexões críticas sobre valores sociais como solidariedade, empatia e reciprocidade. Espera-se que os alunos apresentem maior engajamento nas atividades que articulem recursos visuais e expressivos próprios da Libras com o texto escrito, considerando que a multissemiotização pode potencializar a construção de sentidos. Prevê-se, ainda, que a proposta contribua para o fortalecimento da autonomia dos estudantes ao assumirem o papel de autores na produção da HQ bilíngue, o que pode favorecer a valorização de sua identidade surda, bem como o desenvolvimento de habilidades comunicativas e discursivas. Parte-se da hipótese de que práticas pedagógicas fundamentadas na dialogicidade e na valorização da diversidade linguística são essenciais para a efetivação de uma educação bilíngue e inclusiva.

Palavras-chave: Educação de Surdos; Abordagem Dialógica; Práticas Inclusivas.

Referências:

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. São Paulo: 34, 2016 [1979].
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. Educação de surdos: aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2004.
SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre a diferença. Porto Alegre: Mediação, 1998.
VOLÓCHINOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia. São Paulo: 34, 2019 [1926].

Entre escuta ativa e valoração: uma proposta de atividades sobre o gênero discursivo *canção* para alunos da 1ª série do Ensino Médio

Michelly Dayane Soares Nogueira
Doutoranda em Letras - PPGL/UFPA
E-mail: soaresmichelly@hotmail.com

Márcia Cristina Greco Ohuschi
Doutora em Estudos da Linguagem - UFPA
E-mail: marciaohuschi@yahoo.com.br

Resumo: Ao partirmos de um estudo teórico-analítico e metodológico sobre o gênero discursivo canção, a partir do enunciado intitulado *2 de junho*, da cantora e compositora Adriana Calcanhotto, apresentamos uma sequência de atividades, sob o viés dialógico, para alunos de 1ª série do Ensino Médio. Tal enunciado concreto, enquanto discurso oral, constitui-se em um movimento estilístico-composicional que ressalta aspectos do gênero canção imbricados aos aspectos jornalísticos, justamente para fazer alusão à morte de Miguel Otávio, vítima de desigualdade racial e social, durante

o período da pandemia da COVID-19. Assim, compreendemos que Adriana Calcanhotto considera seu papel social e age, a partir de um tom emotivo-volitivo com o objeto de seu discurso e, dessa forma, refrata aspectos do seu processo artístico-musical que é essencialmente dialógico. Para tanto, a proposta elaborada nesse estudo contempla a tríade oralidade, leitura e escrita, com ênfase na prática oralidade. Dessa maneira, a sequência de atividades desdobra-se em 5 etapas: 1) Escuta prévia à escuta do enunciado concreto, 2) Oralidade em interação com a leitura, 3) Entre fios orais e à escuta, 4) Tessitura da contrapalavra oral e 5) Divulgação ao público. À Luz da Linguística Aplicada, este trabalho ancora-se nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin (Medviédev, 2016; Volóchinov, 2019; 2021[1929/1930]; Bakhtin, 2003[1979]; 2016[1979]) e em pesquisadores que seguem esta vertente (Bezerra; Menegassi, 2021; Acosta Pereira; Costa-Hübes, 2021; Costa-Hübes; Menegassi, 2021; Nogueira, 2023; Nogueira; Ohuschi, 2024, dentre outros). Os resultados reforçam que é possível desenvolver uma sequência de atividades dialógicas, significativas e sistematizadas, a partir do trabalho com o gênero discursivo oral canção. Ademais, evidenciam que a proposta pode possibilitar o desenvolvimento de habilidades orais (como produzir e analisar enunciados orais; escutar com compreensão e autonomia), bem como a compreensão das valorações sociais e ideológicas engendradas no enunciado concreto oral, enquanto discurso oral potente de revolta e repúdio contra o racismo e toda forma de desigualdade racial e social.

Palavras-chave: Oralidade. Gênero discurso canção. Sequência de atividades. Escuta ativa. Valoração.

Referências:

ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. Da. C. Práticas de Linguagem na escola sob uma perspectiva dialógica. In: BELOTI, A.; POLATO, A. M.; BRITO, P. A. P. Dialogismo e ensino de línguas: reflexos e refrações na práxis. -- Campo Mourão, PR: Editora Fecilcam, 2021, p. 49-73.

BAKHTIN, M. A forma espacial da personagem. In: Estética da Criação Verbal. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979], p.21- 84.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Trad. Paulo Bezerra. 1. ed., São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BEZERRA, J. C dos s.; MENEGASSI, R. J. A entonação valorativa na produção de sentidos em leitura no livro didático de Português. Revista Educação em foco. Vol. 26, n. 03 [Especial], 2021.

COSTA-HÜBES, T. Da C.; MENEGASSI, R. J. Oralidade e entonação valorativa na formação docente inicial. In: MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. A. G. DA. (org.) Oralidade e Gêneros Orais: experiências na formação docente. 1. ed. – Campinas/SP: Pontes editores, 2021, p. 173- 196.

MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. GRILLO, Sheila e AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. – 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

NOGUEIRA, M. D. S. A tessitura da contrapalavra discente no gênero discursivo notícia radiofônica escolar: entre fios orais e o valor humano. 2023. 251 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, 2023.

NOGUEIRA, M. D. S.; OHUSCHI, M. C. G. A oralidade em perspectiva dialógica: uma análise da tessitura da contrapalavra discente no gênero discursivo notícia radiofônica escolar. Revista Delta. Vol.40, n. 4, 2024, p. 1-25.

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. GRILLO, Sheila e AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. – 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019[1926], p. 109-130.

VOLÓCHINOV, V. A interação discursiva. In: Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021[1929], p. 201- 225.

Princípios da ordenação e sequenciação de perguntas de leitura na formação continuada de professores

Andreane Dantas da Silva Peres
Doutoranda em Letras – PPGLetras UFT
andreane.dantas@gmail.com

Ângela Francine Fuza
Doutora em Linguística Aplicada -UFT/UFNT
angelafuza@mail.uft.edu.br

Resumo: As perguntas de leitura são instrumentos amplamente utilizados pelos professores no ensino de Língua Portuguesa e contribuem para o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos-leitores. Isso evidencia a relevância de estudos sobre a ordenação e sequenciação de perguntas no ensino da leitura. O objetivo geral desta pesquisa foi o de analisar como os princípios de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura são compreendidos por professoras dos anos iniciais da educação básica em situação de formação continuada. Para alcançá-lo, estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos: identificar os conceitos de leitura adotados na prática docente pelas professoras participantes da pesquisa; verificar em que aspectos a compreensão dos princípios de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura contribui na formação continuada das professoras; caracterizar os efeitos do trabalho com os princípios de ordenação e sequenciação na construção de conhecimentos na prática docente. Esta pesquisa, de natureza qualitativa, com enfoque colaborativo e situada no campo da Linguística Aplicada, fundamentou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da ordenação e sequenciação de perguntas discutidos por Solé (1998) e ampliados por estudiosos como Menegassi (2011, 2016); Rodrigues (2013); Fuza (2017); Fuza; Menegassi (2017, 2018, 2019, 2022); Barroso (2018); Santos (2019). Concebeu-se, nesse estudo, a linguagem como acontecimento social da interação discursiva, conforme abordagem teórica do Círculo de Bakhtin (Bakhtin 2016; Volóchinov, 2021), uma vez que as perguntas de leitura promovem a interação entre autor, leitor e texto, levando à compreensão. Para a geração dos dados, a pesquisa foi conduzida em diferentes etapas junto às professoras participantes. Inicialmente, foram realizadas três oficinas de foco teórico, seguidas por uma oficina de foco teórico-metodológico e, por fim, duas oficinas de foco prático. Os resultados, advindos da análise da atividade diagnóstica, demonstraram que as professoras elaboraram as perguntas de leitura fundamentadas nos conceitos de leitura cognitivista, interacionista e, principalmente, no conceito de leitura estruturalista, centrando-se na decodificação e extração de informações do texto. A análise da atividade interventiva, elaboradas após os estudos realizados, revelou que as professoras apreenderam os princípios de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura, passaram a conceber o processo de leitura como interação texto-leitor e, por meio da contrapalavra, manifestaram atitude ativa responsiva, expressando, assim, seus discursos próprios frente a outros discursos. Os estudos realizados fomentaram uma ação reflexiva das professoras sobre suas práticas docentes, especialmente, no que diz respeito ao ensino da leitura voltado à construção de sentidos. Isto posto, espera-se que esta pesquisa contribua com as discussões sobre o ensino de leitura em sala de aula e com a prática docente.

Palavras-chave: Leitura como interação. Perguntas de leitura. Ordenação. Sequenciação. Formação Continuada.

Referências:

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BARROSO, F. C. S. Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura para o gênero crônica no Ensino Médio. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Tocantins. Porto

Nacional, TO, 2018. Dissertação/Mestrado Acadêmico.
FUZA, A. F. Proposta teórico-metodológica de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura a partir do princípio temático. Relatório Final de Estágio Pós Doutoral em Letras (Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.
FUZA, A. F.; MENEGASSI, R. J. Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura no gênero poema. In: BARROS, E. M.; STRIQUER, M. S. D.; STORTO, L. J. (Orgs.). Propostas didáticas para o ensino da Língua Portuguesa. 1. ed. São Paulo: Pontes, 2018, p. 17-42.
FUZA, A. F.; MENEGASSI, R. J. Ordenação e sequenciação de perguntas na leitura do gênero discursivo panfleto institucional. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 6, n. 1, p. 259-286, jan./jun. 2017.
FUZA, A. F.; MENEGASSI, R. J. Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura: proposta de trabalho para crônica e pintura no livro didático. Alfa, São Paulo, v.63, n.3, p.661-689, 2019.
FUZA, A. F.; MENEGASSI, R. J. Perguntas de leitura e o princípio temático em crônica: proposta de ordenação e sequenciação. Calidoscópio, vol. 16, n. 1, p. 33-47, jan/abr 2018. FUZA, A. F.;
MENEGASSI, R. J. Perguntas de leitura em ordenação e sequenciação de no ensino fundamental. In: ANGELO, C. M. P.; MEGASSI, R. J.; FUZA, F. F. (Orgs.). Leitura e ensino de língua. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2022. p. 153-193.
MENEGASSI, R. J. Ordenação e sequenciação de perguntas na aula de leitura. In: YAEGASHI, S. F. R. et al. (Orgs.). Psicopedagogia: reflexões sobre práticas educacionais em espaços escolares e não-escolares. Curitiba: CRV, 2016, p. 41-60.
MENEGASSI, R. J. Produção, ordenação e sequenciação de perguntas na avaliação de leitura. In: CENTURION. R.; CRUZ, M.; BATISTA, I. M. (Orgs.). Linguagem e(m) interação: línguas, literaturas e educação. Cáceres-MT: Ed. Unemat, 2011. p. 17-35.
RODRIGUES, A. Perguntas de leitura e construção de sentidos: experiência com o 6º ano do Ensino Fundamental. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.
SANTOS, M. G. A. Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura para o gênero discursivo crônica no 9º ano do ensino fundamental. 2019. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, 2019. Dissertação/Mestrado Acadêmico.
VOLOCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem. 3ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2021 [1929].

Conceitos axiológicos em uma leitura analítico-comparativa no gênero discursivo fábula

Roberto Pinheiro Araújo
Doutorando do PPGL - UFPA
robertoparaujoedu@outlook.com

Márcia Cristina Greco Ohuschi (Orientadora)
Doutora em Estudos da Linguagem - UFPA
marciaohuschi@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho, centrado na perspectiva dialógica, a partir de enunciados integrais, concretos e constituídos sócio-historicamente, propõe uma leitura analítico-comparativa do enunciado "*O Lobo e o Cordeiro*", reenunciado por La Fontaine e Millôr Fernandes. A escolha pelas fábulas dá-se pelo fato de serem muito empregadas por educadores das mais diferentes áreas, a fim de ilustrar posicionamentos ou conceitos que envolvam valores. Além desse, outro fator que motivou a opção pelo enunciado em questão foi o seu forte apelo ideológico-alegórico. No caso das fábulas, não há como mediar explicações coerentes sem considerar a concretude de sua manifestação, de sua relação com as frações materiais da vida, os processos sócio-históricos, econômicos, políticos e ideológicos a elas ancorados. Dessa forma, na arquitetônica dos enunciados, a palavra está impregnada de vida e dela não pode ser apartada. A pesquisa aqui delineada retoma a fábula clássica de La Fontaine e, por meio de análise e comparação, apresenta a contrarresposta, pela paródia, de Millôr Fernandes. É a

partir da leitura comparativa que se evidencia, a partir das ações valoradas dos personagens, as formas divergentes de compreensão da realidade desses enunciados. Ao longo da análise, observou-se que as relações são entrançadas ao longo do tempo-espaço, em valores que são diferentes/divergentes a cada época ou contexto de produção e que tais valores atuam uns sobre os outros, em diferentes apreciações. Tais diferenças e divergências são expressas de modo concreto pela linguagem, a partir do uso singular de recursos estilístico-gramaticais presentes nos enunciados em análise. Nesse sentido, como propõe Volóchinov (2018 [1929]), a construção da interação discursiva não acontece apenas pela natureza da estrutura e organização da língua como um sistema fechado em si mesmo, mas em permanente reorganização, no qual as vozes sociais se entrechocam na arena ideológica da linguagem. Para fins didáticos, é interessante apresentar o percurso de análise definido para este trabalho. Sendo assim, na organização do trabalho, temos: a) breve apresentação do gênero fábula e do *corpus* selecionado, no caso as fábulas de Millôr e de La Fontaine; b) breve explicitação dos conceitos axiológicos que balizam a análise; c) a análise comparativa, na qual temos como foco a contrarresposta de Millôr à fábula tradicional. Como resultado, observou-se, na versão expressa por Millôr, o Cordeiro representa o questionamento, o uso da inteligência em contextos de força e de violência. Não à toa, Millôr emprega recursos provenientes da Filosofia, área do conhecimento que tem por pressuposto a contestação.

Palavras-chave: Gênero discursivo Fábula. Conceitos axiológicos. Leitura analítico-comparativa. Dialogismo.

Referências:

FERNANDES, Millôr. Novas fábulas e contos fabulosos. Ilustrações de Angeli. – Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

FONTAINE, LA. O lobo e o Cordeiro. In: Fábulas. Trad. Ferreira Gullar. Ilustrações de Gustave Doré. Rio de Janeiro, Revan, 1997.

VOLÓCHINOV, V. Palavra na vida e palavra na poesia. 1. ed. Organização, Tradução, Ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

As máscaras no cordão de mascarados *última hora* da ilha tentém: uma análise dialógica à luz do círculo de Bakhtin

Aurilene Amaral Sousa
Doutoranda do PPGL/UFPA
prof.aurilene@gmail.com

Márcia Cristina Greco Ohuschi
Doutora em Estudos da Linguagem - UFPA
marciaohuschi@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo faz parte da tese de Doutorado em andamento, cuja temática consiste em um estudo teórico-prático sobre a entonação expressiva e valorativa em enunciados produzidos por estudantes da 3ª série do Ensino Médio de uma escola pública estadual da cidade de Cametá-PA, a partir das práticas de leitura, oralidade e escrita, no trabalho com o Cordão de Mascarados *Última Hora*. À luz da Linguística Aplicada, este recorte da pesquisa apresenta a análise, em perspectiva dialógica, das máscaras utilizadas no Cordão de Mascarados *Última Hora* - grupo artístico e cultural formado por ribeirinhos da ilha Tentém, no município de Cametá, que integra o movimento cultural conhecido na região como "Carnaval das Águas". Os objetivos principais consistem em identificar e

analisar os aspectos expressivos das máscaras, verificando suas funções na construção de identidades coletivas e na expressão de valores culturais, histórico e socialmente construídos. Além disso, pretende-se evidenciar o papel do cronotopo na constituição de sentidos das máscaras, considerando-as como portadoras de vozes que se articulam em um espaço e tempo de enunciação social em que se promove um intercâmbio de sentidos. Para a composição dos dados, foram realizadas observação participante, registro fotográfico e audiovisual, entrevistas com os organizadores e buscas em pesquisas já realizadas sobre o cordão. A análise tem como base teórica os estudos do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2019 [1926]; Volóchinov, 2017 [1929]; Bakhtin, 2016 [1979]), sobretudo no que diz respeito à enunciação, ao dialogismo, ao cronotopo e à valoração. O cordão inclui as artes do teatro, da plástica, da dança e da música, apresenta-se, principalmente, no período do carnaval e "desfila" sobre embarcações pelas águas do rio Tocantins. Na plástica, são evidentes o colorido e o brilho das roupas, dos estandartes, das bandeiras e das máscaras. Considerando que todos os personagens, com exceção das dançarinas, usam máscaras, elas ganham um papel de destaque nas apresentações. Primeiro, pelas expressões exageradas e pelo colorido, segundo pelo anonimato, pois elas "escondem" a identidade cotidiana dos brincantes. O estudo demonstra que: a) as máscaras não são apenas objetos estéticos, mas enunciados representativos da cultura ribeirinha tocantina que dialogam com enunciados de outras culturas, contextos sociais e históricos; b) o caráter expressivo e valorativo das máscaras se efetiva pela manifestação de vozes sociais, identitárias e culturais que se manifestam no espaço coletivo do cordão; c) as máscaras, enquanto componentes expressivos e valorativos, manifestam a resistência, a afirmação identitária e o diálogo de vozes que reverberam para além do tempo e do espaço.

Palavras-chave: Cordão de Mascarados Última Hora. Ilha Tentém. Máscaras. Dialogismo. Enunciação. Valoração.

Referências:

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BELOTI, A.; HILA, C. V. D.; RITTER, L. C. B.; FERRAGINI, N. L. de O. Conceito de valoração em perspectiva enunciativo-discursiva: proposta teórico-metodológica para a prática de leitura. In: FRANCO, N.; ACOSTA-PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas. Campinas, Pontes, 2020, p. 109-135.

TELES, J. F. Carnaval das águas: Experiências Artísticas, Estéticas e Culturais no Campo do Ensino das Artes Visuais. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2020.

VOLÓCHINOV, V. A interação discursiva. In: Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929], p. 201-226.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua? In:_____. A palavra na vida e palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas São Paulo: Editora 34, 2019 [1926], p. 234-265.

VOLÓCHINOV, V. Língua, linguagem e enunciado. In: Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929], p. 173-200.

Atividades de leitura em viés dialógico a partir do gênero cordão de boi: Ressonâncias valorativas na formação docente interdisciplinar

Romário Rui Natividade da Natividade
Doutorando do PPGL/UFPA
natividaderoma@gmail.com

Márcia Cristina Greco Ohuschi
Doutora em Estudos da Linguagem – UFPA
marciaohuschi@yahoo.com.br

Resumo: À luz da Linguística Aplicada, esta pesquisa apresenta e discute uma sequência de atividades de leitura e análise linguística em viés dialógico, voltada a professores que atuam nos componentes curriculares da *Área de Linguagens* do Ensino Fundamental – Anos Finais: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Arte e Educação Física (Brasil, 2017). A proposta está ancorada nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin (2016 [1979]; 2015 [1975]); Volóchinov 2017 [1929]; 2019 [1926]), principalmente nos conceitos que dizem respeito às axiologias sociais: extraverbal, julgamento de valor e entonação. As atividades foram desenvolvidas a considerar o gênero cordão de boi, precisamente o enunciado concreto *Cordão do Boi Guerreiro*, cujo autor é Arivaldo Andrade dos Santos, catequista e multiartista da zona rural do município de Curuçá, Nordeste do Estado do Pará. A relevância está no fato de podermos expandir a formação de professores quanto aos aspectos sociais e valorativos, responsivos e responsáveis, construídos/mobilizados nas relações dialógicas, discursivas e interdisciplinares. Diante disso, por meio de uma abordagem qualitativa e interpretativa, o estudo objetiva desenvolver a composição dialogizada e valorada do discurso, com vistas à ampliação da consciência socioideológica e socioambiental docente. A proposta de leitura foi elaborada mediante a uma minuciosa análise dialógica/valorativa do enunciado, a fazer jus ao *Método Sociológico* (Volóchinov, 2017 [1929]), que propõe um trabalho que vá além dos aspectos estruturais do gênero e da língua. Desse modo, ao explorar as dimensões social e verbal, a sequência organiza-se em: a) Atividades prévias a partir dos enunciados já ditos; b) Leitura silenciosa, oral e entonativa do enunciado concreto; c) Reflexos e refrações a partir da dimensão social do enunciado; d) Reflexos e refrações a partir da dimensão verbal do enunciado. A partir da construção linguístico-discursiva do enunciado em estudo e da prática de leitura em viés dialógico, buscamos o despertar de uma prática docente mais humana, socioambiental, responsável, alteritária e ética, que reverbere dentro e fora das salas de aula da Educação Básica.

Palavras-chave: Prática de leitura dialógica; Formação docente interdisciplinar; Gênero cordão de boi; Valoração; Dialogismo.

Referências:

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BAKHTIN, M. Teoria do romance I: A estilística. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2015 [1975].

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). A palavra na vida e a palavra na poesia. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

A construção de espaços dialógicos na formação de professores/as na Amazônia Paraense

Rodrigo Milhomem de Moura
Doutor em Letras e Linguística – UFG
rodrigomilhomem@ufpa.br

Lorena Bischoff Trescastro
Doutora em Educação – UFPA
lbtrescastro@ufpa.br

Resumo: Neste estudo, temos como objetivo refletir acerca da relevância da construção de espaços dialógicos na formação de professores/as, compreendendo-os como territórios de emergência de sentidos outros para a Educação Linguística. Nesse percurso, orientamo-nos por duas questões centrais: (1) de que forma os espaços dialógicos se configuram como lugares de produção de sentidos outros na formação docente?; (2) como as práticas pedagógicas podem fomentar a escuta ativa, a construção de saberes e a constituição de identidades no processo de formar-se professor/a? Partimos de uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise de materiais produzidos em contextos formativos situados na Amazônia Paraense, especialmente no âmbito do estágio supervisionado e dos componentes curriculares voltados ao ensino-aprendizagem. As experiências analisadas por nós referem-se, em particular, ao curso de Letras-Português, da Faculdade de Letras do Campus Universitário de Bragança, e à Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará, Campus Belém, nos componentes: Estágio Supervisionado, Educação e Trabalho Docente, e Estudos Teórico-Práticos da Alfabetização em Língua Materna I e III. Entre os materiais considerados, destacamos atividades desenvolvidas em sala de aula, cartas escritas por discentes a pesquisadores/as, bem como reflexões elaboradas por estudantes a respeito de suas percepções sobre as experiências vivenciadas durante as aulas. A fundamentação teórica do nosso trabalho ancora-se nos estudos da perspectiva dialógica da língua[gem] (Bakhtin, 2010, 2011, 2016; Bakhtin; Volóchinov, 2014; Geraldi (2012), Sobral (2009), Moura (2023), Volóchinov, 2019) e nas reflexões freireanas (Freire, 1989, 1997, 2011, 2015), que nos permitem compreender a dialogicidade como princípio ético, estético e político basilar da prática formativa. Defendemos que os espaços dialógicos são histórica e contextualmente situados, sendo coconstruídos por seus participantes. Esses espaços configuram-se como cenários privilegiados para a produção de sentidos que rompem com lógicas prescritivas e homogeneizantes no processo de ensinar e aprender. Tais espaços emergem da interação responsiva entre sujeitos que constroem relações pautadas no diálogo, na escuta ativa e no compromisso ético-político com a transformação das práticas educativas. Em síntese, buscamos evidenciar a relevância desses espaços na constituição das identidades profissionais docentes e na constante reinvenção do fazer pedagógico.

Palavras-chave: Formação de professores/as, Espaços dialógicos, Contexto Amazônico

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do ato responsável. (Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco). São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. (Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com colaboração de Lúcia Teixeira Winisk e Carlos Henrique D. Chagas Cruz). 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Tradução de Paulo Bezerra. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 43ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
GERALDI, João Wanderlei. O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012.
MOURA, Rodrigo Milhomem de. Por uma educação linguística dialógica: práticas, reflexões e narratividades. 2023. 244 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.
SOBRAL, Adail. Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.
VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização e tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

A arena de lutas no gênero notícia: contribuições da leitura dialógica à refutação de estereótipos que criminalizam

Cynthia Campos da Rocha Vieira
Mestre em Letras – SEDUC
cynthiarv11@gmail.com

Márcia Cristina Greco Ohuschi
Doutora em Estudos da Linguagem – UFPA
marciagreco@ufpa.br

Resumo: Esta pesquisa integra um trabalho maior, em que desenvolvemos um estudo teórico-prático da compreensão do discurso vivo em sala de aula e das axiologias sociais a partir do trabalho com a leitura dialógica de notícias. Neste recorte, apresentamos o resultado da implementação da intervenção realizada em uma turma de 1º ano do Ensino Médio, de uma escola pública de Ananindeua-PA, a partir da análise das respostas de cinco alunas a atividades de leitura acerca de dois enunciados que abordavam, por diferentes vieses ideológicos, o mesmo fato: uma operação policial realizada no Rio de Janeiro. O estudo justifica-se porque parte da comunidade escolar de região periférica reproduz a ideologia dominante ao não se dar conta da posição que ocupa no olhar das camadas privilegiadas da sociedade. Isso, num contexto de repressão policial que também tem se tornado comum na região metropolitana de Belém, faz com que a abordagem temática da violência policial e sua naturalização mobilizada em enunciados do gênero notícia sejam discutidas em sala de aula. Assim, vimos a necessidade de implementar atividades de leitura, com enfoque nas axiologias sociais, para explorarmos as temáticas sociais que envolvem os alunos. À luz da Linguística Aplicada, fundamentamo-nos na concepção dialógica de língua(gem) em sua abordagem sociológica, valorativa e ideológica, preconizada pelo Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011 [1979]; Medviédev, 2018 [1928]; Volóchinov, 2018 [1929]; Volóchinov, 2019 [1926]) para desenvolvermos a consciência socioideológica dos discentes a partir do autorreconhecimento diante dos fatos noticiados. Como resultado, identificamos que, a partir da implementação de uma Sequência de Atividades de Leitura em Perspectiva Dialógica, as cinco alunas manifestaram a consciência socioideológica acerca do autoritarismo das abordagens policiais em regiões marginalizadas, de modo a reconhecerem-se enquanto parte da população que pode ser alvo das operações e, assim, refutarem os estereótipos pelos quais sujeitos periféricos costumam ser criminalizados. Dessa forma, confirmamos a possibilidade de ampliar os horizontes valorativos de nossos alunos de forma a contribuir para a defesa da vida e da emancipação humana, dentro do projeto de construção de uma sociedade democrática que respeita a existência e os direitos de todos os seus cidadãos.

Palavras-chave: Leitura dialógica. Gênero discursivo notícia. Axiologias sociais. Ensino Médio. Refutação de estereótipos. Periferia.

Referências:
BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2018.
VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.
VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

Estudo bibliográfico sobre a verbivocovisualidade da linguagem em gêneros multimodais

Ricardo Ferreira de Sousa
Doutorando – PPGLLIT-UFNT
ricardof@uft.edu.br

Ângela Francine Fuza
Doutora em Linguística Aplicada - PPGLLIT-UFNT
angelafuza@mail.uft.edu.br

Resumo: A pesquisa investiga a presença e o tratamento da verbivocovisualidade em artigos científicos e dissertações, à luz da perspectiva dialógica da linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin, considerando sua manifestação em diferentes gêneros multimodais. A pesquisa parte da compreensão de que os gêneros do discurso, compreendidos como formas típicas dos enunciados, refletem e refratam as práticas discursivas da sociedade. Em tempos de multiletramentos, torna-se essencial analisar como os gêneros multimodais, aqueles que articulam linguagem verbal, visual e sonora, aqui denominado como verbivocovisual, são inseridos, por exemplo, nos materiais didáticos e como são abordados pedagógico e socialmente. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfica, fundamentada na análise preliminar de artigos científicos indexados na base *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e dissertações disponíveis no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), publicados no período de 2020 a 2024. A metodologia adotada envolve a seleção de textos qualificados que contenham gêneros verbivocovisuais, tais como charges, memes, propagandas e infográficos. Os instrumentos categóricos de análise incluíram os conceitos-chave de dialogismo, gêneros do discurso e multimodalidade, fundamentados principalmente nas contribuições de Mikhail Bakhtin (2011; 2016), Valentin Volóchinov (2017) e Roxane Rojo (2012; 2013). Nesse sentido, os dados preliminares evidenciam que: a) embora haja um aumento da presença de gêneros multimodais nos trabalhos acadêmicos, a abordagem pedagógica nem sempre acompanha a complexidade semiótica desses textos; b) em atividades analisadas, os elementos visuais geralmente são tratados como meros complementos ilustrativos do verbal; c) o elemento sonoro, como entonação, efeitos sonoros e pausas, quase não são explorados, chegando-se a redução do potencial dialógico dos textos. No entanto, também foram encontrados exemplos positivos de propostas que mobilizam a leitura crítica e a reflexão sobre os efeitos de sentido decorrentes da interação entre imagem, palavra e contexto de produção. Conclui-se, portanto, que a verbivocovisualidade, enquanto princípio constitutivo de muitos gêneros contemporâneos, sinaliza um avanço em relação à inclusão dos letramentos multimodais, mas revela a necessidade de implementação de propostas didáticas e formação docente mais afinadas com uma perspectiva dialógica e crítica da linguagem.

Palavras-chave: Verbivocovisualidade, Gênero Discursivo, Linguagem, Multiletramentos, Bakhtin.

Referências:
BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Trad. Paulo Bezerra São Paulo: Editora 34, 2016.
ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues. (Org). Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs. São Paulo-SP: Parábola, 2013. p. 13-36.
VOLÓCHINOV, V. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Aspectos axiológicos mobilizados em atividades de leitura e de análise linguística por professoras nortistas em formação continuada

André Felipe Pereira de Souza
Doutor em Linguística - Seduc-PA/Semed-Mãe do Rio
andresouza.cefor@escola.seduc.pa.gov.br

Ângela Francine Fuza
Doutora em Linguística- PPGLLIT-UFNT –CNPq
angelafuza@mail.uft.edu.br

Resumo: Este trabalho discute sobre a prática de leitura e de análise linguística voltadas ao ensino de língua em perspectivas interacionista e dialógica, em contexto de formação continuada de professoras nortistas, cujo objetivo é compreender como os conceitos axiológicos se configuram em proposta de leitura valorada, enquanto manifestação social do complexo mundo da linguagem. Situada no campo da Linguística Aplicada, a pesquisa se enquadra como estudo qualitativo-interpretativista de caráter colaborativo e etnográfico em contexto educacional amazônico. Nesse sentido, o aporte teórico parte dos pressupostos do Dialogismo do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2018 [1929]; 2019 [1926]; 2013 [1930]; Bakhtin, 2011 [1979]; Medviédev, 2019 [1928]) e do Interacionismo, cuja teoria linguística de base é a Linguística de Texto (Koch, 2003; Koch; Elias, 2016; Bentes, 2001; Santos; Castanheira, 2021). Os dados gerados resultaram predominantemente do curso de formação organizado a partir de vivências efetivas com as práticas de linguagem, pois as participantes foram inseridas em reflexões teórico-metodológicas para a produção de atividades de leitura, a compreender sobre os valores sociais oriundos dessa prática de linguagem. No decurso analítico, caracterizam-se os níveis de percepção axiológica presentes nas atividades produzidas. Os resultados indicam o compromisso metodológico das professoras na implementação dialógica na elaboração das atividades de leitura. No primeiro ciclo do curso, apesar das dificuldades de compreensão teórica, as professoras participaram ativamente, a perceber o potencial valorativo nas atividades em perspectiva dialógica, sobretudo, pela necessidade de ampliar as habilidades de leitura, por meio da análise dos recursos expressivos interligados ao contexto extraverbal que o conecta. No segundo e terceiro ciclos, durante a elaboração colaborativa das atividades, percebeu-se que diferentes níveis de percepção axiológica se manifestaram na leitura valorada de enunciados concretos, a constituir possibilidades de compreensão mais amplas do processo enunciativo que se estrutura no trabalho de leitura com os gêneros discursivos. Assim, defende-se a tese de que a abordagem da prática de leitura pelo viés interacionista e dialógico de linguagem permite às docentes nortistas compreensões valorativas no nível textual e discursivo.

Palavras-chave: Ensino de leitura. Formação continuada. Axiologia. Dialogismo. Interacionismo.

Referências:
BAKHTIN, M. M. Estética da Criação Verbal. Prefácio à edição francesa Tzevetan Todorov. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [1979].
SUBMISSÃO DE COMUNICAÇÃO GELLNORTE 2025
BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012. p. 245 - 287.
KOCH, I. G. V. O texto e a construção dos sentidos. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução: Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].
SANTOS, L. W. dos.; CASTANHEIRA, D. Linguística de Texto e Leitura: Propostas didáticas e reflexões para o ensino. In: ANGELO, C. M.; FUZA, A. F.; MENEGASSI, J. R. (Org.). Leitura e ensino de língua. São Carlos: Pedro & João, 2022, p. 301-330.
VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e palavra na poesia. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].
VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].
VOLÓCHINOV, V. O que é linguagem? Tradução de João Wanderley Geraldi. In: VOLÓCHINOV, V. A construção da Enunciação e Outros Ensaios. São Carlos: Pedro &João Editores, 2013 [1930], p. 131-156.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 09
DISCURSOS DO NORTE/NO NORTE/SOBRE O NORTE

Luiza Helena Oliveira da Silva
Érica de Cássia Maia Ferreira
Jacielle da Silva Santos

COMUNICAÇÕES

Análise de dissertações do PROFLETRAS da região sul e sudeste

O Rap Paraense Como Forma De Resistência Negra e Periférica: Uma Análise Sociodiscursiva de Novo Sol (Manifesto Sonoro), de Sumano

Discurso e atividade: em direção à Ergodiscursividade

A arte de Antonio Oba a luz da Análise do Discurso

Marcas discursivas de uma metáfora fundacional da região: discurso docente

A Ética da Linguagem: Uma Análise Sobre o Uso de Eufemismos em Reportagens de Criminalidade

Márcia Antonelli, escritora das ruas: erotismo e escatologia em textos marginais de ficção
Espaço e Resistência na Amazônia: Análise Semiótica da Obra *Chão de Exílio*

Arqueogenealogia do Norte: sujeitos e sentidos nas projeções midiáticas do Tocantins

VOZES, HISTÓRIAS E PERSPECTIVAS: a produção literária de mulheres no Tocantins

A *Fanfic* Sob A Perspectiva da Semiótica Discursiva: Contribuições Para A Compreensão Do Gênero, Produção e Recepção

Nem Tudo é Rio: Anotações sobre Produções Literárias no Tocantins

O imaginário construído - na vida nortista - envolto a uma parteira: rememorações à uma sujeita subjetiva e simbólica

Manifestações do tempo espiralar nos processos de identificação cultural da/na Amazônia brasileira em Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum

Uma análise do conto "o leitor do livro do apocalipse" e suas implicações para o ensino à luz das categorias enunciativas de pessoa, tempo e espaço de Fiorin

O caos, a terra e o cosmos: o eixo transdutivo entre o ritornelo estético e a Semântica

O som do Bico do Papagaio: análise semiótica da literatura produzida no extremo norte do Tocantins

Análise documental da reforma do ensino médio paraense: Para onde caminha o trabalho docente

Narrativas de memória do norte: a tônica do acontecimento

Narrativas da/na região Tocantina: Na foz, a enunciação de outra margem da história

Literatura tocantinense: tensões, resistências e produção de saberes nos territórios insurgentes

Outras Escritas Sobre a Amazônia: Entre Rupturas Epistemológicas e Desconstruções Discursivas

Said Moreira de Araujo Vieira
Graduando em Letras UFNT
e-mail: Said.vieira@ufnt.edu.br

Emylle Rayanne Sousa de Jesus
Graduanda em Letras - UFNT
e-mail: Emylle.jesus@ufnt.edu.br

Resumo: Este trabalho está vinculado à pesquisa que desenvolvemos no Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Norte do Tocantins, com bolsas CNPq e FAPT. O objetivo geral da pesquisa é investigar a percepção dos docentes-pesquisadores acerca do espaço escola, compreendido como actante nas narrativas que envolvem o ensino-aprendizagem. O corpus é constituído por dissertações do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, PROFLETRAS, que compreende até o momento 42 universidades com oferta de 49 unidades. As dissertações focam no ensino de língua e/ou literatura na educação básica. Essas dissertações são desenvolvidas por docentes de escolas públicas de diferentes localidades do país e que, relatando a pesquisa-ação empreendida, informam sobre a escola em que atuam. Para este trabalho são analisadas dissertações de unidades dos estados do Sul e Sudeste. A pesquisa se fundamenta principalmente na semiótica discursiva. Partindo do conceito de figuratividade, relativo ao nível discursivo, mobiliza também categorias relativas ao nível narrativo, do que emerge que a escola deva ser compreendida como espaço utópico, onde se realizam as performances dos actantes postos em interação: destinador professor; destinatários estudantes. Além disso, observam-se elementos que remetem ao espaço englobante, aquele externo à escola, espaço heterotópico, que pode desempenhar um papel decisivo sobre o ser e o fazer relativos aos sujeitos e às práticas pedagógicas. São esses os principais aspectos que orientam a perspectiva de nosso trabalho. Concebemos, desse modo, a escola a partir do conceito de território, analisando as escolhas figurativas do enunciador que concorrem para considerar os aspectos dinâmicos das relações entre sujeitos-espaço e entre espaço-espaço. Considerando que as escolhas enunciativas são influenciadas pelos aspectos ideológicos no qual o enunciador está inserido, e percebendo como o espaço é também meio de disputas políticas. O trabalho buscou compreender como o território (dando foco para o território e os sujeitos marginalizados) acaba por inserir uma ideologia que interfere no ensino-aprendizagem de língua e literatura em diversos ambientes socio-educativos.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica do espaço; Imagens de escolas; Narratividade.

Referências:
BARROS, D. L. P. Teoria semiótica do texto. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
BERTRAND, D. Caminhos da semiótica literária. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
GREIMAS, A. J. Maupassant- la sémiotique du texte: exercices pratiques. Paris: Editions du Seuil, 1976.

O Rap Paraense Como Forma De Resistência Negra e Periférica: Uma Análise Sociodiscursiva de Novo Sol (Manifesto Sonoro), de Sumano

Madson Costa Dias
Graduando em Letras – Língua Portuguesa – UFPA
madson.dias@abaetetuba.ufpa.br

Camille Cardoso Miranda
(orientadora – UFPA)
camillecmiranda@ufpa.br

Resumo: Este trabalho efetua uma análise sociodiscursiva do rap paraense Novo Sol (Manifesto Sonoro), de Sumano, atentando para a polifonia de uma concepção Bakthiniana e a interdiscursividade presentes na letra, bem como a importância deste estilo musical no que se refere à construção e defesa da identidade amazônida na contemporaneidade. A pesquisa busca observar os recursos discursivos dos quais o autor se mune para fazer de sua arte uma forma de resistência negra e periférica na Amazônia e, concomitantemente, despertar nos interlocutores a noção de pertencimento às próprias realidades (cf. Hall, 2006), atravessado em memórias discursivas que se evidenciam no corpo do rap (cf. Foucault, 2008), trazendo visibilidade àqueles que são invisibilizados e voz aos que são silenciados. Assim, por meio de uma abordagem interpretativa e analítica, o estudo examina a letra de Novo Sol em busca das múltiplas vozes que a compõem, bem como da intencionalidade que permeia suas escolhas linguísticas. Desse modo, foi-nos possível perceber que o rap paraense é marcado por interdiscursividade, intencionalidade e polifonia, conversando diretamente com a realidade daqueles que são tidos como invisíveis aos olhos da elite, mantendo, portanto sua essência viva e estável, mesmo que tão distante de seu local de origem (cf. Silva, 1999). Por conseguinte, vemos que Sumano se vale de diversos recursos discursivos como a metáfora, ironia, linguagem informal, postura vocal, entre outros, para que, de forma proposital, se aproxime do seu público-alvo, levando tais indivíduos à plena compreensão da mensagem que o manifesto sonoro quer passar. Ademais é igualmente notório, a partir da análise, que essa forma de arte proporciona a afirmação e a valorização da identidade amazônida, funcionando como forma de luta e resistência contra estereótipos e preconceitos. Portanto, este trabalho destaca a essencialidade de despirmo-nos de conceitos coloniais e reconhecermos o potencial de nossas artes, a saber o rap, como instrumentos de construção e manutenção perpétuas da visibilidade e das vozes dos homens e mulheres negros e periféricos que, a todo custo, que tentam ser silenciados por uma relação de poder e encontram no rap sua resistência amazônida.

Palavras-chave: Rap Paraense, Identidade, Interdiscurso, Resistência Negra, Arte Amazônida.

Referências:
BAKTHIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: HUCITEC, 2006.
FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
SILVA, José Carlos Gomes da. Hip-Hop e a construção de identidade: o rap como contra-narrativa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 1999, Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 1999. Disponível em: <https://clik.now/PVlj>. Acesso em: 10/04/2025.
SUMANO. Novo Sol (Manifesto Sonoro). Genius. Disponível em <https://l1nq.com/T8C4b>. Acesso em 24/10/2024.

Fátima Cristina da Costa Pessoa
Doutora em Estudos Linguísticos – PPGL UFPA
fpessoa@ufpa.br

Erica de Sousa Wanzerlei
Graduanda em Letras – FALE UFPA
ericawanzerlei@gmail.com

Resumo: A interface entre os estudos da linguagem e os estudos do trabalho tem sido um lócus de pesquisas que já resultaram em uma produção científica significativa na área dos estudos linguísticos no Brasil. Souza-e-Silva (2001) afirma que a Linguística é uma das disciplinas convocadas a pensar o trabalho. Esse investimento científico tem sido sustentado predominantemente por postulados discursivos para a abordagem dos fenômenos da linguagem (Maingueneau, 1997, 2008, 2015) e postulados ergológicos para a abordagem dos fenômenos laborais (Schwartz; Durrive, 2010, 2015). Pessoa e Moreira (2016, p. 13) defendem que entre a Análise do Discurso e a Ergologia há uma intersecção que assim se define: "... a AD, para compreender o funcionamento enunciativo-discursivo, expande seus limites de investigação, confrontando a superfície textual com a ordem institucional que permite a sua emergência; a Ergologia, para compreender o funcionamento da atividade de trabalho, expande seus limites de investigação, confrontando a ação observável do sujeito do trabalho na ordem institucional da qual faz parte com a ordem do dizer o/no trabalho, que a reconstrói discursivamente.". O aprofundamento dessas pesquisas tem apontado para um lugar de entremeio, conforme denominado por Orlandi (2011), em que a intersecção dos diferentes postulados teóricos implica deslocamentos para todas as abordagens envolvidas. É sobre essa intersecção que este trabalho se debruça, pensando a possibilidade de se defender a proposição de uma abordagem ergodiscursiva para os estudos que se situam na interface entre os estudos da linguagem e os estudos do trabalho. Parte-se da discussão sobre a contribuição de cada um desses quadros teóricos para as pesquisas já realizadas, sobre os limites que essa articulação precisou enfrentar e sobre as possibilidades de transcendê-los. A realização desses passos considera também os dados constituídos no bojo de uma pesquisa sobre o trabalho docente, na qual professores e professoras da Educação Básica e da Educação Superior dialogam sobre a sua inserção profissional nas instituições de ensino. Propõe-se, portanto, um trabalho que debruça-se sobre a atividade da pesquisa, apontando para o potencial das contribuições ao campo teórico que podem possibilitar.

Palavras-chave: Discurso, Atividade, Ergodiscursividade.

Referências:

Maingueneau, Dominique. Novas tendências em Análise do Discurso. 3ª ed. Tradução Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1997.
Maingueneau, Dominique. Gênese dos discursos. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
Maingueneau, Dominique. Discurso e análise do discurso. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
Pessoa, Fátima; Moreira, Hélio. A enunciação nos contextos de trabalho: traços de uma ordem técnica e política. In: Lingüística. Vol. 32-2, dezembro de 2016, 9-24.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 6ª ed. São Paulo: Pontes, 2011.
Schwartz, Y.; Durrive, L. (Orgs.). Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010.
Schwartz, Y.; Durrive, L. (Orgs.). Trabalho e ergologia II: diálogos sobre a atividade humana. Tradução de Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.
Souza-e-Silva, Maria Cecília Pérez de. Estudos enunciativos: atividades de linguagem em situação de trabalho. In: BRAIT, Beth (Org.). Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas. Campinas,

SP: Pontes: São Paulo: FAPESP, 2001.

A arte de Antonio Oba a luz da Análise do Discurso

Érica Jéssica F. C Guimarães
Mestranda PPGLIT - UFNT
ericajessicaguimaraes@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a pintura *O Trampolim*, do artista contemporâneo brasileiro Antônio Obá, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso (AD). A obra, integrante da série *Banhistas*, articula elementos da tradição artística europeia e fatos históricos de segregação racial, como o episódio ocorrido em 1964, na Flórida (EUA), no qual pessoas negras foram impedidas de frequentar espaços de lazer. Por meio dessa articulação, Obá reposiciona esteticamente e discursivamente a experiência negra, deslocando narrativas coloniais e eurocêntricas. A AD, fundamentada em autores como Michel Pêcheux, Foucault e Courtine, considera a linguagem como prática social atravessada por ideologias. Nesse sentido, conceitos como discurso, interdiscurso, memória discursiva e pré-construído possibilitam compreender a pintura não apenas como imagem estética, mas como materialidade que produz sentidos, reinscreve memórias históricas e questiona estruturas de poder. A obra de Obá, assim, funciona como espaço de interdiscursividade, no qual a memória da escravidão e das lutas afrodescendentes se articula com a resistência negra no presente. A análise da pintura revela marcas simbólicas que tensionam o olhar do espectador: o corpo negro em posição de salto sugere movimento e superação, mas sua sombra distorcida e as marcas de luz em suas costas evocam cicatrizes da violência escravocrata. O título da obra, por sua vez, permite múltiplas leituras: como ponto de partida, impulso para ascensão ou metáfora para a luta por igualdade racial. Ao reinscrever memórias coletivas, a pintura evidencia o caráter dinâmico da memória discursiva, que repete sentidos, mas também os desloca, abrindo espaço para práticas contra-coloniais (SANTOS, 2015). Essa perspectiva conecta-se à Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, ressaltando o papel da arte como instrumento pedagógico e político. Ao legitimar discursos de resistência e valorizar estéticas afrodescendentes, a obra de Obá contribui para a construção de práticas educacionais antirracistas. Conclui-se que O Trampolim é mais do que uma representação visual: é um espaço discursivo em que se entrelaçam memória, identidade e resistência. Por meio da AD, torna-se possível evidenciar como a arte afro-brasileira contemporânea desafia silenciamentos históricos e reafirma a centralidade da experiência negra na cultura brasileira. Dessa forma, a pintura de Obá atua como "trampolim" simbólico, impulsionando deslocamentos discursivos e fortalecendo a luta por reconhecimento e igualdade.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Arte afro-brasileira; Memória; Resistência; Antônio Obá.

Referências:

CAMPOS, Luciene Jung de. Imagens à Deriva: interlocuções entre arte, psicanálise e a análise do discurso. 2010. 157 f. tese (doutorado em estudos da linguagem, especialidades de teorias do texto e do discurso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
PÊCHEUX, Michel. Semantica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Tradução Eni Orlandi [et al] 3.ed. Campinas: UNICAMP, 1997b) PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. E. Orlandi et al. 4.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.
SILVA, Jane Quintiliano G. Interdiscursividade. UFMG. Disponível em: Interdiscursividade Glossário Ceale (ufmg.br). acesso em:20 de abr. 2024.
Courtine, J.-J. (1981). Analyse du discours politique. Langages.
Foucault, M. (1972). The Archaeology of Knowledge. Pantheon Books.
Pêcheux, M. (1997). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Da Unicamp.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e ideologia. 1º ed. Ática, 2011.
INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). Práticas Discursivas e Identitárias. Sujeito & Língua. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaios, 22).
INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). Memória e história na/da análise do discurso. Campinas, Mercado de Letras, 2011.

Marcas discursivas de uma metáfora fundacional da região: discurso docente

Hildete Pereira dos Anjos
Doutora em Educação – PSTSA - Unifesspa
dosanjoshildete@gmail.com

Resumo: Este trabalho aborda aspectos dos enfrentamentos presentes na produção de um discurso fundador sobre a região sul e sudeste do Pará, destacando marcas discursivas em narrativas docentes que poderiam vir a constituir uma metáfora fundacional. O corpus se compõe de histórias de vida de professores da rede pública cuja formação se deu na década de 1990, nas quais foram analisadas marcas discursivas que relacionavam território, migração e educação, categorizando tais marcas dentro dos limites da produção de uma identidade do magistério local em formação. Nas metáforas de fundação da região presentes em tais narrativas, o *tropos* discursivo não se baseia no deslocamento dos migrantes que viriam a se tornar professores e sim na sobrevivência no novo território, no enfrentamento da violência, que marcava esses momentos fundadores. O que fazia sentido, para as famílias pobres que ocupavam a região (as quais pertenciam os docentes), era produzir o próprio lugar, deixando de buscar lugares idealizados. A produção do território se configurava como a produção dos modos de viver nesse território; os modos de viver eram produzidos nas relações concretas e dentro das condições de possibilidade imediatas. Dessa maneira, a profissão docente foi se constituindo: nas margens, nas brechas e nos entrelugares da dinâmica territorial de ocupação da região. Tomando como ponto de partida que a produção alternativa de um discurso fundador precisaria enfrentar as narrativas dominantes, substituir a narrativa da falta pela narrativa da presença parece uma estratégia discursiva promissora. O vazio de gente e de cultura deveria ser negado pelo protagonismo dos "chegantes" das classes populares, mas também pela reafirmação da existência e da cultura dos povos originários; a ausência do Estado na formulação e garantia de direitos dos grupos vencidos precisava ser retomada como presença vinculada aos grupos dominantes; a produção de resistência passava a ser tematizada como outro lado da moeda desse suposto vazio estatal. Desse modo, enfrentar o mito do vazio a ser preenchido pelo progresso exigiria a produção de um discurso fundador em que a resistência, mais do que tematizada, fosse erigida como metáfora central da autorrepresentação dos povos da região.

Palavras-chave: Identidade, Narrativas, Discurso fundador, Discurso docente, Educação.

Referências:

FONTANA, M. G. Z. Sonhando a pátria: os fundamentos de repetidas fundações. In: Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993, p. 127-150.
HÉBETTE, Jean. Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia. Belém: Edufpa, 2004
MARQUES, Cláudio Elias; ANJOS, Hildete Pereira dos. Formação docente no Projeto LOGOS II: memórias discursivas e identidades do magistério. In: Anais 9º Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (Coninter), 2020, Campos dos Goytacazes, RJ, Uenf, 2020. p. 1-18.

OLIVEIRA, João Pacheco de O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. Vão surgindo sentidos. In: Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993, p. 11-26.
PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et. al. Papel da memória. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49-71.

A Ética da Linguagem: Uma Análise Sobre o Uso de Eufemismos em Reportagens de Criminalidade

Dhaphynne Cristynna dos Santos de Negreiros
Graduanda em Letras – IFTO, Campus Palmas
dhaphynne.negreiros@estudante.ifto.edu.br

Resumo: Este estudo investiga de que maneira os eufemismos empregados em matérias jornalísticas influenciam a percepção social, especialmente em coberturas de operações policiais. A questão central que orienta a análise é: como o uso de eufemismos em reportagens pode induzir à estigmatização do crime e de seus agentes? A pesquisa parte da concepção de que a linguagem não é neutra - Kerbrat-Orecchioni, (2006), mas atravessada por intencionalidade discursiva. O eufemismo é compreendido como a substituição de termos diretos por expressões mais brandas, seja para suavizar o impacto da mensagem, seja para manipular a percepção social. No campo jornalístico, tal recurso pode tanto evitar o sensacionalismo quanto mascarar a gravidade dos fatos, influenciando a recepção da notícia. Como destaca Bourdieu (1997), a linguagem constitui-se como instrumento de poder, capaz de legitimar ou contestar estruturas sociais. O corpus do estudo foi constituído a partir da cobertura da operação policial do Jacarezinho (Rio de Janeiro, maio de 2021), considerada a mais letal da história do estado, resultando em 29 mortos. Foram analisadas reportagens publicadas no G1, CNN e Brasil de Fato, observando-se o uso de expressões como “confronto”, “operação” e “suspeito neutralizado”, que tendem a atenuar a violência, enquanto outras escolhas lexicais reforçam estigmas sobre moradores de comunidades periféricas. A análise fundamenta-se nos pressupostos da Análise do Discurso, em diálogo com Pêcheux (1990), Orlandi (2000) e Fairclough (2001), além de Van Dijk (2008), que enfatiza o papel da mídia na manutenção das hierarquias sociais. Os resultados indicam que a escolha lexical nos veículos jornalísticos não é aleatória, mas orientada por relações de poder e interesses institucionais. Constatou-se que, quando a violência é praticada por agentes do Estado, prevalecem eufemismos que legitimam a ação estatal, como “operação coordenada” ou “ação estratégica”. Em contrapartida, quando atribuída a indivíduos de classes populares, a violência é intensificada por termos como “bandido”, “traficante” e “violência armada”, reforçando a criminalização desses grupos sociais. Conclui-se que a ética da linguagem jornalística deve ser compreendida como compromisso com a transparência e a responsabilidade social da mídia. Embora o eufemismo seja um recurso inerente ao funcionamento da língua, seu uso não deve encobrir a gravidade de atos violentos nem reduzir a responsabilização de seus agentes. Assim, este trabalho evidencia como a linguagem jornalística, atravessada por ideologias, atua como ferramenta de poder na construção da percepção social sobre criminalidade.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Eufemismo; Linguagem Jornalística; Criminalidade; Ética da Linguagem; Poder Simbólico.

Referências:

Bourdieu, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
CNN BRASIL. Operação no Jacarezinho tem recorde de mortes em ação oficial da Polícia Militar. 6 maio 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/operacao-no-jacarezinho-tem-recorde-de-mortes-em-acao-oficial-da-policia-militar/. Acesso em: 14 fev. 2025.

G1. Tiroteio deixa feridos no Jacarezinho. 6 maio 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/tiroteio-deixa-feridos-no-jacarezinho.ghtml. Acesso em: 14 fev. 2025.
Fairclough, N. Discurso e mudança social. Coord. trad. rev. técnica e pref. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
Kerbrat-Orecchioni, Catherine. Análise da conversação: princípios e métodos. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.
Marcuschi, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A. P.; Machado, A. R.; Bezerra, M. A. (Orgs.). Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
ORLANDI, Eni P. Analise de discurso: princípios e procedimentos. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2000. 100 p.
Pêcheux, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes Editores, 1990.
Van Dijk, Teun A. Discurso e poder. São Paulo: Contexto, 2008.

Márcia Antonelli, escritora das ruas: erotismo e escatologia em textos marginais de ficção

Teresa Maciel Ferreira
Mestranda do PPGLA-UEA
teresamacielferreira@gmail.com

Allison Marcos Leão da Silva
Doutor em Literatura – PPGLA-UEA
allisonleao@uea.edu.br

Resumo: Esta pesquisa compreende a produção ficcional de Márcia Antonelli, escritora cuja excentricidade explora o erotismo e suas interdições, aliando-se ao grotesco e ao escatológico, de modo a desafiar convenções morais e estéticas. A abjeção, a obscenidade e a violência ganham, pois, espaço em suas criações literárias. Discorremos sobre problemáticas próprias à inclusão ou exclusão no cânone literário, de modo a abordar, no decorrer dos estudos voltados à trajetória literária e histórica da autora, um movimento artístico-literário a ela correlato, passeando por antigas e novas formas de expressão e mencionando a rede de conexões que se estabeleceu entre escritores pertencentes ou não ao mesmo nicho artístico. Em tratamento do caráter de marginalidade que comumente se impõe à autora e seus textos e que, apesar disso, é fator de autodenominação, buscamos razões que corroborem a hipótese de que Antonelli é associada à repulsa e à desdita, por intermédio da premissa de maldição atribuída a determinados escritores e artistas, a qual se estende às representações ficcionais. Além disso, traçamos a trajetória literária da autora e tecemos considerações sobre a constituição de seu meio e as relações com o mercado editorial e suas dinâmicas de exclusão, comparando-as a margens alternativas de produção literária, localmente. Aqui, esboçamos conceitos de Georges Bataille (1987, 2017, 2023a, 2023b), Linda Hutcheon (1991), Umberto Eco (1994, 2022), Carlo Ginzburg (1989), Julia Kristeva (1980), Judith Butler (2018), Dominique Maingueneau (2010), entre outros, para fazer surgir, ademais, interpretações literárias concernentes à obra individual da autora. O intuito geral é contextualizar a existência artística de Antonelli, que está sempre conectada às ruas de Manaus, em especial aos espaços de boemia, onde surgem personagens insólitas a serem transfiguradas.

Palavras-chave: Márcia Antonelli; literatura; erotismo; escatologia; marginalidade.

Referências:
BATAILLE, Georges. A literatura e o mal. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
BATAILLE, Georges. A parte maldita. Precedida de “A noção de dispêndio”. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023a.

BATAILLE, Georges. O erotismo. Tradução de Fernando Scheibe. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023b.
BATAILLE, Georges. O erotismo. Tradução de Antonio Carlos Viana. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.
BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um Paradigma Indiciário". Mitos, emblemas, sinais. 2. ed. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Espaço e Resistência na Amazônia: Análise Semiótica da Obra *Chão de Exílio*

Wiliana Carneiro Carvalho
Doutoranda do PPGLLIT-UFNT
cc.wiliana@gmail.com

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise semiótica da forma como o espaço é percebido e enunciado na obra *Chão de exílio*, de Wanda Monteiro (2021). O impacto do regime totalitário instaurado em 1964 na vida da autora está diretamente relacionado à perseguição política sofrida por seu pai, Benedicto Monteiro, que foi torturado, preso e exilado na cidade de Belém durante a década de 1970. As tensões decorrentes desse contexto são narrativizadas por um sujeito que vivencia a repressão militar, a violência, as invasões na casa da família, a tortura e o medo. Essa experiência ocorre na cidade de Alenquer, localizada na região ribeirinha do Baixo Amazonas, estado do Pará. Nesse viés, pensar o espaço sob a perspectiva de um enunciador/observador implica considerar a maneira como um corpo sente e reage ao universo que o cerca, atribuindo-lhe sentidos e valores, como afirmam Silva e Araújo (2024). Em *Chão de exílio*, a personagem Luiza, sujeito de estado, não compartilha dos mesmos valores e crenças que o sujeito do poder fazer — os militares —, posicionando-se, assim, em lados antagônicos. Tal oposição revela condições distintas de relação com o espaço amazônico. O livro aborda a ditadura militar a partir de uma perspectiva nortista, uma voz que ecoa do Norte do país — tema ainda pouco explorado nas escolas de educação básica, sejam públicas ou privadas. Com exceção dos livros didáticos de História, que tendem a reproduzir a narrativa da história oficial, observa-se a ausência de obras literárias no ambiente escolar que ofereçam contrapontos a essa versão dominante. Essa lacuna fortalece o discurso oficial e confirma a persistência de estratégias de silenciamento sobre o período, uma vez que, por trás de toda forma de resistência, existem formas de vida em luta por liberdade de existência. É na dinâmica das lutas e nos enfrentamentos que os sujeitos reelaboram suas práticas (Silva; Araújo, 2024). O texto analisado explicita a performance realizada pelo sujeito de estado no espaço utópico (Greimas, 1976), o chão do exílio, a construção de sentidos dentro desse espaço, a Amazônia Oriental, que na época vivia o povoamento da região como plano do governo militar. Dessa forma, narrar constitui uma opção política, necessária como arma à luta contra o silenciamento e o negacionismo, que interessam, sobretudo, aos que querem de novo enfraquecer a democracia e elegem como heróis golpistas e torturadores (Reis; Silva, 2021, p. 15). A problemática do espaço, neste estudo, será analisada com base na semiótica discursiva, conforme os aportes teóricos de Fontanille (2014), Bertrand (2003) e Hammad (2016).

Palavras-chave: Espaço Amazônico; Espaço e sentido; Semiótica discursiva; Exílio.

Referências:
BERTRAND, D. Caminhos da semiótica literária. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
Espaço e sentido: análise semiótica de dissertações de mestrado profissional em Letras. Revista

Heterotópica, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 68–93, 2024. DOI: 10.14393/HTP-v6n1-2024-72741. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/72741. Acesso em: 31 jul.2025.
GREIMAS, A. J. Maupassant - la sémiotique du texte : exercices pratiques. Paris: Editions du Seuil, 1976.
HAMMAD, M. et al. O espaço do seminário. EntreLetras (Araguaína), v. 7, n. 2, p. 28-59, 2016.
SILVA, Luiza Helena Oliveira da. REIS, Niane Silva. Narrativas de mulheres camponesas no Araguaia: acontecimento e memória. Revista Rascunhos Culturais, Coxim/MS, v.12, n.23, p. 8 – 28, jan./jun. 2021

Arqueogenealogia do Norte: sujeitos e sentidos nas projeções midiáticas do Tocantins

Damião Francisco Boucher
Doutorando do PPGL - UFT
boucherplace@gmail.com

Thiago Barbosa Soares
Doutor em Linguística – PPGL-UFT
boucherplace@gmail.com

Resumo: A reflexão proposta por Michel Foucault (1999), em sua obra As palavras e as coisas, sobretudo no tocante às utopias e às heterotopias, assim como a menção à natureza potencial, material e recursiva das "fábulas e dos discursos", possibilita-nos, dentre tantas outras coisas, compreender melhor a ordem invisível que determina o funcionamento das cidades. Essa ordem quase imperceptível, a qual Ítalo Calvino (1990) descreve em seu romance As cidades invisíveis, é responsável pela organização social, determina o modelo de cada sistema (educacional, de transporte, religioso, de saúde etc.) e até mesmo daquilo que pode ou não ser dito sobre esses modelos. Nesse direcionamento, memórias, palavras e coisas, são atuais e relevantes, especialmente no campo da Linguística e das ciências humanas. Nessa propositura, reflexiva, analisa-se uma das várias redes de dizeres sobre o Norte, especialmente acerca dos espaços urbanos tocantinenses, a saber, o Aeroporto Brigadeiro Lysias Rodrigues e a Estação de ônibus Apinajé. Para tal empreendimento, utiliza-se a Análise Arqueogenealógica do Discurso, especificamente os operadores interpretativos enunciado, formação discursiva, dispositivo e episteme. O corpus deste estudo é composto por duas notícias, uma veiculada no Portal da Infraero (2016) e a outra no Portal O Coletivo (2012). Ao final desse percurso, como resultado, espera-se compreender o cingir dessas redes midiáticas, enquanto dispositivos de poder que projeta e sustenta a episteme da espacialidade. Esta que, em certa medida, determina os sentidos e os sujeitos respectivamente, estabelecendo uma ordem quase imperceptível que determina também o funcionamento dos espaços urbanos.

Palavras-chave: Discurso do Norte; espacialidades; Tocantins.

VOZES, HISTÓRIAS E PERSPECTIVAS: a produção literária de mulheres no Tocantins

Érica de Cássia Maia Ferreira
Doutora em Linguística e Literatura – PIPD/PPGLLIT
Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT
ericadecassia_maia@hotmail.com

Resumo: Este é um estudo sobre experiências e perspectivas de mulheres-escritoras residentes no estado do Tocantins. Trata-se de um estudo interdisciplinar de natureza qualitativa, com caráter participativo, fundamentado no paradigma interpretativista, cujo objetivo é dar visibilidade, reconhecimento social, cultural e político às narrativas dessas mulheres por meio da escuta atenta e da valorização de suas trajetórias e produções literárias. A metodologia adotada articula os princípios da pesquisa participante com os procedimentos da História Oral, permitindo o levantamento de dados (auto)biográficos e de produções escritas das entrevistadas. Vale destacar que a proposta em questão se caracteriza como um estudo em andamento que pretende realizar dez (10) entrevistas que deverão ser gravadas em áudio e vídeo, cuja transcrição e análise estarão organizadas, inicialmente, em torno de quatro categorias principais: (i) percurso de vida (migração, formação, trabalho etc.); (ii) produção e condições de produção; (iii) circulação da produção; e (iv) temáticas abordadas nas obras. Essa abordagem busca reconhecer que a escrita dessas mulheres constitui uma prática significativa, capaz de expressar experiências subjetivas, sociais e políticas, além de contribuir para a construção de memórias e identidades locais. Além da etapa empírica, pretende-se realizar estudos teóricos no campo das teorias linguísticas, tendo a Semiótica Discursiva de linha francesa como teoria de análise, uma vez que possibilita compreender os sentidos construídos nos textos das autoras, bem como os modos de organização do discurso e os efeitos de sentido advindos de suas produções. A seleção das participantes tem considerado tanto a análise da produção e circulação da obra de mulheres-escritoras que ocupam determinado lugar de poder, quanto mulheres-escritoras invisibilizadas ou pouca visibilidade ou circulação. Ao reconhecer as mulheres-escritoras como um grupo relevante e representativo, o estudo tem a possibilidade de contribuir para dar visibilidade às suas histórias, às suas estratégias de resistência e afirmação, e à força simbólica de suas produções. Suas narrativas e obras carregam mensagens potentes e sensíveis que dialogam com aspectos culturais, políticos e sociais importantes para a história da literatura regional e nacional, bem como para a comunidade tocantinense de forma geral. Considera-se que este estudo permitirá não só identificar padrões e tendências na obra dessas mulheres-escritoras que residem no Tocantins, mas aspectos de regionalidade – entendido aqui como ambientação regional que "rompe com as fronteiras das características regionais, em termos literais" (Brandão e Costa, 2016). Assim sendo, crê-se que o estudo poderá colaborar para a apreensão da cultura e da sociedade local, sobretudo, para mais visibilidade e reconhecimento das mulheres-escritoras, além de subsidiar possíveis políticas públicas de fomento à literatura e à cultura no Tocantins.

Palavras-chave: mulheres-escritoras. (Auto)biografias. Literatura no Tocantins. Semiótica Discursiva.

Referências:

BERTRAND, Denis. Caminhos da semiótica literária. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social. São Paulo: Ateliê Editoria, 2003.

BRANDÃO, Eli; COSTA, P. V. V. Dantas e Hatoum: regionalismos e regionalidades na literatura brasileira contemporânea. In: XV Encontro ABRALIC, 2016, Rio de Janeiro. Anais do XV ENCONTRO ABRALIC, 2016.

FEDERICI, Silvia. O feminismo e a política dos comuns. In: LODRE, Audre [et al] (org.). Pensamentos feministas: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 379-394.

FIORIN, José Luiz. Semiótica das Paixões: o ressentimento. Alfa, São Paulo, 51 (1): 9-22, 2007.

FONTANILLE, Jacques. Semiótica do discurso. Trad: Jean Cristus Portela. 2. ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

GAGNEBIN, Jean Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo, Editoria 34, 2009.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. Revista Etnográfica [Online], vol. 10, 2006.

GREIMAS, A.J; COURTÉS, J. Dicionário de semiótica. São Paulo: Contexto, 2008.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. Trad. Malvina do Amaral Dorneles. Revista

Educação e Realidade, jul/dez, 2003, p. 101-115.
LANDOWSKI, E. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. Galáxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 10-20, jun. 2014. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014119609. Acesso em 28 fev. 2022.
PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. Tradução: Ricardo Santhiago. Coleção Ideias. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
RAMOS JUNIOR, Dernival Venâncio. Desencobrir o sul, desfetichizar o pensamento. Revista ENTRELETRAS (Araguaína), v. 11, n. 2, mai./ago. 2020. (ISSN 2179-3948 – online).
SILVA, Luiza Helena de Oliveira. O passado que se faz presença: uma leitura de meu primeiro picolé, de José Francisco da Silva Concesso. Revista Entreletras, UFT, n. 2, 2011 (I ISSN 2179-3948).
THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

A *Fanfic* Sob A Perspectiva Da Semiótica Discursiva: Contribuições Para A Compreensão Do Gênero, Produção E Recepção

Letícia Cardoso Leal
Doutoranda do PPGLLIT - UFNT
leticia.leal@ufnt.edu.br

Resumo: Esta dissertação tem como objetivo analisar a *fanfiction Afterlife*, publicada na plataforma Wattpad, à luz da semiótica discursiva. A investigação parte do pressuposto de que a *fanfic*, enquanto prática literária da cultura digital, constitui um espaço de experimentação estética, de participação afetiva e de negociação de sentidos entre leitores-autores. O estudo articula a análise semiótica ao fenômeno da escrita colaborativa, com ênfase nos níveis narrativo e discursivo do percurso gerativo do sentido. A metodologia adotada é qualitativa, de base interpretativa, com análise textual apoiada em categorias da semiótica, como papéis actanciais, modalizações, debreagens, tematização e figurativização. A pesquisa dialoga com os estudos de Greimas e Courtés (2008), Fiorin (2016), Bertrand (2003) e Barros (2005), entre outros autores. O corpus é examinado a partir de sua estrutura enunciativa e dos modos de construção dos afetos, considerando ainda os recursos multimodais incorporados ao texto, como imagens de atrizes, trechos de músicas e referências intertextuais à cultura pop contemporânea. A análise levou à formulação do subgênero *pink fanfic*, entendido como uma atualização do romance cor-de-rosa adaptada à linguagem da cultura digital e aos valores da juventude conectada. Nos capítulos de *Afterlife*, observam-se movimentos de tematização do desejo, da interdição social e da busca por reconhecimento, tensionando convenções do gênero romântico tradicional com novas formas de subjetivação e pertencimento. Como principais resultados, identificou-se que a *fanfiction* opera como forma literária legítima no contexto contemporâneo, especialmente por sua capacidade de articular autoria juvenil, afetos e engajamento. O trabalho evidencia ainda como a linguagem *fanfiqueira* se apropria de estruturas clássicas da narrativa para reinscrevê-las em novos horizontes de sentido, nos quais o leitor também assume o papel de autor e crítico. Conclui-se que a fanfic é um fenômeno discursivo potente, que revela modos de ler, escrever e pertencer em meio à dinâmica interativa da cultura digital.

Palavras-chave: autoria; fanfiction; pink fanfic; cultura digital; interação leitor-autor.

Referências:
BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2005.
BERTRAND, Denis. Caminhos da semiótica literária. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. Dicionário de semiótica. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.
JENKINS, Henry. Fans, Bloggers, and Gamers: Media Consumers in a Digital Age. Nova York: NYU Press, 2006.
LILI, Mrs. Afterlife - Katelena. Wattpad, 2018. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/299630067>. Acesso em: 21 jun. 2024

Nem Tudo é Rio: Anotações sobre Produções Literárias no Tocantins

Luiza Helena Oliveira da Silva
Doutora em Letras
luiza.silva@ufnt.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta proposições sobre a literatura produzida por autores que nasceram e/ou vivem no Tocantins e que tratam de questões relativas ao território, mais precisamente, trazendo a temática da violência. Fundamentado na semiótica discursiva e suas teorizações sobre o espaço, traça paralelos que permitem identificar recorrências, na direção do que se pode compreender como uma forte tendência para o regionalismo acrítico, na medida em que figurativizações dos sujeitos e lugares deixa de levar em conta condicionantes sociais, políticos e econômicos, concorrendo para naturalizar um estado de coisas e silenciar certas direções de sentido. Ao mesmo tempo, o trabalho sinaliza para especificidades que dizem respeito a produções literárias do estado, considerando que pesquisas e coletâneas acadêmicas que tratam da literatura da região Norte ainda ignoram o que se escreve e circula no Tocantins, sem incorporar o cerrado à paisagem do Norte. Além de reportar a produções críticas sobre a literatura da região, são analisados o romance *Dora Dores*, de Lita Maria, e os livros de contos *O velório de mais de 20 anos*, de jjLeandro, e *Consternação*, de Jadson Barros Neves. Defende-se aqui a impossibilidade de tratar da literatura do/no Norte no singular ou como se um ou outro estado pudesse representar a região inteira. O ideal de unidade caminha no sentido de apagamento das diferenças e da heterogeneidade, ignorando tensões e assimetrias, favorecendo estereótipos e simplificações. Nessa perspectiva, as leituras críticas devem fugir a simplificações apressadas e certezas já construídas a respeito de movimentos, das temáticas, das estéticas, dos caminhos trilhados. Por fim, compreende que, ainda que a ideia de uma "identidade" sirva a propósitos de resistência cultural e política, também concorre para reiterar um exotismo, que serve tão bem ao olhar do "estrangeiro", sendo este qualquer um que, sob a perspectiva enunciativa, enuncie sobre e/ou a partir de um "não-aqui".

Palavras-chave: Regionalismo no Tocantins; Literatura no Norte; Território; Lugar; Semiótica Discursiva

O imaginário construído - na vida nortista - envolto a uma parteira: rememorações à uma sujeita subjetiva e simbólica

Cássia Silva dos Santos
Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade - Ppgli/Ufac
cassiasvn@gmail.com

Resumo: Este trabalho surge como composição da tese de doutorado - em andamento - no curso de Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, no qual dialogo com algumas figuras representativas do lugar ao qual pertenço enquanto sujeita-ajudada e ainda, ouvinte de histórias. O recorte aqui, se faz mediante uma postura política e portanto de resistência: estudar com foco à temática, do/no local. Esta escolha não é inocente e tampouco delimitada por se tratar apenas do

local de onde falo e revivo, - e que por este fator daria conta de cumprir exitosamente, por uma falsa ideia de ter propriedade sobre o assunto, à proposta de temas locais/das margens -, ao oposto disso, a escolha é seguida porque sinto a necessidade pungente de tratar/falar de pessoas, sujeitos, viventes, mortos, histórias, narrativas, desse espaço plural e inviabilizado pela academia. Sem a pretensão de atingir uma escrita única possível, mas com postura ética - não é tida apenas pelo simples fato de dialogar com temas locais - para além disso, acontece no sentido de contribuir com vozes outras. Transitando por estudos desse mesmo lugar - o Norte - , como os de: Gerson Albuquerque, Miguel Nenevé e Sônia Sampaio e, Lilian de Lima insiro esse estudo na tentativa de dialogar com àquilo que me foi chegado durante a minha trajetória enquanto sujeita pertencente desse/nesse lugar/espaço amazônico sobre uma sujeita que por meio da arte do partejamento contribuiu no cuidado à vida. Dito isso, inspirada na metodologia empregada por Lilian de Lima (2015) ao tratar da "mulher-patrimônio" essa pesquisa ocorre por meio das rememorações à figura de uma sujeita que contribuiu significativamente com/para uma comunidade de área de floresta, na dita Amazônia-acreana, com o ato/gesto de cuidado do/ao direito à vida; da possibilidade de vir ao mundo - uma parteira, conhecida por Madrinha Cecília. Dialogando com estudiosos como Gerson Albuquerque (2016), num direcionamento de uma escrita outra: escrita das margens; Miguel Nenevé e Sônia Sampaio (2015), compreendo a urgente e necessária abertura de tratar de temas locais dentro da academia, inclusive a partir de Si ou do olhar de quem aqui vive e participa dessas vivências. Dialogo ainda, com Beatriz Sarlo (2007) na relação de memória-testemunho e Albuquerque Júnior (2014) no entendimento de uma escrita acre/saborizada. Fazer esse movimento de derrubar estruturas fixas de pensamento e encarar uma postura frente aos conhecimentos outros é também, exercer papel ético e de resistência. É ainda, contribuir para o alcance dessa mulher parteira que possibilitou inclusive o acesso à vida de sujeitos e sujeitas.

Palavras-chave: Fala do Norte. Rememoração. Partejamento. Narrativas.

Referências:

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; SARRAF-PACHECO, Agenor. Uwa'kürü – dicionário analítico – volume 1. Rio Branco (AC): Nepan Editora, 2016.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Amazonialismo: revisitado. Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, [S. l.], v. 12, n. 2, 2024. DOI: 10.29327/210932.12.2-30. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/8211. Acesso em: 28 de Julho de 2025.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Por uma história acre: saberes e sabores da escrita historiográfica. In: ALBUQUERQUE, G. R. e ANTONACCI, M. A. Desde as Amazônias – Colóquios (volume 2). Rio Branco (AC): Nepan Editora, 2014. DE LIMA, Lilian Castelo Branco. Maricota Apinajé: uma mulher-patrimônio em zonas de conflitos e confluências. In: ALBUQUERQUE, G. R., NENEVÉ, Miguel e SAMPAIO, Sônia Maria Gomes. Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização. Rio Branco/Acre: Nepan Editora, 2015.

SARLO, Beatriz. Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Manifestações do tempo espiralar nos processos de identificação cultural da/na Amazônia brasileira em Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum

Jeanete dos Santos e Santos
Mestra em Letras – POSLET – UNIFESSPA
jeanetedossantos@unifesspa.edu.br

Resumo: "Quem somos nós? Não há uma única resposta, pois 'nós' é heterogêneo, deslocado, em constante mudança e, sobretudo não é nem deve falar com uma única, autoritária, solitária, voz."

(Achugar, 2006, p. 23.). Este trabalho tem como objetivo apresentar manifestações do tempo espiralar nos processos de identificação cultural da/na Amazônia brasileira por meio de uma leitura crítica da obra literária Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum, que apresenta um discurso constituidor da identidade cultural nessa região em um tempo não linear, mas curvo, o que possibilita a percepção de um passado-presente que articula, reelabora e transforma um presente contínuo do porvir, colocando o tempo espiralar como mecanismo inerente ao processo de (des)construção da nossa identidade cultural. Fundamentamos a nossa pesquisa (qualitativa) com os pressupostos teóricos dos estudos culturais (EC), bem como perspectivas teóricas de alguns conceitos contemporâneos como a diferença e o hibridismo cultural, a alteridade e o tempo espiralar que nos dão possibilidade de entender os processos de identificação cultural nesse espaço, evidenciando-se nas manifestações culturais (memórias). Pensar em identificação cultural é pensar além do que se vê. É pensar nos mecanismos constituintes de um processo ininterrupto de reelaboração cultural movimentado por encontros, conflitos, desestabilização de identidades, rompimento de fronteiras literais e metafóricas, negociações nessas fronteiras e a compreensão de que nenhuma identidade está formada e acabada em nenhum momento da existência humana. Diante do exposto, buscamos problematizar a identidade cultural nessa região tão complexa e tão vilipendiada por sujeitos colonizadores que a viram, mas não a enxergaram em sua totalidade, inferiorizando-a sem compreendê-la em suas especificidades culturais. Tais pressupostos teóricos acerca da cultura e da identidade subsidiam a compreensão e constituição das identidades a partir das relações com o Outro nos diversos campos de interação, dão suporte a uma compreensão de que a cultura é diversa, instável e heterogênea, especialmente quando falamos de Amazônia ou Amazônias, que seria mais apropriado, por ser uma região de muitas faces diante de diversos olhares e vozes que a constitui.

Palavras-chave: Cultura, Identidade, Tempo espiralar, Amazônia.

Referências:

ACHUGAR, Hugo – Planetas sem bocas: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura / Hugo Achugar; tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BHABHA, Homi K, 1949 - O local da cultura / Homi K. Bhabha; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart, 1932-2014 A identidade cultural na pós-modenidade. Stuart Hall: tradução Tadeu Tomaz da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HATOUM, Milton. Órfãos do Eldorado / Milton Hatoum. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela/ Leda Maria Martins. - 1ª ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIGNOLO, Walter D. Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar / Walter D. Mignolo; tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

PIZARRO, Ana. Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização / Ana Pizarro; tradução Rômulo Monte Alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa / Paul Ricoeur; tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar; revisão da tradução Cláudia Berliner. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

TUPIASSÚ, Amarílis. Amazônia das travessias lusitanas à literatura de até agora. A Revista de Estudos Avançados. Vol.19 - Número 53 janeiro, abril 2005.

categorias enunciativas de pessoa, tempo e espaço de Fiorin

Silvana da Silva Batista
Doutoranda PPGLLIT/UFNT
Silvana_frederik@hotmail.com

Andreia dos Santos Marques Amorim
Doutoranda do PPGLLIT/UFNT
andreia.amorim@ufnt.edu.br

Resumo: A literatura brasileira no contexto da ditadura militar (1964-1985) constitui um campo de investigação de fundamental importância para a compreensão dos processos de resistência e memória histórica. Nesse cenário, as narrativas que emergem dos "anos de chumbo" podem revelar as marcas do autoritarismo, e as estratégias discursivas utilizadas pelos escritores para dar voz ao silenciamento imposto pelo regime. É nesse contexto que se insere o conto "O leitor do livro do apocalipse", de Pedro Tierra, compilado na obra Pesadelo: Narrativas dos anos de chumbo (2024), que oferece um rico material para análise das categorias enunciativas e suas implicações pedagógicas. Este trabalho analisa as categorias enunciativas de pessoa, tempo e espaço no referido conto, fundamentado na obra As astúcias da enunciação (2016) de José Luiz Fiorin. Exploramos as implicações pedagógicas dessa análise para o ensino de leitura e interpretação textual, considerando os desafios da educação brasileira contemporânea e a capacidade da literatura de evocar a rememoração de períodos históricos conflituosos. Por meio de uma abordagem semiótica discursiva, o estudo demonstra como as estratégias enunciativas constroem sentidos no texto literário e como esse conhecimento pode ser aplicado em práticas pedagógicas que visam à formação de leitores críticos de textos e seus entornos, promovendo o engajamento dos estudantes com as problemáticas sociais. Os resultados destacam a relevância da abordagem semiótica para o desenvolvimento de competências leitoras e para a melhoria dos índices de letramento no país, especialmente na leitura de textos que abordam a memória histórica e suas implicações sociais, incentivando uma postura ativa e reflexiva diante do mundo.

Palavras-chave: Semiótica discursiva; Categorias enunciativas; Ensino de leitura; Formação de leitores; Engajamento social.

Referências:

FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. Por que ler, estudar e ensinar literatura? São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Modalização dos sujeitos no processo de formação de leitores. Revista do GELNE, Natal, v. 21, n. 1, p. 77-89, 2019. DOI: 10.21680/1517-7874.2019v21n1ID16266. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/16266. Acesso em: 05/jul. 2025.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Semiótica discursiva e formação de leitores. Entreletras, Araguaína, v. 12, n. 3, p. 44–62, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/19289. Acesso em: 10 juh. 2025.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Interações, leituras e sentidos em tempos de fake news: contribuições da semiótica para o ensino. Estudos Semióticos, v. 15, n. 2, p. 31- 45, 2019.

TIERRA, Pedro. O leitor do livro do apocalipse. In: TIERRA, Pedro. Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2024. p. 69-83.

O caos, a terra e o cosmos: o eixo transdutivo entre o ritornelo estético e a Semântica

Isabel Delice Gomes Macedo
Doutoranda do PPGlit - UFNT
deliceisabel@gmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira
Pós-doutor em Letras (Terminologia Gramatical e Ensino de Língua Portuguesa) - UFNT
peel@ufnt.edu.br

Resumo: O propósito deste artigo é pensar sobre o eixo transdutivo entre o ritornelo estético e a semântica da Língua Portuguesa, sob a perspectiva deleuziana e guattariana. A filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010; 2012), serviram de suporte para pensar em como podemos propor uma relação imanente quando nos deparamos com os estudos voltados aos conteúdos linguísticos. O presente material buscou propor uma reflexão bibliográfica e documental, partindo da intuição método filosófico à cartografia, com suporte de Amador e Fonseca (2009) e os perceptos que ficaram em torno da teoria de Simondon (2020). Nesse sentido, em um primeiro momento, discutimos como a filosofia nos auxilia na construção dos conceitos de devir, afetos, perceptos e transdução, em seguida, indicamos uma discussão, baseada no encontro do ritornelo com a semântica, semântica formal (SF) e semântica de contextos e cenários (SCC), tendo como suporte teórico Ferrarezi Jr. (2010). Assim, traçamos um percurso desde o processo de desterritorialização até reflexões em torno da reterritorialização semântica. Dessa forma, assumimos a hipótese de que as possibilidades de compreensão sobre a semântica podem ser percebidas para além da memorização quanto aos fenômenos, mas vistas sob uma perspectiva filosófica, por meio da interconexão entre arte-música-filosofia-linguística.

Palavras-chave: Deleuze, Ritornelo Estético, Território, Semântica, Sentido.

Referências:
Amador, Fernanda; Fonseca, Tânia Mara Galli. 2009. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. Arq. bras. psicol. [online].
Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. 2010. O que é a filosofia? Editora 34. São Paulo.
Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. 2012. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Editora 34. São Paulo.
Ferrarezi Jr., Celso. 2010. Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à la vie. Mercado das letras. São Paulo.
Simondon, Gilbert. Do modo de existência dos objetos técnicos. Contraponto. Rio de Janeiro.

O som do Bico do Papagaio: análise semiótica da literatura produzida no extremo norte do Tocantins

Ellyzandreia Alves de Sousa
Doutoranda - PPGLLIT/UFNT
ellyzandreia.sousa@ufnt.edu.br

Rute da Silva Santos
Doutoranda - PPGLLIT/ UFNT
s_rute@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a obra Vozes Poéticas: Antologia Literária do Bico do Papagaio que reúne textos de dezesseis escritores membros da Academia de Letras e Arte do Bico do

Papagaio (ALABIP) fundada em 2023. A obra é composta por textos que variam entre poemas, contos, lendas e crônicas Os textos, em sua maioria poemas, têm como temas o amor, a saudade, a paixão, reflexões sobre a vida, o medo, a resiliência. Do ponto de vista da abordagem, trata-se de um estudo qualitativo de cunho exploratório e explicativo. Assim, o que se pretende é mostrar marcas identitárias dessas vozes que ecoam do extremo norte do estado do Tocantins, evidenciando como a literatura produzida na região do bico do papagaio se caracteriza, sobre quais temas estão mais presentes, como caracterizam o espaço englobante de onde enunciam, quais as relações entre esse espaço da enunciação e do enunciado, bem como suas projeções e como representam a identidade regional. Entre os muitos textos presentes, recorta-se o poema intitulado Crônicas do Norte, de Enio Pitágoras, em que focalizamos, por meio do modelo teórico-metodológico da Semiótica discursiva, as categorias de espaço, os conceitos de figurativização e de tematização. Esperamos com esse trabalho fomentar discussões em torno das literaturas do norte, revelando suas peculiaridades identitárias, tecendo crítica literária e dando-lhes maior visibilidade.

Palavras-chave: literatura, bico do papagaio, identidade, semiótica discursiva.

Referências:

BARROS, D. L. P. Teoria semiótica do texto. 4.ed. São Paulo: Parma, 2005.
Barros Silva, W. R., & Veras, R. (2024). “Foi tudo difícil viu, difícil e perigoso”: memória, trauma e esquecimento de um preso político da Operação Mesopotâmia (1971), em Porto Franco-MA. História Oral, 27(01), 28–49. https://doi.org/10.51880/ho.v27i01.1436
FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo/ José Luiz Fiorin 3 ed., 1º reimpressão - São Paulo: editora Contexto, 2021.
SILVA, Neto. Sobre a Leitura e o Quati e outros contos, de Fidêncio Bogo. Revista Querubim – Revista Eletrônica de Trabalhos Científicos nas Áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais, v. 16, p. 66-79, dez. 2020. ISSN 1809-3264.
VOZES POÉTICAS: antologia literária do Bico do Papagaio. Organização de Valdo Rosário. Gurupi - TO: Editora Veloso, [no prelo, lançamento previsto para set. 2025].
PRESENÇAS EM DIÁLOGO – Norma Discini e Julián Fuks – VI Congresso Internacional da ABES (2025). YouTube, 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ljjOGOwxpXE&t=2829s. Acesso em: 20 jul. 2025.

Análise documental da reforma do ensino médio paraense: Para onde caminha o trabalho docente

Patrícia Sobrinho Reis
Doutoranda PPGL/UFPA
patriciasob@hotmail.com

Resumo: O Documento Curricular do Pará DCE-PA (Pará, 2021) e demais orientações e mudanças curriculares e na gestão das escolas públicas da educação básica, em especial do ensino médio, afetam o trabalho docente e visam construir novas subjetividades juvenis, no período de 2016 a 2024 seguindo as orientações nacionais da reforma do ensino médio.
A pesquisa empreendida busca analisar o que dizem e silenciam os corpora e os sentidos que passam a promover com o anúncio da reforma, indicando para onde caminha o trabalho docente. Deste modo empreendemos pesquisa qualitativa, de cunho documental utilizando abordagem discursivista de análise fundamentada em Maingueneau (2005, 2006, 2008, 2010) e Deusdará e Rocha (2021) e (Schwartz, 2001, 2002, 2006, Schwartz; Durrive, 2016, 2021).
As análises empreendidas indicam direcionamento da formação para a realização de testes em larga escala; as mudanças apontam no direcionamento dos indicadores que incidem no índice do IDEB, a qualidade fica resumida a esse indicador que direciona o trabalho pedagógico desde o prenúncio da reforma do ensino médio o que acarreta novas organizações curriculares e pedagógicas, aumento do

trabalho pedagógico, sobrecarga e desvalorização da profissão e do profissional docente.

Palavras-chave: Reforma do Ensino Médio, Mudanças no Ensino Médio Paraense, Trabalho Docente.

Referências:

DEUSDARÁ, Bruno. ROCHA, Décio. Análise Cartográfica do discurso: Temas em construção. Campinas: São Paulo: Mercado das Letras, 2021.
MAINGUENEAU, Dominique. Cenas da Enunciação. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições, 2006.
MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Décio Rocha - tradutores. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
MAINGUENEAU, Dominique. A Análise do Discurso e suas fronteiras. Trad. Décio Rocha. Matraga. Rio de Janeiro. V. 14, n 20, p. 13-37, jan./jun. 2007. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/MAINGUENEAU%20-%20An%C3%A1lise%20do%20discurso%20e%20suas%20fronteiras.pdf
MAINGUENEAU, Dominique. Doze conceitos em análise do discurso. Organizado por
Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti, diversos tradutores. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
PARÁ, Secretaria de Estado de Educação do Pará. Documento Curricular do Estado do Pará – Etapa Ensino Médio. Volume II. Belém: SEDUC-PA, 2021.
SCHWARTZ, Yves. DURRIVE, Luis (org.) 3ª Ed ver. E ampl. Niterói: Eduff, 2021 [2003].
SCHWARTE, Yves. Conclusion générale dans Le paradgme ergologique. Extraits chapitres 5 et 6. Octares Editions, pp. 705-738. 2000.
SCHWARTZ, Yves. Ergonomia, filosofia e exterritorialidade. In: DANIELLOU, François (Coord.). A Ergonomia em busca dos seus princípios: debates epistemológicos. São Paulo: Edgard Blüncher, 2001. p.141-180.
SCHWARTZ, Yves. Disciplina Epistêmica, Disciplina Ergológica – paideia e politeia. Pro-Posições, (Unicamp), v.13, n.1, p.126-149, jan.-abr. 2002.
SCHWARTZ, Yves. Entrevista com Yves Shwartz. Trabalho, educação e saúde. V. 4. N 2, p. 457-466, 2006.
SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Luis. Trabalho e Ergologia: Conversas sobre a atividade humana.
SCHWARTZ, Yves. DURRIVE, Luis (org.) 3ª Ed ver. E ampl. Niterói: Eduff, 2021 [2003].
SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Luis. Trabalho e Ergologia II: Diálogos sobre a atividade humana seguido de um manifesto por um ergoengajamento. SCHWARTZ, Yves. DURRIVE, Luis (org.) Tradução Marlene Machado Zica Viana. 1ª Ed. 1ª Reimpressão, Belo Horizonte: Fabrefactum Editora, 2016 [2015].

]

Narrativas de memória do norte: a tônica do acontecimento

Jacielle da Silva Santos
Doutora em Línguística e Literatura (UFNT)
Professora da Educação Básica do Tocantins (SEDUC)
jaciellesantosseducto@gmail.com

Resumo: Este trabalho é resultado de um artigo publicado no livro “Semiótica e Ensino: diálogos semióticos e práticos para/com o ensino.” (EDUFNT, 2024), organizado pelas professoras Luiza Helena O. da Silva (UFNT) e Eliane Miquelleti (UFGD). O artigo intitulado “Literatura e Ensino: o direito à memória social do Norte na formação de Leitores” é um recorte de minha tese cujo objetivo era conhecer textos produzidos no Norte que abordam a Guerrilha do Araguaia (1972-1975) e como esses textos construíam sentidos a partir das experiências da população do Norte. Nesse sentido, compreendendo a Guerrilha do Araguaia como um acontecimento a partir das discussões da semiótica

tensiva em Zilberberg (2011) e de Luiza Silva (2011, 2016, 2020, 2021) a partir de uma semiótica discursiva implicada e didática, apresentamos suscintamente o livro Crônicas do Araguaia (2015) de Janailson Macêdo, o qual aborda o evento Guerrilha do Araguaia a partir dos relatos da Comissão Nacional da Verdade em 2011 na cidade de Marabá-PA. Compreendemos que obras como a de Macêdo inauguram um fazer literário engajado e ético à medida que narra a partir de um ethos de testemunha e que apresenta aos diversos leitores uma perspectiva outra, a qual faz ecoar a voz dos vencidos.

Palavras-Chave: Semiótica Discursiva, Memória, Guerrilha do Araguaia, Literatura do Norte.

Referências:

ACHÚGAR, H. La historia y la vol del otro. In. BERVELEY, J.; ACHUGAR, H. (Org.) La voz del outro: testimonio, subalternidade y verdade. 2.ed. Guatemala: Latinoamericana Editores, 2002, p. 61-82.

BENVENISTE, E. Problemas de linguística geral I e II. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: Vários escritos. 6. ed., reimpr. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre Azul, 2017, p. 171-193.

DIAS, A. C. P. Literatura e educação literária: quando a literatura faz sentido(s). Cerrados. Revista da Pós-graduação em Literatura. Universidade de Brasília. v.17, n.42, p.210-228, 2016.

FIGUEIREDO, E. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FIGUEIREDO, C. A. S.; SANTOS, J. S. Literatura do Testemunho no Brasil: reflexões sobre a Guerrilha do Araguaia. Revista Entreletras (Araguaína), v. 11, n.2, p. 300-316, 2020a.

FIGUEIREDO, C. A. S.; SANTOS, J. S. Literatura do testemunho no norte do Brasil: as marcas da violência na literatura do Pará. Revista Philologus, Ano 26, n. 78. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 2026-2039, 2020b.

FIORIN, J. L. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

FLECK, G. F; ALMEIDA, C. H. L. Por uma América Latina ressignificada: o romance histórico em suas fases críticas. Fermentum. Volumen 31, número 91, mayo-agosto 2021.

ISSN 07983069. Editada por el Centro de Investigaciones HUMANIC, Universidad de Los Andes, Mérida-Venezuela.

FREIRE, P. Alfabetização e miséria. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2000.

GAGNEBIN, J. M. Lembrar, escrever e esquecer. São Paulo: Editora 34, 2009.

GREIMAS, A. J. COURTÉS, J. Sémiotique 2: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1986. Tradução livre de Lucia Teixeira para verbetes de interesse da semiótica plástica, 2021.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

MACÊDO, J. Crônicas do Araguaia. Marabá, PA: Ed. do Autor, 2015.

SANTOS, J. S.; LUIZ, J. M.; SILVA, L. H. O.; FIGUEIREDO, C. A. S. Crônicas do Araguaia: entrevista com o escritor e pesquisador Janailson Macêdo. Revista EntreLetras, v. 11, n. 1, p. 440-451, 2020.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Revista Psic. Clin. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SILVA, L. H. O. O passado que se faz presença: uma leitura de “Meu primeiro picolé”, de José Francisco da Silva Concesso. Revista EntreLetras, v. 2 n. 1, p.49-58, 2011.

SILVA, L. H. O. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES,C. M.; LARA, G. M. P. (Orgs.). Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-162.

SILVA, L. H. O. Narrativas do tempo da noite: a literatura de testemunho em Pedro Tierra. Organon, v. 35, p. 1-20, 2020a.

SILVA, L. H. O. Histórias de vacinas, em José Francisco Concesso: reflexões semióticas em torno da

literatura no Tocantins. Revista São Luís Orione, v. 1, p.1-12, 2020b.
SILVA, L. H. O. Ecos de la dictadura en las memorias de Angelo Bruno. Escritas: revista do curso de História de Araguaína, v. 12, p. 230-256, 2020c.
SILVA, L. H. O.; FIGUEIREDO, C. A. S.; SANTOS, J. S. História e ficção no romance "Em despropósito (Mixórdia)", do escritor paraense Abílio Pacheco. Fermentum. volumen 31, número 91, mayo-agosto 2021. ISSN 07983069. Editada por el Centro de Investigaciones HUMANIC, Universidad de Los Andes, Mérida-Venezuela.
SILVA, L. H. O. Que sujeitos são condenados nesse trabalho de memória? Inquietações sobre Palavras Cruzadas, de Guiomar de Grammont. Margens - Revista Interdisciplinar, v. 16, p. 179-194, 2022.
SILVA, L. H. O. S. Um herói da guerrilha pelas lentes de JJ Leandro. Revista Escritas do Tempo – v. 4, n. 11, p. 45-62, 2022b.
TEIXEIRA, L. Para uma leitura de textos visuais. Comunicação apresentada no III Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso, 1998.
ZILBERBERG, C. Elementos de semiótica tensiva. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Narrativas da/na região Tocantina: Na foz, a enunciação de outra margem da história

Kayla Pachêco Nunes
(UFNT)

Resumo: A presente proposta, que é um recorte de um dos capítulos de nossa pesquisa de doutorado em andamento, imbui-se da tarefa de analisar a disputa de sentidos sobre as narrativas em torno da Guerrilha do Araguaia na Região Tocantina. Para esta comunicação, tomamos o relato autobiográfico contido em uma das obras que compõem o corpus de nossa pesquisa, uma testemunha que convivera ainda criança com a repressão estatal à época da Ditadura Militar e da Guerrilha na região. Para situar nossa discussão, também fazemos um desenho do que configura esse território conhecido como Região Tocantina a partir de estudos da geografia sobre multiterritorialidade em Haesbaert (2024) e da noção de semiosfera em Fontanille (2024) que considera o território como "um conceito espacial, social, cultural e econômico que convoca irresistivelmente ao deslocamento e à ultrapassagem dos limites". Considerado a partir da noção de deslocamento, esse território é marcado por disputas pela terra e pelos sentidos e a partir das narrativas que nele ecoam, constitui-se como espaço em construção/transformação/disputa. Para isso, a análise está ancorada na Semiótica Discursiva, pela qual mobilizamos os estudos da enunciação como instância de mediação, projeção de um dizer a partir de escolhas linguísticas que conferem determinado efeito de sentido. Também como âncora teórica, trazemos os estudos de Enunciação de Fiorin (2016), de Memória de Silva (2022), de fidúcia em Barros [et al] (2025), bem como algumas produções historiográficas que tratam sobre a Guerrilha do Araguaia. Assim, o objetivo dessa análise é discutir as estratégias discursivas mobilizadas para narrar como verdade o que ficou marcado da Guerrilha do Araguaia na obra "O comunismo e a natureza em minha vida: memórias da Guerrilha do Araguaia", a partir da noção de fidúcia que a semiótica investiga.

Palavras-chave: Território, memória, Guerrilha do Araguaia, fidúcia.

Literatura tocantinense: tensões, resistências e produção de saberes nos territórios insurgentes

Weigma Michely da Silva
Doutora em Letras pelo PPGLLIT-UFNT
weigmagestar@gmail.com

Resumo: Este trabalho interroga a disputa de autoria e pertencimento que atravessa a literatura tocantinense, configurando a como espaço dialógico em que vozes locais e migrantes se entrelaçam em permanente negociação. O ponto de partida é a pergunta: *quem assume a palavra literária no Tocantins?* Para respondê la, o estudo contrapõe textos de escritores tocantinenses a produções do Norte e Nordeste, mapeando heteroglossias temáticas, estéticas e políticas. A análise mobiliza Antonio Candido (regionalismo crítico), Walter Mignolo (colonialidade do saber), Benjamin Abdala Júnior (região enquanto território epistêmico) e os estudos *bakhtinianos* sobre dialogismo, cronotopo e forças centrípetas/centrífugas, compreendendo uma literatura polifônica, forjada pela confluência entre deslocamentos migratórios e reelaborações simbólicas do espaço recém constituído. Ao refletir as tensões entre tradição regional brasileira e a singularidade histórica de um estado criado em 1988, o trabalho problematiza critérios de origem, temática e circulação que tentam delimitar o *corpus* tocantinense. Os resultados indicam que essa produção literária desloca fronteiras críticas, instaurando se como literatura em trânsito, atravessada por múltiplos pertencimentos e temporalidades. Ao desestabilizar definições rígidas, a literatura do Tocantins convoca a crítica brasileira contemporânea a reconhecer narrativas insurgentes e territorialidades simbólicas ainda pouco investigadas.

Palavras-chave: Literatura tocantinense, identidade, autoria, regionalismo, pertencimento, comparatismo.

Referências:

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Fronteiras múltiplas, fluxos culturais assimétricos e reflexões comunitárias. Cultura, Lisboa, v. 37, 2018. Disponível em: http://journals.openedition.org/cultura/4856. Acesso em: 24 maio 2025. DOI: https://doi.org/10.4000/cultura.4856.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. In: A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1986. P. 140-162.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento laminas. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1895-1936].

VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2021 [1895-1936].

Outras Escritas Sobre a Amazônia: Entre Rupturas Epistemológicas e Desconstruções Discursivas

Uilamir Costa de Alencar
Doutorando do PPGLI-UFAC
uilamir.alencar@sou.ufac.br

Jorge Fernandes da Silva

Doutor pelo PPGLI-UFAC
jorge.silva@ufac.br

Resumo: Este trabalho propõe refletir e questionar as narrativas pré-concebidas e os ideários calcificados sobre a Amazônia. A base epistemológica contou com as contribuições de Albuquerque (2015, 2016), Bessa Freire (2004), Gersem Baniwa (2016) e Edson Kayapó (2016), o trabalho problematiza os discursos hegemônicos colonizadores historicamente construídos sobre a Amazônia, identificando-a como um território de difícil acesso, exótico e que precisa ser salvo pelas sociedades mais desenvolvidas. As análises focam nos discursos colonizadores, que desconsideram os povos amazônicos, seus conhecimentos e suas resistências contra a colonização epistêmica. Inscreve-se como uma tentativa de combater e contestar a lógica de inviabilização e apagamento, oriunda de um pensamento colonizador, pela necessidade de produzir uma outra escrita sobre a Amazônia, comprometida não apenas com a transmissão de conteúdos, mas com o enfrentamento das violências simbólicas e materiais que historicamente recaem sobre os territórios e povos desta região. Trata-se de uma escrita direcionada à desnaturalização de percepções embrutecidas e, ao mesmo tempo, à afirmação de outras formas de ver, de sentir e de significar esse local: a Amazônia. A pesquisa bibliográfica e autoetnográfica apresenta uma abordagem qualitativa que permite uma reflexão sobre vivências pessoais em diálogo com contextos sociais mais amplos. O itinerário metodológico desenvolveu-se pela - análise de discursos sobre a Amazônia, compreendida como uma construção histórica marcada por disputas simbólicas e narrativas hegemônicas; foram realizadas leituras de referenciais teóricos decoloniais e contra-hegemônicos, em estreito diálogo com diferentes epistemologias de produções acadêmicas e culturais. Diante das diversas concepções epistemológicas equivocadas sobre a Amazônia, os resultados apontam que é possível desconstruí-las, significá-las a partir de outras visões originadas de pesquisas que lançam um olhar de valorização da cultura, das pessoas e comunidades amazônicas. Fica evidente que há, sobre esse espaço, uma visão colonizada e reducionista, ainda marcada por discursos de exploração. É necessário que esse território deixe de ser visto como um mero detentor de recursos naturais ou território a ser salvo. Trata-se de um espaço de luta e resistência, repleto de culturas e saberes que precisam ser reconhecidos e respeitados. Refletir analiticamente sobre a Amazônia demanda, portanto, o rompimento com narrativas históricas que a simplificam e invisibilizam. Ficou evidente que questionar certezas é um processo desafiador, mas essencial para amadurecer um olhar mais sensível e comprometido com realidades silenciadas. Mais do que buscar respostas definitivas, há necessidade de novos deslocamentos de pensamento e um convite à reescrita de sentidos sobre a Amazônia, reafirmando outras formas de conhecer, sentir e narrar esse território plural.

Palavras-chave: Amazônia, discursos epistemológicos, desconstrução, linguagem.

Referências:

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Acre. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf. Uwakürü: dicionário analítico. Rio Branco: Nepan Editora, 2016a. p. 14 - 30.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf. Uwakürü: dicionário analítico. Rio Branco: Nepan Editora, 2016b. p. 74 - 97

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. História e historiografia do Acre: notas sobre os silêncios e a lógica do progresso. TROPOS, v. 1, n. 4, 2015.

BANIWA, Gersem. Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indigína. In ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Das Margens. Rio Branco: Nepan Editora, 2016. p. 41 - 56.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Rio Babel: A história das línguas na Amazônia. EdUERJ: Atlântica Editora, 2004.

KAYAPÓ, Edson. Identidade e literatura indigína: o encontro necessário na escola brasileira. In ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Das Margens. Rio Branco: Nepan Editora, 2016. p. 57 - 75.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 10
DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A (RE)VITALIZAÇÃO DE LÍNGUAS AMEAÇADAS

Angela Fabíola Chagas

Eduardo Alves Vasconcelos

COMUNICAÇÕES

Documentação etnolinguística das línguas Makurap e Wayoro na Terra Indígena Rio Guaporé (Rondônia): Relato de experiência

Conexões Amazônicas: documentação de línguas do Amapá e Norte do Pará

Proposta de Dicionário Bilingue Apalai-Português: informações gramaticais

A FLORA NA LÍNGUA APURINÃ: INTERSEÇÕES ENTRE LÉXICO, CULTURA E NATUREZA

Atlas Enciclopédico Apurinã: Registro dos Conhecimentos sobre a Língua e o Território Apurinã no Processo da Sua Documentação e Fortalecimento

Desenvolvimento de um banco de dados comparativo para cinco línguas aruák

A emergência em se documentar a língua Mawayana (Aruák): primeiras e necessárias documentações

Documentação da língua Wai Wai: narrativas orais e relatos de vida

O acervo Wayoro no Endangered Languages Archive (ELAR)

A documentação da língua Wai Wai e as suas contribuições para a análise histórico-comparativa do Ramo Parukotoano da família Karib

PROJETO DE DOCUMENTAÇÃO DA LÍNGUA WAI WAI (KARIB)

(Rondônia): Relato de experiência

Ana Vilacy Galucio
(MPEG)

Antonia Fernanda Nogueira
(UFPA)

Jaqueline Wajuru

Maria Ajuru

Jociclei Macurap

Resumo: A proposta deste trabalho é relatar a metodologia e resultados do projeto "Documentation of the severely endangered languages Makurap and Wayoro (Brazil): material and non-material traditional culture, and its associated knowledge", apoiado pelo Endangered Languages Documentation Programme (Wajuru et al, 2025; Nogueira, Wajuru; Wajuru, 2023). O projeto se iniciou com o consentimento e planejamento inicial realizados em uma assembleia geral que contou com a presença dos líderes dos dois grupos indígenas e outros membros da comunidade. O segundo estágio foram os workshops de treinamento, na aldeia Ricardo Franco. Durante os workshops, os membros da comunidade aprenderam sobre os princípios da documentação linguística, técnicas de gravação de áudio e vídeo, como manusear equipamentos, como preparar sessões de gravação e como processar e anotar metadados. A terceira etapa consiste na escolha do tópico a ser gravado. O quarto estágio é a realização de pequenos projetos de documentação, chamados de "microprojetos". Após selecionar o tema, os participantes preparam a sessão de gravação do início ao fim, normalmente trabalhando em pequenas equipes de duas a quatro pessoas. Seguindo o modelo aplicado por Moore no projeto de documentação Gavião e Paiter (Suruí), a equipe de documentadores preenche um formulário de planejamento do microprojeto (Moore, 2025). As informações solicitadas neste formulário incluem objetivos (o que queremos saber e transmitir para a próxima geração?); pesquisa sobre o tema (com quem? como? quando?); plano do microprojeto (quando será gravado? duração? com quem? onde?), entre outros. Vejamos, como exemplo, o microprojeto de documentação de confecção de uma tipoia, ou seja, instrumento feito de casca da árvore de apuí para carregar criança. Para Jaqueline Wajuru, o objetivo é desse microprojeto de documentação é ensinar para as novas gerações o passo a passo de como fazer a tipoia. Vale ressaltar que se trata de um conhecimento que, atualmente, poucas mulheres dominam. Este exemplo ilustra a relação entre documentação e revitalização de práticas tradicionais, mostrando que essa interseção não só é possível, mas também necessária, especialmente no contexto da obsolescência linguística. O interesse gerado pelo projeto de documentação motiva a prática de tópicos culturalmente relevantes e, ao fazê-lo, a comunidade cria a oportunidade de gerar mais contextos para o uso da língua tradicional. Essa relação sinérgica entre documentação e revitalização é explorada, por exemplo, por Fitzgerald (2020), que afirma que a documentação linguística e a revitalização devem ser entendidas como um ciclo de feedback, de modo que um processo alimente continuamente o outro. No decorrer do nosso projeto, temas pesquisados e gravados nos microprojetos foram aprofundados, posteriormente, em oficinas comunitárias propostas pelos participantes do projeto, com a presença dos diversos grupos étnicos da Terra Indígena Rio Guaporé. Um exemplo foi a reunião para aprender a fazer tipoia organizada pelas mulheres Makurap. O acervo do projeto produziu mais de cem horas de gravação, armazenadas no Endangered Languages Archive (ELAR) e no Arquivo de Línguas Indígenas do Museu Paraense Emílio Goeldi (ALIM). Parte do acervo já está disponível e pode ser consultado de forma online no ELAR (Galucio, Nogueira, Costa, 2023; Nogueira, Galucio, Costa, 2023).

Palavras-chave: Documentação linguística e cultural, Povo Wajuru (Wayoro), Povo Makurap

Referências:
FITZGERALD, Colleen M. Understanding language documentation and revitalization as a feedback loop. In: FAFULAS, S (Ed**.) Amazonian Spanish: Language contact and Evolution.** Amsterdam: John Benjamins, 2020. p. 81-104.
GALUCIO, Ana Vilacy Galucio; NOGUEIRA, Antonia Fernanda; COSTA, Carla Daniele. 2023. Makurap: Documentation of language and culture. **Endangered Languages Archive.** Disponível em: http://hdl.handle.net/2196/73b9o01s-1c78-2246-5187-0fm978700a80 . Acesso em: 30 ago. 2025.
MOORE, Denny. Boas práticas na documentação de línguas indígenas: enciclopédia digital da língua e cultura tradicional dos Gavião e Paiter (Suruí) de Rondônia. In: GOMES, Rita et al. (Orgs.). **Amazônia sustentável: contribuições das ciências sociais, do multilateralismo e da sociedade civil**. Brasília, DF: Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais, 2025. (Série Cadernos FLACSO – 25)
NOGUEIRA, Antonia Fernanda; GALUCIO, Ana Vilacy Galucio; COSTA, Carla Daniele. 2023a. Wayoro: Documentation of language and culture. **Endangered Languages Archive.** Disponível em: <http://hdl.handle.net/2196/5004e53b-79f6-440d-81e6-266a64579366>. Acesso em: 29 jul. 2025.
NOGUEIRA, A. F. DE S.; WAJURU; WAJURU, J. Documentação de conhecimento tradicional do povo Wajuru. Em: LINK, R. S.; RABELLO, A. C. B.; FONSECA, D. R. da (Orgs.). **Cultura popular na Amazônia: Anais do I Congresso Internacional de História da Amazônia. Cacoal**, RO: Karywa, p. 131–139, 2023b.
WAJURU, Jaqueline; MACURAP, Jociclei; NOGUEIRA, Antonia Fernanda de Souza ; GALUCIO, Ana Vilacy; COSTA, Carla Daniele Nascimento da. Engaging Wajuru/Wayoro and Makurap communities in collaborative documentation: Recording, learning, and communicating. **Dutkansearvvi dieđalaš áigečála**, Helsinki, v. 9, p. 54-74, 2025. Disponível em:<https://www.dutkansearvi.fi/wpcontent/uploads/Dutkansearvvidiedalasaigecala_vol9_Issue1_05_Jaqueline_Wajuru_et_al.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.

Conexões Amazônicas: documentação de línguas do Amapá e Norte do Pará

Ana Paula Brandão
Doutora em Linguística-UNIFAP
apbrandao@unifap.br

Ana Vilacy Moreira Galúcio
Doutora em Linguística-MPEG
avilacy@museu-goeldi.br

Eduardo Alves Vasconcelos
Doutor em Linguística-UNIFAP
eduardo.vasconcelos@unifap.br

Resumo: A Amazônia detém grande parte da ampla diversidade biológica e sociocultural do Brasil. Traços de intervenção na paisagem, vestígios arqueológicos e expressões culturais e linguísticas evidenciam a ocupação humana de longa duração na região. Todavia essa diversidade e os conhecimentos associados estão ameaçados. Há grande risco de extinção de línguas e saberes tradicionais indígenas na Amazônia, resultante da violência contra os povos indígenas, perda de territórios e mudanças socioculturais. Cada língua que desaparece leva consigo parte considerável do patrimônio cultural e histórico do povo. Nesse sentido, a documentação linguística é uma das ferramentas que podem permitir, por um lado, o registro e a salvaguarda dessas línguas e, por outro, permitir a construção de estratégias para sua revitalização, retomada ou fortalecimento. Nessa comunicação, temos por objetivo apresentar o projeto de documentação linguística a ser realizado

entre os Apalai e Wayana, no âmbito do projeto "Conexões Amazônicas: centros avançados para documentação, fortalecimento e revitalização de línguas e culturas indígenas na Amazônia". Este é um projeto interinstitucional que envolve cinco centros de pesquisa da Região Norte e, no Amapá, a meta é implementar, na Universidade Federal do Amapá, um centro avançado de documentação para as línguas do Amapá e norte do Pará que, além da formação em documentação linguística, busca-se também a criação de um acervo digital de línguas indígenas no Estado. Os Apalai e os Wayana são dois povos indígenas de língua Karib que vivem, atualmente, nas Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Paru D'Este, entre o Norte do Pará e o oeste do Amapá. Segundo Apalaí A. (2024), os Apalai e os Wayana são povos que convivem desde o final do século passado em estreitas relações, propiciando "múltiplos casamentos, gerando dois povos indígenas inseparáveis". Essa convivência ocasionou o surgimento de uma identidade étnica e cultural múltipla (uma mesma pessoa é Apalaí Wayana ou Waiana Apalaí) e um cenário multilíngue, em que são faladas as línguas Apalaí e Wayana, principalmente, mas também a presença de outras línguas faladas na região do Parque do Tumucumaque (como Tiriyó, Wayana e Waiãpi). Como esboçado, esse projeto se insere no campo da documentação linguística que pode ser entendida, seguindo Himmelmann (2006), como uma prática de investigação linguística que, por um lado, busca a documentação e a preservação de dados linguísticos coletados diretamente com os falantes das línguas e, por outro, as análises possíveis oriundas da interação com esses dados.

Palavras-Chave: Documentação Linguística, Apalai, Wayana, Línguas Indígenas do Amapá.

Referências:
APALAI, A. 2024. *Levantamento sociolinguístico na aldeia Bona-Parque Indígena do Tumucumque*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Amapá, Macapá.
HIMMELMANN, N. P. 2006. Chapter 1 Language documentation: What is it and what is it good for? In J. GIPPERT, ; N. P. HIMMELMANN.; U. MOSEL. (Orgs.). *Essentials of language documentation*. Berlin: Mouton de Gruyter.

Proposta de Dicionário Bilingue Apalai-Português: informações gramaticais

Ereu Apalai
Mestranda em Letras-PPGLET/UNIFAP
ereu.apalai@hotmail.com

Eduardo Alves Vasconcelos
Doutor em Linguística-PPGLET/UNIFAP
eduardo.vasconcelos@unifap.br

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo abordar aspectos gramaticais da língua Apalai – língua da família Karib, pertencente ao ramo Guianense, segundo Meira (2006). Em linhas gerais, esses aspectos têm como ponto de partida as análises de Koehn & Koehn (1986, 1995), para a língua Apalai. Nesse sentido, buscamos sistematizar, principalmente, as informações sobre classes de palavras e aspectos morfossintáticos a elas relacionados, como por exemplo, a marcação de posse nos nomes e marcadores pessoais nos verbos. Essa análise faz parte da proposta de construção de um dicionário bilíngue Apalai-Português, que tem como diferencial ser elaborado por uma falante da língua. Trata-se de uma resposta à necessidade de registrar e produzir material didático para a preservação, valorização e fortalecimento do Apalai, elemento vital para a manutenção da cultura e identidade do povo Apalai, pois um dicionário bilíngue, além proporcionar apoio ao professor de língua materna e ao professor de português, pode servir como ferramenta de empoderamento cultural, incentivando os mais jovens a preservar, valorizar e aprender a escrita da língua Apalai, expressando-a além da oralidade, ou seja, utilizando também a escrita. A língua Apalai é falada, segundo Apalai A. (2024), "no médio e alto curso do rio Paru de Leste", nas Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Paru D'este, e também

em aldeias desse povo na Guiana Francesa. Essa língua também é falada pelo povo Waiana, o qual, segundo Apalai A. (2024), vivem com os Apalai "há mais de um século em estreitas relações de convivência, o que propiciou múltiplos casamentos, gerando dois povos indígenas inseparáveis, trocando muitos elementos culturais, criando certa homogeneidade cultural, sem abandonar totalmente as suas especificidades e a identidade de cada uma dessas etnias". Ainda segundo Apalai A. (2024), os Apalai, antes da chegada dos europeus, habitavam a região do baixo rio Paru, chegando às margens oeste do rio Jari. A língua Apalai está inserida numa complexa rede de povos e línguas na região do Parque do Tumucumaque, marcada por um contexto multilíngue, com a presença de outras línguas como Tiriyó e o Kaxuyana. Nesse contexto, o Apalai e o Tiriyó são as línguas mais faladas, aqueles predominando na relação Apalai-Wayana e estes na relação Tiriyó-Kaxuyana.

Palavras-chave: Dicionário, Família Karib, Apalai.

Referências:
APALAI, A. 2024. *Levantamento sociolinguístico na aldeia Bona-Parque Indígena do Tumucumque*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Amapá, Macapá.
KOENH, E. H.; KOENH, S. S. 1986. Apalai. In Desmond C. Derbyshire; Geoffrey K. Pullum (Eds.). *Handbook Amazonian Languages*. The Hauge: Mouton, 1986.
KOENH, E. H.; KOENH, S. S. 1995. *Vocabulário Básico, Apalai-Português: Dicionário da Língua Apalai*. SIL: Brasília.
MEIRA, Sérgio. 2006. *A família linguística Caribe (Karib)*. Revista de Estudos e Pesquisas, Funai, v. 3, n. 1/2, p. 157-174.

A FLORA NA LÍNGUA APURINÃ: INTERSEÇÕES ENTRE LÉXICO, CULTURA E NATUREZA

Alice Silva Alves Braga
(UFPA)

RESUMO: Este trabalho apresenta uma contribuição à documentação linguística do povo Apurinã (família Aruák), com foco no registro do léxico da flora. A pesquisa integra dados primários – notas de campo, registros de áudios e vídeos coletados no ano de 2018 em comunidades indígenas (AM) – e dados secundários registrados no banco de dados da língua Apurinã. A pesquisa teve a colaboração de cinco falantes bilíngues em Apurinã-Português, especialistas em etnobotânica. O critério de seleção dos colaboradores considerou fatores relacionados à idade, priorizando especialmente os falantes idosos, por serem os que detêm maior domínio sobre a flora e os conhecimentos tradicionais associados às propriedades, às partes utilizadas e aos modos de preparo das plantas. A coleta de dados combinou entrevistas abertas, observação participante e visitas aos roçados, com autorização prévia das comunidades. O material foi transcrito e traduzido no local com o apoio dos falantes, sendo organizado em fichas padronizadas (KRIEGER; FINATTO, 2004). Em seguida os dados foram arquivados no banco de dados da língua (software Fieldworks Language Explorer) para tratamento e sistematização. A partir da documentação linguística, foi possível realizar uma descrição morfológica e semântica dos termos botânicos, considerando processos de formação de palavras, relações parte-todo (meronímia) e taxonomia folk indígena. A investigação dialoga com os estudos sobre a língua Apurinã (Facundes, 2000; Freitas, 2017; Freitas e Facundes, 2021; Virtanen et al., 2021) e Berlin (1992) no campo da taxonomia folk. O estudo revelou três níveis taxonômicos em Apurinã, conforme a proposta de Berlin (1992), o que evidencia a complexidade do sistema de categorização. Nesse sentido, também se verifica a relação parte-todo (CRUSE, 1986), além de corroborar a análise de Freitas e Facundes (2021) acerca de um padrão de marcação morfossintática, demonstrando a relevância desse recurso na estruturação dos termos da botânica. Ao incorporar a teoria do perspectivismo (Lima, 1996), observa-se que a classificação Apurinã ultrapassa a dimensão biológica, revelando a articulação entre observação empírica, experiência cultural e percepção cosmológica. Em

síntese, o estudo demonstra que a documentação linguística desempenha papel central na valorização dos conhecimentos tradicionais de línguas indígenas, abrindo espaço para diálogos interdisciplinares.

Palavras-chave: Apurinã; Flora; Léxico.

Referências:
BERLIN, B. *Ethnobiological classification: Principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
CRUSE, D. A. *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
FACUNDES, Sidney da S. The Apurinã (Arawak) Language of Brazil. SUNY-Buffalo: Tese de Doutorado. 2000.
FREITAS, Marília Fernanda Pereira. *A posse em Apurinã: descrição de construções atributivas e predicativas em comparação com outras línguas Aruák*. PhD dissertation, Universidade Federal de Pará. 2017
FREITAS, Marília Fernanda Pereira; FACUNDES, Sidney da Silva. *Pupỹkary tywy, takarena, ĩthu ykynypuku: meronímia e sua contribuição para o conhecimento e ensino da língua Apurinã (Aruák)*. Entrepalavras, [S.l.], v. 11, n. 10esp, p. 279-304, jun. 2021.
KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
LIMA, T. S. *O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. Mana*, v. 2, n. 2, p. 21-47, 1996.
VIRTANEN, P. K.; APURINÃ, F.; FACUNDES, S. *Amazonian worlds of other-than-human beings and the Apurinã through the materiality of oral stories*. Multilingua, v. 40, n. 4, p. 565-582, 2021. DOI: 10.1515/multi-2020-0078.

Atlas Enciclopédico Apurinã: Registro dos Conhecimentos sobre a Língua e o Território Apurinã no Processo da Sua Documentação e Fortalecimento

Sidney Facundes
(UFPA)
sfacundes@email.com

Cínthia Samara de Oliveira Ishida
Doutoranda (PPGL/UFPA)

Bruna Fernanda Soares Lima-Padovani
(UEPA)

Ana Clara Bezerra
PIBIC/UFPA

Resumo: Diante de um cenário de muitas línguas indígenas com poucos falantes fluentes, e do avanço da língua portuguesa em todas as esferas do cotidiano, a descrição e documentação de línguas indígenas representa um dos maiores e mais urgentes desafios contemporâneos da linguística no Brasil. Diante dessa realidade, a documentação linguística emerge como uma estratégia fundamental para a salvaguarda e revitalização desses idiomas ameaçados. Neste contexto, a aplicação de tecnologias digitais e ferramentas computacionais assume um papel crucial na criação de recursos analíticos sofisticados. Este trabalho apresenta o Atlas Enciclopédico Apurinã, uma iniciativa pioneira desenvolvida pela equipe do Dr. Sidney Facundes na Universidade Federal do Pará, que se posiciona como uma resposta inovadora à complexidade da preservação linguística, representando uma contribuição significativa para o desenvolvimento de estratégias e ferramentas aplicadas à descrição e documentação de línguas indígenas por meio de Sistemas de Informações Geográficas (SIG). O Atlas

Enciclopédico Apurinã adota uma metodologia multidisciplinar inovadora ao integrar SIG com dados sociolinguísticos da língua apurinã, um idioma aruaque meridional falado na Bacia Amazônica, que enfrenta desafios de transmissão intergeracional e vulnerabilidade linguística. O projeto foi estruturado em cinco objetivos principais que permitem uma análise sociolinguística espacializada: mapeamento e quantificação das comunidades, identificação de relações sociolinguísticas e espaciais, levantamento de variantes linguísticas (lexical, fonológica, morfológica e semântica), análise do domínio de uso da língua em diversos contextos sociais, e diagnóstico da educação formal nas comunidades. A arquitetura do Banco de Dados Geográficos (BDG) implementada, utilizando plataformas livres e um sistema de chaves de relacionamento, permite a integração e sobreposição dinâmica de múltiplas camadas de informação. Essa abordagem vai além da simples documentação, proporcionando análises multidimensionais que revelam padrões e correlações complexas, superando as limitações dos estudos linguísticos tradicionais e oferecendo um modelo replicável para outras comunidades. Os achados do Atlas Enciclopédico Apurinã demonstram o potencial das ferramentas de geoprocessamento adaptadas para análises sociolinguísticas complexas. A capacidade de visualizar simultaneamente padrões de variação linguística e fatores sociogeográficos gera insights valiosos que podem informar políticas de revitalização linguística e estratégias educacionais mais eficazes, contribuindo significativamente para a teoria sociolinguística ao operacionalizar conceitos de vitalidade e domínio de uso da língua. A documentação sistemática dos padrões de uso da língua apurinã em diferentes contextos sociais fornece dados empíricos cruciais para modelos preditivos sobre a evolução da vitalidade linguística. Este projeto estabelece um novo padrão metodológico e destaca-se pelo seu potencial de replicação e escalabilidade para outras línguas indígenas ameaçadas, utilizando tecnologias acessíveis e promovendo o empoderamento das comunidades indígenas. O Atlas Enciclopédico Apurinã demonstra, assim, que o SIG pode auxiliar na documentação e apresentação de dados de línguas e informações correlatas, contribuindo assim para a preservação e fortalecimento de línguas indígenas, oferecendo ferramentas analíticas sofisticadas que respeitam a complexidade cultural e linguística dessas comunidades.

Palavras-chave: Sistemas de Informação Geográfica, Línguas Indígenas, Apurinã, Documentação Digital, SIG, Fortalecimento Linguístico.

Referências:
Crystal, D. (2002). Language death. Cambridge University Press.
Facundes, S., Almeida, R., Padovani, B., & Ishida, C. (2017). Proposta para elaboração de um Banco de Dados Geográfico (BDG) Sociolinguístico para Etnia Apurinã. Universidade Federal do Pará.
Moore, D., Galucio, A. V., & Gabas Jr., N. (2008). O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

Desenvolvimento de um banco de dados comparativo para cinco línguas aruák

Cinthia Samara de Oliveira Ishida
(Doutoranda PPGL – UFPA)
cinthiaishhida@gmail.com

Resumo: Propostas de documentação de línguas indígenas têm sido realizadas ao longo dos anos, assim como a implementação de instrumentos tecnológicos em prol do fortalecimento de línguas ameaçadas. Contudo, há poucos trabalhos que implementam esses métodos para pesquisas comparativas com línguas indígenas brasileiras ou com foco na comparação entre línguas aruák. Esse trabalho organizou informações sobre cinco línguas aruák: apurinã, piro (yine), inãpari, paresi e resígaro. Para isso, utilizou-se da revisão da literatura das 5 línguas (Facundes 2000, Nies 1986, Parker 1995, Allin 1976, Payne 1985, Brandão 2014, Silva 2009, Rowan 1978), e de trabalhos comparativos com línguas aruák (Payne 1991, Facundes & Brandão 2005, Carvalho 2021), além da utilização de

ferramentas de bancos de dados e compartilhamento de projetos. O trabalho utilizou as linguagens *Python* e *JSON* para a organização dos dados de forma a permitir a disponibilização on-line dos resultados no *site Github*. Isso foi feito a fim de utilizar uma plataforma que permite atualizações contínuas, com implementação de novos dados, além da disponibilização de forma *on-line* dos resultados à comunidade interessada. O projeto desenvolveu 3 opções para acessar os dados, sendo busca por: 1) conceito, que retoma os resultados de uma entrada - como 'árvore'; 2) segmento, que identifica um segmento de interesse - como [h]; 3) dicionário, que apresenta todos os dados alimentados em formato de dicionário. O trabalho precisou adaptar a representação de alguns fonemas, para que fossem identificáveis na fonte do banco de dados, como a nasal n em resígaro, que passou a ser representada por n̲ . Atualmente, o trabalho possui 220 entradas e 970 dados (entre eles, há palavras cognatas para algumas línguas, mas não se utilizou como caráter de seleção palavras cognatas para todas as línguas). Por fim, desenvolveu-se a relação entre o banco de dados e página *HTML* para a divulgação de resultados. O código e a estrutura dos dados serão disponibilizados a partir do *Github*, como *open-source*, apresentando o código de forma verificável a todos. Dessa maneira, o trabalho visa auxiliar na divulgação de trabalhos comparativos em línguas indígenas brasileiras e na consulta acessível de dados de línguas aruák.

Palavras-chave: linguística computacional; apurinã; aruák; linguística histórica.

Referências:

ALLIN, Trevor R. A grammar of Resigaro (Doctoral dissertation). University of St. Andrews. 1976.
BRANDÃO, Ana Paula Barros. A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak). 2014. Tese de Doutorado.
CARVALHO, Fernando O. A comparative reconstruction of Proto-Purus (Arawakan) segmental phonology. International Journal of American Linguistics, v. 87, n. 1, p. 49-108, 2021.
FACUNDES, Sidney da Silva. The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak). State University of New York at Buffalo, 2000.
_____; BRANDÃO, Ana Paula. Hipóteses sobre o Desenvolvimento de Nasalidade Espontânea em uma Língua Aruák. Estudos Lingüísticos, v. 34, p. 762-767, 2005. NIES, Joyce. Diccionario Piro. Yarinacocha, Pucallpa, Perú: Instituto Lingüístico de Verano. 1986.
PARKER, Stephen. Datos de la lengua Iñapari. Yarinacocha, Pucallpa, Peru: Summer Institute of Linguistics, 1995.
PAYNE, David.. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical. Handbook of Amazonian languages, v. 3, p. 355-499, 1991.
ROWAN, Orland. Dicionário Parecís-Português e Português-Parecís. Brasília: SIL. 1978.
SILVA, Glauber Romling. Fonologia da língua paresi-haliti (Arawak). 2009. Tese de Doutorado. Tese de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A emergência em se documentar a língua Mawayana (Aruák): primeiras e necessárias documentações

Raniery Oliveira da Silva e Silva
Doutorando do PPGL-UFPA
raniery.oliveira04@hotmail.com

Resumo: A documentação linguística tem emergido no cenário atual como uma das formas de preservar as línguas minoritárias com risco de extinção diante de uma urgência em contexto de alta influência de línguas politicamente dominantes. A língua Mawayana (Aruák) se destaca por ser considerada em altíssimo risco de extinção, dado o número ínfimo de falantes: 2 no estado do Pará e talvez uma ou duas dezenas no território da Guiana. Esse número, em parte, se deve à relação interétnica que ocorreu com os povos Karib, em especial os Wai Wai (HOWARD, 1993; CHAGAS; CUNNINGHAM, 2022), que ocasionou uma baixa transmissão intergeracional; além das influências

de outras línguas dominantes nas regiões em que a população vive, como o Português e o Inglês. Esses fatores (falta de prestígio social e baixo número de falantes e de transmissão intergeracional) colocam o Mawayana como uma língua extremamente ameaçada de acordo com os critérios adoptados pela Unesco (2003). Visto isso, é perceptível a alta necessidade de se documentar a língua Mawayana a fim de se preservar o máximo possível de material necessário para o trabalho de revitalização da língua. Num cenário de ameaça à perda da língua, uma das estratégias adotadas no desenvolvimento de documentação é a elicitação de dados (itens lexicais ou sentenças), com o intuito e se criar um banco de dados sólido o suficiente para garantir que os itens lexicais ou estruturas sintáticas coletados não sejam perdidos na transmissão intergeracional. Em vista disso, tem-se como objetivo central apresentar alguns dos resultados da documentação da língua Mawayana, desenvolvida durante duas viagens de campo às comunidades Trombetas-Mapuera e Katxuyana-Tunayana (Pará, Brasil), entre 2022 e 2023, evidenciando-se a coleta de material elicitado (lista de palavras) e também de relatos pessoais. A constituição de corpora pode contribuir para o desenvolvimento e/ou aprofundamento de análises de cunho tanto descritivo quanto histórico-comparativo, e também de materiais futuros (como dicionários e materiais didáticos e pedagógicos) que possam ser utilizados em prol da revitalização necessária e urgente dessa língua. Para o desenvolvimento da coleta, foram utilizadas a lista de Swadesh, constituída de um vocabulário básico, e a lista de itens possuídos e não possuídos (nomes e posposições), verbos transitivos e intransitivos flexionados em diferentes pessoas, com o objetivo de se coletar também os morfemas marcadores de pessoa e de indicação de posse (nos nomes) e de pessoa e de flexão modo-temporal (nos verbos); a documentação se deu majoritariamente com a gravação de áudio e audiovisual dos dados oferecidos pelos colaboradores indígenas. Como resultados, tem-se até o momento cerca de 400 palavras coletas, dentre elas: nomes não possuídos, nomes possuídos (com flexão de pessoa em 1, 2, 1+2, 3, 3R), verbos intransitivos (com flexão de pessoa 1, 2, 1+2, 3, 1+2PL) e transitivos (com flexão de pessoa nas relações 1>2, 1>3, 1>1+2, 2>1, 2>3, 2>1+2, 1+2>1, 1+2>2, 1+2>3, 3>1, 3>2, 3>1+2, 3>3), posposições e demonstrativos. Esse banco de dados, ainda em fase inicial de construção, permitirá alcançar os resultados mencionados acima. Assim, postula-se a extrema necessidade da continuação de trabalhos de documentação e insurgência de projetos específicos que busquem não só a documentação mas também a revitalização do Mawayana, antes que seus últimos falantes partam.

Palavras-chave: Documentação linguística, Língua Mawayana, Risco de extinção, Banco de dados, Elicitação.

Referências:

CALVET, Loius-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. (Trad. Marcos Marcionillo). São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPBELL, Lyle. Classification of the indigenous languages of South America. In: CAMPBELL, Lyle and GRONDONA, Veronica (eds.). **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide.** The World of Linguistics; vol. 2. (p. 441 494), 2012.

CHAGAS, Angela F. A.; CUNNINGHAM, Lúcia M. S. O Povo Wai Wai e o Multilinguismo entre os Indígenas do Território Wayamu. **Revista Moara**, n. 62, p. 9-33, dez 2022.

HOWARD, Catherine. Pawana: a farsa dos visitantes entre os Waiwai da Amazônia. In: VIVEIROS DE CASTRO, E.; CUNHA, M. C. (Orgs.). Amazônia: etnologia e história indígena. São Paulo, USP-NHII; Fapesp, 1993.

HOWARD, Catherine. **Wrought identities: The Waiwai expeditions in search of the "unseen tribes" of Northern Amazonia**. Tese de Doutorado. Division of Social Sciences, University of Chicago. 2001.

HOWARD, Catherine. Domesticação das Mercadorias: Estratégias Wai Wai. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico.** São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MEIRA, Sérgio. A Study of the Genetic Relation between Mawayana and Wapishana (Arawakan Family). **Revista Brasileira de Línguas Indígenas.** Macapá. Vol. 2, n. 1 (p. 70-104), 2019.

RODRIGUES, Lúcia M. S. **Estudos sobre o Bi-/Multilinguismo nos Territórios Indígenas do Complexo Cultural Tarumã-Parukoto – Povo Waiwai**. Tese de Doutorado. Belém: UFPA/Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.
TERRA INDÍGENA KAXUYANA-TUNAYANA. Terras Indígenas **do Brasil**. Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4999. Acesso em: 07 out. 2024.

Documentação da língua Wai Wai: narrativas orais e relatos de vida.

Anna Carolina Gonçalves Dias
PPGL/UFPA
anna.dias@ilc.ufpa.br

Resumo: É indiscutível a importância da arte verbal para os povos originários. Seu uso, ao longo da história, manteve vivos os conhecimentos tradicionais e vivências, bem como proporcionou a persistência de suas línguas até hoje. A partir disso, ficou evidente a necessidade de uma grande vertente de estudos no âmbito das narrativas orais, observando em sua estrutura, escrita e oralizada, elementos linguístico-culturais e seu uso dentro dessas sociedades. O presente trabalho, volta-se para o povo pertencente à família linguística Karib, Wai Wai, habitantes do noroeste do Pará. A proposta consiste em apresentar parte das narrativas orais e relatos de vida de alguns anciãos da comunidade Mapuera, que foram coletados, em julho de 2023, através do projeto de Documentação e Descrição da Língua Wai Wai (CNPQ), com vigência de 3 anos. O objetivo é expor o processo de documentação e fortalecimento da língua, que possui cerca de 3000 falantes, além do tratamento dos dados em um trabalho ainda em continuidade e que se estende em estudos descritivos. Sendo assim, será evidenciado quantitativamente e qualitativamente os resultados alcançados, considerando narrativas e relatos documentados, transcritos e traduzidos até o presente momento. Nossos suportes teórico metodológicos para a coleta desses dados e análise estão dispostos principalmente em Howard (1993;2022), Hawkins (1952), Calvet (2011), Duranti (2000) e Olson&Torrance (1995), além dos programas facilitadores do processo de transcrição e tradução como ELAN e FLEX. Essa pesquisa, ainda em desenvolvimento, já nos traz resultados muito satisfatórios e, consequentemente, grandes contribuições ao povo karib Wai Wai.

Palavras-chave: Documentação Linguística; Família Karib; Etnia Wai Wai; Narrativas Orais;

Referências:
CALVET, Louis-Jean. Tradição oral & tradição escrita. São Paulo, SP: Parábola Editorial 2011.
DURANTI, Alessandro. Antropología Linguística. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
HOWARD, Catherine. Pawana: a farsa dos visitantes entre os Wai Wai da Amazônia. In: VIVEIROS DE CASTRO, E.; CUNHA, M. C. (Orgs). Amazônia: etnologia e história indígena. São Paulo, USP-NHIII; Fapesp, 1993. HAWKINS, W. Neill. A Morfologia do Substantivo na Língua Uai Uai. Publicações Avulsas do Museu Nacional, 1962.
OLSON DAVID Ryan.; TORRANCE Nancy. Cultura escrita e Oralidade. São Paulo, SP: Editora Ática. 1995.

O acervo Wayoro no Endangered Languages Archive (ELAR)

Antônia Fernanda de Souza Nogueira
Doutora em Linguística - FALE-UFPA
afernanda@ufpa.br

Sannlis Araújo Pinheiro
Discente de Graduação da UFRA
sannlisaraujo3@gmail.com

Resumo: De acordo com Austin (2006), a documentação linguística consiste de diferentes processos, alguns dos quais ocorrem paralelamente. Os estágios citados são: gravação de dados primários; captura de gravação em formato analógico (se necessário); análise (anotação linguística); arquivamento; mobilização. Este trabalho apresenta a metodologia, os resultados e os desafios do estágio de arquivamento dos dados primários da língua Wayoro (Tupi, Rondônia) no acervo digital Wayoro: Documentation of language and culture (Nogueira; Galucio; Costa, 2023), armazenado no Endangered Languages Archive (ELAR). As gravações de eventos culturais e de textos em Wayoro (traduzidos para português) foram realizadas entre 2023 e 2025, como parte do projeto "Documentation of the severely endangered languages Makurap and Wayoro (Brazil): material and non-material traditional culture, and its associated knowledge", uma parceria da Universidade Federal do Pará e do Museu Paraense Emílio Goeldi com os povos Wajuru e Makurap da Terra Indígena Rio Guaporé (Rondônia, Brasil), financiado pelo Endangered Languages Documentation Programme. O projeto segue uma metodologia de documentação de base comunitária (Wajuru et al, 2025; Nogueira, Wajuru; Wajuru, 2023b). A seguir, descrevemos o processo de arquivamento ou armazenamento do projeto. A transferência de arquivos de gravação para o computador é feita no mesmo dia da gravação, ainda em campo. Os arquivos são rotulados conforme o padrão de metadados do Museu Paraense Emílio Goeldi, uma vez que os dados também são armazenados nessa instituição. Em seguida, os dados primários são organizados em pastas por data de gravação e salvos, adicionalmente, em pelo menos um HD externo. Posteriormente, essas pastas são reorganizadas por assunto, que constituem as sessões do acervo Wayoro. A curadoria de dados envolve o preenchimento de uma planilha de metadados em português e em inglês (data de gravação, local, participantes, descrição do conteúdo, tópico, palavras-chave etc.). Os dados preenchidos nessa planilha são importados para a área de sessões do programa de gerenciamento Lameta (Hatton et al., 2021) e, posteriormente, exportadas ao ELAR. O conteúdo das sessões do acervo Wayoro é diverso e abrange tópicos como atividades cotidianas, por exemplo, o preparo de comidas, atividades ou costumes tradicionais, como o preparo de uma buzina, sessões de elicitação, como a gravação de listas de palavras e frases do dia a dia da comunidade. Os resultados somam cerca de 30 horas de gravação em áudio e vídeo, organizadas em 76 sessões. Também são armazenadas anotações linguísticas e fotografias relacionadas às sessões. Para elaborar as anotações linguísticas foi usado o software ELAN (2024). Há cerca de 1h30m de falas transcritas e traduzidas. O processo de anotação linguística foi o mais desafiador no projeto, devido ao pequeno número de falantes da língua Wayoro. Para ter uma visualização geral do projeto, confira a sessão Comendo pupas de vespa e a origem das vespas (Nogueira; Galucio; Costa, 2023c) cuja descrição do conteúdo é a seguinte: "As famílias de Maria Wajuru e de Elton Wajuru mostram como se derruba ninho de vespa para comer pupas de vespas. Prepara-se uma espécie de tocha para queimar o ninho. Após isso, é preciso pegar as pupas de vespa para assar e se alimentar. O evento foi gravado no sítio de Elton Wajuru. Em sua casa, Paulina Macurap conta a história de origem da vespa. A vespa era um homem que ferrava um bebê."

Palavras-chave: Língua Wayoro, Documentação linguística e cultural, Arquivamento/armazenamento

Referências:
AUSTIN, P. K. Data and language documentation. In: GIPPERT, J.; HIMMELMANN, N. P.; MOSEL, U. (Orgs.). **Essentials of language documentation.** Berlin: Mouton de Gruyter, p. 87–112,

2006.
ELAN (Version 6.8) [Computer software]. (2024). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Retrieved from https://archive.mpi.nl/tla/elan.
HATTON, John; HOLTON, Gary; SEYFEDDINIPUR, Mandana; THIEBERGER, Nick. 2021. Lameta [software]. Disponível em:. Acesso em: 30/07/2025
NOGUEIRA, Antonia Fernanda; GALUCIO, Ana Vilacy Galucio; COSTA, Carla Daniele. 2023a. Wayoro: Documentation of language and culture. Endangered Languages Archive. Disponível em: Acesso em: 29 jul. 2025.
NOGUEIRA, A. F. DE S.; WAJURU; WAJURU, J. Documentação de conhecimento tradicional do povo Wajuru. Em: LINK, R. S.; RABELLO, A. C. B.; FONSECA, D. R. da (Orgs.). Cultura popular na Amazônia: Anais do I Congresso Internacional de História da Amazônia. Cacoal, RO: Karywa, p. 131–139, 2023b.
NOGUEIRA, Antonia Fernanda; GALUCIO, Ana Vilacy Galucio; COSTA, Carla Daniele. 2023c. Wayoro: Documentation of language and culture. Endangered Languages Archive. Disponível em: Acesso em: 29 jul. 2025.
WAJURU, Jaqueline; MACURAP, Jociclei; NOGUEIRA, Antonia Fernanda de Souza ; GALUCIO, Ana Vilacy; COSTA, Carla Daniele Nascimento da. Engaging Wajuru/Wayoro and Makurap communities in collaborative documentation: Recording, learning, and communicating. Dutkansearvvi dieđalaš áigečála, Helsinki, v. 9, p. 54-74, 2025. Disponível em: Acesso em: 29 jul. 2025.

A documentação da língua Wai Wai e as suas contribuições para a análise histórico-comparativa do Ramo Parukotoano da família Karib

Raniery Oliveira da Silva e Silva
Doutorando do PPGL-UFPA
raniery.oliveira04@hotmail.com

Resumo: A documentação linguística tem emergido no cenário atual como uma das formas de preservar as línguas minoritárias com risco de extinção diante de uma urgência em contexto de alta influência de línguas politicamente dominantes. A língua Wai Wai, pertencente à família Karib, Ramo Parukotoano (GILDEA, 2012), encontra-se em cenário propício à perda linguística, visto que possui cerca de 2.500 a 3.500 falantes (SIASI, 2013; SESAI, 2013, 2019; IEPE, 2019 apud CHAGAS; CUNNINGHAM, 2022, p. 26-27), um número que atribui à língua o status de ameaçada de acordo com o critério de fator 2 (número absoluto de falantes) de acordo com a Unesco (2003). Num cenário de ameaça à perda da língua, uma das estratégias adotadas no desenvolvimento de documentação é a elicitação de dados (itens lexicais ou sentenças), com o intuito e se criar um banco de dados sólido o suficiente para garantir que os itens lexicais ou estruturas sintáticas coletados não sejam perdidos na transmissão intergeracional. Além disso, a constituição de corpora pode contribuir para o desenvolvimento e/ou aprofundamento de análises de cunho tanto descritivo quanto histórico-comparativo. Em vista disso, tem-se como objetivo central apresentar alguns dos resultados da documentação da língua Wai Wai, desenvolvida pelo projeto "Documentação e Descrição da Língua Wai Wai (Karib)", vinculado ao CNPq (processo 408142/2023), oriundos da estratégia de coleta de dados elicitados, que tem possibilitado a construção de um banco de dados que pode permitir uma análise histórico-comparativa consistente e com mais detalhes das que já foram realizadas entre o Wai Wai e as línguas geneticamente mais próximas a ela, o Hixkaryana e o Werekyana (DERBYSHIRE, 1961; MEIRA, 2006; GILDEA, 2012). Para o desenvolvimento da coleta, foram utilizadas a lista de Swadesh, constituída de um vocabulário básico, e a lista de itens possuídos e não possuídos (nomes e posposições), verbos transitivos e intransitivos flexionados em diferentes pessoas, com o objetivo de se coletar também os morfemas marcadores de pessoa e de indicação de posse (nos nomes) e de pessoa e de flexão modo-temporal (nos verbos); a documentação se deu majoritariamente com a gravação de áudio e audiovisual dos dados oferecidos pelos colaboradores indígenas. Como

resultados, tem-se até o momento cerca de 1.050 palavras coletas, dentre elas: nomes não possuídos, nomes possuídos (com flexão de pessoa em 1, 2, 1+2, 3, 3R, 1+2PL), verbos intransitivos (com flexão de pessoa 1, 2, 1+2, 3, 1+2PL) e transitivos (com flexão de pessoa nas relações 1>2, 1>3, 1>1+2, 2>1, 2>3, 2>1+2, 1+2>1, 1+2>2, 1+2>3, 3>1, 3>2, 3>1+2, 3>3), posposições, demonstrativos, termos de parentesco e expressões utilizadas no cotidiano. Esse banco de dados, ainda em fase de consolidação e revisão, permitirá alcançar os resultados mencionados acima: o desenvolvimento de comparação desses mesmos itens lexicais e dos morfemas identificados com as línguas próximas ao Wai Wai com fins de reconstrução do ramo Parukotoano da família Karib, já que os dados permitem alcançar um maior detalhe da descrição do Wai Wai em relação às raízes, à flexão de pessoas e processos de derivação, além das alomorfias fonologicamente ou morfologicamente condicionadas. Isso se mostra em consonância com o que é apontado por Campbell (1998), Crowley e Bowern (2010) e Trask (2015) sobre a construção de um banco de dados robusto para se alcançar êxito numa reconstrução linguística mediante o método histórico-comparativo. Portanto, defende-se que a documentação da língua Wai Wai, ainda em andamento, pode proporcionar dados consistentes o suficiente para se estabelecer análises de cunho histórico-comparativo, o que pode permitir um maior conhecimento da referida família e dos (sub)agrupamentos para ela propostos, vistas algumas divergências encontradas nas propostas já realizadas: Girard (1971), Durbin (1977), Kaufman (1989), Meira (2006) e Gildea (2012).

Palavras-chave: Documentação linguística, Língua Wai Wai, Banco de dados, Elicitação, Análise histórico-comparativa.

Referências:

CAMPBELL, Lyle. Historical Linguistics: An Introduction. Massachusetts: The MIT Press, 1998.
CHAGAS, Angela F. A.; CUNNINGHAM, Lúcia M. S. O Povo Wai Wai e o Multilinguismo entre os Indígenas do Território Wayamu. Revista Moara, n. 62, p. 9-33, dez 2022.
CROWLEY, Terry; BOWERN, Claire. An Introduction to Historical Lingistics. New York: Oxford University Press, 1977.
DERBYSHIRE, Desmond. Hixkaryana (Lingua Descreptive Studies, v. 1). Amsterdam, North-Holland, 1979, p. 200.
DERBYSHIRE, Desmond. Notas comparativas sôbre três dialetos Karíbe. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, n. 14, p. 1-10, 1961.
DURBIN, Marshall. A survey of the Carib language family. In: Carib Speaking Indians, Culture, and Society. Ellen Basso (ed). Tucson: University of Arizona Press. 1977, p. 23-38.
GILDEA, Spike. Linguistic Studies in the Cariban Family. In: CAMPBELL, Lyle; GRONODONA, Veronica (Eds.). Handbook of South American Languages. Berlim: Mouton de Gruyter, 2012. p. 441-494.
GIRARD, Victor. Proto-Carib phonology. 1971. Ph.D. dissertation, University of California, Berkeley. 1971.
HAWKINS, W. Neill. A fonologia da língua Uaiuai. Etnografia e Tupi-Guarani, n. 25, Boletim, n. 157. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, p. 1-49, 1952.
MEIRA, Sérgio. A família linguística Caribe (Karíb). Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.3, n.1/2, p.157-174, jul./dez. 2006.
TERRA INDÍGENA KAXUYANA-TUNAYANA. Terras Indígenas do Brasil. Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4999. Acesso em: 07 out. 2024.
TERRA INDÍGENA TROMBETAS-MAPUERA. Terras Indígenas do Brasil. Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3951. Acesso em: 07 out. 2024.
TRASK, Larry. Historical Linguistics. 3 ed. de Robert McColl Millar. New York: Arnold, 2015.
UNESCO. (2003). Language Vitality and Endangerment. Paris: UNESCO. Retirado de https://ich.unesco.org/doc/src/00120-EN.pdf em 22 de julho de 2025.

Angela F. A. Chagas
Doutora em Linguística – PPGL/UFPA angchagas@yahoo.com.br

Eduardo A. Vasconcelos
Doutor em Linguística – PPGLET/UNIFAP
eduardo.vasconcelos@unifap.br

Resumo: Himmelmann (2006) define a documentação linguística como um campo dentro da prática e investigação linguística, cujas principais preocupações são, de um lado, a compilação e a preservação de dados linguísticos primários e, de outro lado, a interface entre esses dados primários e os diversos tipos de análises que podem ser realizadas a partir deles. Por isso, o autor considera que a documentação linguística consiste fundamentalmente no registro duradouro e multifuncional de uma língua. O objetivo desta comunicação é apresentar e discutir as principais ações já realizadas no projeto de "Documentação e Descrição da língua Wai Wai (Karib)" – em curso desde 2023; além de indicar as atividades ainda a serem desenvolvidas até a conclusão da proposta e refletir sobre as possibilidades de desdobramento dos resultados do projeto para iniciativas futuras. A língua Wai Wai, pertencente ao ramo Parukutoano da família Karib (cf. MEIRA, 2006; GILDEA, 2012), encontra-se em risco de extinção devido ao seu baixo número de falantes – aproximadamente 2.000 pessoas, entre falantes nativos e falantes como segunda língua – e a sua condição de língua politicamente minorizada dentro do cenário nacional. O projeto em escopo pretende documentar a língua de duas formas: uma, através do registro audiovisual de eventos comunicativos, com foco na cultura tradicional material e não-material e seu conhecimento correlato; e outra através da descrição de aspectos gramaticais da língua ainda pouco explorados. A partir disso, a proposta do projeto em andamento é produzir um corpus de ocorrências de fala, com anotações metalinguísticas sobre os eventos comunicativos, o contexto de uso, os participantes envolvidos e o conteúdo em si. Assim, a documentação gerará um banco de dados primários, oriundos de gravações audiovisuais de uma grande variedade de domínios e situações de usos da língua em foco. Em viagem de campo, realizada em 2024, a equipe conseguiu coletar 25h de eventos comunicativos, distribuídos entre narrativas tradicionais, relatos de vida, textos procedurais e elicitação de dados. 10h de gravação já foram transcritas ortograficamente em Wai Wai e traduzidas livremente para o português. Mais recentemente, foi iniciado o processo de interlinearização dos textos transcritos e traduzidos – atividade que contribui automaticamente para a alimentação da base de dados lexicais, atualmente, com cerca de 350 entradas. Considerando a interface entre os dados primários e as inúmeras perspectivas de análise possíveis – citada por Himmelmann (op. cit.) – esperamos que o corpus produzido possa servir tanto como base para ampliar a descrição linguística – contribuindo não só para um maior conhecimento do funcionamento sincrônico da língua, como também podendo servir de aporte crucial para o aprofundamento de estudos histórico-comparativos da família linguística Karib; quanto servir para usos da própria comunidade – incluindo-se, nessa perspectiva, a elaboração futura de materiais didáticos que possam auxiliar o ensino da língua no ambiente escolar – iniciativa que pode ser realizada por outros pesquisadores e/ou pela própria comunidade Wai Wai.

Palavras-chave: Documentação Linguística; Descrição Gramatical; Língua Wai Wai; Família Karib; Vitalização Linguística.

Referências:

GILDEA, S**. Linguistic studies in the Cariban family**. In In CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (Eds.). The Indigenous Languages of South America. Berlin: De Gruyter Mouton, pp. 259-330, 2012, p. 441-494.

HIMMELMANN, Nikolaus P. 2006. **Language documentation: What is it and what is it good for?** In: Essentials of language documentation, eds. Jost Gippert, Nikolaus P. Himmelmann and Ulrike Mosel, 1-30. Berlin: Mouton de Gruyter.

MEIRA, Sérgio. **A família linguística Caribe (Karíb).** Revista de Estudos e Pesquisas. FUNAI, Brasília, v. 3, n.1/2, p.157-174, 2006.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 11
EDUCAÇÃO INDÍGENA: UM DIÁLOGO SOBRE ANCESTRALIDADES E FORMAS DE TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

Francisco Edwiges Albuquerque
Danielle Mastelari Levorato

COMUNICAÇÕES

ENSINO DE PLE/PLA PARA ESTRANGEIROS E INDÍGENAS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

EDUCAÇÃO DA CRIANÇA INDÍGENA SURDA: Alfabetização e Letramento com saberes ancestrais e Línguas de Sinais

Educação indígena e letramentos em contexto escolar: reflexões a partir de aula campo no CEMIX

A ANCESTRALIDADE DO POVO HUNI KUIN: uma contribuição para a educação escolar indígena

Jogos Tradicionais Indígenas do Povo Krahô e seu Processo de Ensinar - Aprender Ancestral

A (trans)formação ribeirinha na/pela Língua-Cultura Inglesa no Campus Universitário do Tocantins/Cametá

Contagem e medição em Parkatêjê: interface entre língua e cultura

As produções de diálogos interculturais sobre as vivências Noke Koin (Katukina-Pano): sentidos, identidades e existências

Toponímia em Igarapé-Açu/PA: Preservação Linguístico-Cultural dos Povos Indígenas

Políticas públicas para a educação: tessituras acerca da gestão educacional indígena e o Programa Jovem em Ação

Tutre Mẽ Xoore Jarẽn Xà: O Processo de Produção de um Curta-Metragem de Animação com Estudantes Krahô

Educação: da Aldeia a Escola

Uma proposta de Formação Intercultural de professores de Língua Portuguesa da Educação Básica mediada por narrativas orais indígenas

A ANCESTRALIDADE DO POVO HUNI KUIN: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

ENSINO DE PLE/PLA PARA ESTRANGEIROS E INDÍGENAS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Isabel Cristina Teixeira do Carmo Lopes
Mestranda do PPGL-UFPA
Bellopes134@gmail.com

Marília de N. Ferreira
Doutor em Linguística– PPGL
marilia@ufpa.br

Ainda na infância ouvimos falar da importância de aprender uma Língua Estrangeira (L.E). O francês, o inglês e mais tarde o espanhol fizeram parte das políticas linguísticas brasileiras que observavam a importância de se conhecer essas línguas para o caso de ordem econômica e/ou política no cenário mundial. Em contrapartida, as línguas brasileiras não receberam igual atenção ou valorização. A história de colonização do Brasil evidencia o quão cruel foram suas políticas para com as línguas indígenas. A língua portuguesa foi trazida e imposta com força e violência, sob o peso de ameaças de tortura e de morte, por essa razão línguas, culturas e seus povos indígenas foram perdidos. Muitas dessas línguas estão sob ameaça de desaparecimento completo, clamando por políticas para sua revitalização de forma que abranjam uma educação intercultural e bilíngue que respeite suas cosmologias e ancestralidades. Do outro lado, a Língua Portuguesa desponta cada vez mais no cenário político, educacional, econômico e internacional como uma língua global, atraindo olhares para o país. O presente trabalho pretende refletir sobre as aproximações entre o ensino de PLE/PLA para estudantes estrangeiros bem como para estudantes indígenas. A partir de uma análise dos estudos de Santos (2018), Oliveira (2008); Mendes (2012), Resolução 5.110 (2018); Baniwa, buscou-se entender quais as aproximações entre o ensino de PLA/PLE e a Educação Intercultural Indígena podem contribuir para a formação de ambos os públicos, levando em consideração as particularidades de cada um, por meio de uma abordagem intercultural crítica e de um estudo comparativo desses contextos. Considerando-se que o estudo ainda encontra-se em andamento, espera-se com o debate, encontrar caminhos que colaborem com a revitalização das línguas e culturas indígenas.

Palavras-chave: Ensino de línguas, PLE/PLA; Educação Intercultural Indígena;

EDUCAÇÃO DA CRIANÇA INDÍGENA SURDA: Alfabetização e Letramento com saberes ancestrais e Línguas de Sinais

Lisanir Cardoso Chaves
Doutoranda em Linguística
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
lisanir.chaves@ufnt.edu.br

Resumo: Este estudo tem como foco a educação de crianças indígenas surdas, com ênfase nos processos de alfabetização e letramento mediados por Línguas de Sinais e fundamentados nos saberes ancestrais das comunidades indígenas. Parte-se do entendimento de que a criança indígena surda está inserida em uma dupla especificidade linguística e cultural, frequentemente invisibilizada pelas práticas pedagógicas hegemônicas. O objetivo geral é analisar como os conhecimentos tradicionais indígenas podem ser integrados às práticas pedagógicas e o processo de alfabetização e letramento de crianças indígenas surdas, respeitando sua identidade linguística e cultural. A metodologia adotada é a

pesquisa bibliográfica, com base em autores como Gersem Baniwa (2019) e Bartolomeu Melià, que discutem a educação escolar indígena; Quadros (2006), Strobel (2009) e Skliar (2001), que abordam a educação bilíngue de surdos; Santos; Damasceno (2023) explicam sobre o ensino das Línguas Indígenas de Sinais e da Libras na perspectiva do multilinguísmo; Vilhalva; Araújo (2022) abordando questões da educação de indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais; e Walsh (2009) e Santos (2007), que contribuem com a perspectiva da pedagogia decolonial. No campo do letramento, autores como Soares (2003) e Kleiman (2005) fundamentam as discussões sobre práticas contextualizadas de leitura e escrita. A justificativa deste trabalho está na urgência de construir práticas pedagógicas inclusivas e interculturais, que reconheçam o direito das crianças indígenas surdas a uma educação bilíngue e culturalmente situada. Espera-se, como resultado, oferecer subsídios teóricos que orientem a formação docente e o planejamento de ações pedagógicas que articulem línguas de sinais, línguas indígenas e saberes comunitários. Conclui-se que a valorização dessas dimensões é essencial para garantir o direito à educação de qualidade e com equidade, fortalecer as identidades indígenas surdas e contribuir para as práticas educacionais que promovam a inclusão e a aprendizagem do aluno indígena surdo.

Palavras-chave: Criança Indígena surda; Saberes ancestrais; Alfabetização e Letramento; Línguas de sinais; Educação e Inclusão.

Educação indígena e letramentos em contexto escolar: reflexões a partir de aula campo no CEMIX

Rayza Silva da Silva
Mestranda em Letras – UFT
rayza.silva@mail.uft.edu.br

José Renan Araújo Souza
Mestrando em Geografia – UFT
jose.renan@mail.uft.edu.br

Maurício Alves da Silva
Doutor em Geografia - (PPG LETRAS-UFT)
mauricio.silva@uft.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões oriundas de uma aula campo realizada no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente (CEMIX), localizado em território indígena no estado do Tocantins. A escola, caracterizada como um espaço sem muros físicos, integra-se ao ambiente natural e cultural da comunidade, tendo ao fundo o rio como espaço de lazer e convivência dos estudantes. A experiência permitiu observar práticas educativas que articulam saberes tradicionais do povo Akwẽ-Xerente com os conhecimentos escolares, evidenciando a importância da educação intercultural e dos letramentos indígenas. O objetivo é compreender como a escola indígena atua como espaço de afirmação identitária, resistência cultural e construção de conhecimentos plurais. A metodologia adotada foi qualitativa, com base em observações in loco, escuta de professores, e registros reflexivos. Destaca-se o contexto geográfico e logístico desafiador: os estudantes residem em aldeias distantes e enfrentam longos trajetos para chegar à escola, incluindo trechos de estrada de chão cobertos por poeira. Alguns saem de madrugada para aguardar o transporte escolar, evidenciando o esforço coletivo para garantir o acesso à educação. Esse desafio não é exclusivo dos alunos: todo o pessoal da infraestrutura, merendeiras, equipe da secretaria, vigias e demais servidores também não moram nas proximidades da escola e dependem do transporte escolar, enfrentando os mesmos obstáculos diários. Parte dos docentes também reside na região, o que contribui para o fortalecimento dos vínculos comunitários e pedagógicos. A pesquisa é informada por referenciais que discutem a relação entre território, identidade e educação indígena (Santos; Silva, 2024; Souza; Oliveira, 2024; Souza; Osório, 2022;

Xerente; Xerente, 2014). Conclui-se que a educação indígena, como vivenciada no CEMIX, contribui para o fortalecimento cultural e político das comunidades, promovendo uma formação escolar que dialoga com os territórios, os saberes ancestrais e os desafios cotidianos enfrentados pelos sujeitos indígenas.

Palavras-chave: Educação indígena. Letramentos. Interculturalidade. CEMIX. Identidade cultural. Acesso escolar

Referências:

Santos, L. S. dos, & Silva, M. A. da. (2024). **Povos indígenas do estado do Tocantins:** território e cultura. Porto Das Letras, 9(4), Artigo 4, p. 1–15. Recuperado de https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/18999

Santos, L. S. dos, & Silva, M. A. da. (2024). **Povos indígenas do estado do Tocantins**: território e cultura. Porto Das Letras, 9(4), Artigo 4, p. 1–15. Recuperado de https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/18999

Souza, N. N. de, & Oliveira, P. A. de. (2024). **Educação indígena em debate:** proposituras e tensionamentos da gestão educacional do povo xerente no Cemix-Warã. Porto Das Letras, 9(4), Artigo 11, p. 1–26. Recuperado de https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/19076

Souza, N. N. de, & Osório, N. B. (2022). **Pontuações sobre os Akwẽ-Xerente:** os anciãos e as aspirações dos jovens após a formatura no Campus de Porto Nacional – UFT. Porto Das Letras, 8(2), s22002. Recuperado de https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/14701

XERENTE, Sinval Waikazate de Brito; XERENTE, Silvino Sirnãwe. Proposta de Projeto Político Pedagógico para as escolas do povo Akwẽ. Monografia de Especialização em Educação Intercultural: Gestão Pedagógica. Goiânia: UFG, 2014.

A ANCESTRALIDADE DO POVO HUNI KUIN: uma contribuição para a educação escolar indígena

Carlos Augusto de Andrade Barbosa
Doutorando do PPGLLIT – UFNT
carlos_augusto2019@outlook.com.br

Francisco Edviges Albuquerque
Doutor em Linguística – PPGLLIT – UFNT
fedviges@uol.com.br

RESUMO O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a ancestralidade do povo Huni Kuin e sua contribuição para o fortalecimento da educação escolar indígena. A ancestralidade constitui o eixo estruturante da identidade Huni Kuin e pode se articular de maneira potente aos currículos interculturais da escola indígena. Com base em revisão bibliográfica e na pesquisa etnográfica discutimos como os saberes ancestrais podem contribuir para uma pedagogia decolonial e uma educação bilíngue, intercultural e diferenciada. Tem como objetivo analisar como a ancestralidade do povo Huni Kuin pode contribuir para o fortalecimento da educação escolar indígena, assim como identificar os elementos fundamentais da ancestralidade do povo Huni Kuin e investigar práticas pedagógicas que integrem esses saberes ancestrais no contexto escolar. A inclusão dos saberes indígenas nas escolas indígenas é uma exigência constitucional (BRASIL, 1988) e legal (BRASIL, 1999), mas ainda enfrenta obstáculos na prática. A valorização da ancestralidade Huni Kuin é fundamental para resistir aos processos de apagamento cultural e fortalecer os territórios de saber e de memória. Compreender e integrar esses saberes não é somente reconhecer que a educação escolar indígena não pode ser apenas bilíngue e intercultural, mas também imersa nas práticas tradicionais e

nos modos próprios de ensinar e aprender, tornando-se, de fato, diferenciada. A pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem etnográfica e bibliográfica, além de entrevistas com 40 Huni Kuin da TI Praia do Carapanã, situada no estado do Acre, onde moro e ministro aula no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) desde o ano de 2024. Dentre os colaboradores conversamos com professores, alunos, lideranças locais, cacique geral e pajés Huni Kuin. O processo de escuta respeitou os protocolos culturais e buscou valorizar a oralidade como forma legítima de produção de conhecimento. A pesquisa encontra-se estruturada em três capítulos que discorrem acerca da temática. No primeiro capítulo do trabalho apresenta-se um breve histórico dos aspectos sócio históricos e culturais do Huni Kuin, utilizando as diversas pesquisas de antropólogos e linguistas como Aryon Rodrigues, Euclides da Cunha, Darcy Ribeiro, dentre outros. O segundo capítulo traz algumas discussões acerca das bases teóricas e metodológicas referentes a Linguagem e a Educação Escolar Indígena, tendo como referencial as pesquisas de Grupioni, Meliá, Krenak, dentre outros. Ademais, será feito uma análise da educação diferenciada, intercultural e multilíngue com base nos estudos realizados e as percepções do que foi observado e garimpado nas entrevistas e convivência de quatro meses na pesquisa de campo. A ancestralidade Huni Kuin se manifesta em diversas dimensões: na cosmologia expressa pelos mitos, nos kenes, nas músicas, nas festas e práticas medicinais, dentre outras. Na escola Keã Huni Kaxinawá é incorporado os kenes, a contação de mitos, o ensino da língua Hãtxa Kuin, o uso do canto e a história desse povo como ferramentas educativas e tem se tornado eficazes para aproximar e valorizar a ancestralidade Huni Kuin, tornando a escola um espaço de afirmação cultural e de resistência à homogeneização.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena; Ensino; Ancestralidade, Linguagem.

Referências:
GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. 2008. Olhar longe, porque o futuro é longe: cultura, escola, e professores indígenas no Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo, SP.
KRENAK, Ailton. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, SP.
MELIÁ, Jesus. 2010. A educação intercultural bilíngue no Brasil: desafios e perspectivas. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 45, p. 19-34.
RODRIGUES, Aryon D. 1986. As Línguas Tupi: História, Estrutura e Classificação. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, RJ.

Jogos Tradicionais Indígenas do Povo Krahô e seu Processo de Ensinar - Aprender Ancestral

Kairo Tavares Freire
Mestre em Educação Profissional UFT – Campus Palmas
kairo.freire@ifto.edu.br

Resumo: Este trabalho de pesquisa tem o objetivo de analisar os jogos tradicionais indígenas na Escola Indígena 19 de Abril, sua prática pedagógica, as bases legais e curriculares inerentes da educação indígena bilíngue diferenciada. Para tanto, além do estudo acerca da legislação, trabalhamos a proposta pedagógica curricular da escola, de modo a identificar em sua estrutura, a oferta dos indígenas, bem como caracterizar o perfil do professor que atua na escola indígena. No tocante à metodologia fez-se um percurso metodológico da pesquisa participante na educação, e ainda a observação participante além dos documentos institucionais da escola. Os resultados obtidos sinalizam a relevância dos jogos tradicionais indígenas, assim como as brincadeiras praticadas, que buscam promover a integração entre os povos indígenas, diversão e entretenimento, inclusive com o futebol de campo incorporado a essa cultura, visando a valorização e fortalecimento a identidade cultural indígena, para além dos jogos escolares regulares praticados nas aulas de educação física que na maioria dos casos, são competitivos e até se baseando no modelo de esporte de rendimento, que quer resultados, vitórias, recordes, medalhas, troféus a exemplo das confederações e federações esportivas

nacionais e internacionais. Os dados analisados permitiram ao pesquisador, identificar o quão importante e necessário é a prática dos professores nas escolas indígenas, que ministram aulas de Educação Física, também nas escolas regulares, para que concebam os jogos tradicionais indígenas como práticas corporais importantes para além de competição e trabalhem o conhecimento sobre o corpo das crianças, esportes, jogos, lutas, ginásticas e atividades rítmicas expressivas como forma recreativa, de lazer e entretenimento prazeroso.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Tradicionais Indígenas; Educação Indígena; Povo Krahô.

Referências:

ALBUQUERQUE, F. E.; LEITE, Francinaldo Freitas; CASTRO, Hiasmymde Carvalho. Saberes tradicionais e relações interculturais do povo indígena Krahô. *Revista Cocar*, Belém, v. 10, n. 20, p. 431-455, ago./dez. 2016.

ALMEIDA, S. A.; ALBUQUERQUE, F. E.; PINHO, M. J. de. Transdisciplinaridade e educação intercultural: a formação do professor indígena Apinayé em perspectiva. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, UNESP, Araraquara, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Educação escolar indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola*. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. *Indagações sobre o currículo e avaliação*. Brasília: Secretaria da Educação Básica, 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 09/2001: Diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF: CNE, 2001.

A (trans)formação ribeirinha na/pela Língua-Cultura Inglesa no Campus Universitário do Tocantins/Cametá

Geciel Ranieri Furtado
Doutorando PPGL-UFPA
gecielranieri@gmail.com

Resumo: Estimulados a pesquisar sobre os sujeitos da Amazônia Tocantina nas suas diferentes formas de existência e práticas de vidas, nosso olhar voltou-se para acadêmicos ribeirinhos que estão em formação acadêmica no Curso de Letras – Língua Inglesa do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, da Universidade Federal do Pará, sendo que nos desafiam a pensar sobre suas identidades a partir dessa (trans)formação acadêmica. Neste sentido, nosso objetivo foi discutir sobre os deslocamentos identitários que essa formação leva os sujeitos ribeirinhos a fazer, além de contribuir com os estudos para a formação de professores no Baixo Tocantins. Como procedimentos teórico-metodológicos, a pesquisa apresenta um cunho interpretativista. Para dar conta disso, foi feito um levantamento teórico para abordar as temáticas que a investigação se propunha, dentre os quais destacamos as contribuições de Foucault (2006, 2010); Coracini (2010, 2016); Hall (2003, 2005); Bauman (2013); Lopes (2018, 2021); Farias (2019). Para geração e coleta de dados realizamos uma entrevista com acadêmicos e egressos do Curso de Letras – Língua Inglesa do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, esses dados foram analisados pelas lentes de interpretação da Análise do Discurso. Como resultados apontamos para a fragmentação das identidades dos acadêmicos ribeirinhos forma(n)dos em Letras – Língua Inglesa. Consideramos que a língua-cultura inglesa, assim como pode aproximar os sujeitos, ela pode ao mesmo tempo afastar os sujeitos de oportunidades, que o ensino-aprendizagem de língua-cultura inglesa pode possibilitar. E dessa forma, compreendemos que as identidades ribeirinhas são remodeladas a partir do curso de Letras – Língua Inglesa apontando para as emergências de pensarmos essas questões no Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS), pois está, esta (trans)formando a realidade de muitos outros sujeitos ribeirinhos.

Palavras-chave: Amzônia Tocantina, Identidades, Língua-Cultura Inglesa; Universidade.

Referências:
BAUMAN, Zygmunt. A cultura no mundo líquido moderno. 1. J. Zahar. 2013.
CORACINI, Maria José. A celebração do outro arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado das Letras, 2007.
FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2010.
HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DPA, 2005

Contagem e medição em Parkatêjê: interface entre língua e cultura

Ingryd Moraes de Moraes Lira
Mestre em Linguística – PPGL-UFPA
ingrydmoraes1@gmail.com

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira
Doutora em Linguística – PPGL-UFPA
mariliaferreira1@gmail.com

Resumo: Segundo Dehaene (1997), os seres humanos possuem uma capacidade intuitiva relacionada à percepção de números e de suas propriedades, que permite identificar e diferenciar quantidades. As línguas naturais, em sua maioria, contam com vocábulos específicos para expressar noções de quantidade, comumente representadas por numerais e quantificadores. Neste estudo, analisamos as formas e os contextos de contagem e medição na língua Parkatêjê, considerando aspectos como: tempo, espaço e recipientes de medida, bem como buscamos compreender esses aspectos estão enraizados nas práticas culturais cotidianas e em saberes tradicionais. Essa língua é falada por povos indígenas que vivem em aldeias localizadas ao longo da BR-222, no município de Bom Jesus do Tocantins, no estado do Pará. Para a obtenção dos dados, realizamos trabalho de campo com falantes nativos da língua Parkatêjê, por meio de procedimentos metodológicos comumente utilizados em pesquisas de descrição linguística, especialmente a metodologia adotada nos estudos desenvolvidos por Lima e Rothstein (2016). Como estratégia para aproximar os informantes do contexto real de uso dos diferentes nomes na língua, foram empregados objetos concretos durante as coletas de dados. Em situações específicas, nas quais não foi possível o uso de objetos físicos durante as entrevistas, utilizamos imagens ilustrativas, selecionadas a partir de diversas fontes, como recurso auxiliar para a elicitação e compreensão dos dados da língua. Conforme relatos dos informantes, a contagem e a medição fazem parte do cotidiano do povo Parkatêjê, desempenhando funções importantes em diversas situações socioculturais. Embora a língua apresente um número reduzido de termos para expressar quantidades exatas, como os numerais cardinais, conforme apontam estudos anteriores, como os de Araújo (1989) e Ferreira (2003), a língua dispõe de um amplo repertório de quantificadores, capazes de denotar, por exemplo, noções como “muito” ou “pouco”. Essas expressões são recorrentemente empregadas em contextos de troca de bens (alienavelmente possuídos), na descrição de espaços, nas caças, na preparação de alimentos, na confecção de artefatos, no plantio, na colheita e no acompanhamento do período gestacional. Além disso, constatamos uma significativa influência sociocultural e linguística do homem não indígena nas práticas culturais e sociais, assim como na forma de comunicação do povo Parkatêjê.

Palavras-chave: Contagem, Medição, Língua Parkatêjê.

Referências:
ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. *Aspectos da língua Gavião-Jê.* 1989. Tese (Doutorado) –

Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.
DEHAENE, S. *The number sense*. New York: Oxford University Press, 1997.
FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. 2003. 276f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local-- files/tese%3Aferreira-2003/Ferreira_MariliadeNazaredeOliveira_D.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.
LIMA, S.; ROTHSTEIN, S. *The count/mass distinction questionnaire*. University of Toronto & Bar-Ilan University, Ms, 2016.

As produções de diálogos interculturais sobre as vivências Noke Koin (Katukina-Pano): sentidos, identidades e existências

Shelton Lima de Souza
Doutor em Linguística – PPGLI-UFAC
shelton.souza@ufac.br

Resumo: A(s) história(s) da origem do povo Noke Koin (Katukina), narrada(s) por Maurício da Silva Ni 'i Katukina e traduzida por Baía Paixão Mae Katukina e João Assis Me 'o Katukina, é(são) relato(s) que transcende(m) o tempo que nos transporta(m) para vieses socioidentitários desse povo indígena. Trata(m)-se de narrativa(s) de caráter sagrado, transmitida oralmente ao longo das gerações, que envolve uma intricada teia de mitos, símbolos e conhecimentos indígenas. Ao explorar a(s) história(s) de origem, somos confrontados com a visão de mundo e a complexidade das relações estabelecidas pelos Noke Koin com o cosmos, a natureza e o sagrado. Nosso intuito, nesta comunicação, não é debater as várias teorias sobre mitos, por exemplo, mas destacar a importância dos aspectos mitológicos e seus valores no contexto educacional indígena Noke Koin, tendo em vista que os mitos são vistos como narrativas que podem ser interpretadas por meio de diversas lentes teóricas, incluindo perspectivas filosóficas, sócio-históricas, antropológicas, psicológicas, semióticas, literárias, sociológicas, fenomenológicas etc. Desse modo, por meio de entrevistas realizadas com pessoas Noke Koin, objetivo discutir a perspectiva indígena sobre produções de narrativas mitológicas, em consonância com Krenak, que em suas obras, enfatiza a importância dos mitos e das narrativas indígenas como formas de conhecimento que oferecem perspectivas sobre a vida, a natureza e as existências humanas. Krenak (1989, 2018, 2019, 2020) argumenta que os mitos são fundamentais para entender as diferentes formas de ser e estar no mundo, promovendo um relacionamento integrado com o meio ambiente e com todas as formas de vida. Krenak defende que, para os povos indígenas, o mito não é apenas uma "história", mas uma compreensão de mundo que orienta a relação com o cosmos, a terra, os animais e entre as pessoas, promovendo uma relação em que o físico e o espiritual se entrelaçam. Neste sentido, algumas considerações em andamento sobre as reflexões aqui proposta mostram que ao reconhecer a potência dos mitos indígenas, é possível afirmar que a valorização das cosmologias indígenas é também uma forma de resistência política e cultural. Portanto, pensar as práticas interculturais dos Noke Koin implica reconhecer a centralidade da espiritualidade e das narrativas originárias como fundamentos para a existência coletiva. Assim, afirmo que os processos interculturais não devem buscar traduzir ou adaptar os saberes indígenas à lógica ocidental, mas sim abrir espaços para que esses saberes se manifestem em sua inteireza, promovendo relações mais horizontais, éticas e respeitosas entre as culturas que coexistem.

Palavras-chave: Noke Koin, mitos, linguagem, diálogos interculturais

Referências:

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. E-book, 2020. Disponível em: https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver. Acesso em: 12 jan. 2024.
KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Aílton. **Retomar a história, atualizar a memória, continuar a luta.** In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (org.) Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em: https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf#page=81. Acesso em: 2 jan. 2024.
KRENAK, Ailton. **Tradição indígena e ocupação sustentável da floresta.** Terra Livre, n. 6, 1989. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/74. Acesso em: 12 out. 2021.

Toponímia em Igarapé-Açu/PA: Preservação Linguístico-Cultural dos Povos Indígenas

Jaqueline do Nascimento Cruz
Licenciada em Letras – UEPA
jaqueline.cruz@email.com

Marcos Jaime Araújo
Doutor em Linguística – UEPA
marcos.jaime@uepa.br

Resumo: este trabalho investiga a toponímia do município de Igarapé-Açu/PA como expressão da preservação linguístico-cultural dos povos indígenas, em especial os de origem Tupinambá, baseado em Orlandi (2001), Dick (1992), Araújo (2019, 2024), Stradelli (2014), Freire (2000), Cabral (2000), Rodrigues (1996, 2010). A pesquisa parte da hipótese de que os topônimos da região são marcas linguísticas e históricas que revelam práticas culturais, formas de ocupação e resistência identitária. O objetivo é analisar o contexto histórico-cultural desses topônimos, identificar sua origem linguística e compreender as transformações ocorridas no processo de nomeação. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, com natureza descritivo-analítica, fundamentada em levantamento documental, entrevistas com moradores locais e análise etimológica e taxonômica. Foram coletados 25 topônimos por meio de mapas oficiais do IBGE e registros públicos municipais, posteriormente validados junto a informantes locais. A classificação dos dados seguiu os postulados de Dick (1992), com base na taxionomia toponímica. Os resultados indicam que os topônimos igarapeaçuenses representam uma herança viva da LGA, articulando língua, cultura e território, sendo relevantes para os estudos de Linguística, Etnolinguística e História da Amazônia. A análise da toponímia contribui, assim, para o reconhecimento e valorização da diversidade linguística e cultural do Norte do Brasil. A análise permitiu identificar as seguintes categorias toponímicas: fitotopônimos (44%), antropoculturais (24%), hidrotopônimos (20%) e zootopônimos (12%). Os dados revelam que a Língua Portuguesa atuou como língua de imposição, mas os empréstimos da Língua Geral Amazônica (LGA) preservaram sentidos indígenas na paisagem toponímica local. A pesquisa evidencia que os topônimos funcionam como signos linguísticos e culturais que sustentam a memória coletiva e reafirmam a identidade local frente aos processos de colonização e apagamento cultural.

Palavras-chave: Toponímia, Identidade cultural, Língua Geral Amazônica, Taxionomia, Memória linguística.

Referências:
ARAÚJO, Marcos Jaime. *Toponímia de origem Tupinambá no município de Bragança/PA: um estudo linguístico-taxonômico*. Belém: UEPA, 2019.
DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira.* São Paulo: Arquivo do Estado, 1992.
STRAVELLI, Ermano. *Vocabulários da Língua Geral Portuguez-Nheêngatú e Nheêngatú-Portuguez.*

São Paulo: EDUSP, 2014.
ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2001.
FREIRE, José Ribamar Bessa. *Línguas, cultura e poder*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.
CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. *Entre o rio e a floresta*: história social da LGA. Campinas: UNICAMP, 2000.
RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1996.

Políticas públicas para a educação: tessituras acerca da gestão educacional indígena e o Programa Jovem em Ação

Poliana Alves de Oliveira
Doutoranda do PPG-LETRAS – UFT
polianadeoliveira2023@seduc.to.gov.br

Neila Nunes de Souza
Doutora em Educação PPG-LETRAS – UFT
neilasouza@mail.uft.edu.br

Resumo: As mudanças sociais e políticas que vêm ocorrendo no cenário educacional brasileiro nos últimos anos são o lócus que fundamentam as políticas públicas e norteiam a estrutura educacional, e portanto a escola e os sujeitos que dela fazem parte. A partir deste viés, nos propomos a discutir sobre: gestão educacional indígena e as políticas públicas para o ensino médio, com foco no Programa Jovem em Ação, Portaria do MEC nº 1145/2016. Assim sendo, o objetivo geral proposto é compreender as implicações provocadas pela implantação do Programa Jovem em Ação - Portaria do MEC nº 1145/2016 no processo de gestão educacional. A pesquisa caracteriza-se, do ponto de vista da natureza, como pesquisa aplicada; em relação aos procedimentos metodológicos, se define como pesquisa bibliográfica; do ponto de vista da abordagem, define-se como qualitativa; configura-se como exploratória, pois parte da pesquisa e leitura de materiais já publicados e analisados a fim de obtenção de aporte teórico relevante para fundamentar a investigação acadêmica. Esta pesquisa apoia-se nos estudos e ideias de alguns autores que focam as mudanças que vêm ocorrendo no campo das políticas públicas relacionadas ao Ensino Médio e os tensionamentos gerados na gestão educacional democrática, além de teóricos e pensadores da educação e os documentos do MEC que tratam sobre o Ensino Médio em tempo integral (EMTI), os cadernos produzidos pelo Instituto de Corresponsabilidade pela Educação - ICE (2020) que norteiam os parâmetros a serem adotados e seguidos pelas Escolas Jovem em Ação, a LDB Lei nº 9394/96, o Plano Nacional de Educação Lei nº 13005/2014 e o Plano Estadual de Educação do Tocantins Lei nº 2977/2015, a Lei nº 13.415/2017 que institui a Reforma do Ensino Médio, além da Base Nacional Comum Curricular (2017), Documento Curricular Nacional do Novo Ensino Médio (2018) e o Documento Curricular do Território do Tocantins – DCT (2022). Nessa perspectiva a luz do objetivo proposto verificou-se que apesar dos avanços na legislação educacional, ainda existem muitos desafios na implementação de processos educacionais baseados nas especificidades culturais e linguísticas das comunidades indígenas. Essas dificuldades podem resultar em escolas indígenas que não conseguem ofertar um ambiente educacional verdadeiramente intercultural, na qual a cultura e a língua de cada etnia sejam valorizadas e integradas ao currículo. As problematizações efetivadas no âmbito desta pesquisa nos fornecem reflexões que clarificam os benefícios oriundos dela reconhecendo a importância de pesquisas que visam compreender e documentar o processo de gestão educacional indígena, uma vez que isso pode contribuir para a análise crítica, o aprimoramento e a implementação efetiva das políticas educacionais elaboradas para estas comunidades.

Palavras-chave: Ensino Médio. Gestão educacional indígena. Programa Jovem em Ação.

Tutre Mẽ Xoore Jarẽn Xà: O Processo de Produção de um Curta-Metragem de Animação com Estudantes Krahô

Robbergson Andrade Duarte
Doutorando do PPGLLit-UFNT
robbergson@gmail.com

Francisco Edviges Albuquerque (PPGLLit-UFNT)
edviges@ufnt.edu.br

Resumo: A adoção do cinema de animação em sala de aula se mostra uma importante estratégia didático-pedagógica. Seja por meio da exibição de filmes animados ou pela produção colaborativa desse tipo de mídia pelos próprios alunos, é possível promover os multiletramentos, a inclusão digital e a transdisciplinaridade, ao combinar, em uma mesma tarefa, ludicidade e aprendizagem, absorção e produção de conhecimento. Tal adoção é, contudo, ainda pouco expressiva, sobretudo na Educação Escolar Indígena, que apresenta um modelo diferenciado de ensino, alicerçado nos preceitos de interdisciplinaridade, bilinguismo e interculturalidade; marcadores ideais para uma intervenção que abrace outras linguagens além da escrita. Pensando nisso, levamos a uma escola indígena Krahô a proposta de produção de um curta-metragem de animação em língua materna, que envolvesse ativamente integrantes da comunidade escolar. A presente pesquisa tem como objetivo principal descrever as experiências de campo para a realização desta proposta. O trabalho possui uma abordagem qualitativa e foi conduzido por metodologia multirreferencial, que envolve intervenção pedagógica e pesquisa etnográfica. A geração dos dados em campo foi feita mediante registro em diário de bordo de entrevistas semiestruturadas, observação participante, orientação informal e desenvolvimento da oficina. Para esta, por sua vez, foram selecionados três alunos da Escola Estadual Indígena 19 de Abril, localizada na Aldeia Manoel Alves Pequeno, próximo ao município de Goiatins, no estado do Tocantins. A oficina foi supervisionada e adaptada à realidade local por uma professora indígena em todas as suas etapas, e as crianças foram orientadas na produção dos desenhos, leitura do roteiro, treinamento das falas e captação de áudio. A narrativa escolhida para ser adaptada se chama "Tutre Mẽ Xoore Jarẽn Xà" (A História da Rolinha e da Raposa) e está presente na tradição oral dos Krahô, sendo contada às crianças na hora de dormir. A produção do curta revelou potencialidades que a mídia-educação converge, ao propiciar atividades de leitura, desenho e dramatização, além da interação constante entre alunos e professor e entre estes e a natureza. Ao final, foi apresentado à comunidade o produto resultante em língua materna, tendo sido posteriormente disponibilizado em plataformas de vídeo online (YouTube e Vimeo), com legendas em português, inglês e espanhol. Por meio dessa experiência, pretende-se contribuir para a Educação Escolar Indígena, indicando ações pedagógicas alternativas ao modelo tradicional de ensino, alinhadas, portanto, à proposta de uma educação diferenciada. Além disso, experiências do gênero podem resultar na produção de material didático em formato audiovisual, ajudando a expandir os recursos disponíveis para o professor indígena ou não indígena em sala de aula.

Palavras-chaves: Oficina de Cinema de Animação, Mídia-Educação, Multiletramentos, Povo Krahô, Educação Escolar Indígena.

Referências:

Abreu, Marta Virginia de Araújo Batista. 2012. Situação Sociolinguística dos Krahô de Manoel Alves e Pedra Branca: Uma Contribuição Para a Educação Escolar. Araguaína.

Albuquerque, Francisco Edviges (Org.). 2012. Me Ipê Krahô Catêjê Te Amj Ton Xà: arte e cultura do povo Krahô. FALE/UFMG: Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Literaterras. Minas Gerais.

Francisco Edviges Albuquerque (Org.). 2013. Krahô Jujarẽn Xà Kwỳ. Pontes Editores. São Paulo.

Brasil. 2018. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica.

Brasil. 1998. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Ministério da Educação e do

Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.
Carneiro da Cunha, Manuela. 1978. Os mortos e os Outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. Hucitec, v. 314, p. 73-87. São Paulo.
Damiani, Magda Floriana; Rochefort, Renato Siqueira; De Castro, Rafael Fonseca; Dariz, Marion Rodrigues; Pinheiro, Silvia Siqueira. 2013. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. In: Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel . Pelotas.
Dsei – Tocantins. 2021. Distrito Sanitário Especial Indígena.
Lazaretti, Wilson. 2009. Manual do pequeno animador. Komedi. Campinas.
Machado, Arlindo. 1997. Pré-cinemas e pós-cinemas. Papirus. Campinas.
Magalhães, Marcos. 2015. Cartilha Anima Escola, Técnicas de animação para professores e alunos. IDEIA | Rio de Janeiro, 2a edição. DEIA - Instituto de Desenvolvimento, Estudo e Integração pela Animação. Rio de Janeiro.
Melatti, Julio Cezar. 1978. Ritos de Uma Tribo Timbira. Coleção Ensaios, 53. Ática. São Paulo.
Melatti, Julio Cezar. 2009. Índios e Criadores: A situação dos Krahô na área pastoril do Tocantins. Monografia do Instituto em Ciências Sociais. Brasília.
Melatti, Julio Cezar. 2010. Outras versões de mitos Craôs. Brasília.
Milliet, Joana Sobral. 2014. Pedagogias da Animação: Professores Criando Filmes com Seus Alunos na Escola. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
Vilaça, Sergio Henrique Carvalho. 2006. Inclusão audiovisual através do cinema de animação. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte

Educação: da Aldeia a Escola

Neila Nunes de Souza
UFT (PPGLetras/Estágio Pós-Doutoral UFNT)
neilasouza@uft.edu.br

Francisco Edviges Albuquerque
Doutor em Letras (PPGLLIT-UFNT Supervisor de Estágio Pós-Doutoral) francisco@ufnt.edu.br

Resumo: Este trabalho propõe discutir a educação familiar para os Akwẽ-Xerente e a escola na aldeia. Tendo como foco que a educação familiar é a base para os Akwẽ-Xerente que aprendem vivenciando, observando e essencialmente no convívio, no espaço da aldeia que é do pátio, da casa, da mata, sem um tempo de relógio. Os Akwẽ-Xerente tem um histórico de aprendizagem e transmissão de cultura oral, passada pelos anciãos no warã, a exemplo da contação de histórias, que para os Akwẽ é espaço de aprendizagens. Além disso, as aprendizagens no Warã eram de ouvir os mais velhos, mas, com o advento da escola, esse espaço também sofreu transformações, por vezes de quase extinção, já que os jovens vão para a escola, e seria como se não necessitassem e/ou não tivessem mais tempo para esses ensinamentos de sua cultura. Assim sendo, o objetivo geral proposto é compreender as implicações provocadas pelo advento da escola nas aldeias. A pesquisa caracteriza-se, do ponto de vista da natureza, como pesquisa aplicada; em relação aos procedimentos metodológicos, se define como pesquisa bibliográfica; do ponto de vista da abordagem, define-se como pesquisa na abordagem qualitativa, ancorada em Pádua (2011). Assim, destacamos alguns aportes teóricos: Baniwa (2006), Xerente, Ercivaldo (2016), Giraldin, 2018 e Silvia Xerente (2018) que elucida que as crianças e os jovens aprendem a valorizar os ensinamentos repassados pelos anciãos através do discurso. Trata-se do reforço de que é nos ensinamentos dos anciãos, por meio de uma cultura que é oral, que os mais jovens aprendem a ouvir, respeitar os mais velhos, para aprender sobre a vida, sua cultura e subsistência. Neste contexto, a tradição da cultura oral sofre transformações com a implantação das escolas nas aldeias. Pois “a escola passa a ser vista como mais um dos atributos necessários para a

construção do sujeito Akwẽ. [...], a relação com os não-índios está numa esfera que oferece tanto risco quanto benefícios para sociedade Xerente. [...] é extremamente necessário saber se relacionar com o 'mundo dos brancos'" (Melo; Giraldin, 2012, p. 179). Um outro aporte teórico fundamental é a Constituição Federal de 1988, que assegura direitos fundamentais aos indígenas, vale mencionar o artigo 210, que determina que devem ser "fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais". Ainda no parágrafo segundo, prevê que "o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem". Considerando o objetivo proposto a pesquisa demonstrou que o tempo em que as crianças e jovens estão na escola, anteriormente seria um tempo do convívio na casa com a família e nos espaços da aldeia, e é como se estivessem sendo desperdiçados. Isso porque é como se os jovens fossem retirados da aprendizagem do cotidiano, que é de fato o que interessa para os Akwẽ, e fossem colocados na escola, que tem regras, horários. Além disso, em alguns momentos, o que os jovens aprenderão na escola beira a abstração e escapam do que servirá para a vida.

Palavras-Chave: Akwẽ-Xerente. Educação familiar. Escola.

Referências:

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano**. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD/ LACED/Museu Nacional, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil,** Brasília, DF: Senado Federal. 1988. 292 p.

GIRALDIN, Odair. **Educação Escolar e Educações Indígenas: reflexões epistêmicas**. IN: Revista Articulando e Construindo Saberes / Universidade Federal de Goiás. - Vol. 3, nº 1 (2018). - Goiânia: / CEGRAF, 2018. p. 187-196.

MELO Valéria M. C. de; GIRALDIN, Odair. **Os Akwẽ-Xerente e a busca pela domesticação da escola.** Revista Tellus, ano 12, n. 22, Campo Grande, MS jan./jun. 2012. p. 177-199. Disponível em: https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/279. Acessado em: 20 de julho de 2021.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de**. Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática.**17ª ed. Campinas, São Paulo, 2011.

XERENTE, Ercivaldo Damsokekwa. **Processo de educação Akwẽ e os direitos indígenas a uma educação diferenciada: práticas educativas tradicionais e suas relações com a prática escolar Xerente**. Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos, UFG, 2016.

XERENTE, Sílvia Letícia Gomes da Silva. **A Língua Akwẽ e a Língua Portuguesa em contato: ameaça ou enriquecimento linguístico?** IN: Revista Articulando e Construindo Saberes / Universidade Federal de Goiás. - Vol. 3, nº 1 (2018). - Goiânia: / CEGRAF, 2018. p. 378-419.

Uma proposta de Formação Intercultural de professores de Língua Portuguesa da Educação Básica mediada por narrativas orais indígenas

Franklin Yago de Souza Hipólito
Mestre em Letras pelo POSLET-UNIFESSPA
Franklinhipolito18@gmail.com

Resumo: Uma das atividades mais antigas da humanidade é a de contar histórias de forma oral. Antes mesmo da invenção da escrita e, por conseguinte, da Literatura escrita, as narrativas orais já estavam presentes, e eram repassadas de geração em geração. No entanto, apesar da sociedade brasileira ter se tornado grafocêntrica, as narrativas orais ainda persistem e fazem parte do imaginário de muitos brasileiros, especialmente da população indígena, uma vez que é assim que as culturas, as identidades e a memória deles têm se mantido vivas desde 1.500, quando houve a invasão de seu território e imposição de uma língua, cultura e religião por parte dos invasores. Diante disso, nesta pesquisa,

propomo-nos a investigar os efeitos de uma prática de formação intercultural de professores para docentes de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental Anos Finais, avaliando as mudanças em suas práticas pedagógicas que abordam lugar dos povos originários na sala de aula. Este estudo se justifica no fato de que Marabá, nosso locus de pesquisa, é uma cidade rodeada de aldeias indígenas e que parte dessa população também vive na cidade, frequenta as escolas não indígenas, bem como outros espaços sociais e, apesar disso, ainda há, entre os cidadãos marabaenses, muitos estigmas e preconceitos em relação aos Povos Originários, o que faz com que surja a necessidade de combater essa visão equivocada e ofensiva, sendo a escola um dos principais lugares para isso. O percurso formativo se dará por meio de oito encontros junto aos professores da rede pública de ensino, em que haverá rodas de conversa, visita às aldeias, escuta e coleta de narrativas orais indígenas, entre outras atividades que contribuam para subsidiar as práticas pedagógicas desses docentes no que diz respeito ao acolhimento e à valorização das diversidades étnicas, culturais e linguísticas. Nossa investigação se insere no campo da abordagem qualitativa, que se compromete com uma investigação de conhecimentos sobre a realidade educacional, a qual tem as relações humanas e sociais cercadas de opiniões, crenças, representações e valores. Acreditamos que este estudo pode contribuir para a formação continuada desses educadores, promovendo um ensino intercultural, sensível às alteridades.

Palavras-chave: Formação de professores; Interculturalidade; Povos indígenas.

A ANCESTRALIDADE DO POVO HUNI KUIN: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Carlos Augusto de Andrade Barbosa
Doutorando do PPGLLIT – UFNT
carlos_augusto2019@outlook.com.br

Francisco Edviges Albuquerque
Doutor em Linguística – PPGLLIT – UFNT
fedviges@uol.com.br

RESUMO O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a ancestralidade do povo Huni Kuin e sua contribuição para o fortalecimento da educação escolar indígena. A ancestralidade constitui o eixo estruturante da identidade Huni Kuin e pode se articular de maneira potente aos currículos interculturais da escola indígena. Com base em revisão bibliográfica e na pesquisa etnográfica discutimos como os saberes ancestrais podem contribuir para uma pedagogia decolonial e uma educação bilíngue, intercultural e diferenciada. Tem como objetivo analisar como a ancestralidade do povo Huni Kuin pode contribuir para o fortalecimento da educação escolar indígena, assim como identificar os elementos fundamentais da ancestralidade do povo Huni Kuin e investigar práticas pedagógicas que integrem esses saberes ancestrais no contexto escolar. A inclusão dos saberes indígenas nas escolas indígenas é uma exigência constitucional (BRASIL, 1988) e legal (BRASIL, 1999), mas ainda enfrenta obstáculos na prática. A valorização da ancestralidade Huni Kuin é fundamental para resistir aos processos de apagamento cultural e fortalecer os territórios de saber e de memória. Compreender e integrar esses saberes não é somente reconhecer que a educação escolar indígena não pode ser apenas bilíngue e intercultural, mas também imersa nas práticas tradicionais e nos modos próprios de ensinar e aprender, tornando-se, de fato, diferenciada. A pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem etnográfica e bibliográfica, além de entrevistas com 40 Huni Kuin da TI Praia do Carapanã, situada no estado do Acre, onde moro e ministro aula no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) desde o ano de 2024. Dentre os colaboradores conversamos com professores, alunos, lideranças locais, cacique geral e pajés Huni Kuin. O processo de escuta respeitou os protocolos culturais e buscou valorizar a oralidade como forma legítima de produção de conhecimento. A pesquisa encontra-se estruturada em três capítulos que discorrem acerca da temática. No primeiro

capítulo do trabalho apresenta-se um breve histórico dos aspectos sócio-históricos e culturais do Huni Kuin, utilizando as diversas pesquisas de antropólogos e linguistas como Aryon Rodrigues, Euclides da Cunha, Darcy Ribeiro, dentre outros. O segundo capítulo traz algumas discussões acerca das bases teóricas e metodológicas referentes a Linguagem e a Educação Escolar Indígena, tendo como referencial as pesquisas de Grupioni, Meliá, Krenak, dentre outros. Ademais, será feito uma análise da educação diferenciada, intercultural e multilíngue com base nos estudos realizados e as percepções do que foi observado e garimpado nas entrevistas e convivência de quatro meses na pesquisa de campo. A ancestralidade Huni Kuin se manifesta em diversas dimensões: na cosmologia expressa pelos mitos, nos kenes, nas músicas, nas festas e práticas medicinais, dentre outras. Na escola Keã Huni Kaxinawá é incorporado os kenes, a contação de mitos, o ensino da língua Hãtxa Kuin, o uso do canto e a história desse povo como ferramentas educativas e tem se tornado eficazes para aproximar e valorizar a ancestralidade Huni Kuin, tornando a escola um espaço de afirmação cultural e de resistência à homogeneização.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena; Ensino; Ancestralidade, Linguagem, Interculturalidade.

Referências:
GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. 2008. Olhar longe, porque o futuro é longe: cultura, escola, e professores indígenas no Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo, SP.
KRENAK, Ailton. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, SP.
MELIÁ, Jesus. 2010. A educação intercultural bilíngue no Brasil: desafios e perspectivas. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 45, p. 19-34.
RODRIGUES, Aryon D. 1986. As Línguas Tupi: História, Estrutura e Classificação. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, RJ.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 12
ELEMENTOS ENVOLVIDOS NA ELABORAÇÃO DE DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Lúcia Maria de Assis
Alexandre Batista da Silva

COMUNICAÇÕES

PARA QUE ESCREVER? Uma discussão sobre práticas sociais de escrita a partir do ensino de redação modelo ENEM

Palavras em Pedaços: Jogo Fonético-Fonológico que fomenta o processo de alfabetização e amadurecimento cognitivo dos letramentos em língua portuguesa

A Abordagem do Gênero Infográfico no Livro Didático: interfaces entre multimodalidade e letramento científico.

Entre cortes e recortes: de que são feitas as redações do ENEM?

GÊNEROS TEXTUAIS, INTERAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO: O QUE PROPÕE A LINGUÍSTICA TEXTUAL PARA O ENSINO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO: ABORDAGEM SOBRE PRODUÇÃO TEXTUAL

DO ENSINO MÉDIO

LEITURA E ESCRITA DE MINICONTOS: UMA INTERVENÇÃO SOBRE BULLYING

COMO SE CONSTRÓEM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?

A intertextualidade como recurso argumentativo no gênero notícia – o caso das enchentes do Rio Grande do Sul no ano de 2024.

A Voz do Norte pelos Quadrinhos de Nilberto Jorge: uma proposta de leitura para a Educação Básica

Abrindo parênteses: uma revisão do conceito de digressão e de seu papel no conto Fulano, de Machado de Assis

ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL DE REESCRITAS DA NARRATIVA "O BOTO COR-DE-ROSA" COM BASE NA PEDAGOGIA DE GÊNEROS DE TEXTO

Gêneros textuais em perspectiva semântica: possibilidades e aplicações para o ensino de Língua Portuguesa

Coesão e coerência na articulação das frases em Sargento Getúlio: um desafio para o ensino de sintaxe

Movimentos intertextuais e dialógicos responsáveis pela produção de sentidos na crônica "erramos", de Fernando Evangelista

OS DÊITICOS COMO FENÔMENOS PRAGMÁTICOS:UM ESTUDO DE SUA UTILIZAÇÃO EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A CAMPANHA + VOCÊ USA O SUS SOB A ÓTICA DA INTERTEXTUALIDADE: ASPECTOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS DO CONFLITO

O GÊNERO TEXTUAL POESIA: UMA INVESTIGAÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO DA LEITURA E DA PRODUÇÃO TEXTUAL À LUZ DO LIVRO DIDÁTICO

PARA QUE ESCREVER? Uma discussão sobre práticas sociais de escrita a partir do ensino de redação modelo ENEM

Karla Alves de Araújo França Castanheira
Doutora em Letras e Linguística -PPGLL/UFG
karlacastanheira@gmail.com

Resumo: Desde que o Enem passou a substituir os processos seletivos para as universidades públicas brasileiras, em 2009, com a criação do SISU, a redação escolar "modelo Enem" passou a ser o foco do ensino de produção de textos no Ensino Médio. Foram muitas as consequências desse processo; dentre elas, a retomada da noção de "redação escolar" como foco do ensino de produção de texto em língua

portuguesa. Como explica Geraldi (2011), a redação escolar é a produção textual, esvaziada de sentido, do aluno que, não sendo sujeito-autor, preenche esquemas sem se preocupar em estabelecer interlocução. Isso fez com que o mercado de venda de produtos voltados "ao ensino bom português", que sempre foi muito rentável, passasse a focar-se em vender dicas, estratégias e esquemas a serem preenchidos para se cumprir a tarefa de "fazer redação". Muitos estudiosos têm se debruçado sobre a concepção da redação do ENEM como um gênero textual, já que ela surge dessa concepção de "exercício de escrita escolar", mas um exercício que possui "claramente, tema, composição e estilo, além de cumprir com uma função social e um propósito comunicativo" (Cavalcante; Silva, 2023, p. 61). Muitos outros estudos foram desenvolvidos a respeito da tipologia textual, dos elementos composicionais desse gênero e de sua construção argumentativa (Cavalcante e Silva, 2023). No presente trabalho, partimos dessas elaborações sobre o que construí a redação modelo ENEM, para, em diálogo com elas, discutir algumas implicações socio discursivas e ideológicas desse "mercado de ensino de redação". Para isso, o presente trabalho se propõe a analisar alguns dos produtos desse mercado. São eles: sites de conteúdo didático, como o "Guia do Estudante" e o "Brasil Escola", e sites de correção de redação online, como o "Corrija-me" e o "Redação online", selecionados de acordo com as métricas de engajamento do Google e os livros de redação (caderno ENEM) para o Ensino Médio inscritos no PNLD – 2026, divulgados pelo site E-Docente. A análise focou-se em compreender como esses produtos formulam e orientam o processo de produção textual escrita e quais as implicações dessas concepções para a compreensão das práticas escritas em nossa sociedade. Essa análise indicou, entre outros aspectos, que, enquanto algumas estratégias e possibilidades de construção textual são impostas como regras, outras são desconsideradas ou mesmo desencorajadas por esses produtos, o que evidencia uma concepção de produção textual escrita como uma aplicação de regras pré-determinadas cujos efeitos de sentido ou mesmo as marcas de autoria não são discutidos. Os aspectos enunciativo-discursivos das produções textuais escritas, assim como a concepção de produção textual escrita como forma de participação significativa e crítica nas práticas sociais cidadãs, propostos pela BNCC (2018, p. 67-68) como foco do ensino de língua portuguesa, são tangencialmente abordados, quando não desconsiderados. Todos esses elementos facilitam (quando não incentivam) o uso de modelos prontos de textos, que devem apenas ser adaptados ao recorte temático. Por fim, argumenta-se que essas questões possuem implicações diretas sobre os processos de construção da subjetividade e sobre as formas de organização do pensamento, ambas diretamente vinculadas à produção textual (Orlandi, Lagazzi Rodrigues, 2006; Van Dick, 1980, entre outros autores). Além disso, elas engendram um mecanismo de ocultação do papel da escrita na nossa sociedade, tanto como instrumento de poder e exclusão, como defende Gnerre (2009), quanto como instrumento de resistência, como defendem Glória Anzaldúa (2019) e Conceição Evaristo (2020), entre outras autoras.

Palavras-chave: Redação Modelo ENEM; Ensino de Produção Textual; Práticas Sociais de Escrita.

REFERÊNCIAS:

ANZALDÚA, G. La consciência de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 323-339.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível online em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em tempointegral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf

CAVALCANTE; F. M. L.; SILVA, A. A. O gênero da redação ENEM: Um estado do conhecimento. In: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, v.23, n.2, 2023, p. 51-70.

EVARISTO, C. Escrevivência - Episódio 01 da série Ecos da Palavra. 2017b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE. Acessado pela última vez em 20 abr. 2020.

GERALDI, J. W. (Org.). O texto na sala de aula: leitura e produção. São Paulo: Ática, 2011.

GNERRE, M. Linguagem, escrita e poder. 5a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). Discurso e textualidade. Campinas: Pontes,

2006.
VAN DICK, T.A. Macrostructures: An interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1980. Disponível online em: https://discourses.org/wp content/uploads/2022/06/Teun-A.-van-Dijk-1980-Macrostructures.-An Interdisciplinary-Study-Of-Global-Structures-In-Discourse-Interaction-And Cognition.pdf. Acesso em 25 de agosto de 2025.

Palavras em Pedaços: Jogo Fonético-Fonológico que fomenta o processo de alfabetização e amadurecimento cognitivo dos letramentos em língua portuguesa

Lauriete Balieiro Martins
Graduanda em Letras Língua Portuguesa do Campus de Abaetetuba – UFPA
laurietebalieiromartins49@gmail.com

Ana Alice Santana Lima Dos Santos
Graduanda em Letras Língua Portuguesa do Campus de Abaetetuba – UFPA
aalicesantanals@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística
Docente do ILC e do PPGCITE – UFPA
braynacardoso@ufpa.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo mostrar que jogos pedagógicos voltados para área da fonética e fonologia dentro da disciplina Língua Portuguesa podem fornecer um ensino produtivo, além de desenvolver a habilidade de leitura. Tendo como foco obras de teóricos tais como Paulo Freire (1996), Elizabeth Anne Cutler (1988) e Gunther Kress (2010). A pesquisa realizada, exteriorizou as multimodalidades de ensino, promovendo o desenvolvimento e a estimulação rápida da aprendizagem. E buscando uma abordagem no meio qualitativo, o estudo traz à tona a produtividade em que os jogos pedagógicos podem oferecer e a habilidade rápida no aprendizado do discente. E dentro do âmbito educacional, a disciplina Língua Portuguesa por muitas vezes, é vista como dificultosa e problemática para os discentes, principalmente nos anos iniciais, onde a pronúncia e a leitura são necessárias para o desenvolvimento da criança. Um dos jogos que foi selecionado como funcional para a educação dos discentes dos anos iniciais dentro deste trabalho foi o quebra cabeça silábico, tendo como nome ``Palavras em Pedaços´´. E tem como função, não somente garantir a diversão, mas a facilidade de aprender por meio de outro método, o da Aprendizagem Linguística Ativa (Pilati, 2017), e principalmente incentivar a prática da segmentação de palavras, a pronunciação e a leitura. Aplicados por meio destes métodos e as teorias elaboradas pelos autores, dando ênfase nas multimodalidades que podem ser incluídas dentro da educação, atribuindo facilidade de aprendizado, inclusão e socialização para o discente, aprender os elementos fonéticos-fonológicos implica diretamente no processo de alfabetização e letramento. Portanto, considerando a funcionalidade dos jogos pedagógicos colocados em prática dentro da sala de aula, observa-se que ele pode aguçar a habilidade de interpretação, pronunciação e segmentação adequada das palavras, impactando diretamente na qualidade da educação no país. Assim, este trabalho atribui ênfase no modo de ensino, mostrando que ele não precisa ser de forma monótono, mas sim diversificado e multifacetado, proporcionando aos discentes as variadas formas de aprender os conteúdos e utilizarem as aplicações para as práticas diárias.

Palavras-chaves: Jogos pedagógicos, Língua Portuguesa, Fonética e Fonologia, Multimodalidades, Aprendizagem.

Referências:

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
CUTLER, Anne; NORRIS, Dennis. The role of strong syllables in segmentation for lexical access. Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance, v. 14, n. 1, p. 113-121, 1988.
CUTLER, Anne. Native Listening: Language Experience and the Recognition of Spoken Words. Cambridge, MA: MIT Press, 2012.
KRESS, Gunther. Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication. New York: Routledge, 2010.
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br.

A Abordagem do Gênero Infográfico no Livro Didático: interfaces entre multimodalidade e letramento científico.

Gilvan da Silva Alves
Mestrando do PPGLe-UEMASUL
gilvan.alves@uemasul.edu.br

RESUMO: Este trabalho propõe uma análise teórico-prática do gênero infográfico no contexto do ensino de Língua Portuguesa, com foco em suas potencialidades como instrumento de desenvolvimento do letramento científico e dos multiletramentos. O infográfico é um gênero textual que articula linguagem verbal e não verbal, configurando-se como uma prática discursiva multimodal que veicula informações por meio de diferentes recursos visuais e textuais, como gráficos, esquemas, imagens e textos. Segundo Costa (2018), esse gênero tem como principal função tornar dados complexos mais acessíveis, o que o torna especialmente relevante para o ambiente escolar. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) orienta o trabalho pedagógico com gêneros multissemióticos como o infográfico, especialmente por meio da Competência Geral 5, que incentiva o uso articulado de diferentes linguagens, e da Competência Específica 4 de Língua Portuguesa, que propõe a análise dos efeitos de sentido provocados por recursos expressivos diversos. Destaca-se, ainda, a habilidade EF69LP33, voltada especificamente à leitura crítica de textos multimodais. A escolha do infográfico como objeto de estudo justifica-se por sua relevância na formação de leitores críticos e na promoção do letramento científico, entendido como a capacidade de interpretar, utilizar e refletir sobre conhecimentos científicos em diferentes linguagens, favorecendo a articulação entre linguagem e ciência (Chassot, 2014; Demo, 2010b; Silva, 2019). Além disso, ao exigir do leitor a compreensão de múltiplos modos de significação, o infográfico se insere no escopo dos multiletramentos, como discutido por Rojo (2012), ao fomentar práticas de leitura e produção textual ancoradas em contextos digitais, visuais e interativos. A fundamentação do estudo apoia-se em autores que discutem a linguagem em sua dimensão discursiva, social e pedagógica, como Bakhtin (2011) e Marcuschi (2008), além de autores que contribuem para a compreensão do ensino de gramática em perspectiva textual, como Antunes (2017), Koch e Elias (2010) e Mendes (2018). Também se incorpora a contribuição de Rojo (2012) e Silva (2019), cujos trabalhos evidenciam o papel dos multiletramentos na promoção de uma educação linguística crítica e inclusiva. Mendes (2018), por sua vez, aponta para a importância de práticas escolares que promovam a reflexão, a expressividade e a defesa de pontos de vista, alinhadas à proposta de ensino com gêneros multimodais como o infográfico. O objetivo geral da pesquisa é analisar como o gênero infográfico é abordado no livro didático “Araribá Conecta Português”, de Paiva (2024), adotado em escolas da rede pública municipal de Imperatriz – MA. Especificamente, pretende-se: (1) identificar a presença e o tratamento do gênero infográfico nas unidades do livro; (2) examinar os recursos linguísticos e visuais mobilizados nas atividades propostas; e (3) avaliar o alinhamento das propostas com os princípios do letramento científico e dos multiletramentos. A pesquisa terá abordagem qualitativa, de caráter exploratório e

descritivo. O corpus será composto pelas seções do livro didático que tratam diretamente do infográfico, e a análise será orientada por categorias como: estrutura composicional do gênero, recursos semióticos utilizados, intencionalidade comunicativa e articulação entre linguagem e conhecimento científico. Espera-se que este estudo contribua para a valorização do infográfico como recurso didático-pedagógico no ensino de Língua Portuguesa, possibilitando a construção de práticas mais integradas, reflexivas e socialmente significativas. Os resultados deverão oferecer subsídios para o trabalho docente com gêneros multimodais, ampliando a formação crítica dos estudantes e favorecendo sua inserção em uma cultura digital e científica cada vez mais complexa.

Palavras-chave: Infográfico, Letramento científico, Livro didático, Multiletramentos.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedantismo. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Organização, tradução e prefácio de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2011.
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 29 jul. 2025.
CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: questões e desafios para a educação. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
COSTA, Valéria da Silva. O infográfico no livro didático: reflexões sobre o ensino de leitura multimodal. In: FERREIRA, Mônica Correia Baptista; ROJO, Roxane (orgs.). Letramentos em prática: formação do leitor do impresso ao digital. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 135-154.
DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. 22. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010b. (Coleção educação contemporânea).
KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2010.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. (orgs.). Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008. p. 19-36.
MENDES, Jaquelene. Multiletramentos, leitura crítica e ensino: o infográfico como prática discursiva escolar. In: SILVA, Kleber Aparecido da (org.). Letramentos e ensino de Língua Portuguesa: práticas e reflexões críticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2018. p. 173-194.
PAIVA, Adriana Figueiredo de. Araribá Conecta: Língua Portuguesa. 9. ano. São Paulo: Moderna, 2024.
ROJO, Roxane. Escola e letramento digital: letramentos múltiplos e de multiletramentos. In:
ROJO, Roxane (org.). Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-30.
SILVA, Kleber Aparecido da. Multiletramentos e ensino: práticas possíveis na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

Entre cortes e recortes: de que são feitas as redações do ENEM?

Angélica Lídia Freire Lopes Fonseca
Graduação em Letras – LP
angelica.freire@ilc.ufpa.br

Resumo: O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) vem sendo aplicado desde 1998 no Brasil, consolidando-se, ao longo de quase 30 anos, como a principal forma de acesso às universidades públicas e privadas do país. A prova, que já passou por diversos formatos, nunca deixou de exigir dos(as) candidatos(as) a composição de uma redação. Assim, conectados à necessidade de oferecer aos estudantes a escrita de uma “boa redação”, há inúmeros exemplos de perfis em redes sociais

particularmente voltados para vender métodos que prometem “ensinar” como usar “repertórios socioculturais” a fim de escrever “redações nota mil”. Logo, é no contexto da profusão de ofertas ao redor da escrita escolar focada no ENEM que se constitui esta pesquisa, buscando responder se, “entre cortes e recortes” – como consultas a bancos de “modelos”, “repertórios” e “propostas de intervenção” pré-moldadas -, existe espaço para o ensino da composição textual enquanto construção colaborativa de sentidos (Koch, 2012). Então, a partir das noções de textualidade e intertextualidade, para Koch (2012), Marcuschi (2008) e Costa Val (2016), pretendemos responder em que medida as redações compostas de acordo com o modelo estipulado pelo ENEM poderiam, linguisticamente, ser ou não consideradas como textos. Para isso, assumimos como corpus redações (no modelo ENEM) disponíveis publicamente. As redações foram obtidas a partir do acesso a sites e blogs que oferecem serviços voltados para a prática da escrita de redações e a partir do acesso à documentação oficial do Exame, especialmente ao manual “A Redação do ENEM: Cartilha do Participante”, do ano de 2024. As análises apontam que mesmo redações que foram comprovadamente elaboradas pelos(as) candidatos(as) durante a realização do exame, apresentam transcrições de trechos anteriormente utilizados em outras composições, o que nos leva a questionar em que medida as normas e orientações oficiais do Exame Nacional do Ensino Médio podem estar criando um cenário adequado para a propagação de simulacros e não de textos.

Palavras-Chave: Redação. ENEM. Intertextualidade. Fatores de textualidade.

Referências:

BARZOTTO, Valdir Heitor. **Leitura, escrita e relação com o conhecimento**. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso:** cultura escrita, educação e participação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Ana Cristina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães**. Intertextualidade**: diálogos possíveis. 3 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GÊNEROS TEXTUAIS, INTERAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO: O QUE PROPÕE A LINGUÍSTICA TEXTUAL PARA O ENSINO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

Janine Maria Rocha da Silva
Doutora Universidade Federal de Lavras
janinemaria76@gmail.com

Resumo: Atualmente, é lugar comum na linguística a afirmação de que todo discurso tem uma dimensão argumentativa e esse posicionamento foi abraçado pela LT, por Koch (2005), já que, para autora, “toda ação verbal é dotada de intencionalidade e tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe de suas opiniões”. Por essa razão, defende-se aqui que a argumentação é uma atividade discursiva inerente ao ser humano e que não existe discurso neutro. Tomando como base os estudos bakhtinianos que preconizam que a linguagem acontece sob a forma de textualidade, ou seja, que a verdadeira comunicação verbal entre duas ou mais pessoas acontecem na forma de textos (orais e escritos) e eles “são constituídos por sujeitos em interação, seus quereres e saberes, então, argumentar é humano” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 23). Portanto, buscamos analisar – à luz dos pressupostos da Teoria da Argumentação na Língua (ADL), através de Ducrot (1987) e Cabral (2017) e da Linguística Textual, através de Koch (2009), Koch e Elias (2016) – os aspectos intratextuais argumentativos, tais como: os fatores de textualidade, os operadores argumentativos, os marcadores temporais ocorridos nos discursos verbais escritos. Para tanto, primeiro mostraremos que, através de certos elementos linguísticos, uso da linguagem é essencialmente argumentativo. Em seguida, mostraremos como, a partir de alguns gêneros textuais, é possível trabalhar as estratégias

argumentativas, na sala de aula; e, por último, mostraremos ainda algumas propostas de atividades de escrita que assinalam como a argumentação e os fatores de textualidade estão presentes no processo de ensino de produção textual. O corpus se constituirá de um recorte dos comentários em jornais e dos comentários no Instagram acerca dos discursos que envolvem o respeito mútuo na pluralidade e divergência de opiniões e os valores socialmente estabelecidos, como a homofobia e a misoginia. A seleção e o recorte do corpus – comentários e postagens em rede social e na comunicação virtual – se justifica porque compartilhamos do pressuposto de que argumentatividade é intrínseca à linguagem humana e de que, portanto, todo discurso tem um veio de argumentação. Além disso, a argumentação é uma habilidade fundamental para a formação de um cidadão consciente, com posicionamento ético em relação ao cuidado consigo mesmo, com o outro e com o ambiente em que vive.

Palavras-chave: Argumentação, Fatores de textualidade, Marcas linguísticas, Ensino de produção textual.

Referências:
CABRAL, A. L. T. A força das palavras. São Paulo: Contexto, 2017.
DUCROT, O. A descrição semântica em linguística. In: DUCROT, O. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987.
KOCH, I. V. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005. KOCH, I. V. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 2009.
KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Escrever e argumentar. São Paulo: Contexto, 2016.

ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO: ABORDAGEM SOBRE PRODUÇÃO TEXTUAL DO ENSINO MÉDIO

Vanessa Gonçalves Ferreira
Doutoranda, PPGLIP - UERJ
profvanessaferreira21@gmail.com

Resumo: Desde a implementação do SISU (Sistema de Seleção Unificada), em 2010, o acesso às universidades tornou-se mais acessível em razão do uso da nota do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) para a classificação de alunos em diferentes instituições do país. Em razão disso, o Ensino Médio sofreu modificações na sua organização, o que motivou um movimento nas escolas, sobretudo nas particulares, de ajustar seus programas e currículos para abarcar habilidades e competências previstas no ENEM. No que se refere à produção textual, esse movimento tornou-se evidente e crescente, inclusive com a inserção cada vez mais precoce do ensino do "modelo Enem" em aulas de produção textual. Diante desse cenário, o presente trabalho propõe uma análise de um material didático sobre Produção textual destinado a alunos do Ensino Médio de escolas privadas. Busca-se analisar como se constroem a abordagem de gêneros textuais, a sugestão de propostas de produção, e como essas atividades contribuem no processo de desenvolvimento da escrita em diferentes gêneros e situações comunicativas. Dessa forma, uma pergunta norteia esta análise: esse material prioriza o estudo de diferentes gêneros, o desenvolvimento das habilidades escritas ou se concentra no estudo da redação ENEM e de vestibulares? A partir desse questionamento, os capítulos serão analisados, para que se responda à pergunta proposta e se perceba qual o objetivo do ensino de produção escrita nesse segmento da educação básica. A metodologia será a análise de um capítulo, buscando responder os questionamentos propostos, observando não só a parte teórica dos capítulos, como também as atividades de produção textual indicadas. Como aporte teórico, que dará embasamento ao trabalho, destacam-se Brasil (2010), Campos e Polachini (2015) e Di Iório et, al. (2018). Espera-se, com este estudo, que seja possível apontar possíveis problemas e acertos encontrados nesse conjunto didático, a fim de que novos caminhos sejam traçados para o ensino de produção escrita.

Palavras-Chave: produção textual; material didático; ensino médio.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Portaria Normativa nº 2, de 26 de janeiro de 2010. Institui e regulamenta o Sistema de Seleção Unificada, sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação, para seleção de candidatos a vagas em cursos de graduação disponibilizadas pelas instituições públicas de educação superior dele participantes. Diário Oficial da União, Brasília, ano 147, n. 18, seção 1, 27 de janeiro de 2010. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=80&data=27/01/2010>. Acesso em: 7 jan.2016. http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=80&data=27/01/2010

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, ano 149, n. 169, seção 1, p. 1-2, 30 ago. 2012. Disponível em: <Disponível em: http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=30/08/2012 >. Acesso em: 7 jan. 2016. » http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=30/08/2012

CAMPOS, Maria Inês Batista; POLACHINI, Nathalia R. S. Redações do Enem no livro didático: aproximações e distanciamentos. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). O livro didático de português: múltiplos olhares. 2. ed. [S. l.]: Lucerna, 2001. p. 147-156.

DI IÓRIO, Patrícia Leite; CASAGRANDE, Nancy dos Santos; SILVA, Andressa Pereira da. Magda Soares e o ensino de redação em manuais didáticos. In: PALMA, Dieli Vesaro; BASTOS, Neusa Maria Barbosa. Língua Portuguesa na década de 80: linguística, gramática, redação e educação. São Paulo: Terracota Editora, 2018.

LEITURA E ESCRITA DE MINICONTOS: UMA INTERVENÇÃO SOBRE BULLYING

Gildeane de Almeida Pereira
Doutoranda do PPGLLIT – UFNT
gildeaneapostolo@gmail.com

Louis Guillaume Théodore Bueno Santos Martins
Doutor em Estudos Linguísticos– UFPE
theodore.bueno@ufpe.br

Resumo: Este trabalho configura-se como uma intervenção pedagógica que aborda o gênero miniconto como estratégia fundamental para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita. Nesse particular, para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, criamos oficinas de leitura que envolvem significativamente habilidades de compreensão e interpretação de minicontos, assim como atividades de escrita criativa associadas à problemática de bullying na escola. Para coleta e análise dos dados, apoiamo-nos nos pressupostos teóricos de Antunes (2003, 2009) e Cafiero (2005, 2013) para os conceitos e discussões sobre leitura e escrita; Marcuschi (2008, 2002) e Schneuwly (2004) para definições de gêneros, Di Nizo (2008), Koahan (2013) e Silva (2014) para discussão sobre estratégias de escrita criativa, Spalding (2008, 2012) para delimitação do gênero miniconto, além de orientações dos PCN (2001) e da BNCC (2017), entre outros. O gênero miniconto foi utilizado nesta pesquisa como instrumento para estimular, desenvolver e fortalecer a participação ativa, crítica, reflexiva e autônoma dos alunos em suas práticas de leitura e de escrita. Acreditamos que as atividades realizadas a partir do gênero miniconto foram primordiais para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos e, também, para mudanças relevantes nas práticas docente e pedagógica da pesquisadora em ambiente escolar.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Miniconto; Intervenção pedagógica; Bullying.

Referências:
ANTUNES, I. Aula de Português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1979. p. 277-326.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

COMO SE CONSTRÓEM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?

Leane Da Silva Ferreira
Doutoranda do PPGLLIT -UFNT
m19flor@hotmail.com

RESUMO: Neste trabalho, objetiva-se analisar como se constitui o gênero textual história em quadrinhos (HQ) que, apesar de ser um texto escrito, possui marcas de oralidade, como se simulasse uma conversação cotidiana. A pesquisa se dedica à identificação e à análise de aspectos composicionais específicos desse gênero, que extrapolam o que convencionamos chamar de uso linguístico, como o emprego de requadros, balões e outras diferentes imagens que, nos quadrinhos, exigem a atenção do leitor em busca do sentido. O presente trabalho fundamenta-se nas teorias da Análise da Conversação e da Linguística Textual e também dialoga com teóricos que se debruçam especificamente ao estudo do gênero histórias em quadrinhos. Para isso, propõe-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, que tem como característica principal o foco na compreensão, no contexto e na subjetividade. Em busca de alcançar o objetivo proposto, o corpus é composto por uma adaptação, em quadrinhos, de um clássico literário, Os Miseráveis. Por fim, apresentam-se os resultados que apontam que os elementos constitutivos das HQs, dentre eles a simulação de oralidade, inferem sentidos à narrativa e, portanto, precisam ser percebidos pelos leitores para uma maior experiência na construção de sentidos.

PALAVRAS - CHAVE: Histórias em quadrinhos; Oralidade; Gêneros Textuais.

REFERÊNCIAS:
ASSIS, Lúcia Maria de. História em Quadrinhos - linguagem, memória e ensino. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística, ano 2, n. 2. Uberlândia. Anais. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2921.pdf acesso em: 27 nov. 2023.
ASSIS, Lúcia Maria de; MARINHO, Elyssa Soares; "História em quadrinhos: um gênero para sala de aula", p. 115-126. Linguagem e ensino do texto: teoria e prática. São Paulo: Blucher, 2016.
BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
CAGNIN, Antônio Luiz. Os quadrinhos. São Paulo: Ática, 1975.
DIONISIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-152.
GERALDINI, Cintia Pinha; SANTANA, Priscila Alves. Estudo da oralidade e escrita da história em quadrinhos. Revista Revela, v. 5, n. 10, mar. 2011. Disponível em: http://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/artigoexper_06revela10.pdf. Acesso em: 10 mar. 2024.
GERHARD, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Porto Alegre. UFRGS, 2009.
KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e Compreender os sentidos do texto. São Paulo:

Editora Contexto, 2008.
MARINHO. E. S. Histórias em Quadrinhos: a oralidade em sua construção. Cadernos do CNLF, Série VIII, n.12, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: http://www.filologia.org.br/. Acesso em: 30 de nov. 2023.
MARCONI, M. A.; LAKATOS, Eva Maria Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Análise da Conversação. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
MCLOUD, Scott. Reiventando os quadrinhos. São Paulo: Macron Books, 2005.
MCLOUD, Scott. Desenhando os quadrinhos. São Paulo: Macron Books, 2008.
PRETI, Dino. Análise de textos orais. Projetos Paralelos - NURC/SP (Núcleo USP). São Paulo: Humanitas, 2008
RAMOS, Paulo. A leitura dos quadrinhos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.
RAMOS, Paulo. (2010). É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos?. Intercâmbio, 15. Recuperado de https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3688
SAIDENBERG, Ivan. A história dos quadrinhos no Brasil. S.l.: Marsupial, 2013.

A intertextualidade como recurso argumentativo no gênero notícia – o caso das enchentes do Rio Grande do Sul no ano de 2024.

Aline Priscila Maciel de Moraes
Doutoranda do PPGLLIT-UFNT
alinepmm@gmail.com

Lúcia Maria de Assis
Doutora em Linguística – UFF / PPGLLIT-UFNT
luciaassis@id.uff.br

Janete Silva dos Santos (orientadora)
Doutora em Linguística Aplicada - PPGLLIT-UFNT
janete.santos@ufnt.edu.br

Resumo: Este trabalho reflete sobre a intertextualidade no gênero notícia. O objetivo é analisar o funcionamento da intertextualidade stricto sensu como recurso argumentativo nesse gênero, tendo em vista que a relação intertextual (entre dois ou mais textos) ocorre a partir de propósitos comunicativos pré-estabelecidos e, portanto, dotados de intencionalidade. Estamos considerando que a linguagem não é neutra, mas essencialmente ideológica, de modo que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso para determinados sentidos, é inerente à comunicação humana, pois manifesta um posicionamento do autor da notícia. Nesse sentido, o gênero em foco, que foi por bastante tempo e ainda hoje costuma ser considerado um gênero pautado na impessoalidade e na neutralidade, carrega aspectos ideológicos na intenção de noticiar, tendo em vista a escolha tanto do que se vai noticiar quanto do repertório linguístico para caracterizar os fatos e acontecimentos, os quais são atravessados por critérios valorativos. Para tanto, a base teórica para esta pesquisa é constituída por estudiosos da Linguística Textual, como Koch, Bentes e Cavalcante (2008), que refletem sobre a Intertextualidade e a Argumentação na produção dos textos. Elegemos como corpus analítico quatro notícias, publicadas pela Folha de S. Paulo e no site da Secretaria de Comunicação do Governo Federal, as quais tratam da possível dispensa da oferta de ajuda pelo Uruguai às vítimas do Rio Grande do Sul (RS), na ocasião da catástrofe climática ocasionada pelas fortes chuvas naquela região, em abril de 2024. Como resultado

das análises, foi possível perceber que os autores das notícias recorrem ao intertexto temático, implícito e explícito, com o fito de contraditar/subverter o texto-fonte, visando ao convencimento do leitor de que o governo brasileiro não se preocupava com o estado vitimado pela catástrofe climática.

Palavras-chave: Intertextualidade, Argumentatividade, Notícia, Linguística Textual.

Referências:

ALVES, M.A. S; MACIEL, E.R.H. O FENÔMENO DAS FAKE NEWS: definição, combate e contexto. Internet & Sociedade. v. 1, n. 1, p. 144-171, fev/2020. Disponível em https://revista.internetlab.org.br/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto. Acesso em 02 jun. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BONINI, Adair et al (org.). Os gêneros do jornal. Florianópolis: Insular, 2014.

DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Campinas-SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/5648. Acesso em: 22 set. 2024

FOLHA DE S. PAULO. RS pede ajuda, Uruguai oferece lanchas, avião e drones, mas governo Lula dispensa. 07 mai. 2024. Instagram: @folhadespaulo. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C6rlYSzuTvs/?hl=pt-br. Acesso em: 27 jun. 2024

FOLHA DE S. PAULO. Governo mente ao afirmar que não dispensou oferta de ajuda do Uruguai ao RS. 08 mai. 2024. Instagram: @folhadespaulo. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C6ud1gPRDmI/?hl=pt-br. Acesso em: 27 jun. 2024

FOLHA acusa o governo de mentir, mas não mostra qual é a mentira, Secretaria de Comunicação Social, 08 mai. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/05/folha-acusa-o-governo-de-mentir-mas-nao-mostra-qual-e-a-mentira. Acesso em: 27 jun. 2024.

GOVERNO não recusou ajuda do Uruguai: helicóptero do país ajuda nas operações de resgate do RS, Secretaria de Comunicação Social, 08 mai. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/05/governo-nao-recusou-ajuda-do-uruguai-helicoptero-do-pais-ajuda-nas-operacoes-de-resgate-do-rs. Acesso em 27 jun. 2024

KOCH, Ingedore G. Villaça Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Argumentação e linguagem. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça.; ELIAS, Vanda Maria. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça.; BENTES, Anna Christina.; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Intertextualidade: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2008.

KRISTEVA, Julia. Introdução à semanálise. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2011.

MOZDZENSKI, Leonardo. A intertextualidade no videoclipe: uma abordagem discursiva e imagético-cognitiva. Revista Contemporânea, v. 7, no 2, p. 2-33, dez/2009. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3679. Acesso em: 19 jul. 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2019.

RODRIGUES, Alex. Um mês de calamidade: a cronologia dos alertas da tragédia no RS, Agência Brasil, 01 jun. 2024. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-06/um-mes-de-calamidade-a-cronologia-dos-alertas-da-tragedia-no-rs. Acesso em: 19 jul. 2024.

SANTOS, Eliane Pereira dos. A intertextualidade na construção argumentativa do artigo de opinião. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 02, n. 01, p. 300-314, jan./jun. 2013. Disponível em:

https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/1214. Acesso em: 14 jul. 2024.
SILVA, Pollyanna Honorata. Os gêneros jornalísticos e a notícia. In: Simpósio Internacional de Língua e Literatura, 2011. Uberlândia. Anais do SILEL, v. 2, no 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_2177.pdf. Acesso em: 19 jul. 2024.

A Voz do Norte pelos Quadrinhos de Nilberto Jorge: uma proposta de leitura para a Educação Básica

Rute da Silva Santos
Doutoranda do PPGLLIT – UFNT
s_rute@hotmail.com

Raniere Nunes Silva
Doutorando do PPGLLIT – UFNT
rntj29@hotmail.com

Resumo: Este trabalho incumbe-se em analisar uma História em quadrinhos, dividida em quatro partes, do autor e ilustrador amazonense Nilberto Jorge, conhecido de maneira popular como Nil, a partir dos pressupostos da Linguística Textual e do Dialogismo bakhtiniano. Temos por objetivo mostrar como os elementos verbais e visuais interagem para produzir coerência e significação em uma sequência narrativa. Do ponto de vista da abordagem, trata-se de um estudo qualitativo de cunho exploratório e explicativo. Os autores que dão sustentação teórica para este trabalho são: Assis e Marinho (2016); Bakhtin (2003); Koch (2022); Kleiman (2016); Marcuschi (2008); Ramos (2009). Em primeiro lugar, fundamenta-se na Linguística textual, que vê o texto como unidade comunicativa situada em um contexto social e pragmático, além de identificar os mecanismos de textualidade presentes nos quadrinhos, tanto na relação entre balões e imagens quanto na progressão semântica entre quadros e enunciados. Em seguida, recorre-se ao dialogismo de Bakhtin para demonstrar que cada enunciado verbal e não verbal nos quadrinhos se inscreve em um campo de vozes outras, o que aponta para discursos anteriores e apresenta diferentes pontos de vista, desse modo, reforça o mesmo pensamento discursivo ou constrói novos sentidos. A partir da combinação desses olhares, gera-se apontamentos visando identificar a articulação de vozes na narrativa e como os elementos linguísticos e imagéticos ajudam a construir experiências de leitura que ultrapassam a superficialidade do texto. Isso exige do leitor um esforço cognitivo para a compreensão do texto, negociando seus sentidos por meio das pistas linguísticas deixadas, das expressões visuais comunicadas pelos personagens e das alusões a discursos prévios. Com este estudo, espera-se suscitar discussões em torno dos gêneros textuais e de estratégias de leitura para a sala de aula. Nesse sentido, a utilização da produção de autores nortistas pode ajudar a dar visibilidade à arte e à literatura que é produzida na região. Intenta-se, ainda, que esta pesquisa sirva de suporte a professores da educação básica, no que diz respeito à discussão sobre o gênero história em quadrinhos e as possibilidades que emergem dele como ferramenta para auxiliar os professores no trabalho pedagógico com a leitura, compreensão e interpretação textual.

Palavras-chave: História em quadrinho; Leitura; Textualidade; Dialogismo.

Referências:

ASSIS, L. M. de ; MARINHO, E. S. . História em quadrinhos: um gênero para sala de aula. In: Lúcia Maria de Assis; Elyssa Soares Marinho. (Org.). História em quadrinhos: um gênero para sala de aula. São Paulo: Edgar Blucher, 2016.
BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
KLEIMAN, A. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes editores, 2016.
MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gênero e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

RAMOS, P. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

Abrindo parênteses: uma revisão do conceito de digressão e de seu papel no conto Fulano, de Machado de Assis

Lukas Nascimento Santana
Doutorando em Linguística e Literatura – PPGLLIT – UFNT
lukas.santana@ufnt.edu.br

Resumo: Neste trabalho, analisa-se o papel da digressão, traço de oralidade, no conto "Fulano", de Machado de Assis. Para isso, destaca-se o que é digressão e quais são os seus tipos, estabelecem-se as características do gênero discursivo-literário conto e identificam-se os sentidos advindos das ocorrências de digressão no conto machadiano. Para sustentar esta análise, parte-se da teoria da Análise da Conversação com os conceitos de tópico discursivo, elemento básico da conversação que se refere à organização hierárquica e linear daquilo sobre o que se fala, e da digressão, fenômeno que também se insere na estruturação tópica dos textos falados e se refere a uma fuga temporária do tópico em desenvolvimento (Marcuschi, 2003; Fávero, Andrade e Aquino, 2005; Jubran et al, 2002); da noção de gênero discursivo, conforme Bakhtin (1997; 2016) entre outros. Realiza-se, portanto, uma pesquisa de cunho qualitativo, que permite analisar e compreender um objeto em sua especificidade e profundidade, considerando toda a complexidade que o envolve; e também bibliográfica, posto que se aprimora o conhecimento por meio da investigação de obras já publicadas. Ao final, espera-se demonstrar que a digressão, um aspecto da oralidade, também ocorre em textos escritos, acrescentando-lhes novos sentidos, por vezes não esperados, como ocorre no conto machadiano.

Palavras-chave: Oralidade e escrita. Machado de Assis. Fulano.

ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL DE REESCRITAS DA NARRATIVA "O BOTO COR-DE-ROSA" COM BASE NA PEDAGOGIA DE GÊNEROS DE TEXTO

Fabiana dos Santos Pereira
Doutoranda em Linguística e Literatura (PPGLLIT/UFNT)
(fabyanna44@gmail.com)

Vilma Nunes da Silva Fonseca
Universidade Federal do Norte do Tocantins-UFNT
vilma.fonseca@ufnt.edu.br

RESUMO Este estudo analisa reescritas de narrativas produzidas por alunos da 1ª série do Ensino Médio de uma escola pública de Araguaína, Tocantins, à luz da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 1999, 2004, 2014) e da Pedagogia com Base em Gêneros de Texto (Rose; Martin, 2012). O corpus da pesquisa compreende versões iniciais (VI) e versões finais (VF) de reescritas da narrativa "O boto cor-de-rosa", personagem lendário que, ao assumir forma humana, busca seduzir mulheres em bailes e festividades nas comunidades ribeirinhas amazônicas. As produções analisadas foram elaboradas no âmbito do projeto de extensão Oficina do Texto, vinculado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), cuja proposta didático-metodológica fundamenta-se nas estratégias de leitura e escrita do programa de letramento Ler para Aprender (Reading to Learn) (Rose; Martin, 2012). A partir do texto prototípico "O boto cor-de-rosa", publicado na obra Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas (Sales, 2016), foram propostas atividades voltadas ao desenvolvimento de uma lenda. As ações foram desenvolvidas por meio de uma pesquisa ação (Thiollent, 2011), seguindo as etapas do Ciclo de Ensino e Aprendizagem

(CEA) (Rose; Martin, 2012). As versões textuais foram analisadas em dois níveis: (i) o contexto situacional, que define o registro textual; e (ii) os elementos léxico-gramaticais do Sistema de Transitividade, que revelam as escolhas linguísticas associadas à construção de significados no texto. Os resultados evidenciam a relevância do ensino a partir da Pedagogia com Base em Gêneros de Texto, uma vez que essa abordagem favorece práticas de letramento que articulam os saberes escolares às experiências socioculturais dos estudantes. Nesse contexto, o processo de escrita e reescrita, mediado pelas estratégias do CEA e pelos bilhetes orientadores (Fuzer, 2012), mostrou-se fundamental para que os textos finais se aproximassem das características do gênero e cumprissem seu propósito sociocomunicativo. Desse modo, a prática de reescrita não apenas reforçou o ensino pautado nos gêneros textuais, como também potencializou o desenvolvimento da competência escrita dos alunos, sobretudo no que diz respeito à organização textual, à seleção lexical e à coerência temática.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional; Pedagogia com base em gêneros de texto; Reescrita de narrativas; Transitividade.

REFERÊNCIAS:
CECHIN, A. S.; FUZER, C. Ateliê de Textos: atividades de leitura e produção de biografias multimodais. Santa Maria: UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 2021.
COSTA, F. B.; FUZER, C. Processo de ensino de produção textual no Ensino Básico: um relato de experiência. Linguagens & Cidadania, v. 14, n. 1, p. 1-18, 2012.
FUZER, C. Ateliê de textos para ler e reinventar estórias: do contexto ao texto e vice-versa. Santa Maria: Editora Pró-Reitoria de Extensão UFSM, 2017.
FUZER, C. Ateliê de textos: (re)invenção e (re)escrita de histórias no Ensino Básico. Revista da ANPOLL (Online), v. 1, n. 36, p. 56-79, 2014.
FUZER, C. Realizações linguísticas e instanciação de gêneros na perspectiva sistêmico funcional. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 34, n. 2, p. 269-304, 2018.
FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.
FUZER, C.; QUIRINO, A. S.; SANTINI, R. (Org.). Ateliê de Textos 10 anos. Santa Maria: UFSM, 2022. GONÇALVES, A. V.; BAZARIM, M. (Org.). Interação, gêneros e letramento: a (re)escrita em foco. São Carlos: Claraluz, 2009.
GOUVEIA, C. A. M. Compreensão leitora como base instrumental do ensino da produção escrita. In: SILVA, W. R.; SANTOS, J. S.; MELO, M. A. (Org.). Pesquisas em Língua(gem) e demandas do Ensino Básico. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.
HALLIDAY, M. Uma introdução à gramática funcional. Londres: Edward Arnold, 1985.
HALLIDAY, M. Uma introdução à gramática funcional. 2. ed. Londres: Edward Arnold, 1994.
HALLIDAY, M. A linguagem como semiótica social: a interpretação social da linguagem e do significado. Londres: Edward Arnold, 1978.

Gêneros textuais em perspectiva semântica: possibilidades e aplicações para o ensino de Língua Portuguesa

Matheus Carvalho Lima
Mestrando do PPGLe-UEMASUL
matheus.carvalho@uemasul.edu.br

Sônia Maria Nogueira
Doutora em Língua Portuguesa – PPGLe-UEMASUL
sonianogueira@uemasul.edu.br

Resumo: Os gêneros textuais são formas relativamente estáveis de enunciados transitáveis em diferentes campos da atividade humana (Bakhtin, 2011). Nesse viés, a Base Nacional Comum

Curricular – BNCC orienta que o ensino, especialmente o de Língua Portuguesa, seja mediado por meio de gêneros textuais, a fim de que o estudante, no processo educacional, seja capaz de identificar os elementos composicionais, temáticos e de estilo característicos dos gêneros discursivos, bem como os efeitos de sentido decorrentes de elementos linguísticos e extralinguísticos que os envolvem (Brasil, 2017). Partindo disso, este estudo aborda os gêneros textuais em perspectiva semântica. Objetiva-se analisar os fenômenos semânticos e discursivos presentes em diferentes gêneros textuais sobre a temática meio ambiente veiculados nas redes sociais e outras plataformas digitais. A ênfase será dada aos efeitos de sentido em decorrência de elementos textuais e imagéticos em charges, campanhas publicitárias, memes e post acerca dessa temática. Além do mais, procede-se a uma interface entre o ensino de Língua Portuguesa e o estudo dos gêneros textuais com abordagem semântica. Trata-se de um estudo qualitativo com aspectos descritivo e exploratório, baseando-se, sobretudo, nos pressupostos da Semântica de Contextos e Cenários (SCC), que estuda o sentido de palavras e expressões em uso, abrangendo os elementos linguísticos, culturais e situacionais para a construção de sentidos no texto. O corpus da pesquisa consta de gêneros textuais. A categoria de análise consiste de fenômenos semânticos presentes em diferentes gêneros discursivos que tratam da temática do meio ambiente. Para discussão sobre gêneros textuais, são mobilizados autores como Marcuschi (2008), Bakhtin (2011) e Antunes (2017); para os estudos semânticos, mobilizam-se estudiosos como Cançado (2012), Ferrarezi Jr. (2008, 2013), Abrahão (2018) e Lima et al. (2021). Com a pesquisa, evidenciaram-se os efeitos de sentido de palavras e expressões acerca da temática meio ambiente em diferentes gêneros textuais, além de indicarem-se possibilidades do ensino de Língua Portuguesa baseadas nos gêneros discursivos, em perspectiva semântica. Um exemplo disso pôde ser encontrado na charge "Lixo", do chargista e cartunista Gilmar (2018). O autor da charge, ao problematizar as questões ambientais, especificamente o acúmulo e descarte indevido de lixo em lugares impróprios, utiliza-se do recurso semântico da polissemia, isto é, uma palavra com vários sentidos (Cançado, 2012). Isso foi possível de visualização no sintagma verbal "vamos ter que mudar?", visto que o verbo "mudar" pode indicar tanto deslocamento de um lugar para outro quanto transformação. Assim, além da abordagem de recursos linguísticos e visuais presentes no gênero textual charge nas aulas de Português, realiza-se um trabalho de conscientização crítica dos estudantes acerca das questões ambientais.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Semântica de contextos e cenários. Fenômenos semânticos. Ensino de Língua Portuguesa.

Referências:

ABRAHÃO, V. B. B. Semântica, enunciação e ensino. Vitória: EDUFES, 2018.
ANTUNES, I. Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábora, 2017.
BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.
CANÇADO, M. Manual de Semântica: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2012.
FERRAREZI JR., C. Semântica para educação básica. São Paulo: Parábola, 2008.
FERRAREZI JUNIOR, C. Semântica, semânticas. São Paulo: Contexto, 2013.
GILMAR. Lixo. Blog Post: Gilmar Online. Brasil, 2018. Disponível em: https://gilmaronline.blogspot.com/2018/01/charge-lixo.html?q=lixo. Acesso em: 28 de jul. 2025.

Angela Marina Bravin dos Santos
Dep. de Letras e Comunicação- UFRRJ
bravin.rj@uol.com.br

Este trabalho consiste em uma análise da combinação de orações em Sargento Getúlio, de João Ubaldo Ribeiro (2007). Trata-se de uma narrativa que desvela o fluxo intenso de pensamentos do protagonista, um sargento truculento, fiel a ordens superiores. Esse ritmo é percebido na organização sintática do texto, que se destaca pelo jogo entre frases curtas e longas, com uma pontuação que ajuda a acelerar o movimento narrativo. Em uma leitura superficial, pode-se ter a impressão de que o texto se configura em um conjunto de frases com coesão e coerência comprometidas, mas a análise desenvolvida mostrou uma complexidade linguística na trama das orações que desfaz o comprometimento. Esse entendimento do texto foi possível porque se desconsiderou a análise dos períodos linguísticos da perspectiva tradicional de oposição entre orações coordenadas e subordinadas. A investigação seguiu a proposta de Neves (2011). A autora apoia-se em abordagens funcionalistas para desenvolver análises de textos em que se faz necessário compreender a articulação de orações e frases para além da oposição entre esses dois mecanismos sintáticos. Recorrermos também a Martins (1997), que ressalta as potencialidades expressivas das orações no texto. Examinamos, por isso, os períodos, tendo em vista relações de parataxe e hipotaxe, que, segundo Dubois (1973), não se trata apenas de coordenação e subordinação, mas de processos que ultrapassam esses limites. Parte-se da hipótese de que a combinação sintática contribui para os efeitos de sentido e para a construção da identidade do narrador. A sintaxe atuou, dessa forma, como um recurso pontencializador dos aspectos discursivos e pragmáticos da narrativa. Os resultados mostram que a parataxe imprime ao texto um movimento mais rápido, enquanto a hipotaxe imprime um ritmo um mais lento. Caso se considerasse apenas a divisão entre orações coordenadas e subordinadas, corria-se o risco de simplificar a organização sintática e, por consequência, os efeitos de sentido gerados pelos referidos mecanismos analisados. O ensino de sintaxe, de maneira geral, só leva em conta a oposição entre orações coordenadas e subordinadas, quase sempre fora do texto, simplificando, de certa forma, as relações sintáticas. Esse olhar para além da subordinação e coordenação, tão necessário à leitura, torna-se um desafio para o ensino de português, já que exige a busca por conhecimentos teóricos que vão além do nível sintático. Esta pesquisa, por isso, propõe também, com base nos resultados obtidos, atividades didáticas que buscam justamente relacionar sintaxe e literatura.

Referências:
DUBOIS, J. Et al. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1973.
MARTINS, N.S. Introdução à estilística. São Paulo: T. A Queiroz, 1997.
NEVES, M. H. M. Texto e gramática. São Paulo: Contexto, 2011.
RIBEIRO, João Ubaldo. Sargento Getúlio. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

Movimentos intertextuais e dialógicos responsáveis pela produção de sentidos na crônica “erramos”, de Fernando Evangelista

André Felipe Pereira de Souza
Doutor em Linguística –Seduc-PA/Semed- Mãe do Rio

Lúcia Maria de Assis
Doutora em Linguística -UFF/UFNT

RESUMO: A partir dos estudos sobre intertextualidade e dos debates sobre o dialogismo do Círculo de Bakhtin, esta proposta de pesquisa visa analisar as movimentações textuais e discursivas impressas no material verbal e extraverbal do enunciado “Erramos”, de Fernando Evangelista. Ao considerar o recorte do tema “a condição errante do ser humano”, o autor-criador passa a valorar o comportamento

das pessoas e de veículos de comunicação que cometem tais deslizes e, ao mesmo tempo, lança mão desse contexto para emitir juízo de valor frente ao cenário sócio-político a que está imerso. A análise do texto de Evangelista parte da hipótese de que uma das principais marcas dessa forma de interação é o caráter intertextual, já que convoca do leitor/interlocutor, na maioria das vezes, conhecimento prévio para a crônica ser compreendida e, por extensão, acionar os valores sociais atravessados neste enunciado. À luz da Linguística Aplicada, o estudo alcança o viés intertextual, defendido pelos estudiosos da LT (Koch, 2003; Koch; Elias, 2016; Bentes, 2001; Santos; Castanheira, 2021, bem como a visão sócio-histórico ideológica da linguagem, proposta pelo Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2018 [1929]; 2019 [1926]; 2013 [1930]; Bakhtin, 2011 [1979]; Medviédev, 2019 [1928]). Os resultados demonstram que, muitas vezes, é preciso reconhecer o diálogo entre diferentes textos para se estabelecer a produção de sentido, neste caso, tendenciosamente de cunho humorístico. Além disso, os aspectos verbais, no fluxo interativo entre autor-criador, interlocutor e conteúdo temático, explicitam a posição ideológica do enunciador que, por meio de uma reflexão cotidiana, coloca-se em oposição a discursos intolerantes e antidemocráticos presentes na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Estilo verbal, Intertextualidade, Contexto extraverbal, Relações Dialógicas.

Referências:

BAKHTIN, M. M. Estética da Criação Verbal. Prefácio à edição francesa Tzevetan Todorov. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [1979].
BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012. p. 245 - 287.
KOCH, I. G. V. O texto e a construção dos sentidos. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003. KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução: Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].
SANTOS, L. W. dos.; CASTANHEIRA, D. Linguística de Texto e Leitura: Propostas didáticas e reflexões para o ensino. In: ANGELO, C. M.; FUZA, A. F.; MENEGASSI, J. R. (Org.). Leitura e ensino de língua. São Carlos: Pedro & João, 2022, p. 301-330. VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e palavra na poesia. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].
VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].
VOLÓCHINOV, V. O que é linguagem? Tradução de João Wanderley Geraldi. In: VOLÓCHINOV, V. A construção da Enunciação e Outros Ensaios. São Carlos: Pedro &João Editores, 2013 [1930], p. 131-156.

OS DÊITICOS COMO FENÔMENOS PRAGMÁTICOS:UM ESTUDO DE SUA UTILIZAÇÃO EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Raniere Nunes da Silva
Doutorando PPGLLIT – UFNT
rntj29@hotmail.com

Lúcia Maria Assis
Doutora em Linguística- USP
luciaassis@id.uff.br

Resumo: O estudo é sobre a utilização de elementos dêiticos a serviço da produção de sentidos no texto. Os dêiticos são estruturas linguísticas que se realizam em contextos concretos da linguagem,

cujos sentidos vinculam-se à situação em que a enunciação acontece, isto é, ao processo de interação entre os sujeitos. No tocante às histórias em quadrinhos, elas simulam uma conversa natural entre os interlocutores, o que sugere uma interação mais direta entre os personagens e o leitor. Nesse contexto, tanto a imbricação do texto verbal quanto do não verbal, além de todo o esquema da organização dos quadrinhos, possuem diversas estratégias discursivas que auxiliam o leitor na compreensão da narrativa. Para tanto, a utilização de elementos dêiticos, entre outros recursos, está a serviço da produção de sentidos no texto, inclusive para situar o tempo e os personagens no circuito comunicativo. Partindo disso, este trabalho visa a analisar como os dêiticos de pessoa, tempo e espaço podem auxiliar o leitor na (re)construção do sentido no texto. Para isso, serão examinados dois fragmentos da história em quadrinhos da Turma da Mônica, "Mônica e Luca em: por que todo mundo sempre vai embora?". A análise, que partirá de pressupostos da Linguística Textual e da Pragmática, mobilizará, entre outros autores, Assis e Marinho (2016); Cavalcante (2000); Fiorin (2017); Koch (2022); Kleiman (2016); Marcuschi (2010); Parret (1988); Ramos (2009); Yule (1996). Do ponto de vista da abordagem, trata-se de um estudo qualitativo de cunho exploratório e explicativo. Com esta pesquisa, espera-se poder evidenciar como os elementos dêiticos, além de auxiliarem na articulação das situações comunicativas, atuam como ferramentas situacionais que, na negociação de sentidos do texto, orientam os interlocutores em conexões mais precisas com os enunciados, circunstanciando, assim, possibilidades de leitura que contribuem para as atividades de compreensão e interpretação dos textos. É nessa perspectiva, pois, que se justifica a relevância desta pesquisa.

Palavras-chave: Gêneros textuais; História em quadrinhos; Elementos dêiticos.

Referências:

ASSIS, L. M. de ; MARINHO, E. S. História em quadrinhos: um gênero para sala de aula. In: Lúcia Maria de Assis; Elyssa Soares Marinho. (Org.). História em quadrinhos: um gênero para sala de aula. São Paulo: Edgar Blucher, 2016.

CAVALCANTE, M. M. Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. 2000. 218 f. Tese (Doutorado) – Universidade

Federal de Pernambuco, Programa de PósGraduação em Letras, Doutorado em Linguística, Recife, 2000.

FIORIN, J. L. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Contexto, 2016.

RAMOS, P. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

A CAMPANHA + VOCÊ USA O SUS SOB A ÓTICA DA INTERTEXTUALIDADE: ASPECTOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS DO CONFLITO

Wagner Alexandre dos Santos Costa
Doutor em Estudos de Linguagem – PPGLET-UFRRJ
wagnercosta.prof@gmail.com

Resumo: A proposta desta comunicação é analisar o uso do recurso da intertextualidade na campanha de propaganda + VOCÊ USA O SUS, de autoria do Ministério da Saúde (MS), criada em abril de 2025. Trata-se de campanha elaborada como resposta a um vídeo publicado pela ex-participante do reality Fazenda Jojô Todinho em crítica ao SUS, por meio do qual desqualificava a pertinência do programa, ao dizer que seus usuários não obtinham atendimento quando necessário. Na referida campanha-resposta do Ministério da Saúde, foram utilizados gêneros discursivos como vídeos curtos (publicações) nas redes TikTok e Instagram, além de cartazes. Nesse material, o órgão retoma intertextualmente a fala de Jojô Todinho para refutá-la passo a passo, desfazendo seus argumentos. Tendo materialidade semiótica diversa nas peças da propaganda, no vídeo há uma encenação da também ex-Fazenda Cariúcha, inimiga declarada de Jojô Todinho, no qual ela desenvolve explicações

em defesa da atuação do SUS na vida da população brasileira. Nos cartazes, há evocações à fala de Jojô referentes ao vídeo-fonte da polêmica. Dessa forma, especificamente, o objetivo de nosso estudo é a) descrever o papel estruturante do recurso da intertextualidade na campanha, b) interpretar os efeitos de sentido decorrentes do emprego desse recurso e c) refletir sobre os aspectos político-ideológicos envolvidos no contexto da campanha. Quanto aos aspectos metodológicos, são analisados qualitativamente 01 (um) vídeo e 11 (onze) cartazes publicados nas redes sociais, especialmente TikTok e Instagram. A base teórica que sustenta nossa investigação, são os estudos dos gêneros discursivos, na perspectiva de Bakhtin (2003) e a noção de intertextualidade, conforme Kristeva (1974[1969]), Beaugrande e Dressler (1981), Koch e Elias (2008), entre outros. Além disso, adotaremos o suporte da Análise Semiolinguística do discurso (Charaudeau, 2012), para compreendermos aspectos relacionados aos quadros sócio-linguageiro e político-ideológico que situam o evento comunicativo sob tela. Dos resultados, destacam-se alguns pontos: o recurso da intertextualidade gerencia a organização textual e a seleção dos contra-argumentos mobilizados na campanha; o vídeo-resposta, publicado antes da campanha, contrapõe no espaço enunciativo, os argumentos de cada ponto de vista; já no espaço social, contrapõem-se as personagens inimigas e a disputa entre matrizes político-ideológicas de direita e esquerda que disputam sentidos em torno do SUS.

Palavras-chave: SUS, Intertextualidade, Conflito, Discurso.

Referências:
BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W. Einfùhrung in die Textlinguistik. Tùbingen: Niemeyer, 1981.
CHARAUDEAU, P. Linguagem e discurso: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2012.
KOCH, I; ELIAS, V. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.
KRISTEVA, J. Introdução à semanálise. São Paulo: Perspectiva, 1974[1969].

O GÊNERO TEXTUAL POESIA: UMA INVESTIGAÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO DA LEITURA E DA PRODUÇÃO TEXTUAL À LUZ DO LIVRO DIDÁTICO

Ana Maria Alves de Brito
Doutoranda do PPGLLIT- UFNT
hanabritoalves@hotmail.com

Lúcia Maria de Assis
Doutora em Linguística - PPGLLIT- UFNT l
uciaassis@id.uff.br

Resumo: Partindo da concepção de gêneros textuais como artefatos culturais e como formas relativamente estáveis de comunicação dos sujeitos na sociedade (Marcuschi, 2008), este trabalho propõe uma investigação sobre o gênero poesia como objeto do processo de ensino da leitura e da produção textual à luz do livro didático. Para tanto, realizaremos uma análise dos comandos de atividades, a partir do gênero poesia, em estudo no livro didático BEM-ME-QUER mais, adotado no 3º Ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Amarante/PI. Considerando a relevância do ensino de poesia para o desenvolvimento de habilidades leitoras das crianças nas séries iniciais, o estudo busca evidenciar, nos comandos explícitos e implícitos, os fatores da textualidade como, intencionalidade, informatividade e situacionalidade centrados no gênero enquanto objeto para o ensino. O objetivo central é compreender como estes fatores são evidenciados nas propostas de atividades do livro didático e, de que forma, se relacionam com as teorias preconizadas sobre o ensino de gêneros na sala de aula para o desenvolvimento da leitura e da produção escrita nos anos iniciais. A

pesquisa, de caráter exploratório com abordagem qualitativa, fundamenta-se nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e na perspectiva da teoria dos gêneros de autores como Marcuschi (2008), Schneuwly e Dolz (2004), Negreiros (2011) e dos letramentos como Zilberman (2012), Soares (2020), entre outros. Os resultados das análises apontam para lacunas vazias nas propostas pedagógicas do livro analisado em relação ao ensino da poesia na sala de aula. Embora seja um gênero textual bastante comum, como objeto para o ensino da língua, sugere uma abordagem mais efetiva dos fatores que o compõe, a fim de fortalecer competências leitoras e escritoras, além de desenvolver a compreensão da linguagem literária desde os primeiros anos do ensino fundamental.

Palavras-chave: Livro didático; Gênero textual; Poesia; Leitura e Produção Textual.

Referências:
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 30 de junho de 2025.
NEGREIROS, Gil. Oralidade e poesia em sala de aula. In.: ELIAS, Vanda Maria (org.). Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2011
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
SCHNEUWLY, Carlos; DOLZ, Joachim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
SOARES, Magda. Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Contexto, 2020.
ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. Curitiba: InterSaberes, 2012

SIMPÓSIO TEMÁTICO 13

ENSINO DE LÍNGUAS E FORMAÇÃO DOCENTE: PRÁTICAS DE (TRANS)FORMAÇÃO SOCIAL

Selma Maria Abdalla Dias Barbosa
Patrícia Fabiana Bedran
Elisa Borges de Alcântara Alencar

COMUNICAÇÕES

RACISMO LINGUÍSTICO: uma análise do uso frequente de expressões racistas por jovens do ensino médio nos municípios de Paraibano e Colinas-MA

Orientações teóricas e metodológicas para o ensino da escrita Acional em Português Língua Estrangeira com foco no Celpe-Bras: representações e práticas de professores.

PRÁTICAS LITERÁRIAS COM ALUNOS SURDOS: A EXPERIÊNCIA DO LIVRO POP-UP “MANI – A LENDA DA MANDIOCA”.

A ORALIDADE E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: INVESTIGANDO OS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E ENSINO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO *"A CONQUISTA*", UMA ANÁLISE DO TRABALHO COM LÍNGUA MATERNA NA REDE PÚBLICA DE MARABÁ-PA

ENTRAVES DOS ESTUDOS ORIENTADOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA INTEGRAL

Alfabetização e Letramento: Transição e desafios

A ESCRITA ACADÊMICA DE PORTUGUÊS EM SEGUNDA LÍNGUA/L2 DE MESTRES E DOUTORES SURDOS DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DO PARÁ

Rupturas decoloniais na formação inicial de professoras/es de em Língua Portuguesa a partir do estágio supervisionado

Uso de ferramenta digital no Google Classroom para melhorar a fala em inglês de estudantes do ensino médio

Os conhecimentos das ciências sociais e linguísticas redirecionam o olhar para um ensino de língua portuguesa com práticas pedagógicas inovadoras e conscientes

Crenças na Formação Docente em Língua Inglesa: Um Recorte Analítico de Pesquisas Contemporâneas

Falsos Cognatos no Portunhol: Desafios para a Comunicação e o Ensino de Línguas em Contextos de Contato

Letramentos Sociais e Práticas Pedagógicas no Campo: Entre Saberes Locais e Resistência Educativa

O papel da professora imigrante como mediadora intercultural no ensino de português

Formação Docente na Educação Básica no período Pós-Pandêmico: Desafios e Possibilidades À Luz da Teoria da Complexidade

Descolonizando o Espaço Urbano: A Língua Inglesa como Ferramenta Crítica em Araguaína-TO

O Pensamento Complexo e a Linguística Aplicada na Educação Infantil: linguagem e criatividade nas práticas com a primeira infância

Um Estudo sobre as Contribuições dos Feminismos Decolonais na Formação Continuada de professoras de Língua[gem]

Expandindo noções de língua/gem a partir de colagens fotográficas: uma experiência com licenciandas/os de um curso de Letras-Inglês

UMA REFLEXÃO DAS CRENÇAS DE GRADUANDOS OUVINTES DE LETRAS PORTUGUÊS SOBRE A LIBRAS

RACISMO LINGUÍSTICO: uma análise do uso frequente de expressões racistas por jovens do ensino médio nos municípios de Paraibano e Colinas-MA

Suélen Araújo de Sousa Graduada na UEMA Campus-Colinas
suh212223@gmail.com

Laize Oliveira Silva Mestranda da UESPI
laizeslv@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa visa analisar a forma que o "racismo linguístico" ocorre em dois contextos urbanos distintos. Durante o período escravista, os colonos criaram palavras e expressões para inferiorizar o povo negro, muitas delas fazem associações a práticas escravistas, bem como, representam um desrespeito a imagem de um povo. É importante ressaltar que o uso desses termos permanece "vivo" em nosso vocabulário cotidiano, a esse fenômeno atribuímos o nome de "racismo linguístico". A escolha dessa temática se deu pela necessidade de trazer mais visibilidade para esse discurso, mostrando que o racismo se manifestas das mais variadas formas não apenas de maneira direta, isto é, o racismo não se restringe apenas a uma agressão física ou preconceito motivados pela cor da pele, assim como, "macaco" não é a única expressão racista direcionada a negritude. O objetivo geral desse estudo foi: analisar as expressões de conotação racista no vocabulário de jovens do ensino médio de duas escolas públicas. Para alcança-lo, foram delimitados três objetivos específicos, sendo eles: realizar uma pesquisa bibliográfica acerca do tema; recolher os dados através de entrevistas feitas com o público alvo e comparar os resultados obtidos no estudo realizado nos dois municípios. Para a execução da análise, foi utilizada uma abordagem qualiquantitativa, na qual primeiramente foram realizados estudos sobre o tema, de forma que esse pudesse ser abordado devidamente, alguns dos autores selecionados para esse estudo foram: Mbembe (2014), Almeida (2019) e Nascimento (2019). A pesquisa também ocorreu em campo, na qual foram entrevistados jovens de ensino médio de duas escolas públicas localizadas nos municípios de Paraibano e Colinas-MA. Os entrevistados tinham entre 14 à 18 anos, o método escolhido para coleta foi a entrevista, para ela foram selecionadas 6 palavras, e analisados os conhecimento e sentidos atribuídos pelos estudantes a expressões. Com base na analise dos resultados coletados foi possível constatar que há diferença entre o uso de expressões de conotação racista entre Paraibano e Colinas, observou-se que algumas palavras são mais conhecidas em Colinas, a esse fator, com base nos estudos realizados, acredita-se que o fato de a população, território e diversidade cultural ser maior seja a razão para essa diferença, assim como, também foi perceptível que para uma afirmação mais exata, há necessidade de um estudo histórico de ambos os territórios, para observar se o contexto em que a cidade foi criada contribuiu de alguma forma para a familiarização de alguns termos. A conclusão desse trabalho destaca a importância do estudo dessa temática para promover uma educação antirracista, assim como, a necessidade de novas pesquisas para contribuir na visibilidade desse discurso.

Palavras-chave: Racismo linguístico, Pesquisa, Discurso.

Referências:
ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.
CARNEIRO, Sueli Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.
COELHO, Wilma de Nazaré; COELHO, Mauro. Raça, cor e diferença: a escola e a diversidade. Belo Horizonte: Mazza, 2008.
DANIEL, Camila. "Morena": a epistemologia feminista negra contra o racismo no trabalho de campo. Revista Humanidades & Inovação, v. 6, n. 16, p. 312-325, 2019.
FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Edufba, 2008.
GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.
MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Lisboa: Antígona, 2014.
MOREIRA, Adilson. Racismo Recreativo. São Paulo: Pólen, 2019.
NASCIMENTO, Gabriel. Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
SECRETARIA DE JUSTIÇA E CIDADANIA. O RACISMO SUTIL POR TRÁS DAS PALAVRAS. Brasília, 2020.
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Expressões Racistas: por que não usar? São Paulo, 2023 WOODSON, Carter. A Deseducação do negro. São Paulo: Edipro, 2021.

Orientações teóricas e metodológicas para o ensino da escrita Acional em Português Língua Estrangeira com foco no Celpe-Bras: representações e práticas de professores.

Gabriel Chagas Fernandes
Mestrando do PPGL-UFPA
gabriel.fernandes@ilc.ufpa.br

Hellen Margareth Pompeu de Sales
Doutora em Linguística – PPGL-UFPA
hellenps@ufpa.br

Resumo: O ensino da escrita em português língua estrangeira é uma atividade complexa que requer do professor a mobilização de conhecimentos teóricos/metodológicos apropriados para os objetivos de aprendizagem. Neste estudo, buscamos investigar as representações e práticas de 3 jovens professores sobre as orientações teóricas/metodológicas que cercaram seus fazeres na ministração de um curso de Português Língua Estrangeira, na Universidade Federal do Pará, do Programa de Extensão Português Língua Estrangeira (PEPLE), a alunos pré-selecionados no Programa Estudante Convênio Graduação (PEC-G) que a priori são nomeado como estudantes Programa Estudante-Convênio Português Língua Estrangeira (PEC-PLE), do Ministério das Relações Exteriores e Ministério da Educação, que realizaram o exame de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros, o Celpe-Bras, em 2023. Para a discussão teórica/metodológica, baseamo-nos sobretudo nas orientações do Documento de base do exame Celpe-bras (Brasil, 2021) e no Quadro Europeu Comum de Referência para línguas (QECRL), mais especificamente na Perspectiva Acional, lançada no documento (Conselho da Europa, 2001). A pesquisa de caráter qualitativa que de acordo com Haguette (2013) é fundamentada a partir da presença de problemas que impossibilitam a observação clara e a mensuração das variáveis, no qual propusemos a eles uma entrevista, com perguntas semi-direcionadas baseadas no construto do Celpe-Bras e da Perspectiva Acional. Os dados foram constituídos das respostas dos professores em formação da oficina de escrita e a análise pautada no método descritivo e interpretativo, a fim de compreendermos as representações e práticas dos jovens professores sobre essas orientações e suas

práticas dentro do curso de PLE, visto que os professores receberam uma formação voltada para o ensino da escrita em PLE orientada para o Celpe-Bras. Nossos primeiros resultados mostram que: as orientações teóricas/metodológicas propostas são consideradas pelos professores em suas práticas de sala de aula e os ajudam a organizarem suas tarefas e desenvolver atividades que estejam alinhadas com os construtos do exame Celpe-Bras e da Perspectiva Acional. No entanto, a representação dos conceitos apresentados nos documentos precisa ser fortalecida, a fim de levar os jovens professores a desenvolverem suas práticas com mais consciência teórica/metodológica.

Palavras-chave: Celpe-bras, Perspectiva Acional, Português Língua Estrangeira, ensino da escrita.

Referências:
BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Documento base do exame Celpe-Bras [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-instiucionais/avaliacoes-e-exames-da-educacao-basica/documento-base-do-exame-celpe-bras>. Acesso em: 10/10/2022.
CONSELHO DA EUROPA. Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino e avaliação. 2001. Disponível em: <http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf>. Acesso em: 20/02/2015.
HAGUETTE, Teresa. Metodologias qualitativas na sociologia. 2013. Disponível em: <http://www.ia.ufrrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2007/T1-1SF/Canrobert/Medologias_Qualitativas.pdf>. Acesso em: 20/12/2023.

PRÁTICAS LITERÁRIAS COM ALUNOS SURDOS: A EXPERIÊNCIA DO LIVRO POP-UP "MANI – A LENDA DA MANDIOCA".

Cleomar Evangelista
Graduando em Letras - Português na Universidade Tecnológica Federal do Paraná
cleomarevangelista@alunos.utfpr.edu.br

Resumo: Este trabalho relata uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculada ao subprojeto "Práticas literárias para alunos surdos", realizado na Escola Bilíngue Prof. Astério de Campos, em Belém/PA. O subprojeto buscou conscientizar os bolsistas, de modo teórico e prático, para atuar na educação inclusiva, com foco no ensino de Língua Portuguesa e Literatura a alunos surdos, valorizando a Libras como língua materna e o Português como segunda língua. Para isso, fundamentou-se nas legislações vinculadas ao ensino inclusivo e no percurso histórico da educação de surdos no Brasil, marcado pela luta entre perspectivas que excluem, como o oralismo, e abordagens inclusivas, que reconhecem a Libras como língua materna e a surdez como identidade cultural. No que se refere à metodologia, a pesquisa desenvolveu-se a partir de uma abordagem qualitativa (Marconi; Lakatos, 2004), justificada nos princípios da Arts Based Educational Research (ABER), e teve como ponto de partida a necessidade de se ter um recurso pedagógico adaptado à Libras. Nesse processo, houve a confecção de material tridimensional, acessível e de baixo custo, produzido com papéis, tecidos e ilustrações representativas de sinais-chave em Libras. Além disso, a escolha da narrativa indígena, "Mani: a lenda da mandioca", buscou valorizar a diversidade cultural dos povos originários e a identidade surda, integrando literatura, artes visuais e bilinguismo em uma prática interdisciplinar, entre o texto em português escrito e a língua de sinais, garantindo a bilinguicidade do material. Dessa maneira, os resultados apontaram que práticas pedagógicas que priorizam a Libras e utilizam metodologias visuais e lúdicas podem tornar o ensino da literatura mais inclusivo e significativo. Por outro lado, a experiência revelou limitações estruturais que persistem no contexto educacional. Conclui-se,

portanto, que a produção e utilização do livro pop-up bilíngue demonstraram ser estratégias pedagógicas eficazes para aproximar alunos surdos da literatura, ampliando as possibilidades de leitura e expressão e rompendo com práticas centradas na lógica do ouvinte. Em síntese, o projeto evidenciou que, quando texto, imagem e sinais são integrados de forma criativa, a experiência literária torna-se multimodal, inclusiva e promotora da identidade cultural surda. Assim, a iniciativa contribuiu para o aprendizado dos estudantes e para a formação de futuros docentes mais conscientes da necessidade de metodologias bilíngues e sensíveis à diversidade linguística e cultural.

Palavras-chave: Educação bilíngue; Libras; Literatura; Livro pop-up; PIBID.

REFERÊNCIAS:

ATAS do Congresso de Milão 1880. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2011. (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos, v. 2). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1owHrtTuW7wEiTlQqSB2hp8DCDgT3wx2A/view. Acesso em: 06 maio 2025.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 20 dez. 2000.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002 e o art. 18 da Lei nº 10.098/2000. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394/1996 (LDB) para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 4 ago. 2021.

CAPOVILLA, Fernando César. Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A educação dos surdos: a comunicação, a diferença e a escola. Porto Alegre: Mediação, 1998. LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; REGATÃO, Luciana. Arts Based Educational Research (ABER) como metodologia de pesquisa educacional. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 19, p. 239-263, 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004. MEIR, Irit; SANDLER, Wendy; PADDEN, Carol; ARONOFF, Mark. Emerging sign languages. Annual Review of Linguistics, v. 1, n. 1, p. 221-246, 2010.

NONAKA, Angela M. The forgotten endangered languages: Lessons on the importance of remembering from Thailand's Ban Khor Sign Language. Language in Society, 2004. PADOVANI NETTO, E. (2022). História da educação de surdos: as disputas entre o falar e o sinalizar e as práticas no Imperial Instituto de Surdos-Mudos (1857-1957). História & Ensino, 27(2), 186–211. https://doi.org/10.5433/2238-3018.2021v27n2p186 PERLIN, Gladis. Identidade surda. In: SKLIAR, Carlos (org.). A surdez: um olhar sobre a diferença. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 51-74.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição da língua de sinais brasileira: primeira língua. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SÁ, Nídia R.L. Educação de surdos: a caminho do bilinguismo. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. Bilinguismo: Práticas para a Educação de Surdos. Disponível em: https://sesfebf.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/09/nidia-sc3a1-bilinguismo-no-brasil.pdf (2015).

SANTOS, Daiane Ferreira dos; LICHESKI, Andréia Pires. O livro pop-up como recurso didático para o ensino de Histologia. Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, v. 10, n. 1, p. 81-97, 2017.

SILVA, Jéssica Souza da; OLIVEIRA, Raquel; MENEZES, Carlos. Educação de surdos indígenas: experiências e desafios na aldeia Pankararu. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 28, p. 1-18, 2022.
SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre a diferença. Porto Alegre: Mediação, 1998. STOKOE, William C. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the American Deaf. Buffalo: University of Buffalo, 1960.
VILHALVA, Shirley; ARAÚJO, Bruno Roberto Nantes. Educação de indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais. (2022). LínguaTec, 7(1), 348-359. https://doi.org/10.35819/linguatec.v7.n1.5989

A ORALIDADE E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: INVESTIGANDO OS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Marcos Helam Alves da Silva
Mestre em Letras - UESPI
marcoshelam@bjs.uespi.br

Resumo: No que concerne ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, as escolas públicas no geral, detêm-se na "exploração da gramática normativa, em sua perspectiva prescritiva" (BEZERRA, 2007, p. 39). Muito embora a língua oral seja anterior à escrita, esta última acaba por constituir-se como o centro do estudo da língua, visto que acredita-se ainda que a escola é o lugar, apenas, para o aprendizado da escrita. O advento dos estudos linguísticos e a consolidação da concepção de língua como interação foram responsáveis por inserir diversas modificações no ensino tradicional de língua materna. Dentro dessas modificações destacam-se as preocupações com a Oralidade, sua relevância para o ensino de língua e para o cotidiano dos alunos afim de que sejam desenvolvidas neles as habilidades adequadas para o uso satisfatório desta modalidade e o desenvolvimento mais efetivo da competência discursiva. Dessa forma, reconhecida a sua importância, propõe-se com tal estudo visualizar como está inserida a temática na Oralidade na constituição dos Livros Didáticos, recurso que de forma mais recorrente, é utilizado pelas escolas públicas na condução do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, visando investigar como se dá a elaboração das atividades de oralidade nos livros. Para a análise, levar-se-á em consideração os Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2017) e ainda estudos realizados por Fávero (1998), Cavalcante & Melo (2006), Marcuschi (2001) entre outros que apresentam estudos aprofundados sobre a temática.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade, ensino de Língua Portuguesa, livro didático.

CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E ENSINO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO *"A CONQUISTA*", UMA ANÁLISE DO TRABALHO COM LÍNGUA MATERNA NA REDE PÚBLICA DE MARABÁ-PA

Carlos André da Costa Souza
Doutorando em Línguistica Aplicada UFNT
carlos.costa@ufnt.edu.br

Maria José de Pinho
UFNT/UFT
mjpgon@mail.uft.edu.br

A pesquisa se propõe a analisar e discutir as concepções de linguagem que norteiam o ensino de Língua Materna no livro didático (LD) do 6º ano, da coleção de Língua Portuguesa "A Conquista", da editora FTD, atualmente utilizado pelos docentes da rede pública de Marabá (PA), a fim de verificar a

teoria linguística predominante no material no que diz respeito ao trabalho com as práticas de linguagem presentes na publicação, se tradicionalista, ligadas ao normativismo com nomenclatura e classificação de sentenças gramaticais metalinguísticas (Travaglia, 2021) ou se pertencentes ao campo do dialogismo ou interacionismo, que leva em conta as interações sociais e o papel do sujeito na construção da linguagem (Bakthin, 1997). Sabe-se que o trabalho com a linguagem na escola pode se dar a partir das convicções trazidas pelo professor, esteja ele ciente disto ou não, de maneira que este profissional pode se orientar por uma dada concepção de linguagem que pode ou não impactar positivamente na aprendizagem do estudante que se encontra em um momento decisivo, a transição de etapas, marcada por muitas mudanças sensíveis. A pesquisa tem caráter qualitativo e documental, pois examinará material didático previsto nos documentos oficiais da educação básica brasileira, e se desenvolverá de confronto entre o livro Língua Portuguesa A Conquista do 6º ano, editora FTD e estudos sobre linguagem do Círculo de Bakhtin, focando em lementos como comandos de atividades, nas práticas de linguagem leitura, oralidade, produção de textos e análise linguística semiótica, verificando, inclusive, seu alinhamento com as habilidades elencadas na Base Nacional Comum Curricular. A relevância do trabalho se anota na possibilidade de se realizar discussões e sugestões que apontem para o uso crítico do material didático mais acessível aos estudantes da educação básica, proporcionando estratégias de abordagens que incluam os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARAÚJO, Marco André Franco de; SARAIVA, Éderson; SOUSA FILHO, Sinval Martins de. Análise de um livro didático de língua portuguesa: ensino tradicional de gramática versus Gêneros discursivos e análise linguística. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 60, p. 268-281, 2021.

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRONCKART, J-P. Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.

BRASIL. Ministério da Educação, (2018). Base Nacional Comum Curricular.

GERALDI, J. W. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). O texto na Sala de Aula. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004, pp. 39-46.

POSSENTI, S. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1996.

SOARES, M. Linguagem e Escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.

TRAVAGLIA, L. C. Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 1996.

TAGLIANI, Dulce Cassol. O livro didático como instrumento mediador no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa: a produção de textos. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 11, p. 135-148, 2011.

ENTRAVES DOS ESTUDOS ORIENTADOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA INTEGRAL

Elieny da Silva Ramos
Graduanda-UFPA
elienyramos90@gmail.com

Iris do Espírito Santo Cruz
Graduanda-UFPA
iris.cruz@braganca.ufpa.br

Martinha Wellen Sousa dos Santos
Graduanda-UFPA
martinhawsantos@gmail.com

A presente pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal do Pará, Campus Bragança e, tem como principal objetivo analisar os possíveis déficits no processo de letramento escolar observados entre os alunos do 1° e 2° ano do Ensino Médio na Escola Estadual Argentina Pereira, localizada no município de Bragança-Pa. A investigação centra-se nas atividades realizadas no contexto dos Estudos Orientados de Língua Portuguesa, um componente curricular complementar que visa estimular o protagonismo discente e o desenvolvimento de habilidades em interpretação de textos, leitura e escrita de português. Para isso, foram analisados relatórios feitos por estagiários do PIBID durante sua participação no programa, além de registros de observações realizadas em sala de aula. Através das análises efetuadas durante a atuação no programa, buscou-se identificar os principais entraves no processo de aprendizagem dos alunos no contexto de uma escola pública de tempo integral, levando em consideração os perfis individuais e em conjunto desses alunos, canalizando também como essa organização do sistema de ensino impacta na aplicação didática do professor e como ele age em contraponto a determinados obstáculos. Esses documentos ajudaram a entender dificuldades específicas relacionadas ao letramento, como a compreensão de textos, a produção escrita e a participação em discussões em grupo. Pautada em uma abordagem qualitativa, o aporte teórico da pesquisa fundamenta-se nos trabalhos de Kleiman (1995), que entende o letramento como prática social nas interações cotidianas e Soares (2003) que entende letramento como o "estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever", e, discute os desafios enfrentados pela escola pública para a efetivação ideal dessas práticas. Por meio de tal análise constatou-se a necessidade de repensar os padrões pedagógicos de ensino e as políticas institucionais da escola integral na perspectiva não só do professor, mas também do aluno.

Palavras-chave: Letramento; Estudos Orientados; Ensino-aprendizagem

REFERÊNCIAS:

KLEIMAN, Angela B. (org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
SANTOS, Záira Bomfante dos; TIBURTINO, Vanessa. Multiletramentos e multimodalidade: diálogos e dimensões para o ensino. Revista (Con) Textos Linguísticos, Vitória, v. 12, n. 23, p. 163–182, 2018.
SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017. SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Alfabetização e Letramento: Transição e desafios

Rejane Cardoso Chaves
Mestranda do PPGE- UFT
rejane.cardoso@mail.uft.edu.br

Mario Ribeiro Morais
Doutor em Letras: Língua e Literatura- UFNT
moraismario@mail.uft.edu.br

Resumo: Este estudo investiga a transição entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental no Brasil. A pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada e aborda os desafios significativos que essa transição impõe, especialmente no domínio da leitura e da escrita, o que pode impactar o desenvolvimento acadêmico e a permanência dos alunos na escola. A urgência do tema é reforçada por dados do SAEB (2022) que apontam que 44% dos alunos concluem o 5º ano com proficiência inadequada em Língua Portuguesa. Essas dificuldades se intensificam no 6º ano, revelando lacunas nos processos de alfabetização e letramento. O estudo busca aprofundar a compreensão das causas dessas lacunas, considerando não apenas aspectos cognitivos, mas também dimensões pedagógicas, socioemocionais e culturais. Para isso, diferencia teoricamente alfabetização e letramento, baseando-se em Magda Soares (2017)A pesquisa busca aprofundar a compreensão das causas dessas lacunas, transcendendo a mera análise de aspectos cognitivos. O foco se estende às dimensões pedagógicas, socioemocionais e culturais que permeiam o ambiente escolar e familiar. Para isso, o estudo se baseia na distinção teórica entre alfabetização e letramento proposta por Magda Soares (2017). A alfabetização é a aquisição do sistema de escrita, enquanto o letramento abrange as práticas sociais de leitura e escrita em diferentes contextos. A pesquisa propõe identificar e sugerir estratégias pedagógicas humanizadas e eficazes para superar as dificuldades encontradas na transição entre ciclos. A relevância da pesquisa reside na necessidade de reduzir a evasão e a repetência, que estão ligadas ao insucesso no letramento. Além disso, o estudo visa oferecer subsídios para políticas públicas e aprimorar a formação continuada de professores. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa-interpretativista para analisar os fenômenos educacionais e valorizar as percepções e experiências dos envolvidos. Os resultados almejam subsidiar políticas públicas, fortalecer a formação docente e reduzir desigualdades educacionais. O estudo busca propor estratégias pedagógicas que se alinhem ao conceito de letramento crítico de Roxane Rojo(2009) e a abordagem humanizadora de Paulo Freire (2019). A pesquisa pretende orientar intervenções pedagógicas, como projetos de mediação de leitura e programas de formação continuada, que transformem a transição escolar em um processo de consolidação de aprendizagens, conforme defendido pro Soares (2017). Assim, o estudo reforça o papel da escola como um espaço de desenvolvimento integral, no qual o letramento crítico é uma ferramenta de emancipação social.

Palavras- chave: Alfabetização, Letramento, Transição, Ensino Fundamental e Formação de Professores.

Referências:
BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Edições 70, 2011.
FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra, 2019.
ROJO, R. Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social. Parábola, 2009.
SOARES, M. Alfabetização e Letramento. Contexto, 2017.

A ESCRITA ACADÊMICA DE PORTUGUÊS EM SEGUNDA LÍNGUA/L2 DE MESTRES E DOUTORES SURDOS DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DO PARÁ

Giovana Cristina de Campos Bezerra
Doutoranda em Estudos Linguísticos; (PPGL/UFPA)
E-mail: arlgini.campos4@gmail.com

Márcia Monteiro Carvalho
Doutora (PPGL/UFPA; PPGET-UFSC)
E-mail: mmcarvalho@ufpa.br

Resumo: Esta pesquisa faz parte do meu doutoramento em Letras Linguística da Universidade Federal do Pará. Esta tese se justifica pelo fato de a escrita acadêmica em português como segunda língua (L2)

representar um desafio significativo para sujeitos surdos que têm a Libras como primeira língua (L1) e o português como segunda. Enquanto pessoa surda parto de minha experiência como sujeita bilíngue para me debruçar sobre essa problemática. A tese tem como objetivo principal compreender o papel da produção da escrita acadêmica de mestres e doutores surdos de instituições públicas de Ensino Superior (UFPA, UFRA, UEPA, IFPA) da cidade de Belém, no Norte do Brasil. Além disso, i.Fazer o levantamento de dados de pesquisas de mestres e doutores surdos nas instituições públicas selecionadas; ii. Catalogar os tipos de produções de escrita utilizadas pelos acadêmicos surdos (mestres e doutores de Programas de Pós-Graduação das universidades públicas selecionadas); iii. Identificar quais as dificuldades para produzir escrita acadêmica em português como segunda língua (L2) na modalidade da escrita (M2); iv. Apontar quais as demandas acadêmicas que estes públicos precisaram de profissionais tradutores e intérpretes de Libras-português nas instituições e por fim, v. Refletir sobre o papel da escrita em L2 para pessoas surdas na Pós-Graduação. Como pressuposto teórico acerca de aquisição de língua para pessoas surdas, Lacerda (2011); Quadros (1997); Língua de Sinais como um preditor para a aquisição da leitura e escrita com Fernandes (2006); Musselman (2000), Botelho (2002), Carvalho (2012), que ressaltam como o contato precoce com a língua de sinais favorece o desenvolvimento de estratégias para a aquisição da leitura. A pesquisa é de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo. O estudo será realizado com mestres e doutores surdos vinculados às instituições públicas do estado do Pará. Como instrumentos de coleta de dados, serão utilizados questionários semiestruturados e entrevistas com os participantes. Ressalta-se a importância de políticas institucionais que promovam o acesso equitativo à produção científica, respeitando as especificidades linguísticas da comunidade surda. A pesquisa está em fase inicial, portanto não apresentamos dados.

Palavras-chave: Escrita acadêmica de surdos; Língua portuguesa como L2; Estratégias de escrita.

Referências:

BOTELHO, Paula. Linguagem e lamento na educação dos surdos. Ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CARVALHO, Márcia M. Avaliação da compreensão escrita de alunos surdos do ensino fundamental maior. 102 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

FERNANDES, Eulália. Língua de sinais brasileira e português escrito: interfaces na formação de professores surdos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. LACERDA, Cristina B.; SANTOS, Sonia Maria (Org.). Escrita e Surdez: desafios na educação bilíngue. São Paulo: Plexus, 2011.

MUSSELMAN, C. How do children who can't hear learn to read an alphabetic script? Areview of the literature on reading and deafness. Journal of Deaf Studies and Deaf Education, v. 5, n. 1, p. 9-31, 2000.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

Rupturas decoloniais na formação inicial de professoras/es de em Língua Portuguesa a partir do estágio supervisionado

Rosivaldo Gomes
Doutor em Linguística Aplicada e docente do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá e dos Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLET/UNIFAP e PPGLETRAS/UFPR).
rosivaldo@unifap.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir resultados de uma pesquisa que trata sobre educação linguística e ensino de língua portuguesa por professoras/es em formação inicial de uma universidade pública situada no norte do Brasil. De forma mais específica analisarmos, à luz de

aportes teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2006, 2008; Coutinho, 2021; Machado; Bronckart, 2009; Dodó; Leurquin, 2022), representações do agir professoral (Cicurel, 2020, Leurquin, 2013; Gomes; Leurquin, 2021), de três professores sobre a mobilização de saberes, esforços decoloniais (Silvestre, 2016, Borelli, 2018; Pessoa, 2018; Silvestre, 2017) e tentativas de práticas decoloniais (Gomes, 2022) no ensino de língua portuguesa durante a experiência de estágio supervisionado em escolas públicas, tendo por base práticas de linguagem que tratam sobre temas e questões sociais como violência contra mulher, racismo, fome, direitos humanos e diversidade cultural e linguística. A pesquisa configura-se como qualitativa-interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008) e a análise parte de um conjunto de textos-fontes (diários autorreflexivos) do agir linguageiro e professoral de três professoras/es que desenvolveram seus estágios nos anos de 2021, 2022 e 2023. Os resultados demonstram que em suas narrativas de experiências de sala de aula com práticas de ensino esses atores apresentam representações que demonstram que a construção de saberes, por eles mobilizados sobre temas sociais para/no ensino de língua portuguesa, ainda se apresenta de forma desafiadora e isso se deve em função de determinantes externos e que estão ligados também a representações sobre seu papel social e profissional, sobre quais saberes são legítimos de serem ensinados na escola e também com que configuração didática devem ser trabalhados em sala de aula.

Palavras-chave: rupturas decoloniais; o estágio supervisionado em Língua Portuguesa; formação docente.

Referências:

BORELLI, J. D. V. P. O estágio e o desafio decolonial: (des)construindo sentidos sobre a formação de professores/as de inglês. 2018. 222 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

BORTONI-RICARDO, S. M. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRONCKART, J. P. Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. Tradução Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2006.

BRONCKART, J. P. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo. 2.ed. São Paulo: Educ, 2009.

BRONCKART, J. P. O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Tradução Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2008.

BRONCKART, J. P.; MACHADO, A. R. Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional. In: MACHADO, A. R. (Org.). O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. p. 131-163.

DODÓ, Walisson; LEURQUIN, Eulalia. A produção escrita em sala de aula do Ensino Médio. Entretextos, Londrina, v. 22, n. 4Esp, p. 97–119, 2022. DOI: 10.5433/1519-5392.2022v22n4Espp97-119. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/46504. Acesso em: 24 ago. 2025.

GOMES, R.; LEURQUIN, E. V. L. F. O agir professoral e o trabalho de professores em formação inicial representados em relatórios do projeto residência pedagógica. Revista da Anpoll, v. 52, n. 1, p. 110–124, 2021. Disponível em: https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1480.

MACHADO, A. R.; BRONCKART, J. P. (Re)configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. In: ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. L. (org.). Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 31- 78.

SILVESTRE, V. P. V. Práticas problematizadoras e de(s)coloniais na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o pibid. 2016. 239 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

Uso de ferramenta digital no Google Classroom para melhorar a fala em inglês de estudantes do ensino médio

Alessandra Oliveira Quirino Chiarioni
Mestranda do PPG Letras-UFT
alessandra.quirino@uft.edu.br

Adriana Carvalho Capuchinho
Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês
driowlet@mail.uft.edu.br

Resumo: Este projeto está em processo de investigação dos impactos do uso de uma extensão digital criada para o Google Classroom com o objetivo de promover o desenvolvimento da oralidade em língua inglesa entre estudantes do ensino médio de escola pública. A proposta surgiu devido às lacunas históricas no ensino de inglês, que ainda privilegia a gramática e a leitura em detrimento da conversação, mesmo após avanços nas diretrizes curriculares. A pesquisa adotou abordagem mista (qualitativa e quantitativa), sendo um estudo de caso de natureza exploratória e experimental, realizado com duas turmas da Escola Estadual José Frederico Pedreira Neto (Palmas/TO). Os participantes são 30 estudantes divididos entre grupo experimental (com uso da extensão) e grupo controle (com atividades tradicionais). A metodologia está ancorada nas perspectivas dos multiletramentos (Kalantzis & Cope, 2012), na aprendizagem significativa (Ausubel, 1982) e na teoria sociocultural de Vygotsky (2007), integrando também aportes de Oxford (1990), Bakhtin (2006), Gardner (1994) e Gee (2003). A ferramenta proposta inseriu desafios semanais com base em situações comunicativas reais, utilizando elementos de gamificação e feedback automatizado via Google Speech-to-Text. Os desafios são organizados por níveis de complexidade e simulam interações em contextos como hotéis, aeroportos, restaurantes e situações cotidianas, promovendo um ambiente de prática oral contextualizado, motivador e acessível. A coleta de dados está sendo realizada por meio de questionários diagnósticos, entrevistas semiestruturadas com o professor, gravação dos áudios dos desafios, transcrição automática, e análise dos dados com auxílio do software AntConc. A análise qualitativa foca as percepções dos participantes, enquanto a quantitativa considera parâmetros como fluência (palavras por minuto), número de pausas longas, vocabulário e erros de pronúncia. Entre os principais achados esperados, destacam-se: (1) melhora significativa na fluência oral dos estudantes do grupo experimental; (2) impacto positivo do feedback automatizado na percepção dos estudantes sobre seu desempenho; (3) aumento do engajamento e da persistência nas atividades orais devido à narrativa gamificada. A pesquisa também aponta desafios como limitações técnicas e necessidade de formação docente para uso eficaz das ferramentas. A inovação da proposta reside na criação de uma extensão inédita e acessível, com potencial de replicação em outras escolas públicas, contribuindo tanto para o desenvolvimento da oralidade dos estudantes quanto para a formação de professores e elaboração de políticas educacionais mais conectadas à realidade digital dos estudantes. O estudo articulou ainda os princípios da BNCC e dos multiletramentos, ao integrar linguagem oral, visual, sonora e digital em um processo de aprendizagem mais inclusivo e significativo.

Palavras-chave: Oralidade; Ensino de inglês; Google Classroom; Gamificação; Feedback automatizado; Multiletramentos.

Referências:

AUSUBEL, D. P. The psychology of meaningful verbal learning. New York: Grune & Stratton, 1968.
BAKHTIN, M. A estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
GARDNER, H. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. GEE, J. P. What video games have to teach us about learning and literacy. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
KALANTZIS, M.; COPE, B. Literacies. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

OXFORD, R. Language learning strategies: what every teacher should know. New York: Heinle & Heinle, 1990.
VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Os conhecimentos das ciências sociais e linguísticas redirecionam o olhar para um ensino de língua portuguesa com práticas pedagógicas inovadoras e conscientes

Maria Izabel P. Rodrigues Lobato
Mestranda do PPGCITE – UFPA
izabelletras4@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística
Docente do ILC e do PPGCITE – UFPA
braynacardoso@ufpa.br

Resumo: O presente trabalho busca problematizar o ensino de língua portuguesa, no Brasil, quando perpetua um sistema ideológico ao supervalorizar aspectos linguísticos e culturais coloniais, em detrimento as diversidades linguísticas locais. Para essa discussão, partimos de estudos bibliográficos com base em Hall (2005) por suas contribuições acerca do processo de formação da identidade cultural dos sujeitos, revelando que essa construção ocorre por meio da linguagem/discurso e encontra-se formada e transformada na relação com aspectos sociais e históricos; Rufino e Senna (2021) por oportunizar reflexões acerca da inter-relação entre identidade e linguagem, destacando o papel da escola no processo de formação cidadã do sujeito, visando propiciar um espaço intercultural de respeito às múltiplas identidades; Hall (2014) ao discorrer que a escola surgiu no século XIX, como uma das instituições para exercer um poder disciplinar com discursos reguladores, buscando moldar as concepções dos sujeitos e das práticas sociais. E assim, a partir desses estudos, compreendemos que a linguagem como formadora da identidade no decorrer do tempo sofreu mudanças decorrentes de fatores sociais e históricos. Desde o processo de colonização, numa hierarquia de poder, consolidou-se no Brasil um sistema ideológico de valorização dos aspectos europeus, que idealizados como superiores foram incorporados como normas educacionais, culturais e linguísticas. Nesse contexto, a variedade padrão da língua portuguesa foi concebida como a de prestígio social, o que se configurou como um problema, pois ao desconsiderar e inferiorizar as diversidades linguísticas e culturais que formavam o povo brasileiro, geravam-se concepções preconceituosas e a marginalização dessas variedades. Acerca disso, Santos et al (2022) enfatiza que a língua portuguesa como signo político impôs padrões linguísticos reconhecendo uma única variedade, a padrão e civilizatória, tentando silenciar falas ao inferiorizar a variedade não padrão. Diante desse cenário, o mesmo autor reconhece os estudos linguísticos como fundamentais para combater esses estigmas, por um viés de abordagens mais democráticas. As escolas públicas contemporâneas ainda abrangem um conjunto de comunicações reguladoras, com procedimentos de controle e discursos atravessados por relações de poder que na busca por unificação, anula as demais identidades (HALL, 2014; RUFINO e SENNA, 2021). Admitindo a linguagem com esse poder social, acredita-se que por meio dela é possível posicionar-se e romper com as hierarquias dominantes e excludentes, assumindo novas atitudes de enfrentamento. Nesse sentido, as perspectivas teóricas oriundas de pesquisas linguísticas orientam mudanças quanto ao ensino de língua portuguesa com reflexões acerca da concepção do ensino de língua, tal como a da Sociolinguística, que reconhece as variedades linguísticas do estudante como elemento de legítima identidade. Nessa abordagem, Antunes (2007) e Pilati (2017) defendem que conhecimentos linguísticos são necessários para desfazer pensamentos equivocados, como ao confundir língua com gramática tradicional e possibilitar uma compreensão mais ampla e crítica sobre a língua. As autoras afirmam também que embora muitas pesquisas sejam desenvolvidas nas universidades, verifica-se que suas compreensões não estão chegando de forma íntegra nas escolas e

nem nos materiais didáticos utilizados nas escolas. Sendo assim, faz-se necessário que esses conhecimentos científicos cheguem até os professores, como possibilidade de esclarecer suas compreensões para práticas metodológicas ativas e inovadoras, visando um ensino de língua portuguesa que proponha experiências que levem o estudante a compreender e refletir sobre o sistema linguístico; bem como abarque a percepção de sentir-se acolhido e respeitado em sua identidade linguística correspondente a sua variedade utilizada do português brasileiro.

Palavras-chave: Educação, Práticas Linguístico-Pedagógicas, Variedade Linguística, Identidade Linguística.

Referências:
Antunes, Irandé. 2007. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. Parábola. SP
Hall, Stuart. 2005. A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A. RJ
Pilati, Eloisa. 2017. Linguística, gramática e aprendizagem ativa. Pontes. Campinas.
Rufino, A. M. dos S.; Senna, L. A. 2021. Identidade, linguagem e escola. Educação em Revista, 22
Santos, T. *et al*. 2022. Educação do Campo e Sociolinguística Educacional: Trilhas pedagógicas decoloniais. Enlaces. Salvador.

Crenças na Formação Docente em Língua Inglesa: Um Recorte Analítico de Pesquisas Contemporâneas

Risilene Martins de Carvalho Ribeiro
Mestranda POSLET-UNIFESSPA
(risilenemartins3006@gmail.com)

Eliane Pereira Machado Soares
Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará
(eliane@unifesspa.edu.br)

Resumo: Este estudo apresenta um recorte teórico da pesquisa de dissertação em andamento, cujo objetivo é compreender como as crenças de graduandos do curso de Letras-Inglês influenciam seu processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa. A presente revisão de literatura tem como foco a análise de cinco estudos acadêmicos – três dissertações de mestrado e duas teses de doutorado – selecionados com base em critérios de relevância temática, temporalidade (2020 a 2024) e aderência ao campo da Linguística Aplicada, mais especificamente aos estudos sobre crenças e formação docente. A metodologia adotada nesta revisão de literatura é de natureza qualitativa e exploratória, com ênfase em análise documental, conforme orientações de Gil (2010) e Marconi e Lakatos (2017). Os trabalhos analisados foram localizados em repositórios de Programas de Pós-Graduação em Letras de universidades federais e apresentam afinidade teórica e metodológica com a presente investigação. As dissertações de Virgens (2020), Passos (2021) e Andrade (2024) discutem, respectivamente, a relação entre fluência e identidade docente, as crenças de licenciandos sobre metodologias ativas, e a influência de crenças docentes e discentes na motivação e autonomia no ensino de inglês. Já as teses de Martins (2020) e Rabelo (2021) examinam, respectivamente, as crenças de futuros professores sobre a pronúncia do inglês por meio da metáfora conceitual, e a formação docente mediada por experiência em Centros de Autoacesso (CAA), com ênfase na construção da autonomia. Os resultados dos estudos evidenciam que as crenças dos professores em formação são atravessadas por aspectos identitários, emocionais, institucionais e culturais, afetando diretamente a forma como compreendem e exercem a prática pedagógica. A fluência, a pronúncia, as metodologias ativas e os espaços de aprendizagem autônoma emergem como elementos centrais nas crenças desses sujeitos, indicando que o ensino de línguas envolve não apenas competências técnicas, mais também percepções subjetivas

construídas ao longo da formação. Este recorte teórico destaca que as crenças docentes não podem ser negligenciadas nos programas de formação, uma vez que influenciam diretamente as práticas em sala de aula. Como defendem Barcelos (2006) e Pajares (1992), compreender tais crenças é essencial para promover transformações significativas no ensino de línguas. Assim, o presente estudo reforça a importância de incluir, nas propostas curriculares, práticas que estimulem a reflexão crítica sobre a própria formação e atuação profissional.

Palavras-chave: Crenças Docentes, Formação Inicial, Ensino de inglês, Identidade, Autonomia, Linguística Aplicada.

Referências:

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas: o que se tem dito e feito no Brasil. In: BARCELOS, A. M. F. (Org.). Crenças sobre aprendizagem de línguas: conceitos e investigações. Campinas: Pontes, 2006. p. 15-42.
BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
PAJARES, M. F. Teachers' beliefs and educational research: Cleaning up a messy construct. Review of Educational Research, v. 62, n. 3, p. 307-332, 1992.
VIRGENS, A. S. (2020). (Re)construção identitária dos graduandos em Letras/Inglês: a questão da fluência. Dissertação (Mestrado) – UFS.
PASSOS, J. A. (2021). Crenças de professores em formação inicial sobre o uso das metodologias de aprendizagem ativa no ensino de inglês. Dissertação (Mestrado) – UTFPR.
ANDRADE, F. C. S. (2024). Crenças de docentes e discentes: autonomia e motivação na aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Dissertação (Mestrado) – UFMA.
MARTINS, A. M. S. G. F. (2020). Crenças de acadêmicos de Letras sobre a pronúncia da língua inglesa: uma abordagem metafórica. Tese (Doutorado) – UFPR.
RABELO, J. A. A. (2021). Autonomia, formação docente e centros de autoacesso: experiências no BA³. Tese (Doutorado) – UFPA.

Falsos Cognatos no Portunhol: Desafios para a Comunicação e o Ensino de Línguas em Contextos de Contato

Isaac de Almeida Chaves
Mestrando do PPGL - Universidade Federal do Tocantins (UFT)
isaacespanhol123@gmail.com.br

Resumo: A proximidade entre o português e o espanhol é bem grande, o que facilita a comunicação entre as pessoas que falam essas línguas, especialmente nas regiões de fronteira e quando se viaja para outro país. É natural que isso aconteça, afinal, as duas línguas têm muitas semelhanças. No entanto, essa semelhança pode causar alguns problemas - às vezes, as pessoas misturam as duas línguas e criam algo meio confuso, que nem é português, nem é espanhol. Chamamos isso de portunhol, uma forma de se comunicar que pega um pouco de cada língua e mistura tudo, resultando em algo bem próprio e, muitas vezes, bem engraçado. Quando se trata de comunicar em duas línguas diferentes, existem alguns obstáculos que podem surgir. Um deles, especialmente complicado, é o caso dos falsos cognatos, também conhecidos como falsos amigos. São palavras que parecem muito semelhantes quando você as compara, mas que na verdade têm significados completamente diferentes. Isso pode causar problemas sérios na hora de entender o que a outra pessoa está tentando dizer, e pode levar a mal-entendidos muito grande. É como se você estivesse usando palavras que soam familiares, mas que na verdade são desconhecidas uma para a outra. Quando começamos a mergulhar no mundo dos falsos

cognatos no portunhol, é incrível a quantidade de questões que surgem. A ideia principal deste estudo é entender como esses termos influenciam o modo como nos comunicamos, afetam a aprendizagem de línguas e impactam a percepção que os outros têm de nós. Através de uma abordagem qualitativa, que olha para todos os lados, incluindo documentos antigos, livros de referência e experiências reais, procuramos montar o quebra-cabeça deste fenômeno. A gente juntou informações de fontes online, materiais escolares e até entrevistou professores que trabalham com pessoas que falam mais de uma língua para entender melhor como tudo isso trabalha juntos. É basicamente uma viagem para descobrir como esses falsos cognatos, que parecem tão inofensivos, afetam todos os aspectos da nossa interação, do que aprendemos até como somos vistos pela sociedade. Vamos analisar algo de três ângulos diferentes: a linguística, a cultura e a pedagogia. Para isso, utilizaremos uma técnica chamada análise de conteúdo. O objetivo é descobrir quais são os principais "falsos amigos" - palavras ou expressões que parecem semelhantes em português e espanhol, mas têm significados diferentes - que ocorrem com frequência no chamado portunhol, que é essa mistura das duas línguas. Também queremos entender como esses "falsos amigos" afetam comunicações mais formais ou casuais e, a partir disso, criar estratégias de ensino que realmente ajudem as pessoas a aprender português e espanhol quando são línguas estrangeiras para elas. Acredita-se que esse trabalho é importante porque ajuda a área de linguística aplicada e pode fazer uma diferença real na vida das pessoas, melhorando a comunicação entre elas, principalmente na América Latina.

Palavras-chave: Portunhol; falsos cognatos; intercompreensão; ensino de línguas; linguística aplicada; comunicação intercultural.

Referências:
Cavalcanti, M. C. (2011). Línguas em contato: o caso do portunhol. Parábola.
Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). A enunciação: da subjetividade ao diálogo. Campinas: Pontes.
Kleiber, G. (1990). Semântica estrutural. São Paulo: Ática.
Morin, E. (2001). Os sete saberes necessários à educação do futuro. Cortez/UNESCO.
Vygotsky, L. S. (2001). Pensamento e linguagem. Martins Fontes

Letramentos Sociais e Práticas Pedagógicas no Campo: Entre Saberes Locais e Resistência Educativa

Adalberto Pereira Torres
Doutorando – PPGLLIT-UFNT
adalberto.torres@uft.edu.br

Resumo: Este trabalho investiga as inter-relações entre letramentos sociais e práticas pedagógicas desenvolvidas em escolas do campo, enfatizando os desafios enfrentados e as potencialidades construídas a partir dos saberes e das realidades locais. A pesquisa fundamenta-se no pressuposto de que processos de letramento, quando ancorados em experiências comunitárias e saberes territoriais, contribuem para uma educação mais contextualizada, crítica e significativa para os indivíduos das comunidades rurais (Caldart, 2012; Street, 2014). A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e bibliográfica, tendo como objetivo central compreender como os letramentos sociais se articulam às práticas pedagógicas no contexto da Educação do Campo. Para isso, foram selecionados artigos científicos nas plataformas Google Acadêmico e SciELO, que tratam das interações entre cultura local, práticas educativas e processos de letramento em territórios rurais. A escolha pela pesquisa bibliográfica se justifica pela intenção de consolidar um corpo teórico-conceitual sobre o tema, baseado em estudos atualizados e empíricos, que abordam experiências de escolas do campo em diferentes regiões do Brasil. A seleção do corpus se concentrou exclusivamente em textos científicos previamente definidos como base documental. Os artigos contemplam múltiplas perspectivas sobre o tema, incluindo experiências de alfabetização, práticas pedagógicas contextualizadas, formação docente, políticas públicas e metodologias críticas voltadas ao campo.

Dentre os critérios de inclusão, destacam-se: relevância temática, abordagem metodológica clara, fundamentação teórica consolidada e aderência ao foco dos letramentos sociais na Educação do Campo. As categorias emergiram da leitura analítica do conteúdo textual dos artigos e foram organizadas em eixos temáticos, tais como: práticas docentes, protagonismo comunitário, currículo contextualizado, políticas de formação e instrumentos pedagógicos alternativos. Essa organização permitiu sistematizar os principais desafios e potencialidades discutidos pelos autores. Foram confrontadas perspectivas teóricas complementares e divergentes, evidenciando tanto os limites impostos por políticas públicas descontinuadas quanto as possibilidades de inovação pedagógica geradas a partir do território e da escuta ativa dos sujeitos locais. Os resultados evidenciam que práticas pedagógicas alinhadas aos letramentos sociais valorizam o território como elemento central, promovendo o protagonismo estudantil e fortalecendo os vínculos entre escola e comunidade. Projetos escolares que envolvem visitas a feiras locais, mapeamento do entorno, hortas comunitárias e registro das tradições orais, por exemplo, possibilitam a construção de currículos fundamentados nas demandas e vivências camponesas, potencializando o sentimento de pertencimento e legitimando saberes populares no processo formativo (Sachs & Alves, 2021). Conclui-se que os letramentos sociais, quando articulados às práticas educativas do campo, tornaram-se estratégias potentes de resistência cultural, inclusão e transformação social, ao mesmo tempo em que reafirmam a urgência por políticas públicas específicas e formação docente adequada às demandas das comunidades rurais (Mourão & Uchoa, 2020).

Palavras-chave: letramentos sociais, educação do campo, práticas pedagógicas, saberes locais, formação docente

Referências:

Caldart, Roseli Salete. 2012. Educação do campo. In *Dicionário da Educação do Campo.* Escola Politécnica de Saúde; Joaquim Venâncio; Expressão Popular, RJ; SP.

Mourão, Arminda Rachel Botelho, Luciene Mafra Vasconcelos, e Iraci Carvalho Uchôa. 2020. "Educação do Campo E práticas pedagógicas: Relações de Trabalho em Comunidades amazônicas". *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação* 15 (2): 436-50. https://doi.org/10.21723/riaee.v15i2.12642.

Sachs, Línlya, e Whendelly Lorena Leite Alves. 2021. "A construção coletiva do inventário da realidade na educação do campo". *Educação & Sociedade* 42 (2021): e237468. https://doi.org/10.1590/ES.237468.

Street, Brian Vicent. 2014. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Parábola. SP.

O papel da professora imigrante como mediadora intercultural no ensino de português

Safaa Abdelmoneam Ahmed Ali
Mestranda do PPGLLIT da UFNT
safaa.ali@ufnt.edu.br

Esta comunicação apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT/UFNT), vinculada à linha de pesquisa "Linguística Aplicada a Contextos de Formação". A proposta discute o papel da professora-pesquisadora como mediadora intercultural no processo de ensino-aprendizagem de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) para mulheres árabes imigrantes no Brasil. A pesquisa, de natureza qualitativa e fundamentada na pesquisa-ação, foi desenvolvida em um curso online voltado para esse público, considerando suas realidades culturais, religiosas e linguísticas. Durante o curso, a mediação intercultural foi favorecida pelo lugar de fala da professora-pesquisadora, também migrante, árabe e muçulmana, o que possibilitou uma aproximação sensível com as alunas e uma escuta comprometida com suas

realidades. As práticas pedagógicas foram elaboradas a partir das experiências cotidianas das participantes, respeitando seus valores, princípios e crenças religiosas. O material didático foi desenvolvido com base em demandas comunicativas reais, abordando desde o funcionamento social e linguístico da cultura brasileira até estratégias para lidar, de forma respeitosa, com estereótipos e curiosidades sobre a mulher muçulmana. Nesse processo, o curso se consolidou como um espaço de trocas culturais e aprendizagem significativa, onde a língua portuguesa se tornou instrumento de pertencimento, empoderamento e afirmação identitária. Com base nos referenciais da Linguística Aplicada Crítica (Moita Lopes, 2006) e da educação intercultural (Fleuri, 2003; Mendes, 2015), das contribuições de São Bernardo (2016), no campo do acolhimento linguístico , este trabalho reflete sobre como a interculturalidade pode fortalecer o ensino de línguas em contextos de migração, especialmente quando a professora compartilha a mesma origem cultural das alunas. Os dados gerados por meio de diário de campo, entrevistas e atividades de atividades realizadas ao longo do curso. Os resultados apontam que a presença de uma professora imigrante favorece a construção de um espaço formativo mais sensível, respeitoso e eficaz, que valoriza a escuta e a diversidade como elementos centrais para o desenvolvimento linguístico e humano das participantes.

Palavras-chave: Mediação intercultural; Português como Língua de Acolhimento; Professora imigrante; Mulheres árabes imigrantes

Referências:

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16–31, maio/ago. 2003.

MENDES, E. A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2. EntreLínguas, Araraquara, v. 1, n. 2, p. 203-221, jul./dez. 2015

MOITA LOPES, Luiz Paulo da Silva. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: _____. (Org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-105.

SÃO BERNARDO, M. A. D. Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

Formação Docente na Educação Básica no período Pós-Pandêmico: Desafios e Possibilidades À Luz da Teoria da Complexidade

Clorisnéia Soares Vila Nova Silva
Doutoranda do PPGLLIT- UFNT
clorisneia@gmail.com

Selma Maria Abdalla Dias Barbosa
Doutora em Estudos Linguísticos- UNESP
selmaabdalla@mail.uft.edu.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar os desafios enfrentados por professores da rede municipal de Araguaína-TO durante a pandemia da COVID-19, à luz dos princípios da Teoria da Complexidade de Edgar Morin e da Transdisciplinaridade. A crise sanitária exigiu mudanças abruptas nas práticas pedagógicas, impondo aos docentes a necessidade de agir em contextos incertos, instáveis e interdependentes características centrais da realidade complexa. O estudo fundamenta-se em autores como MORIN, MORAES e JAPIASSU, com o propósito de discutir a importância de uma formação docente mais flexível, integrada e sensível à imprevisibilidade dos contextos escolares. A partir da Teoria da Complexidade, compreende-se que os processos educativos não podem mais ser concebidos de forma linear e fragmentada. Morin propõe um pensamento que acolhe a incerteza, a contradição, a multiplicidade de fatores e a contextualização dos saberes. Nesse cenário, a atuação docente durante a

pandemia evidenciou a urgência de uma formação que capacite os educadores para lidar com situações inesperadas e articular diferentes saberes de maneira integrada. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica e entrevistas com professores da Educação Básica incluindo docentes do Ensino Fundamental I e dos Centros de Educação Infantil. Os dados revelam que muitos professores enfrentaram dificuldades no uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), sentiram-se despreparados para o ensino remoto e relataram impactos emocionais associados ao isolamento social e à sobrecarga de trabalho. Apesar dos obstáculos, demonstraram resiliência, criatividade e colaboração entre pares atitudes fundamentais para um agir docente complexo. A Transdisciplinaridade, como desdobramento da complexidade, mostrou-se igualmente essencial ao permitir o rompimento com fronteiras rígidas entre disciplinas e favorecer a construção de conhecimentos mais conectados à realidade dos estudantes. A pandemia, nesse sentido, funcionou como um catalisador de transformações, colocando em xeque o paradigma tradicional da educação e reforçando a necessidade de um novo olhar para a prática docente. Conclui-se que repensar a formação de professores sob a ótica da complexidade é imprescindível para enfrentar os desafios contemporâneos. A escola precisa tornar-se um espaço aberto ao diálogo, à incerteza e à construção coletiva do saber, formando educadores capazes de atuar em contextos dinâmicos, incertos e interconectados.

Palavras-chave: Complexidade; Transdisciplinaridade; Formação Docente; Pandemia; Letramento Digital; Paradigma.

Referências:

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente. São Paulo: Papirus, 2004. http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/candida/paradigma_emergente.pdf . Acesso em: 10 jan. 2025.
MORIN, Edgar. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo de et al. Ensaios de complexidade. Porto Alegre: Sulina, 2005. pp.11-20. Eliane
MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo/ Edgar Morin, tradução do francês. Lisboa: Porto Alegre: Sulina, 2006. 118p. Fonte: http://novosolhos.com.br/site/arq_material/6528_7156 .pdf .Acesso em: 10 jan. 2025.
MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In PENA_VEGA, Alfredo;
NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. O pensar complexo Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 13p. SILVA, Clorisneia Soares Vila Nova.
LETRAMENTO DIGITAL NA CONJUNTURA DA PANDEMIA: implicações na vida de docentes da rede de ensino de Araguaína-TO. 2023. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLLIT, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2023 Disponível em: https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/6733. Acesso em: 13 mar. 2025.

Descolonizando o Espaço Urbano: A Língua Inglesa como Ferramenta Crítica em Araguaína-TO

Said Moreira de Araújo Vieira
Graduando em Letras-Ingles UFNT
said.vieira@ufnt.edu.br

Elisa Borges de Alcântara Alencar
UFNT
elisa.alencar@ufnt.edu.br

Luiza Helena Santos de Oliveira
UFNT
luiza.silva@ufnt.edu.br

Resumo: Este trabalho procurou investigar as intricadas relações espaciais e discursivas a partir de uma aula de Língua Inglesa proferida no curso de graduação em Inglês e Literaturas da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), campus Araguaína. A aula consistiu em analisar criticamente uma imagem na qual expunha uma placa e um letreiro. O letreiro escrito pelos moradores do bairro estava adicionado à placa da prefeitura de Araguaína que informava à população da construção do novo Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD III). O letreiro exposto resume-se em uma oposição dos moradores do bairro em relação à construção do Centro. Pensando na complexidade das relações espaciais, fundamentamo-nos na Semiótica Discursiva e espacial para investigar os aspectos constitutivos do sentido e as suas imbricações espaciais. Compreendendo os conceitos de território (Fontanille, 2014), e os movimentos subjetivos que influenciam a interação dos espaços (Greimas, 1976). Relacionando com propostas decoloniais e pós-humanistas, propusemos pensar a aula de línguas como espaço transcultural e trans-epistemológico, utilizando a linguagem como ponte para o pensamento crítico que se opunha às relações canônicas de poder, educando sujeitos para a criação de uma subjetividade transindividual. A resistência dos moradores acerca da construção do CAPS é, portanto, interpretada não apenas como uma recusa à presença da estrutura, mas como uma defesa de um modo de vida e de uma relação já estabelecida com o seu entorno. Em suma, este artigo visa desvelar as camadas de significado e poder imbricadas nas disputas espaciais urbanas, propondo uma leitura que articula teoria semiótica, crítica decolonial e sensibilidade pós-humanista para compreender as dinâmicas de resistência e pensar uma educação linguística que envolva o pensar do próprio espaço e suas afetações.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva, Linguística Aplicada Crítica, Espaço, Decolonialidade, Pós-Humanismo.

Referências:

FONTANILLE, J. Territoire: du lieu à la forme de vie. ActesSémiotiques, [s. l.], n. 117, p. 1- 12, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Dicionário de semiótica. Tradução: Alceu Lima *et al*. São Paulo: Contexto, 2008. Originalmente publicado em 1993.

GREIMAS, A. J. Maupassant: la sémiotique du texte : exercices pratiques. Paris: Editions du Seuil, 1976.

HAMMAD, M. et al. O espaço do seminário. EntreLetras, Araguaína, v. 7, n. 2, p. 28-59, 2016. Originalmente publicado em 1977.

LANDOWSKI, E. Regimes de espaço. Galáxia, São Paulo, n. 29, p. 10-27, 2015.

O Pensamento Complexo e a Linguística Aplicada na Educação Infantil: linguagem e criatividade nas práticas com a primeira infância

Débora Cristiana Alves Soares de Albuquerque
Doutoranda - PPGLLIT-UFNT
deboracristiana1@gmail.com

Maria José de Pinho
Doutora Educação - PPGLLIT-UFNT/UFT
mjpgon@mail.uft.edu.br

Resumo: Este trabalho resulta de uma pesquisa de dissertação de mestrado cujo objetivo central foi compreender como professoras que atuam com crianças de zero a três anos perceberam e mobilizaram a criatividade em suas práticas pedagógicas durante o contexto da pandemia da Covid-19. A investigação se fundamenta nos aportes teóricos do Pensamento Complexo, de Edgar Morin, e da

Linguística Aplicada (LA), em sua vertente crítica e transdisciplinar. A articulação entre esses referenciais teóricos possibilitou aprofundar a compreensão da docência como prática social situada, permeada por dimensões éticas, afetivas, linguísticas e políticas que atravessam o cotidiano das instituições de Educação Infantil. O Pensamento Complexo oferece ferramentas conceituais para interpretar a educação como um sistema dinâmico, interconectado e aberto à incerteza, à incompletude e à pluralidade dos saberes. Já a Linguística Aplicada crítica concebe a linguagem como ação social, constituinte da prática docente e da produção de sentidos sobre a infância, o ensinar e o aprender. A pesquisa, de abordagem qualitativa, analisou excertos de entrevistas realizadas com professoras de berçário, com o intuito de investigar se suas concepções e práticas pedagógicas revelam uma visão da linguagem como prática social situada, em consonância com os pressupostos da LA crítica. Os dados evidenciaram a centralidade das interações sociais no desenvolvimento linguístico dos bebês e o papel da escuta sensível e responsiva como elemento mediador dessas interações. Nesse sentido, mesmo diante das limitações impostas pela pandemia, as professoras mobilizaram múltiplas linguagens (oral, corporal, artística e digital), valorizaram saberes locais, fortaleceram vínculos com as famílias e ampliaram o contato com a natureza. Suas falas revelam o reconhecimento das manifestações dos bebês como formas legítimas de expressão e a construção de práticas pautadas na escuta ativa. Assim, a docência na Educação Infantil se revela como espaço de resistência, reinvenção e (trans)formação, alicerçada no diálogo entre sensibilidade, linguagem, complexidade e compromisso ético com as infâncias.

Palavras-chave: Pensamento Complexo, Criatividade, Infância, Linguística Aplicada, Educação Infantil.

Referências:

ALBUQUERQUE, Débora Cristiana Alves Soares de. O olhar do Pensamento Complexo na infância: o fio de voz das professoras de crianças de zero a três anos a respeito da criatividade em tempos de pandemia da COVID-19. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Educação, Palmas, 2023

Um Estudo sobre as Contribuições dos Feminismos Decolonais na Formação Continuada de professoras de Língua[gem]

Josefa dos Santos Silva
Doutora em Linguística e Literatura- UFNT
professorajosefamirian@gmail.com

Resumo: Nosso estudo compreende que a Formação Continuada de professoras/es de Língua[gem] perpassa pelo reconhecimento de que a língua é política (Rajagopalan, 2013) e as práticas docentes são escolhas/ideologias/afiliações a projetos geopolítico-sócio-histórico-cultural (Nóvoa, 1992; Shon e Freire, 1987; Cavalcanti, 2013). Investidas nessa concepção, refletimos sobre como contribuir com a Formação Continuada de professoras/es, fortalecendo as práticas docentes de ensino e aprendizagem de Línguas[gem], reconhecendo-as como necessárias aos constructos sociais dos sujeitos. Neste contexto, nos interessa discutir a Formação Continuada de professoras/es que atuam nas escolas a partir do contexto socioeducacional amazônico (Tocantins) como um percurso de mudanças na realidade social, objetivando interseccionar pautas decoloniais feminista (Bell Hooks, 2023; 2019; Curiel, 2020; Lugones, 2014) que contribuam com práticas docentes crítico-reflexiva, entendendo que a educação tem poder para coibir a (in)sustentável e perversa concepção de mundo criada pelo Capitalismo/Colonialidade/Modernidade (Walsh,2017), dialogando como e porque fazemos determinadas escolhas, escanteando outras possibilidades de processo de ensino e de aprendizagem de língua[gem]. O estudo está situado no campo científico da Linguística Aplicada e seus estudos de língua[gem] com corresponsabilidade social (Moita Lopes, 2006; 2013; Rajagopalan, 2013), sendo a

metodologia a Pesquisa Crítica de Colaboração (Magalhães, 2006, 2009), com abordagem de cunho qualitativo-interpretativista, assumindo o desafio de interpretar os sentidos construídos pelos sujeitos envolvidos em processos educacionais nos seus contextos locais. Para gerarmos os dados, utilizamos as sessões de Roda de Conversa (Warschaer, 2001, 2017), com três professoras participantes atuantes na educação básica de uma escola pública do município de Aguiarnópolis - TO, região geopoliticamente situada no contexto amazônico. Os resultados se constituem de reflexão crítica sobre a Formação Continuada de professoras/es, compreendendo o poder constituído coletivamente como instrumento de educação politizada para práticas sociais assentadas numa corresponsabilidade ética e social na qual a educação está imbuída. Nossas contribuições recaem na reconstrução de uma formação continuada de professoras/res para enfrentamento das relações coloniais entre os sujeitos (patriarcalismo, racismo, sexismo, racialização entre outras) e deles com a exaustão dos recursos planetários, todos interseccionados e perpassando pela língua[gem].

Palavras-chave: Formação Continuada de Professoras/es, Feminismos Decolonias.

Referências:

CAVALCANTI, M. C. Educação Linguística na formação de professores de línguas: intercompreenção e prática translíngue. In: Moita Lopes, L. P. (org.). Linguística Aplicada na modernidade recente. Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 211-226.

CURIEL, Ochy. Feminismo Decolonial. Prácticas Políticas Transformadoras. Palestra. https://www.youtube.com/watch?v=B0vLlIncsg0. Acesso em 13/06/ 2020.

HOOKS, bell. Teoria Feminista. Da Margem ao Centro. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Retrospectiva, 2019.

HOOKS, bell. O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução de Bhuvi Libanio. 20. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, n. 22, v. 3, p. 935- 952, setembro-dezembro/2014. Artigo originalmente publicado na revista Hypatia, v. 25, n. 4, 2010. Tradução
de Juliana Watson e Tatiana Nascimento.

MAGALHÃES, M. C. C. Por Uma Prática Crítica de Formação Contínua de Educadores. In: FIDALGO, S. S.; SHIMOURA, A. da S. (Org.). Pesquisa Crítica de Colaboração: Um Percurso na Formação Docente. 2006, p. 94-103. Disponível em: <https://www.academia.edu/29784495/pesquisa_cr%C3%ADtica_de_colabora%C3%A7%C3%A3o_percurso_na_forma%C3%A7%C3%A3o_docente_pdf> Acesso em: 05 ago. 2022.

MAGALHÃES, M. C. C. "O método para Vygotsky: a zona proximal de desenvolvimento como zona de colaboração e criticidade criativas". In: SCHETTINI, R. H. et al. Vygotsky: uma revista no início do século XXI. São Paulo, Andross, p. 53-78, 2009.

MOITA LOPES, L. P. Introdução. Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013. p. 15-37.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguística aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-43.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. Tradução de Graça Cunha, Cândida Hespanha e Conceição Afonso. Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível: http:// http://www.flf.edu.br/revista-flf.edu/volume04/46.pdf. Acesso 23 fev 2021.

RAJAGOPALAN, K. Política de ensino de línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani. 1ª ed. São Paulo: Parábola editora, 2013, p.149-166.

SHOR, I.; FREIRE, P. Medo e Ousadia. O Cotidiano do Professor. 2. ed. Paz e Terra: Educação, 1987. Rio de Janeiro, RJ.

WALSH, C. Entretejiendo lo pedagógico y lo decolonial: luchas, caminos y siembras de reflexión-acción para resistir (re) existir y (re) vivir. Alter/nativas. E-Book, 2017.
WARSCHAER, C. Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
WARSCHAUER, C. A roda e o registro. Uma parceria entre professores, alunos e o conhecimento. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

Expandindo noções de língua/gem a partir de colagens fotográficas: uma experiência com licenciandas/os de um curso de Letras-Inglês

Ricardo Regis de Almeida
Professor no curso de Licenciantura em Letras-Inglês (UFPA)
ricardoregisalmeida@gmail.com

Neste trabalho, reflito sobre os desdobramentos de um percurso didático (Sabota, 2024), no qual as/os estudantes de um curso de Letras-Inglês se debruçaram sobre questões de língua/gem a partir de colagens fotográficas. Trata-se de uma experiência ocorrida em uma universidade federal do nordeste do Pará durante a disciplina de Língua Inglesa III, no primeiro semestre de 2025. À ocasião, iniciamos a disciplina com a leitura de um texto teórico-acadêmico sobre pós-humanismo e noções que solapam os ideais estruturalista, homogêneo, ahistórico e apolítico ainda tão presentes em concepções eurocêntricas de língua[gem] (Souza; Pessoa, 2019). Após a leitura e discussão do material, a turma teve a oportunidade de conhecer o trabalho com colagens digitais do artista turco Ugur Gallenkus. Naquele instante, foi possível perceber a autoimplicação (Duboc, 2020) das/os licenciandas/os com questões de gênero, raça, etnia, religião, entre outros marcadores identitários, presentes nas colagens: uma oportunidade para que pudessem expandir a noção de língua[gem] e percebê-la, de fato, como prática social e política. Após a leitura/discussão do texto teórico-acadêmico supracitado e a exposição ao trabalho de Gallenkus, solicitei que as/os alunas/os criassem suas próprias colagens fotográficas e escrevessem suas legendas em língua inglesa, contando narrativas outras a respeito de suas cidades de origem. Foi o momento em que, assim como o artista turco, as/os discentes puderam contrapor realidades sociais e perceber como elas operam ao seu redor, ou melhor, nas ruas, construções, praças, em seres não-humanos, enfim, na matéria que constitui sentido às suas corpovivências, experiências sentidas/vividas a partir do corpo (Almeida, 2024). Essas colagens foram expostas em uma mostra fotográfica idealizada pela turma, sob a minha orientação, e contou com a presença de colegas de outras turmas do curso de Letras-Inglês e de outros cursos ofertados no campus. Além de prestigiarem à exposição, as/os convidadas/os puderam assistir a um vídeo produzido pela turma a respeito do artista que as/os inspiraram, deixar suas impressões em post-its a respeito da experiência, e saborear quitutes disponibilizados pela organização do evento ao término de cada sessão (foram quatro sessões com 20 visitantes e 30 minutos cada). Após essa experiência, as/os alunas/os da turma compartilharam suas colagens no Instagram, marcaram o artista e o próprio Ugur Gallenkus reconheceu e repostou várias das mensagens em seu perfil oficial. Para além do reconhecimento local (das/os colegas do campus que prestigiaram a exposição) e mais amplo (do próprio Ugur Gallenkus), a turma produziu reviews (resenhas), também em inglês, compartilhando suas impressões críticas a respeito do evento. Foi um momento de exercitar, por meio de uma noção multimodal e multissemiótica de texto (Rojo, 2012), a criação de registros para aquilo que foi a primeira experiência da turma realizando um evento. Em suma, trata-se de uma experiência em aulas de língua inglesa que apresenta indícios de como arte, língua[gem], colaboração entre os pares e atuação crítica podem se misturar e contribuir para uma noção de língua[gem] corporificada, política e social, capaz de nos mostrar como os objetos, os lugares e os seres não-humanos também nos interpelam na construção de sentidos. Logo, espero que o compartilhamento dessa experiência possa contribuir para que outras/os professoras/es de línguas do Norte do país revisitem uma noção de língua[gem] eurocêntrica por meio de suas corpovivências e daquelas de suas/seus alunas/os, fortalecendo percepções outras a respeito da constelação de sentidos

que podemos criar por meio da língua[gem] e daquilo que se convencionou chamar de língua inglesa.

Palavras-chave: Corpovivências, Ensino de Língua Inglesa, Perspectivas Críticas, Decoloniais e Pós-humanistas.

Referências:
ALMEIDA, Ricardo Regis de. Corpovivências decoloniais compartilhadas e coconstruídas nas (e para além das) aulas de língua inglesa de um curso de letras: português e inglês. 236 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.
DUBOC, Ana Paula Martinez. Atitude decolonial na universidade e na escola: por uma educação outra. In: MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana Rosa (org.). Decolonialidades na relação escola-universidade para a formação de professoras(es) de Línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p.151-177.
ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.
SABOTA, Barbra. The roads we take – O percurso didático como proposta para construir aulas de inglês por caminhos crítico-decoloniais. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 24, n. 2, 2024, e21166 https://doi.org/10.1590/1984-6398202421166.
SOUSA, Laryssa Paulino de Queiroz; PESSOA, Rosane Rocha. Humans, nonhuman others, matter and language: a discussion from posthumanist and decolonial perspectives. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 58, n. 2, 2019, p. 520-543.

UMA REFLEXÃO DAS CRENÇAS DE GRADUANDOS OUVINTES DE LETRAS PORTUGUÊS SOBRE A LIBRAS

Renan Torres da Costa
Mestre em Letras – Poslet-Unifesspa
torres.renan181@gmail.com

Eliane Pereira Machado Soares
Doutora em Linguística (UFC) – Poslet-Unifesspa
eliane@unifesspa.edu.br

Resumo: A Língua Brasileira de Sinais (Libras), de modalidade visuoespacial, é a forma de interação natural do Povo Surdo brasileiro, sendo também sua língua materna. No entanto, ainda persistem concepções equivocadas sobre seu funcionamento e seus aspectos linguísticos (Quadros; Karnopp, 2004; Gesser, 2009). Este trabalho tem como objetivo analisar as crenças sobre a Libras entre professores ouvintes em formação inicial, antes e após cursarem a disciplina de Libras no curso de Letras Português da Unifesspa. A investigação é um recorte da dissertação de mestrado Crenças e atitudes linguísticas de discentes ouvintes de Letras Português sobre a Língua Brasileira de Sinais, apresentada ao POSLET/Unifesspa. A base teórica fundamenta-se nos estudos sobre crenças como um dos componentes das atitudes linguísticas (Lambert; Lambert, 1972; López Morales, 2004), na Linguística Aplicada (Barcelos, 2001; 2004; 2007; Vieira-Abrahão, 2006) e nas pesquisas sobre Libras (Ferreira Brito, 1990; 2010; Quadros, 1997; 2019; Quadros et al, 2023). O corpus foi constituído por testes de crenças aplicados via Google Forms, antes e após os debates em sala (abordagem contextual), com a participação de dez discentes ouvintes (oito do gênero feminino e dois do masculino). Adota-se uma abordagem qualitativa, para a análise de dados, ao utilizar a técnica de análise de conteúdo categorial (Bardin, 1977), permitindo a sistematização das informações e a comparação dos resultados obtidos. Como recorte da pesquisa, trouxemos três das crenças pesquisadas: (a) A Libras é uma

mistura de mímica, pantomima e comunicação em gestos; (b) A Libras é derivada, subordinada ou adaptada do português; (c) A Libras não tem capacidade expressar conceitos abstratos. Observou-se que a maioria dos participantes apresentou crenças positivas quanto à temática em questão, mantendo essas concepções tanto no início quanto ao término da disciplina. Contudo, parte dos sujeitos permaneceu com percepções negativas, enquanto alguns, que inicialmente demonstravam posicionamentos favoráveis, passaram a adotar uma perspectiva negativa. Esses resultados indicam que somente a oferta da disciplina de Libras no PPC não se mostra suficiente para a formação de professores de Língua Portuguesa efetivamente preparados para compreender as especificidades linguísticas e culturais dos estudantes surdos.

Palavras-chave: Libras, Crenças linguísticas, Formação de Professores, Educação de Surdos.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 14
ENSINO DE LÍNGUAS EM CONTEXTO INDÍGENA

Ana Paula Brandão
Antonio Almir Gomes

COMUNICAÇÕES

OS DESAFIOS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO L2 PARA ALUNOS INDÍGENAS

Perspectivas de aprendizado do português como segunda língua entre os Xikrin do Bacajá

Saberes Sagrados e Vozes Ancestrais: o Ensino Religioso no Diálogo com as Línguas Indígenas.

O ensino de línguas em contexto multilíngue em aldeia do Parque Indígena do Tumucumaque

DESCRIÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICAS EM SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE LÍNGUAS EM CONTEXTO INDÍGENA (ELCIND)

O Princípio das Políticas Afirmativas E sua Aplicação por Meio do PSE Voltados para Indígenas e Quilombolas na UFPA

Breve discussão acerca da situação de uso da língua Txikiyana (Karib) e sua relação com o contexto de educação escolar da região

A ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO POR ESTUDANTES PALIKUR: ESCUTA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL MOISÉS IAPARRÁ

RECUPERAÇÃO LINGUÍSTICA NA TERRA INDÍGENA XIPAYA

Ensino do gênero oral diálogo em línguas indígenas em revitalização

OS DESAFIOS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO L2 PARA ALUNOS INDÍGENAS

Beptum Kayapó
Graduando Unifesspa
beptumkayapo25@gmail.com

Edson de Freitas Gomes
Doutor Linguística – Unifesspa
edsongomes@unifesspa.edu.br

Resumo: As atividades do projeto de pesquisa foram elaboradas, a partir da observação da realidade dos alunos indígenas Mebêngôkre, que ao acessarem o espaço universitário, nos cursos para os quais são selecionados, apresentam dificuldades para se comunicarem na língua portuguesa, o que pode ser mais um obstáculo na vida acadêmica de grande parte destes alunos. Considerando esta realidade, este projeto foi desenvolvido com o intuito de diminuir essas dificuldades. Pensando no público-alvo, a teoria selecionada deu prioridade para material bibliográfico de cunho gramatical para, assim, mostrar os fenômenos que ocorrem no português brasileiro e, ainda, compará-lo em alguns momentos com a língua materna do referido público. Trabalhar com a língua portuguesa como L2, a partir dos aspectos gramaticais, nos possibilitou ensinar aos alunos indígenas Mebêngôkre uma abordagem da língua que é pouco explorada e, que muitos alunos não indígenas também enfrentam dificuldades para tratar do assunto. A comparação de fenômenos entre as duas línguas também foi satisfatória, pois possibilitou que os alunos percebessem as diferenças e semelhanças nas estruturas fonética, morfológica e sintática das duas línguas. A metodologia adotada, pelo coordenador e pelo bolsista, era de aulas expositivas com estímulo à participação dos alunos nas atividades, incentivando-os a irem ao quadro para realizarem as atividades e, muitas das vezes trabalhamos a partir da demanda dos alunos, tirando dúvidas de situações em que utilizam a língua portuguesa no dia a dia. As atividades nos permitiram oportunizar aos alunos Mebêngôkre dos cursos de Letras, Biologia e Engenharia Florestal do Instituto de Estudos do Xingu da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, um conhecimento maior dos aspectos da língua portuguesa como língua estrangeira.

Palavras-chave: Alunos indígenas, Ensino de gramática, Português brasileiro.

Referências:
FERRAREZI JUNIOR, Celso. Sintaxe para a educação básica. São Paulo: Contexto, 2012.
FERRAREZI JUNIOR, Celso. Morfologia para a educação básica. São Paulo: Contexto, 2022.
NEVES, Maria Helena Moura; CONEGLIAN, André Vinícius Lopes. Laboratório de ensino de gramática. São Paulo: Contexto, 2023.
REVISTA DE ANTROPOLOGIA. Convenção para a grafia dos nomes tribais. São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, vol. 2, no. 2 (DEZEMBRO 1954), p. 150-152.

Perspectivas de aprendizado do português como segunda língua entre os Xikrin do Bacajá

Renan do Socorro dos Santos Borges
Doutorando PPGL-UFPA
Professor EBTT/IFPA Campus Altamira
renanborges100@gmail.com

Resumo: O ensino-aprendizagem do Português como Segunda Língua é importante para muitas comunidades indígenas do Brasil, cujo aprendizado do português ocorre naturalmente, introduzidos na

sociedade não indígena para as funções cotidianas. Inserido em uma abordagem de ensino de língua para não nativos, isto é, uma língua adicional, este trabalho enquadra-se como um relato de experiência com base nas perspectivas de aprendizado da língua portuguesa por parte de alunos indígenas no contexto do curso técnico em Magistério Indígena, ofertado para a etnia Xikrin do Bacajá, na modalidade integrado ao ensino médio para Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esses aspectos se misturam num contexto em que os próprios Xikrin tem pouca tradição escrita mesmo na sua língua materna. No caso do português, é uma situação que se repete, ainda mais considerando este um idioma poucas vezes falado e menos ainda escrito pelos Xikrin. Tal problema é parte da indagação que motiva a escrita deste texto a partir da preparação para trabalho junto aos Xikrin como ministrante da disciplina Língua Portuguesa I no curso mencionado. Para isso, utilizou-se a metodologia exploratória e qualitativa. O corpus é composto de respostas escritas pelos alunos do curso a partir de uma pergunta componente de sondagem inicial: "escreva um pouco sobre o que você espera aprender em português", de modo que, por meio desse instrumento, fosse possível entender suas expectativas e dificuldades em relação à língua portuguesa. Os dados foram organizados de forma a separar as crenças de aprendizado da língua dos alunos. Algumas declarações encontradas foram "aprender (mais) o português", "aprender a falar (mais)", "compreender melhor (o português)", "conhecer mais palavras (significado)", sem contar menções como "palavras técnicas", "escrever mais (melhor)" e outras generalizantes como "ajudar minha comunidade". Os dados direcionam para uma perspectiva de aprendizado da língua portuguesa como 'fala', mencionada diretamente, e indiretamente quando a resposta é mais genérica, como em "aprender/melhorar/compreender português", pois é uma comunidade de tradição oral. As menções que destoam dessas dizem respeito a elementos lexicais (palavras), que também indiretamente conduzem ao elemento maior 'fala'. Apenas em um momento essa relação é explícita "Aprender mais o português sem errar palavra quando vou falar", mas em geral não denotam essa modalidade especificamente. Em geral, podemos sintetizar as expectativas de aprendizado do português dos estudantes Xikrin em 4 grupos: aprendizado do português, aprendizado da fala, aprendizado das palavras (com destaque para as técnicas) e aprendizado da leitura/escrita.

Palavras-chave: Xikrin do Bacajá, Português como Segunda Língua, Português como Língua adicional, Educação Escolar Indígena.

Saberes Sagrados e Vozes Ancestrais: o Ensino Religioso no Diálogo com as Línguas Indígenas

Karen Alessandra Costa de Oliveira
Graduanda de Letras/Língua Portuguesa – UFPA
karencosta.ilc@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho propõe discutir a importância das conexões entre os saberes ancestrais dos povos sagrados e o Ensino Religioso na região amazônica, destacando o papel fundamental das línguas indígenas como expressões legítimas de espiritualidade e identidade cultural. Partindo da compreensão de que os povos originários possuem cosmologias complexas e profundamente enraizadas em suas práticas linguísticas e espirituais, a pesquisa busca evidenciar como esses saberes podem ser inseridos de forma crítica e respeitosa no Ensino Religioso, promovendo uma educação intercultural e plural. Nesse contexto, é fundamental reconhecer o papel da literatura indígena como instrumento de resistência, preservação e valorização dos modos de vida ancestrais. A presença das línguas indígenas na produção literária contemporânea evidencia a força dessas culturas e a necessidade de incluí-las nas práticas escolares, rompendo com visões estereotipadas e colonizadoras. O trabalho também analisa propostas pedagógicas que integram saberes tradicionais ao currículo do Ensino Religioso, especialmente em escolas da região amazônica, promovendo o diálogo entre a espiritualidade indígena e outras manifestações religiosas. Assim, a valorização dos saberes e das línguas dos povos originários não só fortalece a identidade desses sujeitos, como também amplia os horizontes do próprio ensino, estimulando o respeito, a empatia e a construção de uma sociedade mais

justa e plural. Com base em autores indígenas e em documentos educacionais, o estudo evidencia que o Ensino Religioso, quando orientado por uma perspectiva intercultural, pode contribuir significativamente para o reconhecimento e a valorização das vozes ancestrais.

Palavras-chave: Ensino Religioso, Interculturalidade, Literatura indígena, Povos originários, Saberes ancestrais.

Referências:
KRENAK, Ailton. O futuro é ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
MUNDURUKU, Daniel. Vozes ancestrais: dez contos indígenas. São Paulo: Callis, 2006.
REDE MARISTA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Ensino religioso: diálogo, respeito e pluralidade. Curitiba: FTD Educação, 2021.

O ensino de línguas em contexto multilíngue em aldeia do Parque Indígena do Tumucumaque

Amiakare Apalaí
Coordenador da Escola Indígena Estadual Imakuana Amajarehpo
amiakarewaiana@gmail.com

Ana Paula Brandão
Doutora em Linguística-UNIFAP
apbrandao@unifap.br

Eduardo Vasconcelos
Doutor em Linguística-UNIFAP
eduardo.vasconcelos@unifap.br

Esta comunicação tem como proposta apresentar o cenário desafiador do ensino de línguas na aldeia Bona do Parque Indígena do Tumucumaque. A T.I. Parque do Tumucumaque e T.I. Paru D'Este constituem o Complexo do Tumucumaque, situado, em sua maior parte, no Estado do Pará, e em uma pequena faixa no Estado do Amapá. Na T.I. Parque do Tumucumaque vivem 7 etnias distribuídas em 16 comunidades (Apalai, 2024), que, em sua maioria, são bi/multilíngues, pois cada indivíduo fala de duas a três línguas pelo menos: Aparai, Wayana, Kaxuyana, Tiriyó e Waiãpi. Segundo o levantamento sociolinguístico realizado por Amiakare Apalai (2024), na aldeia Bona são faladas as línguas Aparai e Wayana, além das línguas Tiriyó e o Português. Apesar do contexto multilíngue, a Escola Indígena Estadual Imakuana Amajarehpo, que está localizada na aldeia Bona, é considerada uma escola bilíngue, pois o ensino é ministrado em Aparai e português. O Wayana é uma língua geneticamente muito próxima do Aparai (ambas são da família Karib) e com a qual os alunos têm contato através dos pais ou avós, porém não é ensinada na escola dessa aldeia. Um dos principais desafios encontrados é o de levar este contexto multilíngue para as escolas, conforme Gomes (2020) reivindica: "A elas seria destinado, na escola, apenas o status de língua estigmatizada? Línguas da minoria? Línguas faladas por poucos membros da comunidade? Há uma necessidade de que a escola assuma sua natureza multilíngue". Para compreender um pouco mais sobre o prestígio assumido pelas línguas Aparai na aldeia Bona, investigamos o histórico do contato entre os povos e da escolarização. Para isso, fizemos uma pesquisa bibliográfica com base em trabalhos, tais como Apalai (2024), Camargo & Aparai (2020), Barbosa (2007) e Rauschert-Alenani (1981). A pesquisa também possui uma abordagem quantitativa e qualitativa através do uso de questionários e entrevistas com professores indígenas Aparai e Wayana de diferentes aldeias. Levantamos as hipóteses de que o enfraquecimento do Wayana e sua não inclusão na escola estão relacionados ao maior incentivo de uso do Aparai nas interações, a questão da identidade étnica e ao processo de alfabetização na língua Aparai. Os resultados da pesquisa até então apontam para a forte influência do processo de alfabetização em aparai. Segundo

Camargo & Aparai (2020), quando os povos Aparai e Wayana passaram a coabitar, caso o filho tivesse pais de duas etnias, ele aprendia as duas línguas, porém era a língua do pai que representava sua identidade étnica. Dados do questionário sociolinguístico aplicado não confirmam a existência da regra de afinidade e identidade linguística atualmente. Os autores mencionam ainda que como os Wayanas foram levados para a aldeia Bona com a finalidade de serem evangelizados, eles eram incentivados a aprenderem o Aparai pelos missionários. Sendo assim, a alfabetização do aparai nas escolas, levou alguns pais Wayana a falar aparai com os filhos para que eles aprendessem com mais facilidade. Possivelmente, esses pais deixaram de falar em Wayana com os filhos. Por isso, o questionário aponta para o fato de que pessoas fluentes nessa língua moram em aldeias em que o Wayana ainda é usado na interação cotidiana, enquanto que em aldeias nas quais o Aparai predomina, a exemplo da aldeia Bona, as pessoas apenas entendem, mas não falam mais o Wayana. Uma proposta para fortalecer o Wayana seria valorizar o seu uso em diferentes contextos, principalmente na escola, e incluí-la no ensino, possibilitando a contratação de professores Wayana e a produção de materiais didáticos.

Palavras-chave: ensino de línguas, escola multilíngue, fortalecimento linguístico.

Referências:
APALAI, Amiakare. Levantamento linguístico na aldeia Bona-Parque Indígena do Tumucumaque. Dissertação (Mestrado em linguística). Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2024.
BARBOSA, Gabriel. Os Aparai e Wayana e suas redes de intercâmbio. Tese de doutorado (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. CAMARGO, Eliane; APARAI, Latsu. Universo Apalai e Wayana e seus empréstimos lexicais. Revista Brasileira de Linguas Indígenas, v.3, n.1. Macapá, 2020.
GOMES, Antônio Almir Silva; BARBOSA, Josinete; FERREIRA, Iohana. Do bilinguismo ao multilinguismo: um caminho para a escola indígena diferenciada. Caderno de Letras (UFPEL), ed. 36, pp. 257-274, 2020.
RAUSCHERT-ALENANI, Manfred. A História dos Índios Aparai e Wayana segundo suas próprias tradições: Coleção Museu Paulista. Série Ensaios, Vol. 4. São Paulo, 1981.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICAS EM SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE LÍNGUAS EM CONTEXTO INDÍGENA (ELCIND)

Antonio Almir Silva Gomes
Universidade Federal do Pará (UFPA)
antonioalmir@ufpa.br

Resumo: A diversidade linguística brasileira tem em suas aproximadamente 150 línguas indígenas (Moore, Galucio, Gabas Jr, 2008) grande representante; embora tenhamos no país a presença de inúmeras línguas pertencentes a distintas filiações genéticas de outras regiões do planeta, trazidas por seus usuários que aqui se estabeleceram ao longo dos séculos pós ocupação europeia, é a partir das línguas indígenas brasileiras (LIBs) que nos reconhecemos enquanto país multilíngue apesar do status de língua oficial atribuído ao Português Brasileiro (PB). Nas ultimas décadas, como resultado da ampliação e da diversificação regional de formação de recurso humano, a Linguística Brasileira tem vislumbrado números cada vez mais robustos de trabalhos na área de descrição e de análise dessas LIBs. Avanços quanti-qualitativos de trabalhos da área, todavia, não ocorreram com a mesma intensidade na área de Ensino de Línguas em Contexto Indígena (ELCIND). Embora a legislação nacional reconheça já a partir da Constituição Federal de 1988 as especificidades da Educação Escolar Indígena, incluídas as questões linguísticas, as pesquisas da / na área ao longo das décadas posteriores foram bastante tímidas e, de certo, espessas; não se constituiu no Brasil um centro de referência em pesquisas na área como se constituíram para a área de descrição e análise, sendo desta a própria Universidade Federal do Pará exemplo. A apresentação volta-se a questões dessa realidade mapeando

e descrevendo ações exitosas realizadas e adquiridas no âmbito do ELCIND no território brasileiro e, consequentemente, propor diretrizes capazes de potencializar positivamente ações de ensinar e de aprender línguas em contexto indígena. As discussões apresentadas constituem-se a partir de pesquisas bibliográficas e, consequentemente, propositivas numa estreita relação de interface entre a Linguística e a Linguística Aplicada, adotando daquela pressupostos da descrição e da análise linguísticas e desta pressupostos atrelados ao Ensino de Línguas, tais como didatização e reconhecimento das especificidades do ato de ensinar diferentes línguas entre falantes mono e multilíngues. Para tal, consideram-se como pressupostos (a) a considerável oferta de trabalhos de descrição e análise linguísticas sobre as LIBs; (b) linguistas com formação em análise e descrição de línguas naturais têm cada vez mais externado intenção de que resultados de suas pesquisas adentrem ao contexto do ensino e (c) Materiais tais quais descritos em (b) não são automaticamente materiais possíveis de serem utilizados como fontes de informações ou didáticos na sala de aula de línguas.

Palavras-chave: ELCIND, Educação Escolar Indígena, Formação docente indígena.

Referências:
MOORE, Denny; Galucio, Ana Vilacy; Gabas Junior, Nilson. O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. Scientific American Brasil (Edição Especial). Amazônia: A Floresta e o Futuro, v. 3, set., 2008. p. 36-43.

O Princípio das Políticas Afirmativas E sua Aplicação por Meio do PSE Voltados para Indígenas e Quilombolas na UFPA

Miriam Cemira Pereira do Nascimento
Mestra do PPGL-UFPA
Miriamcemira@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar as imagens de si projetadas no discurso de candidatos do Processo Seletivo Especial (PSE) e alunos indígenas e quilombolas da Universidade Federal do Pará (UFPA) produzidos em duas situações distintas: entrevistas em um processo seletivo para admissão no ensino superior e textos acadêmicos (relatos de experiência) publicados em revistas. O trabalho tem sua ênfase nos estudos sobre povos originários e tradicionais; nos estudos sobre a universidade e a produção de conhecimentos; e nos conceitos de cenografia e ethos discursivo, uma vez que os discursos materializam imagens que esses alunos projetam de si no âmbito acadêmico. Justifica-se à luz dos desafios que ainda se impõem para a implementação de políticas para o ingresso e permanência de alunos indígenas e quilombolas no ensino superior. O ingresso desses na UFPA se dá por meio de um Processo Seletivo Especial (PSE), mas não há políticas tão assertivas para assegurar a permanência desses estudantes no curso e o seu êxito acadêmico e são frequentes os relatos de dificuldades ou mesmo discriminação sofridas por esses estudantes ao longo do curso. A fim de contribuir para compreender os desafios da incorporação de estudantes de povos tradicionais ao meio universitário, perguntamo-nos de que forma esses estudantes indígenas e quilombolas projetam uma imagem de si enquanto parte da comunidade acadêmica à qual estão se incorporando? Esta pesquisa se configura como qualitativa e se propõe a compreender, por meio da participação na entrevista avaliativa de seleção do PSE e da análise de artigos acadêmicos, o modo como estudantes oriundos de povos originários projetam uma imagem de si enquanto alunos do ensino superior. Teoricamente o trabalho se embasa nos conceitos de cenografia e ethos discursivo de Maingueneau (2005, 2020) e no "Cidade Letrada", de Rama (2015), também comentado por Geraldi (2010). O corpus da pesquisa é composto de dois conjuntos de dados: registros de dez entrevistas e três artigos de discentes indígenas da Universidade Federal do Pará – UFPA, selecionados na Revista Tellus e na Revista Espaço Ameríndio, publicados nos anos de 2007 e 2018. Os resultados da pesquisa apontam que o ethos dos candidatos do PSE e dos discentes oriundos e povos tradicionais da UFPA apresentam

semelhanças no que corresponde ao seu reconhecimento enquanto pertencentes a povos tradicionais e originários, às dificuldades na educação básica e quanto ao reconhecimento de seus saberes, sua importância para a relação e construção do conhecimento acadêmico. Ao mesmo tempo, há marcas de dispersão das imagens de si que apontam, inclusive, para a assunção de traços minorizantes por parte dos próprios alunos.

Palavras-chave: Povos originários e tradicionais. Processo de inclusão. Imagem. Ethos discursivo.

Referência:

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. INTERCULTURALIDADE EEDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: uma construção plural, original e complexa. Rev. Diálogo Educ.,Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; FERÉ, Liz. Ethos discursivo. Scielo Brasil, 2018 Disponível em: https://www.scielo.br/j/lh/a/wrHqKDxCVGMHK8FZYpX4XcH/?lang=pt#

GERALDI, João Wanderley. A AULA COMO CONHECIMENTO. São Carlos: Pedro & JoãoEditores, 2010.

GOMES, Joaquim Benedito Barbosa; SILVA, Fernanda Duarte Lopes Lucas. AS AÇÕES AFIRMATIVAS E OS PROCESSOS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE EFETIVA. Seminário Internacional as Minorias e o Direito. Brasília: CJF, 2003. (Série Cadernos do CEJ,v. 24)

HOBSBAWM. Eric J. A ERA DAS REVOLUÇÕES. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. VARIAÇÕES SOBRE ETHOS. São Paulo: Parábola, 2020.

_____ . DISCURSO E ANÁLISE DO DISCURSO. Tradução Sírio Possenti.1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. PRODUÇÃO TEXTUAL, ANÁLISE DE GÊNEROS E COMPREENSÃO. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RAMA, Ángel. A cidade letrada. São Paulo: Boitempo, 2015.

ROSA, Chaiane de Medeiros. POLÍTICAS AFIRMATIVAS PARA ACESSO À EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA: HISTÓRIA E EMBATES. Plures Humanidade, 2014/6/16, v. 15, Ed. 1

Edital do Processo Seletivo Especial da UFPA Disponível em: http://www.ceps.ufpa.br/arquivos/pse/pse%2020201/editais%20avisos/Edital%20abertura%20PSE%202020-1.pdfEdital do Processo seletivo da UFPA. Disponível em: www.ceps.ufpa.br/arquivos/vestibular/PS%202020/editais%20avisos/EDITAL_PS_UFPA_2020_abertura.pdf

Regimento interno da UFPA Disponível em: https://portal.ufpa.br/images/docs/regimento_geral.pdf

http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidadesHistóricodaUFPA85 Disponível em: https://ufpa.br/historico/#:~:text=Criada%20em%202%20de%20julho,Engenharia%20do%20Par%C3%A1%20(1931)%2C

Entrevista do Jornal O Liberal Disponível em:https://www.oliberal.com/para/em-dez-anos-ufpa-formou-166-quilombolas-e-100-indigenas1.456657

I RELATÓRIO INSTITUCIONAL DE ACOMPANHAMENTO DOS ESTUDANTES INGRESSANTES DO PROCESSO SELETIVO ESPECIAL INDÍGENAS E QUILOMBOLAS Disponível em: http://www.proeg.ufpa.br/images/conteudo/I-Relatorio-Institucional-PSE-IQ.pdf

Breve discussão acerca da situação de uso da língua Txikiyana (Karib) e sua relação com o contexto de educação escolar da região

Iohana Victória Barbosa Ferreira
Mestre em Linguística PPGLET-UNIFAP
iohanabferreira@gmail.com

Resumo: Os Txikiyana atualmente vivem na região da Terra Indígena Parque do Tumucumaque, juntamente com populações Tiriyó, Kaxuyana e Akuriyó; região caracterizada pelo multilinguismo é composta pelas Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Paru D'Este, localizadas ao norte do Estado do Pará e em uma pequena faixa do Amapá. Essa região abriga uma diversidade significativa de línguas indígenas, especialmente as da família Karíb, incluindo Aparai, Tiriyó, Wayana e Kaxuyana, além das línguas Akurió e Txikiyana, sendo esta última o foco da apresentação. A língua Txikiyana apresenta menor grau de usos cotidianos em comparação com o Tiriyó, que se destaca nas práticas sociais, educacionais e culturais da região. Na apresentação, discorremos sobre a vitalidade da língua Txikiyana, a fim de compreender os fatores que influenciam sua situação cotidiana de usos. Podemos observar essa relação em diversos cenários sociais, como na escola, na comunidade ou até mesmo em relação à quantidade de estudos linguísticos direcionados a essa língua. Com um número reduzido de falantes e um número limitado de lembrantes, especialmente na aldeia Mësepi, a língua enfrenta sérios desafios de usos. Na apresentação, portanto, visamos mapear os contextos em que a língua está inserida, identificando os desafios e possibilidades para sua revitalização. A apresentação discorre sobre aspectos da retomada linguística da população Txikiyana que reside no Complexo do Tumucumaque, com foco na vitalidade da língua Txikiyana e nos diferentes contextos de usos nos quais ela está inserida. Da mesma forma apresenta dinâmicas da língua Txikiyana, especialmente em um contexto marcado pela convivência com o Tiriyó, língua majoritária da região, e pela redução no número de falantes ao longo dos anos. Como essa realidade tem sido observada no contexto da escola que atende aos membros daquela sociedade é um questionamento que se coloca na apresentação. Metodologicamente, a pesquisa resultante da apresentação foi desenvolvida em duas fases: uma revisão bibliográfica sobre o contexto sociolinguístico e histórico da região, e entrevistas com um casal de falantes de Txikiyana. As entrevistas, realizadas por meio de perguntas semiestruturadas, forneceram informações cruciais sobre o uso da língua, os desafios enfrentados pelos falantes e sua presença nas discussões de ensino de línguas. As discussões realizadas contribuem para a compreensão da vitalidade da língua Txikiyana e propõem caminhos para sua preservação, inclusive, no contexto escolar.

Palavras-chave: Tumuqumaque, Txikiyana, revitalização, Ensino de Língua.

A ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO POR ESTUDANTES PALIKUR: ESCUTA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL MOISÉS IAPARRÁ

Estelita Corrêa Mendes
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – UNIFAP
mendes_ester@hotmail.com

Resumo: No Brasil, país marcado por desigualdades fundas e históricas, a escola muitas vezes insiste em ignorar os saberes que chegam com os corpos indígenas. Quando estudantes Palikur escrevem em português, sua produção raramente é lida com escuta atenta. Em vez disso, o que se vê é a redução da escrita a uma série de desvios da norma. Porém, como bem aponta Bortoni-Ricardo (2005), o ensino da língua precisa reconhecer as condições concretas de uso, e não se fechar numa lógica excludente. O presente estudo reflete sobre essa escrita, influenciada por outra língua, outro modo de viver, outra memória, como uma forma legítima de expressão. A pesquisa foi realizada na Escola Indígena

Estadual Moisés Iaparrá, localizada na aldeia Kumenê, município de Oiapoque (AP). A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na observação participante e na análise de textos dos alunos, investigou-se como a oralidade em Parikwaki influencia a escrita do português. Conforme Marcuschi (2008), a escrita é sempre situada, socialmente condicionada e influenciada por disputas simbólicas. Assim, a grafia de palavras como "poblema" ou "iscola" não pode ser interpretada isoladamente, mas como resposta criativa a um contato linguístico que envolve tensão e resiliência (Silva, 2016). Em uma amostra da análise revelou recorrência de processos fonológicos como apagamento do - R, hipossegmentação, hipersegmentação, ditongação, monotongação, nasalização, desnalização e assimilação evidenciando a transição entre códigos linguísticos e a coexistência de diferentes sistemas sonoros no ato de escrever. Longe de representar "erros", tais traços apontam para o hibridismo linguístico e os efeitos da convivência com múltiplas línguas em contexto de bilinguismo e multilinguismo. A pesquisa também contextualiza historicamente a presença dos Palikur no Amapá, sua organização por clãs, a luta pelo reconhecimento de seus direitos linguísticos e educacionais, e a relação entre identidade cultural e práticas escolares. Neste cenário, a escola, aparece não como espaço neutro, mas como lugar de disputa simbólica, onde a escrita pode tanto silenciar quanto dar voz às experiências indígenas (Marcuschi, 2008; Bortoni-Ricardo, 2005; Silva, 2016). Como resultado, defende-se que a escuta sensível das produções dos estudantes Palikur contribui para a construção de uma pedagogia mais inclusiva e alinhada à realidade sociolinguística dos povos originários. A pesquisa reafirma a importância de reconhecer a variedade do português brasileiro presente na escrita dos estudantes Palikur como legítima, cujas marcas refletem trajetórias identitárias, memórias e resistências. Conclui-se que a valorização da escrita indígena passa pela superação do preconceito linguístico e pela reconfiguração das práticas escolares, de forma a legitimar os saberes plurais que atravessam os corpos e as palavras dos estudantes Palikur. Portanto, este estudo reforça o compromisso com uma educação linguística crítica, intercultural e comprometida com a escuta dos mundos não hegemônicos.

Palavras-chave: Escrita indígena; Variação linguística; Palikur; Português Brasileiro; Educação escolar indígena; sociolinguística crítica.

Referências:
BORTONI-RICARDO, S. M. O professor de língua materna: formação e atuação. Parábola, 2005.
MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. Cortez, 2008. SILVA, A. A. S. A fonologia da língua Palikur: uma proposta descritiva. UNICAMP, 2016.

RECUPERAÇÃO LINGUÍSTICA NA TERRA INDÍGENA XIPAYA

Nelivaldo Cardoso Santana
Doutorando em Educação
E-mail: neliosc@ufpa.br

Resumo Os processos de recuperação linguística configuram-se de grande relevância para os estudos no campo da Glotopolítica da Linguística Indígena. O recorte empírico do presente trabalho destina-se a refletir acerca dos processos de recuperação linguística na Terra Indígena Xipaya. O papel dos articuladores culturais e linguísticos e a interação comunitária nos interessam, especificamente, para entendermos como são (re)formuladas pelos Xipái as etapas de formulação e implementação da política linguística. Os dados usados nesta pesquisa foram selecionados a partir de vídeos, fotografias, relatórios, memórias de estudos e observações em reuniões públicas. Para análises, de caráter qualitativa e descritiva, adotaremos a abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica de Discurso – ACD – de Norman Fairclough (2016) e da etnografia de documentos (CARVALHO e SILVA, 2018; FERREIRA e LOWENKRON, 2020; VIANNA, 2014). Os resultados de nossas reflexões apontam

que a recuperação linguística vem se firmando entre os Xipái, muito em razão do papel dos articuladores culturais e linguísticos; para os Xipái, as diferentes metodologias e etapas da recuperação linguística resultam da participação coletiva para definição do que e como formular e implementar as ações dobre a língua; as diferentes metodologias e etapas de recuperação linguística articulam-se, especialmente, por iniciativas realizadas em ambientes não escolares no interior das aldeias.

Palavras-chave: Revitalização Linguística. Xipai. Língua. Língua. Formulação e Implementação.

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança social.** 2a ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.
FERREIRA, Letícia; LOWENKRON, Laura. **Etnografias de documentos:** pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias**.** Rio de Janeiro: E- papers, 2020.
CARVALHO e SILVA, M. D. **Fazendo etnografia no arquivo**: possibilidades e desafios. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. nº 48, 2018.
VIANNA, Adriana. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: CASTILHO, Sérgio; LIMA, Antônio Carlos de Souza; TEIXEIRA, Carla Costa (org.). **Antropologia das práticas do poder**: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contracapa; FAPERJ, p. 43-70, 2014.

Ensino do gênero oral diálogo em línguas indígenas em revitalização

Adelson da Silva Tembé
Graduando FALE-UFPA
adelson.tembe@ilc.ufpa.br

Antônia Fernanda de Souza Nogueira
Doutora em Linguística
afernanda@ufpa.br

Este trabalho discute a importância do ensino do gênero oral diálogo, por meio de uma sequência didática, para aulas de línguas em processo de revitalização. O professor Pyuwa Bommelyn, da etnia Tolowa Dee-ni' (Canada), orienta que, antes de os alunos irem pescar, os professores devem ensinar vocabulário e frases na sala de aula. Também devem ensinar as tradições culturais da pesca e secagem do peixe-rei. Quando os alunos estiverem no acampamento de pesca, a língua será usada enquanto os alunos pescam, preparam e secam o peixe (UNDERRINER et al., 2021, p. 250). Ao fazer coisas do dia a dia, o gênero textual predominante é o gênero oral diálogo ou conversa. Nossa proposta é trabalhar com o ensino do gênero oral diálogo, em línguas indígenas em revitalização, por meio de sequências didáticas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004; LOUSADA et al., 2023). As sequências didáticas são compostas por uma (a) apresentação da situação de interação; (b) produção inicial; (c) módulos de atividades; (d) produção final. Vejamos um exemplo de sequência didática para o ensino de um diálogo sobre pintura corporal, na língua Wayoro. Na apresentação da situação inicial, expomos o diálogo a ser aprendido e os aspectos da cultura material e imaterial relacionado ao tema escolhido. Por exemplo, é possível levar a tinta de jenipapo e um palito para a sala de aula e expor um diálogo do seguinte tipo: mõ txitigaap nã! ‘vamos nos pintar’; ototowa! ‘pinta minha testa’; etotowap nã on! ‘eu vou pintar a tua testa’; oyãykup tigaa! ‘pinta meu queixo’; eyãykup tigaap nã on ‘eu vou pintar o teu queixo’. Na apresentação da situação inicial, é necessário explicar o valor das pinturas corporais na cultura Wajuru, usada para o embelezamento, para a saúde e proteção, além de explicar sobre o dono do jenipapo. Na produção inicial, os alunos fazem um primeiro diálogo e realizam pinturas corporais que já conhecem. Nos módulos, os alunos aprimoram o diálogo sobre a pintura corporal, por meio de atividades epilinguísticas. Nesse diálogo, temas da gramática Wayoro como a expressão de hortativo, a indicação de objeto pronominal e prefixo pessoal de posse de primeira e segunda pessoa do singular,

além de léxico sobre pintura corporal e partes de corpo devem ser trabalhados. Ainda nos módulos, os aprendentes enriquecem o conhecimento sobre a pintura corporal, praticando e pesquisando com os anciões da comunidade. Na produção final, os alunos deverão se pintar e dialogar na língua Wayoro para uma festa da comunidade.

Palavras-chave: Línguas ameaçadas, Ensino de Língua, Gênero oral diálogo.

Referências:
DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B.. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. Gêneros orais e escritos da escola. Traduzido por Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.
HINTON, L. et al. Como manter sua língua viva: uma abordagem da aprendizagem individualizada baseada no bom senso. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, Brasília, Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, v. 12, jul. 2020. DOI: https://doi.org/10.26512/rbla.v12i. Disponível em: . Acessado em: 27/06/2025.
LOUSADA, E. et al. Gêneros Orais e Ensino de Línguas: propostas de pesquisa e dispositivos didáticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. UNDERRINER, J. et al. Teaching Strategies for Language Revitalization and Maintenance. In: OLKO, J.; SALLABANK, J. (eds.) Revitalizing Endangered Languages: A Practical Guide. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 235–272.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

Enunciação e Discurso em diferentes práticas de análise na Amazônia Legal

João de Deus Leite
Janete Silva dos Santos
Nilsa Brito Ribeiro

COMUNICAÇÕES

Os povos originários na mídia digital brasileira: discurso e (des)informação

Meninas às margens: discursos sobre vulnerabilidade e exploração em Manas

Exploração Infantil no Marajó: análise dos discursos sobre infância e vulnerabilidade

DA DISCURSIVIDADE SOBRE O TRABALHO EM UM LIVRO DIDÁTICO DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS: Um olhar sobre o Novo Ensino Médio

DISCURSO E ATIVIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA

AS REPRESENTAÇÕES DE MARIA BONITA A PARTIR DO CORDEL "EPITÁFIO A MARIA BONITA", DE JOSEFINA FERREIRA GOMES

Educação e Rebeldia: os Efeitos de Sentido nos dizeres da Rede Pedagógica

IMPACTOS DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA PRODUÇÃO ESCRITA DO ENSINO MÉDIO: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA

Dispositivo de Racialidade e Práticas Discursivas (De)coloniais na Docência

Aula de literatura: as cenas de enunciação constituídas por estudantes do ensino médio sobre suas perspectivas acerca da literatura em sala de aula

ANÁLISE DISCURSIVA DE POEMA PRODUZIDO DURANTE O ISOLAMENTO DA COVID-19

PPCs como dispositivos de subjetivação docente: práticas discursivas de governo na formação de professores indígenas na Amazônia Legal

A ancestralidade no discurso de posse de Anielle Franco: uma análise discursiva

O USO DOS DORAMAS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS PARA A ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO EM SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA SOBRE WHEN THE PHONE RINGS

Entre o Concebido e o Vivido: A Via Lago como Espaço de Discurso Urbano

ABORDAGEM DISCURSIVA E ERGOLÓGICA OU ERGODISCURSIVA?: Tecendo um percurso metodológico

Discurso, ideologia e sensacionalismo: um estudo sobre a candidatura de Pablo Marçal à Prefeitura de São Paulo

Análise Discursiva de materiais imobiliários digitais em Araguaína-TO: sentidos, estratégias e silenciamentos

O ENEM como técnica do dispositivo de avaliação: discursos sobre o professor de língua portuguesa na era da performatividade

Discursos em escritas de si: sentidos de autoformação

“Longevidade da floresta” - Uma análise discursiva crítica e multimodal do perfil do granfluencer @seuneyzinho

Os povos originários na mídia digital brasileira: discurso e (des)informação

Ariadynna Santos Pereira
Graduanda (UEMA)
ariadynnasantos2@gmail.com

Luciana Costa Souza
Graduanda (UEMA)
costasouzaluciana1@gmail.com

Maria das Graças Souza Ferreira
Graduanda (UEMA)
mariadasgracassousaferreira29@gmail.com

Laize Oliveira Silva
(UEMA/IFMA)
laizesilva@professor.uema.br

Resumo: Este trabalho propõe-se a analisar a construção discursiva de estereótipos acerca dos povos indígenas na plataforma X, antigo twitter. Investiga-se a hipótese de que tais construções, quando mobilizadas de forma pejorativa, podem ser instrumentalizadas para a prática de crimes de injúria racial. Objetiva-se compreender de que modo a exposição midiática estigmatizante pode contribuir para afetar a autoimagem dessas comunidades, potencialmente reforçando sentimentos de inferiorização e prejuízo. A análise centra-se na análise de discursos midiáticos que, ao propagar a perspectiva essencializante de que os indígenas devem permanecer confinados e isolados em seus territórios, os quais, paradoxalmente, são frequentemente alvo de invasões, atuaria como um mecanismo de opressão e negação de seus direitos à cidadania e autodeterminação. Partindo do pressuposto de que tais circunstâncias se manifestam com recorrência no espaço digital, este trabalho objetiva investigar os mecanismos discursivos e as estratégias de propagação que caracterizam os ataques de ódio contra os povos originários na plataforma on-line X. Procura-se compreender de que modo a arquitetura desses ambientes, notadamente a grande quantidade de usuários e a possibilidade do anonimato, pode dificultar a fiscalização e a responsabilização. Analisa-se, ainda, a hipótese de que a frequente insuficiência de dados para identificação parece correlacionar-se com uma atuação menos efetiva das autoridades, o que, por sua vez, pode contribuir para a naturalização da estigmatização desses povos. Para o tal, mobilizamos o conceito de cunhado por Achard (1999), provocando um deslocamento para a noção de pré-construído de Pêcheux (2014), dialogando ainda com os postulados envoltos à memória discursiva (Pêcheux, 1999 e Orlandi, 2015). Em nosso gesto de leitura, retomaremos a discussão sobre como a memória, nas condições de produção do discurso sobre estereótipos envolto aos povos indígenas, ativa certas regiões de sentido, em específico no digital. Para tal investida nos fundamentamos nas abordagens teóricas da análise de discurso materialista, campo de estudo desenvolvido por teóricos como Pêcheux, na França, e amplamente difundido no Brasil, por Orlandi. Percebe-se que na construção social brasileira ainda se apresentam práticas atravessadas por ideologias que se materializam por discursos colonialistas em que os povos originários devem permanecer isolados em florestas, sem a possibilidade de participar plenamente da vida social e cultural do país, contradizendo o discursos oficiais.

Palavras-chave: Povos Originários; Exclusão Social; Mídias Digitais; Sociedade brasileira, Pré-construído.

Referências:

BRASIL. Lei nº 14.701, de 20 de outubro de 2023. **Regulamenta o art. 231 da Constituição Federal, dispondo sobre a indisponibilidade dos direitos indígenas.** Diário Oficial da União: seção

1, Brasília, DF, 20 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023 2026/2023/lei/l14701.htm. Acesso em: 27 ago. 2025. out. 2023.
DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
LAGAZZI, S. **A imagem em sua potência de captura simbólica**. Forum lingüístic. Florianópolis, v.18, número especial, p.5890-5902, jun. 2021.
LAGAZZI, S. **A imagem como uma tecnologia política: o social sempre em questão**. In: FARIA, J. P. de; SANTANA, J. C.; NOGUEIRA, L. (org.). Linguagem, arte e o político. Campinas: Pontes, 2020. p. 91-102.
MELLO, Raul Carlos. **Você sabe o que realmente essas ONGs fazem na Amazônia? Essa CPI das ONGs mostra como estamos desinformados e como a mídia fica calada: até quando os índios brasileiros serão tratados como "animais de zoológicos"?** [Post no X]. 2025. Disponível em: https://x.com/Raulcarlosmello/status/1677229973524955137?t=ywTHopey2SRIXN GwwwJZnA&s=19. Acesso em: 27 ago. 2025.
ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. 12ª ed. São Paulo: Pontes. 2015.
ORLANDI, E. P**. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Direitos constitucionais indígenas.** 2025. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Constitui%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 27 ago. 2025.
PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Bras. 7ª ed. São Paulo: Pontes, 2015.
PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.
PÊCHEUX, M. **Papel da Memória**. In: ACHARD, Pierre et al. Papel da Memória. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

Meninas às margens: discursos sobre vulnerabilidade e exploração em Manas

Aline Vitória Sousa Ferreira
Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) - Campus Colinas
alinevitoriasousaferreira@gmail.com

Laurice Dias Ferreira
Graduanda do curso de Letras na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) - Campus Colinas. Aluna bolsista do programa primeiros passos na ciência: descolonizando a afetividade da mulher negra em um documentário.
lauricediasferreira@gmail.com

Laize Oliveira Silva (UEMA\UFMA)
Professora do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA - Campus Colinas
laizesilva@professor.uema.br

Resumo: Este trabalho investiga a construção discursiva de/sobre meninas ribeirinhas da Ilha do Marajó, a partir da análise de sequências discursivas presentes na materialidade fílmica Manas (2024), de Marianna Brennand Fortes. Partindo da declaração da diretora de que o drama ficcional da personagem Thiely, de 13 anos, se fundamenta em fatos reais de abuso e exploração, investiga-se como o discurso fílmico articula e provoca uma asserção de e sobre o mundo. A narrativa, que coloca a jovem perante a pressão de auxiliar no sustento familiar vendendo camarão e açaí nas balsas, permite problematizar a noção de negligência materna. A personagem da mãe, que terá vivido experiências análogas, é apresentada numa tensão discursiva entre a proteção e a reprodução de ciclos de

vulnerabilidade, ao incentivar a filha a assumir tais riscos. Em contraponto, a posição do pai, que desencoraja a prática, pode ser lida inicialmente como um gesto de cuidado, inserindo-se num complexo jogo de vozes que compõe o universo familiar da menina. Através do drama de Thiely, o filme põe em cena e torna discursível a experiência de inúmeras meninas, expondo as intersecções entre trabalho precoce, violência de gênero e desigualdade social construindo um nós coletivo. A análise busca apreender como essas tensões entre afeto, sobrevivência e exploração são enunciadas e configuradas cinematicamente, contribuindo para determinados efeitos de sentido sobre essa população. Este estudo tem como objetivo investigar os processos de construção discursiva da trajetória de meninas ribeirinhas no filme Manas, analisando como as diferentes materialidades de significantes (sonora, visual, imagem, cores) articulam-se na produção de sentidos sobre suas experiências. O foco recairá sobre os modos como são enunciados os construtos da exploração, da afetividade e da resistência, bem como as tensões entre eles. Foram selecionadas sequências discursivas que articulam o verbal e visual, permitindo compreender como a narrativa fílmica constrói as discursividades sobre exploração, vulnerabilidade e resistência. Fundamentada em Pêcheux (2010), especialmente em relação ao conceito de memória discursiva, Suzy Lagazzi (2011), a fim de analisarmos as sequências a partir do conceito de imbricação material e materialidade de significantes, foi possível tratar a produção fílmica como um tecido discursivo complexo, onde o verbal e o visual se articulam para produzir sentidos sobre meninas ribeirinhas. Ramos (2005), sobre a construção fílmica enquanto asserção de mundo, a fim de tratarmos das questões sociais ligadas ao espaço amazônico e às práticas culturais e discursivas. Essa articulação permite examinar como o discurso cinematográfico se ancora em experiências coletivas para denunciar formas de violência e desigualdade. Os resultados evidenciam que os discursos presentes na produção fílmica Manas (2024) constroem discursos de denúncia, dando visibilidade à exploração e ao abuso infantil vividos por meninas ribeirinhas. A obra demonstra como práticas de exploração do trabalho infantil, combinadas com dinâmicas familiares fragilizadas produzem desigualdades sociais que se perpetuam na região. Além disso, observa-se que o filme valoriza a afetividade como espaço de resistência, ressaltando a força e a capacidade de ressignificação das meninas. Conclui-se que o longa-metragem funciona como um dispositivo discursivo potente, capaz de expor tensões sociais e contribuir para a reflexão crítica sobre as violências enfrentadas na Amazônia.

Palavras-chave: Discurso Cinematográfico, Meninas Ribeirinhas, Exploração Infantil, Amazônia, Resistência, Afetividade.

Referências

LAGAZZI, Suzy. **Entre o amarelo e o azul: a história de um percurso**. *Linguagem e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 44, p. 290-316, jul./dez. 2019. DOI: 10.20396/lil.v0i44.8657818.

LAGAZZI, Suzy. **O Recorte e o Entremeio**: condições para a Materialidade Significante. São Carlos: Claraluz. 2011.

LAGAZZI, Suzy. **TRAJETOS DO SUJEITO NA COMPOSIÇÃO FÍLMICA**. Revista Análise do discurso em rede: cultura e mídia. Vol. 3. 2017

NECKEL, N. **Corpo imagem – corpo arte: materialidades discursivas**. Em HASHIGUTI, S.T., ed. O corpo e a imagem no discurso: gêneros híbridos [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 61-72. Linguística in focus collection, vol. 12. ISBN: 978-85-7078-503-9. http://dx.doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-503-9.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni P. Orlandi. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

RAMOS, Fernão Pessoa. (Org.). **Teoria Contemporânea do Cinema.** VII – São Paulo. Ed. Senac, 2005. ZOPPI FONTANA, M. G. Lugares de enunciação e discurso. Revista Leitura: Análise do Discurso, Maceió, v. 23. p. 15-24. 1999.

ZOPPI FONTANA, Mónica G.; FERRARI, Ana Josefina. Apresentação**. Uma análise discursiva das**

identificações de gênero. In: _____. Mulheres em discurso: identificações de gênero e práticas de resistência - Vol. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. P. 7 – 22.
ZOPPI FONTANA, Mónica G.; FERRARI, Ana Josefina. Discurso, Gênero e Resistência: processos de subjetivação contemporâneos. Revista Leitura, [S. l.], n. 69, p. 3–11, 2021. DOI: 10.28998/2317-9945.202169.3-11. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/12515. Acesso em: 3 jun. 2025.

Exploração Infantil no Marajó: análise dos discursos sobre infância e vulnerabilidade

Ana Livia Tavares Coelho
Graduanda- UEMA - Bolsista Primeiros Passos na Ciência
tavaresanalivia16@gmail.com

Maria Clara Barbosa Lima
Graduanda-UEMA
clarinha.bls021@gmail.com

Laize Oliveira Silva
UEMA\ UFMA
laizesilva@professor.uema.br

Resumo: Este estudo investiga a exploração infantil no Marajó, analisando os discursos que atravessam a infância e a vulnerabilidade na região amazônica. A pesquisa concentra-se em vídeos publicados no TikTok, plataforma onde a normalização do trabalho precoce frequentemente se evidencia, buscando compreender como esses conteúdos refletem e ressignificam a realidade vivida por crianças marajoaras. O objetivo central é analisar de que maneira os discursos presentes nos vídeos do TikTok projetam sentidos de naturalização e/ou exploração infantil no Marajó, identificando sentidos de vulnerabilidade, resistência e conscientização que emergem nessas produções. A metodologia adotada possui caráter qualitativo e interpretativo, fundamentada na catalogação e análise de vídeos localizados por meio de hashtags relacionadas ao cotidiano infantil. Os materiais foram organizados em categorias discursivas, permitindo observar como a comunidade e os usuários da plataforma expressam ou silenciam sentidos sobre a exploração infantil. No campo teórico, a análise ancora-se na perspectiva da Análise do Discurso de vertente materialista, pautada nos estudos de Pêcheux (2008), especialmente em sua reflexão sobre a relação entre discurso, memória e acontecimento, o que possibilita compreender como os sentidos se repetem ou se deslocam nos enunciados digitais. O trabalho de Hjarvard (2013), para contextualizar a midiatização da sociedade e evidenciar como as plataformas digitais funcionam como espaços atravessados por lógicas algorítmicas que moldam a circulação, a visibilidade e o silenciamento de determinados discursos. Soma-se a este aporte os trabalhos de Dias (2018) e Adorno (2015) que refletem discursivamente sobre o digital. Os resultados indicam que muitos conteúdos tendem a naturalizar a exploração como parte do cotidiano, revelando certa aceitação social dessa realidade. Contudo, também emergem vozes de resistência, que tensionam e questionam a legitimidade dessas práticas, denunciando condições de vulnerabilidade que comprometem o desenvolvimento e o bem-estar infantil. Conclui-se que a análise dos discursos presentes no TikTok permite compreender mais profundamente as dinâmicas sociais que cercam a infância no Marajó, ao mesmo tempo em que reforça a importância da mobilização em defesa dos direitos das crianças e da luta por uma infância livre de exploração e vulnerabilidade.

Palavras-chave: Exploração infantil; Infância; Marajó; TikTok; Análise do Discurso; Midiatização.

Referências:
ADORNO de Oliveira, Guilherme. **Discursos sobre o eu na composição autoral de vlogs/**Guilherme

Adorno de Oliveira. - Campinas, SP : [s.n], 2015.
DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
HJARVARD, S. **A midiatização da cultura e da sociedade.** Editora Unisinos, São Leopoldo, 2013.
PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni P. Orlandi. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008
MACÁRIO, Diana Kaliny de Moura. **Estudo do discurso capitalista em perfis educacionais do Tiktok**. Disponível em: https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/12889

DA DISCURSIVIDADE SOBRE O TRABALHO EM UM LIVRO DIDÁTICO DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS: Um olhar sobre o Novo Ensino Médio

Renata Mamede de Lima
Mestranda em Linguística e Literaturas
Universidade Federal do Norte do Tocantins
renata.mamede@mail.uft.edu.br

João de Deus Leite
Doutor em Linguística e Literaturas
Universidade Federal do Norte do Tocantins
joao.leite@ufnt.edu.br

Resumo: Neste trabalho, vamos nos ocupar do tema referente ao Novo Ensino Médio (NEM). Sendo assim, temos como pergunta norteadora o seguinte questionamento: em que medida as perspectivas do NEM, sobretudo no que tange à discursividade sobre o trabalho, produzem efeitos de sentidos no livro didático da área de conhecimento“Linguagens e suas tecnologias?”. A partir disso, traçamos como objetivo geral: analisar e problematizar o modo como a perspectiva do NEM, mais precisamente sobre o mundo do trabalho, acaba por produzir efeitos para o livro didático vinculado à área do conhecimento “Linguagem e suas tecnologias”. Nesse caso, o nosso foco esteve pautado em uma análise representativa de um livro didático pertencente a essa área. O referido livro é intitulado de:“Linguagens: no mundo do trabalho” aprovado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD-2021) e faz parte da coleção Multiversos da editora FTD. Como objetivos específicos elencamos: analisar o sumário do livro em questão, tomando por base as configurações das unidades e dos capítulos de modo a pensarmos nas formulações ou não dos sentidos de trabalho; identificar, na relação unidade, capítulo e seção do livro didático, quais textos aparecem e a que eixo da linguagem (“Análise Linguística/semiótica”, “Leitura”, “Oralidade” e “Produção Textual”) eles aparecem vinculados, não perdendo de vista a que concepção de linguagem e de língua eles se inscrevem; verificar como o discurso oficial sobre o NEM produz efeitos de sentidos para a discursividade do mundo do trabalho do livro didático em tela. A fundamentação teórica que subsidiou este trabalho, é a Análise de Discurso de matriz francesa com os estudos desenvolvidos por Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Com base nessa abordagem teórica hipotetizamos que a área do conhecimento “Linguagens e suas tecnologias" passou a ser atravessada fortemente pela discursividade do mundo do trabalho. O método de nossa pesquisa é o dialético, porque estamos interessados em olhar para o livro didático como uma materialidade discursiva envolta nas condições de produção. O corpus deste trabalho foi constituído do livro didático coletado para esta pesquisa, mas de acordo com a nossa inscrição

teórica na Análise do Discurso, não trabalhamos com o todo, mas com recortes. Diante disso, fizemos recortes discursivos (RD) do sumário e SD dos capítulos e tópicos abordados nesse RD. Portanto, com as análises feitas, obtivemos como resultado, o fato desse livro em tela está fortemente atravessado aos discursos do mundo trabalho, assemelhando-se a um manual de formação de cidadãos aptos ao excepcional profissional. Por fim, concluímos que pensar esses fatores foi de suma relevância para compreendermos as forças políticas e ideológicas que permeiam o sistema de ensino brasileiro.

Palavras-chave: Cidadania; Trabalho; Livro didático.

Referências:

ORLANDI, Eni. **Segmentar ou recortar? Lingüística: questões e controvérsias**. Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores. 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANZOVO, Sthephane Torres. **Formações imaginárias sobre sujeito aluno na BNCC (2018) - Ensino Médio: Uma visão utilitarista do ensino**. Dissertação de mestrado. programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, 2020.

SCUSSEL, Lívia D. G. Macedo; ZANLORENSE, Maria José lia. **Uma análise nas mudanças e permanência do ensino profissional nas leis, 5.692/71 e 9.394/96**, s/a.

SCHMIDT, João Pedro. **Para estudar políticas públicas: aspectos conceituais, metodológicos e abordagens teóricas**. Revista do direito, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 56, p. 119-149, set/dez. 2018.

SILVA, , M. A. D. da. & Almeida, P. F. de. (2018**). Um estudo comparativo das versões da Base Nacional Comum Curricular para o ensino médio**. Anais eletrônicos. Congresso Nacional de Educação, Recife, PE, Brasil, 5. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabal hos/TRABALHO_EV11 7_MD1_SA2_ID1182_11092018224306.pdf.

WITZEL, Denise Gabriel. **Identidade e livro didático: movimentos do professor de Língua portuguesa.** Dissertação de mestrado. Centro de Ciências Humanas, letras e artes da Universidade Estadual de Maringá. Maringá-Pr. 2002.

DISCURSO E ATIVIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA

Fátima Cristina da Costa Pessoa
Doutora em Estudos Linguísticos – PPGL UFPA/CNPq
fpessoa@ufpa.br

Ana Luíza Modesto Rodrigues
Graduanda em Letras – FALE UFPA/CNPq
anarodriguesm.al@gmail.com

Resumo: A reflexão em torno da formação docente exige uma multiplicidade de perspectivas sempre inconclusas em razão de se tratar de um processo histórico e político, portanto em constante transformação. A abordagem aqui proposta privilegia a discussão sobre os debates de valores implicados no exercício da docência. O conceito de debate de valores é postulado por Schwartz (2010), para dar conta dos processos de escolha aos quais estão submetidos o trabalhador e a trabalhadora, ao se confrontarem com as situações concretas e cotidianas do contexto laboral. Assumindo esse postulado, toda a trajetória de trabalho é um processo de formação que não se esgota. A problematização desse postulado em um curso de licenciatura deve conscientizar aqueles e aquelas que investem na formação para a docência que esse processo de formação não consiste unicamente em fixar o trabalho docente em modelos prescritos a serem retomados exaustivamente nas matrizes curriculares dos espaços acadêmicos. Deve-se abrir espaço para uma reflexão que alcance as dimensões históricas, políticas, éticas e estéticas da docência atualizadas cotidianamente no exercício do trabalho e nas enunciações que sustentam o e são sustentadas pelo exercício do trabalho. Deve-se abrir espaço para refletir como se tem realizado, como se realiza e como se poderia realizar a docência, bem como abrir espaço para refletir o que se tem dito, o que se diz e o que se pode dizer acerca da docência. Portanto, a abordagem que se propõe para o processo de formação docente neste trabalho privilegia a articulação entre ação e enunciação, entre discurso e atividade. Discute-se o discurso como relações de sentido que materializam posicionamentos sociohistóricos em torno da forma como a docência é assumida na ordem institucional onde se realiza (Maingueneau, 2008): os espaços acadêmicos e escolares. Discute-se a atividade como investimento que o trabalhador e a trabalhadora realizam cotidianamente para concretizar a atividade laboral (Schwartz, 2010). Discute-se o discurso e a atividade no campo da docência a partir do que dizem professores e professoras que atuam na Educação Básica e na Educação Superior, ao se disponibilizarem a dialogar sobre seu trabalho no âmbito da pesquisa que realizamos. Enfrentar esse entrecruzamento da ação e da enunciação docente com conceitos teóricos e metodológicos da Ergologia e da Análise do Discurso é propor um percurso de formação que aponta para o horizonte político de ser professor e ser professora. A consciência dessa dimensão política é fundamental para o debate de valores incontornável nos contextos de trabalho.

Palavras-chave: Discurso, Atividade, Docência, Debate de valores.

Referências:
Maingueneau, Dominique. Gênese dos discursos. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
Schwartz, Y.; Durrive, L. (Orgs.). Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010.

AS REPRESENTAÇÕES DE MARIA BONITA A PARTIR DO CORDEL "EPITÁFIO A MARIA BONITA", DE JOSEFINA FERREIRA GOMES

Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha
Doutoranda do PPGLLIT -UFNT
angelitagfrcunha@gmail.com

João De Deus Leite
Doutor em Estudos Linguísticos – PPGLLIT – UFNT
joao.leite@ufnt.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar as representações de Maria Bonita a partir do cordel Epitáfio a Maria Bonita, de Josefina Ferreira Gomes, buscando compreender como a autora

reconstrói a imagem da cangaceira e tensiona o discurso histórico oficial. Publicado originalmente em junho de 2019, esse cordel inscreve-se em um contexto de resistência e visibilidade feminina em um gênero majoritariamente dominado por vozes masculinas. A análise ora apresentada foi realizada pelo viés da Análise do Discurso, cujo objetivo foi analisar as representações da mulher do cangaço. Para tanto, foi realizada uma breve incursão teórico-conceitual e a descrição da materialidade e por fim a análise de recortes selecionados, que permitiram identificar diversos sentidos mobilizados nos versos e nas rimas do cordel de Gomes e que foram materializados nas enunciações. Os autores mobilizados para este estudo foram: Pêcheux (1997); Orlandi (2020 e 2022), Leite (2010), Maldidier (2017), Campos (2020), Guimarães (2020) dentre outros. Observa-se que a poeta cordelista, ao retratar Maria Bonita, não a reduz à companheira de Lampião, mas a eleva à condição de sujeito histórico, dotada de coragem, consciência política e protagonismo. Através da lírica popular, Josefina subverte a lógica patriarcal da história do cangaço e inscreve uma perspectiva feminina e nordestina da luta por liberdade. O cordel, nesse sentido, torna-se um espaço de elaboração simbólica e política da memória de mulheres apagadas ou estereotipadas pela historiografia tradicional. Ao dar voz à figura de Maria Bonita, Josefina Ferreira Gomes também afirma a própria autoria feminina na tradição cordelista, projetando-se como narradora e criadora de sentidos outros sobre o passado e o presente. Assim, a pesquisa parte da compreensão de que os epitáfios em cordel, ao rememorar figuras históricas ou lendárias, reelaboram memórias e imaginários sociais. A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada nos estudos da literatura de cordel e da crítica literária feminista, observam-se no texto elementos que tensionam a imagem usualmente masculina do cangaço, atribuindo à figura de Maria Bonita marcas de resistência, bravura e protagonismo. Ao mesmo tempo, nota-se a presença de uma linguagem fortemente marcada pela oralidade e pela métrica tradicional do cordel, o que reforça sua dimensão popular e memorialística. Neste sentido, a proposta de análise recai sobre o funcionamento da língua-discurso significante, tendo por base os conceitos de representação, memória discursiva e pré-construído, acontecimento, ideologia e imagem. Tais perspectivas conceituais são as bases teórico-analítica da análise a que se propõe.

Palavras-chave: Discursividade; Maria Bonita; Cangaço; Literatura de cordel; Representações; História e memória.

Referências:

CAMPOS, Luciene Jung de**. Acontecimento**. In: Glossário de termos do discurso. Maria Cristina Leandro-Ferreira (Org.).

LEITE, João de Deus. **Discursivizações sobre Ayrton sena e certas representações de brasilidade.** Uberlândia: Dissertação de mestrado da Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Pontes editores, 2017.

PÊCHEUX, [1983] 2010. **Papel da memória**. In: ACHARD, Pierre et al. (org.) Papel da memória [1983). 3. Ed. Tradição de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2010, p. 49-58.

PÊCHEUX, **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio, Campinas: Unicamp, [1975]1988.

ORLANDI. Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13ª Ed. Campinas-SP: Pontes editores, 2020.

ORLANDI. Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2022.

GUIMARÃES, Gleny Teresinha Duro, Enunciação, Leandro- Ferreira; Maria Cristina (org). **Glossário de termos do Discurso**. Edição ampliada. Campinas-SP: Pontes editores, 2020.

Educação e Rebeldia: os Efeitos de Sentido nos dizeres da Rede Pedagógica

Milena dos Santos
Doutoranda do PPGLLIT – UFNT
milenasantos11@hotmail.com

Daiane Batista Carvalho
Mestre em Ensino de Física – MNPEF - UFT
daiane.aldan@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo analisar os efeitos de sentido produzidos pelo enunciado "Quando se nasce pobre, ser estudioso é a maior rebeldia contra o sistema", compartilhado pela página Rede Pedagógica no Instagram. A investigação insere-se no campo da Análise do Discurso de base materialista, formulada por Pêcheux (1990; 2010) e aprofundada no Brasil por Orlandi (1996; 2012). Considerando a educação como um espaço político e ideológico, busca-se compreender como esse enunciado ressignifica a relação entre educação, desigualdade social e resistência no contexto digital contemporâneo. A metodologia utilizada baseia-se na microanálise discursiva qualitativa, articulando três dimensões: a análise semântico-lexical, a contextualização sociopolítica e a análise discursiva do enunciado. O corpus consiste em um recorte de alta circulação digital e forte apelo simbólico. Foram mobilizados os conceitos de formação discursiva, interdiscurso e posição-sujeito, que permitiram compreender como sentidos históricos e ideológicos são reativados e disputados na constituição do discurso analisado. A educação, no Brasil, é historicamente marcada por desigualdades estruturais que a transformam em um espaço de disputas sociais e políticas. Nesse contexto, o enunciado sintetiza um discurso que articula resistência e emancipação. Compartilhado nas redes sociais, este enunciado opera como uma voz crítica que tensiona a relação entre a educação e o sistema social vigente. O enunciado em questão é constituído de sentidos em jogo, de formações discursivas e de processos ideológicos. Dentro desta frase enunciada podemos encontrar sujeito e posição ideológica, efeito de sentido e relação com o sistema, discursos em conflitos, formações discursivas, função ideológica. Os resultados indicam que o enunciado mobiliza uma formação discursiva crítica que reposiciona a educação como ato de enfrentamento às desigualdades estruturais. A escolha da palavra "rebeldia", em oposição a termos como "esforço" ou "superação", aponta para a construção de um sujeito político, que rompe com a lógica meritocrática dominante. No entanto, identificou-se também uma tensão ideológica: embora o discurso aponte para a resistência, ele pode ser capturado por lógicas neoliberais ao enfatizar a ação individual em detrimento da luta coletiva. Conclui-se que o enunciado performa uma crítica relevante ao sistema opressor, mas seu potencial transformador é tensionado pelas condições materiais e simbólicas de sua circulação digital, que alternam entre a emancipação e a reprodução de discursos comerciais. O estudo contribui para os debates sobre discurso, educação e desigualdade social, ao evidenciar como enunciados aparentemente simples podem carregar sentidos ideológicos complexos e contraditórios.

Palavras-chave: Formação discursiva; Contexto digital; Discurso Digital.

Referências:

Fernandes, Cleudemar Alves. 2008. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Editora Claraluz. São Carlos. SP.

Freire, Paulo. 1974. *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra. RJ.

Moraes, Roque, e Maria do Carmo Galiazzi. 2016. *Análise textual discursiva*. Ed. Unijuí. Ijuí. RJ.

Orlandi, Eni. 2012. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Pontes. Campinas. SP.

Orlandi, Eni. 1996. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Pontes. Campinas. SP.

Pêcheux, Michel. 1990. *Delimitações, inversões, deslocamentos.* Cadernos de Estudos Linguísticos 19: 7–24.

Pêcheux, Michel. 2010. Análise automática do discurso (AAD-1969). In Gadet, Françoise, e Tony Hak (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (59-158). Editora da Unicamp. Campinas. SP.
Possenti, Sírio. 2007. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In Mussalim, Fernanda, e Bentes, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos* (61-78). Cortez. SP.

IMPACTOS DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA PRODUÇÃO ESCRITA DO ENSINO MÉDIO: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA

André da Silva Santos
Doutorando do PPGLLIT – UFNT
andre.santos@ifma.edu.br

Resumo: Neste trabalho, apresentaremos a análise de um texto desenvolvido durante a realização das oficinas de produção escrita com estudantes de uma turma de Ensino Médio de uma escola pública situada em Imperatriz - MA, no âmbito da nossa pesquisa de doutorado. O texto analisado, um enunciado-resposta a um texto da esfera jornalística, corresponde a um recorte do corpus da pesquisa e visa a investigar o processo dialógico entre o sujeito aluno e os gêneros discursivos jornalísticos na produção de redação escolar e como esta pode ser impactada nessa interação discursiva. Para a análise, de abordagem qualitativa, foi mobilizada a teoria dialógica do discurso do círculo de Bakhtin. Sob esse viés, o enunciado, unidade real da comunicação discursiva e resposta a outros enunciados, provoca outras respostas. Nessa dinâmica, a linguagem é refratada pelo sujeito, isto é, particulariza-se, tendo em vista aspectos axiológicos, situacionais, bem como a constituição do auditório/interlocutor. A refração, nesse caso, funciona como aspecto primordial para a geração da singularidade de cada acontecimento enunciativo. Sendo assim, na perspectiva dialógica, o discurso não aponta para a realidade em si, mas para outros discursos que a rodeiam ou que a constroem. Nessa perspectiva, na análise foram observados elementos como: aspectos dos textos da proposta de produção a que o sujeito fez alusão em sua escrita; sentidos desses aspectos; modo como o estudante fez essa referência em seu texto, ou seja, se houve reflexo ou refração, enfim, como se posicionou; marcas linguísticas que indiquem ênfase valorativa; informações e posicionamentos presentes nas produções não vinculados diretamente aos textos da proposta de produção; sentidos verificados tanto dos textos da proposta de produção, quanto do texto do participante; reflexões que o estudante fez sobre os seus posicionamentos presentes em seu texto, dentre outros aspectos. Desse modo, temos o intuito de nuançar relações dialógicas entre o sujeito aluno, em sua produção escrita, e os gêneros discursivos jornalísticos.

Palavras-chave: Produção escrita. Gênero jornalístico. Discurso. Dialogismo.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
_____. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
FREIXO, M. J. V. Teorias e modelos de comunicação. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2012.
LOZZA, C. Escritos sobre jornal e educação: olhares de longe e de perto. São Paulo: Global, 2009. – (Coleção Leitura e Formação).
SCHMIDT, S. Discutindo as Relações entre a Escola e o Currículo do Jornal. In.: SILVA, E. T. (Ed). O jornal na vida do professor e no trabalho docente. São Paulo: Global; Campinas – SP: ALB – Associação de Leitura do Brasil, 2007. p. 49 – 56.
TRAQUINA, N. Teorias do jornalismo– porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas

fundamentais do método sociológico na filosofia da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grilo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Dispositivo de Racialidade e Práticas Discursivas (De)coloniais na Docência

Carla Letícia Macêdo de Paiva
Mestranda em Estudos Linguísticos (PPGL-UFPA)
carla.paiva@ilc.ufpa.br

Resumo: O presente estudo articula o conceito analítico de dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), o qual é desenvolvido a partir da noção de dispositivo postulada por Foucault, às práticas discursivas (Maingueneau, 1993, 2008, 2015) no âmbito do trabalho docente na educação básica. O dispositivo de racialidade é compreendido como um conjunto de mecanismos discursivos, institucionais e simbólicos que naturalizam a branquitude como norma universal e desumanizam a negritude, inscrevendo sujeitos negros em signos de exclusão, de silenciamento e de morte, à medida em que a operacionalização de tal dispositivo ocorre, em especial, por meio da hierarquização racial e do epistemicídio — ou seja, a negação dos saberes e experiências negras no campo educacional e no fazer científico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, cuja metodologia consiste na entrevista semiestruturada com professores(as) da educação básica, das redes de ensino pública e privada de Belém/PA. A seleção dos participantes considerou critérios como diversidade racial e de gênero, tempo de atuação, escolaridade e áreas de conhecimento distintas, buscando captar diferentes perspectivas e vivências docentes. A constituição dos dados foi realizada com base na noção de prática discursiva, que permite compreender o discurso como prática situada, atravessada por posições-sujeito e relações de poder. Ainda na esteira da investigação enunciativo-discursiva, o estudo também é constituído com base no conceito de dispositivo de racialidade, entendido como uma engrenagem histórica que naturaliza e operacionaliza hierarquias raciais por meio de saberes, instituições e práticas sociais. No contexto escolar, o dispositivo de racialidade se manifesta na estrutura curricular eurocentrada, na invisibilização de intelectuais e literaturas negras, e na forma como professoras e professores se posicionam diante das materialidades da colonialidade. Nesse sentido, a partir da análise enunciativa de entrevistas com os docentes, observam-se regularidades discursivas que revelam diferentes modos de inserção e resistência ao dispositivo de racialidade, ao passo que este também é responsável por forjar subjetividades e inscrever os sujeitos negros em uma zona do não-ser (Fanon, 2020). Assim, muitos docentes reproduzem, ainda que de forma não intencional, discursos alinhados ao dispositivo de racialidade, seja pela omissão de debates raciais em sala, seja pela reprodução de narrativas eurocentradas. No entanto, também emergiram práticas de resistência, especialmente entre professores negros engajados em formações críticas, que buscam construir uma pedagogia antirracista e decolonial. Essas vozes tensionam o currículo hegemônico e propõem rupturas com a lógica colonial que ainda persiste no fazer docente e no interior das escolas.

Palavras-chave: Atividade Docente, Dispositivo de Racialidade, Prática Discursiva, Zona do Não-Ser.

Referências:

Carneiro, S. (2023) Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.
Fanon, F. (2020) Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu Editora.
Maingueneau, D. (1993) Novas tendências em Análise do Discurso. Tradução: Freda Indursky. - Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2ª edição.
Maingueneau, D. (2008). Gênese dos discursos. São Paulo: Parábola Editorial
Maingueneau, D. (2015) Discurso e análise do discurso. Tradução Sírio Possenti. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial.

Aula de literatura: as cenas de enunciação constituídas por estudantes do ensino médio sobre suas perspectivas acerca da literatura em sala de aula

Jeissica Luara dos Anjos Seabra
Mestranda do PPGL-UFPA
luaraseabra@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa tem como propósito investigar as aulas de literatura no ensino básico a partir das cenas de enunciação constituídas por estudantes do ensino médio sobre suas perspectivas acerca da literatura em sala de aula. No decorrer da proposta de investigação será possível compreender: primeiro, como o ensino de literatura está presente na educação básica a partir de análises da Base Nacional Comum Curricular; segundo, e ponto principal, como funcionam as aulas na área da linguagem que são direcionadas aos estudos literários pelo ponto de vista do discente que participa na construção desse conhecimento. Enquanto suporte teórico a proposta de pesquisa busca alicerçar-se em algumas bases teóricas que estão divididas em estudos da área da educação, com Paulo Freire em Pedagogia da solidariedade (2021) e Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa (1996), para evidenciar qual postura é assumida nesta pesquisa em relação ao sistema educacional. Além disso, também nos apoiaremos nos estudos descoloniais, com Bell Hooks em Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática (2020) para termos como base um posicionamento que se afasta da colonialidade e se aproxima de uma percepção que reivindica os direitos coletivos. Por fim, será utilizada para análise teórica uma abordagem discursiva de base enunciativa e cartográfica direcionada pelos postulados de Dominique Maingueneau (2008) e pelos estudos de Bruno Deusdará e Décio Rocha (2021). Dessa maneira, as noções de discurso, prática discursiva e cena de enunciação serão trabalhadas nesta justificativa. Além disso, para trabalhar os estudos no âmbito educacional a pesquisa se pautará em estudiosos do direito à educação e direito à literatura: Paulo Freire e Antônio Cândido. Na presente pesquisa utilizaremos a ideia explicada por Maingueneau, em Gênese dos discursos (2008), em que discursos são as regularidades semânticas que dão sustentação ao surgimento dos enunciados, assim o discurso é materializado nos textos. Entende-se o discurso como esse processo que emerge dos textos e evidencia o local em que um sujeito está historicamente inscrito. Partindo para as propostas de metodologia, utiliza-se neste trabalho os estudos metodológicos de Lakatos e Marconi (2003) com uma proposta de pesquisa que será aplicada e de abordagem qualitativa, e as delimitações metodológicas em análise do discurso apresentadas por Rocha e Deusdará (2021). Desse modo, a primeira fase da metodologia consiste na construção do referencial teórico da pesquisa a partir de leituras e fichamentos. Posteriormente, ocorrerá a as entrevistas com alunos do ensino médio da EEEFM José Lopes Raposo. As entrevistas serão gravadas e realizadas tendo como instrumento de pesquisa um roteiro semiestruturado, serão entrevistas com oito participantes, podendo serem feitas individualmente ou em dupla para manter uma dinamicidade. Após essas etapas, acontecerá a análise de dados que consiste na investigação dos enunciados encontrados nas entrevistas para que possa ser feito recorte daquilo que evidenciar algum traço enunciativo. Em seguida, será necessário uma reflexão daquele enunciado e aprofundamento interpretatvivo para interpretar as marcas linguísticas e extralinguísticas que podem interligar o enunciado ao discurso que o sustenta, assim, a partir disso entender sua inscrição histórica. Esse momento do percurso metodológico será para produção de córpus e constituição final do quadro teórico-metodológico. Dentro dessa constituição serão observados os acontecimentos discursivos que poderão direcionar para a análise seguinte: observar as práticas discursivas que dão sustentação os enunciados dos participantes. Por fim, a partir dos resultados encontrados após as entrevistas, foram percebidas algumas regularidades direcionadas para questões como: ausência de espaço para promover a circulação literária, necessidade de aulas voltadas para leitura, pouco compartilhamento literário entre discente-discente, ausência de professor de linguagens.

Palavras-chave: aula de literatura. Práticas discursivas. Ensino básico. Leitura.

Referências:
BRANDÃO, HELENA ORLANDI. Introdução à análise do discurso – 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
BRASIL. Ministério da Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000.
CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: ___. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
COSSON. Rildo. Paradigmas do ensino de literatura. São Paulo: Contexto, 2020.
COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
Deusdará, Bruno. Análise cartográfica do discurso: temas em construção/ Bruno Deusdará, Décio Rocha. – 1. Ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática discursiva. 25 e. São Paulo: Paz e Terra, 1996. InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade.
FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo. Pedagogia da solidariedade. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.
GERALDI, João Wanderley. A produção dos diferentes letramentos. Bakhtiniana: revista de estudos do discurso, v. 9, n. 2, 2014. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19443. Acesso em: 8 jun. 2021.
HOOKS, Bell. Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica, v. 5, 2003.
MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em Análise do Discurso. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2ª edição, 1993.
MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação/ trad. Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha – 4 ed. – São Paulo. Cortez: 2005.
MAINGUENEAU, Dominique. 2005. Gênese dos Discursos. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições. 189.
MUSSALIM, FERNANDA. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012. v. 2, cap. 4, p. 113-165.
ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios & procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.
POSSENTI, SÍRIO. Os limites do discurso. Ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola, 2009.

ANÁLISE DISCURSIVA DE POEMA PRODUZIDO DURANTE O ISOLAMENTO DA COVID-19

José de Alcântara Ribeiro da Silva
Doutorando: PPGLLIT - UFNT
profmaalcantara@hotmail.com

Janete Silva dos Santos
Doutora em Linguística Aplicada/PPGLLIT-UFNT
janetesantos@ufnt.edu.br

João de Deus Leite
Doutor em Estudos Linguísticos/PPGLLIT-UFNT
joao.leite@mail.ufnt.edu.br

RESUMO: A produção literária da Região Norte tem ainda uma circulação muito tímida em âmbito nacional, tanto quanto ainda recebe pouco interesse por parte das pesquisas fora da área literária. Buscando enfrentar esse ciclo desfavorável, optamos por dar visibilidade a produções da região, em especial a uma circunscrita ao interior do estado do Tocantins, considerado o mais novo da federação. Durante o período pandêmico, muito se produziu no que concerne a pesquisas acadêmicas em diferentes áreas, em especial na área de Letras. Do mesmo modo, muitos textos artístico-literários também floresceram naquele momento doloroso para a população em geral, fosse na escrita, fosse na publicação. Foi nessa condição sócio-histórica que surge o livro "O que sobrou do tempo", do qual selecionamos nosso corpus. Assim, neste artigo, analisamos o poema "Desapego", de Luiza Silva, que compõe a obra "O que sobrou do tempo", publicado na época da pandemia da covid-19, período de angústia, incerteza e medo. Para isso, filiamo-nos à Análise de Discurso de linha francesa de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, mobilizando, dentre outros dispositivos, os conceitos de condições de produção do discurso, lugar social e lugar discursivo, posição-sujeito, memória discursiva, interdiscurso e formação discursiva, com o objetivo de compreender o funcionamento da memória discursiva nesse texto. Pensamos a constituição discursiva do poema como uma forma de extravasamento da liberdade do sujeito. No entanto, esse sujeito assume posição diante das circunstâncias e enuncia o que sente, o que pensa em dadas condições de produção. Entendendo que o discurso é um jogo de efeitos de sentidos entre interlocutores, lançamos olhar sobre a materialidade poética produzida em região na qual atuamos, ou seja, na Região Norte do Estado do Tocantins e que capturou o interesse para o presente gesto de interpretação. Os resultados apontam que a pandemia da covid-19, além de ceifar a vida de milhões de pessoas, deixou marcas irreparáveis naqueles que sobreviveram.

Palavras-chave: Covid-19. Posição-sujeito. Memória discursiva. Poema.

Referências:

ALTHUSSER, Louis. Os aparelhos ideológicos de Estado. In: ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1970.
DOBB, Maurice Herbert. A Evolução do capitalismo. São Paulo: Editora Vitor Civita, 1983. 288 p. v. II.
GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2005.
JESSUA, Claude. Capitalismo. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2013. 258 p.
LAFETÁ, João Luiz. 1930: A Crítica e o Modernismo. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2000. 288 p. v. II. ISBN 85-7326-170-6.
ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas. 2015.
ORLANDI, Eni P. Eu, Tu, Ele: Discurso Real da História. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017. 342 p.
ORLANDI, E. P. Discurso e Leitura. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 159 p.
PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio / Michel Pêcheux; tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2014.
PÊCHEUX, M. Por uma análise automática do discurso. 5ª. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2014.

PPCs como dispositivos de subjetivação docente: práticas discursivas de governo na formação de professores indígenas na Amazônia Legal

Gabriela Sousa Gomes
Doutoranda em Educação Superior– Universidad de Palermo
(Buenos Aires-Argentina)
gabrielasousagomes25@gmail.com.br

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa de doutorado em andamento que analisa os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) das Licenciaturas Interculturais Indígenas ofertadas por universidades públicas federais na Amazônia Legal brasileira, sob a ótica da Análise do Discurso de orientação foucaultiana. O objetivo é compreender como os enunciados presentes nesses documentos operam como dispositivos de saber-poder, atravessando e produzindo práticas de subjetivação da docência indígena. O corpus é composto por dois PPCs: o da Licenciatura Intercultural Indígena – Habilitação em Linguagens (PPCLII) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e o da Licenciatura em Pedagogia Intercultural Indígena (Panhĩ) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Ambos os cursos são vinculados ao PARFOR Equidade/CAPES, organizados em regime de alternância pedagógica, e resultam de articulações com os povos Kayapó, Xikrín e Panhĩ/Apinajé, respectivamente. A pesquisa é qualitativa e fundamentada nos conceitos de governamentalidade, biopolítica, subjetivação, dispositivo e arquivo (Foucault, 1993; 1995; 2006; 2008a;2008b; 2014; 2015;201a;2016b;1976;1980; 2008). A análise busca demonstrar os efeitos de verdade e as regularidades discursivas que sustentam os modos como o "professor indígena" é produzido nos textos curriculares. Os resultados apontam que ambos os PPCs operam como dispositivos de regulação que, ao mesmo tempo em que reconhecem a diversidade cultural, a submetem a normas institucionais. A interculturalidade aparece como valor central, porém disciplinada, e os sujeitos docentes são convocados a ocupar o lugar de mediadores culturais e gestores locais de políticas públicas, operando segundo racionalidades de governo. Conclui-se que os PPCs não apenas descrevem, mas produzem e regulam a formação docente indígena, operando como dispositivos biopolíticos que moldam uma subjetividade desejável: ética, engajada, polivalente e conformada às diretrizes da governabilidade moderna. Apesar disso, pequenas brechas de resistência e deslocamento discursivo emergem, apontando para tensões e disputas silenciosas no interior dos textos institucionais.

Palavras-chave: Formação docente indígena; Análise do discurso foucaultiana; Governamentalidade; Biopolítica; Dispositivo; Amazônia Legal.

Referências:

CABRERA, B. C. Um percurso discursivo em uma cartografia da formação de professores indígenas nas universidades federais brasileiras. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: _____. Ditos e escritos. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016b. (Publicado originalmente em 1969).

FOUCAULT, Michel. Aula de 18 de janeiro de 1978. In: _____. Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977–1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a. p. 39–72.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. (Publicado originalmente em 1976).

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a. (Publicado originalmente em 1978).

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978–1979). Tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. Sujeito e poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Brasília: Editora Universitária, 1995. p. 231–239.

FOUCAULT, Michel. A tecnologia política dos indivíduos. In: MOTTA, M. B. (org.). Ética, sexualidade, política. Tradução de Edson Monteiro e Inês A. Dourado. Rio de Janeiro: Forense, 2006. p. 301–318.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade. Revista de Comunicação e Linguagem, Lisboa, n. 19, p. 203–223, 1993. (Publicado originalmente em 1980).

KAWAKAMI, E. A. Currículo, ruídos e contestações: os povos indígenas na universidade. Revista

Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 24, p. e240006, 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782019240006. Acesso em: 31 jul. 2025.
MATO, D. Educação superior e povos indígenas: experiências, estudos e debates na América Latina e em outras regiões do mundo. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, v. 12, n. 3, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.21057/repamv12n3.2018.31377. Acesso em: 31 jul. 2025.
PELLEGRINI, D. P.; GHANEM, E.; GÓES NETO, A. F. O Brasil respeita o direito dos povos indígenas à educação superior? Demanda, oferta e ensaios alternativos em São Gabriel da Cachoeira/AM. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. e118188, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2175-6236118188. Acesso em: 31 jul. 2025.
SANCHEZ, L. M. C.; LEAL, F. S. F. "Licenciatura em Educação Básica Intercultural": avanços, desafios e potencialidades na formação superior de professores indígenas. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 102, n. 261, p. 357–375, 2021. Disponível em: https://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102i261.4446. Acesso em: 31 jul. 2025.

A ancestralidade no discurso de posse de Anielle Franco: uma análise discursiva

Neyrivania Rodrigues dos Santos Lima
Mestranda do PPGLLIT-UFNT
neyrivania.lima@ufnt.edu.br

João de Deus Leite
PPGLLIT-UFNT
Joao.leite@ufnt.edu.br

Resumo: A ancestralidade está diretamente relacionada às questões raciais. Essas questões são temas centrais que nos permitem compreender as dinâmicas sociais e culturais do Brasil, uma vez que a trajetória da população negra é profundamente marcada por uma história complexa de colonização, de escravização e de resistência, elementos que moldam os discursos atuais sobre raça e identidade. Diante disso, é imprescindível a análise de como a ancestralidade é abordada em discursos oficiais, pois pode revelar como a história e as raízes culturais são valorizadas no contexto atual. Perante o exposto, neste trabalho, propomo-nos a analisar como a ancestralidade é discursivizada no Discurso de Posse de Anielle Franco, ministra da Igualdade Racial. Na perspectiva da Análise de Discurso materialista, três conceitos-chave ajudam a explorar essas construções discursivas: interdiscurso, memória discursiva e pré-construído. Ao observar o discurso brasileiro sobre ancestralidade e questões raciais, vemos que ele é continuamente marcado e reconfigurado pelo interdiscurso, pela memória discursiva e pelo pré-construído, criando um terreno onde narrativas de pertencimento e resistência buscam subverter essas bases. Os movimentos sociais e culturais das comunidades afro-brasileiras, por exemplo, se valem dessas memórias e como elas ressignificam, revalorizando a ancestralidade e contestando os discursos hegemônicos. Em relação ao corpus, debruçamo-nos sobre o discurso de posse a fim de recortar sequências discursivas que trazem à tona questões relacionadas à ancestralidade. Após esse momento, passamos a realizar uma leitura cuidadosa a fim de identificarmos marcas textuais que sinalizaram para os discursos de nosso interesse. Por meio do corpus por nós analisado, constatamos que, no discurso de posse, a ancestralidade emerge como um elemento central na construção de uma narrativa de resistência e de reconstrução. A ancestralidade, portanto, não é apenas um tema recorrente, mas um dispositivo discursivo que permite ressignificar o presente e projetar um futuro mais justo e igualitário. Nesse sentido, o discurso de posse exemplifica como a linguagem pode ser uma dimensão poderosa de luta e de desconstrução, reafirmando a potência política da ancestralidade na construção de novas narrativas e sentidos.

Palavras-chave: Memória ancestral; racialidade; identidade; memória discursiva; interdiscurso; pré-construído.

Referências
BRASIL. Ministra (2023-2027: Anielle Francisco da Silva). Discurso de Posse. Brasília, 11 jan. 2021. Disponível em: <Discurso de Posse — Ministério da Igualdade Racial>. Acesso em: 30 set. 2024.
ORLANDI, E. P. Análise de discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (ORGS.). Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
ORLANDI, E. P. Argumentação e análise de discurso: conceitos e análises. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.
PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1990.
POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, F; BENTES, A. C. Introdução à linguística - Fundamentos epistemológicos. v. 3. São Paulo: Cortez Editora, 2021. p. 353-392.

O USO DOS DORAMAS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS PARA A ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO EM SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA SOBRE WHEN THE PHONE RINGS

Talita de Sousa Miranda
Mestranda do PPGLLIT-UFNT
talita.miranda@ufnt.edu.br

Janete Silva dos Santos (Orientadora)
Docente do PPGLLIT-UFNT

Resumo: A partir da popularização global do fenômeno hallyu, a chamada "onda coreana", os doramas passaram a fazer parte do cotidiano dos jovens estudantes brasileiros, configurando-se como elementos culturais relevantes e potencialmente pedagógicos. Ao perceber o impacto de doramas na formação de gostos, linguagem e comportamentos dos jovens, esta pesquisa visa explorar de que forma essas mídias podem contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, especialmente no que se refere à compreensão dos discursos políticos presentes nas narrativas audiovisuais.Com base no referencial teórico de Orlandi (2012), esta pesquisa se ancora na Análise do Discurso (AD), compreendida como um campo que considera o discurso como prática social, histórica e ideologicamente situada. Ao mobilizar esse referencial para análise do uso de doramas, busca-se valorizar as práticas orais e audiovisuais frequentemente negligenciadas pela escola, que tende a privilegiar a linguagem escrita em detrimento de outras formas de linguagem (híbridas) presentes no cotidiano dos alunos. Segundo Orlandi (2012), a escola evita considerar outras formas de linguagem, o que enfraquece o ensino de práticas discursivas significativas para a vida social dos estudantes. O corpus da pesquisa será composto por cenas selecionadas do dorama When the Phone Rings, que trata de temas sociopolíticos, permitindo a análise de como o discurso político se articula na construção narrativa. A metodologia adotada é qualitativa , conforme os critérios de Gil (2002) e Godoy (1995), privilegiando a interpretação na análise dos discursos em seu contexto de produção. A escolha do dorama se justifica pela sua influência contemporânea e por revelar estruturas de poder e ideologias presentes nas relações sociais retratadas na trama. A análise buscará identificar os elementos discursivos que evidenciam a presença do discurso político e de que maneira esses elementos dialogam com a realidade social. Acredita-se que, ao trabalhar com materiais que fazem parte do universo cultural dos alunos, seja possível promover uma aprendizagem mais significativa e reflexiva, desenvolvendo habilidades críticas e argumentativas essenciais para o exercício pleno da cidadania.

Palavras-chave: Discurso político; ensino de língua; mídia e educação; dorama.

Referências:
CHUNG, Ah-Young. K-Drama: A New TV Genre With Global Appeal. Coreia do Sul: Korean Culture and Information Service (KOCIS), 2011. Disponível em: https://www.kocis.go.kr/. Acesso em: 31 ago. 2023.
GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt. Acesso em: 28 nov. 2023.
ORLANDI, Eni. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

Entre o Concebido e o Vivido: A Via Lago como Espaço de Discurso Urbano

Elda Hipólito Simiema Gouvêa
Doutoranda PPGLLIT/UFNT
eldahipolito@yahoo.com.br

RESUMO: A fim de investigar como os sentidos se constituem, se formulam e transitam nos espaços urbanos, propôs-se com este estudo analisar pelo viés da Análise do Discurso o espaço urbano "Via Lago", espaço de interação social da cidade de Araguaína – Tocantins. Pensando se no modo como este espaço foi construído, interessa-nos nessa análise mobilizar os efeitos da urbanização e constituição dos efeitos de sentidos concebidos pelas discursividades urbanas, tendo como referência os estudos desenvolvidos pelos teóricos Henri Lefebvre e Eni Orlandi, no tocante à produção simbólica pelo viés das dimensões do espaço concebido x espaço vivido e as influências dos sujeitos interpelados pelas suas formações discursivas e ideológicas. Como metodologia analisaremos um discurso oficial acompanhado de imagens e mapas via satélite do antes e depois da construção do referido espaço, com vistas à observar como o processo de urbanização, a ocupação e o uso dos espaços públicos por grupos diversificados moldam e significam na sociedade. Através dessa análise foi possível observar que as cidades e os espaços urbanos são construídos e transformados pelos efeitos de sentidos constituídos pela língua e sua materialidade. Compreendemos pelas discursividades urbanas que o referido espaço é constituído por sujeitos interpelados ideologicamente, afetados pela historicidade, relações de poder e lugar social de fala, evidenciando como a ordem dos discursos urbanos moldam a identidade dos lugares. A análise do espaço urbano concebido da Via Lago, permitiu-nos explorar como o referido espaço foi planejado e como fenômeno discursivo, idealizado, a fim de cumprir as funções sociais e simbólicas. Todavia na prática, compreendendo o espaço pelo viés da subjetividade, entende-se que a referida análise examinada pelo viés do espaço vivido, vai além da descrição física, refletindo também nas dinâmicas de exclusão, pertencimento e representação social, destacando ainda como as tensões entre o concebido e o vivido divergem. Tensões essas que emergem dos fatores socioeconômicos e políticos, explicitando contradições no espaço público. Neste sentido, fica evidenciado que o discurso de "democratização" apresentado no planejamento inicial, é tensionado pelo uso desigual do espaço, gerado por vezes por práticas excludentes ocasionando assim contradições discursivas com o vivido.

Palavras-Chave: Espaço Urbano; Discursividade; Representação; Produção Simbólica

Referências:
Lefebvre. Henri. A Produção do Espaço. Editora Centauro, 2008.
Orlandi. Eni. As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos. Editora Unicamp, 1999.
_____ Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. São Paulo: Contexto, 2001.
_____Discurso e Leitura. Editora Cortez, 2004.
_____Cidades Atravessadas: a cidade e os sentidos. São Paulo: Editora Autores Associados, 2006.

_____A Cidade dos Sentidos: a experiência urbana e o discurso. São Paulo: Editora Autores Associados, 2010.

ABORDAGEM DISCURSIVA E ERGOLÓGICA OU ERGODISCURSIVA?: Tecendo um percurso metodológico

Patrícia Sobrinho Reis
Doutoranda PPGL/UFPA
patriciasob@hotmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva promover um debate sobre o que se tem chamado de abordagem discursiva e ergológica ou ergodiscursiva presente em estudos sobre a atividade humana a luz da Ergologia (Schwartz, 2000, 2001, 2002, 2006, Schwartz; Durrive, 2016, 2021) e de estudos discursivistas a partir de Maingueneau (2005, 2006, 2008, 2010), essas abordagens estão entrelaçadas espiralmente pelo objeto com o qual trabalham a atividade e a linguagem. Os campos de atuação dessas abordagens diferenciam-se, mas interseccionam-se. A Ergologia é marcada por um ergoengajamento no modo de analisar a atividade humana que envolve valores, normas antecedentes, debate de normas e renormalizações (Schwarte, 2000). Para Maingueneau (2005) o discurso pode ser apreendido por meio do interdiscurso, o qual é delineado por uma rede semântica do que se diz em determinada situação de interação mobilizada por uma prática discursiva que passa a conferir identidade a uma formação discursiva (FD). Assim, a Análise do Discurso (AD) na perspectiva de Maingueneau (2007) delineia-se como território instável e perpassa diferentes campos da atividade humana. A pesquisa é de tipo de bibliográfica a partir de artigos, capítulos de livros e obras que discutem a temática. Os resultados indicam contradições, relações e intersecções entre esses campos e com possível aglutinação dessas duas abordagens, mas a maioria dos trabalhos lidos indicam preferência pela justaposição entre elas, mesmo ambas em sinergia que se interpenetrem, pois, a linguagem é atividade e a atividade, linguagem (Noël; Faïta, 2021). Nesse sentido há indicativos de fusão, porque ambas estão interagindo juntas no movimento da vida.

Palavras-chave: Discurso, Ergologia, Atividade Humana, Abordagem Discursiva e Ergológica, Ergodiscursividade.

MAINGUENEAU, Dominique. Cenas da Enunciação. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições, 2006.
MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Décio Rocha - tradutores. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
MAINGUENEAU, Dominique. A Análise do Discurso e suas fronteiras. Trad. Décio Rocha. Matraga. Rio de Janeiro. V. 14, n 20, p. 13-37, jan./jun. 2007. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/MAINGUENEAU%20-%20An%C3%A1lise%20do%20discurso%20e%20suas%20fronteiras.pdf
MAINGUENEAU, Dominique. Doze conceitos em análise do discurso. Organizado por Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti, diversos tradutores. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
NOËL, Cristine. FAÏTA, Daniel. Capítulo 6. A linguagem como atividade. In: SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Luis. Trabalho e Ergologia: Conversas sobre a atividade humana. SCHWARTZ, Yves. DURRIVE, Luis (org.) 3ª Ed ver. E ampl. Niterói: Eduff, 2021 [2003].
SCHWARTE, Yves. Conclusion générale dans Le paradgme ergologique. Extraits chapitres 5 et 6. Octares Editions, pp. 705-738. 2000.
SCHWARTZ, Yves. Ergonomia, filosofia e exterritorialidade. In: DANIELLOU, François (Coord.). A Ergonomia em busca dos seus princípios: debates epistemológicos. São Paulo: Edgard Blüncher, 2001. p.141-180.
SCHWARTZ, Yves. Disciplina Epistêmica, Disciplina Ergológica – paideia e politeia. Pro-Posições,

(Unicamp), v.13, n.1, p.126-149, jan.-abr. 2002.
SCHWARTZ, Yves. Entrevista com Yves Shwartz. Trabalho, educação e saúde. V. 4. N 2, p. 457-466, 2006.
SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Luis. Trabalho e Ergologia: Conversas sobre a atividade humana. SCHWARTZ, Yves. DURRIVE, Luis (org.) 3ª Ed ver. E ampl. Niterói: Eduff, 2021 [2003].
SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Luis. Trabalho e Ergologia II: Diálogos sobre a atividade humana seguido de um manifesto por um ergoengajamento. SCHWARTZ, Yves. DURRIVE, Luis (org.) Tradução Marlene Machado Zica Viana. 1ª Ed. 1ª Reimpressão, Belo Horizonte: Fabrefactum Editora, 2016 [2015].

Discurso, ideologia e sensacionalismo: um estudo sobre a candidatura de Pablo Marçal à Prefeitura de São Paulo

Ricardo Ferreira de Sousa
Doutorando – PPGLLIT-UFNT
ricardof@uft.edu.br

Débora Cristiana Alves Soares de Albuquerque
Doutoranda - PPGLLIT-UFNT
deboracristiana1@gmail.com

Adalberto Pereira Torres
Doutorando – PPGLLIT-UFNT
adalberto.torres@uft.edu.br

Resumo: O presente texto, de natureza teórico-analítica, tem como objetivo analisar os posicionamentos ideológicos manifestados no discurso do candidato à prefeitura de São Paulo, Pablo Marçal, filiado ao Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), durante a campanha eleitoral de 2024. Parte-se da compreensão do discurso político como um espaço estratégico de construção e circulação de sentidos, nos quais se articulam relações de poder e disputas simbólicas. A investigação ancora-se na concepção de ideologia fundamentada nos estudos da Linguística Aplicada em interface com a Análise do Discurso, compreendendo que os efeitos de sentido produzidos nas falas do candidato mobilizam saberes, crenças e valores historicamente situados. Para fundamentar o estudo, recorremos aos aportes teóricos de Moita-Lopes (2006), Bakhtin e Volochínov (2006) no campo da Linguística Aplicada, assim como de Pêcheux (1995), Orlandi (2007) e Althusser (1974), no âmbito da Análise do Discurso. O corpus é composto por trechos das falas de Pablo Marçal durante debates eleitorais, veiculados em jornais de mídia nacional como o Portal de Notícias Terra e a TV Gazeta. A metodologia utilizada é qualitativa, com abordagem interpretativista e caráter exploratório, permitindo uma análise crítica e contextualizada da materialidade discursiva. A análise revelou que o discurso do candidato se estrutura por meio de estratégias que acentuam polarizações ideológicas, com vistas à intensificação do sensacionalismo midiático e à ampliação de sua visibilidade pública. Tais estratégias discursivas incluem o uso recorrente de ataques diretos, expressões pejorativas e a desqualificação de adversários políticos, compondo uma retórica agressiva e de forte apelo emocional. Ao adotar um discurso polarizado, Pablo Marçal posiciona-se estrategicamente como figura antissistêmica, buscando interpelar um eleitorado específico por meio da ativação de valores morais e ideológicos que reforçam dinâmicas de exclusão e dominação. Contudo, os dados indicam que essa abordagem discursiva não se sustenta unicamente na polêmica ou na mobilização emocional, mas também está ancorada em técnicas de comunicação treinadas e na exploração consciente das redes sociais como arenas de engajamento político, nas quais o discurso é moldado para gerar repercussão, engajamento e fidelização do público-alvo. Assim sendo, ao mobilizar estratégias retóricas baseadas em confrontos e

desqualificação de oponentes, o candidato constrói uma identidade política que se sustenta em discursos de ruptura com o "sistema", promovendo, ao mesmo tempo, o reforço de valores conservadores e autoritários.

Palavras-chave: Ideologia, Pablo Marçal, Política, Linguística Aplicada, Análise do Discurso.

Referências:
ALTHUSSER, L. Elementos de auto-crítica. Barcelona: Editorial Laia, 1974.
BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].
MOITA-LOPES, L. P. da (Org). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F; HAK, T (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, p. 22-45, 1995.
ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

Análise Discursiva de materiais imobiliários digitais em Araguaína-TO: sentidos, estratégias e silenciamentos

Leticia Almeida Nascimento
Mestranda do PPGDire-UFNT
leticia.alnas@gmail.com

João de Deus Leite
Doutor em Estudos Linguísticos
joao.leite@ufnt.edu.br

Resumo: Este trabalho propõe uma análise discursiva de materiais de divulgação online, que, ao ser articulada com os conceitos de marketing urbano e fundamentada na teoria da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente sob a perspectiva de Michel Pêcheux, revela-se um campo propício para compreender as táticas de produção de significados em cenários urbanos atuais. No caso da divulgação digital do Loteamento Jardim dos Ipês, em Araguaína-TO, pela empresa Fix Urbanismo, o estudo dos banners e vídeos promocionais oferece uma oportunidade valiosa para refletir sobre como se constrói discursivamente uma imagem de cidade, de bairro e de qualidade de vida que mobiliza sentidos específicos atrelados a interesses econômicos, políticos e sociais. A pesquisa, por meio de uma abordagem qualitativa, de base dialética tem sua fundamentação teórica baseada na Análise do Discurso de Pêcheux e Orlandi, em diálogo com autores como Lefebvre, Harvey e Rolnik, que discutem o urbano como espaço simbólico em disputa, marcado pela lógica capitalista. Como objetivo geral, traz a análise do papel do marketing urbano e do planejamento urbano na construção do discurso imobiliário digital, buscando primeiramente, identificar estratégias discursivas que sustentam a construção de uma imagem idealizada do empreendimento, elemento fundamental no marketing urbano. Nesse processo, é possível observar como certos dizeres são autorizados enquanto outros são silenciados, evidenciando o funcionamento da ideologia tal como compreendida por Pêcheux: não como algo externo ao discurso, mas como constituinte da própria produção de sentidos. Os materiais digitais não apenas informam sobre o loteamento, mas também posicionam o sujeito (consumidor) dentro de uma rede de sentidos que o interpela a desejar aquele espaço, atribuindo-lhe valor simbólico. O segundo objetivo propõe um confronto entre o discurso promocional da empresa e as diretrizes oficiais de desenvolvimento urbano de Araguaína-TO. Essa comparação permite avaliar até que ponto

o discurso imobiliário dialoga com (ou desvia-se de) políticas públicas urbanas, revelando possíveis desvios ideológicos entre os interesses privados e os compromissos coletivos. A análise, aqui, revela como o discurso da empresa pode anular ou amenizar as tensões sociais, ambientais e urbanísticas, fomentando uma perspectiva homogeneizada do espaço urbano. Por fim, a investigação das contradições entre o discurso institucional da prefeitura e o da empresa, especialmente à luz dos Termos de Ajuste de Conduta (TAC), evidencia os embates entre diferentes formações discursivas. A abordagem de Pêcheux mostra que os embates ocorrem entre ideologias, e não apenas entre conteúdos. Assim, a análise discursiva se torna uma ferramenta eficaz para desvendar a construção significante e discursiva do urbano, tornando o marketing digital um instrumento não apenas de venda, mas também de criação de realidades e subjetividades urbanas. É importante salientar que esta pesquisa é uma dissertação em desenvolvimento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire), da Universidade Federal do Norte do Tocantins, com objetivo de contribuir para as discussões críticas acerca das maneiras como os agentes do mercado imobiliário se apropriam do discurso e do espaço urbano, evidenciando tensões entre o interesse público e as práticas privadas de urbanização.

Palavras-chave: Discurso digital. Marketing urbano. Análise de discurso.

Referências:
DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. ReDiSCO, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2016.
ORLANDI, Eni P. Análise do discurso. Princípios e procedimentos. 7ª edição. São Paulo: Pontes, 2007.
ORLANDI, Eni. Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano. 1. ed. Campinas: Pontes, 2001.
ORLANDI, Eni. Cidade dos sentidos. Campinas: Pontes, 2004.
ORLANDI, Eni. As formas do silêncio. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.
PACÍFICO FILHO, Miguel. LEITE, João de Deus. LIMA, Luciene. RODRIGUES, Pedro Henrique. Araguaína-TO, cidade competitiva no interior da Amazônia brasileira: Entre práticas e discursos. Ciência Geográfica, XXVI(2), 1020-1041, 2022.
PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes Editores, 2006.

O ENEM como técnica do dispositivo de avaliação: discursos sobre o professor de língua portuguesa na era da performatividade

Aline Priscila Maciel de Moraes
Doutoranda do PPGLLIT-UFNT
alinepmm@gmail.com

Janete Silva dos Santos
Doutora em Linguística Aplicada - PPGLLIT-UFNT
janete.santos@ufnt.edu.br

Nilsa Brito Ribeiro
Doutora em Linguística - Unifesspa
nilsa@unifesspa.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de doutoramento que analisa os discursos produzidos em documentos oficiais e mídias sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com o objetivo de compreender como esses discursos operam, legitimam e (re)produzem processos de subjetivação do professor de língua portuguesa na história do tempo presente. Ancorada

na perspectiva arqueogenealógica foucaultiana, a investigação mobiliza os conceitos de arquivo, dispositivo, governamentalidade, saber, poder, regimes de verdade e subjetivação para examinar as regularidades e rupturas que constituem essas representações discursivas. Tomando o ENEM como uma das técnicas de objetivação utilizadas pelo dispositivo político-educacional das avaliações em larga escala que fabricam sujeitos, regulando saberes e práticas docentes em consonância com a racionalidade neoliberal, constituímos um arquivo discursivo composto por documentos oficiais e materiais midiáticos a partir de 2009, ano em que o exame se consolidou como principal forma de ingresso no ensino superior público brasileiro. A pesquisa parte da seguinte questão: como o professor de língua portuguesa é subjetivado nos discursos que circulam sobre o ENEM? Ao problematizar essas representações, buscamos compreender os modos como essa política de avaliação interfere na constituição identitária e profissional desse sujeito, evidenciando não apenas os efeitos de verdade que sustentam determinadas formas de ser professor, mas também os pontos de resistência e deslocamento que emergem no interior do discurso. Na análise preliminar de alguns dos enunciados que compõem o nosso arquivo, identificamos, face aos discursos sobre as questões de língua portuguesa, de literatura e da redação do Enem, uma regularidade discursiva voltada para o professor como portador de desempenho técnico. Em outras palavras, é possível verificar que esse sujeito se subjetiva (re)produzindo os regimes de verdade que o Estado propaga acerca do exame e das estratégias para ter um bom desempenho na prova. Nesse sentido, os enunciados evidenciam a imagem de um professor que deve possuir práticas pedagógicas utilitárias, orientadas para a performatividade, em consonância com a racionalidade neoliberal.

Palavras-chave: Discurso, Professor de Língua Portuguesa, Enem, Governamentalidade, Biopolítica, Neoliberalismo.

Referências:

Deleuze, Guilles. O Que é um dispositivo? In: _____. Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.
Fischer, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em educação. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, novembro, 2001.
Foucault, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DEYFRUS, H. Foucault: uma trajetória filosófica, para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
Foucault, Michel. Segurança, território e população. In: Foucault, Michel. Ditos & Escritos, volume X: filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
Foucault, Michel. A arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2022.
Sousa, Katia Menezes de. Biopolítica, discurso e controle da população pobre. Revista Moara, ISSN: 0104-0944, Ed. 57, vol. 1, ago-dez, 2020.

Discursos em escritas de si: sentidos de autoformação

Nilsa Brito Ribeiro
Doutora em Linguística-UNICAMP
Professora aposentada da Unifesspa
nilsa@unifesspa.edu.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar, a partir dos estudos discursivos de filiação foucaultiana, a relação de autoformação que o/a professor/a estabelece com a sua própria escrita. Com esse objetivo, procuramos apreender na escrita do sujeito o movimento de constituição de subjetividades, "jogos de verdade" e indícios de uma "escrita-limite", em que sobressaem traços, ainda que difusos, de resistência e ética autoformadora de uma experiência-limite. Nos estudos foucaultianos, a noção de "experiência-limite" se afasta da tradição filosófica em que prevalece a primazia do sujeito soberano, universal, detentor de um saber totalizante. A experiência-limite, tal como propõe Foucault (2006a;

2006b) se circunscreve em condições históricas de uma dada época. Ou seja, a investida do sujeito escrevente é entendida como uma potência criadora de si, de modo que a escrita pode se constituir como uma modalidade de regulação não baseada apenas na norma ou na obrigatoriedade, mas, sobretudo, numa ética de produção da existência. Nessa perspectiva, o autor questiona o primado do sujeito como essência, como um dado a priori e defende uma concepção de sujeito que não goza de uma subjetividade triunfante porque ela é situada e datada. Assim, nossas análises têm como materialidade textos escritos por professores da escola básica e alunos do ensino superior, em contextos de formação. Flagramos uma escrita por meio da qual o sujeito se relaciona tanto com as normas subjetivadoras de si quanto com experiências que indiciam pequenas revoltas em relação a essas normas. O sujeito corre riscos e ensaia possiblidades de tornar-se não mais o mesmo. É na tensa relação entre as normas da história e a resistência a práticas universalizantes que é possível a emergência de novas subjetividades engajadas em processos formativos lastreados na utopia e na autoria do sujeito. Sem qualquer enquadramento de escrita em algum gênero de discurso, sem a pretensão verificadora e aferidora de domínios técnicos de escrita, sem a investida em controles homogeneizadores de subjetivações, tomamos a escrita dos sujeitos como práticas discursivas em que comparecem, a um só tempo, a tensão agonística entre imperativos unificadores e multivocidades (AQUINO, 2011) reveladoras de desdobramentos, diferenças e reinvenção de subjetividades.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Escrita de si; Subjetivação; Autoformação

Referências:

AQUINO, J. G. A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.3, p. 641 - 656, set./dez. 2011.

FOUCAULT, M A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política:** Ditos & escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, p. 144-162.

FOUCAULT, M. A tecnologia política dos indivíduos. In: _____. **Ética, Sexualidade, Política:** Ditos & Escritos V, trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado, org. Manoel

“Longevidade da floresta” - Uma análise discursiva crítica e multimodal do perfil do granfluencer @seuneyzinho

Rafael Seixas de Amoêdo
Uninorte e CIESA.
PPGCLC - UNAMA
prof.rafaelamoedo@gmail.com

Resumo: O envelhecimento da população se reflete em novos debates sociais, entre esses o etarismo, que se manifesta em diversos espaços, inclusive nas redes sociais. Butler (1980) concebe-o como a discriminação e aos estereótipos negativos em função da idade, o terceiro grande “ismo” contemporâneo (Palmore, 2004). Contudo, no contexto amazônico, a representação da velhice nas mídias sociais assume especificidades ainda pouco exploradas, o que justifica a necessidade de se debater sobre esse fenômeno. Nesse cenário, este trabalho objetiva analisar a conta @seuneyzinho, no Instagram, questionando-se como esse perfil, administrado pelo gerontólogo Ney Messias, produzido e situado na região, representa o envelhecimento e o etarismo, e como esse discurso dialoga com estereótipos ou resistências associadas a pessoa idosa. Com isso, pretende-se investigar a temática do etarismo a fim de identificar as práticas discursivas e visuais que destacam a velhice, de modo a demonstrar como o influenciador ressignifica ou reforça estereótipos etários, bem como explicar as nuances culturais nas suas representações. Esta pesquisa adota o método da etnografia em mídias sociais, uma proposta qualitativa para análise de interações sociais em comunidades

virtuais (Kozinets, 2014; Gondim et al., 2020). Como recorte, foram analisados postagens, comentários e interações do perfil @seuneyzinho do Pará, com mais de 130 mil seguidores. A seleção se deu após levantamento em que se identificou usuários 60+ do Instagram que são influenciadores, os chamados granfluencers ou seniores (Campos, 2020), sendo observado que a grande maioria situa-se em outras regiões do Brasil, o que demonstra uma certa carência no contexto em questão. Enquanto referencial, parte-se da Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2016) em diálogo com a Teoria da Multimodalidade (Kress e van Leeuwen, 2006) ao proporem o exame semiótico de textos que arquitetam não apenas material verbal, mas também o visual, as cores, gestos, entre outros recursos. Como resultados iniciais, observou-se que o ator social constrói uma representação da chamada 'Longevidade da floresta', elaborada a partir de posts estáticos e dinâmicos que atrelam o envelhecimento à saúde; à boa-alimentação; à prática de exercícios físicos; ao consumo de remédios naturais, o que ele chama de ancestrais. O influencer destaca que a Amazônia desafia os pressupostos sobre a temática, apresentando estatísticas de pessoas com mais de 100 anos de idade e com vitalidade, tendo as outras populações que aprender com os ensinos da dieta local. Portanto, verifica-se no perfil uma busca pela construção de uma "cena comunicacional" (Recuero, 2009), buscando viralizar uma "identidade midiática", ao considerar assim as redes sociais como espaços de negociação, troca e produção de sentidos.

Palavras-chave: envelhecimento; etarismo; influenciador 60+; Amazônia; longevidade da floresta.

Referências:

CAMPOS, Thiago Henrique. Granfluencers: da velhice à senioridade digital. 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Multimédia - Especialização em Cultura e Artes, U. Porto, Porto, 2020. Disponível em: ht- tps://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/128397. Acesso em: 10 nov. 2022.

BUTLER, R. N. Ageism: a foreword. Journal of Social Issues, v. 36, p. 8-11, 1980. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1980.tb02018.x. Disponível em: https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4560.1980.tb02018.x. Acesso em: 18 set. 2024.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 2016 [2001].

GONDIM, C. B. et al. Netnografia como método em turismo: análise de estudos de pós-graduação no Brasil. Revista Turismo em Análise - RTA. ECA-USP, v. 31, n. 1, p. 19-36, jan./abr., 2020.

KOZINETS, R. V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. Reading images: the Grammar of visual design. 2. ed. Oxon: Routledge, 2006 [1996].

NEY MESSIAS [@seuneyzinho] Instagram: usuário do instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/seuneyzinho/. Acesso em: 31/05/2025.

PALMORE, E. B. Research note: ageism in Canada and the United States. Journal of Cross Cultural v. 19, p. 41-46, DOI: https://doi.org/10.1023/B:JCCG.0000015098.62691.ab. Acesso em: Acesso em:14 nov. 2024.

RECUERO, R. C. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009

SIMPÓSIO TEMÁTICO

Estudos do léxico na Amazônia Legal

Ana Claudia Castiglioni
Karylleila dos Santos Andrade Klinger
Carmen Lúcia Reis Rodrigues

COMUNICAÇÕES

Língua, identidade e cultura na toponímia Parkatêjê (Timbira)

O léxico como testemunho da história de Augusto Corrêa, no estado do Pará: uma análise das lexias maluco-pitiú e da rodagem

LEXICOGRAFIA INDÍGENA COMO FERRAMENTA DE ENSINO, DOCUMENTAÇÃO E SALVAGUARDA DA LÍNGUA ASURINI DO XINGU-AWAETÉ

Toponímia Urbana: Os Sinais dos Lugares na Saúde do Município de Araguaína

Toponímia em Libras dos bairros de Santarém/Pará

DINÂMICA DENOMINATIVA DOS TERRITÓRIOS PATRIMONIAIS PÚBLICOS DE PORTO NACIONAL: PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA

Chora nos meus pés e come na minha mão: um estudo semântico-lexical dos nomes dos perfumes de cheiro do Ver-O-Peso- PA

Um Estudo Socioterminológico com Passaricultores da Região Metropolitana de Belém

A DINÂMICA ANTROPONÍMICA NA COMUNIDADE TEMBÉ DA ALDEIA TEKOHAW

Antropônimos na toponímia de Castanhal - Pará: os logradouros do bairro Jaderlândia

ANTROPONÍMIA E TOPONÍMIA TEMBÉ-TENETEHÁRA DO GURUPÍ/PARÁ

A terminologia da pesca artesanal como testemunha das dinâmicas da sociedade

Nuances da Toponímia Caeteuara: as influências do rio Caeté na nomeação de estabelecimentos das cidades de Augusto Corrêa, Bragança e Tracuateua

A Influência das Águas na Toponímia do Território Quilombola de Jambuaçu

O LÉXICO DAS PLANTAS MEDICINAIS CULTIVADAS EM CAPANEMA-PA: Um estudo socioterminológico

Unidades lexicais especializadas do domínio da Morfologia da Língua Portuguesa: um estudo

a partir de dicionários escolares de tipo 1 e 2

Toponímia nheengatu de Bragança/PA: uma proposta de sistematização taxionômica

Toponímia como resistência: o Nheengatu na preservação da memória indígena no nordeste paraense

Estudo do vocabulário presente em um livro didático de língua portuguesa para o 6o ano: uma análise a partir dos glossários

Toponímia urbana em Libras: influencias linguísticas nos sinais dos bairros de Imperatriz/MA

As contribuições da gamificação nas aulas de língua portuguesa: explorando metodologias lúdicas para o ensino do léxico

Terminologia e ensino: análises preliminares para a construção de um banco de dados terminológico para a educação básica

Língua, identidade e cultura na toponímia Parkatêjê (Timbira)

Tereza Tayná Coutinho Lopes
Doutora em Letras – Docente IFPA
tereza.lopes@ifpa.edu.br

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar aspectos observados na análise de topônimos da língua Parkatêjê, com foco em dados que demonstram como língua e cultura se entrelaçam na constituição da identidade do povo Parkatêjê. A língua Parkatêjê pertence ao Complexo Dialetal Timbira, tronco Macro-Jê e é falada por remanescentes dos grupos étnicos Rõhôkatêjê, Akrãtikatêjê e Kyjkatêjê que vivem em aldeias na Terra Indígena Mãe Maria, às proximidades do município de Marabá (PA). Os grupos étnicos citados acima uniram-se como um só povo em meados do ano de 1970, em prol da sobrevivência dos remanescentes de cada comunidade, uma vez que se encontravam devastados, tanto no que diz respeito aos aspectos físicos, quanto aos aspectos culturais. No entanto, atualmente cada um dos grupos restabelecidos, reivindica sua autonomia política e identitária, resultando também em transformações no que diz respeito à divisão espacial da Terra Indígena Mãe Maria e seus topônimos. Nesse sentido, com base em Lopes (2022), observa-se que o contexto histórico, geográfico e político, além do conteúdo semântico dos topônimos analisados, revela informações sobre a concepção de mundo do homem/grupo indígena, relacionando o linguístico e o cultural a partir de traços de sua história, paisagem, valores, memórias, entre outros aspectos. A fundamentação teórica da pesquisa contou com os estudos de Dick (1990, 1992), Andrade (2006, 2017) Untermann (1992), Ferraz (1984, 1998), Ferrarezi Jr (1997, 2012), entre outros. A metodologia utilizada consistiu na combinação da pesquisa bibliográfica e um trabalho etnográfico com coleta de dados em área indígena. Dessa forma,

este trabalho ressalta o papel central dos topônimos na preservação de saberes ameaçados de desaparecimento, tendo em vista a situação de obsolescência por que passa a língua Parkatêjê.

Palavras-chave: Topônimos; Língua Parkatêjê; Identidade; Cultura.

Referências:

ANDRADE, Karylleila Santos. Atlas Toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins – Projeto ATITO. Goiás: PUC, 2006.

ANDRADE, Karylleila Santos. Aspectos identitários e culturais na formação dos nomes de lugares: um estudo sob a ótica da geografia cultural e humanista. Revista Desafios. V. 04, n.1, 2017. Disponível em: https://www.conac.net/publicacoes. Acesso: 18 jan. de 2024.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

FERRAREZI JR., Celso. Nas águas dos Itenês: um estudo semântico com a língua Moré. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

FERRAREZI JR., Celso. Metáfora e função de registro: a visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais. Revista Linha D'água. n. 25, p. 67-82, 2012. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37368. Acesso em: 26 nov. 2024.

FERRAZ, Iara. Os Parkatêjê das matas do Tocantins: a epopeia de um líder Timbira. 1984. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

FERRAZ, Iara. De "Gaviões" à "Comunidade Parkatêjê": uma reflexão sobre o processo de reorganização social. 1998. 212f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. LOPES, Tereza Tayná Coutinho. Toponímia Parkatêjê (Timbira): um estudo sobre os nomes próprios de lugar. 246f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

ULLMANN, Stephen. Semântica: uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

O léxico como testemunho da história de Augusto Corrêa, no estado do Pará: uma análise das lexias maluco-pitiú e da rodagem

Breno Alexandre Moraes Ferreira
Graduando em Letras Língua Portuguesa-UFPA
breno.ferreira@braganca.ufpa.br

Tabita Fernandes da Silva
Universidade Federal do Pará
tabita@ufpa.br

Resumo: O presente trabalho propõe o estudo das lexias maluco-pitiu e da rodagem, amplamente usadas no município de Augusto Corrêa em fases distintas de sua história, nos idos do século XIX, buscando analisar seus significados, motivação e desaparecimento do uso cotidiano da sociedade urumajoense atual. O estudo ancora-se, principalmente, nos fundamentos teóricos da Linguística Histórica e da Sociolinguística para tratar da mudança e obsolescência linguísticas, considerando autores como Tarallo (1997), Calvet (2002), Labov (2006), Wenreich et al (2006), Mollica (2013); da Lexicologia para o tratamento das lexias

maluco-pitiú e da rodagem no tocante à estrutura, formação e significados enquanto elementos lexicais a partir das obras de Biderman (1987;1996), Vilela (1997) e Krieger (2014), entre outros; os estudos de Batista et al (2012), para o conhecimento a história da antiga vila de Urumajó, hoje Augusto Corrêa; para a reflexão sobre identidade, é crucial a obra de Hall (2006). Quanto à metodologia, adota uma abordagem qualitativa, recorrendo à pesquisa bibliográfica, à pesquisa de campo com grupos específicos de participantes moradores do município e, eventualmente, à pesquisa documental. Importa ressaltar que este trabalho é resultado parcial de pesquisa em andamento e faz parte de um estudo mais amplo cujo propósito é registar termos do contexto linguístico urumajoense que entraram ou estão entrando em desuso, investigar-lhes a origem e o contexto de uso, formular hipóteses sobre seu processo de obsolescência, enfatizando a relação entre língua e história nesse processo. Dos termos coletados foram selecionados dois, maluco-pitiú e da rodagem, objetos de estudo do presente trabalho. O estudo revela que as duas lexias ligam-se a dois momentos de fundamental importância na história de Augusto Corrêa, descortina as relações de poder entre grupos sociais distintos, o prestígio e desprestígio social marcado pelo lugar de residência e o léxico como elemento marcador de identidade social e como testemunho da história do lugar. Em linhas mais gerais, este estudo lança mais evidências sobre a intrínseca relação entre léxico e história, sociedade, cultura e identidade.

Palavras-chave: língua e história; Augusto Corrêa; léxico; obsolescência linguística.

REFERÊNCIAS:

BATISTA, Iane Maria da Silva; Et al. Histórias e memória urumajoenses: novas perspectivas. Belém: Editora Açaí, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. Letras de hoje, v. 22, n. 4, 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. 1996. CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de janeiro: DP&A, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. Rio de Janeiro. Revista Confluência, n. 46, ps. 323 a 334, 2014.

LABOV, W. Padrões Sociolinguísticos. Tradução de M. Bagno; M.M. P. Scherre; C.R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MOLLICA, Maria Luiza Braga. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013. TARALLO, Fernando. A pesquisa Sociolingüistica. São Paulo. Ed. Ática, 1997.

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectivação geral. P. 31-50, 1997.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Fundamentos para uma teoria da mudança lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LEXICOGRAFIA INDÍGENA COMO FERRAMENTA DE ENSINO, DOCUMENTAÇÃO E SALVAGUARDA DA LÍNGUA ASURINI DO XINGU-AWAETÉ

Bruna F. S. de Lima-Padovani
Universidade do Estado do Pará – UEPA
bruna.fsdl.padovani@uepa.br

Kwatere'i Assurini
Universidade do Estado do Pará – UEPA
akwatirei@gmail.com

Mauyra Assurini
Universidade do Estado do Pará
mauyraassurini88@gmail.com

Takuja Assurini
Universidade do Estado do Pará
takujaassurini195@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões surgidas no decorrer do processo (em andamento) de dicionarização da língua Asurini do Xingu, uma língua pertencente à família linguística Tupi, subfamília Tupi-Guarani. Asurini do Xingu é o nome em português para se referir ao povo que se autodenomina Awaeté `gente de verdade. Este povo vive na Terra Indígena Kwotinemo, que está localizada à margem direita do rio Xingu, entre os municípios de Altamira e José Porfírio, no estado do Pará. Este trabalho tem como base a participação ativa da comunidade, sobretudo dos professores Asurini que atuam nas series iniciais das escolas indígenas do seu povo, e que também são acadêmicos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará – LICIND/UEPA. Trata-se de uma pesquisa abrangente, conduzida em uma abordagem que considera a língua não como um objeto abstrato, mas inserida em seu contexto histórico e sociobiocultural (Grinevald, 2003; Seki, 2012), em que se procura articular objetivos acadêmicos e sociais, em que, de um lado, temos a análise e a descrição do sistema lexical da língua Asurini e, do outro, a documentação extensiva desta língua, mas diretamente ligadas às preocupações com a crescente perda linguística e aos interesses da comunidade falante, como por exemplo, o desejo de assegurar o registro escrito da língua com vistas a auxiliar este povo nas iniciativas de ensino-aprendizagem e alfabetização da sua língua nativa. Vale ressaltar que, no caso do Asurini e de outras línguas indígenas brasileiras, a importância deste último aspecto se avoluma, uma vez que as línguas indígenas encontram-se em risco de extinção. As considerações aqui apresentadas buscam refletir acerca da importância e urgência da realização de trabalhos lexicográficos para as línguas indígenas. Dois aspectos principais serão focalizados: o primeiro está relacionado à aplicação da metodologia da lexicografia e da lexicologia para o contexto indígena. O segundo se refere ao trabalho colaborativo entre comunidade e pesquisador no processo de dicionarização de uma língua indígena. A pesquisa se articula no quadro teórico-metodológico da lexicologia (Biderman 2001; Hallyday, 2004); da lexicografia (Dapena 2000; Borba 2003; Silva 2007); e da documentação linguística participativa (Stenze, 2012; Brandão, 2018).

Palavras-Chave: Lexicografia indígena, Documentação participativa. Asurini do Xingu – Awaeté

Referências:
BRANDÃO, Ana Paula; ZEZOKIWARE, Jurandir. 2018. Documentação participativa: o caso das línguas Paresi-Haliti e Enawene Nawe. Revista Moara – Estudos Linguísticos, p. 87-106.
BORBA, Francisco da Silva. 2003. *Organização de Dicionários: uma introdução à lexicografia.* São Paulo: Editora UNESP, 2003.
DAPENA, José Alvaro Porto. 2002. *Manual de Técnica Lexicográfica.* Madrid: Arco/libros, S.A.
GRINNEVALD, C. 2003. Speakers and documentation of endangered language. In: AUSTIN, P. K. (Ed.). *Language Documentation and Description* (Volume 1). London: School of Oriental and African Studies. p. 52-72.
SEKY, Lucy. 2012. Discutindo dicionários bilíngues: o caso Kamaiurá. In: FARGETTI, Cristina Martins. Abordagens sobre o Léxico em Línguas Indígenas. Campinas: Curt Nimuendajú. Pp. 13-36.
SILVA, Maria Cristina Parreira da. 2007. Para uma tipologia Geral de Obras Lexicográficas. In: OLIVEIRA, A.M; ISQUERDO, A.N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS. Pp. 283-293.
STENZEL, Kristine. 2014. The pleasures and pitfalls of a 'participatory' documentation project: an experience in Northwestern Amazonia. *Language Documentation and Conservation*. Hawaii, vol. 8, p. 287-306.

Toponímia Urbana: Os Sinais dos Lugares na Saúde do Município de Araguaína

Mariana Ferreira Albuquerque
Doutoranda do PPGLLIT –UFNT
mariana@ufnt.edu.br

Karylleila dos Santos Andrade Klinger
Professora do PPGLLIT -UFNT
karylleila@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem o intuito de desenvolver um estudo que levará em consideração os sinais toponímicos urbanos dos locais de atendimento à saúde do município de Araguaína, que é referência em saúde não somente no estado do Tocantins, mas também para os demais estados que fazem fronteira física com essa unidade da federação, por exemplo, Pará, Mato Grosso, Maranhão, Piauí e Bahia, com foco em obras de autores como Andrade (2006), Carneiro (2016), Miranda (2021), Souza Júnior (2012) e Sousa (2023). A pesquisa busca fazer um levantamento e, consequentemente, descreverá e analisará os sinais dos lugares na/da saúde do município de Araguaína, identificando os topônimos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), categorizando-os em relação à forma e compreendendo o porquê desses topônimos. O intento é propor uma tipologia desses sinais, a partir de suas propriedades articulatórias e consequente motivação. Assim, nossa pesquisa se justifica, também, pela contribuição que trará para a comunidade surda de Araguaína, uma vez que facilitará a comunicação entre os surdos a partir dos sinais dos lugares da saúde, visto que será o primeiro trabalho desenvolvido com essa temática em nosso município. Por meio de uma abordagem qualitativa, o estudo examina os principais lugares da saúde presentes em Araguaína,

ressaltando a criação dos sinais em Libras dos nomes de lugares da saúde, para que a comunidade surda possa ter acesso a esses espaços sem quaisquer dificuldades. Os sinais dos lugares da saúde de nosso município revelarão não apenas a riqueza da cultura surda, mas também as lutas enfrentadas pelos surdos em um contexto de desinformação, bem como os estigmas enfrentados por estes, ao se dirigirem aos locais de saúde, além da barreira linguística. Considerando os diferentes tipos de situações enfrentadas pela comunidade surda nos locais da saúde, e enquanto surda, senti a necessidade de elaborar um trabalho de pesquisa que pudesse sinalizar esses locais para facilitar o acesso da comunidade surda de Araguaína. Este trabalho trará uma grande contribuição para o acesso aos locais de saúde para os surdos de Araguaína e dos estados circunvizinhos, como forma de facilitar a comunicação e minimizar a barrreia linguística.

Palavras-chave: Libras, Toponímia Urbana, cultura Surda, Locais da saúde de Araguaína.

Referências:
Andrade, Karylleila dos Santos. 2006. Atlas Toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins – Projeto ATITO. Tese (207f). Programa de Pós-graduação em semiótica e linguística geral. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Linguística. São Paulo.
Carneiro, Bruno Gonçalves. 2016. Ampliação lexical da libras: aspectos icônicos. Leitura. Maceió. v. 1, n. 57, UFAL, p. 104-119. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2840/2858. Acesso em: 16 de nov. 2021.
Miranda, Roselba Gomes de; Carneiro, Bruno Gonçalves; Andrade, Karylleila dos Santos. 2021. Toponímia em Libras: Levantamento, registro e categorização de sinais dos municípios do Tocantins. Acta Semiotica Et Lingvistica, v. 25, n. 4 (44).
Miranda, Roselba Gomes de. 2022. Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais dos municípios do Tocantins. Dissertação (184f). Programa de Pós-graduação em Letras. Aragu
Sousa, Alexandre Melo de. 2023. Toponímia em Libras dos Bairros de Rio Branco: Análise da Estrutura dos Sinais Toponímicos e dos Aspectos Motivacionais. In Aparecida Negri Isquerdo, organizadora. Toponímia Urbana no Brasil. MS: Ed. UFMS, 296 p. Campo Grande-MS.
Souza Júnior , José Ednilson Gomes de. 2012. Nomeação de Lugares na Língua de Sinais Brasileira. Uma perspectiva de toponímia por sinais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília. Brasília-DF

Toponímia em Libras dos bairros de Santarém/Pará

Reginaldo Caires Borges
Mestre em Letras da PPGLIT/UFT
regiseriac34@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral descrever os topônimos em Libras que designam os 20 bairros do município de Santarém no Estado do Pará. O corpus da pesquisa foi o E-book e DVD, intitulado Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais (Reis; Rocha,

2023). Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa e documental e tem como proposta descrever as motivações de caráter lexical, morfológica e semântica dos topônimos analisados, por meio de registros em fichas lexicográfico-toponímicas. Nosso referencial teórico e metodológico parte dos autores: Dick (1990), Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020), dentre outros. Nosso trabalho identificou que os topônimos são resultados de dupla motivação, ora motivação icônica, pois busca demonstrar a base nas experiências corporais e visuais da Libras e a motivação da língua portuguesa com características de empréstimos gráficos (grafia) que são feitos por meio do alfabeto datilológico e (calque) que se alinha com uma tradução direta do termo do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Como consequência da descrição dos tipos de morfologia, notamos que essa categoria, demonstrou-se em sua maioria como simples híbrido (18 sinais) e outros dois sinais se apresentaram como simples. Isso demonstra como a língua majoritária (língua portuguesa) interferiu na produção desses sinais. Observamos e comprovamos que o tipo de categoria do sinal se apresentou com dez sinais dos quais eram inicializados híbridos, oito sinais se demonstraram como soletrados e apenas dois sinais foram caracterizados como nativos/puros. O motivo por trás do nome resulta de uma configuração de mão predominante que emula ou descreve a forma escrita do topônimo em português. No entanto, os parâmetros de movimento e localização das mãos podem carregar algum logotipo ou características motivadas com base em alguns atributos físicos ou culturais do lugar. Quanto a motivação dos sinais, observamos que (10 sinais) se demonstraram como icônico/empréstimo linguístico. Essa categoria foi analisada por percebemos que entre sinais existiam características próprias e iconicidade e empréstimos da língua majoritária, ou seja, eles se mostram por vezes com como referência em atributos físicos presentes nos topônimos de cada bairro e mesclavam características a partir da datilologia (empréstimo linguístico) exemplificando-se como as iniciais dos nomes dos bairros. Acreditamos ainda que essa pesquisa possa contribuir de forma significativa com a comunidade surda, pois reforça ainda mais o caráter que a Libras tem como língua natural. Destacamos que ainda há muitos caminhos linguísticos a serem explorados em relação à Libras e que as discussões iniciadas aqui serão objeto de um aprofundamento maior.

Palavras-chaves: Linguística. Libras. Toponímia. Léxico.

Referências:

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

SOUZA JR, J. E. G. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira**: uma perspectiva de toponímia por sinais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2012.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. **Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais**. In: Revista Guavira.Três Lagoas/MS. v. 15. n. 30, p. 126-140, 2019.

MIRANDA, Roselba Gomes de. **Toponímia em Libras**: descrição e análise dos sinais dos municípios do Tocantins. Dissertação (184f). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Porto Nacional, Porto Nacional, 2020.

DINÂMICA DENOMINATIVA DOS TERRITÓRIOS PATRIMONIAIS PÚBLICOS DE PORTO NACIONAL: PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA

Geane Martins Mendes

Karylleila Andrade

Resumo: O nome do lugar se dá a partir da interação entre o sujeito nomeador e a coisa nomeada. Esse processo interativo acontece inserido dentro de determinados contextos, e é essa interação em contexto que resulta no nome, visto que é nesse momento em que as escolhas lexicais são feitas, resultando em um topônimo. No Brasil, os nomes de muitos locais refletem sua importância e origem, e são, frequentemente, lembrados por constituírem parte do patrimônio histórico-cultural, além de ajudarem na preservação da memória, ligando o presente ao passado e trazendo reflexões para o futuro. Nessa perspectiva, esta pesquisa se voltará para alguns lugares que compõem o Roteiro Geo-Turístico do Centro Histórico de Porto Nacional. Objetiva-se, futuramente, enquanto pesquisa de tese, compreender, por meio dos estudos toponomásticos, como a educação patrimonial pode ser inserida no contexto da educação básica, visando a valorização do patrimônio cultural local entre os alunos e contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência identitária em relação ao espaço em que vivem numa inter-relação entre Toponímia e Ecolinguística, de forma a contribuir com um Produto voltado para o ensino de Língua Portuguesa. E, de forma específica, identificar quais topônimos são patrimônio público material do Roteiro Geo-Turístico de Porto Nacional; analisar como a toponímia local, a partir dos lugares que fazem parte do Roteiro Geo-Turístico, pode promover uma consciência ecolinguística, explorando as relações entre a nomenclatura dos lugares, a cultura e o meio ambiente; confeccionar fichas lexicográficas desses lugares, a fim de organizar os seus significados e seus aspectos linguísticos, além de atuarem posteriormente como base para novos estudos, seja no âmbito escolar, seja no âmbito da universidade; abordar a toponímia como recurso didático para educação patrimonial, por meio de um curso de formação continuada para professores do ensino médio, de forma a estimulá-los a criar e aplicar atividades que promovam a pesquisa, a análise e a valorização do patrimônio local pelos estudantes. Para tanto, entre análise, classificação e interpretação, esta pesquisa será embasada em estudos teóricos da Lexicologia e da Toponímia, sobretudo os propostos por Biderman (1998), Dick (1990; 1992), Isquerdo (2004; 2012); Andrade (2006 e 20212) e Castro (2012); e da Linguística Ecossistêmica, com Couto (2007; 2014). O trabalho tem a expectativa de contribuir com o ensino à medida que traz uma reflexão linguística, histórica e social sobre os nomes que compõem o meio ambiente do espaço escolhido para análise e poderá servir de fonte de pesquisa para o ensino básico, durante aplicações na sala de aula de Língua Portuguesa, e ainda para o ensino superior, como suporte de pesquisa léxico-toponímica.

Palavras-Chave: Toponímia; Ecolinguística; Patrimônio público; Porto Nacional-TO.

Chora nos meus pés e come na minha mão: um estudo semântico-lexical dos nomes dos perfumes de cheiro do Ver-O-Peso- PA

Ariel Silva dos Santos
Graduando em Letras-Língua Portuguesa (UFPA)
arielsilvadossantos993@gmail.com

Shirley Franklin Oliveira Nascimento
Graduanda em Letras-Língua Portuguesa (UFPA)
shirleyitachi12@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Professora Doutora em Linguística (UFPA)
braynacardoso@ufpa.br

Esta pesquisa instaura-se no âmbito semântico-lexical, objetivando analisar os nomes de 10 perfumes de cheiro do Pará, vendidos no Mercado Ver-o-Peso, que serão, posteriormente, ordenados em um glossário, como um instrumento de identidade sociocultural desse povo (Oliveira; Isquierdo, 2009), visto que o valor semântico deles é compreendido exclusivamente no contexto sociolinguístico paraense. É por essa razão que, em consonância com autores como Bagno (2023) e Santos (2024) , a língua deve ser pensada como um sistema que compõe a identidade do indivíduo, revelando a indissociabilidade dela com a sociedade. A metodologia - que é de natureza qualitativa, uma vez que os dados foram coletados analisando falas espontâneas (de caráter subjetivo) (Tarallo, 1997) - consiste em entrevistas gravadas com 3 feirantes, baseadas num questionário semiestruturado, com o objetivo de analisar o valor semântico desses nomes e construções frasais no contexto comunicativo paraense, o efeito e a função exercida por um dado perfume quando utilizado pelos clientes, além de saber quais são os possíveis nomes que são atribuídos a eles e qual é a relação das essências com a religiosidade do povo paraense. Os resultados evidenciam que o nome dos perfumes pode ter tanto um campo semântico de conotação sexual, como xoxota perigosa, chora na minha buceta, fogo na buceta, pega negão e rola cansada, em que os vocábulos buceta e xoxota, por exemplo, que fazem referência ao órgão íntimo feminino, são compreendidos no contexto interativo paraense. Quanto um campo semântico relacionado ao crescimento pessoal ou a realização de alguma ação de favorecimento próprio, temos perfumes como arruma bofe, afasta homem liso, passa no concurso, come na minha mão e chora nos meus pés. Assim, fica evidente que o nome dos perfumes consiste em construções nominais e frasais, cujo valor semântico é mais facilmente compreendido no ambiente sociolinguístico paraense, sendo, por isso, um instrumento identitário dessa população que desperta a curiosidade dos visitantes no espaço de vendas das erveiras do Ver-o-Peso seja pelo nome dos perfumes seja pela crença atribuída ao uso da essência.

Palavras-chave: Nome dos Perfumes do Pará; Identidade Sociocultural; Análise Semântico-Lexical.

Referências:

BAGNO, M. Preconceito Linguístico.56. ed. São Paulo: Parábola, 2023.
SANTOS, Ariel Silva dos. A Variedade do Quilombo Acaraqui e o Léxico Machadiano: um Estudo Linguístico e Literário. Anal - VII Conil - Maranhão, 2024.

TARALLO, Fernando. A Pesquisa Sociolinguística. São Paulo: Editora Ática, 1997.

Um Estudo Socioterminológico com Passaricultores da Região Metropolitana de Belém

Paulo Santiago de Sousa
Doutor em Linguística e Língua Portuguesa – PPGLLP-Unesp
profpaulosantiago@gmail.com

Esta comunicação integra a pesquisa de doutorado intitulada Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém, elaborada por Sousa (2023). Seu objetivo apresentar uma análise socioterminológica do vocabulário especializado utilizado por passaricultores da Região Metropolitana de Belém (RMB), considerando como os termos emergem, variam e circulam nas práticas comunicativas desse grupo sociocultural. Ressalta-se que os passaricultores são criadores de aves silvestres, especialmente passeriformes, que mantêm essas espécies em ambiente doméstico de forma legalizada, com autorização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Sua atuação envolve o manejo, o cuidado e a reprodução das aves, geralmente com finalidades culturais, esportivas ou comerciais. O estudo parte do pressuposto de que os termos especializados não são unidades estanques, mas construções socioterminológicas que refletem o uso real da linguagem de especialidade em contextos sociais específicos. A pesquisa fundamenta-se nos aportes teóricos de autores como Boulanger (1981/1982), Gaudin (1993) e Faulstich (1995), que concebem a Socioterminologia como um campo que insere a terminologia na prática social, reconhecendo a variação como elemento constitutivo dos discursos técnico-científicos. A investigação caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualiquantitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas realizadas com 12 passaricultores atuantes na RMB. O corpus foi analisado a partir da identificação de sintagmas terminológicos e da ocorrência de variantes lexicais, morfológicas e sinonímicas. Os dados revelam um repertório linguístico rico e dinâmico, marcado por expressões como “manejo para encarte”, “canto praia clássico” e “gaiola voadeira”, entre outras, que refletem práticas específicas e saberes culturalmente compartilhados no universo da criação de aves passeriformes. A análise evidenciou a presença de variantes concorrentes, coocorrentes e competitivas, conforme a tipologia proposta por Faulstich (1996), além de variações terminológicas associadas a fatores regionais e identitários. Conclui-se que a passaricultura constitui uma prática sociocultural com significativo potencial para os estudos terminológicos, sobretudo em razão de sua forte tradição oral e da circulação de termos técnicos entre os membros de uma comunidade de prática. A pesquisa reafirma o papel da Socioterminologia como disciplina voltada à valorização das línguas de especialidade em sua dimensão social, cultural e histórica, contribuindo para a construção de repertórios linguísticos mais representativos e situados.

Palavras-chave: Socioterminologia, Passaricultura, Região Metropolitana de Belém.

Referências:
BOULANGER, Jean-Claude. "Une lecture socio-culturelle de la terminologie". Cahiers de linguistique sociale. (18). pp. 13-30. 1991.
FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina: Ciência da Informação - Vol 24, número 3, 1995.
FAULSTICH, Enilde. Variacoes terminologicas: principios linguisticos de analise e metodo de recolha. Actes: Reflexions méthodologiques sur le travail en terminologie et en terminotique dans les langues latines. Nice, Realiter, Universite de Nice-Sophie Antipolis, p.15-19. 1996. Disponível em: <http://www.realiter.net/spip.php?article630>. Acesso em: 7 de fev. 2023.
GAUDIN, Francois. Pour une socioterminologie. Rouen: Pub. Université de Rouen, 1993.
SOUSA, Paulo Santiago de. Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/7755fb24-0dba-4d08-

9cf9-2f9dc0aaa8e4/content. Acesso em: 20 de jul. 2025.

A DINÂMICA ANTROPONÍMICA NA COMUNIDADE TEMBÉ DA ALDEIA TEKOHAW

Tabita Fernandes da Silva
Doutora UFPA
tabita@ufpa.br

Sâmea Regina Alcântara Rebouças
Mestranda-PPLSA – UFPA
Samearegina2@gmail.com

Resumo: O presente trabalho compõe-se de um estudo sobre a atual prática de nomeação de pessoas na aldeia indígena Tekohaw, localizada no Alto Rio Gurupi, na divisa dos estados do Pará e Maranhão. É uma pesquisa de natureza linguística, inserida no campo da Onomástica, mais precisamente no da antroponímia. Busca-se compreender como se dá, atualmente, a escolha dos nomes dos indivíduos, quais valores e princípios fundamentam tal escolha, bem como as motivações subjacentes ao processo de nomear. Pretende-se, ainda, verificar se tal prática sofreu alterações ao longo do tempo. Para tanto, serão utilizadas as considerações de Gomes (2002) para tecer a história e o modo de vida do povo Tenetehara/Tembé, bem como autores que subsidiam as discussões acerca das concepções de língua e linguagem, Perini (2010), Rodrigues (2008), Macedo (2009), Mota (2003); para apoiar a discussão sobre a formação do signo linguístico para a concretização da comunicação, Maeda (2006) e Frydrych (2012); quanto à dinamicidade do léxico de uma língua, Vilela (1994), Abbade (2001), Biderman (1998) são os principais autores convocados. Para embasar as considerações sobre os estudos onomásticos/antroponímicos e seu caráter social, Nunes (2013), Pereira (2011), Dick (1999) e Silva (2012). Quanto à metodologia, procedeu-se tanto à pesquisa documental quanto à pesquisa de campo, cujos dados obtidos foram analisados sob um viés qualitativo. A pesquisa evidencia como os modos de nomear são diretamente afetados pela dinâmica histórica, social e cultural e aponta, ainda, em seus resultados, para a preservação dos modos tradicionais de nomeação e para a resistência da comunidade perante os antropônimos de origem não indígena, numa atitude de marcar a identidade por meio do uso do antropônimo na língua indígena.

Palavras-chave: Índios Tembé; Nomeação de indivíduos; Dinâmica antroponímica; Motivação antroponímica.

Referências:

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Filologia e o estudo do léxico. In: XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA. Cadernos do CNLF, v. 15, n. 5, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1332 – 1343.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. ReVEL, v. 10, p. 281-294, n. 19, 2012. ISSN 1678-8931.

GOMES, Mércio Pereira. O índio na história: o povo Tenetehara em busca de liberdade. Petrópoles, Vozes, 2002, p.632.

MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. A toponímia sul-mato-grossense: Um estudo dos nomes de fazendas. 2006. 284 f. Tese (Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

MACEDO, Wilza Karla Leão. Por Saussure e Bakhtin: concepções sobre língua/linguagem. I Congresso Nacional de Linguagem e Representações: Linguagens e Leituras. UESC, 2009.

NUNES, Verônica Ramalho. Toponimia e ensino: os nomes de lugares de origem indígena nos livros didáticos de geografia do ensino fundamental, considerações iniciais. Anais do I Simpósio Linguístico,

Literatura e Ensino do Tocantins, p.609, 2013.
PERINI, Mário A. Sobre língua, linguagem e linguística: uma entrevista com Mário Perini. Revista REVEL, vol. 8, n. 14, p. 2, 2010.
RODRIGUES, Leticia Santos. Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germãnicos no Brasil. UFBA –Salvador, p.13, 2016.
RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. Revista REVEL. Edição especial n.2, 2008. ISSN 1678-8931.
SILVA. Irani Sacerdote de Souza. Antroponímia Portuguesa un breve estudo acerca dos nomes e sobrenomes no período medieval. Revista POLIDISCIPLINAR ELETRÔNICA. Faculdade Guairacá. Caderno de Letras – Estudos Linguísticos. v. 4, ed. 1, 2012.

Antropônimos na toponímia de Castanhal - Pará: os logradouros do bairro Jaderlândia

Joherlayne Rodrigues da Silva
Graduanda em Letras/ Português – UFPA
joherlaynesilva1032@gmail.com

Carmen Lúcia Reis Rodrigues
Doutora em Linguística – PPLSA – UFPA
carmenrodrigues89@yahoo.com

Resumo: A toponímia, campo da Onomástica, dedica-se ao estudo dos nomes geográficos, investigando sua origem, estrutura, transformações, significados e distribuição. Esses topônimos não são meras designações: fazem parte da memória de um lugar, preservando signos que delimitam a língua e a história do espaço nomeado, funcionando inclusive como "fósseis linguísticos" que mantêm palavras antigas ou em desuso. A compreensão da motivação toponímica, ou seja, o porquê de um lugar possuir um nome específico, é crucial para entender a identidade e a história local. Neste trabalho, propõe-se apresentar a predominância de antropônimos na nomeação dos logradouros do bairro Jaderlândia, no município de Castanhal, nordeste do Pará. Este estudo, de natureza qualitativa, tem como base teórico-metodológica os estudos de Dick (1990a; 1990b), compreendendo pesquisa bibliográfica e de campo. Para a coleta de dados, analisou-se um mapa atualizado de um cartório de Castanhal, que continha 45 topônimos de ruas e travessas do bairro Jaderlândia, uma vez que o registro desses nomes, no IBGE, se encontra desatualizado. A classificação dos topônimos pesquisados foi realizada a partir do modelo Taxionômico de Dick (1990a; 1990b). A análise dos dados revelou uma predominância marcante de Antropotopônimos, isto é, topônimos referentes a nomes de pessoas, totalizando 36 dos 45 topônimos encontrados, ou seja, 80%. Dentre esses designativos está o topônimo Jaderlândia, que nomeia o bairro. A história do topônimo Jaderlândia ilustra a hipótese de que os nomes têm influência da política e dos comerciantes importantes da cidade em suas denominações; ele classifica-se como um Antropotopônimo e sua causa denominativa remonta a uma homenagem ao Governador Jader Barbalho, que em 1985 adquiriu e distribuiu as terras da então Fazenda Espinheiro aos ocupantes, facilitando a formação do bairro. Outro é exemplo que remonta essa hipótese é do topônimo Francisco Pereira Lago. Segundo Souza (2012) Francisco Pereira Lago teve grande influência na política e no comércio de Castanhal, sendo fundador do PTB no município e dono de estabelecimentos conhecidos. Em entrevista, um morador disse que a nomeação foi feita pela prefeitura na época da ocupação, ressaltando ainda mais a possibilidade de as causas serem de influência política e comercial. A pesquisa demonstra que o processo de nomeação dos logradouros no bairro Jaderlândia não é aleatório, mas intrinsecamente moldado por fatores sociais, históricos, políticos e culturais. A forte inclinação para topônimos de natureza antropocultural reforça a ideia de que os nomes preservam a identidade e a história local. Embora resultados significativos tenham sido alcançados, a pesquisa, em andamento, ressalta a necessidade de aprofundamento através de investigação de campo e entrevistas com mais moradores antigos, visando obter as causas

denominativas de todos os topônimos e consolidar os resultados iniciais.

Palavras-chave: Toponímia, Antropotopônimos, Motivação Toponímica, Jaderlândia, Castanhal/ Pará.

Referências:
DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. Motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.
DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos. 2ª Edição. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990b.
LUZ JUNIOR, Raimundo Silva da. História e Memória da Formação do Bairro Jaderlândia na Cidade de Castanhal – Pará. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 1 Ed., 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: Associação Nacional de História-ANPUH, 2011.
SOARES, Nonato. Castanhal. Sua História, seu Progresso e sua Gente. Belém: Gráfica e Editora Alves, 1997.
SOUZA, Hugo Luiz de. Castanhal e suas Raízes: Outras Histórias. [S.l.]: [s.n.], 2012.

ANTROPONÍMIA E TOPONÍMIA TEMBÉ-TENETEHÁRA DO GURUPÍ/PARÁ

Eliene Rosa Chaves
Doutoranda em Linguística - PPGL-UFPA
elienerosachaves@gmail.com

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira
Doutora em Linguística - PPGL-UFPA
mariliaferreira1@gmail.com

Resumo: O presente trabalho consiste no estudo descritivo do sistema de nomeação tradicional indígena Tembé, descendentes do povo Tenetehára, de origem Tupi, localizado na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), ao norte do Brasil, na Amazônia Paraense. Tem como objetivo apresentar o levantamento quantitativo e os aspectos linguísticos e culturais observados no ato de nomeação dos antropônimos e dos topônimos da língua Tembé-Tenetehara. Assim, os métodos empregados consistem em pesquisa etnográfica com coleta de dados na comunidade da língua em estudo e em estudos bibliográficos dos conteúdos toponímicos e antroponímicos, especialmente no modelo teórico de Dick (1990), entre outros autores que seguem suas orientações, e na investigação dos designativos. Entre os principais resultados da pesquisa, constatamos, em relação aos aspectos taxeonômicos dos topônimos Tembé levantados, que a taxe mais recorrente é a dos zootopônimos e dos fitotopônimos, que são aqueles relativos aos nomes de índole animal e vegetal, respectivamente. No que diz respeito ao conteúdo significativo dos nomes de pessoas em Tembé, antropônimos, é possível verificar que estes se referem às características pessoais do nominador e/ou do nomeado, os quais dizem muito a respeito dos conhecimentos culturais, valores, pensamentos, entre outros aspectos que se refletem na língua de um povo. Importa frisar que esta pesquisa está em andamento, entretanto os resultados parciais mostram fortes indícios da influência indígena no ato de nomear expresso no uso de antropônimos e topônimos Tembé na região do Gurupí.

Palavras-chave: Povo Tembé-Tenetehára; Antroponímia; Toponímia.

Referências:
CARVALHINHOS, P; LIMA, A. T. **Toponímia, teoria e método.** Retratos de tradição e inovação. Linha D'Água: São Paulo-SP, v. 36, n. 01, p. 1-20, jan.-abr. 2023
CARVALHINHOS, P.; SANTOS, C. A. N. **Os nomes próprios entre o logos e a práxis**. A busca pela interdisciplinaridade na Onomástica brasileira. Domínios de Linguagem: Uberlândia-SP, vol. 15,

n. 2, abr. - jun. 2021, p. 263-298.
CAVALCANTE, M. S. D; SANTOS, D. B; e SANTOS, A. M. A. **Toponímia em destaque**: um olhar para a história, a cultura e a língua de uma comunidade. In: Cadernos do CNLF, vol. XXII, n. 03, Textos Completos, Tomo II. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2018, p. 801-814.
CHAVES, E. R. **O léxico da fauna e da flora nos registros de Max Boudin: perda e conservação desse léxico por índios Tembé da região do Gurupí**. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2016.
DICK, M. V. P. A. **A estrutura do signo toponímico.** 1990, p. 287-293. DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Antroponímia no Brasil, Coletânea de Estudos. São Paulo. 1987.
DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Projeção Léxico-Cultural na Onomástica**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, v. 40, p. 161- 173, 1996.
ECKERT, K. **Os sobrenomes dos alunos do IFRS Campus Bento Gonçalves: um estudo onomástico.** Revista Domínios da Linguagem, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 46-66, 2016. Disponível em: www.seer.ufu.br. Acesso em: 30 abr. 2024.
MOTTA, Flávia M.; SILVA, A. L. **Fórum de Pesquisa em Onomástica** (com Aracy L. da Silva) - Resumo/web 2000 (resumo - XXII Reunião Brasileira de Antropologia).
SOUSA, A. M; DARGEL, A. P. T. P. **Onomástica**: interdisciplinaridade e interfaces. GTLex: Uberlândia-SP, vol. 3, n. 1, jul. – dez. 2017.
ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

A terminologia da pesca artesanal como testemunha das dinâmicas da sociedade

Tabita Fernandes da Silva
Doutora em Linguística pela UnB
E-mail: tabita@ufpa.br

Rafael de Lima Alves
Graduando em Letras – Português (UFPA)
E-mail: rafael.alves@braganca.ufpa.br

Resumo: O léxico é fundamental para a caracterização de uma língua, transportando e conservando culturas, saberes e testemunhando as dinâmicas históricas de uma sociedade. Neste contexto, esta pesquisa se insere no campo do léxico, com o objetivo de levantar termos referentes à pesca artesanal praticada por pescadores da Vila do Cajueiro Campos de Baixo, em Bragança-PA. A pesca artesanal é uma atividade cultural importante na região, que envolve não apenas a captura de recursos pesqueiros, mas também uma série de saberes e práticas tradicionais. A pesquisa adotou pressupostos teóricos e metodológicos das Ciências do Léxico, especialmente da Terminologia, com base em estudos de Biderman (1987), Faulstiche (1995) e Barros (2017). Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada pesquisa de campo para coletar dados linguísticos e culturais com pescadores e outros sujeitos envolvidos na atividade. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas e observações, visando registrar o repertório terminológico da pesca artesanal. A pesquisa de campo foi realizada na Vila do Cajueiro Campos de Baixo, em Bragança-PA, com uma amostra de pescadores e outros sujeitos envolvidos na atividade. As entrevistas foram gravadas e transcritas, e os dados foram analisados com base em uma abordagem qualitativa. Além disso, foram realizadas observações da atividade pesqueira, para entender melhor os contextos de uso dos termos e expressões. Os resultados desta pesquisa mostram que o repertório terminológico da pesca artesanal é rico e diversificado, refletindo a complexidade da atividade e a importância da linguagem na transmissão de saberes e práticas tradicionais. Além disso, os resultados destacam a importância da preservação da linguagem e dos saberes associados à pesca artesanal, que estão ameaçados pelo avanço da pesca industrial. Os resultados deste estudo, portanto, destacam a importância do repertório linguístico utilizado na pesca

artesanal, que reflete saberes desenvolvidos pelo homem amazônida na região da Amazônia Oriental. O registro desse repertório terminológico contribui para a permanência da linguagem e dos saberes associados à pesca artesanal, que são fundamentais para a identidade cultural da região. Além disso, a pesquisa contribui para a discussão sobre a importância da preservação da linguagem e dos saberes tradicionais em contextos de mudança cultural e econômica.

Palavras-chave: Terminologia, Pesca artesanal, Bragança-PA, Dinâmicas sociais.

Referências:
BARROS, Susane; ROSA, Flávia; RIBEIRO, Elizabeth M. Princípios e técnicas para elaboração de textos acadêmicos. 2017.
BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. Letras de hoje, v. 22, n. 4, 1987.
FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. Ciência da Informação – v. 24, n. 3, 1995

Nuances da Toponímia Caeteuara: as influências do rio Caeté na nomeação de estabelecimentos das cidades de Augusto Corrêa, Bragança e Tracuateua

Emanoel Avelino Câmara
Mestrando do PPLSA-UFPA
emanoelcamaraec@gmail.com

Tabita Fernandes da Silva
Doutora em Linguística PPLSA-UFPA
tabita@ufpa.br

Resumo: A identidade de um lugar é feita pelas marcas deixadas por aquilo que caracteriza o ambiente, seja no aspecto físico ou cultural, de forma momentânea ou constante. Assim, na Região de Integração Rio Caeté, área do nordeste do estado do Pará que abrange 15 municípios que convergem em relações socioeconômicas, tem-se o rio Caeté como ponto importante para essa representação local, visto que foi e ainda é um local importante para a economia da região, chamada popularmente de Caeteuara, e, para além disso, também, para os saberes históricos e culturais, enriquecendo, assim, a paisagem com beleza, atraindo o olhar da população local e dos turistas. Com base nisso, o objetivo desta pesquisa é analisar as influências que o Rio Caeté possui para a toponímia Caeteuara, sobretudo para a nomeação toponímica nas cidades de Augusto Corrêa, Bragança e Tracuateua, devido a essa importância que possui para a região. Para isso, faz-se o uso de pesquisa bibliográfica e documental, partindo de uma abordagem qualitativa e quantitativa, em que, após as leituras teóricas, foi feito um levantamento dos topônimos baseados no termo "caeté" nas cidades supracitadas, por meio de documentos históricos, dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), redes sociais e buscadores virtuais (como o Google, por exemplo). Assim, com os dados obtidos, será analisado a influência percebida por parte do rio Caeté na nomeação de lugares desses municípios, tais como estabelecimentos comerciais, pontos históricos e turísticos, entre outros. O estudo está fundamentado teoricamente nos princípios da Onomástica, da Lexicologia, e ancora-se em estudos de autores brasileiros. De caráter plenamente interdisciplinar, a pesquisa considera os estudos históricos e hidrográficos sobre o Rio Caeté. Importa ressaltar que esta pesquisa está em andamento, no entanto os resultados parciais obtidos até o momento trazem fortes indicadores da influência marcante do rio Caeté expresso no uso do próprio topônimo "Caeté" na toponímia local desses municípios pertencentes à Região de Integração Rio Caeté.

Palavras-chave: Caeté, Augusto Corrêa, Bragança, Tracuateua, Toponímia, Região de Integração Rio

Caeté.

Referências:
CARVALHINHOS, P; LIMA, A. T. Toponímia, teoria e método. Retratos de tradição e inovação. Linha D ’ Á gua: São Paulo-SP, v. 36, n. 01, p. 1-20, jan.-abr. 2023.
DICK, M. V. P. A. A estrutura do signo toponímico. Língua e Literatura, São Paulo, Brasil, n. 9, p. 287–293, 1980. DOI: 10.11606/issn.2594-5963.lilit.1980.115875. Disponível em: https://revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/115875. Acesso em: 27 de jul. De 2023.
DICK, M. V. P. A. A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, FFLCH-USP, 1980.
SOUSA, A. M; DARGEL, A. P. T. P. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. GTLex: Uberlândia-SP vol. 3, n. 1, p. 1-22, jul. – dez. 2017.
CARVALHINHOS, P.; SANTOS, C. A. N. Os nomes próprios entre o logos e a práxis. A busca pela interdisciplinaridade na Onomástica brasileira. Domínios de Lingu@gem: Uberlândia-SP, vol. 15, n. 2 , p. 263-298, abr. - jun. 2021.

A Influência das Águas na Toponímia do Território Quilombola de Jambuaçu

Lilian Cohen Borges
Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia- PPLSA-UFPA
lilianmoju@gmail.com

Tabita Fernandes da Silva
Doutora em Literatura (UnB) – PPLSA-UFPA
tabita@ufpa.br

Resumo: A toponímia, enquanto campo de estudo linguístico, oferece importantes pistas sobre a relação entre linguagem, memória e espaço. Este trabalho tem como objetivo compreender as motivações que fundamentam a escolha dos nomes das comunidades quilombolas do Território de Jambuaçu, localizado no município de Moju, estado do Pará, com ênfase na influência exercida pelas águas — rios e igarapés — na constituição dos topônimos locais. A pesquisa se ancora nos pressupostos teóricos de Dick (1980; 1990a; 1990b), Andrade (2006) e Seabra (2004), que enfatizam a dimensão cultural, histórica e simbólica da nomeação dos lugares, especialmente em contextos onde a oralidade constitui o principal meio de transmissão do saber. Adotando uma abordagem qualitativa, o estudo foi desenvolvido por meio da memória oral como instrumento de coleta de dados, com a realização de vinte e nove entrevistas. Dois moradores mais antigos de cada comunidade foram entrevistados, com exceção de uma localidade, onde apenas um informante pôde participar. Ao todo, foram analisados dezesseis topônimos, incluindo o nome do próprio território. A metodologia contemplou a elaboração de fichas lexicográficas toponímicas para cada topônimo e a posterior classificação das motivações que deram origem a essas denominações, considerando aspectos linguísticos, geográficos e socioculturais. Os dados revelam que os topônimos compostos híbridos presentes no território de Jambuaçu compartilham uma estrutura comum: a presença de um termo em tupi como o último membro do sintagma toponímico. Esses nomes, de origem indígena, são utilizados especialmente para identificar os cursos d'água que permeiam o território e desempenham papel central como marcos geográficos e de identidade cultural. Comunidades como Nossa Senhora da Conceição do Mirindeua, Ribeira do Jambu-açu, Santa Luzia do Tracuateua, Santa Maria do Mirindeua e Santa Maria do Tracuateua utilizam a preposição "do" para indicar o igarapé ao qual pertencem, evidenciando a íntima relação entre espaço vivido e elementos hidrográficos. Conclui-se que a presença marcante de topônimos de origem tupi associados aos igarapés revela uma forte ligação entre os povos quilombolas de Jambuaçu e os corpos d'água que estruturam o território. Mesmo diante

de transformações históricas e sociais que impactaram a nomenclatura das comunidades, os nomes que designam os rios e igarapés resistem como símbolos da permanência e da valorização das águas na cosmovisão quilombola. O estudo, assim, evidencia a importância das águas não apenas como recurso natural, mas como elemento estruturante da memória coletiva e da identidade territorial dos habitantes do Jambuaçu.

Palavras-chave: Toponímia. Território quilombola. Memória oral. Hidrotopônimo.

Referências:

ANDRADE, K. S. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins: ATITO*. 2006. 207 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ANDRADE, K. S. Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na interdisciplinaridade. *Revista Eletrônica de Linguística Domínios de Lingu@agem*, v. 6, n. 1, p. 205-225, mar./jun. 2012.

ANDRADE, K. S.; DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A interdisciplinaridade no contexto da toponímia: reflexões iniciais de uma proposta aplicada ao ensino. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. v. VI. Campo Grande: UFMS, 2012. p. 193-207.

BARBOSA, A. Lemos. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro. *Dicionário tupi (antigo) – português*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1987.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxeonômicos*. 1980. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira.* São Paulo: Arquivo do Estado de SP, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos.* 2. ed. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1990b.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

O LÉXICO DAS PLANTAS MEDICINAIS CULTIVADAS EM CAPANEMA-PA: Um estudo socioterminológico

Suely Cunha de Souza
Mestranda do PPLSA-UFPA
suelysouzacunha@gmail.com

Carmen Lúcia Reis Rodrigues
Doutora em Linguística – PPLSA – UFPA
carmenrodrigues89@yahoo.com

Resumo: Este trabalho integra a pesquisa socioterminológica e propõe uma análise de termos de plantas medicinais cultivadas na cidade de Capanema-PA. Para reunir material terminográfico, o estudo segue orientações da Terminologia apresentadas por Barros (2004), Krieger e Finatto (2004), Pavel e Nolet (2001). Para a realização de procedimentos teórico-metodológicos, segue orientações da Socioterminologia apresentadas por Faulstich (1995, 2006) e Gaudin (1993). Por meio de uma abordagem quanti-qualitativa, a pesquisa procura: a) selecionar e descrever nomes de plantas medicinais da cidade de Capanema, a fim de registrá-los em glossário eletrônico; b) apontar correspondências e diferenças nas formas lexicais encontradas na denominação das plantas; c)

investigar a origem do léxico dos termos coletados. No levantamento de dados, os instrumentos e recursos usados englobam a revisão bibliográfica, a observação participante, o questionário e a entrevista. Na organização do corpus da pesquisa, o programa WordSmith Tools, versão 5.0 FREE, contribui para a geração da lista de unidades lexicais, para a elaboração da Árvore de domínio e para a construção das fichas terminológicas. Na composição das fichas terminológicas, as descrições dos vegetais evidenciam como as cultivadoras participantes denominam suas plantas. É possível observar, nessas descrições, os traços ou aspectos que são usados como base para a nomeação da planta, se determinada planta recebe mais de um conceito, qual significado a comunidade atribui-lhe ou qual a relação que fazem entre planta-comunidade-nome. Na composição do glossário, produto deste estudo, o programa Lexique Pro, versão 3.6 coopera na estruturação dos verbetes, considerando as seguintes categorias ou campos semânticos: Nome, Motivo, Percepção Sensorial, Indicação, Partes de Uso e Formas de Uso. Dessa forma, na busca por possíveis influências do léxico indígena na terminologia catalogada, o repertório do glossário registra nove termos de origem tupi. Assim, os objetivos traçados para a pesquisa foram alcançados. Contudo, a pesquisa preocupa-se com o desinteresse da nova geração pelos saberes tradicionais. Por isso, pretende disponibilizar o produto em escolas locais, bem como uma possível distribuição do glossário online. No glossário encontram-se as descrições transcritas dos discursos orais que serviram de contexto para a seleção das palavras candidatas a termo, além de possíveis correspondências e diferenças entre os termos que aparecem em seu escopo. Para este trabalho, estudar os termos de uma área especializada em seu contexto de uso só é possível porque a ciência da comunicação entendeu que o meio social é campo produtivo para a criação e a circulação de diversos saberes. Assim, nas incursões realizadas, pode-se vivenciar e evidenciar os saberes de mulheres cultivadoras de plantas nas terminologias usadas por cada uma delas.

Palavras-chave: Capanema-PA, Plantas medicinais, Saber local, Socioterminologia.

Referências:

Barros, Lídia Almeida. 2004. **Curso Básico de Terminologia**. Editora da Universidade de São Paulo. SP

Faulstich, Enilde. 1995. **Socioterminologia:** mais que um método de pesquisa, uma disciplina. Ciência da Informação. Brasília-DF.

Faulstich, Enilde. **A socioterminologia na comunicação científica e técnica.** Ciência e Cultura. SP.

Krieger, Maria da Graça.; Finatto, Maria José Bocorny. 2004. **Introdução à terminologia:** teoria e prática. Contexto. SP.

Pavel, Silvia; Nolet, Diane. 2001. **Manual de terminologia**. Tradução de Enilde Faulstich.
Bureau de la Traduction.Travaux Publics et Services Gouvernementaux Canadá. Québec.

Unidades lexicais especializadas do domínio da Morfologia da Língua Portuguesa: um estudo a partir de dicionários escolares de tipo 1 e 2

Maria da Conceição dos Santos Teixeira
Mestra em Linguística e Literatura – PPGLLIT – UFNT
maria.teixeira@ufnt.edu.br

Nesta pesquisa, estudou-se os termos do domínio da Morfologia no contexto da disciplina Língua Portuguesa no Ensino Fundamental Anos Iniciais, por meio de análises de verbetes em dicionários destinados aos estudantes dessa fase escolar. Para tanto, a análise fundamentou-se nas teorias relacionadas à Terminologia, a partir de teóricos como Cabré (1993), Estopà (2006, 2021), Krieger e Finatto (2022), dentre outros. Evidencia-se, nessa abordagem educacional, os estudos relacionados à aquisição dos conceitos especializados das áreas dos diversificados saberes pelas crianças, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, visto que é nesse contexto inicial que esse público tem os primeiros contatos com as novas terminologias como de ciências, geografia, história,

matemática, dentre outras. Os materiais de análise foram dez dicionários escolares, sendo três de Tipo 1 e sete de Tipo 2, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), no ano de 2012. Como método de pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa com procedimento documental e objetivo descritivo, uma vez que se baseia na observação, descrição e análise de dados a partir da materialidade presente nos documentos educacionais. Os resultados da pesquisa apontam que a terminologia da Morfologia está presente no cotidiano dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, por meio das exigências documentais e dos livros didáticos que as atendem, porém há a necessidade de produtos terminográficos que contemplem essas nomenclaturas e atendam às necessidades do público infantil.

Palavras-chave: Terminologia da Morfologia. Dicionários Escolares. Ensino da Língua Portuguesa.

Toponímia nheengatu de Bragança/PA: uma proposta de sistematização taxionômica

Marcos Jaime Araújo
Doutor em Linguística – UEPA
marcos.jaime@uepa.br

Resumo: a toponímia é o ramo da linguística que estuda os nomes próprios de lugar, investigando suas origens, motivações e estruturas. No município de Bragança, no nordeste paraense, a presença de topônimos de origem nheengatu — herdeira do tupinambá e consolidada como uma forma da Língua Geral Amazônica — revela a influência histórica dessa língua de contato, que permaneceu por cerca de 125 anos como meio de comunicação regional. Embora alguns estudos abordem o valor simbólico e identitário desses nomes, ainda há carência de sistematizações morfológicas e taxionômicas aplicáveis à realidade amazônica. Este artigo parte da pergunta: como classificar e sistematizar, do ponto de vista morfológico, os topônimos nheengatu de Bragança/PA? A hipótese central é a de que tais topônimos apresentam padrões formais regulares que permitem formular uma proposta taxionômica consistente. A pesquisa é qualitativa, com abordagem analítico-descritiva. O corpus consiste em 152 topônimos de base nheengatu coletados em Araújo (2024), por meio de pesquisa documental (mapas, registros oficiais) e confirmados em visitas de campo, com registro de coordenadas geográficas. Foram examinadas as estruturas morfológicas desses nomes (formações simples, derivacionais, compostas e híbridas) e suas motivações semântico-referenciais. A análise baseia-se na morfologia do português e do nheengatu, bem como nos estudos toponímicos e taxionômicos de Dick (1992), Câmara Jr. (1977) e Stradelli (2014). Autores como Kehdi (2005), Gonçalves (2016) e Rodrigues (2011) fornecem aporte adicional sobre formação de palavras e hibridismo linguístico. Utilizou-se a classificação de natureza física e de natureza humana de Dick como referência inicial, adaptando e expandindo categorias conforme a realidade bragantina. A análise dos 152 topônimos revelou 18 padrões morfológicos distintos, evidenciando a produtividade de formações simples (radical único), derivacionais (radical + afixo), compostas (radical + radical) e híbridas (elementos nheengatu combinados com portugueses). Esses padrões refletem a interação histórica entre o nheengatu e o português, mostrando que a taxonomia tradicional precisa ser ampliada para abarcar especificidades regionais, como fitotopônimos associados a plantas locais (Ajuruteua), zootopônimos híbridos (Povoado Juritizal) e corotopônimos (Estrada de Ajuruteua). A proposta taxionômica desenvolvida organiza os topônimos segundo critérios morfológicos e semânticos, oferecendo uma ferramenta de descrição que pode subsidiar futuros estudos comparativos e ações de preservação do patrimônio linguístico amazônico. O estudo conclui destacando a importância de registrar e ensinar esses nomes nas comunidades locais, além de sugerir a aplicação da classificação em outros municípios paraense e amazônicos.

Palavras-chave: Toponímia; Nheengatu; Morfologia; Classificação taxionômica; Bragança/PA; Língua Geral Amazônica.

Toponímia como resistência: o Nheengatu na preservação da memória indígena no nordeste paraense

Marcos Jaime Araújo
Doutor em Linguística – UEPA
E-mail: marcos.jaime@uepa.br

Resumo: a colonização portuguesa no nordeste da paraense deixou profundas marcas nas línguas indígenas e reduziu muitas delas à condição de memória local. Em municípios como Bragança (PA), contudo, diversos topônimos de origem nheengatu — língua herdeira do tupinambá e consolidada como forma da Língua Geral Amazônica — permanecem nomeando rios, vilas e outros elementos geográficos. Tais nomes são vestígios linguísticos e culturais que resistem ao apagamento histórico e simbolizam a presença indígena. Este trabalho parte da hipótese de que a toponímia nheengatu é um marcador de identidade, memória coletiva e resistência, revelando a visão de mundo dos povos originários. A pesquisa adota abordagem qualitativa, descritivo-analítica, baseada em corpus catalogado em pesquisa de doutorado anterior (Araújo, 2024). Foram analisados topônimos nheengatu de Bragança, como Ajuruteua, Camutá e Caeté, explorando-se suas estruturas morfológicas (derivação, composição, hibridismo) e significados. A análise fundamenta-se em estudos de Toponímia (Dick 1990), Morfologia (Câmara Jr., 1977; Kedhy, 2005; Gonçalves, 2016), Língua Geral Amazônica (Rodrigues 2011), Nheengatu (Stradelli, 2014) e teorias de memória e identidade (Nora 1984; Candau 2012). Além da revisão bibliográfica, foram utilizados registros históricos e mapas antigos, confrontando dados linguísticos com fontes etnohistóricas para contextualizar a nomeação e permanência desses topônimos. Os resultados evidenciam que os topônimos nheengatu da região apresentam riqueza morfo-semântica e conservam referências a rios, fauna, flora e práticas socioculturais dos povos indígenas. Mesmo quando hibridizados com o português, esses nomes funcionam como "lugares de memória", simbolizando a resistência cultural e reafirmando a territorialidade indígena frente a políticas de apagamento e à escolarização em português. A pesquisa conclui ser fundamental documentar, preservar e ensinar essa toponímia nas escolas e comunidades locais, reconhecendo-a como patrimônio imaterial. Recomenda-se ampliar estudos comparativos em outras áreas da Amazônia para aprofundar a compreensão da diversidade lexical indígena e apoiar iniciativas de revitalização linguística.

Palavras-chave: Toponímia; Nheengatu; Memória indígena; Resistência cultural; Identidade; Amazônia.

Estudo do vocabulário presente em um livro didático de língua portuguesa para o 6o ano: uma análise a partir dos glossários

Iandra Leticia Carvalho de Jesus
Mestra em Linguística e Literatura – PPGLLIT – UFNT
iandraleticiacarvalho@hotmail.com

A definição da palavra-entrada é a tarefa mais importante e complexa em obras lexicográficas, com a função de oferecer aos consulentes informações sobre o significado das unidades lexicais de uma língua, permitindo-lhes apreender seus sentidos e utilizá-las de acordo com necessidades comunicativas. Nesta pesquisa, o objetivo principal foi analisar o ensino do léxico da língua a partir dos glossários no livro do 6º ano da coleção Português Linguagens. Buscou-se verificar se os glossários, enquanto ferramentas pedagógicas, são didáticos na apresentação das definições dos significados das unidades léxicas ao público-alvo. Para tanto, os objetivos específicos foram: (i) observar a apropriação, clareza e precisão das definições para o público-alvo; (ii) comparar as definições dos glossários do livro didático com as de dicionários de tipo 3; e (iii) averiguar se as palavras dos glossários compõem a nomenclatura dos dicionários aprovados pelo PNLD (2012). Este

estudo está ancorado em contribuições teóricas sobre léxico, léxico e ensino, Lexicografia, Lexicografia Pedagógica e definição lexicográfica. No que concerne à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa e documental, de abordagem indutiva, cujo corpus é formado pelos glossários do livro didático Português Linguagens. A consulta aos dicionários escolares de tipo 3 foi realizada para fins de comparação e verificação. A partir deste trabalho, constatou-se que os glossários se mostraram boas ferramentas pedagógicas e podem ser mais explorados em sala de aula a partir do direcionamento dos professores, colaborando para o desenvolvimento do vocabulário dos alunos.

Palavras-chave: Definição lexicográfica. Glossários. Léxico e ensino no Nível Fundamental.

Toponímia urbana em Libras: influencias linguísticas nos sinais dos bairros de Imperatriz/MA

Zanado Pavão Sousa Mesquita
Doutorando do PPGLLIT/UFNT
zanado.mesquita@ufnt.edu.br

Ana Claudia Castiglioni
Doutora em Estudos Linguísticos
PPGLLIT/UFNT
ana.castiglioni@ufnt.edu.br

Resumo: A criação de sinais toponímicos se dá pelos mais diversos meios e esses sinais devem atender as necessidades comunicativas das comunidades surdas que os utilizam. No entanto, os interesses da criação desses sinais podem ser devido a aspectos linguísticos, históricos, culturais e econômicos. Nas pesquisas da língua de sinais são apresentadas, normalmente, as diferentes análises fonológicas e semântico-motivacionais dos sinais toponímicos de diferentes localidades do Brasil. A partir dos sinais toponímicos que já estão em circulação em Imperatriz/MA, pretendemos nesta comunicação apresentar o projeto de pesquisa do doutorado que visa analisar os processos linguísticos que motivaram a criação dos sinais toponímicos urbanos utilizados pela comunidade surda na cidade de Imperatriz/MA. Como objetivos específicos pretendemos (i) coletar os topônimos urbanos da língua de sinais do município de Imperatriz/MA, (ii) identificar e categorizar, por meio dos aspectos fonológico e semântico-motivacionais, os sinais criados para os topônimos da cidade de Imperatriz/MA e (iii) descrever e discutir os processos linguísticos que influenciaram a criação dos sinais toponímicos urbanos para traçar o perfil predominante dessa motivação. Esta pesquisa se propõem a ser da abordagem qualitativa, pois entende-se que traz a possibilidade de apropriabilidade de métodos e teorias e possibilita, também, que os participantes exponham suas perspectivas e modos de vidas diversos. Isso contribui para que o pesquisador seja uma pessoa reflexiva e traga essas reflexões para a pesquisa (Flick, 2009). Dessa forma, os dados serão levantados – lista de topônimos - por meio do contato formal, via ofício, com os profissionais responsáveis pelos setores de cartografia ou topografia do TRE - Tribunal Regional Eleitoral e da Prefeitura Municipal de Imperatriz - PMI, além de utilizar o google maps na consulta e levantamento dos dados. No entanto, os principais informantes da pesquisa serão os surdos, pois validarão o uso dos sinais. Pelo fato de haver previsão de contato com os informantes da pesquisa, os surdos, ela se propõe a ser de cunho etnográfico, pois, se utilizará entrevistas com surdos moradores de Imperatriz, observação no interior da comunidade pesquisada além de utilizar o caderno de bordo. Por tratar de pesquisa com seres humanos o projeto será enviado para o Conselho de Ética da Pesquisa a fim de garantir a segurança dos seus participantes. Portanto, esta pesquisa em andamento pretende traçar um perfil motivacional do ato nomeativo dos surdos a partir dos sinais que já estão em circulação na comunidade surda de Imperatriz. A relevância desse estudo se concentra na compreensão e descrição dos modos de nomeação (sinalização) dos espaços urbanos pelos surdos.

Palavras-chave: Libras, Nomeação, Sinais toponímicos, Surdos.

Referências:
Flick, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

As contribuições da gamificação nas aulas de língua portuguesa: explorando metodologias lúdicas para o ensino do léxico

Edna da Silva Torres
Doutoranda – PPGLLIT-UFNT
Profa.ednatorres@gmail.com

Ana Claudia Castiglioni
Doutora em Estudos Linguísticos - PPGLLIT-UFNT
anacastiglioni@hotmail.com

Resumo: Nesta comunicação será apresentado o projeto de pesquisa, intitulado "As Contribuições da Gamificação nas aulas de Língua Portuguesa: explorando metodologias lúdicas para o ensino do léxico", tem como objetivo investigar o impacto das metodologias gamificadas no ensino do léxico. Fundamentada nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) e no Documento Curricular do Território Maranhense - DCTMA (2019). A referida pesquisa busca compreender de que forma a gamificação pode ser integrada ao ensino da Língua Portuguesa, promovendo uma aprendizagem mais dinâmica, interativa e eficaz. Para que a gamificação seja efetiva no ensino do léxico, as escolas precisam de infraestrutura tecnológica adequada, e os professores devem estar preparados para utilizar metodologias ativas de ensino. Entre as necessidades para a implementação da gamificação nas aulas de Língua Portuguesa, podemos destacar: Capacitação docente em metodologias ativas e uso de TDICs; Disponibilização de dispositivos móveis e acesso à internet; Desenvolvimento de materiais didáticos digitais adaptados à gamificação; Suporte técnico para auxiliar os professores na implementação das tecnologias; políticas educacionais que incentivem o uso planejado de tecnologias digitais. A metodologia adotada para este estudo será qualitativa e estruturada na pesquisa-ação, visando compreender e intervir no contexto escolar por meio da implementação da gamificação no ensino do léxico. A pesquisa será realizada em uma escola pública do município de Imperatriz (MA), onde os professores de Língua Portuguesa enfrentam desafios para engajar os alunos no ensino do léxico. A escolha desse contexto justifica-se pela necessidade de desenvolver práticas inovadoras que atendam às demandas da instituição e favoreçam a aprendizagem significativa Tendo como aporte teórico estudiosos renomados como Antunes (2012), Royo (2012), Krieger (2004;2005), entre outros, com embasamento na teoria de Vigotsky com o papel da interação social e mediação e o uso de ferramentas culturais, segundo ele, a linguagem e a tecnologia, fazendo a aplicação dos princípios vigotskyianos, desta forma se poderá implementar de forma mais fácil os processos de ensino/aprendizagem no âmbito da gamificação, se baseando na teoria da Autodeterminação (TAD), proposta por Edward Deci e Richard Ryan, segundo os autores, a TAD sugere que a moticação é essencial para o engajamento humanos nas atividades e partem de um tripé: Autonomia, Competência e Relação. De acordo com Kenski (2007), “Não há dúvidas de que as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação”, logo, observa se que a gamificação, aliada às TDICs e ao potencial da Inteligência Artificial, pode transformar o ensino do léxico, tornando-o mais envolvente e significativo. A formação docente e o investimento em infraestrutura tecnológica são fatores fundamentais para que essa inovação seja aplicada com sucesso no contexto escolar Logo, este estudo será de grande valia e contributos para o ensino da lexicologia pelo viés da gamificação atrelada a formação de professores, assim, tornando o desenvolvimento da práxis pedagógica mais eficaz e consequentemente o ensino do vocabulário de forma divertida e desafiadora.

Palavras-chave: Léxico, Gamificação, Língua Portuguesa Ensino.

Referências:
ANTUNES, Irandé. O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Ministério da Educação, 2018. A
_____. Ministério da Educação e do Desporto (MEC). Portaria nº 522 de 09 de abril de 1997. Criação do Programa Nacional de Informática na Educação – ProInfo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 abr. 1997. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001167.pdf Acesso em: 02 fev. 2024.
COSTA, D. G. Tecnologias digitais da informação e comunicação aplicadas à educação: análise pedagógica de jogos digitais. Dissertação de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas. UFVJM. 187 f. 2016. Disponível em: Acesso em: 15 dez 2023.
ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264p. THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo, Cortez, 1992.

Terminologia e ensino: análises preliminares para a construção de um banco de dados terminológico para a educação básica

Henzo de Oliveira Viturino
Universidade Federal do Norte do Tocantins/UFNT
henzo.viturino@ufnt.edu.br

Ana Claudia Castiglioni
Universidade Federal do Norte do Tocantins/UFNT

Pensar em Terminologia é pensar no ser humano e na mais importante ferramenta de comunicação já criada por ele: a língua. A Terminologia, enquanto área do conhecimento voltada para o estudo da linguagem de especialidade pode desempenhar um papel crucial na aprendizagem. O domínio e a compreensão de terminologias, manifestadas nas disciplinas estudadas em todos os níveis educacionais e constantes desde os primeiros contatos do ser humano com a escolarização, são essenciais para o aprendizado em qualquer área, sendo um fator determinante para a progressão escolar e para o desenvolvimento de competências leitoras e interpretativas. No entanto, a ausência de uma abordagem terminológica estruturada na educação básica pode se tornar um entrave, dificultando a compreensão de conteúdos e impactando diretamente o desempenho dos alunos. Diante dessa constatação, temos como objetivo apresentar os resultados preliminares de uma pesquisa em desenvolvimento que visa criar um banco de dados terminológico educacional. Esse banco de dados visa atender a elaboração de dicionários e outros produtos terminográficos voltados para a educação básica: ensino fundamental (anos iniciais), ensino fundamental (anos finais), ensino médio. Desse modo, como resultados preliminares, apresentaremos a análise da situação do ensino no Brasil a partir de dados disponibilizados por órgãos oficiais vinculados ao governo brasileiro, tais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Os dados que entendemos como relevantes para a análise incluem taxas de analfabetismo, reprovação e abandono. Realizamos também uma análise de dados relacionados à leitura no Brasil, a partir de uma extração de informações disponibilizadas pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) e pelo Estudo Internacional de Progresso em Leitura (PIRLS). Além disso, analisamos bancos de dados terminológicos que atendem, em alguma medida, à aprendizagem. Observamos, no recorte analisado, que não há bancos voltados exclusivamente para a educação básica. Desse modo, entendemos que o produto que vamos elaborar deverá armazenar informações adequadas à faixa etária do público-alvo

(alunos da educação básica) que auxiliem na compreensão dos conceitos relacionados aos termos das disciplinas estudadas em cada nível educacional, de forma que possa, de fato auxiliar para minimizar as assimetrias da aprendizagem no país.

Palavras-chave: Terminologia. Educação. Bancos de dados terminológicos

SIMPÓSIO TEMÁTICO
Estudos Geossociolinguísticos na Amazônia Brasileira

Ronaldo Nogueira de Moraes
Maria Rilda Alves da Silva Martins

COMUNICAÇÕES

Uso do artigo definido antes de nome próprio de pessoas em postagens da internet: considerações preliminares

Variação do tu/você/ocê/cê/senhor(a) em cinco comunidades tocantinenses

Navegando no “boca de litro” e no “rabo táxi”: uma análise sobre a nomeação de barcos de uso familiar no Município de Cametá-Pará

O Uso do Pronome Pessoal “Tu” no Português da Amazônia Paraense: um olhar sobre a obra Chove nos Campos de Cachoeira de Dalcídio Jurandir

Variação do Item Lexical “Prostituta”: estudo a partir do corpus do Projeto AlinTo

Variação do R em coda silábica no português falado no Tocantins

Variação Lexical para o Item "Prostituta" no Tocantins: Estudo A Partir do Corpus do Projeto Aspectos Sociodialetais da Língua Falada do Tocantins

Variação Lexical Em Áreas Urbanas E Indígenas Do Amapá: Um olhar para o campo semântico “corpo humano”

ENTRE LEIS E LÍNGUAS: A Política Linguística Indígena no Tocantins

ASPECTOS SOCIODIALETAIS DO TOCANTINS: tabus linguísticos

Memória e o Território: O Léxico Quilombola como Expressão Identitária do Baixo Tocantins

Variação lexical nos dados do ALiB da região Norte: campo semântico vestuários e acessórios

As Variantes do /R/ na Fala do Boa-vistense

Variação lexical em campos semânticos: estudo geossociolinguístico dos termos usados nos jogos dos povos indígenas das comunidades Krahô de Goiatins –TO e Xerente de Tocantínia

Uso do artigo definido antes de nome próprio de pessoas em postagens da internet: considerações preliminares

Ronaldo Nogueira de Moraes
Doutor em Linguística – PPGL-UFPA
ronaldo645@yahoo.com.br

Resumo: O português brasileiro (PB) se caracteriza por uma gama de fenômenos linguísticos variáveis, tanto na fala quanto na escrita, que o distingue não apenas do português europeu (PE), mas também das demais línguas românicas. A possibilidade de se usar artigo definido antes de nomes próprios de pessoas – os antropônimos – é um, dentre tantos usos linguísticos característicos do PB, traço variável da nossa comunidade de fala que marca uma significativa diferença entre PB e PE, no que diz respeito, inicialmente, à língua falada: em terras d'aquém-mar, uso variável; em terras d'além-mar, uso categórico (cf. Castro, 2001; Raposo, 1992; Raposo e Nascimento, 2013). Tem-se já significativos trabalhos que investigaram o fenômeno na fala de brasileiros de todas as regiões do país (cf. Almeida Mendes, 2015; Callou e Silva, 1997; Leite e Callou, 2002; Lima e Moraes, 2019; Moraes, 2023a; Moraes e Lima, 2021;). No que diz respeito à modalidade escrita da língua, no entanto, as investigações ainda são escassas, mas é possível destacar os trabalhos de Amaral (2010), Brito; Lacerda; Carneiro (2019), Costa (2002), Magalhães (2011), Menon, (2014), Moraes (2023b) e Souza (2024). Este trabalho, ainda em andamento e embasado nos pressupostos metodológicos da Geossociolinguística (Lima; Razky; Oliveira, 2020), objetiva apresentar observações preliminares de uma análise da variação no uso do artigo definido diante de nome próprio de pessoas em postagens da internet, de usuários da Plataforma X, antigo Twitter. Os perfis escolhidos para verificação são de internautas identificados como residentes nas capitais dos estados da Região Norte do Brasil, a saber Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Palmas, Porto Velho e Rio Branco. Os casos de uso de nome próprio de pessoas, com ou sem artigo, são extraídos das postagens em seu contexto de ocorrência, classificados segundo variáveis como estrutura do sintagma nominal antroponímico, presença de títulos, grau intimidade, presença e tipo de preposição, gênero do nome próprio e sexo do autor(a) das postagens. Os dados coletados foram submetidos ao programa de análise multivariável GoldVarb X para análise preliminar. Os resultados iniciais, com observação do fenômeno em postagens de usuários de Belém, Macapá e Manaus, mostram que na escrita desses internautas o artigo precede o nome próprio em 62% das ocorrências. Os resultados mostram, ainda, que a capital Belém está à frente, com 65%, seguida por Macapá, com 62%, e por Manaus, com 59%. Esses resultados preliminares sugerem que esse tipo de escrita, considerada informal, se aproxima das ocorrências de dados da fala, em que o artigo está presente na maioria dos casos de antropônimos, conforme já demonstraram Lima e Moraes (2019) e Moraes e Lima (2021).

Palavras-chave: Artigo Definido, Nome Próprio, Postagens da Internet, Geossociolinguística.

Referências:

ALMEIDA MENDES, A. **A ausência e/ou presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos moradores das cidades de Abre Campo e Matipó** – um estudo sociolinguístico. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

AMARAL, E. T. R. Classificação dos usos de antropônimos no português escrito. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.7, n.2, p. 74-92, jul./dez. 2010.

BRITO, R. C.; LACERDA, M. F. de O.; CARNEIRO, Z. de O. N. Estudo morfossintático de cartas de inábeis do sertão baiano (século xx): o artigo definido diante de sintagma nominal**. A Cor das Letras**,

Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 67–78, 2019.
CALLOU, D; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, D. da (org.). **Diversidade linguística no Brasil. João Pessoa**: Ed. Ideia, 1997. p. 11-27.
CASTRO, A. Os possessivos em português europeu e português brasileiro – unidade e diversidade. In: **XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa. Anais do Encontro. Lisboa: APL, 2001.
COSTA, I. O uso do artigo definido diante de nome próprio de pessoa e de possessivo do século XIII ao século XVI. In: MATTOS & SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). **O português quinhentista**: estudos linguísticos. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 284-306.
LEITE, Y; CALLOU, D. **Como falam os brasileiros.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
LIMA, A. F. de.; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de. A metodologia geossociolinguística. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de.; LIMA, A. F. de. (orgs). **Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro**. Vol 2. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 11-47.
LIMA, A. F. de.; MORAES, R. N. de. Uso do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte do Brasil. **Revista Moara**, Belém, n. 54, p. 69-93, ago./dez. 2019.
MAGALHÃES, T. V. O uso de artigo definido diante de pronome possessivo em textos portugueses do século XVI a XIX. **Leitura,** Maceió, n.47, p. 123-143, 2011.
MENON, O. P. S. Diferenças entre o PB e o PE, a partir das traduções de *Inferno*, de Dan Brown. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DA AILP (ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS), 3., Macau. **Anais** [...]. Macau: Universidade de Macau, 2014.
MORAES, R. N. de. **Uso do artigo definido diante de nome próprio no português brasileiro:** estudo a partir do corpus do Atlas Linguístico do Brasil. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, Belém, 2023a.
MORAES, R. N. de. Uso do artigo definido antes de nome próprio em postagens da internet. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 17, p. e1742, 2023b.
MORAES, R. N. de; LIMA, A. F. de. Variação do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte e nordeste do Brasil. In: LIMA, A. F. de.; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de. (org.). **Estudos geossociolinguísticos** vol. 3: edição comemorativa de 25 anos. Campinas: Pontes, 2021, v. 3. p. 157-186.
RAPOSO, E. P. Teoria da gramática: a faculdade da linguagem. Lisboa: Ed. Caminho, 1992.
RAPOSO, E. P.; NASCIMENTO, M. F. B. Nomes próprios. In. RAPOSO, E. P. et al. (Coord.) **Gramática do português**. Vol 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 991-1041.
SOUZA, E. S. Análise diatópica e diacrônica do uso do artigo definido antes de antropônimos: Bahia e São Paulo nos séculos XIX e XX. **Domínios de Linguagem**. Uberlândia. vol. 18, p. e1810, 2024.

Variação do tu/você/ocê/cê/senhor(a) em cinco comunidades tocantinenses

Maria Rilda Alves da Silva Martins
Doutora em Letras/Linguísticas IFTO/Palmas
rilda_gestar@ifto.edu.br

Resumo: Este trabalho reúne cinco pesquisas realizadas na região central do Estado do Tocantins, com o objetivo apresentar os resultados da variação da segunda pessoa do singular em diferentes comunidades de fala: Porto Nacional, Palmas, Distrito de Taquaruçu, Distrito de Luzimangues e a comunidade remanescente Canela, localizada em Palmas–TO. Para subsidiar as análises, foram considerados os aportes de Labov (2008), Lucca (2005), Mollica (2012), Guy (2007) e vários outros autores que trabalharam com esse fenômeno no Brasil. As amostras foram estratificadas de acordo com as variáveis sociais: faixa etária (de 18 a 35, 36 a 55 e mais de 55 anos), sexo (masculino e feminino) e nível de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior). As ocorrências registradas foram tratadas estatisticamente com o auxílio do software GoldVarb X. Os resultados revelaram um quadro heterogêneo da variação de segunda pessoa do singular. No Distrito de Taquaruçu, observou-se

predominância das formas “cê/você”. Na comunidade Canela, destacou-se a alternância entre “cê/você/ocê/senhor/senhora”, sendo “cê” e “você” as mais frequentes, com forte produtividade também de “senhor/senhora”. Diferentemente, no Distrito de Luzimangues, registraram-se mais o “você” e “cê”, enquanto que o “tu” e “ocê” foram pouco usados. Já em Palmas, contrariando a hipótese inicial de que “cê” seria a variante predominante, verificou-se maior preferência por “você”, sendo “tu” pouco frequente e havendo ainda usos de “a senhora”. Por fim, em Porto Nacional, constatou-se maior alternância entre “você” e “cê”, variantes mais prototípicas, enquanto “tu” apresentou baixa produtividade. Conclui-se que a forma “você” mantém-se como a variante mais recorrente em quase todas as comunidades analisadas, porém o “cê” se apresentou como alternativa expressiva, sobretudo em contextos informais. O pronome “tu” apareceu em menor escala, assumindo posição periférica e o uso de “senhor/senhora” confirma-se em situações de maior formalidade. Esses resultados reforçam a interatividade da variação de segunda pessoa do singular no Tocantins, revelando traços identitários e socioculturais que caracterizam as comunidades investigadas.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação linguística; Pronomes pessoais; Comunidades de fala.

Referências:

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. Sociolingüística quantitativa – instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, Willian. Padrões Sociolinguísticos. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Sherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. A variação tu/você na fala brasiliense. Dissertação de Mestrado. Brasília: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Brasília, 2005.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2012.

Navegando no “boca de litro” e no “rabo táxi”: uma análise sobre a nomeação de barcos de uso familiar no Município de Cametá-Pará

Raimundo Vitor Damasceno da Silva
Graduado do FAL-UFPA
vitor01damasceno00@gmail.com

Benedita Maria do Socorro Campos-de-Sousa
Doutora em Linguística – FAL - PPGEL-UFPA
bmscampos@ufpa.br

Resumo: Este trabalho, intitulado Navegando no “Boca de Litro” e no “Rabo Táxi”: uma análise sobre a nomeação de barcos de uso familiar no município de Cametá-Pará, busca analisar a nomeação de embarcações como prática linguística, cultural e simbólica, ressaltando seu valor para a preservação da memória social e para a compreensão das dinâmicas identitárias da Amazônia contemporânea. Como objetivos específicos, busca-se: identificar os principais padrões de nomeação de embarcações na região; compreender as motivações culturais, religiosas e sociais envolvidas nesse processo; discutir o papel da linguagem como elemento de preservação da memória e de resistência cultural. Parte-se da concepção de que nomear não é um ato neutro, mas uma forma de atribuir significados que revelam memórias, crenças, afetos e modos de vida. O modo de vida cametaense movimenta-se pelas águas dos rios que conduzem suas embarcações, que permite contato com Capital e com a maioria de seus distritos. A pesquisa foi desenvolvida a partir da orientação de autores como Butler (1990), Cauduro (1991), Correa (2021); Bakhtin (1999); Peirce (2005), Anderson (2008); Fiorin (2010), Saussure (2012), Amaral (2020) e Moreira (2021), aliado a uma investigação de campo que abrangeu seis distritos e dez localidades ribeirinhas, com o registro de 226 nomes de embarcações. A análise seguiu uma abordagem qualiquantitativa, permitindo tanto a categorização dos nomes quanto a interpretação

de seus sentidos simbólicos. Os resultados indicaram a predominância de nomes religiosos, que evidenciam a forte presença da fé no cotidiano das comunidades, além de nomes familiares, afetivos e criativos, que expressam vínculos de pertencimento, memória e identidade. Constatou-se que a nomeação das embarcações vai além da função prática de identificação: trata-se de uma prática discursiva que reafirma valores culturais e ressignifica tradições locais. Cada nome de barco constitui um signo cultural, representando a forma como os ribeirinhos se relacionam com o rio, com a comunidade e com o sagrado. A interpretação de que a nomeação vai além da função prática, constituindo uma prática discursiva de ressignificação cultural, mostra-se convincente e coerente com os aportes teóricos mobilizados. Assim, o estudo contribui para a valorização dos saberes populares e da memória cultural cametaense, oferecendo subsídios para novas pesquisas interdisciplinares e reforçando a importância da linguagem na construção da identidade coletiva.

Palavras-chave: linguagem; cultura; identidade signo linguístico; embarcações.

Referências:

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira**. Editora Blucher, 2020.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais**.** São Paulo: Hucitec, 1999.

CORREA, Ellen Cristina da Silva, et al. **Estudos coloniais e decoloniais nos nomes das embarcações de pesca do município de São João de Pirabas-Pará**. Research, Society and Development, v. 9, n. 10, e2949107760, 2021. Acessado em 20/07/2025. Disponivel em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7760/7773

DIAS, Edir Augusto. **Espaço e tempo nas representações da Amazônia ribeirinha.** In. Figuras de espaço: ensaios de geografia, pesquisa e educação. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

FIDALGO, Antônio; GRADIM, Anabela. **Manual de Semiótica**. UBI – Portugal. 2004/2005.

FIORIN, José Luiz. **Teoria dos signos**. In. Introdução à Linguistica. 6 ed. Revista e atualizado. São Paulo: Contexto, 2010.

LEAL, Maria Rita Mendes. O primeiro acto linguístico de nomear algo para alguém. ReVEL. Vol. 6, n. 11, agosto de 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

LONGO, Giovan. **O nome e o ato de nomear**: o reconhecimento do outro em Benjamim e Levinas. Joao pessoal, v9. N1., p. 55-66, 2022. Acessado em: 01/12/2024. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/61897/35501

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús**. Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica;** [tradução José Teixeira Coelho Neto]. - São Paulo Perspectiva, 2005. -- (Estudos; 46/ dirigida por J. Guinsburg)

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Linguística Geral. Cultrix Editora, 2012.

O Uso do Pronome Pessoal “Tu” no Português da Amazônia Paraense: um olhar sobre a obra Chove nos Campos de Cachoeira de Dalcídio Jurandir

Dayane Araújo Damasceno
Graduanda em Letras Língua Portuguesa do ILC – UFPA
dayanedamasceno251@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística / Docente do ILC e do PPGCITE – UFPA
braynacardoso@ufpa.br

Resumo: Ao longo dos anos a Sociolinguística se consolidou no que se refere aos estudos do comportamento linguístico brasileiro, retratando um campo profícuo para a realização de pesquisas de diferentes naturezas, destacando a variedade das marcas linguísticas regionais. Assim, considerando os contextos culturais, sociais e históricos que estão inseridos em diferentes comunidades de fala. A variação faz parte do processo essencial de valorização e preservação da identidade linguística por meio da linguagem oral e, também escrita. Desta forma, tais elementos vêm sendo atualmente retratados em livros, que evidenciam as falas e particularidades de Belém do Pará. Desse modo, estimulando a construção da identidade e o reconhecimento social, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar a variação linguística do uso do pronome pessoal "Tu" na obra Chove nos Campos de Cachoeira, do escritor paraense Dalcídio Jurandir, fundamentado na perspectiva sociolinguística e nos estudos de marca identitária utilizada em contextos de uso. A pesquisa parte do pressuposto da utilização do pronome "Tu" que anuncia os usos particulares tanto em termos morfológicos quanto sintáticos como as diversas combinações com formas verbais da terceira pessoa e utilização em diferentes contextos, com a intenção do enunciador, o que revela traços característicos da variedade linguística paraense. Assim, a presença do pronome pessoal tu, na obra Chove nos campos de cachoeira, mostra-se como um recurso de autenticidade que auxilia na manutenção das marcas linguísticas e reconhecimento do local de origem. Esse estudo tem como referencial teórico Bagno (2011), Labov (2008) e Celso Cunha (2017) que abordam estudos sobre a variação linguística e análise morfossintática dos termos em destaque. De acordo com Bagno (2011) a variação linguística pertence à própria natureza, ou seja, é uma manifestação natural acompanhada das diferenças sociais e culturais de seus falantes. Em virtude disso, o estudo do pronome pessoal tu a partir da obra de Dalcídio Jurandir não apenas ressalta a importância da valorização mas aborda a compreensão das expressões regionais em seus contextos de uso reais.

Referência:

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
CUNHA, Celso; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo** [recurso eletrônico) /Celso Cunha, Lindley Cintra.7. ed., reimpr. —Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Variação do Item Lexical "Prostituta": estudo a partir do corpus do Projeto AlinTo

Ana Clara Vidal Batista
Graduanda em Letras/Português IFTO/Palmas
ana.batista4@estudanar.ifto.edu.br

Maria Rilda Alves da Silva
Doutora em Linguística IFTO/Palmas
rilda_gestrar@ifto.edu.br

Resumo: Este estudo integra um projeto de pesquisa em andamento que tem como objetivo analisar as variantes linguísticas encontradas no corpus do Projeto Atlas Linguístico do Tocantins (ALinTo) para o item lexical "prostituta". Como pressupostos teóricos e metodológicos, adotamos os trabalhos de Labov (2008), Brandão (1991), Ferreira e Cardoso (1994), Cardoso (2010), Aragão (2009), Guedes (2012) e Benke (2012). Além disso, o presente trabalho segue a abordagem metodológica da geolinguística e da sociolinguística variacionista, dentro de uma perspectiva geossociolinguística

proposta por Lima, Razky e Oliveira (2020). Nessa linha, os dados são analisados não apenas em função da distribuição espacial das variantes lexicais, mas também em sua relação com fatores sociais. Foram selecionados nove municípios, com seis participantes em cada um, totalizando 54 entrevistados, distribuídos da seguinte forma: Araguatins (Ponto 1), Xambioá (Ponto 2), Tocantinópolis (Ponto 3), Araguacema (Ponto 4), Pedro Afonso (Ponto 5), Miracema (Ponto 6), Formoso do Araguaia (Ponto 7), Dianópolis (Ponto 8) e Paranã (Ponto 9). Os informantes foram escolhidos a partir dos seguintes critérios: 1 homem e 1 mulher de 18 a 35 anos, com ensino fundamental incompleto e completo; 1 homem e 1 mulher de 36 a 55 anos, com ensino fundamental incompleto e completo; 1 homem e 1 mulher com mais de 56 anos, com ensino fundamental incompleto e completo. Para a coleta de dados, aplicou-se o questionário semântico lexical do Projeto ALinTo, delimitando-se o item "prostituta", pertencente ao campo semântico "convívio e comportamento social" (questão nº 164 do referido questionário). Os resultados parciais indicam que, nos quatro municípios já analisados no Estado do Tocantins, há variação lexical para o item em questão, com quatro lexias registradas: "prostituta", "meretriz", "rapariga" e "quenga". Os dados serão apresentado em gráficos, tabelas e cartas linguísticas. Ressalta-se que este estudo ainda está em andamento, restando cinco municípios a serem investigados.

Palavras-chave: Variação Lexical; Tabus Linguísticos; Sociolinguística; Tocantins.

Referências:

Aaragão, M. S.. O Léxico Da Região Norte Do Brasil. Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC - Manaus, AM - Julho/2009.

Benke, V. Tabus Linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos. 2012. 314 p. Dissertação (Mestrando em estudos da Linguagem). Departamento de Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

Cardoso, S. Geolinguística: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

Ferreira, C.; Cardoso, S. A dialetologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 1994.

Guedes, R. Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do Estado do Pará. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

Labov, W. Padrões Sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

Lima, A. F.; Razky, A.; Oliveira, M. B. A metodologia geossociolinguística. In: Razky, A.; Oliveira, M. B.; Lima, A. F. (orgs). Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro. Vol 2. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 11-47.

Variação do R em coda silábica no português falado no Tocantins

Isabel Cristina B. Oliveira
Graduanda Letras Habilitação LP IFTO – Campus Palmas
isabel.oliveira@estudante.ifto.edu.br

Profª Drª Maria Rilda Alves da Silva Martins
IFTO/Palmas

Resumo A variação linguística é um fenômeno universal que reflete a diversidade sociocultural e histórica das comunidades. No Brasil, tal diversidade se manifesta em diferentes sotaques, vocabulários e construções frasais, influenciados por fatores como origem geográfica, faixa etária, escolaridade, gênero e pertencimento a grupos sociais. A Sociolinguística variacionista a partir dos estudos de William Labov, reconhece tais variações como legítimas, afastando-se da noção de "erro" linguístico. Este estudo investiga a variação do fonema /R/ em coda silábica no português falado no

Tocantins, com base nos dados do projeto “Aspectos Sociodialetais do Tocantins”, integrando pressupostos da Sociolinguística Variacionista e da Geolinguística. A pesquisa é de natureza descritiva e quantitativa, buscando compreender como fatores sociais e linguísticos influenciam o uso do /R/ pós-vocálico nas cidades tocantinenses. O corpus é composto por 96 entrevistas oriundas do Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins, abrangendo 16 cidades distribuídas em sete microrregiões (Dianópolis, Jalapão, Porto Nacional, Araguaína, Bico do Papagaio, Gurupi, Miracema e Rio Formoso). As entrevistas foram obtidas por meio de três modalidades: estruturada, semiestruturada e depoimento livre, abordando temas como cultura, história, alimentação e meio ambiente. Os participantes foram selecionados conforme os critérios: naturalidade, permanência na localidade, escolaridade até o nono ano e critérios sociolinguísticos como o gênero e três faixas etárias: 18–35, 36–55 e acima de 56 anos. A análise estatística será conduzida com o software Goldvarb X para identificar padrões de uso e correlações com variáveis sociais e linguísticas. Os resultados serão apresentados por meio de tabelas, gráficos e cartas linguísticas, com o auxílio do software SGVLing. O estudo se apoia na Dialetologia Pluridimensional e Relacional e na Gessociolinguística, permitindo integrar as dimensões espacial, social e linguística. A fundamentação teórica inclui obras de Calou (2012) sobre variação e apagamento do /R/ em coda silábica, Barbosa (2022) sobre interface fonética-fonologia, e Souza e Cardoso (2020) sobre o papel social do sociolinguista, com as contribuições de Labov no estudo das variáveis linguísticas. Espera-se que os resultados revelem quais cidades apresentam maior ocorrência do /R/ retroflexo, os padrões fonéticos predominantes e a influência de fatores como gênero, idade e classe social na realização do /R/ em coda silábica. O estudo reforça a importância de compreender a variação linguística como parte do patrimônio cultural tocantinense, contribuindo para o combate ao preconceito linguístico e para o reconhecimento da pluralidade de formas de falar. Além disso, oferece subsídios para a ampliação dos estudos sociolinguísticos no Brasil, especialmente em regiões pouco exploradas cientificamente, como é o caso do estado do Tocantins.

Palavras-chave: variação linguística; /R/ em coda silábica; sociolinguística variacionista; fonética; fonologia; Tocantins.

Referências:

BARBOSA, P. A. *A interface fonética-fonologia através da pesquisa experimental*. Campinas: Unicamp, 2022.

CALLOU, D. et al. *Variação do rótico e estrutura prosódica*. In: Estudos de fonética e fonologia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012. p. XX–XX.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, M.; RAZKY, A.; OLIVEIRA, F. *Gessociolinguística: perspectivas teóricas e metodológicas.* Belém: EDUFPA, 2020.

ROBINSON, C.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *Goldvarb X: A multivariate analysis application for Windows.* Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SOUZA, M. D. A. F.; CARDOSO, P. B. *A sociolinguística para além das variáveis sociais: a promoção de justiça social*. Revista da Abralin, v. XX, n. XX, p. XX–XX, 2020.

THUN, H. *Dialetologia pluridimensional e relacional*. In: RADTKE, E.; THUN, H. (org.). *Novos caminhos da geolinguística*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. XX–XX.

Variação Lexical para o Item "Prostituta" no Tocantins: Estudo A Partir do Corpus do Projeto Aspectos Sociodialetais da Língua Falada do Tocantins

Ana Clara Vidal Batista Pires
Graduanda em Letras/Português IFTO – Campus Palmas
ana.batista4@estudante.ifto.edu.br

Historicamente, tópicos relacionados ao comportamento, aos gestos ou à linguagem, quando associados à sexualidade humana, costumam ser estigmatizados socialmente, resultando na interdição ou restrição de seu uso. Os fatores que contribuem para essa estigmatização envolvem normas culturais e religiosas de determinados grupos, desigualdade de gênero, ausência de educação sexual e até mesmo sentimentos de aversão ou medo do desconhecido — aspectos diretamente ligados à moralidade. Um exemplo disso é o item lexical "prostituta". No estado do Tocantins, a variação lexical para o termo "prostituta" apresenta uma diversidade de formas, que vão desde expressões mais formais até opções coloquiais ou tabuístas. Entre os termos registrados, destacam-se: "prostituta", "garota de programa", "mulher da vida", "meretriz", entre outras formas informais e de uso regional. Os dados utilizados neste estudo integram o corpus do projeto "Aspectos Sociodialetais do Tocantins", vinculado ao Instituto Federal do Tocantins (IFTO). Durante as transcrições dos dados, observou-se um polimorfismo dialetal na nomeação dessa figura social, sendo o termo "prostituta" o mais recorrente entre os falantes. Diante disso, o presente estudo propõe analisar a variação lexical do item "prostituta" no Tocantins, buscando compreender como diferentes formas linguísticas são utilizadas para atenuar ou intensificar o conteúdo semântico da palavra. O uso de cada termo pode variar conforme o contexto social, o nível de formalidade e a intenção comunicativa do falante. A metodologia adotada é da sociolinguística variacionista, de natureza bibliográfica e exploratória, fundamentada em autores que abordam a variação lexical e o tabu linguístico. Os dados indicam que as escolhas lexicais estão fortemente associadas à intenção de suavizar (via eufemismo) ou acentuar (via disfemismo) a carga semântica do termo. A pesquisa reforça a importância de compreender como formas lexicais semanticamente equivalentes carregam distintas conotações sociais e culturais. Assim, contribui para o aprofundamento dos estudos sobre variação, uso social da linguagem e construção discursiva da realidade.

Palavras-chave: Variação lexical; tabus linguísticos; eufemismo; disfemismo; sociolinguística; Tocantins.

Referências:

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2021.
CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
CAMACHO, Roberto Gomes. *Semântica e pragmática do português*. Campinas: Pontes, 2013.
LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
LIMA, A. F. de. A metodologia geossociolinguística. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de; LIMA, A. F. de (Orgs.). *Estudos geossociolinguísticos do Português Brasileiro*. v. 2. Campinas: Pontes, 2020.
MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de sexualidades.* Campinas: Mercado de Letras, 2003.

Variação Lexical Em Áreas Urbanas E Indígenas Do Amapá: Um olhar para o campo semântico "corpo humano"

Andreina Nunes Pereira
Mestranda do PPGLET-UNIFAP
andreinapereira456@gmail.com

Celeste Maria da Rocha Ribeiro
Doutora em Linguística do PPGLINGUÍSTICA-UFRJ
celeste.ribeiro@unifap.br

Resumo: Este estudo apresenta o recorte de uma dissertação, em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Letras/UNIFAP que busca analisar, evidenciar e mapear a variação lexical do português falado em áreas urbanas, mapeadas no Atlas linguístico do Amapá – ALAP, e em áreas indígenas, dos Karipuna, em Oiapoque, e dos Wajãpi, em Pedra branca e parte do Laranjal do Jari. Deste modo, objetiva-se apontar essa variação, a partir de três itens relacionados ao campo semântico "Corpo Humano". Os dados analisados encontram-se mapeados no ALAP (RAZKY; AUTOR 2; SANCHES, 2017), no Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá – ALIKAP (SANCHES, 2020) e na dissertação Mapeamento Lexical do Português Falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: Uma abordagem Geossociolinguística – MLPW (RODRIGUES, 2017). As bases teórico-metodológicas adotadas seguem os pressupostos da Dialetologia (CARDOSO, 2016), da Geolinguística (CARDOSO, 2010) e da variação lexical (BIDERMAN, 2002); além da metodologia utilizada nos citados trabalhos que seguem os postulados propostos pelo Atlas Linguístico do Brasil - ALIB. Assim, foram consideradas vinte e quatro localidades no total, sendo dez do ALAP, inclusive a capital Macapá, nove aldeias indígenas dos Karipuna e cinco aldeias dos Wajãpi; quanto aos informantes, são considerados quatro por localidade, sendo um homem e uma mulher, distribuídos em dois grupos etários: 18-30 anos e acima de 40 anos, os informantes indígenas, são bilingues, ou seja, falantes de português e de Kheuól, no caso dos Karipuna, e Wajãpi, no caso dos povos Wajãpi. Os itens lexicais analisados correspondem às questões 100 (desdentado/banguela), 109 (cheiro nas axilas) e 116 (pessoa de pernas arqueadas), do campo semântico "corpo humano", pertencentes ao Questionário Semântico-Lexical – QSL (COMITÊ, 2001), usado na coleta de dados dos referidos atlas e da dissertação de Rodrigues (2017). O presente trabalho realizou um novo mapeamento unificando os dados de cada item em uma única carta, a fim de verificar e comparar o falar nas áreas selecionadas. Por conseguinte, observou-se que foram registradas as variantes banguela, desdentado, sem dente, boca nua, terjola e outras para o item 100 (desdentado/banguela); para 109 (cheiro nas axilas), foram encontradas as variantes catinga, inhaca, mau cheiro, odor, fedor, sovaqueira, barrão e outras; já para 116 (pessoa de pernas arqueadas), registrou-se perna torta, perna de alicate, cambota, perna aberta, perna de arco e outras. Acreditamos que os resultados refletem a variação linguística que permeia os usos pelos falantes do português brasileiro, independente de local, etnia ou origem do falante, o que pode apontar para um contato intenso e frequente entre os grupos. Convém ressaltar que os estudos comparativos entre dados linguísticos que registram usos orais, por grupos de falantes com origens, características ou etnias diversas são de suma importância para propagar, relacionar, contrastar, ratificar ou até mesmo complementar os resultados de pesquisas já publicados, fornecendo aos estudiosos da área novos indícios de resultados e possibilidades de aprofundamento das questões discutidas nos dados analisados; além de que amplia e enriquece o acervo de pesquisas linguísticas, principalmente quando se trata de localidades ainda pouco investigadas, como é o caso desse estudo.

Palavras-chave: Dialetologia; Geolinguística; Usos Lexicais; Corpo Humano.

Referências:

BIDERMAN, M. **Análise de Dois Dicionários Gerais do Português Brasileiro Contemporâneo**: o Aurélio e o Houaiss. São Paulo: Filologia e Lingüística Portuguesa, v. 5, p. 85-115, 2003.
CARDOSO, S. A **Dialectologia no Brasil**: perspectivas. D.E.L.T.A, s. l: v. 15, n. especial, 1999, p.

233-255.
CARDOSO, S. **A Geolingüística no Terceiro Milênio: monodimensional ou pluridimensional?** Revista do GELNE, s.l: v. 4, n. 2, 2016. p. 1–16.
CARDOSO, S. Geolinguística: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola editorial, 2010.
LIMA, F. Quem Cura é a Própria Fé: uma análise léxico-semântica das práticas de curandeirismo em Caiana dos crioulos. In: SÁ, E; OLIVEIRA, M; SANCHES, R. (Orgs**.) Diversidade Linguística em Comunidades Tradicionais Homenagem à Suzana Cardoso.** Campinas-SP: Pontes Editores, 2018. p. 77-103.
MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Sobre a Dialetologia no Brasil. In.: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. **Documentos 2:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.
CAMARAO, L; SANCHES, R. **Denominações para Papagaio no Falar Amapaense.** Acta Semiótica Et Linguística, v. 30, p. 27-42, 2024.
PEREIRA, L; MELO, L; SANCHES, R. **Um Estudo Lexical Sobre o Campo Semântico Fauna nos Dados do Atlas Linguístico do Amapá.** Textura - ULBRA, v. 26, p. 155-179, 2024.
RAZKY, Abdelhak. (Org.) **Atlas Lingüístico Sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.
RAZKY; SANCHES. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.
RODRIGUES, M. **Mapeamento Lexical do Português Falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá**: uma abordagem Geossociolinguística. Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém-PA, 2017.
ROMANO, P**. Balanço Critico da Geolinguística Brasileira e a Proposição de uma Divisão**. Entretextos. Londrina, v. 13, n. 02, 2013. p. 203-242.
SANCHES, R. **Entre Visagens e Misuras**: denominações para "fantasma" no falar do Amapá. Macapá: Revista Científica SIGMA, v. 03, n.1, p. 25-42.
SANCHES, R. **Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá**. Rio Branco: Nepan, 2020a.
SANCHES, R. **Microatlas Linguístico do (Português-Kheuól) da Área Indígena dos Karipuna do Amapá.** v. 1. Belém-PA, 2020b.
SANCHES, R. RAZKY, A. **Analise Geossociolinguística das Designações para Fanhoso nas Capitais Brasileiras**. D.E.L.T.A., 2021.
SANCHES, R; SILVA, Maria. **Variação Semântico-Lexical no Amapá**. Rio de Janeiro: Linguística, v. 10, p. 299-315, 2014.
SANCHES, R; RAZKY, A. **Variação Linguística para Cigarro de Palha e Toco de Cigarro no Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Todas as letras, v. 17, p. 196-206, 2015.
SANTOS, L. **Variantes Lexicais para Galinha D'angola no Atlas Geossociolinguístico do Amapá (ALAP).** Palmas: Revista Humanidades e Inovações, v. 9, n. 21, p. 36-45. 2023.

ENTRE LEIS E LÍNGUAS: A Política Linguística Indígena no Tocantins

Douglas Lacerda Graduando em Letras/Português
Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas
E-mail: douglashube@gmail.com

Maria Rilda Alves da Silva Martins
Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas
E-mail: rilda_gestar@ifto.edu.br

Resumo O presente estudo tem como objetivo principal assegurar os direitos linguísticos dos povos indígenas do Tocantins, promovendo a preservação, valorização e revitalização das línguas originárias presentes no estado. A pesquisa parte da perspectiva da Sociolinguística Crítica de Calvet (2007), que compreende a política linguística como uma escolha ideológica que reflete uma concepção de mundo e organiza as relações entre línguas a partir desse entendimento, e da Sociolinguística Cognitiva, segundo a qual as escolhas linguísticas dos falantes não se dão de forma aleatória, mas baseadas em

convenções construídas em interações anteriores (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). A abordagem teórica orienta o principal questionamento do estudo: como as línguas indígenas são percebidas pelos próprios falantes em contextos diversos — tanto nas comunidades tradicionais quanto nas escolas em áreas urbanas? A pesquisa busca compreender não apenas as condições de uso e transmissão das línguas indígenas, mas também o papel das políticas públicas e das instituições educacionais na sua preservação. A metodologia combina observações de campo, entrevistas semiestruturadas com lideranças e professores indígenas, e análise documental de políticas públicas. Entre os documentos analisados, destaca-se o Projeto de Lei nº 728/2024, que propõe a criação da Política Estadual de Proteção das Línguas Indígenas no Tocantins. O estudo adota uma abordagem qualitativa, com inspiração etnográfica, possibilitando compreender as percepções, práticas e desafios vivenciados pelas comunidades. A interpretação dos dados se baseia em referenciais sobre direitos linguísticos, ecologia das línguas (HAUGEN, 1972), educação intercultural e colonialidade do saber (WALSH, 2009). Essa triangulação metodológica permite identificar tanto fatores que contribuem para a manutenção linguística quanto elementos que impulsionam processos de substituição pela língua portuguesa. Os resultados apontam que, embora haja iniciativas legais e programas educacionais voltados ao ensino e fortalecimento das línguas indígenas, ainda persiste um processo contínuo de desvalorização e substituição linguística, especialmente em contextos urbanos e escolares. Tal fenômeno ameaça a transmissão intergeracional dos idiomas maternos e, consequentemente, compromete a preservação cultural dos povos originários. O estudo destaca que instituições de ensino, como o IFTO, desempenham papel central na implementação de ações de reconhecimento linguístico e na formulação de políticas educacionais inclusivas e descolonizadoras. Tais ações devem estar alinhadas à reexistência e à resistência epistêmica dos povos indígenas (WALSH, 2009), contribuindo para o fortalecimento identitário e para a valorização das línguas originárias como patrimônio cultural imaterial do Tocantins.

Palavras-chave: política linguística; direitos linguísticos; línguas indígenas; sociolinguística crítica; Tocantins; educação intercultural.

Referências:

CALVET, L.-J. *Linguística e políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.
HAUGEN, E. *The Ecology of Language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
MORENO FERNÁNDEZ, F. *Sociolingüística cognitiva*. Madrid: Gredos, 2012.
WALSH, C. Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Abya Yala, 2009.

ASPECTOS SOCIODIALETAIS DO TOCANTINS: tabus linguísticos

Wilnatã Carvalho da Silva
Graduando em Letras – IFTO
wilnata.silva@estudante.ifto.edu.br

Daniel Marra
Doutor em Linguística – UFG
danielmarra@ifto.edu.br

Resumo: Este estudo é parte de uma pesquisa vinculada ao Instituto Federal do Tocantins, realizada com 54 participantes, localizados em 9 municípios do tocantinenses, com o objetivo de descrever e identificar diatópica, semântico-lexical e fonologicamente a realidade socio-dialetológica do Tocantins. O corpus selecionado faz referência a temas tabus linguísticos, estudado sob uma perspectiva inter e multidisciplinar. A teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1962) contribui para a compreensão de como certas palavras ou expressões podem ter efeitos performativos e sociais

significativos. Autores como Allan e Burridge (2006) discutem extensivamente os mecanismos linguísticos ligados ao tabu e ao eufemismo, revelando como diferentes culturas moldam o que é considerado proibido ou inadequado. O Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (2014), constitui uma das principais fontes empíricas sobre a variação linguística no país. O projeto documenta e analisa o português falado em todas as regiões do Brasil, incluindo aspectos como fonética, morfossintaxe, léxico e semântica. Em relação aos tabus linguísticos, o ALiB permite identificar estratégias de substituição lexical, eufemismos e silenciamentos em campos semânticos considerados sensíveis, como sexualidade, morte, doenças, corpo humano e religião. Estudos mais recentes, como os de Guimarães (2017), apontam como os tabus linguísticos influenciam práticas educacionais, afetando o ensino de temas como sexualidade e diversidade. Da mesma forma, Pereira (2019) investiga como os tabus são representados em gêneros midiáticos, revelando padrões de censura e substituição que variam conforme o público-alvo e o meio de comunicação. Neste estudo, cujo foco foram tabus linguísticos, buscou-se as designações para marido traído, prostituta, gay e lésbica. Nesse sentido, relativamente à designação para marido traído, identificou-se ocorrências como "corno", "chifrudo" e "pé de pano"; em referência a prostituta, além dessa designação, houve as ocorrências de rapariga, quenga e meretriz; as designações para gay, incluem, além dessa designação, "viado", "fuboca"," homossexual" e "boiola"; às designações para lésbica, acrescenta-se "sapatão/sapatona" e "gay". Para todos os casos, houve um número relevante de respostas dadas como "não sei", o que demonstra o desconforto do participante diante das perguntas realizadas e a dificuldade de verbalizar tais respostas, fato que coloca relevo sobre essa área semântica considerada tabu, oferecendo um campo fértil para a investigação linguística.

Palavras-chave: Tabus Linguísticos, Variação regional, Sociolinguística, Dialetologia, Tocantins.

Referências:

ALLAN, Keith; BURRIDGE, Kate. Forbidden Words: Taboo and the Censoring of Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
AUSTIN, J. L. How to Do Things with Words. Oxford: Clarendon Press, 1962.
BARRETO, Luciana. A mídia e os tabus linguísticos: mecanismos de manutenção ideológica. São Paulo: Annablume, 2016.
GUIMARÃES, Rita de Cássia. Tabus linguísticos e educação: desafios contemporâneos. Belo Horizonte: UFMG, 2017.
PEREIRA, Eduardo. Censura e eufemismo na mídia brasileira: um estudo de tabus linguísticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

Memória e o Território: O Léxico Quilombola como Expressão Identitária do Baixo Tocantins

Jôyce Assunção Pimentel
Mestranda do PPGCITE – UFPA
joyassuncao08@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística - UFPA
baynacardoso@ufpa.br

Resumo: As manifestações linguísticas nas comunidades quilombolas do Baixo Tocantins externam-se por meio de variedades marcadas pelas práticas culturais, memórias históricas e resistências identitárias que permanecem vivas e dinâmicas nesses territórios. Este modo de expressão oral carrega em seu léxico traços das línguas africanas, sendo expressões de interações socioculturais acumuladas ao longo do tempo. A linguagem, nesse contexto, é compreendida como uma prática discursiva que (re)afirma o pertencimento e expressa as experiências históricas vividas por esses povos. De acordo

com Stuart Hall (2006), a identidade deve ser compreendida como um processo permanente de construção, moldado pelas relações sociais, pelos discursos e pela historicidade dos sujeitos. Assim, o falar quilombola configura-se como um valioso marcador de identidade coletiva, construído em meio aos processos históricos de resistência e de afirmação territorial. Complementando essa perspectiva, Bispo (2015) destaca que a trajetória dos povos "afropindorâmicos" (povos afrodescendentes com raízes no território brasileiro) vai além da documentação científica e literária, ela se materializa nas práticas cotidianas, na oralidade e nas manifestações culturais que preserva e atualiza a memória ancestral dos povos quilombolas. Sob o ponto de vista da linguística, este estudo fundamenta-se nos aportes da Dialetologia, da Sociolinguística e da Geossociolinguística, propondo uma análise dos falares dos moradores de comunidades quilombolas situados no município de Moju, no Baixo Tocantins, em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, com base no levantamento teórico, buscando identificar padrões lexicais que revelem as influências socioculturais e territoriais sobre o uso da língua. Dessa maneira, a pesquisa qualitativa permite uma leitura interpretativa dos falares, voltada a compreensão dos sentidos atribuídos às práticas linguísticas no contexto das comunidades quilombolas, enquanto a pesquisa bibliográfica ancora-se na análise de obras que abordam a diversidade linguística e o seu papel na construção das identidades sociais. Sob essa perspectiva, a teoria da variação linguística proposta por Labov (2008) oferece fundamentos significativos, ao demonstrar que fatores como idade, gênero, escolaridade e grupo social influenciam na forma como os sujeitos fazem uso da língua, possibilitando compreender a diversidade linguística quilombola não como erro, mas como expressão de pertencimento e identidade. Autores como Cardoso (2010), Guedes (2020) e Lucchesi (2009) enfatizam a importância da descrição dialetal para o reconhecimento da pluralidade linguística brasileira, defendendo que a variação regional deve ser compreendia como elemento constitutivo da identidade nacional. Em consonância, a Geossociolinguística, conforme Razky (1996), colabora ao integrar os aspectos linguísticos às dimensões sociais e territoriais, proporcionando um ponto de vista sensível às especificidades locais. Portanto, ao reconhecer o léxico quilombola como patrimônio linguístico da região amazônica, esta pesquisa pretende contribuir para a valorização e preservação de expressões linguísticas de comunidades quilombolas, fortalecendo os processos de afirmação da identidade e da resistência cultural no Baixo Tocantis.

Palavras-chave: Memória, Território, Identidade, Léxico Quilombola, Amazônia.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, S. A. M. Geolinguística: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

GUEDES, Regis José da Cunha. Variável diaétnica: repensando a variação geolinguística pluridimensional contatual. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 101–116, 2020. DOI: 10.26512/rbla.v12i1.29735.

Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/29735

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A Transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-153. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf

RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; LIMA, Alcides Fernandes de. A Metodologia Geossociolinguística. In: RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; LIMA, Alcides Fernandes de (Orgs.). Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro. Volume 2. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos: Modos e Significados. Brasilia: INCTI/UNB, 2015.

Variação lexical nos dados do ALiB da região Norte: campo semântico vestuários e acessórios

Alcides Fernandes de Lima
Doutor em Letras – PPGL-UFPA
alcides@ufpa.br

Marcela Moura Torres Paim Fernandes
Doutora em Letras – PROGEL-UFRPE
marcela.paim@ufrpe.br

O presente trabalho objetiva descrever e analisar a variação lexical do campo semântico vestuários e acessórios na região Norte, tendo como base o corpus do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e especificamente os itens lexicais SUTIÃ e RUGE. Partindo-se dos trabalhos já realizados sobre o tema por Paim (2012; 2013; 2014; 2015; 2016; 2017; 2018; 2019; 2020; 2021), que dão conta da descrição parcial desse fenômeno no Brasil, aborda-se neste trabalho a região Norte, especialmente as localidades não capitais. Como se sabe, o Projeto ALiB tem como principal meta a descrição e a documentação do português brasileiro, por meio do desenvolvimento de estudos da variação fonético-fonológica, morfossintática, léxico-semântica, dentre outras, e da constituição de um banco de dados do português falado nas cinco regiões do país. A pesquisa se enquadra nos estudos da Geossociolinguística (Lima; Razky, Oliveira, 2020) ou Dialetologia pluridimensional (Radtke; Thun, 1996 e Thun, 2017). O corpus do trabalho reúne as 120 entrevistas das 24 localidades do ALiB para a região Norte. Atendendo aos princípios estabelecidos pelo Projeto ALiB, o presente trabalho, que se insere no campo da Geografia Linguística, assim se descreve sob o ponto de vista da metodologia a ser seguida: os informantes estão estratificados em sexo (masculino e feminino), faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e escolaridade (fundamental incompleto e universitário completo, o último somente em capitais de Estado). Complementarmente, os informantes entrevistados: (i) são nascidos na localidade; (ii) têm pais, preferentemente, da mesma região linguística e (iii) não possuem registro de afastamentos da localidade superiores a 1/3 de suas vidas. A análise dos dados pauta-se na seguinte metodologia: transcrições grafemáticas (com revisões e registro no banco de dados); levantamento sistemático de dados; agrupamento de lexias com variação fonética e morfológica; tratamento estatístico, análise e cartografia dos dados. A análise dos dados revela, por exemplo, que há uma estratificação diageracional, com os indivíduos da segunda faixa etária usando mais as variáveis RUGE e CORPETE, e diassexual, com os informantes masculinos apresentando respostas mais genéricas, tais como MAQUIAGEM, PÓ etc. Pesquisa como essas, sobre o léxico, permite promover a formação de novos pesquisadores e estudantes vinculados a projetos de iniciação científica, bem como de alunos de pós-graduação (mestrado e doutorado), ampliando o conhecimento sobre as áreas geolinguísticas do país ainda pouco estudadas como é o caso da região Norte.

Palavras-chave: Variação, Léxico, Região Norte.

Referências:

LIMA, A. F. de; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de. A metodologia geossociolinguística. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de; LIMA, A. F. de. (Orgs.). *Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro*. v. 2. Campinas: Pontes, 2020. p. 11-47.

PAIM, Marcela Moura Torres. Quando a Fraseologia e a Dialetologia se encontram. *Anthesis*, v.9, p.100 - 118, 2021.

PAIM, Marcela Moura Torres; SOUSA, Adriana. Variantes lexicais para mãe de leite nos estados do Amazonas e da Bahia. *Moara.* v. 1, p. 267-278, 2020.

PAIM, Marcela Moura Torres. *Tudo é diverso no universo*. Salvador: Quarteto, 2019.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical revelada nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: CARMO, Jeovania Silva do; SANTIAGO, Huda da Silva; SANT'ANA, Anaci Carneiro de (Orgs.). Diálogos linguísticos e filológicos: variação, cultura escrita e léxico. Salvador: Editora da

Universidade do Estado da Bahia, 2018. p. 87-98.
PAIM, Marcela Moura Torres; OLIVEIRA, Josane Moreira de. A variação lexical no português brasileiro. In: BLANCO, Xavier; SFAR, Inès (Orgs.*). Lexicologie(s): approches croisées en sémantique lexicale.* Nova Iorque: Peter Lang, 2017. p. 84-105.
PAIM, Marcela Moura Torres. A seleção das palavras e a faixa etária. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana (Orgs.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*.1 ed. Salvador: EDUFBA, 2016, v.1, p. 123-143.
PAIM, Marcela Moura Torres. Diversidade lexical do português falado na Bahia. *Estudos Linguísticos e Literários*. v.1, p. 233 - 254, 2015.
PAIM, Marcela Moura Torres. A variação diageracional em Pernambuco. In: XVII *Congresso Internacional da ALFAL*. João Pessoa: Ideia, 2014. v.1. p.85-92.
PAIM, Marcela Moura Torres. Identidade social e variação em Salvador. In: LOPES, Norma; PELON, Lígia (Orgs.). *Salvador, sob o olhar da Sociolinguística*. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2013. p. 91-105.
PAIM, Marcela Moura Torres. *O sutiã* na Bahia: um estudo em dois tempos diferentes. Signum. v. 15, p. 267-280, 2012.
RADTKE, E; THUN, H. Nuevos Caminos de la Geolinguística Románica. Un balance.
In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*.
Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.
THUN, H. O velho e o novo na geolinguística. Trad. de Cláudia Pavan, Gabriel Schmitt, Eduardo Nunes e Viktorya Santos. *Cadernos de Tradução*, n. 40, Porto Alegre, p. 59-81, 2017.

As Variantes do /R/ na Fala do Boa-vistense

Luzineth Rodrigues Martins
Doutora em Linguística (UFRR)

Maria do Socorro Melo Araújo
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UFRR)

Elecy Rodrigues Martins
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UERR)

Os estudos sobre a variação linguística no Brasil ganham destaque pela descrição de traços da identidade do povo brasileiro. Nesse sentido, este trabalho se justifica pelo interesse em descrever as variantes linguísticas fonético-fonológicas na fala do Boa-vistense e assim colaborar na construção do registro sobre a identidade linguística do povo roraimense. Em Roraima, há poucos trabalhos sobre descrição da variação linguística local apesar do grande potencial existente para as pesquisas nessa área, em razão do contexto socio geopolítico de estado. Situado na tríplice fronteira Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa, no extremo norte, é o estado mais setentrional, situada acima da linha do Equador, tem como peculiaridade o plurilinguismo resultante da migração interna, especialmente do nordeste, e da migração de pessoas de países como Haiti e Venezuela, principalmente, além da forte presença indígena representada por diversas etnias. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é descrever as variantes fonológicas do /R/ utilizadas pelo povo boa-vistense, seguindo as pesquisas sociolinguísticas que descrevem essas variantes já desenvolvidas por Oliveira (1983) Callou, Moraes e Leite (1996) Monaretto (1997, 2000, 2001, 2002, 2003) e Da Hora (2003), no intuito de colaborar na divulgação da identidade linguística do povo roraimense e contribuir com os estudos na área. Considera-se para essa análise o corpus linguístico do Projeto Mapeamento Geolinguístico do povo boa-vistense (Martins, Araújo e Martins, 2023). Ancorado na linha de pesquisa Sociolinguística em Contexto Diversos do Núcleo de e Estudos e Pesquisas da Sociolinguísticos de Roraima- NEPSol da Universidade Federal de Roraima, o trabalho terá como base a sociolinguística variacionista e serão consideradas as

seguintes variáveis e variantes linguísticas a saber: vibrante alveolar (ou múltipla) – [r]; tepe alveolar (ou simples) - [ɾ]; fricativa velar - [X] –[ɣ]; fricativa glotal – [h], [ɦ]; vibrante uvular – [ʁ] apagamento – [Ø], distribuídas nos contextos pós-vocálico final; pós-vocálico medial; pré-vocálico inicial e intervocálico, seguindo as variáveis sociolinguísticas como sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Os resultados seguem tendências, de modo geral, dos trabalhos desenvolvidos na região nordeste e norte do país, dentre eles o enfraquecimento e apagamento dos róticos e não do /r/ retroflexo.

Palavras-chave: Sociolinguística, Variação Linguística, Boa Vista-Roraima.

Referências:

Da Hora, D; COLLISCHONN, G. Teoria Linguística: fonologia e outros temas. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003

Callou, D. M. I.; Moraes, J.; Leite, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **D.E.L.T.A.**, v. 14, n. esp., p. 61-72, 1998.

Monaretto, V. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. Fonologia e variação: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Monaretto, V. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 35, n.1, mar. 2000. p. 275-284.

Monaretto, Valéria N. de Oliveira. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: Bisol, L.; Brescancini, C. Fonologia e variação: recortes do português brasileiro. Porto Alegra: EDIPUCRS, 2002.

Monaretto, V. N. O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.

Oliveira, M. B. de. Manutenção e apagamento do ® final de vocábulo na fala de Itaituba. (Dissertação de Mestrado). UFPA, 2002.

Variação lexical em campos semânticos: estudo geossociolinguístico dos termos usados nos jogos dos povos indígenas das comunidades Krahô de Goiatins –TO e Xerente de Tocantínia

Kairo Tavares Freire
Mestre em Educação Profissional (IFTO//UFT)
kairo.freire@ifto.edu.br

Os jogos tradicionais praticados por comunidades indígenas constituem manifestações culturais que integram valores, memórias coletivas e modos próprios de interação social. O léxico associado a essas práticas revela não apenas o conhecimento técnico envolvido nos jogos, mas também as dinâmicas linguísticas e socioculturais de cada povo. Este trabalho tem como objetivo investigar a variação lexical nos termos utilizados para nomear e descrever jogos indígenas nas comunidades Krahô e Xerente, localizadas no estado do Tocantins. A escolha do tema justifica-se pelo potencial de registro e valorização do patrimônio imaterial, bem como pela contribuição ao campo da geossociolinguística, ao analisar como o vocabulário de práticas lúdicas que circula e se transforma em contextos multilíngues. Trata-se de uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, com enfoque geossociolinguístico e etnográfico. O estudo encontra-se em andamento, tendo sido realizadas observações iniciais na comunidade Krahô. A coleta de dados será feita por meio de entrevistas semiestruturadas e registros audiovisuais com diferentes perfis de falantes (anciãos, jovens e professores indígenas diretamente envolvidos com os jogos), de modo a contemplar variáveis sociolinguísticas como faixa etária, gênero e nível de escolaridade. Os instrumentos incluem roteiros de entrevistas voltados aos jogos tradicionais, observação participante durante eventos culturais e questionários lexicais para comparação entre as comunidades. O mapeamento dos termos será realizado com base em procedimentos da geolinguística, utilizando fichas lexicais, o programa

GoldVarb X para o processamento dos dados e o software SGVLing para a elaboração das cartas linguísticas. A análise considerará aspectos semânticos, fonéticos e morfossintáticos, buscando compreender tanto a preservação quanto às possíveis mudanças impulsionadas por contatos linguísticos externos ou políticas educacionais. Embora os resultados finais ainda não estejam disponíveis, parte-se da hipótese de que o léxico associado aos jogos indígenas apresente forte enraizamento cultural, com termos específicos que não encontram equivalentes diretos no português. Espera-se que certas denominações sejam compartilhadas entre as comunidades, enquanto outras se mantenham exclusivas de um grupo, refletindo identidades locais distintas. Além disso, observações preliminares apontam para processos de adaptação lexical quando os jogos são apresentados em contextos escolares ou eventos intercomunitários, revelando a dinâmica entre preservação e inovação linguística. Este estudo, ao registrar e analisar tais termos, contribuirá para a valorização das línguas indígenas e para a compreensão da relação entre linguagem, cultura e práticas corporais.

Palavras-chave: Geossociolinguística; Léxico indígena; Jogos tradicionais; Variação lexical; Comunidades Khaoô; Comunidades Xerente.

Referências:
CARDOSO, Suzana Alice. ‘Geolinguística: tradição e modernidade’. São Paulo: Parábola, 2010.
MORELLO, Rosângela. Atlas linguísticos e variação lexical. ‘Revista da Abralin’, v. 12, n. 2, p. 145-162, 2013.
NASCENTES, Antenor. ‘Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil’. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.
PETRI, Sueli. ‘Jogos e cultura indígena: uma abordagem etnográfica’. Brasília: MEC, 2018.
Palavras-chave: Geossociolinguística; Léxico indígena; Jogos tradicionais; Variação lexical; Comunidades Khaoô; Comunidades Xerente.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

Gêneros textuais e letramentos jurídicos na compreensão da violência de gênero

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli

Vicente Aguimar Parreiras

COMUNICAÇÕES

Vozes e Estigmas: a orquestração discursiva e a violência de gênero em sentenças judiciais sobre Adoção

UMA ANÁLISE DIALÓGICA SOBRE O CASO MARIANA FERRER: A SENTENÇA JUDICIAL E UMA MATÉRIA JORNALÍSTICA

A construção simbólica da verdade no discurso jurídico: poder, ideologia e linguagem no Crime da 113 Sul

Horizontalidade discursiva no combate ao bullying: da importância da formação de multiplicadores de conteúdo com base no paradigma da complexidade

Ninguém Matou Suhura: Vozes Silenciadas e Resistência Feminina na Literatura Moçambicana de Lília Momplé

A cultura do machismo em decisões judiciais sobre feminicídio: uma análise linguístico-discursiva sobre a violência de gênero no contexto Amazônico

Letramento Jurídico na Compreensão da Violência de Gênero

O ensino das HQ'S como ferramenta de combate à desigualdade de gênero: um estudo sobre estratégias didático-pedagógicas via DIPAC.

Interseccionalidade, violência de gênero e políticas públicas: o peso de ser mulher em Parauapebas, no sudeste do Pará.

Autoetnografia e Psicanálise na formação docente:
uma rota para escutar o sofrimento e a violência simbólica na educação

A educação antirracista como instrumento de combate à violência escolar:
uma proposta de intervenção didática a partir do gênero charge

Formação Docente para o Enfrentamento da Violência Sexual Escolar: Uma Trilha de Aprendizagem Design Pedagógico DIPAC

O desenvolvimento das competências argumentativas por meio da DIPAC e do teatro de improvisação: uma proposta de abordagem na sala de aula

A ARGUMENTAÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DO FEMINICÍDIO NA ESCOLA

Metodologias para o enfrentamento da violência de gênero: da escola para a vida

A LINGUAGEM NOS CONTEXTOS FORENSES: Relações de poder e vulnerabilidade jurislinguistica

Vozes e Estigmas: a orquestração discursiva e a violência de gênero em sentenças judiciais sobre Adoção

Bruna Rogéria Carvalho Oliveira
Mestre do POSLET/UNIFESSPA
dra.brunaolliveira@gmail.com

Resumo: O presente estudo investiga a orquestração argumentativa das vozes dos sujeitos processuais no gênero sentença judicial. Foi desenvolvido sob uma perspectiva linguístico-discursiva, com o objetivo de compreender como a linguagem jurídica articula expectativas sociais sobre a maternidade e evidencia formas simbólicas de violência de gênero nas decisões judiciais, lembrando que a violência de gênero não é necessariamente física, mas também pode ser psicológica e patrimonial. Tendo em vista que a adoção e os discursos maternos estão imersos em questões sociais complexas, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de analisar como as vozes de diferentes atores processuais são articuladas nas

decisões judiciais sobre adoção. Para tanto, foi necessário explorar a evolução histórica e a complexidade do conceito de adoção, abordando suas diversas conotações culturais e legais; analisar o gênero sentença judicial sob a perspectiva Bakhtiniana (Bakhtin, 2008; 2011), e investigar as interações discursivas nas decisões judiciais. Realizou-se, assim, uma pesquisa qualitativa, cujos dados foram interpretados por meio da análise discursiva. A pesquisa investigou o discurso de mulheres que passaram por processos de adoção como adotantes, assim como a perspectiva de outros participantes, como juízes, promotores e advogados, em sentenças judiciais na região sudeste do Estado do Pará, de 2019 a 2023. Observou-se que as decisões judiciais colocam em diálogo uma multiplicidade de vozes e perspectivas, entre as quais predominam tradicionais estigmas sociais sobre o papel da mulher e a figura materna. Revela-se assim o peso das expectativas sociais, bem como a subjetividade dos magistrados nas decisões, mesmo em um contexto de estrutura formal e padronizada. Os resultados da pesquisa permitiram ainda seguinte conclusão: a linguagem jurídica e a organização discursiva nas sentenças judiciais são fundamentais para a compreensão das dinâmicas sociais e de poder que permeiam o sistema de adoção, indicando a necessidade de uma abordagem crítica e dialógica do discurso jurídico para promover uma justiça mais equitativa e inclusiva.

Palavras-chave: Adoção, sentença judicial, violência de gênero, análise discursiva, orquestração argumentativa.

Referências:
Authier-Revuz, Jacqueline. Palavras incertas: as não coincidências do dizer. Campinas: UNICAMP, 1998.
Bakhtin, Mikhail Mikhailovich. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

UMA ANÁLISE DIALÓGICA SOBRE O CASO MARIANA FERRER: A SENTENÇA JUDICIAL E UMA MATÉRIA JORNALÍSTICA

Maria Graciema Falcão Lobão

Rafael de Souza Timmermann

Resumo: A violência de gênero, entendida como um padrão de comportamento abusivo perpetrado contra alguém devido a sua identidade de gênero e/ou orientação sexual, é a expressão mais extrema e visível do patriarcado. É pela violência com base no gênero que o patriarcado se manifesta como um sistema de opressão que busca controlar, subjugar e até mesmo eliminar não somente mulheres, mas outras identidades consideradas marginalizadas pela estrutura dominante. Analisando a questão da violência sob o viés dialógico da concepção de língua de Bakhtin, identificamos que a linguagem reforça certas estruturas de poder ao internalizar discursos que sustentam essas mesmas estruturas: ao propagar estereótipos e preconceitos de gênero, essas narrativas naturalizam ideologias e valores que legitimam o controle sobre os corpos e as vidas das mulheres, vide piadas machistas em um stand-up comedy, discursos políticos misóginos, manchetes jornalísticas que tratam o feminicídio como mero "crime passional", ou mesmo uma sentença em que o juiz absolve o réu por falta de provas mesmo diante da materialidade de um crime de estupro. No presente estudo, foram analisados dois gêneros textuais diferentes: como gênero jurídico, a sentença proferida no caso Mariana Ferrer, de 2020; como gênero jornalístico, a matéria publicada pelo jornal The Intercept Brasil denominada Caso Mariana Ferrer e o inédito "estupro culposo", também de 2020. A proposta de análise disserta sobre os discursos proferidos nos gêneros em questão e como atuam socialmente em torno de temas sensíveis como violência de gênero, identidade de gênero e poder. Além disso, propomo-nos a uma reflexão

sobre a necessidade de compreensão discursiva para tomadas de posição, ainda que diante de discursos de autoridades (o Judiciário), bem como sobre o papel da mídia na promoção da justiça social frente à prática de violências simbólicas que impactam diretamente a vida de mulheres vítimas de crimes sexuais. O estudo revelou de que forma a linguagem jurídica, quase sempre técnica e aparentemente neutra, pode ser utilizada para justificar decisões com possíveis vieses de gênero: a sentença acatou as alegações finais do MP/SC a favor da absolvição do réu, André de Camargo Aranha, que, segundo o promotor, não tinha como saber que a vítima estava sem condições de consentir o ato sexual, criando a tese jurídica de condição "culposa" para casos de estupro. A matéria jornalística, por sua vez, permitiu que a sociedade tivesse acesso a informações que geralmente não aparecem oficialmente: ao chamar a atenção para a tese de "estupro culposo", a jornalista levantou a problemática de que decisões como essa abrem precedentes judiciais que dificultam a demonstração de crimes sexuais. O cruzamento entre a sentença e a reportagem, portanto, ajuda na formação de cidadãos mais críticos, capazes de questionar instituições e de exigir mais respeito, transparência e justiça em casos de violência de gênero.

Palavras-Chave: gêneros textuais; violência de gênero; sentença; matéria jornalística.

A construção simbólica da verdade no discurso jurídico: poder, ideologia e linguagem no Crime da 113 Sul

Pytti Valverde Rocha Diniz Silva
Mestre em Estudos de Linguagens – CEFET-MG
pytti2707@gmail.com

Resumo: Este trabalho analisa como a linguagem jurídica atua na construção simbólica da verdade no campo jurídico, evidenciando a relação entre discurso, poder e ideologia. Partindo de uma abordagem crítica da linguagem, buscou-se compreender como práticas discursivas não apenas descrevem os fatos, mas os constituem, ao mesmo tempo em que naturalizam relações de poder. O estudo fundamenta-se nos referenciais teóricos de Pierre Bourdieu (2001), Louis Althusser (1985) e Michel Foucault (2021), cujas reflexões permitem compreender o campo jurídico como um espaço de disputas simbólicas em que o capital cultural e a autoridade institucional influenciam a produção de sentidos. Complementarmente, a Teoria da Relevância contribui para a análise do papel do contexto na interpretação e circulação dos discursos jurídicos. Como corpus, escolheu-se o Crime da 113 Sul, um caso emblemático ocorrido em Brasília em 2009, que envolveu o assassinato de três pessoas – entre elas um ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral – e que, no decorrer das investigações, culminou na condenação da delegada Martha Geny Vargas Borraz por fraude processual, devido à manipulação de provas e à tentativa de construir uma narrativa processual específica para o caso. A pesquisa, de natureza qualitativa e analítica, utilizou análise de conteúdo temática de documentos judiciais, com o objetivo de examinar como a narrativa processual é construída e legitimada em torno de uma "verdade" oficial. Os resultados evidenciam que a verdade jurídica é um produto discursivo e não uma representação objetiva da realidade. Demonstrou-se que agentes investidos de capital simbólico – delegados, magistrados e outros operadores do direito – mobilizam discursos institucionalizados para consolidar determinadas versões dos fatos, conferindo-lhes aparência de neutralidade e legitimidade. Assim, a linguagem jurídica revela-se como instrumento de poder, capaz de consolidar hierarquias, excluir vozes dissonantes e impor sentidos. Conclui-se que o discurso jurídico, ao mesmo tempo em que organiza os fatos, os constrói, produzindo uma verdade socialmente aceita, moldada por estruturas ideológicas e relações de poder. A análise permite refletir sobre a importância de compreender a linguagem jurídica como prática

social, revelando os mecanismos pelos quais ela perpetua formas de dominação simbólica no interior do campo jurídico.

Palavras-chave: linguagem jurídica; verdade; poder simbólico; discurso institucional; Crime da 113 Sul.

Referências:

Althusser, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
Alves, F. **Teoria da relevância & tradução**: conceituações e aplicações (org.). – Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.
Aristóteles. **Retórica.** Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.
Bourdieu, P. **O Poder Simbólico.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
Foucault, M. **A verdade e as formas jurídicas.** Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes... et al. J. – Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

Horizontalidade discursiva no combate ao bullying: da importância da formação de multiplicadores de conteúdo com base no paradigma da complexidade

Pytti Valverde Rocha Diniz Silva
Mestre em Estudos de Linguagens – CEFET-MG
pytti2707@gmail.com

Resumo: O bullying, reconhecido como um estressor social de graves consequências para o bem-estar e a qualidade de vida, é caracterizado pela violência sistemática entre pares. Trata-se de um fenômeno prevalente em escolas e universidades, com impactos físicos e psicológicos que exigem respostas interdisciplinares. As estratégias convencionais – centradas em palestras, campanhas e ações verticais conduzidas por adultos – têm se mostrado insuficientes para alcançar mudanças efetivas. Em experiências de campo realizadas no ensino fundamental da rede municipal de Contagem-MG, observou-se um padrão recorrente de resistência discente frente a professores, palestrantes e outros agentes externos, o que motivou a busca por alternativas discursivas e metodológicas. Este estudo, de abordagem qualitativa, investigou a hipótese de que a eficácia das intervenções contra o bullying não depende apenas do conteúdo, mas de quem o enuncia. Como metodologia, propôs-se a implementação de um programa de formação de multiplicadores de conteúdo por meio da Dinâmica Interacional Pedagógica Adaptativa Complexa (DIPAC), um design pedagógico fundamentado no paradigma da complexidade que privilegia a aprendizagem por meio da interação, do protagonismo discente e da adaptação ao contexto. Em lugar do modelo tradicional, escolheu-se treinar um grupo de estudantes previamente selecionado para atuar como difusores das mensagens preventivas entre os próprios pares. As atividades incluíram rodas de diálogo, produção colaborativa de materiais e práticas discursivas horizontais, potencializando o engajamento e a circulação de sentidos dentro da comunidade escolar. Os resultados obtidos apontam para uma redução significativa da resistência estudantil quando a comunicação se dá entre iguais. A atuação dos alunos como protagonistas das ações discursivas anti-bullying promoveu maior receptividade e engajamento, gerando efeitos de pertencimento e corresponsabilidade entre os colegas. Verificou-se que a horizontalização do

discurso potencializou a construção coletiva de significados e favoreceu o surgimento de uma rede colaborativa de combate às práticas de violência escolar, contribuindo, assim, para um ambiente mais seguro e inclusivo. Esses achados reforçam a necessidade de reconfigurar o lugar de fala nos programas de enfrentamento ao bullying, deslocando o eixo do discurso verticalizado para práticas horizontais mediadas por alunos, o que se mostra um caminho promissor para políticas pedagógicas inovadoras e transformadoras.

Palavras-chave: bullying; horizontalidade discursiva; multiplicadores; DIPAC; complexidade.

Referências:

Avilés Martínez, J. M.. **Bullying**: guia para educadores. Tradução J. Guillermo Milán-Ramos; revisão técnica Luciene Regina Paulino Tognetta. – 1. ed. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

Bourdieu, P. **O Poder Simbólico.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.Fante, C. Fenômeno Bullying: **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2.ed. rev. e amp. Campinas - SP: Verus, 2005.

Morin, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Parreiras, V. **A. "Dinâmica interacional" para gerenciamento de aprendizagem de língua estrangeira baseada na teoria da complexidade.** In: GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro. (org.). A hora da EaD – Os novos rumos da Educação no tempo digital. 1. ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020, 293 p.

Ninguém Matou Suhura: Vozes Silenciadas e Resistência Feminina na Literatura Moçambicana de Lília Momplé

Néuma Tacilifa Reginaldo Xavier
PPGL-UFPA
tacilifaxavier@gmail.com

Resumo: A obra Ninguém matou Suhura (1988), da escritora moçambicana Lília Momplé, é analisada neste trabalho como um gesto literário e político de resistência e reconstrução identitária no contexto pós-colonial moçambicano. Trata-se de um conjunto de contos que, ao invés de enaltecer heróis da luta armada, desloca o olhar para personagens subalternizadas — mulheres negras, pobres, analfabetas e moradoras das periferias urbanas — que são historicamente silenciadas. Ao dar voz a essas figuras, Momplé rompe com as narrativas dominantes e cria um espaço literário para a denúncia de desigualdades sociais, de género e raciais, ainda persistentes na sociedade moçambicana pós-independência. A pesquisa desenvolvida neste estudo é de natureza qualitativa, com abordagem interpretativa e crítica. Trata-se de uma análise bibliográfica e documental, baseada nos estudos pós-coloniais (Spivak, Said) e nos estudos de género e feminismos africanos (Padilha, Schmidt). O principal instrumento utilizado foi a análise textual de três contos específicos da coletânea: "O baile de Celina", "Caniço" e "Suhura". Esses textos foram escolhidos por apresentarem de forma exemplar os principais eixos temáticos abordados pela autora, como a violência de género, o racismo institucional, a exclusão social e a resistência feminina cotidiana. Em "O baile de Celina", observa-se o racismo estrutural que permeia o sistema educativo moçambicano e a exclusão de jovens negras dos espaços de prestígio simbólico. Em "Caniço", a construção de

uma casa por uma mulher abandonada representa uma metáfora de autonomia e resistência. Já em “Suhura”, o feminicídio da protagonista é tratado com brutalidade e ironia, desmascarando a indiferença social e institucional diante da violência contra mulheres negras periféricas. A escrita de Momplé utiliza linguagem acessível e elementos da oralidade africana, promovendo um resgate da sabedoria popular e da tradição narrativa moçambicana. Como principais achados, identificou-se que Ninguém matou Suhura constitui uma intervenção política e ética na literatura africana em língua portuguesa. A obra amplia o espaço de representação das mulheres e da periferia, questiona as estruturas de poder herdadas do colonialismo e do patriarcado e propõe novas subjetividades. A literatura de Momplé contribui para desestabilizar o cânone literário tradicional, e sua escrita torna-se uma forma de justiça simbólica e de denúncia da exclusão social. Conclui-se que a autora não apenas representa mulheres subalternizadas, mas escreve a partir delas e para elas, tornando sua literatura um poderoso instrumento de memória, resistência e transformação social.

Palavras-chave: Lília Momplé; literatura moçambicana; resistência feminina; subalternidade; pós-colonialismo; género.

Referências:

ALÓS, Ana Paula. Memória cultural e imaginário pós-colonial: o lugar de Lília Momplé na literatura moçambicana. Caligrama: Revista de Estudos Românicos, v. 16, n. 1, p. 137–158, 2011a. ALÓS, Ana Paula. A ficcionalização da história moçambicana nos contos de Lília Momplé. Estudos Feministas, v. 19, n. 3, p. 1005–1008, 2011b.
MOMPLÉ, Lília. Ninguém matou Suhura. 3. ed. Maputo: Edição da autora, 2007. PADILHA, Lucia Castello Branco. A diferença interroga o cânone. In: SCHMIDT, Rita T. (Org.). Mulher e literatura: (trans)formando identidades. Porto Alegre: Editora da Pallotti, 1997. p. 61–69.
SAID, Edward W. Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. SCHMIDT, Rita Terezinha. The nation and its other. Conexão Letras, v. 1, n. 1, p. 86–110, 2005.

A cultura do machismo em decisões judiciais sobre feminicídio:uma análise linguístico-discursiva sobre a violência de gênero no contexto Amazônico

Joanice Soares de Sousa
Mestre em Letras pelo
Poslet/UNIFESSPA
joanice322@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe uma investigação discursiva sobre a presença de traços da cultura do machismo em sentenças de pronúncia produzidas por juízes de Direito, no âmbito da tramitação de processos de feminicídio na região Norte do Brasil, no Tribunal do Júri. O aporte teórico fundamenta-se em Fiorin (2015), que trata da argumentação de procedência retórica; Ruth Amossy (2018), que desenvolve estudos sobre a argumentação no discurso; e Gerda Lerner (2019), que aborda a criação do patriarcado, entre outros autores que analisam o feminicídio e o machismo no contexto social brasileiro. Adotando uma abordagem qualitativa, a pesquisa busca identificar, nas sentenças de pronúncia que compõem o corpus do estudo, como se constituem discursivamente os interlocutores, qual a configuração da estrutura argumentativa dessas peças processuais e a presença de marcas linguístico-discursivas da

cultura do machismo em contexto amazônico. A partir da utilização de ferramentas teórico-metodológicas relacionadas à teoria da argumentação retórica, são analisados trechos das sentenças de pronúncia em que os depoimentos dos acusados, os argumentos da defesa e os da acusação são retextualizados pelo juiz de Direito. O objetivo é abordar criticamente a cultura do machismo no Brasil, bem como a consequente violência contra as mulheres, especialmente na região Norte, para então propor alternativas de enfrentamento. Para se dimensionar a complexidade do problema no Brasil, podem ser aventadas as alarmantes estatísticas disponibilizadas anualmente por institutos de pesquisa públicos e privados. Barros e Renee (2019, p. 22) explicitam que, para a mulher, o domicílio pode ser o lugar que lhe oferece mais perigo de morte: "No Brasil, entre 2000 e 2010, 43.700 mulheres foram assassinadas, das quais cerca de 41% foram mortas em suas próprias casas, muitas pelos companheiros ou ex-companheiros, com quem mantinham ou haviam mantido relações íntimas de afeto e confiança". Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública indicam que cerca de 70% dos feminicídios identificados pelas polícias civis no ano de 2023 foram cometidos dentro de casa (FBSP, 2023). Diante das análises realizadas em sentenças judiciais da região Norte, observou-se que os relatos dos acusados frequentemente expressam sentimentos de poder, posse ou dominação sobre o corpo da mulher, evidenciados por falas que justificam atos cruéis com argumentos banais. Nesse sentido, as estruturas sociais contribuem para a normalização da violência contra as mulheres, resultando em padrões culturais que minimizam a gravidade desses crimes. Como afirma Bourdieu (2021), a ordem masculina inscreve-se nos corpos por meio de injunções tácitas ou implícitas e nas rotinas das divisões de trabalho, sendo exemplo disso as condutas de marginalização impostas às mulheres por sua exclusão dos espaços tradicionalmente masculinos.

Palavras-chave: Feminicídio, Sentença Judicial, Argumentação, Violência de gênero, Tribunal do Júri.

Referências:
AMOSSY, Ruth. A Argumentação no Discurso. São Paulo: Contexto, 2020.
FIORIN, José Luiz. Argumentação. São Paulo: Contexto, 2020.
FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/6b3e3a1b-3bd2-40f7-b280-7419c8eb3b39. Acesso em: 05 abr. 2024.
LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

Letramento Jurídico na Compreensão da Violência de Gênero

Luis Felipe Costa
Graduando em Direito (UFPA)
luis.felipe.costa22.ea@gmail.com

Maria Glafira da Costa Rodrigues
Graduanda em Licenciatura em Letras - Português (UFRA)
maria.rodrigues@discente.ufra.edu.br

Resumo: A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo acerca da atuação do letramento jurídico na compreensão da violência de gênero. O objetivo central deste trabalho consiste em analisar

criticamente o conceito de letramento jurídico e seus impactos na (des)legitimação de narrativas violentas de gênero. Ademais, busca-se discutir a evolução do conceito de letramento no contexto educacional brasileiro, bem como identificar possíveis rupturas e distorções que são inerentes à tradução jurídica da linguagem oral para a escrita em processos judiciais. A relevância desta pesquisa reside na necessidade de compreensão do letramento jurídico para desvelar as dinâmicas de poder e desigualdades que permeiam o sistema jurídico; tal problemática se acentua ao realizar a análise sob a ótica do gênero. Nesse sentido, esse estudo se justifica na urgência de propor caminhos para a democratização do letramento jurídico. Nessa perspectiva, os aspectos metodológicos da pesquisa caracterizam o estudo de abordagem qualitativa a partir da pesquisa bibliográfica, conforme sugere Gil (2002). Os resultados demonstram que o letramento transcende o conceito de alfabetização que foi perpetuado ao longo da história da educação brasileira: a decodificação do código linguístico. A mudança de paradigma ocorre a partir da década de 1980, ao consolidar o letramento como o desenvolvimento de habilidades que permittem o uso crítico da leitura e escrita em práticas sociais. No âmbito jurídico, ocorre uma tensão entre a linguagem oral e a linguagem escrita, por isso, a prática jurídica pode ser uma ferramenta de reprodução da violência de gênero, haja vista que a ausência de domínio técnico-jurídico por parte das vítimas contribui para a deslegitimação de suas falas, dificultando seu acesso efetivo à justiça. Diante do exposto, a análise aponta para o papel fundamental dos movimentos sociais, políticos e educacionais na reivindicação de direitos e no questionamento das estruturas do sistema de justiça, da mesma forma, evidencia-se a importância do trabalho com os gêneros textuais e a literatura como formas de aproximação dos indivíduos com o dialeto jurídico, promovendo, assim, a conscientização. Pois, além de serem textos acadêmicos, essas ferramentas configuram-se como pontes fundamentais para a aproximação dos sujeitos com o complexo texto jurídico, haja vista que, ao explorar as diferentes manifestações da linguagem, de maneira verbal ou não verbal, é possível desmistificar a linguagem dos referidos textos, tornando-o sujeito ativo na busca por justiça. Portanto, ao capacitar o sujeito para decifrar e interagir de forma crítica com o discurso, ocorre o desenvolvimento do poder de indagação e contestação frente a dualidade linguística. Como embasamento teórico para o estudo, utilizou-se Soares (2008) na conceituação do letramento como conjunto de habilidades mentais críticas e práticas; Monte-Serrat e Tfouni (2010) que analisam a inadequação da transição entre a linguagem oral e escrita no campo jurídico; Pêcheux (2002) ao sinalizar o papel de poder do discurso do juiz, ao ser capaz de interpretar e reorganizar os sentidos discursivos; Davis (2018) que discorre sobre a justiça destinada às mulheres no passado; Ribeiro e Borges (2019) que afirmam, na atualidade, o uso excessivo e violento do Direito sobre os corpos femininos; Santos (2015) afirma que, embora o sistema mantenha os sujeitos em situação de vulnerabilidade socialmente institucionalizada, não os retira a consciência crítica que os permite identificar o ato sofrido como errôneo e a noção de que possuem direitos que devem ser respeitados; Leite (1999) com o panorama educacional brasileiro a partir de 1964 e Freire (1996) na defesa por uma educação popular, crítica e reflexiva, em que o indivíduo precisa ser objeto e sujeito da História, e pela união entre a "leitura do mundo" e a "leitura da palavra" para desenvolver a capacidade de criticar o que o cerca.

Palavras-chave: Letramento jurídico, gênero, gêneros textuais, violência.

Referências:

DAVIS, Angela. As prisões são obsoletas? São Paulo: Boitempo, 2018.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002
LEITE, Sérgio Celani. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.
MONTE-SERRAT, Dionéia Motta; TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e discurso jurídico: novas perspectivas para o discurso do Direito. São Paulo: Cortez, 2010.
PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento? 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.
RIBEIRO, Djamila; BORGES, Juliana. Encarceramento em massa. São Paulo: Pólen, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma revolução democrática da justiça. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. São Paulo: Autêntica, 2008.
TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

O ensino das HQ'S como ferramenta de combate à desigualdade de gênero: um estudo sobre estratégias didático-pedagógicas via DIPAC.

Suelen Vívian Gatinho da Silva
Mestranda POSLET UNIFESSPA.
prof.suelengatinho@gmail.com

RESUMO: Este trabalho propõe apresentar uma discussão teórica sobre o combate à violência contra a mulher por meio do ensino-aprendizagem do gênero discursivo/textual História em Quadrinhos (HQ), sob a perspectiva da metodologia subjacente ao design instrucional conhecido como "Dinâmica Interacional Pedagógica Adaptativa Complexa" (DIPAC) a fim de alcançar a prática social nas aulas de Língua Portuguesa. Nesse sentido, este estudo traz à baila a necessidade do ensino de HQ como ferramenta para proporcionar o incentivo à leitura, à produção textual e à discussão sobre questões sociais a exemplo da desigualdade de gênero. Sendo assim, este estudo possui grande relevância social, sobretudo, acadêmica, considerando uma sociedade que requer cada vez mais uma competência comunicativa em relação à aprendizagem dos textos multimodais. Nos últimos tempos, a comunicação entre as pessoas foi imensamente impactada com o uso das tecnologias digitais. A partir disso, surgem novas maneiras de ser, de se relacionar, de se informar, de estudar, de aprender. Desse modo, faz-se necessário a reflexão sobre quais práticas metodológicas são adequadas para esse novo tempo que Rojo (2005) nomeou de hipermodernidade. Partindo do pressuposto que os textos são materializados de diferentes maneiras, a escola deve proporcionar a potencialização do aprendizado desses recursos presentes nas linguagens híbridas quanto às condições de produção, conteúdo temático, estrutura e estilo (Bakhtin, 2022, p.12), com foco na observação dos recursos multimodais mobilizados no gênero HQ. Este estudo apresenta a abordagem qualitativa-quantitativa que diz respeito à pesquisa documental ou bibliográfica no qual propõe a busca de embasamento teórico com o propósito de fundamentar os dados gerados, o que mostra a relação entre o mundo real e os sujeitos participantes desta. Nessa abordagem, nota-se a associação do conhecimento como um processo socialmente construído pelos indivíduos que transformam e são transformados pela sociedade que pertencem. Dessa maneira, serão analisadas e interpretadas as informações coletadas a partir das atividades aplicadas em sala de aula. Com isso, a principal intenção é fornecer soluções para questões pedagógicas e oportunizar novos "insights" sobre o processo de ensino do componente curricular Língua Portuguesa, com o propósito de contribuir para novos caminhos a fim de uma aprendizagem mais significativa. Por fim, refletir sobre o potencial emprego da HQ como instrumento para o ensino-aprendizagem de leitura/ produção textual em sala de aula, utilizando-a como ferramenta de enfrentamento à desigualdade de gênero, sobretudo à violência doméstica e familiar contra a mulher.

Palavras-Chave: Gêneros. Ensino. Metodologia. Análise. DIPAC. HQ

REFERÊNCIAS:
BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261/ 306.
BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.
BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. 2 ed. Recife: Pipa Comunicação, Campina Grande: EDUFCG, 2020.
MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: RAMOS, Paulo. A leitura dos Quadrinhos. São Paulo: Contexto,2023.
PAULINELLI, Maysa. Quadro de dimensões do gênero textual e discursivo. Marabá. Unifesspa.2024.
PARREIRAS. Vicente. A sala de aula digital sob a perspectiva dos sistemas complexos: uma abordagem qualitativa. Minas Gerais. UFMG. Repositório Institucional. Dissertações e Teses. 2005. http://hdl.handle.net/1843/ALDR-69TQ6C
ROJO, R.H. , R.; BARBOSA, J. P. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
THIOLLENT, Michel J. M. Metodologia da pesquisa-ação. 2. ed. São Paulo (SP): Cortez, 1986
VERGUEIRO, Waldomiro. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto,2006.

Interseccionalidade, violência de gênero e políticas públicas: o peso de ser mulher em Parauapebas, no sudeste do Pará.

Jéssica do Carmo Borges Mousinho
Mestra em Letras pelo POSLET-UNIFESSPA
jessicaborges@unifesppa.edu.br

Resumo: Este trabalho analisa, sob a perspectiva interseccional, o reassentamento involuntário urbano de famílias no âmbito do Programa de Saneamento Ambiental, Macrodrenagem e Recuperação de Igarapés e Margens do Rio Parauapebas (Prosap), executado pela Prefeitura Municipal de Parauapebas, no sudeste do Pará. Fundamentado no conceito de interseccionalidade proposto pela intelectual americana Kimberly Crenshaw (2002), com contribuições da pesquisadora brasileira Carla Akotirene (2019), o estudo busca refletir sobre os marcadores sociais que atravessam os sujeitos impactados pela política do reassentamento, com ênfase nas experiências vividas por mulheres. Parauapebas tem 37 anos de emancipação político-administrativa, é a sede de grandes projetos de mineração responsáveis por intensa migração e acelerado crescimento urbano. Por causa desse crescimento tumultuado, a cidade coleciona problemas sérios relacionados ao saneamento básico, por isso o Prosap foi instituído, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população e promover o desenvolvimento socioeconômico sustentável da área de intervenção, com o aumento dos índices de coleta e tratamento de esgoto. Além destas mazelas, a cidade é atravessada por um outro problema: a violência de gênero. Um estudo da Tewá 225 Consultoria intitulado “Piores cidades para ser mulher”, que avaliou 319 cidades brasileiras com mais de 100 mil habitantes, colocou Parauapebas como a 5ª pior cidade do Brasil para uma mulher viver. O relatório foi realizado a partir dos dados de 2024 do Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades (IDSC-BR), com foco nos principais indicadores do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 da Organização das Nações Unidas (ONU), que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar mulheres e meninas. A pesquisa é de

abordagem qualitativa, tendo utilizado o documento denominado “Plano Específico de Reassentamento da População e das Atividades Econômicas – PER Parauapebas”, e entrevistas com mulheres reassentadas, a fim de compreender como desigualdades estruturais, como gênero, raça, classe e idade, se articulam nas trajetórias dessas mulheres, ampliando situações de vulnerabilidade e marginalização. Considerando que tratar de interseccionalidade é aproximar marcadores sociais e analisá-los de forma relacional, observando com cuidado as conexões entre raça, gênero, classe, idade, entre outros, foi-nos possível identificar a ausência de um recorte racial no PER Parauapebas, revelando a insuficiência da política pública em reconhecer a complexidade e a diversidade das experiências vividas pelos sujeitos do reassentamento. Essa não percepção em reunir informações cruciais para a elaboração de políticas públicas pode contribuir para um cenário ainda mais violento e opressor. O Projeto Maria da Penha na Minha Escola, desenvolvido em duas escolas municipais de Parauapebas, com estudantes do 8º ao 9º ano, é resultado dessa lacuna, uma vez que propõe reflexões sobre os papéis de gênero na sociedade para a construção de uma cultura da não violência contra a mulher. Este trabalho reforça o debate sobre a necessidade das ações públicas considerarem os múltiplos marcadores sociais que constituem os indivíduos e suas realidades, para a construção de uma sociedade mais acolhedora e justa.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Políticas Públicas, Mulheres, Violência de Gênero, Parauapebas.

Referências:

Akotirene, Carla. 2019. Vamos pensar direito: interseccionalidade e as mulheres negras. São Paulo. SP.

Crenshaw, Kimberlé. 2002. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos feministas. Los Angeles. CA.

Mousinho, Jéssica do Carmo Borges. 2024. O discurso institucional sobre o reassentamento involuntário urbano: análise de ações de comunicação digital da Prefeitura de Parauapebas/PA. Marabá.PA.

Per, Prosap. 2019. Plano Específico de Reassentamento da População e das Atividades Econômicas. Parauapebas. PA.

Autoetnografia e Psicanálise na formação docente: uma rota para escutar o sofrimento e a violência simbólica na educação

Marlon Nunes Silva
Doutorando doPosling-
CEFET/MG
psicanalistamarlonnunes@gmail.com

Resumo: Esta comunicação propõe um diálogo entre a Linguística e a Educação ao articular a prática da autoetnografia com fundamentos da Psicanálise na escuta do sofrimento psíquico de professores da educação básica. Parte-se da hipótese de que os dispositivos burocráticos e a estrutura tecnocrática da escola contemporânea não apenas produzem experiências de desrealização e despersonalização, mas também configuram formas de violência simbólica (BOURDIEU, 1998), responsáveis por minar a saúde mental e a potência crítica do sujeito docente. A autoetnografia é assumida como um dispositivo epistêmico que permite ao

narrador construir conhecimento a partir de sua própria experiência situada, cruzando vivências pessoais com as dimensões culturais, institucionais e políticas da docência (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011; DENZIN, 2006). Nesse contexto, é fundamental reconhecer que muitas das violências presentes na escola não se expressam apenas em agressões físicas, mas se manifestam de modo mais insidioso por meio da deslegitimação das subjetividades, da imposição de normativas descontextualizadas e da cobrança incessante por resultados quantificáveis. Como já sinalizava Weber (2022, p. 37-39), a superioridade técnica da burocracia decorre justamente de seu caráter impessoal, funcional e fragmentado, no qual os sujeitos tornam-se meros executores de normas, independentemente de seus sentimentos ou das singularidades do cotidiano. Paralelamente, as elites propagam o discurso de que a educação encontra-se em crise por influência de teorias críticas como as de Paulo Freire. Trata-se, contudo, no sentido de Baudrillard (1991), de um discurso ideológico que distorce a realidade educacional a fim de favorecer interesses mercadológicos, instaurando uma lógica simulada, hiper-real, "mais real que o real". Adicionalmente, Adorno (2014) adverte que os sintomas de colapso da formação cultural ultrapassam os limites da pedagogia e dos métodos educacionais, pois têm origem nas condições extrapedagógicas da realidade social. Reformas isoladas, ao negligenciarem o contexto histórico e material mais amplo, podem inclusive agravar a crise educacional, ao suavizar exigências e ignorar os poderes estruturais que atuam sobre os corpos escolares. A metodologia qualitativa ancora-se na escrita autoetnográfica de professores em diferentes momentos da carreira, associada à análise de conteúdo (BARDIN, 2016) e ao referencial psicanalítico freudiano e lacaniano, especialmente no que tange ao papel da linguagem na constituição do sujeito. A escrita de si é compreendida, assim, como um ato de resistência simbólica e um gesto ético de escuta e elaboração do sofrimento que emerge diante de um cenário educativo marcado pela precarização e pelo apagamento da dimensão afetiva e subjetiva do trabalho docente. A proposta se alinha ao objetivo de construir rotas reflexivas e sensíveis de formação, que permitam desvelar as formas estruturais e discursivas da violência na educação, ao mesmo tempo que convoca práticas pedagógicas mais implicadas com a escuta, o reconhecimento e a elaboração dos impasses vividos pelos educadores. Ao articular linguística, psicanálise e práticas de formação, a pesquisa oferece uma via de enfrentamento à racionalidade instrumental que permeia as políticas educacionais, contribuindo para a criação de espaços de resistência, reelaboração e transformação.

Palavras-Chave: autoetnografia; psicanálise; sofrimento docente; violência simbólica; formação de professores.

Referências:

ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução: Reto LADEIRA e Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUDRILLARD, Jean. A troca simbólica e a morte. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Loyola, 1991.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

DENZIN, Norman K. Interpretiveautoethnography. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2006.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: an overview. Forum Qualitative

Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, [S.l.], v. 12, n. 1, jan. 2011. Disponívelem: https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589. Acesso em: 22 jul. 2025.
WEBER, Max. Ensaios de sociologia. Tradução de Walquiria Leão Rego. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2022.

A educação antirracista como instrumento de combate à violência escolar: uma proposta de intervenção didática a partir do gênero charge

Maurício da Serra Silva
Mestre PROFLETRAS/
UNIFESSPA
mdaserrasilva@yahoo.com.br

A presente pesquisa tem como objetivo geral desenvolver uma proposta de intervenção didática a partir do trabalho com os multiletramentos no gênero charge, no intuito de tornar os alunos do Ensino Básico, leitores mais críticos e atuantes diante das problemáticas sociais surgidas em questão. No caso, propomos a temática da análise de charges antirracistas para que os discentes obtenham um conhecimento crítico, se conscientizem de que o racismo é uma prática desumana e insustentável e, assim, cessem os atos de violência escolar motivados por condutas racistas. Neste viés, na contemporaneidade, não temos como não abordar uma temática que há tempos remotos causava e ainda hoje causa enormes prejuízos à construção de uma sociedade justa, equitativa, solidária e igualitária. Essa temática é a temática do racismo, que existe no nosso país desde o período colonial e ainda persiste na atualidade com a configuração de uma sociedade eurocêntrica, brancocêntrica, com uma estrutura de poder que privilegia as pessoas da etnia branca. O racismo na sociedade brasileira, conforme explica Cavalleiro (2005), se manifesta por meio de uma lógica de segregação embasada em preconceitos e discriminações raciais presentes em diversas instituições sociais, incluindo escolas, igrejas, meios de comunicação e, principalmente, nas estruturas familiares. Essa prática não apenas representa uma violação individual, mas também, em termos coletivos, perpetua a desigualdade na vida cotidiana da população negra, onde a cor é explicitamente associada à disparidade. Diante dessa realidade, a Educação Antirracista deve propor um currículo escolar fundamentado na interculturalidade, que promova o diálogo entre os sujeitos culturais sem subordinação e hierarquização das culturas historicamente marginalizadas. Esse diálogo deve ser horizontal, orientado pelo amor e respeito ao outro, conforme preconizado por Freire (1987). Essa abordagem não apenas permite a equidade social, mas também promove o empoderamento das pessoas negras ao estimular um pensamento crítico que questiona práticas monoculturais que historicamente resultaram em currículos monoculturais e eurocêntricos, privilegiando a cultura branca. A Educação Antirracista, portanto, efetiva os direitos humanos ao valorizar a dignidade humana. A afirmação da diferença como riqueza e o diálogo entre sujeitos diversos são condições essenciais para uma verdadeira Educação Antirracista, cuja diretriz fundamental é estabelecer relações igualitárias, sem subordinação de grupos socioculturais. Neste sentido, a charge, enquanto forma de expressão artística e satírica, possui um potencial significativo como instrumento para promover a Educação Antirracista. A Educação Antirracista busca não apenas combater o racismo, mas também desconstruir estereótipos, promover a valorização da diversidade e criar uma consciência crítica sobre as estruturas sociais que perpetuam a discriminação racial. Neste contexto, a charge pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica para engajar alunos, estimular o diálogo e desafiar preconceitos profundamente enraizados. Além disso, no contexto brasileiro,

as temáticas de feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula emergem como elementos essenciais para a promoção da diversidade e o combate às desigualdades. Seguindo esta linha de raciocínio, concordamos com Tolentino (2021) que oferece uma contribuição valiosa para esse diálogo, explorando a interseccionalidade dessas questões e propondo práticas que transcendem as barreiras tradicionais do ambiente educacional.

Palavras-chave: Gênero Charge, Educação Antirracista, ambiente educacional.

Referências:
CAVALLEIRO, Eliane. Discriminação racial e pluralismo nas Escolas públicas da cidade de São Paulo. In: SECAD. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 65-104.
CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e Antirracismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
TOLENTINO, Luana. Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula. Mazza Edições, 2021.

Formação Docente para o Enfrentamento da Violência Sexual Escolar: Uma Trilha de Aprendizagem Design Pedagógico DIPAC

Laudinéia Veras Almeida lobato
E-mail:lau.veras73@gmail.com
Mestre em Letras PROFLETRAS/UNIFESSPA

Resumo: A violência sexual contra crianças e adolescentes representa um grave problema social e educacional, frequentemente manifestando-se ou sendo revelada no ambiente escolar. A escola, enquanto espaço de proteção, demanda profissionais capacitados para identificar sinais, acolher vítimas e atuar em rede, conforme as responsabilidades éticas e legais. O presente Projeto de Intervenção Pedagógica apresenta uma proposta de uma Trilha de Aprendizagem voltada à formação docente para o enfrentamento da violência sexual escolar contra crianças e adolescentes. Esta proposta se fundamenta na Dinâmica Interacional Pedagógica Adaptativa Complexa (DIPAC) desenvolvida por Parreiras e seus colaboradores. O projeto contempla cinco oficinas pedagógicas, as quais são integradas aos recursos digitais, metodologias ativas e atividades colaborativas, promovendo reflexão, produção e socialização de estratégias pedagógicas eficazes e acolhedoras. A intervenção objetiva propiciar uma formação aos docentes para que possam identificar sinais precoces da violência sexual, para acolher eticamente as vítimas, para agir conforme os protocolos legais e para atuar de forma articulada na proteção integral de crianças e adolescentes. As oficinas, como supracitada, são cinco: 1- Violência Sexual Escolar (Conceitos e Impactos); 2- Procedimentos Éticos e Legais; 3- Práticas de escuta e acolhimento: o papel da escola; 4- Consolidação e Divulgação; e 5- Avaliação. Cada oficina, com duração média de 100 minutos, contempla exposição dialogada, interação ativa, uso de recursos digitais e produção colaborativa, com avaliação processual e formativa ao longo de todo o percurso. A proposta antecipa um potencial transformador nas práticas pedagógicas, construindo estratégias concretas e alinhadas às diretrizes legais, éticas e pedagógicas, e promovendo ambientes escolares mais seguros e empáticos. Espera-se que a

formação proposta gere efeitos multiplicadores, fortalecendo o olhar atento e acolhedor dos educadores e contribuindo para a construção de ambientes escolares mais seguros e preparados para acolher situações de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Violência sexual, Formação Docente, DIPAC, Educação Preventiva, Trilha de Aprendizagem.

Referências:
ABRAMOVAY, Miriam. Violências nas escolas. Brasília: UNESCO, 2002.
BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.
BRASIL. Lei da Escuta Protegida. Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017.

O desenvolvimento das competências argumentativas por meio da DIPAC e do teatro de improvisação: uma proposta de abordagem na sala de aula

Renan Lucas Israel Nascimento da Silva
Doutorando em Estudos de Linguagem - CEFET-MG
renanlucas@unifesspa.edu.br

Vicente Aguimar Parreiras
Doutor em Letras- UFMG
vicenteparreiras@gmail.com

Resumo: A argumentação está presente no dia-a-dia de todos os sujeitos em nossa sociedade, desde as atividades mais simples como comprar/vender uma comida a atividades mais complexas como redigir uma petição. Neste segundo caso é necessário que haja um conhecimento linguístico-discursivo para a sua redação, o que implica na constituição de um repertório e na adoção/uso de estratégias/raciocínio argumentativo. Este projeto de pesquisa tem por objetivo investigar em quais aspectos as técnicas de encenação teatral podem ser aliadas à Dinâmica Interacional Pedagógica Adaptativa Complexa - DIPAC (Parreiras, 2020; 2022) como ferramentas didático-pedagógicas para o ensino e a aprendizagem de estratégias argumentativas de estudantes do Ensino Médio da rede pública de ensino do Pará. Para esta finalidade, ancoramo-nos em uma abordagem qualitativa (Bogdan e Biklen, 1998), seguida de uma pesquisa participante (Severino, 2007). Após um diagnóstico dos desafios para o domínio das técnicas e estratégias argumentativas por parte dos alunos, aplicaremos oficinas pedagógicas, as quais estarão fundamentadas nos pressupostos da DIPAC (Parreiras, 2020; 2022), fundamentadas nas práticas do Teatro de Improvisação, fundamentadas na teoria de argumentação de procedência retórica (Perelman, 1997) e fundamentadas na argumentação no discurso (Amossy, 2017; 2018). Além disso, a proposta de pesquisa perpassa por ações de letramento jurídico por abordar, dentro das estratégias argumentativas, a violência contra a mulher, as quais estão elencadas na Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) e na Lei nº 14.994/2024 (institui o feminicídio como um tipo penal e aumenta a pena). Nesse sentido, acompanharemos todo o processo, buscando descrever minuciosamente os dados produzidos para que possamos avaliar a efetividade dessa relação para o desenvolvimento das competências argumentativas. Para isso, seguiremos a metodologia de análise de conteúdo (Bardin,1977). Portanto, investigar essa metodologia inovadora propicia uma nova possibilidade de abordar um conteúdo sensível, que é a violência contra a mulher, e pode propiciar o desenvolvimento da competência e das habilidades argumentativas.

Palavras-chave: Competência argumentativa; DIPAC; Teatro de improvisação; Letramento jurídico; Violência contra a mulher.

Referências:
AMOSSY, R. Apologia da Polêmica. São Paulo: Contexto, 2017.
AMOSSY, R. Argumentação no discurso. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
PARREIRAS, V. A. "Dinâmica interacional" para gerenciamento de aprendizagem de língua estrangeira baseada na teoria da complexidade. In: GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro. (org.). A hora da EaD – Os novos rumos da Educação no tempo digital. 1. ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020, 293 p.
PARREIRAS, Vicente Aguimar; MENDES, Maurício Teixeira. DIPAC: potencialização de práticas docentes significativas no ere em contexto de educação do campo. In: SILVA, Ana Carolina Martins da. WENCZENOVICZ, Thais Janaina. (Orgs) Direitos humanos, educação e políticas públicas. Joaçaba: Editora Unoesc, 2022. 286 p. (p. 183-207) Disponível em: https://www.unoesc.edu.br/images/uploads/editora/Direitos_humanos,_educacao_e_politicas_publicas.pdf . Acesso: 29 ago. 2022.

A ARGUMENTAÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DO FEMINICÍDIO NA ESCOLA

Renan Lucas Israel Nascimento da Silva
Doutorando em Estudos de Linguagem- CEFET-MG
Renanlucas@unifesspa.edu.br

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli
Doutora em Letras- PUC Minas
maysapadua@unifesspa.edu.br

Vicente Aguimar Parreiras
Doutor em Letras- UFMG
vicenteparreiras@gmail.com

Resumo: Uma educação libertadora oportuniza um espaço de diálogo aos sujeitos, os quais podem participar do processo de construção do conhecimento, isto é, os sujeitos se compreendem como parte fundamental na prática de ensino e aprendizagem significativa. O presente estudo tem por objetivo realizar uma descrição do processo de produção de dados da pesquisa de mestrado intitulada "Argumentação para a igualdade de gênero: análise linguístico-discursiva de uma simulação do Tribunal do Júri". Dessa forma, este estudo se insere no interior de uma pesquisa mais ampla, que analisou, linguístico-discursivamente, os argumentos proferidos durante uma sessão de simulação do Tribunal do júri dos alunos do ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Para essa finalidade, os dados foram produzidos a partir de uma abordagem qualitativa, como parte de um procedimento de estudos de caso, em que foram ofertados espaços de formação com a temática do feminicídio no intuito de que, por meio da linguagem, fosse possível modificar crenças para que pudéssemos ter ações, dos sujeitos participantes, de combate a essa violência

que tem crescido em Marabá/PA e no Brasil, o que configura uma ação de letramento jurídico. Esses espaços foram ofertados em formato de quatro oficinas, as quais exploraram os aspectos supracitados por meio de metodologias de ensino e aprendizagem inovadoras como a Dinâmica Interacional Pedagógica Adaptativa Complexa (DIPAC) desenvolvida por Parreiras (2020 – 2022) e colaboradores, o teatro de improvisação, os diálogos abertos para a argumentação (Amossy 2017 – 2018) e a simulação do Tribunal do Júri sobre um caso de tentativa de feminicídio que foi adaptado. Observamos que o emprego dessas metodologias propiciou um espaço formativo que rompeu com o tradicionalismo das aulas e abordagens do tema de forma expositiva. Além disso, esse trabalho oportunizou uma aprendizagem significativa dos estudantes que reconheceram práticas de violência contra a mulher e puderam refletir sobre os estereótipos e crenças cristalizadas na sua formação como cidadão. Portanto, abordar a temática do feminicídio por meio da DIPAC, do teatro e da simulação foi uma forma de ampliar o grau de aceitabilidade dos alunos diante de um tópico sensível e alvo de muitas controvérsias.

Palavras-chave: Feminicídio; DIPAC; Teatro de improvisação; Júri simulado.

Metodologias para o enfrentamento da violência de gênero: da escola para a vida

Vanessa Pereira Santos
Mestranda Poslet
UNIFESSPA
pereiravanessa044@gmail.com

Resumo: A violência de gênero é uma das questões que mais afetam a sociedade brasileira, uma pauta que não é recente, porém, que se faz necessária. Há um grande acesso a informações na atualidade, diariamente são publicadas notícias de mulheres assassinadas em virtude de sua condição de gênero, e isso se torna cada vez mais frequente. Observa-se, diante desse contexto de extrema violência, a necessidade de levar essa pauta para a sala de aula, vendo na escola um ambiente favorável para a formação de sujeitos mais conscientes de suas ações e críticos capazes de argumentar sobre pautas sociais. A partir dessa temática da violência e pensando nas várias formas em que ela se efetiva, faremos um levantamento de trabalhos que realizaram, na prática, intervenções didáticas com o intuito de combater a violência de gênero e iremos expor também como se desenvolveram essas propostas metodológicas. Em seguida, traremos uma proposta didática voltada ao enfrentamento da violência de gênero, precisamente a violência contra as mulheres. Trata-se de um projeto de intervenção didático-pedagógica para ser aplicado em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de Marabá/PA, abordando-se a temática da violência contra a mulher. O projeto prevê a realização de oficinas sistematizadas em torno dos diversos tipos de violência de gênero (agressão física, psicológica, patrimonial, sexual), suas origens e consequências para a sociedade. Nesta etapa o que se propõe é de fato conduzir os alunos a refletirem, fundamentadamente, sobre o assunto. A partir da temática da violência de gênero, serão desenvolvidos estudos amplos sobre a teoria da argumentação e sobre as práticas argumentativas em sala de aula, buscando contribuir para a formação desses sujeitos. Ao final de toda essa trajetória, os alunos serão convidados a produzir uma carta aberta, posicionando-se diante de um caso de feminicídio que tenha ocorrido na região. Os alunos

analisarão esse caso concreto e, na sequência, irão elaborar uma carta aberta argumentativa sobre o tema “Por que não se deve matar mulheres?”. Além disso, serão analisadas as cartas, a partir de alguns critérios: adequação ao gênero, escolhas lexicais, seleção e organização dos argumentos, entre outros. Como aporte teórico da pesquisa, será utilizado Holanda (2019), para tratar de gênero como categoria social. Amossy (2020), Bakhtin (2011) e Marcuschi (2008) servirão de apoio aos estudos dos gêneros discursivos e da carta aberta. Perelman-Tyteca (1996), Fiorin (2022) e outros serão utilizados para estudos a respeito das bases da argumentação e dos tipos de argumento.

Palavras-chave: Violência de gênero, Oficinas, Argumentação, Sala de aula.

Referências:

Amossy, R. A Argumentação no Discurso. São Paulo: Contexto, 2020.

Bakhtin, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Fiorin, J. L. Argumentação. São Paulo: Contexto, 2018.

Holanda, H. B. (Org.) Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazer do Tempo, 2019.

Marcuschi, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Perelman, C.; Olbrechts-Tyteca, L. Tratado da Argumentação: a Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

A LINGUAGEM NOS CONTEXTOS FORENSES: Relações de poder e vulnerabilidade jurislinguistica

Tadeu Luciano Siqueira Andrade
tadeu.luciano@bol.com.br

Resumo: Nos contextos forenses, a linguagem apresenta uma função imprescindível, pois, a partir dela, resolve-se o conflito, concede o direito, restabelece-se a paz e normaliza a convivência social. Ao mesmo tempo que a linguagem propicia o exercício da jurisdição, pode servir de obstáculo para o conhecimento e defesa de direitos, sobretudo quando se trata de um cidadão/cidadã comum que desconhece o modus operandi do ambiente jurídico principalmente nas questões referentes à linguagem. Assim, um cidadão/cidadã leigo/a em matéria de Direito pode ter seu direito violado, e a linguagem funciona como um obstáculo de acesso à justiça. Este trabalho propõe uma análise da Lei Maria da Penha com foco nos aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos, considerando a relação Direito e Linguagem, partindo dos estudos de Calmon de Passos (2001), Andrade (2021), Hamel (003), Gnerre (1998), Souza (2018), Carboni e Maestri, (2008), Scherre (2013), Sousa Santos (2014) e outros. A pesquisa visa à análise do ponto de vista desses teóricos no que se refere aos obstáculos linguísticos que o/a jurisdicionado/ a enfrenta nas relações de poder quando se encontra diante de uma autoridade judiciária. Adotando os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa, o estudo analisa os principais argumentos inerentes ao tema, ressaltando a inter-relação Direito e Linguagem. O corpus da pesquisa consta de uma conversa acerca de um depoimento de uma mulher vítima de violência doméstica. Por questões éticas, considerando o sigilo processual e, a pedido da vítima, não serão apresentadas informações acerca dos fatos. Neste trabalho, enfatiza-se a necessidade de um olhar crítico acerca da vulnerabilidade psicológica pela qual passa a mulher quando o depoimento é tomado por uma autoridade judiciária masculina, sobretudo quando se trata de violência doméstica.

Palavras-chave: Direito, Linguagem, Mulher, Relações de Poder, Violência Doméstica.
Referências:
CALMON DE PASSOS, J. J. Instrumentalidade do processo e devido processo legal. Revista de processo, São Paulo, v.102, p.63-64, 2001.
CARBONI, Florence & MAESTRI, Mário. A linguagem escravizada. São Paulo: Expressão Popular, 2006;
GNERRE, Maurizzio. Linguagem, Escrita e Poder. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
HAMEL, Rainer Enrique. Direitos Lingüísticos como Direitos Humanos: debates e perspectivas. In: OLIVEIRA, Gilvan Müller de. (Org.). Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. Campinas-SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis-SC: IPOL, 2003.

SIMPÓSIO TEMÁTICO
LÉXICO, VARIAÇÃO E ENSINO NA AMAZÔNIA

Carlene Ferreira Nunes Salvador

Eliane Oliveira da Costa

COMUNICAÇÕES

Égua, maninho, que atitude é essa?! Um estudo fonético-acústico das atitudes expressas pela variante égua

Variação Linguística em Jogo: análise de livros didáticos e práticas ludopedagógicas para uma educação linguística inclusiva e plural

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS AMAZÔNICO: O ALÇAMENTO VOCÁLICO NO FALAR PONTAPEDRENSE – MARAJÓ/PA

BRASIL VIROU QUINTAL DOS EUA OU PEIDARAM NA FAROFA? FRASEOLOGIA NO CONTEXTO DO TARIFAÇO DE DONALD TRUMP

O ensino das variações lexicais da Amazônia Paraense por meio do jogo pedagógico “Pensa Rápido”

METRÓPOLE DA AMAZÔNIA OU CIDADE DA COP30?: ESTUDO FRASEOTOPONÍMICO DA MOTIVAÇÃO FRASEOLÓGICA DE DESIGNAÇÕES PARA BELÉM DO PARÁ

FREQUÊNCIA FRASEOLÓGICA EM CONTOS DE FADA: DE ERA UMA VEZ A FELIZES PARA SEMPRE

TOPONÍMIA E NEGRITUDE: UMA ANÁLISE DO TOPÔNIMO “PRAÇA DA LIBERDADE” EM BENEVIDES

O LÉXICO EM CONTEXTO DAS LÍNGUAS ARTIFICIAIS: O CASO DO ALTO VALIRIANO

Variação lexical de pão francês no português falado por indígenas: descrição e agrupamentos diatópicos

BATER O CHARQUE OU *DAR NA PEÇA*? A SEXUALIDADE EM FRASEOLOGISMOS FALADOS POR PARAENSES

VERBA VOLANT, SCRIPTA MANENT: O LÉXICO COMO MEMÓRIA DO LATIM

BEIJO NA BOCA É COISA DO PASSADO? ANÁLISE LEXICAL DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS NAS REDES SOCIAIS

AS UNIDADES LEXICAIS DE ORIGEM AFRICANA EM MANIFESTAÇÕES DO CARNAVAL BRASILEIRO: UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO

FRASEOLOGIA NO HINO MUNICIPAL DE SOURE/PA: A PÉROLA DO MARAJÓ

FRASEOLOGISMOS E A DESCRIÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ENCONTRADOS NA MÚSICA ROSAS DA BANDA ATITUDE FEMININA

O LÉXICO DAS PLANTAS MEDICINAIS CULTIVADAS EM CAPANEMA-PA: Um estudo socioterminológico

FRASEOLOGISMOS ENCONTRADOS EM HQS SOBRE OS DIREITOS FEMININOS

Léxico especializado e definição terminológica na passaricultura da Região Metropolitana de Belém

ANÁLISE LEXICAL DO CAMPO SEMÂNTICO “JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS” NOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ

Terminologia Turística em Libras: Proposta de Léxico Bilíngue de Sinais-termo (Libras-Português) sobre o Parque Estadual do Jalapão - Tocantins

O IMPACTO DO VOCABULÁRIO: ANÁLISE DO LÉXICO ASSOCIADO AO HIV EM DISCURSOS JORNALÍSTICOS E POPULARES

O LÉXICO EM EVIDÊNCIA NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE LEGENDAS E DUBLAGEM NA SÉRIE FRIENDS

ANÁLISE TAXIONÔMICA DOS HIDRÔNIMOS DE ORIGEM TUPI DA ILHA DE MOSQUEIRO/PA

Égua, maninho, que atitude é essa?! Um estudo fonético-acústico das atitudes expressas pela variante égua

Priscila Correa Pacheco
Mestranda em Estudos Linguísticos do PPGL- UFPA
priscilapletras@gmail.com

Camila Roberta dos Santos
Mestre em Estudos Linguísticos do PPGL – UFPA
letcamila89@gmail.com

Regina Célia Fernandes Cruz
Doutora em Ciências Humanas - Université d'Aix-Marseille I
Professora Titular da Faculdade de Letras - UFPA
regina@ufpa.br.

Resumo: Este estudo investigou de forma experimental o papel dos parâmetros acústicos frequência fundamental (f0), duração e intensidade na caracterização prosódica da variante lexical "égua", típica do português falado em Belém do Pará, expressa em quatro atitudes comunicativas, a saber: ironia, incredulidade, insatisfação e concordância. A investigação ancora-se na noção de prosódia enquanto mecanismo comunicativo sustentado por parâmetros acústicos (BARBOSA, 2012; SILVA et al., 2019) e na perspectiva da variação linguística (LABOV, 2008), buscando compreender como diferentes configurações prosódicas de um mesmo item lexical podem ser associadas a significados comunicativos distintos. Para tanto, o corpus foi formado a partir de dados de fala controlada produzidos por quatro informantes adultos, dois homens e duas mulheres, naturais de Belém e com ensino superior completo. Foram elaborados 12 enunciados, três para cada atitude, produzidos nas modalidades de leitura e fala semi-espontânea, totalizando 96 ocorrências. As gravações ocorreram no estúdio da Faculdade de comunicação da UFPA, sendo utilizados o microfone Shure SM58 e software Sound Forge Pro 10. Posteriormente, os áudios foram segmentados e analisados no software Praat, adotando-se as escalas de pitch de 50 a 150 Hz para vozes masculinas e 150 a 350 Hz para femininas. A análise concentrou-se nas sílabas [ɛ] e [gʷɐ] que compõem o item lexical 'égua', das quais foram extraídas médias de f0, duração e intensidade. Os resultados indicaram variações significativas entre atitudes e sexos. Com relação aos dados masculinos, a atitude de incredulidade registrou o valor mais alto de f0 (110 Hz) do que as demais atitudes, esse pico de f0 ocorreu justamente na sílaba [ɛ]. Já com dados femininos, foi a atitude insatisfação que apresentou os valores mais altos de f0 e em ambas as sílabas (243 Hz em [ɛ] e 229 Hz em [gʷɐ]). Quanto à duração, a ironia exibiu maior prolongamento da sílaba [gʷɐ] comparada a demais atitudes alvo, tanto nos dados masculinos (261 ms) quanto femininos (229 ms). Esses dados indicam que para a caracterização da ironia os locutores recorrem ao alongamento temporal como recurso expressivo. Com relação ao parâmetro intensidade, a atitude insatisfação foi quem registrou os valores mais altos na sílaba [ɛ] (75 dB) nos dados masculinos. Nos dados femininos, a atitude de concordância foi quem registrou valores mais altos na sílaba [ɛ] (74 dB). Ou seja, f0 mostrou-se determinante na caracterização das atitudes incredulidade, para os falantes masculinos e insatisfação para femininos. A duração evidenciou ser o parâmetro importante para a ironia em ambos os sexos investigados. Já o parâmetro intensidade caracterizou a atitude insatisfação para homens e concordância para mulheres. Como podemos constatar, os achados reforçam que os parâmetros físicos são

determinantes na distinção da constituição de significados diferentes de um mesmo item lexical.

Palavras-chave: Prosódia. Fonética-acústica. Atitudes. Variação regional. Égua.

Referências:
BARBOSA, P. A. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. Revista de Estudos da Linguagem, v. 20, n. 1, p. 11-27, 2012. DOI: 10.17851/2237-2083.20.1.11-27.
LABOV, William. Padrões sociolingüísticos. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
SILVA, Thaís Cristofaro et al. Fonética acústica: os sons do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019.

Variação Linguística em Jogo: análise de livros didáticos e práticas ludopedagógicas para uma educação linguística inclusiva e plural

Flávia Gabriela Nogueira Barbosa
Graduanda em Letras Língua Portuguesa do ILC-UFPA
flavia.barbosa72@gmail.com

Alexia Dayane Sousa Rodrigues
Graduanda em Letras Língua Portuguesa do ILC / Bolsista PIVIC – UFPA
rodriguessalexia08@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística / Docente do ILC e do PPGCITE – UFPA
braynacardoso@ufpa.br

Resumo: O estudo da variação linguística constitui um dos eixos fundamentais para a compreensão da língua portuguesa em sua heterogeneidade, sendo também um componente previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No entanto, a análise de livros didáticos distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) evidencia que essa temática, embora contemplada nas orientações oficiais, ainda é abordada de forma restrita e fragmentada. Considerando esse cenário, duas pesquisas aqui apresentadas, buscaram avaliar como a variação linguística é representada em materiais de ensino e, a partir dos resultados, propor alternativas ludopedagógicas que valorizem a diversidade cultural e linguística do Brasil, em especial a região amazônica. A saber, no 9º ano do Ensino Fundamental II, foi analisado o livro Se Liga na Língua: leitura, produção de texto e linguagem (Ormundo; Siniscalchi, 2020). A investigação revelou que a obra prioriza exemplos provenientes das regiões Sul e Sudeste, apresentando referências insuficientes às variedades linguísticas do Norte e do Nordeste, o que contribui para uma visão limitada da pluralidade do português brasileiro. Como resposta, foi elaborado o jogo pedagógico Desvendando o Brasilês, estruturado em um tabuleiro com 40 casas e 35 cartas de perguntas que exploram culturas, tradições e lexias de diferentes estados. O recurso fundamenta-se nos pressupostos da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004; 2005; Faraco, 2007), Metodologia da

Linguística Ativa (Pilati, 2017), orientações práticas de elaboração de jogos de tabuleiro (Carretta, 2020) e pressupostos teórico-metodológicos da variação diatópica (Cardoso, 2015). Em consonância com a competência (EF69LP55) da BNCC para os conteúdos escolares, o jogo busca estimular o reconhecimento das variedades da língua falada, da norma-padrão e do preconceito linguístico, oferecendo ao aluno um processo de aprendizagem mais representativo e inclusivo. A outra análise da coleção Se Liga nas Linguagens: Português (PNLD/2021), utilizada no 3º ano do Ensino Médio, evidenciou que a variação linguística é tratada de modo superficial, restrita a exemplos pontuais e sem relação com dimensões identitárias e socioculturais. Tal limitação reforça uma concepção homogênea da língua e distancia os conteúdos escolares da realidade amazônica. Como resposta, foi desenvolvido o jogo O Campo das Variações, estruturado em formato de campo de futebol, no qual os participantes percorrem simbolicamente as cinco regiões do Brasil, enfrentando questões sobre expressões regionais, práticas culturais e situações de preconceito linguístico. O recurso fundamenta-se na Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004; 2005), Identidade e Pertencimento (Brandão, 1986; Silva, 2019), propostas críticas para o ensino de língua portuguesa (Faraco, 2007; Pilati, 2017) e ludicidade como estratégia pedagógica (Kishimoto, 2007; Carretta, 2020). Em consonância com a BNCC, especialmente com a habilidade (EM13LP10) para o trabalho com os conteúdos previstos para esse nível escolar, o jogo promove reflexão crítica, combate ao preconceito linguístico e valorização das identidades regionais, configurando-se como prática inclusiva e inovadora no ensino de língua portuguesa. Embora distintos em nível de ensino e formato de aplicação, os trabalhos se complementam ao oferecer alternativas para lacunas recorrentes identificadas nos livros didáticos. O jogo Desvendando o Brasilês possibilita aos alunos do ensino fundamental o contato inicial com a variação diatópica, favorecendo a compreensão da heterogeneidade do português brasileiro. Já O Campo das Variações amplia a discussão no ensino médio, incentivando uma reflexão crítica sobre a pluralidade linguística e suas dimensões identitárias e socioculturais. Assim, a integração entre a análise crítica do material didático e a elaboração de recursos ludopedagógicos revela-se como estratégia potente, capaz de ressignificar a sala de aula em espaço de valorização da diversidade, enfrentamento ao preconceito linguístico e promoção de uma educação mais inclusiva, crítica e coerente de acordo com as necessidades da sociedade, o que atribui ao professor e ao aluno um suporte significativo para o ensino-aprendizagem no contexto escolar.

Palavras-chave: Variação linguística, Preconceito linguístico, Livros didáticos, Jogos ludopedagógicos, Metodologias ativas, Identidades plurais.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. Nós chegamu na escola, e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARDOSO, B. C. S. A Variação Diatópica no Dicionário Escolar. Dissertação de Mestrado em Linguística. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015.

CARRETTA, M. L. Como Fazer Jogos de Tabuleiro: Manual Prático. [s.l.] Editora Appris, 2020.

FARACO, C. A. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, D. A. A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: UEPG, 2007.
KISHIMOTO, Tizuko Morchida. et al. Jogo, Brinquedo, Brincadeiras e a Educação. São Paulo: Cortez, 2007.
PILATI, E. Linguística, gramática e aprendizagem ativa. Campinas: Pontes Editores, 2ª ed., 2017.
PNLD. disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79531-edital pnld-2019-consolidado-3-retificao-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 14 de ago. 2025.
SIGILIANO, N. S.; BERNO, L. R. Ensinar Português de Forma Divertida: atividades lúdicas para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio. [s.l.] Editora UFJF, 2021.
SILVA, Amanda Soares. SENTIMENTOS DE PERTENCIMENTO E IDENTIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR. Revista Brasileira de Educação em Geografia, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 130–141, 2019. Disponível em: https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/535. Acesso em: 1 fev. 2025.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS AMAZÔNICO: O ALÇAMENTO VOCÁLICO NO FALAR PONTAPEDRENSE – MARAJÓ/PA

Ana Vitória Dias Lima
Graduada em Letras Língua Portuguesa – UEPA
vituria7@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo registrar e analisar o fenômeno do alçamento vocálico presente na fala de moradores do município de Ponta de Pedras, situado na Ilha do Marajó, no estado do Pará. A investigação está inserida no campo da Dialetologia, buscando compreender como o processo de variação linguística se manifesta em uma comunidade específica. O foco principal da pesquisa é a descrição e interpretação fonético-fonológica do alçamento vocálico, entendido como a elevação das vogais médias /e/ e /o/ para /i/ e /u/ em posição átona, com base nos dados coletados em campo. Para embasar teoricamente o estudo, foram considerados autores como Bagno (1999, 2001, 2007), Ferreira e Cardoso (1994), Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004), Labov (1983), Tarallo (1988) e Razky (1998), cujos trabalhos discutem a diversidade linguística, a variação fonológica e os aspectos sociais da linguagem. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa, que utilizou uma amostra formada por 16 participantes, selecionados com base em critérios como: serem nativos da região, terem mais de 50 anos de idade, escolaridade incompleta e distribuição por sexo. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário fonético-fonológico (Aguilera et al., 2001), sendo as respostas transcritas foneticamente e analisadas de maneira interpretativa. Os resultados revelaram a ocorrência significativa do alçamento vocálico, identificado em palavras como “menino” pronunciado como “minino”, “bonito” como “bunito”, entre outras. A análise dos dados demonstra a presença de uma variação linguística estável, associada a fatores socioculturais locais, refletindo características próprias da identidade linguística dos falantes de Ponta de Pedras/PA.

Palavras-chave: Alçamento vocálico. Variação Linguística. Fenômeno Fonético-Fonológico.

BRASIL VIROU QUINTAL DOS EUA OU PEIDARAM NA FAROFA? FRASEOLOGIA NO CONTEXTO DO TARIFAÇO DE DONALD TRUMP

Davi Pereira de Souza
Mestre em Linguística – IFPA
davi.pereira@ifpa.edu.br

Resumo: Desde que assumiu seu segundo mandato nos Estados Unidos da América (EUA), o presidente Donald Trump tem tomado uma série de medidas que impactam não só os norte-americanos como também os demais países do mundo, em virtude da importância econômica, política e militar que seus país exerce internacionalmente. Nesse conjunto de decisões, destaca-se o "tarifaço" anunciado por Trump ao Brasil, no mês de julho de 2025, por meio de carta divulgada na mídia, na qual promete tarifar os produtos brasileiros em até 50%, com justificativas que ultrapassam o limite das negociações econômicas, caracterizando intervenção política na soberania nacional do Brasil, fato que tem motivado, desde então, inúmeras reações na imprensa e nas redes sociais. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar a ocorrência de fraseologismos usados pelos internautas no bojo dessa discussão política. Para isso, adotam-se como fundamentação teórica os trabalhos em Fraseologia, de Gross (1996) e Mejri (1997, 2012, 2018), e os conceitos de política e discurso político, a partir de Aristóteles (2001), Bobbio, Matteucci, Pasquino (1998), Charaudeau (2006) e Dorna (1995). A metodologia, de natureza qualiquantitativa, possui caráter exploratório e descritivo (Gil, 2017), com análise textual e discursiva. Os dados da amostra foram coletados na rede social X, antigo Twitter, entre os dias 9 e 31 de julho de 2025, e são provenientes de postagens e comentários feitos sobre o tema em foco, sob diferentes pontos de vista. Após selecionados e capturados por meio de print, os comentários foram organizados sequencial e cronologicamente em arquivo no Word, para manter o uso contextualizado dos fraseologismos identificados. Os resultados demonstram a ocorrência de 100 fraseologismos, sendo a maioria de amplo (re)conhecimento dos falantes de português, acionados estrategicamente para enfatizar valores e posições político-ideológicas dos comentaristas, seja para coadunar com o presidente Trump, alinhado ao bolsonarismo, em tom de crítica ao governo Lula e às decisões do ministro Alexandre de Moraes ("Taxa só é bom quando é **no rabo dos outros**", "Toma **no lombo**"), seja para defender a soberania do Brasil da ameaça política do líder estadunidense ("Sem **abaixar a cabeça**", "Trump **peidou na farofa**"), dentre outras finalidades, como a crítica a representantes do Parlamento brasileiro ("**O gato comeu a língua** do Hugo Motta e do Davi Alcolumbre?", "**Quem cala consente**") ou a políticos como o atual governador do estado de São Paulo, Tarcísio de Freitas, do partido Republicanos ("**Assume seus B.O**", "**Embala que o filho é teu**, Tarcisão."). Desse modo, sob diferentes configurações sintagmáticas, níveis variados de idiomaticidade, fixidez, congruência e frequência de uso, as unidades fraseológicas identificadas nos respectivos comentários revelam-se úteis no debate público porque **caem como uma luva** para os internautas as usarem a fim de atender a suas necessidades expressivas e comunicativas, corroborando a análise já feita por Souza (2018, 2023) a esse respeito.

Palavras-chave: Política, Brasil, EUA, Fraseologia.

Referências:

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Tradução de Carmen C. Varriali et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHARAUDEAU, P. O discurso político. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William (orgs.). **Análise do discurso**: gêneros, comunicação e sociedade. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 251-268.
DORNA, A. Les effets langagiers du discours politique. **Hermès, La Revue**, 1995/2 (n° 16), p. 131-146.
GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.
GROSS, G. **Les expressions figées en français**. Noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.
MEJRI, S. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.
MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.
MEJRI, Salah. La phraséologie française: synthèse, acquis théoriques et descriptifs. **Revue de linguistique française**, n. 1, 2018.
SOUZA, Davi P. de. **Fraseologismos no discurso político brasileiro:** uma proposta de glossário. 2018. 262f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.
SOUZA, Davi P. de. Botar ordem ou passar pano? Fraseologia em uso em oito de janeiro de 2023 no Brasil. **Revista Moara**, n. 63, jan-jul 2023.

O ensino das variações lexicais da Amazônia Paraense por meio do jogo pedagógico "Pensa Rápido"

Eliene da Silva Alves
Discente Letras FACL-UFPA
eliene.alves@abaetetuba.ufpa.br

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Letras – ILC-UFPA
brayna.cardoso@ufpa.br

Resumo: A ciência do léxico destaca-se como fundamental na atualidade, especialmente no que diz respeito a compreensão das variações lexicais cristalizadas pelos contextos sociais. Assim, esta pesquisa aborda sobre a utilização de jogos pedagógicos com uma perspectiva metodológica com foco no ensino contextualizado das variações lexicais presentes na Amazônia Paraense. Com isso, a pesquisa objetiva compreender o uso do jogo "Pensa Rápido" enquanto recurso metodológico que favorece o processo de ensino aprendizagem das variações lexicais contexto da Amazônia Paraense. Para tanto, este estudo utilizou uma metodologia qualitativa, com análise bibliográfica prévia e elaboração do jogo pedagógico como instrumento metodológico para o ensino das variações lexicais. Outrora, utilizou-se autores para dialogar sobre a ciência do léxico como Biderman (1984), Faulstich (1995; 2001); em relação a aprendizagem significativa, afetiva e autônoma como Freire (2014); a utilização de jogos pedagógicos para o ensino Pilati (2017); entre outros. A partir da abordagem de tais autores, verifica-se que, o uso de instrumentos pedagógicos como metodologia ativa aproxima os educandos da temática abordada com uma aprendizagem mais significativa e afetiva uma vez que aborda o conteúdo teórico do léxico vinculado a sua realidade, como a do contexto amazônico. Portanto, a utilização de elementos alternativos como o jogo "Pensa Rápido" para ensinar sobre as variações lexicais facilita a aprendizagem e fomenta principalmente uma mediação no processo de ensino-aprendizagem, por meio de uma proposta que apresente palavras e frases, que embora possuam

significados específicos nos dicionários, nos contextos regionais e locais apresentam novos sentidos, sendo convencionados pelas oralidades e cristalizados nas práticas cotidianas. Nessa compreensão, embora muitos educandos/educadores considerem complexos o estudo das Ciências do léxico como as variações lexicais, o uso de instrumentos como o jogo "Pensa Rápido" facilita a dinâmica de compreensão e se propõe a ser um instrumento mediador neste processo de ensino aprendizagem, assim como, um produto que inspire a elaboração de outros materiais que fomente uma educação acessível e facilitadora de uma aprendizagem dinâmica e prazerosa.

Palavras-chave: Variações lexicais, Metodologia Linguística Ativa, Jogo "Pensa Rápido".

Referências:

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, n. 28, 1984, p. 135-144.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, 1995.

_____. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **Tradterm**, v. 7, 2001, p.11-40.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

PILATI, Eloisa. **Linguística, gramática e aprendizagem ativa**. Brasília: Pontes Editores, 2017.

METRÓPOLE DA AMAZÔNIA OU CIDADE DA COP30?: ESTUDO FRASEOTOPONÍMICO DA MOTIVAÇÃO FRASEOLÓGICA DE DESIGNAÇÕES PARA BELÉM DO PARÁ

Cainã Tavares Wanzeler
Graduando em Letras Português – UFRA
cainatavareswan@gmail.com

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora em Linguística – UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: Como um polo geográfico, econômico, cultural e ambiental de grande importância, Belém sempre teve um papel de destaque no Brasil. Hoje, a cidade expande essa influência, ganhando reconhecimento crescente no cenário internacional. Diante disso, este trabalho, vinculado ao projeto de pesquisa Formação de Banco de Dados Fraseológicos do Estado do Pará ((PVCE796-2023), desenvolvido no âmbito do Curso de Letras Português da Universidade Federal Rural da Amazônia, campus Belém, tem por finalidade realizar um estudo de cunho fraseotoponímico acerca da motivação fraseológica de cinco designações para a cidade de Belém do Pará. Para tal, a fundamentação teórica pautou-se na perspectiva francesa dos estudos fraseológicos representada por Mejri (1997, 2012); na noção de fraseotoponímia, proposta por Silva e Isquerdo (2020) e nos trabalhos de Ortiz Alvarez (2011) e Monteiro-Plantin (2014). A metodologia adotada configura-se como de natureza qualitativa e insere-se no rol das pesquisas de cunho exploratório-descritivo, conforme os pressupostos de Marconi e Lakatos (2017) e Gil (2002). Para a composição da amostra, foram realizadas buscas no mecanismo de pesquisa Google, empregando os motes "títulos para Belém do Pará", "nomes para Belém do Pará" e "apelidos para Belém do Pará". A análise e discussão dos resultados revelam um ponto central e unificador: as seis designações para Belém, quais sejam — "Cidade das Mangueiras", "Metrópole da Amazônia", "Porta de Entrada da

Amazônia", "Capital Amazônica" e "Cidade da COP30" são motivadas por um elemento que as interconecta: a natureza que envolve a cidade. Cada um deses frasetopônimos converge para a ideia de que a identidade de Belém é inseparável de sua profunda relação com o meio ambiente amazônico. A designação "Cidade das Mangueiras" demonstra a abund|ância de mangueiras na paisagem urbana; os títulos de "Metrópole da Amazônia" e "Capital Amazônica" derivam do status de Belém como epicentro de poder e influência na maior floresta tropical do mundo; a "Porta de Entrada da Amazônia" define a cidade por sua função geográfica que conecta o mundo exterior com a floresta; e, finalmente, a "Cidade da COP30" projeta Belém como o local de debate global sobre as mudanças climáticas. Assim, todas esses fraseotopônimos, juntos, constroem um retrato multifacetado da cidade, cuja imagem está sempre alinhada e interligada com a importância da natureza amazônica.

Palavras-chave: Fraseologia; Toponímia; Belém; COP30; Amazônia.

Referências:

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MEJRI, S. **Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique.** Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia:** era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna. V. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBAUMEN, E. H. **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológica.** Campinas: Pontes Editores, 2011.

SILVA, C.A; ISQUERDO, A. N. Estudo de topônimos polilexicais na perspectiva da fraseologia. **Revista do GEL**, V.17, n. 2, p. 286-308, 2020. Disponível em: https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/2450. Acesso em: 30 jul. 2025.

FREQUÊNCIA FRASEOLÓGICA EM CONTOS DE FADA: DE ERA UMA VEZ A FELIZES PARA SEMPRE

Daniele Samira Santos da Silva
Graduanda – Letras Português– UFRA
danielestudent123@gmail.com

Tainá Reis Lédo
Graduanda – Letras Português– UFRA
tainareis5.ledo@gmail.com

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora – Letras Português – UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: Esta apresentação, oriunda de uma pesquisa em andamento, visa apresentar e discutir os dados relativos à frequência de fraseologismos presentes em contos de fada infantis, mais especificamente nos denominados contos originais. O aporte teórico fraseológico utiliza-se dos

conceitos das autoras Monteiro-Plantin (2014) e Tagnin (2005) e quanto ao gênero dos textos amostrais, Marcuschi (2010). A pesquisa respalda-se por meio de uma abordagem metodológica qualitativa, com objetivo exploratório-descritivo, com procedimento de coleta documental como conceituado por Marconi e Lakatos (2021). A amostra coletada é proveniente de seis obras, quais sejam: A Bela e a Fera conforme Beaumont (1756), Bela Adormecida de Basile (1634), Branca de Neve , Rapunzel e Cinderela por Jacob e Wilhelm Grimm (1812) e Chapeuzinho Vermelho de Perrault (1697). Nas obras, foram considerados como parâmetros para a busca as unidades era uma vez e felizes para sempre. Os resultados iniciais apontam mais de 10 fraseologias recorrentes, demonstrando alta relevância nos contos de fadas, funcionando como marcas identitárias do gênero e desempenhando papel essencial na estrutura narrativa e na expectativa do público. Portanto, pretende-se, por meio deste estudo, desenvolver um olhar crítico-científico através das especificidades fraseológicas nos contos de fada. Bem como, proporcionar um olhar abrangente ao que se refere às possibilidades de interdisciplinaridade entre a Linguística e a Literatura, proporcionando então, a expansão de possibilidades de desenvolvimento científico entre ambas as áreas.

Palavras-chave: Fraseologia; Literatura infantil; Contos de Fada; Frequência Fraseológica.

Referências:

BASILE, Giambattista. **O conto dos contos**: Pentameron. 1. ed. Tradução: Francisco Degani. São Paulo: Nova Alexandria, 2018.

BEAUMONT, Jeanne-Marie Leprince. **A Bela e a Fera 1856**. Editora Wish, 2021. Disponívelem:https://www.editorawish.com.br/blogs/contos-de-fadas-originais-complet os-e-gratuitos/a-bela-e-a-fera-jeanne-marie-leprince-de-beaumont-1756. Acesso em: 31 jul. 2025

GRIMM, J.; GRIMM, W.; ANDERSEN, H.; PERRAULT, C. **Contos de fadas em suas versões originais**: incluindo A Pequena Sereia, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e outros. Volume I. Tradução: Tamara Queiroz. São Paulo: Wish, 2013.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. (9a ed.), Atlas, 2021.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. Gêneros textuais e ensino. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2010, p.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I), 2014.

PERRAULT, Charles. **Contos da mamãe Gansa**. 1. ed. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VICENTE, E.P. **O imaginário dos contos de fadas**: uma análise dos contos de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm. 2014. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/127556. Acesso em 31 jul. 2025.

TOPONÍMIA E NEGRITUDE: UMA ANÁLISE DO TOPÔNIMO “PRAÇA DA LIBERDADE” EM BENEVIDES

Lázaro de Oliveira Cunha
Graduando em Letras – UFRA
lazaro.cunha0403@gmail.com

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora em Linguística – UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: Vinculado ao projeto de pesquisa Léxico, Variação e Ensino - LEVE (PVCE1029 – 2025), desenvolvido no âmbito do Curso de Letras da Universidade Federal Rural da Amazônia, campus Belém, este trabalho apresenta uma discussão sobre a influência e a memória do negro na nomeação de lugares no município de Benevides/PA, focando na análise do topônimo "Praça da Liberdade". Historicamente, a presença do negro no município remonta ao século XIX, período em que a localidade se tornou um polo do movimento abolicionista, culminando na libertação de seus escravizados em 1884. A Toponímia é o ramo da Onomástica que estuda a origem, evolução e significado dos nomes de lugares. Nesse viés, o presente trabalho tem por objetivo analisar o topônimo "Praça da Liberdade" e classificá-lo de acordo com o modelo taxeonômico proposto por Dick (1990a). Além disso, propõe-se verificar a influência da população negra do município que constitui a motivação toponímica da praça. Dessa forma, o embasamento teórico está pautado nos fundamentos de Dick (1990a, 1990b), Carvalhinhos (2003, 2023) e Isquerdo (2008) sobre a Toponímia; e Cravo & Neto (2021) e Souza (2024) a respeito da negritude em Benevides. A metodologia adotada é de abordagem qualitativa e caracteriza-se como pesquisa documental, conforme Gil (2017). Os resultados apontam que a motivação toponímica está relacionada com a memória oficial que enaltece a abolição como um ato pioneiro da região de Benevides, tornando a Praça da liberdade como lugar de memória em comemoração ao dia 30 de março de 1884, Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará. Para os estudos toponímicos, o ato de nomear lugares se relaciona com a influência histórico-cultural de uma população, o que contribui para a manutenção ou apagamento da memória social.

Palavras-chave: Toponímia, Negritude, Benevides, Praça da Liberdade

Referências:

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e Lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 56, p. 172–179, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i56p172-179. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/33819.

CARVALINHOS, Patrícia de Jesus; LIMA, Adriana. **Toponímia, teoria e método**. Revista de Estudos da Linguagem Brasileira, v. 1, n. 1, p. 1-20, jan./abr. 2023. Disponível em: https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/212224?hl=pt-BR.

CRAVO, Ana Carolina Trindade; Neto, José Maia Bezerra. **A terra da liberdade na Amazônia**: faces da história e memória do abolicionismo na antiga colônia agrícola de Nossa Senhora do Carmo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (RIHGP), Belém, v. 8, n. 2, p. 216-233, jul./dez; 2021.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos.** 2. ed. São Paulo: FFLCHH/USP, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímia e a realidade brasileira. São Paulo**: Arquivo do Estado de SP, 1990b.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula. Toponímia urbana: um estudo de caso a partir de dados do ATEMS. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 9, 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, p. 82-102, 2020.

SOUZA, Elizabeth B. de. **A terra da liberdade e a memória estudantil**: ensino de história e negritude em Benevides - Pará. 2024. 135f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) -

Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2024. Disponível em: http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/743240

O LÉXICO EM CONTEXTO DAS LÍNGUAS ARTIFICIAIS: O CASO DO ALTO VALIRIANO

Emilly Cristine Trindade do Nascimento
Graduanda em Letras - UFRA
emillycristinenascimento35@gmail.com

Luciana Rodrigues Torres
Graduanda em Letras - UFRA
lucianarodrtorres4@gmail.com

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora em Letras – UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: O presente trabalho, situado no âmbito dos estudos lexicais, tem como objetivo catalogar e descrever o léxico da língua Alto Valiriano, conhecida por sua presença na série televisiva A Casa do Dragão. Essa língua fictícia, criada pelo linguista David J. Peterson, apresenta um sistema que desperta o interesse não apenas dos fãs da série, mas também de estudiosos da área da linguagem, em especial os lexicólogos. Para realizar a pesquisa, o aporte teórico considera os estudos de Silveira (2021) acerca das línguas artificiais e Biderman (1987) sobre os tópicos lexicais e a discussão em torno do item palavra. Metodologicamente, a pesquisa apresentada é de abordagem de natureza básica e quantos aos objetivos, exploratória. Quantos aos procedimentos (Marconi; Lakatos, 2021), trata-se de um levantamento das unidades lexicais presentes na língua artificial Alto Valiriano. A amostra constituída é composta a partir das falas da série, as quais foram selecionadas utilizando o método monográfico. Dessa maneira, os dados dizem respeito aos quatro primeiros episódios da 1ª temporada da série, registrando o minuto exato em que o Alto Valiriano é mencionado, acompanhado da tradução e do contexto de uso. Nesse viés, os resultados destacam 58 trechos em Valiriano o que possibilitou a listagem de 214 vocábulos semasiologicamente organizados, a exemplo de: Hēnkos vējose botilun daor ~ Não me submeterei ao mesmo destino; Vēdroso dāri aōhi iqīdā ~ Você está com raiva do rei; Zūgose glaesilun jaelon daor ~ Não tenho desejo de viver com medo. A análise de uma língua artificial como é o caso do Alto Valiriano permite explorar a relação entre criação linguística e desenvolvimento cultural em universos ficcionais, bem como as implicações desse processo para o estudo das línguas naturais.

Palavras-chave: Conlang. Língua artificial, Lexicologia.

Referências:

BIDERMAN, Maria. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**, v. 22, n. 4, 1987.

HIRSSO, Jaru. Style and World-Building in George R. R. Martin's A Song of Ice and Fire. 2015. 82 p. University of Helsinki, Helsinki, 2015.

HUMHALOVÁ, Tereza. **Fictional languages as a means of exemplifying selected linguistic concepts**. 2021. 53 p. Univerzita Karlova, Praga, 2021.
MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. (9a ed.), Atlas, 2021.
SILVEIRA, Camila. **As conlangs e sua contribuição linguística para a sala de aula**. 2021. 36 p. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

BATER O CHARQUE OU *DAR NA PEÇA*? A SEXUALIDADE EM FRASEOLOGISMOS FALADOS POR PARAENSES

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora em Letras – UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: As variedades linguísticas regionais brasileiras apontam aspectos das culturas locais e revelam particularidades do português brasileiro. A região Amazônica, assim como em outras áreas do país, mostra-se como um território profícuo ao registro de unidades que substituem o vocabulário mais voltado ao campo da sexualidade, da erotização. Por ser um tema que ainda apresenta uma carga negativa de preconceito e estereótipos, o falante tende a reprimir e até evitar determinados itens lexicais, demonstrando assim um certo nível de tabu. No jogo lexical, as unidades fraseológicas cumprem papel relevante no sentido de amenizar situações em que os falantes desejam tratar sobre sexo. Nesse viés, o objetivo desta pesquisa consiste em catalogar e descrever fraseologismos relativos ao domínio da sexualidade em contexto paraense. Para isso, o aporte teórico inclui Mejri (2012) acerca dos critérios de identificação fraseológica e Ortiz Alvarez (2015) no que diz respeito à competência fraseológica. Labov (1972) acerca dos princípios sociolinguísticos e Cardoso (2010) no que tange aos aspectos regionais. A metodologia de abordagem qualitativa e de natureza exploratória (Marconi; Lakatos, 2021) inclui amostra coletada no ano de 2024, retirada de postagens em redes sociais que apresentam índice de regionalidade, sobretudo paraense. Dentre os resultados encontrados, destacam-se fraseologismos, tais como: *dar na peça* ~ ter relação sexual; *estar na pedra* ~ estar há muito tempo sem manter relação sexual; *já queres* ~ estar interessado em alguém com interesse sexual; *me quebrar* ~ namorar/ficar com alguém; *bater o charque* ~ transar, dentre outros exemplos. A análise dos dados indica que os fraseologismos cumprem o papel de viabilizar a criatividade e a expressividade dentro da língua e, da mesma forma, amenizam a questão do tabu que reverte a temática sobre sexualidade.

Palavras-chave: Fraseologia. Variação linguística. Sexualidade.

Referências

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. (9a ed.), Atlas, 2021.
MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia.** V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
ORTIZ, Alvarez Maria Luisa. **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia.** Campinas: Pontes, 2012.

Variação lexical de pão francês no português falado por indígenas: descrição e agrupamentos diatópicos

Eliane Oliveira da Costa
Doutora em Linguística – SEDUC/FACBEL
elianecosta2189@gmail.com

Resumo: O presente estudo está vinculado ao Projeto Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI), que busca mapear o português falado em áreas indígenas sob a perspectiva de abordagens teórico-metodológicas como a Geossociolinguística (Razky, 1998, 2010; Lima; Razky; Oliveira, 2020) e a Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998), além da perspectiva de agrupamentos geossociolinguísticos (Razky; Guedes, 2015, Costa; Razky; Guedes, no prelo). Justifica-se, então, no âmbito do referido Projeto com o objetivo de descrever a variação diatópica das variantes lexicais utilizadas por indígenas das etnias Suruí Aikewára, Asuriní do Tocantins, Guajajára e Guaraní Mbyá para denominar pão francês, questão 186 - "... isto? Mostrar" (Comitê Nacional, 2001, p. 36), constante do campo semântico Alimentação e Cozinha do Questionário Semântico-Lexical (QSL) utilizado no Projeto ALiPAI, bem como identificar agrupamentos geossociolinguísticos. Os resultados mostram um total de 6 variantes lexicais para pão francês, sendo pão a mais frequente. A variante lexical pão documenta-se em todas as aldeias indígenas pesquisadas (Trocará, Nova Jacundá, Sororó e Cana Brava). Além disso, registram-se macro e nanoagrupamentos no espaço dialetal analisado.

Palavras-chave: Geossociolinguística. Dialetologia Pluridimensional. ALiPAI. Agrupamentos geossociolinguísticos

Referências:

COMITÊ NACIONAL. Atlas Linguístico do Brasil: Questionários. Londrina: Eduel, 2001.

COSTA, E. O. da; RAZKY, A. GUEDES, R. J. da C.; Agrupamentos lexicais diatópicos de grampo e tiara no português falado em áreas indígenas: dados do Atlas Linguístico do Português em Áreas indígenas. In: ROMANO, V. P; ALTINO, F. C; AGUILERA, V. de A. Geolinguística no Brasil vol. 4., no prelo.

LIMA, A. F. de; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de. A Metodologia Geossociolinguística. In: LIMA, A. F. de; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de. Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro vol. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 11-48.

RAZKY, A. O Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. de A. A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 55-164.

RAZKY, A. Uma Perspectiva Geo-Sociolinguística para a Análise do Status da Variável <s> em Contexto Pós-vocálico no Nordeste do Estado do Pará. Estudos Linguísticos e Literários, n. 41, p. 169-188, 2010.

RAZKY, A.; GUEDES, R. J. da C. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'Atlas Geossociolingüístico do Pará (ALiPA). Geolinguistique, vol. 15, p. 149-162, 2015.

VERBA VOLANT, SCRIPTA MANENT: O LÉXICO COMO MEMÓRIA DO LATIM

Amanda Samilly Garcez Lima
Graduanda em Letras - UFRA
asamilly2@gmail.com

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora em Letras – UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: Esta apresentação é oriunda das experiências desenvolvidas no Programa de Monitoria da UFRA. Embora seja classificada como uma língua morta, o latim apresenta produtividade em textos escritos e está presente em muitas unidades lexicais do português. Nesse viés, o objetivo desta pesquisa consiste em catalogar, descrever e apresentar a etimologia de palavras de origem latina que estão presentes em textos veiculados em português. Nesse sentido, o aporte teórico está substanciado em Viaro (1999, 2024), sobre a importância do latim na atualidade e etimologia. Biderman (1987) acerca do léxico e sua relação com o resgate da história social e o papel da memória lexical. Os procedimentos metodológicos estão baseados na abordagem qualitativa de natureza básica com objetivo exploratório (Marconi; Lakatos, 2021). Os procedimentos incluem amostra extraída a partir de postagens feitas nas redes sociais Facebook e Instagram e organização dos dados com vistas a eleger a etimologia das unidades encontradas. Os resultados parciais, pois a pesquisa está em andamento, indicam unidades, tais como: infirmu > enfermo; stellionatu > estelionatário; stilu > estilo; imbecille > imbecil; omnibus > ônibus; praematuro > prematuro, dentre muitos outros exemplos. A análise mostra que há ainda uma produtividade substancial de palavras latinas que circulam em português, sobretudo em domínios em que há a necessidade de um discurso mais técnico como é o caso de saúde, ciência e ambiente jurídico, mas é possível encontrar essas unidades em publicações menos monitoradas como é o exemplo das redes sociais. Assim, é possível perceber que o latim é preservado a partir do seu léxico.

Palavras-chave: Latim. Preservação. Lexicologia.

Referências:

BIDERMAN, Maria. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**, v. 22, n. 4, 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, Araraquara, n. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994 Acesso em: 24 jun. 2024.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** (9a ed.), Atlas, 2021.

VIARO, Mário Eduardo. A importância do latim na atualidade. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 1, p. 7-12, 1999. Acesso em: 31 jul. 2025.

BEIJO NA BOCA É COISA DO PASSADO? ANÁLISE LEXICAL DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS NAS REDES SOCIAIS

Cristiano Costa da Silva
Graduando da UFRA
cristianodsilva13@gmail.com

Davi Pereira de Souza
Mestre em Linguística – IFPA
davi.pereira@ifpa.edu.br

Resumo: Se antes do advento da internet e das novas tecnologias de informação e comunicação as relações amorosas não se limitavam ao presencial, com a chegada das redes sociais e, principalmente, da criação do chat, as possibilidades de relacionamento se multiplicaram, refletindo-se no léxico das línguas. No caso do português, observa-se o surgimento de vocábulos, adoção de estrangeirismos e ressignificação de itens lexicais para fazer referência a essas novas configurações afetivas no espaço virtual. A partir desse cenário, o objetivo deste estudo é descrever as unidades lexicais que estão diretamente ligadas aos tipos de relacionamentos afetivos em circulação nesses ambientes de interação virtual. Nesse sentido, a fundamentação teórica ocorre por meio dos estudos sobre o virtual (Lévy, 1996), a definição de léxico proposta por Biderman (1984, 1996), o saber e a construção do léxico brasileiro, por Nunes e Petter (2022), o estudo sobre neologismos, de Alves (1990, 2001), e a análise sobre estrangeirismos na língua, por Faraco (2001). A pesquisa adota uma abordagem metodológica qualitativa-exploratória, com base na análise textual discursiva, na medida em que o processo de coleta ocorreu no período de julho de 2024 a julho de 2025 e tem como corpus postagens públicas extraídas de três redes sociais (X, Instagram e TikTok), selecionadas por meio de hashtags populares e termos recorrentes. Os resultados parciais apontam para dados que revelam um léxico marcadamente influenciado por estrangeirismos (ex: love bombing, soft block, ghosting, benching e red flags), neologismos que apresentam produtividade para o sufixo -nte (ex: ficante, visualizante, olhante, curtante e conversante) e pelas lexias já existentes e cristalizadas no português (ex: solteiro(a), namorado(a), noivo(a) casado(a) e amante). Sendo assim, conclui-se que essas unidades não apenas circulam amplamente na internet, mas também desempenham papel identitário e marcadores de pertencimento aos grupos virtuais, visto que os usuários empregam esses termos de modo estratégico para criar impacto discursivo em suas postagens na rede – visando sempre a influência e a visualização de novos seguidores.

Palavras-chave: Léxico, Estrangeirismo, Neologismo, Redes Sociais.

Referências:

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, Ieda Maria. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A ciência da lexicografia**. 1984. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/056d9df5-b7e1-43ed-9855-fec9c169a74d. Acesso em: 29 de jul de 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e vocabulário fundamental**. 1996. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/00b87df9-1e45-4876-8806-e137dc30df42. Acesso em: 29 de jul de 2025.
FARACO, Carlos Alberto (org.) (2001) **Estrangeirismos: Guerras em Torno da Língua.** São Paulo, SP: Parábola Editorial.
NUNES, José Horta, PETTER, Margarida (org.). **História do Saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Pontes, 2002.

AS UNIDADES LEXICAIS DE ORIGEM AFRICANA EM MANIFESTAÇÕES DO CARNAVAL BRASILEIRO: UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO

Karla Juliana da Silva Oliveira
Doutoranda – PPGL-UFPA
karlaoliveirame2017@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma análise das unidades lexicais de origem africana presentes nas manifestações carnavalescas de quatro estados brasileiros: Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, reconhecidos por seus carnavais de forte apelo cultural. O objetivo é observar como lexias de matriz africana se inserem no discurso carnavalesco, compondo um repertório de resistência, identidade e memória coletiva. A partir de um recorte da tese Glossário Fraseológico do Léxico das Manifestações Carnavalescas Brasileiras: Estudo Geossociolinguístico, selecionaram-se expressões mono e polilexicais registradas em livros, loas e sambas-enredo. Fundamenta-se este estudo nas contribuições de Biderman (1978) sobre estrutura lexical, Galisson (1987) quanto à relação entre léxico e cultura, Fiorin (2008) sobre a definição de palavra e Salah Mejri (1997), Álvarez (2012), e Corpas Pastor (1996) que definem os critérios fraseológicos aplicados à análise: polilexicalidade, fixidez, recorrência entre outros. Com uma metodologia de caráter qualitativo, a investigação etimológica foi realizada com base em fontes escritas impressas e digitais, além de observação de campo. Os dados foram organizados por localidade e distribuídos em quadros lexicológicos. Observou-se que muitas das unidades têm origem em práticas religiosas afro-brasileiras, ligadas a crenças, entidades e ritos de matriz africana, expressos livremente durante o carnaval. As manifestações analisadas como os maracatus, blocos afro, escolas de samba e cortejos populares funcionam como territórios de unidades lexicais culturalmente marcadas nos quais a linguagem performática reafirma a ancestralidade negra. O carnaval, nesse sentido, é compreendido como espaço de atualização do discurso afro-brasileiro, onde o vocabulário ressignifica experiências históricas de opressão por meio da arte, do corpo e da oralidade. Conclui-se que o estudo das lexias em contextos culturais vivos, como o carnaval, contribui para a valorização do patrimônio linguístico afrodescendente e oferece subsídios para uma linguística engajada com as questões sociais e raciais. A análise revela ainda que essas unidades lexicais não são apenas marcas do falar popular, mas formas de resistência discursiva e política inscritas na linguagem festiva.

Palavras-chave: Léxico; Carnaval; Cultura afro-brasileira; Linguagem Popular; Geossociolinguística.

Referências:
BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología Espanola**. Madrid: Gredos, 1996.
FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística, Princípios de Análise**. 4a. edição (2a reimpressão), São Paulo: Editora Contexto, 2008. (capítulos 3 e 4).
GALISSON, Robert. (1987) **Accéder à la culture partagée par l'entremise des mots à CCP. Études de Linguistique Apliquée**, 67, p. 109-151.
MEJRI, Salah (1997): Le figement lexical. **Descriptions linguistiques et structuration sémantique**, Publications de la Faculté des lettres de la Manouba, Tunisie.
ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia**. Campinas: Pontes, 2012.

FRASEOLOGIA NO HINO MUNICIPAL DE SOURE/PA: A PÉROLA DO MARAJÓ

Cristiano Costa da Silva
Graduando da UFRA
cristianodsilva13@gmail.com

Carlene Ferreira Neves Salvador
Doutora em Linguística - UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: Este estudo tem origem no campo de investigação proposto pelo projeto de pesquisa Formação de Banco de Dados Fraseológicos do Estado do Pará (PVCE796 – 2023). Conhecido como a Pérola do Marajó e localizado na ilha do Marajó, no estado do Pará, o município de Soure/PA destaca-se por sua diversidade cultural, ecológica e linguística – o município também abriga uma população que mantém viva uma série de tradições orais e culturais profundamente enraizadas na história da Amazônia. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é extrair as unidades fraseológicas presentes na composição do Hino Municipal de Soure-PA (2019) para fins de análise. Assim, o viés teórico, fundamenta-se nos estudos sobre a definição de léxico, proposta por Biderman (1984, 1996), o saber e a construção do léxico brasileiro por Nunes e Petter (2022) e no campo fraseológico pelos estudos de Monteiro-Plantin (2014), Salah Mejri (1997, 2012) acerca da definição e funcionalidade do uso das fraseologias e nas pesquisas de Salvador e Souza (2022). Os passos metodológicos incluem abordagem qualitativa e objetivo de pesquisa descritiva (Gil, 2017), sendo o corpus originário de análise documental. Os dados coletados foram extraídos do hino municipal de Soure/PA, versão disponível na internet. Os resultados mostram unidades fraseológicas que evidenciam a identidade cultural, geográfica e simbólica do município e da Amazônia do tipo: Hastear uma nova bandeira, Singrar mares incertos, Sob a égide, Pérola do Marajó, Solo sagrado, Raio do teu Sol, Colosso natural, Tesouro cultural, saia ligeira, dentre outras. Diante da análise realizada, conclui-se que o Hino Municipal de Soure-PA constitui um importante artefato linguístico e cultural, no qual as unidades fraseológicas refletem e reforçam a identidade local, regional e amazônica. A seleção lexical empregada na composição não apenas representa elementos naturais e culturais do território sourense, como também revela valores simbólicos e sociais compartilhados por sua população.

Palavras-chave: Fraseologia, Soure/PA, Diversidade linguística.

Referências:

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A ciência da lexicografia**. 1984. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/056d9df5-b7e1-43ed-9855-fec9c169a74d. Acesso em: 29 jul. 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e vocabulário fundamental**. 1996. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/00b87df9-1e45-4876-8806-e137dc30df42. Acesso em: 29 jul. 2025.
SALVADOR, C. F. N.; SOUZA, D. P. de. **A cobra vai fumar onde a coruja dorme?** Aspectos semânticos na análise de fraseologismos. Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n. 72, p. 211–230, 2022. DOI: 10.9771/ell.i72.46608. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/46608. Acesso em: 25 jul. 2025.
GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2017.
MEJRI, Salah. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.
MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.
NUNES, José Horta, PETTER, Margarida (org.). **História do Saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Pontes, 2002.
MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I), 2014.

FRASEOLOGISMOS E A DESCRIÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ENCONTRADOS NA MÚSICA ROSAS DA BANDA ATITUDE FEMININA

Klelma Costa Pereira
Graduanda da UFRA
klelmacosta.kc@gmail.com

Annytha Coelho Nobre da Trindade
Graduanda da UFRA
Annythacn17@gmail.com

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora em estudos linguísticos – Professora
UFRA carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: A violência doméstica configura-se como um entrave social recorrente, que afeta a vida de inúmeras mulheres. Diante dessa realidade torna-se necessário que temas como esse sejam discutidos e estudados dentro das mais diversas áreas. Com base nisso, o presente estudo propõe-se a aprofundar essa temática, como resultado de atividades do projeto de pesquisa Formação de Banco de Dados Fraseológicos do Estado do Pará (PVCE796 – 2023). O alicerce teórico que fundamenta a pesquisa, utiliza a Fraseologia como área de estudo fazendo uso das conceituações de Mejri (1997, 2012), Ortiz-Alvarez (2012), Salvador e Souza (2022, 2024) e Monteiro-Plantin (2014), a visão sobre o mundo virtual baseado em estudos que abarcam os vídeos como hipertextos baseada em Marcuschi e Xavier (2005), a orientação sobre o ambiente virtual com estruturas e ferramentas que levam a informação com Lévy (1993, 1999) e a relação da violência doméstica com a sociedade, segundo Saffioti (2004) e Butler (2018, 2004). A metodologia utilizada como organização é classificada como exploratória e quantitativa, segundo Gil (2017), o lócus escolhido é a música Rosas da Banda Atitude Feminina (2006) que aborda a temática sobre violência doméstica. Os resultados alcançados foram 27 fraseologismos, tais como: descanso em paz, história de amor, no começo tudo é festa, sabe de nada, paradas erradas, lar doce lar, alegria de pobre dura pouco, bafo de pinga, cheiro de rapariga, poça de

sangue, esperança de paz, hemorragia interna. A análise evidencia o hip-hop, por meio da música Rosas, da banda Atitude Feminina, como uma ferramenta de expressão que retrata o cotidiano e a violência vivida pelas vítimas de violência doméstica. A presença do fraseologismo na letra da música contribui para um respeitarão mais impactante em relação à temática. Além disso, essa proposta evidencia um pensamento crítico, reflexão e conscientização sobre o tema abordado com os fraseologismos para descrever acontecimentos ocorridos na narrativa.

Palavras-chave: Fraseologia. Violência doméstica. Atitude Feminina. Fraseologismos. Rosas.

Referências:

BUTLER, Judith. P**roblemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Ed. 34 Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Ed°34. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto** e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

MEJRI, Salah. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Fraseologia era uma vez um patinho feio no ensino de lingua materna (volume I). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

ORTÍZ, Alvarez Maria Luisa. **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia.** Campinas: Pontes, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALVADOR, Carlene Ferreira Nunes; SOUZA, Davi Pereira de. Fraseologismos em manchetes de um jornal paraense. Afluente: **Revista de Letras e Linguística**, v. 7, n. 21, p. 77–94, 17 Set 2022 Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/16714. Acesso em: 17 jun 2025.

SALVADOR, Carlene Ferreira Nunes; SOUZA, Davi Pereira de. Matar dois coelhos com uma caixa d'água só: : fraseologia e humor na fala da personagem Magda. **Revista de Letras**, [S. l.], v. 2, n. 42, 2024. DOI: 10.36517/2525-3468.rdl.v2i42.2023.92283. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/92283. Acesso em: 16 jun. 2025.

O LÉXICO DAS PLANTAS MEDICINAIS CULTIVADAS EM CAPANEMA-PA: Um estudo socioterminológico

Suely Cunha de Souza
Mestranda do PPLSA-UFPA
suelysouzacunha@gmail.com

Carmen Lúcia Reis Rodrigues
Doutora em Linguística – PPLSA – UFPA
carmenrodrigues89@yahoo.com

Resumo: Este trabalho integra a pesquisa socioterminológica e propõe uma análise de termos de plantas medicinais cultivadas na cidade de Capanema-PA. Para reunir material terminográfico, o estudo segue orientações da Terminologia apresentadas por Barros (2004), Krieger e Finatto (2004), Pavel e Nolet (2001). Para a realização de procedimentos teórico-metodológicos, segue orientações da Socioterminologia apresentadas por Faulstich (1995, 2006) e Gaudin (1993). Por meio de uma abordagem quanti-qualitativa, a pesquisa procura: a) selecionar e descrever nomes de plantas medicinais da cidade de Capanema, a fim de registrá-los em glossário eletrônico; b) apontar correspondências e diferenças nas formas lexicais encontradas na denominação das plantas; c) investigar a origem do léxico dos termos coletados. No levantamento de dados, os instrumentos e recursos usados englobam a revisão bibliográfica, a observação participante, o questionário e a entrevista. Na organização do corpus da pesquisa, o programa WordSmith Tools, versão 5.0 FREE, contribui para a geração da lista de unidades lexicais, para a elaboração da Árvore de domínio e para a construção das fichas terminológicas. Na composição das fichas terminológicas, as descrições dos vegetais evidenciam como as cultivadoras participantes denominam suas plantas. É possível observar, nessas descrições, os traços ou aspectos que são usados como base para a nomeação da planta, se determinada planta recebe mais de um conceito, qual significado a comunidade atribui-lhe ou qual a relação que fazem entre planta-comunidade-nome. Na composição do glossário, produto deste estudo, o programa Lexique Pro, versão 3.6 coopera na estruturação dos verbetes, considerando as seguintes categorias ou campos semânticos: Nome, Motivo, Percepção Sensorial, Indicação, Partes de Uso e Formas de Uso. Dessa forma, na busca por possíveis influências do léxico indígena na terminologia catalogada, o repertório do glossário registra nove termos de origem tupi. Assim, os objetivos traçados para a pesquisa foram alcançados. Contudo, a pesquisa preocupa-se com o desinteresse da nova geração pelos saberes tradicionais. Por isso, pretende disponibilizar o produto em escolas locais, bem como uma possível distribuição do glossário online. No glossário encontram-se as descrições transcritas dos discursos orais que serviram de contexto para a seleção das palavras candidatas a termo, além de possíveis correspondências e diferenças entre os termos que aparecem em seu escopo. Para este trabalho, estudar os termos de uma área especializada em seu contexto de uso só é possível porque a ciência da comunicação entendeu que o meio social é campo produtivo para a criação e a circulação de diversos saberes. Assim, nas incursões realizadas, pode-se vivenciar e evidenciar os saberes de mulheres cultivadoras de plantas nas terminologias usadas por cada uma delas.

Palavras-chave: Capanema-PA, Plantas medicinais, Saber local, Socioterminologia.

Referências:

Barros, Lídia Almeida. 2004. **Curso Básico de Terminologia**. Editora da Universidade de São Paulo. SP

Faulstich, Enilde. 1995. **Socioterminologia**: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. Ciência da Informação. Brasília-DF.

Faulstich, Enilde. **A socioterminologia na comunicação científica e técnica**. Ciência e Cultura. SP.

Krieger, Maria da Graça.; Finatto, Maria José Bocorny. 2004. **Introdução à terminologia: teoria e prática.** Contexto. SP.
Pavel, Silvia; Nolet, Diane. 2001. **Manual de terminologia**. Tradução de Enilde Faulstich. Bureau de la Traduction.Travaux Publics et Services Gouvernementaux Canadá. Québec.

FRASEOLOGISMOS ENCONTRADOS EM HQS SOBRE OS DIREITOS FEMININOS

Klelma Costa Pereira
Graduanda em Letras UFRA
klelmacosta.kc@gmail.com

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora em Letras – UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: As lutas pelos direitos femininos são temáticas que podem ser construídas e apresentadas das mais diversas formas, sendo elas transmitidas por meio da linguagem que apresenta formas de didatizar as leis para o conhecimento da população. Esta pesquisa compõe uma parte dos resultados de atividades efetuadas no projeto de pesquisa Formação de Banco de Dados Fraseológicos do Estado do Pará (PVCE796 – 2023), e o seu objetivo é identificar e catalogar fraseologismos presentes em histórias em quadrinhos - HQ que abordam temáticas sobre leis pensadas para igualdade de direitos sociais, necessários para estabelecer formas de emancipação feminina. Para isso, o arcabouço teórico considera a concepção de Mejri (1997, 2012), Salvador e Souza (2022, 2024) e Monteiro-Plantin (2014), acerca dos conceitos de polilexicalidade, presentes nos fraseologismos. Para a compreensão das conceituações de luta por direitos de gênero, Butler (2018) e Foucault (2020). A tipologia de histórias em quadrinhos Bibe-Luyten (1985) e McCloud (2006). A metodologia que norteia a pesquisa é como exploratória e quantitativa Gil (2017). O corpus selecionado constitue-se de 4 histórias em quadrinhos que foram classificadas conforme a temática que abarca leis que tratam sobre igualdade de gênero, são elas: Assédio sexual (Ribeiro, 2015); Pelo fim da violência contra as mulheres (Cunha, 2021); Amamentação: um direito da mulher trabalhadora (Cunha, 2024); Igualdade salarial (Nobre, 2025), ambos retirados da série MPT em quadrinhos distribuída pelo Ministério Público do Trabalho do Estado do Espírito Santo. Os resultados alcançados mostram fraseologismos, tais como: sem noção, a fila anda, forçar a barra, se ver comigo, passar a mão na cabeça, valer a pena, na encolha. A análise evidencia que os HQ mencionados fazem uso dos fraseologismos para enquadrar a linguagem aos falantes além de apresentar leis, visto que as unidades fraseológicas são partes dos contextos comunicativos apresentados.

Palavras-chave: HQ, Fraseologia, leis de direitos femininos, Fraseologismos.

Referências:

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidad**e. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
CUNHA, Claudia Gomes da. **Amamentação, um direito da mulher trabalhadora.** Ilustração: Link editoração. N°64. ES, Vitória: Ministério Público do Trabalho no Estado do Espírito Santo, 2024. Disponível: em:

https://mptemquadrinhos.com.br/edicoes/amamentacao-um-direito-da-mulher-trabalhadora/ncia-contra-as-mulheres/ acesso: 30 de jul. 2025
FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4:** as confissões da carne. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. 1° ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
MCCLOUD, Scott. **Reinventando os Quadrinhos**. São Paulo: Editora Ltda, 2006
MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia.** V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
MEJRI, Salah. Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique. **Tunis**: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.
MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Fraseologia:** era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
NOBRE, Karine. **Igualdade Salarial**. Ilustração: DF Marketing. N° 80. ES, Vitória: Ministério Público do Trabalho no Estado do Espírito Santo, 2025. Disponível em: https://mptemquadrinhos.com.br/edicoes/igualdade-salarial/ acesso: 30 de jul. 2025.
RIBEIRO, Estevão. **Assédio sexual**. Ilustrador: Jean Diaz Studio. N°10. ES, Vitória: Ministério Público do Trabalho no Estado do Espírito Santo, 2015 Disponível em: https://mptemquadrinhos.com.br/edicoes/assedio-sexual/ acesso: 30 de jul. 2025
SALVADOR, Carlene Ferreira Nunes; SOUZA, Davi Pereira de. Fraseologismos em manchetes de um jornal paraense. **Afluente:** Revista de Letras e Linguística, v. 7, n. 21, p. 77–94, 17 Set 2022 Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/16714. Acesso em: 17 jun 2025.
SALVADOR, Carlene Ferreira Nunes; SOUZA, Davi Pereira de. Matar dois coelhos com uma caixa d'água só: fraseologia e humor na fala da personagem Magda. **Revista de Letras**, [S. l.], v. 2, n. 42, 2024. DOI: 10.36517/2525-3468.rdl.v2i42.2023.92283. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/92283. Acesso em: 16 jun. 2025.

Léxico especializado e definição terminológica na passaricultura da Região Metropolitana de Belém

Paulo Santiago de Sousa
Doutor em Linguística e Língua Portuguesa – PPGLLP-Unesp
profpaulosantiago@gmail.com

O léxico especializado constitui um componente essencial para a comunicação precisa em determinados campos do saber, especialmente quando articulado a definições terminológicas que orientam a compreensão e o uso dos termos. Na passaricultura, atividade que envolve a criação de aves passeriformes em ambiente doméstico, a precisão e a padronização do vocabulário empregado pelos passaricultores são fundamentais para a eficácia das ações e a transmissão do conhecimento. Neste contexto, a pesquisa de doutorado intitulada Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém, elaborada por Sousa (2023), sistematiza e analisa o léxico especializado utilizado por esses profissionais, com destaque para o papel das definições terminológicas na organização e disseminação desse saber. Dessa forma, esta comunicação tem como objetivo apresentar e analisar a estrutura dessas definições, evidenciando sua relevância para a padronização, acessibilidade e compreensão do vocabulário da área. As definições contidas nos verbetes do vocabulário

especializado orientam o consulente na interpretação correta dos termos, facilitando a comunicação e promovendo a autonomia dos usuários. A fundamentação teórica apoia-se em autores como Finatto (1998, 2002), Barros (2004), Krieger e Finatto (2004), Cabré (1993) e Lara (2004), que discutem a definição terminológica e os critérios metodológicos para sua elaboração. A metodologia adotada envolveu a análise de um corpus linguístico extraído da prática da passaricultura na Região Metropolitana de Belém, com ênfase nas definições terminológicas. Foram aplicadas tipologias como a definição por gênero próximo e diferença específica (hiperonímica) e a definição por sinonímia, além de revisão da literatura em terminologia e lexicografia. Os resultados indicam que as definições mais recorrentes são as hiperonímicas, aplicadas a substantivos como "gaiola", "gaiola armada" e "gaiola voadeira". Já as definições sinonímicas foram predominantemente atribuídas a verbos e adjetivos, como em "corruchiar" e "fibrado". Conclui-se que o rigor na elaboração das definições terminológicas aprimora a compreensão do léxico especializado da passaricultura, favorece a padronização conceitual e respeita a diversidade sociocultural dos praticantes. O estudo contribui para a consolidação do vocabulário especializado da área, promovendo clareza, acessibilidade e fortalecimento do conhecimento empírico e científico sobre a atividade.

Palavras-chave: Léxico Especializado, Definições terminológicas, Passaricultura;

ANÁLISE LEXICAL DO CAMPO SEMÂNTICO “JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS” NOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ

Marcele Salgado Maciel
Graduanda em Licenciatura em Letras Português - UNIFAP
marcelemaciel08@gmail.com

Romário Duarte Sanches
Doutor em Letras – PPGL-UFPA
duarte.romrio@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo descrever os resultados obtidos após análise e mapeamento das variantes lexicais para os seguintes itens do banco de dados do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): pipa, cabra-cega, pega-pega, gangorra, balanço e ferrolho. Esta pesquisa está ancorada nos estudos da Dialetologia e da Geolinguística Pluridimensional, que buscam compreender as variedades de uma língua por meio de cartas linguísticas (Cardoso, 2010). No que tange à metodologia, os dados analisados foram coletados pela equipe de inquiridores do Projeto Atlas Linguístico do Amapá, os quais definiram dez pontos de inquérito (Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque) e selecionaram 40 informantes conforme a faixa etária e sexo, sendo divididos da seguinte forma: um homem e uma mulher, de 18 a 30 anos, e um homem e uma mulher de 50 a 75 anos, por localidade. A seleção foi feita mediante alguns critérios, como a densidade demográfica e populacional, aspectos históricos, econômicos e socioculturais das localidades; além do tempo de origem de cada município. Referente às cartas alvo desta pesquisa, os inquiridores utilizaram o Questionário Semântico-Lexical para a coleta de dados. Como resultado, as variações lexicais encontradas mostraram que nos itens cabra-cega, gangorra e ferrolho houve predominância lexical diferente do padrão, respectivamente denominados de pata-cega, balanço e mãe. Quanto aos

demais itens, as denominações predominantes foram de variantes padrão. Foram obtidas as seguintes variantes para o item pipa: pipa (17% das ocorrências), rabiola (10% das ocorrências), papagaio (5%), balão (5%) e sem respostas (57% de ausências). Para o item cabra-cega, as variantes consideradas foram: pata-cega (76% das ocorrências), cabra-cega (7%) e sem respostas (10%). Para o item pega-pega, as variantes consideradas foram: pega-pega (16%), pira-mãe (12%), pira (9%), pira-pega (7%) e pira-cola (7%) e sem respostas (37%). Para o item gangorra, as variantes consideradas foram: balanço (48%), gangorra (11%), cavalinho (5%) e sem respostas (23%). Para o item balanço, foram consideradas as seguintes variantes: balanço (inho, com corda) (77%), barquinha (7%), cadeirinha de balanço (5%) e sem respostas (11%). Por fim, o item ferrolho apresentou as variantes mãe (10%), salva (7%) e sem resposta (73%). Portanto, este estudo contribui de forma significativa para a descrição lexical do português falado no Amapá, considerando fatores sociais e históricos relacionados aos informantes. Além disso, o trabalho visa contribuir para a preservação do patrimônio linguístico e cultural do Amapá. É valido ressaltar que os itens lexicais analisados compõem cartas relativas ao segundo volume do Atlas Linguístico do Amapá, o qual será publicado em breve.

Palavras-chave: ALAP; brincadeiras; léxico; dialetologia; geolinguística pluridimensional.

REFERÊNCIAS:

CARDOSO, S. A. **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
FERREIRA, J. A. Jogos e diversões infantis: um estudo geossociolinguístico na região norte do Brasil. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
RAZKY, A.; RIBEIRO, C.; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.
RIBEIRO, C.; FERREIRA, C. Atlas Linguístico do Amapá: um recorte da variação lexical no falar amapaense. Macapá: UNIFAP, 2018.
RIBEIRO, C.; SANCHES, R. Estudos dialetais e sociolinguísticos no Brasil. João Pessoa: Ideia, 2021.
SANTOS, A. et al. A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2016.
SILVA, R. Marcas diatópicas das variantes de cabra-cega e amarelinha: o que dizem os dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio e o ALiB? Revista Diadorim, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 121-142, 2016.

Terminologia Turística em Libras: Proposta de Léxico Bilíngue de Sinais-termo (Libras-Português) sobre o Parque Estadual do Jalapão – Tocantins

Gésica Suellen Sobrinho Costa
Doutoranda do PPGL-UnB
gesicasuellen@uft.edu.br

Glaucio de Castro Júnior
Doutor do PPGL-UnB
librasunb@gmail.com

RESUMO: Este trabalho, inserido no campo da Terminologia, teve como objetivo discutir e propor a criação de sinais-termo em Libras relacionados ao Parque Estadual do Jalapão, importante destino turístico localizado no estado do Tocantins. A proposta justificou-se pela ampla extensão territorial da região e pela diversidade de nomes próprios atribuídos a fervedouros, cachoeiras, serras e cidades, elementos fundamentais para a compreensão do território. A elaboração de um léxico bilíngue (Libras-Português) visa ampliar o acesso da Comunidade Surda brasileira às informações turísticas do Jalapão, facilitando a comunicação tanto com guias turísticos — por meio da mediação de intérpretes de Libras — quanto no contexto escolar, especialmente nas aulas de Geografia com estudantes Surdos. A fundamentação teórica baseou-se nos conceitos de sinal-termo apresentados por Faulstich (2001, 2014, 2016) e na proposta de educação lexicográfica e de registros terminológicos de Castro Júnior (2014), com ênfase em metodologias para a elaboração de repertórios terminológicos em Língua de Sinais e nas abordagens sobre especialidade semântica e lexical. Também foram consideradas contribuições recentes sobre o turismo na região, como as de Silva (2023) e Caracristi, Feger, Silva e Marynowski (2020), que abordam experiências turísticas no Parque Estadual. A metodologia adotada envolveu encontros quinzenais com Surdos residentes no Tocantins, que discutiram coletivamente a criação dos sinais-termo com base na explicação detalhada dos conceitos, utilizando como referência dicionários técnicos da área do turismo. Os sinais produzidos foram gravados em Libras e, antes de sua validação provisória, analisados em reuniões com representantes do setor de turismo e professores Surdos da Universidade Federal do Tocantins, assegurando sua adequação conceitual e terminológica. Como resultado desse processo, foi organizada a proposta do léxico bilíngue, cuja publicação está prevista em formato impresso institucional, acompanhado de QR Codes com vídeos em Libras, imagens ilustrativas e descrições em língua portuguesa — embora o formato final ainda esteja em definição. Conclui-se que esta iniciativa representa um avanço significativo para a acessibilidade linguística no turismo e na educação, promovendo a inclusão da Comunidade Surda no reconhecimento e na fruição dos espaços do Jalapão. Considerando que o Parque Estadual do Jalapão é um dos destinos turísticos mais emblemáticos do Brasil, o léxico também se apresenta como uma ferramenta de fortalecimento do turismo regional e da valorização da economia local.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia; Léxico Bilíngue; Libras; Jalapão.

Referências:

CARACRISTI, Maria de Fátima de Albuquerque. FEGER, José Elmar. SILVA, Thalyson Missael da. MARYNOWSKI, João Eugenio. Uma viagem pelo Jalapão, Brasil: análise das experiências turísticas. Revista Paraense de Desenvolvimento, Curitiba, v.41, n. 138, p.89-110, jan/jun. 2020.

FAULSTICH, Enilde. Sinal-Termo. Nota lexical. Centro Lexterm, 2014. Disponível em: http://www.centrolexterm.com.br/notas-lexicais. Acesso em: 26 de julho de 2025.

FAULSTICH, Enilde. Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários. Brasília: 2001. Centro LexTerm, 2001.

FAULSTICH, Enilde.Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na Língua Brasileira de Sinais. Entre Libras e o Português: desafios face ao bilinguismo. Jorge Bidarra, Tânia Aparecida Martins e Marcia Sipavicius Seide (Org.). Cascavel, PR: EDUNIOSTE; Londrina: EDUEL, 2016.

SILVA, Maiani Aires da. Turismo no Portal do Jalapão: Ponte Alta do Tocantins. Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional. 2023.

O IMPACTO DO VOCABULÁRIO: ANÁLISE DO LÉXICO ASSOCIADO AO HIV EM DISCURSOS JORNALÍSTICOS E POPULARES

Emerson Vinicius dos Santos Barbosa
Graduando – Letras Português - UFRA
emerson.barbosa@discente.ufra.edu.br

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora – Letras Português – UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

RESUMO: Desde a descoberta do HIV até os tempos atuais, diferentes unidades lexicais foram associadas à doença, na maioria das vezes, as conotações atribuídas estão relacionadas a estigmas relacionados ao HIV e ao preconceito social voltado às pessoas soropositivas. Nesse cenário, este estudo propõe analisar o léxico associado ao HIV e o impacto dos vocábulos dentro de discursos populares e jornalísticos, com foco na variação linguística. O referencial teórico considera Eni Orlandi (2012), sobre como a linguagem pode ser compreendida a partir de prática discursiva atravessada por ideologia, história e relações de poder e os aspectos sociolinguísticos que permeiam a variação são vistos a partir de Labov (1972). Do ponto de vista metodológico, a pesquisa enquadra-se como um estudo de natureza descritiva e qualitativa (Gil, 2017), focada na análise do léxico específico dos vocábulos utilizados para nomear tanto o HIV quanto a pessoa soropositiva, especialmente em contexto popular, com amostra extraída de redes sociais, comunidades, discursos jornalísticos e publicações da área da saúde, além de programas voltados para causa da AIDS, com vistas a identificar as unidades lexicais mais utilizadas por esses veículos de comunicação. A análise discursiva permite compreender como lexias a exemplos de peste gay, grupo de risco, portador do vírus ou vivendo com HIV se inserem em formações discursivas distintas, revelando diferentes formas de posicionar os sujeitos afetados pela infecção. No discurso jornalístico, por exemplo, observam-se tentativas de neutralização ou tecnificação da linguagem, enquanto o discurso popular, muitas vezes, evidencia o uso de expressões carregadas de preconceito ou desinformação. Assim, a análise parte do princípio de que o sentido não reside apenas nas palavras isoladamente, mas é produzido nas condições de produção dos discursos, ou seja, a posição social dos sujeitos, os contextos históricos e os dispositivos ideológicos que os atravessam. Assim, os vocábulos associados ao HIV não são neutros, eles carregam marcas de estigmas, preconceitos e exclusões históricas que se manifestam na forma como diferentes grupos sociais falam da doença. Além disso, a análise dos dados coletados revelou diferenças entre os vocábulos utilizados nos discursos jornalísticos e populares sobre o HIV, refletindo tanto transformações históricas quanto persistências ideológicas relacionadas ao estigma da doença. Nos discursos jornalísticos, observou-se uma tendência crescente a neutralização da linguagem ao longo do tempo. Por outro lado, os discursos populares, especialmente aqueles extraídos de redes sociais, fóruns online e entrevistas presenciais, ainda revelam a permanência de vocábulos estigmatizantes e preconceituosos, como aidético, doente, peste gay. Portanto, o vocabulário tem papel central na forma como a sociedade compreende e lida com o HIV. Unidades carregadas de preconceito perpetuam estigmas e exclusões, enquanto vocábulos humanizados e informados podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, empática e informada.Reconhecer o impacto do vocábulo é reconhecer o poder da linguagem como ferramenta de transformação social.

Palavras-chave: Lexicologia; Discurso; HIV, Doença.

Referências:

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para manejo da infecção pelo HIV em adultos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br. Acesso em: 26 maio 2025.
UNAIDS. Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS. **Terminologia recomendada para HIV e AIDS**. Brasília: UNAIDS Brasil, 2023. Disponível em: https://unaids.org.br/terminologia. Acesso em: 26 maio 2025.
CNN BRASIL. **Entenda como a linguagem que você utiliza pode reduzir o estigma sobre o HIV.** São Paulo, 1 dez. 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/saude/entenda-como-a-linguagem-que-voce-utiliza-pode-reduzir-o-estigma-sobre-o-hiv/. Acesso em: 26 maio 2025.

O LÉXICO EM EVIDÊNCIA NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE LEGENDAS E DUBLAGEM NA SÉRIE FRIENDS

Annytha Coelho Nobre da Trindade
Graduanda – Letras Português - UFRA
annythacn17@gmail.com

Giulia Vale Portela
Graduanda – Letras Português – UFRA
giuliavaleportela07@gmail.com

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora – Letras Português – UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: A elaboração de legendas requer a aproximação com o texto original, enquanto a dublagem permite certa liberdade na adaptação das falas, garantindo a sincronia e a naturalidade da expressão oral, consequentemente, há uma diferença entre a linguagem usada na dublagem e na legendagem. No cenário das atividades discursivas, este estudo tem como objetivo analisar os elementos pragmáticos da legendagem e da dublagem na série Friends a partir do componente lexical. Para isso, as considerações teóricas são ancoradas nos estudos de Yule (1996) sobre os aspectos da pragmática, Lins (2008) e as intenções das ações humanas com o objetivo de alcançar os significados de todos os tipos de comunicação, assim como Bolacio Filho et al. (2022) e Biderman (1996). Metodologicamente, foi aplicada a abordagem documental por meio de levantamento bibliográfico e análise de conteúdo audiovisual. Assim, foram observados 50 diálogos dos personagens durante os 10 primeiros episódios, com duração de 23 minutos cada da 1ª temporada da série Friends, assistidos pela plataforma de streaming HBO. Após a coleta, os resultados obtidos a partir da análise dos 10 primeiros episódios mostram diferenças entre a técnica abordada na tradução e na adaptação de conteúdo, respectivamente, como em: -Por que todo mundo fica me lembrando disso? (L) > - Por que todo mundo tá com fixação nesse detalhe? (D); São coisas assim, não é? (L) > É assim que eu dou bandeira, não é? (D); Mas é uma ofensa, sabe? (L) > Isso foi um baita tapa na cara (D). Em face dos dados analisados, percebe-se que as escolhas lexicais moldam a interpretação das interações entre os personagens. Ao examinar casos específicos, busca-se entender como o humor, os trocadilhos e as referências contextuais são tratados em diferentes idiomas e como essas escolhas refletem no entendimento dos espectadores.

Palavras-chave: Léxico. Audiovisual. Legendagem. Dublagem. Série Friends.

Referências:
BOLACIO FILHO, E. et al. Questões de tradução para legendagem e aprendizagem de alemão como língua estrangeira: o caso das legendas da série Dark. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 25, n. 46, p. 118-140, 2022. BORBA, F. A informação gramatical nos dicionários. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 137-149, 2007.
KRIEGER, M. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. Calidoscópio, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 4, n. 3, p. 141-147, 2006. LINS, P.P. A pragmática e análise de textos. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v. 2, p. 158- 176, 2008.
YULE, G. **Pragmatics**. Reino Unido: Oxford University Press, 1996.

ANÁLISE TAXIONÔMICA DOS HIDRÔNIMOS DE ORIGEM TUPI DA ILHA DE MOSQUEIRO/PA

Lázaro de Oliveira Cunha
Graduando em Letras – UFRA
lazaro.cunha0403@gmail.com

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Doutora em Linguística – UFRA
carlene.salvador@ufra.edu.br

Resumo: Vinculado ao projeto de pesquisa Léxico, Variação e Ensino - LEVE (PVCE1029 – 2025), desenvolvido no âmbito do Curso de Letras da Universidade Federal Rural da Amazônia, campus Belém, este trabalho estuda os hidrônimos da Ilha de Mosqueiro, distrito administrativo de Belém/PA, que possui uma bacia hidrográfica que desagua em três Baías: a do Marajó, a do Sol e a de São Francisco. A hidronímia local — ramo da Toponímia que estuda a origem, história e significado dos nomes dos corpos d'água — apresenta forte presença a de nomes de origem tupi, constitui um corpus relevante para o estudo toponímico na região. Nesse sentido, o trabalho tem por objetivo analisar um recorte de 14 topônimos (rios, igarapés e furos) de origem tupi e classificá-los de acordo com o modelo taxionômico proposto por Dick (1990a). Dessa forma, o embasamento teórico pauta-se nos fundamentos de Dick (1990a, 1990b), Carvalhinhos (2003, 2023) e Isquerdo (2008) sobre a Toponímia, além de incluir Carvalho (1987) para a análise da estrutura morfológica do léxico Tupi. Para isso, a metodologia adotada é de abordagem qualitativa e insere-se no rol das pesquisas de caráter documental, consoante Gil (2017). Os dados foram coletados a partir do livro Mosqueiro: Ilhas e Vilas (Meira Filho, 1978) e Rodrigues (2006). Os resultados mostram que a nomeação dos topônimos constitui uma atividade humana dos povos originários da Ilha, preservando a característica e aspectos culturais da região. Além disso, os topônimos investigados de origem tupi apresentam taxionomias de natureza física, a exemplo de Pratiquara, que significa "morada de peixe pequeno"; Sucurijuquara, que significa "morada de sucuri/cobra"; e Tamanduaquara, "morada de tamanduá". Assim, a pesquisa revela que a nomeação dos hidrônimos não é aleatória, mas sim um processo cultural caraterístico da população da Ilha de Mosqueiro.

Palavras-chave: Toponímia, Hidronímia, Mosqueiro, Tupi, Amazônia.

Referências:
CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. **Dicionário Tupi (antigo) português**. Bahia: [s. n.], 1987.
CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e Lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 56, p. 172–179, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i56p172-179. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/33819.
CARVALINHOS, Patrícia de Jesus; LIMA, Adriana. **Toponímia, teoria e método**. Revista de Estudos da Linguagem Brasileira, v. 1, n. 1, p. 1-20, jan./abr. 2023. Disponível em: https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/212224?hl=pt-BR.
DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos**. 2. ed. São Paulo: FFLCHH/USP, 1990a.
DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímia e a realidade brasileira.** São Paulo: Arquivo do Estado de SP, 1990b.
GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula. Toponímia urbana: um estudo de caso a partir de dados do ATEMS. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 9, 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, p. 82-102, 2020.
MEIRA FILHO, A. **Mosqueiro, Ilhas e Vila**s. Belém, PA: Instituto Histórico e Geográfico do Pará, 1978.
RODRIGUES, Alcir de Vasconcelos Alvarez. **Narrativas orais da Ilha de Mosqueiro:** memória e significado. 2006. Monografia (Monografia de especialização em Língua Portuguesa e Análise Literária) – Universidade da Amazônia, Belém, 2006.

SIMPÓSIO TEMÁTICO
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: Linguística Aplicada, Educação e Descrição Linguística

Bruno Gonçalves Carneiro
Carlos Roberto Ludwig

COMUNICAÇÕES

Entre Línguas e Sentidos: Desafios da Mediação Linguística e da Acessibilidade no Ensino Superior

SURDOS BILÍNGUES BIMODAIS- UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA SOBRE A PRESENÇA DOS FENÔMENOS CODE SWITCHING E CODE BLENDING

USO E PERCEPÇÃO DE SINAIS TOPONÍMICOS EM LIBRAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

Entre silêncios e lacunas: concepções docentes sobre surdez, Libras e ensino de conto

fantástico em Roraima

EU SURDO - PROFESSOR DE LIBRAS PRÁTICAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

Panorama da Educação de Surdos na Rede Municipal de Ensino de Araguaína – Tocantins

A Educação do Surdo Negro Quilombola da Comunidade São Pedro dos Bois: Políticas Educacionais, Metodologias e Práticas Inclusivas

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO FORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO DE SURDOS

DOS ESTUDOS FONOLÓGICOS DA LINGUÍSTICA DA LIBRAS À PRÁTICA ESCOLAR NO INES: PROPOSTA DIDÁTICA PARA ALUNOS SURDOS DO 5º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Gramaticalização de Conectivos na Hipotaxe Adverbial na Língua Brasileira de Sinais

TIPOLOGIA DOS NÚMEROS EM LIBRAS: UMA ABORDAGEM DESCRITIVA.

Articulações de Boca em Sentenças Negativas em Língua Brasileira de Sinais – Libras

A VARIAÇÃO DOS SINAIS COMPOSTOS DA LIBRAS UTILIZADA PELA COMUNIDADE SURDA DE MACAPÁ-AP

Articulação de orações do tipo temporal na Língua Brasileira de Sinais

O SINAL “EX” NA LIBRAS (PASSADO NOMINAL) E A RELAÇÃO COM POSSESSIVIDADE

Considerações iniciais sobre a reduplicação na libras

Segmentação do corpo e indicação de referentes no uso do Espaço Sub-rogado na libras

A CATEGORIA NÚMEROS NOMINAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: NÚMERO GERAL

Categorias Prototípicas e Variações Interlinguísticas: Uma Análise Comparativa de Sinais Baseados em Sensações Físicas e Emocionais em Diferentes Línguas de Sinais

Entre o Sagrado e a Libras: Terminologia em um Terreiro de Umbanda na Região Amazônica

CINDERELA SURDA: UM ESTUDO SOBRE A COESÃO TEXTUAL EM ESCRITA DE SINAIS – SIGNWRITING

LETRAMENTO LITERÁRIO COM A OBRA *AMAZÔNIA EM CHAMAS*: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA PARA SURDOS NO CONTEXTO AMAZÔNICO

Toponímia em Libras dos bairros de Santarém/Pará

Desafios e possibilidades no processo de Ensino e Aprendizagem do Português como Segunda Língua/l2 para pessoas Surdas no Município de Tucuruí-PA

Entre Línguas e Sentidos: Desafios da Mediação Linguística e da Acessibilidade no Ensino Superior

Ester Fernandes Nunes
Doutoranda – UFNT
ester.nunes@ufnt.edu.br

Stefânia Steves da Silva Sena
Mestra – UFNT
stefania.sena@ufnt.edu.br

Resumo: A inclusão no ensino superior brasileiro tem avançado a partir de políticas públicas que asseguram o direito de acesso e permanência de estudantes com deficiência, entre elas a Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação, e o Decreto nº 5.626/2005, que institui sua obrigatoriedade em cursos de licenciatura. Nesse cenário, práticas pedagógicas docentes precisam considerar a diversidade dos estudantes, especialmente em situações que envolvem distintas deficiências sensoriais. Este trabalho relata e analisa uma experiência acadêmica singular: uma disciplina de Libras ministrada por docente surda para uma turma que contava com a presença de uma estudante cega. Cujo objetivo é refletir sobre os desafios da mediação linguística e da acessibilidade nesse contexto, ressaltando os ajustes necessários para garantir equidade na aprendizagem. Trata-se de um relato de experiência de caráter qualitativo, fundamentado na observação participante em sala de aula durante um semestre letivo. Foram considerados registros de campo, adaptações realizadas pela instituição e estratégias pedagógicas adotadas coletivamente. As intervenções envolveram três dimensões: (a) adaptações físicas, como a disponibilização de mesa exclusiva para acomodação da máquina Braille da estudante e espaço reservado ao guia-intérprete t; (b) recursos comunicacionais, o tradutor/ intérprete de Libras, a descrição oral detalhada de sinais e uso pontual da Libras tátil para complementar explicações; (c) estratégias pedagógicas, que contemplaram pausas didáticas, interação coordenada entre profissionais e adequação de materiais visuais em versões táteis, elaboradas pelo setor de acessibilidade da universidade. O tipo de pesquisa adotado — relato de experiência — possibilitou analisar criticamente a vivência, destacando não apenas as soluções encontradas, mas também as barreiras enfrentadas. Os achados indicam que a inclusão plena de estudantes com diferentes deficiências sensoriais no ensino superior demanda mais do que a presença de profissionais de apoio: exige infraestrutura adequada, metodologias multissensoriais e trabalho colaborativo entre docentes, intérpretes, guia-intérpretes e discentes. A experiência analisada demonstra que o ensino de Libras, tradicionalmente estruturado em base visual, pode ser ressignificado por meio da integração de recursos orais e táteis, garantindo participação efetiva da aluna cega. Conclui-se que práticas dessa natureza contribuem para repensar o ensino de línguas em ambientes diversos, fortalecendo a acessibilidade comunicacional como elemento central da educação no ensino superior.

Palavras-chave: Acessibilidade; Ensino Superior; Libras; Deficiência Visual; Mediação

Referências:
BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002.
BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005.
BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
MAIA, S. Inclusão e práticas pedagógicas para estudantes com deficiência visual. São Paulo: Cortez, 2018.
QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SURDOS BILÍNGUES BIMODAIS- UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA SOBRE A PRESENÇA DOS FENÔMENOS CODE SWITCHING E CODE BLENDING

MOTA, Carla da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina
Profcarlasemec@gmail.com

LUDWIG,Carlos Roberto
Universidade Federal de Santa Catarina
carlosletras@mail.uft.edu.br

Resumo: A presente proposta de pesquisa, sugere a análise da presença dos fenômenos Code Blending (sobreposição de línguas), Code Switching (alternância de línguas) nas sinalizações produzidas por surdos com diferentes tipos de aquisição da Língua de Sinais, e a possibilidade de sua comprovação como aspecto importante na identificação de Surdos Bilíngues Bimodais. Esta pesquisa se justifica por trazer contribuições acerca da alternância de línguas feitas por eles, dando subsídio para validar que surdos bilíngues bimodais também transferem conhecimento de uma língua para outra. Por isso, foi definido como objetivo geral analisar as sinalizações produzidas nas interações de surdos com diferentes tipos de aquisição da Língua de Sinais a ocorrência de fenômenos e marcas ligados ao bilinguismo bimodal e como objetivos específicos registrar as estratégias de comunicação utilizadas por surdos com diferentes tipos de aquisição da Língua de Sinais, para garantir a compreensão da mensagem entre os interlocutores; identificar nas produções sinalizadas por surdos com diferentes tipos de aquisição da Língua de Sinais os fenômenos Code Blending e Code Switching, presentes no bilinguismo bimodal; indicar a frequência da utilização dos fenômenos Code Blending e Code Switching nas sinalizações de surdos com diferentes tipos de aquisição da Língua de Sinais. Para alcançar esse objetivo, serão analisados o corpus produzido pelo Inventário Nacional de Língua de Sinais, e as interações entre os sujeitos participantes da pesquisa, buscando identificar as presença dos fenômenos Code Blending e Code Switching, os quais serão analisados por meio do software ELAN para produção posterior dos relatórios. Entre os resultados esperados, buscamos comprovar que o tipo de aquisição da Língua de Sinais é uma característica identificadora do Bilinguismo Bimodal em Surdos, além da possibilidade de identificar a frequência e as estratégias utilizadas pelos surdos nessas interações, permitindo uma compreensão aprofundada sobre esse tipo de bilinguismo.

Palavras-chave: Bilinguismo bimodal; Língua de Sinais; Code Blending; Code Switching.

USO E PERCEPÇÃO DE SINAIS TOPONÍMICOS EM LIBRAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

Jose Willen Brasil Lima
Doutorando PPGL/UFPA
brasilwillen@gmail.com

Marilucia de Oliveira Cravo
Doutora em Linguística PPGL/UFPA
brasilwillen@gmail.com

Resumo:A presente pesquisa volta-se à análise das variações nos sinais toponímicos em Libras utilizados na Região Metropolitana de Belém (RMB), reconhecendo esses sinais como construções linguísticas que carregam valores culturais, identitários e históricos da comunidade surda. A investigação se insere em um cenário onde o registro e a descrição sistemática de sinais toponímicos ainda são incipientes no contexto amazônico, o que justifica sua relevância acadêmica e social. Objetiva-se analisar a variação sociolinguística dos sinais toponímicos em Libras presentes nos municípios da RMB, compreendendo suas motivações, formas, redes sociais de circulação e valores simbólicos associados. A problemática central reside na ausência de pesquisas que documentem e analisem, de forma sistematizada, a pluralidade de sinais toponímicos em Libras no contexto amazônico, especialmente em relação à forma como são criados, percebidos, avaliados e (re)significados por diferentes grupos sociais da comunidade surda. Essa lacuna acadêmica impede o reconhecimento pleno da diversidade linguística e cultural expressa por tais sinais, dificultando sua valorização em políticas educacionais, linguísticas e culturais. O estudo adota abordagem quali-quantitativa e sociolinguística, ancorando-se nos pressupostos da Terceira Onda (Eckert, 2012) e nos estudos de toponímia motivacional (Dick, 1990; Souza-Junior, 2012). Utiliza entrevistas semiestruturadas, questionários e observações participativas aplicadas a 32 sujeitos (surdos e ouvintes), usuários de Libras residentes nos oito municípios da RMB. A análise será guiada por um quadro categorial específico com foco em forma, motivação, rede social, função identitária, prestígio e percepção social. Análise preliminares revelaram a coexistência de diferentes variantes toponímicas, assim como os fatores que condicionam sua aceitação, rejeição ou substituição. A investigação estão apontando para conflitos de padronização, disputas simbólicas, processos de mudança linguística e vínculos identitários, confirmando que os sinais toponímicos são expressões da dimensão social e cultural da Libras. Os resultados, a serem alcançados após o trabalho de campo e a análise do corpus, poderão contribuir para a valorização da diversidade linguística na Libras e para o desenvolvimento de políticas educacionais e culturais mais inclusivas na Amazônia.

Palavras-chave: Libras. Sinais toponímicos. Variação sociolinguística. Identidade surda. Região Metropolitana de Belém

Referências:
BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. São Paulo: Edusp, 1991.

CALVET, Louis-Jean. As políticas linguísticas. São Paulo: Parábola, 2009.
CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.
DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e antroponímia no Brasil. São Paulo: Ática, 1990.
ECKERT, Penelope. Linguistic variation as social practice: The linguistic construction of identity in Belten High. Oxford: Blackwell, 2000.
ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. Annual Review of Anthropology, v. 41, p. 87-100, 2012.
FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2009.
GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa?. São Paulo: Parábola, 2012. LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
LABOV, William. Principles of linguistic change. Vols. 1–3. Oxford: Blackwell, 1994–2010.
LANE, Harlan. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
PERLIN, Gladis. Identidades surdas. Porto Alegre: Mediação, 1998.
QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
SOUZA JÚNIOR, José Ribamar de Lima. Toponímia em Libras: proposta de categorização. Belém: UFPA, 2012.
STOKOE, William. Sign language structure. Silver Spring: Linstok Press, 1960.
STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora UFSC,2009.

Educação bilíngue de surdos: práticas ludopedagógicas para uma educação inclusiva na Amazônia Brasileira

Jôyce Assunção Pimetel
Mestranda PPGCITE – UFPA
joyassuncao08@gmail.com

Jéssica Ferreira Silva
Mestranda NTPC - UFPA jessica.ferreira@ntpc.ufpa.br

Shirley Franklin Oliveira Nascimento
Graduanda em Letras Língua Portuguesa / Bolsista de Iniciação Científica CNPq – UFPA
ShirleyItachi12@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística
Docente do ILC e do PPGCITE – UFPA
braynacardoso@ufpa.br

O presente trabalho discute o uso de jogos didáticos manuais e digitais como estratégias de

inclusão de alunos surdos no contexto amazônico, considerando o bilinguismo em Libras e Língua Portuguesa, a aplicação das metodologias ativas e as especificidades culturais da região. A partir dessa perspectiva, a presença de estudantes surdos nas escolas amazônicas evidencia a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem tanto a comunicação entre surdos e ouvintes quanto a identidade sociocultural local. Nesse sentido, compreende-se que os jogos emergem como recursos para a construção de uma prática inclusiva, participativa e significativa, capazes de estimular o aprendizado e a interação em sala de aula. Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar, sob uma abordagem bibliográfica, qualitativa e pelo empreendimento da pesquisa-ação, as potencialidades do uso de jogos bilíngues como estratégias de inclusão escolar de alunos surdos. Para isso, considera-se a contribuição de Quadros (1997), que destaca a importância do bilinguismo na educação de surdos ao reconhecer a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua; de Gesser (2012), que amplia a reflexão sobre a necessidade de ensinar Libras também aos ouvintes; e Pilati (2017), que ressalta a relevância das metodologias ativas e do protagonismo do estudante na construção do conhecimento. Nesse mesmo contexto, a ludopedagogia, conforme Luckesi (2023), reforça a ideia de que o lúdico não é apenas um acessório do ensino, mas um eixo estruturante da prática educativa e Vygotsky (1998) enfatiza que o desenvolvimento cognitivo está intrinsecamente ligado às interações sociais, assim a aprendizagem ocorre de maneira significativa quando o aluno é auxiliado por pares mais experientes ou pela mediação do professor. Com base nesses referenciais, compreende-se que a utilização de jogos bilíngues em sala de aula regular favorece a interação entre surdos e ouvintes, criando oportunidades para o uso e a valorização da Libras em ambientes coletivos, fortalece a aprendizagem significativa por meio do bilinguismo, contribuindo no desenvolvimento cognitivo e linguísticos dos seus participantes, visto que a alternância entre Libras e Língua Portuguesa possibilita maior compreensão e participação da classe integralmente. Quando adaptados à realidade amazônica, esse recurso contempla elementos culturais regionais além de respeitar as diferentes condições de acesso às tecnologias digitais. Nesse contexto, entende-se que os jogos didáticos e digitais ultrapassam a dimensão lúdica, tornando-se espaços de interação que estimulam a cooperação, o engajamento e a valorização das diferenças no espaço educacional. Ademais, quando concebidos em diálogo com metodologias ativas, os jogos favorecem a participação dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, ampliando a autonomia e a construção compartilhada do conhecimento. Desse modo, a integração da Libras em jogos acessíveis contribui para sensibilizar os ouvintes quanto à diversidade linguística, criando um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso. Dessa forma, os jogos ludopedagógicos manipuláveis e os jogos gamificados digitais apresentam-se como ferramentas necessárias para o fortalecimento da educação inclusiva na Amazônia Brasileira, pois tais recursos promovem a interação entre surdos e ouvintes, estimulando práticas bilíngues, incentivando a utilização de metodologias ativas, com trocas produtivas entre professores e alunos, bem como dialoga com as identidades culturais presentes na realidade paraense.

Palavras-chave: Libras, Língua Portuguesa, Bilinguismo, Metodologias Ativas, Jogos Ludopedagógicos, Amazônia Brasileira.

Referências:

GESSER, Audrei. O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender LIBRAS. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e atividades lúdicas na prática educativa [livro

eletrônico]: compreensões conceituais e proposições. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2023.
PILATI, Eloisa. Linguística, gramática e aprendizagem ativa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2ª Edição, 2017.
QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Armed, 1997.
VYGOTSKY, Lev S. Pensamento e linguagem. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

Entre silêncios e lacunas: concepções docentes sobre surdez, Libras e ensino de conto fantástico em Roraima

Cledemar Félix da Silva Júnior
Mestre em Educação Inclusiva – SEED/RR
cledemar.junior@educacao.rr.gov.br

Histayllon Conceição dos Santos
Mestrando em Letras – PPGL/UFRR
tayloracentoagudo@gmail.com

Resumo: Este estudo tem como objetivo investigar as concepções de professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio da rede pública estadual de Roraima acerca da Língua Brasileira de Sinais (Libras), da surdez, dos estudantes surdos e de sua inclusão, assim como do ensino do conto fantástico a esses alunos. A pesquisa parte da constatação de que, apesar dos avanços legais e normativos que garantiram a oficialização da Libras e consolidaram a Educação Bilíngue de Surdos no país, como a Lei nº 14.191/2021, ainda persistem lacunas significativas na prática docente, como no que se refere ao ensino da literatura. Observa-se que a inclusão efetiva de alunos surdos requer não apenas adaptações de materiais e recursos, mas também o desenvolvimento de competências docentes específicas, capazes de atender às demandas pedagógicas e culturais dessa população estudantil. A investigação adotou uma abordagem mista, articulando métodos qualitativos e quantitativos (Creswell, 2007; 2010). Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário online estruturado com escala Likert, permitindo mensurar percepções e atitudes dos professores. Paralelamente, aplicaram-se técnicas de leitura de reconhecimento, leitura seletiva e leitura interpretativa (Salvador, 1986), possibilitando uma análise aprofundada dos discursos docentes e de suas concepções sobre a inclusão de estudantes surdos e o ensino de contos fantásticos. A análise dos dados quantitativos foi realizada por meio de Estatística Descritiva (Lakatos & Marconi, 2003), enquanto os dados qualitativos foram interpretados por meio da Análise Textual Discursiva (Moraes & Galiazzi, 2007; 2016), garantindo a compreensão das nuances presentes nas respostas e reflexões dos participantes. Os resultados obtidos revelam três aspectos principais. Primeiramente, identifica-se uma escassez de produções científicas voltadas ao ensino de contos fantásticos para estudantes surdos, indicando uma lacuna significativa na literatura acadêmica e na formação docente específica nessa área. Em segundo lugar, observa-se que, embora os docentes manifestem um posicionamento majoritariamente favorável à acessibilidade curricular e à inclusão de alunos surdos, ainda existem limitações práticas e conceituais que dificultam a implementação plena da educação bilíngue. As reflexões teóricas que conduziram a pesquisa foram baseadas em Skliar (1997), Gesser (2009), Harrison (2013), Silva (2001), Strobel (2009), dentre outros autores. Por fim,

evidencia-se uma percepção clara da necessidade de formações continuadas, que possibilitem aos professores superar preconceitos, ampliar sua competência linguística e desenvolver práticas pedagógicas inclusivas que valorizem a diversidade e a cultura surda. A partir desses achados, propusemos a criação de um curso de formação continuada voltado ao ensino bilíngue de surdos, com ênfase em estratégias pedagógicas para o ensino de contos fantásticos e na valorização da Literatura Surda como recurso identitário e educativo. Tal proposta busca não apenas oferecer subsídios metodológicos aos professores, mas também fortalecer a percepção da diferença surda como elemento enriquecedor da experiência literária e educativa. Por fim, a pesquisa evidencia a urgência de políticas linguísticas e educacionais que consolidem o ensino bilíngue de surdos em Roraima, promovendo a inclusão da diferença surda no ensino de Língua Portuguesa de forma efetiva. Além disso, destaca-se a necessidade de ampliar a atuação docente para além da simples adaptação de recursos, incentivando práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a presença e as contribuições dos estudantes surdos no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação bilíngue; Língua Brasileira de Sinais; Educação inclusiva; Conto fantástico; Formação docente; Surdez.

Referências:

BRASIL. (2021). Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 2021. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749. Acesso em: 29 ago. 2021.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Luciana de Oliveira da Rocha, 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. _____. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GESSER, A. LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

HARRISON, K. M. P. Libras: apresentando a língua e suas características. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos (orgs.). Tenho um aluno surdo, e agora? introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EDUFSCar, 2013, p. 27-36.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual: discursiva. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

_____. _____. 3. ed. Revisada e Ampliada. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

SALVADOR, A. D. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SILVA, M. P. M. A construção de sentidos na escrita do aluno surdo. São Paulo: Ed. Plexus, 2001.

SKLIAR C. Uma perpectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In C. Skliar (org.) Educação e Exclusão. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1997.

STROBEL, K. História da educação de surdos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

EU SURDO, PROFESSOR DE LIBRAS: PRÁTICAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

Prof. Esp. Alessandro Sena
alessandro.oliveira@professor.to.gov.br
Superintendência Regional de Educação de Araguaína – SREA/TO

Resumo A Língua Brasileira de Sinais- Libras é a língua natural dos surdos brasileiros. Muitas crianças surdas não sabem Libras porque a família é ouvinte. A pergunta: como a criança surda aprende conteúdo da escola? É preciso saber Libras para depois aprender coisas diferentes. Importante presença do professor surdo nas escolas de surdos. O professor surdo é modelo linguístico para crianças surdas. Ter modelo linguístico é importante para a identidade surda. Ensinar Libras para crianças surdas é também importante para professor surdo para pensar estratégias e pedagogia visual própria do surdo. Refletir sobre como é importante criança surda aprender Libras com o professor surdo. Ensinar Libras para crianças surdas é importante porque entendo o papel do surdo adulto na sociedade, na educação e na formação de outras pessoas. O surdo adulto como professor de Libras é referência para outros surdos pensar no futuro também pode ter trabalho, família e ser referência na identidade de outros surdos. Isso fortalece a comunidade surda e a luta dos direitos dos surdos.

Palavras-chave: Libras; professor surdo; aluno surdo.

Panorama da Educação de Surdos na Rede Municipal de Ensino de Araguaína - Tocantins

Stefânia Steves da Silva Sena
Universidade Federal do Norte do Tocantins

Diego de Miranda Leão
Diretoria de Educação Especial

Resumo: O presente artigo é o resultado de uma pesquisa da dissertação de Steves - Reflexões para uma Proposta Implementação de uma Educação Bilíngue de Surdos na Rede Municipal de Ensino de Araguaína -TO e as ações do município a partir dos resultados expostos. A pesquisadora propõe reflexões para a implementação de uma educação bilíngue de surdos, atendendo a uma demanda do Plano Municipal de Educação de Araguaína, do Plano Estadual de Educação do Tocantins e da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional. Os objetivos foram mapear as políticas linguísticas educacionais atuais em relação à educação de surdos na rede municipal da rede e propor reflexões para a implementação de uma educação bilíngue. Foram analisados documentos que regem a educação de surdos na rede e realizadas visitas às escolas e constatou-se que os alunos surdos estavam dispersos e isolados, sem a oferta de uma educação bilíngue. É preciso pensar em uma matriz curricular considerando a língua de sinais, as identidades e a cultura surda. A partir da pesquisa a Diretoria de Educação Especial utilizou-se dos estudos da pesquisa para ofertar o ensino em/de Libras para os alunos surdos, concomitante a uma implementação de uma educação bilíngue em Araguaína.

Palavras-chave: Educação Bilíngue de Surdos, Classes Bilíngues, Escolas Polo, Rede Municipal de Educação de Araguaína

A Educação do Surdo Negro Quilombola da Comunidade São Pedro dos Bois: Políticas Educacionais, Metodologias e Práticas Inclusivas

Evanildo de Jesus Nunes Carvalho
evanildo.carvalho.unifap.t5@gmail.com

Ronaldo Manasses Rodrigues Campos
r.manasses@unifap.br

A educação quilombola, conforme destacado por Gomes (2011), desempenha um papel crucial na preservação das raízes históricas e culturais do povo negro, ao mesmo tempo em que amplia horizontes de formação e emancipação. Para além das barreiras sociais, econômicas e educacionais etc., o negro surdo quilombola, enfrenta ainda barreiras adicionais que combinam a herança histórica de exclusão racial com as especificidades linguísticas da abordagem bilíngue: a necessidade de uma língua sinalizada como primeira língua L1 e o português escrito como segunda língua L2 (Skliar ,1998; Quadros e Silva, 2017). A escolha deste tema articula-se diretamente com a área de Educação Especial e Inclusiva, uma vez que o estudo propõe avançar no entendimento de como as políticas e práticas educacionais podem ser adaptadas para atender às necessidades de uma população com múltiplas camadas de marginalização. A pesquisa é motivada pela constatação de que, apesar dos avanços nas políticas inclusivas nas últimas décadas, conforme mencionado por pesquisadores e autores da área, o atendimento educacional ao surdo negro quilombola permanece pouco explorado (Lacerda, 2009; Fernandes, 2010). Por esta razão, este trabalho alinha-se à perspectiva multicultural e bilíngue defendida por Quadros e Silva (2017), que enfatizam a importância de aceitar a língua de sinais como parte integrante da história e cultura do povo surdo (Strobel, 2016). A ausência de estudos sobre a educação de negros surdos quilombolas no Amapá motivou a realização desta pesquisa, que tem como objetivo apresentar um recorte da pesquisa mestrado intitulada "A Educação do Surdo Negro Quilombola da Comunidade São Pedro dos Bois: Políticas Educacionais, Metodologias e Práticas Inclusivas" (em andamento), que aborda de forma clara e objetiva a educação escolar do surdo negro quilombola da comunidade São Pedro dos Bois, localizada no perímetro rural de Macapá, no Estado do Amapá, com foco nas políticas educacionais, metodologias e práticas inclusivas implementadas na Escola Estadual Quilombola Teixeira Freitas. Especificamente, o estudo registra e analisa o Atendimento Educacional Especializado - AEE ofertado pelos professores e o processo educacional na sala de referência para alunos negros surdos, considerando suas especificidades linguísticas, culturais e sociais, buscando compreender as interseccionalidades entre a identidade negra, quilombola e surda, e suas implicações no contexto educacional. A pesquisa busca ainda apresentar dados inéditos da educação escolar dos negros surdos da Comunidade São Pedro dos Bois, apontar possíveis lacunas no tange as políticas educacionais vigentes, contribuindo assim para a construção de uma educação mais equitativa, que reconheça a diversidade e promova a inclusão de grupos historicamente excluídos. Como aporte teórico para as questões relacionadas a educação escolar quilombola selecionamos Silva (2011,2012), Gomes (2011), Coelho e Baía (2014), Silva in Santomé (2001) , Luna (2011); No que diz respeito a educação de surdos, temos uma considerável literatura

produzida pelos principais pesquisadores brasileiros: Skliar (1998), Quadros (1997), Lodi (2017), Lacerda (2009), Fernandes (2010); e por fim, para fundamentar politicas educacionais faremos uso dos estudos de Bertolde e Ribeiro (2021), Mendes e Almeida (2015) e Mantoan e Santos (2015).

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Políticas educacionais; Quilombola Surdo.

Referências

BERTOLDE, Fabricia Zanelato e RIBEIRO, Maria Souza. **As contribuições das políticas públicas na conjuntura da educação especial**, in ALMEIDA, Flavio aparecido. **Educação inclusiva, especial e política de inclusão**. 1ª Edição, Editora Cientifica Cultural: Guaruja-SP, 2021.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; BAÍA, João Paulo. **Educação escolar quilombola: desafios e perspectivas para a construção de uma educação intercultural**. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 58, p. 65-80, jul./set. 2014.

FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos: inclusão e práticas pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2010

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade Etnico-Racial: Por um projeto educativo emancipatório**. IN: FONSCECA; SILVA; FERNANDES (ORG.). **Relações Etnico-Raciais e educação no Brasil**. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Educação de surdos: o papel do atendimento educacional especializado**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

LODI, Ana Claudia Balieiro. **Letramento e minorias**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 105 120.

LUNA, José Cleidson da Silva. **Educação escolar quilombola: saberes tradicionais e práticas pedagógicas**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 8, n. 17, p. 85-100, 2011.

MANTOAN, M. T. E.; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos. **Educação especial na perspectiva inclusiva: o que dizem os professores, dirigentes e pais.** Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial, Marília, SP, v. 2, n. 1, 2015.

MENDES, Enicéia Gonçalves; CIA, Fabiana; CABRAL, Leonardo Santos de Almeida. (Orgs.). I**nclusão escolar em foco: organização e funcionamento do atendimento educacional especializado.** São Carlos: Marquezine & Manzini, 2015. p. 17-34.

QUADROS, Ronice. Miller. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SILVA, José Antônio da. **Currículo e educação quilombola: desafios e possibilidades.** Educação em Revista, v. 28, n. 3, p. 75-90, set. 2012.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO FORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO DE SURDOS

Marcia Cristina Paulo dos Santos
Mestra em Educação Bílingue – INES
msantos@ines.gov.br

Resumo: A dissertação tem como título "A Extensão Universitária Como Formação para a Educação das Relações Raciais e Educação de Surdos" teve como objetivo o desenvolvimento de um Curso de Extensão para a formação dos ls na área das relações raciais e da educação de surdos, com foco nos surdos negros. O trabalho foi construído como uma formação pedagógica para docentes da educação básica, alunos do Curso de Pedagogia e do Mestrado Profissional Bilíngue, tendo como proposta a criação de um produto dissertativo para apresentação ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional Bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos.. A dissertação se constrói a partir da conjugação de vários pontos de partida: utiliza como base teórica os contributos das Relações Raciais, área de conhecimento que busca conhecer as demandas dos negros e surdos negros a partir do seu próprio campo; recorre às metodologias participativas e às observações dos materiais produzidos como forma de aceder as reflexões através das produções culturais como fonte principal de informações sobre as temáticas estudadas a partir do curso ofertado. Com o intuito de alcançar o objetivo proposto foram realizadas observações e análises a partir de metodologias participativas, que permitiram a utilização de diversas formas de linguagem e expressão, como as fotografias, a música, os materiais didáticos, os vídeos e as lives que foram produzidas durante a extensão. Além disso, foram realizadas as transcrições das 7 lives realizadas pelo ZOOM, tendo como foco as reflexões dos palestrantes e cursistas que participaram da extensão. O produto apresenta algumas contribuições para a área das relações raciais e educação de surdos como também a importância da Extensão no contexto dessas temáticas e no contexto da formação de docentes da Educação Básica e alunos do Curso de Pedagogia. A Extensão se revelou como uma proposta de trabalho fundamental para a formação docente, produção de materiais pedagógicos, encontros, reflexões e debates com todos os envolvidos no presente trabalho. Resgatar as histórias e experiências dos participantes contra estereótipos e preconceitos, constitui-se como resultado central dessa dissertação, com implicações nos planos teóricos, metodológicos, políticos e da intervenção social com um olhar para uma prática emancipatória, transformadora e intercultural.

Palavras-chave: Extensão; Surdo-Negro; Metodologias Participativas; Relações Racias

Referências:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96. . Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática "História e Cultrura Afro-Brasileira" no currículooficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

_____ Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro- brasileira e africana. Brasília: MEC, 2004.

_____.CNE. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006. InstituiDiretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura.

DOS ESTUDOS FONOLÓGICOS DA LINGUÍSTICA DA LIBRAS À PRÁTICA ESCOLAR NO INES: PROPOSTA DIDÁTICA PARA ALUNOS SURDOS DO 5º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Andreza Raphael
Mestre em Educação Bilingue
Instituto Nacional de Educação de Surdos
andynha88@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa propõe uma articulação entre os estudos fonológicos da Linguística da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e sua aplicação prática na escola, por meio do desenvolvimento de uma proposta didática voltada para alunos surdos do 5º ano do Ensino Fundamental I do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). O trabalho parte da constatação da insuficiência de materiais e currículos específicos para o ensino da fonologia da Libras em contextos bilíngues surdos. A fundamentação teórica abrange pesquisas clássicas e contemporâneas da Linguística das Línguas de Sinais, com ênfase nos aspectos fonológicos da Libras (Stokoe, 1977[1960]; Battison, 1974, 1975; Liddell, 1984; Sandler, 1990; Quadros & Karnopp, 2004; Pimenta Castro, 2019; Quadros et al., 2023), assim como nos campos da Pedagogia e Didática Surda (Campello, 2008; Perlin & Rezende, 2011) e nas diretrizes curriculares brasileiras para surdos (Stumpf & Linhares, 2021a-e). O estudo é qualitativo, exploratório e descritivo, configurando-se como pesquisa de campo. Os dados foram coletados no Serviço de Ensino Fundamental I (SEF1) e no Departamento de Educação Básica (DEBASI) do INES, por meio da análise documental de planos de curso, materiais didáticos e registros fotográficos das práticas pedagógicas. Também foram aplicados questionários a professores surdos para mapear desafios e estratégias no ensino da fonologia da Libras a alunos do 5º ano. Como resultados, a pesquisa apresentou uma ementa curricular com 171 horas/aula distribuídas em 29 dias letivos, um cronograma didático em sete módulos, dois planos de aula e uma unidade didática voltada para o ensino da Fonologia da Libras, especialmente adaptada às necessidades dos alunos surdos dessa faixa escolar. Conclui-se que a proposta contribui para suprir a lacuna existente no ensino da fonologia da Libras, oferecendo um material didático adequado e uma organização curricular que fortalecem a alfabetização visual e linguística dos alunos surdos, respeitando sua identidade cultural e lingüística. Tal iniciativa pode colaborar significativamente para a consolidação de práticas pedagógicas bilíngues eficazes do Ensino Fundamental I.

Palavras-chave: Fonologia da Libras; Linguística da Libras; Educação Bilíngue; Ensino Fundamental I; Pedagogia Surda; Material Didático.

Referências:

Campello, Ana Regina. (2008). Pedagogia Surda: Teorias e práticas para uma educação bilíngue. Ed. Arara Azul.
Perlin, M., & Rezende, C. (2011). Didática Visual e Surda. [Editora].
Pimenta Castro, A. (2019). Fonologia da Libras: Estudos e aplicações. [Editora].
Quadros, R. M., & Karnopp, L. B. (2004). Linguística da Língua de Sinais Brasileira: Estudos essenciais. [Editora].
Stokoe, W. C. (1977[1960]). Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. [Editora]. Stumpf, R. R., & Linhares, M. (2021a-e). Referenciais Curriculares para Educação de Surdos [editorial]

Stumpf, R. R., & Linhares, M. (2021a-e). Referenciais Curriculares para Educação de Surdos. [Editora].

Gramaticalização de Conectivos na Hipotaxe Adverbial na Língua Brasileira de Sinais

Carlos Roberto Ludwig
Docente da UFT/UFNT/UFSC/CNPq
e-mail: carlosletras@uft.edu.br

Resumo: Esta pesquisa descreve os processos de gramaticalização de sinais em uma perspectiva sincrônica na Língua Brasileira de Sinais (Libras). A gramaticalização é geralmente definida como o processo pelo qual uma determinada palavra sofre mudanças linguísticas para ter uma função gramatical atribuída. Desta forma, esse fenômeno linguístico demonstra os caminhos pelos quais certos itens lexicais se desenvolvem em novas funções gramaticais. Autores como Meillet (2012 [2020]), Hopper e Traugott (1993), Fischer e Lillo-Martin (1991), Pfau e Steinbach (2011) foram empregados para discutir esse fenômeno linguístico em Libras. Foram analisados sinais que podem desempenhar o papel de conectivos na hipotaxe adverbial em Libras. A análise inclui dados do Inventário de Libras do Tocantins e do Corpus de Libras e dos Surdos de Referência. Esta pesquisa descreve entrevistas com nove informantes de Libras que fazem parte dessas duas coleções de dados. Os dados foram analisados no Elan. Trilhas específicas foram criadas com diferentes tipos de orações complexas, bem como uma trilha específica para o fenômeno linguístico da gramaticalização. Os dados indicam que há um processo de gramaticalização em andamento em Libras, especialmente em conectivos de orações causais e condicionais. Os dados mostram que a gramaticalização dos sinais POR QUE/PORQUE, EXEMPLO e JÁ está em andamento na Libras. Todos esses sinais possuem papéis sintáticos multifuncionais, o que sugere possível uso como conectivos em orações complexas. Os dados mostram que o sinal PORQUE pode desempenhar o papel de um conectivo em orações hipotáticas causais. Além disso, esse sinal possui a função gramatical de um pronome interrogativo em outras orações. O sinal EXEMPLO pode ser empregado como conectivo em frases condicionais, significando o conector se em português. Além disso, é empregado como substantivo e locução adverbial em diversos contextos discursivos em Libras. O sinal JÁ pode ter passado por um processo muito peculiar de erosão fonológica na Libras: apenas as marcações não-manuais, chamadas de articulações boca, deste sinal são usadas para articulações orações temporais.

Palavras-Chave: Gramaticalização; Orações Hipotáticas; Conectivos; Libras.

Referências:

Fischer, S.; Lillo-Martin, D. 1990. Understanding Conjunctions. International Journal of Sign Linguistics. Vol. 1, N. 2. p. 71-80.
Hopper, P.; Traugott, E. 1993. Grammaticalization. Cambridge University Press.
Meillet, A. 1982. Linguistique Historique et Linguistique Générale. Paris: Champion, 1982.
Pfau, R.; Steinbach, M. 2011. Grammaticalization in Sign Languages. In: Heine, B.; Narrog, H. (Orgs.) The Oxford Handbook of Grammaticalization. Oxford/New York: Oxford University Press.

TIPOLOGIA DOS NÚMEROS EM LIBRAS: UMA ABORDAGEM DESCRITIVA

Vanessa Miro Pinheiro
Mestra em Linguística e Língua Portuguesa – UNESP
vpinheiro@ines.gov.br

RESUMO: Este estudo tem como objetivo descrever e analisar a tipologia dos números na Língua Brasileira de Sinais (Libras), com foco na organização estrutural e nos parâmetros que compõem os sinais numéricos de 1 a 100. A proposta está fundamentada na linguística das línguas de sinais e nos estudos tipológicos, buscando identificar como a Libras estrutura o seu sistema numérico em comparação com outras línguas de sinais. A tipologia lexical em línguas de sinais ainda é um campo emergente nos estudos linguísticos, sobretudo quando comparada à ampla literatura sobre línguas orais. A tipologia linguística busca classificar línguas com base em suas propriedades estruturais, e quando aplicada às línguas de sinais, adquire características específicas por conta de sua natureza visual-gestual. Embora pesquisas nessa área ainda sejam limitadas, estudiosos como Stokoe e Ferreira Brito abriram caminho para a análise da tipologia na ASL e na Libras, respectivamente. No entanto, a Libras carece de estudos mais aprofundados, especialmente sobre os números. Zeshan (2006, 2008) destaca desafios metodológicos nesse campo, pois muitas línguas de sinais ainda estão em processo de documentação. Estratégias tipológicas identificadas em línguas de sinais rurais incluem: digital, aditiva (sequencial e simultânea), multiplicativa, subtrativa, morfologia espacial e incorporação numeral. A abordagem metodológica deste estudo é descritiva e qualitativa, com suporte teórico nos estudos de Stokoe (1960), Quadros (2004) e Xavier (2006, 2014), que analisam a gramática das línguas de sinais a partir dos parâmetros formais: configuração de mãos (CM), movimento (MOV), localização (LOC) e orientação (OR). O corpus foi composto por registros em vídeo de sinais numéricos produzidos por usuários surdos de diferentes regiões do Brasil, organizados em dois grupos: números simples (1 a 9) e números compostos (10 a 100). Os sinais foram descritos e comparados quanto à estrutura interna e à lógica de composição. Os resultados mostram que a Libras apresenta um sistema numérico produtivo e visualmente sistemático, com padrões regulares que se alinham parcialmente às estratégias identificadas em outras línguas de sinais. A formação dos números compostos na Libras combina, com frequência, elementos da estratégia aditiva sequencial e da incorporação numeral, utilizando o espaço e a configuração de mãos para expressar relações quantitativas com clareza e eficiência visual. Conclui-se que a tipologia dos números em Libras revela um sistema coerente, linguística e cognitivamente motivado, alinhado a princípios universais das línguas de sinais, mas com traços estruturais próprios. Este estudo contribui para o avanço da descrição tipológica da Libras e oferece subsídios para futuras comparações interlinguísticas no campo da linguística das línguas de sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; números; tipologia linguística; línguas de sinais.

REFERÊNCIA:
FERREIRA, L. Por uma gramática de língua de sinais. (2010) QUADROS, R. M.;
KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos. (2004) SAGARA, K.; ZESHAN, U. Typology of cardinal and numeral incorporation in sign languages (2013).
STOKOE, W. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. (1960).
XAVIER, A. Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua Brasileira de Sinais Libras. (2006)
_____ . Uma ou duas? Eis a questão! Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais Libras (2014).
ZESHAN, U. Roots, leaves and branches – The typology of sign languages. (2006)

Articulações de Boca em Sentenças Negativas em Língua Brasileira de Sinais – Libras

Walber Gonçalves de Abreu
Doutorando do PPGL-UFPA
walber.abreu@ufra.edu.br

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira
Doutora em Linguística – PPGL-UFPA
mariliaferreira1@gmail.com

Resumo: Os estudos sobre negação em Línguas de Sinais (LS) apresentam duas classificações tipológicas das LS do mundo. LS com dominância manual da negação, que diz respeito às LS em que os marcadores de negação manuais são obrigatórios para negar uma sentença na língua e as LS com dominância não-manual, que são as LS em que os marcadores não-manuais são obrigatórios para negar na língua (Zeshan, 2004). Segundo Arrotéia (2005), a Libras é uma língua de dominância não-manual em que a negação facial, marcada principalmente pela mudança no contorno de boca, é o marcador obrigatório para negar uma sentença em Libras. Garcia (2024) corrobora com a discussão e demonstram a partir da classificação do Sistema de Codificação da Ação Facial (FACS) quatro tipos de configurações de boca principais na marcação da negação: franzedor de lábio (AU18), fazedor de covinha (AU14), Depressor de canto de lábio (AU15) e Levantamento de queixo (AU17). Diante disso, a presente pesquisa tem o objetivo de demonstrar as principais configurações de boca identificadas em sinais negativos em Libras com base em dados de corpus. Como metodologia adotamos a análise baseada em corpus. Sendo assim, selecionamos seis vídeos da plataforma 'Corpus de Libras' da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) referente às entrevistas das coletâneas 'surdos de referência' e 'inventário nacional de Libras'. Analisamos um total de 90 minutos de vídeos e 170 sentenças. Os participantes eram dos estados de Alagoas, Santa Catarina, Pará e Minas Gerais. Nos vídeos, com auxílio do Eudico Linguistic Annotador – ELAN, identificamos nas sentenças negativas os marcadores de negação facial e selecionamos as configurações de boca presentes neles A classificação dessas configurações se deu com base no Manual de anotação de marcas não-manuais em LS e Comunicação Multimodal (Oomem et al., 2023). O manual elenca nove configurações de lábios: neutro, rolado, pressionado, elevado-superior, covinha, enrugado, beicinho, mouth-action e outros. Como resultados, identificamos 129 sentenças negativas com configuração de boca marcando a negação. Nesses sinais, 7 tipos de configurações de boca do manual de

anotação de Oomem et al. (2023) estavam presentes, sendo eles: enrugado (48), pressionado (39), outro – bochechas sugadas, boca aberta e etc. (25), neutro (24), beicinho (12), covinha (11) e rolado (6). Esses números demonstram que os tipos enrugado e pressionado são as configurações de boca mais frequentes para marcar negação em Libras. Esses resultados corroboram com os tipos de articulação de boca identificados na pesquisa de Garcia (2024). Uma vez que o trabalho de Garcia (2004) e a presente pesquisa se basearam em diferentes manuais para classificar as configurações de boca, podemos estabelecer a devidas correspondências nas classificações: franzedor de lábio corresponde ao tipo enrugado, fazedor de covinha corresponde a covinha e depressor de canto de lábio e levantador de queixo correspondem ao tipo pressionado em nossos dados. Portanto, a Libras, sendo uma língua de dominância não-manual em que a negação facial desempenha um papel importante na marcação da negação, utiliza como principais configurações de boca os tipos enrugado e pressionado.

Palavras-chave: Libras. Negação. Negação não-manual. Configurações de boca.

Referências:

ARROTÉIA, Jéssica. O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em língua de sinais brasileira (LSB). 2005. Dissertação (mestrado). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

GARCIA, Rosani Kristine Paraíso. Marcadores manuais e não-manuais em sentenças com negação na Língua Brasileira de Sinais: uma descrição baseada em corpus. 2024. Tese (Doutorado). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2024.

OOMEN, Marloes. RONDE, Tobias de. ROELOFSEN, Floris. Manual for annotating non-manual markers in sign languages and multimodal communication using ELAN.
Versão 01 de setembro de 2023.
Disponível em:https://uvaauas.figshare.com/articles/online_resource/Manual_for_annotating_non manual_markers_in_sign_languages_and_multimodal_communication_using_ELAN/24080868?file=42252816

ZESHAN, Ulrike. Hand, head, and face: negative constructions in sign languages. Linguistic Typology. n. 8, p. 1-58. 2004.

A VARIAÇÃO DOS SINAIS COMPOSTOS DA LIBRAS UTILIZADA PELA COMUNIDADE SURDA DE MACAPÁ-AP

Fernando Fernandes
Doutor em Linguística - UÉvora - PT
Universidade do Estado do Amapá (UEAP)
fernando.silva@ueap.edu.br

Resumo: Libras na comunidade surda de Macapá - AP, sob a ótica da Sociolinguística. A pesquisa descreve os padrões linguísticos variacionais da língua e identifica possíveis padrões de inversão de sinais em compostos morfológicos entre surdos com diferenças de idade, escolaridade, gênero e analisa a correlação entre a variação dos sinais e contextuais extralinguísticos. A pesquisa está ancorada no arcabouço teórico que congrega contribuições da linguística da Libras, incluindo Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2019), Quadros et al.

(2025), Pizzio et al. (2023), Felipe (2006), Xavier e Barbosa (2013), Napoli (2019), Rodero-Takahira (2012, 2015, 2020); e teóricos da sociolinguística e sociolinguística variacionista, como Calvet (2002), Luckesi (2012), Tarallo (2005), Labov (2008), Paiva (2019) e Silva (2023). O estudo responde às seguintes questões: 1) Como se manifesta às variações de sinais em compostos morfológicos na Libras da comunidade surda de Macapá? 2) Quais fatores, sejam eles linguísticos ou socioculturais, influenciam a ocorrência deste fenômeno? 3) Existe correlação entre as variações dos sinais e variáveis extralinguísticas? A complexidade deste fenômeno em Libras é tal que ele é influenciado não apenas por aspectos linguísticos intrínsecos, como a morfologia dos sinais, mas também por fatores sociais e contextos comunicativos, conforme delineado por Labov (2008). Os dados revelaram que 76,7% dos sinais compostos são utilizados em sua forma padrão, enquanto 17,5% apresentam inversões, o que sugere a influência de fatores sociais e regionais. Observou-se que adultos entre 30 e 49 anos utilizam predominantemente sinais sem inversão, ao passo que jovens e idosos demonstram maior flexibilidade. Em relação às variáveis sociodemográficas, homens com ensino superior apresentam maior frequência de uso de ordem fixa. Por outro lado, as mulheres demonstram maior preocupação com a forma padrão de sinalização, resultando em menor variabilidade na produção de compostos, enquanto jovens com ensino superior tendem a inovar.

Palavras-chave: Variação. Libras. Compostos morfológicos. Sociolinguística. Macapá.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. R.; RODERO-TAKAHIRA, A. G. A redução vocabular como processo de criação lexical: uma análise do fenômeno na Libras. Signótica, Goiânia, v. 32, p. e64464, 2020. DOI: 10.5216/sig.v32.64464. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sig/article/view/64464. Acesso em: 16 maio. 2024.

ADAM, R. Language contact and borrowing. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). Sign language: An international handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 841–861.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. Escrita de sinais sem mistérios. 2 ed. Rev. Atual. e ampl. – Salvador, v.1: Libras Escrita, 2015.

BATTISON, Robbin. Phonological Deletion in American Sign Language. Sign Language Studies, n. 5, p. 1–19, 1974.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: . Acesso em: 27 maio. 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Articulação de orações do tipo temporal na Língua Brasileira de Sinais

Thamara Cristina Santos
Universidade Estadual do Tocantins

Orientador - Carlos Roberto Ludwig
Universidade Federal do Tocantins

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), como seu nome aponta, é uma língua sinalizada pelas comunidades surdas espalhadas por todo o território brasileiro. O presente trabalho, intitulado “A articulação de orações temporais em Libras", é um estudo descritivo da articulação de orações na Libras, que parte de dados da língua em uso e de uma abordagem funcionalista da linguagem. Mais precisamente, o nosso objetivo é descrever as orações complexas quando articuladas a nível de hipotaxe adverbial temporal, em que o tempo do evento presente na proposição da oração dependente corresponde ao tempo do evento presente na oração principal (Neves, 2006; Lima, 2002). Os objetivos específicos são descrever as estratégias de articulação de orações temporais na Libras e identificar sinais manuais e sinais não manuais que promovem essa articulação. Nosso corpus envolve a análise linguística de vídeos de participantes – que autorizaram previamente o uso desse material ou que os disponibilizaram de modo aberto ao público, em redes sociais como Facebook, Instagram, YouTube e WhatsApp - e do corpus do Inventário Nacional de Libras. Após a análise, os dados foram compilados em uma planilha do Excel para melhor categorização dos resultados. Ao todo, identificamos 207 construções hipotáticas adverbiais temporais, a partir de vídeos de 22 sinalizantes surdos. Os resultados indicam quatro estratégias primárias: (1) não manuais, (2) manuais, (3) boia e (4) justaposição. Em estratégias não manuais, identificamos a articulação entre uma oração dependente e uma oração matriz que parece promover uma noção de irrealis, ou seja, uma situação ou ação que não é considerada real e que pode promover tanto uma noção temporal futura, como uma noção de condicionalidade, a depender do contexto. Trata-se da estratégia de suspensão juntamente ao mouthing JÁ e aceno de cabeça. Identificamos ainda o aceno de cabeça e o uso do mouthing VAI. Em relação à estratégia manual, identificamos os sinais PRONTO, POSITIVO, OK e JÁ não como conectivos, mas como sinais que contribuem para a coesão da construção temporal. O uso de boia é uma estratégia importante para articular orações temporais simultâneas, a partir da manutenção da mão não dominante ao longo do tempo de sinalização. Por fim, a justaposição também corresponde a uma estratégia para articular orações hipotáticas adverbiais temporais. Nesse caso, não há sinal manual ou não manual para estabelecer essa marcação.

Palavras-chave: Libras. Orações Temporais. Irrealis. Orações Complexas.

O SINAL “EX” NA LIBRAS (PASSADO NOMINAL) E A RELAÇÃO COM POSSESSIVIDADE

José Ishac Brandão El Khouri
Universidade Federal do Tocantins

Bruno Gonçalves Carneiro – Orientador
Universidade Federal do Tocantins

Este trabalho é um estudo descritivo sobre uso do sinal glosado como EX em relação com possessividade na língua brasileira de sinais – Libras (El Khouri, 2025). Em específico, consideramos o sinal EX como um marcador de passado nominal, que tem contexto em uso com as sintáticas à relação com posse que tem itens linguísticos importantes entre possuído e possuidor. Logo, a posse é um domínio complexo que está presente em todas as línguas do mundo e pode ser definida como um domínio biocultural oriundo da relação entre um ser humano e seus parentes, partes do seu corpo, seus pertences materiais, seus produtos culturais

e intelectuais (Baldi; Nuti, 2010). Esta pesquisa apresenta como o sinal EX se expressa o passado de proprietário (possuidor) com a indicação de possuído. O objetivo do trabalho é descrever as estratégias de posse disponíveis na Libras; (ii) identificar os sinais pronominais e os sinais lexicais que expressam a posse na Libras e (iii) identificar os sinais que estejam prototipicamente relacionados à posse. Com análise de dados foram observação de campo em multidão da interação entre surdos pessoalmente, observação de bate papo de Story/Live da Instagram dos surdos e uns 4 vídeos de corpus inventário de 4 estados brasileiros entre Palmas – Tocantins, Florianópolis – Santa Catarina, Fortaleza – Ceará e Alagoas – Maceió. O sinal EX parece ter relação de possessividade a partir de passado nominal, ou seja, uma relação de posse que existiu antes, mas que atualmente não existe. Contudo, percebemos que há uma semântica lexical inerente ao sinal EX que parece ser um marcador de tempo passado e de uma noção de estado também em tempo passado, por exemplo em Libras, 'IX-ele EX POSS1 (B) ALUNO' para tradução de português assim em "Ele já foi meu aluno/ ele era meu aluno", nota-se o exemplo tem entre itens linguísticos de possuidor e possuído com uso de sinal EX nas sentenças à relação com possessividade, principalmente, o tempo de passado. Observamos o trabalho de uso nesse EX pode formar o verbo 'era', no entanto, existe a sentença que EX pode relacionar com posse mesmo sem fez pronome possessivo ou com pronome possessivo.

Palavras-chaves: sinal EX; passado nominal; posse; participantes surdos; libras.

Considerações iniciais sobre a reduplicação na libras

Bruno Gonçalves Carneiro
Universidade Federal do Tocantins

Alexandre Melo de Sousa
Universidade Federal de Alagoas

O objetivo da pesquisa é descrever o processo de reduplicação na libras e suas implicações semânticas, a partir das categorias número e aspecto, classe de palavra envolvida (nomes versus verbos) e lexicalidade (sinais lexicais versus sinais semi-lexicais). Os dados da pesquisa envolvem a análise envolve dados da língua em uso, a partir do corpus da Libras da região de Palmas-TO (Ludwig et al, 2020). A reduplicação é uma estratégia morfológica presente nas línguas do mundo que, em geral, está relacionada às categorias de número e de aspecto. Nas línguas de sinais, a reduplicação apresenta diferentes efeitos semânticos que, por sua vez, estão relacionados ao carater nocional do sinal (nome ou verbo), à sua estrutura articulatória e à maneira de manifestação da reduplicação (BÖRSTELL, 2011; FERREIRA, 2001; PFAU; STAINBACH, 2005; 2006; 2015; QUADROS; KARNOPP, 2004; QUER et al, 2017; SANCHEZ-MENDES; SEGALA; XAVIER, 2017; WILBUR, 2005). Zeshan (2003) apresenta um panorama interessante sobre a reduplicação na língua de sinais indopaquistanesa. A reduplicação é uma estratégia pertencente à categoria 'número' e acontece em parte do léxico, devido a restrições articulatórias. Os efeitos semânticos advindos da reduplicação vão depender da posição sintática do sinal reduplicado. Segundo a autora, os sinais na IPSL (Índia, Paquistão e Nepal) são multifuncionais, ora funcionando como nomes, ora funcionando como verbos, mesmo apresentando uma predileção para um domínio ou outro. A reduplicação sem deslocamento (denominada de forma iterativa), em verbos, implica ação repetida e, em nomes, implica vários referentes. A reduplicação com deslocamento

(denominada de forma distributiva), em verbos, implica ação repetida em vários lugares e, em nomes, implica vários referentes em vários lugares. A pesquisa está em andamento e apresentamos algumas considerações iniciais sobre a reduplicação na libras.

Segmentação do corpo e indicação de referentes no uso do Espaço Sub-rogado na libras

Bruno Gonçalves Carneiro
Universidade Federal do Tocantins

Carlos Roberto Ludwig
Universidade Federal do Tocantins

José Ishac Brandão El Khouri
Universidade Federal do Tocantins

Thamara Cristina dos Santos
Universidade do Tocantins

Na libras, o uso do Espaço Sub-rogado (Liddell, 2003) permite o corpo do sinalizante (como um todo) codificar ações, eventos e estados, e ser segmentado de maneira a mapear entidades do discurso sobre seu corpo (entidades visíveis) e sobre o espaço de sinalização (entidades invisíveis), incluindo o discurso do narrador. Isso favorece a construção de estruturas icônicas capazes de transmitir grande número de informações de forma simultânea (Carneiro, 2015; Carneiro; Oliveira, 2017). O objetivo do trabalho é descrever os efeitos semânticos da segmentação do corpo do sinalizante e do uso do apontamento direcionado ao próprio corpo. As reflexões partem de duas sentenças extraídas do Corpus da Libras da região de Palmas-Tocantins (Ludwig et al, 2020). No Espaço Sub-rogado, o sinalizante torna-se algo ou alguém diferente, cedendo o seu corpo para a codificação de um evento (e seus participantes) que passam a ser concebidos "aqui" e "agora". Observamos que (1) uma mudança na disposição do corpo e da face da sinalizante, indicando a presença de outro participante; (2) uma segmentação do corpo da sinalizante, (3) o discurso e as expressões faciais são atribuídos a um outro referente (diferente da sinalizante) e (4) o apontamento direcionado para a região do tórax da sinalizante diz respeito à mesma entidade que, no contexto de enunciação, é considerada uma participante de terceira pessoa. Os dados nos provocam a reconhecer a segmentação do corpo e o uso produtivo, tanto do corpo quanto do espaço de sinalização, durante a língua em uso.

Palavras-chave: uso do corpo; espaço de sinalização; segmentação; participantes; libras.

A CATEGORIA NÚMEROS NOMINAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: NÚMERO GERAL

Melissa Maynara dos Passos Leal
Mestra em Letras
IFPA Campus Belém
melissa.leal@ifpa.edu.br

A presente pesquisa faz parte de um estudo descritivo sobre a categoria números na Língua Brasileira de Sinais- Libras a partir de uma perspectiva tipológica de estudos conforme conceitos de (GREENBERG,1963; CROFT,2003). Dentre os números analisados na Libras considerando nomes, buscamos estudar a possível manifestação do numero geral que em algumas línguas é considerada uma marcação irregular, opcional ou que pode ser inferida pelo contexto de uso, esse fenômeno linguístico expressa nomes sem fazer referência aos valores de números, sendo conhecido, também, como número comum, referência de unidade ou transnumeral (COBERTT, 2000). Nessa perspectiva o estudo fundamentou-se em padrões de manifestações da categoria números tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais em autores como CORBETT,2000; ZESHAN, 2003; STEINBACH, 2012 e CARNEIRO, 2020. O trabalho teve como objetivo geral descrever as manifestações da categoria números em nomes na Libras, para tal foi identificado os valores, as formas e as estratégias de manifestações da categoria números. Os procedimentos metodológicos da pesquisa utilizaram amostras de corpus da língua em uso, sendo analisado dois vídeos do Inventário Nacional da Libras, de sinalizantes surdas distintas. Sendo uma sinalizante do corpus da região de Palmas-TO e outra sinalizante do corpus surdos de Referência, residente e natural de Belém-PA. A análise dos dados foi realizada através do software Elan, sendo utilizada uma abordagem tanto qualitativa, onde foi descritas as manifestações encontradas, quanto quantitativas, onde foram apresentadas a frequência das ocorrências. Como resultados, identificamos a manifestação do número geral tanto no sinal de SURD@ quanto de OUVINTE, pois não ficam explícitos, na sinalização, o valor da categoria número nos sintagmas nominais analisados, sendo realizados com marcação zero, considerada, característica do número geral. Desta forma, a utilização da marcação zero pode trazer uma leitura que a participante encontrou um SURD@ ou vários SURD@S de forma que não há valor específico na categoria número, como, também, não conseguimos especificar se a sinalizante encontrou um OUVINTE ou vários OUVINTES. Nessa perspectiva, foi identificado o número geral a partir da manifestação zero, o que categoriza a Libras como língua de número opcional.

Palavras-chave: Número geral, Categoria número, Tipologia Linguística, Libras, Linguística.

Referências:

CARNEIRO, B. G. A categoria ‘número’ em línguas de sinais. Tese. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, 2020.

CORBETT, G. G. Number. New York: Cambridge University Press, 2000.

CROFT, W. Typology and Universals. 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

GREENBERG, J. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, J. H. (Ed.). Universals of Language. Standford: Standford University Press, 1963, p. 58-90.

STEINBACH, M. Plurality. In: PFAU, R. STEINBACH, M. WOLL, B. (Eds.). Sign Language. An International Handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. Cap. 6. p. 112-136.

ZESHAN, U. Indo-Pakistani sign language grammar: a tipological outline. Sign Language Studies, Washington, v. 3, n. 2, p. 157-212, winter, 2003.

Categorias Prototípicas e Variações Interlinguísticas: Uma Análise Comparativa de Sinais Baseados em Sensações Físicas e Emocionais em Diferentes Línguas de Sinais

AYRES, Luiz Claudio Nóbrega
Universidade Federal de Tocantins – UFT
lcnayresletraslibras@gmail.com

MARANHÃO, Lucas Fagundes
Universidade Federal de Tocantins – UFT
lucasfagundesmaranhao@gmail.com

CATARINO, Sabrina Barros
Universidade Federal de Tocantins – UFT
sabrinalibras77@gmail.com

Este trabalho apresenta uma análise comparativa de sinais relacionados a sensações físicas e emocionais em diferentes línguas de sinais, com base nos conceitos de categorias prototípicas (Rosch, 1978) e iconicidade corporal (Taub, 2001; Wilcox, 2000). Parte-se da hipótese de que determinadas regiões do corpo — como a boca, o peito e a testa — funcionam como âncoras semânticas para categorias como alimentos, emoções e processos mentais, sendo locais recorrentes na formação de sinais com motivação icônica. A pesquisa foi desenvolvida a partir de dados do repositório internacional Spread the Sign, analisando sinais em Libras, ASL, LSM, LSF, entre outras, quanto à localização corporal, forma de construção (lexical, icônica, soletrada ou empréstimo de letra) e sensação prototípica associada. Os resultados evidenciam padrões universais na espacialização dos sinais, ao lado de variações culturais que revelam especificidades linguísticas. Sugerimos que a corporeidade parece ser um princípio organizador central na construção do léxico em línguas de sinais relacionado às sensações físicas e emocionais. A comparação interlinguística contribui para a compreensão da semântica visual-gestual, além de oferecer subsídios para pesquisas em linguística descritiva e contribuições para o ensino.

Palavra-chaves: línguas de sinais; prototipicidade; iconicidade; corporeidade; semântica visual.

Entre o Sagrado e a Libras: Terminologia em um Terreiro de Umbanda na Região Amazônica

Jéssica Natália Rocha Paixão
Mestranda do PPGL- UFOPA
jncpaixao21@gmail.com

Hector Renan da Silveira Calixto
Doutor em Educação- PPGL- UFOPA
hectorscalixto@gmail.com

Resumo: A religião Umbanda surgiu no início do século XX, como resultado de diversas manifestações religiosas afro-brasileiras, entre elas o Calundu, a Cabula e a Macumba. Trata-se de uma religião de matrizes africanas, constituindo um importante patrimônio imaterial da

cultura brasileira. No entanto, observa-se que a riqueza nos rituais da Umbanda encontra barreiras em termos de acessibilidade, especialmente no que se refere à comunicação com a comunidade surda. Diante dessa lacuna comunicacional, esta pesquisa tem como objetivo propor a criação de uma terminologia em Língua Brasileira de Sinais (Libras) relacionada às entidades e termos correlatos próprios da Umbanda amazônica, a partir de um terreiro localizado na cidade de Santarém, no estado do Pará. A pesquisa consiste em desenvolver sinais-termo específicos que representem entidades amazônicas, e termos correlatos da Umbanda, respeitando os aspectos linguísticos e culturais da Libras. A construção dos sinais será realizada por meio de profissionais surdos linguistas, intérpretes de Libras, o sacerdote e membros da comunidade local, priorizando as vivências, conhecimentos específicos e competências para colaborar na elaboração e validação dos sinais dos participantes, assegurando que os sinais representem fielmente as características das entidades. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, centrada em observações de campo, visto que a Libras é uma língua visual, e, posteriormente, desenvolver os sinais-termo. Esses sinais serão validados em conjunto com a comunidade surda, garantindo sua adequação e aceitabilidade no cotidiano, respeitando a identidade cultural e linguística. A análise fundamenta-se nos estudos da linguística, em especial da terminologia e da Libras, além de autores como Faro (2021) e Sousa (2022), que refletem sobre a presença e vivência do sujeito surdo no contexto religioso e estudos terminológico, também se apoia na Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação. E autores como Hulda Costa que destacam sobre a umbanda como uma religião de resistência, especialmente na região. A pesquisa está em andamento e como resultado preliminar, já se realizou a catalogação de sinais existentes dos termos correlatos, disponíveis em mídias digitais. Espera-se, ao final do projeto, criar e validar novos sinais referentes às entidades amazônicas da Umbanda e demais termos correlatos, culminando na construção de um glossário em Libras da Umbanda amazônica. A iniciativa visa promover a inclusão, combater o preconceito religioso e valorizar a diversidade cultural e linguística brasileira.

Palavras-chave: Libras; Surdo; Religião; Umbanda; Terminologia.

Referências:

Brasil. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

COSTA, Hulda da Silva Câmara. **Umbanda: uma religião sincrética brasileira**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

Faro, R.A.O. **Saberes culturais da umbanda e língua brasileira de sinais: estudos terminológicos para proposta de um glossário**. Castanhal, 2021.

SOUZA, Flávio Pereira de. **O sujeito surdo e as práticas inclusivas na Umbanda e no Candomblé**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022.

CINDERELA SURDA: UM ESTUDO SOBRE A COESÃO TEXTUAL EM ESCRITA DE SINAIS – SIGNWRITING

Gésica Suellen Sobrinho Costa
Doutoranda do PPGL-UnB
gesicasuellen@uft.edu.br

Marianne Rossi Stumpf
Doutora em Linguística do PPGL-UFSC
marianne@ead.ufsc.br

Resumo: Este trabalho refere-se à dissertação de mestrado defendida na UFSC em 2018. Elaborei o resumo com o objetivo de analisar o texto em Escrita de Sinais (sistema SignWriting) da obra Cinderela Surda (HESSEL; KARNOPP; ROSA, 2003) no que se refere a coesão textual. Encontrei vários livros apenas em língua portuguesa para adaptação em SignWriting e percebi a ausência de sinais simultâneos com a língua portuguesa. Especificamente, identificamos as estratégias de referenciar personagens no texto e de conexão entre trechos relevantes da narrativa. Para fundamentação teórica, baseamos em Koch e Travaglia (2001), Fávero (2002) e Marcuschi (2008) sobre coesão e coerência textual, em Bolgueroni e Viotti (2013) sobre referência nominal em Libras, e em Nobre (2011) e Barreto e Barreto (2013) sobre a produção textual em Escrita de Sinais. O procedimento metodológico consistiu na coleta de livros da Literatura Surda, os quais investiguei e analisei, realizando anotações ao longo do processo. A partir da análise da obra, observamos que a retomada de referentes acontece através de (i) proformas, em pronomes, advérbio e numeral, (ii) elipse, em verbos simples e em verbos de concordância, (iii) conjunção, por exemplo, os sinais MAS, e PORQUE, e (iv) reinteração. Identificamos a relevância dos sinais SUSTO e ACONTECE, como elementos importantes a introduzir momentos relevantes da trama, e a ausência de sinais que denotam sequencialidade temporal. A segmentação e sequencialidade de trechos da obra acontece em boa parte através do uso de imagens (elementos extratextuais). Este trabalho é oportuno porque possibilita um maior conhecimento sobre a produção textual em Escrita de Sinais, no que se refere a coesão em SignWriting, que encontra-se em expansão no Brasil, principalmente para As escolas bilíngues para surdos no país podem contribuir para que os alunos surdos realizem a leitura com mais facilidade, garantindo que nada esteja ausente sinais (SW) nos livros adaptados à Literatura Surda.

Palavras-chave: Escrita de Sinais. Coesão textual. Literatura Surda.Escola Bilíngue.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Lutar com palavras: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
BARRETO, M. BARRETO, R. Escrita de Sinais sem Mistérios. Volume 1. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2012.
BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. Referência nominal em língua de sinais brasileira (Libras). Todas as Letras, v. 15, n. 1, 2013.
FÁVERO, L. L. Coesão e coerência textuais. 9 ed. São Paulo: Ática, 2002.
HESSEL, C. ROSA, F. KARNOOP, L. Cinderela Surda. Canoas: Ed. ULBRA, 2003. KOCH, I. V; TRAVALGIA, L. C. A coerência textual. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo:

Parábola Editorial, 2008
NOBRE, R. S. O processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica da escrita em signwriting. 2011. 203 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LETRAMENTO LITERÁRIO COM A OBRA *AMAZÔNIA EM CHAMAS*: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA PARA SURDOS NO CONTEXTO AMAZÔNICO

Renan Torres da Costa
Mestre em Letras – Poslet-Unifesspa
torres.renan181@gmail.com

Ana do Socorro Barbosa Costa
Especialista em Libras – Uepa
anabpimentel@gmail.com

Wallyson Rodrigues dos Santos
Graduando em Letras Libras – Uepa
wallysonrodriguesdossantos97@gmail.com

Resumo: Este trabalho discute o processo de ensino-aprendizagem do letramento literário em articulação com o ensino bilíngue para surdos, a partir da elaboração de uma sequência básica. Propõe-se, nesse contexto, uma abordagem de letramento literário multicultural, que contempla tanto a cultura amazônida quanto a cultura surda, com o objetivo de contribuir para a construção dos processos identitários de estudantes surdos da região amazônica. A fundamentação teórica deste estudo apoia-se nos Estudos Surdos (Strobel, 2009; Perlin, 2010; Mourão, 2011), nos pressupostos de ensino bilíngue para surdos (Quadros, 1997; Fernandes, 2006; Lodi; Lacerda, 2009; Brasil, 2021) e na proposta de sistematização de uma sequência básica de letramento literário (Cosson, 2021). Ressalta-se que ainda há escassez de pesquisas e de materiais didático-pedagógicos voltados especificamente ao ensino bilíngue para surdos no campo do letramento literário. Diante dessa lacuna, a proposta apresentada foi pensada a partir da realidade do município de Marabá (PA), onde alunos surdos estão inseridos em escolas de ensino comum, mas também frequentam, no contraturno, o Centro de Atendimento Especializado na Área da Surdez (CAES). Nesse espaço, são ofertadas aulas de Libras e de Português como Segunda Língua (L2), por meio do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Assim, o material elaborado visa ser aplicado por professores sinalizantes da Língua Brasileira de Sinais (Libras), seja no contexto do AEE, seja no ensino bilíngue. A obra selecionada para a sequência básica de letramento literário foi Amazônia em Chamas (2022), de Viviane Angelino e Marlon Azevedo. A proposta organiza-se em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Na primeira etapa, será realizada uma tempestade de ideias com apoio de um quadro expositivo contendo um avatar que apresenta o sinal e a palavra "Amazônia", além de uma atividade bilíngue que relaciona sinais e seus itens lexicais correspondentes em português. Na segunda etapa, serão apresentados, por meio de slides, os sinais relacionados ao título da obra, aos nomes dos autores e às suas biografias, além de vídeos sinalizados sobre a Amazônia para contextualização do conteúdo. A terceira etapa

consistirá em uma leitura compartilhada da obra, com os alunos narrando a história por meio da sinalização. Por fim, a etapa de interpretação será adaptada ao nível de proficiência de cada aluno, permitindo diferentes formas de expressão: resumo sinalizado, resenha sinalizada ou dramatização. Dessa forma, o presente trabalho demonstra a relevância de propostas metodológicas que promovam o letramento literário de estudantes surdos em uma perspectiva bilíngue, respeitando suas singularidades linguísticas e culturais e valorizando a literatura surda de expressão amazônica.

Palavras-chave: Letramento literário, Educação bilíngue para surdos, Cultura surda, Cultura amazônica.

Toponímia em Libras dos bairros de Santarém/Pará

Reginaldo Caires Borges
Mestre em Letras da PPGLIT/UFT
regiseriac34@gmail.com

Karylleila dos Santos Andrade
Doutora em Letras da PPGLIT/UFT
karylleila@uft.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral descrever os topônimos em Libras que designam os 20 bairros do município de Santarém no Estado do Pará. O corpus da pesquisa foi o E-book e DVD, intitulado Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais (Reis; Rocha, 2023). Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa e documental e tem como proposta descrever as motivações de caráter lexical, morfológica e semântica dos topônimos analisados, por meio de registros em fichas lexicográfico-toponímicas. Nosso referencial teórico e metodológico parte dos autores: Dick (1990), Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020), dentre outros. Nosso trabalho identificou que os topônimos são resultados de dupla motivação, ora motivação icônica, pois busca demonstrar a base nas experiências corporais e visuais da Libras e a motivação da língua portuguesa com características de empréstimos gráficos (grafia) que são feitos por meio do alfabeto datilológico e (calque) que se alinha com uma tradução direta do termo do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Como consequência da descrição dos tipos de morfologia, notamos que essa categoria, demonstrou-se em sua maioria como simples híbrido (18 sinais) e outros dois sinais se apresentaram como simples. Isso demonstra como a língua majoritária (língua portuguesa) interferiu na produção desses sinais. Observamos e comprovamos que o tipo de categoria do sinal se apresentou com dez sinais dos quais eram inicializados híbridos, oito sinais se demonstraram como soletrados e apenas dois sinais foram caracterizados como nativos/puros. O motivo por trás do nome resulta de uma configuração de mão predominante que emula ou descreve a forma escrita do topônimo em português. No entanto, os parâmetros de movimento e localização das mãos podem carregar algum logotipo ou características motivadas com base em alguns atributos físicos ou culturais do lugar. Quanto a motivação dos sinais, observamos que (10 sinais) se demonstraram como icônico/empréstimo linguístico. Essa categoria foi analisada por percebemos que entre sinais existiam características próprias e iconicidade e empréstimos da língua majoritária, ou seja, eles se mostram por vezes com como referência em atributos físicos presentes nos topônimos de cada bairro e mesclavam características a partir da datilologia (empréstimo linguístico) exemplificando-se como as iniciais dos nomes dos bairros. Acreditamos ainda que essa

pesquisa possa contribuir de forma significativa com a comunidade surda, pois reforça ainda mais o caráter que a Libras tem como língua natural. Destacamos que ainda há muitos caminhos linguísticos a serem explorados em relação à Libras e que as discussões iniciadas aqui serão objeto de um aprofundamento maior.

Palavras-chaves: Linguística. Libras. Toponímia. Léxico.

Referências:
DICK, M. V. P. A. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.
SOUZA JR, J. E. G. Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2012.
SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. In: Revista Guavira.Três Lagoas/MS. v. 15. n. 30, p. 126-140, 2019.
MIRANDA, Roselba Gomes de. Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais dos municípios do Tocantins. Dissertação (184f). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Porto Nacional, Porto Nacional, 2020.

Desafios e possibilidades no processo de Ensino e Aprendizagem do Português como Segunda Língua/l2 para pessoas Surdas no Município de Tucuruí-PA

Floriete Assunção Ribeiro
Doutoranda em Estudos Linguísticos
(PPGLETRAS/UFPA)
florietear@hotmail.com

Márcia Monteiro Carvalho
Dra. em Estudos da Tradução
PPGLETRAS/UFPA; PPGET-UFSC
mmcarvalho@ufpa.br

Resumo: Esta pesquisa de doutorado justifica-se pela carência de metodologias específicas, formação docente e recursos didáticos voltados à realidade da Educação Bilíngue para pessoas surdas usuárias do par linguístico Libras-português, especialmente em regiões periféricas da Amazônia. Tem como principal objetivo investigar os desafios e as possibilidades no processo de ensino e aprendizagem do português como segunda língua (L2) para estudantes surdos na rede municipal de Tucuruí-PA. O estudo pretende mapear práticas pedagógicas, analisar políticas linguísticas e compreender as percepções de docentes e discentes surdos. Nesse sentido, as questões de pesquisa são: i. Quais os principais desafios enfrentados e as estratégias pedagógicas adotadas por professores no ensino do português como (L2) para estudantes surdos nas escolas da rede municipal de Tucuruí-PA? ii. De que maneira as políticas linguísticas e educacionais vigentes têm garantido o direito ao ensino do português como L2 para a comunidade surda no município de Tucuruí-PA? iii. Quais são as percepções de professores e estudantes surdos sobre o processo de aprendizagem do

português como L2, e como esses processos podem ser aprimorados para favorecer a inclusão e o desempenho dos estudantes surdos? A tese defendida é que a consolidação de práticas pedagógicas bilíngues, que reconheçam a Libras como (L1) e promovam metodologias específicas para o ensino do português escrito como (L2), constitui condição essencial para a garantia de uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade para estudantes surdos no município de Tucuruí-PA. A proposta parte do reconhecimento legal da Libras (Lei 10.456/02) como primeira língua (L1) das comunidades surdas e da importância da aquisição do português escrito como L2 para o acesso ao conhecimento, à cidadania e à inclusão escolar efetiva (Decreto 5.626/05). O constructo teórico será fundamentado nos Estudos Surdos (Skliar, 1998; Strobel, 2008) e na Educação Bilíngue (Lacerda, 2000; Lodi, 2013, Carvalho, 2017), autores que dialogam com a perspectiva da surdez como diferença linguística e cultural. Além disso, faremos uso da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 2004, 2014, Carvalho 2020), especificamente o sistema de Avaliatividade (White e Martin, 2004, 2005) como aporte teórico-metodológico. A investigação será de abordagem quanti-qualitativa e como instrumento de coleta de dados faremos a aplicação de entrevistas semiestruturadas, anotações em diário de campo, e questionário. O lócus da pesquisa será composto por oito (08) das trinta e uma (31) escolas da rede municipal de Ensino Fundamental, abrangendo os anos iniciais e finais. A escolha dessas unidades escolares justifica-se pelo fato de serem as únicas que, atualmente, possuem alunos surdos incluídos. A relevância da pesquisa reside na sua contextualização regional, visando contribuir para a construção de práticas pedagógicas inclusivas que respeitem a identidade surda e promovam o desenvolvimento linguístico e acadêmico de estudantes surdos. Outrossim, pretende oferecer subsídios para a formulação de políticas públicas mais eficazes e sensíveis à realidade das comunidades surdas da referida região. A pesquisa está em fase inicial, por isso, não apresentamos a análise de dados.

Palavras-chave: Educação Bilíngue, Língua Portuguesa escrita como L2, Sistema de Avaliatividade.

Referências:

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

CARVALHO, Márcia Monteiro et al. Análise de traduções para o português escrito por pessoas surdas bilíngues e suas respectivas retextualizações por tradutores de Libras-português com base na Linguística Sistêmico-Funcional e nas modalidades de tradução. 2020.

HALLIDAY, M. A. K. An introduction to functional grammar. 3. ed. London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. Halliday's introduction to functional grammar. 4. ed. London: Routledge, 2014.

LACERDA, C. B. F. Práticas pedagógicas e alunos surdos: desafios para uma educação bilíngue. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 21, n. 72, p. 123-143, 2000.

LODI, A. C. B. Educação bilíngue para surdos: políticas públicas e práticas educacionais. Cadernos CEDES, Campinas, v. 33, n. 89, p. 241-259, 2013.

SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. Surdos: identidades e diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2008.

WHITE, P. R. R.; MARTIN, J. R. The language of evaluation: appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

WHITE, P. R. R. Appraisal. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (ed.). The handbook of discourse analysis. Oxford: Blackwell, 2004. p. 378-397.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

LINGUÍSTICA APLICADA: PERSPECTIVAS, ENFRENTAMENTOS E DESAFIOS NAS (PARA) AS PRÁTICAS DE ENSINO E DE FORMAÇÃO DOCENTE

ROSIVALDO GOMES
MAGNO SANTOS BATISTA

COMUNICAÇÕES

ELEMENTOS MULTIMIDIÁTICOS NO LETRAMENTO SOBRE EDUCAÇÃO MENSTRUAL DE CARÁTER DECOLONIAL E EMANCIPADOR: Um estudo a partir da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Patalino - Taperaçu Campo, Bragança-PA

Formação de professores para o ensino de línguas com enfoque crítico-decolonial: desafios e possibilidades

A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL PELO PROGRAMA LEEI: DESAFIOS, ENFRENTAMENTOS E AVANÇOS NA REGIÃO NORTE

Letramento acadêmico e representações discursivas de estudantes de um Curso de Letras em contexto quilombola

NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: diálogos entre *Torto Arado* e o Quilombo Ramal do Bacuri

Formação Docente e o Letramento Matemático: Reflexões Teórico-metodológicas

ELEMENTOS MULTIMIDIÁTICOS NO LETRAMENTO SOBRE EDUCAÇÃO MENSTRUAL DE CARÁTER DECOLONIAL E EMANCIPADOR: Um estudo a partir da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Patalino - Taperaçu Campo, Bragança. PA.

Ana Gabriela Miranda Fernandes
Graduanda - UFPA
anagabrielamfer@gmail.com

Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa,
Doutora - UFPA
rsns@ufpa.br

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de um evento de letramento crítico em educação menstrual, de caráter decolonial e emancipador, desenvolvido em perspectiva interseccional, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Patalino, situada na comunidade de

Taperaçu Campo, zona rural do município de Bragança, no estado do Pará. O evento foi estruturado em formato de sequência didática, organizada como cineclube, no qual exibimos o filme Red: Crescer é uma fera. O objetivo central foi identificar, analisar e correlacionar discursos e signos semióticos relacionados à precariedade menstrual presentes na narrativa do filme reproduzido, considerando, sobretudo, os saberes dos discentes e suas experiências cotidianas. Para esse fim, realizou-se análise de uma atividade escrita intitulada Review do filme, produzida pelos alunos durante a sequência didática. A proposta da atividade foi instigar os estudantes a elaborar comentários e expor suas opiniões acerca do enredo e dos elementos que se relacionam com a temática da menstruação, promovendo, assim, um espaço de reflexão crítica e de construção de sentidos compartilhados. Essa atividade possibilitou o mapeamento discursivo dos saberes dos discentes acerca da menstruação, bem como a construção de um entendimento crítico e reflexivo frente a textos e elementos multisemióticos e multimidiáticos. Tais elementos abordam temas transversais, como as iniquidades sociais, culturais, históricas e políticas, além das interseccionalidades que permeiam a precariedade menstrual. O trabalho contou com o respaldo da metodologia etnográfica discursivo-crítica, que se mostrou adequada para compreender a interação entre discurso, prática pedagógica e realidade social dos participantes. Além disso, teve como aporte teórico os estudos de letramento crítico (MENEGOTTO, 2022; REA, 2019; VÁSQUEZ, 2022), os estudos feministas decoloniais e interseccionais (CARVAJAL, 2020; GOMES, 2024), a prática discursiva-crítica e social (RESENDE; RAMALHO, 2025; FAIRCLOUGH, 2003) e as contribuições sobre multiletramentos (ROJO; BARBOSA, 2015), que fundamentaram as análises realizadas .A análise evidenciou a urgência de considerar os novos letramentos e os diferentes recursos midiáticos como instrumentos fundamentais para promover o debate e a denúncia da precariedade menstrual.

Palavras-chave: Letramento; Educação menstrual emancipadora; Elementos multimidiáticos; Precariedade Menstrual; Análise do discurso.

Referências:

CARVAJAL, Julieta P. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLLANDA, Helena B. (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 194-204.

FAIRCLOUGH, Norman. Analysing discourse: textual analysis for social research. Londres: Routledge, 2003.

GOMES, Maria Carmen Aires. MEInstruaAÇÃO: eventos de letramento sobre menstruação, meio ambiente e ciência em escolas do Distrito Federal. Participação, Brasília, v. 1, n. 42, p. 139-153, 2024. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/53719. Acesso em: 2 dez. 2024.

RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. Análise de discurso crítica. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2025.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jéssica Pandolfi. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

VÁSQUEZ, Carolina R. Educación menstrual emancipadora: uma vía para interpelar la misoginia expressada em la tabú cultural. In: CONFERENCIA LATINOAMERICANA Y CARIBEÑA DE CIENCIAS SOCIALES, 2022, Ciudad de México. Anais [...]. Ciudad de México: UNAM, 2022.

MENEGOTTO, Janúária M. Experiências menstruais de meninas adolescentes da periferia de Porto Alegre. 2022. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

REA, Aurora Isabel M. Ecofeminismos: prácticas, discursos y experiencias en torno a las alternativas menstruales, desde el Área Metropolitana de Guadalajara. 2019. 280 f. Tese (Doutorado em Gestão e Economia) – Universidad de Guadalajara, Centro Universitario de Ciencias Económico Administrativa, Guadalajara, 2019.

Formação de professores para o ensino de línguas com enfoque crítico-decolonial: desafios e possibilidades

Eloiny Ptra Brasil Lazamé da Nóbrega
Mestranda do PPGLET-UNIFAP
eloine_lazame@hotmail.com

Évelen Brasil Lazamé
Professora de inglês SEED-AP
evelenbr@gmail.com

Resumo: O presente estudo propõe uma formação continuada de professores de línguas orientada por uma abordagem crítico-decolonial, que busca valorizar saberes, epistemologias e identidades historicamente marginalizadas. A proposta fundamenta-se na compreensão de que a educação linguística não pode ser reduzida à mera transmissão de conteúdos formais, mas deve ser entendida como prática social, cultural e política, capaz de contribuir para a transformação das condições de desigualdade que atravessam a escola. Dessa forma, a pesquisa se volta a docentes da educação básica, especialmente professores de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, que se deparam com currículos e materiais didáticos ainda fortemente marcados pelo eurocentrismo e por visões monoculturais que invisibilizam as múltiplas vozes de seus estudantes. Ao inserir no processo formativo as experiências e saberes de comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas e de países do Sul Global, como África do Sul, Índia e Filipinas, pretende-se fomentar práticas pedagógicas insurgentes, abertas ao diálogo com a diversidade cultural e epistêmica. O estudo é norteado pela seguinte questão: como a formação docente pode fomentar uma educação linguística crítica, voltada para a justiça social e epistêmica? Para responder a essa indagação, a pesquisa ancora-se em referenciais que compreendem a educação como prática libertadora (Freire, 1996) e que discutem a colonialidade e a decolonialidade a partir da valorização de saberes silenciados (Quijano, 1999; Mignolo, 2005; Walsh, 2013). Ao mesmo tempo, mobiliza contribuições da Linguística Aplicada crítica e dos letramentos críticos no ensino de línguas (Jordão, 2016; Carbonieri, 2016; Janks, 2016), entendendo que ensinar uma língua é também ensinar formas de ler o mundo, questionar desigualdades e promover o diálogo intercultural. Do ponto de vista metodológico, o estudo adota uma abordagem qualitativa-interpretativista, sendo realizada uma pesquisa-ação (Thiollent, 2011) que encontra-se em fase inicial. Os instrumentos previstos para a coleta de dados incluem oficinas pedagógicas, rodas de conversa, debates temáticos e a elaboração colaborativa de materiais didáticos decoloniais. Embora os resultados empíricos ainda não possam ser apresentados, os achados esperados da investigação indicam que a formação continuada, quando orientada por princípios crítico-decoloniais, pode potencializar a emergência de práticas pedagógicas insurgentes, reflexivas e politizadas. Espera-se que os professores participantes passem a reconhecer com maior clareza as marcas de colonialidade presentes nos currículos e a identificar alternativas em prol de uma educação linguística mais próxima das realidades de seus alunos. Também se antecipa que a reflexão crítica sobre a prática docente contribua para o fortalecimento da identidade profissional dos educadores, ampliando sua autonomia e seu engajamento político-pedagógico. Outro resultado previsto diz respeito à produção de materiais didáticos, que poderá valorizar saberes comunitários e estabelecer pontes entre o espaço escolar e as vivências culturais locais, sobretudo no contexto amazônico. Conclui-se, portanto, que a proposta de formação continuada aqui apresentada transcende a dimensão técnica do fazer docente e se consolida como um projeto ético e político em construção.

Ao articular saberes acadêmicos e comunitários, vislumbra-se a possibilidade de romper com as lógicas coloniais que historicamente moldaram o ensino de línguas, abrindo espaço para a construção de uma educação linguística crítica, plural e comprometida com a justiça social. Os resultados esperados indicam que, ao assumir o papel de agentes de transformação, os professores poderão contribuir para a criação de contextos escolares mais democráticos e representativos, nos quais múltiplas identidades culturais e epistemológicas possam coexistir em pé de igualdade.

Palavras-chave: Políticas públicas educacionais; Formação continuada; Letramento crítico-decolonial; Práticas educacionais insurgentes.

Referências:

Achinte, Adolfo Albán. 2013. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: Walsh, Catherine. Pedagogías Decoloniais: practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir. Quito

Canagarajah, Suresh.2005. Reclaiming the local in Language Policy and Practice. Mahwah: Erlbaum.

Carbonieri, Divanice. 2016. Descolonizando o Ensino de Literaturas de Língua Inglesa. In: Jesus, Dánie Marcelo de; Carbonieri, D. (org.). Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas. Campinas, São Paulo

Fabricio, Branca. 2006. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Lu. P. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo

Fanon, Frantz. 2008. Pele negra, máscaras brancas. Salvador

Freire, Paulo. 2011. Pedagogia do oprimido. 50. ed. São Paulo

Freire, Paulo; Shor, Ira. 2011. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 10.ed. Rio de Janeiro

Janks, Hilary. 2016. Panorama sobre letramento crítico. In: Jesus, Dánie Marcelo de; Carbonieri, Divanize (Orgs.) Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: Outros sentidos para a Sala de aula de Línguas. Campinas, São Paulo

Kleiman, Angela. 2009. Projetos de Letramento na Educação Infantil. Revista Caminhos em Linguística Aplicada, Taubaté

Maldonado-Torres, Nelson. 2007. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: Castro-Gómez, Santiago; Grosfoguel, Ramón. (Orgs.) El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá

Miller, Inés. 2013. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In: Moita Lopes, Luiz Paulo. (org.). Linguística Aplicada na modernidade recente. São Paulo

Pennycook, Alastair. 2001 Critical applied linguistics: a critical introduction. Mahawah: Lawrence Erlbaum

Silva, Tomas Tadeu. 2017. Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo. 3. ed. Belo Horizonte

Street, Brian. 2004. Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno, São Paulo Thiollent, Michael. 2011 Metodologia da pesquisa-Ação. 18. ed. São Paulo Walsh, Catherine (Ed.). 2013. Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador

A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL PELO PROGRAMA LEEI: DESAFIOS, ENFRENTAMENTOS E AVANÇOS NA REGIÃO NORTE

Suzana Pinto do Espírito Santo
Doutora em Letras – UNIFAP
suzana@unifap.br

Resumo: Este trabalho apresenta uma discussão sobre a formação de professoras e professores da educação infantil, a partir da implementação do Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil

(LEEI), proposto pelo Ministério da Educação (MEC). Objetiva-se desenvolver reflexões sobre os resultados obtidos com as formações realizadas pelo LEEI na região norte do Brasil no ano de 2024 e, a partir disso, destacar os principais desafios impostos ao processo formativo, os enfrentamentos do ponto de vista estrutural, político e pedagógico, além de enfatizar os avanços para a educação nos estados nortistas. O Programa LEEI-Norte teve como objetivo principal fornecer formação continuada para mais de 30 mil profissionais da Educação Infantil nos sete estados, oferecer suporte teórico e metodológico para que os docentes desenvolvam práticas educativas que favoreçam a oralidade, a leitura e a escrita na primeira infância. A temática sobre alfabetização e letramento tem tradição nas pesquisas em Linguística Aplicada, a exemplo dos estudos de Soares, 2009 e Kato, 1986, que enfatizam a importância do uso da leitura e da escrita. No campo da educação infantil, com crianças da pré-escola, o contato com a leitura e com a escrita não tem como foco iniciar o domínio do código escrito, mas sim, apresentar a criança à cultura da escrita, pois a Educação Infantil, muito mais importante do que, por exemplo, ensinar as letras do alfabeto é familiarizar as crianças, desde bebês, com práticas sociais em que a leitura e a escrita estejam presentes exercendo funções diversas nas interações sociais (MEC, 2016, caderno 3). Os resultados expostos neste texto foram obtidos de duas formas: a partir de questionário aplicado via google forms com mais de 10 mil respostas coletadas pela coordenação de planejamento da formação, parte da equipe administrativa do Programa na Universidade Federal do Amapá, e por meio dos mais de 3 mil trabalhos de percurso entregues no formato relato de experiência pelos cursistas. Os resultados são um recorte desse quantitativo que indicaram como principais desafios o deslocamento dos cursistas de localidades distantes dos polos de formação, considerando a realidade amazônica que tem como principal meio de transporte as embarcações, que demanda muito tempo de viagem, e ainda a dificuldade de acesso às tecnologias digitais, à internet e uso da plataforma Avamec para desenvolver as atividades remotas. Quanto aos enfrentamentos, os cursistas relataram a necessidade de sair da zona de conforto do ponto de vista teórico-metodológico que resultou em reflexão e mudança do seu fazer professoral em sala de aula, considerando a compreensão de que a Educação Infantil é um momento para desenvolver a cultura da infância e não um estágio pré-alfabetização. Os avanços motivos pela implementação do LEEI na região norte foram importantes e em diferentes frentes, das quais destacamos apenas dois aspectos: O impacto na concepção de educação infantil, e com isso, o aprimoramento da prática dessas professoras e professores em favor do melhor desenvolvimento da criança; Liberdade para pensar e propor novas prática na escola considerando também a liberdade em aprender pelas crianças.

Palavras-chave: Leitura e Escrita na Educação Infantil; Formação de professoras/res; educação infantil; região norte.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Caderno 3: Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações. 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016.
KATO, M. A. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.
SOARES, M. B. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2009

NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: diálogos entre *Torto Arado* e o Quilombo Ramal do Bacuri

Sinelma Karla Cunha Raiol
Universidade Federal do Pará - UFPA
e-mail: raiolsinelmakarla@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Universidade Federal do Pará - UFPA
e-mail: braynacardoso@ufpa.br

Este estudo desvela os aspectos socioculturais que correlacionam o romance Torto Arado (Vieira Junior, 2019) às vivências e práticas observadas no Quilombo Ramal do Bacuri, em Abaetetuba/PA, sob a ótica da ancestralidade negra, da relação com o território e da resistência. A obra explora elementos alegóricos para abordar temas que permeiam às questões afrodescendentes e tecem às relações conflituosas pelo direito à terra, às práticas ancestrais mescladas entre magia, encantamento e realidade e com a resistência frente ao silenciamento. Esses atravessamentos da narrativa representam a realidade de muitas comunidades rurais negras amazônicas, vilipendiadas em seus direitos humanos e que precisam resistir às intempéries de uma sociedade ainda excludente, racista e elitista, problemáticas que, assim como no romance, são vivenciadas pelos moradores do Ramal do Bacuri, os quais entendem a luta pelo território como um dos principais elementos para a sua constituição, pois não existe quilombo apartado da terra. O estudo aporta-se em uma análise bibliográfica e qualitativa, cujas bases centram-se em Proença Filho (2004), investigando a trajetória do negro na literatura brasileira; Hall (2003); Munanga e Gomes (2006), Carneiro (2019) e Fanon (2008), discutindo elementos da diáspora e ancestralidade negra; Bispo dos Santos (2015) que, a partir do seu olhar quilombola, lança luz à luta contracolonial e resistência à dominação racial e territorial; e Machado e Soares (2021) que problematiza a decolonialidade relacionada ao ensino de literatura. A obra Torto Arado descortina elementos imbricados na realidade quilombola do Ramal do Bacuri, perpassando pela ressignificação da existência através da tomada de consciência de pertencimento à terra, à resistência ao silenciamento e o reconhecimento da força da 1Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades da Universidade Federal do Pará. 2Docente do Instituto de Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades da Universidade Federal do Pará. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará. Pós doutora em Letras pela Universidade de Pernambuco. Orientadora do resumo. ancestralidade negra, traços que coadunam realidade e ficção, sobretudo, na representação do quilombo como resistência cultural e preservação da identidade quilombola. Estudos desta natureza, podem contribuir para o ensino-aprendizagem, fomentando discussões críticas a respeito da realidade das Comunidades Quilombolas da Amazônia e suas práticas decoloniais, rompendo a centralidade do saber eurocêntrico e promovendo epistemologias negras e populares, que historicamente foram marginalizadas. Diante dos resultados obtidos por meio da confluência entre ficção e realidade, é possível tecer apontamentos reflexivos acerca de pautas importantes para as populações rurais negras e quilombolas, tais como: o reconhecimento do legado africano para a formação da sociedade brasileira; o fortalecimento do protagonismo negro na luta por justiça social; a promoção de uma educação antirracista e a viabilidade de políticas públicas que garantam acesso e permanência à terra entre outros direitos, na busca por uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Torto Arado; Território Quilombola Ramal do Bacuri; Ancestralidade Negra da Amazônia; Resistência.

REFERÊNCIAS:

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonialismo, quilombos**: modos e significações. São Paulo: Nandyala, 2015.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte. Editora UFMG; Brasilia; Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins; SOARES, Ivanete Bernardino. Por um ensino decolonial de literatura. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 981-1005, 2021.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019

Formação Docente e o Letramento Matemático: Reflexões Teórico-metodológicas

Magno Santos Batista
Doutor em Língua e Cultura – UEAP
magno.batista@ueap.edu.br

RESUMO: Os estudos acerca do letramento configuram no contemporâneo como uma das alternativas para o ensino de leitura e escrita dos discentes da educação básica. Em relação à matemática, os estudos do letramento contribuem para que os discentes entendam os comandos de questões e realizem a leitura dos enunciados de modo que possam aplicar as fórmulas matemáticas, e também resolver questões contextualizadas em provas, por exemplo: SAEB, ENEM, ENADE, PISA, dentre outros. Sistemas avaliativos que analisam o desempenho dos estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Além do mais, os sistemas avaliativos nacionais e internacionais traduzem os problemas sociais, econômicos, estruturais e políticos que circundam o ensino e o processo de ensino e aprendizagem, principalmente no que se refere à matemática. Portanto, objetiva-se com o artigo refletir acerca das implicações teórico-metodológicas dos estudos do letramento aplicado ao ensino de matemática. Para tal, selecionamos os procedimentos metodológicos vinculados a abordagem qualitativa, especificamente a pesquisa bibliográfica, a análise interpretativa das pesquisas atreladas ao ensino de leitura na matemática, após a análise pontuamos a importância da formação de professores sob a prisma dos letramentos para a formação de um discente capaz de responder as questões de matemática a partir de problemas contextualizados. Do ponto de vista teórico, acionamos os seguintes autores: Carvalho (2022); Freire (1989); Granell (1998); Hoffmann (1994); Kleiman (1995); Soares (2024), dentre outros(a). Os resultados da pesquisa apontam para a importância dos estudos do letramento no processo de ensino-aprendizagem na matemática, a necessidade de formação continuada dos (as) educadores(as) na área da matemática, assim como a implementação de políticas públicas que contribuam para a fomentação e inserção dos estudos do letramento na práxis do educador(a) na área de matemática. Por fim, na instituição educacional, as práticas de leitura e escrita necessitam seguir os princípios que regem os estudos de letramento, ou seja, o uso dos gêneros discursivos, questões contextualizadas e enunciados claros e que conduzam os discentes a reflexão.

Palavras-chave: Letramento matemático, Formação de Professores, Leitura.

Referências:

AGUIAR, Glauco da Silva; ORTIGÃO, Maria Isabel Ramalho. **Letramento em Matemática:** um estudo a partir dos dados do PISA 2003. Bolema, Rio Claro, SP, v. 26, n. 42a, p. 1-22, 2012.

BARTON, David e Hamilton, Mary. **Local Literacies. Reading and Writing in one Community.** London/new York: Routledge, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo- Acessado em: 19 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. Institui **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação**

Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 31, 09 abr. 2002.
CARVALHO, Robson S.de. **A avaliação na Escola**: guia de conceitos e práticas. São Paulo: Parábola, 2022.
CARVALHO, Robson S.de. **Ensinar a ler, aprender a avaliar**: avaliação das habilidades de leitura. São Paulo: Parábola, 2018.
FONSECA, Maria C.F.R; CARDOSO, Cleusa de A. Educação matemática e letramento: textos para ensinar, matemática para ler textos. IN: NACARATO, A.M.; LOPES, C.E. (Org). **Escritas e leitura na educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005., p.63-76.
FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

A variação linguística na sala de aula: experiências de ensino em turmas de sexto ano do ensino fundamental à luz da Sociolinguística Educacional

Gisele Braga Souza
Doutora em Linguística – UNICAMP
giselebraga18@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo expor algumas experiências com o ensino de variação linguística em três turmas de sexto ano do ensino fundamental de uma escola pública de Belém/PA. Com base nos pressupostos da Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2004) e nas discussões sobre variação linguística na escola (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023), são apresentadas estratégias pedagógicas para o ensino de variação linguística construídas com o intuito de evidenciar a importância do contexto social e valorizar a diversidade linguístico cultural dos estudantes, além de introduzi-los às variedades linguísticas próprias dos ambientes formais. Dessa forma, são expostos os conteúdos trabalhados nas aulas sobre variação linguística nas três turmas de sexto ano do ensino fundamental, exibindo os materiais utilizados – como mapas, o próprio livro didático, vídeos, entre outros –, atividades aplicadas – como discussões, perguntas interativas, questões avaliativas, proposta de construção de dicionário de expressões dialetais, entre outras – e o alcance das ações desenvolvidas, destacando suas particularidades e complexidades. Configurando-se como pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), o estudo aqui apresentado exibe os resultados obtidos a partir da interação dos estudantes das três turmas de sexto ano com as atividades empreendidas, todas elas vinculadas a um ensino de variação linguística que valoriza as questões sociais. Tais resultados apontam para um engajamento dos estudantes quando estes observam que sua variedade linguística é contemplada em sala de aula e para a percepção da existência de outras variedades e de como estas estão diretamente relacionadas à situação de comunicação. Estima-se que o trabalho aqui apresentado, por meio da exposição de experiências de ensino de variação linguística em turmas de sexto ano ensino fundamental, possa contribuir para os estudos na área da Sociolinguística Educacional e para a promoção de um ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa que se volte para a valorização da diversidade linguística, combatendo preconceitos e formando sujeitos capazes de refletir sobre os usos que fazem de sua língua materna nas práticas de linguagem do seu cotidiano, em diferentes situações comunicativas.

Palavras-chave: Ensino de Variação Linguística, Sociolinguística Educacional, Experiências no Ensino Fundamental, Linguística e Ensino.

Referências:

Almeida, Joyce Elaine de; Bortoni-Ricardo, Stella Maris. (Org.). 2023. Variação linguística na escola. Contexto. SP.
Bortoni-Ricardo, Stella Maris. Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula. 2004.

Parábola Editorial. SP. Thiollent, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. 1986. 2 ed. Cortez. SP.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

Linguística e ensino

ELIAINE DE MORAIS BELFORD GOMES

LUIZ FERNANDO FERREIRA

COMUNICAÇÕES

A variação linguística na sala de aula: experiências de ensino em turmas de sexto ano do ensino fundamental à luz da Sociolinguística Educacional

Programa de Formação em Língua e Cultura Mebêngôkre (Kayapó)

ANÁLISE DE ESTRUTURAS PARALELISTICAS EM NARRATIVAS ORAIS INDÍGENAS

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO MÉDIO: ANÁLISE CRÍTICA DO LIVRO DIDÁTICO E IMPLEMENTAÇÃO DE PROPOSTA DE JOGO PEDAGÓGICO COM APARATO DAS METODOLOGIAS ATIVAS

Fortalecimento da língua Palikur no ensino fundamental maior de uma escola em Castanhal/Pa: Uma proposta de ensino através de jogo de cartas

Vivências locais como estratégias para potencializar a escrita e reescrita em sala de aula

A linguagem ribeirinha banhada pelos rios do Baixo Tocantins: suas identidades, práticas e diversidade linguística

Vocotron: o jogo pedagógico que trabalha a Oralidade com aspectos socioculturais da Amazônia Brasileira à vista da análise do livro didático de língua portuguesa do 1º ano do ensino médio

A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DE UMA ALUNA COM DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA: INCIDÊNCIAS DA REALIDADE SOCIOFAMILIAR.

A Sala de Leitura na Era Digital: Contribuições das TDICs e do Ensino Híbrido para o Letramento Crítico

RedaGame: o ensino da redação do ENEM por meio de jogos pedagógicos e metodologias ativas

Marcas de oralidades em produções escritas de alunos do 7° e 8° anos em uma escola ribeirinha no município de Abaetetuba-PA

O Português como Língua de Acolhimento para Refugiados/Imigrantes

Estudos sobre metodologias ativas para o ensino de língua portuguesa: pesquisas em escolas de Tomé-Açu/PA

Análise da Morfologia Estrutural da Narrativa Oral Ikpeng, Wago Mïran “História Do Macaco Preguiça”, Segundo Vladimir Propp

Programa de Formação em Língua e Cultura Mebêngôkre (Kayapó)

Clédson Mendonça Junior
Doutor em Linguística – Unifesspa
cmxingu@unifesspa.edu.br

Bepnhum Kayapó
Graduando em Engenharia Florestal – Unifesspa
bepnhum@unifesspa.edu.br

Resumo: O Programa de Formação em Língua e Cultura Mebêngôkre (Kayapó) é uma iniciativa vinculada ao Instituto de Estudos do Xingu (IEX) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e contemplada pelo Programa de Apoio ao Estudante Indígena (PAIND Edital N.º 001/2025/NUADE), concebido como resposta aos desafios de permanência e êxito acadêmico enfrentados por estudantes indígenas, em especial os 19 discentes Mebêngôkre matriculados nos cursos de graduação do IEX. A partir do reconhecimento da cooficialização da língua Mebêngôkre no município de São Félix do Xingu (Lei Municipal nº 571/2019) e da necessidade de superação de barreiras linguísticas e culturais no ambiente universitário e nas escolas públicas da região, o projeto insere-se no âmbito das políticas de ações afirmativas e do diálogo intercultural, visando à valorização da diversidade linguística e à promoção da equidade educacional. A metodologia do projeto fundamenta-se em uma abordagem intercultural, colaborativa e interdisciplinar, articulando quatro eixos principais de atuação: (1) formação interna, com aulas semanais de língua e cultura Mebêngôkre; (2) oficinas escolares, levando o ensino da língua indígena para turmas da educação básica; (3) intercâmbio cultural, por meio de rodas de conversa com lideranças e anciãos; e (4) capacitação em tradução e ensino bilíngue. Trata-se de uma pesquisa-ação de natureza qualitativa, na qual os próprios estudantes indígenas assumem papel central como bolsistas, monitores e produtores de materiais. Os instrumentos de coleta de dados incluem: registros audiovisuais, diários de campo, relatórios mensais de atividades, produção de glossários bilíngues, materiais didáticos e traduções, além de avaliações participativas realizadas com a comunidade acadêmica e escolar. Os resultados parciais indicam que o programa tem contribuído significativamente para a redução das barreiras linguísticas no ambiente universitário, para o aumento da autoestima e do protagonismo dos estudantes indígenas e para a produção de materiais didáticos bilíngues inéditos, como glossários temáticos e recursos de apoio pedagógico. Além disso, observa-se maior reconhecimento da língua Mebêngôkre como instrumento de inclusão e valorização identitária, tanto na universidade quanto nas escolas parceiras. Iniciativas dessa natureza são fundamentais para consolidar políticas educacionais interculturalmente orientadas, capazes de promover efetiva igualdade de condições acadêmicas e fortalecer a relação entre universidade e comunidades tradicionais. O projeto evidencia a importância da continuidade e ampliação de ações que integrem saberes indígenas e acadêmicos, transformando a instituição em um espaço verdadeiramente plural e democrático.

Palavras-chave: Educação Intercultural, Língua Mebêngôkre, Inclusão Acadêmica, Formação

Docente, Valorização Cultural, Ensino Bilíngue.

Referências:
MENDONÇA JÚNIOR, Clédson; GOMES, Ana Paula Quadros; KAYAPÓ, Beptire e
MENEZES, Dilcilene da S. Me Kunĩ Umari: em rede pelos direitos linguísticos dos Mebêngôkre (Kayapó) em São Félix do Xingu – PA. Cadernos de Linguística, v. 4,n. 2, e687, 2023.
MENDONÇA JÚNIOR, Clédson. Mar Mex Kadjy: aspectos sobre a língua Mebêngôkre (Kayapó) e a política linguística no município de São Félix do Xingu-PA. Revista Linguística, v. 19 (Suplementar), 2023, p. 7-20.
Câmara Municipal de São Félix do Xingu – PA. CMSFX/PA, 2019. Disponível em:https://www.cmsaofelixdoxingu.pa.gov.br/arquivos/449/LEIS%20ORDINARIAS_571_2019_0000002.pdf. Acesso em: 15 ago. 2025.

ANÁLISE DE ESTRUTURAS PARALELISTICAS EM NARRATIVAS ORAIS INDÍGENAS

Maria Letícia Martins Rodrigues
Mestranda do PPGL-UFPA
maria.rodrigues@ilc.ufpa.br

Angela Fabíola Alves Chagas
Doutora em Linguística – PPGL-UFPA
angchagas@yahoo.com.br

Resumo: Esta pesquisa tem como foco a análise das estruturas paralelísticas em narrativas orais indígenas, sobretudo de povos amazônicos, destacando o potencial expressivo e cultural dessas histórias tradicionais, pois, como destaca Melatti (2014) e Chagas (2023), elas englobam mitos e conhecimentos sobre a origem do mundo, regras sociais e posicionamento da sociedade perante o universo, desempenhando papel fundamental na manutenção do saber coletivo, o que torna interessante o seu uso como objeto de estudo. E em uma das abordagens possíveis, temos o paralelismo, entendido como a repetição de elementos semânticos (macroparalelismo) e gramaticais (microparalelismo), mas embora as pesquisas sobre tenham sido iniciadas na década de 1980 para outras línguas, ele ainda é incipiente na pesquisa brasileira, principalmente aplicada às línguas originárias amazônicas. A pesquisa se apoia em referências teórico-metodológicas sólidas, como os trabalhos de Franchetto (2003), Cesarino (2003) e Chagas (2023), que já exploraram o paralelismo em diferentes línguas e narrativas indígenas, possibilitando uma análise aprofundada da função e do efeito dessas estruturas nos discursos orais. Sendo assim, o objetivo principal é investigar como as estruturas paralelísticas se manifestam nas narrativas, quais elementos gramaticais estão envolvidos e qual a relevância da função estética e comunicativa desse fenômeno tanto para os narradores quanto para os ouvintes, em uma tentativa de registrar as particularidades culturais e comunicativas de cada povo. Para isso, serão analisadas três narrativas coletadas e estudadas por pesquisadores reconhecidos. E além do foco na análise linguística, o estudo também pretende contribuir para o aumento do banco de dados acadêmicos sobre o tema e incentivar a continuidade de pesquisas no campo das línguas e culturas indígenas brasileiras. Portanto, ao explorar o paralelismo nas narrativas orais amazônicas, a pesquisa não apenas aprofunda o conhecimento linguístico, mas também ressalta a função social e cultural desses discursos, oferecendo uma compreensão mais ampla e detalhada da forma como os povos indígenas estruturam e transmitem suas histórias, cosmovisões e identidades por meio do discurso oral.

Então conclui-se que as línguas indígenas e suas narrativas orais são muito mais do que simples objetos de tradução e que o estudo evidencia que esses discursos carregam ensinamentos essenciais para a formação identitária dos povos e contém muita da compreensão particular de cada visão de mundo.

Palavras-chave: Línguas indígenas. Narrativas indígenas. Paralelismo. Oralidade.

Referências:
CHAGAS, Angela F. A. As funções do paralelismo lingüístico em narrativas orais do povo Ikpeng. In: Revista Falas Breves, no. 12, Breves-PA, junho de 2023.
FRANCHETTO, Bruna. L'autre du même : parallélisme et grammaire dans l'art verbal des récits kuikuro (caribe du Haut Xingu, Brésil). In: Revista Amerindia no. 28, Rio de Janeiro-RJ, 2003.
CESARINO, Pedro. De Duplos e Estereoscópios: Paralelismo E Personificação nos Cantos Xamanísticos Ameríndios. In: Mana, no. 12, 2003.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO MÉDIO: ANÁLISE CRÍTICA DO LIVRO DIDÁTICO E IMPLEMENTAÇÃO DE PROPOSTA DE JOGO PEDAGÓGICO COM APARATO DAS METODOLOGIAS ATIVAS

Allana Lima de Castro
Graduanda em Letras Língua Portuguesa do ILC / Bolsista PIVIC – UFPA
allanalmcs@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística / Docente do ILC e do PPGCITE – UFPA
braynacardoso@ufpa.br

Resumo: O presente trabalho busca analisar o livro didático de Língua Portuguesa do 1° ano do Ensino Médio, visando identificar como o conceito de variação linguística é apresentada nas partes constituintes do livro, além de investigar o jogo pedagógico como recurso/ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Para a composição do arcabouço teórico, a pesquisa alinhou-se aos preceitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aos textos de Pilati (2017), a respeito de metodologias ativas na formação do aprendiz na educação básica, Camacho (2011) e Bagno (2007), que discutem aspectos da sociolinguística, e Kishimoto (2007), que explora os jogos pedagógicos e suas contribuições no âmbito social e afetivo. Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo compreender como a variação linguística é abordada no livro "Identidade em Ação - Linguagens e suas Tecnologias" (Moderna, 2020), distribuído pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Em razão disso, uma análise crítica da obra didática foi feita, a fim de compreender a maneira como a variação linguística é discutida para o público-alvo, pretendendo sugerir propostas metodológicas que favoreçam a aprendizagem significativa, assertiva e contextualizada à realidade dos estudantes. Os procedimentos metodológicos adotados possibilitaram a análise e o desenvolvimento da discussão, seguindo uma abordagem qualitativa de caráter exploratório-descritivo, direcionada à avaliação da obra selecionada como objeto de estudo. A partir do levantamento dos dados obtidos na análise, elaborou-se um jogo pedagógico para o 1º ano do Ensino Médio, voltado para o ensino da variação

linguística neste nível escolar. O jogo intitulado como Jogo da Memória: Conhecendo o Brasil através das expressões regionais, visa ampliar o repertório vocabular e exercitar as noções de espaço e regiões aplicadas ao território nacional, além de estimular as habilidades de correlação e associação entre as informações/imagens apresentadaspor meio de itens lexicais regionais dos estados brasileiros. Dessa forma, a sua aplicação possibilita a valorização da diversidade linguística e a promoção da sociabilidade, atendendo às necessidades da educação básica, especialmente do 1º do ensino médio. Os resultados apontam que a implementação de recursos lúdicos na construção de conhecimento, como os jogos pedagógicos, alinhados à compreensão crítica do livro didático, contribui para o desenvolvimento das competências linguísticas, valorização da diversidade linguística e aprimoramento das habilidades sociais, preparando o sujeito para o ambiente escolar e para a vida.

Palavras-Chave: Variação linguística, Livro didático, Jogos pedagógicos, Ensino Médio.

Referências:

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua É por Acaso** - Por uma Pedagogia da Variação Linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas.** In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.

Editora Moderna. **Identidade em Ação Linguagens e suas Tecnologias - Vol 4 - Linguagens e vida em sociedade.** Disponível em: <https://www.calameo.com/read/002899327fc3ddd9e0f1b>. Acesso em: 27 ago. 2025.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. et al. Jogo, **Brinquedo, Brincadeiras e a Educação.** São Paulo: Cortez, 2007.

PILATI, E. **Linguística, gramática e aprendizagem ativa**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

Fortalecimento da língua Palikur no ensino fundamental maior de uma escola em Castanhal/Pa: Uma proposta de ensino através de jogo de cartas

Rodrigo Castro Rodrigues
Mestrando de Linguística PPGL-UFPA/CAPES
rodrigocastro039@gmail.com

Resumo: A preservação das línguas indígenas, como o Palikur, é fundamental para manter a diversidade cultural. Este trabalho tem como objetivo trabalhar a língua indígena Palikur nas turmas do ensino fundamental maior, do sexto ao nono ano, totalizando 92 alunos, utilizando um jogo de cartas como estratégia lúdica. A proposta visa promover o uso, o aprendizado e a valorização do idioma, que enfrenta ameaças devido à influência de línguas ocidentais, autores como Franchetto (2005), ressaltam a diversidade linguística indígena e a ameaça a essas línguas, destacando a importância de ações conjuntas para sua preservação. Ao envolver os estudantes do ensino fundamental maior em atividades interativas, busca-se fortalecer a identidade cultural indígena, estimular o contato com a língua natal e contribuir para sua revitalização. Estudos, como os de Rodrigues (2018), destacam que atividades lúdicas, como jogos, aumentam a motivação e o envolvimento na preservação e valorização da língua, facilitando sua transmissão. Este trabalho desenvolveu uma abordagem qualitativa para compreender os desafios e potencialidades do fortalecimento da língua Palikur, enfatizando o aspecto cultural, social e linguístico. Baseado em

pesquisa bibliográfica, especialmente em estudos sobre jogos educativos, foi elaborado um jogo de cartas inspirado no UNO, incorporando palavras e conceitos do Dicionário Palikur - Português de Verde (2019). Utilizando o software Canva, as cartas representam categorias morfológicas promovendo o conhecimento do idioma de forma lúdica e interativa. Portanto, a pesquisa foi conduzida com estudantes do ensino fundamental maior, demonstrando que o uso de jogos lúdicos, como o de cartas, promove maior engajamento, prática e familiaridade com a língua Palikur. Os participantes demonstraram entusiasmo na experimentação, facilitando a inserção do idioma de forma natural e prazerosa. Essa abordagem reforça o papel do jogo na revitalização linguística, fortalecendo a identidade cultural e estimulando a participação intergeracional na comunidade, contribuindo para a preservação e continuidade da língua, mesmo na comunidade não indígena.

Palavras-chave: Línguas indígenas, Fortalecimento, Lúdico, Ensino.

Referências:

BARROS, Márcia Graminho Fonseca Braz; MIRANDA, Jean Carlos; COSTA, Rosa Cristina. **Uso de jogos didáticos no processo ensino-aprendizagem.** Revista Educação Pública, 19, nº 23, 1 de outubro de 2019. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/23/uso-de-jogos-didaticos-no processo-ensino-aprendizagem. Acesso em: 30 jun. 2025.

FERREIRA, José Adnilton Oliveira et al. **O povo indígena Palikur e sua identidade tribos na prática pedagógica dos professores não indígenas na Aldeia Kumenê da Amazônia Amapaense**. Revista Educação e Políticas em Debate, v. 2025, [sl], p. 1-21, 2025.

FRANCHETO, Bruna. **Línguas indígenas, línguas ameaçadas**. Ciência & Ambiente, p. 107-122, 2005.

OLIVEIRA, Beatriz de et al. **Os sentidos de vitalidade**: revisando o Atlas das Línguas em Perigo (UNESCO) à luz de experiências indígenas locais. Caderno de Linguística da ABRALIN, v. 5, 2024. Disponível em Acesso em: 22 de maio de 2025.

PADOVANI, Bruna Fernanda S. de Lima, et al. **A importância da documentação e da descrição linguística para a revitalização de línguas ameaçadas**. Revista Domínios da Linguagem, pág. 900 a 926, v. 13, n. 3, 2019.

RODRIGUES, Maria. **Estratégias Lúdicas na Revitalização de Línguas Indígenas**. Revista de Educação Indígena, v. 3, pág. 45-60, 2018.

TOLEDO, Beatriz Furlan; MIRANDA, Camille Cardoso. **Por que documentar e descrever línguas?** A importância desses estudos para revitalização e fortalecimento das línguas indígenas brasileiras. Articulando e construindo saberes, v.6, 2021.

VERDE, Haroldo et al. **Kagta Iwitkekne Parikwaki - Parantunka - Parikwaki:** Dicionário Palikur - Português - Palikur. Oiapoque, AP: Associação Internacional de Linguística — SIL Brasil, 2019.

Vivências locais como estratégias para potencializar a escrita e reescrita em sala de aula

Tamara Cristina Penha da Costa
Mestranda do Profletras - UFPA
tamaracristina390@gmail.com

Thomas M. Fairchild
Doutor em Educação - USP
tmfairchi@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho integra a dissertação de mestrado em desenvolvimento no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, e tem como objetivo investigar de que maneira os conhecimentos locais, presentes na vida cotidiana dos alunos ribeirinhos e do campo do 3º ano do Ensino Médio, podem ser mobilizados para formentar a

produção textual em uma escola da rede estadual situada na zona rural do município de Maracanã-PA. A motivação para a investigação surge pela observação de dificuldades recorrentes na aprendizagem da escrita por parte dos estudantes. Nesse sentido, considera-se que utilizar o contexto local para a aprendizagem da escrita e reescrita constitui uma estratégia potencialmente enriquecedora, considerando que, muitas vezes, as vivências desses alunos são ignoradas no ambiente escolar. A metodologia de pesquisa adotada é a pesquisa-ação, com abordagem qualitativa, a qual se caracteriza pela participação ativa dos envolvidos no processo investigativo e pela busca de soluções para demandas reais do contexto escolar. Em sua etapa inicial, foi realizada uma diagnose detalhada, composta por diferentes atividades complementares: realização de uma roda de conversa para levantar percepções e experiências prévias; produção textual relatando a trajetória escolar dos alunos, a fim de conhecer seu repertório linguístico e narrativo; reescrita desses textos, com foco nos elementos constitutivos da narrativa e na adequada estruturação dos parágrafos; análise minuciosa da pontuação em duas produções textuais distintas, com destaque para os usos corretos e incorretos; atividade prática de pontuação, utilizando como base os próprios textos dos alunos para promover uma aprendizagem contextualizada; nova reescrita da produção inicial, incorporando as orientações recebidas; e, por fim, elaboração de uma proposta final de escrita inspirada em personagens conhecidas das localidades de origem dos estudantes, de modo a valorizar a identidade cultural e estimular a criatividade. Os resultados dessa etapa indicam que as práticas de escrita e reescrita contribuiram significativamente para o desenvolvimento da escrita, promovendo reflexões sobre o prórpio ato de escrever, especialmente no momento de reencontro com o texto. Apesar de muitos elementos terem sido supridos nas versões dos textos, notou-se um avanço na qualidade do discurso produzido.

Palavras-chave: Produção Textual, A aula como acontecimento, Autoria.

Referências:

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Tradução de João Wanderley Geraldi. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. p. 20- 28.

CARMO, Nilce Pantoja do. Um rio no caminho: processos de escolarização de alunos ribeirinhos em contexto escolar urbano. Dissertação de Mestrado, 159 fls, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), Instituto de Ciências da Educação (ICED), Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém-PA, 2019.

FAIRCHILD, Thomas Massao. Escrevendo pelas beiras: da mão à obra. El toldo de Astier. Propuestas y estudios sobre enseñanza de la lengua y la literatura. Cátedra de Didáctica de la lengua y la literatura I. Departamento de Letras. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de La Plata. ISSN 1853-3124. Año 11, Nro. 20-21, julio de 2020. pp. 483-502. Disponível em: http://www.eltoldodeastier.fahce.unlp.edu.ar/numeros/numero20/pdf/MassaoFairchild.pdf.

FIAD, Raquel. Reescrita de textos: uma prática social e escolar. Organon, Porto Alegre, nº 46, janeiro-junho, 2009, p. 147-159.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERALDI, João Wanderley. (Org.) O texto na sala de aula. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

MONTEIRO, Tânia Carla da Silva. Filigranas da memória: a construção de histórias de vida na EJA. Dissertação (Mestrado), Mestrado Profissional em Letras em Rede nacional, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

OLIVEIRA, Ecilia Braga de. Narrativa autobiográfica no 8º ano do Ensino Fundamental: entre a escola e as práticas socioculturais em uma comunidade ribeirinho-quilombola. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.
SANTOS, Francisco Gilberto Mendes dos. Histórias de Vida como Estratégia para a Promoção da Leitura, Interpretação e Produção Textual no Ensino Médio Integrado. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Científica e Tecnológica – ProfEPT) – Instituto Federal de Educação, Científica e Tecnológica, Rio Branco, AC, 2021.
MENEGASSI, Renildo José. A escrita como trabalho na sala de aula. In: JORDÃO, Clarissa Menezes (Org.). A linguística aplicada no Brasil: rumos e passagens. Campinas – SP: Pontes Editora, 2016. P. 193-2030.
POSSENTI, Círio. Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
POSSENTI, Círio. Indícios de autoria. Perspectiva, Florianópolis, v.20, n.01, p. 105-124, jan./jun. 2002.
POSSENTI, Círio. O "eu" no discurso do "outro" ou a subjetividade mostrada. Alfa, São Paulo, 39, p. 45-55, 1995.
PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
TRESCASTRO, Lorena Bischoff; FAIRCHILD, Thomas Massao. Subjetividade e avaliação no ensino da escrita no I ciclo do Ensino Fundamental de 9 anos. Calidoscópio. Vol. 12, n. 2, p. 215-225, mai/ago 2014. by Unisinos - doi: 10.4013/cld.2014.122.09

A linguagem ribeirinha banhada pelos rios do Baixo Tocantins: suas identidades, práticas e diversidade linguística

Renata Calado Dias
Mestranda do PPGCITE-UFPA
renatacalado91@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Profa. Dra. do ILC-UFPA
braynacardos@ufpa.com

Resumo: A Língua Portuguesa é uma disciplina fundamental na formação, interação e inserção dos alunos na sociedade, já que é por meio da linguagem que os pensamentos são expressos, tornando-se palavras e favorecendo a interação entre sujeito e sociedade. Porém, muitas vezes, observamos em salas de aulas que os conteúdos são trabalhados de forma enfadonha e desestimulante, sendo transmitidos de forma a não favorecer a aquisição do conhecimento de forma satisfatória e prazerosa. E isso, reflete a dificuldade dos alunos na interpretação, leitura, escrita e na vontade em mergulhar na sua própria língua em busca de respostas para suas dúvidas. Neste contexto, esta pesquisa nasce da perspectiva da produção de jogos pedagógicos como metodologias ativas de ensino para alunos de escolas ribeirinhas, com fins a compreensão de conteúdos curriculares de língua portuguesa, alinhados a utilização e valorização da linguagem própria de territórios ribeirinhos do Baixo Tocantins na Amazônia. Linguagem esta, que identifica os sujeitos pertencentes aqueles territórios e lhes

dá a liberdade de expressão para utilizá-la e ainda, para construí-la, adequando-a ao contexto dentro das realidades que lhes é comum. Esta linguagem por vezes, está as margens dos discursos cultos e padronizados presentes nas gramáticas e documentos normativos da Língua Portuguesa, que desconsideram os itens lexicais criados e pertencentes a diversos contextos presentes no Brasil, causando assim, um apagamento linguístico que é muito importante para a compreensão da nossa própria língua materna. Considerando este cenário, esta proposta insere-se na vertente do preconceito linguístico de Bagno (2014), nas análises sociolinguísticas de Calvet (2002), na variação linguística dentro dos espaços escolares conceituadas por Bortoni-Ricardo (2023) e na importância da utilização de jogos pedagógicos em salas de aulas como ferramenta de ensino-aprendizagem, discorrida por Kishimoto (1997). Assim, vislumbramos a necessidade da discussão a respeito da valorização e importância das falas "subalternas" e das minorias sociais que fazem parte do arcabouço linguístico que está enraizado pelo Brasil a fora e que para tanto, merecem ser enxergados como valiosos elementos constituintes na construção de uma língua que é composta por tessituras lexicais que se alimentam mutuamente e dão origem a esta riqueza tão vasta e múltipla que é a nossa Língua Portuguesa, bem como é pertinente que esta pauta seja integrada aos livros didáticos que circulam nas escolas do país como preconiza o Grupo de Estudos Linguísticos da Diversidade da Amazônia (GELINDA).

Palavras-chave: Linguagem ribeirinha, Identidades, Jogos Pedagógicos, Língua Portuguesa, Amazônia.

Referências:

ALMEIDA, Joyce Elaine de. BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Variação Linguística na Escola. São Paulo: Contexto, 2023.
BACICH, Lilian; MORAN, José. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico. São Paulo. Parábola. 2014.
CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: Uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
KISHIMOTO, Tizuko M. O Jogo e o Brinquedo: um instrumento de aprendizagem e socialização. São Paulo. Cortez, 1997.

Vocotron: o jogo pedagógico que trabalha a Oralidade com aspectos socioculturais da Amazônia Brasileira à vista da análise do livro didático de língua portuguesa do 1º ano do ensino médio

Shirley Franklin Oliveira Nascimento
Graduanda de Letras
Universidade Federal do Pará
shirleyitachi12@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Docente Doutora em Letras
Universidade Federal do Pará.
braynacardoso@ufpa.br

Resumo: Este trabalho abarca a criação do jogo pedagógico “Vocotron”, desenvolvido a partir da análise do livro didático de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Médio “Se Liga nas Linguagens”, de Ormundo e Siniscalchi (2020), publicado pela editora Moderna e aprovado pelo PNLD. O jogo tem como objetivo fomentar o ensino da oralidade nas escolas públicas brasileiras, considerando os aspectos socioculturais da Amazônia Brasileira. Essa iniciativa pedagógica visa dinamizar as práticas de ensino-aprendizagem de língua portuguesa e, sobretudo, valorizar a realidade sociocultural do estudante amazônico. Vocotron é um jogo híbrido (tabuleiro e cartas) que explora os elementos relacionados à fala (modulação da voz, entonação, ritmo, altura, intensidade, respiração) e aspectos cinésicos (postura corporal, gestualidade significativa, expressão facial, contato visual), ao mesmo tempo em que permite a prática da interação oral entre os jogadores e resgata elementos significativos do imaginário amazônico, o que culmina em um aprendizado consistente sobre os conteúdos e habilidades da oralidade no ambiente escolar. Os aportes teórico-metodológicos que fundamentaram este trabalho estão ancorados na Linguística Aplicada, incluindo concepções de oralidade, sociolinguística educacional e a metodologia ativa em sala de aula. A pesquisa baseia-se nos princípios da pesquisa-ação de Thiollent (1986) e de Tripp (2005), no que tange à implementação de práticas inovadoras na educação; em Antunes (2003) e sua concepção de que é dever da escola chegar aos usos sociais da língua; nos ideais sociolinguísticos de Bortoni-Ricardo de que todas as realidades comunicativas devem ser consideradas – e não subjugadas e excluídas – dentro do panorama educacional; na Ludopedagogia de Pilati (2017), mediante a Aprendizagem Linguística Ativa, que torna o aluno centro do processo de aprendizagem e, por fim, na definição dos conteúdos escolares norteados pela BNCC (Brasil, 2018). Assim, esta pesquisa se mostra significativa por servir de fomento para o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa na educação básica brasileira, sendo projetado com o fito de sanar as lacunas observadas na análise do livro didático, promovendo um ensino que atende às necessidades reais dos estudantes, que possibilita o aprendizado através do lúdico, valorizando suas identidades e estimulando-os com uma abordagem mais inclusiva, humanizadora e representativa.

Palavras-chave: Oralidade, Jogos Pedagógicos, Livro Didático, Amazônia Brasileira, Ensino-Aprendizagem.

Referências:

ANTUNES, I. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (Série Aula; 1).

BORTONI-RICARDO, S. M. Nós chegamu na escola, e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

PILATI, E. Linguística, gramática e aprendizagem ativa. Campinas: Pontes Editores, 2ª ed., 2017.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Revista Educação e pesquisa. V. 31, n 3, p. 443-466, set/dez. São Paulo, 2005.

A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DE UMA ALUNA COM DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA: INCIDÊNCIAS DA REALIDADE SOCIOFAMILIAR.

Maria Helena Rodrigues Chaves
Doutoranda - PPGL/UFPA
helenachaves@ufpa.br

Marília de Fátima Souza Amorim da Costa
Graduanda - FALE/ILC/UFPA
marilia.costa@ilc.ufpa.br

RESUMO: Este trabalho discute as dificuldades de leitura e escrita de uma aluna de 6º ano do fundamental, a partir da avaliação diagnóstica apresentada pela escola em confronto com práticas de linguagens diversas e com a realidade sociofamiliar levantada em visitas em domicílio. Tem, por objetivo, refletir sobre a importância do diálogo com a família para o processo educativo, para que o professor de línguas possa compreender as raízes dos problemas de linguagem dos discente, alcançar o que eles enunciam, para além de seus problemas com as formas linguística, e ajudá-los a superar tais dificuldades. Os fundamentos teóricos ancoram-se, nos estudos dos letramentos (Grupo Nova Londres, 2021), na concepção dialógica de linguagem, de vertente bakhtiniana (Bakhtin/Volochinov, 1997), na perspectiva histórico-cultural, de Vigotsky, a respeito do desenvolvimento da criança, e nas contribuições de Carvalho, que considera a influência da configuração familiar enquanto essência, independentemente de seus novos arranjos - primeiro grupo de inserção da criança -, e do contexto social, no aprendizado escolar do aluno. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, que se realiza por meio de um estudo de caso (Prodanov e Freitas, 2013). Os dados foram gerados no contexto do projeto de extensão "Práticas de linguagem e decolonialidade: a língua portuguesa na escola e na vida de alunos com baixo desempenho escolar" (ILC/PIBEX/PROEX), realizado em uma escola pública da periferia de Belém do Pará, por meio de atividades de práticas de linguagens/letramentos, com trinta e um alunos de sexto ano do ensino fundamental dessa referida escola, todos com grandes dificuldades de leitura e escrita. O caso que vamos discutir aqui foi selecionado por causa do grande potencial criativo percebido nas produções da aluna. Os resultados indicam que um ensino fechado na forma convencional da língua escrita não dá conta de traduzir os saberes e capacidades dos alunos e pode resultar em avaliações injustas que gerem prejuízos de diversas ordens a esses alunos.

Palavras-chaves: práticas de linguagem; ensino de língua; problemas de escrita; contexto sociofamiliar.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Editora Hucitec, São Paulo, 1929/1997.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma pedagogia dos multiletramentos: projetando futuros sociais. Tradução de Deise Nancy de Morais, Gabriela Claudino, Rafaela Salemme Bolsarin Biazotti, Roziane Keila Grando. **Revista Linguagem em Foco**, v.13, n.2,2021. p. 101-145. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/ article/view/5578.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013

A Sala de Leitura na Era Digital: Contribuições das TDICs e do Ensino Híbrido para o Letramento Crítico

Luciana Costa da C. Furtado - Mestranda
POSLET-UNIFESSPA
(lcostadacruz29@gmail.com)

Eliane Pereira Machado Soares
Doutora em Linguística
(eliane@unifesspa.edu.br)

Resumo: Este estudo, ainda em andamento, investiga a integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e a criação de ambientes híbridos nas Salas de Leitura de escolas públicas de Marabá, Pará. Baseando-se em referenciais teóricos de autores como Kenski (2012), Moran (2013), Leite (2009) e Soares (2002), a pesquisa busca analisar como essas tecnologias promovem o letramento e a formação leitora da "geração alpha", um grupo social imerso em um cenário hiperconectado que reconfigura os hábitos de leitura, priorizando conteúdos curtos e fragmentados. Com abordagem qualitativa, a pesquisa adotará como procedimentos metodológicos a observação direta em campo, entrevistas semiestruturadas com professores mediadores, coordenadores pedagógicos e formadores da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), além da análise de documentos como projetos pedagógicos e a Matriz Curricular do Município. A Sala de Leitura é compreendida como um pilar pedagógico-cultural que transcende o espaço físico, configurando-se como "lugar" (pelo uso) e "território" (pela subjetividade dos usuários), conforme Leite (2009). A tecnologia, neste contexto, deverá atuar como facilitadora da apropriação desses espaços, enriquecendo a experiência leitora sem substituir a interação humana. A pesquisa também aponta que a incorporação de TDICs, como e-readers, plataformas de acervo digital (e.g., Árvore Livros, Sala de Leitura Cora Coralina), gamificação e recursos multimídia, poderá oferecer benefícios como maior engajamento, acessibilidade e ampliação da bibliodiversidade. No entanto, este estudo preliminar aponta que a leitura digital pode contribuir para a fragmentação, exigindo estratégias pedagógicas que cultivem a "leitura profunda" e a compreensão crítica. A criação de ambientes híbridos demanda uma redefinição da "arquitetura pedagógica", na qual o físico e o virtual se complementam. A curadoria de conteúdo digital, essencial para a qualidade dos acervos híbridos, transforma o professor mediador em um "curador do conhecimento". Os desafios iniciais identificados incluem infraestrutura limitada, carência de formação específica e a alta rotatividade de Professores Orientadores de Sala de Leitura (POSLs), fatores que dificultam a consolidação das propostas. Espera-se que a pesquisa contribua para o fortalecimento das salas de leitura como espaços de letramento digital e crítico.

Palavras-chave: Sala de Leitura, Ensino Híbrido, Tecnologias Digitais, Leitura, Letramento Digital, Educação.

Referências:

FREITAS, Maria Teresa. LETRAMENTO DIGITAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES. 2010. Disponível https://www.scielo.br/j/edur/a/N5RryXJcsTcm8wK56d3tM3t/?format=pdf{=pt. Acesso em 28 de julho de 2025.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 9ª. ed. Campinas, SP: Papirus,

2012.
LEITE, Ana Carolina dos Santos Martins. *O lugar da sala de leitura na Rede Municipal de Ensino de São Paulo*. 2009. Dissertação (Mestre em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
Moran, José Manuel. NOVAS TECNOLOGIAS E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA/ José Manuel Moran, Marcos T. Masetto, Marilda Aparecida Behrens. – 21ª ed. rev. e atual. – Campinas, SP: Papirus, 2013.
SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em: 2 fev. 2025.

RedaGame: o ensino da redação do ENEM por meio de jogos pedagógicos e metodologias ativas

Adriane Gabriele Souza Santos
Universidade Federal do Pará – UFPA
adrianegab27@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Universidade Federal do Pará – UFPA
braynacardoso@ufpa.br

Este resumo apresenta o RedaGame, um jogo pedagógico desenvolvido com o propósito de potencializar o ensino da produção textual dissertativa-argumentativa nos moldes estipulados pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por meio de estratégias lúdicas que estimulem o domínio da norma-padrão, a coesão textual, a construção da estrutura dissertativa e o uso crítico de repertórios socioculturais. O principal objetivo do jogo é tornar a aprendizagem da redação mais dinâmica, significativa e alinhada às competências de acordo com a matriz de referência do ENEM. A proposta surge da constatação de que, ao ingressarem no Ensino Médio, os alunos experienciam uma ruptura metodológica, marcada pela redução do uso de recursos lúdicos e pela intensificação do ensino tradicional. Essa mudança impacta negativamente o engajamento dos estudantes e dificulta a apropriação crítica da escrita. Frente a essa realidade, o jogo foi criado como proposta metodológica e criativa que alia os princípios da ludicidade, da gamificação e das metodologias ativas ao ensino da redação. O RedaGame foi concebido com base em princípios da aprendizagem ativa e dos jogos pedagógicos, incorporando os fundamentos teóricos de Piaget (1990), que defende o papel do jogo como mediador do desenvolvimento cognitivo, e de Pilati (2017), cujos estudos ressaltam a articulação entre ensino de gramática, produção textual e metodologias ativas. O jogo adota uma pesquisa de natureza qualitativa, com foco em design didático-pedagógico e fundamentação aplicada. O jogo é composto por um tabuleiro com 15 casas distribuídas por cores, cada uma correspondente a uma dimensão da redação: Gramática (rosa), Coesão (verde), Estrutura da Redação (azul), Repertório Sociocultural (amarelo), Correção de Texto (vermelho) e Cartas Coringas (roxo). As cartas apresentam desafios variados: questões contextualizadas, trechos com desvios, desafios de coesão e oralidade, além de situações interativas. O jogo adota um nível intermediário de dificuldade. Pode ser utilizado em aulas regulares ou como atividade de revisão, visto que poderá servir de apoio para que os alunos reforcem o que foi trabalhado ao longo do ano 1Graduanda em Letras Língua Portuguesa do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará. 2Docente do Instituto de Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades da Universidade Federal do Pará. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará. Pós-doutora em Letras pelo PROFLETRAS da Universidade de Pernambuco. Orientadora do resumo. letivo. A proposta está alinhada às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente no que se refere aos conteúdos de Língua Portuguesa no eixo de produção textual, bem como à matriz curricular da redação do ENEM, que orienta o desenvolvimento das competências específicas da área de

Linguagens. O uso de personagens, cartas e dados adaptados colabora para tornar a experiência de aprendizagem mais envolvente e significativa, resgatando o interesse dos estudantes pela prática textual por meio de uma competição saudável e colaborativa. Como resultados esperados, destaca-se o fortalecimento das competências sinalizadas pelo INEP em relação à redação, entre elas: C1 (domínio da norma-padrão) e C4 (coesão textual), bem como o estímulo à compreensão da estrutura dissertativa e à aplicação de repertórios socioculturais pertinentes (C3 e C2, respectivamente). O jogo também favorece ao desenvolvimento da escuta ativa e da construção coletiva do conhecimento, reforçando a escrita como prática social. A partir da análise dos elementos estruturais do RedaGame, conclui-se que a ludicidade, aliada ao planejamento pedagógico intencional, pode reconfigurar a maneira como a produção textual é ensinada, superando a rigidez tradicional e aproximando o aluno da escrita de forma mais criativa, crítica e participativa.

Palavras-chave: Redação do ENEM; Gamificação; Ensino Médio; Produção textual; Metodologias ativas; Ludicidade.

Referências:
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). A redação no ENEM 2020: cartilha do participante. Brasília: INEP, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/enem/cartilha-do participante. Acesso em: 30 de outubro de 2025.
PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: LTC, 1990.
PILATI, E. Linguística, gramática e aprendizagem ativa. Campinas: Pontes Editores, 2ª ed., 2017.

Marcas de oralidades em produções escritas de alunos do 7° e 8° anos em uma escola ribeirinha no município de Abaetetuba-PA

Eduardo Maués Sena
Graduando em Letras Língua Portuguesa (UFPA)
eduardosena1616@gmail.com

Marcelo Dias Pires
Doutor em Linguística (UFPA)
mpdias@ufpa.br

O presente trabalho tem como objetivo analisar as marcas de oralidade presentes em textos de alunos do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, a partir da sociolinguística educacional, área que estuda as relações entre linguagem, sociedade e educação. Nesse sentido, a pesquisa foi desenvolvida no Anexo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Basílio de Carvalho, do município de Abaetetuba-PA, situada na região das ilhas ribeirinhas no rio Quianduba onde funciona o ensino regular e apresenta 365 alunos matriculados. No contexto da linguagem cotidiana, é quase impossível não usar as expressões populares. Na região das ilhas ribeirinhas, percebe-se que os alunos usam diversas marcas de oralidades que são faladas na sua comunidade e trazem essas expressões para os textos escritos. Como fundamentação teórica para a pesquisa, tomamos como base os trabalhos de Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007; 2002), Antunes (2009) e Faraco (2008), com vistas a compreender os fatores sociais envolvidos no uso da linguagem no contexto escolar. Este estudo é de abordagem qualitativa de caráter descritivo pautada em dados coletados em campo. Para a obtenção dos dados, foi

realizada a aplicação de uma atividade escrita por 16 alunos, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, com faixa etária entre 13 e 16 anos no ano de 2025, o que gerou um total de 2 textos coletados que trataram das marcas de oralidades. A partir dos dados obtidos foi possível perceber a presença frequente de marcas de oralidade, demonstrando que os discentes apresentam dificuldades para diferenciar aspectos da modalidade falada e da escrita e é preciso desenvolver junto aos alunos a reflexão linguística sobre os usos da língua na Amazônia paraense. Desse modo, entre as marcas de oralidades destacam-se: chuver, cuisa, fez, tuca, entre outras ao desenvolverem a atividade sobre o discurso direto, indireto e uso de pronomes. Por fim, por meio do estudo podemos observar que a língua oral e a língua escrita se influenciam mutuamente.

Palavras-chave: sociolinguística educacional; marcas de oralidade; sociedade; linguagem.

Referências:
ANTUNES, I. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
BAGNO, Marcos. O preconceito linguístico: o que é, como se faz. 12.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira. São Paulo: Parábola, 2008.

O Português como Língua de Acolhimento para Refugiados/Imigrantes

Sérgio de Jesus Corrêa Ribeiro
Doutorando do PPGLLIT - UFNT
sergio.ribeiro@professor.to.gov.br

Miliane Moreira Cardoso Vieira
Doutora em Letras – PPGL - UFT
miliane.vieira@ufnt.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o uso do português como língua de acolhimento para pessoas refugiadas e imigrantes no município de Araguaína, estado do Tocantins, com base na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), conforme proposta por Halliday (1994). A partir de observações empíricas do cotidiano urbano, evidencia-se um número significativo de imigrantes, sobretudo venezuelanos e cubanos, em situação de vulnerabilidade social, e isso ocorre frequentemente em sinais de trânsito na condição de pedintes. Esses sujeitos migraram em busca de melhores condições de vida e enfrentam diversos desafios, sendo a barreira linguística um dos mais impactantes, principalmente no acesso à educação formal e ao mercado de trabalho. Nesse contexto, a pesquisa de cunho qualitativa propõe-se a investigar de que forma esses indivíduos são acolhidos e quais políticas públicas têm sido desenvolvidas no município com vistas à sua inclusão social e linguística. A LSF, enquanto teoria linguística voltada para os usos sociais da linguagem, oferece uma base adequada para compreender como a língua pode funcionar

como instrumento de mediação social e empoderamento de grupos em mobilidade forçada. Como apontam Halliday e Matthiessen (2004), a linguagem não é apenas reflexo da realidade, mas um recurso semiótico para a construção de significados em contextos específicos, o que a torna central no processo de acolhimento e integração. Além disso, dialoga-se com autores como Rose e Martin (2012), que reforçam a importância do letramento pedagógico e da análise do discurso em contextos educativos multiculturais, apontando que a aprendizagem linguística deve considerar as práticas sociais e os gêneros discursivos próprios de cada contexto. Assim, busca-se compreender não apenas a presença ou ausência de políticas linguísticas públicas, mas também como essas ações contribuem ou não para a inserção digna dessas pessoas no tecido social araguainense.

Palavras-chave: Português. Língua. Acolhimento. Imigração.

Referências:
HALLIDAY, M. A. K. An introduction to functional grammar. 2. ed. London: Arnold, 1994.
HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. An introduction to functional grammar. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.
ROSE, David; MARTIN, J. R. Learning to write, reading to learn: Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School. Sheffield: Equinox Publishing, 2012.

Estudos sobre metodologias ativas para o ensino de língua portuguesa: pesquisas em escolas de Tomé-Açu/PA

Sindy Rayane de Souza Ferreira Mendes
Doutora em Estudos Linguísticos UFPA
Docente Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA
sindy.r.s.ferreira@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo apresentar a proposta de um projeto de pesquisa o qual busca realizar estudos sobre teorias e metodologias ativas que orientem o ensino de língua portuguesa na educação básica, no município de Tomé-Açu, no estado do Pará. O trabalho constitui-se, teoricamente, a partir de Oliveira et. al (2025), Pereira e Costa-Hubes (2021), Vasconcelos (2021) e Pilati (2017), autores que trazem reflexões e propostas teórico-metodológicas a respeito do ensino de gramática nas aulas de língua portuguesa; o trabalho também se orienta pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC, documento norteador do ensino na educação básica. As pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto caracterizam-se como exploratórias, qualitativas e aplicadas, desenvolvendo-se conforme as seguintes etapas metodológicas: a) levantamento e organização bibliográfica das principais teorias e trabalhos sobre o tema da pesquisa, com posterior leitura e análise crítica; b) reuniões quinzenais para estudo e discussão dos pressupostos teóricos; c) pesquisas de campo em duas escolas do município de Tomé-Açu para observação, identificação e avaliação das práticas metodológicas utilizadas (PA); d) proposição de metodologias ativas para o ensino de língua portuguesa; e) aplicação das propostas teórico-metodológicas nas escolas; f) registro, organização e análise dos resultados das pesquisas. Os discentes, membros do projeto, estão desenvolvendo pesquisas em turmas de ensino fundamental de duas escolas, uma particular e a outra pública.

Atualmente, os pesquisadores estão realizando observações nas turmas investigadas para identificar as metodologias que os professores de língua portuguesa utilizam para ensinar, principalmente, conteúdos de análise linguística, e se essas metodologias estão sendo eficazes para a aprendizagem dos alunos. Após as observações, os pesquisadores irão propor metodologias ativas (jogos pedagógicos, atividades lúdicas etc.) que visem ajudar os alunos a se apropriarem dos conhecimentos ensinados. Em articulação com os professores das turmas, eles irão aplicar as propostas didáticas, colaborando, assim, para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos. Ademais, este trabalho enfatiza que pesquisas dessa natureza são importantes para a reformulação, atualização e melhora dos métodos utilizados para o ensino de língua materna, uma vez que o ensino da língua portuguesa nas escolas brasileiras ainda enfrenta desafios constantes, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Ensino, Língua Portuguesa, Aprendizagem ativa, Educação básica.

Referências

PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição. Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima; MORAES, Maria Célia de; SENE, Marcus Garcia de (Orgs.]. Ludicidade no ensino de Língua Portuguesa: explorando e aprendendo com jogos pedagógicos manipuláveis. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.

PILATI, Eloisa. Linguística, gramática e aprendizagem ativa. 2. Ed. Campinas: Pontes, 2017.

VASCONCELOS, Silvia Inês C. C. Ludicidade no ensino de português como língua materna e não materna. São Paulo: Mentes Abertas, 2021. Disponível em https://www.academia.edu/77580050/e_Book_LUDICIDADE_NO_ENSINO_DE_PORTUGU%C3%8AS_COMO_L%C3%8DNGUA_MATERNA_E_N%C3%83O_MATERNA. Acesso em 22 jan. 2025.

Análise da Morfologia Estrutural da Narrativa Oral Ikpeng, Wago Mïran “História Do Macaco Preguiça”, Segundo Vladimir Propp

Samuel Carvalho de Araujo Santos
Graduando em Letras - UFPA
samuel.santos@ilc.ufpa.br

RESUMO: O presente trabalho apresenta os resultados de um estudo analítico referente à estrutura de uma narrativa indígena pertencente ao povo Ikpeng: Wago Mïran “História do Macaco Preguiça”. O objetivo da pesquisa foi confrontar a hipótese do estruturalista russo Vladimir Propp que em seu estudo sobre a “Morfologia do Conto Maravilhoso”, propôs – a partir da observação da verossimilhança entre várias narrativas orais europeias – a existência de uma estrutura universal como ‘espinha dorsal’ desses textos que, conforme o autor distingue os personagens, mas têm em comum para todas as narrativas orais as ações desenvolvidas por eles, como se houvesse um ‘supra-roteiro’ que guiasse o desenvolvimento da trama de todas essas narrativas. Assim, o referido autor foi utilizado como o principal referencial teórico-metodológico. Portanto, analisa-se na narrativa Ikpeng, as “Funções dos Personagens” atreladas aos episódios que constituem as ações dos personagens na história, bem como as suas “Esferas de Ação” que diz respeito a atuação desses personagens no enredo

do conto. Os resultados encontrados significativamente corroboram a hipótese de Propp no que diz respeito à relação universal de semelhança entre as narrativas de povos sem nenhuma relação. Em decorrência disso, esses resultados possibilitam duas conclusões, sendo a primeira, a verificação da hipótese do autor de que as narrativas orais estão estruturadas em um padrão comum universal de acontecimentos que fundamenta todas elas em funções e esferas. A segunda conclusão, refere-se à organização linear que apresenta para esta e outras narrativas indígenas um padrão coerente e lógico no enredo da trama, no âmbito desta análise morfológica/estrutural estabelecida por Propp.

Palavras-chave: Wago Mïran/História da preguiça; Vladimir Propp; Funções dos Personagens; Esferas de Ação; Narrativa Oral Ikpeng.

Referências:

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

Perspectivas discursivas sobre a diversidade linguístico-cultural na Amazônia, na América Latina e na África

THOMAS MASSAO FAIRCHILD

HERODOTO EZEQUIEL FONSECA DA SILVA

COMUNICAÇÕES

A Língua Apurinã como Repositório de Saberes Ambientais e Ontologias Relacionais na Amazônia

Interferências da oralidade na escrita: uma análise a partir de textos de alunos do 9º ano do ensino fundamental à luz da sociolinguística educacional

Narrativas orais de Abaetetuba-PA: operações discursivas em produções escritas de alunos do 8ºano

A Identidade Cultural na Produção Escrita de Alunos do 9º ano: Trabalhando com músicas e Produções de Paródias.

A MOBILIZAÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICO-CULTURAL DE ALUNOS DO 9º ANO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA, DA ESCOLA AMÃNCIO BRITO SITUADA EM AUGUSTO CORRÊA/ PA

Consagração e Desigualdade Epistêmica: as línguas angolanas na Circulação Internacional do Conhecimento

Linguagem, Gênero e Questões Ambientais: Um Estudo das Práticas Discursivas de Professoras de Comunidades Ribeirinhas no Brasil e Rurais de Fronteira no Uruguai

A TEMÁTICA INDÍGENA NA SALA DE AULA DO CEMEAM: O APAGAMENTO DE LÍNGUAS E CULTURAS AMAZÔNICAS

A Língua Apurinã como Repositório de Saberes Ambientais e Ontologias Relacionais na Amazônia

Francisco Moura Candido Apurinã (Iumunyry)
Instituto Pupÿkary
fr.apurina@gmail.com

Pirjo Kristiina Virtanen
University of Helsinki
pirjo.virtanen@helsinki.fi

Sidi Facundes
UFPA
sfacundes@gmail.com

A relação intrínseca entre diversidade linguística e saberes ambientais em povos tradicionais da Amazônia é um campo de pesquisa crucial para compreender as complexas formas como as comunidades se relacionam e interpretam o mundo que as cerca. Este trabalho investiga a língua apurinã (Aruák), falada no sudoeste da Amazônia brasileira, como um sistema que não apenas descreve a realidade, mas a codifica de modo a refletir uma cosmologia profunda e saberes ambientais . Nosso estudo, baseado em extenso trabalho de campo e análise linguística, explora como o idioma apurinã, em suas estruturas e práticas discursivas, manifesta uma ontologia relacional, desafiando categorias ocidentais rígidas e revelando a agência dos sujeitos na construção de suas identidades e percepções do cosmos. A análise se aprofunda no domínio das **narrativas tradicionais**, exemplificadas pela história de Awãi, oferecem um domínio privilegiado para desvelar a cosmologia Apurinã e a fluidez das fronteiras entre espécies. Através da análise de marcadores gramaticais de tempo, aspecto e localização, observa-se como a língua codifica uma realidade onde seres transitam entre formas de existência (humano/não-humano, animal/planta) e onde a transformação ontológica é inerente. O sistema temporal não-linear e o uso do aspecto para marcar transições ontológicas revelam uma percepção cíclica do tempo e do espaço que incorpora dimensões cosmológicas e liminares. Essa gramática espelha uma visão de mundo holística, onde todas as formas de vida são interconectadas e as identidades são construídas relacionalmente, não fixamente. Em conclusão, a análise da língua Apurinã demonstra como as narrativas expressam saberes ambientais complexos e participam na constituição de ontologias relacionais. Este trabalho contribui para o mapeamento de pesquisas sobre a temática ao evidenciar como uma língua indígena amazônica desafia categorias do pensamento ocidental, oferecendo um exemplo concreto da riqueza da diversidade linguística na compreensão de formas alternativas de organizar a realidade. A pesquisa ressalta a importância de valorizar e investigar as formas discursivas de comunidades tradicionais para compreender a profundidade de seus saberes e questionar os processos pelos quais esses conhecimentos são incorporados e por vezes ressignificados em discursos hegemônicos.

Palavras-chave: Linguagem, Cosmologia, Apurinã, Saberes Ambientais, Ontologias Indígenas, Discurso.

Referências:

Apurinã, Francisco. Os Kusanaty Apurinã: diplomatas e guardiões do planeta. Cadernos de Linguística, v. 4, p. e698-717, 2023.

Facundes, S. Classificatory nouns in Apurinã. In Proceedings of the Conference on Indigenous Languages of Latin America IV. University of Texas at Austin. 2009.
Lakoff, G., & Johnson, M. Metaphors we live by. University of Chicago Press. 1980.
Santos, T. L. N. A concepção de tempo e espaço na narrativa tradicional Apurinã: A história de Awãi. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará. 2025.
Virtanen, Pirjo Kristiina ; Apurinã, Francisco . Relational Plants and Apurinã's Multibeing Life-Making. JOURNAL OF ETHNOBIOLOGY, v. 44, p. 370-380, 2024.
Viveiros de Castro, E. Cosmological deixis and Amerindian perspectivism. Journal of the Royal Anthropological Institute, 4(3),1998, 469-488.

Interferências da oralidade na escrita: uma análise a partir de textos de alunos do 9º ano do ensino fundamental à luz da sociolinguística educacional

Aline dos Santos Bezerra
Mestranda do PROFLETRAS - UFPA
bezerra.alinesantos@gmail.com

Herodoto Ezequiel Fonseca da Silva
Doutor em Estudos Linguísticos - IFPA/PROFLETRAS - UFPA
herodotosilva@ufpa.br

Resumo: Este trabalho resulta de pesquisa que está sendo desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), tem como objetivo central analisar as interferências da oralidade na escrita de textos produzidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental sob uma perspectiva sociolinguística educacional. Para tanto, o estudo fundamenta-se na perspectiva da sociolinguística educacional defendida por Bortoni-Ricardo (2004, 2021); bem como dialoga com apontamentos teóricos de Bagno (2015, 2017) e de Marcuschi (2010), considerando a heterogeneidade linguística e os contínuos de oralidade-letramento como ferramentas teóricas centrais para compreender o fenômeno da variação e diversidade linguística no ambiente escolar. A pesquisa lança mão de uma abordagem qualitativa, configurando-se como uma pesquisa-ação (Paiva, 2019) – tanto para atender a um requisito do Programa de Mestrado Profissional, como pose acreditar ser uma forma profícua de realizar pesquisa no ambiente escolar, uma vez que traz uma proposta de intervenção para a problemática investigada. A pesquisa conta com a participação direta da professora-pesquisadora e de uma turma de 9º ano composta por trinta e seis alunos de uma escola pública municipal de Tomé-Açu. O *corpus* é constituído por textos produzidos em atividades específicas envolvendo o gênero artigo de opinião, além de um questionário diagnóstico com perguntas abertas e fechadas dispostas em três categorias: 1 Informações gerais; 2 Práticas linguísticas e 3 Relação com a escrita. A relevância desse instrumento se apresenta pela necessidade de estabelecer um perfil sociolinguístico dos sujeitos participantes, prática comum nas pesquisas do campo sociolinguístico para identificação de possíveis fatores variáveis e sua relação com os fenômenos observados. As análises ocorrem sob o viés da sociolinguística educacional, com atenção aos níveis fonológico, morfossintático, lexical e discursivo em que as marcas da oralidade se manifestam trazendo à luz a diversidade linguística da turma. Destaca-se que a partir dos resultados obtidos na avaliação diagnóstica, pretende-se apresentar uma sequência de atividades como proposta de intervenção, a qual contará com proposições de trabalho com o gênero textual artigo de opinião. Os resultados parciais indicam a presença de traços linguísticos como o apagamento de desinências verbais, repetição de elementos com função enfática e construções características da linguagem oral mesmo em contextos escritos que demandam mais formalidade. Tais achados demonstram a importância de um ensino que promova a consciência sobre a variação e diversidade linguística como um fator sociocultural e identitário, evidencia a relevância do desenvolvimento de competências comunicativas adequadas às diferentes situações de uso da língua.

Palavras-chave: Oralidade e escrita, sociolinguística educacional, ensino de língua portuguesa, variação linguística, produção textual, diversidade linguística.

Referências:
BAGNO, M. Preconceito linguístico. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
BAGNO, M. Dicionário crítico de sociolinguística. São Paulo: Parábola, 2017.
BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
BORTONI-RICARDO, S. M. Manual de sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2021.
MARCUSCHI, Luiz Antonio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
PAIVA, V. L. M. O. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2019.

Narrativas orais de Abaetetuba-PA: operações discursivas em produções escritas de alunos do 8º ano

Gleice Helem Ferreira Rodrigues
Mestranda do Profletras – UFPA
gleice.hellem@hotmail.com

Heródoto Ezequiel Fonseca da Silva – Orientador
(IFPA/PROFLETRAS - UFPA)
herodotosilva@ufpa.br

Resumo: Este estudo tem como tema as operações discursivas utilizadas na produção de narrativas abaetetubenses de alunos do 8º ano do ensino fundamental. A análise que apresentaremos faz parte de uma pesquisa de mestrado profissional (Profletras – UFPA) O objetivo desta pesquisa é desenvolver atividades de coleta e contação de narrativas orais abaetetubenses e realizar a análise das operações discursivas utilizadas nas produções. O público-alvo são alunos do 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública estadual em Abaetetuba, município que fica a 122 km da capital Belém. Para realizar este estudo, em relação à noção de "cultura" tomamos como base Certeau (1995 e 1998) e Eagleton (2000). O enfoque teórico utilizado nesse estudo é o interacionismo linguístico proposto por Geraldi (1997, 2011, 2013 e 2015), Gomes (2013) que aborda narrativas da tradição oral no ensino de língua, e Schlieben-Lange que postula discussões sobre "normas do falar" e "dar voz à variedade / língua local". O método de pesquisa utilizado nesse projeto é a pesquisa-ação, um instrumento que permite compreender a prática, avaliá-la e questioná-la, exigindo tomadas de decisões e ação. Os dados iniciais revelam que apesar de não parecer recorrente, a escuta de narrativas ainda é presente na vida dos alunos e eles ainda apresentam interesse em escutar e conhecer as narrativas da tradição oral que são contadas pelos moradores de Abaetetuba, por mais que a escuta já não seja frequente. As produções apresentam operações discursivas para incluir a fala de terceiros, para renomear e classificar objetos, inscrever o texto em uma determinada categoria e outras. A cultura local pode ser fortemente percebida nas produções de textos dos alunos por meio das expressões regionais utilizadas, personagens abordados, cenários e ambientações descritas que são típicos de nossa região, além dos valores percebidos nas narrativas. Esses aspectos enaltecem a cultura local e suas identidades coletivas.

Palavras-chave: retextualização; narrativas orais; tradição oral.

Referências
CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Campinas: Papirus, 1995.
EAGLETON, Terry. A Ideia de Cultura. Lisboa: Temas e Debates, 2000.
GERALDI, J. W. A aula como acontecimento. Tipave, Indústrias Gráficas de Aveiro Ltda. Aveiro: Portugal, 2004.
GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. Alfabetizar letrando com a tradição oral. São Paulo: Cortez, 2013.
SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. História do falar e história da lingüística / Brigitte Schlieben-Lange; tradução: Fernando Tarallo [et al.] - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

A Identidade Cultural na Produção Escrita de Alunos do 9º ano: Trabalhando com músicas e Produções de Paródias.

Andréa Lúcia Goncalves da Silva
Mestranda PROFLETRAS UFPA
andylucya@hotmail.com

Herodoto Ezequiel Fonseca da Silva
Doutor em Estudos Linguísticos -PPGL-UFPA
herodotosilva@ufpa.br

Resumo: Esta pesquisa tem como foco verificar em produções escritas, aliada à intertextualidade entre músicas e paródias, as marcas da identidade cultural em alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Este trabalho constitui-se de uma reflexão investigativa, sobre a linguagem escrita e seus usos na construção e desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem frente às necessidades linguísticas do aluno das regiões ribeirinhas. Para a fundamentação teórica, apresentamos as questões de cultura e identidade, nas visões de Laraia (2015), Santos (1996) e Hall (2006). As discussões sobre a produção de enunciados, seus usos, bem como seu movimento interacionista, será revista nos estudos de Marcuschi (2010) e Geraldi (2010;2011). Ainda, contamos com o apoio de contribuições teóricas das relações dialógico-discursivas sob a ótica de Bakhtin (2006). Partindo dos objetivos da pesquisa, empregamos métodos de pesquisa-ação, por meio da investigação "in loco" para mapear, analisar e refletir sobre as estratégias e procedimentos para o trabalho em sala. A pesquisa conta, como público-alvo, alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal "Santo Afonso" / Rio Xingu, região ribeirinha, no município de Abaetetuba. Assim, envolvendo os sujeitos-participantes no exercício de produção de textos por meio da produção de paródias, mediadas pela intertextualidade musical, desenvolve-se um trabalho que instiga o aluno a perceber a relevância social e cultural das suas práticas sócio identitárias, no dia a dia. Desta forma, para o trabalho com os participantes, alicerçamos nos modos como os alunos articulam os elementos de sua identidade cultural, a construção das paródias. Nesta direção, o trabalho possibilita a elaboração de e-book, como produto educacional, o qual se constitui do registro da materialidade música-fonte e as produções escritas, que abarca, as percepções identitárias e culturais dos alunos, em forma de produções parodísticas. Por fim, nesse contexto, esperamos que a pesquisa, auxilie na construção e desenvolvimento das competências linguísticas necessárias ao exercício cidadão da linguagem escrita dos alunos.

Palavras-chave: Cultura; Escrita; Paródia; Ensino de Língua Portuguesa.

Referências:
ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editori
al. 2003.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: . Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326.
BAKHTIN, M./VOLÓCHINOV, M. ***Marxismo e filosofia da linguagem***.12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929]
GERALDI, João Wanderley. Capítulo VIII - **A aula como acontecimento**. in_ A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
GERALDI, João Wanderley. et al. (org.). **O texto na sala de aula**. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 2011.
GNERRE, Maurizio. Capítulo 2 - **Considerações sobre o campo de estudo da escrita**. In Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 3ª ed. p. 35-95.
_____. Capítulo 3 - **da oralidade para a escrita**: o processo de redução da linguagem. In: Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 3ª ed. p. 101-115.
HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 11ª ed. 2006.
LARAIA, Roque de Barros, **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro. 27ª ed. Ed. Jorge Zahar, 2015.
LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação**: **abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs) **Gêneros**: **Reflexões** em. Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Capítulo I - **Oralidade e Letramento**. in_ da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10. ed. - São Paulo: Cortez, 2010

A MOBILIZAÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICO-CULTURAL DE ALUNOS DO 9º ANO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA, DA ESCOLA AMÂNCIO BRITO SITUADA EM AUGUSTO CORRÊA/ PA

Lucinéia Cunha de Carvalho Mestranda PROFLETRAS- UFPA

Heródoto Ezequiel F. da Silva
Doutor em Estudos Linguísticos UFPA/IFPA
herodotosilva@ufpa.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo central incorporar o ensino das variedades linguísticas dos alunos às aulas de Língua Portuguesa, de modo que eles possam investigar, analisar e compreender a riqueza da própria cultura linguística. Para isso, propõe-se uma metodologia baseada em pesquisas de campo, rodas de conversa, registros orais e escritos, a fim de produzir diagnósticos que revelem como os alunos se expressam em seus contextos cotidianos. Assim, a sala de aula se transforma em um espaço de escuta, análise e produção de sentidos a partir das vivências linguísticas reais dos estudantes. A pesquisa propõe uma reflexão sobre o ensino da Língua Portuguesa sob a ótica da sociolinguística, ancorada em concepções linguísticas e culturais contemporâneas. Nesse percurso, destacam-se as contribuições de Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2013; 2014), especialmente no que tange às discussões sobre variação linguística e preconceito linguístico. Para embasar as reflexões sobre cultura, recorre-se a Laraia (2015), cuja obra oferece importantes subsídios para compreender como as práticas socioculturais moldam o uso da linguagem. No que diz respeito ao delineamento metodológico da pesquisa, são mobilizados os fundamentos de Lüdke e André (1986), voltados à abordagem qualitativa e à pesquisa-ação. A discussão sobre o léxico, desenvolvida no capítulo de análise do glossário, é sustentada pelas reflexões de Antunes (2012), enquanto os estudos de Gnére (1990) e Geraldi (1997) fundamentam o debate sobre a centralidade da linguagem nos processos de ensino e aprendizagem. A proposta desta pesquisa parte da valorização das experiências linguísticas reais dos

estudantes, adotando suas próprias variedades linguísticas como ponto de partida para o estudo da linguagem. Ao observar que os livros didáticos tratam a temática da variação linguística de forma superficial e muitas vezes descontextualizada, surgiu a inquietação: por que não transformar o repertório linguístico dos próprios estudantes em objeto de estudo, permitindo que eles se reconheçam como sujeitos históricos e sociais da linguagem? Dessa inquietação nasceu a proposta de construção coletiva de um glossário que registre os vocábulos e expressões características dos falares locais dos alunos, funcionando como uma ferramenta de estudo linguístico e de valorização identitária.

Palavras-chave: aluno, identidade linguístico-cultural, aula de português, oralidade e escrita

Referências:

ANTUNES, Irandé. **O território das palavras: estudo léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2012

BAGNO, Marcos. Língua, linguagem e linguística: pondo os pontos nos ii. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

_____, **Preconceitos Linguísticos: o que é, como se faz?** São Paulo: Loiola, 2013

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo, Martins Fontes, 1992

BELTRÃO, Eliana Lucia Santos. **O Ensino da Oralidade e da Variação Linguística. Ele existe, afinal?** 2009. 163 p. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Organizadoras). **O Livro Didático de Português:** múltiplos olhares. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

GNERRE, Maurizzio. **Linguagem, escrita e poder**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GERALDi, João Wanderlei. Portos de passagem- 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997

LARAIA, Roque de Barros, **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro. 27ª ed. Ed. Jorge Zahar, 2015.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação**: **abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

Consagração e Desigualdade Epistêmica: as línguas angolanas na Circulação Internacional do Conhecimento

Milena Océria Sales
Doutoranda PGLUFPA
milena.sales@ilc.ufpa.br

Resumo: O presente trabalho insere-se em uma pesquisa de doutorado em andamento, que tem como foco central a circulação internacional do conhecimento e as relações dialógicas que se estabelecem nas produções acadêmicas voltadas para o estudo das línguas angolanas. Especificamente neste recorte, analisam-se os discursos que emergem em duas teses de doutorado e uma dissertação de mestrado que foram produzidas em contextos distintos: Angola, Brasil e Portugal. O objetivo é compreender os sentidos construídos em torno das línguas angolanas e os efeitos que esses sentidos produzem nas representações e legitimações dessas línguas no campo científico. Parte-se do entendimento de que tais construções discursivas não estão isoladas, mas são atravessadas por relações de poder, por processos históricos e por disputas simbólicas que envolvem a hierarquização dos saberes e das línguas. A justificativa para esta investigação está ancorada na constatação de que as línguas africanas historicamente foram silenciadas nos discursos produzidos sobre escrita acadêmica, permanecendo à margem dos debates científicos. Assim, compreender como essas línguas são

discursivamente tratadas por pesquisadores em diferentes contextos geográficos e institucionais permite revelar os modos pelos quais se reinscrevem as heranças coloniais nas práticas de produção do saber. A abordagem teórico-metodológica do trabalho está ancorada nos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso, conforme formulada por autores como Bakhtin (1961) e Volóchinov (1929), mobilizando conceitos como dialogismo, enunciado e vozes sociais, fundamentais para se compreender o funcionamento do discurso enquanto prática social e ideológica. Além disso, dialoga-se com a sociologia de Bourdieu (1996), particularmente com os conceitos de habitus e fetichismo da linguagem, os quais permitem refletir sobre os mecanismos de consagração de determinadas línguas em detrimento de outras, especialmente no interior das instituições acadêmicas. A escrita é tomada, aqui, como um espaço privilegiado de legitimação simbólica. A pesquisa adota ainda uma perspectiva decolonial, sendo os escritos de Mignolo (2003) mobilizados como aporte teórico que contribui para a análise dos modos como os textos em questão reinscrevem (ou não) formas de resistência epistêmica diante das heranças coloniais que persistem nas estruturas do saber. Assim, busca-se problematizar o lugar ocupado pelas línguas angolanas na constituição do fazer científico, examinando como essas línguas circulam, são representadas e ganham (ou perdem) visibilidade no interior do discurso acadêmico, em um cenário marcado por assimetrias de poder e saber. Observou-se que, embora as três produções analisem as línguas angolanas, elas o fazem a partir de lugares distintos de enunciação, com diferentes regimes de visibilidade. Como conclusão parcial, evidencia-se que o modo como as línguas angolanas são representadas nas pesquisas acadêmicas reflete e reproduz hierarquias simbólicas ancoradas em assimetrias históricas. Os sentidos produzidos operam como índices de uma colonialidade persistente, ainda que tensionada por movimentos de resistência discursiva.

Palavras-chave: Colonialidade do Saber. Línguas Angolanas. Discurso. Habitus. Consagração.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 2008.

Bakhtin, Mikhail. O problema do texto na linguística, na filosofia e em outras ciências humanas. In: **Estética da criação verbal.** Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p.307-335.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

VOLÓCHINOV, V./ BAKHTIN, M. **Marxismo e a Filosofia da Linguagem.** Editora 34. 1. ed. São Paulo, 2017.

Linguagem, Gênero e Questões Ambientais: Um Estudo das Práticas Discursivas de Professoras de Comunidades Ribeirinhas no Brasil e Rurais de Fronteira no Uruguai

Rejane Santos Nonato
Doutoranda PPGL- UFPA
rejanenonato@yahoo.com

Thomas Massao Fairchild
Doutor em Educação- USP
tmfairch@yahoo.com.br

Resumo: Em um cenário marcado por desigualdades sociais, ambientais e de gênero, o ensino de

línguas em comunidades tradicionais torna-se uma ferramenta estratégica para a valorização dos saberes locais e o fortalecimento da cidadania. Essa perspectiva crítica do ensino linguístico é essencial em territórios onde a escola representa uma das poucas instituições permanentes e acessíveis à população. Nesse sentido, as professoras de comunidades ribeirinhas amazônicas e de liceus rurais do Uruguai exercem um papel central como mediadoras de conhecimentos, guardiãs do território e formadoras de novas gerações. Assim, entender como essas mulheres ensinam e resistem é também compreender como se constroem práticas pedagógicas situadas, ecológicas e sensíveis às desigualdades de gênero. Por essa razão, essa pesquisa objetiva compreender como as professoras de comunidades tradicionais no Brasil e no Uruguai significam o ensino de línguas em relação a seus territórios e às lutas por reconhecimento ambiental e de gênero. Para compreender os sentidos produzidos pelas professoras em suas práticas de ensino em comunidades tradicionais, esta pesquisa se ancora na Análise do Discurso de orientação francesa, conforme desenvolvida por Michel Pêcheux. A perspectiva de Pêcheux (1983, 1988, 1990) contribui para esta pesquisa ao oferecer ferramentas teóricas para entender como os discursos das professoras são construídos, quais sentidos são autorizados, silenciados ou contestados, e de que maneira a linguagem atua como espaço de disputa simbólica nas comunidades tradicionais amazônicas e rurais latino-americanas. A pesquisa se inscreve no campo qualitativo, com base na perspectiva interpretativista, por compreender que os sentidos não são dados, mas produzidos na relação entre sujeitos, discursos e contextos. As sujeitas da pesquisa são professoras de Língua Portuguesa que atuam em escolas de comunidades ribeirinhas da Amazônia (no Brasil) e professoras de espanhol que atuam em liceus rurais de fronteira (no Uruguai). Os dados serão construídos por meio de entrevistas semiestruturadas com foco nos sentidos construídos pelas professoras sobre seu trabalho, o ensino de línguas, o território, as mulheres e o meio ambiente. A interpretação será guiada pela identificação das formações discursivas, mapeamento de sentidos sobre gênero, território, ensino e natureza e observação de contradições, resistências e silenciamentos no discurso. Assim, a análise será organizada por núcleos temáticos discursivos, agrupando os sentidos recorrentes e as rupturas nos discursos. Espera-se contribuir para o debate sobre justiça social, ambiental e epistêmica nos processos de ensino-aprendizagem em contextos periféricos latino-americanos.

Palavras-chave: Ensino de Línguas. Análise do Discurso. Relações de Gênero. Comunidades Tradicionais. Meio Ambiente

Referências:

MOITA LOPES, Luiz Paulo da Moita. Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1983.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O papel do professor na era da globalização. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

A TEMÁTICA INDÍGENA NA SALA DE AULA DO CEMEAM: O APAGAMENTO DE LÍNGUAS E CULTURAS AMAZÔNICAS

Edilani Ribeiro de Oliveira
Doutoranda em Linguística
PPGL/UFPA
edilanioliveiras@email.com

Thomas Massao Fairchild
Doutor em Linguística
fairchild@ufpa.br

Resumo: Este trabalho propõe discutir como a diversidade linguística e cultural dos povos indígenas da Amazônia é representada nas práticas discursivas do ensino de Língua Portuguesa ofertado pelo Centro de Mídias de Educação do Amazonas (CEMEAM). A pesquisa, de cunho qualitativo, bibliográfico e exploratório, investiga vídeos-aula e materiais textuais (cartelas) disponibilizados pela plataforma do CEMEAM, com o objetivo de analisar os sentidos construídos sobre as populações indígenas e seus saberes ambientais no contexto da educação pública mediada por tecnologia no estado do Amazonas. A análise será conduzida à luz da perspectiva dialógica do discurso, fundamentada em Bakhtin (2016; 2017) e nos estudos de autores como Geraldi (1997), Candau (2012), Bortoni-Ricardo (2008) e outros pesquisadores que discutem ensino e aprendizagem em interface com identidade, cultura, diversidade linguística e epistemologias dos povos tradicionais. Partimos do pressuposto de que o discurso escolar é atravessado por tensões ideológicas e que os conteúdos ensinados não são neutros, mas refletem posições enunciativas que podem tanto reforçar apagamentos históricos quanto promover a valorização das identidades coletivas. Assim, buscamos compreender de que forma os discursos pedagógicos veiculados pelo CEMEAM abordam — ou silenciam — a pluralidade linguística e cultural dos povos indígenas do Amazonas, problematizando os sentidos produzidos sobre essas comunidades em contextos formais de ensino. Privilegia-se a análise de gêneros discursivos característicos das aulas — como explicações, exemplos, comentários — nos quais se evidenciam os modos como o conhecimento é transmitido e os sujeitos indígenas são representados. Ao articular as práticas discursivas escolares com as questões da memória, da história e da ideologia, o estudo pretende contribuir para o mapeamento crítico das formas pelas quais os saberes tradicionais e as línguas indígenas são (re)significados na escola pública mediada por tecnologia. Além disso, propõe refletir sobre os deslocamentos de sentido que ocorrem quando esses saberes são retirados de seus contextos originais e apropriados por discursos institucionais. Espera-se, assim, fomentar debates sobre a urgência de políticas pedagógicas comprometidas com a preservação da diversidade linguístico-cultural amazônica e com o reconhecimento da agência dos povos indígenas na produção do conhecimento.

Palavras-chave: Diversidade linguístico-cultural, Educação indígena, Práticas discursivas, CEMEAM, Análise dialógica do discurso.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
CANDAU, Vera Maria. *Educação intercultural: mediações necessárias*. Petrópolis: Vozes, 2012.
GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

SIMPÓSIO TEMÁTICO
PRÁTICAS DE ESCRITA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES
WAGNER RODRIGUES SILVA
MARIO RIBEIRO MORAIS

COMUNICAÇÕES

Alfabetização e Letramento: Transição e desafios

Formação de professores e o uso de Metodologias Ativas na Educação de Jovens e Adultos

O GÊNERO MEMORIAL DE ESTUDO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO NUMA TURMA DO CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Sonhos e realidades: vivências de uma jovem professora

Escolinha da boneca: Uma trajetória de letramentos

"É caminhando que se faz o caminho": experiências de letramento de uma vida em formação

Do ensino à superação: uma história pessoal

Ecos do passado na construção do presente

Letramento e Identidade: História, Trajetória e Vida

Práticas de Letramento como Trajetória de Vida.

Legitimação de conhecimentos pela escrita reflexiva de professoras

Dos desafios a grandes conquistas

DO ABC À DOCÊNCIA: MINHA TRAJETÓRIA COM AS LETRAS

Histórias de superação: o caminho da Elidiane em direção à aprendizagem dos diversos letramentos

Silenciamento de vozes no letramento escolarizado

Entre Tijolos e Palavras: Minha Construção no Letramento

VENTURAS PELOS BOSQUES DA FICÇÃO E DO LETRAMENTO LITERÁRIO: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO TESTEMUNHAL

Alfabetização e Letramento: Transição e desafios

Rejane Cardoso Chaves
Mestranda PPGE - UFT
rejane.cardoso@mail.uft.edu.br

Mario Ribeiro Morais
Doutor em Letras, Língua e Literatura – UFNT
moraismario@mail.uft.edu.br

Resumo: Este estudo investiga a transição entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental no Brasil. A pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada e aborda os desafios significativos que essa transição impõe, especialmente no domínio da leitura e da escrita, o que pode impactar o desenvolvimento acadêmico e a permanência dos alunos na escola. A urgência do tema é reforçada por dados do SAEB (2022) que apontam que 44% dos alunos concluem o 5º ano com proficiência inadequada em Língua Portuguesa. Essas dificuldades se intensificam no 6º ano, revelando lacunas nos processos de alfabetização e letramento.O estudo busca aprofundar a compreensão das causas dessas lacunas, considerando não apenas aspectos cognitivos, mas também dimensões pedagógicas, socioemocionais e culturais. Para isso, diferencia teoricamente alfabetização e letramento, baseando-se em Magda Soares (2017)A pesquisa busca aprofundar a compreensão das causas dessas lacunas, transcendendo a mera análise de aspectos cognitivos. O foco se estende às dimensões pedagógicas, socioemocionais e culturais que permeiam o ambiente escolar e familiar. Para isso, o estudo se baseia na distinção teórica entre alfabetização e letramento proposta por Magda Soares (2017). A alfabetização é a aquisição do sistema de escrita, enquanto o letramento abrange as práticas sociais de leitura e escrita em diferentes contextos. A pesquisa propõe identificar e sugerir estratégias pedagógicas humanizadas e eficazes para superar as dificuldades encontradas na transição entre ciclos. A relevância da pesquisa reside na necessidade de reduzir a evasão e a repetência, que estão ligadas ao insucesso no letramento. Além disso, o estudo visa oferecer subsídios para políticas públicas e aprimorar a formação continuada de professores. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa - interpretativista para analisar os fenômenos educacionais e valorizar as percepções e experiências dos envolvidos. Os resultados almejam subsidiar políticas públicas, fortalecer a formação docente e reduzir desigualdades educacionais. O estudo busca propor estratégias pedagógicas que se alinhem ao conceito de letramento crítico de Roxane Rojo(2009) e a abordagem humanizadora de Paulo Freire (2019). A pesquisa pretende orientar intervenções pedagógicas, como projetos de mediação de leitura e programas de formação continuada, que transformem a transição escolar em um processo de consolidação de aprendizagens, conforme defendido pro Soares (2017). Assim, o estudo reforça o papel da escola como um espaço de desenvolvimento integral, no qual o letramento crítico é uma ferramenta de emancipação social.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Transição, Ensino Fundamental e Formação de Professores.

Referências:
BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Edições 70, 2011.
FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra, 2019.
ROJO, R. Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social. Parábola, 2009.
SOARES, M. Alfabetização e Letramento. Contexto, 2017.

Formação de professores e o uso de Metodologias Ativas na Educação de Jovens e Adultos

Ariane Ribeiro dos Santos
Mestranda do PPG-Letras/UFT ariane.santos@mail.uft.edu.br

Mário Ribeiro Morais
Doutor em Letras-UFNT moraismario@mail.uft.edu.br

Resumo: Este trabalho propõe investigar os desafios enfrentados no uso de Metodologias Ativas, no ensino de Língua Portuguesa, decorrentes da insuficiência de Formação Continuada dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no 3º segmento, correspondente ao Ensino Médio. Conforme a LDB 9394/96, no Capítulo II, Seção V, artigo 37, aborda que a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria, isto é, em sua maioria, são jovens, adultos e idosos que passaram longos períodos sem frequentar à escola e, com isso, apresentam diversas lacunas de aprendizagens, bem como participam das aulas cansados em virtude da rotina exaustiva de trabalho durante o dia, pois conforme Arroyo (2006), estão formando-se e deformando-se nas precárias vivências do trabalho e da sobrevivência, portanto é necessário que as aulas de Língua Portuguesa sejam atrativas. Além disso, as mudanças ocorrem no cenário educacional e é imprescindível que o aluno seja agente ativo no processo de aprendizagem, que promova a construção do conhecimento através da sua participação e autonomia, isto é, que não seja apenas um receptor de informações, portanto é necessário propor aulas diversificadas associadas à realidade dos estudantes a fim de contribuir com uma aprendizagem significativa e dinâmica. Por meio de uma abordagem qualitativa, os estudos buscam realizar uma análise detalhada e ampla, a fim de explorar as percepções dos estudantes e experiências dos docentes envolvidos na EJA, que possibilitem uma compreensão detalhada dos processos de ensino-aprendizagem mediados por Metodologias Ativas. A partir dos estudos a serem desenvolvidos, bem como ao analisar os desafios e as potencialidades quanto a inserção de Metodologias Ativas, no ensino de Língua Portuguesa, este trabalho busca contribuir para a construção de estratégias pedagógicas capazes de promover um aprendizado significativo e de qualidade. Espera-se, assim, comprovar a importância de Formações continuadas destinadas aos professores da EJA e ampliar as oportunidades educacionais dos jovens e adultos que retornam à escola, as quais favoreçam não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também a ampliação de suas perspectivas profissionais e de inserção social.

Palavras-chave: Formação, Professores, EJA, Metodologias Ativas, Língua Portuguesa.

Referências:

ARROYO, Miguel. **Formar educadores e educadoras de jovens e adultos**. In: SOARES,Leoncio (Org.).Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizontes :Autêntica/ Secad/ MEC/Unesco, 2006, p. 1832.

BRASIL. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 5 de março de 2025.

O GÊNERO MEMORIAL DE ESTUDO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO NUMA TURMA DO CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nelivaldo C. Santana
Doutorando em Educação
E-mail: neliosc@ufpa.br

Lorena Dantas de Santana
Acadêmica do Curso de Letras – Língua Portuguesa
E-mail: lorena.santana@altamira.ufpa.br

Luana Vitória Lima Menezes
Acadêmica do Curso de Letras – Língua Portuguesa
E-mail: luana.menezes@altamira.ufpa.br

Ana Karolinny Alves dos Santos
Acadêmica do Curso de Letras – Língua Portuguesa
E-mail: ana.karolinny@altamira.ufpa.br

Resumo

O gênero memorial de estudo é um instrumento de aprendizagem escolar por meio do qual a estudante registra por escrito e reflete sobre o tema, os conceitos e mesmo a respeito dos objetos de aprendizagens. As caraterísticas estruturais e discursivas desse gênero textual (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004; MARCUSCHI, 2002) carecem ser ensinadas às estudantes nos diferentes níveis de aprendizagem, destacando a importância didática do mesmo para o desenvolvimento da aprendizagem. O presente relato de aprendizagem, pautado em uma abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), descreve a prática de produção de escrita do gênero *memorial de estudo* realizados por estudantes do quarto período do Curso de Letras Língua Portuguesa, durante as aulas de Sociolinguística, na Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará. As interpretações foram realizadas com base nos estudos da Análise Crítica de Discurso – ACD – de Norman Fairclough (2016). Os primeiros resultados demonstram que a prática sociodiscursivo do gênero possibilita os estudantes confrontarem entre si o que aprendem, como aprendem. A prática do gênero em tela permitiu às estudantes exercitarem diferentes técnicas da escrita acadêmica (paráfrase, citação direta) e se perceberem no processo de autoria continua durante a qualificação acadêmica para a docência.

Palavras-Chave: Memorial de Estudo. Análise Crítica de Discurso. Ensino. Gênero Textual

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança social**. 2ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. IN: SCHENEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros Orais e Escritos na Escola.** Campinas: Mercado das Letras, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1986.

Sonhos e realidades: vivências de uma jovem professora

Monique do Monte Machado
Mestranda PPGL - UFT
monique.machado@mail.uft.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta um relato testemunhal com o objetivo de refletir sobre a constituição da identidade docente a partir das vivências de uma jovem professora de Língua Portuguesa. A partir da pergunta norteadora — de que maneira as experiências pessoais, escolares e profissionais influenciam a prática pedagógica? —, a autora revisita sua trajetória desde a infância até o ingresso no mestrado, discutindo como as práticas de letramento vividas nas diferentes fases da vida contribuíram para a construção de seu olhar educacional. A fundamentação teórica baseia-se nos conceitos de letramento (Soares, 2003), letramento crítico (Hoppe, 2014; Kleiman, 1995) e letramento literário (Morais; Silva, 2017), relacionando-os à noção de docência reflexiva (Schön, 1992) e à perspectiva da consciência do inacabamento (Freire, 1996). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho autobiográfico, com abordagem narrativa. O texto foi desenvolvido por meio da escrita de memórias, ligando fatos da vida pessoal a experiências escolares, acadêmicas e profissionais. Os instrumentos utilizados foram registros pessoais, atividades docentes, vivências em projetos como a Residência Pedagógica e estágios supervisionados. Como principais achados, destacam-se: (1) o papel do letramento familiar e escolar na formação do gosto pela leitura e escrita; (2) a influência das professoras de língua portuguesa na escolha profissional; (3) a importância dos projetos de formação inicial na articulação entre teoria e prática; e (4) a valorização da empatia e da reflexão na atuação docente. Conclui-se que as experiências de vida se tornam ferramentas importantes para pensar a educação de forma crítica e sensível às realidades dos estudantes.

Palavras-chave: Letramento, Formação Inicial, Ensino de Português, Prática Reflexiva.

Referências:

Freire, P. R. N. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
Hoppe, M. C. A formação de professores: o letramento crítico na sala de aula e as práticas sociais. Uniletras, Ponta Grossa, v. 36, n. 2, p. 201-209, jul/dez. 2014. Disponível em: . Acesso em: 20 de dez. 2024.
Kleiman, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola". In: _____. (Org.). Os significados do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61.
Morais, M. R.; Silva, W. R. Afinal, existe crise de leitura literária? Revelli – Revista de Educação, Linguagem e Literatura, v. 9, n. 3, p. 1-26, set. 2017. ISSN 1986-6576. Disponível em: <file:///C:/Users/moniq/Downloads/admin,+Journal+manager,+6040-23370-1-CE+editado+pg++1-26%20(1).pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024.
Soares, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Escolinha da boneca: Uma trajetória de letramentos

Jéssica Sena Lima dos Santos
Mestranda no PPGLetras - UFT
Jessica.sena@mail.uft.edu.br

Tendo em vista que um dos desígnios da Linguística Aplicada é legitimar saberes e histórias tradicionalmente marginalizadas no espaço acadêmico, como os saberes e trajetórias de professoras, este capítulo apresenta uma narrativa autobiográfica escrita em primeira pessoa, articulando

experiências pessoais e profissionais com referenciais teóricos sobre letramento, ensino e linguagem (Silva, 2022). Ainda que o uso da primeira pessoa não seja tematizado teoricamente no texto, sua presença revela um gesto de inserção e legitimação de saberes docentes situados, mobilizando a experiência como fonte legítima de reflexão e produção de conhecimento.O texto foi desenvolvido como trabalho final da disciplina Letramentos e Ensino, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (Câmpus de Porto Nacional), e compõe a obra organizada por Silva (2025), que reúne relatos de professoras em formação. A partir da rememoração de vivências que atravessam infância, escolarização e docência, analisa-se como práticas familiares, escolares e comunitárias contribuíram para a constituição da identidade leitora, escritora e docente da autora.Trata-se de uma pesquisa qualitativa de base autobiográfica, ancorada na perspectiva da Linguística Aplicada, com aportes nos estudos dos letramentos (Soares, 2020; Kleiman, 2009), dos multiletramentos (Rojo; Moura, 2019) e nos estudos decoloniais (Santos, 2007). A análise evidencia o papel da linguagem como potência de transformação e agência em contextos marcados por desigualdade social, trazendo discursos sobre formação docente a partir de uma escrita situada, sensível e humanizada.

Palavras-chaves: letramentos, narrativa autobiográfica; formação docente.

Referências:

FERNANDES, F. V. A. **Ensino de argumentação em projetos de letramento**. 2022. Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2021.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. (1-25), dez. 2007. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/download/242/196. Acesso em: 16 KLEIMAN, A. Projetos de letramento na educação infantil. **Caminhos em Linguística Aplicada**, unitau. Taubaté, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: www.unitau.br/caminhosla. Acesso em: 14 dez. 2024.

ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

SANTOS, Boaventura. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos**, São Paulo, 2007, n. 79, p. 71-94. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004. Acesso em: 01 dez. 2024.

SILVA, Wagner Rodrigues; CAMPOS, Leonilde. **Empoderamento profissional de alfabetizadoras em sessões virtuais colaborativas.** Revista Brasileira de Educação, v. 27, e270114, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270114. Acesso em: 10 jul. 2025.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

“É caminhando que se faz o caminho”: experiências de letramento de uma vida em formação

Paulo Pércio Quintanilha Guelpeli
Mestrando em Letras - UFT
paulopercio@hotmail.com

Neste relato autoetnográfico começo com minhas lembranças de infância na cidade de Barra do Piraí no estado do Rio de Janeiro até o início da minha pós-graduação na Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Porto Nacional, no Mestrado em Letras. A autoetnografia é a escrita de relato próprio a partir de contextos familiares, sociais, culturais e profissionais, que influenciam um percurso ou uma fase de vida do autor, permitindo abordagens e análises sob diversos aspectos, não se tratando portando de uma escrita simplesmente autobiográfica. Desta feita inicio com minha infância em uma cidade onde a ferrovia tem papel importante na economia e minha família está ligada a ela, relato as experiências de letramento de meu avô e

meu pai, operários desta ferrovia com pouco estudo, mas galgando cargos de relevância a partir da prática da leitura e da escrita, em contextos profissionais e pessoais, diversos suportes e variadas linguagens. Contextualizo esta infância a partir das conversas ouvidas em família, das conversas com minha mãe, professora e pedagoga, e dos questionamentos que fazia sobre o momento político que vivíamos, pois durante toda minha infância e juventude vivi sob o regime da ditadura militar. Ressalto também que desde tenra infância a presença de revistas, livros, discos foram fundamentais para meu crescimento, assim como a escrita incentivada por minha mãe. Eventos de letramento que ajudaram a construir uma persona que procurava pelo caminho do conhecimento uma melhor posição no mundo. Vindo do contexto familiar de operários também me tornei um ferroviário – mecânico de locomotivas diesel –, e na sequência concluí mais dois cursos técnicos, relatos estes onde o letramento apresenta-se em diversas oportunidades. Observando que este mundo transformava-se pelas vias da tecnologia, novamente a partir de diversos eventos de letramento, busquei mais qualificação profissional para traçar novos caminhos, sendo assim relato ainda a minha trajetória por duas graduações e minha entrada no Mestrado. As bases deste relato começam pela compreensão do que realmente é uma autoetnografia e como meu posicionamento e leitura do mundo (Freire e Macedo, 2011) influenciaram o futuro a partir dos caminhos perpassados. Para isso foram importantes as leituras de Christopher Wulf (2022) e Adams, Ellis e Jones (2017) com sua visão antropológica. Alicerço minhas abordagens nos seguintes autores: Barton e Hamilton (2003), Dionísio (2007), Freire (1997), Freire (2002), Soares (2005), Marcuschi (2001), Silva e Delfino (2021) e Street (2014), refletindo teoricamente sobre: letramento crítico, autonomia, letramento ideológico e, principalmente, letramento como prática social, que me permitiu minha movimentação no tecido social e ascensão pessoal e profissional. Finalizo concluindo que diversos "eus" se apresentaram e se fundiram em minha trajetória, todos eles, no entanto conduzidos pela educação, pela busca incessante do conhecimento e, fundamentalmente, por uma busca constante de posicionamento político e pessoal, condizente com uma formação humana que é proporcionada pela Educação. No término deixo claro que não existe ponto final, muitos caminhos ainda existem a serem percorridos.

Palavras-chave: Autoetnografia, Letramento, Escrita, Oralidade, Letramento crítico, Educação.

Referências:

Adams, Tony; Ellis, Carolyn.; Jones, Stacy. 2017. Autoethnography. The International Encyclopedia of Communication Research Methods.

Barton, David; Hamilton, Mary. 2003. Local literacies: reading and writing in one community. Taylor & Friends. London: e-Library.

Dionísio, Maria de Lurdes. 2007. Educação e os estudos atuais sobre letramento. Perspectiva, Florianópolis.

Freire, Paulo. 1997. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra. São Paulo.

Freire, Paulo. 2002. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a que ousa ensinar. Paz e Terra. São Paulo.

Freire, Paulo; Macedo, Donaldo. 2011. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Paz e Terra. São Paulo.

Marcuschi, Luis Antônio. 2001. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. Mercado de Letras. São Paulo.

Silva, Wagner; Delfino, Juliana. 2021. Letramentos familiares na política brasileira de alfabetização. Revista Brasileira de Alfabetização. São Paulo.

Soares, Magda. 2005. Alfabetização e letramento. Contexto. São Paulo.

Street, Brian. 2014. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Parábola Editorial. São Paulo.

Wulf, Christopher. 2022. Educação como conhecimento do ser humano na era do Antropoceno: uma perspectiva antropológica. Cortez Editora. São Paulo.

Do ensino à superação: uma história pessoal

Shymênia Regina Pereira Miranda
Mestranda do PPG Letras - UFT
shymenia.miranda@uft.edu.br

Mário Ribeiro Morais
Doutor em Ensino de Língua e Literatura
moraismario@uft.edu.br

Resumo: O presente trabalho apresenta um relato autobiográfico elaborado pela mestranda Shymênia Regina Pereira Miranda, no qual são revisitadas as etapas de sua trajetória de letramento, desde os primeiros anos na educação infantil até a conquista do ingresso no Mestrado em Letras da Universidade Federal do Tocantins, no Câmpus de Porto Nacional. A narrativa entrelaça memórias afetivas e vivências educacionais às reflexões teóricas desenvolvidas na disciplina "Letramento e Ensino" do PPG-Letras/UFT, no semestre letivo 2024/2. A investigação adota uma abordagem qualitativa, de natureza autobiográfica, fundamentada em revisão bibliográfica, articulando passagens concretas da autora com pressupostos teóricos sobre letramento. O aporte teórico baseia-se em autores como Street (2014), Soares (2002; 2004), Freire (1989; 2005), entre outros. A relevância da pesquisa reside na capacidade de revelar as múltiplas dimensões do letramento, evidenciando como experiências singulares dialogam com as teorias, contribuindo para a compreensão acadêmica e a prática pedagógica em contextos diversos. Os resultados apontam para uma aproximação significativa entre a formação da mestranda e os referenciais teóricos estudados, destacando o impacto dessas reflexões em sua trajetória escolar, acadêmica e em situações de superação — incluindo acidentes e obstáculos sociais — que contribuíram para a constituição de sua identidade docente. A autora reconhece, em seu percurso, uma ampliação conceitual do letramento: de uma perspectiva restrita à alfabetização técnica para uma visão mais abrangente, que incorpora práticas sociais, culturais e digitais, alinhando-se ao conceito de multiletramentos. O estudo confirma, ainda, que o letramento vai além de um conjunto de habilidades, constituindo um processo contínuo de construção identitária e posicionamento crítico no mundo.

Palavras-chave: Letramento, Trajetória autobiográfica, Identidade docente, Educação e superação, Práticas pedagógicas.

Referências:

ALMEIDA, Mariana Aparecida Paes. Métodos alfabetizadores: reflexões acerca da prática pedagógica de uma professora de 1ª série do ensino fundamental. In: Anais do II Congresso Nacional de Educação. Curitiba - Paraná, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2024.

CAZDEN, Courtney et al. Uma pedagogia dos multiletramentos: desenhando futuros sociais. Organizadores Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Tradutores Adriana Alves Pinto et al. Belo Horizonte: LED, 2021.

FERNANDES, Francisca Vaneíse Andrade. Ensino de argumentação em projetos de letramento. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.
FERNANDES, Elizangela Rocha da; MORAIS, Mario Ribeiro. Mediadores da leitura e formação do leitor. Revista Porto das Letras, v. 04, n. 03, p. 1-20, 2018.
FREIRE, Paulo. A importância de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
KLEIMAN, Ângela B. Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas, SP: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.
KLEIMAN, Ângela B., org. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-59.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de texto e compreensão. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento. Construir Notícias, Recife - PE, v. 07, n. 37, p. 5-29, nov./dez., 2007.
MORAIS, Mario Ribeiro; NOLETO, Mellina Luiza Ribeiro Cardoso. Alfabetização e letramento no documento curricular do Tocantins: concepções das habilidades no componente língua portuguesa anos iniciais. Revista Humanidades e Inovação, v. 9, n. 22, p. xx-xx, 2022.
NÓVOA, António. Formação de professores e trabalho pedagógico. Lisboa: Educa, 2002.
OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glícia A.; SANTOS, Ivoneide, B.de A. Projetos de letramento e formação de professores de língua materna. Natal: EDUFRN, 2011.
PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2008.
SILVA, Dilcinho Luiz. A relevância do letramento digital no percurso do processo de ensino e aprendizagem na pandemia: a realidade de Minas Gerais. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA8_ID304_01102020180233.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2024.
SILVA, Paulina G.F.da; SANTOS, Maria R.B.dos. Alfabetização e letramento: conceitos diferentes. VII Congresso Nacional de Educação (Conedu). Maceió - AL, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA8_ID304_01102020180233.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2024.
SILVA, Wagner Rodrigues. Estudo da gramática no texto: demandas para o ensino e a formação do professor de língua materna. Maringá - PR: Eduem - UEM,2011.
SOARES, Magda B. Letramento: o que é e como se faz? São Paulo: Cortez ,2004.
SOARES, Magda B. Práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez .2002.
SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em trânsito. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
STREET, B.V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola ,2014.
TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez ,8. ed. ,2006 [1995].

Ecos do passado na construção do presente

Vanúbia Medeiros Alves
Mestranda em Letras - UFT
va.nubia@hotmail.com

Neste trabalho, apresento uma narrativa autobiográfica de letramento construída a partir das minhas experiências escolares e sociais, desde a infância no interior do Maranhão até minha inserção no Mestrado em Letras na Universidade Federal do Tocantins. Cresci em um contexto familiar e comunitário onde a leitura e a escrita não eram valorizadas, e essa ausência de letramento inicial, aliada a práticas escolares autoritárias, dificultou meu processo de alfabetização e construção da identidade leitora. Ainda assim, momentos significativos como o contato com imagens de revistas, a vivência em uma creche estruturada e a participação em um jornalzinho escolar marcaram positivamente meu percurso, ressignificando minha relação com a linguagem. Utilizo a metodologia autobiográfica com base em uma abordagem qualitativa. O texto é composto por memórias pessoais que servem como instrumento metodológico, reflexivo e político, revelando vivências silenciadas e tensionando práticas escolares que ainda hoje reproduzem exclusão. Apoio-me teoricamente em autores como Paulo Freire (2005; 2019), que propõe a educação como prática de liberdade; Magda Soares (2003) e Angela Kleiman (1995), que discutem letramento como prática social; Brian Street (2014), com sua abordagem dos letramentos ideológicos; Cazden et al. (2021), que defendem os multiletramentos; e Wagner R. Silva (2024). A partir da escrita desta autobiografia, percebo que os obstáculos que enfrentei, embora tenham deixado marcas profundas, não me impediram de continuar. Pelo contrário, permitiram que eu desenvolvesse uma nova forma de olhar para a educação: mais humana, sensível e atenta às subjetividades. A escrita me ajudou a compreender que o letramento vai além da decodificação — ele envolve relações de poder, afetos, escutas e reconhecimento de identidades. As práticas pedagógicas que mais contribuíram para meu desenvolvimento foram aquelas que respeitaram minha história, valorizaram meu tempo e integraram meu contexto de vida à aprendizagem. Concluo que revisitar minha trajetória de letramento me permitiu reconhecer a educação como espaço de resistência e transformação. A partir dessas experiências, reafirmo meu compromisso com uma prática docente que reconheça as múltiplas formas de linguagem e os saberes locais como legítimos. Compreendo que ser educadora é também um ato político de escuta e acolhimento, e que minha própria história pode ser uma ponte para dialogar com as histórias de outras mulheres, mães e professoras que enfrentam realidades semelhantes às minhas.

Palavras-chave: Letramento, Autobiografia, Educação libertadora, Identidade docente.

Referências:

Cazden, C. et al. 2021. Multiletramentos: o novo discurso da educação. Parábola Editorial. São Paulo. SP.

Freire, Paulo. 2019. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. Cortez. São Paulo. SP.

Freire, Paulo. 2005. Pedagogia do oprimido. Paz e Terra. Rio de Janeiro. RJ.

Kleiman, Ângela. 1995. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Mercado de Letras. Campinas. SP.

Soares, Magda. 2003. Alfabetização e letramento. Contexto. São Paulo. SP.

Street, Brian V. 2014. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Parábola Editorial. São Paulo. SP.

Letramento e Identidade: História, Trajetória e Vida

Nágila Sávia Souza Quintanilha
Mestranda PPGL- UFT
nagila.quintanilha@mail.uft.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta um relato autobiográfico que analisa, sob a perspectiva de estudos do letramento, a construção identitária da autora a partir de suas experiências pessoais e acadêmicas. A narrativa percorre três eixos temporais: (1) a infância, marcada pelo letramento familiar mediado por contos orais e pela contradição entre o numeramento prático (como a venda de geladinhos) e as dificuldades com a matemática escolar; (2) a adolescência, onde estratégias criativas (como diários codificados) revelam a escrita como espaço de subjetividade; e (3) a vida adulta, em que a maternidade e à docência ressignificam o letramento como prática social transformadora. A análise destaca o papel dos avós e pais na formação de valores: o avô materno, que contratou uma professora para alfabetizar os filhos nos anos 1920; a mãe, professora que incentivou a leitura literária; e o pai, comerciante cujas narrativas orais fomentaram um letramento crítico. Na fase docente, evidencia-se a transição de uma prática pedagógica tradicional para abordagens centradas em gêneros textuais e memórias culturais, influenciada por teóricos como Kleiman (1995) e Freire (1970). O Mestrado em Letras surge como etapa decisiva nesse processo, articulando trajetória pessoal, pesquisa acadêmica e atuação profissional. Ressalta-se aqui o uso da escrita reflexivo no relato autobiográfico como registro acadêmico alternativo facilitador da formação profissional continuada de professoras.

Palavras-chave: Letramento. Identidade. Memória. Formação docente. Autobiografia.

Referências

Kleiman, Angela. 1995. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras. Campinas. SP.
Soares, Magda. 2003. Letramento: um tema em três gêneros. Autêntica. Belo Horizonte.
Toledo, Maria Eliete de Queiroz Ribeiro. Numeramento e escolarização: o papel da escola no enfrentamento das demandas matemáticas cotidianas. *In*: Fonseca, Maria da Conceição Ferreira Reis (org.). 2004. Letramento no Brasil: habilidades matemáticas. Global. SP. p. 97-114.

Práticas de Letramento como Trajetória de Vida.

Joanita Rodrigues de Sousa Miranda
Mestranda do PPGL/UFT – Campus Porto Nacional joanitarodriguesm@gmail.com

Wagner Rodrigues Silva
Doutor em Linguística Aplicada – UFT/CNPQ wagnersilva@uft.edu.br

O presente trabalho constitui um relato autobiográfico com enfoque na trajetória pessoal, acadêmica e profissional da autora, tendo como eixo central as práticas de letramento e seu papel na construção da identidade docente e no exercício da educação como ferramenta de transformação social. A narrativa parte do contexto de origem da autora, inserida em uma família com baixa escolaridade, e busca evidenciar como o letramento, entendido como prática social e cultural, ultrapassa a alfabetização técnica ao promover consciência crítica, empoderamento e inserção social de sujeitos historicamente marginalizados. A pesquisa é norteada pela seguinte questão: de que forma as práticas de letramento contribuíram para a formação e a atuação da autora como educadora e agente social? Para responder a essa indagação, a metodologia adotada foi qualitativa, ancorada na escrita autobiográfica e memorialística, o que permitiu à autora refletir sobre suas vivências em diferentes espaços formativos

– familiares, escolares, religiosos e profissionais – e correlacioná-las às teorias que fundamentam sua prática pedagógica. Os principais referenciais teóricos utilizados foram Magda Soares (1998), ao conceber o letramento como prática social além da alfabetização inicial; Brian Street (1984), ao defender o letramento como fenômeno cultural situado em contextos específicos; Paulo Freire (1970), com sua concepção de leitura do mundo precedendo a leitura da palavra e sua valorização da consciência crítica; Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), que apontam a criança como sujeito ativo no processo de alfabetização; Angela Kleiman (2006) e Carla Coscarelli (2019), que discutem os multiletramentos, a identidade docente e o empoderamento do educador; e Saviani (2008), cuja crítica à pedagogia tecnicista evidencia os limites de uma formação desvinculada da realidade social do aluno. Os resultados apontam que, mesmo diante de limitações financeiras e da ausência de apoio paterno, o incentivo materno à leitura e ao estudo foi decisivo para que a autora percorresse uma trajetória ascendente na área da educação. A formação inicial ocorreu em contextos escolares marcados por práticas tradicionais e autoritárias, que foram gradualmente confrontadas e ressignificadas pela autora à medida que se apropriava de concepções pedagógicas críticas e dialógicas. A atuação profissional da autora transitou por diferentes funções na educação básica e na gestão pública, culminando na supervisão escolar. Em cada uma dessas etapas, buscou promover práticas pedagógicas inclusivas e socialmente comprometidas, valorizando a cidadania, a escuta ativa e o protagonismo estudantil. O estudo reafirma a importância do letramento como caminho de emancipação e reforça a necessidade de formação docente pautada em valores humanistas e críticos.

Palavras-chave: Letramento; Identidade docente; Educação transformadora; Autobiografia; Multiletramentos

Referências:
COSCARELLI, Carla. Letramento digital e formação docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1985.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
KLEIMAN, Ângela. Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e ideologias. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas: Autores Associados, 2008.
SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
STREET, Brian. Literacy in Theory and Practice. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

Legitimação de conhecimentos pela escrita reflexiva de professoras

Wagner Rodrigues Silva
Doutor em Linguística Aplicada – UFT/CNPq
wagnersilva@uft.edu.br

A democratização do acesso a mestrados e doutorados em universidades brasileiras tem trazido desafios diferenciados a docentes atuantes em programas de pós-graduação *stricto sensu*, inclusive em cursos das Áreas de Estudos Linguísticos, Linguísticos Aplicados e Literários, os quais absorvem egressos de diferentes graduações, predominando os das Licenciaturas em Letras e em Pedagogia. Nesta comunicação proposta, investigo textos autobiográficos escritos por mestrandas e entregues como trabalho final de um componente curricular sobre estudos de letramentos e ensino de língua(gem), por mim ministrado junto a outro docente igualmente atuante na Linguística Aplicada (LA), para uma turma do Mestrado em Letras ofertado na Universidade Federal do Tocantins, no Câmpus de Porto Nacional. O propósito é mostrar o uso dos textos focalizados como um gênero catalisador (Signorini, 2006), haja vista os resultados educativos significativos alcançados junto às pós-graduandas, a exemplo (a) do exercício colaborativo e produtivo da (re)escrita de um registro

acadêmico não convencional e (b) da releitura de referenciais teóricos estudados proporcionada pela articulação de conceitos diversos a fatos rememorados. Nesse sentido são dois os objetivos específicos a serem respondidos: (1) identificar significados da escrita reflexiva experienciada pelas autoras e tematizados nos textos autobiográficos produzidos; (2) identificar conhecimentos legitimados em relatos de experiências vivenciadas pelas próprias autoras, envolvendo cenas pregressas do cotidiano familiar, educativo e profissional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa informada pela perspectiva indisciplinar da LA (Silva, 2021), tendo como principais fundamentos teóricos estudos dos letramentos (Signorini, 2007), da educação científica (Silva, 2020) e da abordagem crítica contracolonial (Bispo dos Santos, 2023). A pesquisa contribui para a investigações científicas realizadas no grupo Práticas de Linguagens (UFT/CNPq).

Palavras-chave: colaboração, educação científica, letramento, pós-graduação.

Referências:
Bispo dos Santos, Antônio. 2023. A terra dá, a terra quer. Ubu Editora, PISEAGRAMA. SP.
Signorini, Inês. (org.). 2006. Gêneros catalisadores: letramento e formação do professor. Parábola Editorial. SP.
Signorini, Inês. 2007. Letramento escolar e formação do professor de Língua Portuguesa. In: Kleiman, Angela; Cavalcanti, Marilda. (org.). Linguística Aplicada: suas faces e interfaces. Mercado de Letras. Campinas. SP. p. 317-338.
Silva, Wagner R. 2020. Educação científica como abordagem pedagógica e investigativa de resistência. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 59, n. 3, p. 2278-2308.
Silva, Wagner R. (org.). 2021. Contribuições sociais da Linguística Aplicada: uma homenagem a Inês Signorini. Pontes Editores. Campinas. SP.

Dos desafios a grandes conquistas

Shirley Batista da Silva Aguiar
Mestranda do PPG Letras - UFT
shirlleybatista@gmail.com

Mário Ribeiro Morais
Doutor em Ensino de Língua e Literatura
moraismario@uft.edu.br

Wagner Rodrigues Silva
Doutor em Linguística Aplicada
wagnersilva@uft.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta um relato pessoal da mestranda Shirley Batista da Silva Aguiar, que narra suas experiências com letramento, descrevendo sua trajetória desde os primeiros anos de vida até sua conquista do mestrado. Assim sendo, o autorrelato se conecta com as discussões teóricas realizada ao longo do curso da disciplina "Letramento e Ensino" do PPG-Letras/UFT, ministrada durante o segundo semestre do ano letivo 2024. Dessa maneira, a narração de suas próprias vivencias, relacionadas ao letramento, estabelece uma conexão com as teorias da área por meio de uma abordagem autobibliográfica testemunhal, qualitativa e de revisão bibliográfica. Para fundamentar teoricamente esse trabalho, foram consideradas as atribuições de autores como Boaventura (2007), Magna Soares (2003), Paulo Freire (2019) e entre outros. Desse modo, o trabalho se justifica por revelar a importância de explorar os conhecimentos sobre letramento. Ao dialogar com a realidade vivenciada pela mestranda, evidencia-se a capacidade de utilizar a leitura e a escrita de diversas formas e em diferentes contextos. Portanto, os resultados deste trabalho culminaram na relação entre as experiencias vivenciadas pela autora e as teorias que permeiam essa temática, evidenciando a

relevância dessas reflexões para compreensão ampliada do tema, bem como seu significado transformador na vida pessoal e profissional. Logo, sua história marcada por superações, revela a essencialidade do estudo sobre letramento, pois possibilita uma compreensão mais aprofundada da complexidade do tema, demonstrando as multiplicas dimensões que envolvem as práticas de leitura e escrita no cotidiano.

Palavras-chave: Autobiografia testemunhal, letramento, leitura e escrita, superação e inclusão.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 15 de dezembro de 2024.

CUNHA, EUGÊNIO, Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família / Eugênio Cunha. – 7 ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed.,2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais [online], 78 | 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt Acesso em 10 janeiro 2025.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 62. ed., 2019.

HOFFMAM, JUSSARA. Qual o significado da avaliação nas creches e pré-escolas?
Fonte:
https://intranet.pe.senac.br/dr/ascom/congresso/anais/2015/arquivos/pdf/atlas/Texto2JussaraHofman.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

KLEIMAN, A. Projetos de letramento na educação infantil. Revista Caminhos em Linguística Aplicada, UNITAU, v. 1, n.1, 2009. p. 1-10. Disponível em: www.unitau.br/caminhosla. Acesso em: 20 out. 2024.

NOLTE, D. HARRIS, R. As crianças aprendem o que vivenciam [Tradução de Maria Luiza Newlands da Silveira]. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

SILVA, Wagner Rodrigues. Contribuições sociais da linguística aplicada: uma homenagem a Inês Signorini/ Organizador: Wagner Rodrigues Silva – 1. Ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

SOARES, Magda. Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Moraes. Letramento e Escolarização. Global, 2004. p. 89–113. Fonte: https://www.construirnoticias.com.br/letramento-e-escolarizacao/ Acesso em: 05 de fevereiro, 2025.

DO ABC À DOCÊNCIA: MINHA TRAJETÓRIA COM AS LETRAS

Elana de Abreu Cardoso Santos
Mestranda do PPGL-UFT
elanaabreu@yahoo.com.br

Resumo: O letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (Soares, 2009, p.19).Com essa afirmação de Soares, este trabalho partiu de uma análise dos estudos realizados na disciplina de Letramento e Ensino, ministrada pelos Professores Doutores Mario Ribeiro Morais e Wagner Rodrigues Silva, e assim, buscou-se dialogar com os textos e obras de autores como Celani (2000), Cardzen (2021), Kleiman (2024), Signorini (2001),Street (2014),Soares (2024) e suas contribuições para o meu processo de alfabetização e letramento e a minha prática de ensino, enquanto profissional da rede pública municipal. O presente trabalho discutiu sobre a minha trajetória educacional e profissional, em que reforço a minha aprendizagem e os meus primeiros

contatos com a leitura e escrita, sendo o ápice das discussões a alfabetização e o letramento, temáticas que foram aprofundadas nas discussões em sala de aula com os Professores Doutores Mário e Wagner, já mencionados anteriormente. Um trabalho de cunho bibliográfico e qualitativo que dialoga com os pensamentos das obras selecionadas que culminou com uma retrospectiva ao meu passado das atividades profissionais realizadas, que favoreceram o meu alfabetizar-letrando, cujo conceito pode ser entendido como a aprendizagem da leitura e da escrita. E assim, foi possível dialogar, analisar e compreender as discussões propostas pelos autores estudados na disciplina Letramento e Ensino, trazendo os conceitos sobre a temática de letramento para minha prática educacional. Conclui-se que foram priorizadas duas importantes categorias: a alfabetização e o letramento. Considero a alfabetização como o processo de ensino e aprendizagem da língua escrita como sistema de representação da linguagem. O letramento, por sua vez, consiste nos usos sociais da língua escrita, de modo que é possível interagir com o mundo da escrita mesmo que não se tenha consolidado a escrita alfabética.

Palavras-chaves: letramento, alfabetização, aprendizagem, ensino, retrospectiva, leitura e escrita.

Referências:

CAZDEN et al. **Uma pedagogia dos multiletramentos. Desenhando futuros sociais**. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.

KLEIMAN, A. Projetos de letramento na educação infantil. **Revista CAMINHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA**, UNITAU. V. 1, N. 1, p. 1-10, 2009. Disponível em: <www.unitau.br/caminhosla. Acesso em: 03 dez. 2024.

SIGNORINI, I. Construindo com a escrita “outras cenas de fala”. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001. p. 97-134

SOARES, M. B. **Letramento e escolarização**. Construir notícias. [Online] S/D. Disponível em: https://www.construirnoticias.com.br/letramento-e-escolarizacao/ Acesso em: 14 out. 2024

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, [1995] 2014.

Histórias de superação: o caminho da Elidiane em direção à aprendizagem dos diversos letramentos

Elidiane Ferreira Bispo Corrêa
Mestranda do PPG Letras - UFT
elidianebispof@gmail.com

Mário Ribeiro Morais
Doutor em Ensino de Língua e Literatura
moraismario@uft.edu.br

Resumo: Este estudo apresenta um autorrelato da mestranda Elidiane Ferreira Bispo Corrêa, que tece sua trajetória de letramento desde do ensino infantil até o ingresso no mestrado. Essa narrativa pessoal se cruza com as discussões teóricas realizada na disciplina "Letramento e Ensino" do PPG-Letras/UFT, durante o semestre letivo 2024/02. A pesquisa estabelece uma conexão entre as experiências de letramento da autora e as teorias do letramento, empregando uma abordagem autobiográfica, qualitativa e de revisão bibliográfica. Para embasar teoricamente o estudo, foram utilizadas contribuições de autores como Boaventura (2007) Magna Soares (2003), Kleiman (1999), Street (2014) e entre outros. O estudo se justifica por sua habilidade de apesentar as múltiplas facetas do letramento, dessa forma fornecendo insights sobre como as experiências individuais podem dialogar com as teorias, enriquecendo tanto a compreensão acadêmica quanto a prática pedagógica em

diferentes níveis educacionais. Os resultados apontaram para uma conexão significativa entre a experiência de letramento da mestranda e os estudos teóricos realizados no curso, evidenciando a importância dessas reflexões para sua formação acadêmica. Uma vez que, a autora identifica em sua própria experiência a evolução de seu entendimento sobre o letramento, inicialmente limitado à concepção tradicional de ler e escrever, para uma percepção mais ampla que abarca as práticas sociais e culturais relacionadas à leitura e escrita, como também compreendendo os multiletramentos. Além do mais, a pesquisa evidencia que o letramento não é apenas um conjunto de habilidades, mas um processo contínuo de construção da identidade e de posicionamento no mundo.

Palavras-chave: Letramento e ensino, leitura e escrita, autobiografia, multiletramentos, experiências educacionais.

REFERÊNCIAS:

BAGNO, Marcos. Língua materna nas séries iniciais do Ensino Fundamental: de concepções e de suas práticas. Organizado por Lígia Martha Coelho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e ortografia. Educar, Curitiba, n. 20, p. 43-58, 2002. Editora UFPR.

FERNANDES, Elizangela Rocha da; MORAIS, Mario Ribeiro. Mediadores da leitura e formação do leitor. Revista Porto das Letras, v. 04, n. 03 - Edição Especial, 2018.

FERNANDES, Francisca Vaneíse Andrade. Ensino de argumentação em projetos de letramento. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2021.

FIAD, Raquel Salek. Reescrita de textos: Uma prática social e escolar. Organon, Porto Alegre, 2009, p. 147-159.

FIAD, R. S. A escrita na universidade. Revista da ABRALIN, v. 10, n. 4, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1116>. Acesso em: 16 ago. 2025.

KLEIMAN, A. B.; MORAES, S. E. Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KLEIMAN, Ângela B., org. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-59.

KLEIMAN, A. B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

MORAIS, Mario Ribeiro; NOLETO, Mellina Luiza Ribeiro Cardoso. Alfabetização e letramento no documento curricular do Tocantins: concepções das habilidades no componente língua portuguesa anos iniciais. Revista Humanidades e Inovação - ISSN 2358-8322 - Palmas - TO - v. 9, n. 22, 2022.

RODRIGUES Beatriz Toledo et al. Uma pedagogia dos multiletramentos: desenhando futuros sociais. Organizadores Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Tradutores Adriana Alves Pinto et al. Belo Horizonte: LED, 2021.

SANTOS, Dalve; Oliveira Batista, O professor universitário como agente letrador: interfaces com o desenvolvimento do letramento acadêmico. Revista Linguagem & Ensino, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais [online], 78 | 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt Acesso em 20 fevereiro 2025.

SILVA, Wagner Rodrigues. Estudo da gramática no texto: demandas para o ensino e a formação do professor de língua materna. Eduem - UEM, Maringá – PR, 2011.

STREET, B.V. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. Perspectiva, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 541-567 jul./dez., 2010.
STREET, B.V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola ,2014.
SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera M., Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.
SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em três gêneros. 3 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Silenciamento de vozes no letramento escolarizado

Luzirene Gonçalves dos Santos
Mestranda do PPG Letras - UFT
luzirenesantos@uft.edu.br

Mário Ribeiro Morais
Doutor em Ensino de Língua e Literatura
moraismario@uft.edu.br

Resumo: Este relato autobiográfico entrelaça a história de letramento da mestranda Luzirene Gonçalves dos Santos aos estudos teóricos realizados nas aulas do componente curricular 'Letramento e Ensino' do PPG-Letras/UFT, semestre letivo 2024/02. Partindo de uma reflexão a respeito dessa trajetória de letramento - desde a educação básica até o mestrado - destacamos como o modelo escolarizado de ensino pode silenciar vozes e marginalizar saberes não legitimados como acadêmicos-científicos. Para uma discussão crítica dessas experiências de letramento, adotamos uma abordagem autobiográfica, qualitativa e revisão bibliográfica de produções de autores como Magda Soares (2004), Brian Street (2014) e Boaventura de Sousa Santos (2024). Assim, questionamos como as práticas pedagógicas tradicionais podem silenciar estudantes cujas vivências não se alinham aos pressupostos do letramento dominante. O estudo justifica-se pela necessidade de repensar as práticas de letramento escolar, de modo a contribuir com um ensino contextualizado que legitima saberes populares e experiências individuais dos educandos. Os resultados evidenciam que o letramento escolarizado, quando centrado em modelos cristalizados e descontextualizados, pode reforçar desigualdades sociais e desmotivar os estudantes na construção do conhecimento. Portanto, ressaltamos a importância de uma abordagem crítica e inclusiva, que reconheça os multiletramentos e as experiências cotidianas como parte essencial durante todo o processo educacional.

Palavras-chave: Autobiografia, Letramento escolarizado, Silenciamento de vozes, Processo educacional, Multiletramentos.

Referências:

CAZDEN et al. Uma pedagogia dos multiletramentos: desenhando futuros sociais. (org. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al. Belo Horizonte: LED, 2021.
CELANI, Maria Antonieta Alba. A relevância da Linguística Aplicada na formação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Lêda Maria Braga (org.). Aspectos da Linguística Aplicada: estudos em homenagem a Hilário Bohn. Florianópolis: Editora Insular, 2000. p. 17-32.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALEANO, Eduardo. Dias e noites de amor e de guerra. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2011.
GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
KLEIMAN, Ângela, Preciso ensinar letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005. (Coleção Linguagem e Letramento em foco). Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/kleiman-nc3a3o-basta-ensinar-a-ler-e-escrever.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2024.
KLEIMAN, Angela. Oficina de leitura: teoria e prática. 15. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
RODRIGUES, S. P.; MORAIS, M. R. Concepções de letramento literário nas habilidades do campo artístico-literário da BNCC/DCT. PORTO DAS LETRAS, v. 9, p. 41-60, 2023.
SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos, São Paulo, 2007, n. 79, p. 71-94. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004. Acesso em 25 de out. de 2024.
SILVA, W. R.. Gêneros em práticas escolares de linguagens: currículo e formação do professor. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 15, p. 1023-1055, 2015.
SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera M. Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.
SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
STREET, Brian. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Entre Tijolos e Palavras: Minha Construção no Letramento

Gustavo Gomes de Menezes

O presente resumo apresenta um relato autobiográfico que busca refletir, à luz de experiências pessoais e referenciais teóricos, o processo de constituição leitora e de letramento ao longo da trajetória de vida do autor. A construção do letramento é narrada desde a infância, marcada pelo convívio com familiares, especialmente os pais e avós, cuja atuação influenciou diretamente sua formação ética, afetiva e intelectual. A figura materna, professora, e o pai, pedreiro, são apresentados como pilares dessa jornada, contribuindo simbolicamente para a construção do conhecimento e dos valores. O texto destaca também o impacto da oralidade e das narrativas populares da infância no interior do Tocantins, além da introdução à leitura através de livros como O Patinho Feio e O Pequeno Príncipe, os quais funcionaram como mediadores para o desenvolvimento do senso crítico e empático. No ensino médio, o confronto com textos canônicos distantes de sua realidade é problematizado, assim como a posterior aproximação com autores clássicos da literatura brasileira e portuguesa, fomentada por professores engajados. O letramento, neste contexto, ultrapassa a alfabetização e se configura como prática social, como lugar de resistência, identidade e transformação. Fundamentado em autores como Freire e Passeggi, o texto propõe uma reflexão sobre a leitura de mundo como etapa fundadora do sujeito leitor, valorizando as práticas cotidianas, a cultura popular e a memória como elementos centrais no processo educativo.

Palavras-chave: Letramento. Formação do leitor. Autobiografia. Educação. Leitura de mundo.

VENTURAS PELOS BOSQUES DA FICÇÃO E DO LETRAMENTO LITERÁRIO: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO TESTEMUNHAL

Prof. Mario Ribeiro Morais (UFT)

Resumo: Entrelaçando os gêneros autobiografia e memórias, este trabalho narra e rememora as aventuras de um docente pelos bosques da ficção e do letramento literário, com o objetivo de evidenciar como a sua identidade docente, em um processo contínuo e ininterrupto, vai se modelando a partir das práticas de leitura e de escrita em várias esferas de atividades humanas. A partir dos Estudos do Letramento (especialmente o literário) (Street, 2014; Cazden, 2021; Cosson, 2014, 2020), da fenomenologia (Merleau-Ponty, 1999), da poética da casa, (Bachelard, 1978) e das memórias (Ricoeur, 2007; Izquierdo, 1989; Candau, 2011) fundamenta teoricamente o relato autobiográfico e as escritas memorialistas de si. Para trazer algumas memórias leitoras de literatura, desvelando lugares fascinantes dos bosques íntimos, recorre às seguintes instâncias de letramento: familiar, autor, escolar, livro didático, biblioteca, canônica, profissional, universidade. Os resultados mostram que suas experiências com os bosques da ficção, do letramento literário, nas várias instâncias influenciadoras e formadoras vêm contribuindo nesse processo de apropriação da leitura ou escrita de textos literários, (re)modelando sua identidade docente e existencial.

Palavras-chave: Letramento literário. Relato autobiográfico. Memórias. Identidade docente.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

Reflexões sobre relações dialógicas e interculturais nas práticas educativas da Amazônia

DINAIR BARBOSA DE FREITAS
RITA DE NAZARETH SOUZA BENTES
JOSANE DANIELA FREITAS PINTO

COMUNICAÇÕES

Linguagem, identidade e diversidade: práticas possíveis de uma educação decolonial nas aulas de Língua Portuguesa realizadas no Município de Abaetetuba-PA

A linguagem e a tecnologia na constituição das identidades: uma análise dos estudos de gênero e sexualidade na Revista Estudos Feministas (2020–2025)

O Brincar no Território Quilombola do Rio Alto Itacuruçá no Município de Abaetetuba-PA

Projeto Pedagógico de Curso como Gênero Discursivo para uma análise dialógica sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais na formação inicial de professores de Pedagogia do PARFOR/UFPA, campus Castanhal

AS RELAÇÕES DIALÓGICAS E INTERCULTURAIS ESTABELECIDAS NAS INTERAÇÕES SOCIAIS: UM OLHAR NAS DIFERENÇAS

Educação e linguagem: por um cenário educacional com práticas e discursos que respeitem e valorizem as identidades linguísticas e culturais das comunidades ribeirinhas da Amazônia

Dialogismo e responsividade na animação *Flores e árvores* do Walt Disney: uma reflexão à luz da teoria bakhtiniana

Ensaio sobre o ato ético na produção de conhecimento na escrita acadêmica

O IGARAPÉ TAIASSUÍ DA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO EM BENEVIDES/PARÁ: dos encontros de vozes às mudanças climáticas

A Interpretação de Libras como Ato Responsível na Perspectiva Intercultural: Algumas Reflexões

Entre a fala e o texto: estratégias dialógicas e interculturais para o ensino da escrita na Amazônia.

Quando o rio é o outro: o protagonismo do rio-outro na escola ribeirinha amazônica

MEMÓRIAS DE FOLHAS – UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Práticas Educativas Ambientais, Inclusivas e Socioambientais na Amazônia: Análise da Obra "Amigos para Sempre: Salvando o Planeta" de Maria Luiza da Silva Barbosa

Concepções bakhtinianas à luz da teoria literária: uma análise discursiva do conto machadiano "O enfermeiro" como proposta de atividade bilíngue (Português/ LIBRAS)

Linguagem em Traços e Vozes: A Cartilha Cidade em Lápis como Experiência Intercultural na Educação Amazônica

Linguagem, identidade e diversidade: práticas possíveis de uma educação decolonial nas aulas de Língua Portuguesa realizadas no Município de Abaetetuba-PA

Gislaine Monteiro Ferreira
Mestranda PPGCITE / Bolsista CAPES-UFPA
gislainemonteiro76@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística ILC e PPGCITE – UFPA
braynacardoso@ufpa.br

Resumo: Esta pesquisa é oriunda de uma formação ministrada no mês de julho de 2025, a convite da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Abaetetuba-PA, a pesquisadora principal realizou um minicurso voltado para os professores de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino, tendo como temática "Linguagem, identidade e diversidade: práticas possíveis de uma educação decolonial nas aulas de Língua Portuguesa". A proposta dialoga diretamente com as discussões em andamento no campo acadêmico atualmente, trazendo contribuições de autores como Guacira Louro (2000), Michel Foucault (1999, 2007) e Bell Hooks (2013). O objetivo principal da formação foi oferecer um espaço de reflexão crítica e de construção coletiva de propostas pedagógicas que incorporem a perspectiva

decolonial, contribuindo para uma prática docente mais inclusiva e transformadora. O minicurso se justificou pela necessidade de promover debates e ações pedagógicas que enfrentem desigualdades históricas presentes no cotidiano escolar, especialmente no que diz respeito a preconceitos, discriminações de gênero, raça e classe social. Assim, buscou-se fortalecer a formação continuada dos docentes, incentivando-os a ressignificar suas práticas a partir de uma abordagem crítica da linguagem e das identidades, compreendendo o papel da escola na construção de uma sociedade mais igualitária. A metodologia adotada baseou-se em três parâmetros: (1) discussão teórica, a partir da leitura e análise de textos que problematizam a linguagem, identidade e diversidade no contexto escolar; (2) rodas de conversa, nas quais os professores puderam compartilhar experiências de suas realidades nas escolas da sede, das ilhas e das estradas do município; e (3) oficinas práticas, voltadas para a elaboração de propostas pedagógicas decoloniais a serem aplicadas em sala de aula. Essa estrutura metodológica favoreceu a integração entre teoria e prática, promovendo um ambiente dinâmico de trocas de saberes e experiências. Durante o encontro os docentes participaram ativamente em diferentes momentos: trabalhos em grupo, socialização de reflexões, apresentações de propostas e discussões coletivas. Esse processo revelou a potência do trabalho colaborativo, bem como o interesse dos professores em dialogar sobre temáticas que geralmente são marginalizadas no currículo formal. Os resultados do minicurso apontaram para a necessidade de se reconhecer a diversidade presente nas escolas do município e valorizá-la no processo de ensino-aprendizagem. Do mesmo modo, essas discussões contribuíram para a ampliação da consciência crítica dos professores, que refletiram sobre práticas pedagógicas capazes de combater a reprodução de estigmas sociais, como o racismo. E, para finalizar houve a produção coletiva de propostas pedagógicas decoloniais, elaboradas pelos participantes, que poderão ser aplicadas neste novo semestre letivo. Nesse sentido, problematizar os discursos presentes no cotidiano escolar torna-se um caminho para desconstruir narrativas excludentes e construir novas possibilidades de pertencimento e respeito à pluralidade. Conclui-se, que o minicurso cumpriu seu papel de semear reflexões e práticas pedagógicas transformadoras, contribuindo para o fortalecimento da educação decolonial no município de Abaetetuba-PA.

Palavras-chave: Educação decolonial; Língua Portuguesa; Identidade; Diversidade; Formação docente.

Referências:

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas.** São Paulo, Martins Fontes, 2007.
FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1:** A vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1999.
HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade/bell hooks**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

A linguagem e a tecnologia na constituição das identidades: uma análise dos estudos de gênero e sexualidade na Revista Estudos Feministas (2020–2025)

Gislaine Monteiro Ferreira
Mestranda do PPGCITE-UFPA
gislainemonteiro76@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística-UFPA
braynacardoso@ufpa.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo central analisar de que forma os estudos de gênero e sexualidade, publicados na Revista Estudos Feministas entre os anos de 2020 e 2025

abordam questões educacionais, especialmente no que tange às relações entre linguagem, tecnologia e constituição das identidades. A pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa e de natureza documental, fundamentando-se na seleção e análise de artigos que tratam de temáticas como educação sexual nas escolas, inclusão de debates de gênero no currículo e o uso de tecnologias digitais como instrumentos mediadores de práticas discursivas. A fundamentação teórica ancora-se em autoras e autores reconhecidos nos campos dos estudos culturais e de gênero, tais como Judith Butler (2018), Stuart Hall (2006) e Guacira Louro (2000). Esses referenciais possibilitam compreender as identidades como construções discursivas, históricas e fluidas, resultantes de processos de interação entre sujeitos, instituições e dispositivos de poder-saber. A partir dessa perspectiva, o trabalho busca evidenciar a linguagem como um elemento performativo que (re)produz normas de gênero e sexualidade, podendo igualmente questioná-las e subvertê-las no contexto escolar. Além disso, destaca-se o papel das tecnologias digitais na contemporaneidade como dispositivos que potencializam a circulação de discursos, saberes e práticas culturais, interferindo diretamente na forma como estudantes constroem suas identidades de gênero e sexualidade. Tais tecnologias são compreendidas não apenas como ferramentas instrumentais, mas como espaços de disputa simbólica, onde narrativas hegemônicas e contra-hegemônicas coexistem e se confrontam. No total foram analisados três artigos, baseando-se inicialmente nos títulos, resumos e palavras-chave de todas as edições da revista entre 2020 e 2025 e posteriormente foi realizada uma análise mais detalhada dos textos. Os critérios de seleção foram: (1) abordar diretamente temas ligados à educação, gênero e/ou sexualidade; (2) discutir aspectos ligados à linguagem e/ou às tecnologias digitais; (3) estar publicado na seção de artigos científicos. Os textos analisados evidenciam a importância de uma abordagem interseccional e crítica, que considere marcadores como raça, classe, território e geração na discussão sobre gênero e sexualidade na escola. Verificou-se que a presença de práticas pedagógicas alinhadas a perspectivas decoloniais e emancipadoras favorece a construção de ambientes mais inclusivos, nos quais a diversidade identitária é reconhecida e valorizada. Ao mesmo tempo, observa-se a urgência de ampliar a formação de docentes para que saibam lidar com os desafios éticos e políticos que emergem dessas discussões, especialmente quando mediadas por tecnologias digitais. Conclui-se que a articulação entre linguagem, tecnologia e identidade constitui um campo fecundo para o fortalecimento de políticas educacionais comprometidas com os direitos humanos, a equidade de gênero e a liberdade de expressão. Assim, este trabalho pretende contribuir para o debate acadêmico e para a prática docente, apontando caminhos para que o espaço escolar se afirme como um lugar de resistência, diálogo e transformação social.

Palavras-chave: Linguagem, Identidade, Tecnologia, Sexualidade, Educação.

Referências:

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
BAUMAN, Zigmunt. Modernidade e ambivalência. RJ: Jorge Zahar Editor, 1999 (original 1991)
BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.
BUTLER, Judith. Problemas de gênero [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas (Trad. Salma T. Muchail). SP: Martins Fontes, (1966) 1999.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade (trad. Plínio Dentzien). RJ: Jorge Zahar Editor, 1999 (ed. Inglesa 1999).
HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
KHANI, Waquar Ahmad. Your language, your identity: the impact of cultural identity in teaching english as a foreign language. European Journal of English Language Teaching, 5(4), pp. 109-120, 2020. Disponível em: <https://oapub.org/edu/index.php/ejel/article/view/3249> Acesso em: 14 de maio 2025.
LOURO, Guacira. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.
MARÍN-GUTIÉRREZ, Isidro; RIVERA-ROGEL, Diana; SOLANO, Margoth Iriarte. Lenguaje e ideología y valores, un reto de estudiantes y profesores en Ecuador. RISTI - Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação, 2020, 27(3), pp. 650–66
MENIN, Assis Felipe; PEDRO, Joana Maria. Escola, Tecnologias Digitais e Educação Sexual: uma análise do Brasil e países de língua portuguesa. Revista Estudos Feministas, v. 29, n. 3, 2021.
NETO, Antônio Rodrigues. Educação em sexualidade na Europa e as sexualidades interseccionais do Brasil. Revista Estudos Feministas, v. 30, n. 1, 2022.
RUFINO, Angela Maria dos Santos e SENNA, Luiz Antonio Gomes. Identidade, linguagem e escola. Educação em Revista, Marília, 22(1), pp. 89-102, 2021.
SILVA, Maria & ALMEIDA, João. Educação sexual escolar e o movimento feminista: produção da Revista Estudos Feministas na década de ascensão da extrema-direita. Revista Estudos Feministas, v. 31, n. 2, 2023.
VAQUERA, María Luisa Calero. Apuntes sobre lenguaje, poder y género, 11, pp. 45-55, 2021. Disponível em <https://revistas.uma.es/index.php/transatlantic-studies-network/article/view/14330> Acesso em: 23 de abr. 2025.

O Brincar no Território Quilombola do Rio Alto Itacuruçá no Município de Abaetetuba-PA

Jessica Ferreira Silva
Mestranda PPGNC - UFPA
jessica.ferreira@ntpc.ufpa.br

Natália Bezerra Dutra
Doutora em Psicologia NTPC e PPGNC – UFPA
nbdutra@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística ILC e PPGCITE – UFPA
braynacardoso@ufpa.br

Resumo: O brincar é um fenômeno universal que exerce papel essencial no desenvolvimento infantil (Gaskins et al., 2007). Por meio da brincadeira, a criança tem a oportunidade de explorar o mundo, desenvolver sua criatividade, expressar sentimentos, dominar angústias e se preparar para situações imediatas e futuras (Oliveira, et al., 2008). À luz da Psicologia Cultural Evolucionista, o brincar é compreendido como um comportamento adaptado, selecionado ao longo da história evolutiva; e adaptativo, por ajustar-se aos ambientes físicos, sociais e culturais onde ocorre (Rabinovich, 2003; Hansen et al., 2007). Mais do que seus efeitos motores, cognitivos e emocionais, torna-se necessário considerar as dimensões culturais e sociais que constituem e transformam os comportamentos lúdicos. Este estudo investiga as brincadeiras infantis em uma Comunidade Quilombola Ribeirinha do Rio

Itacuruçá Alto, em Abaetetuba (PA), na perspectiva da Psicologia Cultural Evolucionista e da Linguagem, buscando compreender como o contexto sociocultural local orienta e modifica o brincar das crianças quilombola ribeirinhas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório-descritivo, fundamentada em bases etnográficas. Os instrumentos utilizados incluem observação participante, registro em diário de campo e entrevistas semiestruturadas com crianças entre 4 e 11 anos, complementadas por registros audiovisuais e fotografias. O estudo organiza-se em três etapas: 1) imersão no cotidiano da comunidade para descrição da rotina e das práticas socioculturais; 2) identificação e descrição das brincadeiras realizadas pelas crianças em diferentes espaços; 3) oficina lúdica para apresentação de uma cartilha com as brincadeiras registradas, como forma de devolutiva social à comunidade. Nas observações iniciais, foram registradas brincadeiras no rio que desenvolvem autonomia (nadar, remar), brincadeiras com objetos da natureza (tucumã, vassoura de açaí, caroço de buiuçu), além de brincadeiras locomotoras como pira-pega, pira-alta; pira-água. Tais evidências apontam a influência do contexto sociocultural sobre o comportamento lúdico infantil, onde as formas de brincar refletem processos de adaptação, aprendizagem social e transmissão de valores. Por meio desta pesquisa, espera-se contribuir para os estudos sobre infância amazônica, desenvolvimento e processos de aprendizagem em contextos tradicionais de forma interdisciplinar.

Palavras-chave: Brincar, Psicologia Cultural Evolucionista, Desenvolvimento Infantil, Comunidade Quilombola do Alto Itacuruça, Diversidade Cultural na Amazônia Paraense; Cultura Lúdica de Comunidades Quilombolas Amazônicas.

Referências:

Gaskins, S., Haight, W., & Lancy, D. F. (2007). The cultural construction of play. In A. Goncu & S. Gaskins (Eds.). (2007). *Play and Development:* Evolutionary, Sociocultural, and Functional Perspectives (1st ed., pp. 184-207). Psychology Press.

Oliveira, L. D. B., Vieira, M. L., & Cordazzo, S. T. D. (2008). "Brincar" como agente promotor de saúde no desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas*, *42*(1 e 2), Artigo 1 e 2. https://doi.org/10.5007/2178-4582.2008v42n1-2p193

Hansen, J., Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Wanderlind, F. H., & Vieira, M. L. (2007). O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista. *Journal of Human Growth and Development*, *17*(2), 133–143

Rabinovich, E. P. (2003). Nos tempos dos avós. In: A. M. A. Carvalho, C. M. C Magalhães, Fernando A.R.Pontes & I. D. Bichara (Orgs). *Brincadeira e cultura:* viajando pelo Brasil que brinca. O Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Projeto Pedagógico de Curso como Gênero Discursivo para uma análise dialógica sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais na formação inicial de professores de Pedagogia do PARFOR/UFPA, campus Castanhal

Raquel Amorim Santos
Doutora em Educação PPLSA-UFPA
rakelamorim@yahoo.com.br

Samara Ferreira da Silva
Mestranda do PPLSA-UFPA
samara.pesquisaufpa@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar, à luz da filosofia da linguagem de base bakhtiniana, o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Programa Nacional de Formação de Professores (PARFOR) a incorporação das Relações Étnico-Raciais (ERER) na formação inicial de professores de Pedagogia, campus Castanhal. Parte-se do entendimento de que o PPC constitui-se como um gênero

do discurso institucional, pertencente à esfera acadêmico-burocrática, caracterizado por sua natureza secundária, prescritiva e reguladora, cuja forma composicional (objetivos, ementas, bibliografias) e estilo linguístico estão imersos em uma cadeia de enunciados. A metodologia adotada fundamenta-se na Análise Dialógica, articulando os conceitos de gênero discursivo, enunciado responsivo, valoração e dialogismo. Foram analisados trechos do PPC e Ementas das disciplinas vinculadas, a fim de identificar a responsividade às legislações antirracistas (Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para tornar obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena). Os resultados evidenciam que o PPC, ao mencionar formalmente a ERER, assume uma voz legal-normativa, marcada por termos como *diversidade*, *pluralidade* e *valorização das culturas afro-brasileira e indígena*. Essa enunciação se manifesta nas ementas das disciplinas ainda é superficial, e não se desdobra em uma cadeia responsiva efetiva nos Planos de Ensino, rompem o elo dialógico com os enunciados do PPC, da legislação com a formação de professores antirracistas. Assim, constata-se uma ruptura na cadeia de enunciados que compromete a materialização da ERER na formação inicial de professores de Pedagogia. A análise revela ainda que a valoração presente nos documentos é predominantemente neutra ou vaga, com escassos verbos de ação como *promover* e *inserir*. Tal escolha lexical indica uma posição ideológica silenciosa, cuja ausência de voz também se configura como ato discursivo. A linguagem do PPC e dos Planos de Ensino, portanto, não dialoga plenamente com as diretrizes antirracistas, revela tensões entre o que é dito e silenciado. Conclui-se que o PPC de Pedagogia do PARFOR/UFPA *campus* Castanhal, embora se proponha a formar professores críticos e sensíveis à diversidade, não assegura discursivamente a inclusão da ERER na formação docente, pois a cadeia responsiva é fragilizada pelo silenciamento nos documentos pedagógicos subsequentes. Reafirma-se, assim, a necessidade de considerar os documentos curriculares como espaços de disputa ideológica e política, onde a presença ou ausência de determinadas vozes revela os sentidos que se quer promover ou ocultar na formação inicial de professores de Pedagogia.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Formação inicial de Professores; ERER; Gêneros Discursivos; Leis 10.639/2003 e 11.645/2008; Bakhtin

Referências:

AFONSO, Almerindo Janela. Avaliação Educacional: Regulação e Emancipação. São Paulo: Cortez, 2000.

DOURADO, Luis Fernando. Análise do Parecer CNE/CP Nº 4/2024: Formação Inicial. https://www.youtube.com/c/anfopenacional, 2042. Acessado em 09/05/2024.

ANFOPE – Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação.

Documento Final do XX Encontro Nacional da ANFOPE 1 a 5 de fevereiro de 2021. Política de Formação e Valorização dos Profissionais da Educação: Resistências propositivas à BNC da Formação inicial e continuada. 2021.

ANFOPE – Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação. Boletim ANFOPE n.1 Ano – 2018.

AS RELAÇÕES DIALÓGICAS E INTERCULTURAIS ESTABELECIDAS NAS INTERAÇÕES SOCIAIS: UM OLHAR NAS DIFERENÇAS

Angélica Bittencourt Galiza
Maryella Ostende Bulcão da Natividade Ganzer
Rita de Nazareth Souza Bentes

RESUMO: As autoras fazem uma análise do vídeo “Consegue enxergar o racismo neste vídeo? Racismo estrutural na sua cara!” do comunicador André Santos (2023), que traz as manifestações naturalizadas do racismo estrutural em nossa sociedade. A denúncia vai além das atitudes individuais,

apontando para um sistema que opera sutilmente para excluir, discriminar e racializar pessoas negras na sociedade. A justificativa para essa reflexão nasce da urgência em contrapor comportamentos desrespeitosos e discriminatórios com sujeitos marcados por suas singularidades. Buscou-se compreender como as pessoas são marcadas em suas diferenças histórico-culturais em suas relações dialógicas e interculturais? A partir dessa problemática delimitou-se como objetivo geral discutir o ato responsável dos sujeitos nas relações de alteridade estabelecidas socialmente, considerando as nuances interculturais e dialógicas. Especificamente, objetivou-se identificar a diferença e a indiferença, mostrando como a igualdade nos aproxima e como a desigualdade pode deformar socialmente os sujeitos em suas práticas cotidianas nos grupos de interação. Para a análise, convocou-se Mikhail Bakhtin (2010), com a discussão sobre o sujeito singular e o ato responsável; João Geraldi (2015), trazendo a proposição "A diferença identifica. A desigualdade deforma"; Ivanilde Oliveira (2015), na orientação pela interculturalidade crítica, inspirada em Paulo Freire; e José Anchieta Bentes e Cyntia França (2016), com as lentes da normalidade, diversidade e diferença ao falar sobre pessoas com deficiência. Complementou-se com Silvio Almeida (2019), ao mostrar o racismo estrutural como vetor de discriminação racial na sociedade. A metodologia se baseou na análise crítica e dialógica sobre o vídeo como espelho de complexas interações sociais. Nos resultados, descobriu-se que o racismo estrutural é muito mais que atitudes isoladas, ele é a própria engrenagem econômica e política da sociedade. Percebeu-se que essa realidade exige que cada um assuma seu "ato responsável", indo além de padrões de normalidade para aderir à "diferença como alteridade". A educação intercultural como projeto vital, que convida a um engajamento ético e político que transforma as estruturas hegemônicas, para valorizar os diferentes em prol de uma sociedade justa, humana e igualitária.

Palavras-chave: Racismo estrutural; Relações interculturais e dialógicas; Diferenças e indiferenças.

Educação e linguagem: por um cenário educacional com práticas e discursos que respeitem e valorizem as identidades linguísticas e culturais das comunidades ribeirinhas da Amazônia

Jôyce Assunção Pimentel
Mestranda PPGCITE – UFPA
joyassuncao08@gmail.com

Maria Izabel P. Rodrigues Lobato
Mestranda PPGCITE – UFPA
izabelletras4@gmail.com

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
Doutora em Linguística ILC e PPGCITE – UFPA
braynacardoso@ufpa.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre as relações entre identidade, linguagem e cultura no contexto educacional brasileiro, com ênfase nas comunidades ribeirinhas amazônicas, cujos modos de falar são frequentemente desvalorizados pelas práticas escolares normativas. Para isso, partimos de estudos bibliográficos em Hall (2005) por abordar concepções referentes à linguagem entrelaçada ao processo de formação Identitária; Bauman (1999) ao oportunizar fundamentos para compreensão de como a modernidade, em busca por organização impõe rótulos categóricos de poder que resultam na marginalização de variedades linguísticas identitárias; Antunes (2003) propondo sugestões de abordagem de ensino para a inclusão dos diversos falares em sala de aula; Rufino e Senna (2021) ao abordar sobre a linguagem como construtora da identidade e a participação da escola no processo da construção do sujeito. Partindo dessas considerações, problematizamos a imposição e

valorização somente da norma culta como padrão ideal no ensino de Língua Portuguesa como uma forma de apagamento das identidades linguísticas de estudantes oriundos de comunidades tradicionais. A partir da perspectiva pós-moderna, entende-se que a identidade é fluída e dinâmica, sendo construída historicamente por meio de interações culturais. Nesse processo, a linguagem desempenha um papel central como ferramenta de construção de sentido, pertencimento e identidade. Sendo assim, é fundamental que as práticas educacionais priorizem ações transformadoras para construção de relações mais respeitosas nas relações interculturais (FREIRE, 1987) e das formas linguísticas indígenas, quilombolas ou ribeirinhas nos espaços escolares. Arenz (2000) contextualiza historicamente a formação das comunidades ribeirinhas da Amazônia, destacando os impactos da colonização europeia, que impôs modelos linguísticos eurocêntricos, ocultando gradativamente os saberes e línguas originárias. Em contraponto a esse cenário excludente, propõe-se que a escola assuma uma postura crítica e inclusiva, promovendo igualdade e inclusão ao reconhecer a diversidade linguística como um bem cultural e identitário. Que nesse processo de aprendizagem da língua portuguesa, o estudante compreenda o sistema linguístico de forma consciente sentindo-se valorizado como falante da língua (PILATI, 2017). Dessa forma, a escola oferecerá um espaço de pertencimento e valorização da diferença, e assim contribuirá com uma educação linguística mais democrática, comprometida com a construção social e com o fortalecimento das identidades plurais que compõem o território linguístico do Brasil.

Palavras-chave: Comunidades ribeirinhas da Amazônia, Identidades linguístico-culturais, Educação.

Referências:

Antunes, Irandé. 2003. Aula de Português: encontro e interação. Parábola. SP.
Bauman, Zygmunt. 1999. Modernidade e ambivalência. Jorge Zahar. RJ
Hall, Stuart. 2005. A identidade cultural na pós-modernidade. DP&amp. RJ
Pilati, Eloisa. 2017. Linguística, gramática e aprendizagem ativa.Pontes. Campinas.
Rufino, A. M. dos S.; Senna, L. A. 2021. Identidade, linguagem e escola. Educação em Revista, 22, 89-102.

Dialogismo e responsividade na animação *Flores e árvores* do Walt Disney: uma reflexão à luz da teoria bakhtiniana

Josane Daniela Freitas Pinto
Doutora em Letras- UEPA
josane.daniela@uepa.br

Resumo: A cidade de Belém, Pará, Brasil sediará a Conferência das Partes sobre as mudanças climáticas no planeta (COP30) em novembro de 2025. Além disso, de janeiro a setembro de 2024, quase 22,4 milhões de hectares foram destruídos no Brasil e a maior parte do bioma atingido foi o da Amazônia. Parte dos incêndios foi criminosa e está sendo investigada pela PF, outra parte ocorreu devido ao clima seco, sem chuvas, que acelerou rapidamente a propagação dos focos de incêndio. Considerando essa realidade, este artigo tem como objetivo realizar uma análise verbo-visual da primeira animação premiada com o Oscar, intitulada *Flores e árvores*, produzida pelo Walt Disney em 1932. Com base nos conceitos de estética, dialogismo e responsividade, à luz de Bakhtin e do Círculo, analisamos seis cenas do desenho animado selecionadas, para destacarmos como uma denúncia dos incêndios florestais feita, através da arte, há mais de cem anos, se conecta com a atualidade. As imagens, enquanto linguagem verbo-visual, não apenas ilustram a narrativa, mas a potencializam em sentido ético, estético e dialógico. Elas encenam a tensão entre a destruição e o cuidado, entre o egoísmo e a convivência, fazendo com que o espectador se torne parte da rede de significações, de produção de sentidos. A relevância desta pesquisa se encontra no principal instrumento que é a arte, para além da estética, como uma forma de denunciar o ato de destruição em diferentes partes do

mundo, como possibilidade de trazer, para as nossas práticas em sala de aula, a discussão sobre ações contra a destruição do meio ambiente, tendo, também, como motivação a COP30.

Palavras-chave: Incêndios florestais; Estética; Dialogismo; Responsividade

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do ato responsável. Trad. de Wladimir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2 ed. São Carlos: Pedro & João Editores , 2012.

Cop30: entenda o que é o evento internacional que Belém vai sediar em 2025. Disponível em: < https://www.oliberal.com/cop-30/entenda-o-que-e-a-cop-30-belem-sedia-o-evento-internacional-em-2025-1.685881> Acesso em 16 nov. 2024.

Em 9 meses, incêndios no Brasil destruíram área quase do tamanho do estado de SP. G1. Jornal Nacional. Disponível em:< https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/10/21/em-9-meses-incendios-no-brasil-destruiram-area-quase-do-tamanho-do-estado-de-sp.ghtml > Acesso em 17 nov. 2024.

HAYNES, Deborah J. Bakhtin and the visual arts. In: SMITH, Paul; WILDE, Carolyn (Ed.). A Companion to Art Theory. Oxford: Blackwell, 2002.

MARTINS, Maura. A centenária história dos desenhos animados. Mega Curioso. Março, 2022. Disponível em: https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/121388-a-centenaria-historia-dos-desenhos-animados.htm Acesso em 24 nov. 2024.

O primeiro desenho animado vencedor do Oscar foi sobre um incêndio florestal. Disponível em: < https://www.animalsaroundtheglobe.com/pt/watch-first-oscar-winning-cartoon-was-about-a-wildfire-3-202523/> Acesso em 16 nov. 2024.

RENAN, Lucas. História da animação: conheça a sua origem e influência. Proddigital Pop. Maio, 2024. Disponível em < https://pop.proddigital.com.br/curiosidades/curiosidades-de-animacoes/historia-da-animacao> Acesso em 24 nov. 2024.

Ensaio sobre o ato ético na produção de conhecimento na escrita acadêmica

Dinair Barbosa de Freitas
Doutora em Letras - Uepa
dinair.freitas@uepa.br

Resumo: O processo de produção acadêmica na universidade é um espaço no qual o graduando aprende a lidar com materiais e conceitos desconhecidos para produzir conhecimento consoante as diversas disciplinas e perspectivas teóricas. Esse processo envolve desenvolver competências de escrita acadêmica que lhe possibilitem construir sua postura escritural, e ainda se inserir na comunidade discursiva de seu curso, em um processo contínuo e nunca acabado. Nesse contexto, a proposta de discussão desta comunicaçao é refletir sobre o ato ético (Bakhtin, 2020) na escrita do graduando de Letras Português, focando na relação dialógica e responsiva/responsável manifestas na escrita acadêmica, a fim de compreender como as teorias estudadas nas disciplinas são discursivizadas pelos graduandos de Letras nos textos porque "não se pode conceber um texto científico que não explicite suas relações com outras teorias. Mais do que qualquer outro texto, encontra-se no texto científico o dialogismo no seu grau mais imediato"(Amorim, 2001, p. 177). Assume como orientação teórico-metodológica a análise dialógica do discurso, em diálogo, focando, principalmente, em *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, 2020), no livro "*O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas"*, Amorim(2001) que apresenta um construto teórico-metodológico, com base em Bakhtin, para analisar a relação do pesquisador com sua pesquisa, no livro *Bakhtin: conceitos chave(*2005*)*, Amorin (2005), refletindo sobre o ato ético válido e inserido e Sobral(2005), sobre ato

ético e estético. Recortando a abordagem qualitativa e uma análise de natureza interpretativa, o trabalho apresenta o resultado da análise de 03 textos de graduandas de Letras Português. A materialidade de análise trata-se de textos resultados de avaliação em disciplinas no curso. O texto 1 foi produzido em 2022 na disciplina de Semântica Aplicada à Língua Portuguesa no curso regular. O segundo elaborado na disciplina de Linguística II no ano de 2023, curso regular. E o terceiro, produzido na disciplina de Semiótica no ano de 2024 na modalidade modular, somente este graduando é de uma cidade do interior do Pará, os anteriores, moram em Belém, Pará. Os resultados indicam que os graduandos num ato ético responsível e responsável estabelecem diferentes relações com as teorias do curso. Ora assumem-na em concordância marcando na superfície textual com os nomes dos teóricos, ora não trazem nenhuma marcação explícita assumindo a teoria na sua voz.

Palavras-chave: Ato Ético, Responsível , Responsável, alteridade.

Referências:
AMORIM, Marília. O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2001, p. 17-43.
AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: "válido e inserido no contexto" In: BRAIT, Beth(org.). Bakhtin, dialogismo e polifonia. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução do inglês de Valdemir Miotello e Carlos Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
GERALDI, João Wanderley. A linguagem e a constituição da subjetividade. In: A aula como acontecimento.2 ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 29- 32.
SOBRAL, Adail. O ato "responsível", ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente. *Signum*, Londrina, jul, 2009, n. 11, v. 1, p. 219-235.
SOBRAL, Adail. Ético e estético. Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth(org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 103-121.

O IGARAPÉ TAIASSUÍ DA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO EM BENEVIDES/PARÁ: dos encontros de vozes às mudanças climáticas

Maryella Ostende Bulcão da Natividade GANZER
Rita de Nazareth Souza BENTES
Anna Paula de Souza Peres de ALCÂNTARA

RESUMO: Neste estudo, as autoras Maryella Bulcão, Rita Bentes e Anna Paula de Alcântara dialogam por meio das fotos-imagens do Igarapé Taiassuí, as quais expressam dois planos da existência desse igarapé frente às intempéries das condições climáticas que afetam profundamente este caminho d'água em seu tempo-espaço-ser-reexistir. Este acontecimento torna-se o foco a partir de algumas visitas à Comunidade Santo Antônio, no município de Benevides/PA, no período de maio a setembro de 2024, onde elas notam os desníveis contrastantes das águas trazendo tristeza e alegria para os moradores e por que este igarapé sempre foi um espaço d'água à comunidade de Santo Antônio e as demais localidades vizinhas. A percepção sobre o baixo nível de água desse importante igarapé local trouxe à tona reflexões sobre as mudanças climáticas que ocorrem no mundo. Nesse sentido, foi questionado pelas autoras: como os impactos das mudanças climáticas estão influenciando na vida doce do igarapé Taiassuí? E como ponto de partida frente às problemáticas climáticas, as pesquisadoras analisaram as duas fotos-imagens escolhidas do igarapé Taiassuí, para perceberem tanto pela voz da moradora, como pelos clamores do igarapé Taiassuí enquanto parte constitutiva não só dessa comunidade, mas como filho da mãe Terra. Elas também descreveram como os impactos das mudanças climáticas do mundo influenciam no igarapé local de Benevides. A discussão sobre esta

percepção foi pautada epistemologicamente nas reflexões de Mikhail Bakhtin (2016); (2017a) e (2017b), Ponzio (2017), Volochinov (2017), Miotello (2018) e Ailton Krenak (2019), os quais abordam as concepções acerca do ato responsável, compreensão como consciência e vivência concreta do existir, e memória do futuro, escuta responsiva e dar um passo correlacionadas com a ideia de como adiar o fim do mundo, respectivamente. A metodologia foi baseada na teoria dialógica da linguagem sob o movimento dialógico retrospectivo e prospectivo. Além disso, essas pesquisadoras revelam que os encontros de vozes são possibilidades de compreender pela escuta e pela resposta concreta de como adiar o fim do mundo, convocando diversos atos responsíveis e ancestrais estabelecidos pelas relações dialógicas entre os humanos e todos os seres da Terra em interações. Assim, se contrapondo ao antropocentrismo instituído pela humanidade capitalista para destruir o mundo em amorosidade e comunidade.

PALAVRAS-CHAVES: Ato responsável ético-estético. Memória de futuro. Mudanças climáticas.

A Interpretação de Libras como Ato Responsível na Perspectiva Intercultural: Algumas Reflexões

Anna Paula de Souza Peres de Alcântara Licenciada Plena em Letras Libras – UEPA
ap.alcantara1998@gmail.com

Nathiele Martins Macêdo
Mestranda em Educação – PPGED/UEPA
nathy.martins.macedo10@gmail.com

Rita de Nazareth Souza Bentes
Doutora em Letras – FFLCH-USP
rita.bentes@uepa.br

Resumo: Neste artigo apresenta-se um debate sobre a interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras) como ato responsível em uma perspectiva intercultural. Essa discussão teve início na disciplina de "Educação Especial na perspectiva inclusiva: políticas e fundamentos teórico-metodológicos", do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA). Durante a disciplina, discutiu-se sobre o histórico, bem como as abordagens teórico-metodológicas acerca da educação inclusiva, suas reflexões e discursos. As charges do cartunista Ricardo Ferraz, feitas na década de 1990, constituiu-se como materialidades para análise deste estudo. No decorrer da pesquisa, apresentase a linha do tempo-espaço da trajetória da educação inclusiva no Brasil, incluindo a institucionalização da Libras e, consequentemente, os profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras (TILS), sendo a partir da Constituição Federal e Leis que asseguram os direitos da Pessoa com Deficiência e dos profissionais mediadores da comunicação, principalmente dos sujeitos surdos na sociedade. Desse modo, criou-se a questão deste artigo: como a interpretação de Libras pode ser reconhecida como ato responsível na perspectiva intercultural? Nesse viés, os objetivos necessários à pesquisa são: refletir sobre a relação de alteridade do eu-outro na interpretação como ato responsível entre o(a)s surdo(a)s e os intérpretes; e, contribuir para uma visão mais sensível das práticas pedagógicas concernentes às/aos sujeito(a)s surdo(a)s. Para tal, o referencial teórico-metodológico fundamentou-se nas reflexões de Mikhail Bakhtin (2017) e Paulo Freire na percepção de Oliveira (2015) os quais abordam as concepções do ato responsável e a interculturalidade, respectivamente. Ainda nesse viés, Lobato e Bentes (2020), baseado epistemologicamente nos autores supracitados, ratificam a ideia do sujeito em sua totalidade, no seu ato responsável de interpretar na perspectiva intercultural. A metodologia baseou-se na teoria dialógica da linguagem especificamente no movimento dialógico retrospectivo e prospectivo. Assim, esta pesquisa revelou a prática de

alteridade o ato responsável, a presença do TILS enquanto mediadores nas interações sociais na comunidade surda, garantindo as vivências dialógicas dos sujeitos surdos interculturais.

Palavras-chave: Ato responsível e intercultural, Interpretação de Libras, Educação Inclusiva, Relações dialógicas, Alteridade.

Referências:

Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. Para uma filosofia do Ato Responsável. 3. edição. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - GEGE/UFSCar. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p. 41-146.

Lobato, Huber Kline Guedes; BENTES, José Anchieta de Oliveira. O estágio supervisionado de Libras: o acontecimento inconcluso e a prática educativa intercultural crítica. INTERFACES DA EDUCAÇÃO, [S.
l.], v. 11, n. 31, p. 413–439, 2020. DOI: 10.26514/inter.v11i31.4446. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/interfaces/article/view/4446. Acesso em: 21 jul. 2025.

Oliveira, Ivanilde Apoluceno de. Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil. Ivanilde Apoluceno de Oliveira. – 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2015.

Entre a fala e o texto: estratégias dialógicas e interculturais para o ensino da escrita na Amazônia.

Alicia de Fátima Valentim de Sousa
Graduanda CCSE -UEPA
licivalent@gmail.com

Resumo: Este trabalho parte da observação de uma recorrente dificuldade presente em práticas educativas de língua portuguesa: a discrepância entre a capacidade de expressão oral relativamente coesa e a ineficiência na produção escrita de alunos do ensino médio. O problema, no entanto, não reside na simples transposição da fala para a escrita, mas na dificuldade de estruturar discursivamente uma ideia já expressa oralmente — transformando-a em texto coeso, claro e adequado à situação comunicativa. Logo, supõe-se que essa lacuna se deve a um ensino de escrita que dissocia a consciência linguística espontânea da atividade reflexiva de produção textual. Diante disso, apresenta-se, sob viés qualitativo e ainda em fase de sistematização, uma proposta de oficina que parte da escuta como estratégia formativa para o desenvolvimento da coesão textual na escrita. Fundamentada na perspectiva dialógica da linguagem (Bakhtin, 2010; Volóchinov, 2011), a atividade assume que todo enunciado se constitui como resposta a outros, em um processo de construção de sentido situado. Assim, os alunos são convidados a responder oralmente a uma pergunta geradora relacionada a temas de relevância social e formativa - como, por exemplo, "A escola prepara para a vida?", "O que é ter voz na comunidade?" ou "Qual a importância da língua que falamos para quem somos". Essas falas são gravadas, reescritas pelos próprios alunos e analisadas por seus colegas, a partir de uma ficha de leitura que orienta a identificação de possíveis lacunas de sentido e rupturas de encadeamento textual. A partir dessa escuta mediada inicia-se uma reescrita orientada pelo professor, que atua como mediador entre o que foi dito, o que foi compreendido e o que precisa ser reelaborado para atingir maior clareza e adequação. Kleiman (2008) contribui com a compreensão da escrita como prática social, que exige não apenas domínio formal, mas consciência das escolhas linguísticas em função dos efeitos pretendidos. Nesse sentido, o foco desloca-se da norma padrão para a organização discursiva

em contextos reais de produção. A interculturalidade, no contexto deste trabalho, é compreendida não como um traço evidente da identidade cultural, mas como dimensão latente e muitas vezes invisibilizada da experiência linguística dos sujeitos — que convivem com múltiplas vozes e modos de pensar sem que isso seja reconhecido como parte de sua formação. Ao propor que os temas tratados partam de ideias e vivências dos discentes, a oficina propõe um ensino que analisa a estruturação oral desses saberes plurais como norte do modo de escrita produzida por estes, em consonância com as reflexões de Freire (2001) e Oliveira (2015). Este trabalho defende, portanto, que é exequível — e necessário — ensinar a construção de sentido no texto a partir do que já é possível enunciar, promovendo o deslocamento da escrita como simples codificação para uma prática discursiva intencional e situada. Ao assumir a escuta como etapa inaugural, a proposta visa formar sujeitos capazes de transformar pensamento em texto, e escrita em presença no mundo.

Palavras-chave: Ensino da escrita; Coesão textual; Escuta e mediação; Dialogismo; Interculturalidade.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 21. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001
KLEIMAN, Ângela B. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 10. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.
OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil. Curitiba: CRV, 2015.
VOLOCHINOV, V. N. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010.unduruku, Daniel. 2003. A primeira história do mundo. Gaia. SP

Quando o rio é o outro: o protagonismo do rio-outro na escola ribeirinha amazônica

Sueli Pinheiro da Silva
Doutora em Filologia e Língua Portuguesa
sueli.silva@uepa.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo propor uma análise dialógica sobre o lugar que ocupa o rio no cotidiano de uma escola ribeirinha da região amazônica, considerando-se as relações de existência entre alunos, professores e o próprio rio, relações que são constitutivas da vida de sujeitos que constroem saberes e fazeres intra e extraescolares, saberes culturais. Na confluência do trajeto que percorrem, tais sujeitos protagonizam atos éticos ao ir e vir, chegar e voltar da escola num contexto em que enchentes e vazantes desenham os movimentos do ensinar-aprender, aprender-ensinar, por entre o curso dos rios. Para tanto, faz-se necessário investigar como a escola ribeirinha é vista "de dentro", por sujeitos e elementos que a constituem, e "de fora", em documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), num cruzamento entre o discurso oficial e o discurso cotidiano, além de revisitar, na perspectiva aqui adotada, conceitos de sujeito e cultura nas práticas oficiais e cotidianas. A pesquisa, que é de abordagem enunciativo-discursiva, baseia-se na perspectiva dialógica do discurso, volta-se para a concepção de sujeito e de cultura, constituídos, alteritariamente, bem como para aproximações e/ou distanciamentos entre o oficial e o cotidiano na escola. Foram realizados estudos acerca do documento oficial, visitas à escola, entrevistas e questionários com professores de diversas áreas que lá atuam. Os resultados demonstram que, para além dos currículos e programas institucionais inscritos em documentos oficiais, o rio, sobre o qual navegam professores e alunos, determina o funcionamento da escola, o seu modo de existência e os atos éticos e estéticos dos sujeitos

que nela atuam, de modo a constituir-se *o outro* no processo de ensinar-aprender de comunidades ribeirinhas cujos saberes são, por vezes, colocados à margem, não mais do rio, mas das estruturas curriculares, do discurso oficial que a ele apaga, bem aos saberes culturais por ele emanados no seu curso e percurso, a partir de seus movimentos naturais: o movimento das águas.

Palavras-chave: Escola ribeirinha, Sujeito bakhtiniano, Cotidiano, Amazônia.

Referências:
BAKHTIN, M. Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Tradução Aurora Formoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p.13-70.
BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João 2010.
SOBRAL, A. Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.
VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem* Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

MEMÓRIAS DE FOLHAS – UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Judivalda da Silva Brasil
Mestre em Linguagens e Saberes da Amazonia – UFPA – Campus de Bragança/PA
Secretária de Educação do Estado do Amapá (SEED/AP)
judivaldabrasil@gmail.com

Fernando Fernandes
Doutor em Linguística – UÉvora -PT
Universidade do Estado do Amapá (UEAP)
fernando.silva@ueap.edu.br

Resumo: O presente trabalho foi concebido para alunos do 7º ano da Escola Estadual Reinaldo Damasceno, no Amapá, como uma estratégia pedagógica inovadora e alinhada às diretrizes da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). A iniciativa buscou valorizar o saber popular e cotidiano sobre o uso de ervas como um estímulo para as aulas de Língua Portuguesa. O debate teórico partida para os estudos de Silva (2013), Mors (2016), Koch (2012) e (2018), Proença Filho (2017), Elias (2011), Citelli (2012), Kleiman (2012), Travaglia (2013), Eakin (2019), Pontes Júnior (2014), Manhães (2011), Gerhardt (2013) e Freire (2017). A metodologia adotada foi de caráter **transdisciplinar**, visando a um desenvolvimento integral dos educandos e a uma produção de conhecimentos por uma perspectiva dinâmica e contextualizada. A trilha de sondagem se estruturou em uma sequência didática que utilizou **entrevistas estruturadas e abertas (realizada pelos estudantes)**, realizada com manipuladores das plantas e ervas nas feiras dos arredores da escola e analise da "leitura de mundo" Freire (1992) a partir das produções da memória de vivências dos estudantes com o uso de ervas, através de suas produções em sala de aula. A pesquisa provou o valor do transito de saberes tradicionais entre gerações comprovando que é possível utilizar a língua materna de forma social e real, superando a visão de que os conteúdos se resumem ao que é "enlatado" pelo sistema educacional.

Palavras-chave: Memória. Ervas. Ensino. Língua materna. Oralidade.

REFERENCIAS:
CITELLI, B. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental: poema, narrativa, argumentação.** São Paulo: Cortez, 2012.
EAKIN, P. J. **Vivendo autobiograficamente: a construção da identidade na narrativa**. São Paulo. Letra e voz, 2019.
ELIAS, V. M. **Ensino da Língua Portuguesa: Oralidade, escrita e leitura**. São Paulo. 2011.
FREIRE, P**. Pedagogia do oprimido**. 63ª. ed.Rio de janeiro / São Paulo. Paz e Terra, 2017.
GERHARDT. A. F. L. M. (Org) **Ensino- aprendizagem na perspectiva da linguística aplicada.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
KLEIMAN, A. **Oficina de leitura – teoria e prática**. 14ª edição, Campinas, SP. Pontes Editores, 2012.
KOCH, I. G. V, et al. **Intertextualidade: diálogos possíveis** .3ª ed . São Paulo, 2013.
_____, I. V. **A interação pela linguagem**. 11ª ed.,3ª reimpressão.São Paulo: Contexto, 2018.
MANHÃES, H. **A prática pedagógica: ação dialógica na construção de identidades.** 2.ed. Rio de janeiro: Wak End.,2011.
MORS CABRAL, L. **Plantas e civilização: Fascinantes histórias da etnobotanica**.1 ed. Rio de Janeiro, 2016.
PROENÇA FILHO. D. **Leitura do texto, leitura do mundo**. 1ª ed. Rio de janeiro: Anfiteatro, 2017.
SILVA, T/. **Ervas & amp; plantas medicinais: do empírico ao cientifico**. Porto Alegre: Imprensa, 2013.
TRAVAGLIA, L. C. **Na trilha da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento.** 1 ed.São Paulo: Cortez, 2013.

Práticas Educativas Ambientais, Inclusivas e Socioambientais na Amazônia: Análise da Obra "Amigos para Sempre: Salvando o Planeta" de Maria Luiza da Silva Barbosa

Dilma Costa Nogueira Dias
Doutoranda do PPGED - UEPA
dilmacndias@gmail.com

Erivelton Lopes
Doutorando em Ciências da Educação – Fust University
eriveltonlopes89@gmail.com

Maria Catarina Wanzeler Carvalho
Mestra em educação
wanzelercatarina@gmail.com

José Anchieta de Oliveira Bentes
Doutor
anchieta2005@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a importância das práticas educativas ambientais no contexto escolar, a partir da obra Amigos para Sempre: Salvando o Planeta, escrita por Maria Luiza da Silva Barbosa, uma jovem de 11 anos atendida pela APAE Belém, sob a orientação da professora Josiana Machado. O livro resulta de uma prática pedagógica

inclusiva e interdisciplinar que ultrapassa os limites do ensino tradicional, valorizando a criatividade, a expressão e a sensibilidade ambiental da criança como formas legítimas de produção do conhecimento. Ademais, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e caráter descritivo-interpretativo, configurando-se como um estudo de caso centrado na análise de seu livro enquanto expressão de um processo formativo vivenciado na APAE Belém. Os dados foram coletados por meio de análise documental, envolvendo o livro, registros escolares e oficinas, e entrevistas semiestruturadas com a professora e membros da equipe pedagógica. A fundamentação teórica baseia-se nos aportes de Paulo Freire (2021), Ailton Krenak (2022, 2019) e Catherine Walsh (2009), cujas reflexões sustentam uma educação libertadora, pautada nos saberes ancestrais, na escuta ativa e na interculturalidade. Também dialogamos com autores contemporâneos como Smith e Tyler (2022), que evidenciam os benefícios cognitivos, emocionais e sociais da introdução de temas ambientais na educação especial. Inserida no contexto amazônico, marcado por sua diversidade sociocultural e ambiental, a experiência estudada destaca a urgência de propostas pedagógicas alinhadas aos modos de vida dos povos da floresta e comprometidas com a justiça socioambiental. O projeto, inicialmente voltado ao desenvolvimento da linguagem e ao enriquecimento do vocabulário da aluna, transformou-se em uma ação autoral e inspiradora: Maria Luiza não apenas escreveu um livro que sensibiliza leitores sobre a importância do cuidado com o planeta, como também protagonizou oficinas educativas sobre reaproveitamento de materiais, ensinando, por exemplo, a confecção de brinquedos com garrafas PET. Os achados da pesquisa demonstram que práticas ambientais interdisciplinares e fundamentadas em abordagens críticas e inclusivas favorecem o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de crianças com deficiência. Johnson e Brown (2023) reforçam que "a inclusão de práticas ambientais no currículo da educação especial não apenas beneficia o aprendizado, mas também contribui para a formação de cidadãos mais responsáveis e conscientes". Além disso, evidenciam o potencial das narrativas infantis como ferramentas de expressão, aprendizado e mobilização comunitária. A experiência analisada revela que a educação ambiental, quando ancorada na realidade cotidiana e na escuta sensível das crianças, torna-se uma poderosa ferramenta de formação cidadã e ecológica. A trajetória de Maria Luiza prova que, mesmo em contextos adversos, crianças são plenamente capazes de criar, ensinar e inspirar transformações concretas, desde que lhes sejam assegurados espaços de afeto, escuta e participação ativa no processo educativo.

Referências:

BNCC – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

JOHNSON, L.; BROWN, M. Challenges in implementing environmental education in special education settings. International Journal of Environmental Education Research, 2023.

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Aílton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SMITH, J.; TYLER, R. Inclusive environmental education: bridging the gap for special needs students. Journal of Special Education and Sustainability Studies, 2022.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala, 2009.

Concepções bakhtinianas à luz da teoria literária: uma análise discursiva do conto machadiano "O enfermeiro" como proposta de atividade bilíngue (Português/ LIBRAS)

Claudia Catarina Oliveira da Paz
Mestranda do PPGELL/UEPA
claudiapaz@ufpa.br

Sueanne do Socorro Freitas da Silva
Mestranda do PPGELL/UEPA
sueanne.freitas@escola.seduc.pa.gov.br

Vanesa Maria Paulino Ribeiro
Mestranda do PPGELL/UEPA
vanesa.ribeiro@escola.seduc.pa.gov.br

Resumo: Este trabalho discute os principais conceitos da teoria de Mikhail Bakhtin, com foco nas noções de dialogismo e polifonia, por meio da análise do conto *"O Enfermeiro"*, de Machado de Assis. A escolha da obra se justifica pela diversidade encontrada nas vozes e perspectivas que atravessam a narrativa, permitindo observar, com clareza, o entrelaçamento de discursos e a construção de sentidos na interação entre os enunciados. Por meio da pesquisa bibliográfica, a partir de Bakhtin (2016) e suas contribuições para a análise dialógica, construiu-se o aporte teórico fundamental para discutir os elementos essenciais constitutivos da narrativa e retomados na pesquisa. Para este propósito utilizou-se também Bagno (2002), Peixoto (2006), Rojo (2012) entre outros teóricos necessários a esta construção, buscando analisar a referida obra machadiana, e partindo dela, propor como sugestão atividades que tragam a perspectiva bilingue para a sala de aula orientadas pela BNCC (2018). O conto, marcado por ambivalências, ironias e tensões morais, oferece um cenário propício à reflexão sobre as relações interdiscursivas e sobre a pluralidade ideológica presente na linguagem literária. Em relação ao estilo machadiano, caracterizado por personagens multifacetados e narrativas não convencionais, o contexto enunciativo contribuiu para a desconstrução de verdades absolutas, criando um ambiente fecundo para a aplicação das concepções bakhtinianas. Assim, a análise elaborada evidenciou como a complexidade discursiva da obra dialoga com os fundamentos da teoria do discurso, especialmente no que diz respeito à multiplicidade de vozes que constituem o texto literário. Ao final, é proposto uma sequência didática que se une com o bilinguismo por meio da utilização do contexto de Língua Portuguesa, da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e suas possíveis contribuições para o enriquecimento do aprendizado inclusivo.

Palavras-chaves: Concepções bakhtinianas. Linguagens. Conto machadiano.

Referências:

ASSIS, Machado. Obra completa [volume II]. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael (coords.)**.** Língua materna: variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
BAKHTIN, Mikhail. Problemas na Poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense, 2013
BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. (Organização, tradução, posfácio, notas Paulo Bezerra). São Paulo: Editora 34, 2016.
BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Perspectiva, 1987
BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira/ Alfredo Bosi. – 44. ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 02 jun.25
BRONCKART, Jean-Paul. Atividades de linguagem, textos e discursos.São Paulo: EDUC.1999
CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
COSTA, Jeisse Álvares da. Sinalário LSB. Machado de Assis em LIBRAS [vídeo]. Youtube, 03 dez.19. Disponível em: https://youtube.com/shorts/FEqqrxsTQKo?si=L_BpvoLuGdLgkKRh, acesso em: 05 jun.25
FARIAS, Mauro. DIMANTAS, Melanie. O enfermeiro: média-metragem. [Brasil], 1999, 43 min. Disponível em: https://youtu.be/YY8RNYkSM18?si=-ShVOGYA4kQ1NRQb, acesso em: 05 jun.25
GLEDSON, John. Machado de Assis: impostura e realismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Machado de Assis: o escritor que nos lê. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
PEIXOTO, Renata Castelo. Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. Cad. CEDES, Campinas, v. 26, n. 69, p. 205-229, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/XRLzhSvHfY6zB6JrL4DWJsF/?lang=pt. Acessado em 01 jun.2025
ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
SCHNEUWLY, Bernard. DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos romances de Machado de Assis. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
TODOROV, Tzvetan. As Estruturas Narrativas. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 5.ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2006.

Linguagem em Traços e Vozes: A Cartilha Cidade em Lápis como Experiência Intercultural na Educação Amazônica

Christiane da Cunha Santiago
Mestranda do PPGLI-UFAC
chris.iory.vida@gmail.com

Vanessa Marques da Silva
Secretaria de Estado de Educação do Acre – SEE
vanessaarilsom@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta uma prática pedagógica realizada com turmas do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e do 2º ano do Ensino Fundamental, a partir do uso da cartilha visual Cidade em Lápis para Colorir, desenvolvida pelo Governo do Estado do Acre como parte de uma política de valorização dos atrativos turísticos locais. A prática foi realizada por duas professoras da rede pública de Rio Branco, Acre. A primeira atua na Escola Frei Thiago Maria Matiolli, no AEE, atendendo alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental; a segunda atua na Escola Clínio Brandão, conduzindo uma turma do 2º ano do ensino regular. Mais que um material ilustrativo, o livrinho transforma-se em recurso didático que conecta os estudantes à sua história, à sua identidade e ao espaço urbano que habitam. Como afirma Freire (2001, p. 25), "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo", e esse mundo, neste caso, é o território acreano e amazônico que aparece desenhado para ser reconhecido, vivido e recriado pelas

crianças. A proposta visou desenvolver a linguagem de alunos com e sem deficiência, por meio de experiências dialógicas e culturais, favorecendo o uso da oralidade, da leitura de imagens e da expressão criativa a partir de referências locais. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter descritivo, baseou-se em observação participante e registro documental. Os principais instrumentos foram os desenhos da cartilha, as falas das crianças, registros fotográficos e as produções coloridas. Os alunos foram convidados a escolher um ponto turístico da cartilha — como a Gameleira, o Palácio Rio Branco ou o Mercado Velho —, colorir e, a partir da imagem, expressar memórias, ideias ou histórias oralmente ou por meio de apontamentos, gestos ou escrita assistida. Conforme Bakhtin (2010, p. 105), "a linguagem é antes de tudo interação social", e foi justamente nesse espaço interativo que se produziu sentido, mesmo em casos de dificuldades de pronúncia ou expressão. A experiência revelou que tanto os alunos público-alvo da educação especial quanto os alunos da turma regular manifestaram esforços semelhantes em comunicar-se, embora por caminhos diferentes. Enquanto uns utilizaram palavras e frases completas, outros recorreram a imagens, apontamentos e tentativas sonoras — todos, no entanto, movidos pelo desejo de partilhar sentidos. Como destaca Oliveira (2015, p. 82), "as práticas interculturais abrem espaço para múltiplas linguagens e formas de estar no mundo". Os resultados evidenciam que a linguagem, quando trabalhada de forma contextualizada e sensível, torna-se um território comum entre sujeitos singulares. A cartilha, nesse contexto, cumpriu papel fundamental: além de motivar o aprendizado, despertou o pertencimento e a valorização dos elementos da cultura amazônica. Em ambas as turmas — AEE e 2º ano regular — os alunos demonstraram envolvimento, autoria e capacidade criativa, provando que a linguagem é múltipla, viva e relacional.

Palavras-chave: Educação Especial; Linguagem; Amazônia; Visualidade; Identidade Cultural.

Referências:

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GOVERNO DO ACRE. Desenhos de atrativos turísticos do Acre são disponibilizados para download. *TV Campo Verde*, 2024. Disponível em: https://tvcampoverde.com.br/noticia/32871/desenhos-de-atrativos-turisticos-do-acre-sao-disponibilizados-para-download. Acesso em: 23 jun. 2025.

OLIVEIRA, A. M. P. de. Práticas interculturais na Amazônia: por uma pedagogia dos encontros. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 53, n. 41, 2015.

SETUR/ACRE. Cidade em lápis para colorir. Governo do Acre – Secretaria de Turismo e Empreendedorismo. Disponível em: https://sete.ac.gov.br/cidade-em-lapis-para-colorir/. Acesso em: 23 jun. 2025.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: 34, 2017.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

Sociolinguística de contato e políticas linguísticas na Amazônia

CELESTE MARIA DA ROCHA RIBEIRO

KELLY CRISTINA NASCIMENTO DAY

COMUNICAÇÕES

DO /O/ AO [U] EM POSIÇÃO TÔNICA: UM ESTUDO DO ALTEAMENTO VOCÁLICO NA VARIEDADE FALADA NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PA

Estudo Sociolinguístico de documentos cartoriais e a sociohistória de Mazagão Velho

Aspectos da concordância nominal do português falado no distrito do maruanum Macapá/AP

PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE /S/ EM CODA MEDIAL PELOS FALANTES INDÍGENAS DE PORTUGUÊS L2 EM OIAPOQUE – AP

Situação sociolinguística na fronteira Oiapoque (AP) – Saint Georges (Guiana Francesa)

Ausência do artigo definido antes de antropônimos no português falado em Fernandes Belo, PA: um estudo sociolinguístico

A noção de fronteira como ecótono linguístico: breves reflexões a partir da Ecolinguística

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FRONTEIRIÇA E DA REPRESENTAÇÃO DO FRANCÊS NA FRONTEIRA FRANCO BRASILEIRA

Competências Linguísticas em Contexto de Contato: um estudo com Catraieiros da Fronteira Franco-Brasileira

Povos Indígenas do Oiapoque: Políticas Linguísticas na Contemporaneidade

DO /O/ AO [U] EM POSIÇÃO TÔNICA: UM ESTUDO DO ALTEAMENTO VOCÁLICO NA VARIEDADE FALADA NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PA

Mariane Daysa de Castro Gomes
Mestranda do PPGEL-CUNTINS/UFPA
mariane.daysa@gmail.com

Raquel Maria da Silva Costa Furtado
Doutora em Linguística – PPGL-UFC
raqmcosta@gmail.com

O presente trabalho aborda sobre alteamento vocálico da vogal média posterior fechada /o/ em posição tônica na variedade falada na zona rural do município de Cametá, nordeste paraense. Tem como objetivo analisar a atuação dos fatores linguísticos e dos extralinguísticos como sexo, escolaridade e faixa etária para a elevação da vogal média tônica /o/, com base em uma amostra estratificada e sob a análise metodológica da Sociolinguística variacionista (Labov, 2008) e da abordagem teórica com a descrição do sistema vocálico do português brasileiro de Câmara Jr. ([1970] 2015), com destaque para o quadro das vogais tônicas; e dos principais estudos sobre o fenômeno de alteamento vocálico da média posterior tônica /o/ ~ [u] no português falado no Brasil, Nunes (1960), e no Pará Assunção e Costa (2003), Rodrigues (2005); Pontes (2020; Júnior, (2021). O *corpus* deste estudo foi constituído por meio de entrevistas livres, envolvendo relatos de experiências pessoais de 18 informantes, todos cametaenses e residentes da zona rural do município de Cametá, os quais foram sistematizados conforme as variáveis sociais: sexo (09 femininos e 09 masculinos); faixa etária (06 de 18 a 29 anos; 06 de 30 a 45 anos; e 06 de 46 anos em diante); e escolaridade (06 com pouca escolaridade, 06 com ensino médio e 06 com ensino superior). Obteve-se um total de 1032 dados de fala oriundos dos sujeitos-informantes base deste estudo, os quais foram tratados e analisados quanti-qualitativamente por meio do programa computacional estatístico GOLDVARB - X, desenvolvido por Sankoff, Rousseau e Tagliamonte (2005), seguindo os moldes labovianos. A análise, incidiu sobre as variáveis independentes, a fim de verificar as influências dos fatores linguísticos e sociais para a manifestação do alteamento /o/ ~ [u]. Os resultados mostraram a maior probabilidade para ausência do alteamento com peso relativo de 0.928 do que para a presença, peso relativo de 0.072. A análise quantitativa revelou também as influências dos fatores linguísticos e extralinguísticos considerados significativos para explicar a elevação da média tônica /o/. Quanto aos aspectos linguísticos, o programa estatístico demonstrou que: a classe dos verbos influencia o alteamento do /o/ tônico, com peso relativo de 0.703; a sílaba aberta, com peso relativo de 0.623; e vocábulos de uma sílaba e de três sílabas com peso relativo de 0.621 (para ambos os fatores), como também vocábulos de duas sílabas, peso relativo de 0.507, influenciam com maior probabilidade este alteamento. No que diz respeito aos fatores extralinguísticos selecionados como influenciadores da ocorrência de alteamento da vogal média posterior tônica /o/, os resultados apontam que os falantes com pouca escolaridade, com peso relativo de 0.863, e a faixa etária de 46 anos em diante com a significância de 0.757, são os que mais elevam o traço de altura da vogal média posterior.

Palavras-chave: Vogal média posterior fechada. Posição tônica. Alteamento vocálico. Variação sociolinguística.

Referências:
ASSUNÇÃO, Martha; COSTA, Raquel. **O alteamento /o/~/u/ no falar do analfabeto das ilhas de Cametá: um exercício de análise variacionista.** Cametá, 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).
CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 47a ed.. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2015 [1970].
JÚNIOR, Celsio Francês. **Atitude e estigma**: investigações sobre o status do alteamento da vogal média posterior tônica na variedade marajoara. 2021. Dissertação (Doutorado em Letras) – UFPA, Belém/PA, 2021.
LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**: fonética e fonologia. 6 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1960.
PONTES, Mendes Rodrigues. **O alteamento da vogal média /o/ >/u/ em posição tônica e pretônica nos falares dos Baionenses da Zona Urbana.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso – (Graduação em Letras) – Campus Universitário Tocantins da Universidade Federal do Pará, Cametá/PA, 2020.
RODRIGUES, Doriedson S. **Da zona urbana a rural/entre a tônica e a pretônica: alteamento /o/ ~ [u] no português falado no município de Cametá/Ne paraense: uma abordagem variacionista.** 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

Estudo Sociolinguístico de documentos cartoriais e a sociohistória de Mazagão Velho

Luciano Henrique Santos dos Santos
Graduando em Letras-UEAP hluciano508@gmail.com

Edna dos Santos Oliveira
Doutora em Linguística-UEAP
edna.oliveira@ueap.edu.br

Resumo: Mazagão Velho, Distrito do Município de Mazagão, possui uma história peculiar que remonta à transferência da cidade marroquina *Mazigan* para a região norte do Brasil, na segunda metade do século XVIII. A transplantação da cidade constitui entre diversas outras estratégias, o projeto pombalino de domínio e expansão da colônia portuguesa, visando à defesa da fronteira amazônica e o povoamento da referida região. No âmbito da dinâmica administrativa da época, os cartórios já se dedicavam aos registros de documentos oficiais, lavrados e oficializados, para o atendimento à necessidade de registrar atos e escrituras da vida mazaganense. Esses documentos, enquanto registro de aspectos de ordem civil, resguardam a sociohistória dessa comunidade bem como aspectos de escrita a usada nas interações oficiais, de natureza cartorial. Atualmente, os manuscritos históricos da Comarca de Mazagão, dentre outros documentos, estão acondicionados na Seção de Memória Institucional/Coordenadoria de Informação, Documentação e Memória Judiciária, do Fórum Des. Benedito Antônio Leal de Mira em Macapá. Desse acervo, selecionamos o Livro de Notas do Juiz de Paz N°2 da Vila de Mazagão (1877-1881), no qual constam 193 tipos de notas cartoriais, dentre escrituras de perfilhação, de vendas, de trocas, doações, cartas de liberdade, registros de reconhecimento paterno e procurações gerais. Dentre esses gêneros, selecionamos para o estudo quatro manuscritos, sendo duas escrituras de liberdade e duas escrituras de venda, redigidas pelos tabeliães Antônio Miguel Ayres da Silva e Antonio Castilho da Penha. Neste trabalho, trazemos um recorte de traços de escrita do português desse período histórico, identificados nos documentos selecionados.

Partindo da pressuposição de que um estudo descritivo de documentos históricos, de natureza sincrônica, apresenta a necessidade de preparar filologicamente os manuscritos para a análise, adotamos a edição mono testemunhal diplomática (Cambraia, 2005). Levando em conta o olhar para o passado sem ignorar, como referência, o presente (Mattos e Silva, 1999), à luz da Sociolinguística, consideramos em documentos editados, vocábulos que apresentaram idiossincrasias gráficas, que podem caracterizar a escrita da época. Assim, para estudo dos fenômenos identificados nos dados, nos fundamentamos em Coseriu (1971), Alkmim (2002); nas gramáticas de Ribeiro (1885) e de Coutinho (1971) e nos estudos de Andrade (2009), Keller e Costa (2014), Teyssier (1982), Roman e Bençal (2000) e Keller e Golçalves (2018). Como resultados parciais da Pesquisa de Iniciação Científica, os documentos cartoriais revelaram traços de escrita já identificados em estudos do Português do século XIX. O estudo revelou a ocorrência de grafia etimológica com a presença dos fenômenos: consoantes geminadas, grupos consonantais próprios e impróprios e uso da consoante "h" na consoante composta "ph". No entanto, predomina nos dados aa ocorrência de aspectos correlacionados à escrita grafo-fonética em que se encontram os fenômenos de substituição das sibilantes, flutuações vocálicas, elipse consonantal e notações lexicais. Podemos considerar que essas marcas são o reflexo do carácter dinâmico e histórico da língua, além do que esses documentos refletem a realidade social escravocrata, atestada pela lavratura de cartas de liberdade, bem como de termo de compra e venda de pessoas em situação de escravização, escrituras de manumissão e escrituras de hipoteca em que o escravo era tido como garantia. Esses documentos atestam o modelo econômico da coroa nas colônias que se assentava na exploração da mão de obra africana e da vida humana escravizada como propriedade e patrimônio material. O estudo permite correlacionar, portanto, aspectos linguísticos típicos da escrita em notações cartoriais da época e a dinâmica social mazaganense.

Palavras-chave: Documentos cartoriais, Mazagão, Sociolinguística.

Referências:

Alkmim, Tânia Maria. Esteriótipos linguísticos: negros em charges do séc. XIX. In: Alkmim, Tânia Maria (org,) Para uma história do português brasileiro. São Paulo: Humanitas, 2002, Vol. III, pag. 383-402.

Andrade, Elias Alves de. 2009. Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. Filologia e Linguística Portuguesa, [S. l.], n. 10-11, p. 149–172.

Cambraia, C. N. 2005. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes.

Coseriu, Eugenio. Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística. Trad.: Carlos Alberto da Fonseca Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo, 1979

Coutinho, Ismael Lima. Gramática histórica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2005. 355 p.

Keller, Tatiana; Gonçalves, Alcides. Edição diplomática e comentários paleográficos de manuscritos do final do século XIX, da cidade de Santa Maria. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 121-143. 2018.

Keller, Tatiana; Costa, Evellyne. A instabilidade das vogais médias pretônicas em cartas pessoais do Rio Grande do Sul do século XIX. Web Revista SOCIODIALETO, v. 4, p. 61-72, 2014.

Silva, Rosa Virgínia Mattos e. 1999. Orientações Atuais Da Lingüística Histórica Brasileira. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, (147-166).

Teyssier, Paul. História da língua portuguesa. Tradução de Celso Cunha. Martins Fontes, 1982. Fonte digital. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/22899347/paul-teyssier-historia-da-lingua-portuguesa. Acesso em: 03 ago. 2025.

Ribeiro, Julio. Grammatica Potugueza. Segunda edição. Teixeira e irmão, editores. SP, 1885. In: Biblioteca digital, UNESP. Disponível em: https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/d151c66e-12df-4844-ad34-6013af6ad5e1. Acesso em: 14 ago. 2025.

Roman, Elódia Constantino; Bençal, Dayme R. O português brasileiro do século xix nas cartas da baronesa de guaraúna e da imperatriz thereza. Línguas & Letras, [S. l.], v. 13, n. 24, 2000. DOI: 10.5935/rl&l.v13i24.6968. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6968. Acesso em: 16 ago. 2025.

Aspectos da concordância nominal do português falado no distrito do maruanum Macapá/AP

Amanda Montserrat Herrera de Souza
Mestra em Letras – PPGLET-UNIFAP herreraamanda0@gmail.com

Resumo: Este trabalho pretende descrever e analisar uma variedade de português afroamazônico falado em três comunidades quilombolas do Amapá, cujas histórias são circunscritas pela dinâmica híbrida de formação amapaense, sendo elas Santa Luzia, São João e Carmo do Maruanum, pertencentes ao distrito do Maruanum, Macapá, Região Norte do Brasil. A realização desse estudo desenvolve-se a partir de um cruzamento epistemológico, percorrendo, então, os caminhos da Sociolinguística laboviana, bem como da Etnolinguística, e nesse sentido, também perpassa por discussões sobre memória, identidade, religiosidade e diásporas negras e indígenas. Pensando nessa ecologia, realizamos nas comunidades supracitadas um estudo sociolinguístico acerca dos aspectos da concordância no Sintagma Nominal (doravante SN) da variedade de português afro-amazônico do Maruanum. Os fenômenos da marcação de número e gênero no SN foram observados sob a ótica quantitativa da Sociolinguística Variacionista, no entanto, buscou-se também ampliar as fronteiras da análise morfossintática, inserindo na pesquisa o contexto da comunidade de fala, uma vez que o escopo deste estudo é constituído das proposições sociais e históricas que influenciaram e permanecem influenciando as relações linguísticas daquele distrito. É válido ressaltar que as pesquisas no âmbito Variacionista são inexpressivas no cenário amapaense, sobretudo no que tange aos trabalhos que investigam a variação morfossintática (Sanches, 2021). Dentre eles, as proposições feitas por Ribeiro (2018) merecem destaque, tendo em vista o pioneirismo no desenvolvimento das pesquisas morfossintáticas, no âmbito da concordância no Sintagma Nominal. O viés quantitativo da pesquisa conta com a utilização do programa de cálculo multivariado GoldVarb-X para quantificação da variável dependente binária, sendo, no âmbito da flexão de número no SN, estabelecidas da seguinte forma: presença ou ausência da marca de plural. Na amostra de fala analisada foram sistematizadas 448 ocorrências referentes aos itens lexicais do SN que foram produzidos pelos falantes da variedade de PB falada nas comunidades quilombolas do distrito do Maruanum. Levando em consideração o caráter descritivo desta pesquisa, também foram feitas breves considerações acerca da variação de gênero encontrada no cotejo de dados. É válido destacar que a análise contida qualitativa, levando em consideração a quantidade inexpressiva, porém significativa, de dados. No que diz respeito a concordância de número, foi observado que das 448 ocorrências de SN's no plural, a regra de concordância aplicou-se a 201 ocorrências, correspondendo a uma frequência de 44,9% de presença de marcas de formalidade. Ainda que a não marcação de plural não apresente dados percentuais tão discrepantes, quando comparados a aplicação desta regra, confirma-se uma não preferência pelas marcas de concordância nessa comunidade de fala. O percentual de realização das marcas de plural no português falado no Maruanum não se mostrou expressivo, apresentando um diferencial de aproximadamente 10%, quando comparado a não-realização das marcas plurais. A realidade linguística da comunidade é um reflexo do contexto social na qual está inserida. Embora estejamos falando de um distrito rural

pequeno e distante do continuum urbano, há na comunidade uma cultura de valorização da educação, com escolas de educação infantil, ensino fundamental e médio, e recentemente a instauração de um polo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), que garante aos moradores acesso ao ensino superior sem a necessidade de se deslocar até a capital Macapá.

Palavras-chave: Variação Linguística; Concordância Nominal; Comunidades quilombolas; Maruanum.

Referências:
COIROLO, Alicia. Atividades e tradições dos grupos ceramistas do Maruanum (AP). Boletim Museu Paraense Emilio Goeldi, Série Antropologia. 7(1):71-94, 1991. LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Tradução Marcos Bagno, Maria Mata Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. LUCCHESI, Dante; DÁLIA, Jaqueline. Novos condicionamentos estruturais da variação na concordância nominal de número. Forum lingüístic, Florianópolis. v.19, n.1, p.73697386, 2022.
OLIVEIRA, Edna. Devoção, tambor e canto: Um estudo etnolinguístico da tradição oral de Mazagão Velho. 264f. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
RIBEIRO, Celeste Maria da R. Contato Linguístico e a Concordância de Número no Sintagma Nominal no Português de Oiapoque-AP. – Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2018.
SANCHES, Romário Duarte. Variação Linguística do português falado no Amapá. Cadernos de Linguística, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2021.
SCHERRE, M. M. P. Reanálise da concordância nominal em português. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. Editora Ática, 2003, p.5-25.

PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE /S/ EM CODA MEDIAL PELOS FALANTES INDÍGENAS DE PORTUGUÊS L2 EM OIAPOQUE – AP

Ruan Vales Viana
Graduado em Letras – UNIFAP
profruanvales@gmail.com

RESUMO: Estudos variacionistas do Português Brasileiro (PB) como primeira língua (L1) destacam grandes possibilidades de variação das consoantes fricativas, principalmente em posição de coda silábica, seja medial (interna) ou final. Nessa perspectiva, a partir de análises que contemplem os fenômenos fonéticos e fonológicos, observa-se que, em coda medial, duas variantes são usadas com mais frequência pelos falantes de PB L1: de um lado tem-se a fricativa alveolar [s] e do outro a fricativa palatal [ʒ, ʃ] (DINAH CALLOU, 1996; ALZIRA MACEDO; MARTA SCHERRE, 1991; RAZKY; SANTOS, 2020). Dessa forma, a partir dos estudos já realizados no PB L1 a respeito da variação de /S/ em coda medial, nesta pesquisa objetivou-se mapear, em caráter preliminar, este perfil de variação no PB segunda língua (L2) falado por indígenas da etnia Galibi Marworno moradores do município de Oiapoque no estado do Amapá, tendo em vista a diversidade do contato linguístico na presente região. Sob essa perspectiva, o corpus deste trabalho advém de recorte de dados da tese de doutorado de Ribeiro (2018) considerando 9 falantes da etnia Galibi Marworno, os quais totalizaram 417 dados registrados de /S/ em coda medial e suas respectivas variantes. A partir dos dados obtidos, observou-se a predominância da variante fricativa palatal [ʒ, ʃ] (77,94%), fato esse característico da maior parte dos falantes da região norte do país. No entanto, fonemas menos prestigiados como a consoante fricativa glotal [h] (15,11%) e o zero fonético [ø] (6%), cuja ocorrência se deu em contextos

mais restritos, foram detectados. Dessa maneira, as variáveis linguísticas sujeitaram-se à análise do contexto subsequente, o qual mostrou maior possibilidade de ocorrência dessas variantes diante de /m/. Quanto às variáveis extralinguísticas, devido à restrita quantidade de dados, não houve resultados significativos para afirmarmos que há grandes diferenças entre o falar de jovens e adultos ou mesmo entre graus de escolaridade.

Palavras-chave: Sociolinguística. Português indígena. /S/ em coda silábica. Galibi Marworno.

Referências:
CALLOU, D.; MORAES, J. A. A norma da pronúncia do S e do R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: Suzana Cardoso (org.) Diversidade linguística e ensino. Salvador: EDUFBA, 1996
SCHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. T. 1991. Variação e Mudança: o caso da pronúncia do S pós-vocálico. In: ABRALIN. Associação Brasileira de Linguística.
RAZKY, A. SANTOS, D. C. Estudo comparativo da variação do /S/ em posição de coda silábica nos atlas linguísticos estaduais da Região Norte. Revista Moara, n. 55, jan-jul, 2020.
RIBEIRO, C. M. R. Contato Linguístico e a Concordância de Número no Sintagma Nominal no Português de Oiapoque-AP. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

Situação sociolinguística na fronteira Oiapoque (AP) – Saint Georges (Guiana Francesa)

Francicley Santana Valente Magalhães
Graduanda de Letras-Inglês (UNIFAP)
valentefrancicley@gmail.com

Celeste Maria da Rocha Ribeiro
Doutora em Linguística (PPGLET-UNIFAP)
celeste.ribeiro@unifap.br

RESUMO: Este estudo objetiva evidenciar o panorama da realidade sociolinguística da região fronteiriça que compreende o município de Oiapoque (Brasil) e o de SaintGeorges (Guiana Francesa), espaços onde interagem falantes de línguas distintas, como o português, o francês, línguas indígenas e o crioulo guianense. Nesses territórios essas línguas coexistem, mas possuem perfis de uso diferenciados, haja vista o papel social que cada uma desenvolve, considerando as diferentes situações comunicativas em que são empregadas. Assim, esse panorama trará uma descrição dos distintos papeis desempenhados por cada uma das línguas usadas nesses locais. Para subsidiar nossas discussões, serão considerados pressupostos e abordagens teóricas destacados por Sankoff (2001), Day (2005), Barros (2016), Campetela et al (2017), Ribeiro (2018), Capiberibe (2009) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), os quais discutem a temática do contato linguístico em relação à dinâmica dos povos que circulam pela sociedade; nesse viés ressaltamos a interação acentuada e frequente que ocorre nos contextos de fronteira, entre falantes de línguas diferentes, ocasionada, principalmente, pelas relações histórico-comerciais, econômicas e socioculturais que são estabelecidas entre os povos de áreas fronteiriças. A metodologia desse trabalho é de caráter qualitativo, pela perspectiva analítica e descritiva. Os dados descritos foram coletados para fins de elaboração de tese, por meio de conversas informais, entrevistas e relatos de cerca de 40 moradores dos referidos municípios, sendo 24 oiapoquenses e 16 guianenses. Os resultados apontam que apesar de as diferenças étnico-raciais, observadas nas cidades em estudo, há integração e cooperação entre os falantes, os quais compartilham espaços geográficos semelhantes e vivenciam o contato na fronteira, ainda que em graus de vivência diferenciados; conclui-se, assim, que a região fronteiriça Oiapoque – Saint-Georges apresenta uma realidade multilíngue, cujas línguas transitam em direções distintas, em que a língua portuguesa é a língua oficial em Oiapoque e a francesa em Saint-Georges, porém essa é a língua do

comércio, consequentemente, das maiores oportunidades no mercado de trabalho, em ambos os lados da fronteira.

Palavras Chave: diversidade linguística, fronteira amapaense, contato linguístico.

Referências:
Barros, Elissandra. 2016. A Língua Parikwaki (Palikur, Arawak): Situação Sociolinguística, Fonética e Fonologia. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
Campetela Cilene et al. 2017. Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. Revista Linguística, Vol. 13, n.1, p. 151-167, 2017.
CAPIBERIBE, Artionka. 2009. A Presença *créole* entre os ameríndios Palikur na fronteira Brasil/Guiana Francesa. Caxambu, Comunicação apresentada no 33º Encontro Anual da Anpocs, 2009.
Day, Kelly. 2005. A Situação Sociolinguística da Fronteira franco-brasileira: Oiapoque e Saint Georges. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
Ribeiro, Celeste. 2018. Contato Linguístico e a Concordância de Número no Sintagma Nominal no português de Oiapoque/AP. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
Sankoff, Gillian. 2001. Linguistic outcomes of language contacts. In: TRUDGILL, P.; CHAMBERS, J.; SCHILLING-ESTES, N. eds., Handbook of Sociolinguistics. Oxford: Basil Blackwell, p. 638-668.
Weinreich, Uriel; Labov William; Michel Herzog. 2006 [1968]. Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. (Tradução de Marcos Bagno).

Ausência do artigo definido antes de antropônimos no português falado em Fernandes Belo, PA: um estudo sociolinguístico

Raquel Tavares Silva
Graduanda da UFPA
Raqueltavares0987@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a ausência da contração da preposição com o artigo definido antes de nomes próprios (antropônimos) na fala de moradores da vila de Fernandes Belo, situada no município de Viseu, no estado do Pará. Esse fenômeno, embora não prescrito pela norma-padrão do português, constitui um traço recorrente na variedade local e revela aspectos importantes da dinâmica linguística em regiões de contato. A presença dessa construção evidencia uma prática enraizada nas relações sociais, históricas e identitárias das comunidades que compõem a região, marcada por intensas trocas com o estado vizinho do Maranhão. Dessa maneira, a pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da Sociolinguística, com base nos estudos de Labov (2008), e foi conduzida por meio de abordagem qualitativa. Ademais, foi realizada uma pesquisa de campo e bibliográfica, portanto participaram 14 colaboradores, distribuídos conforme os seguintes critérios: faixa etária, gênero e mobilidade geográfica. A análise considerou os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a escolha entre a contração e a forma plena da preposição com o artigo definido. Dessa forma, os resultados apontam que a ausência da contração ocorre predominantemente diante de nomes próprios e se manifesta tanto em enunciados marcados por carga afetiva quanto em construções mais informativas, sugerindo que esse traço pode estar se consolidando como uma norma local. Além do fator linguístico, observou-se a influência do contato intercomunitário com cidades maranhenses, reforçando a hipótese de que a região configura um contínuo dialetal. Conclui-se que a referida variação reflete não apenas aspectos gramaticais, mas também históricos e sociais, funcionando como marcador identitário dos falantes e demonstrando a legitimidade das variedades do português falado em comunidades rurais e de fronteira.

Palavras-chave: artigo definido; antropônimos; sociolinguística; contato linguístico.

A noção de fronteira como ecótono linguístico: breves reflexões a partir da Ecolinguística

Jamille Luiza de Souza Nascimento
Mestranda PPGLET- UNIFAP
jamille.luiza8254@gmail.com

Kelly Cristina Nascimento Day
Doutora em Estudos da Linguagem PPGLET - UFF
kelly.day@ueap.edu.br

O presente trabalho apresenta algumas considerações com base no projeto de pesquisa intitulado "Paisagem e política na formação dos ecótonos linguísticos da fronteira franco-brasileira: um estudo ecolinguístico do multilinguismo nas comunidades de Vila Vitória e Saint-Georges". O objetivo principal deste estudo é propor uma reflexão pautada na noção ecótono, proveniente da Ecologia biológica, como uma área de conexão entre os espaços e suas espécies, e assim, criar uma perspectiva linguística que visualiza a fronteira franco-brasileira como essa área de acolhimento e transição das espécies linguísticas com base nos pressupostos da Ecolinguística, ciência que estuda a língua de forma holística. Este arranjo científico, possibilita uma rede analítica para entender as dinâmicas próprias dos espaços multilíngues e fronteiriços. A metodologia utilizada surge a partir da junção entre pesquisa bibliográfica sobre a formação do Ecótono e a discussão sobre a formação do Ecótono linguístico da fronteira franco-brasileira com análise qualitativa de dados prévios encontrados na paisagem linguística de Oiapoque (Br) e Saint-Georges (Fr), investigando questões relacionadas às práticas multilíngues ocorrentes na paisagem e às políticas de organização do espaço linguístico a fim de compreender a ecologia da língua e a formação fronteiriça como ecótonos linguísticos no âmbito dos fenômenos de contato inerentes aos espaços contíguos. Para demonstrar as relações das línguas e como a formação do espaço é primordial para que esses fluxos ocorram, este estudo toma como referência as concepções de Minski (2021); Sturza (2019); Couto (2009); Mane (2023); Calvet (2002). Este trabalho buscou propor uma reflexão pautada na noção de ecótono linguístico a partir da Ecolinguística para entender as dinâmicas próprias dessa área. A discussão permitiu entender a formação do ecótono linguístico fronteiriço e as caraterísticas fundamentais para sua existência além da sua importância como espaço complexo de transição que possui tensões e que acomoda as espécies linguísticas, pois é nele que se efetivam o contato, as práticas/estratégias comunicativas, as políticas e a comunicação. Para exemplificar que as escolhas e práticas linguísticas são espelhadas na paisagem, as imagens de Oiapoque e SaintGeorges demonstram as línguas presentes nos dois lados da fronteira e reforçam a ideia de entremeio entre os ecossistemas de língua portuguesa e francesa.Diante do exposto, pode-se conceber as línguas como parte dos meios ambientes e ecossistemas linguísticos presentes na criação esquemática do Ecossistema Integral das línguas da fronteira franco-brasileira. Foi observado que as línguas estão presentes na paisagem, indicando seu trânsito contínuo e seu endemismo e, criando assim o ecótono linguístico.

Palavras-chave: Ecótono; Fronteira franco-brasileira; Ecolinguística.

Referências:

Couto, Hildo Honório. 2009. Linguística, Ecologia e Ecolinguística: contato de línguas. Contexto, 1 ed. São Paulo.

Mane, Djiby. 2023. A ecologia do contato de línguas e a relexificação no crioulo afroportuguês de Casamança, Senegal. Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 09, n. 02, p. 19-38.
Sturza, Eliana Rosa. 2019. Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira. Revista Iberoamericana de *Educación*, vol. 81 núm. 1, pp. 97-113, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FRONTEIRIÇA E DA REPRESENTAÇÃO DO FRANCÊS NA FRONTEIRA FRANCO BRASILEIRA

Geovane Maciel Lemos (SEED)
Mestrando do PPGLET- UNIFAP
geovanelemos98@gmail.com

Dra. Kelly Cristina Nascimento Day
Doutora em Estudos da Linguagem- UEAP/UNIFAP
kelly.day@ueap.edu.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar, à luz da sociolinguística, o processo de construção da identidade fronteiriça e da representação da língua francesa, construída a partir das crenças e atitudes linguísticas no contexto da fronteira franco-brasileira. Assim, inserida no escopo da Sociolinguística, a pesquisa tem como suportes teórico-metodológicos os estudos de representação (JODELET, 2001; BOUDREAU, 2009; CASTELOTTI; MOORE, 2002), de identidade (CANDAU, 2002; HALL, 2006), crença (MORAIS e ANDRADE, 2014), atitude linguística (RODRIGUES, 2012; SÊGA, 2000) e de fronteira linguística, (VIAUT, 2004; DAY, 2013). O trabalho obedece aos princípios da pesquisa de campo, descritiva, de natureza quantiqualitativa e interpretativa. Os dados foram obtidos através de anotações de campo, de questionários e entrevistas semiestruturadas. Para este estudo selecionamos 20 informantes do sexo masculino e feminino, com idade entre 18 a 60, que moram ou transitam entre o Brasil e a Guiana Francesa, identificamos os informantes com a abreviação INF e o número de identificação por grupo, no total 4, o primeiro compreende a primeira faixa etária, composto por homens de 20 a 40 anos, o segundo por mulheres de 20 a 40 anos, já o terceiro, por homens de 41 a 60 anos e o quarto por mulheres entre 41 a 60 anos. Os dados analisados apresentaram aspectos voltados para a construção de uma comunidade imaginada e a utilização das línguas para demarcar limites entre comunidades de fala, constatamos a existência de conflitos, seja por espaço físico, seja pela valorização ou mesmo para manter o *status* diante das comunidades, desencadeando na construção de um espaço de tensão, de busca por reconhecimento e autoafirmação identitária, cujas crenças e as atitudes se vinculam com a necessidade de demarcar espaços físicos e imaginados, percebemos que a identidade, a representação, crenças e atitudes são influenciadas pelo contato entre comunidades distintas.

Palavras-chave: crença e atitudes; representação e identidade; fronteira.

Referências:

BOUDREAU, Annette**. A construção das representações linguísticas na acádia**. Trad. Ana Lúcia Silva Paranhos. Interfaces Brasil /Canadá, Rio Grande, n. 10, 2009. CALVET, Louis- Jean. Pour une écologie des langues du monde. Paris: Plon, 1999.
CANDAU, Vera Maria. **Sociedade, educação e cultura (s): questões e propostas**. Editora Vozes, 2002.
CASTELLOTTI, Veronique; MOORE, Danielle. **Représentations sociales des langues et enseignement. Étude de référence**. Division des politiques linguistiques, Conseil de l'Europe, Strasbourg, 2002.

DAY, Kelly. **A Situação Sociolinguística da Fronteira Franco-Brasileira: Oiapoque &Saint Georges.** Rio de Janeiro, RJ, 2005. 106 p. Dissertação (mestrado em estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica do Rio de janeiro, PUC - Rio.
DAY. Kelly Cristina Nascimento. **Fronteiras linguísticas e fronteiras políticas: relações linguísticas e sociohistóricas na fronteira do brasil com a Guiana francesa**. Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Dossiê: Língua em uso nº 47, p. 163-182.2013.
HALL, Stuart**. A identidade cultural na pósmodernidade.** Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
JODELET, Denise. **Place de l'expérience vécu dans le processus de formation dês représentations sociales**. Les Presses universitaires de Rennes, 2006, p. 235-255.
MORAIS, Mario Ribeiro; ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Crenças e atitudes linguísticas como ferramentas de ensino e de aprendizagem de língua portuguesa**. **Revista Philologus**, v. 20, p. 938-955, 2014.
RODRIGUES, L. C. B. **Atitude, imaginário, representação e identidade linguística: aspectos conceituais**. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 – Anais do XVI CNLF, pág. 362-367. 2012.
SÊGA, Rafael. A. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90, Porto Alegre, nº 13, julho de 2000.
VIAUT, A. « **La Frontiere linguistique de la ligne a l'espace : éléments pour une schématisation**«. Glottopol, Revue de Sociolinguistique en Ligne, 4: 6 – 20, Rouen, 2004.

Competências Linguísticas em Contexto de Contato: um estudo com Catraieiros da Fronteira Franco-Brasileira

Lizandra Valéria da Silva Fumelê
Mestranda do PPGLET – UNIFAP
Valeriafumele123.ap@gmail.com

Kelly Cristina Nascimento Day
Doutora em Política Linguística – PPGLET – UNIFAP
Kelly.day@ueap.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise sociolinguística centrada nas competências linguísticas e nas manifestações de insegurança e representação linguística entre catraieiros que atuam na travessia fluvial entre Oiapoque (Brasil) e Saint-Georges (Guiana Francesa), uma zona de intenso contato entre o português, o francês e o crioulo guianense. Nesse cenário de fronteira, em particular, temos o uso cotidiano de mais de uma língua, como prática recorrente das interações, ainda que não formalizada por políticas linguísticas, mas que são essenciais para a comunicação. Dessa forma, os indivíduos desenvolvem um repertório bilíngue adaptativo, sustentado por estratégias comunicativas empíricas do dia a dia. O referencial teórico do estudo está fundamentado em autores como Thurston (1987), Salgado *et* al (2009), Ribeiro (2016) e Fumelê e Day (2021) que discutem a respeito dos estudos do contato linguístico, nas contribuições a respeito da representação linguística realizados por Lambert (1967), Bourdieu (1982), Castelotti e Moore (2002), Candau *et al* (2002), Hall (2006), Petitjean (2009), Kiesling (2013) e as noções de insegurança linguística a partir das contribuições de Francard (1998), Calvet (1993), Labov (1996), e Roussi (2009) ilustrados sob o olhar da Sociolinguística. A metodologia adotada é de caráter quantiqualitativo, com uma abordagem descritiva e interpretativa. O *lócus* da pesquisa foi o município de Oiapoque, situado na fronteira franco-brasileira. O corpus da pesquisa é constituído por dados coletados por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas aplicados a 21 catraieiros que

realizam a travessia entre as fronteiras (Brasileira e Francesa). Os resultados revelam que, embora a maioria dos catraieiros apresentem relativa fluência na produção e compreensão oral em língua francesa, adquirida por meio da interação prática com os clientes franceses no seu ambiente de trabalho, há uma clara dificuldade nas competências escritas, especialmente na produção textual desses indivíduos. Conclui-se então que o contato linguístico desempenha um papel importante na constituição das habilidades comunicativas no que se refere a formação bilíngue dos catraieiros e que, e que, apesar de não terem adquirido as línguas em contextos escolares formais, esses sujeitos desenvolvem estratégias comunicativas eficazes para atuar em um ambiente bilíngue na fronteira franco-brasileira.

Palavras-chave: Contato Linguístico, Competências Linguísticas, Catraieiros, Fronteira Francobrasileira, Oiapoque.

Referências:

BOURDIEU, P. **Ce que parler veut dire**. Paris: Fayard. 1982.

CANDAU, Vera Maria. **Sociedade, educação e cultura (s): questões e propostas.** Editora Vozes, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/8Cj5XvRTYpN3WNWbMBCbNFK/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 28/09/2021.

CASTELLOTTI; MOORE. **Representations sociales des langues et enseignements.** Conseil FRANCARD, M., (en collaboration avec LAMBERT, J., MASUY, F.). **L'insécurité linguistique en communauté française de Belgique, Français et Société**. Bruxelles : Service de la langue française, 1993.

FUMELÊ, Lizandra; DAY, Kelly**. O contato Português-Francês e o Bilinguismo societal dos catraieiros na Fronteira Franco-Brasileira**. 2021. Disponível em: http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/333/300. Acesso em: 14/12/2021.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós- Modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KIESLING, Scott F. **Constructing identity.** In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, Natalie (eds.), **The handbook of language variation and change.** 2 ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013.

LAMBERT, W. E. **A social psychology of bilingualism.** Journal of Social Issues,1967.

PETITJEAN, C. **Représentations linguistiques et plurilinguisme.** Thèse de doctorat des Université de Provence et de Neuchâtel, spécialité Sciences du langage, 2009. Disponível em: http://doc.rero.ch/lm.php?url=1000,40,4,20100224121740-CN/ Th_Petitjean.pdf. Acesso em : 01/12/2021.

RIBEIRO, Celeste. Contato Linguístico em Oiapoque: **Algumas considerações sobre a língua Portuguesa L2 dos falantes franceses.** 2016. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3111/pdf. Acesso em: 14/12/2021.

SALGADO, Ana Claúdia et all. **Formação de professores para a educação Bilingue: desafios e perspectivas.** 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3496_1974.pdf. Acesso em: 14/12/2021.

THURSTON W. F. **Processes of change in the languages of northwestern**. New Britain. Canberra: Pacific Linguistics, 1987.

Povos Indígenas do Oiapoque: Políticas Linguísticas na Contemporaneidade

Marceline Guedes dos Santos Doutoranda do PPGL-UFPA celinemcp@unifap.br

Marília de Nazaré Ferreira
Doutora em Linguística - UFPA
marilia@ufpa.br

O município do Oiapoque, no Amapá, está localizado na região franco-brasileira com Saint-Georges-de-l'Oyapock (Guiana Francesa). Separadas pelo rio Oiapoque, as duas regiões são interligadas pela Ponte Binacional, que conecta o Amapá à União Europeia, tornando-se um ponto de partida para muitos brasileiros e franceses que buscam oportunidades de trabalho e turismo. Essa circunvizinhança é marcada por relações econômicas, sociais e linguísticas complexas, motivadas especialmente pela proximidade geográfica. Foram séculos de contato entre línguas, especialmente entre o português, o francês e as línguas indígenas. Esse entrelaçamento resultou em trocas linguísticas, que influenciaram e influenciam até os dias atuais falas e práticas comunicativas da população local. Historicamente, o extremo norte do Amapá, em especial a região do Oiapoque, funcionou como um grande corredor natural por onde passaram numerosos comboios de colonos, peregrinos, escravos, sertanejos, ribeirinhos, indígenas etc. Comitivas que chegavam para se estabelecer ou apenas para atravessar o território, como os *Makapa*, os *Kusari, os Arawak e os Arakare* (D. Gallois,1986; F. & P. Grenand, 1987; Capiberibe, 2009). Essa ponte natural favoreceu a migração de povos interétnicos (por inúmeras razões), oriundos de diversas partes do Brasil, contribuindo para a formação da base populacional local. Atualmente registra-se na região do Oiapoque apenas 4 etnias: os Galibi Marworno, os Karipuna, os Galibi Ka'lina e os Palikur. Mesmo sendo uma região de grande diversidade étnica e linguística, as línguas indígenas do Oiapoque enfrentam inúmeros desafios como a redução do número de falantes, o domínio e influência das línguas majoritárias, como o português e o francês (devido à proximidade com a Guiana Francesa). Por estarem em todos os espaços, instituições, currículos, documentos públicos, fachadas de lojas e menu de restaurantes, essas línguas passaram a ser reconhecidas como idiomas de prestígio, com status e poder político. A diminuição gradativa do número de falantes das línguas indígenas em Oiapoque é resultado da influência das línguas majoritárias e do preconceito linguístico difundido. Para muitos habitantes daquela região, as línguas dos povos da floresta não passam de gírias, sendo seu uso frequentemente associado à falta de escolaridade. Frente a essa realidade, em algumas aldeias, o português tem sido a única língua de aquisição e instrução. Os indígenas mais jovens já não adquirem suas línguas de identidade, ficando as línguas indígenas limitadas aos falantes mais antigos com uso restrito nas aldeias e cerimoniais. As políticas linguísticas desempenham um papel crucial na promoção da diversidade linguística, cultural e na construção/manutenção das identidades. Elas refletem as prioridades sociais e são fundamentais para a promoção do direito à língua, que é um aspecto primordial dos direitos humanos. Por esta razão, para fins de valorização, manutenção e revitalização da cultura e das línguas originárias proposta pela Década Internacional das Línguas Indígenas (UNESCO, 2020), tendo em vista a realidade multilíngue e os desafios linguísticos em que os indígenas do Oiapoque estão imersos, o presente trabalho visa apresentar um recorte documental das principais políticas linguísticas em vigor na

contemporaneidade implementadas pelo Estado, pelas instituições públicas de nível superior e pela comunidade em geral voltadas para as línguas indígenas dos povos Galibi Marworno, Karipuna, Kali'na e Palikur. Como aporte teórico para este estudo selecionamos Gallois (1983), Gallois e Grupioni (2009), Capiberibe (2009), Campetela et al (2017), Lagares (2018), Santos e Silva (2020), , Roca et al (2018), Nicolaides et al (2013), Figueiredo et al (2022), entre outros.

Palavras-chave: Línguas Indígenas, Diversidade Linguística, Políticas Linguísticas.

Referências:

CAMPETELA, C.; SANTOS, G. M. F. dos; SILVA, E. B. da; SILVA, G. R. da. **Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá**. Revista LinguíStica / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1 jan de 2017.

CAPIBERIBE, Artionka. **Nas Duas Margens do Rio: alteridade e transformações entre os Palikur na fronteira do Brasil "" Guiana Francesa**. Tese de Doutorado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2009.

FIGUEIREDO, Alexandra Aparecida de Araújo (org). Et al. Politica slinguisticas e as Línguas Indígenas Brasileiras. 1 Edição Campinas, SP. Pontes Editora. 2022.

GRENAND, Françoise & GRENAND, Pierre. **La côte d'Amapá, de la bouche de l'Amazonea la baie d'Oiapoque, à travers la tradition orale Palikur**. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém-Pará, n. s. Antropologia, v.3 [n. 1], 1987.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Povos indígenas no Brasil – 3 Amapá/Norte do Pará**. In. Ricardo, Carlos Alberto [coord.]. São Paulo: CEDI, 1983.

GALLOIS, D. T.; GRUPIONI, D. F. **Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará**: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam? São Paulo: Instituto Iepé de Pesquisa e Formação Indígena. 2. ed. 2009.

LAGARES, X. C. **Qual política linguística?** Desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

NICOLAIDES, C. et al. (Orgs.). Política e políticas linguísticas . Campinas: Pontes , 2013.

ROCA, Maria del Pilar; SOUSA, Socorro Claudia Tavares; PONTE, Andrea Silva.
Temas de Política Linguística no processo de integração regional. Campinas, SP. Pontes Editora. 2018

SANTOS, Gelmara Ferreira; SILVA, Glauber Romling. **Duas ortografias, uma língua: as variedades Karipuna Galibi-marworno do Kheuól do Uaçá.** Revista Porto das Letras, Léxico e Dialetologia .Vol. 06, Nº 3. 2020.

UNESCO (2020). Resolution adopted by the General Assembly on 18 December 2019, A/RES/74/135. https://undocs.org/en/A/RES/74/135 » https://undocs.org/en/A/RES/74/135

ESTUDOS LITERÁRIOS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 1

"INFÂNCIA(S)": INTERFACES ENTRE LITERATURA E OUTRAS ARTES
Maria Luiza Germano De Souza
Sideny Pereira de Paula

COMUNICAÇÕES

Fotografias entrecortadas: concepções de infâncias no livro *Amazônia das Crianças* (2023)

Águas da memória: a infância no diálogo entre palavra e imagem no livro "Vindo DO MAR"

Infância, violência e resistência: interfaces em Capitães da Areia, de Jorge Amado

A (re)construção do feminino no mangá "After school nightmare" de Setona Mizushiro

Memórias de infância e nostalgia em A Cidade Ilhada, de Milton Hatoum

As crianças da guerra civil espanhola: Valente, Gamoneda e Gil de Biedma

Infância e memória manauara: narrativas de pertencimento e identidade na contística de Odenildo Sena

Interfaces da infância no periódico "Estrêla revista infanto juvenil"

As crianças aterrorizantes em Bly: um estudo sobre a construção das personagens infantis de The turn of the screw, de Henry James

Memória e Infância: um diálogo interartes entre a literatura de Mia Couto e as pinturas de Roberto Chichorro

Infância Feminina Negra: a presença dos discursos pseudojustificativos na infância da personagem Martha, de O Avesso da Pele, de Jeferson Tenório

A condição feminina na infância: a exploração sexual nos seringais da Amazônia no Século XIX

Mães negras, infâncias negras: realidades cíclicas em Jeferson Tenório e Conceição Evaristo

"O Retrato": entrelaçamento entre a história, a pintura e outras artes

A Infância Negra nas Entrelinhas: A Representação da Criança Negra na Literatura Brasileira do Século XX

Infância, violência e trauma: uma análise de corpo desfeito e zaíta esqueceu de guardar os brinquedos
Representações do rasgo da infância indígena na escrita literária no Amazonas

A infância e o corpo feminino: uma análise dos contos o retrato, a princesa espanhola e inocência perdida, na obra meninas, de Maria Teresa Horta

Infância Negra em Perspectivas: Violências e Estereótipos na Literatura do Século XIX

Infância Negra em Palavras: Vozes, Silêncios e Estereótipos na Literatura do Século XXI

Infância Negra e Violências Estruturais em Corpo Desfeito, de Jarid Arraes

A menina que grita: Corpos usados e escravizados no Amazonas

Tecendo Cidades com o Corpo: Arte, Infância e Performance na Amazônia acreana

Fotografias entrecortadas: concepções de infâncias no livro *Amazônia das Crianças* (2023)

Ivone dos Santos Veloso
Doutora em Estudos Literários - PPGEL-UFPA
yvoneveloso@gmail.com

Resumo: Ao longo da história da infância, a literatura, a fotografia e a ilustração se constituíram como expressões de relevo na maneira como entendemos o que é ser criança e qual seu papel social. Essas linguagens não apenas representam e refletem as ideias dominantes sobre a infância em determinada época, mas também ajudam a construí-las socialmente, influenciando na construção de um modo de ver e imaginar as crianças e suas vivências, ora idealizando-as, ora denunciando as mazelas vividas por esses sujeitos mirins, e ora trazendo tensionamentos que extrapolam essa visão dualista sobre a infância. Esse parece ser o caso da obra *Amazônia das Crianças* (2023), uma produção coletiva realizada a partir de relatos de quinze crianças moradoras de um dos seis estados da Amazônia brasileira, selecionados para esse projeto: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará e Roraima. O livro destinado ao público infanto juvenil constitui sua textualidade a partir da combinação de fotografias do renomado "fotógrafo da natureza", Araquém Alcântara, com as ilustrações do artista visual Angelo Abu e textos do jornalista Morris Kachani. com o intuito de retratar a vida de crianças indígenas, ribeirinhas, extrativistas, quilombolas, urbanas e beiradeiras da Amazônia. Nesse sentido, este trabalho propõe uma breve análise dessa relação entre as imagens e textos da/sobre a criança amazônica, tomando algumas fotografias, ilustrações e relatos do livro, a fim de perceber que concepções de infância emergem dessa materialidade, bem como quais tensões entre a representação e autorrepresentação da criança e sua relação com a tradição literária sobre os modos de representar a infância. Para tanto, considerando uma metodologia multi-perspectiva e comparativa, dialogamos com os preceitos teóricos de Phillipe Aries (2011), Mary del Priori (2010), Lajolo (1997), Veloso (2019) e Bonin (2015), para dar tratamentos às questões em torno da infância; Pojo; Elias; Vilhena (2014), sobre saberes ancestrais e ribeirinhos, e Lopes (2013) e Da Maia, Santos (2021) para tratar das representações infantis a partir da fotografia. Supomos, inicialmente, que apesar da obra, a partir de suas imagens e narrativas em primeira pessoa, valorizar a experiência singular das crianças, é preciso não perder de vista que os relatos passam pela edição e o olhar do adulto, o que nos faz questionar até que ponto a voz das crianças retratada nas narrativas é, verdadeiramente, ativa. Nessa relação sujeito/objeto, outros tensionamentos se desdobram, tais como a idealização/valorização da criança e diversidade/homogeneidade da infância na Amazônia.

Palavras-chave: Infâncias, Criança, Amazônia, Representação.

Referências:
Ariès, Philippe. 2011. História Social da Criança e da Família. 2. ed. LCT. RJ
Bonin, Iara Tatiana. 2015. Representações da criança na literatura indígena.In: Literatura e infância. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, DF
Coutinho, Fernanda. 2012. Imagens da infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry. Banco do Nordeste do Brasil. CE
Da Maia, G. M. O., & dos Santos, G. 2021. Imagens que visibilizam as infâncias: A linguagem fotográfica na educação infantil. *Ponto-E-Vírgula*, SP

Del Priore, Mary (org.). 2010. História das crianças no Brasil. Contexto. SP
Lajolo, Marisa. 1997. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cézar (org.). 1997. História Social da Infância no Brasil. Cortez. SP
Lopes, André Camargo. 2013. A construção da infância A representação fotográfica de crianças em álbuns de famílias de moradores da região norte do município de Londrina.UEL, PR
Pojo, Eliana Campos, Elias, Lina Gláucia Dantas, Vilhena, Maria de Nazaré. 2014. As Águas e os Ribeirinhos – Beirando sua cultura e margeando seus saberes. In: Revista Margens, Universidade federal do Pará, PA
Veloso, Ivone dos Santos. 2019. A Infância Desvalida em Dalcídio Jurandir: Um Bulício de Crianças, Picado de Risos e Gritos. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Federal do Pará, PA

Águas da memória: a infância no diálogo entre palavra e imagem no livro "Vindo do Mar"

Caio Matheus Teixeira Brito
Mestrando no PPGELL-UEPA
caio.tb@hotmail.com

Resumo: O livro ilustrado "Vindo do Mar" (LEITE; COSTA, 2024) constitui-se como narrativa poética em que palavra e imagem se entrelaçam para dar forma ao sentimento da infância. Por meio da voz de um narrador de família de pescadores, acompanhamos a lembrança da chegada de um cachorro que recebe o nome de Água, que, junto ao avô e ao mar, compõe uma tessitura afetiva e cultural que ultrapassa o registro pessoal e alcança a pluralidade representativa das infâncias pela via da poesia. Diante disso, a presente pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, toma como corpus o referido livro ilustrado e fundamenta-se em referenciais que pensam a literatura de infâncias, como Andruetto (2017), Coelho (2000), Hunt (2010), Palo e Oliveira (2025), e os estudos sobre a leitura da imagem no livro ilustrado de Cunha (2009); Linden (2018) e Ramos (2020). A metodologia consiste em análise estética e literária que observa a relação palavra-imagem, identificando como o texto verbal, com ritmo poético e cadência memorialística, e as ilustrações em aquarela, marcadas por fluidez e silêncios, instauram uma experiência estética da imaginação. Os resultados apontam que a obra projeta uma percepção de infância que se enraíza no espaço cultural imagético da narrativa, marcada por memórias e afetos familiares. Assim, conclui-se que a expressividade poética proposta pela verbo-visualidade em "Vindo do Mar" contribui para repensar a infância como experiência plural, estética e cultural, ao colocar a literatura como o elo entre tais campos do conhecimento.

Palavras-chave: Infância; Livro ilustrado; Palavra-imagem; Experiência estética; Memória; Aquarela

Referências:
ANDRUETTO, Maria Teresa. A leitura, outra revolução; tradução de Newton Cunha – 2.ed. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática – 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000.
CUNHA, Maria Zilda da. Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil. São Paulo: Editora Humanitas, Paulinas, 2009.
HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
LEITE, Daniel da Rocha. Vindo do mar/ Daniel da Rocha Leite; ilustração Maciste Costa. 1.ed. Belém, PA: Paka-Tatu, 2024.
LINDEN, Sophie Van Der. Para ler o livro ilustrado. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora SM, 2011.
PALO, Maria José; Oliveira, Maria Rosa. Literatura Infantil – Voz de criança – 1.ed. São Paulo: Miolo Mole, 2025.
RAMOS, Graça. A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

Infância, violência e resistência: interfaces em Capitães da Areia, de Jorge Amado

Neivana Rolim de Lima
Mestra pelo PPGL-UFAM
Coordenadora Pedagógica - SEED/RR
neivanalima@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como proposta refletir sobre as representações da infância marginalizada no romance Capitães da Areia (2008), de Jorge Amado, relacionando-as às noções de violência, autoritarismo e resistência. A narrativa apresenta um grupo de crianças e adolescentes abandonados que vivem em situação de vulnerabilidade social e, por meio de personagens como Sem-Pernas e Pedro Bala, constrói imagens de infâncias roubadas, privadas do afeto, da proteção e dos direitos tradicionalmente associados à categoria "infância". Partindo de estudos de Alfredo Bosi (2002), Heleieth Saffioti (2004) e Jaime Ginzburg (2000), investigamos como a obra evidencia tanto os processos de desumanização impostos por práticas autoritárias quanto os gestos de resistência que emergem da solidariedade, da memória e da imaginação poética. Nesse sentido, o capítulo "Carrossel" é revelador da potência da arte e do lirismo como contraponto à violência. O estudo ainda dialoga com representações da infância em outras artes, como as pinturas de Candido Portinari, que expõem meninos pobres e marginalizados, e com narrativas literárias contemporâneas que reelaboram a experiência da infância negra e periférica, a exemplo de Conceição Evaristo, em Becos da Memória e Olhos D'Água, e de Jarid Arraes, em As Lendas de Dandara e Redemoinho em dia quente. Assim, pretende-se mostrar como Capitães da Areia se inscreve na tradição literária brasileira como um texto que tensiona as concepções de infância e convoca à reflexão sobre os processos históricos de exclusão e resistência que atravessam o povo brasileiro.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Violência, Resistência, Jorge Amado.

Referências:
AMADO, Jorge. Capitães da Areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
BOSI, Alfredo. Literatura e Resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
GINZBURG, Jaime. Autoritarismo e Literatura: A História como Trauma. Vidya, Santa Maria, v. 19, n. 33, 2000.
GINSZBURG, Jaime. Literatura, Violência e Melancolia. São Paulo: Coleção Ensaios das letras, 2013.
SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

A (re)construção do feminino no mangá "After school nightmare" de Setona Mizushiro

Rayssa da Silva Duarte
Graduada da FLET-UFAM
duartedrayssa@gmail.com

Nicia Petreceli Zucolo
Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) – USP
niciazucolo@ufam.edu.br

Resumo: O mangá é uma mídia de entretenimento da cultura japonesa que se expandiu rapidamente desde sua popularização no século XX e atualmente conta com diversos gêneros, um deles voltado ao público juvenil feminino, o shôjo. Esse gênero é produzido majoritariamente por escritoras mulheres, e, entre várias narrativas românticas e fantásticas, a escritora e desenhista Setona Mizushiro destaca-se por explorar temáticas sociais. Em uma de suas obras, After school nightmare, é apresentada a história

da estudante intersexo Ichijô Mashiro, que através de quebra de crenças pessoais, paradigmas sociais e parâmetros de gênero, acaba por compreender sua identidade como o gênero feminino. Ao que se examinou através da teoria queer como a construção do gênero está atrelada notoriamente a cada percepção sociocultural de um povo e não pode ser resumida à configuração corpórea do indivíduo. Também que a performatividade de gênero permeia o comportamento e psique representados nos personagens da obra a partir da ótica cristalizada de gênero que insere um cumprimento de papéis sociais e sexuais ao entorno da identidade de gênero. Analisou-se, por meio da crítica literária feminista, a maneira como o enredo está ligado à vivência feminina japonesa em um contexto sócio-histórico. Ademais, a construção da identidade sociocultural das personagens na narrativa permeia a experiência transitória da infância para a adolescência em que os indivíduos passam a replicar as normas, morais e condutas das quais foram expostas durante a primeira infância, que denotam a percepção do "eu" e a realidade exterior. Com isso, aprofundar-se na arte do mangá, com o gênero representante do público feminino japonês, permite entendermos por quais meios, com quais condições e perante quais desigualdades de gênero essa literatura é constituída e exprime a identidade cultural de uma população.

Palavras-Chave: Mangá, Identidade de gênero, Crítica literária feminista, Teoria queer.

Referências:
DELVAL, Juan. 2012. Vygotski, Piaget: a formação do conhecimento e a cultura. Educação & Realidade, [S. l.], v. 26, n. 2. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/26140. Acesso em: 23 ago. 2025.
LUYTEN, Sonia Maria Bibe. 2011. Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses. São Paulo: Hedra.
MIZUSHIRO, Setona. 2004. Hôkago Hokenshitsu. Tóquio: Akita Shoten.
SALIH, Sara. 2015. Judith Butler e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica.
ZOLIN, Lúcia Osana. 2009. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3 ed. Maringá: Eduem, p. 217-242.

Memórias de infância e nostalgia em A Cidade Ilhada, de Milton Hatoum

Rennan Hiago da Silva Martins.
Estudante de Letras, Língua Portuguesa-UFAM.
hiagorennan62@gmail.com

Resumo: O tema da pesquisa é a memória de infância na obra A Cidade Ilhada (2009) de Milton Hatoum. Os contos da obra que foram selecionados são: "Varandas da Eva" e "Uma estrangeira da nossa rua". Milton é Romancista, contista e professor de Língua Francesa. É filho de imigrantes libaneses e nasceu e cresceu na cidade de Manaus-AM, espaço geográfico de seus romances e contos, entre outros. O livro em questão, reúne contos acerca de suas experiências vividas em Manaus, além de suas viagens pela Europa. Em seus contos, ele escreve sobre suas memórias de infância, os lugares e espaços da cidade, além de histórias sobre lugares e prédios históricos, como o famoso Teatro Amazonas, por exemplo. A narrativa de Hatoum, nos 14 contos de A cidade Ilhada, está carregada do contato das memórias de meninos com as mulheres por quem eles nutrem admiração e que depois de anos, eles recordam esses encontros com uma nostalgia de quem se lembra do primeiro amor. De acordo com Herrera (2013): "Contudo, as mulheres são um tema bem delicado e bem trabalhado por ele. O narrador-protagonista sente por elas amor e às vezes não se pode alcançar, criando assim uma espécie de fantasia depois de anos...". A pesquisa foi de natureza bibliográfica, com as contribuições de: Alcântara (2010); Arfuch (2010); Herrera (2013); sarlo (2007), além de outros de necessários para o entendimento da temática escolhida. Os contos aqui analisados narram experiências que se movimentam em um espaço e tempos ficcionais com espelhos de memórias vividas em cidades

diversas, sendo Manaus o ponto de partida e de chegada, um lugar exótico no qual a natureza se faz presente na pujança da vegetação exuberante e as águas dos rios misteriosos, que proporcionam um imaginário paradisíaco. Herrera (2013). Se apropriando da memória nostálgica desses espaços, Tio Ran, um homem que um dia já foi um menino, divide com o leitor esses tempos que vivem nas suas lembranças.

Palavras-chave: Infância, Memória, Nostalgia, A cidade Ilhada.

Referências:
ALCÂNTARA, Felipe Mizukani de Oliveira. 2010. Construção da memória nos contos de "A cidade ilhada" de Milton Hatoum. Disponível em: https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/39130. Acesso em 29 de jul. de 2025.
ARFUCH, Leonor. 2010. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
HATOUM, Milton. 2009. A cidade ilhada. São Paulo: Companhia das Letras.
HERRERA, Antonia. 08 a 12 de julho de 2013 . Locus amoenus ou lugar de perdição: um estudo dos contos de Milton Hatoum em "A cidade ilhada". XIII Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional. Campina Grande, PB. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/abralic/2013/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_1379_6b2b4aa2583f453b08a29c88259ab684.pdf. Acesso em 26 de jul. de 2025.
SARLO, Beatriz. 2007. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG.

As crianças da guerra civil espanhola: Valente, Gamoneda e Gil de Biedma

Saturnino Valladares
Doutor em Literatura Espanhola
Universidade Federal do Amazonas
saturninovalladares@ufam.edu.br

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura da poesia de três autores centrais da literatura espanhola do pós-guerra — José Ángel Valente, Antonio Gamoneda e Jaime Gil de Biedma — a partir da experiência da infância vivida sob os efeitos da Guerra Civil (1936–1939). Nascidos entre 1929 e 1931, esses poetas integraram a chamada "Geração dos anos 1950" e cresceram num país devastado por uma guerra fratricida, seguido por décadas de repressão franquista. Em suas obras, a infância não é evocada como tempo idílico ou puro, mas como uma zona de silêncio e assombro, marcada pela violência e pela perda. A proposta parte da hipótese de que essas vivências inaugurais não apenas influenciam o conteúdo temático de seus textos, mas moldam também sua forma poética e sua ética da linguagem. A pesquisa aqui apresentada é de natureza qualitativa, com abordagem analítico-interpretativa, inserida no campo dos estudos literários e das poéticas modernas. A metodologia combina leitura atenta de poemas com análise crítica dos elementos formais e simbólicos que articulam memória e linguagem. São utilizados instrumentos da crítica temática, da hermenêutica poética e da crítica da memória cultural, com apoio em autores como Claudio Rodríguez Fer, María Zambrano, Antonio Ortega e Ángel-Luis Prieto de Paula. O corpus analisado inclui obras como Interior con figuras (Valente), Libro del frío (Gamoneda) e Poemas póstumos (Gil de Biedma), além de ensaios, entrevistas e textos memorialísticos em que os próprios poetas elaboram suas experiências de infância e sua posição diante da história recente da Espanha. O foco recai sobre a maneira como a infância emerge nessas poéticas como origem da ferida, da escuta e da linguagem — não como lembrança reconfortante, mas como fenda que introduz o sujeito no mundo através da ausência, da incompreensão e da violência simbólica. A infância, portanto, é pensada como um dispositivo poético que estrutura a relação entre biografia, história e escritura. A análise evidencia que, em Valente,

Gamoneda e Gil de Biedma, a infância funciona como cifra poética e política. O trauma inaugural da guerra se projeta nas imagens, nos silêncios e nas formas elípticas que marcam suas obras, delineando um lirismo que resiste tanto à transparência quanto à celebração. A infância, nesses autores, não é tratada como passado resolvido, mas como núcleo de inquietação permanente — o lugar de onde a linguagem irrompe, carregada de sombra e lucidez. Ao fazer da infância um ponto de origem para a crítica da linguagem e da história, esses poetas configuram um modo de resistência ética e estética que permanece atual frente aos desafios da memória e da criação literária.

Palavras-chave: infância; poesia espanhola; memória; Guerra Civil; José Ángel Valente; Antonio Gamoneda; Jaime Gil de Biedma.

Referências:
GAMONEDA, Antonio. 1992. Libro del frío. Madrid: Tusquets,
VALENTE, José Ángel. 1976. Interior con figuras. Barcelona: Lumen.
GIL DE BIEDMA, Jaime. 1968. Poemas póstumos. Barcelona: Seix Barral.
PRIETO DE PAULA, Ángel-Luis. 1985. La poesía española de los cincuenta. Madrid: Cátedra.
RICOEUR, Paul. 2007. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François. Campinas: UNICAMP.

Infância e memória manauara: narrativas de pertencimento e identidade na contística de Odenildo Sena

Sara Praia da Silva
Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Norte - UNINORTE
Sara.praia40@gmail.com

Geusa de Paula Cerquinho de Lima
Licenciada em Letras, Língua Portuguesa - UFAM
p_geusa@yahoo.com.br

Resumo: Através de suas memórias, Sena (2020) traz em sua obra, seus tempos de menino, vividos no Bairro de São Raimundo, espaço geográfico de suas crônicas e onde o autor residiu em sua infância, na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Com lirismo e leveza, ele traça através de suas narrativas, o panorama de um lugar e tempo que não existem mais; em que as crianças saíam às ruas para brincar, soltar papagaio e viver suas aventuras de "eu menino" num lugar que é peculiar, em que o espaço é até então isolado do resto da cidade pelo rio Negro, com suas cheias e vazantes, o que obriga seus moradores a se utilizarem de transportes fluviais (canoas e catraias) para se comunicar com o resto da cidade, antes de a ponte do bairro ser construída. A obra é um convite para que o leitor reencontre a criança que mora dentro de si, trazendo ao presente a felicidade simples de um mundo que insiste em viver em nossas memórias, estas coloridas com a nostalgia e o lirismo que a sensibilidade do autor consegue transmitir em cada página, com seu modo simples de contar suas memórias, como alguém que chega em um determinado lugar, já modificado pelo tempo, e que ao conversar com alguém de seu passado, relembra seus tempos de criança. A pesquisa foi de natureza bibliográfico, com leituras de obras e teóricos que dialogam com o tema infância e memória e as obras e autores que contribuíram com esta, entre outros, foram: Crônicas da infância: lembranças, afetos e reflexões (2021); Pinho, Oliveira e Fonseca (2016); Bosi (1987); Tuan, Yi-Fu (1983) entre outras obras que serviram de base teórica para esta pesquisa. Ao término de nossas leituras sobre a obra do professor Odenildo Sena, chegamos à conclusão de que as memórias vividas por ele e retratadas em suas crônicas, têm a força de revolver nossas próprias lembranças e de trazer de volta a nossa criança esquecida. Entendemos que cada leitor vive sua própria experiência ao ler um livro que trata sobre o assunto, mas esse despertar para o "eu menino" que vive em nosso íntimo, seja, talvez, um sentimento em comum.

Palavras-chave: Infância, Memória, Pertencimento, Identidade.

Referências:
BOSI, Ecléa. 1987. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 2ª. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP.
Crônicas da infância: lembranças, afetos e reflexões [livro eletrônico] /organização Rosana Rios, Flávia Côrtes, Severino Rodrigues; ilustração Sandra Ronca. 2021– 1. ed. – São Paulo: Edições AEILIJ: RR Literatura. PDF.
PINHO, Maria Salomé; OLIVEIRA, Marta; FONSECA, António Castro. 2021. A consistência das memórias de infância. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Coimbra. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jul-Set. Vol. 32 n. 3, pp. 1-9.
SENA, Odenildo. 2020. No tempo de Eu menino: Memórias de infância. Manaus-AM, Editora Valer.
TUAN, YI-FU. 1983. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL.

Interfaces da infância no periódico “Estrêla revista infanto juvenil”

Renan Ismael Martins de Souza
Graduando em Biblioteconomia – FABIB-UFPA
renan35souza@gmail.com

Orientadora: Germana Maria Araújo Sales
Doutora em Teoria e História Literária - UNICAMP
gmaa.sales@gmail.com

Resumo: Historicamente, as representações humanas em diferentes artes moldaram o olhar social, desde as representações rupestres até chegar nas representações geradas por inteligências artificiais. (Castro, 2007; Grecco, 2014). Nesse aspecto, o modo, os autores e o público-alvo dessas representações são objetos de estudos promissores em diferentes áreas do conhecimento, tendo como exemplo as literaturas infanto-juvenis, nas quais destacam-se por seu vocabulário, narrativa e expressão. Ao pensar na Amazônia, a literatura infanto-juvenil mescla-se com o imaginário das encantarias e lendas populares, no qual estão ligadas diretamente à infância amazônida (Ramos, 2001; Alves, 2008). Nesse sentido, com o objetivo de investigar periódicos infanto-juvenis, buscando analisar quais as suas formas de interação com o público infanto-juvenis e de qual maneira ocorria uma mediação cultural entre o periódico e os leitores. Para tais objetivos, foi realizada uma busca documental no Centro de Memória da Amazônia da Universidade Federal do Pará (CMA/UFPA), em específico na coleção pessoal de Maria Annunciada Chaves, a qual conta com diversos periódicos originais do início do século XX. Por seguinte, foi realizada uma análise documental para verificar os tipos de interfaces presentes nos periódicos e qual a relação com o público infanto-juvenil. A coleção pessoal da Maria Annunciada Chaves foi escolhida por seu rico histórico profissional, sendo professora do Colégio Paes de Carvalho, diretora do Colégio Moderno e precursora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Pará, sendo uma figura importante da história da educação e da história do ensino de história no estado (Golobovante, 2020). Como resultado da busca, foi identificado o periódico “Estrêla: revista infanto juvenil”, que circulou em Belém na década de 1950. A revista foi fundada por Maria Izabel MacDowell, sendo uma revista católica, de responsabilidade da Legião de Nossa Senhora Rainha dos Corações. A revista circulava também nas capitais São Paulo, Fortaleza, Manaus e Recife. Em Belém, a revista era composta e vendida pela Editora São José, localizada na Avenida Castilho França, número 92 (endereço da época). Dentre o acervo, foram encontrados 17 números da revista entre os anos de 1951 a 1959. Nesses números, foi possível identificar interfaces elaboradas ao público infanto-juvenil, sendo histórias em quadrinhos, palavras cruzadas, adivinhações, contos, poemas, sorteios de brindes e espaço para os leitores, no qual servia para o público encaminhar

cartas com novas histórias, adivinhações e comentários referentes à revista, sendo todas elas respondidas pela "Dindinha" (madrinha da revista) e publicadas na mesma. Por tratar-se de uma revista católica, a maioria das histórias em quadrinhos e textos era voltada à instrução religiosa e ao incentivo aos estudos escolares, todavia, a revista trazia também elementos como histórias de faroeste e contos em sequências tendo como plano de fundo a ilha do Marajó. Nesse contexto, é possível concluir que a Estrêla: revista infanto juvenil trazia uma abordagem inovadora para o público, ao compilar diversos formatos em uma única revista, instigando o interesse pela leitura, mas também realizando uma reciprocidade com o leitor ao receber, publicar e responder seus envios. Em suma, é nítido que esse e outros periódicos semelhantes contribuíram para a formação de leitores e para a instrução pública de Belém, demonstrando que a literatura interligada com outras artes contribui positivamente para tais resultados, sendo um estímulo atemporal.

Palavras-chave: Revista Estrêla, Literatura infanto-juvenil, Formação de Leitores, Histórias em quadrinhos, Século XX.

Referências:
Alves, Laura Maria Silva Araújo. (2008). Caleidoscópio de histórias de encantamentos e encantados em narrativas de crianças da Amazônia: um memorial para a literatura infantil. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, Portugal.
Castro, Angelina Maria Ferreira de. (2007). As imagens da inteligência artificial nas narrativas literária e cinematográfica. Universidade Federal de Minas Gerais. MG.
Golobovante, Smile de Souza. (2020). Professora Maria Annunciada Ramos Chaves: Contribuições para a história do Brasil e ao ensino de história no contexto do desenvolvimentismo nacional. Universidade Federal do Pará (UFPA). PA.
Grecco, Gabriela de Lima. (2014). História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. RBHCS. RS.
Ramos, Flávia Brocchetto. (2001). A representação da infância na narrativa infantil brasileira. Signos.

As crianças aterrorizantes em Bly: um estudo sobre a construção das personagens infantis de The turn of the screw, de Henry James

Diana Victória de Carvalho Farias
Mestre em Letras e Artes. Doutoranda em Letras e Artes (PPGLA-UEA/CAPES).
E-mail: dvdcf.dla25@uea.edu.br

Luciane Viana Barros Páscoa
Doutora em História pela Universidade do Porto (FLUP-UP).
Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA-UEA).
E-mail: lpascoa@uea.edu.br

Resumo: A concepção de criança, em termos históricos, ainda é muito recente, é fruto da insurreição da burguesia e da necessidade do estabelecimento da família (Tavares, 2013). A presença infantil na literatura, então, passa a acontecer, e seu protagonismo é lançado por autores como Victor Hugo e Charles Dickens (Coelho, 2020). Nesse cenário, as crianças eram retratadas como órfãs e abandonadas. No concernente à literatura gótica, a família desenvolve papel essencial no centro das narrativas, sendo, muitas vezes, a força motriz para que ela aconteça, através de seus segredos, testamentos, mentiras e maldições. A esfera familiar é muito interessante de ser observada nesse gênero. Fruto de seu tempo, a instituição retratada nos romances e contos góticos não se assemelha ao ideal de segurança e aconchego que se valoriza na contemporaneidade – ao contrário, as famílias costumavam ser permeadas por casamentos arranjados em razão de maldições, mortes repentinas e inexplicáveis, abandono, incesto e traição. A promessa de família bela é muito tardia. Assim, ainda que retratando o período medieval – uma das características próprias do gótico – o seio familiar

retratado nessas histórias voltava-se a um entendimento de família próprio do estabelecimento do regime burguês. Conforme exposto, o gênero que estudamos tem uma certa predileção por temas familiares desagradáveis, colocando seus personagens em situações de perigo físico e emocional. Percebemos, ainda, uma propensão a centralizar em suas narrativas, crianças e mulheres. Nesta abordagem que apresentamos aqui, damos ênfase especial às personagens infantis, mais especificamente, a Miles e Flora, da obra Turn of the screw, de Henry James (1843-1916). Nessa narrativa, as crianças ocupam o centro da história em razão da perda de seus pais, das suas visões e de seus comportamentos sinistros, sendo a representação perfeita do potencial horrífico das personagens infantis na literatura de terror. O objetivo desta pesquisa é evidenciar essa caracterização e elaborar uma proposta do motivo pelo qual isso acontece na literatura gótica e suas reverberações. Importante mencionar que a figura da criança se projeta intrinsecamente à figura da mãe - aqui representada pela babá - então, ao menos uma menção à sua construção necessita ser feita, ainda que não seja o foco de análise. Para tanto, o escopo teórico que permite tal estudo se debruça sobre as construções narrativas e estéticas do gênero gótico – sobretudo o gótico inglês – e as construções infantis que foram previamente abordadas. Assim, nos apropriamos dos estudos de Hunt (2010) e Coelho (2020) quanto à figuração da criança na literatura infantojuvenil, pois os autores constroem um arcabouço teórico e histórico sobre essas representações de modo que, ao nos colocarmos nessa dimensão, nos tornamos capazes de entender mais plenamente como se desenvolve a figura infantil na literatura ocidental como um todo. Ainda sobre a criança, visitamos também Ariès, com a História social da criança e da família (1986), pois concordamos com Hunt (2010) e seu entendimento de que a literatura para e sobre a infância está atrelada diretamente ao contexto sócio-histórico em que se encontra essa literatura. Quanto ao gótico, partimos de Botting (2024) e Todorov (2004) para definição e apreciação do gênero em que se insere a obra e sua relação com as representações mencionadas.

Palavras-chave: Infância; Gótico; Henry James; Crianças no terror.

Referências:

Ariès, Phillip. 1986. História social da criança e da família. Guanabara. Rio de Janeiro.
Botting, Fred. 2024. Gótico. Sebo Clepsidra. São Paulo.
Coelho, Isabel Lopes. 2020. A representação da criança na literatura infantojuvenil: Rémi, Pinóquio e Peter Pan. Perspectiva. São Paulo.
Farias, Diana Victoria de Carvalho. 2023. Coraline, de Neil Gaiman, e o mundo secreto - metáforas, símbolos e representações. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus.
Hunt, Peter. 2010. Crítica, teoria e literatura infantil. Cosac Naify. São Paulo.
James, Henry. 2010. The Collier's Weekly Version of the Turn of the Screw. Coffeetown Press. Seattle.
Silva, Matheus Lima da; Giroldo, Ramiro. 2022. A crise de representação na narrativa jamesiana, A outra volta do parafuso (1898), e a sua reescrita em Os outros (2001). Scripta. Belo Horizonte.
Tavares, Márcia. 2013. Você conhece Coraline Jones?: o leitor juvenil e a narrativa de suspense. ABRALIC. Campina Grande.
Todorov, Tzvetan. 2004. Introdução à literatura fantástica. Perspectiva. São Paulo.
Vidal, Ariovaldo José. 1994. Introdução. In: Walpole, Horace. O castelo de Otranto. Editora Nova Alexandria. São Paulo.

Memória e Infância: um diálogo interartes entre a literatura de Mia Couto e as pinturas de Roberto Chichorro.

Kamila Oliveira de Lima
Mestranda do PPGLA – UEA
Professora da SEDUC/AM
kodl.mla25@uea.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta o recorte de uma pesquisa em andamento cujo objetivo é apresentar uma relação entre interartes no campo da literatura e da pintura, propondo uma análise comparativa da representação da infância no conto "O fazedor de Luzes" (2015) de Mia Couto e nas pinturas Anjos de Comer Peixe Frito (1994) e Sem Título (1996) de Roberto Chichorro. O estudo busca estabelecer um diálogo entre essas obras, produzidas por autores moçambicanos, que articulam memórias e sonhos ao tratar uma representação da infância marcada por um passado colonial e por processos de reconstrução identitária. Como referencial teórico, esta pesquisa está fundamentada em Panofsky (2007), que trabalha com uma abordagem iconográfica e iconológica das imagens, visando identificar, descrever e interpretar o conteúdo imagético das pinturas. Além disso, utiliza as contribuições do teórico Noa (2017) e Costa (2012), que oferece uma leitura crítica do cenário pós-colonial moçambicano, com ênfase nos aspectos históricos e sociais presentes nas obras; além de Assmann (2011), Halbwachs (1990) e Seligmann-Silva (2003), que contribuem com discussões sobre a memória como elemento central para compreensão das narrativas individuais e coletivas. Além disso, são consideradas informações dos próprios autores sobre suas obras, que revelam suas memórias infantis. Dessa forma, a seleção do conto de Mia Couto e das pinturas de Roberto Chichorro, ambos produzidos no período pós-colonial, possibilitam uma abordagem qualitativa e interpretativa, envolvendo uma análise comparativa que combina leitura iconológica das imagens e interpretação dos textos literários, com o intuito de evidenciar as conexões entre pintura e literatura na construção da representação da infância a partir da memória, da história e da imaginação. Espera-se que este estudo contribua para ampliar a compreensão da produção artística moçambicana evidenciando por meio do diálogo das interartes, além de uma subjetividade artística, uma realidade concreta, que possibilita uma visualização e uma recuperação mais detalhada da representação da infância como espaço simbólico e uma voz silenciada, em que se cruzam memória, história e sonho em um contexto histórico e social de Moçambicano.

Palavras-chave: Infância; Mia Couto; Roberto Chichorro; Interartes Moçambicanas; Iconografia; Iconologia.

Referências:

ASSMANN, Aleida. 2011. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Editora da UNICAMP. SP.

CHICHORRO, Roberto. 1998. Jogos de brincar com areia: acrílico sobre telas. Editorial Caminho.

COUTO, Mia. 2015. Na berma de nenhuma estrada e outros contos. Companhia das Letras. SP

COSTA, A. 2012. Arte e artistas em Moçambique: falam diferentes gerações e modernidade (Parte 1). Buala. RJ.

HALBWACHS, Maurice. 1990. A memória coletiva. Tradução de Laurent Léon Schaffter. Editora Revistas dos Tribunais. SP.

NOA, Francisco. 2017. Uns e outros na literatura moçambicana. Kapulana. SP

PANOFSKY, Erwin. 2007. Significado nas artes visuais. 3°ed. Perspectiva. SP

SELIGMANN-SILVA, Marcio. 2003. História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes. Editora da UNICAMP. SP

Infância Feminina Negra: a presença dos discursos pseudojustificativos na infância da personagem Martha, de O Avesso da Pele, de Jeferson Tenório.

Adeison Tavares Elias
Graduado em Letras- LLP – UFAM
adeison.t.elias@gmail.com

Orientadora: Maria Luiza Germano
Doutora em Literatura – UFAM
germanoletras@ufam.edu.br

Resumo: Este trabalho propõe a análise da personagem Martha, da obra O Avesso da Pele (2020), de Jeferson Tenório, busca investigar, em específico, a infância negra feminina, a fim de observar e destacar os discursos da personagem diante de temas como “negritude”, o “ser negro”, a luta antirracial e o próprio autorreconhecimento como mulher negra. A personagem é bastante intrigante, pois se revela contrária à luta antirracial da comunidade negra, não só a ignora como também afirma nunca ser amparada por ela. Além disso, sua concepção sobre racismo gera questionamentos ao leitor, considerando que eles são pessimistas em relação àqueles que lutam diariamente por uma sociedade mais antirracista. A pesquisa é de natureza qualitativa (DENZIN E LINCOLN, 2006), bibliográfica e interpretativa (GIL, 2010), ao se basear em fontes diversas, a fim de compreendê-las e interpretá-las em consonância com o objeto de estudo. Por esses vieses, analisa-se a personagem Martha alinhando-a a conceitos que justifiquem, ou não, a sua percepção negativa sobre racismo. No romance, em relação à personagem, percebemos a presença dos “discursos pseudojustificativos” na sua trajetória. Um conceito amplamente discutido por Munanga (2012), ao abordar as consequências do processo de colonialismo na formação das sociedades que foram alvo desse sistema de domínio político, econômico e cultural. A sua abordagem serve para lançar luz sobre como esse processo tem raízes profundas na sociedade brasileira, algo que impacta diretamente a forma como a personagem Martha se enxerga. Ademais, faz-se a ampliação da abordagem sobre o racismo para refletirmos como ele impacta, especialmente, as mulheres negras, desde as suas infâncias até a maturidade. Para isso, são utilizados como subsídios teóricos Mbembe (2011), ao discutir o conceito de racismo; Mary Del Priore (1999) e Maria Campos Eurico (2020), ao abordarem as categorias “infância negra” e “racismo na infância” e Michel Foucault (2007), sobre a ordem do discurso. As proposições levantadas, alinhadas ao estudo da personagem do livro, nos levam à conclusão de que a identidade “moldada” da personagem Martha, já adulta, é resultado de sua infância feminina negra. Concluímos, igualmente, que a categoria “infância feminina negra” se revela enquanto parte da explicação da formação da nossa sociedade, da instauração do racismo e como ele impacta as mulheres negras com desafios, violências, discriminação, preconceitos e imposições sobre os seus corpos.

Palavras-chave: Infância Feminina Negra, Racismo, Discurso.

Referências:

Denzin, Norman; Lincoln, Yonna. 2006. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. IN: e col. O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre.
Eurico, Márcia Campos. 2020. Racismo na Infância. São Paulo.
Foucault, Michel. 2012. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo.
Gil, Antonio Carlos. 2010. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo.
Gouvêa, Maria Cristina Soares de. 2007. A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites. In LOPES, Alberto; Filho, Luciano Mendes de Faria; Fernandes, Rogério (Orgs.). Para a compreensão histórica da infância. Belo Horizonte.
Mbembe, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2011.
Munanga, Kabengele. 2012. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte.
Tenório, Jeferson. 2020. O Avesso da Pele. São Paulo: Companhia das Letras.

A condição feminina na infância: a exploração sexual nos seringais da Amazônia no Século XIX

Geusa de Paula Cerquinho de Lima
Licenciada em Letras, Língua Portuguesa - UFAM
p_geusa@yahoo.com.br

Sara Praia da Silva
Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Norte - UNINORTE
Sara.praia40@gmail.com

Resumo: Este tem por objetivo fazer uma análise das representações femininas da infância na obra Inferno Verde, mais especificamente no conto Maibi. de autoria de Alberto Rangel, (2008), num diálogo com as meninas representadas na Minissérie Amazônia, de Galvez a Chico Mendes, 2007, de autoria de Glória Perez, à partir da análise da personagem Delzuite, vivida pela atriz Giovanna Antonelli. A partir desse movimento analítico, erguem-se questionamentos acerca da representação da criança nos seringais e da condição feminina das personagens Maibi e Delzuite. Propomos, então, por meio do elemento literário e imagético, analisar a exploração sexual e o processo de subalternização da mulher nos seringais da Amazônia a partir de sua infância. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, feita em obras que abordam a temática em questão e para tal, contou-se, além de outras, com as leituras das obras de Beauvoir (1949-1980); Cândido, 2006; Coelho, 1993; Costa, 2005. Para a análise semiótica, as obras escolhidas foram, entre outras: Dourado e Soares, 2015 entre outros que serviram de base bibliográfica para esta. Em nossas leituras e pesquisas concluímos que as crianças e mulheres que viviam no seringal, eram usadas como moeda de troca nas relações entre o seringueiro e o seringalista, esse último detinha a posse de seus corpos, que ele usava para "premiar" um seringueiro, mesmo que esta mulher fosse casada com outro, o que evidencia a escravidão pouco disfarçada da condição do feminino no seringal.

Palavras-Chave: Infância, Feminino, Seringal, Maíbi, Delzuite.

Referências:

BEAUVOIR, Simone de. 1980. O Segundo Sexo: A experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
CÂNDIDO, Antonio. 2006. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul.
COELHO, Nelly Novaes. 1993. A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo. São Paulo: Siciliano.
COSTA, Heloísa Lara Campos da. 2005. As mulheres e o poder na Amazônia. Manaus: EDUA.
CUNHA, Euclides da. 1999. À margem da história. São Paulo: Martins fontes.
DOURADO, Pollyana; SOARES, Ana Carolina Eiras. Representações femininas na minissérie "Amazônia: de Galvez a Chico Mendes". 2015. História Histórias. vol. 1, n. 5. ISSN 2318-1729. Acesso em: https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10828 Acesso em 22 de jul. de 2025.
LOPES, Maria Immacolata Vassalo. A telenovela como recurso comunicativo. 2009. Revista Matrizes. v. 1, n. 3, p. 25.
PEREZ, Glória. 2007. Amazônia, de Galvez a Chico Mendes. Minissérie.
RANGEL, Alberto. 2008. Inferno Verde. Tenório Telles (org). 6º ed. Manaus: Editora Valer.

Mães negras, infâncias negras: realidades cíclicas em Jeferson Tenório e Conceição Evaristo

Larissa Cavalcante Barboza
Mestranda do PPGL-UFAM
larilcb02@gmail.com
Orientadora: Profª Drª Nicia Petreceli Zucolo (UFAM)

Resumo: A configuração de muitas famílias negras se dá a partir de mães negras que, sozinhas, precisam prover sustento para si e para os filhos, geralmente sem um companheiro para dividir as responsabilidades. Essa desestruturação, somada à pobreza e à dificuldade de encontrar meios para quebrar o ciclo, afeta as crianças, que muitas vezes perdem sua infância para auxiliar no sustento da

família, além da exposição à fome e à violência. A partir da constatação dessa realidade, objetivou-se perceber, neste trabalho, essa questão estrutural em famílias negras brasileiras, a partir de uma obra e de um conto, sendo respectivamente Estela sem Deus, de Jeferson Tenório, e Olhos d'água, de Conceição Evaristo. A partir de uma pesquisa qualitativa, este trabalho analisa a condição das infâncias negras e a possibilidade de quebrar o ciclo de miséria de suas mães. Tanto no romance de Tenório quanto na narrativa de Evaristo, é possível visualizar mães que vivem no limite para garantir a sobrevivência da família, e crianças-adolescentes que precisam também buscar algum modo de ajudar nesse processo, o que dificulta a possibilidade de continuarem os estudos, além da insegurança alimentar a que são expostos. Como aparato teórico, autores negros como Lélia Gonzalez (2011), Sueli Carneiro (2020) e Silvio de Almeida (2019), que tratam sobre racismo estrutural e a realidade socioeconômica de pessoas negras, nortearam este estudo. Foi possível compreender, a partir da análise dos textos literários e da relação com as obras teóricas, que a literatura desses dois autores escancara uma realidade ainda muito latente no Brasil, que é a do desamparo e da miséria que assola famílias e prejudica o desenvolvimento de crianças negras, o que dificulta a formação de indivíduos que possam ocupar, futuramente, lugares com certo prestígio social, como a universidade ou empregos renomados. Por isso, é importante refletir sobre os motivos que levam a essa realidade e de que forma é possível transformá-la gradativamente.

Palavras-chave: Infâncias negras; Racismo estrutural; Ascensão social

Referências:
ALMEIDA, S. L. Racismo Estrutural. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.
EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
TENÓRIO, Jeferson. Estela sem Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

"O Retrato": entrelaçamento entre a história, a pintura e outras artes

Maria Luiza Germano de Souza
Doutora em Literatura – UFAM
germanoletras@ufam.edu.br

Resumo: Maria Teresa Horta (1937 – 2025) tem escrito textos em gêneros diversos: poesia, prosa-poética, contos e romances. No geral, esses textos privilegiam temáticas que abarcam de alguma forma o universo feminino e põem em evidência e/ou contraponto diálogos entre a literatura, a história e outras linguagens (BRAIT, 2010). Não tem sido incomum a escritora nos provocar com "leituras" do que poderia ter sido a vida de algumas mulheres históricas, a exemplo da Marquesa de Alorna, Leonor de Almeida Portugal, personagem principal do livro As luzes de Leonor (2011); Mariana Alcoforado, cujas Cartas portuguesas (1669) inspiraram As novas cartas portuguesas (1974), escritas em parceria com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa. Nesse universo múltiplo, às vezes, inusitado do uso de "outras" linguagens pela escritora, há o livro A dama e o unicórnio (2013), considerado lírico-épico, ilustrado com reproduções da série de tapeçarias "La Dame à la Licorne" expostas no Museu Cluny, em Paris. Maria Teresa Horta parte de um conjunto de tapeçarias de autoria desconhecida e o usa como material poético. Diante da diversidade de olhares sobre a literatura e outras artes feitos por Horta, o conto "O Retrato", presente no livro Meninas (2014), trata de Carlota Joaquina, rainha injustiçada pela história oficial (AZEVEDO, 2003). Ela tem sido pintada em muitas biografias como uma mulher feia, tresloucada, adúltera, mal falada, mas que, com as novas propostas de estudo feitos a partir da Nova História, está em curso uma correção e/ou justiçamento do seu perfil. Na pesquisa desenvolvida, não nos interessou a mulher adulta exatamente, mas a infanta retirada de sua casa, na

Espanha, para casar com alguém que não conhecia, D. João VI, de Portugal. Esse é o pano de fundo do conto em questão, nele, parte-se de um evento real da pintura do quadro "Retrato de Carlota Joaquina de Bourbon", pintado por Mariano Salvador Maella (1739 – 1819). O quadro está exposto no Museu do Prado, Espanha. Partindo-se dos princípios que norteiam a pesquisa bibliográfica e interpretativa (GIL, 2010), o objetivo da apresentação é colocar em perspectiva os sentidos da infância, no que se refere às meninas princesas em determinado momento da história, aliando-os às representações do quadro versus a narrativa ficcional. As discussões serão embasadas em Linda Hutcheon (1991), relações entre ficção histórica e metaficção; Marsilio Cassotti (2017), nas discussões sobre a "memória" da história e Carlota Joaquina; Michel Foucault (2007), os discursos têm uma ordem? Se têm, de onde partem? Philippe Ariès (2016), a importância da arte para contar a história da "descoberta da infância"; Lilia Moritz Schwarcz (2016), as convenções visuais e a memória do tempo passado: o tempo da infância; Del Priore (2011), as relações entre erotismo, sexualidade, pudor e relações de gênero. Chegou-se à conclusão de que Maria Teresa Horta, nesse conto de inspiração da personagem que pertence à história e a sua relação com a pintura, expande as reflexões que podem ser feitas para ponderarmos sobre o que a história oficial preferiu não falar, se falou foi sob a focalização da exclusão e do silenciamento.

Palavras-chave: História, Pintura, Infância, Carlota Joaquina, Meninas.

Referências

Ariès, Philippe. 2016. História social da infância e da família. Trad. D. Flaksman. Rio de Janeiro.
Azevedo, Francisca Nogueira de.2003. Carlota Joaquina na corte do Brasil. Rio de Janeiro.
Brait, Beth. 2010. Literatura e outras linguagens. São Paulo.
Cassoti, Marsilio. 2017. Memórias de Carlota Joaquina: a amante do poder. Trad. Luis Reyes
Gil, Antonio Carlos. 2010. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo.
Foucault, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo.
Hutcheon, Linda. 1991. Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rios de Janeiro.
Horta, Maria Teresa. 2014. Meninas. Alfragide/Portugal.
Del Priore, Mary. 2011. Entrelinhas, TV Cultura, São Paulo. Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/enterlinhas-mary-del-priore-30-05-cmais> Acesso em: 24 jul. 2025.
Schwarcz, Lilia Moritz. 2016. História da infância: convenções visuais em torno de um tempo que lembra de esquecer. MASP. São Paulo.

A Infância Negra nas Entrelinhas: A Representação da Criança Negra na Literatura Brasileira do Século XX

Discente: Maria Gabriella Medeiros Serrão
Graduanda em Letras – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
maria.serrao@ufam.edu.br

Orientadora: Professor (a)
Maria Luiza Germano de Souza Doutora em Letras (UFAM)
germanoletras@ufam.edu.br

Resumo: Este trabalho analisa a representação da infância negra na literatura brasileira do século XX, com foco, por enquanto, nas obras Negrinha (1920), de Monteiro Lobato, e Moleque Ricardo (1935), de José Lins do Rego. Com base em uma abordagem qualitativa, bibliográfica e interpretativa, a pesquisa busca compreender como essas narrativas constroem imagens da criança negra, frequentemente associada à violência, à exploração e à ausência de afeto. Tais representações contribuem para a consolidação de estereótipos que excluem essa infância da ideia dominante de

proteção e ludicidade. A metodologia adotada envolve a análise crítica de textos literários e teóricos. Como instrumentos, foram utilizados fichamentos das obras e de textos de apoio, com foco em três aspectos: o ponto de vista dos narradores; a construção das personagens infantis negras e o contraste com as infâncias brancas, quando presentes. A análise revelou que a infância negra, nessas obras, é marcada por uma imagem interrompida, desprovida de ludicidade e afeto, sendo as personagens retratadas de forma passiva e desumanizada. Os narradores, majoritariamente adultos e distantes da vivência negra, reforçam esse viés excludente. Do ponto de vista teórico, o trabalho se ancora em autores como Gouvêa (2005), ao discutir as imagens do negro na literatura infantil brasileira, destacando a perpetuação de representações estereotipadas; e Niehues e Costa (2012), ao abordar as concepções históricas da infância, evidenciando como determinadas infâncias foram sistematicamente marginalizadas. Também se fundamenta em Maria Nazareth Fonseca (2011), cuja reflexão sobre literatura negra e afrodescendência oferecerem suporte para pensar as rupturas e continuidades dessas representações. Além disso, o trabalho se articula com produções contemporâneas da literatura afro-brasileira, que vêm ressignificando essas imagens, oferecendo às infâncias negras espaço para subjetividades, afetos e resistências. Assim, a pesquisa aponta não apenas para a denúncia de estigmas históricos, mas também para a potência de uma literatura que contribua com a valorização de experiências infantis plurais e antirracistas.

Palavras-chave: Infância Negra, Representação Racial, Estereótipos, Exclusão Social.

Referências:
Fonseca, Maria Nazareth Soares. 2011. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. In:
Gouvêa, Maria Cristina Soares de. 2005. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. Educação e pesquisa, v. 31, p. 79-91.
Lins do Rego, José. 1935. Moleque Ricardo. Rio de Janeiro.
Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica, v. 4.
Lobato, Monteiro. Negrinha.1920. São Paulo.
Niehues, Mariane; Costa, Marli. 2012. Concepções de infância ao longo da história. Revista Técnico-Científica do IFSC.

Infância, violência e trauma: uma análise de corpo desfeito e zaíta esqueceu de guardar os brinquedos

Gabriela de Lima Barbosa
Mestranda do PPGL/UFAM
gabriela.liima028@gmail.com
Orientadora: Profª Dra. Nicia Petreceli Zucolo

Resumo: Esta comunicação propõe uma análise sobre a relação entre infância, violência e trauma a partir do romance Corpo desfeito (2022), de Jarid Arraes, e do conto Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos, presente no livro Olhos d'água (2016), de Conceição Evaristo, com o objetivo de mostrar como as experiências traumáticas vividas pelas personagens provocam, cada uma à sua maneira, uma ruptura no percurso da infância. No romance, as práticas de violência contra o corpo infante são sustentadas com o discurso religioso e o de proteção parental; enquanto que, no conto, somos apresentados à brutalidade da violência urbana, ao abandono por parte do Estado e às consequências do racismo institucional, que relegam a população negra à margem da sociedade. A análise foi feita a partir da vivência da personagem Amanda, de Corpo desfeito, e das irmãs Zaíta e Naíta, do conto de Conceição Evaristo, por meio de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Como aporte teórico, foi utilizada a concepção de racismo estrutural e institucional de Silvio Almeida (2019); a concepção de trauma e suas marcas psíquicas, a partir dos estudos de Sigmund Freud (1920/1996); a noção de discurso de Michel Foucault (1996), bem como a sua capacidade de sustentar práticas de violências; e a definição de violência simbólica, cunhada por Pierre Bourdieu (2012) para compreender como algumas formas de dominação são naturalizadas nas relações sociais. Os

resultados obtidos revelam três formas distintas de interrupção da infância: Zaita representa a infância interrompida pela morte precoce, vítima da violência urbana e do racismo institucional; Naíta, por sua vez, testemunha a morte violenta da irmã e tem a infância interrompida pela perda da inocência diante da realidade cruel em que está inserida; por fim, Amanda é sujeita a um processo lento e cumulativo de exposição à diversas violências que vão minando aos poucos sua infância, o que interfere diretamente na construção de sua subjetividade, a qual é atravessada pelo trauma.

Palavras-chave: Infância, Trauma, Violência, Literatura Brasileira.

Referências:
ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
ARRAES, Jarid. Corpo desfeito. 1ªed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.
BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 11a ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1a ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.
FREUD, S. (1920/1996). Além do princípio do prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

Representações do rasgo da infância indígena na escrita literária no Amazonas

Sideny Pereira de Paula
Doutora em Literatura. SEDUC-AM
sidenypaula@hotmail.com

Raimunda Ferreira Rodrigues
Mestra em Letras, Língua Portuguesa. SEDUC-AM
rda40rodrigues@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa centra-se na compreensão das representações da infância na escrita literária produzida no Amazonas, mais especificamente sobre a infância de uma menina indígena e de sua relação com um padre. A obra em questão, A caligrafia de Deus (2007), de Marcio Souza, trata sobre as várias fases da vida desta menina, cujo nome é Izabel Pimentel. A obra também discorre sobre a destruição da cultura indígena através da assimilação, com crianças sendo ensinadas e "educadas" por padres da ordem dos Salesianos. A intenção desses religiosos, de acordo com os teóricos lidos, não era exatamente ensinar-lhes uma religião, mas "pacificar" esses povos através da doutrina religiosa, iniciada na infância. A metodologia é de cunho investigativo, feita em artigos, livros e obras que abordam sobre o assunto. Os teóricos escolhidos para fundamentar a pesquisa foram principalmente os que dialogam com a temática desta, a saber: Mircea Eliade, com Mito e realidade (2019); Bronislaw Malinowski, que escreveu Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia (1976), um tratado teórico que lançou as bases do observador-participante, que, para entender a cultura de um povo, precisa estabelecer uma relação de convívio com o mesmo; Corpos colonizados, leituras feministas (2011); Representações da infância na literatura (2012); Marcos Frederico Kruger, com sua obra Amazônia: mito e realidade (2005),que tece o diálogo do mito com a literatura, analisando também os costumes dos povos indígenas do Amazonas, principalmente das etnias que habitam a região do Alto Rio Negro nas proximidades do município de São Gabriel da Cachoeira (localidade conhecida popularmente entre os indígenas como Cabeça do Cachorro, nome dado por eles pela representação no mapa desta região se parecer com a cabeça do animal). Em relação às pesquisas feitas sobre a introdução das companhias religiosas na região amazônica que são retratadas nas obras de Marcio Souza e de outros escritores que escrevem sobre o assunto, se percebe na convivência dos padres das companhias religiosas com as

crianças indígenas - principalmente as meninas - casos de abusos e também de posterior escravidão; depois de sofrerem abusos diversos, as crianças eram “dadas” às senhoras da alta sociedade Manauara para servir-lhes de criadas, num regime de cárcere que duraria para o resto de suas vidas.

Palavras-chave: Infância indígena, Escrita literária no Amazonas, Cultura, Perda de identidade.

Referências:
COUTINHO, Fernanda. Representações da infância na literatura. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.
ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. 8. ed. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Debates).
FUNCK, Susana Bornéu. Corpos colonizados, leituras feministas. Editora UFSC, 2011.
KRUGER, Marcos Frederico. Mito e Realidade. Manaus-AM. Editora Valer; 3ª edição.
MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacifico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Tradução Ana Paula Dores. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Os Pensadores v. 43).
SOUZA, Marcio. A caligrafia de Deus. São Paulo: Lazuli/Companhia Editora Nacional, 2007.

A infância e o corpo feminino: uma análise dos contos o retrato, a princesa espanhola e inocência perdida, na obra meninas, de Maria Teresa Horta

Rebeca Alfaia de Araújo
Discente da FLET-UFAM
alfaia.llp@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa propõe uma análise sobre a representação da infância e do corpo feminino como espaço de linguagem e ruptura nos contos A Princesa Espanhola, O Retrato e Inocência Perdida, presentes na obra Meninas (2014), da escritora portuguesa Maria Teresa Horta. A partir desses três contos, que formam uma unidade narrativa sobre a vida da infanta Carlota Joaquina de Bourbon, o estudo foca na maneira como a autora reimagina a infância de uma figura histórica, que viveu no século XIX e foi utilizada como uma moeda de troca como parte de um acordo político entre Espanha e Portugal. Através da ficção, Horta retira o foco dos mitos sobre Carlota e os direciona para a formação das dinâmicas de poder e violência que a cercam. Classificada como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, esta investigação parte da análise de materiais já existentes, especialmente a obra Meninas (2014), com foco nos três contos selecionados, e de um referencial teórico que aprofunda a compreensão da realidade retratada na ficção — ou seja, a forma como o texto literário de Maria Teresa Horta recria, problematiza e denuncia os aspectos sociais, históricos e simbólicos relacionados à experiência feminina. Para isso, são considerados os estudos de Michel Foucault (1971), que auxiliam na compreensão sobre o poder exercido em práticas sociais; de Judith Butler (2018), relacionando as discussões sobre performatividade de gênero; e de Elizabeth Grosz (1994) acerca da construção histórica da feminilidade. A análise também é aprofundada pelas teorias de Pierre Bourdieu (2002;2003), sobre a dominação masculina e o poder simbólico, e de Mircea Eliade (1992), acerca das tensões entre sexualidade, pureza e religiosidade presente nos contos. Considerando como a ficção histórica dialoga com as teorias de gênero e poder, é possível identificar que a narrativa de Horta se apresenta como um instrumento de desconstrução histórica e denúncia. Afinal, por meio do livro Meninas (2014), a autora desafia a romantização direcionada às figuras femininas, no contexto geral da obra, e expõe a violência simbólica e material que atinge esses corpos desde a infância.

Palavras-chave: Infância; literatura portuguesa; relações de poder.

Referências:
BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1971.
GROSZ, Elizabeth. Corpos Reconfigurados. In: Volatile Bodies: Toward a Corporeal Feminism. Indiana: Indiana University Press, 1994.
HORTA, Maria Teresa. Meninas. Lisboa: Dom Quixote, 2014.

Infância Negra em Perspectivas: Violências e Estereótipos na Literatura do Século XIX.

Poliana Vitória Assunção de Amorim
Graduanda em Letras-Língua e Literatura Portuguesa pela UFAM polianavitoria2222@gmail.com

Orientadora: Maria Luiza Germano de Souza
Doutora em Literatura –UFAM
germanoletras@ufam.edu.br

Resumo: A concepção de infância, compreendida como uma construção histórica, social e cultural, não se apresenta de forma homogênea ao longo do tempo, variando conforme os paradigmas ideológicos e as relações de poder de cada período. Philippe Ariès (1981), ao historicizar o "sentimento de infância", evidenciou que, na sociedade medieval, a criança era percebida como um adulto em miniatura, sendo apenas a partir da modernidade que a infância passou a ser reconhecida como uma etapa singular da vida, dotada de especificidades cognitivas, emocionais e sociais. No Brasil oitocentista, entretanto, essa construção esteve atravessada por práticas escravocratas e pela naturalização das hierarquias raciais, produzindo uma profunda invisibilidade das infâncias negras. Mesmo quando tematizadas na literatura do século XIX, essas infâncias eram comumente representadas sob o prisma do olhar colonizador e eurocêntrico, marcadas por discursos paternalistas, castigos físicos, estigmatizações e subalternidade. A presente pesquisa, de natureza qualitativa, bibliográfica e de caráter interpretativo, propõe-se a investigar as formas de representação da infância negra na literatura brasileira do século XIX, articulando texto literário e contexto histórico-ideológico. O corpus inicial contempla obras como As vítimas-algozes (1869), de Joaquim Manuel de Macedo, Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis, e narrativas de autores como Machado de Assis e Raul Pompeia, cujas produções dialogam, de modos distintos, com as tensões raciais, políticas e sociais da época. A análise será orientada por categorias como presença e ausência, protagonismo e silenciamento, estereótipos e discursos de resistência, com apoio teórico de Philippe Ariès (1981), Marisa Philbert Lajolo (1993), Lilia Moritz Schwarcz (1993) e Maria Helena Machado (1994), entre outros estudiosos que problematizam infância, raça e literatura no Brasil oitocentista. Ao analisar as representações literárias que legitimaram ou denunciaram a condição das infâncias negras, pretende-se contribuir para o alargamento das discussões sobre memória, identidade e racismo estrutural na literatura brasileira, ressaltando tanto os apagamentos quanto as possibilidades de ressignificação crítica desses textos. Ressalta-se que os resultados aqui apresentados são parciais, uma vez que a pesquisa encontra-se em estágio inicial de desenvolvimento; contudo, antecipa-se que as análises poderão revelar de que modo a literatura oitocentista, ao mesmo tempo em que reproduz paradigmas raciais excludentes, também fornece subsídios para a compreensão das estratégias discursivas que conformaram a infância negra como uma categoria social marginalizada.

Palavras-chave: Infância negra; Literatura brasileira; Século XIX; Escravidão; Estereótipos; Representação.

Referências:
ARIÈS, Philippe. História Social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta: a criança na literatura. São Paulo: Ática, 1993.
MACEDO, Joaquim Manuel de. As vítimas-algozes: quadros da escravidão. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger, 1869.
REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. São Luís: Tipografia Comercial, 1859.
SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e pensamento racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 199.
MACHADO, Maria Helena P. T. O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Infância Negra em Palavras: Vozes, Silêncios e Estereótipos na Literatura do Século XXI

Vitória do Nascimento Guimarães
Graduanda em Letras-Língua e Literatura Portuguesa pela UFAM
vitoria.nascimento@ufam.edu.br

Maria Luiza Germano de Souza
Doutora em Literatura –UFAM
germanoletras@ufam.edu.br

Resumo: Quais as representações da infância negra na literatura brasileira do século XXI? A partir desse questionamento, esta pesquisa investiga como a infância negra tem sido retratada por escritores contemporâneos, analisando se há uma mudança significativa na forma de narrar essas experiências. Parte-se do princípio de que a infância é uma construção social, historicamente negada à população negra, cujas crianças foram, durante séculos, vistas como força de trabalho precoce, privadas de afeto e invisibilizadas nos discursos sobre cidadania. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, conforme Gil (1994), fundamentada em obras literárias brasileiras do século XXI que apresentam protagonistas infantis negros. São analisados diferentes gêneros narrativos, priorizando textos que rompem com representações cristalizadas e promovem deslocamentos no imaginário social. A investigação é conduzida por quatro eixos: (1) origem da narrativa, (2) voz narrativa, (3) temáticas predominantes, e (4) modos de representação, se vinculados à dor ou à potência, ao apagamento ou à invenção. A fundamentação teórica baseia-se em Mariane Rocha Niehues e Marli Oliveira Costa (2012), Philippe Ariès (2016) sobre as concepções históricas de infância, Fernanda Silva e Sousa (2019) sobre a infância negra no Brasil e Anderson Luís Nunes da Mata (2006) quanto à mediação literária do ponto de vista adulto. Como resultado parcial, observou-se que a literatura brasileira contemporânea tem operado, ainda que de forma incipiente, uma ruptura com a ideia da infância negra exclusivamente vinculada à violência, ao sofrimento e à ausência. Algumas obras analisadas oferecem uma representação mais complexa da criança negra como sujeito de afeto, imaginação e agência. Além disso, notou-se que há um movimento crescente de escritores(as) negros(as) que assumem a autoria dessas narrativas, o que contribui para uma mudança no lugar de enunciação e para a legitimação de novas vozes no campo literário. Essa transformação incide diretamente sobre a forma como a infância negra é percebida socialmente, apontando para a construção de futuros possíveis, plurais e antirracistas.

Palavras-chave: Infância negra; Literatura brasileira contemporânea; Representações sociais; Identidade racial.

Referências:

AGUIAR, José. A infância do Brasil. São Paulo: Nemo, 2022.DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil (Org.). São Paulo: Contexto, 1999.
ARIÈS, Philippe. História Social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1994.
MATA, Anderson Luís Nunes da. O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa contemporânea. Dissertação (Mestrado em em Literatura) - Universidade de Brasília. Brasília, 2006.
NIEHUES, Mariane Rocha; COSTA, Marli de Oliveira. Concepções de infância ao longo da história. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, São Paulo, v. 2, n. 9, p. 67–84, set. 2017.
SOUSA, Fernanda Silva e. Figurações ambivalentes de uma infância possível no pós-abolição em Raiz de um negro brasileiro, de Oswaldo de Camargo. Revista Crioula, São Paulo, n. 23, p. 139–154, 1º sem. 2019. Disponível em: https://revistas.fflch.usp.br/crioula. Acesso em: 7 abr. 2025.

Infância Negra e Violências Estruturais em Corpo Desfeito, de Jarid Arraes

Daniella Negreiros Alves
Graduanda em Letras - Língua e Literatura Portuguesa pela UFAM
daniellanegreiros.da@gmail.com

Maria Luiza Germano de Souza
Doutora em Literatura – UFAM
germanoletras@ufam.edu.br

Resumo: Este trabalho analisa as representações da infância negra no romance *Corpo Desfeito* (2022), de Jarid Arraes, destacando as múltiplas violências — físicas, simbólicas, psicológicas e estruturais — que atravessam a trajetória da protagonista, Amanda. Narrado em primeira pessoa, o romance oferece uma perspectiva sensível e contundente sobre as infâncias silenciadas no Brasil, especialmente aquelas marcadas por racismo, pobreza, ausência de afeto e apagamento institucional. A pesquisa, de abordagem qualitativa e interpretativa, articula a análise literária com reflexões de Achille Mbembe (2011), Michel Foucault (1975; 1976), Philippe Ariès (1981) e José Aguiar (2017), propondo uma leitura crítica da obra a partir dos conceitos de necropolítica, biopoder, disciplina e construção social da infância. A partir dessa leitura, a pesquisa conclui que *Corpo Desfeito* (2022) opera como um instrumento de denúncia e reexistência, ao desafiar discursos homogeneizadores sobre a infância e dar visibilidade às experiências negras e periféricas frequentemente invisibilizadas pela literatura tradicional. Ao evidenciar a precariedade da infância negra e ao mesmo tempo afirmar a potência de subjetividades que resistem ao apagamento, o romance reafirma o papel ético e político da literatura afro-brasileira contemporânea. Assim, o estudo contribui para os debates em torno da infância como categoria plural e situada, exigindo a revisão de práticas sociais e políticas públicas que perpetuam desigualdades desde os primeiros anos de vida.

Palavras-chave: Infância negra; Violência; Corpo; Identidade.

Referências:

AGUIAR, José. *A infância do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Nemo, 2017.
ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
ARRAES, Jarid. *Corpo Desfeito*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.
FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1976.
FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2011.

A menina que grita: Corpos usados e escravizados no Amazonas

Raimunda Ferreira Rodrigues SEDUC-AM
rda40rodrigues@gmail.com

Sideny Pereira de Paula SEDUC-AM
Sideny.paula@prof.am.gov.br

Resumo: Este trabalho propõe uma análise da representação da menina ribeirinha e indígena nas obras Relatos de um certo Oriente (1989), Dois Irmãos (2000), ambas de autoria de Milton Hatoum, com foco nas figuras das servas descritas nas duas obras, propondo um diálogo com a cultura amazonense de se "pegar uma mocinha no interior para estudar na capital". Além de Milton Hatoum, também o escritor Márcio Souza também explora esse tema em seu conto A caligrafia de Deus (1994). A pesquisa buscou explorar de que forma esses escritores utilizam a narrativa da menina que veio de longe, geralmente uma indígena ou cabocla de família humilde, que sonha em melhorar de vida estudando na capital (ou que sua família não tem condições de educar), mas que chegando ao seu destino, se descobre escrava explorada social e sexualmente, sem direito aos estudos e muito menos a um salário digno ou mesmo direitos trabalhistas, como um simples descanso aos domingos. Ironicamente, o nome da personagem de Dois Irmãos que reflete essa realidade se chama Domingas, mas de fato, ela nunca teve um domingo de folga na sua triste vida de explorada. Para se fazer uma análise dessa condição, que infelizmente perdura e é muito atual, se contou com o apoio teórico de CÂNDIDO (2023), ANTUNES (2018) CASTEL (et al, 1991) PAULA (2024) entre outros e que retratam e discutem em suas pesquisas as experiências de marginalização desses corpos indígenas. Por um viés qualitativo, este estudo examina a temática nas obras selecionadas; as personagens de Hatoum, mesmo sem voz nas narrativas, denunciam essa prática. Foi possível entender, com os resultados da pesquisa, que a cultura de se escravizar as meninas indígenas e ribeirinhas ainda persiste e não é combatida por meios legais e os autores dessas práticas de exploração seguem ilesos. Este trabalho enfatiza a importância de ouvir essas vozes femininas silenciadas e de se criarem políticas para se combater este crime.

Palavras-chave: Meninas Indígenas e ribeirinhas, Corpos Explorados, Literatura, Cultura.

Referências:

ANTUNES, R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Bontempo, 2018.
CÂNDIDO, Stella Litaiff Isper Abrahim. A vulnerabilidade da criança indígena no contexto de exploração do trabalho infantil no estado do Amazonas. 2023. 109 f.
CASTEL, R. et al. Da indigência à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: DONZELOT, J. (org.). Face a L"exclusion: le modèle Français. Paris: Esprit, 1991. p. 137-168.
HATOUM, Milton. Dois irmãos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
HATOUM, Milton. Relatos de um certo Oriente. Companhia das Letras, 1989.
SOUZA, Márcio. A caligrafia de Deus. In: TELLES, Tenório.; KRÜGER, Marcos Frederico (org.). Antologia do conto do Amazonas. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2010.

Juliana Feitosa Albuquerque
Doutoranda do PPGLI-UFAC
Juliana.falbuquerque@gmail.com

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão sobre os atravessamentos entre arte, cidade e infância nas práticas cênicas dos teatrólogos acreanos Betho Rocha e Matias. A partir dos conceitos de experiência (Larrosa), empiria delicada (Benjamin) e cidade como construção discursiva (Certeau), analisa-se como esses artistas durante a década de 1990 mobilizaram a cena para além dos espaços institucionalizados, construindo experiências estéticas e políticas com crianças das periferias de Rio Branco (AC). As práticas desenvolvidas nos projetos Teatro Barracão e Alerta 31 tensionam os ordenamentos espaciais e sociais, desestabilizando os discursos de controle e domesticação próprios da lógica urbana e escolar. A cena se torna, assim, espaço de resistência e criação, onde corpos indisciplinados — nesse caso, os corpos das crianças — elaboram outros modos de habitar e significar a cidade. O trabalho investiga como as imagens dessas experiências — fotografias das apresentações, oficinas e intervenções urbanas — operam como dispositivos de memória, desejo e reinvenção da cidade, ultrapassando sua função documental para se constituírem como imagens-performance. A máscara, elemento recorrente nas oficinas, emerge como tecnologia de deslocamento entre visível e invisível, sujeito e personagem, cidade e cena. Por meio da análise das imagens e dos relatos, observa-se que, na intersecção entre infância, teatro e espaço urbano, forma-se uma cidade-criança: um território de insurgências poéticas, onde a experiência sensível se sobrepõe aos regimes de controle e onde a fabulação coletiva reencena e reinventa os modos de existir. A noção de cidade-criança é mobilizada para pensar a relação entre infância, cidade e performance, entendendo a criança como produtora de espaço, memória e imaginação. Ao mobilizar o corpo em práticas como o uso da perna de pau e da máscara, esses sujeitos ampliam seus próprios limites corporais, sensoriais e afetivos, construindo outros modos de habitar a cidade. A rua, nesse contexto, se torna espaço de aprendizagem, de encontro e de invenção de mundos possíveis, onde a arte não se separa da vida. A partir da experiência concreta das infâncias na periferia de Rio Branco, surge um modo de aprender e ensinar que valoriza o brincar, o coletivo, o improviso e a criatividade como ferramentas de resistência e de transformação social. O estudo evidencia que essas práticas não apenas formam sujeitos mais autônomos e criativos, mas também contribuem para a construção de uma cidade mais democrática, inclusiva e afetiva. A performance, nesse contexto, se apresenta como uma tecnologia social capaz de produzir deslocamentos, reencantamentos e fissuras nos modos de viver a cidade, especialmente para os sujeitos historicamente marginalizados na Amazônia acreana.

Palavras-chave: Amazônia acreana; Cidade; Criança; Educação; Teatro; Performance.

Referências:
BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia, técnica e arte política. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
BENJAMIN, Walter. Passagens. Organização e edição brasileira de Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.
CARREIRA, André. Teatro de invasão: redefinindo a ordem da cidade. Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco. Rio de Janeiro: Sete Letras, p. 67-78, 2008.
CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante do tempo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.
DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou o gaio saber inquieto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. SciELO-EDUFBA, 2012

SIMPÓSIO TEMÁTICO 2

A LITERATURA COMO UM DIREITO ÉTICO E ESTÉTICO

Juciane Cavalheiro
Elaine Pereira Andreatta

COMUNICAÇÕES

Práticas leitoras: aluno e professor indicam

Quarto de Despejo: Relatos de Experiência sobre Práticas de Letramento no PIBID

Literatura pelos Cantos de Marabá: relato de experiência do clube de leitura *Literatura Tour*

A construção da identidade feminina em Anna Kariênina: literatura versus cinema

Os jovens e os labirintos da experiência: práticas de democratização do livro e da leitura

Canção para ninar menino grande, Conceição Evaristo: uma experiência de leitura no Clube de Leitura Meninas Cientistas

Quebrando paradigmas de gênero: uma diálogo de mulheres a partir da obra A vida invisível de Eurídice Gusmão em ambiente de privação de liberdade

Do poema ao jogo: gamificação interdisciplinar baseada no poema "Canto angustiado aos plantadores de cana" de João de Jesus de Paes Loureiro

Clubes de leitura e escrita em ambientes de privação de liberdade: os desafios e as potencialidades da curadoria

A leitura da literatura e a escrita de si: dimensões pedagógicas em contextos diversos

Geopoesia Intramuros: o interior exteriorizado de Astrid Cabral

AQUILO DE QUE MENINOS (NÃO) PRECISAM - masculinidades, desejos e epistolário em duas narrativas contemporâneas

O professor e intérprete de libras/português: uma parceria como ato ético, estético, responsivo e dialógico

Memórias de confinamento: a escrita como refúgio em hospício é Deus e nas cartas de Maura Lopes Cançado

Um mergulho pela literatura afro-brasileira: relato de experiência da iniciação à docência

A construção identitária no projeto “Nos caminhos da literatura indígena”: fortalecendo a autoria de sujeitos marcados por suas subjetividades

PIBID, Letramento Literário e Literatura Afro-brasileira: Práticas de Letramento a partir de Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis

As jornadas heroicas de Campbell, Vogler e Murdock: conexões e diferenças

Mediação e clube de leitura na universidade: relato de um ano de experiência

Entre o riso e o corpo: uma análise dialógica do discurso do quadro “Mulheres papáveis”

A literatura entre teorias, metodologias, instrumentos de pesquisa, dados e esquema de análise

Memória, identidade e juventude: oficinas de leitura e de escrita autobiográfica

Narrar o trauma, escutar o outro: ética e estética em “O rio sem fim”, de Verenilde Pereira

Práticas leitoras: aluno e professor indicam

Elisa Soares Ramos
Graduanda em Letras – UEA
esr.let22@uea.edu.br

Juciane Cavalheiro – PPGLA-UEA
Doutora em Linguística
jcavalheiro@uea.edu.br

Resumo: Antonio Candido (1995) é categórico em sua defesa ao fator humanizador propiciado pela literatura. O acesso ao livro e à literatura é, assim, um direito necessário para uma formação humana e emancipatória. Todavia, em uma sociedade em que a leitura é escassa pela inibição, fortemente influenciada pelas redes sociais, da capacidade de concentração e de compreensão de textos mais complexos, a leitura da literatura perde a cada dia seu espaço, mesmo em um dos locais mais propícios para a sua efetivação, um curso de Letras. Sensíveis a isso, foram pensados dois quadros – “Professor Indica” e “Aluno Indica”, que fazem parte do Programa de Extensão Universitária “Letramentos de (re)existência: práticas de leitura e de escrita para uma educação em Direitos Humanos, promovido pela Universidade do Estado do Amazonas. Nele há, a cada mês, a indicação de um livro literário, que acontece em formato de postagem no Instagram: para os docentes, em cards com textos e fotos; para os discentes, em vídeos. Em ambos os formatos, os participantes – docentes e discentes do curso de Letras da UEA – destacam os motivos pelos quais indicam a obra. Este trabalho, movido por uma ação de prática leitora que suscite novos leitores, encontra respaldo naquilo que Felipe Munita (2024: 107) defende em Eu mediador(a): mediação e formação de leitores: “a progressiva construção da competência leitora ocorre de maneira bastante natural quando se está em contato contínuo com textos amplos e diversos”. Busca-se, assim, em um primeiro momento, mapear a indicação das obras e analisar as motivações expostas por cada um dos sujeitos leitores, de modo a conhecer os gostos da comunidade leitora do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas. Em um segundo momento, acompanha-se as ressonâncias dos impactos gerados pela indicação da leitura, mediante repercussões na rede social. Este trabalho traz, portanto, a experiência vivenciada durante doze meses do quadro “Professor Indica” e “Aluno indica” e reflete sobre os impactos desta forma de promoção de leitura no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: prática de leitura; literatura; universidade.

Referências:
CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2014.
MUNITA, Felipe. Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores. Tradução de Dolores Prades. São Paulo: Solisluna Editora, 2024.

Ana Beatriz Pantoja Negreiros
Graduanda em Letras: Língua e Literatura Portuguesa – CLLP/UFAM anabeatriznp00@gmail.com

Eunice Vitória Monteiro Pedrosa
Graduanda em Letras: Língua e Literatura Portuguesa – CLLP/UFAM
eunicevitoria591@gmail.com

Isabel Ferreira Bentes
Graduanda em Letras: Língua e Literatura Portuguesa – CLLP/UFAM
isabelbentes18@gmail.com

Leonardo Julhiel Leite de Albuquerque
Graduando em Letras: Língua e Literatura Portuguesa – CLLP/UFAM
leonardo.albuquerque@ufam.edu.br

Orientadora: Profa. Maria Luíza Germano de Souza. Doutora em Literatura UFAM)
germanoletras@ufam.edu.br

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar um relato de experiência de atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), núcleo: Língua Portuguesa (UFAM/Manaus), realizadas com os alunos dos segundos anos do ensino médio, da Escola Estadual Ângelo Ramazzotti, turno vespertino, em maio de 2025. As ações tiveram como foco a leitura e a discussão do livro Quarto de Despejo (2014), de Carolina Maria de Jesus, publicado originalmente em 1960. Obra fundamental da literatura afro-brasileira, em consonância com a lei 11. 645/08 que determina a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos escolares brasileiros. O trabalho segue os pressupostos do relato de experiência, compreendido como a sistematização reflexiva de práticas vividas em contexto real de ensino. Nesse cenário, a experiência é compreendida como aquilo que nos acontece e nos transforma, atribuindo significado formativo às vivências e, quando sistematizada no formato de relato, constitui um método capaz de organizar criticamente as práticas e evidenciar os aprendizados decorrentes delas (Larrosa, 2002; Fortunato, 2018). As práticas foram planejadas e executadas com base na teoria dos letramentos sociais de Brian Street (2014), Alfabetização versus letramento, de Magda Soares (2012) e na Base Nacional Comum Curricular (2018), que orienta a diversidade literária no ensino médio e inclui a literatura afro-brasileira, com leitura, análises e diálogos, cuja orientação está fundamentada na habilidade EM13LP52 da base. Considerando tais fundamentos teóricos, foram realizadas aulas expositivas dialogadas, leituras dirigidas, gamificação e uma prática final, que envolveu todos os alunos participantes das atividades intermediadas. A abordagem utilizada foi qualitativa, de caráter interpretativo, com foco na aproximação dos alunos à literatura por meio de práticas significativas e socialmente situadas, para valorizar suas experiências e seus contextos culturais, o que favoreceu a construção de sentidos mais profundos e críticos sobre a obra trabalhada. Os resultados observados indicaram que as atividades desenvolvidas contribuíram para os alunos desenvolverem as habilidades de leitura, análise, compreensão e interpretação, além de prepará-los para a resolução das provas do PSC (UFAM), 1ª Etapa (1ª Série do Ensino Médio). Os discentes, com as atividades realizadas, puderam ter um contato mais diversificado com a literatura afro-brasileira, o que fortalece a valorização da cultura e o protagonismo negro, salientando a importância da escrita negra, na contação de suas histórias e desconstrução de estereótipos racistas. As práticas realizadas, fundamentadas nos pressupostos teóricos anteriormente citados, foram essenciais para que a leitura fosse compreendida não apenas como exigência escolar, mas como prática social importante, capaz de fomentar reflexões críticas e fortalecer o protagonismo dos alunos no processo de aprendizagem. Assim, as atividades desenvolvidas mostraram seu teor formativo tanto para os alunos quanto para os bolsistas do PIBID, ao articular teoria e prática docente. Elas também estimularam a consciência crítica e a sensibilidade

social, conectando a obra às vivências dos alunos e à história do Brasil, reforçando uma educação voltada à diversidade, à equidade e ao respeito às identidades, reafirmando o papel transformador da literatura na escola.

Palavras-chaves: PIBID, Literatura Afro-brasileira, Práticas de Letramento, Quarto de Despejo.

Referências:
BRASIL. 2008. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Poder Executivo. Diário Oficial da União: Brasília, DF.
BRASIL. Ministério da Educação. 2018. Base Nacional Comum Curricular. MEC. Brasília.
Fortunato, Ivan. 2018. O relato de experiência como método de pesquisa educacional. In: Fortunato, Ivan; Shigunov Neto, Alexandre. (Org.). Método (s) de pesquisa em educação. Edições Hipótese. São Paulo.
Jesus, Carolina Maria de. 2014. Quarto de despejo: diário de uma favelada. Ática. São Paulo.
Larrosa, Jorge. 2002. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro.
Soares, Magda. 2012. Letramento: um tema em três gêneros. Autêntica Editora. Belo Horizonte.
Street, Brian. 2014. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. Parábola Editorial. São Paulo.

Literatura pelos Cantos de Marabá: relato de experiência do clube de leitura *Literatura Tour*

Bruna Cassimiro da Silva Souza
Mestra em Letras pela UFT

Resumo: Sabemos que a prática leitora é essencial para ampliação de percepção de mundo, aguçar a nossa criticidade e para o nosso desenvolvimento linguístico, cognitivo e sociocultural. Entretanto, nem sempre a leitura é estimulada ou praticada, seja por fatores externos ou por ser – muitas vezes – uma atividade solitária. Nesse sentido, surge os clubes de leituras que intentam fomentar e estimular a leitura, sobretudo, a leitura compartilhada. Destaca-se que, para além disso, os clubes de leituras são formados por grupos de pessoas que se reúnem regularmente para partilhar as suas análises, impressões e posicionamentos acerca de um livro que todos os membros leram no mesmo período. Diante disso, o Clube de Leitura LiteraturaTour foi criado em 2021 na cidade de Marabá PA, com o intuito de valorizar obras literárias que, embora muitas vezes marginalizadas pelo cânone tradicional, possuem relevante contribuição estética e sociocultural, além de ampliar o repertório cultural e fomentar discussões sobre temáticas sociais, culturais, de gênero, raça e classe, criando um espaço de escuta, troca e reflexão por meio da leitura compartilhada. Adicionalmente, este Clube inclui encontros mensais e itinerários para leitura e debate das obras selecionadas, com base em um cronograma previamente estabelecido. O seu público-alvo é composto por jovens e adultos interessados na prática da leitura crítica e literária, promovendo assim um espaço formativo e inclusivo. Sob essa perspectiva, o presente estudo objetiva relatar as nossas vivências no Clube e como a mediação de leitura em um ambiente colaborativo pode fomentar o acesso e a valorização de textos com vozes plurais, evidenciando sua relevância social e estética. O estudo busca, assim, contribuir para a reflexão sobre o papel dos clubes de leitura na democratização do acesso a literaturas que tradicionalmente não circulam nos cânones acadêmicos ou nas grandes livrarias. Para tanto, esta pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência, utilizando a abordagem qualitativa para descrever e analisar as atividades e as interações do clube de leitura. A metodologia foi baseada na pesquisa-ação, em que os pesquisadores participaram ativamente das sessões do clube, mediando os encontros e coletando dados ao longo do processo. Ao fim deste estudo, observou-se como os achados do trabalho indicam que o clube de leitura funcionou como um espaço crucial para a valorização da literatura marginalizada e para a formação de novos leitores críticos. A experiência demonstrou que a

mediação e a discussão em grupo foram fundamentais para a superação de preconceitos e para a aproximação dos participantes com as temáticas e as linguagens de autores "marginalizados".

Palavras-chaves: Clube de Leitura, Literatura Marginalizada, Relatos de Experiência, Leitura.

Referências:
ABREU, Márcia. Cultura Letrada: Literatura e Leitura. São Paulo. Editora UNESP, 2006.
BOLOGNINI, Carmen Zink (org.). História da Literatura: O Discurso Fundador. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ABL); São Paulo: Fapesp, 2003.
DUMONT, Lígia Maria Moreira. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. DataGramaZero, v.3, n.6, dez. 2002.
EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: Uma Introdução. Tradução Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
LAJOLO, Marisa. Literatura: Leitores e Leitura. São Paulo: Moderna, 2001.
ROSA, Nícolas Pereira et al. A literatura marginal periférica e o cânone literário. NAVEGAÇÕES | V. 12, N. 2, JUL.-DEZ. 2019.
SOARES, Margarida. A Importância da Leitura no Mundo Contemporâneo. Centro de Formação de Associação das Escolas de Matosinhos, 2010.
VALENTE, Thiago Alves. DOMINGOS, Juliete Rosa. Clube de Leitura: Estratégia para Formação de Leitores. Revista Leia Escola, Campina Grande, v. 19, n. 3, 2019 – ISSN 2358-5870.

A construção da identidade feminina em Anna Karênina: literatura versus cinema

Ana Karenina Landim Dácio
Mestranda do PPGLA - UEA/SEDUC
akld.mla25@uea.edu.br

Luciane Viana Barros Páscoa
Doutora em História pela Universidade do Porto (FLUP-UP) - PPGLA/UEA
lpascoa@uea.edu.br

Resumo: Este estudo propõe uma análise comparativa entre o romance Anna Kariênina, de Liev Tolstói, e sua adaptação cinematográfica em língua inglesa, Anna Karenina (2012), dirigida por Joe Wright, com foco na investigação das variações na construção da identidade da protagonista Anna Kariênina. O objetivo é analisar como a identidade da protagonista e as questões de identidade feminina são reinterpretadas em diferentes contextos culturais e estéticos, evidenciando as transformações nas normas sociais que envolvem a condição feminina em cada produção. Este estudo analítico e de revisão de literatura primeiramente apresentará a obra literária, a contextualização histórica da Rússia no século XIX e suas influências tanto sobre a obra quanto sobre a criação da identidade da protagonista, fundamentadas nos estudos referentes à identidade feminina de Beauvoir (1960). Posteriormente será feita a análise das técnicas narrativas presentes no romance e na adaptação, fundamentadas pelas teorias de narrativa de Genette (1995) e Todorov (2013); bem como serão apresentadas as teorias de adaptação de Stam (2008), Hutcheon (2013) e Hattnher (2013). Este arcabouço teórico permitirá uma interpretação crítica das transformações na representação da protagonista, considerando como sua identidade e autonomia são construídas e influenciadas pelas normas culturais e sociais vigentes tanto na sociedade russa do século XIX quanto nos contextos culturais da adaptação cinematográfica em língua inglesa de 2012. A metodologia adotada para esta pesquisa é descritiva e qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica que viabiliza uma análise comparativa entre a obra original e suas adaptações. O estudo não apenas busca compreender as particularidades do processo de adaptação, mas também investiga como as representações de Anna Kariênina se relacionam com questões contemporâneas sobre liberdade e limitações femininas,

contribuindo para o avanço do conhecimento nas áreas de literatura e cinema. O enfoque em questões de gênero e a representação da identidade feminina em diferentes contextos culturais revela a relevância atemporal da obra, promovendo um diálogo enriquecedor entre literatura e cinema e ampliando, contribuindo para o debate sobre as possibilidades e limites da adaptação cinematográfica como forma de releitura crítica da literatura, reafirmando o lugar da narrativa ficcional como espaço de problematização das identidades em transformação.

Palavras-chave: Anna Kariênina; Literatura comparada; Adaptação cinematográfica; Identidade feminina;

Referências:
BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução de D. L. de Almeida. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. A arte do cinema: uma introdução. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
GENETTE, Gérard. Discurso da narrativa. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
HATTNHER, A. Literatura, cinema e outras arquiteturas textuais: Algumas observações sobre teorias da adaptação. Itinerários, Araraquara, n. 36, p.35-44, jan./jun. 2013.
HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
TODOROV, Tzvetan. Estruturas narrativas. São Paulo: Perspectiva, 2013.
STAM, Robert. Literatura através do cinema: realismo, magia e arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
TOLSTÓI, Liev. Anna Kariênina. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
WRIGHT, Joe. Anna Karenina. [S.l.]: Universal Pictures, 2012. 129 min. Filme. Disponível em: https://www.primevideo.com/region/na/detail/0JXIZMDTNPXPRE2OMT4SFN02EO/ref=atvdpshare cur. Acesso em: 25 set. 2024.

Os jovens e os labirintos da experiência: práticas de democratização do livro e da leitura

Eveline Santos da Silva
Graduanda em Letras - UEA
esds.let24@uea.edu.br

Vivian Lúcia de Paula Almeida
Graduanda em Letras - UEA
vldpal.let24@uea.edu.br

Elaine Pereira Andreatta
Doutora em Linguística Aplicada – PPGLA-UEA
eandreatta@uea.edu.br

Resumo: As práticas de letramento na escola voltadas à educação literária são práticas sociais que buscam um estado de permanente de transformação (Street, 2014). No caso da leitura da literatura, o contato com a fabulação sugere um processo constante de ressignificação da palavra em contextos variáveis, uma vez que o leitor, ao apropriar-se dela pode renová-la, conferindo novas interpretações (Cosson; Paulino, 2009), o que o leva a compreender não só a relação ensejada no próprio texto, mas as conexões estabelecidas entre literatura e vida cultural. Na mesma perspectiva, Candido (1995) e Lajolo (2001) reforçam a ideia de que o acesso ao livro é um direito cultural e um fator de

humanização, assim como Zilberman (2008) e Colomer (2003) refletem insistentemente sobre a importância da escola no processo de formação de leitores. Desse modo, a busca por letramentos e por leitores passa pela necessária luta pelo direito de ler, o que implica práticas e políticas públicas de universalização e democratização do livro e da leitura. Diante dessa problemática, esta comunicação tem como objetivo refletir sobre os desafios enfrentados pelos jovens no acesso e na construção de experiências significativas com a leitura, a partir da vivência de um clube de leitura e escrita realizado em uma escola periférica de Manaus, no Amazonas, no âmbito de um programa e extensão da Universidade do Estado do Amazonas (Programa L.E.R.: Letramentos de (re)existência: práticas de leirura e de escrita para uma educação em Direitos Humanos). Os encontros aconteceram mensalmente durante o primeiro semestre de 2025, com um grupo de 15 alunos de 7º e 8º anos, e foram planejados adotando práticas pedagógicas que conjugam as oficinas de leitura e de escrita (Saraiva; Mügge, 2006) e práticas de mediação de clubes de leitura (Munita, 2024; Durand; Gerbovic, 2024). A partir da metáfora dos "labirintos da experiência" neste espaço pedagógico, são analisados os percursos fragmentados e muitas vezes desiguais que os jovens percorrem para se constituírem como leitores em um mundo marcado pela desigualdade do acesso ao livro e à literatura. Conclui-se, diante disso, que a desigualdade de acesso, a carência de mediação qualificada e a ausência de políticas públicas consistentes ainda mantêm muitos jovens afastados dos espaços leitores. Todos esses fatores tornam a leitura um privilégio, e não um direito. Destaca-se, desse modo, a necessidade de iniciativas e projetos de democratização da leitura no Brasil, dentre eles, clubes de leitura nas escolas como um espaço de incentivo à leitura, de acesso ao livro, de escuta atenta e de práticas dialógicas (Bajour, 2012; 2023). Como expansão a esse debate, no que diz respeito à juventude, considerar que esse período é marcado por influências e cobranças externas, conflitos internos e pela urgência de se afirmar no mundo, é também crucial para compreender como o contato com os livros podem servir como aliado nesse contexto. Além do mais, as experiências com a leitura do livro, na contemporaneidade, precisam refletir sobre as transformação do modos de ler que apontam para a pluralidade e heterogeneidade de textos que hoje circulam (Martín Barbero; Lluch, 2011), em suas diversas modalidades. Tais reflexões traduzem caminhos possíveis para a formação de leitores críticos e sujeitos de linguagem.

Palavras-chave: democratização do livro e da leitura; juventude; formação de leitores; direito.

Referências:

BAJOUR, Cecilia. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
BAJOUR, Cecilia. Cartografias de encontros: literatura, silêncio e mediação. Solisluna Editora: São Paulo, 2023.
CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2014.
COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
DURAND, Janine; GERBOVIC, Luciana. Clubes de leitura: uma aposta nas pequenas revoluções. São Paulo: Solisluna Editora, 2024.
LAJOLO, Marisa. Literatura: leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.
MARTÍN-BARBERO, Jesús; LLUCH, Gemma. Proyecto: Lectura, escritura y desarrollo en la sociedade de la información. CERLALC: Bogotá, 2011.
MUNITA, Felipe. Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores. Tradução de Dolores Prades. São Paulo: Solisluna Editora, 2024.
PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia Maria. K. et al. Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.
SARAIVA, Juracy Assmann, MÜGGE, Ernani. Literatura na escola: proposta para o ensino fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006.
STREET, Brian V. Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na

etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
ZILBERMAN, Regina. Literatura, escola e leitura. In: SANTOS, Josalba Fabiana dos. OLIVEIRA, Luiz Eduardo. Literatura & Ensino. Maceió: EDUFAL, 2008.

Canção para ninar menino grande, Conceição Evaristo: uma experiência de leitura no Clube de Leitura Meninas Cientistas

Marcela Ferreira Matos
Doutora em Letras (IFG/UFG)
marcela.ferreira@ifg.edu.br

Resumo: Antonio Candido, importante crítico literário, defende a literatura como uma das "necessidades profundas do humano" e assim ela seria um direito de todos. No Brasil, muitos não têm acesso a esse direito de forma plena, sendo a escola um dos únicos (ou o único) espaços em que as crianças e jovens têm contato com a literatura. Por isso, projetos que promovam o contato com textos literários além das aulas regulares de Língua Portuguesa podem contribuir para a ampliação do universo cultural dos jovens, visto que a leitura é essencial para que os alunos consigam interagir com o mundo e compreendê-lo, atuando de forma crítica e transformando o que está ao seu redor. O Clube de Leitura Meninas Cientistas é uma proposta de proporcionar aos estudantes do Instituto Federal de Goiás, Campus Uruaçu, de ler obras literárias brasileiras e discutir, principalmente, a representação da mulher na literatura. O Clube é uma das atividades do Projeto de Extensão Meninas Cientistas, que dentre outras atividades, oferece oficinas em várias áreas, principalmente relacionadas ao STEAM (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática). Apesar de não ser o foco específico do projeto, há uma equipe de Literatura, que vem desenvolvendo atividades de leitura e discussão de textos literários com o foco no empoderamento feminino. Em 2024, surgiu a ideia de formar um clube de leitura no campus com o intuito de criar um espaço de leitura e discussão de temáticas relacionadas às mulheres. As obras escolhidas pela equipe são divididas em partes para que os estudantes consigam realizar as leituras, que são discutidas em encontros quinzenais, presenciais ou remotos. Para este trabalho, será apresentada a experiência de leitura com a obra *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, realizada durante o 1o semestre de 2025, com alunos do ensino médio integrado e do ensino superior. Acredita-se que o Clube de Leitura é uma estratégia para trabalhar com leitura literária, proporcionando a discussão de temáticas como a atuação das mulheres na sociedade, dentre outras. Por conseguinte, espera-se contribuir para a formação de leitores literários e ao mesmo tempo possibilitar uma educação crítica, reflexiva e emancipatória, além de garantir o direito à literatura.

Palavras-chave: Ensino de literatura; Conceição Evaristo; Clube de Leitura.

Referências:
CANDIDO, Antonio Candido. O direito à literatura. I: Candido, A. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
EVARISTO, Conceição. Canção para ninar menino grande. São Paulo: Unipalmares, 2018.

Quebrando paradigmas de gênero: uma diálogo de mulheres a partir da obra *A vida invisível de Eurídice Gusmão* em ambiente de privação de liberdade

Kauan Kaleby Azevedo de Almeida
Graduando em Letras – UEA
kkadal.let24@uea.edu.br

Ana Luíza de Aquino Martins

Graduanda em Letras – UEA
aldama.let24@uea.edu.br

Elaine Pereira Andreatta
Doutora em Linguística Aplicada – PPGLA-UEA
eandreatta@uea.edu.br

Resumo: Candido (1995), ao discutir o direito à literatura, observa que pensar no significado de direitos humanos há um importante pressuposto: a necessidade de reconhecer que os bens que consideramos indispensáveis a nós mesmos também são indispensáveis aos próximos. Assim, o autor entrelaça literatura e direitos humanos em busca de uma sociedade justa que implica o respeito a todo e qualquer sujeito, independente da sua raça, cor, credo, classe ou qualquer outro marcador que evidencia interseccionalidadees (Akotirene, 2019). Logo, a leitura é, além de um direito inalienável, uma prática social porque nos ajuda a refletir sobre quem somos dentro da sociedade em que vivemos. Por isso, é fundamental que essa prática seja levada também aos ambientes de privação de liberdade não só como necessidade de remição de pena pela leitura (CNJ, 2021), mas também como atividade impulsionadora de percepções plurais do eu, do outro e do mundo. Nessa perspectiva é que se assenta esta comunicação oral, que tem o objetivo de relatar e analisar uma das experiências vividas no Clube de Leitura e de Escrita realizado no Centro de Detenção Feminino (CDF) de Manaus-AM, com 25 mulheres em privação de liberdade. O Clube é um subprojeto do Programa de Extensão L.E.R.-Letramentos de (re)existência: práticas de leitura e de escrita para uma educação em Direitos Humanos, da Universidade do Estado do Amazonas. Para tanto, elegemos como foco o encontro em que o grupo colocou em debate a leitura da obra A Vida Invisível de Eurídice Gusmão, de Martha Batalha (2016), a qual enseja um conjunto de problematizações em torno de questões de gênero e patriarcado (Saffioti, 2015; Lerner, 2019), vividas pelas duas personagens Eurídice e Guida. A metodologia adotada baseou-se na leitura individual anterior ao dia do encontro, na mediação do debate com ampliação de leitura a partir de outros textos e na escuta ativa. Os diálogos realizados na roda de conversa a partir da leitura da obra literária e das práticas de escrita de si (Arfuch, 2010; 2018) refletiram um potencial transformador singular de compreensão das próprias experiências de gênero por meio da elaboração falada e escrita destas, mediada (Munita, 2024) em espaços coletivos de escuta (Bajour, 2012; 2023), partilha e fortalecimento subjetivo (Durand; Gerbovic, 2024). A atividade proposta permitiu que as mulheres privadas de liberdade reconhecessem aspectos de suas próprias trajetórias a partir das personagens e dos acontecimentos do romance, ressignificando violências ordinárias (Das, 2020) naturalizadas e acessando afetos, memórias e desejos que, muitas vezes, estavam silenciados. A leitura do livro permitiu que essas experiências fossem nomeadas, vistas e escutadas. Dessa forma, ao reconhecer suas vivências nas tramas ficcionais, as mulheres privadas de liberdade foram convidadas a reconstruir suas narrativas pessoais por meio do diálogo e da escuta. Assim, conclui-se que a literatura, quando inserida em contextos de privação de liberdade, tem o poder de ampliar o repertório cultural das participantes e atua de forma significativa, de modo a acionar lembranças e (re)construir identidades (Candau, 2019), uma vez que a prática literária, ao possibilitar o contato com o imaginário, outras formas de existência e com a interioridade, promove a empatia e amplia a consciência social, tornando os seres mais completos (Candido, 1995).

Palavras-chave: mulheres em privação de liberdade; leitura; memória; violência.

Referências:

ARFUCH, Leonor. Narrativas de la memoria: la voz, la escritura, la mirada. In: ARFUCH, Leonor. La vida narrada: Memoria, subjetividade y politica. Villa María (Argentina): Eduvim, 2018, p. 57-78.
ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade?. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
BATALHA, Martha. A vida invisível de Eurídice Gusmão. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011.
CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Resolução nº 391, de 10 de maio de 2021. Brasília, DF: Conselho Nacional de Justiça, 10 maio 2021. Disponível em: https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/3918. Acesso em: 06 jun. de 2025.
BAJOUR, Cecilia. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
BAJOUR, Cecilia. Cartografias de encontros: literatura, silêncio e mediação. Solisluna Editora: São Paulo, 2023.
CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2014.
DAS, Veena. Vida e Palavras: violência e a descida ao ordinário. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.
DURAND, Janine; GERBOVIC, Luciana. Clubes de leitura: uma aposta nas pequenas revoluções. São Paulo: Solisluna Editora, 2024.
LERNE R, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.
MUNITA, Felipe. Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores. Tradução de Dolores Prades. São Paulo: Solisluna Editora, 2024.
SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, Patriarcado e Violência. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

Do poema ao jogo: gamificação interdisciplinar baseada no poema "Canto angustiado aos plantadores de cana" de João de Jesus de Paes Loureiro

Juliana de Araújo Sarges
UFPA / PPGCITE / SEMEC – Abaetetuba
juliana.sarges@icb.ufpa.br

Brayna Conceição dos Santos Cardoso
UFPA / ILC / PPGCITE
brayna.cardoso@ufpa.br

Resumo: Este estudo explora a aplicação da gamificação como estratégia pedagógica interdisciplinar, promovendo uma integração entre Ciências Naturais e Língua Portuguesa para fomentar conceitos de sustentabilidade e valorização cultural nas escolas municipais de Abaetetuba, Pará. A investigação utiliza como base um poema de João de Jesus Paes Loureiro, obra que reflete criticamente as condições históricas de trabalho e vida dos canavieiros em Abaetetuba, cidade natal do autor, fundamentando a criação de um recurso educativo gamificado. Este jogo pedagógico objetiva promover uma aprendizagem que reconheça e valorize as identidades culturais e territoriais dos alunos, além de engajá-los em discutir sobre a sustentabilidade ambiental. Para embasar a relevância e o impacto da gamificação, esta pesquisa se fundamenta em Paes Loureiro (2019), que discute a vivência simbólica da cultura amazônica ao que se acrescenta a importância de representá-la no currículo escolar, fortalecer o imaginário regional e proporcionar uma educação que legitime as identidades locais. Além disso, Da Silva (2014), oportuniza uma visão da gamificação como uma metodologia pedagógica inovadora capaz de aumentar o engajamento dos alunos, articulando conhecimentos de maneira lúdica e significativa. Essa abordagem é complementada por Luckesi (2023), que analisa o papel das atividades lúdicas na educação e sua capacidade de desenvolver habilidades críticas e criativas. A metodologia empregada no desenvolvimento do protótipo, está ancorado em La Carretta (2020) que orienta a construção de jogos como ferramentas de ensino que aliam engajamento e aprendizado. O protótipo desenvolvido inclui tabuleiro, cartas de movimento e sorte/revez, além de enigmas inspirados no poema, o que permitiu que a dinâmica do jogo fosse ajustada para atender ao propósito educativo. Os resultados preliminares indicam que o jogo pedagógico Plantador de Cana promove o engajamento do aluno e a interdisciplinaridade, validando a

cultura amazônica como parte essencial do processo educativo. Dessa feita, conclui-se que, a gamificação constitui uma ferramenta eficaz para enriquecer o ensino, ao incorporar particularidades culturais da Amazônia e proporcionar uma educação mais contextualizada, interdisciplinar e inclusiva.

Palavras-chave: Gamificação. Sustentabilidade. Interdisciplinaridade. Identidades. Amazônia.

Referências:
Loureiro, João de Jesus Paes. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. Editora cultural brasil, 2019.
Da Silva, Andreza Regina Lopes et al. Gamificação na educação. Pimenta Cultural, 2014.
Luckesi, Cipriano Carlos. Ludicidade e atividades lúdicas na prática educativa: compreensões conceituais e proposições. Cortez Editora, 2023.
La Carretta, Marcelo. Como fazer jogos de tabuleiro: manual prático. Editora Appris, 2025.

Clubes de leitura e escrita em ambientes de privação de liberdade: os desafios e as potencialidades da curadoria

Willas Gomes da Silva
Graduando em Letras – UEA
wgds.let24@uea.edu.br

Evelin Macario Costa
Graduanda em Letras – UEA
emco.let24@uea.edu.br

Elaine Pereira Andreatta
Doutora em Linguística Aplicada – PPGLA-UEA
eandreatta@uea.edu.br

Resumo: A conexão entre leitor e obra envolve muito mais que aspectos estéticos da produção literária, uma vez que importam também as experiências daquele que lê. Sendo os livros e suas histórias constitutivos de metáforas espaciais para os sujeitos, compreende-se que eles servem como lugar de abrigo e morada, carregam o estatuto de lembrança, relacionando fabulação e mundo real, além de possibilitarem um plano poético à vida, pois são, certamente, "ressonâncias às nossas experiências mais difíceis de exprimir" (Petit, 2019, p. 53). Por isso, o processo de curadoria (Durand; Gerbovic, 2024) de obras diante da implementação de um clube de leitura assume um compromisso ainda maior quando o espaço de compartilhamento, com atos de diálogo e escuta é um ambiente de privação de liberdade. Diante desta problematização, esta comunicação oral busca relatar a experiência de curadoria vivenciada durante seis meses de atividades de um subprojeto – parte do Programa de Extensão Universitária "Letramentos de (re)existência: práticas de leitura e de escrita para uma educação em Direitos Humanos" – que realizou encontros mensais no Centro de Detenção Feminino (CDF), com 25 mulheres em privação de liberdade, na cidade de Manaus- AM. Partindo do entendimento da literatura como um direito universal (Candido, 1995) e contribuindo para a democratização e universalização ao livro e à leitura, preconizados pela Resolução nº 391/2021, do Conselho Nacional de Justiça, e pelo Plano Nacional de Fomento à Leitura em Ambientes de Privação de Liberdade, produzido pelo mesmo órgão, a atividade de extensão assume um caráter social e político, além da possibilidade de criar um espaço de trabalho com a linguagem (e de escuta) (Bajour, 2012; 2023), de incentivo à leitura e à formação do leitor, bem como uma forma de registro de histórias pessoais em textos autobiográficos (Arfuch, 2010; 2018), como política de memória. Durante os seis meses de atuação, foram selecionadas cinco obras literárias e, em um dos meses, foram levadas obras diversificadas para compartilhamento de leituras. A cada encontro, foi possível refletir sobre

como se dão os vínculos de identificação entre leitor e obra, sobre os impactos gerados pela concretização da leitura, sobre as dificuldades e potencialidades do processo de curadoria e seus efeitos na experiência e realização do clube de leitura. Assim, os diálogos promovidos por meio da curadoria de obras e das práticas de mediação (Munita, 2024), em rodas de conversa, conduziram a reflexões proporcionadas por leituras que ensejavam debates em busca de uma educação em Direitos Humanos, com temáticas diversas, mas também apontaram para dificuldades decorrentes do processo de curadoria literária na relação com as experiências de leitura e de vida das mulheres presentes nos encontros.

Palavras-chave: clube de leitura; curadoria; mulheres em privação de liberdade; experiências de leitura.

Referências:
ARFUCH, Leonor. Narrativas de la memoria: la voz, la escritura, la mirada. In: ARFUCH, Leonor. La vida narrada: Memoria, subjetividade y politica. Villa María (Argentina): Eduvim, 2018, p. 57-78.
ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Resolução nº 391, de 10 de maio de 2021. Brasília, DF: Conselho Nacional de Justiça, 10 maio 2021. Disponível em: https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/3918. Acesso em: 06 jun. de 2025.
CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Plano Nacional de Fomento à Leitura. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2023.
BAJOUR, Cecilia. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
BAJOUR, Cecilia. Cartografias de encontros: literatura, silêncio e mediação. Solisluna Editora: São Paulo, 2023.
CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2014.
DURAND, Janine; GERBOVIC, Luciana. Clubes de leitura: uma aposta nas pequenas revoluções. São Paulo: Solisluna Editora, 2024.
MUNITA, Felipe. Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores. Tradução de Dolores Prades. São Paulo: Solisluna Editora, 2024.
PETIT, Michèle. Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Tradução: Judia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

A leitura da literatura e a escrita de si: dimensões pedagógicas em contextos diversos

Elaine Pereira Andreatta
Doutora em Linguística Aplicada – PPGLA-UEA
eandreatta@uea.edu.br

Resumo: As práticas de leitura literária aliadas às práticas escritas e faladas da memória se constituem como espaços de troca e diálogo (Bajour, 2012; 2023), mobilizados pelo texto literário lido e pelos atravessamentos das histórias dos sujeitos leitores, potencializando um enquadramento temático e metodológico para o ensino de linguagem e literatura. Logo, a vivência da memória em contextos de letramentos, incluindo o literário (Cosson, 2006), além de se constituir como prática que leva à formação do leitor e à educação literária, possibilitam aos sujeitos o ato de (re)elaborar constantemente subjetividades (Palma; Andreatta, 2023) e de construir círculos de pertencimento (Petit, 2019), considerando, portanto, perspectivas individuais e coletivas na inteligibilidade do eu, do outro e do mundo. Assim, de maneira a compreender a leitura da literatura e a produção autobiográfica (Arfuch, 2010) como reveladoras de trajetórias de vida e seus contextos, e avaliando processos de construção de memória (Candau, 2019), esta comunicação oral objetiva apresentar experiências de

leitura literária e escrita de si de uma professora e pesquisadora junto a grupos diversos – pessoas privadas de liberdade, alunos de educação básica e acadêmicos do curso de Letras –, de modo refletir sobre as potencialidades e as perspectivas do trabalho com a memória, a identidade e a cultura por meio de leitura literária e da escrita/produção oral de narrativas autobiográficas. Pretende-se, nesse sentido, evidenciar que situações didáticas realizadas como o intuito de unir leituras – as leituras do texto, do mundo, das próprias vivências – e compartilhá-las em redes de leitores, contribui para que a sala de aula seja não só o lugar de transmissão de memória – institucionalizada ou não –, mas também o lugar de produção de memória individual e social (Palma; Andreatta, 2023), uma prática que propicia ultrapassar a noção de letramento orientada por habilidades para a concepção de letramentos no plural, ao considerar as perspectivas históricas e transculturais nas práticas educativas (Street, 2014). A análise das experiências permitiu compreender que as atividades repercutem um jogo social em que os narradores relacionam os textos lidos às suas experiências, ordenando eventos e costurando fatos, além de evidenciar que as práticas pedagógicas, tanto com alunos da educação básica e mulheres privadas de liberdade, quanto com professores em formação, geram a possibilidade de reforçar círculos de pertencimento, proporcionando experiências múltiplas fundadas em uma educação intercultural e crítica. Nesse processo, ao serem interpelados pelas significações de outros textos, mobilizam-se a escrever, falar, interagir, criticar, julgar, avaliar etc. Logo, as histórias que lemos, além de proteger, agasalhar e acolher, também são espaços de subjetivação que possibilitam resgate à memória e mobilização das nossas próprias histórias, em confronto, em diálogo, em identificação.

Palavras-chave: narrativas autobiográficas; leitura e escrita; subjetividades; memória; prática pedagógica.

Referências:

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
BAJOUR, Cecilia. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019 [1998].
COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis- RJ: Vozes, 2014.
HUYSSEN, Andreas. Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas de memória. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.
PALMA, Daniela. Oficinas de imaginação e escrita para a educação em Direitos Humanos. Campinas, SP. Edição do Autor, 2019.
PALMA, Daniela; ANDREATTA, Elaine Pereira (org.). Práticas de Memória em sala de aula. Campinas-SP: Asa da Palavra, 2023.
PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. Tradução: Antonio Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.
PETIT, Michèle. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.
PETIT, Michèle. Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Tradução: Judia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.
POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
STREET, Brian V. Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Augusto Rodrigues da Silva Junior
Doutor em Literatura – PPGLA – UEA/UnB

Lígia Dutra Carneiro
Mestranda do PPGLA – UEA (Manaus)
ldc.mla25@uea.edu.br

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura da obra Intramuros (2011), de Astrid Cabral, a partir da perspectiva da geopoesia amazonial. O objetivo central é analisar como a memória, a afetividade e a territorialidade se entrelaçam na construção de uma geopoética do pertencimento, da rexistência, do enfronteiramento e da ancestralidade. O estudo parte da hipótese de que a obra formula uma cartografia sensível da experiência amazônica, ao mesmo tempo em que estabelece um diálogo simbólico com outras geografias poéticas brasileiras, notadamente com a produção centroestina de José Godoy Garcia. A pesquisa realiza-se no campo da literatura comparada e parte dos estudos de Gaston Bachelard (1994), Paul Ricoeur (2000), Fausto Cunha (2004), Silva Junior e Rabelo (2022), além do artigo "Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino", de Silva Júnior (2012), que contextualiza criticamente o legado geopoético de Godoy na literatura do Cerrado e que aponta para um norte amazonial – mais especificamente o Tocantins. O recorte será a análise de três poemas do livro Intramuros: "A xícara", "A cacimba no quintal" e "A pedra do Rio Verde". Os dois primeiros configuram um território íntimo, em que os objetos e espaços cotidianos operam como marcas da memória e da identidade. O terceiro, estabelece uma ponte dialógica com o escritor José Godoy Garcia, ao inscrever seu nome em uma pedra à beira de um rio amazônico, criando uma imagem de permanência, movência e filiação (philial) entre as paisagens do Cerrado e da Amazônia. Assim, propomos que Intramuros ultrapassa a esfera do íntimo para compor um território partilhado por múltiplas vozes e geografias poéticas. Ao articular a dimensão do vivido com a memória coletiva, a obra inscreve a Amazônia como espaço de significação estética e existencial. Conclui-se que a leitura geopoética de Intramuros permite compreender a força da palavra como forma de ligação entre diferentes territórios culturais do Brasil, mais especificamente o que vimos chamando de centroeste-norte. O estudo contribui para a ampliação do debate sobre espaço, literatura e memória, evidenciando como a poesia pode inscrever o sensível no território e propor encontros simbólicos entre autores e regiões.

Palavras-chave: Geopoesia Amazonial; Astrid Cabral; José Godoy Garcia; memória; territorialidade.

Referências:

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
CABRAL, Astrid. Intramuros. Manaus: Valer, 2011.
CUNHA, Fausto. Intramuros: as palavras essenciais. In: CABRAL, Astrid. Intramuros. Manaus: Valer, 2011.
GARCIA, José Godoy. Poesia. Brasília: Thesaurus, 1999.
GARCIA, José Godoy. Araguaia mansidão. Brasília: Thesaurus, 1972.
RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues; RABELO, Sara Gonçalves. Geopoesia amazonial. In: Literaturas do Norte: vozes e escritas da Amazônia. Macapá: UNIFAP, 2022.
SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino. Revista Ecos, Niterói, v. 5, n. 2, p. 1–13, 2012. Disponível em: http://periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/viewFile/1699/1209. Acesso em: 31 jul. 2025.

narrativas contemporâneas

Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque
(PPGL-UFAM)

Resumo: Chove Sobre a Minha Infância (Editora Record, 2000), de Miguel Sanches Neto, opera com um relato cuja memória está assentada sobre forças com as quais a personagem central, também chamado Miguel, precisa lidar: a morte do pai, a presença de um padrasto autoritário e a impotência diante do desejo de tornar-se escritor. Parte da resolução desse conflito se dá por meio da escrita de uma carta que Miguel receberá da irmã. Vinte e um anos após a publicação de Chove Sobre minha infância, outra narrativa lida com a fúria da presença paterna, com a impotência desejante e com a escrita de uma carta. Desta vez, é o romance de Stênio Gardel, A Palavra que Resta (Companhia das Letras, 2021) que nos coloca diante da figura de um narrador cujo relato abrange amplo arco temporal e o apego a uma carta que não poderia ser lida por um único motivo, Raimundo, o destinatário e narrador, é analfabeto e, assim como o Miguel de Chove Sobre a Minha Infância, deve lidar com a vida na lavoura, sendo obrigado a abandonar os estudos. Mas, neste ponto, ocorre uma virada: o desejo de Raimundo se volta para Cícero, o autor da carta. Posteriormente, a narrativa de Gardel se enriquece com a presença vigorosa da travesti Suzanný, que formará com Raimundo uma família alternativa, amparando-o para tomar a decisão de se alfabetizar. Em ambas as narrativas, a escrita da carta leva à resolução da matéria narrada, mas, em A Palavra que Resta, as formas de silenciamento ocupam igual espaço de reflexão por parte do leitor. Este trabalho busca comparar ambas as narrativas, tomando como base algumas das reflexões de Ludwig Wittgenstein sobre os limites da linguagem, especialmente sobre a linguagem como silenciamento. Adiciona-se a esse marco teórico, as reflexões de Elizabeth Badinter em XY sobre a identidade masculina, a fim de se discutir de que maneira as atitudes manifestadas pelas figuras paternas incidem sobre a formação humana e intelectual dos narradores. Não menos importante, é pensar o comparativismo no campo da crítica e teoria literária como um método em mutação no qual se abandonam pressupostos eurocêntricos e se passa a verificar as relações que se estabelecem entre obras não canônicas, esta uma preocupação que se impõe a essa proposta de leitura.

Palavras-chave: leitura, trabalho, violência, masculinidades

Referências:

ALÓS, Anselmo Peres. LITERATURA COMPARADA ONTEM E HOJE: CAMPO EPISTEMOLÓGICO DE ANSIEDADES E INCERTEZAS. Organon, Porto Alegre, v. 27, n. 52, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.33469. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/33469. Acesso em: 31 jul. 2025.
GARDEL, Stênio. A palavra que resta. São Paulo: Companhia das Letras. 2021.
SANCHES NETO, Miguel. Chove sobre a minha infância. Editora Tinta Negra. 2025.
BADINTER, Elizabeth. XY sobre a identidade masculina. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1993.
WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus. Tradução de Gabriel Almeida Assumpção. Editora Vozes de Bolso. 2025.

O professor e intérprete de libras/português: uma parceria como ato ético, estético, responsivo e dialógico

Nathiele Martins MACÊDO
Mestranda do PPGED-UEPA
nathiele_macedo@hotmail.com

Rita de Cássia Almeida SILVA

Professora de Literatura da UEPA.
Doutoranda do PPGED/UEPA
cassiaalmeida@yahoo.com.br

Resumo: A Língua Brasileira de Sinais (Libras), é um idioma sinalizado de modalidade gestual-visual, uma língua repleta de aspectos visuais, as percepções, os estímulos, o universo de possibilidades é enviado aos surdos por meio dos seus olhos, como corrobora Campello (2008), ao aclarar essa característica por se referir a representação que o surdo constrói como "ver" linguístico que está presente na língua de sinais, esse "ver" reforça a visualidade intrínseca nesses sujeitos, ao se perceber esta perspectiva pode-se pensar em estratégias visuais para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem do surdo. Assim, este artigo visa apresentar reflexões sobre metodologias visuais e a construção da dialogicidade entre o professor e o interprete de Libras/Português e por fim discutir as ações responsivas que advêm dessa parceria, a pesquisa será aplicada na disciplina, Literatura Portuguesa e Brasileira, ofertada pelo curso de Letras-Libras da Universidade do Estado (UEPA) na turma do segundo semestre do ano de 2025. Para tornar acessível o conteúdo aos surdos, vamos nos deter a questão que orienta a investigação desta temática: como a parceria entre o professor e o intérprete produz metodologias visuais e ações responsivas para respeitar a singularidade linguística do surdo? Assim, nesta direção surgem objetivos que darão suporte e orientação a esta discussão, vamos considerar aspectos visuais a serem inseridos nas explanações das aulas da disciplina de Literatura e vamos considerar como a colaboração entre o professor e o intérprete resulta em atos que valorem as particularidades dos discentes surdos e produza uma interpretação que se vale desses recursos visuais para que os surdos possam "ver" as aulas e as compreendam por se levar em conta esses aspectos visuais. Portanto, para moldar este constructo discursivo nosso referencial teórico-metodológico se fundamentará nas reflexões de Mikhail Bakhtin (2017), para refletirmos sobre o ato responsivo e a relação dialógica entre os sujeitos. Vamos considerar também Campello (2008) que interpela acerca da visualidade do ser surdo e métodos visuais possíveis para uso em sala de aula e Dalcastagnè (2008) para uma visão decolonial da literatura. Para considerarmos a perspectiva intercultural que perpassa as relações linguísticas dos surdos vamos dialogar com as concepções de Strobel (2008) e Oliveira (2015), para entendermos a perspectiva visual e para considerarmos os aspectos culturais inerentes e relevantes ao uso da Libras.

Palavras-chaves: literatura, interpretação simultânea, dialogicidade.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Para uma filosofia do Ato Responsável. 3. edição. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - GEGE/UFSCar. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p. 41-146.

Campello, Ana Regina e Souza. Aspectos da visualidade na educação de surdos. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Ano 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea, v. 31, p. 87-110, 2008.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil. Ivanilde Apoluceno de Oliveira. – 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2015.

STROBEL, Karin Lilian. Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

Cançado

Thaynara Vitória Brandão Vidal
Mestranda do PPGLA/UEA
tvbv.mla25@uea.edu.br

Elaine Pereira Andreatta
Doutora em Linguística Aplicada – PPGLA-UEA
eandreatta@uea.edu.br

Resumo: Esta pesquisa propõe uma análise da produção discursiva da memória no texto autobiográfico Hospício é Deus (1965) e nas cartas da escritora brasileira Maura Lopes Cançado (1929-1993), de modo a compreender como a autora, enquanto mulher confinada em hospitais psiquiátricos, narra sua experiência por meio da escrita e articula aspectos da subjetividade, evidenciando as tensões próprias do discurso sobre a loucura. Para tanto, deve-se ter em vista as condições históricas e sociais que envolvem a política manicomial da época, uma vez que a autora em foco apresentava o laudo de esquizofrenia e escrevia desse ambiente de confinamento, em meados da década de 60. Nesse contexto, a perspectiva de Bakhtin será utilizada para a investigação das relações dialógicas e da enunciação por meio da autobiografia. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa de análise textual, privilegiando relações interdisciplinares entre texto literário, histórico-filosófico e teórico como mecanismo para análise do corpus. Portanto, a pesquisa busca fundamentação teórica na noção de loucura discutida por Foucault (2008) e na concepção de estigma elaborada por Goffman (1982), além das discussões em torno da memória e da autobiografia, com Arfuch (2010); Lejeune (2008); Candau (2011), Bergson (1999); e Figueiredo (2013). Mediante o cruzamento dessas referências, desenvolve-se um estudo sobre a representação da doença psíquica na literatura brasileira, baseado nas narrativas autobiográficas e memorialísticas de uma escritora com sucessivas internações em hospitais psiquiátricos, por décadas relegada ao esquecimento em razão do estigma, mas redescoberta para se tornar uma das vozes femininas mais intrigantes da literatura brasileira do século XX. Vista como uma das promessas literárias da década de 60, grandes nomes da literatura brasileira, como Ana Cristina Cesar e Ferreira Gullar, apontaram para uma certa urgência em reler este que seria um dos mais contundentes depoimentos humanos já escritos no Brasil. Considerando que a pesquisa se encontra em desenvolvimento, entre os resultados pretendidos pode-se indicar a compreensão crítica da construção discursiva sobre o tema da loucura, com foco na análise da subjetividade feminina no contexto manicomial, a partir da manifestação literária da escrita de si em textos confessionais do gênero carta e diário. Por fim, com esta proposta, almeja-se indicar caminhos possíveis para a relação entre patologia e literatura.

Palavras-chave: autobiografia; loucura; Maura Lopes Cançado; memória.

Referências:

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRANT, Vera. Cartas de Maura Lopes Cançado. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/232928415/Cartas-de-Maura-Lopes-Cancado-a-Vera-Brant. Acesso em: 01 jun. 2025.

CANÇADO, Maura Lopes. Hospício é Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

CANDAU, Joël. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FOUCAULT, Michel. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FOUCAULT, Michel. Loucura, literatura, sociedade. In: Motta, Manoel Barbosa (Org.). Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

p. 232-258. 2006.
GOFFMAN, Erving. Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity. Englewood Cliffs N.J, Prentice-Hall, 1963. (Trad. Bras. Mathias Lambert. Rio de Janeiro: Zahar, 1982).
LEJEUNE, Philippe. O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
PROVIDELLO, Guilherme Gonzaga Duarte; YASUI, Silvio. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, out.-dez. 2013, p. 1515-1529.

Um mergulho pela literatura afro-brasileira: relato de experiência da iniciação à docência

Christian Meborach
Graduando de Letras e Literatura Língua Portuguesa - CLLP/UFAM
christianmeborach@gmail.com

Larissa dos Santos Lima
043.599.042-07
larisslima88@gmail.com

Pâmela Baltazar
Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA/UFAM
Graduanda de Letras e Literatura Língua Portuguesa - CLLP/UFAM
pan.euridice@gmail.com

Theo de Lima Guerra
Graduando de Letras e Literatura Língua Portuguesa - CLLP/UFAM
theoguerraa@gmail.com

Orientadora: Maria Luíza Germano de Souza
Doutora em Literatura (UFAM)
germanoletras@gmail.com

Resumo: O presente trabalho trata de um relato de experiência de atividades didáticas, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), núcleo: Língua Portuguesa (UFAM/Manaus). As atividades foram voltadas para a discussão do romance Úrsula, de Maria Firmino dos Reis, publicado pela primeira vez em 1859, e desenvolvidas com os alunos dos terceiros anos do ensino médio, da Escola Estadual Ângelo Ramazzotti, turno vespertino, no período do mês de maio de 2025. Considerado o primeiro romance escrito por uma mulher negra brasileira, as ações propostas, a partir da obra da maranhense, possibilitaram aos alunos o contato com a poética da literatura afro-brasileira feminina, promovendo, assim, seu reconhecimento e problematizando o silenciamento histórico de autoras negras e das temáticas de raça e de gênero na formação da identidade nacional. A abordagem utilizada foi a qualitativa/interpretativa (Moita, 2019), que propiciou um olhar peculiar e direcionado sobre o texto de Maria Firmino, com vistas à interpretação, práticas de linguagem e percepções sobre a narrativa apresentada, tanto de uma perspectiva contemporânea quanto do período em que foi publicado. Para alcançar os objetivos das atividades desenvolvidas com os alunos, utilizou-se as ferramentas de letramento crítico de Brian Street (2013), letramento literário, de Rildo Cosson (2009) e alfabetização versus letramento, de Magda Soares (2012): aulas expositivas, debates, leitura dirigida, gamificação e um simulado final. A abordagem do romance em sala de aula buscou ancorar-se em discussões que tivessem sentido dentro do espaço social do aluno, abraçando ainda a representatividade da identidade cultural brasileira. Os resultados, nesse primeiro momento, se deram

pelos desdobramentos das atividades, cujo o intuito também foi formar os alunos, com vistas a desenvolverem habilidades para a leitura e a resolução das provas do PSC (UFAM), 2ª Etapa (2ª Série do Ensino Médio). Eles (resultados) apontam para o estudo da literatura brasileira no ensino médio a partir de práticas de letramento situado, evidenciadas por meio dos teóricos citados anteriormente, que relacionam o exercício da leitura à política, à teoria e à pesquisa. Essa interligação pôde ser notada por meio da partilha das experiências de leitura dos alunos e, posteriormente, suas análises sobre o romance, em face de um contexto de mudanças culturais, econômicas e sociais que implicam diretamente nas transformações do olhar crítico sobre gênero e/ou raça e sua aplicabilidade enquanto ferramentas que dialogam com o público do presente estudo.

Palavras-chave: Literatura Afro-Brasileira, Relato de Experiência; Ensino Médio, Práticas de Letramento.

Referências:
COSSON, Rildo (2009). Letramento literário: teoria e prática. São Paulo.
REIS, Maria Firmina dos (2018). Úrsula. Porto Alegre, RS.
SOARES, Magda (2012). Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte.
STREET, Brian (2013). Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. Cadernos CEDES, Campinas, v. 33, n. 89, jan./abr. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/. Acesso em: 25 de julho de 2025.

A construção identitária no projeto “Nos caminhos da literatura indígena”: fortalecendo a autoria de sujeitos marcados por suas subjetividades

Giselle Nayane Leonel de Oliveira
Graduanda em Letras Língua e Literatura Portuguesa - UFAM
gisellenayane14@gmail.com

Anne Beatrice Silvino Brasil
Graduanda em Letras
Língua e Literatura Portuguesa - UFAM beatricebrasil7@gmail.com

Priscila Castro Vasques Dantas
Doutora em Educação – PPGL-UFAM
priscilavasques@ufam.edu.br

Resumo: Este estudo tem por objeto de análise os contos e crônicas produzidos pelos estudantes do 1° ano do Ensino Médio na Escola Estadual Indígena Ester Caldeira Cardoso, que participaram do projeto "Nos Caminhos da Literatura Indígena”, idealizado e coordenado pelo pesquisador e professor Ytanajé Coelho Cardoso, o qual foi realizado entre os anos de 2022 e 2023, a partir do Edital N. 006/2021 - PRODEB/FAPEAM. A partir desses registros, pretende-se observar o papel da literatura como agente na formação de identidade para os indígenas munduruku, a construção do saber individual-coletivo com base na experiência e conexão de saberes ancestrais. Ao tornarem-se escritores de suas próprias narrativas, os estudantes munduruku inserem-se no processo de ressignificação e quebra de estereótipos e paradigmas perpetuados pelo processo colonizatório. Contar suas histórias é essencial visto que essas histórias autorais podem ser consideradas contranarrativas, em perspectiva de contraponto à cultura nacional que, por meio da história e literatura oficiais, transformou esses saberes em “[...] folclorismo, modismo literário, justificativas nacionalistas que em muito prejudicaram e distorceram nossas histórias” (Dorrico, 2021). No que tange à literatura indígena, vale destacar que esta não deve ser vista apenas como um conjunto de textos escritos por indígenas, mas como uma manifestação estética e política que dá visibilidade às múltiplas vozes dos povos originários, desafiando a narrativa colonizadora que historicamente os silenciou, promovendo

um processo de resgate e fortalecimento da identidade cultural indígena (Graúna, 2013). Para os estudantes indígenas, o contato com narrativas que dialogam com sua ancestralidade e sua realidade sociocultural, a partir do mencionado projeto, e, ainda, a escrita de si, enveredando pelas trilhas daquilo que Dorrico (2021) categoriza como "poética do eu-nós", pode representar uma oportunidade de se reconhecerem e se reafirmarem dentro de seu próprio contexto. Este trabalho espera contribuir, então, com a valorização das experiências e perspectivas destes jovens, dentro do universo literário e educacional, inserindo-se em uma discussão mais ampla sobre a importância do acesso à literatura como um direito fundamental e sobre o papel essencial da literatura indígena enquanto escrita de resistência e ressignificação.

Palavras-chave: Literatura Indígena, Identidade, Resistência, Coletividade.

Referências:

DORRICO, Julie Stefane. A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual e a poética do eu-nós. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS. Porto Alegre, 2021. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/17786. Acesso em 01 abr. 2025.

CARDOSO, Ytanajé Coelho. EDITAL N. 006/2021 - PRODEB/FAPEAM. NOS CAMINHOS DA LITERATURA INDÍGENA. 2022.

GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

PIBID, Letramento Literário e Literatura Afro-brasileira: Práticas de Letramento a partir de Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis

Clara Beatriz Moreira de Lima
Graduanda em Letras - Língua e Literatura Portuguesa - UFAM
clarabmlima@gmail.com

Edson do Monte Cabral
Graduando em Letras - Língua e Literatura Portuguesa - UFAM
edsodomont5565@gmail.com

Patrícia Printes Travassos
Graduanda em Letras - Língua e Literatura Portuguesa - UFAM
patriciaprintes07@gmail.com

Thiago Lucas Araújo dos Santos
Graduando em Letras - Língua e Literatura Portuguesa - UFAM
thiagolucas.araujo5@gmail.com

Orientadora: Maria Luiza Germano de Souza
Doutora em Literatura - UFAM
germanoletras@ufam.edu.br

Resumo: A partir da aprovação da Lei nº 11.645/2008, tornou-se obrigatória o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo programático da Educação Básica. Nesse contexto, é necessário e relevante desenvolver esses estudos no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), visando contribuir com múltiplos saberes e com uma educação étnico-racial. Por esse viés, o presente trabalho, por causa da necessidade de investigação acerca do Letramento Literário e da Literatura Afro-brasileira, apresenta como foram desenvolvidas as práticas de

letramento, no Ensino Médio, em duas escolas públicas da rede estadual de Manaus/AM — Escola Estadual Tiradentes e Escola Estadual Ruy Araújo —, com os textos literários afro-brasileiros, sendo eles: Quarto de Despejo (1960), de Carolina Maria de Jesus, aplicadas na 2.ª série e Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis, aplicadas na 3.ª série. A escolha dessas obras se deu em razão da visibilidade que alcançaram nos últimos anos e por serem componentes obrigatórios no Processo Seletivo Contínuo (PSC/UFAM/2025), processo seletivo seriado que visa o ingresso na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Do ponto de vista metodológico e da abordagem quali-interpretativa e/ou quali-qualitativa, as atividades desenvolvidas concentraram-se em práticas leitoras e de ensino, a partir das narrativas dos livros citados anteriormente e da compreensão da práxis literária enquanto possibilitadora da oferta de "espaços" capazes de mobilizar os sujeitos leitores com vistas às suas transformações (PETIT, 2009). Procurou-se refletir, outrossim, sobre o letramento literário e crítico (COSSON, 2015; STREET, 2014), apoiado nas correlações entre personagens negros e autoria feminina negra, lendo criticamente os enquadramentos, as noções de precariedade (BUTLER, 2019) e a resistência, por via da memória e da (auto) representatividade. Como resultado das práticas desenvolvidas em sala de aula, foi proposta, como evento de culminância, uma atividade gamificada, para avaliar o aprofundamento e engajamento da leitura literária dos estudantes em ambas as escolas. Posteriormente, foram feitos levantamentos, em formulário com perguntas semiestruturadas, sobre o desempenho dos alunos na prova de literatura do referido certame.

Palavras-chave: PIBID; Letramento literário; Práticas de ensino; Literatura Afro-brasileira; Gamificação.

Referências:
Brasil. 2008. Lei nº 11.645. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília.
Butler, Judith. 2019. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte.
Cosson, Rildo. 2015. Letramento Literário: uma localização necessária. Uberlândia (MG).
Jesus, Carolina Maria de. 2011. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo.
Petit, Michéle. 2009. A arte de ler: ou como resistir à adversidade. Trad. de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo.
Reis, Maria Firmina dos. 2018. Úrsula. São Paulo.
Street, Brian. 2014. Letramentos sociais: Abordagens críticas do Letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo.

As jornadas heroicas de Campbell, Vogler e Murdock: conexões e diferenças

Lucas Passos de Lima
Doutorando do PPGLA-UEA
lpdl.dla25@uea.edu.br

Juciane Cavalheiro
Doutora do PPGLA-UEA
jcavalheiro@uea.edu.br

Resumo: A construção de narrativas heroicas constitui um percentual expressivo da produção literária, do cinema e dos jogos eletrônicos, sendo amplamente discutida historicamente, e contemporaneamente, por teóricos como Joseph Campbell, Christopher Vogler e Maureen Murdock. Cada um desses autores propõe um modelo específico de jornada que estrutura a trajetória do protagonista, demonstrando tanto similaridades quanto divergências fundamentais. A presente revisão bibliográfica tem como objetivo analisar comparativamente as abordagens apresentadas em O Herói de Mil Faces (2000), A Jornada do Escritor (2006) e A Jornada da Heroína (2022), evidenciando as

particularidades de cada estrutura narrativa. Joseph Campbell, em O Herói de Mil Faces, apresenta o conceito do monomito, composto por 17 etapas organizadas em três grandes momentos: partida, iniciação e retorno. Sua teoria parte da análise comparativa de mitologias ao longo da história, identificando padrões universais que estruturam narrativas heroicas. Esse modelo foi amplamente difundido e adaptado em diversas mídias, servindo como base para roteiros cinematográficos e literários. Christopher Vogler, em A Jornada do Escritor, realiza uma adaptação da estrutura campbelliana com o intuito de torná-la mais acessível ao público criativo, especialmente roteiristas e escritores. Vogler sintetiza a jornada do herói em 12 etapas, focando na funcionalidade narrativa e na construção dramática dos personagens. Sua abordagem destaca a aplicação prática da teoria mitológica, considerando elementos que reforçam a experiência imersiva no cinema e na literatura. Em contrapartida, Maureen Murdock, em A Jornada da Heroína, apresenta uma perspectiva alternativa ao modelo tradicional, concentrando-se na vivência feminina imersa a um contexto patriarcal. Sua estrutura, composta por 10 etapas, reflete um percurso interno marcado pelo autoconhecimento e pela reconciliação com o feminino. Diferentemente da jornada do herói, que enfatiza desafios externos e a conquista do desconhecido, Murdock propõe um ciclo de introspecção e transformação psicológica da protagonista. Conclui-se que, a análise comparativa entre essas jornadas revela que, embora compartilhem o conceito de transformação através dos seus limiares, seus desdobramentos são substancialmente distintos. Campbell e Vogler estruturam um percurso de superação voltado à ação heroica, enquanto Murdock focaliza conflitos internos, a reconstrução e conciliação da identidade feminina. Compreender a diversificação dos aspectos narrativos é fundamental para o desenvolvimento de produções inovadoras, seja na literatura, no cinema ou nos jogos eletrônicos.

Palavras-chave: jornadas heroicas; jornada da heroína; narrativa; literatura; jogos eletrônicos.

Referências:
Calabrese, Omar. A Idade Neobarroca. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
Campbell, Joseph. O Herói de Mil Faces. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2000.
Campbell, Joseph; moyers, Bill. The Power of Myth. Nova York: Doubleday, 1988.
Gasi, Flávia. A poética imaginária do videogame: as passagens e as traduções do imaginário e dos mitos gregos no processo de criação de jogos digitais. 2011.
Murdock, Maureen. A Jornada da Heroína. 1.ed. - Rio de Janeiro: Sextante, 2022.
Vogler, Christopher. A Jornada do Escritor: Estruturas Míticas para Escritores. Tradução de Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Mediação e clube de leitura na universidade: relato de um ano de experiência

Juciane Cavalheiro
Doutora em Linguística
PPGLA–UEA
jcavalheiro@uea.edu.br

Resumo: Este estudo pauta-se em uma experiência de mediação de leitura realizada na Universidade do Estado do Amazonas no projeto de extensão “Letramentos de re(existência): práticas de leitura e escrita para uma educação em direitos humanos”, que objetiva “potencializar as comunidades leitoras”, através de um trabalho que mobiliza a formação de mediadores de leitura e, consequentemente, de clubes de leitura, a fim de ativar “uma formação cidadã e emancipadora para que os sujeitos participantes possam assumir-se criticamente diante do mundo, aprendendo no distanciamento e na aproximação, de modo a conhecer, valorizar e transformar realidades, comportamentos, mentalidades” (Andreatta, Saraiva, Cavalheiro, 2024). Os clubes de leitura de literatura são espaços privilegiados de escuta, de compartilhamento de leituras e experiências, de

trocas interessadas, de acolhimento. A mediação, um dos componentes fundamentais aos clubes de leitura, faz-se presente desde o momento da curadoria até à condução de questionamentos, de abertura para a socialização de novos horizontes, de experiências estéticas compartilhas pelo grupo. Busca-se, assim, entender: a) a figura do mediador, a partir de uma compreensão dialógica bakhtiniana, como aquela que necessita promover uma escuta interessada, que reconheça a alteridade de forma não indiferente: "o que importa nesta relação é a forma como quem escuta atende às circunstâncias únicas e particulares em que uma voz, a voz escutada, tem lugar" (Bajour, 2023, p. 44); b) socializar um ano de experiências do clube de leitura desenvolvido na Universidade do Estado Amazonas, na cidade de Manaus-AM, de dezembro de 2024 a novembro de 2025. Neste primeiro ano de existência do clube de leitura, nossas conclusões apontam para: a) um encontro com alteridades (seis autores, seis autoras, dezenas de personagens e leitores), temporalidades (do século XIX ao XXI) e culturas (de personagens brasileiras, russas, colombianas, japonesas, canadenses, francesas e de leitores brasileiros); b) a concretização de uma formação leitora mais autônoma e humana, movida por leitura, escuta e socialização, integrando subjetividade e alteridades. Como bem sintetiza Michèle Petit (2013, p. 142): "O que cada um elabora em seu canto se efetua também em maior escala: as culturas se encontram, se fecundam, se alteram e se reconfiguram."

Palavras-chave: clube de leitura; mediação de leitura; relato de experiência; universidade.

Referências:

ANDREATTA, Elaine; SARAIVA, Emerson; CAVALHEIRO, Juciane. Letramentos de re(existência): práticas de leitura e escrita para uma educação em direitos humanos. Projeto de Extensão: UEA, Manaus, 2024.
BAJOUR, Cecilia. Cartografias dos encontros: Literatura, silêncio e mediação. Tradução: Cícero Oliveira. Lauro de Freitas: Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emília, 2023.
BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do ato responsável (1920-1924/1986). Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2014.
MUNITA, Felipe. Eu, mediador(a): Mediação e formação de leitores. Trad. Dolores Prades. São Paulo: Solisluna Editora, 2024.
DURAND, Janice; GERBOVIC, Luciana. Clubes de leitura: uma aposta nas pequenas revoluções. Lauro de Freitas: Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emília, 2024.
PETIT, Michèle. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução: Celina O. de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

Entre o riso e o corpo: uma análise dialógica do discurso do quadro "Mulheres papáveis"

Solange da Silva Franco
Mestranda no PPGLA-UEA-CNPQ
E-mail: solangefrancofeitoza@gmail.com

Orientadora: Juciane Cavalheiro
PPGLA-UEA

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise crítica do quadro tele-visivo intitulado "Mulheres Papáveis", exibido pelo programa Pânico na Band, por meio dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada no pensamento do Círculo de Bakhtin. A pesquisa parte da com-preensão de que os discursos veiculados na mídia, especialmente em formatos humo-rísticos, não são neutros nem inofensivos, mas estão impregnados de ideologias que moldam e reproduzem visões de mundo, afetando diretamente a construção social de identidades e corpos. Nesse sentido, o estudo busca problematizar como o riso, o hu-mor e os elementos

extraverbais, como gestos, entonações, figurinos e enquadramen-tos, são utilizados como estratégias discursivas para a construção e a manutenção de estereótipos sobre o corpo feminino, reforçando discursos sexistas, misóginos e objeti-ficadores que circulam amplamente na sociedade contemporânea. A abordagem meto-dológica aqui adotada é qualitativa, de natureza dialógica, com ênfase nos conceitos de enunciado, dialogismo, cronotopo, ideologia e carnavalização, conforme elaborados por Bakhtin e seus interlocutores. Emprega-se a análise dialógica do discurso com ba-se nas diretrizes do Círculo de Bakhtin. A análise considera a inter-relação entre a pa-lavra e o contexto, explorando tanto a dimensão verbal quanto a extraverbal dos dis-cursos televisivos. Para sustentar a análise aqui realizada, dialoga-se com autoras e autores fundamentais no campo dos estudos de gênero, da crítica feminista e da teoria crítica da mídia, como Mikhail Bakhtin (2003), Judith Butler (2019), Simone de Beau-voir (2009), Naomi Wolf (1992), Laura Mulvey (2006) e Kimberlé Crenshaw (2020), entre outros, cujas contribuições são essenciais para compreender a complexidade das práticas discursivas em torno do corpo feminino. Os resultados indicam que o humor explorado no quadro "Mulheres Papáveis" está inserido em uma lógica mercadológica e patriarcal, promovendo a espetacularização dos corpos das mulheres e legitimando práticas de desigualdade de gênero, violência simbólica e naturalização da objetificação feminina na mídia de massa.

Palavras-chave: Feminismo. Mídia. Estereótipos de gênero. Análise dialógica do discurso. Humor.

Referências:
BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.
BUTLER, J. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

A literatura entre teorias, metodologias, instrumentos de pesquisa, dados e esquema de análise

Renata Rocha Cardoso
Mestra em Letras do PPGL – UFT
rerocha798@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe uma análise das teorias, metodologias, instrumentos de pesquisa, dados e esquemas de análise aplicados à Literatura. Para tal objetivo abordamos a Subjetividade Individual e a Subjetividade Social dos(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir da leitura de textos literários, tanto em sala de aula quanto em outros espaços. Além disso, discutimos a Subjetividade como categoria de análise literária e como fundamento para o ensino da Literatura na EJA, apresentando esquemas gráficos que permitem a leitura e análise dos vocabulários subjetivos em obras literárias que tomam a subjetividade como eixo central. Nesse contexto, a compreensão de subjetividade é orientada pela Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey. Para entender como a subjetividade se tornou categoria de análise das obras literárias, é preciso situá-la no campo da pesquisa qualitativa. A subjetividade é uma característica intrínseca ao ser humano dentro da cultura e, quando acionada, revela instâncias individuais e sociais como mediadoras dinâmicas, gerativas e atuantes. A Literatura possui a capacidade de humanizar, despertando sensibilidade, materializando emoções e favorecendo a convivência entre indivíduo e sociedade. Ela amplia as competências cognitivas, oferece novas perspectivas sobre o mundo e permite análises críticas do contexto social e histórico. Logo, a leitura literária, ao expor o(a) leitor(a) ao novo, ao inesperado e ao inédito, transforma sua visão de mundo. Consequentemente, após a experiência da leitura, o(a) leitor(a) passa a refletir sobre assuntos antes inquestionáveis, pois a Literatura mobiliza sua receptividade frente ao outro e ao mundo, atuando como um sistema vivo de transformação. Nesse processo, a relação metafórica entre pessoa, leitura e personagem deve ser considerada pelos(as) docentes. Ao reconhecer a importância das experiências divergentes daquelas vividas pelo(a) leitor(a), é possível ampliar horizontes e enriquecer a formação. Cabe aos(às) professores(as) compreender que determinados

contextos da obra oferecem acesso imediato, enquanto outros precisam ser negociados, individual e coletivamente, para gerar sentidos e significados que dialoguem — ou entrem em tensão — com as experiências do grupo. A negociação coletiva de sentidos é parte constitutiva da Subjetividade Social. A análise de textos literários exige atenção às camadas de sentido mais profundas, muitas vezes ocultas nas ações e intenções das personagens. Esse movimento demanda compreender os laços sociais e afetivos estabelecidos entre personagens, entre elas e a obra, e entre esta e o mundo habitado pelo(a) leitor(a). Como metodologia para o ensino de Literatura, propomos a confecção de um esquema gráfico voltado à leitura e análise do vocabulário subjetivo em obras que assumem a subjetividade como categoria central. O esquema sugere dois gráficos sobrepostos que organizam o mapeamento do vocabulário subjetivo em relação às personagens, aos(às) leitores(as) e aos respectivos contextos de escrita e leitura. A etapa 1 do mapa gráfico contempla a empatia com a personagem, incluindo a dimensão simbólica (sociocultural) e a dimensão emocional (pessoal). A etapa 2 segue a mesma lógica, mas voltada ao(à) leitor(a). Uma terceira etapa pode ser sobreposta às anteriores quando a análise incluir intenções, contextos e sociedade em que viveu ou vive o(a) autor(a). O método cartográfico orientou a construção desse resultado, de caráter propositivo, para o ensino de Literatura.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Esquema Gráfico, Literatura, Subjetividade.

Referências:

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. 80 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1990. 256 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 336 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 144 p.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In: Albertina Mitjáns Martinez, Beatriz Judith Lima Scoz, Marisa Irene Siqueira de Carvalho (orgs). Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco. Brasília: Líder Livros, 2012a, v. 1, p. 21-41.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação [tradução Marcel Arisitides Ferrada Silva]. São Paulo: Cengage Learning, 2017. 6. reimpr. da 1. ed. de 2005. 205 p.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. Revista Diversitas-Perspectivas en Psicología. Bogotá, v. 4, n. 2, p. 225-243, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67940201>. Acesso em: 10 Mar. 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. A epistemologia qualitativa vinte anos depois. MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; REY, Fernando González; PUENTES, Roberto Valdéz (orgs). Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde. Uberlândia: EDUFU, 2019, v. 7, p. 21-46.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; REY, Fernando Luiz González. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017. 194 p.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen V. R.; PUENTES, Roberto Valdéz (orgs). Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. 1. ed. Campinas, SP: Alínea, 2020. 280 p.

Mayara Diegra dos Santos Rocha Franco
Mestranda do PPGLA – UEA
Professora da SEDUC/AM
mddsrf.mla25@uea.edu.br

Elaine Pereira Andreatta
Doutora em Linguística Aplicada – PPGLA-UEA
eandreatta@uea.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta o recorte de uma pesquisa em andamento cuja proposta é analisar textos autobiográficos produzidos por estudantes do ensino médio a partir da relação entre memória, identidade e culturas juvenis no contexto escolar. Reconhecendo que, no ambiente escolar, muitos jovens têm suas experiências, saberes e subjetividades silenciados ou deslegitimados, propomos a realização da pesquisa a partir de uma perspectiva qualitativa, etnográfica e interpretativa, de modo a promover acolhimento, expressão e autoria, criando possibilidades para que estudantes (re)afirmem suas identidades e se reconheçam como sujeitos de história. Nesse sentido, esta comunicação tem o objetivo refletir sobre o uso de práticas de memória que conjugam leitura de textos literários e escrita de textos autobiográficos como prática etnográfica (Clifford, 2002) da linguística aplicada (Garcez; Schulz, 2015), apresentando proposta didática como dispositivo metodológico para a construção de dados de pesquisa. As oficinas de leitura e de escrita são concebidas, desse modo, como práticas de memória em contextos de letramento que possibilitam aos sujeitos o ato de (re)elaborar constantemente subjetividades (Palma; Andreatta, 2023), por oportunizar escuta das vivências juvenis. Essa perspectiva permite acompanhar os processos formativos em sua dimensão cotidiana, valorizando os sentidos construídos pelos estudantes e reconhecendo a escola como um espaço de produção de subjetividades e círculos de pertencimento (Petit, 2010). Para a elaboração das oficinas, fundamenta-se em autores como Assmann (2016) e Candau (2019), a partir de contribuições sobre memória e identidade; em Pais (1990) e Dayrell (2003), que discutem culturas e experiências juvenis; e, por fim, em Arfuch (2010), que oferece reflexões relevantes sobre a autobiografia como forma de subjetivar-se na e pela linguagem. Assim, a proposta, ao passo que busca contribuir para o fortalecimento de práticas educativas que promovam o reconhecimento das culturas juvenis, a inclusão e o direito dos estudantes de ler e de narrar-se no contexto escolar, também reflete sobre a presença da etnografia na educação com práticas fundamentadas na escuta e na valorização das experiências juvenis, resultando em histórias de vida a serem analisadas. A proposta metodológica é composta por quatro oficinas integradas, desenhadas para articular diferentes linguagens e expressões da cultura juvenil – literatura, música, poesia falada (slam), redes sociais e experiências do cotidiano – favorecendo um ambiente de diálogo, pertencimento e protagonismo estudantil. Cada oficina aborda um eixo fundamental na elaboração autobiográfica despertar memórias, refletir sobre representações juvenis, reconhecer trajetórias pessoais e produzir narrativas de si. Na oficina inicial, “O que me atravessa”, propõe-se a criação de um espaço sensível, amparado por músicas e trechos literários, para ativar memórias e afetos, aproximando os estudantes da escrita de si por meio da escuta afetiva. Em “Minha história não contada”, realiza-se uma leitura crítica de textos de autores(as) jovens e periféricos, ampliando o repertório cultural e promovendo o reconhecimento de experiências marginalizadas na escola e na sociedade. A terceira oficina, “Fragmentos de mim”, convida os participantes a construir uma linha do tempo afetiva, identificando momentos marcantes, desafios e desejos para o futuro, com o intuito de aprofundar a reflexão sobre suas identidades e pertencimentos. Por fim, em “Minha voz em palavras”, os estudantes são incentivados a escrever suas próprias narrativas autobiográficas, com apoio de estratégias de inspiração, autorreflexão e partilha coletiva, valorizando diferentes formatos e estilos de expressão. Assim, ao elaborar as oficinas buscando entendê-las como dispositivo metodológico de pesquisa, compreende-se que tal perspectiva destaca o potencial das práticas de memória para transformar a relação dos estudantes com a escola e com a escrita, promovendo espaços de produção de memórias, resistência simbólica e afirmação identitária, além de evidenciar que a leitura da

literatura e a produção autobiográfica são reveladoras de trajetórias de vida e seus contextos.

Palavras-chave: leitura da literatura; narrativa autobiográfica; cultura juvenil; práticas de memória.

Referências:
ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. História oral, v. 19, n. 1, 2016. pp. 115-127.
CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.
CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, n. 24, p. 40 – 52, set./ dez. 2003.
GARCEZ, Pedro de Moraes; SCHULZ, Lia. Olhares circunstanciados: etnografi a da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. D.E.L.T.A., n. 31, p. 1-34, 2015.
PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. Análise Social, [s.l.], n. 25, p. 139 – 165, 1990.
PALMA, Daniela; ANDREATTA, Elaine P. (org.). Práticas de memória na sala de aula. Campinas: Asa da Palavra, 2023.
PETIT, Michèle. A Arte de Ler - ou como resistir à adversidade. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

Narrar o trauma, escutar o outro: ética e estética em “O rio sem fim”, de Verenilde Pereira

Adriana Maciel Antonaccio
Doutoranda em Letras e Artes - PPGLA-UEA
aantonaccio@uea.edu.br

Ester Cordeiro da Fonseca
Doutoranda em Letras e Artes - PPGLA-UEA
ecdf.dla24@uea.edu.br

Resumo: Verenilde Pereira é uma jornalista e autora literária que narra a condição dos povos indígenas, a partir do contato colonial, no Estado do Amazonas, em seu livro *Um rio sem fim*. Pouco conhecida no cenário literário local, a autora tece uma narrativa que concebe versões e histórias locais, trazendo à tona saberes dos povos originários que foram subalternizados durante o processo de colonização, nos termos de Walter Mignolo (2003, 2008, 2020). Esta reflexão busca examinar como, enquanto afroindígena, a autora atua como um ente que descreve o passado, aflorando vivências, memórias, histórias que foram invalidadas pelo europeu. Esta pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativa, centrando-se na análise literária da obra *Um rio sem fim*, de Verenilde Pereira. O estudo foi desenvolvido por meio de leituras atentas da fonte literária primária, articuladas a um *corpus* teórico crítico que abrange os campos da crítica literária, dos estudos decoloniais e da filosofia da linguagem. Os procedimentos metodológicos envolveram a leitura, descrição, análise e interpretação dos aspectos temáticos, estéticos e ético-discursivos presentes no romance. Para o percurso teórico, serão considerados os conceitos de diferença e identidade, propostos por Hall (2003), de decolonialidade apresentando por Vergès (2020), de colonialidade do poder e do saber, postulados por Quijano (2005), e de virada decolonial do saber histórico, conforme discutido por Seligmann-silva (2022). Além disso, este trabalho busca refletir sobre a postura ética, e também estética, assumida pela ficção. Ao explorar como a escrita, a literatura e a memória se tornam formas contundentes de expressar experiências humanas em contextos de fissuras, deslocamentos e fragmentações da

realidade, fundamentamo-nos nos estudos bakhtinianos. Compreendemos a narrativa do trauma como uma exigência ética e concebemos a alteridade como um elemento inscrito no próprio ato de narrar, especialmente no gênero romanesco, definido por Bakhtin (2015, p. 29) como um "heterodiscurso social artisticamente organizado". Na perspectiva da filosofia bakhtiniana da alteridade, enfatizamos a importância da escuta, da compreensão e do acolhimento do outro. Destacamos, ainda, a necessidade de um olhar exotópico, aquele que observa de fora, mas com empatia, como condição para a eficácia ética e estética da obra literária (Bakhtin, 2011, pp. 24-25). É esse olhar que permite ampliar e complexificar as identidades amazônicas, considerando diferentes vieses e revelando "lados da história" silenciados ou negados pela historiografia oficial. Dessa maneira, consideramos que *Um rio sem fim* concebe um texto que questiona as metanarrativas, a partir das margens. Ressoa a voz do subjugado, sem maniqueísmos; amplia as identidades amazônicas, ponderando vieses e mostrando "lados da história" que nos foram negados pela historiografia. Em uma perspectiva realista, prenunciada em seu título, a obra nos mostra que a colonialidade não se encerra, pois seus impactos e a forma como a colonização modificou as identidades nos conduziu a um caminho sem volta, a um rio sem fim.

Palavras-chave: Ética e estética, Subalternidade, Memória, Literatura afroindígena, Decolonial.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 6. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
BAKHTIN, Mikhail. Teoria do Romance I: A estilística. São Paulo: Editora 34, 2015. HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al.] Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.
MIGNOLO, Walter D. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: literatura, Línguas e Identidades. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras da UFF, 2008.
MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 32 (94), 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=pt. Acesso em: 23 jul. 2024.
SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 30, 2005. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255. Acesso em: 12 jun. 2022.
VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. São Paulo: Ubu Editora, 2020

SIMPÓSIO TEMÁTICO

CARTOGRAFIAS DAS MISTURAS: RELATOS DE CIDADES, FLORESTAS, ÁGUAS, HUMANOS E NÃO-HUMANOS NA HISTÓRIA, LITERATURA E OUTRAS ARTES

Francisco Bento da Silva
Gerson Rodrigues de Albuquerque
Fernando Simplício dos Santos
Márcio Araújo de Melo

COMUNICAÇÕES

Narrativas que correm como rios: saberes, memória e água nos imaginários amazônicos

Narrativas cartográficas e teatro de legitimidades na produção do espaço: o mapa "El gran Rio Marañon, o Amazonas" de Samuel Fritz (1707)

Rio Branco – Ac, cidade lida como cicatriz, rastros e ruínas

Geo(grafias) da terra: educação popular e resistência na "geografia do seringueiro"

O perigo como tinta de benjamim sanches em suas precipitações escriturárias do outro e dos outros em "boneca volante" e "somente a morte"

Entre o sagrado e profano: o canto monstruoso das encantarias amazônicas

Literatura, Cultura e Representação: Amazônia representada no Amazofuturismo

Entre os espectros da escrita e as invenções da Amazônia: uma leitura crítica da obra de Onofre de Andrade sobre o rio Juruá (1937)

"Raspar, lavar e ceivar": processo de transformação da macaxeira em goma de tapioca no Assentamento Walter Acer em Bujari-AC

Narrativas de anciãos: as possíveis representações de uma amazõnia makuxi

Entre a Escola, Memórias e Outras Narrativas: "O que é a Amazônia?"

A violência presente na produção literária de pedro tierra em diálogo sobre pesadelo

Cartografia das misturas: Márcio Souza e Mário de Andrade

Por uma Estética Layk'a: as Poéticas de Arguedas e Churata

Imaginário amazônico e transfiguração artística: O projeto estético de Jaider Esbell

Entre o estético e o político: a cultura do terror em narrativa de Eduardo Galeano

A Invenção do Caboclo em Beiradão, de Álvaro Maia

A atuação de uma parteira nas áreas de floresta: falando de literatura das margens do/no contexto latino-americano

Cartografias poéticas da amazônia: geopoesia como expressão das vivências de estudantes em uma escola família agrícola no sudeste do Pará

Narrativas em torno das experiências e memórias docentes no espaço floresta da amazônia acreana

Reflexões sobre a tecitura de uma tese-fabulação: memórias/pétalas femininas de uma Flor do Lótus das/nas Amazônias

Entre rios, florestas e memórias: a ressignificação indígena da cidade na obra de Márcia Kambeba

Para além do partejar: relatos orais de parteiras do povo Nukini

Fotopinturas em Narrativas Familiares

Nem Legal, Nem Ilegal - Livre: Memória, Discurso e Espectro Livre em Narrativas Sobre a Rádio Livre Filha da Muda na Universidade Federal Do Acre

O Axé que Alimenta: Oralidade, Memória e Rituais Alimentares e terreiros de Umbanda na cidade de Rio Branco-Ac

Representações amazônicas nas capas da série de quadrinhos Death Hunt

“Cartas d’um desterrado”: denuncias públicas, identidades ocultas na amazônia - jornal do commercio (1905)

Na paris dos trópicos pousa o jazz dance: história, memória e Resistência

Memórias e identidades em diálogo nas literaturas indígenas de Auritha Tabajara e Yacunã Tuxá trabalhadas no Mestrado em Letras da UEMASUL

Lilian Castelo Branco de Lima
Doutora em Antropologia - Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), Imperatriz, Maranhão, Brasil.
liliancastelo@uemasul.edu.br.

Antônio Ismael Lopes de Sousa
Doutorando em Letras - Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
Araguaína, Tocantins, Brasil.
antonio.ismael@ufma.br.

Asenate Reis Santiago
Especialista em Educação - Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), Imperatriz, Maranhão, Brasil.
asenatesantiago.201715413@uemasul.edu.br

Resumo Este trabalho apresenta um estudo sobre memória e identidade em obras das indígenas Auritha Tabajara e Yacunã Tuxá, trabalhadas no Mestrado em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, por meio do estudo com literaturas indígenas. A fundamentação teórica baseia-se, em particular, nos trabalhos sobre letramento literário de Cosson (2020;2014) e literaturas indígenas na perspectiva de Graúna (2013) e Thiél (2012). E para alcançarmos o objetivo geral desta pesquisa que é analisar como essas obras podem contribuir para o letramento para a diversidade étnica, com o intuito de identificar os elementos de identidade e saberes indígenas presentes nos textos estudados pelos alunos do mestrado, adotou-se os procedimentos metodológicos

da pesquisa documental, pois analisamos os planos de ensino e os diários da disciplina “Oralidades, escritas e identidades culturais indígenas” e para análise das obras, delimitadas para este estudo, adotamos a metodologia da pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa. Os resultados indicam que as obras apresentam marcas relevantes da identidade e memória dos povos indígenas, tanto no texto, quanto nos elementos gráficos, o que indica a relevância de se trabalhar obras de literatura indígena, tendo em vista que a leitura literária pode contribuir para a valorização da diversidade cultural e a descolonização do conhecimento, sendo uma ferramenta pedagógica que pode contribuir para a formação de leitores críticos e engajados. Concluímos, portanto, que o trabalho desenvolvido na referida disciplina apresenta escolhas pedagógicas eficazes para o letramento étnico-racial, além de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e que respeitem as muitas diversidades étnicas existentes no Brasil.

Palavras-chave: Memória, Identidade étnica, Escrita de si, Literaturas indígenas.

As várias faces da prosa de Aline Bei: Comentários a respeito de Pequena Coreografia do Adeus (2021)

Geraldo Brandão Neto
Doutorando do PPGLETRAS – UFRGS
geraldobrandao1@icloud.com

Rita Lenira de Freitas Bittencourt
Doutora em Literatura – PPGLETRAS UFRGS
rita.lenira@ufrgs.br

Resumo: O presente artigo tem por finalidade estabelecer algumas reflexões sobre a escrita de Aline Bei, romancista paulista, autora do romance Pequena Coreografia do Adeus (2021), que será objeto de análise neste trabalho, tendo como foco principal situar a escritora quanto a sua particular composição romanesca, que nesta referida obra permanece apresentando uma produção única na atual literatura brasileira. Interessada por diversas forma de expor a linguagem, a escrita romanesca de Bei (2021), compreende a homogeneidade de gêneros que juntos formam uma escrita peculiar, organizada em versos, mas que por sua organicidade se fundamenta por meio de uma produção romanesca que incorpora desde a linguagem proveniente do teatro até a fundamentação rítmica da poesia. Por isso, é importante destacar que o trabalho de Aline Bei ora pode ser compreendido como o de uma romancista que escreve poesia ou uma poeta que versa em prosa, criando uma prosa poética que se solidifica como uma das mais notáveis da literatura brasileira. O conjunto de sua produção se materializa por não seguir uma dinâmica tradicional do romance enquanto forma, pois o texto de Bei é estruturado pela escrita visual, ou seja, sinais de pontuação, maiúsculas e quebras de frases são aspectos comuns que indicam uma narrativa muitas vezes atrelada ao tema exposto na trama, contextualizando às palavras ao que acontece em cada cena. Neste sentido, destaca-se, portanto que o trabalho em questão pretende investigar a composição de escrita realizada pela autora seguindo a tríade romance, poesia e teatro, pilares fundamentais do processo de criação artística da autora e que são ativados em sua obra. Atrelada a uma perspectiva moderna, a escrita de Aline Bei (2021) desvenda uma nova imagem do romance à luz de um texto moderno que modifica constantemente para inserir dramas humanos que são a tônica da narrativa da escritora. A fundamentação teórica explora escritos de Tzvetán Todorov, Pável Medviedev, entre outros, que abordaram primeiramente as discussões sobre gêneros literários, avançando para leituras contemporâneas, que acabam por dialogar com a proposta deste artigo: ensaiar uma abordagem das características da escrita de Aline Bei (2021).

Palavras-chave: poesia, romance, escrita, ritmo, Aline Bei.

Referências:

BEI, Aline. Pequena Coreografia do Adeus. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

“Pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes” O narrador em Relato de um certo oriente – Milton Hatoum

Ana Victória de Souza Costa
Estudante de graduação de letras – UFPA
anavictoriascosta@gmail.com

Sérgio Afonso Gonçalves Alves
Doutor em literatura – UFPA

Resumo: O presente artigo visa analisar o narrador no romance Relato de um certo oriente, de Milton Hatoum. Dotado de uma narrativa fragmentada, o romance apresenta diversas vozes, e esta pesquisa intenta explorar como se caracteriza o narrador enquanto amazônida, suas vivências e idiossincrasias, permeadas por traumas e tensões que delineiam a particularidade de cada personagem, assim como a diversidade dessa região. Terra cheia de contradições, a Amazônia suscita em seus narradores experiências únicas e narrativas singulares. Através de uma abordagem qualitativa, a pesquisa busca investigar também se o narrador se caracteriza como narrador pós-moderno, segundo a obra de Silviano Santiago (1988). Tal narrador se evidencia como um narrador que se retira da narrativa para observar o seu ontem no hoje de outrem. Também se utiliza o texto de Ana Pizarro (2012), para entender como se constituíam as narrativas amazônicas, lançando mão da análise dos tempos do apogeu da extração da borracha. A autora identifica as principais narrativas que se construíram nesse espaço, ao mesmo tempo que o construíam como palco para as demandas da imaginação europeia sobre o Novo Mundo. Considerando as obras analisadas, pretende-se demonstrar que o narrador se caracteriza como narrador pós-moderno, e que os personagens apresentam uma visão crítica da Manaus da época. Os moradores da região não passam incólumes frente as contradições amazônicas. Este trabalho enfatiza ainda a importância de se dar voz as experiências amazônicas e aos seus olhares honestos sobre a região.

Palavras-chave: Amazônia, Milton Hatoum, voz, narrador

Referências:
Hatoum, Milton. 2005. Relato de um certo oriente. Companhia das letras. São Paulo. SP
Santiago, Silviano. 1988. Nas malhas das letras: Ensaios. Rocco. Rio de Janeiro. RJ
Pizarro, Ana. 2012. Amazônia. As vozes do rio. UFMG. Belo Horizonte. MG
Brandão, Antonia Marisa Rodrigues. O narrador ouvinte de relato de um certo oriente, romance de Milton Hatoum. Kaliope. São Paulo. SP

Escritas de si e memória da repressão: testemunhos sobre a Guerrilha do Araguaia

João Paulo Costa Alves
Doutorando em Linguística e Literatura (UFNT)
professor.joaopaulo@gmail.com

Diante das graves violações de direitos humanos perpetradas durante a ditadura civil-militar brasileira (1964–1985), especialmente no contexto da Guerrilha do Araguaia (1972–1974), investigou-se 62 obras literárias publicadas entre 1978 e 2024, na hipótese de serem inscritas no campo das chamadas “escritas de si”, notadamente sob o viés da literatura de testemunho. Considerando o apagamento institucional das vozes dissidentes, compreende-se a escrita como instrumento de resistência simbólica, reconstrução da memória coletiva e denúncia das violências de Estado. A investigação ancora-se nos paradigmas teóricos de Franco (2003) e Silva (2019), incorporando categorias como tempo, tema, forma e autorreflexão, bem como o conceito de “testemunho”, para mapear os sentidos

mobilizados pelos relatos. O corpus, atravessado por eventos marcantes – da promulgação da Lei da Anistia (1979) ao retorno da esquerda ao poder (2023) – evidencia o papel da literatura na rearticulação da memória e na disputa pelo sentido do passado, com destaque para a noção de "guerra de memórias" (Silva, 2019). As obras analisadas tensionam as fronteiras entre o real e o ficcional e revisitam a experiência subjetiva do trauma, compondo um panorama que articula a vivência pessoal com questões coletivas. Cinco eixos temáticos foram identificados: resistência e luta armada; repressão e violência de Estado; memória e esquecimento; impactos sociopolíticos; e testemunho e trauma. A autorreflexão do narrador como agente político (Franco, 2003), o pacto autobiográfico (Lejeune, 2008) e a representação do trauma (Salgueiro, 2012) surgem como dimensões estruturantes dessas narrativas insurgentes. Assim, este trabalho se insere no campo das escritas de si ao refletir sobre as múltiplas formas de expressão subjetiva, memória e engajamento político-literário, reiterando o papel da literatura como contra-memória e forma de justiça simbólica.

Referências

FRANCO, Renato. Literatura e Catástrofe no Brasil: anos 70. In Seligmann-Silva, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Vanessa Ramos. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é Literatura de Testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). *Matraga,* Rio de Janeiro, v.19, n.31, p. 284- 303, jul./dez. 2012.

SILVA, Wellington Sampaio da. *Livros em guerra: a escrita e a disputa do passado sobre a Guerrilha do Araguaia* (1978-2015). 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2019.

A escrita de si e a construção da Identidade: rumos, recomeços e resistência de uma professora

Sara Cristina da Silva Ribeiro
Mestranda do PROFLETRAS - UFNT
sararibeiro.jornalista1@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte da dissertação de Mestrado (PROFLETRAS/UFNT), em fase de conclusão, sobre as possibilidades de construção de sentidos e identidade na Educação. Nossa proposta tem a finalidade de mediar a leitura literária e a produção textual do gênero autobiografia em atividades práticas com estudantes da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos - EJA, para fomentar o protagonismo e a construção de suas identidades perante a sociedade. No entanto, durante esse percurso enquanto ministrava as aulas e buscava fazer com que cada estudante se sentisse motivado/a a ler e a escrever sobre si, também senti a necessidade de compreender as fases de minha própria existência e experiências de vida e, assim, partilhar da estratégia didática proposta à turma, com objetivo de desenvolver habilidades de escrita e reconhecer as marcas de minha identidade em construção. Assim, nesse recorte, e sob a perspectiva semiótica, aponto como a escrita de si pode afetar os sujeitos e de como a subjetividade ancora a construção ou o reconhecimento da identidade. Desse modo, apresento discussões teóricas embasadas em Michel Foucault (1992), Marie-Christine Josso (2012), Érica Ferreira (2023) e Luiza Silva (2023). De caráter qualitativo interpretativista, nossa pesquisa baseia-se nos moldes da Pesquisa-ação de Thiollent (2005) e Pimenta (2005) e tem como aporte teórico principal as categorias de leitura da Semiótica Discursiva (Greimas, 2018). Nesta análise, tomamos como corpus o discurso de teor autobiográfico e de cunho literário da pesquisadora que se faz presente nesse recorte, acerca das percepções sobre essa trajetória de vida experienciada até aqui, bem como me oportunizar pensar sobre a minha atuação docente e cidadã nesse universo educacional a partir dos pressupostos teóricos de Landowski (2014).

Palavras-chave: Escrita de si. Literatura. Identidade. Semiótica discursiva.

Referências:
Ferreira, Érica. 2023. Análise Semiótica de Narrativas de Mulheres-professoras-aposentadas do Norte do Tocantins: Sujeitas da/na história. UFNT. TO
Foucault, Michel. 1992. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens.
Greimas, Algirdas Julien. 2002. Da imperfeição. Trad. Ana Cláudia Oliveira. Hacker. SP.
Josso, Marie-Christine. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. Educ. Real. RS.
Landowski, Eric. 2014. Interações arriscadas. Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva. Estação das Letras e Cores. SP.
Pimenta, Selma Garrido. 2005. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. Educação e Pesquisa. SP.
Silva, Luiza; Silva, Naiane Vieira. 2023. Leituras e Práticas de um Objeto Chamado Livro: Perspectivas Semióticas. Porto das Letras. TO.
Thiollent, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. Cortez. SP.

A ESCRITA DE SI EM A CHAVE DE CASA, DE TATIANA SALEM LEVY

Aldilene Lopes de Morais
Doutoranda do PPGL/UFPA
aldmorais1@gmail.com

Orientadora: Alessandra F. Conde
Doutora em Literatura.
afcs77@hotmail.com

Resumo: Este trabalho realiza um estudo sobre o tema da escrita de si no romance A chave de casa, de Tatiana Salem Levy. A escrita de si é compreendida quando o escritor lança mão da literatura para transpor suas dores ou males. O ato de escrever torna-se uma forma de amainar os sofrimentos que o escritor teve em sua vivência. Ao transferir dores e sofrimentos para o papel ocorre uma espécie de depuração, pois "o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha" (Foucault, 1992, p. 130). O tema da escrita de si pode ser identificado em romances e em autoficções. Jovita M. G. (2014) acredita que todas as formas de escrever em primeira pessoa caminham para uma mesma direção que é a escrita de si (Noronha, 2014, p.17). Tendo por base essas ponderações, busca-se verificar como a escrita de si é representada no romance A chave de casa, de Tatiana Salem Levy, filha de uma família de judeus turcos. Levy tem uma diversidade de publicações entre elas há romances, contos e produções direcionadas para o público infantil. Em seu romance de estreia, A chave de casa (2023), ganhador do prêmio São Paulo de literatura em 2008 e finalista do Prêmio Jabuti em 2008, é narrada a busca da personagem protagonista, por suas raízes familiares. Tendo por base uma análise literária interpretativa e qualitativa, é possível verificar que no decorrer de todo o romance, são encontrados traços marcadamente de autoficção, pois há momentos em que encontramos algumas narrações com acontecimentos vividos pela família da autora, como o exílio de seus pais para Portugal, no período da ditadura militar no Brasil, pelo fato de serem comunistas. O romance inicia com a narradora fazendo reflexões a respeito de si e buscando respostas para sua existência. Sua condição é de uma pessoa paralisada, que não consegue se mover, por estar presa ao passado: "Não que eu seja uma pessoa triste. Não se trata de ser ou não ser feliz, mas de uma herança que trago comigo e da qual quero me livrar" (Levy, 2023, p. 9). Em busca de respostas para o seu tormento, a protagonista pega uma caixinha, a qual lhe dera o avô, encontrando uma chave: "Tome, ele disse, essa é a chave da casa onde morei na Turquia" (Levy, 2023, p.12). O desenrolar de toda a narrativa trata da demanda da narradora-personagem de encontrar sua memória ancestral. Autores como Foucault (1992), Kelley B.Duarté (2010), Jovita Maria Gerhein Noronha (2014), entre outros, nos forneceram embasamento teórico.

Palavras-chave: Escrita de si; Tatiana S. Levy; A Chave de casa.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Kelley. "*Autoficção*". In: Bernd, Zilá. Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010.
FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Graal, 1999.
FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992.
FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

FRIDA KAHLO: O DIÁRIO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO FEMININO

Doutoranda: Maria Durcilene Freitas Corrêa
Orientadora: Dra Juliana Maia de Queiroz
Linha de pesquisa: Literatura: Interpretação, circulação e recepção.
E-mail: ducycorrea@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo de doutoramento propõe como tese que: O Diário de Frida Kahlo, em articulação com sua produção pictórica, constitui-se como uma narrativa literária e política de resistência que ressignifica a identidade feminina frente ao silenciamento histórico das mulheres, atuando como instrumento de empoderamento e transgressão. Parte-se do entendimento de que a escrita íntima de Kahlo, marcada por palavras, imagens, símbolos, riscos, rabiscos, manchas, rasuras, é uma forma de autoria insurgente que denuncia opressões de gênero e reposiciona a mulher como sujeito histórico e criador. A pesquisa defende que, ao inscrever sua dor, sua corporeidade e sua subjetividade em textos e imagens, Frida Kahlo rompe com padrões patriarcais e reivindica a autonomia da voz feminina, construindo uma estética do sofrimento que é, ao mesmo tempo, um gesto de rebeldia e de criação de sentidos. A análise propõe-se a examinar o Diário de Frida Kahlo como um espaço de enunciação no qual convergem elementos literários, artísticos e pedagógicos, permitindo discutir como essas representações contribuem para a formação de uma consciência crítica sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres. Com base em uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, a pesquisa mobiliza referências das teorias feministas, pós-estruturalistas, especialmente os pensamentos de Hooks (2019), Davis (2016), Kalho (2017), Berté (2018), Herrera (2011), Schmidt (2019), Figueiredo (2020) Lerner (2022), Sorj (2019); para construir um arcabouço teórico que sustenta a leitura do diário como prática discursiva de resistência. Além do diário, a análise contempla algumas das obras visuais mais emblemáticas de Kahlo, com o intuito de identificar e relacionar temas e símbolos recorrentes que reforcem a narrativa de empoderamento feminino. O estudo insere-se na linha de pesquisa "Literatura: Interpretação, circulação e recepção" e objetiva contribuir para os debates sobre autoria feminina, apagamento histórico e a potência política da escrita de si como estratégia de subversão. Em um contexto educacional em que se busca a formação de sujeitos críticos e engajados, a pesquisa também propõe a utilização pedagógica da figura de Frida Kahlo como ferramenta para refletir sobre desigualdade de gênero e produção de conhecimento contra-hegemônico. Atualmente em fase de levantamento e análise de fontes primárias e secundárias, a pesquisa avança na leitura aprofundada do corpus e na catalogação de obras visuais, tentando articular, literatura, arte e crítica feminista. Esse estude defende, portanto, que Frida Kahlo, ao escrever-se e pintar-se, reescreve simbolicamente o lugar da mulher na história e afirma sua subjetividade como forma de resistência estética, política e existencial.

Palavras-chave: Literatura. Arte. Frida Kalho. Empoderamento. Diário.

Referências:
DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil . Estudos Avançados, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 49, p. 151–172, 2003. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950.
HAGHENBECK, Francisco Geraldo. O Segredo de Frida Kahlo: trad. Luis Reyes Gil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
HERRERA, Hayden. Frida: a biografia. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Globo, 2011.
KAHLO, Frida. O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo. [Tradução de Mário Pontes; introdução de Federico Morais]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
MUZART, Zahidé L. (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX: antologia.
Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 1999.
WOOLF, V. Um teto todo seu. 1ed. São Paulo: Lafonte, 2020.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

ESCRITOS DE AUTORIA FEMININA BRASILEIRA EM PROSA E VERSO: SÉCULOS XIX E XX

Simone Cristina Mendonça

Esequiel Gomes da Silva

COMUNICAÇÕES

Carolina Maria de Jesus, A Romancista: Considerações Sobre A Opressão de Classe em “Pedaços Da Fome”

O drama social em “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector

O TOQUE É O PRAZER: A REPRESENTAÇÃO E A CONSTRUÇÃO POÉTICA DO DESEJO FEMININO NOS POEMAS DE ROSIDELMA FRAGA

Carmen Dolores: A Voz Feminina Esquecida pelo Cânone Literário do Século XIX

Educação e produção intelectual feminina, latina e oitocentista: leituras entrecruzadas de Nísia Floresta e Soledad Acosta Samper

Personagens de Ficção e a Injustiça Representada

TEMAS FEMININOS POR ECILA WORMS: coluna A Moda (1892-1901) de Júlia Lopes de Almeida em O Paiz (RJ)

A construção das subjetividades masculina e feminina em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis

Senhora mulher em Gabinete de leitura e na campanha do voto feminino

O Caboclo Ribeirinho e seu Lugar de Fala na crônica “Ouçam o ruído dos jacumãs”, de Eneida de Moraes

Uma análise sobre as personagens femininas no romance Duas irmãs (1883), de Délia

A Presença das Colunistas: CARMEN DOLORES E JÚLIA LOPES DE ALMEIDA nas páginas dominicais do Jornal “O PAIZ”

ENTRE O CAETÉ E A REVOLUÇÃO: A FIGURAÇÃO INDÍGENA EM A LÁGRIMA DE UM CAETÉ (1849), DE NÍSIA FLORESTA

Dramaturgia feminina de Roraima: Temas e Urgências

Os não-ditos das narrativas fundadoras: D. Narcisa de Villar e Úrsula

CAROLINA MARIA DE JESUS: DA FAVELA À LITERATURA, UM REFÚGIO SOCIAL

A contribuição de Josephina Alvares de Azevedo para a Emancipação Feminina no Brasil

ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE: as vozes femininas em Enervadas (1922) e Uma Paixão (1923), de Chrysanthème

A poesia de Cecília Meireles como meio de letramento no processo de formação de leitores do 6º ano

Leituras para a infância dedicadas às mães de família

Carolina Maria de Jesus, A Romancista: Considerações Sobre A Opressão de Classe em “Pedaços Da Fome”.

Tereza Cristina Veloso Pantoja
Doutoranda do PPGL-UFPA
tcvelosopantoja@gmail.com

Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares
Doutora em Literatura – PPGL-UFPA lucilena@ufpa.br

Resumo: Este estudo analisa a representação da opressão de classe na escrita feminina de autoria negra, tendo como foco a obra de Carolina Maria de Jesus, particularmente o romance "Pedaços da Fome". A pesquisa busca colaborar com a visibilidade da escrita de autoria feminina negra, a partir do reconhecimento da contribuição da autora e dessa obra para historiografia literária brasileira, observando questões de opressão de classe considerando a permanência de relações coloniais no Brasil do século XX. A pesquisa é de abordagem qualitativa do tipo bibliográfica e interpretativa. Como embasamento trazemos concepções teóricas dos estudos feministas e história das mulheres e escrita feminina de Hollanda (1994), Showalter (1994), Carneiro (2003), Evaristo (2005), Dalcastagnè (2008), Gomes e Zolin (2011), Souza (2014), Davis (2016), Gonzalez (2016), Perrot (2017); e de estudos carolinianos elaborados por Miranda (2013), Fernandez (2015; 2018), e Farias (2018). Carolina Maria de Jesus contraria todas as regras de seu tempo, era mulher, preta, pobre, semianalfabeta, mãe solteira, catadora de papel, que se tornou favelada, e escritora da realidade, e por isso talvez tenha sido preterida pelas editoras e leitores de seu tempo. Não escreveu apenas diários, escreveu poemas, romances, provérbios, peças teatrais, letras de música, etc., uma diversidade de gênero que apontam para a grandiosidade dessa escritora. A análise do romance "Pedaços da Fome" revela que Carolina Maria de Jesus utiliza a narrativa para denunciar as condições de vida das populações marginalizadas e para criticar a estrutura social que perpetua a pobreza e a exclusão. A autora apresenta uma visão crítica da sociedade brasileira. O presente trabalho também discute a importância da escrita feminina de autoria negra como forma de resistência à opressão e como meio de expressão da experiência de mulheres negras. A obra de Carolina Maria de Jesus é apresentada como um exemplo de como a literatura pode ser utilizada para denunciar a opressão e promover a

conscientização sobre as questões sociais.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus, Opressão de Classe, Escrita Feminina de Autoria Negra, Pedaços da Fome, Literatura Brasileira.

Referências:
Carneiro, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA Empreendedores Sociais; TAKANO Cidadania (orgs.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.
Dalcastagnè, R. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Letras de Hoje, [S. l.], v. 42, n. 4, 2008. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4110. Acesso em: 26 maio. 2023.
Davis, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.
Evaristo, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo*. Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005, p. 201-212.
Farias, Tom. *Carolina*: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.
Fernandez, Raffaella. Processo Criativo nos Manuscritos do Espólio Literário de Carolina Maria De Jesus. 2015. 315 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP.
Gomes, Carlos Magno; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.) Deslocamentos da escritora brasileira. Maringá: Eduem, 2011.
Gonzalez, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tania Regina Oliveira (Org.). Problemas de gênero (ensaios brasileiros contemporâneos). Rio de Janeiro: Funarte, p. 399-416, 2016.
Hollanda, Heloísa Buarque de (Org). Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
Jesus, Carolina Maria de. Pedaços da fome. São Paulo: Áquila Ltda, 1963.
Miranda, Fernanda Rodrigues de. Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.8.2013.tde-13112013-100432. Acesso em: 2023-05-16.
Perrot, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. ed.7. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2017.
Souza, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. Escrita Feminina Negra: Contribuições para os Estudos Literários, Feministas e de Gênero. Línguas & Letras, [S.l.], v. 15, n. 30, dez. 2014. ISSN 1981-4755. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10392>. Acesso em: 21 mar. 2021.

O drama social em “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector

Fábio Junior Machado de Castilho
Graduando FALE-UFPA
Neurax1102@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura do conto “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector, com foco na análise das personagens e, consequentemente, na representação das relações familiares como um núcleo de tensões sociais e convenções ocultas. A pesquisa explora como a autora constrói uma cena aparentemente festiva, mas permeada por um drama que expõe ressentimentos, silêncios e conflitos, revelando o distanciamento afetivo entre os membros da família. A comemoração dos 89 anos da matriarca Dona Anita funciona, assim, como palco de um verdadeiro drama social, no qual os

personagens atuam de forma quase automática, obedecendo a normas implícitas de convivência. A análise da construção das personagens proposta neste trabalho será elaborada à luz de Anatol Rosenfeld (1969) — que evidencia como a literatura é capaz de condensar dramas humanos universais em figuras ficcionais —, e de Antonio Candido (2000) — que reforça o papel social da literatura como meio de revelar contradições e iluminar tensões encobertas do cotidiano. Além disso, este trabalho dialogará com a perspectiva de Erving Goffman e Antonio Candido (2004), a partir da qual é possível perceber os personagens como atores sociais que desempenham papéis e utilizam máscaras para manter as aparências diante do grupo, mesmo em um ambiente íntimo. Complementando essa visão, Pierre Bourdieu (2021) oferece instrumentos para compreender como os habitus e as estruturas de poder moldam tais interações, reproduzindo desigualdades e silenciamentos no espaço familiar. Considerando-se esses referenciais, a análise aponta que "Feliz Aniversário" ultrapassa o retrato de uma simples reunião familiar para configurar-se como uma crítica à artificialidade das convenções sociais e à fragilidade das relações humanas. O conto expõe como, por trás da máscara da celebração, prevalecem a indiferença, a hipocrisia e a ausência de diálogo verdadeiro, ao passo que a protagonista, mesmo no limiar da velhice, surge como símbolo de vitalidade e resistência silenciosa. Dessa forma, a obra de Clarice Lispector se apresenta não apenas como um testemunho literário da condição humana, mas também como um convite à reflexão sobre os modos como a sociedade encena suas próprias relações, revelando as tensões entre aparência e essência.

Palavras-chave: Drama, Social, Relações Familiares, Clarice Lispector

Referências:
BOURDIEU, Pierre. Sociologia geral: curso no Collège de France (1982–1983) – Vol. 2: Habitus e campo. Petrópolis: Vozes, 2021.
CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. A personagem de ficção. 12. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.
GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 14. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
LISPECTOR, Clarice. Laços de família. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

O TOQUE É O PRAZER: A REPRESENTAÇÃO E A CONSTRUÇÃO POÉTICA DO DESEJO FEMININO NOS POEMAS DE ROSIDELMA FRAGA

Histayllon Conceição dos Santos
Mestrando do PPGL- UFRR
histayllon@hotmail.com

Dr. Francisco Alves Gomes
Doutor em Literatura PPGL-UFRR
francisco@ufrr.br

Resumo: O desejo é entendido como uma força invisível e psíquica que impulsiona o ser humano em sua busca incessante por algo além do alcance, muitas vezes inconsciente e reprimido. Na literatura, especialmente na poesia, o desejo se manifesta como uma ferramenta que transcende a mera compreensão intelectual, criando uma experiência estética e emocional que o transforma em objeto de contemplação e análise. Esta pesquisa tem como objetivo explorar a representação do desejo feminino nas poesias de Rosidelma Fraga, em Amoramente (2018), e Hilda Hilst, em O Desejo (2004). A proposta desta pesquisa é uma abordagem qualitativa, com um estudo descritivo e explicativo. O procedimento técnico adotado é a pesquisa bibliográfica, sustentada por um referencial teórico fundamentado nas obras de Paz (1982), Freud (1905, 1989), Bataille (1987) e Hanns (1996). A partir desse suporte teórico, o estudo visa analisar a representação e a construção poética do desejo feminino

nos poemas selecionados de Rosidelma Fraga, na obra Amoramente, e de Hilda Hilst, na obra O Desejo. O estudo investiga como o desejo, entendido como uma força psíquica frequentemente inconsciente, é retratado nas obras dessas autoras. Apesar de seus contextos distintos, tanto Fraga quanto Hilst abordam o desejo feminino de forma profunda, suscitando uma reflexão sobre questões relacionadas ao prazer e à sexualidade. Na poesia de Rosidelma Fraga, o desejo é explorado por meio de um processo de hipertextualidade, que abrange desde referências à mitologia até elementos da cultura indígena e cenas de enamoramento. Dessa forma, o desejo se desloca do ser desejante para sua realização em diferentes cenários, mas sempre relacionado a um ser elementar que representa o amado. Em Hilda Hilst, o desejo se apresenta não apenas como um objeto de anseio, mas como um fenômeno de questionamento e reflexão, no qual a realização do desejo é, inicialmente, um fluxo de contemplação pessoal, uma corrente de questionamento que, antes de consumir o ser desejado, o interroga. A análise das poesias de Rosidelma Fraga e Hilda Hilst contribui para o entendimento da representação do desejo feminino, demonstrando como, em ambas as autoras, esse desejo transcende os limites do corpo e se entrelaça com questões de identidade, cultura e subjetividade. Ao tratar o desejo como um fenômeno multifacetado, e não apenas instintivo, as obras dessas poetas provocam uma reflexão crítica sobre os desejos reprimidos das mulheres, muitas vezes silenciados por uma sociedade falocêntrica. Assim, esta pesquisa enriquece o campo literário, destacando a complexidade do desejo feminino e suas representações na literatura contemporânea.

Palavras-chave: Desejo-Poesia – Autoras

Referências:

AA.VV., Dicionário de Latim-Português, Porto: Porto Editora, 1983
AA.VV., Dicionário da Língua Portuguesa 2009, Porto: Porto Editora, 2009.
CALVINO, Italo. “Sull’erotismo in letteratura”. in: Nuovi Argomenti (n.51-52), revista organizada por Alberto Moravia e Alberto Carocci. Roma, 1961, p. 21-24.
Bataille, Georges O erotismo / Georges Bataille; tradução de Antonio Carlos Viana. — Porto Alegre : L&PM, 1987.
BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
BUTLER, Judith. "Problema de los géneros, teoría feminista y discurso psicoanalítico". In: NICHOLSON, J. Linda (Org.). *Feminismo/posmodernismo.* Buenos Aires: Feminaria Editora, 1992. p. 75-95.
BRANCO, Lúcia Castello. **O que é erotismo?** São Paulo. Editora Brasiliense, 1984.
DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
FRAGA, Rosidelma. **AmorAmante.** Cuiabá-MT: Carlini& Caniato Editorial, 2018.
FREUD, S. (1905). *Trois essais sur la théorie de la sexualité.* Paris, Gallimard, 1987.
HILST, Hilda. **Do Desejo**. São Paulo: Globo, 2004.
Rasmussen, K. (2016). A historical and empirical review of pornography and romantic relationships: implications for family researchers. Journal of Family Theory and Review, 8, 173-191. doi:10.1111/jftr.12141
SILVA, Frederico Spada. *O limiar da carne: amor e erotismo na poesia de Hilda Hilst.* Dissertação (Mestrado em estudos literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2011
O Desejo/organizador Adauto Novaes, São Paulo: Companhia das Letras; (RJ): Funarte, 1990.

Agatha Veloso Souza
Graduanda - Letras Língua Portuguesa - UFPA
agatha.souza@ilc.ufpa.br

Lúcia Gabrielle Paixão Reis
Graduanda - Letras Língua Portuguesa - UFPA
lucia.reis@ilc.ufpa.br

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre o apagamento literário e pessoal de Carmen Dolores, destacada escritora do início do século XIX. Apesar do reconhecimento social que obteve em vida, tal prestígio revelou-se insuficiente para garantir-lhe lugar no cânone literário nacional; tal fato evidencia não apenas a histórica exclusão de vozes femininas da tradição literária brasileira, mas também a persistência de dinâmicas de marginalização que seguem atravessando o próprio processo de canonização no contexto literário brasileiro. A partir de uma abordagem teórica que articula os contextos sócio-históricos de sua produção com as implicações ético-morais presentes em sua obra, este estudo busca compreender a recepção de seus escritos, em especial os contos reunidos no livro "Um drama na roça" (1907). Para isso, são analisadas as narrativas emblemáticas através dos contos e o uso de pseudônimos pela autora, que revelam aspectos de sua identidade e dialogam com a construção do ethos do público leitor da época. Esses elementos são examinados em articulação com as dinâmicas sociais fortemente presentes no século XIX, contribuindo para a compreensão do lugar marginal que Carmen Dolores ocupou enquanto mulher escritora e para os fatores que culminaram em seu apagamento no processo de consolidação da história literária brasileira e tomando como aporte crítico a leitura de Risolete Maria Hellman (2015), no que tange a noção do chamado "memoricídio" que recai sobre a atuação feminista da autora, apesar de sua "ousadia e irreverência". Diante todo o estudo, nos foi possível compreender a dimensão subversiva da atuação literária de Carmen, evidenciada tanto pela recepção crítica de sua época quanto por sua postura incisiva diante de temas sensíveis como o casamento, o divórcio e a representação feminina. Sua escrita, marcada por posicionamentos claros e pela construção de personagens que rompem com o idealizado modelo de mulher culta e santificada do século XIX, revela um esforço consciente de questionamento. Ao lançar luz sobre essa trajetória negligenciada, este trabalho busca contribuir para o enfrentamento do "memoricídio" que marcou não apenas a recepção de Carmen Dolores, mas também a de tantas outras autoras relegadas ao balaio do machismo literário através das práticas excludentes desse campo.

Palavras-chave: Memoricídio, Literatura Feminina Nacional, Resistência, Cânone Literário.

Referências:

SENADO FEDERAL, Coleção escritoras do Brasil; v.7 BRASÍLIA – DF. Um drama na roça/ por Carmen Dolores; apresentação Risolete Maria Hellman; prefacio Coelho Neto; notas Maria Helena de Almeida Soares Freitas, Mariana Sanmartin de Mello, Monica Almeida Rizzo Soares – Brasília: Senado Federal, 2021

HELLMANN, Risolete Maria. APESAR DA OUSADIA E IRREVERÊNCIA DE CARMEN DOLORES, O MEMORICÍDIO DE SUA OBRA E DE SUA ATUAÇÃO FEMINISTA. 2015, p.7.

HELLMANN, RISOLETE MARIA CARMEN DOLORES, ESCRITORA E CRONISTA: Uma intelectual feminista da Belle Époque / RISOLETE MARIA HELLMANN; orientadora, Zahidé Lupinacci Muzart - Florianópolis, SC, 2015. p. 15.

Shirley Laianne Medeiros da Silva
Doutorando do PPGL
shirley.lsilva@escola.seduc.pa.gov

Germana Maria Araújo Sales
Profa. Dra. - PPGL UFPA gmaa.sales@gmail.com

Quando observamos a produção intelectual feminina oitocentista, notamos que ainda não caminhamos o suficiente para fazer jus às reflexões e produções de mulheres escritoras e pensadores do século XIX, seja no Brasil, seja na América Latina. Frente a tal conjuntura, este trabalho visa traçar um paralelo entre duas importantes escritoras latinas, a brasileira Nísia Floresta (1810-1883) e a colombiana Soledad Acosta Samper (1833-1913) no que tange às suas produções em defesa da educação e exercício da intelectualidade feminina nos anos oitocentos. Por meio de análise textual com foco na Historia Literária, este trabalho observa a produção intelectual destas duas pensadores latinas oitocentistas, bem como suas reflexões e contribuições para a defesa da educação e do exercício do pensamento crítico feminino no contexto latino-americano em que se inserem, vislumbrando questões que se entrecruzam nestes escritos e, por sua vez, nos debates que se realizavam acerca da presença da mulher nos espaços de conhecimento, tão academicamente estimados nos anos oitocentos. Considerando-se uma produção coetânea, porém desenvolvida em diferentes espacialidades, observamos a reflexão intelectual na América Latina, acompanhando diferenças e aproximações no que tange o pensar da importância desta presença feminina nos lugares educacionais e críticos pelas próprias intelectuais que compunham e ocupavam tais espaços e que nos permitiram, com seus escritos, acessar tais testemunhos e considerações acerca de um tema ainda tão relevante nos dias de hoje.

Palavras-chave: História da Literatura, educacao feminina, século XIX.

Referências:
Revista eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, N° 30, p.346-364. Jan./jul., 2021. http://revista.anphlac.org.br p.358. Quando o “bello sexo” se conecta: reflexões de Soledad Acosta Samper sobre ensino das mulheres no Congresso Pedagógico Hispano-português-americano (1892). Thaís Moura Carneiro.
AUGUSTA, Nisia Floresta Brasileira; CLAYRE, Voltaryne de. Feminismo: 1ª onda. São Paulo: Aeroplano, 2021. 144p.

Personagens de Ficção e a Injustiça Representada

Luciana de Freitas Capela
Graduanda em Letras - Língua portuguesa – UFPA
lucianacapela708@gmail.com

Resumo: No que se refere ao século XIX é fundamental destacar que foi marcado por inúmeras transformações nos sistemas econômicos e sociais, principalmente relacionadas às classes trabalhadoras, às mulheres e aos colonizados. Foi a partir desse século que surgiram os movimentos sociais – o socialismo, os feminismos etc. É também o século do romance, pois passou a atuar (e ainda atua) como um cristalizador da sociedade moderna com representações de personagens injustiçados ou marginalizados e, dessa forma, a Literatura é uma ferramenta denunciante das ocorrências de inferioridades sociais. O trabalho buscou apresentar a aproximação de três autoras femininas, de séculos distintos, no que diz respeito a utilização da escrita como forma de expôr modos de socialização e papéis sociais em seus contextos e, consequentemente, uma análise das personagens que deletam as desigualdades, injustiças, impiedades e explorações em luta pelos direitos humanos nos três

romances: D. Narcisa de Villar (1858), de Ana Luísa de Azevedo Castro (1823-1869); A Luta (1911), de Carmen Dolores (1852-1910) e Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo (1946-). A pesquisa atendeu a um caráter exploratório pois baseou-se na leitura dos três romances para identificação das personagens femininas e masculinas e, a partir disso, realizou-se a elaboração dos verbetes; também foi necessária a realização de uma revisão bibliográfica de ensaios, teses, dissertações e demais referências acerca das obras. Portanto, a partir dos estudos realizados, conclui-se que a Literatura é vista como um instrumento potencializador no processo de humanização por meio das escritas das autoras que, com seus estilos narrativos, desempenham um papel fundamental na denúncia das injustiças sociais. E a relevância das personagens que, apesar de serem um "ser fictício", vivem o enredo e a ideias fornecendo impressões da vida cotidiana, expondo o conhecimento do outro a partir de uma realidade distante ou não do público leitor e, dessa maneira, essas personagens mantiveram-se próximas de um ser vivo pois adquirem um pleno significado no romance.

Palavras-chave: Literatura; Autoras Femininas; Direitos; Personagens; Injustiças sociais.

Referências:
CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. **D. Narcisa de Villar**. 4 ed. Florianópolis: Mulheres, 2001.
DOLORES, Carmen. **A Luta.** 1. ed. Rio de Janeiro: Livros de Criação: Ímã editorial, 2020.
EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

TEMAS FEMININOS POR ECILA WORMS: coluna A Moda (1892-1901) de Júlia Lopes de Almeida em O Paiz (RJ)

Italo Ramon Francisco de Melo Lima Ximenes
Doutorando em Letras (Estudos Literários) PPGL/UFPA
italoramonmelo@outlook.com

Germana Maria Araújo Sales
Doutora em Teoria e História Literária
Professora Titular ILC/UFPA germanasales@ufpa.br

Resumo: Historicamente, os periódicos não foram apenas veículos de notícias, mas também espaços vitais para a publicação de crônicas, contos e ensaios, estabelecendo uma relação simbiótica entre jornalismo e literatura. No século XIX e ainda até meados do século XX havia uma consciência sobre o espaço reduzido das mulheres como escritoras, sobretudo nos periódicos, no entanto, muitas delas valeram-se desse espaço para produzir mesmo em face do silenciamento histórico. Das inúmeras contribuições de mulheres para os jornais e periódicos, destacam-se as colunas publicadas e destinadas ao público feminino que, em grande parte, eram escritas sob pseudônimos, é o caso da escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida, que além de publicar romances e contos, contribuiu com o jornal fluminense O Paiz por quase 30 anos e publicou uma coluna de moda no mesmo jornal. Nessa perspectiva, propõe-se investigar os textos da coluna feminina A Moda (1892-1901) do Jornal O Paiz (RJ), que foi publicada por Julia Lopes de Almeida sob o pseudônimo Ecila Worms, o objetivo consiste em analisar os temas femininos veiculados na virada dos séculos. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica e documental e a fundamentação teórica se baseia na crítica literária feminina e feminista, além de estudos sobre a circulação e a recepção de textos literários em jornais e periódicos. Pesquisas iniciais demonstram que embora a temática da coluna gire em torno da Moda e Indumentárias femininas, percebe-se que a escritora utilizou o espaço destinado a um público feminino para discutir, de forma sutil e estratégica temas sobre etiqueta, comportamento, modernidade e até mesmo a emancipação feminina, subvertendo as expectativas da época e mostrando como o jornalismo e a literatura puderam se unir para dar voz às mulheres, mesmo em um contexto de silenciamento. A coluna reforça a ideia de que o espaço literário nos periódicos se tornou um campo fértil para que mulheres escritoras como Júlia Lopes de Almeida pudessem produzir e circular escritos femininos em

jornais e periódicos.

Palavras-chave: Coluna Feminina; Temas Femininos; Crítica Feminina; Ecila Worms.

Referências:
ALMEIDA, Júlia Lopes de. Júlia Lopes de Almeida (pseudônimo Ecila Worms): A Moda (1892-1901) [e-book] / [editores] Ana Cláudia Suriani da Silva; Tania Regina de Luca — Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2024. 483 p. — (Coleção As Mulheres no Jornal O Paiz; Volume 3).
ALMEIDA, Júlia Lopes de. Júlia Lopes de Almeida em O Paiz: 1884 a 1905 [e-book] / [editores] Milena Ribeiro Martins; Tania Regina de Luca — Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2024. 290 p. — (Coleção As Mulheres no Jornal O Paiz; Volume 4).
HOLLANDA, Heloisa Buarque; ARAÚJO, Lucia Nascimento. Ensaístas brasileiras. Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
LUCA, Tania Regina de e SILVA, Ana Cláudia Suriani da. A mulher jornalista na Belle Époque carioca. In Facchinetti, C. (ed.), Mulheres no Brasil: como chegamos até aqui. Brasil: Andrea Jakobsson Estúdio, 2023.
LUCA, Tânia regina de. PAIXÃO, Alexandro Henrique. SILVA, Ana Cláudia Suriani da. AS MULHERES NO JORNAL O PAIZ. In: Júlia Lopes de Almeida (pseudônimo Ecila Worms): A Moda (1892-1901) [e-book] / [editores] Ana Cláudia Suriani da Silva; Tania Regina de Luca — Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2024, páginas 08 – 10.

A construção das subjetividades masculina e feminina em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis

Yoná Milhomem de Oliveira
Mestranda do PPGLe-Uemasul
yona.milhomem@uemasul.edu.br

Edna Sousa Cruz
Doutora em Ensino de Língua e Literatura - UFT
edna.cruz@uemasul.edu.br

Resumo: Esta investigação insere-se na linha de pesquisa Literatura, diálogos e saberes do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras - PPGLe/UEMASUL e investiga como Maria Firmina dos Reis contribuiu para a visibilidade e reflexão acerca de questões sociais relacionadas às figuras masculina e feminina que ainda permeiam a sociedade brasileira nos dias atuais. O estudo tem como objetivo analisar a construção das subjetividades do sujeito negro e da figura feminina na literatura romântica brasileira, a partir de uma análise do primeiro romance escrito por Maria Firmina dos Reis. O objeto de estudo é o romance Úrsula (2018 [1859]), e o corpus, excertos desta obra. A pesquisa insere-se no campo da literatura afro-brasileira, e apresenta uma abordagem interdisciplinar que busca relacionar o romance Úrsula com o período escravocrata maranhense e a literatura desenvolvida à época. Por meio das rememorações das personagens Mãe Susana, Túlio e Antero, pretende-se analisar a construção do sujeito diaspórico no contexto de escravidão e da figura feminina no contexto do patriarcado do século XIX, pontuando imagens e representações exploradas na narrativa por eles construída. As problemáticas do sujeito diaspórico, identidade, raça e gênero são articuladas nesse estudo norteadas por teóricos como Kilomba (2019) e Davis (2016), e por teóricos do pensamento social brasileiro, a exemplo de Duarte (2013) e Proença Filho (2004). A leitura analítica dos dados sinaliza que Maria Firmina dos Reis, por meio do romance Úrsula dessilencia a voz de mulheres negras e homens negros que, inseridos naquela conjuntura social de subalternização, padeciam sob um sistema perverso de exclusão. Assim sendo, reflete-se acerca da narrativa firminiana que rompe com a visão hegemônica da época para dar lugar a um discurso anti-escravagista, construído pela voz enunciativa do sujeito escravizado que narra a história.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Maria Firmina dos Reis. Úrsula.

Referências:
DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Trad. H. R. Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
DUARTE, E. A. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea,** Brasília, n. 31, p. 11-23, 2008. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430. Acesso em: 10 set. 2024.
DUARTE, E. A. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira [Posfácio]. In: REIS, M. F. **Úrsula**. 4. ed. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. p. 266-281.
DUARTE, E. A. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/16787. Acesso em: 18 ago. 2024.
KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980. Acesso em: 27 ago. 2024.
REIS, M. F. **Úrsula.** 2. ed. Jundiaí: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018 [1859]. (Acervo brasileiro, 2).

Senhora mulher em Gabinete de leitura e na campanha do voto feminino

Marcelo Jordan Reis de Oliveira
Graduando em Letras Língua Portuguesa – UFPA
marcelo.jordan.reis@gmail.com

Germana Maria Araujo Sales
Doutora – UFPA
germanasales@ufpa.br

Resumo: Esta pesquisa, vinculada ao projeto “Literatura e sociedade: releituras de vozes plurais”, insere-se no campo dos estudos sobre literatura de autoria feminina e sua interseção com a história social e política brasileira do século XIX, investigando a atuação de Josefina Álvares de Azevedo, escritora, jornalista e dramaturga, pioneira na defesa do sufrágio feminino no Brasil. Sua peça O Voto Feminino (1890) e o jornal A Família constituem expressivos exemplos de uma escrita que articula recursos literários e jornalísticos para questionar a exclusão política das mulheres e propor novas formas de inserção feminina na esfera pública. De caráter qualitativo, a pesquisa baseia-se em análise bibliográfica e documental, contemplando a leitura e interpretação de obras de Josefina, como O Voto Feminino, exemplares do jornal A Família e estudos críticos de Barros (2023), Karawejczyk (2018), Correa e Silva (2019), Santos (2022) e Duarte (2016). A metodologia envolve, por um lado, a contextualização da produção da autora no feminismo oitocentista e na imprensa como espaço de atuação política e, por outro, a análise do discurso dramatúrgico como instrumento de resistência cultural. O referencial teórico apoia-se nos estudos feministas e na crítica literária, com destaque para os conceitos formulados por Simone de Beauvoir em O Segundo Sexo (1949), notadamente imanência e transcendência: a imanência refere-se à condição imposta historicamente às mulheres, confinando-as à repetição e manutenção da vida doméstica, sem projeção social significativa; a transcendência, por sua vez, designa a capacidade de agir criativamente no mundo, engajar-se em projetos e transformar a realidade. Na peça O Voto Feminino, as personagens femininas enfrentam a resistência masculina e denunciam as estruturas que as mantêm na esfera da imanência, reivindicando, por meio da conquista do direito ao voto, a possibilidade de transcendência e de atuação plena no espaço político. Os resultados preliminares indicam que Josefina desempenhou papel central na construção de um pensamento feminista no Brasil oitocentista, utilizando ironia, crítica social e estratégias dramatúrgicas para desarticular argumentos contrários ao sufrágio e ampliar o

debate sobre cidadania, educação e direitos das mulheres. Ao lado do jornal A Família, sua dramaturgia contribuiu para deslocar a mulher do papel passivo e relegado ao espaço doméstico para o de agente social e político, demonstrando que a literatura pode atuar como instrumento eficaz de contestação e transformação em uma sociedade marcada por hierarquias de gênero e pela exclusão das vozes dissidentes.

Palavras-chave: Josefina Álvares de Azevedo. Sufrágio. Brasil oitocentista. Escrita feminina. História literária.

Referências:
AZEVEDO, Josefina Álvares de. O Voto Feminino. 1890.
BARROS, Débora José. Escrita Transgressora no Brasil Oitocentista: Josefina Álvares de Azevedo e a emancipação das mulheres. Orientador: Prof.ª Draª. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro. 2023. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) (Licenciatura em História) - Pontifícia Universidade Católica do Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/7023.
BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
CORREA E SILVA, L. O direito ao voto feminino no século XIX brasileiro: a atuação política de Josephina Alvares de Azevedo (1851-1913). Revista Aedos, [S. l.], v. 10, n. 23, p. 114–131, 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/87365.
DUARTE, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
KARAWEJCZYK, Mônica. Josefina Álvares de Azevedo e a pela teatral O Voto Feminino: a escrita como instrumento de luta. Revista Travessias, v. 12, n. 1, p. 314-335, jan.\abr. 2018. Disponível em: http://www.unioeste.br/travessias.
SANTOS, Lívia Assumpção Vairo dos. Vozes para além da alcova: discurso feminista no jornal A Família, de Josephina Álvares de Azevedo. Orientador: Lucia Maria Bastos Pereira das Neves. 2022. 274 f. Tese (Doutora em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2022.

O Caboclo Ribeirinho e seu Lugar de Fala na crônica “Ouçam o ruído dos jacumãs”, de Eneida de Moraes

Joelma Lobo de Lira
Professora Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas
Mestra em Letras/POSLET- UNIFESSPA
joelmalp2@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe um recorte da análise da crônica “Ouçam o ruído dos jacumãs”, da autora paraense Eneida de Moraes, presente na obra Cão da Madrugada (1954), abordado em minha Dissertação de Mestrado. A crônica em questão apresenta as condições de vida do caboclo amazônico e faz um apelo aos representantes da sociedade para que atentem aos anseios do povo ribeirinho. A pesquisa utilizada para este trabalho é de cunho bibliográfico e mantém seu foco na representação das condições de vida dos ribeirinhos diante dos problemas sociais relacionados às cheias dos rios amazônicos. O embasamento teórico é alicerçado em ideias de autores como Hugo Achugar (2006) na obra Planetas sem boca, que traz à discussão os principais debates da contemporaneidade como a diversidade Cultural, a relação entre local e universal, subalterno e mandatário, identidade e tradição; com uma visão política, filosófica e cultural. A obra Pode um subalterno falar? da indiana Gayatri Spivak (2010) também serve de suporte para esta pesquisa, tendo em vista que propõe que a tarefa do intelectual pós-colonial deva ser a de trazer aos sujeitos subalternizados uma tomada de posição, para que estes possam dialogar com a sociedade e expressar suas falas para, assim, serem ouvidas e legitimadas. Outra fonte de pesquisa é a escritora brasileira Djamila Ribeiro (2017), estudada a partir

da obra O que é Lugar de Fala? Neste trabalho de Ribeiro, é possível perceber um posicionamento acerca das vozes das minorias que foram historicamente paralisadas. Daí surge o questionamento acerca de quem consegue ter acesso à voz na sociedade. Dessa forma, objetiva-se a partir da crônica Ouçam o ruído dos jacumãs, fazer um diálogo entre o ponto de vista da autora paraense em relação às minorias, em destaque aos ribeirinhos e ainda colocar em discussão o "lugar de fala" do caboclo retratado na crônica, uma vez que a obra versa acerca do contexto da periferia amazônica, especialmente relacionados às consequências das enchentes na região. Nesse sentido, a crônica apresentada neste trabalho apresenta um diálogo com a realidade vivenciada pelas populações que vivem às margens dos rios e trata-se de um instrumento educacional poderoso para a sociedade, foi-nos possível alcançar dentre os resultados a ideia de que por meio do texto literário, a autora apresenta outros discursos, marcando o seu lugar de fala, ou seja, a própria voz da cronista aliada às teorias abordadas pelos estudiosos apreciados ao longo da pesquisa. Eneida usa as palavras para questionar e problematizar as relações subalternizantes vivenciadas pelo caboclo e esta mesma situação ainda persiste nos dias de hoje. Assim, nota-se que a escrita eneidiana é simbolicamente empoderada, pois, do lugar onde se encontrava (sudeste do país), ela consegue falar e colocar em pauta questões sociais muito relevantes e de forma poética, expõe as mazelas vividas pelo caboclo, deixando claro a potência das palavras, pois, seu apelo foi feito na década de 60 ainda ecoa na atualidade.

Palavras-chave: Crônica, Identidade Ribeirinha, Periferia, Enchentes.

Referências:
ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca: Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
MORAES, Eneida de. Cão da madrugada. Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, 1954.
RIBEIRO, Djamila. O que é o lugar de fala? Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

Uma análise sobre as personagens femininas no romance *Duas irmãs* (1883), de Délia

Kauanne Laryse da Costa Oliveira
Doutoranda do PPGL-UFPA
oliveira.kauanneoliveira@gmail.com

Juliana Maia de Queiróz
Profª Drª do PPGL-UFPA
Jumaiaque@gmail.com

Resumo: Este artigo busca analisar as personagens femininas do romance Duas irmãs, escrito em 1883 e publicado em livro junto de mais dois romance no ano seguinte, 1884, da autora Maria Benedita Câmara Bormann, que assinou sob o pseudônimo Délia, a partir as relações estabelecidas entre três personagens do mencionado romance: Diana, Julieta e Ester. A análise se deu a partir do princípio de que as essas personagens são a força motriz da narrativa de Délia e não estão totalmente submissas às vontades dos homens, ainda que vivam numa sociedade brasileira patriarcal da segunda metade do século XIX. Essa pesquisa utiliza, assim, uma abordagem de caráter bibliográfico, em que prevalece a análise do romance Duas irmãs (1884) sob a perspectiva de como essas três mulheres são representadas no decorrer da narrativa, buscando evidenciar que, embora estejam sujeitas aos ditames sociais da época em que viviam, conseguiam, através de subterfúgios e manipulações, impor suas vontades e terem algum tipo de controle sobre seus destinos. A narrativa é centrada e desenvolvida a partir da relação dessas três mulheres; os outros personagens, homens, são secundários. A pesquisa buscou explorar a maneira como o social interfere na vivência dessas mulheres e na maneira como elas interagem entre elas. Para tal análise, buscamos evidenciar alguns fatores sociais, como o casamento e outras relacionamentos familiares que se formam a partir dele, influenciam no comportamento das

personagens Diana, Julieta e Ester e no relacionamento que elas formam entre elas e como esses fatores, para além de apresentarem um contexto, formam mesmo a estética narrativa. Utilizamos como suporte teórico, dentre outros autores, Antonio Candido (1965), Benoit Denis (2000), Norma Telles (2011) e Laila Thaís Correa e Silva (2024). A análise desenvolvida permitiu que percebêssemos que as personagens femininas do romance de Délia carregam a força narrativa da obra e que mesmo que vivessem em uma sociedade que as marginalizavam, elas detinham algum poder dentro do seio familiar. Este estudo demonstra que as personagens femininas podem compor o enredo central de uma obra, além de serem elas indivíduos fortes, arbitrários e decisivos, saindo do estereótipo submisso que se pode ter sobre as mulheres do século XIX.

Palavras-chave: Personagens Femininas; Representação Feminina; Século XIX; Casamento; Relações Familiares.

Referências:
BORMANN, Maria Benedita Câmara (Délia**). Duas irmãs (1883).** Coleção Rosas de Leitura. Introdução, atualização do texto e notas de Norma Telles, 2011. Disponível em: https://www.normatelles.com.br/_files/ugd/b7613b_087153ba1d35494f9643484298c25d55.p df. Acesso em: 10 de maio de 2024.
CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Tovadia, 2023.
DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento**: de Pascal a Sartre. Tradução Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru – SP: EDUSC, 2002.
TELLES. Norma. Notas de uma leitura. In: BORMANN, Maria Benedita Câmara (Délia). **Duas irmãs (1883).** Coleção Rosas de Leitura. Introdução, atualização do texto e notas de Norma Telles, 2022. Disponível em: https://www.normatelles.com.br/_files/ugd/b7613b_b2c2cfa5908c4df89ea06f00a14bf183.pdf. Acesso em: 10 de junho de 2025.
SILVA, Laila Thaís Correa e. 2024. **Josephina, Ignez e Délia**: a literatura combativa das mulheres de Letras no Brasil de fins do século XIX. Eduel. Londrina. PR

A Presença das Colunistas: CARMEN DOLORES E JÚLIA LOPES DE ALMEIDA nas páginas dominicais do Jornal "*O PAIZ*"

Camila Néo Corrêa
Doutoranda do PPGL-UFPA
camila20neo@gmail.com

Germana Maria Araújo Sales
Doutora em Literatura – PPGL-UFPA
gmaa.sales@gmail.com

Resumo: A imprensa foi um dos principais suportes para divulgar os textos literários no século XIX. A novidade chegou no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro e nas demais províncias e naquela época, contávamos com um número expressivo de periódicos. Entre esses jornais, nossa atenção se dirige para o "O Paiz", periódico este de grande destaque entre o público carioca, que circulou entre 1884 a 1934. O jornal foi um dos maiores representantes de publicações de textos literários dos séculos XIX e XX e grande personalidade da história e da implantação da República. O suporte ostentou por anos, na primeira página de cada edição, ser a folha de maior tiragem e de maior circulação na América Latina. Além de apresentar em suas páginas textos noticiosos, ideológicos, políticos, fizeram-se presentes também, as produções literárias de autores consagrados da nossa literatura entre os quais destacavam-se: Arthur Azevedo, Coelho Neto, Machado de Assis, Carmen Dolores, Júlia Lopes de Almeida, entre outros. Nosso trabalho objetiva corroborar como a mídia foi uma ferramenta valorosa no processo de divulgação dos escritos literários femininos em meio social, entre eles destacam-se as crônicas

publicadas por Carmen Dolores e Júlia Lopes de Almeida no jornal em estudo. É sobre a presença da autoria feminina representada pelas cronistas Carmen Dolores e Júlia Lopes de Almeida, nas páginas do jornal "O Paiz", que proponho este trabalho. É importante ressaltarmos que as escritoras supracitadas iniciaram suas respectivas trajetórias literárias em jornais. A primeira como nome de batismo Emília Moncorvo Bandeira de Melo – utilizou-se do pseudônimo Carmen Dolores, com sua estreia na seção das crônicas – em janeiro de 1905. A derradeira, iniciou sua carreira literária em 1881, no jornal Gazeta de Campinas, por meio do escrito intitulado, Gemma Cuniberti, trabalho este que expressou de modo significativo os posteriores, produzidos por Júlia Lopes, por meio de temáticas as quais enfocam temas cotidianos, ou seja, o campo familiar, social e o universo feminino, além de temáticas transversais como o trânsito numa sociedade ainda escravocrata e patriarcal. Desse modo, a partir de pesquisas bibliográficas dentre as quais citamos: Dulcília Buitoni (1981), Risolete Hellmann (2015), Norma Teles (2011), Constância Duarte (2016) e documental, foram feitas análises do jornal – O Paiz (disponível na Hemeroteca Digital Brasileira.)

Palavras-chave: Imprensa; Autoria Feminina; Crônicas.

Referências:

BUITONI, Dulcília H. S. Mulher de papel. **A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira.** São Paulo: Loyola, 1981.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil 1900.** 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

HELLMANN, RISOLETE MARIA CARMEN DOLORES, ESCRITORA E CRONISTA: Uma intelectual feminista da Belle Époque / RISOLETE MARIA HELLMANN; orientadora, Zahidé Lupinacci Muzart - Florianópolis, SC, 2015.

TELLES, N. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: PRIORE, M. D.; PINSKY, C. B. (Coords). **História das Mulheres do Brasil**. 10. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

DUARTE, Constância Lima**. Imprensa Feminina e Feminista no Brasil**: Século XIX – Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016 – Paula da Silva RAMOS – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP/Assis.

ENTRE O CAETÉ E A REVOLUÇÃO: A FIGURAÇÃO INDÍGENA EM A LÁGRIMA DE UM CAETÉ (1849), DE NÍSIA FLORESTA

David Patrick Tavares Belo
Doutorando – PPGL/UFPA
Dbelo76@gmail.com

Resumo: Este estudo analisa a figuração dos povos indígenas na obra A Lágrima de um Caeté (1849), de Nísia Floresta, um poema narrativo que denuncia a violência e a marginalização dos povos nativos durante o período colonial. A escolha de Nísia Floresta como objeto de análise também se justifica por sua importância como uma das primeiras intelectuais brasileiras a atuar em um espaço predominantemente masculino. No século XIX, apesar da consciência feminina acerca do espaço restrito no campo das Letras, algumas mulheres, como Nísia, se utilizaram da escrita não apenas como forma de expressão artística, mas como instrumento de denúncia social, assim como ela mostra em seu livro de ensaios Opúsculo Humanitário (1853). Diferente da idealização dos indígenas promovida pelo indianismo romântico da época, a autora oferece uma perspectiva crítica, evidenciando as injustiças e a perda cultural sofrida pelos povos originários. Além disso, o poema estabelece uma conexão entre a luta dos indígenas e a Revolução Praieira, um dos mais significativos movimentos liberais do século XIX, sugerindo um paralelismo entre os oprimidos ao longo da história brasileira. Essa articulação entre questões étnicas e políticas já revela o olhar de Nísia sobre as dinâmicas de poder e exclusão em

sua época. A obra também se insere na discussão sobre a dissonância literária, ao questionar as ideologias hegemônicas e a imposição de valores culturais que invisibilizam as vozes nativas. A narrativa expõe, assim, um tensionamento entre o discurso dominante e a resistência dos grupos subalternizados, problematizando a posição que os autores, e especialmente as autoras, possuíam no século XIX diante dos embates sociopolíticos e culturais. Este trabalho adota uma metodologia qualitativa e documental, fundamentada em estudiosas como Constância Lima Duarte (1999, 2022), Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2018), Simone Cristina Mendonça (2013) e Zahidé L. Muzart (1995), para analisar como o poema não apenas resgata a voz dos povos indígenas, mas também questiona o papel da colonização na formação da identidade nacional brasileira. Ao mesmo tempo, a obra permite discutir o apagamento histórico das intelectuais brasileiras, como ocorreu com tantas escritoras do século XIX e XX, que foram preteridas pelas instituições e ignoradas pelos cânones literários. Constância Lima Duarte (1999) destaca que A Lágrima de um Caeté apresenta não apenas uma abordagem indianista, mas também elementos de um indigenismo precursor, que refuta a imagem romantizada do "bom selvagem" e denuncia a violência contra os povos originários. Portanto, a partir da obra de Nísia Floresta, busca-se contribuir para uma revisão crítica da tradição literária brasileira, ao destacar o lugar das mulheres na produção intelectual do século XIX e ao ampliar a compreensão sobre a figuração indígena na literatura nacional. Essa leitura crítica visa colaborar com a (re)valorização da escrita de mulheres, promovendo uma escuta ativa das suas vozes ainda silenciadas na história da literatura brasileira.

Palavras-chave: Nísia Floresta; A Lágrima de um Caeté; Literatura feminina; Figuração indígena; Identidade nacional; Indigenismo.

Referências:

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023 [1959].

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: Estudos de teoria e história literária. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023 [1965].

DUARTE, Constância Lima Duarte. Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: MUZART, Zahidé L. (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**. Antologia. vol. I. Florianópolis: Mulheres/ Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

DUARTE, Constância Lima. A lágrima de um Caeté: uma nova página do indianismo brasileiro. In: FLORESTA, Nísia. **A lágrima de um Caeté.** Fundação José Augusto, Ri Grande do Norte, 1997 [1849].

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: século XIX: dicionário ilustrado. 1 ed.; 1 reimp. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In.: AGUIAR, N. (Org.). **Gênero e Ciências Humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 85 – 94.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Tradução: Denise Bottmann. 1. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. Notas de Maria Helena de Almeida Freitas e Mônica Almeida Rizzo Soares. Brasília: Senado Federal, 2019 [1853].

HONORATO, Suene. **Cânone Romântico Brasileiro**: exclusão das lutas indígenas e suas implicações para o presente. Revista Memória em Rede, v. 13, n. 24, p. 84-99, 2021.

MENDONÇA, Simone Cristina. Histórias literárias e circulação de narrativas ficcionais: uma reflexão sobre os primeiros livros impressos no Brasil. In.: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (org.). **A tradição literária brasileira**: entre a periferia e o centro. Brasília: Argos, 2013. p. 99 - 114.

MUZART, Zahidé L. **A questão do cânone**. Anuário de literatura, p. 85-93, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: Uma biografia. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORI, Mary (org**.). História das Mulheres no Brasil,** 10, 401-442, 1997.
MUZART, Zahidé L. **A questão do cânone**. Anuário de literatura, p. 85-93, 1995.

Dramaturgia feminina de Roraima: Temas e Urgências

Francisco Alves Gomes
Doutor em Literatura PPGL – UFRR
francisco.alves@ufrr.br

O projeto de pesquisa intitulado "Cartografias do Teatro e a Performance em Roraima" tem suscitado uma gama de questionamentos que irradiam a necessidade de estudos sistêmicos acerca do teatro, teatralidades e dramaturgias produzidas no extremo norte do país. O encontro de textos esparsos, fragmentos, entrevistas e narrativas dispersas no tempo através de diretores teatrais e escritores culminaram em análises que evidenciaram a escritura de peças teatrais sob um viés incipiente no cenário da literatura localmente referenciada. Diante desse contexto, verificamos que a maioria dos textos teatrais produzidos são de autoria masculina. Neste sentido, nossa inquietação pretende refletir sobre a dramaturgia produzida por mulheres. Para encetar a reflexão tomamos por base as peças "Chegança cordel do bem-querer (2011)", de Zanny Adairalba; "A mistura (2020)", de Vanessa Brandão; e "O grande encontro (2025)", da escritora indígena Sony Ferseck. O espaçamento temporal de um texto para o outro explicita como a escrita do gênero dramático produzida por mulheres é inexpressiva. Se este sintoma nos causa espanto, ele também evoca uma série de perguntas, tais como: do que trata a dramaturgia escrita por essas mulheres na Amazônia setentrional? A que perspectivas estéticas se filiam essas peças? Como as textualidades teatrais tensionam a literatura produzida no estado no que diz respeito à autoria feminina? No que concerne a metodologia, cotejamos as três obras a partir dos tópicos: identidade(s), autoria e Amazônia. A reflexão possui agenciamento teórico em Vincenzo (1992), Hall (2003), Ryngaert (2013), Sanches (2016) entre outros. De modo geral constatamos que as três dramaturgias apresentam aspectos temáticos que trazem à baila temas como o feminino, a regionalidade, o universal e a ancestralidade, ao mesmo tempo em que tudo isso dialoga com caracteres estilísticos do teatro contemporâneo. Portanto, nossa análise intenta promover visibilidade para o gênero dramatúrgico produzido por mulheres roraimenses ou roraimadas, além de contribuir com o debate urgente acerca da história das ideias teatrais/dramatúrgicas em Roraima.

Palavras-chave: Dramaturgia, Teatro, Feminino, Roraima, Identidades.

Referências:
RYNGAERT, Jean Pierre. **Ler o teatro contemporâneo**. Trad. Andre Stahel. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.
SANCHES, João Alberto Lima. **Dramaturgias de desvio: recorrências de textos encenados no Brasil de 1995 a 2015.** Tese de doutorado. Bahia, 2016.
VINCENZO, Elza Cunha de. **Um teatro da mulher.** São Paulo: Perspectiva, 1992.
HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Os não-ditos das narrativas fundadoras: D. Narcisa de Villar e Úrsula

Wanessa de Oliveira Coelho
Doutoranda do PPGL-UFPA
woliveira@ufpa.br

Resumo: O presente artigo propõe uma análise crítica das representações femininas em romances de autoria de mulheres no Brasil oitocentista, com foco nas obras D. Narcisa de Villar (1859), de Ana Luísa de Azevedo Castro, e Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis. O estudo parte da constatação de que a inserção da mulher no campo literário, sobretudo na segunda metade do século XIX, implicou não apenas a ampliação de sua presença na esfera pública, mas também a reconfiguração das formas de representação do feminino nas narrativas ficcionais. Assim, com base na premissa de que essas autoras, embora operando dentro de moldes estéticos da época, promoveram deslocamentos narrativos que revelam vozes marginalizadas e memórias silenciadas. A pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e analítica, fundamentada nos pressupostos da crítica feminista, especialmente com base em Rita Terezinha Schmidt (2017). Como resultado, observa-se que, ainda que inseridas na estética romântica, as autoras mobilizam estratégias discursivas capazes de dar visibilidade a sujeitos historicamente silenciados — como mulheres, indígenas e negros —, revelando os limites do projeto nacional idealizado pela literatura canônica do século XIX. Em *D. Narcisa de Villar*, o protagonismo da indígena Efigênia desvela uma crítica à violência colonial e ao mito pacificador da origem nacional; enquanto em *Úrsula*, a personagem Susana rompe com os arquétipos da mulher-anjo e mulher-demônio ao vocalizar, de forma inédita, a experiência da escravidão sob a perspectiva de uma mulher negra. Dessa forma, seus textos operam como narrativas da margem, denunciando contradições sociais e ampliando o campo da representação literária. O estudo conclui que essas obras não apenas tensionam os mitos fundadores da nacionalidade brasileira, mas também contribuem de forma significativa para a revisão do cânone literário, inserindo novas perspectivas de gênero, raça e pertencimento na história da literatura nacional. Dessa forma, tais obras resgatam dimensões históricas e sociais negligenciadas, reafirmando a importância da escrita feminina no processo de formação da literatura brasileira.

Palavras-chave: Literatura Feminina; Oitocentos; Identidade Nacional; Narrativas da Margem; Personagens Femininas.

Referências:
Castro, Ana Luísa de Azevedo. 1859. D. Narcisa de Villar. Tipografia F. de Paula Brito. RJ. Reis, Maria Firmina. 2021. Úrsula. Antofágica. RJ. Schmidt, Rita Terezinha. 2017. Descentramentos/ convergências: ensaios de crítica feminista. Editora da UFRGS. POA.

CAROLINA MARIA DE JESUS: DA FAVELA À LITERATURA, UM REFÚGIO SOCIAL

Carla Alice Faial
Orientadora: Profª. Drª. Juliana Maia de Queiroz
Linha de pesquisa: Literatura: Interpretação, Circulação e Recepção E-mail: faialcarla@gmail.com

Resumo: Este trabalho intitulado CAROLINA MARIA DE JESUS: DA FAVELA À LITERATURA, UM REFÚGIO SOCIAL, pretende deslizar por entre as narrativas trazidas pela escritora Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977) e suas composições artístico-literárias, e traz como objetivo principal apresentar os lugares de disputa, conflito e criação que atravessam e se (re) produzem na sua literatura, numa relação que envolve a Carolina-mulher, mãe, semianalfabeta, negra, pobre, migrante, nômade, favelada, artista e escritora. A escolha da escritora e suas narrativas como figura central da tese, se deu por uma identificação pessoal no que tange ao aspecto fome e também por entender a relevância de sua escrita nos processos direcionados aos sujeitos, da criminalização de suas vidas, de seus corpos e

suas vivências. Por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, ancorada na inter-relação entre Literatura, Arte e Sociedade, compreende as obras da autora como manifestação ou representação de uma voz pujante em pleno momento histórico do desenvolvimento econômico brasileiro. A autora desponta com o diário, e ao longo de sua escrita, por meio de poemas, canções, e tantas outras produções, esta tece críticas aos políticos, expondo a miséria e a fome de um país que está em processo de superação do subdesenvolvimento, mas incapaz de assistir a todos. Para embasar a pesquisa, trazemos, até o presente momento, as contribuições de Constância Lima Duarte (2003; 2009; 2018), Edy Lima (2021), Eurídice Figueiredo (2020), Hugo Romano Mariano (2021) Joel Rufino dos Santos (2009), Juliana de Toledo Nabosne (2022), Lúcia Miguel Pereira (1954), Tom Farias (2018), bem como pesquisas em fontes primárias da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDB) e do Instituto Moreira Salles (IMS). De acordo com nossa pesquisa, até o momento (segundo ano de doutorado), percebemos a força criadora e criativa de uma mulher determinada a viver pelo seu ideal de vida: a literatura. Através da publicação de fragmentos de seus diários (o primeiro deles intitulado "Quarto de Despejo", lançado em 1960), poemas, romances, letras de músicas, peças de teatro; a escritora provoca tensionamentos potentes dentro das narrativas literárias brasileiras. Uma literária "imprevista", de um lugar improvável, cujo discurso soa estranho, disputa a narrativa tradicional brasileira. Em suas "escrevivências", ela traz questões muito importantes que devem ser pensadas, refletidas, tais como a identidade, memória, espaço, linguagem e cultura. Carolina Maria de Jesus lutou para conquistar dignidade e para se constituir como alguém que resiste à exploração e à desumanização. Suas composições artístico-literárias testemunham a história dessa luta e da opressão a que estão confinados os pobres no Brasil das primeiras cinco décadas do século XX. A autora apresenta um projeto literário de resistência por meio da poesia.

Palavras-chave: Narrativa. Favela. Literatura. Arte.

A contribuição de Josephina Alvares de Azevedo para a Emancipação Feminina no Brasil

Maria Luiza Rodrigues Faleiros Lima
Doutoranda do PPGL - UFPA
marialuiza@ufpa.br

Resumo: A imprensa no Brasil tem sido, desde seus primórdios, uma das principais formas de difusão de cultura e opiniões, entretanto, durante muito tempo, esse instrumento esteve nas mãos de elite econômica formada, principalmente, por homens. A voz feminina começou a ser mais disseminada quando as mulheres conseguiram editar e publicar seus próprios periódicos. Uma das principais formas de expressão nesses jornais foram os textos críticos que pautavam a luta pelos direitos femininos, como o acesso à educação, o sufrágio feminino, a permissão ao divórcio e uma maior possibilidade de abertura para as mulheres no mercado de trabalho. Além disso, identificamos também um grande número de textos literários com teor emancipatório da mulher veiculados nesse tipo de suporte, como, por exemplo, a peça teatral publicada em formato de folhetim, O Voto Feminino, de Josefina Álvares de Azevedo, importante jornalista, poeta, biógrafa, dramaturga e presença intelectual de destaque no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Além disso foi proprietária e editora do jornal A Família, através do qual possibilitava a publicação de textos femininos e feministas, entre os anos de 1888 a 1898. Assim sendo, o presente trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de vida e a contribuição de Josefina para a causa da emancipação moral feminina no Brasil. Para cumprir com os objetivos, utilizamos a pesquisa bibliográfica e documental, através da análise dos materiais publicados sobre o tema e a análise das fontes primárias, mais especificamente os jornais publicados no século XIX e início do XX. Os resultados parciais apontam a grande contribuição de Josefina Álvares de Azevedo para a causa da Emancipação da mulher, através de suas publicações críticas no jornal A Família e da peça de teatro O Voto Feminino, o que fomentou uma maior visibilidade para a causa da emancipação moral feminina no Brasil, resultando em uma maior liberdade para essa parcela da sociedade como um todo.

Palavras-chave: Literatura Feminina Emancipatória, Josefina Álvares de Azevedo, Periódico A Família, Peça O Voto Feminino, Imprensa Periódica.

ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE: as vozes femininas em Enervadas (1922) e Uma Paixão (1923), de Chrysanthème

Maria do Carmo Balbino Galeno
Doutoranda do PPGL-UFPA
imcbgaleno@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho propõe um estudo sobre as vozes femininas nos romances Enervadas (1922[2019/2022]) e Uma Paixão (1923[2025]), de Chrysanthème, pseudônimo da romancista e jornalista carioca Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos (1869-1948). Nosso objetivo é expor a condição da mulher no Brasil nas primeiras décadas do século XX, momento em que Chrysanthème produz suas obras, nas quais podemos encontrar tanto as descrições da sociedade conservadora, em suas instituições, cujas normas patriarcais subjugavam a mulher exigindo que se comportasse como um "Anjo do Lar", bem como a coragem dessa mulher em ouvir os seus mais íntimos desejos e, mesmo confinada à moral da época, contestar as normas e os papéis a ela designados, reivindicando, dessa forma, meios libertários como o divórcio e a possibilidade do amor livre, isto é, fora do casamento. Por meio de uma pesquisa qualitativa bibliográfica, o estudo examina o estilo da narrativa, ora liberal, ora conservador da autora, bem como as vozes femininas submissas e rebeldes presentes nos enredos. Considerando que Chrysanthème transitava livremente no meio jornalístico e literário, era respeitada como escritora de sucesso e seus romances tinham uma boa recepção de público leitor e crítico, é curioso observar que, após a sua morte, suas obras literárias não tiveram reedições, dessa forma, Chrysanthème e tantas outras autoras, foram esquecidas, apagadas, invisibilizadas, em outras palavras foram vítimas de memoricídio, fenômeno que as afastou do cânone literário nacional, vindo à luz recentemente através dos estudos de corajosas pesquisadoras, bem como de reedições de alguns de seus romances, dois dos quais buscamos analisar no presente estudo. Para trilhar esse caminho com segurança, dialogamos com os estudos de Constância Lima Duarte (2022;2023), Maria de Lourdes de Melo Pinto (2006), Beatriz Rezende (2019), Regina Salgado Campos (2025), dentre outras, bem como pesquisas em fontes primárias na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDB).

Palavras-chave: Autoria feminina; Brasil; Século XX; Memoricídio; Chrysanthème.

Referências:

CHRYSANTHÈME. **Enervadas**. 2. ed. São Paulo: Carambaia, 2022.
CHRYSANTHÈME. **Uma Paixão**. 2. ed. São Paulo: Com-Arte, Editora da Universidade de São Paulo, 2025.
CAMPOS, Regina Salgado. Chrysanthème, entre conservadora e libertária. Prefácio. In: CHRHYSANTHÈME, **Uma Paixão**. 2. ed. – São Paulo: Com-Arte, Editora da Universidade de São Paulo, 2025. p 7-22.
DUARTE, Constância Lima. Na contramão do memoricídio. In: **Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história**. DUARTE, Constância Lima (org.). Volume 1. (Várias autoras). Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.
DUARTE, Constância Lima (2023). **Imprensa feminina e feminista no Brasil. Século XX: 1900-1949. Dicionário ilustrado**. Vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica.
HEMEROTECA Digital**. Biblioteca Nacional Digital Brasil** (BNDB). Disponível em: http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/ Acesso em: junho de 2025.
PINTO, Maria de Lourdes de Melo. **Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysanthème**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-

graduação em Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.
RESENDE, Beatriz. As malcomportadas moças dos anos 1920. Posfácio. In: CHRYSANTHÈME. **Enervadas.** 2. ed. São Paulo: Carambaia, 2022. p. 145-157.

A poesia de Cecília Meireles como meio de letramento no processo de formação de leitores do 6º ano

Lucelino Mendes Vulcão
Mestrando do PROFLETRAS-UNIFESSPA
lucelinomendes@gmail.com

Simone Cristina Mendonça
Orientadora do PROFLETRAS - UNIFESSPA
Simonecm@unifesspa.edu.br

Este trabalho propõe mostrar a possibilidade de fazer com que os alunos adquiram o gosto pela leitura através da poesia de Cecília Meireles, e que descubram toda beleza que há no universo da leitura, pois ela não é meramente decodificação de códigos linguísticos, mas algo bem maior, que produz significado, levando-os a se tornarem sujeitos de fato, uma vez que passam a compreender a realidade e também a modificá-la. É desafiador pensar como boa parte dos alunos não desenvolve certas habilidades em Língua Portuguesa durante um dado período escolar ou ano de estudo, fazendo com que competências essenciais não sejam desenvolvidas, contribuindo para que haja uma lacuna enorme em seu processo de formação. E a leitura não foge a isso. Olhando a realidade dos alunos, é notório que muitos leem pouco ou quase nada. Muitos apenas decodificam as palavras sem estarem preocupados se estão entendendo o que estão lendo. O que gera queixas por parte dos professores de que há um desinteresse muito grande dos alunos quando se trata de atividades que envolvem leitura. Contudo, há alguns questionamentos que precisam ser feitos. O que está por trás desse desinteresse? A escola tem contribuído para formação de alunos leitores? Como tem sido a prática pedagógica da sala de aula? O ambiente escolar tem favorecido essa prática? Respondê-los é muito preocupante, uma vez que afeta significativamente o rendimento do aluno e, consequentemente, na qualidade do ensino. O trabalho aqui pretende contribuir para a formação de alunos leitores críticos e participativos, capazes de interagirem na sociedade na condição de cidadão conscientes e ativos, além de fazer com que eles adquiram o hábito de ler tanto no ambiente escolar como fora dele. Os alunos em questão apresentam muitas dificuldades com a leitura. Alguns apenas decodificam as letras, outros não conseguem nem identificá-las, o que para alunos que estão no 6º ano constitui uma barreira enorme para aprenderem coisas básicas, dificultando ainda mais no seu processo de aprendizagem. É preciso inseri-los de fato no processo escolar. Eles não podem ficar invisíveis. A escolha em Trabalhar com Cecília Meireles, e especificamente, com poemas do Livro OU ISTO OU AQUILO é justificada pelo fato de autora ser uma das maiores vozes da poesia em língua portuguesa, e o livro em questão, por ocupar um posto de destaque na literatura infantil brasileira. Os poemas que compõem o livro apresentam uma linguagem simples, e os temas abordados estão presentes na memória afetiva dos alunos, que serão envolvidos pelas belas histórias contadas pela autora. Brincando com as palavras, a escritora cria um universo encantador com pescaria, jogo de bola, bolhas, os carneirinhos, a bailarina, sonhos de meninas e tantos outros, que somente a sensibilidade de Cecília Meireles tem o dom de revelar. Para atingir os objetivos, usaremos como metodologias questionários, mesa redonda, palestras, oficinas, leituras. E para isso consultamos João Wanderley Geraldi (1984), Magda Soares (1986), Paulo Freire (2006), Regina Zilberman (1993).

Palavras-chave: Letramento literário, práticas sociais, formação de leitores, leitura, escrita.

Referências:

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 41ª ed, São Paulo: Cortez, 2006.
GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula: prática da leitura de textos na escola**. 2 ª ed. Cascavel: Assoeste, 1984.
KLEIMAN, Ângela B. & MORAIS, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
LÜDKE, Menga; André, Marli D. A. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1999.
SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 1ª. ed. São Paulo : Cortez, 2013.
SOARES, Magda**. Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. São Paulo, Ática, 1986. Revista Nova Escola. Ed. Abril. Dez/2005.
ZILBERMAN, Regina (org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

Leituras para a infância dedicadas às mães de família

Simone Cristina Mendonça
Doutorado
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
simonecm@unifesspa.edu.br

As manhãs da avó, leitura para a infância, dedicadas às mães de família (1877), é o título de um livro para crianças, assinado por Vitória Colonna, pseudônimo de uma misteriosa mulher do século XIX que se destacou por seus trabalhos de tradução e de escrita. Editado por Baptiste-Louis Garnier e impresso na França, foi anunciado em jornais de diversas províncias do Brasil oitocentista, sem que se revelasse o nome oculto da autora. Em um ambiente cultural de aceso ainda limitado para as mulheres, abrindo-se uma pequena brecha para a publicação de livros destinados ao uso escolar ou à instrução dos filhos da burguesia, seria mesmo natural que a escritora se escondesse sob o nome de uma poetisa italiana do século XV. Talvez pelo mesmo motivo, não à toa, os assuntos sobre os quais discorre nessas *manhãs*, em que uma avó conta histórias e ensina conteúdos pedagógicos para três netos, são majoritariamente didáticos. A consulta a fontes primárias, digitalizadas e disponibilizadas nos sites da Biblioteca Nacional da França (Gallica) e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNDigital), possibilitaram o acesso à obra e aos anúncios feitos pelo editor, a partir da leitura dos quais passou-se às análises de conteúdo, baseados também em ensaios teóricos sobre a atuação das mulheres escritoras no século XIX. Na oportunidade, objetivamos apresentar a obra, um pouco de sua recepção e os temas nela tratados, refletindo sobre as possibilidades e as dificuldades para as mulheres escritoras em nosso país naquele tempo. Além disso, pensando-se no quase desconhecimento atual de Vitória Colonna, propomos repensar estratégias de valorização (ou não) de publicações femininas oitocentistas, dada a boa recepção da obra na época em que foi publicada.

Palavras-chave: Livros para crianças, escritoras brasileiras, século XIX.

Referências:

COLONNA, Victória. As manhãs da avó: Leitura para a infância dedicadas às mães de família. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1877. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k319248b.image#. Acesso em 16/11/2023.
LEÃO, Andréa Borges. Universo de devoção, sabedoria e moral – as bibliotecas juvenis Garnier (1858-1920). Educação em Revista, Belo Horizonte, vol. 43. P. 189-208, jun. 2006.
RAFFAINI, Patrícia Tavares. A livraria Garnier e a tradução e edição de livros para a infância (1890-1920). In: GOMES, Ângela de Castro e HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. [recurso eletrônico].
TELLES, Norma. "Escritoras, escritas, escrituras". In: PRIORE, Mary Del. (org.). História das

mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 401-442.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

FONTES PRIMÁRIAS E A CIRCULAÇÃO DE AUTORIAS NO BRASIL: DO SÉCULO XIX À CONTEMPORANEIDADE

Jeniffer Yara Jesus da Silva

Márcia do Socorro da Silva Pinheiro

COMUNICAÇÕES

O ROMANCE QUE A HISTÓRIA NÃO CONTOU: A POPULARIDADE ESQUECIDA DE GEORGES OHNET

Do Sena ao Itapecuru: A Influência da Literatura Francesa na Imprensa Maranhense do Século XIX

O romance O Aborto, de Figueiredo Pimentel, na imprensa do século XIX

JORNAL O RIO NU (1898-1916): IMPRESSOS QUE SE LEEM COM UMA SÓ MÃO

A revolução das loucas: a experiência da loucura em *O Sofredor do Ver*, de Maura Lopes Cançado e *Pacamão*, de Assis Brasil

A salvaguarda das fontes primárias: estudo do periódico "A Revista - magazine ilustrado" (1898)

Entre o Engenho e a Taverna: Escravidão e Cachaça na Literatura Brasileira 1840–1860

Literatura e Escravidão no Brasil do Século XIX: Representações e Resistência em Maria Firmina dos Reis

SUPLEMENTO ARTE LITERATURA DA FOLHA DO NORTE: Fonte primária da circulação de Albert Camus em Belém do Pará entre 1947 à 1951

O ROMANCE QUE A HISTÓRIA NÃO CONTOU: A POPULARIDADE ESQUECIDA DE GEORGES OHNET

Antonia Raiane Santos Silva
Graduanda em Letras– UEMA
aaraianesantoss@gmail.com

Este trabalho é fruto de um recorte dos dados obtidos durante o desenvolvimento do plano de trabalho intitulado "O impacto do romance francês no jornal O Globo na imprensa maranhense oitocentista", que integra o projeto "A circulação de romances entre o Pará e Maranhão na imprensa oitocentista". A importância desse estudo reside na possibilidade de compreender como as práticas de leitura, os hábitos culturais e os processos de recepção literária se desenvolveram em diferentes regiões do Brasil durante o século XIX. Além disso, permite lançar luz sobre o papel da imprensa como mediadora entre a literatura estrangeira e os leitores locais, ampliando o entendimento sobre a construção da identidade literária brasileira no período oitocentista. Mediante a seu caráter historiográfico e analítico, esta

pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, de natureza bibliográfica. Desenvolveu-se em duas etapas complementares: inicialmente, realizou-se uma investigação primária no acervo digital da Hemeroteca Digital Brasileira, presente na Biblioteca Nacional Brasileira, seguida por uma pesquisa secundária, com revisão bibliográfica em teses e dissertações disponíveis no repositório da CAPES. A catalogação dos dados revelou a constância do nome do autor Georges Ohnet (1848-1918), considerado um escritor prolífico, nas páginas do jornal O Globo. As pesquisas tiveram início no jornal maranhense O Globo, durante o último quartel do século XIX (1875-1900), onde foram encontrados resultados relacionados ao romance publicado em formato de folhetim intitulado O Doutor Rameau, presente nas edições do ano de 1889. Mediante esses dados, considerou-se pertinente verificar a circulação do autor em outros periódicos. Desta vez, a catalogação não se limitou apenas à província do Maranhão, buscando-se observar o consumo das obras do autor em outras regiões, como o Pará e o Rio de Janeiro. Com os dados obtidos, foi possível confirmar a fama de prolífico atribuída ao escritor: foram encontrados diversos outros romances, tanto na coluna folhetim quanto nos anúncios, seja informando novas publicações, seja indicando a disponibilidade das obras para venda em livrarias locais ou até mesmo peças e filmes adaptados a partir dos romances do autor. O fato de Georges Ohnet ser tão frequentemente citado em periódicos brasileiros consolida-se como um indício de sua grande popularidade no país. No entanto, apesar do sucesso que alcançou em sua época, Ohnet permanece como um autor esquecido pela História Literária, que tende a negligenciar a totalidade da produção daquele período. Em geral, privilegia-se apenas os movimentos associados à chamada alta literatura, em detrimento das manifestações populares, que também integravam o cotidiano dos leitores e refletiam as disputas simbólicas do campo literário.

Palavras-chave: Imprensa, Hemeroteca Digital Brasileira, Circulação, Georges Ohnet (1848–1918).

Referências:

ABREU, Márcia. Os caminhos dos livros. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Jornal e literatura: a imprensa periódica no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
MEYER, Marlyse. Folhetim – uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
NOBRE, Izenete Garcia. Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém oitocentista. 2009. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2009. Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/3984. Acesso em: 15 jun 2025
SOUZA, Antonia Pereira de. A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista. 2017. 329 f. Tese (Doutorado) –Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2017.

Do Sena ao Itapecuru: A Influência da Literatura Francesa na Imprensa Maranhense do Século XIX

Ana Gabriela da Cruz Pereira
Graduanda da UEMA- Campus Colinas
soaresanagabriela216@gmail.com

Resumo: O presente trabalho intitulado "Do Sena ao Itapecuru: A influência da literatura francesa na imprensa maranhense do século XIX" tem como objetivo investigar os fatores que contribuíram para a predominância de romances franceses na seção de folhetins do jornal Publicador Maranhense entre as últimas décadas do século XIX. A pesquisa parte da hipótese de que a imprensa desempenhou um papel central na mediação de valores culturais estrangeiros, sobremaneira, os oriundos da França, que teriam colaborado para a formação do gosto literário local. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, documental e interpretativa, apropriada à análise de conteúdos. O percurso metodológico

envolve: revisão bibliográfica em teses e dissertações, disponíveis no repositório da Capes; em artigos e ensaios publicados nos últimos cinco anos; identificação dos romances franceses veiculados no folhetim, com atenção à autoria, data, tradução e adaptação; e, por fim, análise historiográfica da atuação do jornal no cenário editorial maranhense oitocentista. A pesquisa permitiu a obtenção de dados relevantes sobre as obras de ficção francesa publicadas no período. Este trabalho utiliza o aporte teórica dos estudos de autores como Roger Chartier (1999), Roger Chartier (2010), Antonio Candido (1993), Antonia Souza (2017), Lúcia Granja (2009). Com isso, a pesquisa sobre o Publicador Maranhense não apenas enriquece o conhecimento sobre a produção literária da época, mas também oferece uma visão das práticas editoriais e do impacto cultural dos jornais na sociedade do período.

Palavras chaves: Literatura Francesa, Influência, Circulação, Imprensa, Maranhense.

Referências:

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da UnB, 1999.
Chartier, R. (2010). **Escutar os mortos com os olhos**. Estudos Avançados, 24(69), 6 30.
Souza, Antonia Pereira de. **A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista**. 2017, 332 f. Tese (Doutorado em Letras– Literatura e Cultura) — UFPB, João Pessoa, 2017. Jornais
GRANGA, Lúcia**. Imprensa e literatura: o folhetim no Brasil do século XIX.** São Paulo: UNESP, 2009.
LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura: fruição e conhecimento**. São Paulo: Ática, 2009.
RAMOS, Júlio Cezar de Oliveira. **Livros e impressos no Maranhão oitocentista: circulação de obras, práticas de leitura e redes de sociabilidade**. São Luís: EDUFMA,2017.
NERES, J.; DINO, C. (Orgs). **O século XX e a literatura maranhense**: reflexões sobre a narrativa em prosa. São Luís: EDUFMA, 2016.
CALDEIRA, J. de R. **O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX**. São Luís: SIOGE, 1991.
BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura**: a imprensa periódica no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
BARROS, José D' Assunção. **O Jornal Como Fonte Histórica**– Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
ABREU, Márcia. Os caminhos dos livros. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
CORRÊA, R. **Atenas Brasileira**: a cultura maranhense na civilização nacional. Brasília: Thesaurus/Corrêa & Corrêa, 2001.
MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**: do Romantismo ao Modernismo. São Paulo: Cultrix, 2001.
NERES, José. **Jornalismo, política e literatura no Maranhão oitocentista**. São Luís: EDUFMA, 2014.
LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário: razão e imaginação na história**. São Paulo: Ática, 1991.
SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1966.
CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
REIMÃO, Sandra. **Leitura e leitores no Brasil: um histórico**. São Paulo: EDUSP, 2003.

Alef Juan Tavares dos Santos Silva
Graduando de Letras/Língua Portuguesa – UFPA
alefdeletras@gmail.com

No ano de 1896, o jornal A Folha do Norte, em Belém, PA, publicou na seção "Livros e revistas", a notícia da décima segunda edição da obra **Contos da Carochinha**, "um delicioso livro de interessantes narrativas para crianças, todas morais e proveitosas de vários países, escritos e traduzidos uns, e outros apanhados diretamente da tradição oral, pelo conhecido romancista Figueiredo Pimentel". Ainda no mesmo ano, outro livro infantil é noticiado na Folha, **Histórias da avozinha**, publicado pelos mesmos editores Quaresma & Cia. Complementando os títulos para o público infantil, **Os meus brinquedos favoritos,** da lavra do mesmo autor está divulgado com o seguinte complemento: "Figueiredo Pimentel, que com tais produtos como que se tem redimido dos atentados que contra a moral literária e o bom gosto artístico perpetrou com a publicação d'**O Aborto** e do **Livro do Mau**. Por este caminho era que há muito devera ter ele enveredado". Finalizando as indicações de livros para crianças, o volume **Álbum das crianças,** contendo poesias, sonetos e contos, celebra a "incontestável competência do Sr. Figueiredo Pimentel, que ultimamente tem revelado habilidoso neste gênero escolar". Mas nem sempre foi assim, pois em 1893, Figueiredo Pimentel (1869-1914) publicou o romance **O Aborto**, considerado escandaloso, uma vez que tema controverso, foi abordado na literatura brasileira. O romance foi publicado, primeiramente em formato de folhetim e gerou repercussão na época. Anteriormente ao romance O Aborto, Figueiredo Pimentel publicou livros de poesias, como **Fototipias** e Livro mau, respectivamente nos anos de 1895 e 1893. No mesmo tom naturalista, em 1895, assinou as novelas **Suicida** e **Um canalha**, compondo, juntamente com **O Aborto**, a trilogia do movimento literário. É sobre este último título e a reverberação na imprensa, que trataremos neste trabalho, recuperando, também a polêmica da temática, atual ainda no século XXI e de grande impacto na sociedade.

Palavras-chave: Literatura, século XIX, Sociedade, Aborto, Naturalista, Imprensa.

Referências:

AZEVEDO, Natanael Duarte e FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. Pornografia e literatura: uma história pelo buraco da fechadura. Revista Graphos, Paraíba, v.19, n.2, p. 140-164, 2017.

MENDES, Leonardo. O Zola da Praia Grande: Figueiredo Pimentel e o naturalismo. In: PIMENTEL, Figueiredo. O aborto. Estabelecimento do texto e organização de Leonardo Mendes e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015 [1893], p. 7-14.

PIMENTEL, Figueiredo. O aborto. Estabelecimento do texto e organização de Leonardo Mendes e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015 [1893].

VIEIRA, Renata Ferreira. Figueiredo Pimentel e o romance O aborto (1893): uma história pouco conhecida do naturalismo no Brasil. Soletras Revista. São Gonçalo, n. 30, p. 103-117, jul./dez. 2015.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. De "O artigo 200" a "O aborto": trajetória de um romance naturalista. Letras, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 37-58, jul./dez. 2013.

EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos "romances para homens" de finais do século XIX e início do século XX. Cadernos Pagu, n. 28, p. 285-312, jan./jun. 2007.

EL FAR, Alessandra. Os Romances de que o povo gosta: o universo das narrativas populares de finais do século XIX. Floema – ano VII, Bahia, n. 9, p. 11-31, jul./dez. 2011.

Francisco Wilgue da Cruz Ferreira
Graduando em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
wilgueferreira19@gmail.com

Márcia do Socorro da Silva Pinheiro
Universidade Estadual do Maranhão – (PPGL-UFPA/CAPES - UEMA) marciasp23@gmail.com

Resumo: No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, os chamados "romances para homens" começavam a ganhar espaço no universo literário da época. Livros e jornais eram os principais veículos de circulação desses novos textos, trazendo em sua narrativa, histórias quentes e cenas recheadas de gravuras, revelavam assim, as histórias pornográficas, descritas no sabor de corpos desejantes e uma série de prazeres e gozos. Com anúncios de livros e textos muitos sugestivos, a chamada "literatura de sensação" começou a circular e ganhar espaço entre os leitores do Rio de Janeiro, e além, chegando em outros estados do país. O Rio Nu, foi um desses jornais, recheados de gravuras, fotografias, textos e anúncios sugestivos de "livros para homens", que circularam na imprensa carioca entre 1898 a 1916. Portanto, o objetivo dessa comunicação é analisar a circulação e recepção desse jornal na então capital do país, a cidade do Rio de janeiro, durante a chamada Belle Époque período de desenvolvimento e expansão da cidade. Para isso, recorremos ao próprio jornal como corpus de pesquisa principal, e as pesquisadoras Alessandra El Far (2004) e Mary Del Priore (2023), entre outros autores. A chamada imprensa de "gênero alegre" era regada por textos que remetiam ao pornográfico e ao erótico, divulgando seus materiais com imagens de mulheres seminuas e em posições insinuantes, recurso que aguçava a imaginação dos homens ao explorar o corpo feminino. Por meio de uma pesquisa documental e bibliográfica, o estudo examina a circulação e a recepção desse jornal na imprensa carioca, levando em consideração o tipo de literatura produzida nesses impressos, remetendo sempre ao pornográfico e ao erótico, sendo submetidos aos véus da censura por parte da sociedade moralista e religiosa da época. Considerando-se a recepção e a circulação desse jornal, podemos observar o que a sociedade carioca do final do século XIX e começo do século XX estava interessada em ler, sendo esses jornais de "gênero alegre" uma literatura alternativa e de deleite para os homens, uma vez que esses jornais eram direcionados ao público masculino.

Palavras-chave: Literatura de Sensação, Recepção, Circulação, Imprensa, Pornografia, Erotismo.

A revolução das loucas: a experiência da loucura em *O Sofredor do Ver,* de Maura Lopes Cançado e *Pacamão,* de Assis Brasil

Abílio Neiva Monteiro
Doutorando PPGL – UERN
abmonteiro27@outlook.com

Resumo: Este trabalho propõe uma análise da representação da loucura na literatura contemporânea brasileira, com foco em obras de autores como Maura Lopes Cançado, O Sofredor do Ver (2015) e Francisco de Assis Almeida Brasil, Pacamão (2008). A pesquisa buscou explorar de que forma esses escritores utilizam a narrativa para representar a loucura atrelada as personagens femininas, bem como a marginalização, o silenciamento e a exclusão que corroboram para uma fragmentação das suas identidades. Por intermédio de uma abordagem qualitativa, o estudo examina a forma como a temática é abordada nas obras selecionadas, ressaltando a intersecção entre os olhares dos autores. As narrativas revelam não apenas a representação da loucura, mas também a denúncia feita pelos escritores sobre o machismo, a violência, a misoginia e a força do discurso patriarcal que ainda molda o comportamento do sujeito. Cada um desses autores apresenta um estilo e um lugar diferente tanto na sociedade quanto na literatura. Maura Lopes Cançado, mulher, ambiciosa e transgressora, foi considerada louca, e com isso, escreveu sobre as suas vivências no período de internações em hospitais psiquiátricos. Já Assis

Brasil, criou narrativas empenhadas, expondo a condição do homem sertanejo e que fica a margem da sociedade, bem como expõe o tradicionalismo arcaico das famílias abastardas de uma Parnaíba ficcionalizada. Considerando-se os diferentes estilos e tipos de narrativas, foi nos possível alcançar dentre os resultados a indicação de que a loucura aparece como um contradiscurso, uma forma diferente de ver o mundo, daquilo que a sociedade impõe como norma e regras a serem seguidas. Este trabalho enfatiza a importância de pensar a loucura não apenas como uma questão patológica, mas como um ato de resistência, um ato de liberdade e um caminho transgressor.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Loucura, Gênero, Narrativas Contemporâneas.

Referências

Cançado, Maura Lopes. 2015. O Sofredor do Ver. Editora Autentica. Belo Horizonte.MG
Brasil. Francisco de Assis Almeida. 2008. Tetralogia Piauiense. FUNDAPI. Teresina. PI

A salvaguarda das fontes primárias: estudo do periódico "A Revista - magazine ilustrado" (1898)

Renan Ismael Martins de Souza
Graduando em Biblioteconomia – FABIB-UFPA
renan35souza@gmail.com

Orientadora: Germana Maria Araújo Sales
Doutora em Teoria e História Literária - UNICAMP
gmaa.sales@gmail.com

Resumo: Ao pensar em fontes primárias é possível imaginar diversos suportes de informações que contenham registros em sua matriz, ou seja, onde estão gravadas desde sua origem e concepção no qual serviu de base para sua disseminação por outros suportes (Zilberman, 2004; Pinheiro, 2006). No caso das fontes primárias referentes à literatura, os livros e periódicos destacam-se em diversos âmbitos de pesquisas. Segundo Barthes (1988, p. 99), os textos são fontes sem donos, sendo interdisciplinares, fazendo com que os textos literários (dentro de seus suportes) sirvam como fontes de pesquisas de diferentes áreas do conhecimento. Nesse contexto, dentre o interpassar dos anos, o número de pesquisas referente ao tema cresce a cada ano, resultando em diversas faces de um mesmo objeto de estudo e também o descobrimento de novos objetos que até então estavam escondidos à margem do tempo, tais como o periódico A Revista: magazine ilustrado (1898), que circulou em Belém – PA, no final do século XIX. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo apresentar o periódico A Revista: magazine ilustrado e outros periódicos pouco conhecidos, investigar seus autores, tipos textuais publicados e suas temáticas, além de relacionar e quantificar o número de autores e produções presentes na revista. Para cumprir os objetivos, foi realizada uma pesquisa em locus no Centro de Memória da Amazônia da Universidade Federal do Pará (CMA/UFPA), em específico na coleção pessoal de Clóvis Moraes Rego, a qual conta com diversos periódicos originais do início do século XX e alguns poucos do final do XIX. Por seguinte, foi realizada uma leitura técnica para identificar os dados quantitativos e qualitativos do periódico. Como resultado, foi possível identificar algumas das características da revista, sendo: a) produzida por Alfredo Silva & Ca.; b) o periódico teve 12 fascículos durante o ano de 1898 (periodicidade mensal); c) aceitava apenas trabalhos inéditos, nacionais e estrangeiros; d) realizava publicações em seu idioma original (francês ou italiano); e) destacava-se por suas ilustrações (gravuras de Belém, Portugal e demais clichês decorativos). Além disso, em termos quantitativos, foi possível identificar 79 prosas, 80 poesias, 7 críticas e 1 crônica, sendo classificados pela própria revista e revisados durante a leitura técnica nos fascículos. Dentre as produções, identificaram-se 43 homens e 4 mulheres, sendo uma delas pseudônimo de autor. Em relação às temáticas, o discurso sobre a importância de produções literárias originárias do Norte é muito presente na revista, entretanto, não se limitava aos paraenses, tendo em vista a presença de

escritores portugueses, franceses e italianos que publicaram na revista. Nesse sentido, temáticas como o enaltecimento de Portugal, a personificação da beleza feminina (descrita por homens), homenagens a outros literatos da época e a exaltação na natureza são os principais temas presentes em algumas prosas e poesias. Em suma, ao lidar com fontes primárias, percebe-se um grande ponto de partida para várias áreas e tipos de pesquisas, porém, além de cumprir o objetivo de recuperar e entender a revista, se faz necessário conhecer instituições que fazem a salvaguarda dessas fontes, em especial as paraenses, com o intuito de conhecer e preservar a história da literatura e da cidade de maneira geral. Por fim, a leitura, sendo uma arte atemporal, narra em suas linhas não apenas as histórias e sentimentos daqueles que vieram antes, mas também o reflexo dos que virão depois.

Palavras-chave: Fontes primárias, Literatura paraense, Periódicos históricos, Magazine Ilustrado, Século XIX.

Referências:
BARTHES, Roland. Jovens pesquisadores. In: _____. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **Fontes ou recursos de informação**: categorias e evolução conceitual. 2006.
REVISTA: magazine ilustrado. Belém: Alfredo Silva & C., 1898.
ZILBERMAN, Regina. **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura.** Editora UFMG, 2004.

Entre o Engenho e a Taverna: Escravidão e Cachaça na Literatura Brasileira 1840–1860

Andressa Rebeca do Nascimento Barroso
Graduanda da UEMA – Campus Colinas / PIVIC
E-mail: andressarebeca42@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia
Professora / Coordenadora do Curso de Letras da UEMA – Campus Colinas
E-mail: izenetegarcia@gmail.com

Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Estadual do Maranhão, sob orientação da profa. Dra. Izenete Nobre, com a finalidade de compreender como os textos literários publicados entre 1840 e 1860 se constituem como material relevante para a análise das estruturas sociais do Brasil Imperial, sobremaneira, ao subalternizar a figura do escravo e da cachaça. Assim, ao investigar a presença da cachaça e da escravidão nas obras literárias do período, busca-se compreender como tais elementos não apenas compõem o pano de fundo das narrativas, mas também revelam aspectos significativos das relações sociais do século XIX. A cachaça, bebida popular profundamente enraizada na cultura brasileira, aparece frequentemente associada a práticas de sociabilidade, violência, controle e resistência, muitas vezes ligada ao universo do cativeiro. Obras como A Moreninha (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, e as comédias de Martins Pena revelam hábitos cotidianos naturalizados à época, que expõem as hierarquias raciais e econômicas da sociedade imperial. Em A Moreninha, embora o foco seja a história de amor entre Augusto e Carolina, a figura do "criado" negro e os ambientes festivos carregam vestígios da ordem escravocrata. Já em Martins Pena, a sátira explicita, por meio do riso, as desigualdades sociais, o álcool e a escravidão figuram como elementos simbólicos centrais. A metodologia adotada é qualitativa, com enfoque interpretativo, e consiste na leitura crítica e comparativa das obras selecionadas, articuladas a um referencial teórico que considera a literatura como expressão da formação social brasileira. A análise apoia-se em autores como Ayer & Monteleone (2023), Antonio Candido (2000) e Sidney Chalhoub (1990), cujas contribuições auxiliam na articulação entre literatura, cultura e ideologia. Conclui-se que a presença da cachaça e da escravidão na Literatura Brasileira entre 1840 e 1860 revela como esses elementos, longe

de serem meros detalhes, ajudam a compreender as estruturas sociais do período. Em A Moreninha e nas comédias de Martins Pena, percebe-se como a literatura reproduz, mas também tensiona, as relações de poder e desigualdade. Ao destacar essas representações, o estudo contribui para refletir sobre o papel da literatura na formação do imaginário social do Brasil oitocentista.

Palavras-Chave: Escravidão, Cachaça, Literatura Brasileira, Século XIX.

Referências:
CHALHOUB, Sidney. Visões da Liberdade, uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiróz, 2000.
DE MACEDO, Joaquim Manuel. *Uma moreninha* . FTD Educação, 1965.
MONTELEONE, Joana; AYER, Maurício (Orgs.). *Cachaça, história & literatura*. 1. ed. São Paulo: Alameda Editorial, 2023.

Literatura e Escravidão no Brasil do Século XIX: Representações e Resistência em Maria Firmina dos Reis

Victor Alexandre Barbosa de Freitas
Graduando da UEMA – Campus Colinas / PIBIC
E-mail: victoralbarbosa12@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia
Professora / Coordenadora do Curso de Letras da UEMA – Campus Colinas
E-mail: izenetegarcia@gmail.com

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as representações da escravidão na literatura brasileira do século XIX, com foco no romance Úrsula (1859) e no conto A Escrava (1888), de Maria Firmina dos Reis, autora pioneira na crítica ao sistema escravocrata. A análise parte de uma revisão bibliográfica que articula contribuições teóricas de Antonio Candido (2000), Sidney Chalhoub (1990) e Lilia Moritz Schwarcz (1998), explorando como a literatura do período refletiu e contestou as estruturas sociais vigentes. O corpus inclui ainda romances das décadas de 1840 a 1860, como A Moreninha (Joaquim Manuel de Macedo) e O Filho do Pescador (Teixeira e Sousa), para estabelecer comparações e contrastes. Maria Firmina dos Reis destaca-se por abordar a escravidão sob uma perspectiva humanizadora, dando voz aos escravizados e expondo as violências do sistema. Em Úrsula, a autora constrói narrativas que revelam a subjetividade dos personagens negros, rompendo com a visão estereotipada predominante na época. Já em A Escrava, a temática é aprofundada, mostrando a resistência cultural e a luta pela dignidade. Essas obras são analisadas em diálogo com o contexto histórico do Brasil imperial, marcado pela naturalização da escravidão, mas também pelo surgimento de vozes abolicionistas. A metodologia adotada combina análise qualitativa, com categorização de temas como resistência cultural e dominação, e quantitativa, por meio do mapeamento de termos associados à escravidão nos textos selecionados. Essa abordagem mista permite identificar padrões discursivos e contradições nas narrativas, evidenciando como a literatura tanto reproduziu quanto questionou a marginalização do escravizado. Os resultados preliminares indicam que a literatura do século XIX não foi homogênea em sua abordagem da escravidão. Enquanto obras como A Moreninha tendem a naturalizar as hierarquias raciais, os textos de Maria Firmina dos Reis oferecem um contraponto crítico, desafiando as narrativas hegemônicas. Sua obra é singular por articular uma perspectiva ética e política, antecipando debates que só ganhariam força no movimento abolicionista posterior. Em síntese, este estudo busca contribuir para a revisão crítica do cânone literário brasileiro, destacando a importância de autores como Maria Firmina dos Reis na discussão sobre escravidão e resistência. Ao ampliar o escopo de análise para além dos romances mais conhecidos, a pesquisa oferece uma visão mais complexa e diversificada das representações literárias do século XIX,

evidenciando o potencial da literatura como instrumento de reflexão social e política.

Palavras-chave: Escravidão, Literatura brasileira, Maria Firmina dos Reis, Resistência cultural, Século XIX.

REFERÊNCIAS:
CANDIDO, Antonio. 2000. *Literatura e Sociedade*: estudos de teoria e história literária. T. A Queiroz. São Paulo.
CHALHOUB, S. *Visões da Liberdade: Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
DOS REIS, Maria Firmina. 2018. *Úrsula*. Schwarcz-Companhia das Letras. São Paulo.
DOS REIS, Maria Firmina. 2022. *A Escrava*. Pop Stories. São Paulo
MACEDO, Joaquim Manuel de. *Uma moreninha*. 1860.
SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1998. *As Barbas do Imperador*. Companhia das Letras. São Paulo.

SUPLEMENTO ARTE LITERATURA DA FOLHA DO NORTE: Fonte primária da circulação de Albert Camus em Belém do Pará entre 1947 à 1951.

João Ricardo Barros Silva
Doutorando PPGL/UFPA
joaoricardoitinga7@gmail.com

Resumo: O Suplemento Arte Literatura, do periódico *Folha do Norte*, foi publicado entre os anos de 1947 e 1951. Nesse suplemento se deu significativa divulgação das obras do filósofo e romancista franco-argelino Albert Camus (1913-196) em Belém do Pará. O Suplemento Arte Literatura serviu como veículo essencial para a introdução e discussão dos temas camusianos acerca da condição humana, da liberdade e do absurdo da vida. A Folha do Norte foi um dos principais jornais da época, pois ofereceu espaço para literatos, críticos e leitores debaterem não apenas as obras de Camus, mas também suas implicações filosóficas e sociais. A circulação do suplemento na região Norte do Brasil ajudou a promover um diálogo intercultural. As resenhas e artigos publicados no suplemento não apenas discutiam as obras de Camus, mas também relacionavam suas ideias à realidade brasileira, estabelecendo conexões entre a filosofia existencial do autor e as experiências vividas pelos leitores. Dentre os textos de destaque, estavam análises sobre obras fundamentais que exploravam temas como o absurdo da existência e a luta contra a opressão como é caso de *O Estrangeiro* e *A Peste*, este último tema do artigo 'Considerações sobre A peste' de autoria de Benedito Nunes. Os textos provocavam reflexões sobre a realidade política e social do Brasil naquele momento, especialmente em relação à repressão e à luta pela liberdade de expressão. O impacto das obras de Camus na sociedade brasileira, particularmente em Belém, foi significativo, contribuindo para a formação de novas correntes literárias e filosóficas entre escritores e intelectuais locais. A interação entre as obras de Camus e a produção literária regional resultou em um intercâmbio rico, onde a literatura serviu como um meio de resistência e reflexão crítica sobre a realidade brasileira. Essa dinâmica contribuiu para a formação de uma identidade literária própria na Amazônia, que buscava dialogar com as influências externas, ao mesmo tempo em que valorizava suas particularidades culturais. O legado do suplemento Arte Literatura da *Folha do Norte* é evidente na forma como contribuiu para a circulação e a recepção das ideias de Albert Camus em Belém do Pará. Em suas páginas, o suplemento não apenas divulgou o pensamento crítico do autor, como também estimulou um ambiente de reflexão e debate que perdurou muito além de sua publicação. A importância desse espaço literário reside não apenas na promoção de Camus, mas também na construção de um cenário literário vibrante e diversificado na região Norte do Brasil, que continua a influenciar gerações de escritores e leitores até os dias de hoje.

Palavras-chave: Albert Camus – Fonte Primária – Folha do Norte – Circulação – Recepção.
SIMPÓSIO TEMÁTICO

IMAGENS DISSONANTES: REPRESENTAÇÕES DE SUJEITOS SUBALTERNOS NA FICÇÃO BRASILEIRA

Viviane Cristina Oliveira
Dinameire Oliveira Carneiro Rios
Fabíola Guimarães Pedras Mourthé

COMUNICAÇÕES

A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E O EMPODERAMENTO A PARTIR DA RESISTÊNCIA NO ROMANCE UM DEFEITO DE COR

O combate subjetivo-mental entre Filhinha Mata-Boi e Maria Teresa em Mata Doce (2023), de Luciany Aparecida

A LOUCURA DAS ROSAS: ANÁLISE DO CONTO A IMITAÇÃO DA ROSA, DE CLARICE LISPECTOR E A CRÍTICA DE BENEDITO NUNES

TRANSFIGURAÇÃO DE LA PIETÀ

FICÇÃO SOCIALMENTE ENRAIZADA: REALIDADE E INSURGÊNCIA EM SÓ AS MULHERES SANGRAM, DE LIA VIEIRA

A DOMINÂNCIA DA SOCIEDADE MASCULINA EM "LUCÍOLA": UMA ANÁLISE

VOZES QUE VERSAM (RE)EXISTÊNCIA NOS CONTOS NO SEU PESCOÇO, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, E OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

PRENÚNCIO DE SAMBA: OS CÍRCULOS DE VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO NA PROSA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

EXOTISMO E ESTEREÓTIPO NA REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS EM TERRA PAPAGALLI

A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E O EMPODERAMENTO A PARTIR DA RESISTÊNCIA NO ROMANCE UM DEFEITO DE COR

Damares Progenio Vaz (UFRA)
damaresprogenio16@gmail.com

Cíntia Acosta Kütter (UFRA)
cintia.kutter@ufra.edu.br

RESUMO: No romance Um Defeito de Cor (2006), de Ana Maria Gonçalves, narra a trajetória de Kehinde, uma mulher negra que foi sequestrada do continente africano e enviada para o Brasil como escravizada, enfrenta a escravidão, violência e a opressão. Assim, notamos que, através de todos esses acontecimentos ao recontar sua história, ela dá a voz a sujeitos

historicamente marginalizados e silenciados. Por meio dessa resistência, seja ela a memória, maternidade negra e até mesmo a preservação das raízes africanas, percebemos o quanto esses elementos são de muita importância, não só na reconstrução identitária mais também no empoderamento feminino negro e na desconstrução de estereótipos imposto pela colonização e o racismo estrutural. Nosso questionamento parte, de que maneira o empoderamento negro é construído por meio da resistência na obra? O objetivo desse trabalho é refletir sobre a importância da resistência e como ela pode influenciar no empoderamento feminino e na sua subjetividade. No campo metodológico, utilizamos a pesquisa qualitativa e bibliográfica, por meio de livros, leituras do romance Um Defeito Cor, e tomamos como base científica outras obras literárias que foram e que serviram como base para realização dessa pesquisa. Dessa forma, o estudo de Ribeiro (2018) Quem tem medo do feminismo negro? Discute a importância do feminismo negro para entender as múltiplas formas de opressão que é enfrentada por mulheres negras, como o sexismo e o racismo. Enquanto, Davis (1981) Mulheres, Raça e Classe, busca discutir a fala da opressão sofrida pelas mulheres negras, e a luta contra o racismo, sexismo e a desigualdade social. Já González (2020) em sua obra Por Um Feminismo Afro-latino-Americano, ressalta a luta das mulheres negras na américa latina, que discuti o racismo, identidade e cultura afrodescendente. Portanto, foi possível perceber que a resistência desempenha um papel fundamental da reconstrução identitária e o empoderamento feminino negro. O romance ele resgata esse olhar crítico sobre o lugar de uma mulher negra na sociedade, mostrando também como a literatura pode ser um espaço de luta e reconstrução, resgatando saberes, valores que foram silenciados.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade: Resistência: empoderamento

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.
GONCALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. São Paulo: Record, 2006.
GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar. 2020.
RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

O combate subjetivo-mental entre Filhinha Mata-Boi e Maria Teresa em Mata Doce (2023), de Luciany Aparecida

Luís Carlos Garcia Gomes
Graduando da FALE-UFPA
luis.gomes@ilc.ufpa.br

Resumo: Este trabalho constitui um recorte da pesquisa de iniciação científica em andamento, sobre a multiplicidade identitária feminina negra em duas produções culturais contemporâneas: o romance Mata Doce (2023), de Luciany Aparecida, e o álbum Sexto Sentido (2024), de Mc Luanna. Intitulado “O combate subjetivo-mental entre Filhinha Mata-Boi e Maria Teresa em Mata Doce (2023), de Luciany Aparecida”, este estudo propõe analisar a cisão subjetiva vivida pela protagonista, marcada pela dualidade entre Maria Teresa, identidade que remete a uma amabilidade, uma suavidade e à possibilidade de sonhar, e Filhinha Mata-Boi, identidade associada à brutalidade, à violência e à agressividade. Essa fratura identitária, longe de ser apenas plano de fundo da narrativa, nasce da experiência traumática que a personagem vivencia a partir do assassinato brutal de seu noivo - um

episódio que não se configura apenas como evento pessoal, mas como representação contextual da agressividade pós-colonial que recai historicamente sobre corpos negros. A personagem encontra-se, assim, em constante negociação entre duas dimensões de si mesma, o que reflete a impossibilidade de uma subjetividade negra feminina se constituir plenamente em um ambiente marcado pela herança da colonialidade, na qual o racismo e o sexismo impõem limites ao reconhecimento da humanidade dessas mulheres. Por meio de uma abordagem qualitativa, a análise busca evidenciar como essa luta interna revela, no plano da ficção literária, os efeitos da violência estrutural sobre a subjetividade negra, destacando que o processo de fragmentação mental gerada pelo racismo, discutido por Frantz Fanon (1961; 2020), encontra na análise da personagem uma materialidade narrativa potente. A reflexão também se apoia em Grada Kilomba (2019), ao tratar das feridas coloniais e da negação da subjetividade às mulheres negras; em Lélia Gonzalez (1984; 2016), que ressalta a importância da mulher negra assumir a própria fala como gesto político; e em Sueli Carneiro (2003; 2023), cuja formulação sobre epistemicídio ajuda a compreender o apagamento simbólico e as disputas em torno da construção da identidade. Com base nesses referenciais, supõe-se que a cisão vivida por Maria Teresa/Filinha Mata-Boi pode ser lida como metáfora das tensões que marcam a experiência de mulheres negras em contextos de violência pós-colonial, revelando que suas identidades não são fixas, mas múltiplas, contraditórias e em permanente conflito. A narrativa de Luciany Aparecida, nesse sentido, não apenas denuncia os efeitos históricos da opressão racial e de gênero, mas também cria brechas para que a literatura se torne espaço de elaboração de subjetividades insurgentes, capazes de reverter a petrificação simbólica e reivindicar novas formas de existência. Assim, ao investigar a luta subjetiva da protagonista entre Filinha Mata-Boi e Maria Teresa, este trabalho procura demonstrar como a arte pode elaborar a dor coletiva da violência colonial em chave de resistência e reconstrução simbólica. Trata-se de compreender que a cisão identitária não é apenas marca de destruição, mas também possibilidade de reinscrição, na medida em que permite tensionar os limites impostos pela hegemonia e criar espaços de emancipação para a mulher negra no campo da literatura.

Palavras-chave: Identidade Feminina Negra, Resistência, Racismo, Mata Doce, Literatura, Luciany Aparecida.

Referências:

Fanon, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Fanon, Frantz. **Os condenados da terra.** Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Editora Ulisseia, 1961.

Gonzalez, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira**: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tania Regina Oliveira (Org.). Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 399–415.

Gonzalez, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984, p. 223–244.

Kilomba, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade:** A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Carneiro, Sueli. **Enegrecer o feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003, p. 1-2.

A loucura das rosas: análise do conto A Imitação da Rosa, de Clarice Lispector e a crítica de Benedito Nunes

Ana Luiza de Souza Leão Fadel
Graduanda de Letras Língua Portuguesa da UFPA
fadelleao@gmail.com

Maria de Fátima do Nascimento
Doutora em Literatura- ILC/PPGL da UFPA
mafana@ufpa.br

Resumo: Este trabalho analisa o elemento da loucura presente na personagem Laura, do conto A imitação da rosa, do livro Laços de Família (1960), de Clarice Lispector. A pesquisa buscou observar a condição da mulher na sociedade, a partir dos contos da autora, iluminando a tensão e estranheza que permeiam a vida familiar. Nesse ponto, segundo Benedito Nunes (1989) ao interpretar a obra de Clarice Lispector, tantos os contos quanto os romances clariceanos giram em torno da consciência individual e seus momentos de "tensão conflitiva", que desencadeiam crises internas. No conto A Imitação da Rosa, a protagonista Laura é uma dona de casa que tenta voltar para normalidade de sua rotina no lar, após uma ruptura provocada por uma possível internação no sanatório, insinuada nas entrelinhas do conto. Desse modo, ela busca seguir uma rotina meticulosa e controlada, tentando se reintegrar à sociedade, buscando, com isso, se adequar às expectativas sociais. Contudo, o confronto com as rosas, pela sua beleza que inicialmente a encantam, acaba perturbando-a, simbolizando a tensão entre desejo e controle, sanidade e loucura. De acordo com Nádia Battella Gotlib (2009), essa postura gera uma cisão na personalidade de Laura que ao observar a rosas e querer tentar imitar sua beleza e perfeição, acaba perdendo o controle e se aliena da realidade, refletindo sobre sua identidade e a pressão social que a levam à loucura. Assim, a personagem encaminha em um estado de crise interna ou de mimesis Gagmebin, (1993) no qual assume uma postura de aniquilamento de si. Laura tem como intenção se livrar das obrigações dos papeis relacionados à sua condição de mulher distinta, de modo que apenas abdicando de si, imitando um outro ser, ou seja, as rosas, Laura apenas consegue existir se for como as rosas, bela e inalcançável, mesmo que isso tenha como consequência o seu desaparecimento pela total assimilação do outro. Assim, o conto é uma metáfora da luta de Laura para se conformar a um ideal que é inalcançável, resultando em sua rendição à loucura como forma de libertação das expectativas opressivas de sua vida. Este estado de loucura é marcado pela náusea que lhe revela, pelo fascínio da coisa, das rosas, a contingência do ser humano e o absurdo do que lhe circunda. No final, a aceitação de sua nova condição e o rompimento com as normas sociais sinalizam uma libertação, ainda que temporária, das convenções que antes a aprisionavam, rompendo com as normas impostas do patriarcado que a confinam à condição de esposa, aspirando a ser sempre uma "senhora distinta"

Palavras-chave: Benedito Nunes; Clarice Lispector; Crítica Literária; Imitação da rosa; Loucura.

Referências

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de mímesis no pensamento de Adorno e Benjamin. In.: Perspectivas – Revista de Ciências Sociais, v.16, pp.67-86. São Paulo: UNESP, 1993.

GOTLIB, Nádia Battella. Clarice: uma história que se conta. São Paulo: Edusp, 2009.
LISPECTOR, Clarice. A imitação da Rosa In Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
NUNES, Benedito. O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

Transfiguração de La Pietà

Fabíola Guimarães Pedras Mourthé

Resumo: Pretende-se, a partir do conto "La Pietà", da escritora brasileira Cecília Prada, abordar o percurso das múltiplas violências sofridas ao longo da vida, e especialmente durante o período de gravidez da protagonista, Damiana, jovem favelada da Rocinha, no Rio de Janeiro, e, concomitantemente, apreciar a maneira como a autora trata o vandalismo sofrido pela primeira escultura religiosa do Renascimento italiano, "La Pietà", de Michelangelo Buonarotti, famosa em todo o mundo, ocorrido no Vaticano, em Roma. Partindo do fato de a comoção sentida pela mídia e pelas pessoas neste último caso ser muitíssimo forte, compara-se essa situação com a pouca atenção que a violência sofrida por Damiana teve na sua vida. Assim, tenciona-se questionar o papel das mulheres na sociedade e extrair conclusões sobre as condicionantes que motivam que elas sejam subjugadas, entrando em linha de conta com o machismo, o patriarcalismo e outras perturbações de que resulta a exclusão social, onde vidas humanas são desprezadas e tornadas irrelevantes pela indiferença geral. Ou seja, procura-se analisar o impacto testemunhal num texto literário que, contudo, não é canônico, mas poderá servir como gatilho para despertar a consciência quanto às doses diferentes de comoção perante o sofrimento patenteado em casos humanos tidos como banais e outros com enorme relevo social.

Palavras-chave: "La Pietà" e La Pietà; violência; inversão de valores; maternidade.

Referências:
PRADA, Cecília. O caos na sala de jantar. São Paulo: Moderna, 1978.

Ficção socialmente enraizada: realidade e insurgência em Só as mulheres sangram, de Lia Vieira

Hebe de Souza Pedroza
Graduanda em Letras – UFAM
hebepedroza1@email.com

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo analisar como a obra Só as mulheres sangram (2017), de Lia Vieira, insere-se no campo de uma ficção socialmente enraizada, ou seja, uma produção literária que, embora situada no plano da ficção, emerge diretamente de realidades concretas vividas por mulheres negras e periféricas no Brasil. A obra desafia a separação rígida entre realidade e imaginação literária, ao construir narrativas que funcionam como espaços de memória, denúncia e resistência diante de múltiplas formas de opressão — racial, de gênero, econômica e territorial. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, com base em análise literária e em pressupostos teóricos oriundos dos estudos interseccionais, do feminismo negro e dos estudos sobre literatura e sociedade. Os contos "Maria Déia" e "Rosa da Farinha" são tomados como corpus principal, por apresentarem protagonistas que, a partir de suas experiências de dor, perda, deslocamento e resistência, revelam os efeitos de estruturas de poder sobre os corpos racializados e femininos. As personagens não apenas habitam um espaço de exclusão, mas o ressignificam a partir de práticas coletivas, ancestralidade, solidariedade e insurgência. A fundamentação teórica

articula autoras como Carla Akotirene (2019), ao discutir a interseccionalidade como chave de leitura das múltiplas opressões que atravessam as personagens; Sueli Carneiro (2011), na crítica ao epistemicídio e à marginalização dos saberes negros; e Vilma Piedade (2019), com o conceito de dororidade, como uma ética da partilha da dor e da luta coletiva entre mulheres negras. A literatura de Lia Vieira é, assim, lida como campo de enfrentamento simbólico ao silenciamento histórico e ao apagamento das experiências negras femininas. Entre os principais resultados, destaca-se que Só as mulheres sangram não apenas representa a realidade de mulheres negras, mas a reinscreve a partir de uma linguagem insurgente, em que a ficção se torna espaço de denúncia social e de elaboração política do vivido. A obra tensiona a ideia tradicional de "literatura engajada" ao propor uma estética que une afeto, resistência e ancestralidade. Conclui-se que a ficção de Lia Vieira desafia fronteiras entre literatura e documento, entre memória e invenção, propondo um modelo de narrativa comprometida com a visibilidade e a dignidade das subjetividades subalternizadas. Nesse sentido, a obra se insere com potência no debate sobre imagens dissonantes e insurgentes na literatura brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Ficção e realidade; Literatura afro-brasileira; Interseccionalidade; Memória; Mulheres negras; Resistência.

Referências:
Akotirene, Carla. 2019. Interseccionalidade. Sueli Carneiro; Pólen. São Paulo, SP.
Carneiro, Sueli. 2011. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. Selo Negro. São Paulo, SP.
Foucault, Michel. 1979. Microfísica do poder. Graal. Rio de Janeiro, RJ.
Foucault, Michel. 2010. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Vozes. Petrópolis, RJ.
Mbembe, Achille. 2018. Necropolítica. n-1 edições. São Paulo, SP.
Piedade, Vilma. 2019. Dororidade. Editora Nós. São Paulo, SP.
Vieira, Lia. 2017. Só as mulheres sangram. Editora Malê. Rio de Janeiro, RJ.

A Dominância da Sociedade Masculina em "Lucíola": Uma Análise

Arthur Fernandez Mamede de Souza
Graduando em Letras – IFPA, Campus Belém
arthurfernandezmamede@gmail.com

Orientadora: Prof.ª Camila Maiara Costa Oliveira Prado
Mestra em Letras – IFPA, Campus Belém
camila.prado@ifpa.edu.br

Resumo: Este trabalho objetivou analisar a dominância da sociedade masculina em "Lucíola", de José de Alencar, a fim de perceber na obra de que forma é exercido esse poder, sendo que o foco principal recai sobre as diferentes formas de violência exercidas pelo homem sobre a figura feminina. Dessa maneira, a questão norteadora consiste em: Como na obra "Lucíola" acontece a dominação da mulher pela sociedade masculina e quais as consequências do poder masculino sobre o feminino em sua respectiva época e na contemporaneidade? A pesquisa adotou uma abordagem analítica, analisando a narrativa sob a perspectiva da teoria feminista e dos estudos de gênero, tendo as bases teóricas fundamentadas nos trabalhos de Bell Hooks (1952-2019), Pierre Bourdieu (2019), Judith Butler (2024), Simone de Beauvoir (2014), que

contribuíram para a compreensão das estruturas de poder e das desigualdades de gênero. O estudo foi dividido em dois momentos. Inicialmente, foi realizada uma verificação na obra, para identificar as diferentes formas do uso de poder que a sociedade masculina exerce sobre a mulher, que configura na violência sofrida pela protagonista: física, psicológica, sexual e simbólica. Em seguida, foi realizada uma análise a partir dos aportes teóricos para compreender o que leva a essa dominação e as consequências fruto desse tipo de comportamento social. As conclusões apontam que, apesar da obra ser produzida em um contexto histórico distinto, a narrativa revela a instauração da estrutura de poder da sociedade masculina sobre a feminina, que será essa sociedade dominante que determinará os tipos de comportamentos da mulher e que o seu poder é absoluto uma vez que não precisa ser justificado já que ele é autoafirmado na condição do gênero masculino. Logo, a obra corrobora para a reflexão sobre as raízes históricas e culturais acerca da dominância masculina e a importância de continuar a luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Dominância masculina. Lucíola, Poder, Violência, Sociedade.

Referências:
BOURDIEU, Pierre. 2019. A Dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica. Trad. Maria Helena Kühner. 15. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
BUTLER, Judith P. 2024. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 27. ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. (Sujeito e História)
ALENCAR, José de. [19--]. Lucíola. São Paulo, Ciranda Cultural. 128 p. (Coleção Literatura Brasileira).
BEAUVOIR, Simone de. 1960. O segundo sexo: fatos e mitos. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, Difusão Europeia do Livro. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/mod/resource/view.php?id=177029&forceview=1. Acesso em: 30 maio 2025.
HOOKS, Bell. 1952, 2019. Teoria feminista: da margem ao centro. Trad. Rainer Patriota. São Paulo, Perspectiva. (Palavras negras).

Vozes que versam (re)existência nos contos No seu pescoço, de Chimamanda Ngozi Adichie, e Olhos d'água, de Conceição Evaristo

Thamirys Sousa Silva Graduanda em Letras/Inglês – CCHSL-UEMASUL
thamirys.silva@uemasul.edu.br

Ana Paula Fontes e Silva
Graduanda em Letras/Inglês – CCHSL-UEMASUL
ana.paula.silva@uemasul.edu.br

Edna Sousa Cruz
Doutora em Ensino de Língua e Literatura – PPGLe-UEMASUL
edna.cruz@uemasul.edu.br

Resumo: Este trabalho está situado no campo dos estudos literários, com foco na literatura afro-diaspórica de autoria de escritoras negras. O estudo tece uma análise dos contos No seu pescoço

(2017), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, e Olhos d'água (2014), da escritora brasileira Conceição Evaristo, articulando um diálogo intertextual entre as duas obras. Busca-se analisar como as produções literárias de autoria negra feminina servem como estratégias de enfrentamento às opressões estruturais, como racismo, sexismo e colonialismo, problematizando como elas tensionam as consequências históricas e culturais da diáspora africana. Nos contos que constituem o objeto deste estudo, as temáticas – identidade, memória, pertencimento, gênero e trauma –, presentes nas narrativas adichiana e evaristiana, representam os pilares temáticos que orientam a perspectiva analítica adotada. A discussão possui caráter qualitativo e cunho bibliográfico. A fundamentação teórica deste trabalho baseia-se em teóricos que abordam temáticas como colonialidade, feminismo, interseccionalidade e literatura negra, cujas contribuições têm sido essenciais para a compreensão das múltiplas camadas de opressão e resistência presentes nessas obras. Entre os teóricos e autoras, destacam-se Kilomba (2019), hooks (2019), Lorde (2019), Collins (2019), entre outras. Ao explorar os contos No seu pescoço e Olhos d'água, enquanto narrativas negras femininas que rompem com o silenciamento e reafirmam a subjetividade africana e afro-brasileira, este estudo se alinha às discussões contemporâneas sobre letramento crítico, diversidade e inclusão. Inseridas no contexto da literatura negra de autoria feminina, a investigação discute o fazer literário de Adichie e Evaristo enquanto espaços de resistência, escuta e reelaboração das subjetividades historicamente marginalizadas. A ideia da escrevivência que percorre as produções de Adichie e Evaristo problematiza a escrita que nasce da vivência em narrativas de mulheres negras, como forma de empoderamento e transformação política e cultural. A investigação justifica-se por reconhecer a literatura como uma prática sociopolítica e cultural que vai além do ensino escolar tradicional, construindo-se como meio de expressão cidadã e valorização da humanidade de sujeitos historicamente marginalizados. A pertinência desta proposta de discussão também reside na valorização da literatura feminina negra, tanto africana quanto brasileira, como um instrumento de formação crítica e democrática, capaz de fomentar uma educação comprometida com a equidade, o respeito e a pluralidade de vozes. Para além de simples produções textuais, a produção literária de autoria feminina negra configura-se como manifesto de transgressão, (re)existência, humanização e cidadania, contribuindo para a ressignificação das experiências da mulher negra e para a ampliação das representações desse sujeito nos espaços literários. A leitura analítica dos dados sinaliza que, ao articular elementos autobiográficos, interculturais e afetivos, Adichie (2017) e Evaristo (2014) constroem personagens femininas que tensionam os dilemas do deslocamento identitário, do racismo estrutural e do silenciamento imposto por séculos de escravização e colonialismo de corpos, mentes e corações. As protagonistas dos contos têm suas jornadas entrelaçadas à memória como marcador de resistência, ancestralidade e empoderamento de suas histórias. A memória, nos contos, emerge como um recurso simbólico central da reconstrução de si, possibilitando o resgate e a autonomia de vozes, identidades, narrativas e formas de estar no mundo que foram sistematicamente apagadas.

Palavras-chave: Literatura afro-diaspórica, Autoria feminina, Identidade, (Re)existência sociopolítica e cultural.

Referências:

Adichie, Chimamanda Ngozi. 2017. No seu pescoço. Trad. Julia Romeu. Companhia das Letras. SP.
Collins, Patricia Hill. 2019. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. Boitempo. SP.
Evaristo, Conceição. 2014. Olhos d'água. Pallas. RJ.
hooks, bell. 2019. Olhares negros: raça e representação. Trad. Stephanie Borges. Elefante. SP.
Kilomba, Grada. 2019. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Cobogó. RJ.
Lorde, Audre. 2019. Irmã outsider. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. Autêntica. BH.

Prenúncio de samba: Os círculos de violência e exclusão na prosa de Conceição Evaristo

Viviane Cristina Oliveira
Doutora em Literatura – UFT
vivianecristina@uft.edu.br

Em 2014, Conceição Evaristo publicou a coletânea de contos Olhos d'água, apresentada por Heloisa Toller Gomes (2014) enquanto "turbilhão de questões sociais e existenciais", um turbilhão cujos "contos, sempre fincados no fugidio presente, abarcam o passado e interrogam o futuro". Considerando este traço, mencionado pela prefaciadora, de uma obra que, fincada no presente, assinala o passado e questiona o futuro, neste trabalho proponho uma leitura do conto "Ana Davenga" de maneira a destacar a dinâmica poética e crítica estabelecida pela autora ao inserir o samba como elemento dinamizador da narrativa. Em "Ana Davenga", os acontecimentos que antecedem e constituem a festa natalícia de Ana são anunciados como "prenúncio de samba", expressão inicial sugerida pelas batidas na porta, um código para avisos de paz e boas notícias. Nos ritmos do samba, Ana conhece o homem cujo nome agrega ao seu, Davenga, homem que reencontra nos passos de dança da mulher, no sorriso, a ancestralidade das mulheres de sua família. Nas rodas formadas para festas, embaladas pelo som que diz muito sobre as violências físicas e simbólicas impostas às mulheres e homens negros no passado e no presente, estão inscritos o gozo e a dor que tecem o inescapável destino trágico do casal. É, dessa maneira, o samba um eixo, histórico e poético, pelo qual a escrita de Conceição Evaristo nos reinsere no territórios, ou terreiros, dos afetos, lutas, memórias marcantes na vivência daqueles que transitaram das senzalas para as favelas das grandes cidades, aqueles que parecem aceitos e integrados à nação, tal como o ritmo que de proibido se tornou popular, mas em realidade permanecem tocados por uma lógica de violência, exclusão e morte. Nesse sentido, ao sublinhar como a escritora se vale do samba para reinscrever no presente a permanência do controle estatal, sob a égide violenta da ordem, sobre os corpos, este trabalho objetiva alinhar-se com a discussão em torno da subalternidade e das imagens dissonantes possíveis de serem discutidas a partir da poética de Conceição Evaristo. Para tanto, serão acionados textos de apoio como os de Roberto Pereira, em "Rodas negras: capoeira, samba, teatro e identidade nacional", e Gayatri Spivak, em "Pode o subalterno falar?".

Palavras-chave: Samba, memória, subalternidade.

Referências:
Evaristo, Conceição. 2016. Olhos d'água. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional. RJ.
Neto, Lira. 2017. Uma história do samba – as origens. Companhia das Letras. SP.
Pereira, Roberto. 2023. Rodas negras: capoeira, samba, teatro e identidade nacional. Perspectiva. SP.
Sodré, Muniz. 2015. Samba, o dono do corpo. Mauad. RJ.
Spivak, Gayatri Chakravorty. Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. 2010. Pode o subalterno falar? Editora UFMG. BH.

Exotismo e estereótipo na representação dos indígenas em Terra Papagalli

Dinameire Oliveira Carneiro Rios (UFT)

O objetivo neste trabalho é analisar o romance Terra Papagalli, de José Roberto Torero e Marco Aurélio Pimenta, a partir do viés da representação do indígena a fim de compreender como tais imagens literárias contribuem para a desconstrução de narrativas hegemônicas sobre o passado do Brasil. A narrativa mistura fatos históricos e elementos inventivos para contar, a partir do ponto de vista de um degredado português, Cosme Fernandes, o Bacharel de Cananeia, uma versão da "redescoberta" (leiam-se invasão) do território brasileiro pelos

lusos. De modo polifônico e por meio de um tom jocoso, o livro contribui para desconstruir a uniteralidade discursiva acerca do passado do País, ao mesmo tempo em ironiza a visão dos portugueses sobre os habitantes que aqui vivem no território. Na concepção do narrador e dos demais portugueses que aqui são deixados como degredados por serem criminosos no território português, os indígenas são vistos como sujeitos estereotipados e forjados por meio de caricaturas que vão atravessar majoritariamente o discurso colonizador ao longo da história do Brasil. Dado que as relações entre história e literatura são cruciais para construção de uma concepção mais crítica sobre o passado, a análise proposta ajudará a obter uma compreensão mais ampla do papel da ficção na representação da história e a na construção de contrapontos em torno das narrativas hegemônicas. Para fundamentar a análise, serão utilizadas como base, por exemplo, a Teoria Pós-colonial, a Teoria Literária e os Estudos Culturais, já que elas fornecem um instrumental conceitual necessário para entender questões acerca das representações de sujeitos subalternos, do exotismo e da apropriação cultural na Literatura, conforme asseguram Bonicci (2012), Burke (2008) e Esteves (2010).

Referências:

AMARAL, R. F.; CLARINDO, A. L. F. Uma visão sobre o índio em Terra Papagalli de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. Campinas: Papirus, 1994.

BONNICI, Thomas. O pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura. Maringá Eduem, 2012.

BURKE, Peter. O que é História Cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CALDEIRA, Jorge. A História Contada Por Quem Viu. São Paulo: Mameluco, 2008.

ESTEVES, Antônio R. O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000). São Paulo: Editora UNESP, 2010.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de. A Representação do Cenário no Novo Romance Histórico Brasileiro – Uma Leitura dos Romances A República dos Bugres e Conspiração Barroca, de Ruy Reis Tapioca. Millenium, Rio de Janeiro, 2015.

PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto. Terra Papagalli. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2011.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

LEITURA LITERÁRIA, PRÁTICAS DE LETRAMENTO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Moema de Souza Esmeraldo

Maria da Glória de Castro Azevedo

COMUNICAÇÕES

"VENHA VER O PÔR-DO-SOL": os caminhos de uma pesquisa-ação com foco no letramento literário para alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais

A escrevivência como estratégia de formação de leitores críticos ou um exercício de letramento literário racial

O círculo de leitura e as práticas de letramento literário nos anos finais do Ensino Fundamental da Escola de Aplicação da UFPA

Quem Lê Contos, Aumenta Pontos: um leitor em formação

O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS

LETRAMENTO DECOLONIAL: PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA O ENSINO DE LITERATURA

Oralidade como prática de letramento na formação de professores indígenas: saberes e fazeres a partir do parichara wapichana

O DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICO-CULTURAL AMAZÔNICA EM MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO PREPARA PARÁ

Vozes periféricas na sala de aula: práticas pedagógicas inclusivas a partir da análise da opressão na obra de Carolina Maria de Jesus

Letramento Digital como prática crítica e reflexiva na Educação Básica

Literatura angolana na escola brasileira: desafios e estratégias para a educação literária e seus contextos de mediação

Formação de leitor literário: Entre o ser e o formar de professores lotados em bibliotecas escolares da cidade de Araguaína (TO)

LITERATURA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO E A FORMAÇÃO DO LEITOR CAMPESINO

As práticas literárias com base nas habilidades da BNCC realizadas em sala de aula

O projeto pedagógico do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins e o ensino de Literatura Brasileira

ANÁLISE DA OBRA BANHO DE CHEIRO, DE ENEIDA DE MORAES: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO MÉDIO

O letramento literário e o RPG: mapeamento acerca do uso do RPG de mesa para o ensino de literatura

As práticas literárias com base nas habilidades da BNCC realizadas em sala de aula

Narrativas que transformam: coordenação, leitura literária e diversidade cultural na escola

"VENHA VER O PÔR-DO-SOL": os caminhos de uma pesquisa-ação com foco no letramento literário para alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais

Marliane Ribeiro de Sousa
Mestra em Linguagens e
Letramentos Profletras-Unifesspa
marlianersousa@gmail.com

Profª. Drª. Edimara Ferreira Santos
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (
ProfLetras- Unifesspa)
edimara@unifesspa.edu.br

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo desenvolver práticas de leitura e escrita capazes de promover o letramento literário, a partir do conto de terror/mistério "Venha ver o pôr-do-sol", de Lygia Fagundes Telles (1918-2022), inserido na antologia de mesmo nome, publicada em 1988. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, na qual foi desenvolvido o projeto de intervenção com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública do município de Itinga do Maranhão, através de estratégias didáticas envolvendo o texto literário, a mediação de leitura e o uso de espaços dentro e fora da sala de aula, além de recursos multimodais. Nesse processo, evidenciou-se através de uma pesquisa semiestruturada com foco no repertório leitor e cultural que a turma se identificava com gêneros literários voltados ao terror/mistério. Assim, foram organizadas 4 (quatro) oficinas de leitura e reescrita, a partir da concepção dos letramentos literários, tendo como base a mediação de leitura do conto da escritora Lygia Fagundes Telles, sob o viés perceptivo e o processo de reconstrução textual através da escrita imaginativa, criativa e fabulativa. O referencial sob o qual discutimos o conceito de percepção está fundamentado em Santaella (2012), já as perspectivas teóricas acerca de leitura, formação de leitores e letramentos literários estão embasadas em: Amorim et al (2022); Cosson (2012), Candido (2011); Lajolo (2018); Street (2014); Rojo (2015); Koch e Elias (2014); Solé (1998); Nascimento (2021); Kleiman (1995); Soares (2001). A partir dos resultados desta pesquisa, podemos perceber que os alunos-sujeitos não só se aproximaram do texto literário, mas vivenciaram experiências perceptivas: puderam sentir, enxergar, ouvir, imaginar o espaço, os personagens, experimentando as camadas de

sentido que o texto literário possibilita ao imaginário leitor, envolvendo reflexões sobre o contexto social e cultural dos estudantes de forma crítica e criativa.

Palavras-chave: Letramentos Literários, Conto de terror/mistério, Lygia Fagundes Telles , Leitura e reescrita.

Referências:

AMORIM, M. A. de; DOMINGUES, D.; NASCIMENTO, D. V. K.; SILVA, T. C. **Literatura na escola**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: Encontro & interação. São Paulo. Editora Parábola. Ed. 3. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília,

DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-dabncc>. Acesso em: 29 de abr. 2023.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In. Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola: Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

.COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 42.ed. São Paulo: Cortez, 1982.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

KOCH, I. V; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2014.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995.

NASCIMENTO, Débora Ventura Klayn. **Discursos sobre a leitura literária no livro didático de português e literaturas do ensino médio.** Tese de doutorado. Rio de janeiro, 2021.

ROJO, R. H.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura.** 6 a. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

STREET, B. V. **Letramentos sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TELLES, Lygia . F. **Venha ver o pôr-do-sol**. São Paulo: Ática, 2006.

A escrevivência como estratégia de formação de leitores críticos ou um exercício de letramento literário racial.

Albânia Celi Morais de Brito Lira
Doutoranda em Literatura - PPGLIT UFNT
albaniamorais@gmail.com

Marcio Araujo de Melo
Professor Orientador - PPGLIT UFNT
marciodemelo33@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo analisar como a escrevivência pode ser usada para formar leitores críticos e promover o letramento literário racial. A partir de uma abordagem qualitativa, de revisão bibliográfica, este trabalho pondera como a escrevivência, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, é estratégia usada pela autora para formação de leitores. Na perspectiva do leitor, pondera como essa estratégia se converte em uma ferramenta eficaz para a formação leitores críticos que promova promover o letramento literário com vistas a enfrentar estereótipos e silenciamentos impostos à autoria e as personagens negras pelo sistema literário negra. A metodologia utilizada partirá do diálogo entre a escrevivência e a importância da leitura numa perspectiva freireana, a fim de que se possa estabelecer conexões que convergem na formação leitores críticos e na promoção do letramento literário racial. A Escrevivência como essa estratégia que perpassa a obra narrativa e poética de Evaristo se revela em diálogo com a perspectiva de leitura de mundo, para compor uma ferramenta de formação crítica capaz de romper com os silenciamentos e estereótipos.Para tanto, a base teórica inclui a análise de produções narrativas e poéticas Conceição Evaristo(2011/2017), de Paulo Freire(1989/2013), de Cosson (2016)escrevivência no ensino de literatura. Os resultados esperados incluem a compreensão mais profunda da importância da escrevivência na formação de leitores críticos, como parte do projeto premeditado sobre o qual a autora fala em suas entrevistas e obras publicadas.

Palavras-chave: Escrevivência, Formação de Leitores, Letramento Literário, Paulo Freire, Conceição Evaristo

Referências:

COSSON, R. Letramento Literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016
EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Col. Vozes da diáspora negra, v. 7. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê. 2017
FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.Col. Polêmicas do nosso tempo, vol 4. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989
FREIRE, Paulo. Educação e mudança.[recurso eletrônico} Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013 FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967

O círculo de leitura e as práticas de letramento literário nos anos finais do Ensino Fundamental da Escola de Aplicação da UFPA

Andréa Jamilly Rodrigues Leitão
Doutora em Letras – USP
andrealeitao@ufpa.br

Resumo: Esta comunicação pretende apresentar os resultados iniciais do projeto desenvolvido na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA-UFPA), a partir da concepção dos círculos de leitura, os quais contribuem para a formação do leitor literário nos anos finais

do Ensino Fundamental. Tal experiência constitui-se como uma prática fundamental de letramento literário no espaço da escola, que incentiva tanto a proficiência leitora e o pensamento crítico dos estudantes quanto permite a ampliação do seu repertório sociocultural por via da discussão de temáticas como a diáspora africana e o preconceito racial. Essa iniciativa proporciona o encontro dos alunos-leitores com as obras de autores afrodescendentes e, sobretudo, com a vivência dos protagonistas negras em prol da construção de uma educação antirracista (Cavalleiro, 2001). Uma educação que se preze antirracista precisa não apenas discutir o racismo e suas ressonâncias, como também incluir a questão racial como um todo no seu currículo e na sua prática. A metodologia do círculo de leitura estimula a capacidade de leitura e a disposição crítica dos alunos, de sorte a conduzi-los a compreender com um olhar mais apurado o mundo e a si mesmos. Tal metodologia encontra-se articulada mormente no diálogo com os estudos de Rildo Cosson (2021, 2022, 2023). Este projeto almeja não somente ampliar, bem como aprofundar a reflexão em torno do racismo e do preconceito racial, bem como da diversidade cultural inerente à constituição do país, a partir do ato de leitura de textos literários pertencentes à literatura afro-brasileira. Esta caracteriza-se, nos termos de Eduardo de Assis Duarte (2021), por apresentar perspectivas e assuntos sob um viés intrinsicamente identificado à afrodescendência. Em suma, o círculo de leitura possui a finalidade de expandir a capacidade leitora e o pensamento crítico dos alunos, assim como tenciona alargar o seu repertório sociocultural ao ter contato com a experiência de personagens negras e os temas relacionados à escravidão, à diáspora africana e ao imaginário negro.

Palavras-chave: círculo de leitura; letramento literário; literatura afro-brasileira; diáspora africana; preconceito racial.

Referências:
Cavalleiro, Eliane. 2001. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. Selo Negro. SP.
Cosson, Rildo. 2021. Como criar círculos de leitura em sala de aula. Contexto. SP.
Cosson, Rildo. 2022. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. Contexto. SP.
Cosson, Rildo. 2023. Círculos de leitura e letramento literário. Contexto. SP.
Duarte, Eduardo de Assis (Coord.). 2021. Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX. 2. ed. Pallas. RJ.

Quem Lê Contos, Aumenta Pontos: um leitor em formação

Lorena Mena Barreto Rodrigues
Mestranda do PROFLETRAS/UFPA
lorebrr@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa-ação, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras, tem como objetivo investigar as contribuições de uma prática pedagógica de mediação de leitura, centrada em contos da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros, para a formação do leitor literário no Ensino Médio. A pesquisa parte do pressuposto de que a literatura, conforme preconizado por Candido (2004), é um "direito incompressível" e um saber singular que contribui para o processo de humanização. Desse modo, o acesso à literatura local, que reflete e fortalece a identidade dos sujeitos, é uma condição essencial para concretizar esse

direito. Propõe-se, assim, uma reflexão sobre o fomento da leitura literária em escolas públicas, visando aprofundar a leitura como prática social. A metodologia adotada é a pesquisa-ação crítica (Thiollent, 2002; Franco, 2005), de natureza qualitativa e exploratória. A pesquisa foi conduzida com estudantes do 1° ano do Ensino Médio (EM) de uma escola pública em Belém (PA), a partir de um diagnóstico inicial. A intervenção didática está em andamento, consistindo em uma sequência de mediações de leitura de contos de Maria Lúcia Medeiros, especificamente "Zeus ou a menina e os óculos", "Sounds", “Era uma vez” e “Chuvas e trovoadas”. Os instrumentos de coleta de dados incluem rodas de conversa, diário de bordo e o registro de respostas escritas dos sujeitos, permitindo uma análise comparativa da recepção dos contos em duas turmas de 1ª ano do EM. Inspirada por abordagens de mediação docente (Rouxel, 2013; Andruetto, 2017) e pelo potencial do gênero conto (Piglia, 2004; Bosi, 1997), a abordagem buscou evidenciar como o professor mediador pode orientar o olhar do sujeito para o texto, estimulando a reflexão, a fruição estética e a construção de sentidos. Além disso, a análise teórica se aprofunda nas estratégias narrativas do gênero conto e nas barreiras socioculturais que colocam a literatura amazônica em um "não lugar" (Fares, 2013). A partir da pesquisa em andamento, com a leitura dos contos “Zeus ou a menina e os óculos” e “Sounds”, tem sido possível verificar a experiência de leitura como um processo profundamente heterogêneo e que a mediação docente é fundamental para a formação do leitor literário. As intervenções têm demonstrado que, mesmo diante de dificuldades de vocabulário e interpretação, o engajamento dos sujeitos é significativamente maior quando a temática e o estilo narrativo se conectam com suas experiências ou com uma linguagem acessível. A pesquisa aponta a importância de se incluir a literatura regional no currículo escolar como forma de valorização da identidade e de combate ao apagamento cultural.

Palavras-chave: Leitura literária, Pesquisa-ação, Mediação docente, Literatura regional, Maria Lúcia Medeiros, Formação de leitores.

Referências:

Candido, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

Fares, José. O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola. Revista Cocar, v. 7, n. 13, p. 82-90, 2013.

Rouxel, Annie. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita. Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013.

Piglia, Ricardo. Teses sobre o conto. In: Formas Breves. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Bosi, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: O conto brasileiro contemporâneo. Tradução. São Paulo: Cultrix, 1997.

Thiollent, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2002.

Franco, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 3, p. 483 502, 2005.

Andruetto, María Teresa. A leitura, outra revolução. Tradução de Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS

Helene da Silva Lima Reis
Mestranda do POSTET-UNIFESSPA
Helene@semedmaraba.pa.gov.br

Resumo: A formação de leitores competentes e críticos é um dos grandes desafios da educação básica, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Nesse contexto, o conceito de letramento literário adquire centralidade, pois ultrapassa a simples decodificação do texto escrito e envolve a fruição, a interpretação e a inserção do sujeito em práticas sociais mediadas pela literatura. Nessa perspectiva, inserir os alunos nas práticas letradas, valorizando as diferentes manifestações da produção cultural, tem sido considerado uma das funções da escola. Para isso, é necessário que o professor seja capaz de transitar por espaços de múltiplas leituras e diferentes linguagens, mormente aqueles proporcionados pelas manifestações artísticas. Esse trabalho propõe apresentar um estudo sobre a formação dos professores dos anos iniciais no que diz respeito letramento literário, visto que o professor, nesse cenário, é o mediador que pode favorecer ou limitar a construção de vínculos significativos com a leitura. Entretanto, diversas pesquisas apontam que a formação inicial docente ainda apresenta fragilidades quanto ao trabalho com a literatura, muitas vezes reduzida a função didática, instrumental ou meramente ilustrativa. Dessa forma, refletir sobre o letramento literário e sua relação com a formação do professor dos anos iniciais é fundamental para repensar práticas e consolidar políticas de formação que efetivamente promovam a constituição de leitores literários. O estudo apresentado assume caráter qualitativo e bibliográfico, ancorando-se em autores que discutem o letramento literário e a mediação docente. Rildo Cosson (2006) propõe metodologias como a sequência didática básica e a expandida, defendendo que a literatura deve ser trabalhada como prática social. Teresa Colomer (2007) contribui ao refletir sobre o papel da escola na constituição do leitor literário e na formação de repertório cultural. Magda Soares (1998; 2021), ao diferenciar alfabetização e letramento, oferece base para compreender a leitura em suas múltiplas dimensões, incluindo o espaço do literário. Regina Zilberman (2003 complementam a discussão ao destacar a literatura infantil e juvenil como espaços de formação estética. O estudo evidencia que a formação docente para os anos iniciais precisa avançar no sentido de integrar de forma consistente o letramento literário às práticas de ensino.

Palavras-chave: Letramento literário; Formação docente; Anos iniciais; Literatura infantil; Mediação de leitura; Educação básica.

Referências:

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
SOARES, Magda. *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.* São Paulo: Contexto, 2021.
ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

LETRAMENTO DECOLONIAL: PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA O ENSINO DE LITERATURA

Datyane Freitas de Alencar
Graduanda UFRR
datyanedealencar@gmail.com

Moema de Souza Esmeraldo
Doutora em Letras – PPGL-PROFEI-UFRR
moema.esmeraldo@ufrr.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir a importância da literatura e do letramento literário no que tange uma perspectiva decolonial a partir de propostas que envolvam a perspectiva de educação inclusiva. Além de afirmar a necessidade de promover o acesso à literatura como um direito alienável, como assegura Candido (2004, 1972), especialmente, na perspectiva decolonial cujos indivíduos de quaisquer grupos sociais e suas respectivas identidades devem ser respeitados. Para tanto, serão realizadas atividades de investigação teórica que visam compreender a descolonização epistemológica das práticas pedagógicas na formação docente. Desse modo, pretende-se problematizar práticas pedagógicas que envolvem a representatividade dos diversos grupos sociais, fundamental no processo de construção de uma sociedade mais justa e de uma educação mais inclusiva e menos excludente. Para tanto, o intuito consiste em investigar e propor práticas pedagógicas de letramento literário a partir de diferentes autores, provenientes de diferentes corpos sociais invisibilizados historicamente (HOOKS, 2017) por meio de uma abordagem bibliográfica e interpretativa. Pretende-se como resultados, verificar que as nossas atividades teóricas, práticas e metodológicas precisam repensar o ensino de literatura e incluir a representação de minorias sociais na prática pedagógica a partir de uma perpectiva de educação inclusiva. Isto posto, com ênfase ao conceito de decolonial, sua aplicabilidade no campo pedagógico e nas manifestações de narrativas afro-brasileiras, amazônicas, indígenas, feministas, entre outras que visibilizam as minorias sociais. Cada vez mais, em contrapartida à prática pedagógicas hegemônicas baseia-se no pressuposto de educação pautada no ensino de literatura, que incorpora práticas pedagógicas para os Direitos Humanos. Uma vez que privilegia o direito à diferença na perspectiva decolonial e intercultural para que se construam positivamente identidades a partir da diversidade e no reconhecimento da inclusão e da representatividade de minorias sociais. Desse modo, as experiências a serem evidenciadas propõe análises de obras literárias destinadas ao público que ultrapassam a perspectiva tradicional de ensino da literatura, pois visam uma formação docente crítica e libertária que rompe com a práticas colonialistas, racistas e preconceituosas enraizadas na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Decolonialidade, Educação Inclusiva, Leitura Literária, Práticas pedagógicas.

Referências:

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento e A nova narrativa. In: A educação pela noite, 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 5. ed. v. 1. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.
CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. Quem é o sobre o que escreve o autor brasileiro. [Entrevista concedida a] Amanda Massuela. Revista Cult, São Paulo, 2018.
EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Belo Horizonte: Mazza. 2006.

Oralidade como prática de letramento na formação de professores indígenas: saberes e fazeres a partir do parichara wapichana

Maria Roberta Sagica Gomes
(UFRR)

Este estudo propõe uma reflexão sobre a relação entre literatura oral indígena, práticas de letramento e a formação de professores indígenas, tomando como referência a manifestação cultural do Parichara, expressão tradicional do povo Wapichana em Roraima a dança do parichara manifesta-se como força viva que consolida a identidade deste povo. A metodologia adotada parte de uma abordagem qualitativa, com base na experiência pedagógica desenvolvida na Escola Estadual Indígena Marcos Inácio Wapichana, analisa-se como o canto, a dança e os saberes ancestrais podem se articular ao ensino da leitura e da escrita em contextos escolares indígenas. Argumenta-se que práticas de letramento ancoradas na oralidade e nos repertórios culturais da comunidade fortalecem a identidade étnica, promovem a valorização das línguas originárias e contribuem para uma formação docente crítica, situada e engajada com os territórios e as culturas locais.

Palavras-chave: literatura oral indígena; Parichara; letramento cultural; formação docente; educação intercultural.

O DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICO-CULTURAL AMAZÔNICA EM MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO PREPARA PARÁ

Daniel Carlos dos Reis Pantoja Leão
Graduação em Letras pelo IFPA
Pesquisador do DEEL
danielpantojaleao@gmail.com

Heródoto Ezequiel Fonseca da Silva
Doutor - IFPA
Coordenador DEEL
herodoto.silva@ifpa.edu.br

Resumo: O estudo em tela, intitulado ‘O discurso sobre a diversidade linguístico-cultural amazônica em materiais didáticos de Língua Portuguesa do Prepara Pará’ pretende por meio de pesquisa bibliográfica e documental, identificar os pontos fortes e fracos do material didático Prepara Pará e os discursos que ecoam da sua elaboração, objetivos e utilização afim de compreender os possíveis impactos e alcances na educação dos jovens paraenses e nos próprios educadores. A pesquisa foi desenvolvida de forma interpretativa, a partir da abordagem discursiva, na qual foi feita a leitura, seleção e análise dos enunciados extraídos dos materiais didáticos. Os resultados apontam para um tensionamento entre aprendizagem significativa e adestramento escolar, revelando que, mesmo este programa se apresente como uma ferramenta de apoio pedagógico, seu foco central está voltado para a elevação de

indicadores em avaliações de larga escala, como o SAEB e o ENEM. Além disso, os resultados indicam que a redução da complexidade linguístico-cultural amazônica a um modelo homogêneo de linguagem compromete a formação crítica dos estudantes e o reconhecimento das múltiplas vozes que compõem o cenário educacional paraense.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Linguagem; Amazônia; ENEM.

REFERÊNCIAS:

ALTHUSSER, Louis. **Posições II**. Rio de Janeiro: Edições Graal, Biblioteca de Ciências Sociais v. 17, 1980.

ASCOM. Secretaria de Educação do Pará. **Secretaria de Educação realiza formação de professores para utilização do 'Prepara'.** 2023.

ASCOM. Secretaria de Educação do Pará. **Seduc proporciona encontro formativo para professores estaduais.** 2024.

ASCOM. Secretaria de Educação do Pará. **Seduc cria material pedagógico inédito e regionalizado para fortalecer ensino nas escolas estaduais**. 2025.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurs**o. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 3ª. ed. rev. 2009.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

CEFOR. **Foco na Aprendizagem**. 2023.

ESTADÃO, **Pará registra avanço histórico na educação e alcança 6º lugar no IDEB**. 19 ago.2024

ESTÚDIO FOLHA. **Pará investe em educação e alcança 6ª posição no ranking do Ideb nacional.**17 ago.2024

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 2, 2013.

JORNAL METROPOLES. Pará: investimentos em educação refletem em bom desempenho no Ideb, 16 ago. 2024

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. Cortez editora, 2024.

MUSSALIM, Fernanda; BARONAS, Roberto Leiser. POSSENTI, S. Questões para analistas do discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, 183 p. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso, n. 2, 2009.

O GLOBO. Reajuste para professores e novo sistema de avaliação: como o Pará foi da última à sexta posição do Ideb em quatro anos. 15 ago. 2024

PREPARA, somos educação: Língua Portuguesa: terceira série: ensino médio: caderno 2: aluno / obra coletiva, 1ª ed., São Paulo, Somos Sistema de Ensino, 2024

POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito. Criar edições, 2002.

Vozes periféricas na sala de aula: práticas pedagógicas inclusivas a partir da análise da opressão na obra de Carolina Maria de Jesus

Edinete da Silva Pereira
Mestrando-PROFEI- UFRR
Edinete.pereira.ufrr.t5@gmail.com

Moema de Souza Esmeraldo
Doutora em Literatura- PROFEI- UFRR
moemaesmeraldo@ufrr.br

Resumo: O presente trabalho visa promover como recurso educacional a análise das obras Quarto de Despejo e Onde Estaes Felicidade?, da escritora Carolina Maria de Jesus, a partir da perspectiva de inclusão das minorias sociais com intuito de realizar a análise dessas obras tendo em vista a denúncia das desigualdades sociais, do machismo e da opressão estrutural enfrentadas por mulheres negras e periféricas no Brasil. Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo propor a reflexão sobre a literatura como instrumento de resistência e denúncia, destacando a necessidade de ações pedagógicas que favoreçam escritoras como Carolina Maria de Jesus, que rompe com os padrões do cânone literário tradicional e afirma a sua força nas vozes marginalizadas. Sendo assim, justifica-se relacionar o poder transformador da literatura (Cândido, 2001) e práticas sociais de letramento literário, tomando as experiências retratadas nas obras que permanecem atuais e relevantes para o contexto educacional e social contemporâneo. Nesse sentido, a leitura literária é valorizada como ferramenta de letramento crítico, especialmente na formação de professores que atuam para uma publico historicamente vulnerabilizado. A proposta pedagógica aqui exposta é a de que a literatura pode e deve ser utilizada para fomentar o debate sobre inclusão, raça e classe, ampliando a consciência crítica dos estudantes e promovendo práticas educativas inovadoras.

Palavras-chave: Literatura de resistência; Denúncia; inclusão; Opressão; Formação de professores.

Referências:

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Papirus, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 177-191.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra:** uma poética de nossa afro-brasilidade. In: Duarte, Constância Lima; Ribeiro, Maria Aparecida de Oliveira (Org.). Escritas de autoria negra feminina. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009, p. 25-34.

JESUS, Carolina Maria de. **Onde estaes Felicidade?** Dinha e Raffaella Fernandez, organizadoras. São Paulo: Me Pario Revolução, 2014. 110 p. 14 x 21 cm. 1. Ficção Brasileira. 2. Contos. ISBN 978-85-68318-02-7.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**/ Diário de uma favelada. Edição comemorativa, organizadoras. São Paulo: Ática, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GALVÃO,Andréia Márcia de Castro. **Carolina Maria de Jesus**: sua escrita, sua vida. Universidade do Minho– Portugal,2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017

Letramento Digital como prática crítica e reflexiva na Educação Básica

Geolange Carvalho Ferreira
Doutoranda em Linguística e Literatura – PPGLL/UFNT
geolange.ferreira@ufnt.edu.br

Maria José de Pinho
Doutora em Linguística e Literatura – PPGLL/UFNT
mjpgon@mail.uft.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar como as competências relacionadas ao letramento digital, compreendidas sob uma perspectiva crítica e criativa, podem contribuir para a construção de uma prática docente mais significativa na educação básica. A partir da compreensão de que o letramento digital não se restringe ao domínio técnico das tecnologias, mas envolve a capacidade reflexiva, ética, criativa e pedagógica no uso dos meios digitais de acordo com Santos & Silva (2021) e Buzato (2009), busca-se problematizar o modo como professores compreendem e integram essas competências no cotidiano escolar. A pesquisa é qualitativa, de natureza aplicada, e adota como metodologia o estudo de caso, tendo como lócus o Colégio Estadual Jorge Amado, da Rede Estadual de Ensino em Araguaína-TO. Os participantes da pesquisa serão professores atuantes nesse colégio. A produção de dados será feita por meio de entrevistas semiestruturadas, análise documental de políticas públicas como a Política Nacional de Educação Digital e diretrizes curriculares nacionais. A análise dos dados será orientada pela análise de conteúdo, considerando as categorias emergentes das falas dos professores e dos documentos analisados. A fundamentação teórica baseia-se na concepção freireana de educação crítica e emancipadora, nas discussões sobre letramento digital e práticas pedagógicas segundo estudos das autoras Coscarelli (2016), Soares (2004) e Ribeiro (2021) e dialoga com os princípios da epistemologia da complexidade, propostos por Edgar Morin (2005), reconhecendo a educação como um sistema multifacetado, interconectado e em constante transformação. A complexidade, nesse contexto, permite repensar os modos de ensinar e aprender com tecnologia, valorizando a pluralidade de saberes, a articulação entre teoria e prática e a responsabilidade ética no uso das mídias digitais. Espera-se como resultado compreender os desafios e potencialidades da integração crítica e criativa do letramento digital nas práticas pedagógicas dos docentes da escola pesquisada, além de subsidiar a elaboração de um programa de formação permanente em letramento digital, voltado à qualificação das práticas docentes no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Letramento digital; formação docente; educação básica; complexidade; tecnologia; prática pedagógica.

Referências:
Bardin, Laurence. 2011. Análise de conteúdo. Edições 70. Lisboa.
Brasil. 2023. Política Nacional de Educação Digital. MEC.

Buzato, Marcus; Emílio Kraide. 2009. Letramentos digitais: práticas sociais e linguagens. Mercado de Letras. Campinas.
Coscarelli, Carmen V. 2016. Letramento digital na formação de professores. Parábola. SP.
Freire, Paulo. 1987. Pedagogia do oprimido. Paz e Terra. RJ
Morin, Edgar. 2005. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Bertrand Brasil. RJ
Ribeiro, Adriana Lopes da C. Tecnologias e práticas pedagógicas: desafios contemporâneos. São Cortez. SP.
Santos, Eliane; Silva, Daniel. 2021.Tecnologias digitais e docência crítica. Cortez. SP.
Soares, Magda Beatriz. 2004. Letramento: um tema em três gêneros. Autêntica. BH.
Triviños, Augusto Nibaldo Silva. 1987. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.
Yin, Robert k. 2016. Estudo de caso: planejamento e métodos. Bookman. Porto Alegre.

Literatura angolana na escola brasileira: desafios e estratégias para a educação literária e seus contextos de mediação

Renata Beatriz B. Rolon
Doutora em Letras – PPGLA-UEA
rrolon@uea.edu.br

Resumo: As pesquisas realizadas no Brasil acerca das literaturas africanas de língua oficial portuguesa na escola básica, privilegiam o estudo da linguagem de autores que discutem, reescrevem e reinventam a história e o imaginários dos seus países. Diante das especificidades das literaturas produzidas em Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, verificamos a necessidade de, após duas décadas da implementação da lei 10.639/2003, potencializar as diferenças cultural, linguística e estética que marcam essas produções. Considerando os contatos culturais já estabelecidos, é relevante realizar estudos mais individualizados, verticalizados, para compreender a dinâmica da produção angolana escrita em língua portuguesa. Por tudo isso, fomentar a mediação leitora a partir dessa produção na escola brasileira é propor a tessitura de um desenvolvimento educacional que favoreça a resistência diante da intolerância, do preconceito e do desconhecimento. Nessa conjectura, nosso trabalho, por meio de uma abordagem qualitativa, tendo como técnica de pesquisa a análise de conteúdo, e utilizando como instrumentos a entrevista semiestruturada e o guia de observação, apresenta um mapeamento realizado em 6 escolas da rede pública estadual, do ensino fundamental II, situadas em Manaus, Amazonas. Verificamos como a literatura angolana é abordada na realidade social escolar, tendo em vista as atividades de formação de leitores, em que se consideram a importância do reconhecimento das identidades negras e afrodiaspóricas no processo de formação cultural brasileira, sobretudo no norte do país. A literatura, como prova dos discursos e ideologias presentes em determinadas épocas, constrói relações e rompe fronteiras, mesmo as mais rígidas. Nossa investigação revelou outras vozes, outros discursos, outras referências étnico-raciais, para além do cânone literário brasileiro. Outros corpos tomam forma e revelam mais um componente da construção humana amazônica. O estabelecimento de um currículo plural e dialógico que abrange o literário e o seu ensino, sinaliza a urgência de estender o debate para alcançar mudanças paradigmáticas na estrutura de aprendizagem. Os resultados indicam que a escola começa a registrar outras memórias, ouve novas histórias, agora relatadas pelas vozes de outros(as) locutores(as).

Palavras-chave: Literatura angolana, Educação literária, Formação cultural, Escola.

Referências:
AMAZONAS. Referencial Curricular Amazonense, 2019. Disponível em:<www.sabermais.am.gov.br/pagina/jornada-pedagogica-2020-referencial-curricular> Acesso em 22 de julho de 2025
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Brasília, DF, 2018. Disponível http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/. Acesso em 22 de julho de 2025.
HERNANDEZ, Leila Leite. África na sala de aula - Visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2008.
SILVA, Agnaldo Rodrigues da (org.). Ensino de literaturas e culturas africanas e afro brasileira na Educação Básica e Superior: desafios e perspectivas. Campinas: Pontes Editores, 2022.
ZILBERMAN, Regina. "O papel da literatura na escola". In.: Via Atlântica. Publicação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. José Nicolau Gregorin Filho e Maria Zilda da Cunha (Org.). FFLCH-USP: São Paulo, n.14, 2008, p. 11-22.

Formação de leitor literário: Entre o ser e o formar de professores lotados em bibliotecas escolares da cidade de Araguaína (TO)

Nilo Marinho Pereira Junior
Doutorando do PPGLLIT-UFNT
nilo.junior@ufnt.edu.br

Quando falamos em formação de leitores literários, costumamos voltar nosso olhar primeiro para o contexto de sala de aula. Contudo, na escola, a biblioteca pode ser um espaço fundamental para a promoção da leitura literária, especialmente por meio de práticas de leituras dinamizadas pelos professores lotados neste espaço. Este trabalho, fruto da pesquisa de doutorado, tem como pergunta de pesquisa: como se dá a mediação da leitura literária pelos professores lotados em bibliotecas escolares, tendo por base a sua constituição de leitor em geral e de leitor literário? Assim, tivemos como objetivo analisar, por meio das narrativas de professores lotados em bibliotecas escolares estaduais de Araguaína (TO), suas relações com práticas de mediações de leitura literária, considerando os próprios percursos de vida e de formação de leitor em geral e de leitor literário. Metodologicamente o trabalho se constitui como uma pesquisa qualitativa, por lançar um olhar sobre as relações e as vivências dos professores que trabalham em bibliotecas, focando na contribuição da formação do leitor literário e do incentivo à leitura. O levantamento e geração de dados foram realizados por meio de pesquisa documental e pela realização de Grupos Focais com professores lotados em bibliotecas escolares. Para o processo de sistematização e geração das categorias de análise, foi utilizada a Análise de Conteúdo (AC), considerada uma ótima ferramenta para análise de conversas e comunicações. Para apoiar nossas análises, partimos da construção de um arcabouço teórico formado, principalmente, por autores que discutem a noção de leitura e de leitura literária, como Iser (1996), Jauss (1994), (Zilberman (2012; 2021), Abreu (1999), Jouve (2002), Candido (2017) e Perrone-Moisés (1990); aqueles que abordam mediação de leitura e formação de leitores, como Zilbermam (2009), Britto (2015) e Macedo (2021); os que versam sobre biblioteca escolar e as práticas de leitura literária, Milanesi (2002), Castrillón (2011; 2024), Petit (2010) e Silva (2018), entre outros. Por fim, podemos chegar em algumas considerações importantes sobre o papel do professor lotado em bibliotecas e

como, tanto o professor como o espaço, podem contribuir de forma exponencial para a formação de leitores literários, desde que sejam dadas as condições e formações adequadas.

Palavras-chave: Leitura literária. Mediação de leitura. Biblioteca escolar. Práticas de leitura literária.

LITERATURA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO E A FORMAÇÃO DO LEITOR CAMPESINO

Ronize Leite das Neves
Mestre em Letras – PPGL/UFRR
ronizeneves@gmail.com

RESUMO As discussões sobre a educação do campo têm avançado significativamente nos últimos anos. Considerando a importância da literatura no processo de aprendizagem, este artigo tem como objetivo destacar sua relevância no contexto educacional, com ênfase no leitor campesino, levando em conta sua realidade e necessidades específicas. Além disso, busca-se evidenciar a consolidação dessa modalidade de ensino por meio das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica de abordagem descritiva e exploratória. Por meio dos resultados pôde-se concluir que, ao praticar a leitura literária, o aluno pode satisfazer suas necessidades, sendo-lhes permitido assumir uma atitude crítica em relação ao mundo, advinda das diferentes mensagens e indagações que a literatura oferece. Dessa forma, espera-se que as considerações aqui mencionadas permitam discutir o quanto a literatura é importante para o leitor campesino, contribuindo de forma valiosa e enriquecedora para a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Educação do campo. Leitura literária. Ensino

As práticas literárias com base nas habilidades da BNCC realizadas em sala de aula

Raquel Bezerra Gadelha
Graduanda da UFAM
raquelbgadelha@gmail.com

Dariana Gadelha
Professora Adjunta – UFAM
Orientadora
dariana.gadelha@ufam.edu.br

Sérgio Orleans de Melo Gadelha
Professor Adjunto - FUCAPI
Mestre em Ciências – USP
Orientador
sergadelha@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa expõe uma reflexão sobre a realidade das práticas literárias com base nas habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), frente a aplicação de

leitura e letramento desenvolvidas em sala de aula para os discente do ensino médio. A (BNCC) apresenta habilidades norteadoras para que os professores e estudantes possam vivenciar aprendizados significativos com as práticas literárias desde o uso de materiais tradicionais até as diversas mídias usadas atualmente. Com a prática dessas orientações da BNCC, os docentes de Língua Portuguesa podem incrementar suas aulas e despertar o interesse do aluno. No entanto colocar tais habilidades em prática apresenta-se um obstáculo, quando não se leva em consideração a realidade do professor em sala de aula, ou a realidade dos discentes do Brasil, que são extremamente peculiares a depender da região, por exemplo. Nosso interesse em particular é analisar como as aulas de literatura, realizadas conforme as habilidades da BNCC, têm a possibilidade de trazer inovações para ampliar as metodologias em sala de aula. Os meios audiovisuais com suas tecnologias, artísticas e da linguagem, são trazidos na BNCC, com ideias para a aplicação de metodologias diferenciadas para atrair os discentes. Dessa forma, o documento norteador apresenta novos caminhos para que os professores possam adequar as metodologias às suas realidades. Assim, esta pesquisa foi a campo a fim de compreender melhor a relação entre as orientações da BNCC e as práticas literárias docentes em uma escola estadual no município de Manaus. Logo, apresenta uma abordagem qualitativa enfatizando a análise de processos sobre as ações individuais, com uma investigação de dados, para uma compreensão interpretativa e argumentativa. Os resultados desta pesquisa levantaram dados sobre práticas literárias com base nas habilidades da BNCC, com o propósito de esclarecer a realidade sobre a aplicação ou não das habilidades para o letramento literário de alunos de ensino médio em Manaus. Para embasarmos nosso trabalho, fizemos uso além da BNCC, das Orientações Curriculares Nacionais (OCEM), e dos textos de Antonio Candido, Direito à literatura, e do texto de Leyla Perrone Moisés que aborda a diminuição da disciplina de literatura nos últimos anos.

Palavras-chave: Ensino médio, Práticas Literárias, Habilidades da BNCC.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
BRASIL. Ministério da Educação. Orientações Curriculares Para o Ensino Médio. Brasília, 2018.
CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-91.
PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. Literatura e Sociedade, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 9, p. 16–29, 2006.

O projeto pedagógico do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins e o ensino de Literatura Brasileira

Maria da Glória de Castro Azevedo
Doutora em Letras- PPGLetras- UFT
gloriazevedo@uft.edu.br

Resumo: Este trabalho propõe considerações acerca do ensino e pesquisa de literatura de temática lésbica no período de 2009 a 2019, no curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, com foco em obras de Louro (2001 e 2004), Butler (2002 e 2003), Lionço e Diniz (2009) Zilberman (2012) dentre outros. Por meio de uma abordagem bibliográfica com elementos de análise qualitativa, esse trabalho segue quatro

etapas. A primeira consiste no estudo do Projeto Pedagógico do Curso – PPC em vigor desde sua aprovação em 2009 e a sua versão atualizada em 2019 e 20222 e objetiva traçar uma linha evolutiva sobre a presença da literatura lésbica ou queer no ensino e na pesquisa de literatura brasileira no referido curso, tendo como norte principal o recorte temporal de dez anos. A segunda etapa levanta o número total dos componentes curriculares de literatura brasileira ofertados durante os anos de 2009 a 2019 e seus respectivos planos de curso, com as obras literárias elencadas nos planos de curso dos componentes curriculares de literatura brasileira, objetivando avaliar a presença das discussões de gênero e da literatura de temática lésbica. A terceira etapa é o momento da convergência das duas anteriores, com o levantamento de quantas defesas de Trabalho de Conclusão de Curso- TCC foram realizadas com obras que explorem a temática lésbica após a implantação do então novo Projeto Político Pedagógico – PPC, aprovado em 2009 e vindo a ter as primeiras defesas de TCCs em 2014. Por fim, a quarta e última etapa avalia se tanto os planos de curso quantos os TCCs estão sedimentados em um viés teórico e a presença dos estudos literários sob a perspectiva de gênero. Nessa análise, verificou-se que alguns componentes curriculares seguem a linha teórica do cânone literário e o mesmo olhar dos estudos clássicos da teoria da literatura, cabendo aos componentes curriculares eletivos fazer um recorte teórico mais alinhado com as discussões contemporâneas. Esse conceito estabelecido na própria estrutura do PPC faz com que os estudantes que não cursarem determinados componentes curriculares eletivos não discutam a temática de gênero, no texto literário, e não conheçam autores, autoras e obras que trabalhem a temática lésbica ou queer. Além do levantamento das obras literárias elencadas em cada plano de curso, também se observou se há, na bibliografia referendada, teóricos e teóricas dos chamados estudos de gênero e teoria queer.

Palavras- chave: Literatura; Ensino, Gênero, Currículo.

Referências:

Butler, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

Butler, Judith. Cuerpos que importan. Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. Traducción de Alcíra Bixio. Buenos Aires, Paidós, 2002.

Lionço, Tatiana. Diniz, Debora (orgs.). Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio, Brasília, LetrasLivres: EdUnB, 2009.

Louro, Guacira Lopes. Um corpo estranho- ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte, Autêntica, 2004. .

Louro, Guacira Lopes. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

Zilberman, Regina. A leitura e o ensino da literatura [livro eletrônico] / Regina Zilberman. – Curitiba: Ibpex, 2012.

ANÁLISE DA OBRA BANHO DE CHEIRO, DE ENEIDA DE MORAES: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO MÉDIO

Denison Castro dos Santos
Mestrando do PPGELL – UEPA
denniscastro1996@gmail.com

Jesileidy da Costa Neri
Mestranda do PPGELL – UEPA
jesileidyneri@gmail.com

Laís Moraes Sindeaux
Mestranda do PPGELL – UEPA
laisindeaux@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise literária da crônica "Banho de Cheiro", de Eneida de Moraes (1989), tendo como base os conceitos de dialogismo, polifonia e carnavalização, conforme a teoria de Mikhail Bakhtin (1987; 2016) e os estudos das professoras Maria Betânia Baborsa Albuquerque e Mayra Faro (2012) acerca da pajelança cabocla. A pesquisa propõe compreender de que forma a narrativa de Eneida representa práticas culturais amazônicas – como o banho de cheiro e a pajelança – que constituem manifestações de resistência identitária e preservação dos saberes dos povos tradicionais. A metodologia adotada para a análise é de caráter qualitativo, consubstanciada na interpretação da obra literária articulada a uma proposta pedagógica baseada no método recepcional de Bordini e Aguiar (1988). Nesse viés, o estudo evidencia como a linguagem polifônica apresentada na obra permite a interlocução entre memórias pessoais, críticas sociais e tradições populares, promovendo a valorização da cultura e da identidade cabocla. Além da análise teórica, este estudo propõe-se uma sequência didática voltada a alunos do Ensino Médio, constituída por quatro encontros temáticos que envolvem leitura, discussão, produção textual do gênero manifesto. A proposta pedagógica tem por objetivo estimular a leitura crítica, o reconhecimento da identidade amazônica e a reflexão sobre o papel da literatura como instrumento de resistência cultural, o que se evidencia a partir da articulação entre a carnavalização e a pajelança cabocla, revelando a potência simbólica de práticas culturais marginalizadas que, por meio da literatura, tornam-se espaços de afirmação e subversão das ordens sociais estabelecidas. Conclui-se, assim, que a crônica "Banho de Cheiro" retrata um espaço de vivências, memórias e resistência, reafirmando a importância da literatura regional no processo de formação de leitores críticos e conscientes de sua cultura. O estudo também destaca o papel fundamental da escola na promoção de práticas educativas que valorizem os saberes locais e as múltiplas vozes que compõem a identidade amazônica.

Palavras-chave: Banho de Cheiro; Eneida de Moraes; Dialogismo; Carnavalização; Identidade Cultural; Ensino de Literatura.

Referências:

ALBUQUERQUE. Maria Betânia Barbosa. Beberagens Tupinambá e processos educativos no Brasil colonial. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.27, n.01, p.19-44, abr. 2011.

ALBUQUERQUE. Maria Betânia Barbosa; FARO, Mayra. Saberes de cura: um estudo sobre a pajelança cabocla e mulheres pajés da Amazônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano V, n.13, p. 57-72, Mai. 2012.
BAKHTIN, Mikhail. A **cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.
BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** (Org.) Paulo Bezerra; (Notas) Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 (1ª edição).
BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Método Recepcional**. In: BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 81-102.
BRAIT, Berta. **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.
FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
MIRANDA, Dilmar. Carnavalização e multidentidade cultural: antropofagia e tropicalismo. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP: São Paulo, 9(2): 125-154, outubro de 1997.
MORAES, Eneida de. **Aruanda**. Belém SECULT. FCPTN, 1989.
TRINDADE, Maria de Nazaré Barreto. **Palavras entre rios e ruas: ensaios sobre literatura na Amazônia**. Belém: FCP, 2016.

O letramento literário e o RPG: mapeamento acerca do uso do RPG de mesa para o ensino de literatura

Joshua Horta Freitas
Graduando em Letras, Língua e Literatura Portuguesa - UFAM
joshuafreitas68@gmail.com

Orientadora: Priscila Vasques Castro Dantas
Doutora em Educação – PPGE-UFAM
priscilavasques@ufam.edu.br

RESUMO: Este estudo tem por objeto de análise as produções acadêmicas acerca do uso do RPG de mesa para o ensino de literatura e letramento literário em âmbito nacional. Por meio de uma abordagem qualitativa, a pesquisa busca observar nos trabalhos quais metodologias foram utilizadas para a aplicação do ensino de literatura utilizando o RPG de mesa como ferramenta pedagógica, alinhada às metodologias ativas e multimodais referenciadas na BNCC. O role-playing game, também conhecido como RPG de mesa ou apenas RPG, é um sistema narrativo único, no qual se dá a construção de uma narrativa oral coletiva, que ganha vida na performance e na voz dos jogadores. Considerando essa modalidade única de narrativa, que parte da confecção de um texto pré-produzido e visa o improviso, a produção de uma narrativa de RPG parte, primariamente, da fruição de textos externos, incluindo textos literários. Assim o sendo, é possível ver no RPG uma porta de entrada para a prática de leitura literária, passível de ser utilizada também para o ensino de literatura. A apropriação dos textos literários respeita "o modo próprio de significar dado pela literatura, um modo que se funda na relação intensa de linguagem, pela qual construímos e reconstruímos a nós e ao mundo nas palavras da experiência e com a experiência do outro" (Cosson, 2020, p.173). Desta maneira, sendo o RPG uma prática que visa a performance oral, possibilitando por meio da voz um espaço de integração social (Fernandes, 2014) que reafirma a presença do corpo e carrega a subjetividade do indivíduo (Zumthor, 1987), torna a experiência literária uma experiência do viver (Cosson, 2006). Ao cabo, este trabalho enfatiza a importante ferramenta pedagógica que

a experiência RPG/literatura pode proporcionar, tornando o ensino de literatura mais dinâmico, atrativo e lúdico, de modo a funcionar como uma via de acesso dos jovens para com a literatura.

Palavras-chave: Ensino de literatura; Letramento literário; RPG.

Referências:
COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2006. Reimpressão, São Paulo: Contexto, 2009.
COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 2020.
FERNANDES, Frederico (Org.). **As razões da voz**: entrevistas com protagonistas da poesia sonora no século XX. Londrina: Eduel, 2014.
ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreia, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

As práticas literárias com base nas habilidades da BNCC realizadas em sala de aula

Raquel Bezerra Gadelha
Graduanda da UFAM
raquelbgadelha@gmail.com

Dariana Gadelha
Professora Adjunta - UFAM
dariana.gadelha@ufam.edu.br

Sérgio Orleans de Melo Gadelha
Mestre em Ciências - USP
sergadelha@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa expõe uma reflexão sobre a realidade das práticas literárias com base nas habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), frente a aplicação de leitura e letramento desenvolvidas em sala de aula para os discente do ensino médio. A (BNCC) apresenta habilidades norteadoras para que os professores e estudantes possam vivenciar aprendizados significativos com as práticas literárias desde o uso de materiais tradicionais até as diversas mídias usadas atualmente. Com a prática dessas orientações da BNCC, os docentes de Língua Portuguesa podem incrementar suas aulas e despertar o interesse do aluno. No entanto colocar tais habilidades em prática apresenta-se um obstáculo, quando não se leva em consideração a realidade do professor em sala de aula, ou a realidade dos discentes do Brasil, que são extremamente peculiares a depender da região, por exemplo. Nosso interesse em particular é analisar como as aulas de literatura, realizadas conforme as habilidades da BNCC, têm a possibilidade de trazer inovações para ampliar as metodologias em sala de aula. Os meios audiovisuais com suas tecnologias, artísticas e da linguagem, são trazidos na BNCC, com ideias para a aplicação de metodologias diferenciadas para atrair os discentes. Dessa forma, o documento norteador apresenta novos caminhos para que os professores possam adequar as metodologias às suas realidades. Assim, esta pesquisa foi a campo a fim de compreender melhor a relação entre as orientações da BNCC e as práticas literárias docentes em uma escola estadual no município de Manaus. Logo, apresenta uma abordagem qualitativa enfatizando a análise de processos sobre as ações individuais, com uma

investigação de dados, para uma compreensão interpretativa e argumentativa. Os resultados desta pesquisa levantaram dados sobre práticas literárias com base nas habilidades da BNCC, com o propósito de esclarecer a realidade sobre a aplicação ou não das habilidades para o letramento literário de alunos de ensino médio em Manaus. Para embasarmos nosso trabalho, fizemos uso além da BNCC, das Orientações Curriculares Nacionais (OCEM), e dos textos de Antonio Candido, Direito à literatura, e do texto de Leyla Perrone Moisés que aborda a diminuição da disciplina de literatura nos últimos anos.

Palavras-chave: Ensino médio, Práticas Literárias, Habilidades da BNCC.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
BRASIL. Ministério da Educação. Orientações Curriculares Para o Ensino Médio. Brasília, 2018.
CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-91.
PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. Literatura e Sociedade, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 9, p. 16–29, 2006.

Narrativas que transformam: coordenação, leitura literária e diversidade cultural na escola

Neivana Rolim de Lima
Mestra pelo PPGL-UFAM
Coordenadora Pedagógica - SEED/RR
neivanalima@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho analisa o papel da coordenação pedagógica na mediação de práticas de letramento literário e na formação docente em contexto de diversidade cultural, a partir da experiência desenvolvida na Escola Estadual em Tempo Integral Professora Maria das Dores Brasil, localizada em Boa Vista-RR. Diante de uma realidade marcada por vulnerabilidade social, fluxo migratório e desafios linguísticos, a coordenação articulou o Projeto de Intervenção Identidade, Cultura e Educação: Construindo Saberes, mobilizando o corpo docente em torno de uma proposta interdisciplinar, voltada à valorização das identidades culturais e ao fortalecimento das competências de leitura, interpretação e produção textual. A partir de estratégias como oficinas de leitura, produções autorais, HQs com temática indígena e escrita autobiográfica, o projeto promoveu o protagonismo estudantil e a humanização das práticas pedagógicas. Com base em uma abordagem crítica e inclusiva, ancorada nos referenciais de Freire, Candau e Mittler, a atuação da coordenação mostrou-se estratégica para transformar a diversidade em potência formativa, consolidando um ambiente escolar democrático, plural e emancipador. Os resultados revelam avanços significativos na aprendizagem e demonstram que a integração entre leitura literária, letramento e formação docente pode gerar impactos concretos na construção de uma escola mais justa e sensível às realidades dos seus sujeitos.

Palavras-chave: letramento literário; formação docente; coordenação pedagógica; diversidade cultural; protagonismo estudantil.

REFERÊNCIAS
CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural: mediações e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
GIROUX, Henry. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
MITTLER, Peter. Educação inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM DEBATE

Elizabete Barros de Sousa Lima
Luiz Renato de Souza Pinto
GISLEI MARTINS DE SOUZA OLIVEIRA

COMUNICAÇÕES

UMA ANÁLISE DA TEORIA DA DESCONSTRUÇÃO NA OBRA AS AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E ENSINO DE LITERATURA

TRAUMAS E MEMÓRIAS DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: UMA ANÁLISE DA OBRA ‘HIBISCO ROXO’

CORPOS SILENCIADOS E VOZES FEMININAS: A IRMANDADE COMO RESISTÊNCIA EM TORTO ARADO

MARCAS DE SANGUE ENTRE O CÁLICE E A CRUZ: A VIVÊNCIA *QUEER* NO ENTREMEIO DO CULPA E DO SILÊNCIO PROVENIENTE DA RELIGIOSIDADE NO LIVRO SANGUE RARO, DE LUCAS SANTANA

O ESTUPRO DO CORPO-TERRITÓRIO: UMA LEITURA DO ROMANCE MARIA ALTAMIRA (2020)

O ENTRELAÇAR DA MEMÓRIA E HISTÓRIA EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

UMA ESCOLA PARA A FAZENDA:

PROFESSORAS E ALUNOS FICCIONAIS EM TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

MULTISEMIOSES NA CONSTRUÇÃO DO GÓTICO: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR COM ENFOQUE PEDAGÓGICO DE UZUMAKI, DE JUNJI ITO

TECENDO NARRATIVAS, CONSTRUINDO SENTIDOS: A FANFIC SOB A PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA

POESIA, DEUSES E FRUTOS – ENGAJAMENTO POÉTICO DE LUCIENE CARVALHO LUIZ

ESPAÇO NARRATIVO E TRANSCULTURAÇÃO NO ROMANCE *MADONA DOS PÁRAMOS* (2024)

NEGROS QUELOIDES: MARCAS SIMBÓLICAS DE DOR NO POEMA INQUISIÇÃO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A LITERATURA DE MASSA DO SÉCULO XXI (BEST-SELLER) E SUA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA

PERCURSO DO REGIONALISMO E SUA PERMANÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

AS INTERSECÇÕES ENTRE LITERATURA E ESCREVIVÊNCIA: A LINGUAGEM COMO REFÚGIO E REBELDIA

Uma análise da teoria da desconstrução na obra As Aventuras de Robinson Crusoé

Eduardo Maués Sena
Graduando em Letras Língua Portuguesa (UFPA)
eduardosena1616@gmail.com

Carlos Augusto Carneiro Costa
Doutor em Estudos Literários (UNIFESSPA)
cac@unifesspa.edu.br

A obra literária intitulada As Aventuras de Robinson Crusoé, escrita por Daniel Defoe e publicada em 1719, ergue-se como um pilar monumental na história da literatura inglesa. Este romance, muitas vezes reconhecido como um dos primeiros exemplos do gênero de ficção realista, narra a história de um náufrago inglês que passa 28 anos em uma remota ilha deserta perto da costa da Venezuela, sua luta pela sobrevivência, e seu eventual resgate. Uma narrativa, que captura a imaginação do leitor com relatos de coragem, engenhosidade e autossuficiência, tem sido objeto de várias interpretações ao longo dos séculos. No campo da crítica literária, a teoria da desconstrução, desenvolvida principalmente pelo filósofo Jacques Derrida na segunda metade do século XX, fornece uma lente analítica que se destina a subverter e desafiar as abordagens tradicionais de interpretação de textos. Essa metodologia crítica se concentra na ideia de que a linguagem é fundamentalmente assustadora e que o significado não pode ser completamente fixo ou determinado. Ao invés disso, a desconstrução busca revelar as inconsistências, os paradoxos e as dificuldades que existem dentro do texto, e

como esses elementos podem levar a múltiplas e, por vezes, interpretações contraditórias. Nesse sentido, a pesquisa do presente trabalho é de natureza bibliográfica . A desconstrução, ao questionar as estruturas aparentemente estáveis e os significados que parecem imutáveis, permite-nos examinar como esses significados são construídos e frequentemente revela a instabilidade inerente da linguagem e as múltiplas interpretações que um texto pode gerar. A viagem de Robinson Crusoé é repleta de eventos que o forçam a repensar quem ele é e o que ele representa. De início, ele é um mercador aventureiro, depois um náufrago desesperado, e eventualmente, um conquistador e um mestre. Cada uma dessas identidades é uma resposta ao seu ambiente e às circunstâncias, e cada uma desafia a ideia de que a identidade humana é fixa e imutável. No âmbito da crítica literária, a teoria da desconstrução oferece uma abordagem crítica que desafia as interpretações tradicionais e promove uma análise mais rica e multifacetada da literatura. A desconstrução na obra analisada incentiva uma postura crítica mais ampla em relação à literatura e à cultura, questionando e reavaliando as noções pré-concebidas de identidade e sociedade. Ao desvendar as superações e contradições, a desconstrução não apenas enriquece a interpretação do texto, mas também estimula o leitor a engajar-se com as implicações ideológicas e filosóficas subjacentes, destacando o papel ativo do leitor na criação de significado e na percepção das tensões e potenciais subversões presentes na narrativa.

Palavras-chave: Identidade. Colonialismo. Desconstrução. Teoria da desconstrução.

Referências:

BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica. 19. Ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. Derrida. University of Chicago Press, 1993.

BHABHA, Homi. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Glaucia Renata Goncalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BURGESS, Anthony. A literatura Inglesa. 2ª Ed. Trad. Duda Machado. São Paulo:Ática, 2003.

DEFOE, Daniel. Robinson Crusoé. São Paulo: Martin Claret, 2000.

DEFOE, Daniel. As Aventuras de Robinson Crusoé. São Paulo: Editora Rideel, 2002.

DE MENESES, Borges; DÉLIÜ, Ramiro. A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. Universitas Philosophica, v. 30, n. 60, p. 177-204, 2013

DE OLIVEIRA ESTEVES, Lainister. As ficções editoriais e narrativas de Robinson Crusoé. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 31, n. 2, p. 203-222, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/download/25822/26927. Acesso em: 11 jan. 2024.

DERRIDA, Jacques; DIOGO, Américo António Lindeza; BERNARDO, Fernanda. A universidade sem condição. 2003.

GOMES, Carlos Magno; DA SILVA, Tiago Barbosa. Uma leitura decolonial dos sentidos da violência em Robinson Crusoé. Scripta, v. 25, n. 56, p. 221-232, 2022. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/download/28244/20242. Acesso em: 10 jan. 2024.

HIGINO, Nuno. Entre filosofia e literatura: responsabilidade infinita. Humanística e Teologia, v. 32, n. 2, p. 67-81, 2011. Disponível em: https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/8600/8481. Acesso em: 10 jan. 2024.

MAIA, Jordy Dantas; DA SILVA, Jorge Cleibson França; DA COSTA, Andréa Moraes. Uma análise Pós-Colonial na obra Robinson Crusoé. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 10, p. 78245-78255, 2020. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/download/18236/14727. Acesso em: 11 jan. 2024.
NETO, Geraldo Brandão. Metrópole x Colônia: A legitimação da religião cristã de Robinson Crusoé contra o paganismo de Sexta-Feira. Revista Ribanceira, v. 2, n. 1, p. 78-91, 2014. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/317. Acesso em: 8 jan. 2024.
RICHETTI, John. Eurocentric Crusoe: The Farther Adventures of Robinson Crusoe. Études anglaises, n. 2, p. 213-224, 2019. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-etudes-anglaises-2019-2-page-213.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.
SALLIS, John (Ed.). Deconstruction and philosophy: The texts of Jacques Derrida. University of Chicago Press, 1987

Inteligência artificial e ensino de literatura

Elizabete Barros de Sousa Lima
Professora Doutora UFNT
elizabete.lima@ufnt.edu.br

RESUMO: Pensar o ensino na contemporaneidade tornou-se acontecimento inseparável da revolução tecnológica. Nessa nova lógica, ensinar literatura também integra essas novas discursividades. Reconhecendo as mudanças propagadas pelas mídias no campo literário, esta pesquisa propõe discutir a potência da Inteligência artificial na análise do texto literário, de modo a equacionar as possibilidades e os avanços a serem alcançados. Para pensar tais avanços, parte-se da discussão da importância da integração das tecnologias aos campos de estudo do texto artístico, observando as possibilidades de uso e reafirmando o potencial humanitário inerente às análises textuais, posto que se acredita que as tecnologias ainda são incapazes de alcançar a subjetividade humana. Para pensar tais questões, parte-se dos estudos de Gomes (2010), no texto Inteligência artificial: conceitos e aplicações, o qual o escritor discute o princípio da Inteligência artificial e possíveis aplicabilidades; Gimenes (2016), em Literatura, ciência cognitiva e inteligência artificial: qualidade de aprendizagem para a investigação literária, o qual a estudiosa estuda os usos da Inteligência artificial no ensino de literatura; e Mendonça, Satumino e Gonçalves (2024), em Uso de Inteligência Artificial no ensino de Literatura, em que os autores discutem os limites das análises dos texto literário por meio da Inteligência Artificial. Compreende-se, a partir das investigações, que o vasto campo da inteligência artificial soluciona problemas básicos relacionados aos gêneros literários, mas sua capacidade ainda é limitada quando se pensa as possibilidades de seu uso para a compreensão dos conteúdos filosóficos inerentes ao texto estético, carecendo, portanto, de aprimoramentos e evoluções para se aproximar da subjetividade de análise humana.

Palavras-Chave: Literatura; inteligência artificial; ensino

Traumas e Memórias de Chimamanda Ngozi Adichie: Uma Análise da obra ‘Hibisco Roxo’

Maria Cleonice Tavares de Sousa
Graduanda em Letras/Português
cleonicem797@gmail.com
IFTO/Palmas

Orientadora: Prof.ª Soraia Blanck
Doutoranda/UFT
soraiablank@ifto.edu.br
IFTO/Palmas

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar as representações de traumas e memórias na obra ‘Hibisco Roxo’ (2011), de Chimamanda Ngozi Adichie, buscando compreender como tais elementos contribuem para a construção das personagens femininas e sua relação com a identidade de mulheres negras, tanto nigerianas quanto brasileiras. A pesquisa parte do reconhecimento da relevância da literatura africana contemporânea na problematização de questões como violência, opressão, religião, poder e família, enfatizando sua contribuição para o debate identitário em contextos pós-coloniais. A problematização central gira em torno de duas questões: de que forma Adichie utiliza a literatura para tratar de traumas, identidade e memória na formação das personagens femininas nigerianas? E até que ponto é possível relacionar tais experiências com as vivências das mulheres negras brasileiras, considerando as marcas de violência histórica, social e cultural que atravessam suas trajetórias? A justificativa da pesquisa fundamenta-se no interesse da autora em aprofundar o estudo da literatura africana e nas experiências pessoais de identificação com os temas abordados. Sendo mulher negra, a pesquisadora reconhece nos escritos de Adichie uma representação significativa de vivências que dialogam com memórias e traumas semelhantes enfrentados em sua infância. Desse modo, a pesquisa busca evidenciar como a literatura não apenas reflete experiências individuais, mas também amplia a compreensão das lutas e resistências das mulheres negras em diferentes contextos. O referencial teórico apoia-se em três principais autores: Lélia Gonzalez (1982), que analisa a articulação entre racismo e sexismo na cultura brasileira; Sueli Carneiro (2005), que discute a interseccionalidade de gênero e raça na luta por direitos humanos das mulheres negras; e Paul Ricoeur (2007), que aprofunda a reflexão sobre memória, história e esquecimento, permitindo compreender como as recordações são construídas e representadas. Metodologicamente, o estudo é de caráter qualitativo e desenvolve-se por meio da análise literária da obra ‘Hibisco Roxo’, acompanhada de pesquisa bibliográfica que discute traumas e memórias na literatura africana e afro-brasileira. A análise crítica busca identificar as estratégias narrativas utilizadas por Adichie para abordar os impactos da violência e da opressão, ressaltando como esses elementos contribuem para a formação da identidade das personagens femininas. Os resultados esperados indicam que a obra de Adichie oferece uma rica contribuição para o entendimento das experiências femininas negras em contextos distintos, possibilitando estabelecer diálogos entre a realidade nigeriana e a brasileira. Além disso, a pesquisa evidencia a importância de considerar a literatura como espaço de resistência e reconstrução identitária, especialmente no que diz respeito à representatividade das mulheres negras e ao impacto das memórias e traumas na construção de suas subjetividades. Conclui-se que ‘Hibisco Roxo’ revela-se uma narrativa fundamental para os estudos da literatura africana e contemporânea, ao problematizar as consequências dos traumas na vida das personagens e, ao mesmo tempo, permitir conexões

com experiências das mulheres negras brasileiras. A obra reafirma a relevância da literatura como instrumento de reflexão crítica sobre identidade, memória, opressão e resistência.
Palavras-chave: Literatura africana; Memória; Trauma; Identidade; Mulheres negras; Chimamanda Ngozi Adichie.

Referências
ADICHIE, Chimamanda Ngozi. 'Hibisco Roxo'. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
CARNEIRO, Sueli (org.). 'Mulheres Negras: Uma Questão de Direitos Humanos'. São Paulo: Edusp, 2005.
GONZALEZ, Lélia. "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira". In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos (orgs.). 'Lugar de Negro'. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
RICOEUR, Paul. 'Memória, História, Esquecimento'. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Corpos silenciados e vozes femininas: a irmandade como resistência em Torto Arado

Lucas Cardoso Torres Silva
Graduando em Letras - Português e suas Literaturas - UFNT
lucatorreslct@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta, entre os diversos eixos de análise que a obra possibilita, duas dimensões centrais: a relação entre corpos silenciados, e a irmandade como espaço de resistência e afeto. O trabalho proposto possui um caráter qualitativo, bibliográfico e interpretativo, fundamentando-se na leitura analítica da obra e no diálogo com referenciais teóricos da crítica literária e dos estudos culturais. Desse modo, compreendemos que a literatura contemporânea brasileira tem se configurado cada vez mais para um espaço com vozes historicamente silenciadas, abrindo caminho para narrativas que problematizam desigualdades sociais, raciais e de gênero. Sendo assim, Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Junior, ganha destaque como uma obra que não se restringe em retratar as condições de vida das comunidades rurais descendentes de escravizados no sertão da Bahia, mas também enfoca as formas de representação do corpo, da memória e da resistência. Podemos dizer que o romance revela, sobretudo, como a experiência da opressão e da luta pode ser narrada a partir de corpos marcados pelo silêncio, encontrando na palavra e na coletividade meios de ressignificação e sobrevivência. Dessa maneira, o acidente com a faca, logo no início da narrativa, assume um caráter representativo ao privar Belonísia da fala. Tal trauma não deve ser lido apenas em sua dimensão individual, mas, sim, como metáfora para a condição de grupos marginalizados, na qual a voz foi majoritariamente negada pela violência histórica da escravidão e pela exploração do trabalho no campo. O corpo de Belonísia passa, então, a carregar esse silêncio imposto, transformando-se em testemunho vivo das marcas da exclusão. Todavia, se Belonísia é silenciada pela ausência da fala, Bibiana assume o papel da palavra. A relação entre as irmãs cria um laço que ultrapassa a esfera familiar, pois juntas, elas materializam a dialética entre silêncio e voz, ausência e presença. Bibiana torna-se aquela que fala não apenas por si, mas também pela irmã, representando a força da coletividade que resiste diante da opressão. A narrativa insere-se em um movimento mais amplo da literatura afro-brasileira e contemporânea, que busca recuperar histórias marginalizadas e reinscrever no campo da memória cultural. O silêncio de Belonísia, longe de representar apenas a impossibilidade da fala, adquire novas formas de expressão. Ele se torna uma linguagem própria, em gestos, afetos e no próprio corpo, que resiste mesmo diante da violência do apagamento. Um ponto importante é que as vozes mais silenciadas, são as que ganham

protagonismo, ou seja, a voz feminina. Sob essa ótica, é relevante a forma como o romance articula o corpo feminino e negro como território de memória e resistência. As protagonistas, enquanto mulheres, enfrentam duplas camadas de subalternização: por serem pobres, descendentes de escravizados e por ocuparem posições femininas em uma sociedade patriarcal. Nesse sentido, Torto Arado (2019) não apenas evidencia a opressão, mas também valoriza a força das mulheres enquanto guardiãs da memória, transmissoras da cultura e líderes da resistência comunitária. Portanto, ao privilegiar o olhar sobre os corpos silenciados e as vozes subalternizadas, bem como a potência da irmandade, este trabalho busca destacar como Torto Arado (2019) inscreve no espaço literário sujeitos historicamente marginalizados. A obra nos convoca a refletir sobre os modos como a literatura contemporânea pode se articular como um espaço de denúncia e resistência, ao dar visibilidade àqueles que por séculos foram relegados ao silêncio.

Palavras-chave: Irmandade feminina, Corpos silenciados, Literatura contemporânea, Racismo;

Referências:
VIEIRA JUNIOR; Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

Marcas de Sangue entre o Cálice e a Cruz: A vivência *queer* no entremeio do culpa e do silêncio proveniente da religiosidade no livro *Sangue Raro*, de Lucas Santana

João Victor Fonseca de Queiroz
Graduando em Letras - Português e suas Literaturas - UFNT
joao.queiroz@ufnt.edu.br

Resumo: Este trabalho deposita-se sobre uma proposição de análise do romance Sangue Raro (2025), de Lucas Santana, a partir das teorias que refletem a respeito das teorias da constituição da identidade queer e os estudos literários de gênero, com foco na trajetória em especial do protagonista Caetano, enquanto pessoa gay e personagem que constitui-se através do peso constante da culpa imposta pela sociedade, pela religião, que o impede até mesmo de entregar-se a sentimentos como raiva, revolta e repulsa. Essa recusa em expressar determinados afetos, contrastando com o reforço da norma de opressão, evidencia a natureza da pressão exigida pelas normas culturais e religiosas que factualmente realizaram a associação das experiências da comunidade LGBTQIAPN+ ao pecado e a abjeção, direcionando as subjetividades a um regime de censura, discursos de ódio e vigilância constante. O romance apresenta-se, então, como um aporte de linguagem privilegiado para denotar como esses afetos e rancores são culturalmente produzidos e politicamente interpolados. A pesquisa desenvolve-se através de uma abordagem qualitativa, interpretativa e bibliográfica, estruturada na análise literária de viés crítico-discursivo. O trabalho toma como base os pressupostos das teorias queer, que discorrem a respeito do estabelecimento dos componentes identitários das pessoas LGBTQIAPN+, particularmente as postulações de Eve Kosofsky Sedgwick (2007), idealizando perspectivas rizomáticas em performatividade, abjeção, e regimes de segredo. Em busca de compreender o vínculo perante o desejo, a culpa, a interdição e o erotismo no contexto mais amplo da cultura ocidental, recorre-se também a Michel Foucault (1988) e Georges Bataille (1987), percebendo as disposições da sexualidade como um dispositivo de poder e de normatização. Em análise literária, Sangue Raro denota

que o personagem principal não apenas martiriza-se com o remorso, mas internaliza de maneira corriqueira, inata, em aspectos como se participantes de sua própria identidade. Subsequentemente, a raiva, como constatação desse estabelecimento de espaço, resistência e insurgência, é suprimida e aclimatando Caetano a uma série de interações que normatizam o silêncio. A narrativa, capacita que no universo sociocultural, transpassado pelo regime religioso em contexto ditatorial, a raiva desde seus primórdios é indicada enquanto insubordinação e indignidade, enquanto a culpa se cristaliza enquanto modus operandi como resposta esperada de uma conduta vitalícia de sujeitos dissidentes diante da norma moral vigente. Essa processualidade, desigual, evidencia como a estrutura social não restringe os comportamentos como os modos de sentir e refletir. Ademais, o livro contribui para a argumentação sobre a geração do sujeito homossecual em contextos transpassados por religiosidade e coibição, tematizando a abnegação, abjeção e consequentemente a exclusão (compulsória ou comunitária). São nesses elementos que a obra elaborada por Lucas Santana, no contexto da literatura nacional contemporânea, desvela como a homofobia institucionalizada e santificada, se transferem como componentes de um personagem que abre a possibilidade de demonização a estas estruturas, como a sexualidade, o profano, o subjetivo, os sentimentos, a repreensão e consequentemente, a aceitação.

Palavras-chave: Homossexualidade; Repressão Religiosa; Subjetividade; Culpa; Vivência queer;

Referências:
BATAILLE, Georges. O Erotismo. Porto Alegre: L&PM, 1987.
FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: A Vontade de Saber. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p.
SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. Cadernos Pagu, Campinas, v. 28, 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf⟨ =pt. Acesso em: 29 ago. 2025.

O estupro do corpo-território: uma leitura do romance Maria Altamira (2020)

Larissa Satico Ribeiro Higa
Professora da UFPA
larissahg@gmaill.com

Jéssika Vales Laranjeira
Doutoranda do PPGL – UFPA
jessikalaranjeira94@gmail.com

O estupro, tradicionalmente associado apenas ao corpo feminizado, exige ser pensado também em sua dimensão simbólica que ultrapassa a esfera física e alcança a terra, os rios e os territórios. Nesse sentido, pode-se compreender a noção de corpo-território como categoria fundamental para refletir sobre os atravessamentos entre dominação de gênero e exploração ambiental. A literatura contemporânea tem se mostrado um espaço fértil para esse debate, tanto ao ampliar o olhar crítico quanto ao expor as conexões entre a opressão das mulheres e a devastação da natureza. O romance Maria Altamira (2020), da autora brasileira Maria José Silveira, é exemplar nesse aspecto, pois visibiliza diferentes formas de violência sofridas por

suas personagens, Alelí e Maria, revelando, simultaneamente, o vínculo entre o estupro de corpos femininos e o estupro simbólico da terra, a cidade de Altamira e o rio Xingu durante a violenta construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Assim, a obra oferece uma narrativa que denuncia a lógica patriarcal e extrativista e apresenta possibilidades de diálogo entre questões de gênero e de meio ambiente sob uma perspectiva feminista ecológica. A pesquisa realizada é de caráter bibliográfico e sua metodologia, de base qualitativa e interpretativa, adota a crítica feminista, a ecocrítica e o feminismo comunitário latino-americano como instrumentos de leitura e análise por compreender que tais abordagens permitem evidenciar a relação entre corpo feminino e corpo-território. A crítica feminista contribui para a interpretação das representações de gênero, ressaltando a forma como as personagens femininas são marcadas pela violência simbólica e estrutural que se se estendem às dimensões ambientais estudadas pela ecocrítica, revelando que a exploração da natureza e a opressão das mulheres compartilham raízes em sistemas de poder semelhantes (Kheel, 1993; Gaard, 1997; Alaimo, 2007). O feminismo comunitário latino-americano (Predes, 2014; Gago, 2020) nos dá subsídio para compreender o conceito de corpo-território (baseado também em Haesbert, 2020), fundamental como proposta epistemológica de interpretação de nosso corpus. A análise do romance indica a presença de um narrador onisciente cuja voz reflete a herança cultural que legitima práticas de dominação e normaliza tanto da violência sexual quanto da violência contra a terra. Dessa forma, em seus resultados parciais, a investigação evidencia que Maria Altamira não se limita a representar a condição feminina em sua materialidade física, mas sugere uma crítica ampliada na qual o corpo da mulher e o meio ambiente são igualmente violentados por uma lógica histórica e concomitante de exploração colonial e patriarcal.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, Violência sexual, Ecofeminismo, Corpo-território, Crítica feminista, Ecocrítica.

Referências

ALAIMO, S. **Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza.** 2007. Trad. Susana Bornéo Funck. In: Revista Estudos Feministas. v.25. n.2. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/frrjFtMLQ6FhwyRj8VS9xSB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 19 de maio de 2024.

GAARD, G. **Rumo ao ecofeminismo queer**. 1997. Tradução: Sandra Michelli Gomes. Revista Estudos Feministas, v.19, n.1, p.197-223. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/RvGgdQk5vBZk8Jsp43yStGv/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 02 de março de 2024.

GAGO, V. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Editora Elefante, 2020, 321 p. ISBN 978-85-93115-65-3

HAESBAERT, R. DO CORPO-TERRITÓRIO AO TERRITÓRIO-CORPO (DA TERRA): contribuições decoloniais. GEOgraphia, v. 22, n. 48, 16 jun. 2020. Disponível em: . Acesso em: 20 nov. 2021.

KHEEL, M. **From heroic to holistic ethics**: the ecofeminist challenge. 1993. In: GAARD, Greta. Ecofeminism: women, animals, nature. Philadelphia: Temple University Press, 1993.

Haesbaert, R. (2020). **Do corpo-território ao território-corpo** (da terra): contribuições decoloniais. Universidade Federal Fluminense, GEOgraphia, 22(48).

PAREDES, J.; GUZMÁN, A. **El tejido de la rebeldia ¿qué es el feminismo comunitario? Bases para la despatriarcalización.** La Paz: Mujeres Creando Comunidad, 2014.

O entrelaçar da memória e história em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo

Edna Sousa Cruz
Doutora em Letras -PPGLe/UEMASUL
edna.s.cruz@uemasul.edu.br

Rackel Sousa Lopes
Mestra em Letras – PPGLe/UEMASUL
rackel.sousa@uemasul.edu.br

Esta investigação propõe-se a discutir aspectos socioculturais vivenciados pela população afrodescendente narrativizados na obra Ponciá Vicêncio da escritora Conceição Evaristo. Norteado pela ideia de escrevivência, problematiza-se rupturas históricas e entrelaçamentos culturais que moldam a construção identitária da mulher negra a partir da narrativa da personagem homônima ao romance. Por meio de uma abordagem qualitativa, o estudo articula a discussão da obra, objeto de análise, em três eixos temáticos: escravidão, memória e ancestralidade. Tensiona-se o tema da escravidão enquanto lente interpretativa que revela continuidades de opressões e resistências nas relações raciais, de gênero e classe, apontando como em Ponciá Vicêncio este trauma histórico se reconfigura em práticas de sobrevivência, afeto e resistência cultural. Neste estudo investiga-se a memória individual e coletiva como força motora da valorização cultural, ancestral e preservação dos saberes dos marginalizados. Compreende-se a memória como prática de resistência étnica e comunitária que subverte o esquecimento institucional. Discorre-se a ancestralidade enquanto eixo estruturante da narrativa e força motora da tradição e da memória africana. O aporte teórico que fundamenta a pesquisa constitui-se de investigações de pesquisadores da literatura de autoria feminina, da literatura afro-brasileira e aqueles que se debruçam na análise das questões identitárias e memoriais presentes no romance Ponciá Vicêncio, como Dionísio (2013), Evaristo (2017, 2020) e Halbwachs (2006), citando alguns. A leitura analítica dos dados evidencia que a memória da escravidão é mobilizada na escrita evaristiana para desconstruir narrativas de inferioridade, propondo renegociação de narrativas e memórias que deslegitimem a autonomia do sujeito negro.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira.Autoria feminina negra. Memória. Ancestralidade. Ponciá Vicêncio.

Referências:

DIONÍSIO, Djair. **Ancestralidade bantu na literatura afro-brasileira:** reflexões sobre o romance “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio:** Conceição Evaristo [Entrevista concedida à Editora Pallas]. [S. l.], 2020. Disponível em: https://www.pallaseditora.com.br/produto/Poncia_ Vicencio/295/. Acesso em: 27 ago. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

UMA ESCOLA PARA A FAZENDA: Professoras e Alunos Ficcionais em Torto Arado, de Itamar Vieira Junior

Ana Lia Souza Carvalho
Graduanda-Letras UFPA
ana.carvalho@altamira.ufpa.br

Luiza Oliva
Graduanda-Letras UFPA
luiza.gasca@altamira.ufpa.br

Fernando Jorge dos Santos Farias
Doutor em Educação – USP
ffarias@ufpa.br

Resumo: O estudo aborda a história da educação na obra Torto Arado, de Itamar Vieira Junior, em especial as "professoras" e "alunos" como representações de tipos marcados pela desigualdade social, pela falta/precária educação ofertada na Fazenda de Água Negra, espaço também ficcional, presente no sertão baiano. A obra apresenta a Fazenda de Água Negra, um espaço ficcional, mas profundamente simbólico, que reflete as limitações estruturais e sociais enfrentadas pela população local. Esse cenário permite analisar como a educação se torna não apenas um instrumento de transmissão de conhecimento, mas também um meio de transformação social e de resistência frente à opressão e à pobreza. Em termos metodológicos, a pesquisa se desenvolve a partir da leitura analítica do romance, realizando recortes específicos que tratam da imagem de professoras e alunos e, paralelamente, levantando e analisando artigos acadêmicos que dialogam com esse mesmo tema, de modo a articular literatura e estudos sobre a educação no contexto rural (Amaral, 2007). Essa abordagem permite compreender melhor como o romance não apenas descreve situações escolares, mas também insere os personagens em um contexto social mais amplo, evidenciando as tensões e desafios presentes na vida de trabalhadores rurais e suas famílias. Dentre os resultados e conclusões destaca-se que as professoras, sobretudo aquelas vindas de fora, representam não só a transmissão de conhecimento, mas também um elo de transformação e esperança para os moradores. Já os alunos, filhos de trabalhadores rurais, carregam no olhar a curiosidade e o desejo de aprender, mas também enfrentam limitações impostas pela pobreza e pelas condições precárias das escolas e esta falta de estrutura dificulta o aprendizado de algumas crianças. A imagem retrata mais do que um simples momento escolar, simboliza resistência, pertencimento e a busca por um futuro diferente, mesmo diante todo cenário de pobreza na fazenda Água Negra, alguns sujeitos conseguem imaginar que existe vida além das limitações da fazenda.

Palavras-chave: Professoras, alunos, educação e literatura, Itamar Vieira Junior, Torto Arado.

Referências:
AMARAL, J. J. F. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007.
VIERA JÚNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2019.

Multisemioses Na Construção Do Gótico: Uma Análise Interdisciplinar Com Enfoque Pedagógico De Uzumaki, De Junji Ito

Ismael da Silva Trindade
Mestrando do PPGLLIT-UFNT
ismael.trindade@ufnt.edu.br

Resumo: Este trabalho investiga a construção do Gótico no mangá Uzumaki (1998–1999), de Junji Ito, articulando análise multissemiótica e abordagem interdisciplinar. Partindo de fundamentos da Literatura Comparada e dos estudos do Gótico, a pesquisa relaciona texto verbal, imagem e recursos audiovisuais para compreender como Terror e Horror são construídos na narrativa e como podem ser explorados no ensino e na criticidade. O estudo dialoga com teorias de Ann Radcliffe, Noël Carroll e H.P. Lovecraft, destacando conceitos como pavor artístico, horror artístico, horror gráfico, horror cósmico e horror corporal. Este estudo busca compreender como Junji Ito transforma elementos do Gótico e do Horror em narrativas visuais que dialogam com o contexto contemporâneo. Ao analisar Uzumaki sob uma perspectiva interdisciplinar, o trabalho pretende destacar a importância de integrar o mangá no debate acadêmico, cultural e pedagógico. Além disso, o estudo propõe uma abordagem inovadora para a aplicação de mangás em sala de aula, conectando cultura pop e práticas educativas. Junji Ito nos desafia a enfrentar nossos medos mais profundos, transformando o horror em uma linguagem universal que transcende culturas e mídias. Este trabalho é, portanto, uma oportunidade de explorar não apenas as contribuições do autor para o horror gráfico, mas também seu impacto na forma como entendemos e representamos o medo. O embasamento teórico em Literatura Comparada é construído a partir de autores fundamentais reunidos por Coutinho e Carvalhal (1994), como René Wellek, Harry Levin, Werner Friederich, Joseph Texte, Ulrich Weisstein e François Jost. Esses estudiosos contribuem para refletir sobre os desafios, métodos e a amplitude da comparação literária, possibilitando o diálogo intermídias. As reflexões de Wellek sobre a crise da disciplina e de Weisstein sobre sua definição ajudam a legitimar a análise de mangás como Uzumaki dentro de um campo literário ampliado. A dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo discute a relação entre literatura e outras artes, com destaque para as conexões entre literatura e mangás (1.1), e literatura e animes (1.2), apontando como diferentes linguagens interagem para criar significado. O segundo capítulo trata de como se analisam as artes gráficas, apresentando ferramentas teóricas e metodológicas voltadas para a interpretação de elementos visuais e narrativos. No terceiro capítulo, é abordada a análise de obras cinematográficas e animadas, considerando como recursos audiovisuais contribuem para a construção do horror e da atmosfera gótica. O quarto capítulo realiza uma análise detalhada de Uzumaki, observando como elementos do grotesco e do horror são utilizados para criar uma narrativa única, marcada pela presença constante da espiral como símbolo de obsessão, repetição e decadência. A análise considera tanto a versão original em mangá quanto a adaptação em anime, explorando as estratégias multissemióticas envolvidas na construção do medo. Também são analisadas influências do Gótico ocidental e do Gótico japonês, destacando interações culturais e adaptações midiáticas. Por fim, o quinto capítulo propõe uma aplicação pedagógica da obra, demonstrando como o mangá, aliado às multisemioses do Gótico, pode ser utilizado como ferramenta educativa para explorar temas culturais e artísticos. A proposta visa desenvolver a leitura crítica, a sensibilidade estética e a reflexão sobre o mundo e sobre si mesmo, ampliando a compreensão do Gótico como fenômeno artístico, cultural e educacional.

Palavras-chave: Gótico, Terror, Mangá, Anime, Interdisciplinar.

Referências:

ANTUNES, Brenda Stephanie de Araújo; PIRES FILHO; Ilto Da Cruz. UMA ESTÉTICA DO GROTESCO: AS OBSESSÕES E OS "ESTRANHAMENTOS" NA OBRA UZUMAKI, DE JUNJI ITO. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta-Grossa – PR, Brasil. Disponível em: Acesso em: 20/12/2024.

ARAÚJO, João Fabrício Oliveira Batista de. O Horror e o Medo por Junji Ito: Apresentando Uzumaki, Natal, 2022.

AVILA, Gabriel. 10 filmes e animes para conhecer Junji Ito, o mestre do horror. 19.jan.23. Disponível em: Acesso em: 10. Dez. de 2024.

BECKER, Morgana dos Santos. Figurações de monstruosidade em Tomie, de Junji Ito. Porto Alegre, 2023. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Letras.

CARNEIRO, Bruna Maria Silva. 2021. A ILUSTRAÇÃO DE PERSONAGEM NO UNIVERSO DO MEDO: ATUAÇÃO DO DESIGN NA CONCEPÇÃO DE CRIATURAS FICTÍCIAS.

COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (org.). Literatura comparada: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FREUD, Sigmund. O infamiliar / Das Unheimliche; seguido de O Homem da Areia / E. T. A. Hoffmann ; tradução Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares [O Homem da Areia ; tradução Romero Freitas]. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019. -- (Obras Incompletas de Sigmund Freud ; 8)

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. Uncanny Valley: Por uma teoria da repulsa. Disponível em: Acesso em 18 de julho de 2024.

GROENSTEEN, Thierry; (tradução) Érico Assis. O sistema dos quadrinhos. 1. ed. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2015.

Habanero S. Urasawa Naoki no Manben Manga Documentary S4E2 2016 - Itou Junji [720] English. Disponível em: Acesso em: 19/12/2024

HIGUCHINSKY. Uzumaki. Japão: TBS, 2000. Filme.

ITO, Junji. Uzumaki. São Paulo. 3º ed., Devir, 2020. Tradução Arnaldo Oka.

ITO, Junji. Uncanny: The Origins of Fear. VIZ Media LLC. 2024.

MARAK, Katarzyna. The Confusing Spiral: The Adaptation of Junji Itō's Uzumaki in the Eyes of Non-Japanese Audiences. DOI: 10.14746/sijp.2017.49.1

ORGADO, Gisele Tyba Mayrink, A cadeira humana/ The Human Chair(trad.). Memorare, Tubarão, v. 9, n. 1, jan./jun. 2022. ISSN: 2358-0593.

RODRIGUES, Felipe Lima. O MONSTRO ADAPTADO: UMA ANÁLISE NARRATIVA DAS ADAPTAÇÕES DE FRANKENSTEIN PARA QUADRINHOS. Universidade Federal do Ceará Instituto de Cultura e Arte Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Fortaleza. 2018.

RODRIGUES, Márcio dos Santos. A ESTÉTICA DO GROTESCO NA ARTE E NARRATIVA DE MANGÁS. Palíndromo, Florianópolis,v.15,n.36,p.01-28,jun.- 2023

SALVIANO, Luiz Felipe. As múltiplas faces do horror: o gótico e a weird fiction em Junji Ito/The multiple faces of horror: the gothic and the weird fiction in Junji Ito. Universidade Estadual do Rio de Janeiro 10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e216478

SOARES, Lenice Alves. O INFAMILIAR [DAS UNHEIMLICHE], EDIÇÃO COMEMORATIVA BILÍNGUE (1919-2019). Abusões, Rio de Janeiro, v. 10, n. 10, 2019. DOI: 10.12957/abusoes.2019.46480. Disponível em: Acesso em: 21 dez. 2024.

UZUMAKI. Direção: Hiroshi Nagahama. Produção: Production I.G e Adult Swim. Distribuição: Max, 2024. 1 temporada (4 episódios). Disponível em: Acesso em: 21 dez. 2024.

Tecendo Narrativas, Construindo Sentidos: A Fanfic Sob A Perspectiva Da Semiótica

Letícia Cardoso Leal
Doutoranda do PPGLLIT - UFNT
leticia.leal@ufnt.edu.br

Esta dissertação tem como objetivo analisar a fanfiction Afterlife, publicada na plataforma Wattpad, à luz da semiótica discursiva. A investigação parte do pressuposto de que a fanfic, enquanto prática literária da cultura digital, constitui um espaço de experimentação estética, de participação afetiva e de negociação de sentidos entre leitores-autores. O estudo articula a análise semiótica ao fenômeno da escrita colaborativa, com ênfase nos níveis narrativo e discursivo do percurso gerativo do sentido. A metodologia adotada é qualitativa, de base interpretativa, com análise textual apoiada em categorias da semiótica, como papéis actanciais, modalizações, debreagens, tematização e figurativização. A pesquisa dialoga com os estudos de Greimas e Courtés (2008), Fiorin (2016), Bertrand (2003) e Barros (2005), entre outros autores. O corpus é examinado a partir de sua estrutura enunciativa e dos modos de construção dos afetos, considerando ainda os recursos multimodais incorporados ao texto, como imagens de atrizes, trechos de músicas e referências intertextuais à cultura pop contemporânea. A análise levou à formulação do subgênero pink fanfic, entendido como uma atualização do romance cor-de-rosa adaptada à linguagem da cultura digital e aos valores da juventude conectada. Nos capítulos de Afterlife, observam-se movimentos de tematização do desejo, da interdição social e da busca por reconhecimento, tensionando convenções do gênero romântico tradicional com novas formas de subjetivação e pertencimento. Como principais resultados, identificou-se que a fanfiction opera como forma literária legítima no contexto contemporâneo, especialmente por sua capacidade de articular autoria juvenil, afetos e engajamento. O trabalho evidencia ainda como a linguagem fanfiqueira se apropria de estruturas clássicas da narrativa para reinscrevê-las em novos horizontes de sentido, nos quais o leitor também assume o papel de autor e crítico. Conclui-se que a fanfic é um fenômeno discursivo potente, que revela modos de ler, escrever e pertencer em meio à dinâmica interativa da cultura digital.

Palavras-chave: autoria; fanfiction; pink fanfic; cultura digital; interação leitor-autor.

Referências:

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2005. BERTRAND, Denis. Caminhos da semiótica literária. Bauru, SP: EDUSC, 2003. FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002. GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. Dicionário de semiótica. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

JENKINS, Henry. Fans, Bloggers, and Gamers: Media Consumers in a Digital Age. Nova York: NYU Press, 2006.

LILI, Mrs. Afterlife - Katelena. Wattpad, 2018. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/299630067>. Acesso em: 21 jun. 2024

Poesia, deuses e frutos – engajamento poético de Luciene Carvalho Luiz

Renato de Souza Pinto
Doutor em Literaturas em Língua Portuguesa IFMT
luiz.pinto@ifmt.edu.br

Resumo: O presente trabalho se propõe a promover uma análise do livro de poesia mais recente de Luciene Carvalho, nascida em Corumbá, Mato Grosso do Sul, residente em Cuiabá (Mato Grosso) há algumas décadas. A pesquisa é fruto de uma leitura atenta do conjunto de poemas que exploram questões como interseccionalidade, feminismo negro e ativismo literário. O conjunto da obra é extenso e se espraia por diversos gêneros, embora o lugar de uma mulher negra por trás da página em branco seja sobretudo pela incursão no gênero poesia. Com um olhar que busca referendá-la junto ao que há de melhor nas reflexões contemporâneas, a metodologia de trabalho foca na leitura crítica de seu livro Saranzal e é complementada por uma pesquisa bibliográfica que busca encadear elementos políticos, sociais e comportamentais ao uso da palavra. Luciene Carvalho performa vinte e quatro horas por dia e faz de sua vivência matéria-prima para a escrita, no melhor estilo consolidado por Conceição Evaristo, ou seja, o de escrevivências. As questões de interseccionalidade dialogam com Carla Akotirene, bem como se posiciona o discurso sub-reptício de Carvalho às ideologias que contornam o conceito de biopoder, via Achille Mbembe. A abordagem é qualitativa e direciona a poeta como representante da poesia negra-feminina produzida no país. Para tanto, faz-se uso dos estudos de Heleine Fernandes de Souza que tem mapeado essa produção em todo o território nacional. Considerando-se as mais variadas tendências do registro poético, busca-se demonstrar como em território mato-grossense tem se produzido literatura sensível aos movimentos do centro-sul e demais regiões desse país continental que é o Brasil. Quando o assunto é a literatura periférica, o nome que mais se destaca em todo o Mato Grosso é o de Luciene que, mesmo não abrindo mão de seu lugar de fala, de sua condição de mulher preta, da periferia, torna-se a primeira mulher presidenta de uma Academia de Letras estadual.

Palavras-chave: Mulher, Literatura Negro-brasileira, Poesia, Mato Grosso, Periferia.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2022.
AUGUSTO, Jorge (Org.). **Contemporaneidades periféricas**. Salvador: Segundo Selo, 2018.
CARVALHO, Luciene. **Saranzal.** Cuiabá: Carlini & Caniato, 2024.
CUTI (Luís Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Sele Negro, 2010.
MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edicoes.org, 2023.
SOUZA, Heleine Fernandes de. **A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Lívia Natália e Tatiana Nascimento.** Rio de Janeiro: Malê, 2020.

Espaço narrativo e transculturação no romance *Madona dos páramos* (2024)

Luiz Gustavo C. de Souza
Mestrando do PPGL-UEA
luizzgus.souza@gmail.com

Orientador: Allison Marcos Leão da Silva

Resumo: A presente pesquisa propõe uma análise do espaço narrativo no romance Madona dos Páramos (2024), de Ricardo Guilherme Dicke, sob a ótica do conceito de transculturação. Nosso objetivo é demonstrar como o romance apresenta aspectos transculturadores, ou seja, de que modo o livro evidencia o contato entre diferentes culturas no contexto da América Latina, a partir de uma criação literária original que se ancora tanto em elementos locais quanto em articulações mais amplas do imaginário latino-americano. Para isso, será necessário investigar como o autor constrói o espaço narrativo e relacionar essa construção à teoria da transculturação. Nossa escolha por Madona dos Páramos (2024) justifica-se porque o romance, como gênero literário, é considerado por Ángel Rama (2001) um importante veículo da produção artística latino-americana. A obra em questão insere-se nesse contexto, sobretudo pelo uso expressivo e simbólico do espaço narrativo, já que o enredo tem como pano de fundo o sertão do Estado de Mato Grosso, região marcada por intensas transformações socioculturais. A pesquisa é de caráter qualitativo e interpretativo. A análise da obra e a respectiva pesquisa bibliográfica ocorrerão com base em teóricos que discutem os conceitos que buscamos mobilizar. É o caso de Luiz Alberto Brandão (2020) e Gaston Bachelard (2008), que abordam a categoria de espaço narrativo e sua função estética. Também recorreremos a Alfredo Bosi (2015) e Antonio Candido (2023), que contribuirão para a contextualização da obra dentro da tradição crítica da literatura brasileira. Por fim, utilizaremos Ángel Rama (2001), autor fundamental para a compreensão da ideia de transculturação no romance analisado. Ao final do trabalho, mostramos como Madona dos Páramos (2024), em sua construção romanesca, revela as tensões, os deslocamentos e os encontros entre culturas distintas que compõem o complexo e dinâmico imaginário latino-americano.

Palavras-chave: Ricardo Guilherme Dicke. Espaço narrativo. Transculturação. Literatura Contemporânea. Literatura latino-americana.

Referências:
BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.
BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2015.
BRANDÃO, Luiz Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2020.
CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Todavia, 2023.
DICKE, Ricardo Guilherme. **Madona dos Páramos**. São Paulo: Record, 2024.
RAMA, Ángel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra G. (Orgs.) Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina. São Paulo: Edusp, 2001.

Negros queloides: Marcas simbólicas de dor no poema Inquisição de Conceição Evaristo

Gustavo Reis do Nascimento e Silva
Mestrando – PPGLLIT – UFNT
Gustavoreisnascimento2@gmail.com

Elizabete Barros de Sousa Lima
Prof.ª Dr.ª Elizabete Barros – UFNT
Elizabete.bs001@gmail.com

Resumo: O presente artigo propõe uma leitura crítica da representação do corpo negro na poesia contemporânea no poema *Inquisição* de Conceição Evaristo, presente no livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), a partir da metáfora dos queloides como marcas de dor, memória e resistência. O texto-poema analisado articula a experiência negra com elementos da *escrevivência*, conceito cunhado pela própria autora, em que o corpo se torna suporte da linguagem e da ancestralidade, funcionando como testemunho material e simbólico da vivência negra. A pesquisa tem como objetivo compreender como a escrita poética inscreve o trauma e, ao mesmo tempo, reconfigura a identidade negra como potência estética e política. A metodologia adotada é qualitativa e interpretativa, centrada na análise textual do poema. Lançando, por assim dizer, luz ao texto sob a perspectiva dos estudos literários negros e decoloniais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica com aporte teórico em autores como Conceição Evaristo, com o conceito de *escrevivência*, Frantz Fanon, com sua análise do corpo negro como campo de conflito e construção identitária, Grada Kilomba, com a memória colonial em episódios de racismo cotidiano. Não obstante, mobilizo o pensamento de Achille Mbembe, na discussão sobre o corpo como alvo de necropolítica. A análise do poema revela, assim, um enunciador que reescreve sua existência a partir de um gesto de insurgência: negar a imposição de silenciamento histórico e afirmar a ancestralidade negra como signo central da própria constituição subjetiva por meio da metáfora dos queloides. Eles, nesse contexto, emergem como marcas não apenas da violência, mas também da resistência, pois sinalizam a memória viva da diáspora africana e sua reinvenção contínua na sociedade. O corpo-letra, o corpo-escrita e o corpo-poético entrelaçam-se na construção de uma identidade que recusa a efígie dos "brancos brasões" e se ancora em símbolos de origem e pertencimento: o "útero primeiro" e o "clã reinventado". Conclui-se, dessa forma, que a literatura negra contemporânea opera como dispositivo de visibilização, cura simbólica e reconstrução de narrativas históricas soterradas. A metáfora dos queloides torna-se, nesse sentido, uma imagem-síntese da escrevivência: a cicatriz que sangra memória, mas que também firma a presença, a sobrevivência e a agência do sujeito negro. A escrita poética, assim, não apenas denuncia as violências do passado, mas constrói possibilidades de futuro não marginal.

Palavras-chave: Escrevivência, Negros queloides, Violência simbólica, Ancestralidade.

Referências:

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Rio de Janeiro: Malê, 2017.

CERQUEIRA, Janice Souza. **Da literatura afro-brasileira à poesia afro-feminina de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latin**a. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.
PEREIRA, Edimilson de Almeida. Territórios cruzados: **relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira**. Disponível: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1035-territorios-cruzados-relacoes-entre-canone-literario-e-literatura-negra-e-ou-afro-brasileira1>. Acesso em: 12 abr. 2025.

A LITERATURA DE MASSA DO SÉCULO XXI (BEST-SELLER) E SUA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA

Isabel da Silva Oliveira Ambrozio
Mestranda do PPGLLIT-UFNT
isabelambrozio95@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel da literatura de massa do século XXI, representada, principalmente, pelos *best-sellers*, bem como sua relevância e fonte segura de material para a adaptação de obras audiovisuais. Como objeto da cultura das massas, pautado pelo consumismo que acompanhou o surgimento da modernidade, o *best-seller* tem atraído a atenção dos estúdios de cinema, que buscam histórias populares, com grande sucesso comercial e aprovação do público consumidor para, assim, transpô-las às telas. Partindo da metodologia exploratória de cunho qualitativo bibliográfico, este trabalho pretende discorrer a respeito das relações entre a indústria cultural, a literatura de massa, o cinema e suas adaptações literárias no século XXI. Pautando-se, principalmente, no trabalho dos pesquisadores Muniz Sodré (1978), Linda Hutcheon (2013), Thaïs Flores Nogueira Diniz (2005), Sandra Reimão (2018), entre outros, pretende-se analisar obras literárias selecionadas e respectivamente adaptadas para o cinema, a fim de explorar como essa relação intermidiática pode influenciar na ligação entre mercado editorial e mercado cinematográfico. Não obstante, na contemporaneidade, uma variedade de obras literárias de sucesso foram adaptadas para o cinema, como a série de livros *Harry Potte*r de J.K. Rowling, os livros da saga *Crepúsculo* de Stephenie Meyer e a série *Jogos Vorazes* de Suzanne Collins, entre outras. A adaptação dessas narrativas resultou em grandes sucessos de bilheteria, demonstrando tanto o potencial lucrativo que possuem para o meio cinematográfico, quanto sua popularidade em número de vendas para a literatura de entretenimento. Dessa forma, percebe-se que as obras da literatura *best-seller* são fundamentais para a popularização das adaptações, devido ao seu público consistente, visto que, os consumidores desse tipo de literatura podem garantir certa vantagem para os produtores cinematográficos, que buscam grande alcance em vendas de bilheteria ou acessos nas plataformas de *streamings*. Tem sido cada vez mais comum que o mercado cinematográfico e o mercado editorial reúnam forças para que haja benefícios para ambos. Quando uma obra literária é adaptada, possivelmente atrairá seu público leitor, o que, de certa forma, contribui para a divulgação do material cinematográfico. Percebe-se que, diversas obras literárias, quando adaptadas, resultaram em grandes benefícios para os meios que as subsidiaram, e isso tem acontecido desde os primórdios do cinema. A cooperação entre o mercado literário e o mercado cinematográfico vêm crescendo cada vez mais desde o início do século XXI, posto que a cultura popular tem

influenciado as tendências e a literatura das massas – os best-sellers –, mostra-se cada vez mais promissora.

Palavras-chave: Indústria Cultural, Literatura de Massa, Best-seller, Cinema, Adaptação.

Referências:

ADORNO, T. W. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
BEZERRA, T. B. LUCAS, R. J. L. Best Seller: uma análise à luz dos intelectuais da Teoria Crítica e de Muniz Sodré. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, vol. 39, 5-9 set. 2016, São Paulo (SP). Anais... São Paulo: Intercom, 2016.
CALDAS, W. A Literatura da Cultura de Massa: uma análise sociológica. São Paulo: Lua Nova, 2000.
COELHO, T. O que é indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 2006.
COMPARATO, F. K. Capitalismo: civilização e poder. Estudos Avançados, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 72. p. 251-256, 2011. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/article/view/10585 Acesso em: 18 de abril de 2025.
DINIZ, T. F. N. Literatura e cinema: tradução, hipertextualidade, reciclagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
HUTCHEON, L. Uma teoria da Adaptação. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.
JOZEF, B. Cinema e Literatura: Algumas Reflexões. Revista Contexto nº 17 – 2010/1. Publicação da Edufes – Editora da Universidade Federal do Espírito Santo.
JÚNIOR, N. C. P. UT PCTURA POESIS: das interartes às intermídias. Rev. Let & Let. V. 27, n.2, p. 237-258. Uberlândia-MG: jul./dez. 2011.
LIPOVETSKY, G. SERROY, J. A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
REIMÃO, S. Mercado editorial brasileiro. São Paulo: ECA-USP, 2018.
REZENDE, N. A indústria cultural na sociedade capitalista: coisificação e alienação da massa. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2020. Disponível em: https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/volume-4-edicao4/3706rci-industriacultural-062020/file. Acesso em: 19 de março de 2025.
SANTOS, A. C. Franquia Harry Potter faturou bilhões nos cinemas. Poupar Dinheiro, 30 de novembro de 2022. Disponível em: Franquia Harry Potter faturou bilhões nos cinemas; veja números (poupardinheiro.com.br) Acesso em: 02 de março de 2024.
SODRÉ, M. Teoria da literatura de massa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
SOUZA, E. O. A saga literária no mercado cinematográfico: que a sorte esteja sempre a seu favor. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 50 p., 2016.

Percurso do Regionalismo e Sua Permanência na Literatura Contemporânea Brasileira

Andreia dos Santos Marques Amorim
Doutoranda do PPGLLIT-UFNT
andreia.amorim@ufnt.edu.br

Silvana da Silva Batista
Doutoranda do PPGLLIT-UFNT
silvana_frederik@hotmail.com

Resumo: O Modernismo foi um movimento de grande relevância na literatura brasileira do século XX. Em sua primeira fase buscou romper com a literatura enraizada nos modelos europeus e afirmar uma identidade cultural brasileira autêntica. Na geração de 1930, conhecida como Regionalismo, as regiões mais distantes do Sudeste do país passam a ter visibilidade, bem como os problemas sociais como a fome, miséria e desigualdades. Neste trabalho, busca-se refletir sobre o Modernismo e seus manifestos; e analisar o percurso do Regionalismo na literatura brasileira e sua permanência na contemporaneidade, bem como o valor atribuído pela crítica a tal vertente. A pesquisa adota uma metodologia de abordagem qualitativa e cunho bibliográfico, embasada pelos teóricos Antonio Candido (2000), Alfredo Bosi (2017), e Souza (2023) e sobre o Regionalismo, Ligia Chiappini (1995). Ao nos depararmos com a leitura de Torto Arado (2018), do escritor baiano Itamar Vieira Júnior, pode-se verificar uma continuidade de uma literatura regional, este apresenta uma nova estética para a narrativa literária regional contemporânea sem ser reducionista ou tampouco estereotipada. Características dessa vertente que predominou durante a segunda fase do modernismo, na década de 30, podem, na contemporaneidade, ser também identificadas na obra de Socorro Acioli em A cabeça do Santo (2014). As duas narrativas escancaram a ferida da miséria humana fora dos eixos urbanos, além de expor a injusta segregação entre classes sociais. Verificou-se que o Regionalismo se constitui como uma vertente que ultrapassa o campo literário e foi construído historicamente. Continua uma tendência relevante para a compreensão de momentos decisivos da nossa literatura, sendo crucial para o desenvolvimento da vida literária no Brasil e no processo da autonomia literária do país. Por meio da representação literária nos apresenta os brasis que preferem deixar escondido, mas que sempre foram resistência- homem comum, pobre, explorado- mas que por meio da literatura é possível tirar da invisibilidade aqueles que a classe dominante insiste em manter invisíveis.

Palavras-chave: Literatura, Modernismo, Regionalismo, Narrativa Contemporânea.

Referências:

BARZOTTO, Leoné Astride. Do local ao universal: o regionalismo contemporâneo em Torto Arado (2018), de Itamar Vieira Junior. REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS, [S. l.], v. 2, n. 38, p. 159–172, 2024. DOI: 10.61389/revell.v2i38.9089. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/REV/article/view/9089. Acesso em: 10 jul. 2025.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 53. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2000.

CHIAPINNI LEITE, L M. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. Estudos Historicos, v. 8, n. 15, p. 153-9, 1995Tradução. Acesso em: 21 jul. 2025.

As intersecções entre literatura e escrevivência: a linguagem como refúgio e rebeldia

Antonio Marcelo Tavares Birimba
Doutorando do PPGLI – Ufac
antonio.birimba@sou.ufac.br

Resumo: A leitura do texto literário ficcional, promove a percepção de uma leitura que envolve o enredo, com os personagens, contextualizando espaço e tempo, enquanto se percebe a construção da linguagem ponto a ponto. Este trabalho propõe uma análise representativa e identitária do personagem Nando, do romance *Quarup* (Callado, 2021), e as interconexões de escrevivências (Evaristo, 2013) do pesquisador. Por esse mote, a pesquisa tende a explorar por meio da linguagem como esses elementos ora se aproxima, ora se afastam na construção do imaginário pendular. Como o profano e o sagrado se amalgamam construindo identidades reais e ficcionais. Permeando uma abordagem qualitativa, a pesquisa analisa por meio da linguagem performática as mudanças identitárias do personagem Pe. Nando, e como esses elementos se interrelacionam e estão organicamente unidos com as escrevivências do pesquisador, em consonância as perspectivas Bakhtiniana. Somos sensíveis ao enredo que nos leva a submergir nos espaços vazios que são preenchidos pelo devaneio onírico do imaginário, na ótica Bachelardiana, a nos conduzir pela abstração do silêncio sedutor e envolvente do prazer e do deleite. Por essas nuances, mergulhamos na poeticidade das imagens, reveladoras de distintos níveis dialéticos de distanciamento e aproximação do leitor, por meio da percepção da simbologia, capaz de suscitar os percursos das etapas de ganho na escrita e leitura. Assim, não ficamos inerte ao olhar do outro, quando induzido a sua visão excedente, somos levados a pensar em nossa condição de podermos agir, e como compreendemos o mundo em nossa volta, somos convidados a experienciar novas mudanças, por vezes sutis, ou por vezes radicais. Assim como meu eu reflete no outro, o outro reflete significativamente no meu eu. Há uma conivência de completude para melhor interpretar a complexidade do todo. A escrevivência constitui-se uma ferramenta metodológica, uma estética e um gênero literário, pois esta potencializa uma trajetória decolonial na construção de um saber científico, sem distanciamento e neutralidade. A literatura tenta colocar tudo isso a partir de uma substância basilar que explora a ilusão. Ela testa nossas táticas de defesa e procura nos devolver curados, verbos sobre verbos, ainda mais sedentos de exercícios terapêuticos ou poéticos como projeções de mundo nunca antes ansiadas. A literatura procura rememorar o quanto somos limitados fora de nossos domínios de escrita. Considerando-se que, a neurose que nos guia é a tocha para acobertar nossas divergências identitárias, sem tentar apagá-las. Assim, a escrevivência expõe as cicatrizes da alma, das construções tortuosa das psiques, e que por elas, nos acoberta em um certo cotidiano. Juntas expressam um potencial instrumento de busca por uma única palavra que caiba ou não nas fendas de tantas loucuras, que tangenciaram ao abismo de inquietudes, ao vazio e ao caos, a atormentar a cólera narcísica e quase psicopática na intenção que a narrativa se encaixe no entrelaçamento de realidades reais e ficcionais.

Palavras-chave: Literatura; Escrevivência; Leitura; Vazio.

Referências:
BACHELARD, G. A poética do devaneio. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
BAKHTIN, Mikhail M. Questões de Literatura e estética. A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et. Al. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
CALLADO, A. Quarup. 25ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.
EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

LITERATURA E CINEMA DE RESISTÊNCIA: MEMÓRIAS E EXISTÊNCIAS

Carlos Augusto Sarmento-Pantoja
João Pereira Loureiro Jr
Rainério dos Santos Lima

COMUNICAÇÕES

Além das páginas e das telas: gênero, resistência e identidade em Jane Eyre

Filmes-Arquivo e a busca pela memória

O TESTEMUNHO ARBITER E A RESISTÊNCIA EM A QUEDA DO CÉU: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI DE DAVI KOPENAWA E BRUCE ALBERT

Cinema Indígena: saberes tradicionais e tecnologias modernas num equilíbrio entre identidade ancestral e imagem contemporânea

Resistência, sobrevivência e relações de poder no teatro de Dione Carlos

A loucura dos sensatos: a relação entre sociedade, opressão e instituições psiquiátricas

LITERATURA E RESISTÊNCIA NA AMAZÔNIA: UM OLHAR SOBRE “À BEIRA DO XINGU”, DE ANDRÉ COSTA NUNES

Entre a página e a tela: As narrativas de resistência em Batismo de Sangue

“A Árvore que Anda”: intermitências artístico-luminosas da floresta

O teatro da prostituição de Plínio Marcos: uma análise da resistência em Navalha na Carne

O Feminismo Espetacular de Barbie (2023)

Além das páginas e das telas: gênero, resistência e identidade em *Jane Eyre*

Milla Karoline Silva Fernandes
Mestranda do POSLET-UNIFESSPA
millakaroline16@gmail.com

Resumo: A relação entre cinema e literatura, quando observada pela lente da resistência, permite refletir sobre como obras clássicas podem ser reinterpretadas em contextos contemporâneos, atuando como uma ferramenta de luta política e social. Este trabalho parte do romance Jane Eyre (1847) de Charlotte Brontë e propõe uma leitura comparada das adaptações Jane Eyre (1996), dirigida por Franco Zeffirelli, e Jane Eyre (2011), dirigida por Cary Fukunaga, para investigar como a questão de gênero é representada e atualizada no processo de transposição intermidiática. A análise surge da compreensão de que a obra-fonte e suas versões fílmicas não apenas dialogam com o contexto e memória cultural de seu tempo, mas também possibilitam a problematização de formas de silenciamento e resistência ligadas à mulher enquanto sujeito histórico. Por meio de abordagem qualitativa e comparativa, a pesquisa se dá através de análise fílmica e literária, com base nos estudos de Hutcheon (2011) sobre adaptação. O corpus central é constituído pelas duas adaptações fílmicas mencionadas, em diálogo com o romance literário de Brontë, examinadas a partir de sequências específicas que evidenciam a identidade de gênero como locus de tensão. O conceito de performatividade de gênero de Butler (1990), orienta a discussão sobre como a personagem é construída não por uma essência identitária, mas por expressões e práticas culturais que se constituem na repetição de atos. Dialogo, ainda, com Bosi (1996, 2002), ao compreender que tanto a literatura quanto o cinema são formas temáticas e imanentes de resistências, evidenciadas pela protagonista ao questionar as hierarquias sociais e de gênero em seus respectivos contextos de produção. Por fim, utilizo Spivak (2010) para problematizar a possibilidade de fala da mulher subalterna, e avalizar se e como *Jane Eyre* e suas adaptações permitem que a experiência feminina se manifeste, ou se reiteram silenciamentos. Os resultados apontam que, ao serem transpostas para a linguagem cinematográfica, as tensões de gênero presentes no romance se atualizam e destacam novas dimensões deresistência. Enquanto a versão de 1996 tende a enfatizar uma configuração romântica e disciplinadora da subjetividade feminina, a adaptação de 2011 ressalta a autonomia de Jane e sua contestação dos padrões sociais patriarcais, aproximando-se de uma leitura mais crítica e alinhada a debates contemporâneos. Assim, o estudo demonstra que literatura e cinema se configuram como espaços de resistência, capazes de ressignificar identidades e de dar visibilidade a sujeitos historicamente marginalizados, em diálogo com as formulações de Hutcheon (2011), Butler (1990) Bosi (1996, 2002) e Spivak (2010).

Palavras-chave: Literatura e cinema, Gênero, Identidade, Resistência, Jane Eyre, Adaptação.

Referências:
BOSI, Alfredo; CAPINHA, Graça. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Londres: Smith, Elder & Co., 1847.
BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. New York: Routledge, 1990.
HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Ed. da UFSC, 2011
SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar.** UFMG, 2010.

Filmes-Arquivo e a busca pela memória

Augusto Sarmento-Pantoja
Doutor em Teoria e História Literária – PPGL -UFPA
Bolsista CNPq
augustos@ufpa.br

Resumo: O presente trabalho analisa os desdobramentos do conceito de Filme-Arquivo, proposto por Maria Luiza Rodrigues Souza, em Cinema e memória da ditadura (2008), articulando com o conceito de Mal de arquivo, pensado por Jacques Derrida (2001) e a reflexão sobre documentário performático e a ficção testemunhal pensados por Augusto Sarmento-Pantoja (2016; 2024). Entendemos que há diferença entre o filme-arquivo (Souza, 2008), o documentário performático (Sarmento-Pantoja, 2016; 2024) e a ficção testemunhal. O filme-arquivo é uma categoria criada para caracterizar os filmes que tematizam as memórias de um evento limite, como a ditadura. Já o documentário performático, trata da recuperação histórica do compromisso ético do(a) realizador(a) na leitura documental sobre os fatos históricos e a recuperação de personagens invisibilizados historicamente. Por fim, a ficção testemunhal, proponho compreendê-la como a realização de filme ficcionais, forjada pela matéria histórica, em alguns casos, pode ser resultado da adaptação de uma obra literária, forjada pelo desejo ou expressão de um testemunho direto ou testemunho solidário. Serão analisados os filmes: Ainda estou aqui (2024), Marighella (2019) e Deslembro (2018), em busca de categorizar as expressões da busca pela memória nessas obras.

Palavras-Chave: Filme-Arquivo, Memória, Ditadura, Documentário Performático, Ficção Testemunhal.

Referências:

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. Cláudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001.

SARMENTO-PANTOJA. P**erformance e Testemunho no cinema pós-64**. Tese de Doutorado. Unicamp, 2016.

SARMENTO-PANTOJA. Sobre vivência e testemunho no Documentário Performático Heroicizante. **Porto Das Letras**, 10(3), 462–484, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.20873.24.4024

SOUZA, Maria Luiza Rodrigues. Cinema e memória da ditadura. **Sociedade e Cultura,** Goiânia, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.5216/sec.v11i1.4472.

O TESTEMUNHO ARBITER E A RESISTÊNCIA EM A QUEDA DO CÉU: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI DE DAVI KOPENAWA E BRUCE ALBERT

Paula Natasha Siqueira Barros
Mestra em Linguagens e Saberes da Amazônia – PPLSA – UFPA
paulanatashab@gmail.com

Resumo: A obra A queda do céu: palavras de um xamã yanomami de Bruce Albert e Davi Kopenawa é um testemunho da cultura, da história, da espiritualidade yanomami e, também, é um testemunho sobre as violências sofridas por esse povo. O presente trabalho aborda a narrativa de resistência na obra “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami” de Davi

Kopenawa e Bruce Albert, a partir do testemunho arbiter. A obra é um relato não ficcional de um xamã yanomami em parceria com um antropólogo francês Bruce Albert. A obra aborda temáticas urgentes, pois além de trazer memórias, cultura, saberes, traz uma problemática ambiental, de invasão e desmatamento, apontando para um futuro funesto, de securas e mortes, por meio dos seus relatos, de seus testemunhos e memórias traumáticas. O livro tem um número expressivo de páginas, exatamente, 729 páginas, por isso, não serão analisados todos os capítulos, apenas dois capítulos serão o subsídio deste trabalho: capítulos "Comedores de terra e o Ouro Canibal" na parte *A fumaça do metal*. A obra tem dois autores, um que seria o organizador, Bruce Albert, e o outro que seria o pensador, Davi Kopenawa. O objetivo geral da pesquisa é descrever a resistência presente no livro "A queda do céu|" de Davi Kopenawa e Bruce Albert a partir do testemunho arbiter. Os objetivos específicos consistem em analisar o testemunho arbiter e sua relação com a resistência; discutir como o ato de testemunhar contribui para a resistência; verificar, a partir dos testemunhos de violência, o desenvolvimento para a resistência do povo yanomami. A metodologia da pesquisa é qualitativa, pois utiliza procedimentos técnicos de análise da obra e um caráter subjetivo, além disso, baseia-se na compreensão e comportamento humano; Ademais, o trabalho faz uma pesquisa teórica de autores como: Bosi (1996), Tânia Sarmento-Pantoja (2022) e Larissa Fontenelle (2022) com análises de resistência na literatura; Augusto Sarmento-Pantoja (2019) e Márcio Seligmann-Silva (2017) com pesquisas sobre testemunhos e outros, que são o aporte teórico para o desenvolvimento da pesquisa. Os resultados e discussões partiram da pesquisa bibliográfica e da análise qualitativa e subjetiva dos trechos analisados. Os testemunhos e as resistências são apontados pelos autores que discutem a temática como fundamental para a denúncia das violências contra os povos originários e como desvio a fortes marcas da hegemonia cultural. Diante do exposto, podemos concluir que, a discussão do trabalho se faz pertinente para uma mudança das narrativas históricas, contribuindo para a valorização da história, cultura, saberes, resistências e vozes, que precisam ser ouvidas, dos povos indígenas.

Palavras-chave: Testemunho arbiter, Resistência, Testemunho, Rexistir, Indígena.

Referências:

ALENCAR, Larissa Fontinele de . **Poética da "Rexistência": escrituras indígenas de autoria de mulheres Potiguara (Brasil) e Mapuche (Chile)**. – 2022. 229 f. il. Color. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e Resistência**. Itinerários (UNESP. Faculdade de Ciências e Letras. Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários), São Paulo, n. 10, 1996.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** Tradução: Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. O Testemunho em três vozes: testis, supertes e arbiter. **Literatura e Cinema de Resistência**, Santa Maria, n. 32: Manifestações estéticas dissidentes, jan.-jun. 2019, p. 5-18. – ISSN 1679-849X | 7 | http://dx.doi.org/10.5902/1679849X35461.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. Fora da caixa. Resistência como desvio. **Arte, Literatura e Cultura de Resistência**: pensando o contemporâneo, Belém, n. 61, 148-164, ago-dez, 2022.

SELIGMANN-SILVA. Márcio. **História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes.** Tradução: Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. - 1ª ed. - São Paulo: UNICAMP, 2017.

Cinema Indígena: saberes tradicionais e tecnologias modernas num equilíbrio entre identidade ancestral e imagem contemporânea

Hebe de Souza Pedroza
Graduanda em Letras – UFAM
hebepedroza1@email.com

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre o Cinema Indígena como prática estética, política e cultural de resistência, a partir da análise de experiências cinematográficas produzidas por cineastas indígenas no Brasil, com destaque para projetos como Vídeo nas Aldeias, o Coletivo Guarani Mbya e obras como o curta de animação Ga vī: a voz do barro. A proposta parte do entendimento de que essas produções audiovisuais constituem-se como formas de contra-narrativas que desafiam os modos coloniais e estereotipados de representação dos povos originários. Com base em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, a pesquisa se insere no campo dos estudos culturais, decoloniais e dos estudos do cinema de resistência. A base teórica envolve autores como Walter Benjamin (1994) , com sua concepção de história como constelação e interrupção do tempo linear dominante; Alfredo Bosi (1996; 2002), especialmente no que tange à crítica da colonização e à valorização da cultura oprimida; Gayatri Spivak (2010), com sua provocação sobre a possibilidade de fala dos subalternos; e Paulo Freire (2011), que oferece subsídios para pensar o audiovisual como prática pedagógica emancipatória. São mobilizados, portanto, os conceitos de resistência, memória cultural, performance e pedagogia crítica. A análise considera ainda as especificidades éticas e metodológicas do Cinema Indígena, em que não há separação hierárquica entre quem filma e quem é filmado, dada a participação coletiva e comunitária nos processos de produção. Destaca-se o uso da câmera não como mero registro técnico, mas como instrumento de autorrepresentação, reorganização simbólica da imagem indígena e cuidado com os modos de ser e aparecer no mundo. Os achados do trabalho apontam que o Cinema Indígena atua simultaneamente na preservação da memória ancestral e na construção de novos campos de visibilidade para as culturas originárias no tempo presente. Ao articular saberes tradicionais e tecnologias modernas, essas produções constroem uma estética própria que dissolve fronteiras entre tradição e contemporaneidade, visibilizando lutas, direitos e epistemologias historicamente silenciadas. Assim, o Cinema Indígena configura-se como um campo de invenção e resistência, onde memória e futuro se entrelaçam em práticas visuais que reafirmam a potência viva dos povos indígenas.

Palavras-chave: Cinema Indígena; Resistência Cultural; Memória; Saberes Tradicionais; Visibilidade; Produção Audiovisual Coletiva.

Referências:

Benjamin, Walter. 1994. Sobre o conceito de história. In: Magia e técnica, arte e política. Brasiliense. São Paulo.
Bosi, Alfredo. 1996. Dialética da colonização. Companhia das Letras. São Paulo.
Bosi, Alfredo. 2002. O ser e o tempo da poesia. Companhia das Letras. São Paulo.
Freire, Paulo. 2011. Educação como prática da liberdade. Paz e Terra. Rio de Janeiro.
Spivak, Gayatri Chakravorty. 2010. Pode o subalterno falar? UFMG. Belo Horizonte.

Resistência, sobrevivência e relações de poder no teatro de Dione Carlos

Emela Andria de Sousa Moura
Mestranda do PPGL/Ufopa
emelandia100@gmail.com

Rainério dos Santos Lima
Doutor em Literatura Comparada – PPGL-UFOPA
rainerio.lima@ufopa.edu.br

O objetivo deste trabalho é analisar a presença da coralidade como aspecto formal que caracteriza a composição dos personagens Anjo, Lady, Enfermeiro e Mister M, na peça "Cárcere ou porque as mulheres viram búfalos" (2024), de Dione Carlos. Do ponto de vista político, pretende-se estudar como os personagens do drama resistem as relações de poder dentro do espaço prisional. O estudo terá como base uma pesquisa crítica e interpretativa dividida em duas abordagens: a) a primeira se dobra sobre a economia do texto dramático, para explicar como os personagens são caracterizados pela coralidade das vozes na textualidade teatral e b) a segunda, desenvolve o conceito de micro-poder de Michel Foucault (2014) para, na abordagem crítica, apreender o agenciamento e a inversão das relações de poder, que garantem o mínimo de sobrevivência dos sujeitos encarcerados. No drama de Dione Carlos, as irmãs protagonistas, negras e periféricas, convivem com gerações de sua família atravessadas pela experiência carcerária. No presente da ação, o filho preso injustamente e em perigo é o leitmotiv da fábula que desencadeia os atos rememorativos das personagens. A resistência da família, apoiada na ancestralidade, na fé em Iansã e no sentido comunitário das relações afetivas, são contrapostas a denúncia do encarceramento em massa e das políticas oficiais de extermínio da população negra (BORGES, 2003). Para Sarrazac (2017), o dispositivo da coralidade no teatro representa vozes coletivas que se levantam em relação a causas políticas. As vozes das personagens na peça de Dione Carlos se localizam no campo político e o ambiente do cárcere é um elemento que molda a estética da ação dramática. Assim, as personagens em análise se encontram encarceradas e suas memórias revelam suas subjetividades e trajetórias de vida. Na peça, a engrenagem do cárcere se desenha por meio das relações cotidianas de poder entre os sujeitos ficcionais. Essas relações são "o efeito conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifesto e as vezes reconduzido pela posição dos que são dominados" (FOUCAULT, 2014), e, para efeito desse trabalho, estão expressas na ação nos breves relatos de vida dos personagens, Mister M (carcereiro), Enfermeiro (agente de saúde), Anjo (líder da cadeia) e Lady (homossexual). Desta forma, os movimentos de micro-poderes dos sujeitos ficcionais, utilizados como estratégia de resistência-sobrevivência, pertencente ao status hierárquico de poder em relação a outros indivíduos em estado de subordinação, servem a manutenção de um macro-poder. As representações de suas rememorações a serviço da economia formal do texto demostram que a dramaturgia de Dione Carlos carrega consigo um coletivo formado por indivíduos que se encontram encarcerados dentro e fora dos presídios. É sobre esse pressuposto, que o estudo de personagens secundários desta dramaturgia tem relevância e contextualizam as cicatrizes ocasionadas pelo sistema prisional.

Palavras-chave: oralidade; memória; prisão; sujeito carcerário.

Referências:
BORGES, Juliana. Encarceramento em massa. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2023.
CARLOS, Dione. Cárcere ou porque mulheres viram búfalos. 1ª ed. Belo Horizonte: Javali, 2024.
CARLOS, Dione. Palavra viva: dramaturgia de Dione Carlos. 1ª ed. Belo Horizonte: Aquilombô, 2022.
FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: o nascimento da prisão. 42ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In:
FOUCAULT, M. Estratégias, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
SARRAZAC, Jean-Pierre. Poética do drama moderno: de Ibsen a Koltès. São Paulo: Perspectiva, 2017.
SARRAZAC, Jean-Pierre (org.). Léxico do drama moderno e contemporâneo. São Paulo: Cosac Naif, 2012.

A loucura dos sensatos: a relação entre sociedade, opressão e instituições psiquiátricas

Ana Carolina Alves Nogueira
Graduanda de Letras – UFOPA
carolinaalves@gmail.com

Nicolas Miel Leão Silva
Graduando de Letras – UFOPA
nicolasleao205@gmail.com

Rainério dos Santos Lima
Doutor em Literatura Comparada – UFOPA
rainerio.lima@ufopa.edu.br

Resumo: Este trabalho propõe uma análise das instituições psiquiátricas brasileiras como dispositivo de extermínio de grupos minoritários e uma visada da literatura de testemunho como forma de resistência contra o apagamento promovido por tais instituições, a partir do estudo da obra Holocausto Brasileiro (2013), de Daniela Arbex. A pesquisa buscou explorar, através dessa obra, o conceito de "gestão da anormalidade", proposto por Sandra Caponi (2012), bem como a relação entre o contexto socioeconômico nacional do período histórico analisado e o apagamento dos grupos minoritários considerados indesejáveis sociais. E que foram fisicamente isolados da sociedade ao serem internados em asilos, manicômios, hospícios e semelhantes instituições fomentadas pelo Estado. Por meio de uma abordagem qualitativa, o estudo examina os relatos, documentos e discursos presentes na obra selecionada, ressaltando as conexões entre a estrutura social e os interesses políticos vigentes nas épocas correspondentes, bem como a correlação desses com as justificativas dadas às internações. As narrativas revelam, para além da experiência individual das vítimas desse sistema, uma parte da história e da sociedade brasileira que sofreu com tentativas de erradicação. No estudo, cada relato e documento traz consigo a restauração de parte da memória cultural, tornando a afirmação das existências das vítimas como reivindicações enquanto participantes do corpo social. Os relatos, nesse sentido, caracterizam atos de

insubmissão através da resistência às tentativas de apagamento. Assim, a obra de Daniela Arbex é analisada como contradiscurso, por preencher lacunas e rasuras do discurso histórico oficial, pautado em políticas de apagamento e na desmemória (Cornelsen, 2012). Considerando-se os diferentes materiais analisados, foi-nos possível alcançar dentre os resultados a indicação de que a literatura sobre as instituições psiquiátricas nacionais age como instrumento de resistência, lutando contra a exclusão dos grupos minoritários e resgatando vivências há muito apagadas da sociedade brasileira, sendo fundamental para o movimento antimanicomial e para a batalha por direitos humanos (Ricci; Valentim, 2009). Desse modo, esse trabalho enfatiza a importância da memória para a manutenção da história brasileira e para a luta por dignidade dos grupos minoritários.

Palavras-chave: Literatura de testemunho; Instituições psiquiátricas; Resistência; Minorias.

Referências:

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
CAPONI, Sandra. **Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012.
CORNELSEN, Elcio Loureiro. O Testimonio na América Latina. In: SARMENTO-PANTOJA, Augusto; OLIVEIRA, Maria Rita Duarte de; SOUSA, Rosângela do Socorro Nogueira de. (Org.). **Memória e resistência: percursos, histórias e identidades.** 1ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012, v. 1, p. 90-102.
RICCI, Magda; VALENTIM, Rodolfo (org). **História, Loucura e Memória: o Acervo do Hospital Psiquiátrico "Juliano Moreira"**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura/Arquivo Público Do Estado do Pará. 2009.
SARMENTO-PANTOJA, Augusto. O TESTEMUNHO EM TRÊS VOZES: TESTIS, SUPERSTES E ARBITER. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n.32, p. 5-18, jan./jun. 2019.

LITERATURA E RESISTÊNCIA NA AMAZÔNIA: UM OLHAR SOBRE "À BEIRA DO XINGU", DE ANDRÉ COSTA NUNES

Ana Paula Costa de Souza
Mestranda – PPGEL- UFPA
Costaanapaula817@gmail.com

Resumo: A crônica À Beira do Xingu, de André Costa Nunes, é analisada neste trabalho sob a perspectiva dos estudos socioambientais e da literatura regionalista amazônica, com foco nos impactos provocados por grandes projetos de desenvolvimento na região, como a Rodovia Transamazônica e a Usina Hidrelétrica de Belo Monte. O objetivo da pesquisa é compreender de que modo a crônica funciona como forma de resistência cultural, política e simbólica frente às transformações ambientais e sociais impostas por uma lógica desenvolvimentista exógena. A narrativa, ambientada em Altamira (PA), revela, por meio das memórias, afetos e do pertencimento das personagens, as consequências da ocupação predatória do território amazônico, como a degradação ambiental e o apagamento de práticas culturais locais. Adota-se uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentada na análise textual da crônica e no diálogo com autores como Paul Little (2002), Darcy Ribeiro (1995) e Ivana Bentes (2015), que discutem os impactos do "desenvolvimento" sobre a Amazônia e seus povos. A análise ressalta o uso de imagens simbólicas, como o ciclo de vida

da floresta e o capitari — tartaruga amazônica símbolo da ancestralidade — contrapostas à violência do progresso, representada na narrativa por falas de resistência e cenas da floresta submersa. A linguagem do autor articula lirismo, denúncia e memória, dando voz a sujeitos historicamente silenciados e propondo reexistências possíveis por meio da valorização da agricultura familiar, da produção sustentável e das novas gerações amazônicas. A crônica é compreendida como um artefato literário de denúncia e reconstrução territorial, que reafirma a literatura regional como espaço de resistência e de reterritorialização ética e simbólica da Amazônia. Dessa forma, evidencia-se a potência da arte literária como instrumento de crítica social e de mobilização política em defesa da Amazônia plural, viva e resistente.

Palavras-chave: Literatura Regionalista; Amazônia; Resistência Socioambiental; Crônica; Justiça Ambiental; Identidade Cultural.

Referências:

BENTES, Ivana. Cultura da convergência e redes colaborativas. Revista ECO-Pós, v. 18, n. 1, p. 10-25, 2015.
LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, Brasília: UnB, 2002.
NUNES, André Costa. À beira do Xingu. Tipo Assim Folhetim, 2025. Disponível em: https://tipoassimfolhetim.wordpress.com/page/2/. Acesso em: 22 jul. 2025.
RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Entre a página e a tela: As narrativas de resistência em *Batismo de Sangue*

Maria Fátima Paula dos Santos
Doutoranda do PPGL-UFPA
Fafabrasil1@yahoo.com.br

Augusto Sarmento Pantoja
Doutor em Estudos Literários -PPGL-UFPA
a.sarmentopantoja@gmail.com

Resumo: Este trabalho analisa a obra *Batismo de Sangue*(2006), de Frei Betto, e de sua adaptação cinematográfica dirigida por Helvécio Ratton, sob a perspectiva da teoria da resistência elaborada por Alfredo Bosi. A partir do entrecruzamento entre literatura, cinema e história, busca-se compreender como essas narrativas constroem zonas de resistência simbólica frente à repressão da Ditadura Civil-militar brasileira (1964–1985). A resistência política e espiritual dos frades dominicanos que, movidos pela fé e pelo compromisso com os pobres, aliaram-se à Ação Libertadora Nacional (ALN), de Carlos Marighella, sendo posteriormente presos, torturados e silenciados. A acepção teórica principal centra-se na reflexão de Alfredo Bosi sobre literatura e resistência, conforme apresentada na obra *Literatura e Resistência* (2002). Para Bosi, a palavra escrita é uma forma de insurgência ética, estética e histórica diante das formas de opressão, especialmente em contextos de censura, autoritarismo e violência. A metodologia adotada é qualitativa e interpretativa, com análise comparativa entre o livro e o filme, considerando estruturas narrativas, recursos expressivos e o modo como ambas as obras elaboram a dor, a memória e a dignidade dos sujeitos

perseguidos. A escrita de Frei Betto, marcada pela interiorização do trauma e pelo compromisso ético com os oprimidos, e a linguagem cinematográfica de Ratton, que enfatiza o corpo torturado e os silêncios impostos, revelam diferentes dimensões do testemunho como resistência. Os resultados indicam que tanto o livro quanto o filme funcionam como atos de resistência simbólica e política. Ao relatar e representar a experiência dos frades dominicanos na ditadura, ambas as obras preservam a memória daqueles que uniram fé e justiça social. Assim, literatura e cinema tornam-se formas de insurgência frente ao apagamento histórico e à banalização da violência.

Palavras-chave: Resistência, Literatura e cinema, *Batismo de Sangue.*

Referências

BATISMO de Sangue. Direção de Helvécio Ratton. Brasil, 2007. Duração: 110 min.
BETTO, Frei. **Batismo de Sangue**: guerrilha e morte de Carlos Marighella. 14. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
BOSI, Alfredo. ***Literatura e Resistência***. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

"A Árvore que Anda": intermitências artístico-luminosas da floresta

Letícia de Almeida Pereira Simões
Mestranda no PPGL/Ufopa
leticiaps30@gmail.com

Rainério dos Santos Lima
Doutor em Literatura Comparada – PPGL/Ufopa
rainerio.lima@ufopa.edu.br

Resumo: Este trabalho propõe uma análise da obra performática da artista dois-espíritos (travesti) indígena Uýra Sodoma, apresentada no documentário UÝRA – *A Retomada da Floresta* (2022). O estudo dialoga com o conceito de intermitência luminosa, desenvolvida por Georges Didi-Huberman (2011), e se articula com os conceitos de ética da visibilidade e enquadramento, formulados por Judith Butler (2015). Seguindo o documentário, o estudo investiga nuances da presença insurgente de Uýra no campo das artes e da ecologia, cuja obra se aproxima dos lampejos intermitentes dos vagalumes de Georges Didi-Huberman, produzindo, assim, imagens comprometidas com uma visibilidade ética, como defende Judith Butler. Uma obra que ousa a ir além das narrativas que marginalizam existências dissidentes e originárias. No documentário, a artista habita periferias, comunidades e aldeias do estado do Amazonas com seu corpo-território travesti-indígena, subvertendo as representações sociais hegemônicas e dialogando simultaneamente com crianças e jovens da floresta, transformando-se em presença ética e política, brilhando nas ruínas de um suposto desenvolvimento que se assemelha a uma catástrofe, evocando a floresta como corpo vivo e assumindo um papel de lampejo "poético-ecológico" compromissado com a esperança e a reexistência (Didi-Huberman, 2011). Considerando a resistência de Uýra à escuridão simbólica imposta por séculos de colonialismo, devastação ambiental (Krenak, 2020-2022) e predomínio de uma matriz cultural cisheternonormativa (Melo, 2024), as criações performáticas da artista são analisadas a partir da "lente metodológica" da performance, buscando-se compreender de que maneira contribuem para "transmitir memória e identidade" (Taylor, 2023). Como resultado,

o estudo apresenta e desenvolve a hipótese de que o corpo travesti-indígena de Uýra opera como uma contraimagem que cintila nos espaços de ruína, mobilizando uma política do sensível que articula arte, corpo e território. Indo além da reinvindicação para ser vista como humana, e, portanto, passível de luto (Butler, 2015), Uýra propõe, em suas criações performáticas e em seu trabalho educativo com crianças e jovens de periferias e comunidades indígenas e ribeirinhas do Amazonas, a retomada e a propagação de cosmovisões originárias (Kopenawa, 2010; Krenak, 2020-2022), uma vez que se veste de "roupas de bicho", encarna entidades e encantarias do imaginário amazônida, utilizando-se de elementos orgânicos e cenários naturais devastados para provocar debates e tensões sobre os impactos da colonização e do antropocentrismo, bem como eclipsar separações convencionais entre humanos, plantas e animais.

Palavras-chave: Performance; Amazônia; Cosmovisão indígena; Queer; Uyra Sodoma.

Referências:
BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p.99-149.
CURI, Juliana (Dir.). UÝRA – A Retomada da Floresta. [Filme-documentário]. Brasil: Azougue Filmes/Mama Wolf Produções, 2022. 72 min. Disponível em: https://www.itauculturalplay.com.br/. Acesso em: 4 jul. 2025.
DIDI-HUBERMAN, Georges. A sobrevivência dos vagalumes. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora 34, 2011.
KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
PONTO FINAL, PONTO SEGUIDO Com UÝRA SODOMA (Brasil) // Performance MIMO. Universidade do Porto, 2022. Disponível em: https://www.up.pt/casacomum/eventos/ponto-final-ponto-seguido-com-uyra-sodoma-brasil-performance-mimo/. Acesso em: 4 jul. 2025.
SODOMA, Uýra. Manaus, uma cidade na aldeia. Instituto Moreira Salles, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GxHTnxu4Oi0. Acesso em: 4 jul. 2025.
TAYLOR, Diana. Performance. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2023.
MELO, Iran Ferreira de. Linguística queer. Campinas: Pontes Editora, 2024.

O teatro da prostituição de Plínio Marcos: uma análise da resistência em Navalha na Carne

Karina Vasconcelos Rabelo
Mestranda do PPGL-Ufopa
karina.rabelo@discente.ufopa.edu.br

Rainério dos Santos Lima
Doutor em Literatura Comparada – PPGL-Ufopa
rainerio.lima@ufopa.edu.br

Resumo: Este trabalho propõe uma análise crítica da resistência na trajetória das personagens da peça Navalha na Carne de Plínio Marcos, com foco no estudo dos mecanismos de

sobrevivência agenciados pelas personagens, em contexto social de prostituição. Desta forma, o objeto de estudo da pesquisa é a construção das três personagens centrais da ação dramática: Neusa Sueli, Vado e Veludo. Dessa forma, o estudo faz uma análise qualitativa da resistência presente na dinâmica das personagens da peça. Alfredo Bosi (2002), pontua duas formas de investigar a resistência: a) a resistência que se manifesta no campo temático e b) a resistência que se integra à estrutura textual, constituindo-se como um elemento estético da forma literária. Assim, são analisados fragmentos da dramaturgia para compreensão do lugar da resistência como temática ou como elemento estético estrutural. Para tanto, parte-se de três eixos de discussão crítica: as crises e os corpos, as masculinidades e as formas de resistências presentes na peça. A partir de Michel Foucault (1988; 2013), a pesquisa busca apreender de que forma as opressões sociais atuam sobre as vidas das personagens representadas na peça e como essas personagens lidam com a marginalização de seus corpos. Nessa direção, o estudo examina as formas de resistências das personagens à violência da prostituição e como as opressões desse espaço social marginal são representadas na ação dramática. Como aporte teórico para o estudo da dramaturgia, utilizamos as obras de Jean-Pierre Sarrazac (2011; 2013; 2017) e a pesquisa de Bruno Siqueira (2006) para a argumentação sobre as masculinidades das personagens e suas crises. Os elementos do discurso das personagens mostram que não há tematização da resistência, mas que há resistências e opressões vivenciadas e sofridas pelas personagens categorizadas como componentes estéticos e estruturais na escrita teatral de Plínio Marcos. A composição da ação, os diálogos e conflitos dramáticos articulam imagens e representações que mostram a resistência como parte de um todo gerador de reflexões na estrutura do drama. A pesquisa também mostra como as personagens, mesmo que igualmente oprimidas pela prostituição, ainda que em diferentes lugares de poder, não expressam caminhos para se percebessem como iguais, pois as necessidades de sobrevivência predominam acima de quaisquer imperativos que os aproximem. Desta forma, as resistências não são direcionadas a processos insurgentes de mudança social ou de deslocamento para fora da prostituição e das opressões. As resistências são consubstanciadas em posturas individualistas que expressam as problemáticas subjetividades das personagens.

Palavras-chave: Dramaturgia, Personagem, Plínio Marcos, Resistência.

Referências:

BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico: as heterotopias. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

MARCOS, Plínio. Plínio Marcos: obras teatrais: pomba roxa, v.3. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2017.

SARRAZAC, Jean-Pierre. O outro diálogo: elementos para uma poética do drama moderno e contemporâneo. Lisboa: Licorne, 2011.

SARRAZAC, Jean-Pierre. Poética do drama moderno: de Ibsen a Koltés. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SARRAZAC, Jean-Pierre; FERNANDES, Silvia. A invenção da teatralidade. Sala Preta, 13(1), 56 70. (2013).

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares de. A crise da masculinidade nas dramaturgias de Nelson Rodrigues, Plínio Marcos e Newton Moreno. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

O Feminismo Espetacular de Barbie (2023)

Alice da Silva Pereira
Mestranda do PPGL-UFOPA
alicesilva.s281@gmail.com

Elder Koei Itikawa Tanaka
Doutor em Letras
elder.tanaka@ufopa.edu.br

Barbie (2023), dirigido por Greta Gerwig, é uma comédia estadunidense que dá vida às bonecas da famosa franquia de brinquedos. O filme combina uma estética estereotipicamente associada ao feminino com críticas incisivas ao patriarcado. Este trabalho propõe uma análise da obra cinematográfica à luz da noção de Espetáculo, desenvolvida por Guy Debord (1997), a fim de investigar de que modo o longa-metragem atua no cinema contemporâneo dentro da lógica do espetáculo que reforça o fetichismo da mercadoria. O trabalho se dá por meio de pesquisa bibliográfica, fundamentada na teoria da indústria cultural, vista, segundo Oliveira (2021), como um dos mecanismos que sustentam a Sociedade do Espetáculo, e da análise de cenas, adaptando o modo de análise de Antonio Candido (1987) em diálogo com as teorias de análise fílmica de David Bordwell (2013). Buscamos identificar os mecanismos de produção do espetáculo no filme, analisando os seguintes eixos: (1) o processo de humanização da boneca como estratégia para gerar identificação afetiva com o produto, à luz dos conceitos de imagem, representação e fetichismo da mercadoria propostos por Debord; (2) o papel da publicidade e das campanhas publicitárias em torno do longa como elementos que reforçam o espetáculo; e (3) a crítica ao patriarcado esvaziada por sua inserção na lógica capitalista, algo também previsto nas teses sobre o espetáculo. Dessa forma, diante da análise bibliográfica e fílmica, compreendemos que Barbie (2023) não apenas reproduz os elementos do espetáculo, mas os incorpora de maneira estrutural em sua própria forma cinematográfica. Ocorre, portanto, sob o disfarce colorido e divertido do espetáculo, um processo de banalização de pautas, as oposições encenadas em *Barbie* (2023), entre a repressão patriarcal sobre os corpos femininos e a libertação conquistada pela união das Barbies, podem coexistir com a exaltação constante do prazer no espetáculo, funcionando, na prática, como agentes de um mesmo sistema. Instala-se, assim, uma falsa sensação de contentamento, que carrega em si os próprios mecanismos de repressão. À aceitação passiva da realidade soma-se uma revolta puramente espetacular, encenada, o que revela que até mesmo a insatisfação foi transformada em mercadoria, a partir do momento em que o espetáculo passou a explorar e lucrar também com esse sentimento.

Palavras-chave: *Barbie* (2023); Sociedade do Espetáculo; Feminismo; Fetichismo da mercadoria; Capitalismo

Referências:

BARBIE. Direção: Greta Gerwig. [S. l.: s. n.], 2023. Disponível em: https://www.max.com/watch/. Acesso em: jun. 2025.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema:** Uma Introdução. [S. l.: s. n.], 2013.
CANDIDO, Antonio. **O Estudo Analítico do Poema.** [S. l.]: Humanitas, 2006.
DEBORD , Guy. **A sociedade do espetáculo.** Tradução: Estrela dos Santos Abreu. [S. l.]: Contraponto editora, 1997.
OLIVEIRA , Gabriela Antoniello. Espetáculo, indústria cultural e alienação: reflexões sobre o fetichismo da mercadoria e o projeto de dominação das massas. **Primordium** , [s. l.], 2021.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

LITERATURA E DECOLONIALIDADE EM PERSPECTIVA: A DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA EM PRODUÇÕES LITERÁRIAS DE ONTEM E DE HOJE

RODRIGO DE SOUZA WANZELER
Ângela Teodoro Grillo

COMUNICAÇÕES

"COMO UMA PEQUENA PRESA DIANTE DE UM MONSTRO": O HORROR/FANTÁSTICA DECOLONIAL NO CONTO "MONSTROS DO MAR TÊM MÃES", DE ANA LUIZA SILVA.

DA DIÁSPORA AFRICANA AO PANAFRICANISMO PRESENTE NO RAP.

BELÉM CARTOGRAFADA: A CIDADE DE OUTRORA EM BELÉM DO GRÃO-PARÁ, DE DALCÍDIO JURANDIR

MIL MARIAS: CATÁLOGO DE IMAGENS DA MULHER NA POESIA BRASILEIRA, COMO FONTE DE PESQUISA DECOLONIAL

SANTO BATUQUE DO BUMBÁ: BRUNO DE MENEZES E A SUBVERSÃO DA LÓGICA COLONIAL EM BELÉM DO PARÁ

ENTRE MARGENS E RESISTÊNCIAS: A LITERATURA AMAZÔNICA DE EIMAR TAVARES EM PERSPECTIVA DECOLONIAL

IMAGENS DA MULHER NA POESIA BRASILEIRA FINISSECULAR E DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: TRABALHO, RAÇA E CLASSE

O DESSILENCIAMENTO DA FIGURA FEMININA NA OBRA ROMANESCA CAROLINIANA

MATERIALIDADE EM TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR: ELEMENTOS SIMBÓLICOS, FÍSICOS E EDITORIAIS PRESENTES NAS EDIÇÕES DO ROMANCE

"PANTON" NA LITERATURA: LINGUAGEM, ANCESTRALIDADE E CONTEMPORANEIDADE

APROXIMAÇÕES ENTRE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E AILTON KRENAK EM A

VIDA NÃO É ÚTIL.

OUVINDO OUTRAS VOZES: AS NARRATIVAS ORAIS PERFORMÁTICAS DOS POVOS INDÍGENAS NA COMUNIDADE DE TARACUÁ/AM

A PLURALIDADE ESTÉTICA NA ARTE DE THAÍS KOKAMA

DESAFIANDO UMA LÓGICA COLONIALISTA: UMA COMPREENSÃO DE UMA (ECO)LITERATURA NAS OBRAS DE MÁRCIA KAMBEBA (2022) E SONY FERSECK (2022)

NARRATIVAS DO SUMA QAMAÑA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E (RE)EXISTÊNCIAS DOS AYMARAS

“Como uma pequena presa diante de um monstro”: o horror/fantástica decolonial no conto “Monstros do mar têm mães”, de Ana Luiza Silva.

Thyago Silva da Costa
Graduação/UFPA
thyagosc.ts@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o horror/fantástico decolonial no conto “Monstros do mar têm mães” (2021), de Ana Luiza Silva, da primeira edição revista de literatura contemporânea digital Escambanáutica. Para isso, o autor se debruçou, de forma concisa, nos elementos do estranho e do horror no pensamento de obras com elementos fantásticos, sua relação com a realidade, a provocação de estranhamento, as possibilidades de percepção e o entendimento do horror do desconhecido como subversão e contraforma da realidade através de um viés do Eu e não do Outro, utilizando como base Ceserani (2006), Lovecraft (2007) e Todorov (2003). Em seguida o autor percorre fundamentos gerais da Teoria Decolonial, em específico as discussões do grupo Modernidade/Colonialidade e a processo de radicalização do pensamento pós-colonial através da ideia de “giro decolonial”, nos anos 90, para imaginar o contexto latino-americano, apoiando-se nos textos de Ballestrin (2013), Fanon (2022), Mata (2014). Por fim, o trabalho analisou a narrativa e estrutura do conto anteriormente citado, usando como base as discussões prévias sobre horror/fantástico decolonial. Com isso, o conto “Monstros do mar têm mães” apresentou Maria, uma narradora protagonista envolta em culpa por uma maternidade sem afeto, vendo o horror surgir quando o filho é engolido pelo mar e retornando como um desconhecido, fazendo a protagonista questionar a própria noção de identidade e submissão. O horror do desconhecido sai do campo de rejeição do Outro, de preconceito, e se figura como um horror pessoal, um horror do Eu, pelas emoções desconhecidas que a culpa, a dor e o remorso causam no ser humano, um medo de se tornar um Outro, de se tornar o espelho do Opressor. Através dessa análise, foi possível conversar sobre a noção de horror fantástico decolonial em um conto de uma revista literária com objetivos específicos, e assim abrir espaço para mais pesquisas e análises nesse nicho, propondo uma janela crítica para além das obras já consolidadas ou de grande repercussão no cenário nacional. O fantástico se expande em uma visão ampla sobre o nosso próprio mundo, sobre o medo e o confronto, em um mar de experiências. A decolonialidade surge como uma cola em um ato de insubmissão e constante revolução contra o modo de pensar capitalista moderno/colonial, em um processo contínuo de subversão.

Palavras-chave: Literatura fantástica. Decolonialidade. Revista digital.

Referências:
Acioli, Socorro. 2023. Oração para desaparecer. Companhia das Letras. SP.
Ballestrin, Luciana. 2013. América latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, DF.

Bonnici, Thomas. 1998. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. Mimesis. SP.
Braga, Guilherme da S. 2014. Os melhores contos de H.P. Lovecraft. Hedra. SP.
Ceserani, Remo. 2006. O fantástico. Editora UFPR. PR.
Conrad, Joseph. 2008. O coração das trevas. Companhia de Bolso. SP.
Enriquez, Mariana. 2023. Os perigos de fumar na cama. Intrínseca. RJ
Fio, Moacir. c2025. Sobre a revista. Revista Escambanáutica. CE.
Fanon, Frantz. 2022. Os condenados da terra. Zahar. RJ.
Indiana Jones e o templo da perdição. 1984. Paramount Pictures. CA.
Júnior, Wilson. 2024. Trama ancestral. Cortez. SP.
Lavalle, Victor. 2018. A balada do Black Tom. Morro Branco. SP.
Lovecraft, Howard Phillips. 2007. O horror sobrenatural em literatura. Iluminuras. SP.
Mata, Inocência. 2014. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. Civitas: revista de Ciências Sociais. RS.
Ojeda, Mónica. 2023. Voladoras. Autêntica. MG.
Silva, Ana Luiza. 2021. Monstros do mar têm mães. Revista Escambanáutica. CE.
Todorov, Tzvetan. 2003. Introdução à literatura fantástica. Perspectiva. SP.

Da diáspora africana ao Panafricanismo presente no Rap

Allan Roosevelt Miranda Conceição
Graduando do ILC- UFPA
Peledomanifesto2016@gmail.com

RESUMO: O pan-africanismo é um movimento político, cultural e intelectual que defende a solidariedade e a unificação dos povos africanos e de sua diáspora (descendentes espalhados pelo mundo devido à escravidão e colonização) para promover a autodeterminação, a luta contra o racismo e o desenvolvimento do continente africano. Seus principais objetivos são: autodeterminação e unificação; luta contra o racismo e a segregação; desenvolvimento e libertação e a valorização da identidade. Neste contexto de diáspora no que diz respeito a libertação, valorização da identidade e luta contra o racismo, o rap surge como um dos principais mecanismo desta engrenagem, não só dando voz, visibilidade e potencializando os negros pelo mundo, mas também sendo uma conexão de experiências, troca de saberes e tecnologia através da arte, música e poesia, que surge das vivências em realidade adversa e dura dos afrodescendentes residentes principalmente nos países americanos que foram colonizados pela Europa e tiveram tráfico negreiro. Para o filósofo Frantz Fanon as imagens que criamos em relação a indivíduos nascem do que ele denomina de *inconsciente coletivo*, que por sua vez, não é uma herança cerebral, mas sim uma consequência do que o autor nomeia de *imposição cultural irrefletida*, neste caso, a forma como vemos certos indivíduos é baseada em materiais culturais que consumimos enquanto sociedade, através de livros, música, filmes e etc. tendo em vista que, quem controla os meios de produção cultural molda a semiótica social. Por isso, faz-se necessário compreender e ouvir os agentes passivos e ativos nos espaços sociais e, a partir disso, discorrer como o rap através de suas polivalências artísticas configura-se como ferramenta de ruptura artística e ideológica. Assim como a literatura marginal, ambos são forjados nas periferias das cidades por pessoas pobres e , em sua maioria, pretas e usam como matriz de criação vivências, e consequências histórico-sociais derivadas do processo de colonização e escravidão que ocorreram no Brasil ao longo de quase 400 anos. Em Belém do Pará o Rap tem suas origens na década de 90, e nasce no contexto social de pós ditadura onde a violência policial tem uma forte presença nos bairros periféricos e o estado ainda mantém essas regiões sob as estruturas e mecanismos criados no período da escravidão e desenvolvidos durante o regime militar, neste turbilhão de acontecimentos jovens dos bairros considerados de baixada na capital paraense enxergam no rap uma válvula de escape dessa violência e uma oportunidade de mudar essa realidade, influenciados pelo movimento Hip Hop desenvolvido nos guetos dos Estados Unidos pelos jamaicanos, os jovens belenenses criam um

movimento que impactaria para sempre a criação artística na cidade de Belém. O presente Plano de Trabalho, tem como objetivo contribuir para o projeto mencionado, trazendo uma série de entrevistas com agentes culturais do Rap belenense, divididos em gerações, no caso as três gerações que compõem a história do movimento rap feito na cidade de Belém. Neste trabalho entrevistamos agentes da primeira geração iniciada no começo dos anos 90 e que vai até o início dos anos dois mil, conta com a presença de Pjó, ex integrante do primeiro grupo de rap paraense MBGC, Shaira Mana Josy, ex integrante do grupo Conexão Feminina, e Bruno B.O. ex integrante da Banca da Coroa. Ao considerar a produção dos artistas e as entrevistas, temos como hipótese a consolidação do RAP em Belém que poderá ser documentada em um material bibliográfico, construído, principalmente a partir das memórias dos agentes sociais mencionados.

Palavras chave: Rap, racismo, cidade de Belém, entrevista.

Referências:

"BARBOSA, Muryatan Santana. Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/115352"
FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008
Bruno Zeni, "O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva", *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50 (2004), pp. 225-241, p. 230 .
Rhuann Fernandes, "O rap nacional e o caso Djonga: Por uma sociologia das ausências e das emergências", *RELACult*, v. 5, n. 3 (2019), pp. 1-25, p.2

Belém Cartografada: A Cidade de Outrora em Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir

Natasha Vivianny Pinheiro
Graduanda em Letras - Língua Portuguesa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
natashavivianny02@gmail.com

Thaciane Cristina da Silva Montoril
Graduanda em Letras - Língua Portuguesa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
montorilthaciane@gmail.com

Resumo: A obra Belém do Grão-Pará (1960), de Dalcídio Jurandir, configura-se como uma das mais relevantes representações literárias da Amazônia urbana no século XX. Ao retratar a decadência da elite lemista e o colapso da aristocracia simbolizada pela família Alcântara, Dalcídio constrói uma narrativa em que a cidade de Belém atua como personagem central. A urbe é tensionada por fronteiras sociais, raciais e simbólicas que evidenciam a desigualdade estrutural e os mecanismos de exclusão. Em vez de reproduzir a centralidade eurocêntrica na análise literária, situamos Dalcídio como pensador e cartógrafo de um projeto intelectual que parte da Amazônia para interpretar o Brasil. Diante disto, propomos neste trabalho uma leitura guiada e decolonial da obra, a partir de uma perspectiva cartográfica. Além disso, evidencia-se o olhar nos deslocamentos, resistências e identidade que emergem do espaço urbano amazônico presentes na literatura dalcidiana. A pesquisa adota como metodologia a cartografia literária de Seemann (2014) , fundamentando-se em uma revisão sistemática dos espaços e núcleos temáticos da narrativa. O estudo ancora-se nos conceitos de

etnicidade como fronteira relacional (Barth, 2011), literatura como estrutura simbólica da sociedade (Candido, 2000) e poder simbólico (Bourdieu, 1989), além de considerar as formulações de Anderson (2008) sobre comunidades imaginadas e de Castel (1998) sobre a metamorfose da questão social. A isso, somamos o aporte da teoria decolonial, especialmente nos termos de autores como Quijano (2005), para quem a colonialidade do poder e do saber ainda estrutura os modos de ver e representar as periferias do mundo. O *corpus* foi analisado com foco na espacialização de personagens e conflitos, revelando como a cidade descrita por Dalcídio opera como um dispositivo de organização social e de reforço de hierarquias. Nesse sentido, ler Dalcídio é um gesto contra-hegemônico: sua literatura afirma a centralidade de um espaço e de sujeitos historicamente marginalizados pelo pensamento ocidental e pelo cânone nacional. A análise revela que a cidade de Belém, tal como narrada por Dalcídio Jurandir, transcende a função de cenário para tornar-se um corpo social fragmentado e simbólico. Espaços como Gentil Bittencourt e São Brás indicam não apenas localizações geográficas, mas posições de poder e exclusão. A personagem Libânia, por exemplo, é uma mulher indígena invisibilizada pela elite, e ilustra as fronteiras de etnicidade e classe. A literatura, nesse contexto, funciona como ferramenta crítica e de resistência frente à gentrificação e ao apagamento histórico. Ao reconstruir a cidade sob múltiplas camadas de sentido, o romance contribui com os debates sobre desigualdade social e cultural. Sob uma perspectiva decolonial, a narrativa desmonta as hierarquias epistêmicas que desautorizam os saberes da Amazônia. Ao transformar Belém em espaço narrativo e político, Dalcídio realiza um gesto intelectual radical: pensar a partir da floresta, da cidade ribeirinha, dos corpos racializados e das vozes silenciadas. Depreende-se, portanto, que sua obra desafia o imaginário nacional e propõe outra forma de pertencer ao mundo: não como margem, mas como centro de enunciação crítica e poética. Assim, a cartografia dalcidiana revela-se não apenas um exercício estético, mas um gesto político e social de denúncia e valorização da diversidade amazônica.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir, Cartografia literária, Etnicidade; Literatura, Sociedade.

Referências:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas** . São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In* : POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelynes. **Teorias da Etnicidade** : seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico** . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade** . São Paulo: Duas Cidades, 2000.
CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social** . Petrópolis: Vozes, 1998.
JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará** . São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In:. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.
SEEMANN, Jörn. **Entre mapas e narrativas** . Ra'e Ga, Curitiba, n.30, 2014.

Mil Marias: Catálogo de Imagens da Mulher na Poesia Brasileira, como fonte de pesquisa decolonial

Angela Grillo
UFPA

A presente comunicação apresenta o processo de criação do "Catálogo de Imagens da Mulher na Poesia em Língua Portuguesa" (GRILLO, no prelo), desenvolvido no âmbito do Grupo de pesquisa Mil Marias (ILC/UFPA/CNPq). Trata-se de um artefato informacional e literário situado na intersecção entre Literatura e Cultura. Com base em uma metodologia quantitativa, qualitativa e teórico-conceitual, apresenta princípios de organização, categorias de indexação e estratégias de construção de sentido aplicadas às imagens poéticas. Ao cruzar as fronteiras entre Literatura, Cultura e Interseccionalidade, busca-se refletir, neste momento, como a (re)leitura crítica da produção literária desde o Brasil colônia à contemporaneidade oferece subsídios para compreender construções de imagens da mulher na poesia. Nesse horizonte, o catálogo ancora-se no **giro decolonial** (MIGNOLO, 2007; QUIJANO, 2005), movimento epistemológico que questiona a naturalização das hierarquias de poder, saber e ser produzidas pela colonialidade, ao mesmo tempo em que dialoga com a noção **contra-colonial** de Nego Bispo (2015), que propõe não apenas resistir ao colonialismo, mas afirmar práticas, cosmologias e modos de vida outros, sustentados por matrizes africanas e indígenas. Essa chave amplia a reflexão sobre como as imagens da mulher, fixadas ao longo da tradição literária, não apenas reiteram valores patriarcais de origem ibérica, mas também se articulam a dispositivos de racialização e controle social que sustentam a colonialidade do poder. Assim, a catalogação dessas imagens tem funcionado como ferramenta de pesquisa que permite a visibilização de experiências poéticas de resistência, na contramão de "verdades inquestionáveis" construídas pelo que Homi Bhabha (1998) conceitua como fixidez do discurso. A pesquisa serve-se, ainda, de conceitos como performatividade de gênero (BUTLER, 2018) e violência simbólica (BOURDIEU, 2012), a fim de refletir sobre comportamentos inculcados no Brasil, pelo patriarcado de origem ibérica. Para o estabelecimento de categorias de imagens que performatizam a mulher, o trabalho de sistematização considerou também estudos de interseccionalidade, como de Crenshaw (2012) e Akotirene (2019). Para as estudiosas, grosso modo, as violências sociais atingem as pessoas conforme as posições que ocupam de acordo com gênero, classe, etnia e raça. Desse modo, dez categorias estão em processo de elaboração para organizar as centenas de imagens poéticas catalogadas até o momento: (1) trabalho, (2) sexualidade, (3) religião, (4) idade, (5) sentimento amoroso, (6) ancestralidade, (7) beleza, (8) ancestralidade (9) classe social e (10) família.

Referências:

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade***.** São Paulo: Polém, 2019.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 16ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação

racial relativos ao gênero. Tradução de Liane Schneider. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan./jun. 2002.

Santo batuque do bumbá: Bruno de Menezes e a subversão da lógica colonial em Belém do Pará

Rodrigo de Souza Wanzeler (IFPA)
Doutor em Antropologia Social
IFPA (*campus* Ananindeua)
rodrigo.wanzeler@ifpa.edu.br

Resumo: O literato e etnógrafo Bruno de Menezes (1893-1963), importante intelectual das literaturas e culturas das Amazônias, vivenciou as agruras da repressão de manifestações culturais periféricas ao longo da primeira metade do século XX. Nesse cenário, sua produção, tanto literária quanto etnográfica, configura-se enquanto uma importante ferramenta de fortalecimento e resistência das culturas das margens de Belém do Pará, ante o contexto de proibições implementadas por um poder público ainda afetado pelos ideais da *Belle-Époque* de uma sociedade belenense "afrancesada", na qual a periferia não tinha suas vozes ouvidas. Nesse sentido, aportado em autores como Pratt (1999), Bhabha (2007), Hall (2009), Sarges (2010), Leal (2011), Spivak (2012), Candido (2014), Mignolo (2017) e Wanzeler (2023), o presente trabalho intenta, por meio da leitura e análise das obras *Batuque*, *Boi-bumbá - auto popular* e *São Benedito da Praia*, refletir acerca de que maneiras Bruno de Menezes subverte uma lógica de matriz colonial, fazendo com que, por meio de suas literaturas e etnografias, as gentes marginalizadas de Belém sejam agentes de seus saberes e fazeres. Nessa esteira e na contramão de um discurso elitista, o escritor e pesquisador Bruno de Menezes se valeu da pena para exercer o papel de denunciar preconceitos e perseguições, avivar as culturas das margens e ressaltar sua relevância para a formação de homens e mulheres amazônicos em seu contexto. Assim, ressalta-se que Bruno abordou, poeticamente, em verso & prosa e pesquisa, acerca de prostituição, negros, retirantes, vícios, festas, entidades dos âmbitos afro-religioso e indígena, entre outras formas culturais de caráter predominantemente periférico e que eram, propositalmente, apagadas de uma cidade que, forçosamente, de maneira quase onírica, mantinha por/para uma pequena parcela economicamente abastada da população, resquícios de sua "bela época". Dessa forma, descortina-se que sob o olhar de Bruno de Menezes, intelectual artística e socialmente engajado, os subalternizados têm voz, vez e importância.

Palavras-chave: Bruno de Menezes. Literatura. Etnografia. Cultura. Resistência. Periferia.

Referências:

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myrian Ávila *et al*. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade:** estudos de teoria e história literária. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Nossos intelectuais e os chefes de mandinga:** repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951). Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2011.

MENEZES, Bruno de. **Obras Completas**. V.1, Obra Poética. Belém: SECULT, 1993a.

_____ . **Obras Completas**. V.2, Folclore. Belém: SECULT, 1993b.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), 2017, pp. 12-32.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império:** relatos de viagem e transculturação. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém:** Riquezas Produzindo a Belle Époque (1870-1912). 3ª ed. Belém:

Paka-Tatu, 2010.
SPIVAK, Gayatri C. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marco Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
WANZELER, Rodrigo de Souza. **Bruno de Menezes:** etnógrafo da Amazônia. Belém, Ed. Dalcídio Jurandir, 2023.

Entre Margens e Resistências: A Literatura Amazônica De Eimar Tavares Em Perspectiva Decolonial

William Silva de Araujo
Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura – PPGCLC- UNAMA
wsilvaa63@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a literatura amazônica a partir da obra de Eimar Tavares (1909–1987), poeta, cronista e jornalista cuja produção permanece marginalizada no cenário literário brasileiro. Partindo de uma abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, a pesquisa mobiliza manuscritos, recortes de jornais e arquivos pessoais cedidos pela família do autor, bem como estudos críticos sobre literatura amazônica, a fim de compreender as condições históricas e culturais que invisibilizaram sua contribuição. A análise ancora-se nos pressupostos dos estudos decoloniais (Quijano, 2005; Mignolo, 2007; Bhabha, 1998), buscando evidenciar como a escrita de Tavares se configura como prática estética e política de resistência. Sua obra, marcada por memória popular e à experiência urbana amazônica, constrói uma cartografia literária própria que tensiona as fronteiras entre centro e margem. Ao lado de autores como Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir, Tavares afirma uma poética que se recusa a aceitar estereótipos coloniais que reduziram a Amazônia a um espaço exótico ou secundário. Os resultados indicam que a literatura de Eimar Tavares promove um duplo movimento: denuncia os mecanismos de exclusão que relegaram a produção amazônica a um lugar periférico no cânone e, simultaneamente, reafirma vozes e identidades silenciadas como parte essencial da cultura brasileira. Ao reinscrever a Amazônia no mapa literário nacional, sua obra contribui para um projeto de decolonialidade que valoriza a diversidade cultural e epistemológica do país.

Palavras-chave: Eimar Tavares; Literatura Amazônica; Decolonialidade; Resistência Cultural; Cânone Literário.

Referências:
BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
MIGNOLO, Walter. Histórias locais/desenhos globais. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Buenos Aires, 2005.

Imagens da mulher na poesia brasileira finissecular e da primeira metade do século XX: trabalho, raça e classe.

Ana Lígia Rodrigues Drago
Graduanda em Letras - Língua Portuguesa – UFPA
ana.drago@ilc.ufpa.br

Resumo: O presente trabalho objetiva expor e analisar imagens da mulher na poesia brasileira entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, visando observar os comportamentos diante dos vestígios e mudanças apontadas pela sociedade pós-escravagista no berço da república brasileira. As diversidades apontadas atravessam critérios classe e raça, tendo como categorias elaboradas e utilizadas durante a pesquisa: Ancestralidade; Sentimento Amoroso; Família; Beleza; Trabalho;

Vitupério; Sobre-humana; Sexualidade; Religião; Classe Social e Idade. As imagens a serem analisadas na comunicação integram a categoria de Trabalho, onde apontam uma variedade que apresenta repetições de tradições e rupturas de gênero ligadas à questão racial e social da situação da mulher emulada no texto poético, à medida que surgem novas perspectivas sobre a existência e capacidade da mulher na sociedade sob a lente patriarcal de heranças coloniais no Brasil. A pesquisa conta com o apoio teórico dos estudos de *performatividade de gênero* (BUTLER, 2003), *Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferenças* de Audre Lorde (2019), com o conceito de *fixidez do discurso* de Homi K. Bhabha (1998) e da *poesia de senhor de engenho*, que pode ser compreendida como uma tradição de matriz colonial que imprime valores patriarcais ao comportamento da mulher (GRILLO, 2017). As imagens recortadas para a análise encontram-se no Catálogo de Imagens da Mulher na Poesia Brasileira (milmarias.ufpa.br), em construção, e colaboram para demonstrar um fenômeno de continuidade de representações sociais estereotipadas e as novas abordagens disruptivas diante dessa tradição, contribuindo ao fomento de debate e crítica aos padrões normativos ditados pela sociedade, os quais influenciam a percepção e o tratamento dado às mulheres dentro do discurso poético, afetando a realidade social.

Palavras-chave: Poesia finissecular; Poesia do século XX; Imagens da mulher; Tradição e ruptura; Poesia do Senhor de Engenho.

Referências:

BHABHA, Homi. *O local da cultura.* Tradução Myrian Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* Editora Cultrix, 1994.
BUTLER, Judith. *Os atos performativos e a cosntituição do gênero: um ensaio sobre a fenomenologia e teoria feminista.* Edições Chão da feira, p. 1-16, junho, 2018. Disponível em: www.chaodafeira.com
CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira:* origens e unidade (1500-1960). Edusp, 1999.
COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras:*(1711-2001). 2002.
GRILLO, Angela Teodoro. “Tradição e rupturas periféricas: imagens de sexualidade e de trabalho na poesia do Brasil colônia e contemporâneo”. In: Procknov Rafaela Cassia; SOUZA, Ronaldo Tadeu de (orgs.). Perspectivas periféricas: literatura, cultura e política. Sa o Paulo: Dandara Editora, no prelo.

Materialidade em Torto Arado, de Itamar Vieira Junior: elementos simbólicos, físicos e editoriais presentes nas edições do romance

Anna Clara Cunha de Oliveira
Graduanda em Língua Portuguesa - UFPA
clara1995oliveira@gmail.com

Fernando Jorge dos Santos Farias
Doutor em Educação - USP
ffarias@ufpa.br

Resumo: O trabalho trata da materialidade presente no romance "Torto Arado" (2018/2019), de Itamar Vieira Junior. A materialidade é compreendida como elementos simbólicos, físicos e editoriais do objeto-livro, um componente essencial para a interpretação da obra. Parte-se do pressuposto de que esses aspectos influenciaram intencionalmente, na recepção do escrito

ficcional, e dialogam com seus temas centrais: resistências quilombolas/campesinas, desigualdades sociais e identidade cultural no sertão baiano, no interior do Brasil. Em termos metodológicos, traçou-se uma abordagem qualitativa-interpretativa, comparativa, de ordem semiótica voltada às edições Leya (2018) e Todavia (2019), de Torto Arado. Nesse percurso, sobressaiu-se o olhar analítico para as capas do romance (cores, imagens e símbolos); características físicas (formato brochura vs. Bolso e dimensões); o contexto editorial (trajetória de publicações, incluindo a vitória do prêmio Leya, visibilidade e critérios de qualidade literária) e, por fim, alguns elementos internos dos livros (a epígrafe de Raduan Nassar, a estrutura narrativa, por exemplo). Posto isso, compreendeu-se que independente das edições distintas, "Torto Arado" está ligada à sua significação literária e histórica. Mesmo erguida com elementos marcados por diferenças estéticas e de mercado, a obra consegue instigar a reflexão do leitor sobre os problemas ligados à terra, o protagonismo feminino, a irmandade e a resistência de determinados grupos sociais. Assim, conclui-se que os aspectos materiais atuam como extensões da narrativa, enriquecendo a representação do sertão brasileiro, da cultura quilombola, do homem vivente da zona rural, de ontem e de hoje.

Palavras- chave: Materialidade literária, Torto Arado, Semiótica, Itamar Vieira Junior.

Referências:
VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado. Alfragide: Leya, 2018.
VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2019.
BARROS, Maria Fernanda. Torto Arado na 20ª SP-Arte: Aline Bispo conta inspiração por trás da capa. Casa Cor, 11 de abril. 2024. Disponível em:https://casacor.abril.com.br/pt-BR/noticias/arte/torto-arado-sp-arte-aline-bispo-inspiracoes-capa.

"PANTON" NA LITERATURA: LINGUAGEM, ANCESTRALIDADE E CONTEMPORANEIDADE

Jucelino Rodrigues Viriato, Arinra
Doutorando do PPGLI- UFAC
Jucelino.r.viriato@gmail.com/jucelino.vriato@sou.ufac.br

RESUMO: Esta proposta de apresentação no V GELLNORTE visa expor em análise os estudos da pesquisa que está sendo realizada no Doutorado em Letras: Linguagem e Identidade-PPGLI. O estudo traz em seus fundamentos os autores Davi Kopenawa (2023), Banywa (2017) e Krenak (2020) por refletirem acerca da literatura indígena, de narrativas orais e da memória. A pesquisa tem como objetivo desenvolver uma análise diante dos conhecimentos comoventes presentes nas narrativas de anciãos para compreender e entender o contexto, o espaço, as histórias e as memórias dos anciãos da comunidade, a partir da experiência em uma realidade indígena. Com isso destacase a reflexão sobre o Panton como expressão da literatura e da linguagem, a partir de aspectos significativos envolvendo a ancestralidade e contemporaneidade, sendo que essas categorias de expressões são capazes de mostrar as diferenças de povos que são as misturas de representações na sociedade, pois nós, indígenas, precisamos nos identificar perante as fronteiras de atravessamentos, bem como investigar as nossas próprias histórias e assumirmos a característica de narradores das nossas memórias. A partir de uma abordagem qualitativa o estudo envolverá o saber científico e o saber tradicional traçando o diálogo entre as possíveis linguagens, descortinando aspectos da cultura e do conhecimento do povo Makuxi, com a prática vivenciado através das narrativas dos anciãos Makuxi na pesquisa de campo, com essa linha de pensar que a literatura foca desafios para transmitir sentidos da resistência dos povos indígenas, que essas novas gerações possam continuar. Dessa maneira esse processo de diálogo e de conhecimento científico constituirá o amadurecimento para o desenvolvimento da pesquisa de Pós-

Graduação e a escrita da tese. Como conclusão, é possível perceber que a pesquisa contribuirá para a valorização das narrativas e das memórias de anciãos, proporcionando uma reflexão mais ampla sobre o passado e a ancestralidade presentes no viver do povo Makuxi.

PALAVRAS-CHAVE: Panton,Literatura,Linguagem,Ancestralidade. Contemporaneidade.

Referências:

ALBERT, Bruce, **O Espírito da Floresta : A luta pelo nosso futuro** / Bruce Albert, Davi Kopenawa ; tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo : Companhia das Letras, 2023.
BANIWA, Gersem., **Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena.** In. ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de (orgs.) Das Margens. Rio Branco, Nepan, 2017.
KRENAK, Ailton, **Radicalmente Vivos,** Centro de Estudos Budistas Bodisatva, olugar.org**., 2020.**

Aproximações entre Carlos Drummond de Andrade e Ailton Krenak em *A vida não é útil*

Kaylane Gomes Castro
Graduanda-UFPA
kaylane.gc19@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe uma análise das aproximações filosófico-literárias entre dois importantes intelectuais mineiros: o autor e ativista indígena Ailton Krenak e o poeta modernista Carlos Drummond de Andrade. A pesquisa buscou investigar a dicotomia entre natureza e cultura, os efeitos do antropoceno e de que forma ambos os autores, em seus diferentes contextos históricos, sociais e culturais, compartilham preocupações semelhantes em relação à exploração mineral, aos ideais que movem o "progresso" capitalista e aos impactos devastadores sobre a Terra baseados na lógica produtivista, fazendo-se necessário também compreender os aspectos que moldaram essas realidades. Por meio de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, foram examinadas uma seleção de expressivas obras de Ailton Krenak, com ênfase no livro "*A vida não é útil"* (2020), e poemas emblemáticos de Carlos Drummond de Andrade, alguns dos quais tiveram seus versos diretamente citados por Krenak, como "O homem; as viagens" e "Cota Zero". A pesquisa fundamenta-se em autores como Sussekind (2018), Latour (2020), Wisnik (2018), Danowski e Castro (2014), articulando os campos da filosofia indígena, da crítica sociopolítica e de um vasto acervo poético. Os principais resultados indicam uma convergência de Drummond e Krenak ao promoverem sensíveis reflexões acerca da modernidade predatória que explora desenfreadamente o planeta, da desumanização provocada pela tecnociência e da proposta de repensar o modo de vida ocidental imposto pela colonização. O trabalho defende a relevância do diálogo entre a exímia produção poética drummondiana e o pensamento ancestral de Ailton Krenak que evoca a coletividade, a resistência e exemplifica a riqueza crítica presente na literatura indígena contemporânea que se demonstra cada vez mais expressiva. Além disso, destaca-se a importância de reavaliar as concepções dicotômicas entre natureza e cultura, reimaginar o futuro a partir das cosmologias indígenas e reafirmar a literatura como um espaço produtivo para formular novas formas de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Literatura Indígena, Poesia, Mineração, Carlos Drummond de Andrade, Ailton Krenak.

Referências:

Krenak, Ailton. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras. SP
Almeida, Maria Inês; Queiroz, Sônia. 2004. Na captura da voz, as edições da narrativa oral no Brasil.

Belo Horizonte: autêntica; FALE/UFMG.
Danowski, Débora e Viveiros de Castro, Eduardo. 2014. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie / Instituto Socioambiental.
Latour, Bruno. 2020. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. Tradução de Maryalua Meyer. São Paulo: Ubu Editora.
Kopenawa, Davi; Albert, Bruce. 2010. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das letras.
Krenak, Ailton. 2023. Um rio um pássaro. Rio de janeiro: Dantes editora.
_____. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras.
_____. 2020. O Amanhã Não está à Venda. São Paulo: Companhia das Letras.
_____. 2020. A Vida Não é Útil. São Paulo: Companhia das Letras.
_____. 2022. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras.
Lévy-Strauss, Claude. 2004 O cru e o cozido. São Paulo: Cosac Naify..
Versiani, Daniela Beccaccia. Dezembro, 2002. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. Letras de hoje. Porto Alegre, v. 37, nº 4, p. 57-72.
Sussekind, Felipe. Jun, 2018. "Natureza e Cultura: Sentidos da diversidade". In: Interseções. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 236-254.
Wisnik, José Miguel. 2018. Maquinação do mundo: Drummond e a mineração. São Paulo: Companhia das Letras.

Ouvindo outras vozes: As narrativas orais performáticas dos povos indígenas na Comunidade de Taracuá/AM

Luciane Maria Legeman Salorte
Doutora em Letras – FLET-UFAM
lusalorte@ufam.edu.br

Resumo: O estudo que se apresenta aqui, é parte da tese intitulada Um estudo das narrativas orais dos povos indígenas na Comunidade de Taracuá/AM sob a luz do conceito de performance, de minha autoria, defendida em 2024, no Programa do PósGraduação em Letras, na Universidade Federal do Rio Grande. A literatura indígena produzida no Brasil possui como referência a oralidade e a performance. Sendo assim, é movida por fenômenos estranhos à escrita ocidentalizada profundamente ligados ao mundo primordial e, por conseguinte, à ancestralidade. Advogando que a literatura expressa as múltiplas vozes inscritas nos movimentos que uma sociedade faz, é viável conceber a literariedade como termo ancilar à compreensão de relações culturais e, enquanto tal, passível de uma crítica epistemológica constante. O conceito de literário incorporado à performance anuncia que narrar uma história constitui a identidade de um povo. Dessa maneira, este trabalho tem como escopo a análise das narrativas orais performáticas dos povos indígenas na Comunidade de Taracuá – baixo rio Uaupés, região Alto Rio Negro/AM –, no sentido de ativar o pensamento crítico no que tange a categorias literárias globais. Tais narrativas apresentam aspecto literário em razão de revelarem uma cosmovisão singular circunscrita no âmbito simbólico em que sentimentos, impressões, valores, concepções e crenças transmitem saberes acerca do mundo em que se vive – as cosmologias indígenas executam papeis no cotidiano dos povos da região uaupesina e, por extensão, da região rionegrina. O literário, assim, funciona como produção verbal de pretensões políticas. Para a fundamentação teórica, autores indígenas e não indígenas foram chamados, dentre eles: Davi Kopenawa (2015), Graça Graúna (2013), Ailton Krenak (2022), Lynn Mario T. Menezes de Souza (2006), Janice Cristine Thiél (2007), Antônio Bispo dos Santos (2015, 2023). O estudo possui abordagem qualitativa e desenvolveu-se com base em determinadas técnicas de trabalho: i) levantamento bibliográfico e documental; ii) entrevista não diretiva; e iii) registro audiovisual. Aliado a isso, utilizou-se os seguintes instrumentais: aparelho celular e caderno de campo. Em relação ao corpus de pesquisa, entrevistaram-se seis indígenas (entre adultos e idosos), moradores da comunidade supracitada, no período de junho-julho de 2022. Para fins de análise, configuraram-se categorias analíticas em relação à forma (a forma do espaço performático e a forma de apresentação da performance) e em relação ao conteúdo (os conteúdo dominantes nas

narrativas orais performáticas refletiram-se em áreas temáticas; uma delas denominada narrativas de saberes coletivos). No que diz respeito a alguns dos resultados alcançados neste estudo, o modo prático-horizontal dos participantes pensarem as histórias, organizado em uma abordagem do mundo inserindo-se nele, pode oferecer pistas (serem exemplos) às sociedades eurocentradas. Em posse do entendimento de que as artes verbais nas sociedades indígenas produzem cultura, e levando em conta a percepção de que a performance é um ato social dinâmico, este estudo evoca a adequação de se tomar as narrativas orais performáticas indígenas como geradoras de cultura. A oralidade organizada na literatura indígena brasileira rompe com o seu emprego nos moldes ocidentais. A literatura produzida por sujeitos indígenas cumpre seu papel como movimento-método em que a tradição oral constitui-se presença marcante para a transmissão de conhecimento e para a manutenção da identidade cultural. Concebida assim, a tradição oral subsidia a escrita literária indígena. Com efeito, a literatura indígena brasileira pode ser traduzida como instrumento para contracolonizar o conceito ocidental de literatura.

Palavras-chave: Narrativas orais; Povos indígenas; Performance; Comunidade de Taracuá/AM; Literatura indígena brasileira

Referências:

ALBERT, B.; KOPENAWA, D. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GRAÚNA, G. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Uma outra história, a escrita indígena no Brasil. Povos indígenas no Brasil, São Paulo, 2006. pp. 206-208. Disponível em:<https://pib.socioambiental.org/pt/Uma_outra_hist%C3%B3ria,_a_escrita_ind%C3%ADgena_no_Brasil>. Acesso em: 19 out. 2020.

THIÉL, J. C. O saber indígena de narrar histórias. Docplayer, Curitiba, 2007. Disponível em:<https://docplayer.com.br/18159870-O-saber-indigena-de-narrarhistorias.html>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SANTOS, A. B. dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: Unb, 2015.

_____. A terra dá, a terra quer. Belo Horizonte: Piseagrama, 2023.

A PLURALIDADE ESTÉTICA NA ARTE DE THAÍS KOKAMA

Keyla Cirqueira Cardoso Nunes
Doutoranda do PPGLA-UEA
kunes@uea.edu.br

Renata Beatriz Brandespin Rolon
Doutora em Letras – PPGLA-UEA
rrolon@uea.edu.br

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar a diversidade da linguagem artística de Thaís Kokama, com ênfase nas dimensões estética, simbólica e social. Pertencente à etnia Kokoma, Thaís tece sua arte como suporte para comunicar a resistência e o resguardo dos saberes ancestrais de seu povo. Artista emergente, foi finalista do Prêmio *Sim à Igualdade Racial 2025*, que busca reconhecer os principais nomes e iniciativas em prol da igualdade racial no Brasil. O seu fazer rompe a cena manauara com pinturas corporais produzidas, muitas vezes, a partir de intervenção em espaços urbanos, por meio de oficinas. Além de artista visual, é compositora de toadas que narram a riqueza cultural indígena. É, ainda, ativista que luta pelos direitos das mulheres indígenas. Para fundamentar a pesquisa, a investigação recorre aos

estudos de Krenak (2019 *apud* Goldestein, 2019, p. 92) para quem não há separação "entre viver e fazer arte". Segundo esse autor, quando a dança, o canto, a pintura, o desenho e a escultura produzidos por artistas indígenas são considerados, esses artistas são, na maioria das vezes, vistos apenas como artesãos que produzem artesanato. No entanto, "são categorias que discriminam o que é arte, o que é artesanato, o que é um artista, o que é um artesão. Porque a história da arte é a história da arte do Ocidente" (Krenak, 2019, *apud* Goldestein, 2019, p. 92). Para reforçar essa discussão, recorre-se aos estudos de Jaider Esbell (2018) o qual aponta que o sistema de arte canônico e ocidental não contempla a arte indígena, desconhecendo que a arte indígena possui "sentidos e dimensões próprios". Ela está para além das molduras e estruturas convencionais. Além desses autores, o estudo da produção artística de Thaís Kokoma é subsidiado pelas teorias de Quijano (2005), Mignolo (2020), Bhabha (2023) e Spivak (2010), assim como pelas pesquisas de Lagrou (2009) e Vidal (1992 e 2001). O procedimento de pesquisa tomou por base a compreensão do documentário *Traços de Resistência*, das toadas *Vidas Indígenas importam* e *Amazônia de Pé*, assim como a leitura de grafismos produzidos por Kokama. Esse procedimento de análise é utilizado a fim de tornar evidente que o pensamento indígena da artista possui outra lógica de organizar o mundo que se difere do pensamento ocidental. Os resultados incluem a sistematização dos principais elementos da produção artística, assim como os materiais utilizados e os suportes aplicados, demonstrando que os grafismos, o documentário e o canto funcionam como ferramenta de resistência que articulam saberes ancestrais e práticas da contemporaneidade. É ainda utilizado como linguagem para se enfrentar às epistemologias coloniais e à invisibilização das culturas indígenas. Portanto, a arte de Thaís Kokama se constitui como uma janela para notabilizar à pluralidade estética e simbólica da arte indígena, confirmando, assim, a existência de um sistema artístico próprio, que se distingue dos paradigmas artísticos ocidentais. Trata-se, então, de uma arte que não se limita a molduras ou categorias convencionais.

Palavras-chave: Arte indígena; Dimensões estéticas; Resistência; Thaís Kokama.

Referências:

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
ESBELL, Jaider. Arte indígena contemporânea e o grande mundo. **Select**, n. 39, ano 7, 2018.
FRANTZ, Fanon. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. 1968.
GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Da "representação das sobras" à "reantropofagia": povos indígenas e arte contemporânea no Brasil. **MODOS: revista de história da arte**, v. 3, n. 3, p. 68-96, 2019.
LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil**: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.
MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais/Projetos Globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.
QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En libro: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.
SPIVAK, Gaytri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizinte: Editora UFMG, 2010.
TRAÇOS DA RESISTÊNCIA. Direção: Thaís Kokama. Produção: Anne Caroline. Imagens: Thaís Kokama e Tácio Melo. Edição Tácio Melo. 2025. Documentário (38 min).
VIDAL, Lux Boelitz. **Pintura corporal, uma arte indígena. [Depoimento]**. Jornal da USP. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 1992.
VIDAL, Lux Boelitz. As artes indígenas e seus múltiplos mundos. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 29, p. 10-41, 2001.

Desafiando uma lógica colonialista: Uma compreensão de uma (eco)literatura nas obras de Márcia Kambeba (2022) e Sony Ferseck (2022)

Marta Botelho Lira
Doutoranda do PGLETRAS-UFPR
martinhablira@gmail.com

Resumo: Pensar em uma literatura reconhecida que desafia as lógicas colonialistas é voltar-se para obras como a de Márcia Kambeba, em *Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade* (2022), e de Sony Ferseck, em *Weiyamî - Mulheres Que Fazem Sol* (2022), poeta Macuxi. Mulheres amazônidas que, por meio da escrita alfabética – termo reforçado por Dorrico, *em A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual e a poética do eu-nós* (2021) – evidenciam a ancestralidade e a cosmovisão do povo Omágua/Kambeba e Macuxi. No livro da autora Márcia Kambeba, observa-se uma poesia que denuncia sofrimentos impostos pelos colonizadores. Além disso, reforça a ancestralidade do povo Omágua, destacando a resistência e adaptação dessa nação no contexto urbano. Já, O livro da poeta Sony Ferseck (2022) é uma homenagem às mulheres do povo Makuxi e à cultura do seu povo. Ressalta-se que tanto a autora quanto a ilustradora, Georgina Sarmento, pertencem a essa nação, reforçando a representatividade da mulher Makuxi no cenário editorial e na cultura dos não indígenas. Essas duas obras reafirmam a ideia de Trudruá Dorrico (2021), apresentada em sua tese, ao defender que a escrita individual/ alfabética "é apresentada vinculada ao povo étnico, sem negar a produção individual, um autor coletivo, portanto" (Peres, 2021, p.101). Trata-se de uma característica da literatura dos povos indígenas que diverge da literatura ocidental e apresenta uma nova visão da literatura. Por esta característica da literatura indígena, Dorrico (2021), denomina o eu-nós lírico, reforçando a ideia da coletividade e ancestralidade dos povos indígenas, visto que, para Dorrico (2021), a literatura dos povos originários está ligada à territorialidade, à floresta, à aldeia. Dessa maneira, esta comunicação tem como proposta evidenciar, na literatura das duas autoras, características que desafiam ou contrapõem a lógica colonialista a partir de uma compreensão ecológica defendida, em especial, por Ailton Krenak, a partir do livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019); bem como dos conceitos literários traçados e discutidos por Dorrico (2021) e por Graça Graúna, em *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013). Para isso, primeiramente, na comunicação, serão apresentadas brevemente as autoras e suas obras. Em seguida será traçada uma análise de alguns poemas das autoras, a partir dos teóricos citados. Espera-se evidenciar, a partir de aspectos ecológicos, as divergências literárias das autoras indígenas em relação à literatura ocidental.

Palavras-chave: Decolonialidade, Literatura indígena, Ecologia e literatura, Kambeba, Makuxi.

Referência:
FERSECK, Sony. Weiyamî - Mulheres que fazem sol. Ilustrações de Georgina Sarmento. Boa Vista, RR: Wei Editora, 2022.
GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
KAMBEBA, Márcia. Ay Kakyru Tama: eu moro na cidade. 2 ed.São Paulo: Editora Jandaíra, 2022.
KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras,

2020.
PERES, Julie Stefane Dorrico. A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual e a poética do eu-nós. 2021. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

Narrativas do Suma Qamaña como forma de resistência e (re)existências dos aymaras

Julia Judith Quispe Supo
Doutoranda do Ppgli-Ufac
julia.supo@sou.ufac.br

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discorrer sobre as narrativas do *Suma Qamaña* (Bem Viver), propondo o mapeamento e registro das vivências e narrativas do *Suma Qamaña* dos *aymaras*, além de propor uma análise do vínculo entre o *jaqi* (comunidade/ser humano), a *sallqa* (natureza) e a *wak'a* (divindades) do mundo *aymara*. Para interpretação deste trabalho será utilizada a bibliografia de autores indígenas como David Choquehuanca Céspedes (2022), Fernando Huanacuni Mamani (2010), Elizabeth Choque Copari (2001) e outros. Estes autores compartilham suas perspectivas sobre a Pachavisão dos *aymaras* e que enriqueceram a pesquisa com a contribuição teórica sobre as cosmovivências dos *aymaras*, suas resistências e (re)existências. A partir de uma abordagem qualitativa, com ênfase na análise de narrativas produzidas pelos *aymaras* é possível refletir, por meio desta comunicação, sobre as relações linguístico-culturais produzidas, cooperando para a compreensão da resistência e (re)existência no contexto andino, bem como contribuindo para reflexões em torno dos estudos concernentes à área da Linguística e a Literatura. Conforme desataca, Creswell (2013), este tipo de estudos é como um tecido intrincado composto por fios minúsculos, de cores, texturas e recursos diversos, ou seja, cada elemento com suas características próprias, cuja trama é difícil de explicar. Dentro desse tecido universal está a diversidade de cada ser humano ou sociedade com suas próprias cosmovisões e cosmovivências. Para a presente pesquisa, utilizamo-nos do método etnográfico, aliado à análise narrativa. Para coletar os dados utilizou-se a entrevista não estruturada; que se realizaram com participantes com mais de sessenta (60) anos, bem como com os *Mallkus* (líderes indígenas), e *T'allas*, esposas dos *Mallkus* da província de Moho, Puno, Peru; localizada a 3.811 metros acima do nível do mar, perto do lago *Titiqaqa*. Complementarmente, utilizamos a técnica de observação participante e não participante. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram um telefone para entrevistas e fotografias e um caderno de notas. Em relação aos resultados, a pesquisa-base que deu origem a este trabalho está em andamento de elaboração e faz parte das vivências do *Suma Qamaña* dos *aymaras*. As narrativas do *Suma Qamaña* narradas pelos *aymaras* até o momento, apresenta diversas situações vivenciadas no contexto andino na parte sul do Peru.

Palavras-chave: Narrativas Ancestrais Contemporâneas, Resistência Aymara, Suma Qamaña, Mundo Andino.

Referências:
CHOQUE COPARI, E. El Marani: autoridad que armoniza la crianza de las chacras. PunoPerú: PRATTEC, 2001.
CHOQUEHUANCA CÉSPEDES, D. Geopolítica del Buen Vivir. La Paz, Bolivia: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2022.
CRESWELL, John W. Qualitative inquiry and research desing: Choosing among five traditions. Los Ángeles: SAGE, 2013.
HUANACUNI MAMANI, F. Buen Vivir / Vivir Bien: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima-Perú: Coordinadora Andina de Organizaciones indígenas – CAOI, 2010.

O espaço corrompido no conto O Inferno Verde, de Alberto Rangel

Maison Antonio dos Anjos Batista
Mestre em Letra e Artes – UEA
Maisondosanjos3@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo topoanalisar de que maneira o espaço ficcional no conto Inferno Verde de Alberto Rangel (2008). Tal proposta se dá pelo fato que o espaço pode atuar com diversas finalidades, entre elas a de criar um ambiente propício para que as personagens que ali desenvolvem seus conflitos, criando o cenário propício para que se entenda as motivações de suas ações. Para Borges Filho (2007), "quando falamos de espaço, referimo-nos tanto aos objetos e suas relações como ao recipiente", assim percebe-se que existe uma relação importante e necessária para o desenvolvimento das personagens. O espaço, então, agrega diversos simbolismos e existem aqueles que são intrínsecos a esses *locus*. Exemplo disso são as manifestações que dão a ideia de casa/habitação, que carregam consigo o aspecto de segurança e/ou proteção. "A casa é evidentemente, um ser privilegiado, sob a condição, bem entendido, de tomarmos, ao mesmo tempo, a sua unidade e a sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental (Bachelard, 1974)." Porém, quando esse lugar perde a característica entendida como o de segurança, é o que sem entende como o espaço corrompido, pois incorpora um aspecto que não condiz com aquele comumente lhe atribuído. É o que se vê no conto Inferno Verde, de Alberto Rangel; onde Souto (o explorador), ao buscar abrigo numa tapera, não encontra o conforto esperado, mas o fim de um vencido. Assim, far-se-á uso de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica para apresentar de que maneira o espaço é corrompido e ganha aspecto de conquistador nesse conto.

Palavras-chave: Topoanálise; Inferno Verde; Espaço Corrompido; Alberto Rangel.

Referências:
BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1974.
BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**: introdução à topoanálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e editora, 2007.
RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**: cenas e cenários do Amazonas. Manaus: Valer, 2008.

O Homem e a Natureza em *O Tetraneto Del-rei*, de Haroldo Maranhão

Elisangela Ribeiro de Oliveira
Doutora em Estudos Literários - SEDUC
elisangela.oliv76@gmail.com

Resumo: O ficcionista paraense Haroldo Maranhão (1927-2004), escritor de mais de 26 obras entre contos, romances e novelas, assume uma verve satírica em seus discurso, abordando diversas temáticas importantes para a construção da sua crítica a respeito da sociedade brasileira e paraense em vários recortes temporais romanescos que vão desde o século XVI , em *O Tetraneto del-rei* (1982); passando pelo final do século XIX, em *Cabelos no coração* (1990); início de século XX, em *Memorial do Fim: a morte de Machado de Assis* (1991); meados do século XX, *Os anões* (1983), *Rio de raivas* (1987). Dono de uma personalidade espirituosa e intolerante com as injustiças, consegue imprimir um matiz satírico diferente em cada um dos romances supracitados, conforme observou Oliveira (2022) em sua tese de doutorado "A sátira nos romances de Haroldo Maranhão. Em *O tetraneto de- rei- o torto suas idas e vindas*, deixa evidências de que o romance possui um discurso satírico jocoso e ao mesmo tempo moralizante ao denunciar as condutas dos invasores que demonstram o pouco apreço pelas terras recém achadas. O objetivo deste estudo é discutir a forma como Haroldo Maranhão

constrói o seu discurso satírico e denunciador, mostrando a fronteira que se formou entre homem e natureza, ao revelar, por meio do narrador e das ações da personagem, a desconexão do ser humano estrangeiro com outros organismos locais, as matas, os rios, os povos tradicionais, os quais gentilmente o recebem. Neste sentido, os estudos da Ecocrítica (Goodbody 2023; Patrizio, 2023) e de pensadores que se ocupam de temas da preservação da natureza e de questões climáticas em territórios dissidentes (Krenak, 2022; Santos, 2023) ajudarão a mapear a consciência ambiental presente no discurso de Haroldo Maranhão no referido romance.

Palavras-Chave: Literatura Brasileira, Romance, Haroldo Maranhão, Ecocrítica, Sátira

Referências:

PATRIZIO, Andrew. O olhar escológico: a construção de uma históriada arte ecocrítica. Tradução de Bhuvi Libanio. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2023.
GOODBODY, Axel. Ecocrítica Alemã: Um panorama.
MARANHÃO. Haroldo. O tetraneto del-rei..- Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. – São Paulo: Companhia das letras, 2022.
SANTOS, Antônio Bispo. A terra dá, a terra quer. – São Paulo: Ubu Eitora/PISEAGRAMA, 2023.

O norte-nordeste brasileiro sob a clave ecocrítica: composição geográfica em José de Alencar

Hugo Lenes Menezes
(IFPI)
hugomenezes@ifpi.edu.br

RESUMO: Atualmente, no universo lexical, o prefixo “eco” (do grego “oikos”: habitação) entra na composição de muitos termos: ecoempresa, ecoturismo, ecofeminismo, ecopedagogia, ecolinguística, ecoterapia, ecocídio etc e chega aos estudos da arte verbal. Entre a literatura e a ecologia - relação dos seres vivos e o circundante - a conexão dá-se pela ecocrítica (Garrard, 2006). Essa última examina e avalia, no texto estético-vocabular, o papel que os fenômenos naturais exercem na constituição de espaços culturais em distintos períodos humanos (Brugioni e Melo, 2022), a observar as concepções de “natureza” e os seus desdobramentos. Um deles é a questão ambiental, o Antropoceno (Krenak, 2020). Embora date de 1980, mormente em potência anglófona, dado o pioneirismo na Revolução Industrial, a ecocrítica tem raízes em “*O campo e a cidade na história e na literatura*” (1973), do crítico britânico Raymond Williams. Tal olhar ainda remonta ao Romantismo (Williams, 1990), em versão brasileira sob ficcionistas como o rousseauniano José de Alencar, um descrente do progresso da Era Pós-Revolução Industrial. Aliás, entre nós, os românticos oferecem, ao grande leitorado e aos críticos, determinadas teorizações nacionalistas, centradas na nossa paisagem e na nossa gente, como a teorização do referido José de Alencar. Falamos de um projeto de traçar um retrato do Brasil no tempo (romances indianistas e afins) e na geografia (romances regionalistas e afins). Vemos tal projeto, sobretudo, em “*Sonhos d’ouro”* (1872), cujo autor foca o enredo na floresta da Tijuca. Assim, na presente comunicação, objetivamos abordar, a partir da representação do meio-ambiente, do diálogo da literatura com os elementos naturais, o nosso norte-nordeste romântico, enquanto composição geográfica existente quando ainda não há uma divisão territorial entre ambas as regiões. Tal abordagem centra-se no romance alencarino *Ubirajara* (1874), em que o ficcionista cearense retoma a sua teorização nacionalista dentro de uma pesquisa estético-mítico-antropológica da natureza setentrional e de povos originários da “Terra Brasilis”.

Palavras-Chave: Literatura e ecocrítica; Norte-nordeste brasileiro; Romantismo; José de Alencar; “*Ubirajara*”.

Referências:

BRUGIONI, Elena e MELO, Alfredo Cesar. ECOCRÍTICA(S). Literatura e Colapso Ambiental. In. *Revista Remate de Males*. Campinas (SP), v.42, n.2, p. 254-259, jul./dez. 2022.
GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.
KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2020.
WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

A Amazônia em *"Os Anões"*, de Haroldo Maranhão: O olhar da ecocrítica

Profa. Dra. Maria de Fatima do Nascimento
Doutora/PPGL/UFPA
mafana@ufpa.br

RESUMO: Haroldo Maranhão nasceu em Belém (PA) em 1927 e faleceu no Rio de Janeiro em 2004. Formou-se pela Faculdade de Direito do Pará, criou e coordenou o "Suplemento Arte Literatura", do jornal "*Folha do Norte"*, pertencente a seu avô, Paulo Maranhão. Em edições dominicais do encarte, que na capital paraense circulou de 1946 a 1951, iniciou-se nas letras. Ali, publicou poemas e artigos de crítica, inclusive, os da coluna "Apontamentos Literários". Para o Suplemento, Haroldo Maranhão levou quase todos os companheiros da congregação "Academia dos Novos", entre eles, Benedito Nunes, Max Martins e Alonso Rocha. A partir de então, ele se tornou uma personalidade de relevo dentro da "Geração Moderna do Pará de 1946". Naquele caderno cultural, estabeleceu relações, que foram importantes à sua formação, com muitos escritores e críticos do Centro-Sul, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Sérgio Milliet e Álvaro Lins. Esse último, cumpre-nos ressaltar, além de ter publicado, no biênio 1946-1948, 43 artigos no Suplemento, quando o órgão encerrou as atividades, convidou Haroldo Maranhão a mudar-se para o Rio de Janeiro e lhe concedeu emprego no periódico "*O Diário de Notícia"*, espaço em que escreveu crônicas e contos. De 1968 em diante, começou a estampar suas histórias curtas em "*A estranha xícara"* (1968), "*Chapéu de três bicos"* (1975), "*Voo de galinha"* (1978) e "*As peles frias"* (1982), bem como seus romances, a exemplo de "*O tetraneto del-rei"* (1982), "*Os anões"* (1983), "*A porta mágica"* (1983), "*Cabelos no coração"* (1990) e "*Memorial do fim: a morte de Machado de Assis*" (1991). Em face do exposto, na presente comunicação, objetivamos examinar "*Os anões"* sob à luz dos estudos ecocríticos, já que tal narrativa tem por espaço romanesco a entrada da Amazônia, no Estado do Pará, cuja capital vem a ser a sede da implantação de empreendimentos faraônicos, causadores do desmatamento desenfreado e danos similares. Falamos da Janari Preensora Ilimitada e da Entrelopo da Amazônia LTDA, de propriedade de Ezequiel Wolfgang, poderoso empresário canadense, residente em Nova York, que igualmente avança para cidades interioranas paraenses, das quais citamos Almeirim, Oriximiná e Faro, visando a exploração de minério e de uma agricultura de impactos negativos, tudo sob a direção executiva da personagem Palmar Demisso Colonho, fidelíssimo colaborador do saqueador estrangeiro. Por fim, em nível de embasamento teórico, contemplamos sobretudo trabalhos de Raymond Williams (1989), Andrew Patrizio, Ailton Krenak e Greg Garrard e Elisangela Ribeiro de Oliveira.

Palavras-chave: Haroldo Maranhão; *Os Anões*; Romance do Século XX; Ecocrítica.

Referências:

Garrard, Greg. **Ecocrítica**. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006. 292p.
Krenak, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
Maranhão, Haroldo. **Os anões**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
Oliveira, Elisangela Ribeiro de. **A sátira nos romances de Haroldo Maranhão**. 2021, 179f. Tese (Tese em Estudos Literários). Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, 2022.

Patrizio, Andrew. O Olhar ecológico: a construção de uma história da arte ecocrítica. Tradução de Bhuvi Libanio. Capinas, SP, Editora da Unicamp, 2023.
Williams, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

"A febre, o Húmus", conto de Maria Lúcia Medeiros, como Alegoria da Crise Ambiental no final do século XX, na Amazônia

Adenilza Nunes Soares da Silva
Doutoranda em Estudos literários (UFPA)
adenilza.silva@ilc.ufpa.br

Maria de Fátima do Nascimento
Doutora em Teoria e História Literária
Universidade Federal do Pará (UFPA)
mafana@ufpa.br

RESUMO: Este trabalho propõe uma análise ecocrítica do conto "A Febre, o Húmus", da coletânea *Quarto de Hora (1994)*, de Maria Lúcia Medeiros, centrando-se na representação literária da devastação ambiental contada por uma narradora autodiegética que sobrevive à violência. Nosso estudo investiga como a narrativa representa a destruição ambiental em concomitância com a experiência da protagonista. Argumentamos que o conto é uma espécie de configuração de crise ambiental e de resistência dos povos nativos sem condições de sobrevivência pelo descaso e de ausência do poder público que valorize a dignidade humana. O estudo se justifica pela necessidade de abordagens literárias que reflitam sobre justiça social e ambiental. Assim, objetivamos mostrar que a narrativa é uma alegoria da crise ambiental que se sucedeu entre as décadas de 1980 e 1990, períodos de grandes desmatamentos e de intensas queimadas e atividades garimpeiras na Amazônia. Sendo assim, o monólogo da narradora dirigido a um interlocutor identificado como "senhor" revela não apenas a experiência individual dela, mas a denúncia da dispersão dos povos tradicionais devido à devastação ambiental, reafirmando a persistência da dominação colonial e patriarcal, assunto analisado pela teoria ecofeminista. Autores críticos como Greg Garrard (2006), Raymond Williams (1989), Karen Warren (2000) e Lawrence Buell (1995) embasam a perspectiva Ecocrítica.

Palavras-chave: Maria Lúcia Medeiros. Quarto de Hora. Ecocrítica. Ecofeminismo. Povos tradicionais.

REFERÊNCIAS:
Buell, Lawrence. **The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture.** Cambridge, Massachusetts; London, England: The Belknap Press of Harvard University Press, 1995.
GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. 292p.
WARREN, K. **Ecofeminist Philosophy: A Western Perspective on What It Is and Why It Matters**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. 2000. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/618274338/Studies-in-Social-Political-And-Legal-Philosophy-Karen-J-Warren-Ecofeminist-Philosophy-a-Western-Perspective-on-What-It-is-and-Why-It-Matters acesso em 30/07/2025.
WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

Ecocrítica e literatura: uma análise dos Contos amazônicos (1893) de Inglês de Sousa

Marcela Ferreira Matos
Doutora em Letras (IFG/UFG)
marcela.ferreira@ifg.edu.br

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar as intersecções entre a ecocrítica e a obra Contos Amazônicos, do escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), publicada em 1893, pela conceituada editora Laemmert. Em toda a sua obra literária, o autor sempre teve a Amazônia como cenário, mesmo que esse se situava apenas na sua memória, por ter se mudado do Pará muito jovem, e começado a escrever após essa mudança. As imagens do ambiente, comum em sua infância, são apresentadas com complexidade e poder, rompendo com a visão romântica de natureza passiva e idílica. É necessário afirmar que a ficção de Inglês de Sousa é marcada pela Amazônia não apenas como pano de fundo para suas narrativas, mas como um elemento ativo e central, influenciando e, às vezes, determinando o destino das personagens. A floresta é retratada tanto como um ambiente de exuberância como de ameaça, um espaço resistindo a dominação humana e científica. Nesse sentindo, busca-se identificar e discutir como os contos refletem e se alinham com os pressupostos ecocríticos, explorando temas como a representação da natureza, a crítica à exploração humana e a inserção de uma perspectiva ecológica na literatura no final do século XIX, no Brasil. De forma, muitas vezes sutil, Sousa denuncia o impacto do progresso na vida da comunidade local, mostrando as interconexões entre os seres humanos e a natureza, como também as consequências da exploração. Assim, os Contos Amazônicos lidos sob a lente da ecocrítica revelam uma obra à frente de seu tempo, pois o texto não se limita a descrever a Amazônia como um espaço exótico, mas já apresenta preocupações com o meio ambiente, antecipando e dialogando com os desafios ambientais discutidos atualmente. O autor do livro também expõe a violência às comunidades ribeirinhas, relacionada ao processo de civilização, imposto sobre a floresta e a cultura local.

Palavras-chave: Inglês de Sousa; Ecocrítica; Literatura Brasileira; Contos amazônicos.

Ecocrítica e literatura fantástica na Amazônia: uma análise do conto “A Feiticeira”

Josceane da Cruz Pereira
Mestranda do POSLET - UNIFESSPA josceane@unifesspa.edu.br

Alex Fonseca do Nascimento
Mestrando do Poslet - UNIFESSPA

Suellen Cordovil da Silva
Doutora Letras - UNIFESSPA suellen@unifesspa.edu.br

Resumo: Este trabalho propõe uma análise do conto A Feiticeira, de Inglês de Sousa, sob a ótica da ecocrítica, que investiga as interações entre a literatura e o meio ambiente. A ecocrítica permite examinar como a obra de Inglês de Sousa reflete e questiona a relação entre o ser humano e a natureza, revelando tensões sociais e ecológicas que transcendem a época de sua escrita. A pesquisa buscou explorar como o imaginário do sobrenatural, presente na narrativa, contribui para reflexões sobre conflitos ecológicos e socioculturais ainda atuais. A partir de uma abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica, o estudo analisou os principais aspectos simbólicos, ambientais e culturais presentes na obra. Fundamenta-se nos trabalhos de Amarílis Tupiassú (2003), Cheryll Glotfelty (1996), David Roas (2014), e Timothy Morton (2010). A análise revelou que a natureza, no conto, não é apenas cenário, mas agente ativo na construção narrativa, assumindo papel de resistência frente à racionalidade ocidental representada pelo personagem do tenente Sousa. Ao tensionar os limites

entre o real e o sobrenatural, a narrativa desafia o pensamento científico e valoriza os saberes tradicionais, por meio da personagem Maria Mucoim. A junção entre o fantástico e a ecocrítica permitiu evidenciar como o conto antecipa discussões ambientais contemporâneas e propõe uma crítica à visão antropocêntrica dominante. O ambiente amazônico é retratado como um espaço simbólico de disputa entre epistemologias distintas, uma que busca controlar a natureza e outra que reconhece sua força e complexidade. Essa perspectiva posiciona A Feiticeira como uma obra literária relevante para pensar a crise ambiental e a necessidade de novos modos de relação com o meio ambiente.

Palavras-chave: Literatura Fantástica, Ecocrítica, Amazônia, Natureza, Cultura, Inglês de Sousa.

Referências:

Sousa, Inglês de. 2018. Contos amazônicos. UFPA. Belém.
Roas, David. 2014. A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. UNESP. São Paulo.
Glotfelty, Cheryll. 1996. The Ecocriticism Reader. University of Georgia Press. Athens.
Tupiassú, Amarílis. 2005. Prefácio dos Contos amazônicos. UFPA. Belém.
Morton, Timothy. 2010. Ecology without Nature. Harvard University Press. Cambridge

Uma leitura ecocrítica de Madre de Dios, de Andrea Ortiz de Zevallos

Maria José Souza Lima
Doutoranda da PPGL/UFPA
mariajoselima@ufpa.br

A destruição do ecossistema amazônico, o extrativismo, a natureza devastada pelos processos industriais, especificamente, o ecocídio perpetrado pela mineração ilegal na região de Madre de Dios, Peru, são o cenário do segundo romance da escritora, comunicadora e ativista peruana Andrea Ortiz de Zevallos, publicado em 2024. A referida obra traz à luz a discussão de temas como a exploração descontrolada de seus recursos naturais e o assassinato de ativistas ambientais. De acordo com Erwin Camasca (2020), a literatura e a criação artística não ignoram os problemas ambientais, pelo contrário – devido à sensibilidade que possuem para retratar as ações humanas e suas representações – têm a capacidade de provocar uma reflexão sobre a atual crise. Nesse sentido, este trabalho propõe analisar, a partir de uma leitura ecocrítica, a paisagem da selva Amazônica, assim como a reflexão da relação do ser humano com a natureza, a partir dos conflitos gerados pela exploração descontrolada dos recursos naturais e o assassinato de ativistas ambientais, a violação das regulamentações ambientais e em conspiração com autoridades governamentais e grupos criminosos e a extração do ouro dos leitos dos rios, abordados na narrativa, bem como evidenciar elementos histórico-culturais constitutivos de uma identidade Amazônica e, por fim, como o pensamento decolonial ecocrítico se manifesta no romance e provoca uma consciência ecológica. A fundamentação teórico-metodológica desse trabalho abrange a Ecocrítica Literária, Cheryll Glotfelty (1996), Greg Garrard (2006), Terry Gifford (2010), Flys Junquera (2010), pela degradação ambiental, o Antropoceno Krenak (2020), quanto às referências culturais Paredes (2012), entre outros. A metodologia adotada envolve pesquisa bibliográfica para a fundamentação, pesquisa bibliográfica para a contextualização e análise sobre fragmentos da obra Madre de Dios. Os resultados são parciais e indicam a confirmação de aspectos fundamentais da teoria ecocrítica e seus desdobramentos pelo ecocídio como categoria multifacetada para a análise crítica.

Palavras-chave: Literatura; Leitura Ecocrítica; Amazônia; Análise.

O ESPAÇO IMAGINÁRIO DA AMAZÔNIA NO CONTO “JUÇARA” DA OBRA *FLOR DE GUME* DE MONIQUE MALCHER

Ana Cláudia Melo Soares

Mestranda do PROFLETRAS-UFPA
anaclaudia.soares@yahoo.com.br

Maria de Fátima do Nascimento
Doutora em Literatura – PPGL/ PROFLETRAS-UFPA
mafana@ufpa.br

Resumo: Neste artigo propõe-se uma reflexão sobre o espaço, elemento constituinte do conto "Juçara" da obra *Flor de Gume* (2020) de Munique Malcher. A pesquisa da qual resulta este texto buscou explorar de que forma a natureza é representada no espaço imaginário da Amazônia no referido conto e como a literatura pode nos ajudar a refletir sobre a relação do homem com a natureza, e a crise ambiental. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa, o estudo examina o espaço literário (Brandão, 2013), numa perspectiva antropológica literária, que parte da ideia de que há uma "plasticidade humana" manifesta de forma privilegiada na literatura e nas artes, já que estas são capazes de oferecer uma "autointerpretação do homem" (Iser, 1996; 1999), e numa perspectiva da ecocrítica, ramo dos estudos literários que examina e avalia a relação entre o ser humano e o meio ambiente, constituído ficcionalmente no texto estético, e que se configura no âmbito de reflexões que colocam em pauta a relação entre cultura e natureza, entre literatura e sociedade (Brugioni e Melo, 2022), a observar a concepção de "natureza" e os desdobramentos pós-coloniais, como a degradação ambiental (Krenak, 2020a-2020b) que se apresentam no conto da autora paraense, e esta escolha teve como base a forte presença da temática ambiental constituída pelo espaço imaginário da Amazônia, no contexto do século XXI. Considerando-se a prosa poética de Monique Malcher, foi possível observar dentre os resultados: o exuberante mundo natural da região amazônica paraense; a associação entre o ser feminino e a natureza tão desrespeitosamente objetificados pelo homem; e a ressignificação dos sentidos em relação a fauna e a flora do planeta na personagem Juçara como um pleno exercício de empatia com a alteridade na sua ancestralidade feminina e na natureza. As ações da personagem dialogam com os pressupostos da ecocrítica na medida que apresenta uma relação humanizada com a natureza, ao se entender como parte sensível dela, de forma semelhante aos povos tradicionais das diversas etnias pertencentes a esta região, apresentando uma relação de respeito, de amor, de cuidado e consequentemente de preservação do meio ambiente tão emergencial na contemporaneidade. A metáfora "muralha" para o ser "feminino" no conto revela uma crítica não só da violência sofrida pela figura feminina e em toda a sua ancestralidade, mas também pela figura da natureza, o que possibilita repensar a relação entre o ser humano e a natureza, e buscar caminhos para uma relação mais respeitosa e sustentável.

Palavras-Chave: Literatura Brasileira Contemporânea, Monique Malcher; Espaço Imaginário da Amazônia, Ecocrítica.

Referências:

Brandão, Luís Alberto. 2013. Teorias do Espaço Literário. Perspectiva. SP.
Brugioni, Elena; Melo, Alfredo Cesar. 2022. Dossiê: ECOCRÍTICA(S). Literatura e Colapso Ambiental. Remate de Males, v.42, n.2, pp. 254-259, jul./dez. Campinas. SP. DOI: 10.20396/remate.v42i1.8668607.
Iser, W. 1996. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.* Tradução J. Kretschmer. Editora 34. v.1. SP.
Iser, W. 1999. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.* Tradução J. Kretschmer. Editora 34. v.2. SP.
Krenak, Ailton. 2020a. A vida não é útil – 1 ed. – Companhia das Letras. SP.
Krenak, Ailton. 2020b. Ideias para adiar o fim do mundo – 2 ed. – Companhia das Letras. SP.
Malcher, Monique. 2023. Flor de Gume. Editora Jandaíra. SP.

OLHOS MÍOPES: ENTREDITOS SOBRE A QUESTÃO AMBIENTAL EM "MACUXI", CONTO DE MARIA LÚCIA MEDEIROS

Leliane de Cássia Gonçalves Silva
Doutoranda/PPGL/UFPA lelicassia30@gmail.com

Maria de Fátima do Nascimento
Orientadora/PPGL/UFPA mafana@ufpa.br

Resumo: "Macuxi" é um conto que integra a coletânea *Zeus ou a menina e os óculos* (1988), da paraense Maria Lúcia Medeiros (1942-2005) e narra a história de um personagem menino não nomeado, leitor, míope, fascinado por desenhar, muito inteligente e criativo que é surpreendido com a notícia de que a família vai se mudar para o Acre. Todavia, se levarmos em consideração o fato de que estudiosos de Maria Lúcia Medeiros são unânimes em dizer que a escrita dela tem uma qualidade estética e temáticoideológicas que foge do óbvio, consideramos que essa narrativa se articula a temas mais contemporâneos. Em nosso entendimento, desde o título e nas entrelinhas do conto sãonos desvelados danos incontestes causados pela relação parasitária entre o homem com a natureza amazônica. Isso posto, esta comunicação tem por objetivo apontar e analisar à luz da ecocrítica, nessa obra literária produzida na Amazônia, traços de uma possível relação do ser humano com o meio ambiente. Nossa intenção é, sobretudo, verificar como a autora concebe e retrata essa integração, isto é, como a consciência ecológica - ou uma atitude antropocêntrica em relação à natureza - aparece nessa narrativa, visto que em uma primeira leitura essa situação não está explícita. Para tanto, faremos análise de aspectos constitutivos da contística em busca de uma percepção dessas possíveis representações, já que a urdidura ficcional de Medeiros é entendida, por ela mesma, como "o lugar da errância" (1994). Em termos metodológicos, para o aprofundamento do estudo do *corpus* literário, seguiremos uma abordagem teórica de cunho bibliográfico, ancorada em reflexões sobre estudos ecocríticos em diálogo com o pensamento de Raymond Williams (1989) e Greg Garrard (2006).

Palavras-chave: Maria Lúcia Medeiros; Conto; Ecocrítica; Literatura Amazônica; Macuxi.

Referências:

GARRARD, Greg. **Ecocrítica.** Tradução: Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
MEDEIROS, Maria Lúcia. **Zeus ou a menina e os óculos.** São Paulo: R. Kempf, 1988.
MEDEIROS, Maria Lúcia. O lugar da ficção. *In*: D'INCÃO, Maria Angela.
SILVEIRA, Isolda Maciel da. **A Amazônia e a crise de modernização.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.
WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura.** Tradução: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Nimbus, cirrus, cumulus, estratus: a relação entre a criança e a natureza em um conto de Maria Lúcia Medeiros

Ingrid Luana Lopes Cordeiro
Doutoranda do PPGL
ingridlu_1994@yahoo.com.br

No livro de contos Zeus: ou a menina e os óculos, publicado em 1988 pela escritora paraense Maria Lúcia Medeiros (1942-2005), tem-se "Nimbus, cirrus, cumulus, estratus", uma narrativa em que duas crianças, uma menina e um menino, descortinam os mundos físico e imaginado a partir da relação que travam com os elementos da fauna e da flora. Assim, no quintal da casa da garota, eles se desligam das preocupações dos adultos e, por meio do contato com o meio ambiente natural, conectam-se à natureza humana. Partindo dessa observação, constata-se que é possível interpretar o conto com base nos pressupostos da Ecocrítica, por isso o objetivo desse trabalho é examinar a obra em destaque sob a perspectiva dessa corrente crítica contemporânea. Isso porque esse campo de estudo tem o fito de investigar a relação que obras literárias têm com o meio físico, desse modo, debatendo questões como degradação ambiental, racismo ambiental, crise climática e o processo de urbanização desordenado. Com isso em vista, Maria do Carmo Mendes (2020) destaca que a Ecocrítica se estabeleceu como uma área de estudos na década de 1990, nos Estados Unidos da América, e desde então vem se desenvolvendo no sentido de verificar como a literatura debate a crise ambiental que assola a humanidade, a qual se iniciou com o advento da Revolução Industrial, adensando-se nos últimos 40 anos com a degradação crescente de meios naturais, como florestas e oceanos, o que prejudica a existência de vidas humanas e não-humanas. Nesse contexto, "Nimbus, cirrus, cumulus, estratus" é uma narrativa que põe em evidencia a relação simbiótica que existe entre o ser humano e a natureza, tanto que, no final do conto, a voz narrativa emprega metáforas fluviais para descrever como o menino enxergava o corpo nu da menina. Com isso, ao representar a integração entre o indivíduo e a natureza, o conto tem a potencialidade de relembrar a importância do contato com o espaço natural para o ser humano, visto que ele permite a compreensão de que uma pessoa também é um elemento que integra o meio ambiente, logo, precisa dele para se desenvolver sua subjetividade, bem como sua saúde física e mental. Noção essa que precisa ser resgatada na contemporaneidade em vista da devastação de ecossistemas promovida pelos seres humanos, a qual impacta negativamente todas as formas de vida que constituem o globo terrestre.

Palavras-chave: Maria Lúcia Medeiros, Conto, Ecocrítica, Crítica literária.

Referências:

Mendes, Maria do Carmo. 2020. No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica. Anthropocenica. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica, 1.
Medeiros, Maria Lúcia. 1994. Zeus ou A menina e os óculos. Maria Lúcia Medeiros. Belém. PA.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

NARRATIVAS E CULTURA POPULAR NA AMAZÔNIA

Yurgel Pantoja Caldas
José Guilherme dos Santos Fernandes

COMUNICAÇÕES

O Vaqueiro Boaventura: uma análise dos operadores de leitura da narrativa

Terreiro: um lugar de literatura ancestral, formativa, mítica e de resistência do povo amapaense em Laranjal do Jari

O currículo oculto-presente: a cultura das aparelhagens e o ensino de literatura

Cultura do embalo: Tradução comentada do poema In a Hammock de James Bogan.

Etnotradução como tradução cultural

A feiticeira: memória e resistência em Maria Mucoim

AMAZÔNIA, AMAZONIDADE E TRANSVERSALIDADE: EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO

Yermollay Caripoune: artista indígena do Oiapoque

Observações sobre devoção, fé e cultura popular na Floresta Amazônica a partir da Festa de São Sebastião em Xapuri-Acre

Do conto para o ballet, do ballet para o hindu: relato de experiência do espetáculo La Bayadère e o Amor Sagrado da Companhia Independente Artística Alpha Dance (CIAAD)

O Vaqueiro Boaventura: uma análise dos operadores de leitura da narrativa

Adriana Fonseca Silva
Graduanda da UFPA/Marajó/ Soure
adrianafonseca629@gmail.com

Joiciene do Socorro Figueiredo Gonçalves
Graduanda da UFPA/Marajó/ Soure
cienefigueiredo02@gmail.com

Orientadora: Ma. Paula Natasha Siqueira Barros

Resumo: O estudo em questão dedica-se a uma análise dos operadores narrativos presentes na lenda marajoara "O Vaqueiro Boaventura" registrada pelo professor Miguel Bezerra no *blog* “Tio Miga Marajó: A Lenda do Vaqueiro Boaventura” (2011) e busca compreender como esses elementos podem contribuir para a interpretação e o entendimento do texto, pois são fundamentais para o

desenvolvimento da análise do texto narrativo. Por conseguinte, leitura é entendida como um processo ativo, no qual o leitor utiliza seus conhecimentos prévios para dar sentido ao texto, logo, é importante destacar e valorizar também o repertório cultural do leitor, que é refletida em sua leitura de mundo e é essencial na formação de um leitor engajado e capaz de interpretar textos de forma mais profunda, indo além de uma simples decodificação de palavras. O objetivo geral do presente trabalho é explorar os operadores de leitura presentes na narrativa da lenda. E os objetivos específicos estão pautados em descrever a lenda do Vaqueiro Boaventura, seus principais elementos e estrutura da narrativa; identificar os acontecimentos sobrenaturais e misteriosos que existem na história visando compreender seu significado dentro do contexto e cultura marajoara; compreender a construção de sentidos da narrativa por meio dos operadores de leitura. O aporte teórico da pesquisa se baseia em autores como Arnaldo Franco Junior em "Operadores de Leitura da Narrativa" (2003) que descreve e analisa os operadores de leitura; Paulo Freire que se refere à compreensão da realidade social de um indivíduo, da percepção da própria vida, das experiências e do contexto social como base para sua construção ou desenvolvimento de conhecimento, como ele descreve em seu livro "A Importância do Ato de Ler" (1988). Nesse contexto, a oralidade desempenha um papel fundamental, pois está intrinsecamente ligada aos contextos socioculturais que moldam as lendas e mitos da região e que se relacionam com a escrita e a leitura, uma vez que a análise da lenda, nesta pesquisa, parte do seu registro. A narrativa é construída em relação à cultura local, ressaltando a importância da oralidade e as circunstâncias socioculturais na formação e transmissão da lenda. Contudo, ao analisar esses aspectos, o estudo pretende oferecer uma compreensão mais profunda da lenda o Vaqueiro Boaventura e de sua relevância para a cultura marajoara, ressaltando a importância da leitura e interpretação como ferramentas para a valorização ao patrimônio cultural da região.

Palavras-Chaves: Operadores Narrativos, Lenda Marajoara, O Vaqueiro Boaventura, Cultura Local.

Referências:

A LENDA DO VAQUEIRO BOA VENTURA. TIO MIGA MARAJÓ, 2011. Disponível em: https://tiomigamarajo.blogspot.com/2011/08/lenda-do-vaqueiroboaventura.html. Acesso em 18 de jul. de 2014

FRANCO JR., A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 22ª edição. São Paulo: Cortez, 1988.

Terreiro: um lugar de literatura ancestral, formativa, mítica e de resistência do povo amapaense em Laranjal do Jari

Neide Costa Leite Lopes
Mestranda do PPGLET – UNIFAP
ncosta101188@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise sobre o Terreiro de Umbanda em Laranjal do Jari– AP, no qual esse lócus vai para além das funções religiosas. O Terreiro é uma fonte literária, de identidade cultural, educativa, memorial, mítica, formativa e de resistência, tornando-se um local de transmissão de conhecimentos ancestrais que tem o poder de formar o ser humano nele inserido, através do saber mítico, cosmológico e vivo. Esse estudo que tem como base a ideia de literatura-terreiro no qual Freitas (2016) defende. Hall (2003), Sodré (2019) e Rufino e Simas (2018) vêm trazendo contribuições para a conclusão desta pesquisa, na qual faz parte da minha dissertação de Mestrado. Utilizando o método de pesquisa bibliográfica e etnográfico, busca-se no Terreiro, um lugar onde a fé, as

crenças, as histórias e memórias traz em suas giras, cantos, danças, veste, modos, encantarias uma possibilidade de formações a partir da oralidade repassadas pelos mais velhos da casa. A ênfase é dada no estado do Amapá na região do Vale do Jari, em Laranjal do Jarí, onde é percebido a presença notória dos Terreiros em grandes centros urbanos, não existindo a questão de se esconder da sociedade. Aonde parte da população amapaense é fortemente negra-cabocla-indígena, recebendo assim uma ancestralidade muito rica em conhecimentos e saberes, histórias e memórias de um povo que venceu e continua a vencer a cada dia através de seus costumes.

Palavras-chaves: Literatura-terreiro; Identidade Cultural; Memória; Laranjal do Jari

Referências:
FREITAS, José Henrique. O Arco e a Arkhé: ensaios sobre literatura e cultura. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2016.
HALL, Stuart. Pensando a diáspora: Reflexões sobre a Terra no exterior. In : _____. Da diáspora : identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003. p. 25-50.
SIMAS, Luiz Antonio. RUFINO, Luiz. Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

O currículo oculto-presente: a cultura das aparelhagens e o ensino de literatura

Samira Beatriz Machado Borges
Faculdade de Letras-UFPA
samira.borges@ilc.ufpa.br

Resumo: Este trabalho discute a cultura das aparelhagens como manifestação estética, política e identitária da Amazônia urbana, analisando suas possibilidades de inserção no ensino de literatura. A ausência desse fenômeno cultural no espaço escolar e no campo acadêmico evidencia a necessidade de pensar o ensino de literatura a partir de práticas que dialoguem com as realidades dos estudantes da periferia belenense. Busca-se, portanto, compreender de que modo as aparelhagens podem se constituir como objeto de reflexão e prática pedagógica, ampliando as fronteiras do literário e valorizando experiências locais. Para tanto, adota-se uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, estruturada em fichamentos, leituras e análise crítica de textos, além de uma escrita inspirada na escrevivência (Evaristo, 2023), que possibilita a articulação entre experiência, memória e território. O aporte teórico mobiliza os Estudos Culturais (Hall, 2006; Cevasco, 2003; Silva, 2007) e os Estudos Decoloniais, problematizando epistemologias hegemônicas. Também se integram reflexões de autores que analisam práticas culturais amazônicas, como Costa (2001), Rodrigues (2008) e Paes Loureiro (2000), em diálogo com críticas ao ensino de literatura que apontam seus limites quando reduzido ao cânone como Antunes (2015), Bordini & Aguiar (1988), Zilberman (2012), Ginzburg (2012) eDurão & Cechinel (2022). Os estudos revelam que as aparelhagens não se limitam ao entretenimento, mas funcionam como territórios de resistência, memória e inovação cultural, em que oralidade, bordões, sonoridades do brega e do tecnobrega e a visualidade das torres de som reafirmam identidades periféricas e democratizam o acesso à cultura. As análises indicam que tais práticas configuram circuitos de sociabilidade e invenção

estética, reposicionando a periferia como espaço de produção de conhecimento e arte. Nesse contexto, inserir a cultura das aparelhagens no ensino de literatura possibilita deslocar o campo das perspectivas hegemônicas e oferecer práticas pedagógicas mais críticas e inclusivas. Os resultados alcançados até o momento, a partir da leitura de teóricos e práticas em sala de aula, demonstram que a valorização dessa manifestação em sala de aula contribui para ampliar repertórios culturais, fortalecer identidades historicamente invisibilizadas e aproximar a literatura da vida cotidiana dos estudantes. Conclui-se que a integração entre ensino de literatura e práticas culturais periféricas pode renovar metodologias pedagógicas, promover uma educação plural e contribuir para a transformação social, ao abrir espaço para narrativas que articulam ancestralidade, território, natureza e diásporas amazônicas.

Palavras-chave: ensino de literatura; aparelhagens; periferia; Amazônia; cultura popular; escrevivência.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2015.
BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
CEVASCO, Maria Elisa. Cultura e ideologia. São Paulo: Ática, 2003.
COSTA, Antonio Maurício Dias da. Bailes da "Saudade" e do "Passado". Belém: UFPA, 2001.
COSTA, Tony Leão da. Apontamentos sobre o tecnobrega e o brega pop de Belém do Pará. In: FERRAZ, S. A.; VELLOSO, M. (orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2013.
DURÃO, Fábio; CECHINEL, Alexandre. Ensino de literatura e formação crítica. Campinas: Mercado de Letras, 2022.
EVARISTO, Conceição. Escrevivência: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.
GINZBURG, Jaime. Literatura, violência e melancolia. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.
HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
LOUREIRO, João de Jesus Paes. A poética do imaginário amazônico. Belém: Cejup, 2000.
RODRIGUES, Carmen Izabel. Cultura popular e festa na Amazônia. Belém: UFPA, 2008.
SILVA, Tomaz Tadeu da. O que é, afinal, Estudos Culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil e juvenil: leitura e crítica. São Paulo: Contexto, 2012.

Cultura do embalo: Tradução comentada do poema In a Hammock de James Bogan

Pedro Brito
Rian Furtado
Licenciandos
Universidade do Estado do Pará
pedrohpb1@gmail.com, rian.f.alves@aluno.uepa.br

Resumo: A tradução de poesia ultrapassa o mero exercício linguístico, constituindo-se como ato de mediação cultural. O poema In a Hammock do autor James Bogan, escrito em inglês, traz imagens de repouso, memória e desejo a partir da experiência de balançar-se em uma rede. Embora essa imagem exista em diferentes culturas, seu significado adquire densidades particulares na Amazônia, onde a rede é símbolo de acolhimento, sociabilidade e identidade

popular. Nesse sentido, este trabalho propõe uma tradução comentada que não se restringe a uma análise formal da obra, mas a uma releitura que reinscreve o poema no imaginário amazônico, de modo a revelar como um texto estrangeiro pode dialogar com práticas culturais locais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico, fundamentada em teorias da tradução poética e cultural, sobretudo em Jakobson (1959) e Pinheiro (2015). A metodologia consistiu em três etapas: (i) leitura e interpretação do poema em inglês, com atenção ao campo semântico de imagens ligadas ao corpo, ao balanço e ao desejo; (ii) tradução para o português brasileiro, considerando a cadência e a musicalidade implícitas no movimento da rede; (iii) elaboração de comentários críticos, nos quais se justificam as escolhas tradutórias e se discutem as adaptações culturais realizadas. No processo de tradução, a rede não foi tratada apenas como um objeto de descanso, mas como signo identitário da cultura amazônica. Para James Bogan, o balanço da rede pode remeter ao exotismo ou ao lazer tropical; já no contexto nortista, a rede atravessa dimensões afetivas, cotidianas e simbólicas: é berço, leito, espaço de intimidade e convivência. O desafio tradutório esteve em preservar o lirismo intimista do poema original sem apagar o peso cultural da rede no Brasil. Assim, termos como "vaivém" foram privilegiados por sua carga sonora e cultural, evocando tanto o movimento físico quanto o ritmo da vida nortista. Além disso, a tradução cultural revelou-se necessária para aproximar o poema de uma experiência vivida pelo leitor amazônico. A musicalidade, a leve oscilação e o imaginário do "sonho" e da "quimera" foram mantidos, mas a tradução ampliou seu diálogo com práticas locais, permitindo que o texto estrangeiro ressoasse como uma espécie de "poesia da rede" amazônica. Essa operação não implica domesticação, mas sim uma mediação que mostra como a tradução pode ser um espaço de encontro entre culturas. Os resultados indicam que a tradução comentada de In a Hammock não é apenas um exercício técnico ou formal, mas um processo criativo de mediação cultural. Ao reinscrever a imagem da rede no imaginário amazônico, o poema ganha novas camadas de significado, deixando de ser apenas uma memória pessoal e tornando-se metáfora coletiva de identidade e pertencimento. Conclui-se que traduzir poesia é também traduzir culturas, e que, nesse caso, a tradução aproximou o olhar estrangeiro de uma prática cotidiana da Amazônia, transformando o texto em ponte entre o global e o local, entre o gringo e o popular.

Palavras-chave: Tradução comentada, Poesia, Cultura amazônica, Mediação cultura, Imagética, Jakobson

Referências:

BOGAN, James. Bound to Belém: Essays, Poems, Proverbs, Films, Translations, Travelers' Tales, Graphics, and Photographs Brought Back from Brazil. Columbia: Missouri Partners Publishing, 2011. ISBN 9780979564314

DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. In: BROWER, Reuben (org.). On Translation. Cambridge: Harvard University Press, 1959.

PINHEIRO, Marcia Ricci. Tradução Cultural e Práticas Textuais. São Paulo: Editora Pontes, 2015.

PINHEIRO, Marcia Ricci. Translation Techniques. Communication and Language at Work, Aarhus University, n. 4, 2015.

SILVA, Marília. Cultura Amazônica: identidade e diversidade. Belém: EDUFPA, 2010.

Etnotradução como tradução cultural

José Guilherme dos Santos Fernandes
Doutor em Letras / Pós-Doutorado em Colaboração Intercultural
Universidade Federal do Pará
guilherme.profufpa@gmail.com

Esta comunicação refere-se ao trabalho do tradutor como um etnotradutor ou tradutor cultural. Assim acredita-se em um possível caminho para a construção babélica da tradução "camaleônica" seja a **tradução comentada**, que, a meu ver, é uma etnotradução. O antropólogo Clifford Geertz (2008) afirma que a etnografia pressupõe uma **descrição densa** no sentido de estabelecer uma **hierarquia estratificada de estruturas significantes**. Por isso, o etnógrafo é um **intérprete de sistemas simbólicos (culturas)** e os textos antropológicos são interpretações (…) intento compreender o texto etnográfico – aqui visto, em sentido amplo, como qualquer produção escrita em que são representados **fatos e modelos sociais**, sejam textos literários ou não literários – como uma tradução comentada, em que existe a **transplantação de um "texto nativo"**, entendido como valores e práticas culturais, **em outra cultura "estrangeira"** (Fernandes, 2017, p.69). A tradução cultural implica um contato cultural profundo entre duas ou mais culturas. Aproximar-se e deixar-se tocar pelo desconhecido, mesmo correndo-se o risco do enfrentamento, do conflito, parece ser uma maneira mais profícua e certamente mais trabalhosa de tradução cultural. A tradução é uma maneira de meditar a cultura e, em razão disso, é necessário inquiri-la em outros aspectos. A cultura é tradutória, pois o lugar, as diásporas e as épocas são destacadas por histórias cruzadas pelas diferenças culturais. A tradução é a marca da diferença e não é somente polêmica e antagônica. Por meio da diferença cultural, há um choque de valores através de práticas que enjeitam e reformam, permitindo a interconexão de sentidos dessa e de outra época e espaço. (Bhabha, 1998). Por estas questões, trataremos destes aspectos teóricos à luz de leituras de narrativas de viajantes e cronistas que estiveram na Amazônia até fins do século XIX, e puderam estabelecer versões e ficções acerca de práticas e valores autóctones da região, estabelecendo-se aproximações e diferenças entre o local e o global, o que nos deu por herança discursos polifônicos acerca das representações amazônicas.

Palavras-chave: Amazônia; narrativas; etnotradução; interculturalidade.

Referências:
BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
FERNANDES, J.G.S. Etnotradução. **Literatura traduzida : tradução comentada e comentários da tradução** / organização: Luana Ferreira de Freitas, MarieHélène Catherine Torres, Walter Carlos Costa. - Fortaleza : Substânsia, 2017.
GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

A feiticeira: memória e resistência em Maria Mucoim

Bruna Daniele Nascimento da Silva
Mestranda do PPGL/Ufopa
brunascmento@gmail.com

Odenildo Queiroz de Sousa
Doutor em Letras – PPGL/Ufopa
odenildo.sousa@ufopa.edu.br

Resumo: Uma roda de conversa no Norte rural do país é capaz de despertar inúmeras reflexões sobre o imaginário coletivo amazônico enquanto tradição e memória. É através da narração de uma atividade popular no interior, de uma contação de "causos", que Inglês de Sousa (1853-1918) apresenta em "A feiticeira" o choque entre diferentes saberes, entre duas perspectivas que pairam sobre a realidade local: a lógica racional versus a míticosacral na crença da existência de uma bruxa cabocla no Baixo-Amazonas. Tida como uma feiticeira no lugar em que vive, a personagem Maria Mucoim dos Contos Amazônicos (1893) expõe uma crença advinda do passado, perpetuada na realidade do conto: a feitiçaria e as cosmogonias indígenas locais associadas ao mal, ao medonho. É sob essa percepção que a personagem é analisada neste trabalho, considerando a possibilidade interpretativa da protagonista como um ponto de resistência diante de uma memória coletiva que a marginaliza dentro da própria comunidade. A visão da população sobre Mucoim, no conto, reverbera como uma crença ancestral, trazida pela ativação da lembrança e que envereda toda uma convicção enraizada no imaginário e na memória do amazônida. Um lembrar coletivo e compartilhado é uma forma de perpetuação e afirmação, um reforço de laços sociais e culturais. Na perspectiva introduzida pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945), a memória coletiva desempenha um papel fundamental na construção da identidade de uma comunidade, por vezes, como um arquivo vivo de experiências e narrativas que são perpassadas ao longo dos anos. Jeanne-Marie Gagnebin, em Walter Benjamin: os cacos da história, revigora as considerações do ensaísta alemão sobre o potencial da rememoração no comportamento de determinado grupo, ao entendê-la não como um recordar passivo, mas uma atividade que influencia as percepções no presente e que molda a consciência de um conjunto. É neste sentido que se fundamenta a interpretação da cristalização da crença e dos comportamentos acerca da bruxaria de Mucoim nesta pesquisa. Por meio de uma abordagem qualitativa crítica e interpretativa, focada no estudo dos fenômenos sociais e humanos, o trabalho explora e compreende contextos característicos, em que se percebe a marca de manifestações culturais e de comportamentos à luz da análise contextual das vivências e dos conhecimentos do indivíduo amazônida nortista retratado n'A feiticeira. Considerando a capacidade da memória de desenhar as vivências de um povo, suas escolhas e suas ideias diante de diferentes situações, mesmo aquelas que são maravilhosas e míticas, tornou-se possível, no desenvolvimento da pesquisa, compreender a concepção mítico-sacral que paira sobre a personagem. Ao entender a interseção e heterogeneidade de culturas na Amazônia, percebe-se uma visão carregada de elementos históricos e culturais incorporadas no território, que se entrelaçaram com as crenças locais e reforçaram um estereótipo na Maria Mucoim. A narrativa, assim, possibilita refletir sobre como a imagem da feiticeira padronizou uma estética e um comportamento incrustados na memória coletiva da comunidade, restando à anciã resistir e sobreviver num espaço no qual é segregada, no qual é tida como não humana.

Palavras-chave: Memória Coletiva. Resistência. Contos Amazônicos.

Referências:
GAGNEBIN, J.M. **Limiar, aura e rememoração.** São Paulo: Editora 34, 2014.
_____. **Walter Benjamin: os Cacos da História**. São Paulo: Editora N-1, 2018.
HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice: 2006.
SOUSA, I. de. **Contos Amazônicos**. Coleção Acervo Brasileiro, v. 1, 2° ed., 2018.

AMAZÔNIA, AMAZONIDADE E TRANSVERSALIDADE: EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO

Gilson Penalva
Doutor em Literatura (UNIFESSPA)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é discutir o conceito de amazonidade, utilizando pressupostos metodológicos da transversalidade para fomentar um debate produtivo sobre a produção cultural da região amazônica. A abordagem transversal e transdisciplinar é marcada pela ideia de movência e instabilidade, pressupostos imprescindíveis para se pensar processos de identificação na Amazônia. Contrariando a um pensamento mais afinado com visões eurocêntricas, surge a ideia de amazonidade como uma reivindicação identitária abrangente e que leva em consideração as várias misturas e contaminações culturais que se desenvolveram na Amazônia a partir do século XVI. Essa proposta requer o rompimento com os tradicionais pontos de referência étnico-culturais e lingüísticos que historicamente serviram para identificar a cultura amazônica. Amazonidade é um conceito associado às questões de identidade e cuja aplicação, devido à amplitude e complexidade da região amazônica, tem sido bastante desafiadora, no entanto, tem sido reivindicada, como conceito, em contraposição ao termo amazônico, que se constitui a partir de essencialismos consensuais que eliminam as diferenças. A contribuição mais significativa deste conceito é o de contribuir para a desconstrução de visões estereotipadas, preconceituosas e exóticas da Amazônia, que historicamente tem marginalizado formas de pensar e de produzir conhecimentos diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; amazonidade; transversalidade

Referências:
PIZZARRO, Ana. Imaginario y discurso: la Amazonia. In: JOBIN, José Luís et.al. (org.) Sentidos dos lugares. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.
SPIVAK, Gayatri C. Can the subaltern speak? In: Williams, P.; CHRISMAN, L. Colonial discourse and post –colonial theory: a reader. New York: Columbia e University Press, 1994.
TUPIASSÚ, Amarilis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. In. AmazôniaBrasileira. Estudos Avançados/ Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Avançados –Vol.I, nº 1 (1987) São Paulo: IEA, 1987.

Yermollay Caripoune: artista indígena do Oiapoque

Yurgel Pantoja Caldas
UNIFAP

A arte indígena tem alcançado patamares estéticos e de projeção em âmbitos nacional e internacional nunca antes vistos na história. Artistas como Jaider Esbell, Auá Mendes, Denilson Baniwa, Carmézia Emiliano, dentre outros, estão em destaque nesse cenário. Apesar desse inequívoco salto de visibilidade, muitos discursos ignoram esse fazer cultural como resultado de uma rica experiência estética e filosófica; e, quando muito, evocam um cinturão analítico ancorado basicamente em conceitos antropológicos. A proposta dessa comunicação é analisar a obra artística de Caripoune Yermollay (indígena Karipuna, nascido em 1976 na aldeia Santa Isabel, Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque), considerando sua relevância como fator não apenas de um facilitador da complexidade discursiva de povos indígenas do Oiapoque, município amapaense que faz fronteira com a Guiana Francesa, mas também levando em conta elementos estéticos e discursivos que sintetizam a experiência mística e realista das cosmologias indígenas de sua região, as quais, por sua vez, se alinham ao que Fábio Almeida de Carvalho (2020; 2023) fala de artes verbais indígenas. A metodologia desta pesquisa baseia-se na pesquisa bibliográfica e na análise das obras plásticas do artista Caripoune Yermollay a fim de demonstrar a relevância discursiva desse artista para a arte indígena dos povos do Oiapoque e suas redes comunicativas na Região das Guianas.

Referências:

CARVALHO, Fábio Almeida de. Aspectos da participação indígena na cultura brasileira letrada. *BRASIL BRAZIL* REVISTA DE LITERATURA BRASILEIRA , v. 37, p. 11-29-29, 2023.

CARVALHO, Fábio Almeida de. Descentralização da vida literária, construção de autoria teórico-crítica na periferia do sistema cultural e de circulação literária. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 22, p. 26-36, 2020.

Observações sobre devoção, fé e cultura popular na Floresta Amazônica a partir da Festa de São Sebastião em Xapuri-Acre

Thays Mara Almeida do Carmo
Doutoranda do PPGLI/UFAC
thays.carmo@sou.ufac.br

Resumo: Esta comunicação apresenta observações/reflexões acerca da Festa de São Sebastião, em Xapuri-Acre, considerada um dos maiores eventos religiosos e culturais do Estado e fazem parte da tese em construção: Narrativas do Alto Acre: memórias sobre costumes e tradições nos festejos de São Sebastião em Xapuri. Essas reflexões/observações têm base nos autores como Eric Hobsbawm (2027) a partir dos rituais percebidos como tradicionais na festa, em Alessandro Portelli (2010) com base nas suas argumentações sobre a oralidade e o poder dos saberes e experiências compartilhadas e em Stuart Hall (2016), pela atribuição de sentido nos elementos presentes na festa e considerados cultuais. Nesse estudo se busca analisar representações religiosas e culturais presentes na festa de São Sebastião e expressadas por meio da linguagem visual, da simbologia, das trocas sociais e dos laços espirituais vivenciados pela comunidade. Através da observação participante, baseada em

Michel Angrosino (2009), esse estudo relata na Festa de São Sebastião, que de acordo com a tradição oral teve sua primeira celebração em janeiro de 1902 quando um grupo de aproximadamente cem pessoas saiu às ruas do vilarejo pedindo proteção diante das possíveis ameaças de conflito armado que rodeava o lugar. Nesse período, Xapuri ainda não havia sido elevada a condição de cidade, pois o local era uma vila chamada Mariscal Sucre e estava em poder do governo boliviano e em conflito com o governo brasileiro pela posse do lugar devido suas riquezas advindas da floresta. Com o passar dos anos, ocorreram mudanças significativas na festa de São Sebastião em Xapuri que passou a integrar o calendário de eventos e agregar vários setores como o poder público por meio de órgãos como a Prefeitura Municipal, Secretaria de Cultura, Secretaria de Turismo. Atualmente, a organização da festa segue dirigida pela Igreja Católica, porém com o envolvimento dos setores públicos e demais membros da comunidade xapuriense católica e não católica, outras atividades acontecem paralelas a celebração do santo. Diante das muitas mudanças observadas 123 anos de festa em celebração ao santo padroeiro da cidade, a partir de narrativas de pessoas que vivenciam essa festa, nota-se a prevalência dos rituais católicos como a procissão de São Sebastião, realizada todos os anos no dia 20 de janeiro, que é o ápice da festa. Se encontram, também, outros elementos como a simbologia pelo uso da cor vermelha atribuída aos mártires da igreja católica, o setor econômico com destaque para a presença dos marreteiros – vendedores ambulantes fixados em um espaço cedido pela prefeitura do município –, a riqueza da culinária e as festas culturais que ocorrem paralelo aos festejos do santo. Portanto, é possível dizer que a festa de São Sebastião em Xapuri-Acre vai além da religiosidade e passou a ser considerada como parte da identidade local permeada pelos testemunhos de fé, onde notase a presença da representatividade cultural através da observação, do pelo compartilhamento dessas experiências nas narrativas e os testemunhos vibrantes fincados na devoção de um santo romano em meio a floresta amazônica.

Palavras-chave: Festa Religiosa, Narrativas, Observação Participante, Tradição.

Referências:
ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artemed, 2009.
HALL, Stuart. Cultura e Representação. Tradução de Daniel Miranda [et al]. Rio de Janeiro: PUC-Rio 2016.
HOBSBAWM, Eric. e RANGER, Terence. A invenção das tradições. RJ: Paz e Terra, 2017.
PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. Mnemosine, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.

Do conto para o ballet, do ballet para o hindu: relato de experiência do espetáculo La Bayadère e o Amor Sagrado da Companhia Independente Artística Alpha Dance (CIAAD)

Elton Samuel Moreira de Oliveira da Silva
Mestrando do PPGLA-UEA
elton.samuel.silva@prof.am.gov.br

O artigo apresenta uma análise crítica e fenomenológica do espetáculo *La Bayadère e o Amor Sagrado*, remontado pela Companhia Independente Artística Alpha Dance (CIAAD), em Manaus. O texto discute as implicações pós-coloniais do balé *La Bayadère*, criado por Marius Petipa em 1877, que, embora inspirado na cultura indiana e no Bharatanatyam, expressa uma

visão romantizada e colonizadora da figura da *bayadère* — uma devadassi pertencente ao contexto sagrado hindu. A narrativa ocidental distorceu a realidade sociocultural dessas mulheres, transformando-as em figuras de sofrimento e desejo exótico, com base em relatos orientalistas de autores europeus como Goethe, que nunca estiveram na Índia. Petipa apropriou-se da estética indiana, substituindo elementos tradicionais como *mudras* e *saris* por passos do balé clássico europeu, apagando assim a autenticidade da prática cultural indiana. Frente a esse contexto, o relato propõe uma releitura contemporânea do balé com a estética de Bollywood, respeitando mais fielmente as raízes culturais indianas. A partir de uma abordagem fenomenológica (Merleau-Ponty, 2018), o autor articula memória corporal e experiência vivida no processo criativo. A estrutura do texto se organiza em três atos: (1) a problematização conceitual entre criação, releitura e adaptação, associada à crítica pós-colonial de *La Bayadère*; (2) a contextualização da CIAAD e o propósito artístico da adaptação; e (3) o relato do processo criativo, incluindo as escolhas estéticas diante das restrições de tempo impostas pelos festivais juninos e folclóricos manauaras. A proposta visa tensionar paradigmas clássicos, reinscrever o corpo dançante como agente ativo de ressignificação histórica e cultural. Ao reposicionar *La Bayadère* em um contexto decolonial, o espetáculo se transforma em gesto político de resistência, que desloca olhares eurocentrados e reivindica uma abordagem ética e plural do fazer artístico, enraizada nas experiências locais e corporificadas.

Referências:

ENGELHARDT, Molly. **The real Bayadère meets the ballerina on the Western Stage**. Rev. Victorian Literature and Culture 42, no. 3. 2014. pag. 509–34. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24575895>. Acessado no dia 24 set. 24

MCKIM, A. **La Bayadère's Nikiya vs. the Indian Hereditary Dancing Caste"**, Rev. Iowa Historical Review 10 (1), 2024. Disponível em:<https://doi.org/10.17077/2373-1842.31873>. Acessado no dia 24 set. 24

MERLEAU-PONTY, Maurice, **Fenomenologia da Percepção**. trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 5º Ed., São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MUSSI, R.; FLORES, F.; ALMEIDA, C. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico**. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acessado no dia 31 out. 2024.

PILLAI, N. **The Politics of Naming the South Indian Dancer, *Decolonizing Dance Discourses,*** Dance Studies Association, XL. 2020. pag. 13-15.

SPEAR, Jeffrey L.; MEDURI, Avanthi. **Knowing the dancer: east meets west**. Rev. Victorian Literature and Culture 32, no. 2. 2004. pag: 435–48. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1060150304000580>. Acessado no dia 24 set. 24.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

Periodismo e ambiente intelectual na Amazônia do entresséculos (XIX-XX)

Allison Marcos Leão da Silva
Germana Maria Araújo Sales

COMUNICAÇÕES

A encantaria na Amazônia oitocentista de Inglês de Sousa

Entre livros, jornais e arquivos: Voos do Tambaqui (1869), humor e sociabilidade intelectual na imprensa no Norte em fim de século

Lucia di Lammermoor no Brasil setentrional entre os séculos XIX e XX: ópera, literatura gótica e a dissolução da modernidade

Fotografia e crítica musical periodista no Oitocentos: Adele Marchesi Coniglio na cena lírica de Manaus

Machado de Assis na Amazônia

Da ficção ao ensaio: as contribuições de J. J. Mendes Cavalleiro ao jornal literário O Beija-Flor (1850-1851)

A circulação da prosa de ficção de Enrique Perez Escrich no contexto Amazônico entre os séculos XIX e XX

A encantaria na Amazônia oitocentista de Inglês de Sousa

Messias Lisboa Gonçalves
Doutor em Estudos Literários – UFPA
meslisboa@gmail.com

Resumo: Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) nasceu na cidade interiorana de Óbidos, então pertencente à província do Grão-Pará, em 28 de dezembro de 1853, e faleceu no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1918. Publicou no suporte livro os romances *História de um Pescador* e *O Cacaulista* em 1876, e, em 1877, *O Coronel Sangrado*, todos sob o pseudônimo de Luiz Dolzani. A primeira edição de *O Missionário*, seu romance de maior repercussão, também assinada com o pseudônimo, veio à luz em 1891. Amigo de Sílvio Romero, Inglês de Sousa dedicou a ele sua última obra de ficção, *Contos amazônicos*, publicada em 1893, no Rio de Janeiro. Ademais, os anos de infância vividos no Pará moldaram o ambiente que colaborou para nutrir o saber poético do escritor, que se banhou na encantaria das águas e a imprimiu em sua literatura. *Contos amazônicos* se destaca por desvelar os mistérios de uma Amazônia imersa em mitos e fenômenos fantásticos, onde o sobrenatural e o natural coexistem. Diante disso, o objetivo central deste trabalho é explorar o desvelamento do fantástico e da encantaria em "Acauã", narrativa de caráter extranatural que compõe a obra de contos inglesianos. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, com leitura, fichamento do material pesquisado e seleção dos dados mais relevantes para esta investigação. Como remate final, o fantástico não se reduz a uma simples manifestação do sobrenatural, mas constitui uma condição de fronteira que obriga o leitor – e, por vezes, também as personagens – a confrontar a incerteza. Essa concepção evidencia a profundidade do fantástico como gênero, que ultrapassa a dimensão da mera narrativa, configurando-se como um meio de investigação das fronteiras entre o real e o metafísico. Dessa forma, a pesquisa sugere que a história evocada em "Acauã" abre-se para múltiplas discussões e possibilidades interpretativas, sendo uma delas a perspectiva do fantástico-poético.

Palavras-chave: Conto, Fantástico, Encantaria, Inglês de Sousa.

Referências:
BESSIÈRE, Irène. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. Trad. Biagio D'Angelo. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 9, p. 305-319, dez. 2012.
FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizontes, 1980.
GONÇALVES, Messias Lisboa. *Tempo, memória e narrador ontopoético em Cenas da vida do Amazonas, de Inglês de Sousa*. 2023. 161 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.
GONÇALVES, Messias Lisboa. *Tempo e memória em O Cacaulista e O Coronel Sangrado, de Inglês de Sousa*. 2018. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
ROAS, David. *A ameaça do fantástico*: aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.
SOUSA, Inglês de. Contos amazônicos. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

Entre livros, jornais e arquivos: Voos do Tambaqui (1869), humor e sociabilidade intelectual na imprensa no Norte em fim de século

Allison Leão (orientador)
Doutor em Literatura Comparada
Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA-UEA).
allisonleao@uea.edu.br

Bianca Souza de Araújo Pinheiro
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes (PPGLA-UEA)
bsdap.mla23@uea.edu.br

Resumo: Esta comunicação propõe um comentário crítico sobre o volume de poesia intitulado Voos do Tambaqui, obra de 1869, publicado em Manaus pelo poeta paraense Ricardo José Correa de Miranda (1823-1885). Livro redescoberto no século XXI nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), este título foi editado, conforme informações impressas na obra, pela tipografia do jornal Correio de Manaus, nos anos em que o autor viveu nesta cidade. Composto por um poeta hoje em absoluto desconhecimento da crítica literária local ou nacional, o volume enfeixa um conjunto de poemas de caráter satírico. Apesar do humor não representar um elemento basilar na construção do Romantismo brasileiro, é possível observá-lo na obra de alguns autores daquela escola, principalmente aos adeptos da segunda geração. Neste trabalho, atrelaremos essa noção ao conceito de "ironia romântica", teoria estabelecida por Friedrich Schlegel (1991) e trabalhada por Lélia Duarte (1994) e Constantino Medeiros (2014; 2015), a qual se refere à essência do subjetivismo e à autorrepresentação do eupoeta. Com isso, buscaremos identificar o humor na coletânea poética de Corrêa de Miranda (1823-1885), autor quase ignoto da região amazônica. Dessa forma, além de determinar os aspectos irônicos e provocativos que constituem momentos da obra do autor, procurar-se-á delinear sob o prisma do conceito de Clinamen (desvio poético),

proposto por Harold Bloom (2002 [1973]), a sua construção como poeta. Ademais, será importante esboçar o contexto da imprensa local no período de aparecimento do ator, para a compreensão de seus comportamentos "polêmicos" que compuseram o caráter irônico do seu texto, uma vez que ele era figura ativa na imprensa manauara e belenense. A revisão bibliográfica, por sua vez, prioriza as contribuições de Antonio Candido (1975) para tratar da historiografia literária, especificamente suas análises a respeito do Romantismo. Desse modo, pode-se inferir que, apesar do caráter liberalista do autor classificá-lo preliminarmente como romântico, o desvio poético se revela a partir da excentricidade do humor em sua obra, além de possuir características que antecipam o Realismo.

Palavras-chave: Periodismo; Poesia; Humor; Ricardo José Correa de Miranda.

Referências:

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira, momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000a [1975]. v. 1.

_____. **Formação da literatura brasileira, momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000b [1975]. v. 2.

DUARTE, Lélia Parreira. **Ironia, humor e fingimento literário**. Cadernos de Pesquisa, n. 15, p. 54-78, 1994.

MEDEIROS, Constantino Luz de. **A forma do paradoxo**: Friedrich Schlegel e a ironia romântica. Trans/Form/Ação, v. 37, p. 51-70, 2014.

_____. **A crítica literária de Friedrich Schlegel**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MIRANDA, Ricardo José Correa de. **Voos do tambaqui**. Manaus: Tipografia do Correio de Manaus, 1869.

Lucia di Lammermoor no Brasil setentrional entre os séculos XIX e XX: ópera, literatura gótica e a dissolução da modernidade

Márcio Leonel Farias Reis Páscoa
Doutor em Ciências Musicais Históricas pela Universidade de Coimbra.
Universidade do Estado do Amazonas
mpascoa@uea.edu.br

Resumo: *Lucia di Lammermoor*, ópera de Gaetano Donizetti (música) e Salvatore Cammarano (libreto), estreou em Nápoles, no ano de 1835. Baseada em *Bride of Lammermoor*, de Walter Scott, publicada em 1819, não foi a primeira transposição para o palco, nem mesmo para o teatro musical. Ela foi transformada em peça teatral ainda em Edimburgo, no ano de 1823, e ao menos 4 óperas foram escritas sobre seu texto, a partir de 1827. A estreia brasileira da ópera de Donizetti aconteceu no Recife, em fins de 1845, sendo seguida pelas *premières* de Salvador e Rio de Janeiro, em 1846. Na capital carioca, a estreia aconteceu em francês, haja visto que os autores haviam feito uma versão que se estreara em Paris no ano de 1839. Sobretudo no Rio, a ópera foi vista com frequência quase anual, até o fim do século, quando se intensificou a sua exibição por diversos palcos cariocas, chegando a 3 montagens por distintas companhias artísticas num mesmo ano. A dispersão pelo país foi igualmente entusiasmada, alcançando estreias por 14 cidades diferentes antes de chegado o século XX. Dentre estas cidades, Belém e Manaus a receberam em seus principais palcos,

respectivamente em estreias de 1881 e 1890. Como nas principais capitais do tempo, a carreira desta ópera não se resumiu às estreias locais e reprises tiveram lugar pelos anos seguintes. A esta altura, novas tendências estéticas no campo do teatro, da literatura e da ópera, traziam a mudança de gosto para os títulos de cariz naturalista e até mesmo com evidências de simbolismo. Manaus e Belém assistiram a estreia das obras mestras de Puccini e Mascagni com pequena diferença temporal para as criações mundiais, e seus públicos demonstravam grande identificação pelas narrativas musicais e literárias do *verismo*, o ultrarrealismo musical. A troca de títulos aconteceu naturalmente nos palcos e o velho repertório, calcado em velhos livros, aconteceu quase que de modo espontâneo, como o fora nas décadas anteriores. Mas *Lucia di Lammermoor* insistia em estar em cena; ou talvez tenha sido o público que tenha insistido para isso. Esta comunicação pretende discutir como foi a recepção da sua estreia, em Manaus e Belém, através da crítica/crônica periodística da época, comparando tais achados com os seus similares do restante do país. A hipótese de sua permanência pode tanto residir em uma discussão que só cresceu com o tempo – o debate sobre a condição da mulher e os limites entre loucura e sanidade – como pode também ser reflexo da ascensão, ainda que com transformações, da literatura gótica em dispersão pelo globo. O fato é que a presença de *Lucia*, única ópera de Donizetti que resistira ao tempo, é de certo modo a evidência de uma fissura no projeto de modernidade ocidental, amparado na noção de progresso, que foi se mostrando ficcional, do ponto de vista cultural. A sua permanência pode ser vista, então, tanto pela universalização dos temas que discute, como da construção de um cânone tardo-moderno que de certo modo já olha nostalgicamente para o passado em busca de respostas para a desilusão com o futuro.

Palavras-chave: ópera, literatura gótica, norte do Brasil, Lucia di Lammermoor.

Referências:
Calcraft, John William. 1823. The bride of Lammermoor: a drama. John Anderson ed. Edinburgh. UK.
[Cammarano, Salvatore & Donizetti, Gaetano]. 1835. Lucia di Lammermoor: dramma tragico in due parti. Tipografia Elantina, Napoli, IT.
Fillerup. Jessie. 2017. Lucias Ghost: gothic, sonic, and postmodern. Cambridge University Press. UK.
Scott, Walter. 1819. The bride of Lammermoor. Archibald Constable ed. Edinburgh.UK.
Stewart, Susan. 1993. On longing: narratives of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection. Duke University Press. Durham and London. UK.
https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Fotografia e crítica musical periodista no Oitocentos: Adele Marchesi Coniglio na cena lírica de Manaus

Luciane Viana Barros Páscoa
Doutora em História pela Universidade do Porto (FLUP-UP)
Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA-UEA).
E-mail: lpascoa@uea.edu.br

Resumo: Este estudo é decorrente de um projeto de pesquisa que procurou investigar imagens e narrativas de artistas em trânsito na Amazônia oitocentista, sobretudo nas cidades de Belém e Manaus, que receberam um intenso fluxo migratório de estrangeiros e brasileiros de outros estados, cuja dinâmica impulsionou a efervescência do teatro musical entre os anos de 1880 e

1910. A pesquisa realizada pelo musicólogo Márcio Páscoa (2000, 2006, 2009) revelou que circularam pela Amazônia, nesse período, cerca de vinte companhias líricas em Belém e dez companhias em Manaus. Restou desta época documentação iconográfica que reúne informações sobre os artistas, a vida musical, a estética e os elementos cênicos utilizados para os espetáculos de ópera e opereta. Este conjunto documental iconográfico, reunido virtualmente, porém disperso em sua materialidade, ao mesmo tempo em que cristalizou as informações visuais sobre uma atividade artístico-musical, revelou elementos da estética da fotografia oitocentista, principalmente àquela produzida em estúdios com direção de arte e com fins de divulgação profissional. Através da pesquisa histórica em fontes primárias, do inventário de fontes imagéticas e textuais, da análise das imagens e da recuperação da crítica ou crônica musical em periódicos, este estudo pretende refletir sobre os aspectos sociais e criativos presentes nas narrativas da linguagem visual e do texto crítico, bem como sobre a repercussão da fotografia de gabinete na tradição iconográfica e cultura visual da estética oitocentista. Para este estudo, foram selecionadas duas imagens da cantora Adele Marchesi Coniglio (1875 - 1949), que integrou a Companhia Tomba (1897) e a Companhia Coniglio - Valla (1898). A primeira fotografia, foi feita em 1897 em estúdio amazonense pelo fotógrafo italiano Arturo Luciani, residente em Manaus, e a segunda, foi realizada por Francesco de Rubeis em seu estúdio em Ferrara em 1898 (Tebaldi, 1979) e publicada em periódico amazonense no mesmo ano. Adele Marchesi Coniglio era muito celebrada, pois possuía as qualidades cênicas e os recursos vocais mais que necessários para o gênero musical a que se dedicou. Obteve crítica positiva em vários lugares por onde cantou, destacando-se aquela da famosa Gazzetta Musicale di Milano (1903), que a colocou entre as rainhas da opereta. Em Manaus, a cantora alcançou um sucesso esplêndido e a crítica mais rigorosa da cidade rendeu-se aos atributos da soprano italiana. Assim, imagens da artista e as crônicas sobre os espetáculos, compõem um cenário interessante sobre recepção e crítica do teatro musical. Com a participação dos artistas em trânsito e residentes na cidade, evidencia-se aqui a circulação de obras e produtos culturais em um ambiente que se quer cosmopolita, apesar do isolamento geográfico da Amazônia do oitocentos. De fato, um artista, ao se colocar em trânsito, coloca em movimento suas ideias, suas visões de mundo e sua poética (Castelnuovo, 2006). Para fundamentação teórica e metodológica, foram utilizados os estudos de Erwin Panofsky (2014), Walter Benjamin (1995), Annateresa Fabris (1993), Susan Sontag (2004), Rosane Ferraz (2014), dentre outros.

Palavras-chave: Teatro musical, Adele Marchesi Coniglio, Fotografia oitocentista, Crítica musical periodista, Manaus.

Referências:

Benjamin, Walter.1995. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Brasiliense. São Paulo.

Castelnuovo, Enrico. 2006. Retrato e sociedade na arte italiana. Companhia das Letras, São Paulo.

Fabris, Annateresa. 1993. A fotografia oitocentista ou a ilusão da objetividade. Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, v. 5, n. 8, p. 7-16.

Ferraz, Rosane. 2015. Memória e narrativa visual nos álbuns de fotografias oitocentistas das famílias Ferreira Lage e Cavalcanti. Resgate, Campinas, v. 22, n. 2, p. 63-72.

Gazetta Musicale.1903. Ricordi. Milano. v. 2.

Lavelle, Patrícia. 2003. O espelho distorcido: imagens do indivíduo no Brasil oitocentista. Editora da UFMG, Belo Horizonte.

Pagnotta, Linda. 2009. Volti e figure: il retratto nella storia della fotografia. Apax Libri, Firenze.
Panofsky, Erwin. 2014. Significado nas artes visuais. Perspectiva, São Paulo.
Páscoa, Márcio. 2006. Cronologia lírica de Belém. Associação de Amigos do Theatro da Paz, Belém.
Páscoa, Márcio. 2000. Cronologia lírica de Manaus. Valer/Governo do Estado do Amazonas, Manaus.
Páscoa, Márcio. 2009. Ópera em Manaus. Valer. Manaus.
Pereira, Avelino. 2016. Cultura musical e palavra impressa no Brasil Oitocentista. Anais do XVII Encontro de História da ANPUH-Rio. Rio de Janeiro.
Sontag, Susan. 2004. Sobre fotografia. Companhia das Letras. São Paulo.
Tebaldi, Dino. 1979. I pionieri della fotografia nella Ferrara crepuscolare. La Pianura. Ferrara.

MACHADO DE ASSIS NA AMAZÔNIA

Germana Araújo Sales (UFPA/CNPq)
Doutora (PPGL-UFPA)
germanasales@ufpa.br

Resumo: Em maio de 2024 a norte-americana Courtney Henning Novak ultrapassou setecentas mil visualizações ao declarar seu entusiasmo com a obra **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (1881), de Machado de Assis (1839-1908), autor brasileiro consagrado e após o feito, espantosamente, o romance citado pela *influencer*, alcançou vendagem considerada entre os brasileiros. Avaliando o impacto de Machado na contemporaneidade, este trabalho tem como objetivo, apontar a circulação do autor, no entresséculo XIX e XX, em periódicos que circularam na Amazônia legal brasileira, abrangendo os estados do Amazonas, Maranhão e Pará, territórios que tiveram ampla propagação de jornais e revistas naquele período. A título de exemplo, contabiliza-se, pelo menos vinte e seis referências ao nome de Machado de Assis, no Maranhão; dezoito no Amazonas vinte e dois no Pará, e entre essas folhas, cito: *O Beijo* (AM), *Correio do Norte* (AM), *Commercio do Amazonas* (AM), *Quo Vadis?: orgão de interesses populares* (AM), *Pacotilha* (MA), *Diário do Maranhão* (MA), *Publicador Maranhense* (MA), *O Paiz* (MA), *Diário do Pará* (PA), *O Liberal* (PA), *Folha do Norte* (PA), *Jornal do Pará* (PA), entre outros. Apreciarei, portanto, as diferentes formas e referências ao nome do escritor realista, ao citar não apenas seus escritos republicados, como também notícias, anúncios e notas apreciativas divulgadas. Por fim, recuperar Machado de Assis, mais uma vez, enfatiza a importância de um nome potencial, que dignifica a Literatura Brasileira na sua história cultural e riqueza no contexto literário. Mais ainda, identificar o trânsito do romancista, para além da cidade do Rio de Janeiro, alcançando regiões consideradas longínquas, é perceber o interesse do público pelos contos, crônicas e romances machadianos, numa perspectiva ampla entre os territórios brasileiros, direcionando o protagonismo para as zonas consideradas periféricas, mas que comprovadamente podem ser consideradas espaços disseminadores da cultura e centros abastecidos de intelectualidade, com público consumidor de leituras.

Palavras-chave: Machado de Assis, jornais, circulação literária.

Referências:

CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis”. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
_____. **A crônica: o gênero, sua fixação, e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
CASTRO, Valdiney Valente Lobato. **Machado de Assis contista – dos salões às páginas de jornal**. São Paulo: Alameda, 2021.
CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo. **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
FARIAS, Virna Lúcia Cunha de. **Machado de Assis na imprensa do século XIX: Práticas, leituras e leitores**. (Tese de Doutorado) João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.
FURTADO, Marli Tereza. “Machado de Assis: do século XIX ao XXI, uma teoria ainda válida”. **Asas da Palavra** – Revista de Letras – Belém: Unama, v. 11, n 24, 2008.
MACHADO, Ubiratan. **Dicionário Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.
ROCHA, João Cezar de Castro. **Machado de Assis: lido e relido**. Campinas: editora Unicamp, 2016.
SALES, GERMANA MARIA ARAÚJO. “Machado de Assis: recortes avulsos”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 26, p. 1-9, 2024.
ZILBERMAN, Regina; SARAIVA, Juracy Ignez Assman (Org.); GRANJA, L. (Org.). **Machado de Assis: o autor, o leitor, o crítico**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2023.
ZILBERMAN, Regina; SARAIVA, Juracy Ignez Assman (Org.). **Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira**. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.
_____. **Machado de Assis em perspectiva: ficção, história e manifestações sociais**. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2019.

Da ficção ao ensaio: as contribuições de J. J. Mendes Cavalleiro ao jornal literário *O Beija-Flor* (1850-1851)

Amanda Gabriela Resque
Doutoranda do PPGL-UFPA
amanda.resque@ilc.ufpa.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar e analisar os escritos assinados por José Joaquim Mendes Cavalleiro publicados no periódico *O Beija-Flor* (1850–1851). Considerado o primeiro jornal literário voltado ao público feminino, *O Beija-Flor* circulou na então capital da Província do Grão-Pará. Logo em sua edição inaugural, a gazeta declarou seu propósito de assumir a defesa do “belo sexo” paraense, posicionando-se como porta-voz das causas femininas por meio da publicação de textos que abordavam os direitos das mulheres. Entre os diversos colaboradores do folheto, destacou-se a contribuição constante de José Joaquim Mendes Cavalleiro, jornalista português notório na Província do Pará por ser o fundador do primeiro jornal diário da região, *O Diário do Gram-Pará* (1853–1892). Assim como *O Beija-Flor, O Diário* foi uma gazeta literária que publicou em todas as suas edições produções voltadas ao bel-prazer de seus leitores, todavia um grande diferencial entre as lides das duas páginas é que *O Diário* foi ligado ao Partido Conservador. Esta pesquisa foi realizada por meio de levantamento documental e bibliográfico, com base nos exemplares disponíveis d’*O Beija-Flor* na Hemeroteca Digital, Fundação da Biblioteca Nacional. A investigação percorreu os seguintes procedimentos metodológicos: (1) catalogação completa das edições do periódico; (2) análise dos textos ficcionais e não ficcionais publicados; e (3) identificação

das produções assinadas por Mendes Cavalleiro. Para embasar teoricamente este estudo, recorremos aos trabalhos de Dulcília Buitoni (1986), Phillippe Fernandes (2010), Carlos Rocque (2011), Tania Regina de Luca (2013), Constância Duarte (2017), entre outros. Ao concluir a verificação do material disponível do aludido jornal, identificamos quatro obras atribuídas ao J. J. Mendes Cavalleiro: dois contos, um ensaio e um romance. Com base nessa descoberta, propomos não apenas apresentar essas produções, mas também analisar de que maneira elas se relacionaram com o projeto intelectual delineado pelo editorial do jornal *O Beija-Flor*.

Palavras-chave: O Beija-Flor; Fontes Primárias; José Joaquim Mendes Cavalleiro; Província do Grão-Pará; Oitocentista.

Referências:
BUITONI, Dulcília H. Schroeder. **Imprensa feminina.** São Paulo: Atica, 1986.
DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil:** século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Imprensa e Política na Belém do início do século XIX. Trabalho apresentado no IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 27 a 29 de maio de 2010, em Rio Branco, Acre. Apresentadono IJ-1 (Jornalismo), acesso no site da Intercom <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0153-1.pdf>, 2010.
LUCA, Tania Regina de, MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. 2ª ed, 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.
ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Atualização de texto Antônio José Soares. Belém: Distribel, 2001

A circulação da prosa de ficção de Enrique Perez Escrich no contexto Amazônico entre os séculos XIX e XX

Ana Beatriz Mendes de Souza
Mestranda PPGL-UFPA
Beatrizzm60@gmail.com

Resumo: Enrique Perez Escrich foi um célebre dramaturgo e romancista espanhol do século XIX, cuja produção literária circulou notadamente em diversos países como Portugal, França, México, Estados Unidos e Brasil. Seus enredos de viés moralizante, ocuparam os espaços comuns do universo editorial, tendo sido publicados em periódicos, na coluna folhetim, ou no formato livro, destinado às prateleiras de livrarias e gabinetes de leitura. Considerando o contexto amazônico – no qual se debruça o foco do simpósio temático – o propósito deste trabalho é evidenciar a circulação da obra do referido autor na Amazônia Brasileira desde o decênio de 1870 até a década de 1990. A partir de levantamento documental e bibliográfico, verificou-se que no Brasil, foram publicados ao menos trinta dos seus romances em folhetim, coluna encontrada no rodapé da página do jornal, destinada à publicação da prosa de ficção. Para tanto, foram consideradas as ocorrências recuperadas, catalogadas e analisadas da Hemeroteca Digital Brasileira, de jornais que circularam no período em questão, nos territórios do Amazonas, Maranhão e Pará. Os registros comprovam a publicação de três romances de Perez Escrich em folhetim, além de fornecer indícios da circulação de suas obras, dados os anúncios de venda de livros, os catálogos de gabinetes de leitura e textos publicados em jornais que mencionam o autor. Além de recuperar o cenário no qual a referida

circulação ocorreu, a análise dos dados equipara as três regiões supracitadas às demais regiões do país, que de modo semelhante e através dos periódicos, disseminou a produção literária do romancista. Assim, para fundamentar a discussão serão utilizados os textos de Marlyse Meyer (1996), Yasmin Nadaf (2009), Roberg dos Santos (2023), Germana Sales (2007) dentre outros.

Palavras-chave: Enrique Perez Escrich; Prosa de ficção; Folhetim; Circulação literária.

Referências:
MEYER, Marlyse. **Folhetim: Uma História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. **Letras**, Santa Maria, v. 19, n. 39, p. 119-138, 2009.
SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 44-56, ago. 2007.
SANTOS, Roberg Januário. **Do Grão-Pará à Amazônia: a invenção da região amazônica frente à centralização do Império brasileiro**. 2023. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2023.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

REPRESENTATIVIDADE FEMININA NAS NARRATIVAS DE LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA

ANA MARIA VIEIRA SILVA
TEREZINHA DE JESUS DIAS PACHECO

COMUNICAÇÕES

Protagonismo feminino e reexistência na literatura amazônica: a personagem Silvia EM FLOR DE GUME

A prostituição de mulheres judias em Cabelos de fogo, de Marcos Serruya e A francesinha, de Myriam Scotti

A Lenda Amazônica da Matinta Pereira e a ressignificação da figura da mulher

A personagem feminina na ficcionalização da borracha nos romances O empate (1993), de Florentina Esteves, e E Deus chorou sobre o rio (1972), de Elizabeth Azize

Uma anciã ilumina a noite: gênero e feminismos indígenas a partir do poema "Ewaron", de Sony Ferseck

Protagonismo feminino e reexistência na literatura amazônica: a personagem Silvia em *Flor de Gume*

Renata Viviane Paiva Souza
Mestranda do POSLET
UNIFESSPA
renataanevivi@gmail.com

Abilio Pacheco de Souza
Doutor em Teoria e História Literária – UNIFESSPA
abiliopacheco@unifesspa.com.br.

Este trabalho pretende analisar a trajetória da personagem dissidente Silvia, presente na obra *Flor de Gume* (Malcher, 2021), como representação do protagonismo feminino amazônico em contextos de resistência. A narrativa de Malcher destaca-se por tensionar normas sociais e narrativas dominantes, configurando-se como uma literatura de ruptura e fratura, em diálogo com os debates sobre gênero e formação crítica. A pesquisa estrutura-se a partir de dois eixos principais: corpo, desejo e reexistência, discutidos à luz das teorias de Maas (2000) e Pinto (1990). Esses eixos permitem compreender como a narrativa constrói uma figura feminina cuja formação se processa não pela adaptação ao modelo social hegemônico, mas pela resistência e pela reexistência diante de violências simbólicas e estruturais que atravessam o cotidiano amazônico. Nesse sentido, a experiência de Silvia desloca o modelo tradicional de formação e evidencia práticas dissidentes que afirmam o direito à voz, ao corpo e à subjetividade feminina. Ao inserir uma personagem amazônida que se constitui na resistência, *Flor de Gume* propõe uma alternativa formativa crítica e transformadora, ampliando o espaço de visibilidade para mulheres historicamente silenciadas. A obra dialoga com perspectivas teóricas e críticas de autoras como Ângela Davis, Bell Hooks e Conceição Evaristo, na medida em que reafirma a literatura enquanto espaço de denúncia. Ao mesmo tempo, aproxima-se de estudos brasileiros sobre representatividade e protagonismo feminino, como os de Constância Duarte e Eurídice Figueiredo, que sublinham a importância da literatura enquanto instrumento de ressignificação de experiências coletivas. Assim, este estudo insere-se na reflexão sobre a forma como a literatura amazônica pode se constituir como campo de resistência e reexistência para mulheres dissidentes. Ao analisar a personagem Silvia, evidencia-se não apenas uma narrativa individual, mas a possibilidade de reconhecer e fortalecer vozes femininas amazônidas que resistem às opressões e constroem novas formas de existir e narrar. A literatura, nesse contexto, reafirma-se como território político e estético de disputa, capaz de provocar deslocamentos críticos e de abrir espaço para outras histórias, outras vozes e outros futuros possíveis.

Palavras-chave: Literatura Amazônica; Representatividade Feminina, Narrativas Dissidentes; Reexistência.

A prostituição de mulheres judias em *Cabelos de fogo*, de Marcos Serruya e *A francesinha*, de Myriam Scotti

Tayane Vieira de Lima
(PPGLA-UEA)

RESUMO: A presente comunicação tem como objetivo analisar a prostituição das mulheres judias no romance *Cabelos de fogo* (2010), do escritor paraense Marcos Serruya e no conto *A francesinha* (2023), da escritora amazonense Myriam Scotti. Os autores pertencentes a literatura sefardita na Amazônia, têm a necessidade não apenas de contar sobre como é ser judeu, mas de sinalizar a diáspora partilhada desse grupo e suas identidades. A partir das obras desses escritores, buscamos, por meio da história das personagens "Anas", evidenciar o percurso das judias imigrantes traficadas para a região norte do Brasil. Na literatura brasileira, a temática das judias prostitutas na diáspora é recorrente, autores como Moacyr Scliar, Esther

Largman e Ilko Minev retratam essas mulheres exploradas sexualmente e excluídas de sua própria cultura. De tal modo, procuramos dar visibilidade a condição de marginalização dessas mulheres, o processo imigratório e a adaptação na Amazônia do século XX. O estudo desenvolve-se metodologicamente a partir de aspectos qualitativos e históricos, com apoio em autores que tratam da imigração judaica e das relações de gênero, como Samuel Benchimol (2008), Reginaldo Jonas Heller (2010), Moacyr Scliar (2005), Regina Igel (1997) Pierre Bourdieu (2017), Judith Butler (2018), Simone de Beauvoir (1970) entre outros autores.

Palavras-Chave: Prostituição, Imigração, Mulheres judias, Literatura judaica sefardita.

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CONDE, Alessandra; MACHADO, Thiago; BENCHIMOL BARROS, Silvia Helena; SILVA GAMA, Libna Keite da (Org.). **Catálogo dos escritores judeus da Amazônia**.
1. ed. Castanhal-PA: UFPA/Faculdade de Letras, 2024.

CONDE-SILVA, A. F. . Uma iconografia dos judeus na Amazônia. In: Alessandra Conde; Silvia Benchimol. (Org.). **Ecos sefarditas**: judeus na Amazônia. 1ed.Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2020, p. 56-77.

CONDE-SILVA, A. F.. Escritores sefarditas na Amazônia e as mulheres judias. In: ALÓS, Anselmo Peres; FERREIRA, Cinara Antunes; SILVA-REIS, Dennys. (Org.). **Poéticas e políticas do feminino na literatura**. 1ed.Porto Alegre: Class, 2021, p. 23-38.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HELLER, Reginaldo. **Judeus do Eldorado**: reinventando uma identidade em plena Amazônia. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

IGEL, Regina. **Imigrantes judeus, escritores brasileiros**: o componente judaico na literatura brasileira. São Paulo: Perspectiva, 1997.

IGEL, Regina. Uma obra revisitada. **Amazônia Judaica**. nº 7 p. 22-23, 2012. Disponível em: https://issuu.com/amazoniajudaica/docs/edi__aopessach5772. Acesso em: 15 abril de 2025.

PINHEIRO, Angélica da Silva ; CONDE-SILVA, A. F. . Iconografia da judia polaca na Amazônia. Missangas: Estudos em Literatura e Linguística , v. 3, p. 174-191, 2022.

SCLIAR, Moacyr. A Identidade Judaica. In: **Tribunal da História**: julgando as controvérsias da história judaica. Org. Saul Fuks. Rio de Janeiro: Relume Dumará/CHCJ, 2005.

SCOTTI, Myriam. A francesinha. **A Palavrada**, Pará, n. 23, p. p. 131-137, jan-jun, , 2023 – 1 ed. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/apalavrada/article/view/16315. Acesso em: 21 mai. 2025.

SERRUYA, Marcos. **Cabelos de Fogo**. Edição do Autor. Belém. 2010.

WALDMAN, Berta. **Entre passos e rastros**: presença judaica na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Perspectiva, 2003.

A Lenda Amazônica da Matinta Pereira e a ressignificação da figura da mulher

Maria Elieni Cardoso de André
Discente Letras FACL-UFPA
enecardoso22@gmail.com

Eliene da Silva Alves
Discente Letras FACL-UFPA
eliene.alves@abaetetuba.ufpa.br

Resumo: As lendas são transmitidas na história da humanidade principalmente pelas oralidades, contribuindo no desenvolvimento do pensamento imaginário das pessoas. Na Amazônia Paraense as lendas transitam entre pessoas, natureza e os seres imaginários, que promovem relações sociais, culturais e interações com a natureza. Partindo desta perspectiva, a ideia central deste trabalho discorre sobre a importância das relações entre as Lendas Amazônicas e as representações das mulheres nestas histórias, com o objetivo principal de refletir sobre a figura da mulher retratada na Lenda da Matinta Pereira na Amazônia Paraense. Logo, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa com estrutura bibliográfica fundamentada para compreender e refletir sobre a representação da mulher em lendas amazônicas. Para tanto, no entendimento sobre a Lenda da Matinta Pereira foi analisada Norberto (2014); e a respeito das mulheres na sociedade abordando as autoras como Adichie (2015); Beauvoir (1980); Estés (2021); Lerner (2022); Tiburi (2018), entre outras, que refletem sobre a temática em uma perspectiva crítica referente à representação da mulher. Em síntese, o estudo revela que a Lenda Amazônica da Matinta Pereira possui a representação de uma mulher mais velha em um forte vínculo com a natureza que retrata a força da mulher amazônida possuindo uma relação intensa atrelada aos saberes ancestrais, assim como, estigmas em relação a caracterização da mulher, considerando-a como bruxa que vive na marginalidade por se distanciar da convivência direta atrelada ao sistema patriarcal, por possuir uma vivência ambígua e independente, tornando-se um símbolo da resistência do saber cultural. Deste modo, a lenda amazônica da Matinta Pereira possibilita um olhar crítico em relação a figura da mulher para além dos estereótipos que marginalizam as mulheres em relação ao envelhecimento feminino que reforçam os padrões patriarcais. Portanto, ainda que a Lenda da Matinta Pereira apresente diversos estereótipos em relação a figura da mulher, esta carrega a força e os saberes ancestrais que imprimem a interação da mulher com a natureza na Amazônia Paraense, proporcionando reflexões sobre o empoderamento feminino, relações de gênero, etarismo feminino, diálogo de saberes entre mulheres e o feminismo, despertando o interesse para reflexões sobre a importância das mulheres em uma sociedade diversa, plural, justa e democrática.

Palavras-chave: Lenda Amazônica, Matinta Pereira, Figura da mulher, Feminismo.

Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. (Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 63.
BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
ESTÉS. Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. (Tradução de Waldéa Barcellos). Rio de Janeiro: Rocco, 2021.
LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal**. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.
NOBERTO, Simone. Mitos ribeirinhos: a lenda de Matinta Pereira nas narrativas orais de Nazaré. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade - Igarapé**, Porto Velho, v. 3, n. 2, 2014, p. 390-402.
TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1. Ed. 2018.

A personagem feminina na ficcionalização da borracha nos romances *O empate* (1993), de Florentina Esteves, e *E Deus chorou sobre o rio* (1972), de Elizabeth Azize

Rebeca Freire Furtado
Doutoranda em Letras – Estudos Literários no PPGL-UFPA
rebecafurtado@ufpa.br

Resumo: Durante o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, a Amazônia é marcada pela economia da borracha, em que este material se torna o principal produto de exportação da região, não somente da Amazônia brasileira, mas também na Amazônia Internacional, como Peru e Bolívia. A era gomífera altera os modos de viver nesses espaços, além de impulsionar o meio literário, uma vez que muitos foram os escritores que passaram a figurar os seringais em suas narrativas, a exemplo de José Veríssimo, em *Cenas da vida amazônica* (1889). No entanto, quando se realiza um mapeamento das obras ambientadas no *boom* ou derrocada do látex, a grande maioria dos textos encontrados são de autores masculinos, cujos enredos retomam o lugar comum da ausência feminina nesses locais. Considerando que as mulheres escritoras sofreram e sofrem com a invisibilização e apagamento de suas escritas, sobretudo nas Amazônias, este trabalho tem por objetivo analisar como duas autoras femininas, uma do Acre e outra do Amazonas, constroem personagens femininas no contexto histórico da borracha. Florentina Esteves (1931-2018) e Elizabeth Azize (1940-) escreveram, respectivamente, as obras *O empate* (1993) e *E Deus chorou sobre o rio* (1972), em que tematizam não apenas um momento histórico decisivo para a formação da Amazônia, mas também a (r)existência das mulheres neste período. O presente estudo é de abordagem qualitativa e tem caráter bibliográfico, pois para conduzir a discussão serão acionados como suporte teórico os trabalhos de Ruth Brandão (2006), Cíntia Schwantes (2006), Cristina Wolff (1998), Ana Pizarro (2012), Rafael Voigt Leandro (2016) e Marlí Furtado (2021). A partir disso, portanto, pretende-se apresentar os primeiros resultados acerca da ficcionalização da borracha na literatura da Amazônia, sobretudo em questões relacionadas ao gênero feminino, como as relações de poder, a prostituição, a violência e a resistência. Com isso, procuraremos discutir sobre o apagamento das mulheres na literatura produzida na Amazônia, bem como na ficcionalização da economia gomífera.

Palavras-chave: Personagem feminina, Ficcionalização da borracha, Amazônia, Florentina Esteves, Elizabeth Azize.

Referências:
Veríssimo, José. 2011. Cenas da vida amazônica. Martins Fontes. SP
Esteves, Florentina. 1993. O empate. Oficina do livro. RJ.
Azize, Elizabeth. E Deus chorou sobre o rio. Manaus: Editora Valer, 2023.
Brandão, Ruth. 2006. Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura. Editora UFMG. MG.
Schwantes, Cíntia. Dilemas da representação feminina. Revista OPSIS, vol. 6, p. 07-19, 2006. Disponível em: https://revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9308/ Acesso em 10 out. 2018.
Wolff, Cristina Scheibe. Marias, Franciscas e Raimundas: uma história das mulheres da floresta. Alto Juruá, Acre, 1890-1945. 1998. 284 p. Tese (Doutorado em História social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
Pizarro, Ana. 2012. Amazônia - as vozes do rio: imaginário e modernização. Editora UFMG, 2012. MG.
Leandro, Rafael Voigt. 2016. Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia. Editora Espaço Acadêmico. GO.
Furtado, Marlí. Narrativas amazônicas. *In*: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil. SASSE, Pedro Puro (org.). 2021. (Novas) Palavras da Crítica. Edições Makunaima, p. 519-544. RJ.

Uma anciã ilumina a noite: gênero e feminismos indígenas a partir do poema "Ewaron", de Sony Ferseck

Maria Beatriz Smith Silva
Mestranda do PPGL-UFAM
beatrizsmithpa@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como ponto de partida a obra *Weiyamî: mulheres que fazem sol* (2022), da escritora indígena macuxi Sony Ferseck, em especial o poema "Ewaron", para tecer um diálogo crítico-reflexivo em torno da existência de um feminismo indígena no contexto brasileiro. O trabalho inscreve-se no campo das epistemologias pós-coloniais e dos estudos de gênero, apoiando-se na literatura nativa como canoa (Dorrico, 2018), metáfora que guia esta travessia por entre as águas de um pequeno córrego, que é este artigo. Para tal, por meio de uma abordagem qualitativa, de cunho interpretativo, propõe-se uma leitura analítica do poema, considerando os elementos míticos, memoriais e políticos que atravessam sua construção poética. Na perspectiva aqui assumida, Ferseck, em sua poética, situa como protagonista as vozes de mulheres indígenas violentadas e silenciadas pela cultura patriarcal, ao tempo em que ilumina, com a Sol, as histórias encobertas de suas antepassadas, clareando noites que duram séculos.. A poética da autora ativa uma memória coletiva macuxi e evidencia a sobrevivência de saberes e práticas femininas que, mesmo atravessadas por ciclos de apagamento, persistem como formas de cuidado e resistência. Pretende-se, ao partir desse trançado, instigar o debate acerca de quais feminismos para se pensar mulheres indígenas, tecendo possíveis conexões entre a poética indígena macuxi, o Feminismo Comunitário proposto por Paredes e Guzmán (2014) e o Ecofeminismo de Mies e Shiva (2021). Com isso, o artigo contribui para o debate sobre os feminismos possíveis a partir de experiências e cosmologias indígenas, reconhecendo formas outras de luta, organização e subjetivação. Os achados desse estudo apontam que a poesia de Sony Ferseck não apenas denuncia violências, mas também ressignifica a memória coletiva e propõe caminhos de cura e reexistência a partir da escuta das mais velhas. Ao iluminar essas ancestralidades, a autora acende também

possibilidades outras de pensar o feminino em articulação com o território, a espiritualidade e a oralidade. Ademais, ao invés de traduzir integralmente a poética Macuxi em categorias eurocentradas, a análise propõe um trânsito situado: ler feminismos **com** a poesia indígena, e não **sobre** ela. Em termos teórico-críticos, o estudo reforça que a literatura indígena é um espaço legítimo para o debate de gênero, ao ampliar repertórios e léxicos do feminismo a partir de cosmologias e oralidades próprias.

Palavras-chave: Literatura indígena; Sony Ferseck; feminismo comunitário; ecofeminismo; gênero; ancestralidade.

Referências

BEZERRA, Ester Dias. *Um olhar ao* ecofeminismo *a partir do pensamento de Vandana Shiva*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais Matinhos/PR, 2020. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/69379. Acesso em: 16 abr. 2023.

APOIO

Ministério da
Educação